

A shirtless man with a light complexion is shown from the chest up, holding a single red rose with green leaves. The background is a soft, out-of-focus light color.

© DEVASSO © MORA AO LADO

UM ROMANCE DE
KENYA GARCEZ



O
Devasso
Mora Ao Lado

KENYA GARCEZ



Copyright © 2016 Kenya Garcez

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, utilizada ou armazenada, em qualquer forma ou por qualquer meio, sem o consentimento expresso da autora.

A violação aos direitos autorais é crime estabelecido pela Lei nº 9.610/98 e previsto pelo artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos que permeiam a narrativa são produtos da imaginação da autora. Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Para o meu cretino favorito.

Índice

AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

1. A cavalo dado não se olham os dentes
2. A grama do vizinho é sempre mais verde
3. Burro preso também pasta
4. A curiosidade matou o gato
5. A fruta proibida é a mais apetecida
6. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura
7. Figurinha repetida não completa álbum (ou completa?)
8. Em boca fechada não entra mosca
9. Alegria de palhaço é ver o circo pegar fogo
10. A palavra é de prata, o silêncio é de ouro
11. Quem com ferro fere, com ferro será ferido
12. Peixe morre pela boca
13. Quando um não quer, dois não brigam
14. Quem é vivo sempre aparece
15. Errar é humano
16. Amigos, amigos, mulheres à parte
17. Tudo que é bom dura pouco
18. Há males que vêm para o bem
19. Depois da tempestade vem a bonança?
20. O que os olhos não veem, o coração não sente
21. Quem faz a fama deita na cama
22. Guerra avisada não mata aleijado
23. Águas passadas não movem moinho (ou movem?)
24. Quem espera sempre alcança
25. Cada coisa a seu tempo
26. Muitos cozinheiros estragam a sopa
27. Para quem sabe ler, pinga é letra
28. Pimenta no olho dos outros é refresco
29. O futuro a Deus pertence
30. Lobo em pele de cordeiro
31. Amor com amor se paga

32. Não há rosas sem espinhos (será que não?)
33. Nunca diga: “desta água não beberei”
34. Não adianta chorar pelo leite derramado
35. Palavra dada, vida empenhada
36. Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher
37. Mãos frias, coração quente
38. Mentira tem perna curta
39. Uma andorinha não faz verão
40. De boas intenções, o inferno está cheio
41. A beleza está nos olhos de quem vê
42. Ódio velho não cansa
43. Gosto não se discute
44. As aparências enganam
45. Cada qual com seu igual, cada qual no seu lugar
46. Quem sofre de véspera é peru de natal
47. De manhã é que se começa o dia
48. Recordar é viver
49. A morte não escolhe idades
50. Em time que está ganhando não se mexe
51. Onde há fumaça, há fogo
52. Se correr, o bicho pega, se ficar o bicho come?
53. A sorte de uns é o azar de outros
54. A dor ensina a gemer
55. Antes só que mal acompanhado
56. Em pouco muito se diz
57. Azar no jogo, sorte no amor
58. Deus dá nozes a quem não tem dentes
59. É hora de a onça beber água
60. Quem vai à guerra dá e leva (ou não)
61. Quem não deve não teme
62. Cão que ladra não morde
63. Não há nada como um dia após o outro
64. A verdade gera o ódio
65. Contra fatos não há argumentos
66. Antes tarde do que nunca
67. Quem brinca com fogo acaba se queimando
68. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades
69. Não há regra sem exceção

- [70. ____ A vingança é um prato que se come frio](#)
[71. ____ No aperto e no perigo se conhece o amigo](#)
[72. ____ Quem conta um conto aumenta um ponto](#)
[73. ____ Foi buscar lã e saiu tosquiado](#)
[74. ____ A pressa é inimiga da perfeição](#)
[75. ____ Casado, mas não castrado](#)
[76. ____ Quem está na chuva é para se molhar](#)
[77. ____ Nunca diga: “desta água não beberei” — o retorno](#)
[78. ____ À noite, todos os gatos são pardos](#)
[79. ____ Quando o gato sai, os ratos fazem a festa](#)
[80. ____ Casarás e amansarás](#)
[81. ____ Deus escreve certo por linhas tortas](#)
[82. ____ A boda e a batizado, não vás sem ser convidado](#)
[83. ____ Roupa suja \(não\) se lava em casa](#)
[84. ____ Boda molhada, boda abençoada](#)
[85. ____ É dando que se recebe](#)
[86. ____ O tempo cura tudo](#)
[87. ____ A língua é o açoite do corpo](#)
[88. ____ Um homem prevenido vale por dois](#)
[89. ____ Não há parto sem dor](#)
[90. ____ Cara de uma, focinho da outra](#)
[91. ____ Filho de peixe, peixinho é](#)

[EPÍLOGO](#)

[PLAYLIST DO LIVRO](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[CONTATO](#)

AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa que leu “O Devasso Mora Ao Lado” é minha grande incentivadora, e cada passo desta jornada foi dado com seu inestimável apoio e valioso auxílio.

Quando o livro começou a ser publicado no *Wattpad*, meu único e maravilhoso leitor multilicou-se rapidamente em milhares de leitores incríveis, e o carinho absurdo que recebi na plataforma, manifesto por meio de tantos votos, comentários e mensagens, é o motivo de este *eBook* estar em suas mãos.

Minha gratidão é inteiramente direcionada a cada um dos meus leitores. Sou imensamente grata a todos que leram o livro no *Wattpad* e se apaixonaram pelos personagens que tanto amo. Sua paixão pela história foi o combustível que nos guiou até aqui.

Meu último e especialíssimo agradecimento não poderia ser para alguém diferente de você, que está conhecendo ODMAL agora. Muito obrigada por adquirir este *eBook*. Espero que, ao longo da leitura, você se divirta e se emocione com as linhas que escrevi com todo o amor do mundo.

A gente se encontra daqui a pouco.

Beijos, e até breve! ♥

Kenya Garcez.

PRÓLOGO

Futuro

Ele vinha em minha direção, passando pela porta da frente e tudo!

Fiquei olhando, feito idiota, secando o puta gostosão na cara dura.

Mas, em minha defesa, aquilo não era um homem.

Sério. Não tinha como aquele maxilar ser de verdade. Nem o nariz reto e perfeito ou seus incríveis olhos prateados. Muito menos aquela boca cheia e desenhada.

E o pescoço esculpido, rodeado pela gravata cinza-clara, que combinava perfeitamente com o tom de suas íris? Certeza de que nem o pescoço nem as íris eram reais. As feições espantosamente másculas e muito simétricas não podiam ser verdadeiras. Eu estava sonhando!

Por favor, não acorda, Olívia!

Juro que tentei resistir, mas não consegui. Baixei os olhos e manjei o pacote do cara. Foi uma péssima ideia, porque, quando ele abriu o portão e me cumprimentou, eu estava sem fala.

1. A cavalo dado não se olham os dentes

OLÍVIA

-
-
É óbvio que o universo é um tremendo filho da puta, já que não é a minha vez de beber champanhe à beira da piscina, em uma cobertura triplex na zona sul, com direito a massagistas gostosos, seguranças bombados e fãs histéricos na porta do prédio implorando por um aceno e um sorrisinho falso da sacada.

Sabe quando a sua vida é uma merda e você se pergunta em que momento a porra do destino vai, finalmente, fazer algo a respeito? Era exatamente o que eu estava me perguntando depois de receber a adorável visita do oficial de justiça barrigudo.

É, eu seria despejada. Nada de massagistas *tesudos* para mim.

— Me castigue, ó Poderoso Castigador! — Joguei os braços para cima em um gesto dramático e exclamei, depois de bater a porta.

Sim, essa é a minha frase favorita. Acontece tanta desgraça na minha vida de merda que o Bruce Nolan e suas tiradas geniais compõem boa parte dos meus dias (caso você não se lembre — porque você provavelmente já assistiu ao filme —, o Bruce é interpretado pelo Jim Carrey em Todo Poderoso).

— Deus é um menino malvado com uma lupa na mão! — soltei, atirando a tal da citação em cima da minúscula mesa de centro da minha saleta. — Eu quero o pior dia da minha vida, com uma porção extra de merda. Por favor! — Sentei-me no sofá todo estropiado e afundei o rosto nas mãos.

E, então, comecei a chorar.

Ali estava eu, Olívia Damasceno Dutra, aos vinte e quatro anos, completamente sozinha, sem um tostão no bolso furado, com um carro todo fodido, sem dinheiro para as compras do mês e para a gasolina e, para coroar a tragédia, sendo despejada pela falta de pagamento dos aluguéis.

Eu estava vivendo na Vila do Chaves! Mais precisamente, no 72. E o oficial barrigudo, apesar de não ser o meu "simpático" locador, fazia o papel do incansável Seu Barriga, é claro.

Mas essa não era a minha vida há quatro anos, quando os meus pais estavam vivos e eu morava em uma casa linda e ampla, em um bairro tranquilo, com uma vizinhança amistosa e acolhedora, muito diferente do bando de vizinhos drogados, barulhentos e mal educados com os quais eu preciso conviver agora. Tudo porque a minha vida encantada virou sapo depois do acidente

automobilístico que matou as duas únicas pessoas que eu tinha no mundo.

Ah, você deve estar se perguntando, o que você fez com a sua casa "linda e ampla"? O que eu fiz? Foi vendida, com móveis e tudo. Mas por quê? Para pagar as dívidas assustadoramente altas da família, das quais eu não fazia ideia. Estávamos devendo até os fios da cabeça, e eu fiquei sem um centavo. Então, precisei largar a faculdade para trabalhar. Mas tudo bem, porque eu detestava o curso e só o fazia para alegrar meu pai, que era comerciante (não preciso dizer que, quando morreu, ele já estava meio que falido, certo?) e sonhava em ter uma filha médica. Por isso, estudei e passei no vestibular de Medicina da Universidade Estadual da minha cidade. Mas o que eu queria mesmo era ser cantora, o que, para a minha família, era risível.

Eu vivia frustrada, mas, sempre que tinha um tempinho, não perdia a chance de praticar. Meus pais, quando me flagravam tocando, faziam *aquela* cara. Era como se dissessem: "Olívia, para de perder tempo com essa palhaçada que não vai te levar a lugar algum. Vá estudar um pouco de Anatomia, que isso dá futuro". Então, eu me recolhia em minha concha, deixava o violão e minhas cifras de lado e abria o calhamaço.

A única coisa boa disso tudo (sim, estou falando da morte súbita dos meus pais e da minha promoção forçada de universitária bancada a adulta precisando ralar para não morrer de fome) foi que finalmente pude largar aquele troço que eu tanto odiava.

Não me entenda mal, é uma profissão bonita, salvar vidas e tudo o mais, mas não era para mim.

Não me senti muito culpada em abandonar o sonho do meu pai porque eu não tinha mesmo nenhuma escolha. Veja bem, sou filha única e não tenho tios. Minhas avós morreram quando eu era criança e meus avôs faleceram antes de eu nascer. Eu estava verdadeiramente sozinha, de modo que não tive opção: precisei trancar a faculdade.

Ainda agora, sentindo-me completamente perdida e sem perspectivas, não lamento o fato. Sei que já estaria formada; seria uma médica a essa altura da vida se nada daquilo tivesse acontecido. Mas não consigo ficar triste, não por isso. Pela morte dos meus pais, sim. Por ter perdido definitivamente o contato com Thomas, também. Mas por ter precisado desistir da Medicina, não.

Todo mundo nasce para fazer alguma coisa específica. Uns, para cumprir plantões intermináveis e fazer rondas infinitas (não é o meu caso, mas, graças a Deus, existe gente disposta, né? Ou estaríamos todos comendo grama pela raiz); outros escrevem livros fabulosos para viver (o Senhor seja louvado por isso, eu amo ler!); e alguns provêm o leite das crianças processando pessoas de bem, como o advogado do meu locador. Esse é um filho de uma mãe sem pai,

obviamente. Mas vou relevar a existência dos advogados (que são todos uns cretinos sugadores de suor e dinheiro alheios) porque, certamente, precisarei de um muito em breve (um defensor público, né? Ou um daqueles advogados que trabalham "de graça" nos núcleos de atendimento jurídico das faculdades. Talvez eu vá à minha antiga universidade à procura de algum estagiário semiletrado que responde diretamente a algum desses advogados "gratuitos", aos quais os pobres coitados em formação chamam de "professores orientadores". Sei disso porque usei esse mesmo serviço quando meus pais morreram).

Em quatro anos eu já fiz de tudo. Sério, acho que zerei o estoque de profissões que não exigem diploma. Já fui tudo o que você pensar (menos, é claro, prostituta. Nada contra! O rabo é seu, você faz o que quiser com ele. Não é crime alugá-lo por algumas horas — ou minutos. Mas do meu rabo cuido eu, e ele, definitivamente, não está disponível no mercado!). Já servi cafezinho (tomei raiva de bebidas ditas no diminutivo! "Chazinho", "suquinho" e "cafezinho" me tiram do sério!) em escritório de contabilidade, já fui recepcionista em firmas e consultórios, secretária de dentista e de psicólogo, garçonne, vendedora (de eletrodomésticos, de roupas, joias e do diabo a quatro), já fui responsável pela máquina do *xerox* em uma copiadora, já vendi gramáticas de porta em porta, já entreguei panfletos em portas de lojas (como tem gente mal educada nesse mundo!), já fui caixa em supermercados e lanchonetes, e até já trabalhei em um Pet Shop (foi o meu último emprego. Sim, estou desempregada no momento, é óbvio. Eu disse, as frases do Bruce Nolan governam a minha vida. De novo: Deus é um menino malvado com uma lupa na mão!).

Aí, você me pergunta: "nossa, você é tão ruim que não consegue parar em nenhum trabalho?" E eu te respondo: "isso não é da porra da sua conta!".

Mentirinha!

É que a maioria eram serviços temporários mesmo. Mas preciso confessar que eu era terrível como garçonne. Quebrei tantos copos e pratos que não durei duas semanas (eu lavava tudo depois do expediente).

É, sou tragicamente desastrada. Imagina o que eu faria com um bisturi na mão! A humanidade agradece o precoce fim da minha carreira na área da saúde (e a minha mãe queria que eu fosse cirurgiã plástica!).

Quanto ao meu último emprego (que durou duas semanas e que deixei há três), fui demitida porque confundi as fichas e o rapaz responsável pelo banho dos bichinhos acabou tosando um *shih tzu* sem a autorização da dona por minha causa (ele leu na ficha errada que era para tosar o pelo todo, e o cachorro que deveria ser realmente tosquiado era um *poodle* gigante que mais parecia uma ovelha e estava com o pelo todo embuchado).

Eu me senti muito culpada. Quase chorei de dó. O cachorrinho, que era a

coisa mais fofa do mundo, ficou horroroso! Parecia um filhote de cruz-credo. A moça abriu o berreiro na loja. Tudo bem, o cachorro ficou bem feinho, mas eu achei a atitude da mulher (que devia ter uns trinta anos!) um tanto infantil e ridícula. Ela disse que era advogada e ameaçou processar a dona do Pet Shop (eu disse, né? Advogados são terríveis! Ô raça que adora um *bafafá* regado a "tenho OAB, vou processar você!"). O resto você imagina. Eu ainda estava em período de experiência, é claro que fui mandada embora. Desde então, tem sido uma luta achar um trampo novo.

Paralelamente a esses empregos diversos, eu costumava cantar algumas noites em um bar. Recebia uma mixaria, mas o valor era uma mão na roda no fim do mês. Há algumas semanas, o dono do estabelecimento faleceu e o bar fechou.

Ainda não encontrei outro lugar para trabalhar como cantora. Estou dizendo, o Poderoso Castigador tem apelado! A coisa tá feia pra mim.

Como quero me tornar conhecida, já pensei em fazer um canal de *covers* no YouTube. Estava enxugando gastos e poupando dinheiro há um tempo para comprar um equipamento bacana, mas tive que gastar minhas economias recentemente para tentar salvar a Lully. Ela precisou de cirurgia, remédios e acompanhamento veterinário pós-operatório. Mas, mesmo assim, minha cachorrinha me deixou, depois de doze anos juntas. Não me arrependo de ter gasto até o meu último centavo para tentar salvá-la. Eu a amava. Quando meus pais morreram, minha chihuahua foi só o que me restou. Agora estou sozinha de verdade.

Eu ainda estava meio chorosa, sentada no sofá velho da minha sala minúscula, sem saber o que fazer, quando o meu telefone tocou (meu celular é pré-pago, óbvio. E atualmente está sem crédito. Nunca ligo para ninguém, mas preciso de um número ativado para usar nos currículos. Por isso, meu coração se encheu de esperança quando, às 16h34, ouvi a voz do Bruno Mars ecoando pelas paredes frágeis da quitinete: *"Today I don't feel like doing anything. I Just wanna lay in my bed. Don't feel like pickin up my phone. So leave a message at the tone (...)"*. Eu tinha uma entrevista!).

Atendi, superansiosa:

— Alô?

— Quem está falando? — um homem perguntou (devo dizer, o cara tinha uma voz profunda e imponente. Avaliei a idade entre trinta e cinco, quarenta anos).

Tive vontade de responder: "a pessoa para quem você ligou, seu idiota! A dona do número que você discou, imbecil!". Mas me contive. Poderia ser uma oferta de emprego excelente, uma chance que eu não podia desperdiçar só porque o meu futuro chefe (ou, quem sabe, um encarregado qualquer) era um sem noção que não sabia telefonar.

— Olívia — respondi, usando um tom bastante paciente e cordial.

— Damasceno Dutra? — Ele exigiu uma confirmação maior.

— Sim, sou eu. Pois não? — falei, soando propositalmente polida (em outras circunstâncias, eu teria sido um pouco mais ríspida: "ela mesma, quem é que tá falando?". Mas educação é a chave do sucesso profissional).

— Boa tarde, senhorita Olívia. Meu nome é Max Vetter, sou advogado da senhora Ercília Casagrande... — ele começou.

— Não conheço — cortei, já propensa a desligar o telefone.

Droga, não parecia ser uma ligação para me convidar para uma entrevista de emprego. Além disso, o cara era advogado, motivo mais que suficiente para eu mandá-lo ir se foder.

— Era a sua tia-avó — explicou. — Ela... Bem, a senhora Ercília faleceu há alguns dias, senhorita Olívia. Sinto muito. — E ele parecia mesmo muito sentido. Sua voz ganhou um tom genuinamente triste.

— Tia-avó? Eu nunca soube que tinha uma tia-avó! — falei.

— É, sei que não. Mas a senhorita é a única herdeira — ele disse.

Eu tinha ouvido direito? Herdeira? Eu tinha uma herança para receber? Ai, meu Deus, uma herança!

Tá, eu sei que ter pensamentos tão interesseiros enquanto descobria que uma parenta desconhecida havia morrido não era uma atitude louvável. Mas, na minha situação, as palavras "única" e "herdeira", assim, juntinhas, eram uma tábua de salvação e tanto! Um pênalti marcado aos quarenta e cinco do segundo tempo!

Eu mal podia acreditar! Mentalmente, corriji todas as minhas frases do Bruce Nolan: obrigada, ó Poderoso Benevolente! Deus é um menino bonzinho com um grande coração! Eu quero o melhor dia da minha vida, com uma porção extra de gratidão! Por favor!

O tal advogado (eu odeio advogados, mas beijaria aquele cara se estivessemos frente a frente!) disse que a minha tia-avó havia me deixado uma casa (uma casa! Eu, que já estava me imaginando na sarjeta, agora tinha uma casa! Minha! Uma casa própria! Estava prestes a chorar ao telefone!) e uma modesta quantia em dinheiro. Eu quis perguntar "modesta quanto?", mas achei que soaria rude demais. Além disso, para alguém na minha situação precária "qualquer dez real" já estava de bom tamanho! Tive que me controlar para não fazer uma festa ao celular. A minha vontade era de gargalhar, gritar, chorar, tudo ao mesmo tempo!

Minha tia-avó morava em outra cidade, o que significava que eu me mudaria! Vida nova, tudo novo! Mas, antes, eu precisava quitar as minhas dívidas.

Aproveitei que estava falando com um advogado e decidi fazer uma consulta grátis a respeito da ação de despejo. Perguntei na cara de pau mesmo. O sujeito

explicou (até que muito sollicitamente para um serviço gratuito) que eu poderia emendar a mora, ou seja, depositar o valor dos aluguéis atrasados em juízo em até quinze dias e me livrar do problema. Graças a Deus, eu só estava atrasada dois meses (e não quatorze, como o Seu Madruga). Nem era uma quantia tão absurda assim. Imaginei que o dinheiro deixado pela velha (quero dizer, pela bondosa senhora) resolveria a minha situação. Era só depositar e recomeçar minha vida.

Eu me sentia como o Charlie ao ganhar o último cupom dourado para a Fantástica Fábrica de Chocolates Wonka. Não era a Mega da Virada, mas parecia quase tão bom quanto.

2. A grama do vizinho é sempre mais verde

OLÍVIA

Vendi tudo o que eu tinha. Não era muita coisa, mas eu não podia me dar ao luxo de simplesmente abandonar meus cacarecos, como se eles não valessem um vintém.

Meu sofá de segunda mão todo esfolado (estava tão acabado que poderia ser de terceira, quarta ou quinta mão), que tinha me acompanhado por quatro anos e visto tanta coisa (sim, sua mente poluída, muito sexo incluído), me lançou um olhar recriminador, mas tive que me desfazer dele também. Vendi até a minha cama de solteiro, o fogão velho de quatro bocas e minha geladeira mais-pra-lá-que-pra-cá. Passei tudo no cobre.

Foi triste me despedir do meu fusquinha azul. Até chorei (foi um momento emocionante de despedida, tá? O bichinho era sucata, mas tinha seu valor. Dá um desconto!).

No fim das contas, nem precisei do dinheiro da minha tia-avó para me livrar das dívidas.

Compareci em juízo com um daqueles advogados "gratuitos" e deposei o valor dos aluguéis atrasados (até sobrou um dinheirinho! Mesmo depois de comprar a passagem de ônibus). Entreguei o imóvel (aquele cubículo nem deveria ser chamado de imóvel!) e, depois de vender tudo o que era meu (menos as roupas e o violão, claro), joguei meus itens pessoais na minha desgastada mala preta de rodinhas (minha inseparável edição de Orgulho e Preconceito foi junto), pendurei meu violão nas costas e parti. Deixei a minha cidade natal e entrei no ônibus que me levaria a uma vida diferente.

Quando pisei no solo da minha nova cidade pela primeira vez eu estava exausta. A viagem durou treze horas. Passei frio à noite, porque não levei cobertor (eu só tinha um, na verdade. Era praticamente novo, mas, como ocuparia muito espaço e, definitivamente, não cabia na mala pequena, acabei doando para a minha única vizinha gentil, que até tinha me dado uma xícara de açúcar uma vez).

Entre no banheiro da rodoviária para avaliar a minha situação estética. Levei um susto. Provavelmente, eu tinha esfregado demais o cocuruto no encosto do banco durante a madrugada. Meu cabelo castanho-escuro (estou falando de um nível indiano de escuro, embora eu não tenha parentesco com indianos) estava

caoticamente desgrenhado. Os fios lisos, ligeiramente ondulados, emaranhavam-se em um espesso ninho de ratos no meio da minha cabeça.

Meus olhos estavam meio inchados e, obviamente, eu parecia um panda, porque, veja bem, a "gênia" aqui dormiu de rímel, e o bendito não era à prova d'água.

Tentei amenizar minha aparência medonha com um pente de plástico e tufo de papel higiênico úmido. Não entrei Olívia e saí Gisele, mas acho que consegui dar uma boa melhorada.

Depois disso, peguei um táxi (a corrida foi um assalto!), e o motorista me deixou no meu novo endereço: rua das Cerejeiras, nº 69, bairro Nova Estrela.

A rua era maravilhosa! Toda ladeada por cerejeiras em flor! Parecia um reino encantado. Fiquei admirando as flores cor-de-rosa pela janela até que o carro parou de frente à minha nova casa.

Uau! Era estupenda! Eu esperaria algo como a casa ao lado, que era de dois pavimentos, mas bastante antiga. Tinha seu charme, principalmente porque era de um tom bem clarinho de rosa, que combinava à perfeição com a cerejeira linda da porta! Mas a minha casa nova era uma mansão! Toda branca e moderna, com um portão enorme de grade, daqueles de novela. E tinha ciprestes, palmeiras e pinheiros altos, e um jardim espetacular na entrada. E, meu Deus do céu, um carrão na garagem! Era um bicho tão massa que eu nem sabia dizer o modelo. Devia até ser importado. Nem pude acreditar! Por que o advogado não falara nada sobre aquela máquina maravilhosa? Era minha!

Há poucos dias, eu possuía um velho fusquinha azul! Que *upgrade*! Já podia sentir o vento nos cabelos e o acelerador no pé. Eu daria uma volta de vidros abertos na rodovia ouvindo e cantando Sia assim que pudesse!

Paguei o motorista apressadamente e saí do carro com as pernas tremendo de euforia. Parei de frente ao portão e espiei lá dentro. Caralho, tinha uma piscina que devia ser gigante! Não dava para ver tudo, mas eu avistei espreguiçadeiras e uma insinuação de borda e azulejos azuis na grama verdinha.

Nossa, eu ia me esbaldar naquela *piscinona*! Já queria até entrar e... Ai, merda! Como eu entraria *na minha casa* sem a chave?

Tirei o celular da bolsa e liguei para o advogado (sim, coloquei crédito! Só sete reais, mas já era alguma coisa, né?). Ele me deu o endereço da casa, mas dissera que eu deveria ligar assim que chegasse à cidade. Só que acabei me distraíndo no banheiro da rodoviária e esqueci.

Eu mostraria a ele os meus documentos (comprovando que eu era quem dizia ser) e ele me daria a chave da casa, onde eu já poderia ficar até que toda a papelada fosse resolvida.

Cacete, agora eu teria que esperar o cara chegar para, enfim, poder usufruir do

meu novo lar, doce (chiquérrimo) lar. Mas tudo bem, eu esperaria! Eu mal podia esperar!

— Max Vetter — o advogado atendeu, muito formal.

— Oi, bom dia! Aqui é a Olívia! — falei, toda empolgada, com um sorriso imenso estampado no rosto.

— Bom dia, senhorita Olívia. Já está na cidade? — ele perguntou, sem qualquer alteração no tom.

— Ah, estou na porta da casa! — Eu quase gritei, de tanta alegria.

Dei alguns pulinhos animados no passeio, e o meu campo de visão se alargou. De repente, engasguei com o susto. Arregalei os olhos para ter certeza de que não era uma miragem.

Tinha um homem na minha casa!

Nossa Senhora dos Deuses Gregos! Que delícia de homem!

Um calor repentino inundou meu corpo inteiro. O cara estava só de bermuda, sentado debaixo de uma daquelas mesinhas com guarda-sol, com um *notebook* aberto e um celular no ouvido. Não dava para vê-lo completamente, mas a metade que o meu novo e abençoado ângulo me permitia vislumbrar era de tirar o fôlego.

— Ah, sim — o advogado falou, meio desconcertado.

Mas eu não estava prestando atenção. Não conseguia desgrudar os olhos do gostoso a alguns metros de distância. E ele parecia estar olhando para mim!

Santo Deus, um homem daqueles na minha cama não seria nada mau, hein? Aproveita a *vibe* de boas ações, ó Poderoso Benevolente, e inclua mais essa na minha vida! Eu dou casa, comida e roupa lavada (que vou esfregar bastante naquele tanque maravilhoso que ele chama de abdome!).

Sério, minha calcinha já nem existia mais. Eu estava babando (de todos os jeitos possíveis), comendo o cara com os olhos (mas queria mesmo era que ele me comesse! Nossa Senhora, que gato!), sentindo arrepios pelo corpo inteiro.

— Só preciso de alguns minutos, senhorita Olívia. Já chego aí — o tal advogado disse e desligou.

Eu mal ouvi, porque já estava chorando de desapontamento. O gostosão já tinha se levantado e desaparecido das minhas vistas.

Mas, ai, meu Deus, quem seria ele? Filho de tia Ercília eu sabia que não era. O advogado havia dito que o marido dela falecera há seis meses, e confirmou que os dois não tiveram filhos. Tia Ercília morreu de tristeza mesmo. O tal Max Vetter contou que ela e o marido eram muito unidos, e que a coitada sofreu muito quando ele se foi, que chorava bastante, e acabou definhando; morreu dormindo.

Eu fiquei me perguntando como ele sabia tanto da vida dela, mas gente idosa

adora conversar, né? Tia Ercília deve ter contado até o número do sutiã durante as consultas com o sugador de dinheiro (vulgo advogado).

Enquanto esperava por ele, fiquei espiando a casa (minha casa!) pelas grades, na esperança de o deus dourado (porque ele tinha a pele maravilhosamente bronzeada, e o cabelo e a barba eram incrivelmente loiros, uma coisa bem atípica no Brasil e, por isso mesmo, tão deleitante de se ver) surgir de novo e me brindar com sua presença áurea.

E valeu a pena, porque, alguns minutos depois, eu quase caí para trás quando o vi usando um terno cinza-carvão que mal disfarçava os músculos maravilhosos por baixo do paletó.

Ele vinha em minha direção, passando pela porta da frente e tudo! Fiquei olhando, feito idiota, secando o puta gostosão na cara dura.

Mas, em minha defesa, aquilo não era um homem. Sério. Não tinha como aquele maxilar ser de verdade. Nem o nariz reto e perfeito ou seus incríveis olhos prateados. Muito menos aquela boca cheia e desenhada.

E o pescoço esculpido, rodeado pela gravata cinza-clara, que combinava perfeitamente com o tom de suas íris? Certeza de que nem o pescoço nem as íris eram reais. As feições espantosamente másculas e muito simétricas não podiam ser verdadeiras. Eu estava sonhando!

Por favor, não acorda, Olívia!

Juro que tentei resistir, mas não consegui. Baixei os olhos e manjei o pacote do cara. Foi uma péssima ideia, porque, quando ele abriu o portão e me cumprimentou, eu estava sem fala.

— Bom dia, senhorita Olívia.

Senhorita Olívia? Ai, minha Virgem, aquela voz! Era a voz do advogado de tia Ercília! Não era possível! Ele tinha voz de cara maduro, mas aquela divindade disfarçada de homem na minha frente não tinha mais de trinta anos, com certeza! Eu chutaria uns vinte e seis. Podia até ser vinte e cinco!

Fiquei ali, parada, estupefata, até ele dizer, em um tom diferente, informal:

— Max Vetter. Muito prazer. — E, então, sorriu.

E, meu Deus do céu, eu nem sabia como eu ainda estava respirando.

O cara era tão gato que poderia encher uma piscina infinita de líquidos vaginais liberados só por causa daquele sorriso cheio de dentes brancos e perfeitos (tá, isso foi meio nojento, mas foi só para você ter uma ideia da dimensão daquela boca curvada!).

Apertei a mão quente que ele estendeu. Eu não queria dar bandeira, então tentei esconder o quanto estava chocada e impressionada (e completamente derretida, claro!) com o fato de ele ser tão lindo e tão jovem, mas fracassei deploravelmente. A surpresa era tanta que nem pude me esforçar o quanto

deveria.

— O prazer é *todo* meu, *com certeza* — falei.

Desculpa, mas não consegui não frisar o "todo" e o "com certeza" enquanto varria o corpo dele pela milésima vez.

Nunca fui tímida no quesito azaração. E um homem daquele naipe a gente não encontra todo dia. Aliás, eu obviamente nunca havia encontrado um daquela magnitude!

Já transei com uns caras bem gostosinhos, mas aquele tal de Max Vetter estava além do vale da gostosura. Ai, se ele pudesse coroar a minha lista de ficadas... Ai, se a coroa dele entrasse no meu palácio molhado...

Quando vi, estava suspirando na frente do cara! Fui tão óbvia que ele me lançou um sorriso obsceno. Meu coração martelou dentro do peito. Que delícia de sorriso malicioso, puta que pariu!

— Então, senhorita Olívia, gostaria de entrar? — ele convidou.

"Onde? Na sua casa, na sua vida?", eu quis perguntar. Mas, aí, eu me lembrei de que a casa, na verdade, era minha! Ai, e ele vinha de brinde, que maravilha! Como Deus era bom! O que mais eu ia querer? Quem precisava de massagistas gostosos quando tinha o *supertesudo* Max Vetter? Aliás, eu nunca tinha percebido o quanto o nome soava sexy naquela voz dele. O "Max" era "Mács" mesmo, e não "Mécs"; o "V" de "Vetter" era pronunciado como "F"; e o "er" tinha som de "a".

Foi quando a minha ficha caiu! Loiro daquele jeito e com um nome assim, ele devia ser alemão!

— Você é alemão? — indaguei, movida por um surto repentino de falta de noção.

Ele me encarou e deu um sorrisinho.

— Você é indiana? — devolveu, observando-me de cima a baixo. Mas percebi que perguntou de brincadeira, por causa do sorriso sacana que assomou em seus lábios.

Eu tenho uma estatura mediana e um corpo razoavelmente legal. Deixando de lado a falsa modéstia, tenho uma comissão de frente respeitável e uma bunda bacana. Minha pele é oliva, tenho sobrancelhas espessas e escuras, olhos esverdeados e lábios carnudos. Eu me considero sortuda em alguns aspectos. Como toda mulher, às vezes consigo me achar bonita (principalmente se eu estiver toda "montada"). Mas sabe aqueles dias em que você se sente o cocô do cavalo do bandido? Pois é, aquele era um desses dias. Porém, o jeito como ele me olhou acendeu uma coisa sinistra em mim, e, de repente, a minha autoestima atingiu o ápice e eu me senti inexplicavelmente desejada (e poderosa!). Até consegui sorrir sedutoramente antes de responder:

— Brasileiríssima.

— Nota-se — ele disse, ainda analisando o meu corpo.

Juro por Deus, meus mamilos ficaram duros. Aquele cara tinha um dom.

— Não sou alemão, mas meu avô era — explicou, depois de uma pausa breve, subindo os olhos para me encarar (não sem antes dar uma última conferida no decote da minha velha regata branca). — Bem, senhorita Olívia, seremos vizinhos. — Ele alargou o sorriso, conseguindo a proeza de ficar ainda mais bonito. — Aquela é a sua nova casa. — Max apontou para a construção cor-de-rosa, o prediozinho antigo (mas charmoso) com a cerejeira em frente, bem ao lado.

Meu mundo de sonhos desabou. Fiquei bastante desapontada ao perceber que aquela mansão maravilhosa não era minha, mas dele! Ai, que vergonha, quanta ilusão! Eu queria um buraco para enfiar a cara e ficar lá para sempre, feito um avestruz traumatizado.

— Ah — falei, soando muito decepcionada.

Não sei se ele notou o meu desânimo repentino, porque logo tratei de disfarçar a expressão.

Por sorte, o banho de água fria não foi tão gelado porque, tudo bem que eu não moraria com ele naquela casa de novela (é claro que seria pedir e esperar demais uma benção tão gloriosa de um menino malvado com uma lupa na mão!), mas eu seria vizinha daquele deus germânico (ou quase)! E moraria em uma casinha fofa cor-de-rosa! Era um prêmio de consolação bastante bom.

Max me convidou para entrar outra vez em sua casa, e eu aceitei. Mas ficamos na primeira sala. Ele se ofereceu para me ajudar com a mala e o violão (não aceitei, porque não sou aleijada, consigo carregar sozinha. Além disso, não queria abusar dele. Quero dizer, queria, mas não nesse sentido). Ele comentou que também toca, e eu, obviamente, fiquei imaginando os milhares de duetos românticos que poderíamos fazer.

Enquanto estive lá dentro (menos de dez minutos), não ouvi barulho nenhum, e nenhuma Sra. Vetter apareceu, graças a Deus. Ele tinha que ser solteiro, ou eu me sentiria muito culpada por cobiçar um homem alheio. Mas, é claro, se ele fosse casado, nem isso me faria parar de cobiçá-lo, porque não cobiçar Max Vetter é missão impossível.

Só uma débil mental se casaria com um homem daqueles! Quem é que quer ficar casada com um cara que, com certeza, só vai te causar dor de cabeça? Caras como Max são feitos para o bel-prazer da admiração das mulheres — e dos gays, lógico! — e, claro, para umas boas fodas. Qualquer coisa além disso seria procurar chifre na cabeça de cavalo, e acabar encontrando! Pensa no quanto deve ser difícil namorar um monumento desses! Eu, que nem sou muito ciumenta, sei

que passaria muita raiva. Não que eu esteja dizendo que eu teria alguma chance. O padrão de qualidade dele deve ser elevadíssimo! Só devem ser consideradas aptas mulheres do tipo "beldades do sul", nível Gisele Bündchen. Pseudoindianas de beleza mediana e ordinária não estão incluídas, certamente.

Depois que Max se certificou de que eu era mesmo a sobrinha-neta da minha finada tia-avó Ercília (você sabe que eu não gosto de advogados, né? Acho que vou fazer uma pequena correção: não gosto de advogados, a menos que seja um gostoso como o Max!), ele me passou as chaves da casa e me explicou alguns detalhes sobre o testamento. Em breve, a propriedade estaria em meu nome, e eu logo teria acesso à modesta quantia de setenta e cinco mil reais que tia Ercília tinha me deixado! Setenta e cinco mil paus!

A noção que Max Vetter tinha de "modesta quantia" era a minha ideia de fortuna! Eu já fazia planos mentais para aquele dinheiro. Primeiro, eu compraria um equipamento foda (câmera profissional, ilha de edição, tripé, microfone, tudo do melhor!) para gravar meus vídeos! Acrescentaria um *notebook* de última geração à lista de compras e investiria também em um violão novo. Por fim, compraria um carrinho usado de no máximo quinze mil pratas. E o que sobrasse ficaria intocado, para questões altamente emergenciais (como comprar um vestido escandalosamente sexy e lingerie de matar para ir a um jantar romântico repentino com o advogado da minha tia-avó!).

O meu canal no YouTube deslancharia e, esperançosamente, seria o meu primeiro passo rumo ao sonho de viver de música.

Mentalmente, ainda na casa do meu vizinho, fiz uma oração de agradecimento e prometi nunca mais chamar o Criador de "menino malvado com uma lupa na mão" enquanto eu vivesse. E eu também aposentaria todas as outras citações do Bruce Nolan, menos uma:

"É isso o que a vida tem de melhor!".

3. Burro preso também pasta

OLÍVIA

Max se ofereceu para me mostrar a casa cor-de-rosa e, é claro, eu não seria louca de recusar! Ainda estava cedo, não passava das sete da manhã.

Minha nova casa também exibia um portão gradeado, mas era branco e bem menos imponente que o do meu vizinho. E também tinha garagem. Nem de longe tão gigantesca quanto a dele, mas cabia um celtinha.

Fiquei surpresa com o jardim primoroso na entrada; havia um caminho central de pedras brancas até a porta, ladeado por fileiras de pingos-de-ouro redondinhos, e as laterais do jardim eram cobertas de grama bem aparada e invejáveis roseiras cor-de-rosa.

— Nossa, que coisa linda! — exclamei, genuinamente impressionada com a beleza das flores.

— É, ela tinha muito orgulho dessas rosas. Passava as tardes no jardim, cuidando — Max falou, subindo os três degraus da varanda de piso de madeira para chegar à porta branca.

Lamentei internamente, porque, com o meu inexistente talento para cuidar de plantas (consegui matar até meu minicacto, a Gioconda, coitada, que eu achava a coisa mais linda do mundo), aquelas roseiras estavam com os dias contados.

— Ah, acho que me esqueci de dizer, senhorita Olívia, mas a sua tia-avó tinha bichinhos de estimação. Aquele ali é o Rodolfo e esta é a Lola. Estavam na minha casa, mas eu os trouxe ontem à noite para esperar pela senhorita, como bons anfitriões — ele disse, assim que entramos, apontando para um gato cinza rajado e pegando uma cachorrinha branca no colo.

Rodolfo era um gato normal, mas muito bonito. E Lola era bem peluda, parecia um maltês, mas eu não tinha certeza. Lembrei-me imediatamente de Lully e senti uma agulhada de tristeza no peito.

— Se não puder ficar com eles, é só dizer, que eu os levo de volta — ele falou e se virou para me olhar. — Diga "oi" para a senhorita Olívia, Lola. — Max sorriu, mexendo a patinha da cadelinha. Depois, deu um beijo na cabecinha dela, bem próximo ao lacinho cor-de-rosa.

Ai, minha Santa Mãe! Além de lindo, ele gostava de animais? Eu podia morrer ali mesmo. De preferência, antes de soltar algo como "você é lindo e fofo demais, me beija também, por favor!" (o que poderia acontecer a qualquer

instante, se ele não soltasse a cachorrinha minúscula nos próximos segundos).

Apertei a patinha de Lola com delicadeza e cumprimentei-a (mas, na verdade, eu queria mesmo era tascar um beijo na boca do gato que a estava segurando!).

Os lábios de Max, curvados naquele delicioso sorriso hipnotizante, estavam me matando. E o aroma que vinha dele... Era um cheiro tão gostoso que eu mal me mantinha de pé, de tanta vontade de contorcer as coxas.

— Eles eram os xodós dela. E ela me fez prometer que, se você não os quisesse, eu cuidaria deles — disse, alheio à minha situação fragilizada, alisando o pelo da cachorrinha antes de colocá-la no chão (graças a Deus).

A danada começou a pular, fazendo festa para que ele a pegasse de novo. Eu não a julguei. Como uma garota, é claro que a Lola também estava derretida por Max.

— Seria um prazer para mim, na verdade. Portanto, se você não quiser ficar com eles, sinta-se à vontade para me dizer — ele continuou.

— Eu quero! Claro que posso ficar com eles! Eu amo bichinhos! — Apressei-me em dizer, obrigando-me a sair da espécie de transe em que eu me encontrava.

— Mas, como assim? Ela sabia da minha existência? Quero dizer, antes de morrer...

— Ela deixou uma carta para você. — Ele retirou um envelope cor-de-rosa de dentro do bolso.

Tinha até um lacre de cera, daqueles de filmes e livros antigos!

— Nossa, que lindo! — comentei, passando o dedo pelo brasão encerado.

— Ela gostava muito de escrever cartas. Era uma senhora muito ativa e uma excelente companhia. Não precisa ler agora. Vou te mostrar a casa primeiro — ele disse e me puxou pela mão.

Ai, a mão dele era tão quente... Comecei a imaginá-la percorrendo meu corpo, passeando pela minha nuca, preenchendo meus peitos, apalpando minha bunda...

Eu estava completamente inebriada quando deixamos a sala, que era linda. Tinha um tapete felpudo e um sofá creme com várias almofadas em diversas tonalidades de rosa, uma mesinha de centro, uma poltrona floral e um rack branco com uma televisão de tela plana de 42 polegadas e um aparelho DVD.

Pousei a mala nas proximidades da porta, e o violão ficou em cima do sofá. Em seguida, rumamos para a cozinha.

Era toda em tons de rosa: o piso, as paredes, os armários, o fogão, a geladeira e até o estofado das cadeiras! Graças a Deus, eu não tinha nenhum problema com a cor. Pelo contrário, eu adorava! Ou teria sido decepcionante encarar a cozinha da Barbie. Mas eu amei, amei, amei!

Diversos livros de culinária descansavam sobre a mesa. Eu finalmente aprenderia a cozinhar! Coloquei a carta em cima deles, para ler depois.

— Ai, a cozinha é muito linda! Tia Ercília tinha muito bom gosto! Parece a de uma casa de bonecas! — exclamei, toda contente.

— Parece mesmo — Max comentou, rindo.

O banheiro era um charme, com azulejos em um tom suave de rosa e vasinhos de flor em cima da pia (até o sabonete líquido era rosa! E tinha cheiro de morango!).

— Você gosta de ler, senhorita Olívia? — Max perguntou, abrindo outra porta branca.

— Eu amo! — bradei.

— Então vai adorar isso. — Ele escancarou a porta e meu queixo caiu.

Era uma biblioteca! E estava abarrotada de livros!

— Ai. Meu. Deus. — Fui logo entrando, balançando as mãos, toda esbaforida.

Estantes imensas, repletas de lombadas, estendiam-se do chão ao teto. Uma mesa gigante com uma poltrona atrás repousava no fundo do cômodo, que destoava do restante da casa pela sobriedade. Dois sofás escuros estavam dispostos no centro, sobre um tapete repleto de almofadas aparentemente muito macias. Não havia nada cor-de-rosa lá dentro, à exceção das capas de alguns livros.

— Os dois passavam boa parte do tempo aqui, lendo — Max revelou.

Fiquei um tempo extasiada, observando a enorme quantidade de exemplares, até que ele sugeriu que transferíssemos a excursão para o andar de cima.

Subimos as escadas com Lola em nosso encalço. O corrimão era branco e o carpete, marfim.

Fiquei pensando no quanto devia ser trabalhoso o processo de limpeza daquela casa, que não era nada pequena, apesar de muito aconchegante. Eu teria muitas faxinas pela frente (no futuro, porque o lugar estava tão limpo que eu poderia sair lambendo o assoalho de madeira).

O quarto de tia Ercília, que ela dividia com o marido antes de ele morrer, era azul. Eu poderia colocar a minha mão no fogo e apostar que seria todo rosa, mas era azul bem clarinho. O ambiente esbanjava uma calma incrível.

A cama de casal estava coberta por um edredom creme com estampa de rosas azuis. Sobre os criados-mudos havia dois abajures idênticos. Em um dos cantos, um potinho de tinta, papéis, envelopes, uma caneta-tinteiro e um daqueles carimbos de lacre descansavam em cima de uma escrivaninha provençal. Ela gostava mesmo de escrever cartas!

O quarto de hóspedes era cor-de-rosa (agora, sim!) e parecia tão novo que eu quase podia sentir o cheiro de tinta. Era rosa pastel na parte de cima, e a parede era dividida ao meio por uma moldurinha branca. A parte de baixo era coberta por uma estampa floral muito delicada, e havia uma porção de ursinhos de

pelúcia em prateleiras brancas fixadas nas paredes. Era lindo (sim, eu sou esse tipo ordinário e nada surpreendente de garota que adora bichinhos fofos, tons pastéis e motivos florais suaves, pode me julgar)!

Havia uma *queen size* com cabeceira vintage! A colcha era cor-de-rosa com poás brancos. Interessei-me rapidamente pelo quarto dos sonhos e fiquei mais que feliz com o bônus da cama grande. Eu, que dormira em cama de solteiro a vida inteira, agora teria uma toda espaçosa só para mim!

Em uma das paredes laterais, ao lado da *queen size*, havia uma janela coberta por uma persiana rosa-bebê. E uma enorme cortina cobria a parede frontal. Fui até lá e dei uma espiada. O tecido rosa-chá, que descia do teto e chegava ao chão, cobria uma imensa porta de vidro, que dava para uma sacada. Puxei o suficiente para ver através da vidraça. Eu estava prestes a puxar um pouco mais, a fim de abrir a porta para conferir a vista, quando notei que, da lateral da varanda, eu teria uma visão perfeita da casa do vizinho, que, no caso, era o loiro gostoso ao meu lado. Fingi nem perceber, afastei-me da cortina e estava pronta para forçar uma saída estratégica do cômodo, mas, quando me virei, Max estava me observando com o sorriso mais sacana do mundo, como se pudesse ler os pensamentos pecaminosos que já estavam se formando na minha cabeça. A piscina era mesmo gigantesca. Eu poderia espiá-lo nadando, meu Deus do céu!

— Gostou da vista? — perguntou, sorrindo torto.

Sério, nem se ele derramasse litros de álcool sobre mim e ateasse fogo eu me sentiria tão quente quanto me senti mirando aquele sorriso. Por isso, não faço ideia de onde tirei forças para sorrir de volta e provocar:

— Dá pro gasto. Vou dormir neste quarto, *com certeza*. — Não resisti e frisei o "com certeza" (de novo).

Ele soltou uma risada.

— Você tem problemas com insônia? — perguntou de repente.

— Tenho — respondi com sinceridade. — Sou uma pessoa de hábitos noturnos. Gosto de fazer outras coisas, *bem mais interessantes*, quando a maioria das pessoas está dormindo — aticei.

Ele ficou me olhando, sorrindo com malícia.

— Como ler, por exemplo. Fico lendo até altas horas — completei, sorrindo de volta; um sorriso pretensamente inocente.

— Claro — ele disse, presenteando-me com uma versão ainda mais lasciva de seu curvar de lábios despudorado. — Também sou notívago. — Fez uma pausa curta. — Mas presumo que agora não vou mais poder nadar pelado de madrugada, como costumo fazer. — Ele estalou a língua, como se tivesse se dado conta subitamente.

Quando terminou de falar, o sorriso safado ainda estava pregado naquela cara

linda.

Arquejei. Patético, eu sei, mas não pude evitar. Meu rosto estava em chamas, tudo estava em chamas. Fiquei ali, fitando-o, sem conseguir conter meus dentes, que insistiam em morder meu lábio.

— Ah, não quero interferir em sua rotina, doutor Vetter — brinquei, depois de finalmente conseguir mover os lábios.

A pressão entre as pernas estava me matando. Eu não transava há meses e a mera presença daquele cara acabaria me fazendo gozar sem nenhuma fricção se ele não parasse de sorrir daquele jeito indecente.

— Ah, senhorita Olívia, imagina se vou atrapalhar a sua leitura com o barulho das minhas braçadas — ele entrou no jogo. — Você poderia se levantar em meio ao silêncio da madrugada, perturbado pelo som atípico da água lá embaixo, ser direcionada à varanda ao seguir o foco do barulho, e dar de cara com a minha bunda emergindo da piscina. Não queremos isso, queremos? — O desgraçado teve a desfaçatez de piscar um olho!

Soltei o ar que estava prendendo.

— É, não queremos, vizinho — menti, arqueando um sobrelance.

Meu Deus, que devasso! Será que ele estava tão excitado quanto eu? E se eu desse só uma espiadela? Mas, e se ele me flagrasse?

Ah, que merda, nem era um embate mental justo, é óbvio que eu ia dar uma boa checada! Baixei os olhos de uma vez e subi mais rápido que um raio. Porra! Que delícia de volume!

É claro que desci os olhos de novo, né? Não dava para ignorar aquilo tudo. Esqueci o bom senso e deixei de lado a vergonha na cara. Pousei os olhos no cacete duro de Max e os deixei ali enquanto minha boca enchia d'água e minha calcinha ficava alarmantemente molhada.

— Gostou da vista? — ele perguntou, deixando um sorriso descarado enfeitar os lábios esculpidos.

— Dá pro gasto — falei, encarando-o e dando de ombros.

Sério, eu merecia o troféu de Atriz Revelação pela performance, porque o que eu queria mesmo era lamber os lábios e dizer: "Caralho, Max, eu quero te engolir todinho, até engasgar, seu gostoso!".

Ele deu uma risada alta, caminhou alguns passos, encostou o corpo ao meu (sim, pressionando aquela maravilha protuberante na minha barriga), inclinou-se e sussurrou no meu ouvido:

— Gostei de você, vizinha.

E, então, deu um beijo demorado na minha bochecha, deixando os lábios roçarem o canto da minha boca por alguns segundos. Mas, antes que eu pudesse fazer ou mesmo pensar qualquer coisa, ele se afastou, sorrindo daquele jeito que

me deixava com a sensação de ser uma mosca idiota voando rumo à intrincada teia da aranha.

Subitamente, Max tirou o celular, que devia estar vibrando, do bolso. Olhou o visor por alguns segundos e desviou os olhos para mim.

— Porra, preciso atender. — A expressão em seu rosto pedia desculpas.

— Fique à vontade, vizinho — assegurei, tentando disfarçar a respiração vergonhosamente alterada.

— Oi, Sofia! — Sua voz mudou totalmente. Estava animada e carinhosa, apesar de ele parecer visivelmente desconfortável com o fato de estar excitado. É claro que aproveitei para continuar manjando o pau dele. — Aconteceu alguma coisa, meu amor? — perguntou, e isso foi o suficiente para me fazer recuperar a vergonha na cara e recolher meus olhos esfomeados.

Fiquei realmente constrangida! Puta merda, o cara tinha namorada (ou esposa!) e estava ali, no meu quarto, na minha casa nova, com uma senhora ereção! Um volume que me deixava toda gulosa e morta de vontade de cavalgar. E ele tinha praticamente me beijado (tá, não realmente, mas mesmo assim!) e estava me lançando comentários e sorrisos sacanas o tempo inteiro! Que cretino!

— Claro, minha linda, a gente vai! Te espero mais tarde lá em casa. Tá bom, prometo. Amo você também, Souf. — Ele desligou e olhou para mim. — Desculpa, Olívia, eu preciso atender os telefonemas de Sofia, não importa onde esteja, ou não fico em paz comigo mesmo.

Ah, que atencioso da parte daquele canalha, não?

— Imagina, vizinho, sem problemas. — Fingi um bocejo. — Acho que consigo fazer o restante do *tour* sozinha mais tarde. Nossa, a viagem foi megacansativa, preciso dormir um pouco.

— Ah, claro — murmurou, parecendo desapontado. — Vou ficar fora quase o dia todo, vizinha. Garanto que você não corre o risco de me ver pelado na piscina. Pelo menos não na parte da tarde. — Ele sorriu, daquele jeito devasso.

Infelizmente, não consegui ficar imune, minhas pernas deram uma fraquejada.

— Ah, que pena, vizinho... — ironizei (mas não estava sendo irônica de jeito nenhum!).

— Mas a noite é uma criança, você sabe — ele completou.

Meus lábios me desobedeceram e curvaram-se levemente.

Droga, droga! *O devasso tem mulher, Olívia, sai fora!*

Obriguei meu cérebro a mandar sinais ao meu corpo, dizendo que o cara, obviamente, estava indisponível. Em um ato ajuizado, balancei a cabeça com fingida desaprovação para disfarçar o sorriso ridículo.

Coitada dessa Sofia! Se fosse uma pessoa com um pouco menos de autocontrole e decência no meu lugar, era mais um par de chifres na cabeça dela.

Mas eu sou supercontrolada, e não me deixo levar pela umidade da minha calcinha. Além disso, tenho princípios. Eu não me envolvo com caras comprometidos ou casados (ele nem usa aliança! Ela devia obrigá-lo! Se bem que dizem que aliança atrai a mulherada, né? Vai saber. Mas, no caso de Max, uma argola de ouro no anelar esquerdo não pioraria a situação. Porque a cara linda e o corpo maravilhoso que ele tem já fazem o serviço completo de enlouquecer qualquer uma).

Quando um moço gato tem dona (ou dono! Quem nunca desejou um gay gostosão que atire a primeira pedra!), só dou uma cobiçadinha ou outra, coisa pouca, de leve. Nada muito recriminador (não sou de ferro, né, gente? É como eu disse, não dá para deixar de cobiçar às vezes. E Max, definitivamente, encabeça a lista de cobiçáveis por natureza, independentemente do estado civil. Eu não tenho culpa! Se Deus não queria que eu o cobiçasse, não deveria tê-lo feito tão irresistivelmente gostoso!).

Levei Max Vetter até o portão, e Lola foi comigo. Ele se despediu de Rodolfo e da cachorrinha, e beijou minha mão. Se você acha que foi uma coisa casta, deveria ter visto o jeito que ele me olhou enquanto seus lábios macios incendiavam o dorso da minha pele. Foi só uma despedida à moda antiga, mas garanto que foi a coisa mais depravada que eu já vi, o beijo mais obsceno que já me deram.

Lola ficou tão triste quanto eu quando ele partiu, deixando um rastro de seu perfume másculo disputando com o aroma delicado das flores do jardim.

4. A curiosidade matou o gato

OLÍVIA

Passei a manhã fuçando tudo. Era sexta-feira, e eu tinha decidido só começar a caça a empregos na segunda.

Não achei uma foto sequer de tia Ercília ou do marido. O guarda-roupa do casal estava vazio, e não encontrei pertences nas gavetas dos criados-mudos.

A ausência de qualquer coisa que remetesse ao vestuário masculino era natural. Tia Ercília poderia ter doado as roupas e os objetos do marido antes de morrer. Mas achei estranho o fato de não ter encontrado nada da própria Tia Ercília. Se ela não tinha mais ninguém, onde estariam seus vestidos e sapatos?

O guarda-roupa do quarto de hóspedes, que agora seria meu, continha muitos lençóis, edredons, colchas, travesseiros e toalhas. A maior parte dos itens encontrava-se na embalagem ainda. E os que não eram novos em folha estavam meticulosamente dobrados e cheiravam a lavanda.

Depois de ajeitar minhas pouquíssimas peças, eu finalmente abri a porta e fui para a sacada. Era bem pequena, estilo Romeu e Julieta, mas abrigava uma poltrona cor-de-rosa, um pufe para descansar os pés e um cesto com alguns livros.

Admirei a vista. Dava para ver a rua inteira. E, da lateral esquerda, eu tinha uma visão privilegiada da casa de Max. A piscina ficava lá em baixo, imensa e muito azul, rodeada por um tapete gigante de grama bem cuidada. Avistei quatro guarda-sóis, oito espreguiçadeiras, duas duchas e as portas francesas que separavam a área da piscina do restante da casa.

Será que a tal Sofia ia muito ali? Porque, pelo telefonema, ela morava em outro lugar. Logo, deviam ser só namorados. Mas a casa era muito grande para um cara morar sozinho. Talvez fossem noivos, e, quem sabe, ela tinha planos de se mudar em breve...

Mas que merda, de todo jeito, não era da minha conta.

Meu estômago começou a roncar, e eu me lembrei da geladeira e da despensa abarrotadas de tia Ercília. Estavam cheinhas. Mais cedo, eu até encontrara o pacote de ração ainda fechado de Lola e várias latinhas de comida para gato. Será que eu daria uma de Pícaro Sonhadora se decidisse consumir aquelas coisas?

De manhã, enquanto o taxista dirigia, vi um supermercado a umas duas

quadras de distância da casa. Eu ainda tinha um bom trocado, fruto da venda dos meus móveis, de modo que poderia muito bem ir até lá e fazer minhas próprias compras. Mas, em tempos de abundância não é bom abusar. Além disso, aquelas comidas ainda estavam no prazo de validade! Seria um desperdício deixar tudo perder, certo?

Certo!

Desci as escadas e fui até a despensa. Peguei alguns itens para preparar meu almoço, uma latinha de comida para Rodolfo, a ração de Lola e rumei para a cozinha.

O gato estava deitado na almofadinha azul (única coisa não rosa do ambiente, além de seus potinhos para ração e água), e Lola me seguia para todo canto. Peguei-a no colo.

— Oi, fofuchinha! Você agora tem uma nova mamãe! Eu sou a sua mamãe agora, meu amor! — Fiz uma vozinha de criança e apertei a cadelinha com força.

Ela fez um barulhinho gostoso, e eu beijei sua cabecinha (juro que foi uma ação espontânea, mas, quando me lembrei de que Max a havia beijado ali também, dei outro beijinho, só para aumentar as minhas chances de ter beijado no mesmo lugar).

Depois, fui até Rodolfo e alisei seu corpinho. E beijei sua cabecinha também, para ele não ficar enciumado. Coloquei a comida dos dois (porque não sabia quando eles tinham comido pela última vez) e comecei a preparar meu almoço.

Eu era um fiasco na cozinha, mas sabia fazer um bom macarrão com queijo. Enquanto a massa cozinhava, fui até os livros de culinária, só para ir me inteirando sobre o assunto (talvez eu arriscasse uma coisa nova no jantar).

Foi quando eu vi a carta. Tinha me esquecido completamente!

Procurei uma faca nas gavetas e rompi o lacre, morrendo de dó de violá-lo. E, então, comecei a ler:

"Querida Olívia,

Hoje faz cento e dezoito dias que o meu querido Franz se foi. Sei que não vou durar muito. A vida simplesmente não tem sentido sem ele. Nós fomos casados por apenas dez anos, mas nos conhecemos tão profundamente e nos amamos com tanta intensidade que foi como se estivéssemos juntos a vida inteira.

Foi a melhor década da minha vida. Eu gostaria de tê-lo encontrado na juventude, mas agradeço aos céus todos os dias por nenhum de nós ter partido deste mundo antes de se apaixonar pelo sorriso um do outro. Se eu o tivesse conhecido no meu último dia na Terra e só tivesse tido tempo de apreciar seu sorriso ou seus belos olhos azuis por algumas horas, ou até mesmo minutos, a vida já teria valido a pena. Mas foram dez anos e, mesmo que mil séculos ainda

me pareçam pouco tempo ao lado do homem mais gentil e honesto que conheci, sou grata por cada segundo deles.

A sua avó Elisa e eu éramos irmãs. Eu estava na Itália quando ela morreu. Nós nos afastamos muito cedo, ainda na mocidade, quando eu cismeí que ia estudar História da Arte em Roma. Deu certo, mas perdemos contato por longos anos. Eu me casei, mas não tive filhos porque meu marido era estéril (Giancarlo era um ótimo marido e um bom homem. Vivemos muitos anos juntos, e eu o amei. Mas, quando conheci o meu Franz, descobri que o que Giancarlo e eu tínhamos não era amor verdadeiro. Era apenas respeito mútuo, convivência pacífica e gratidão).

Quando fiquei viúva, voltei para o Brasil. Procurei sua avó, mas era tarde. Fiquei sabendo sobre sua mãe e consegui encontrá-la. Vi você quando ainda era um bebezinho. O seu cabelo era tão escuro que chegava a ser azul!

Tenho certeza de que se tornou uma jovem muito bonita, Olívia. Sei que você provavelmente nunca ouviu falar de mim. Elisa não me perdoou por ter partido e vi a sua mãe apenas uma vez. Mas você é a única pessoa da nossa família que me restou. Por isso, esta casa, onde você deve estar agora, é sua. Eu a comprei assim que voltei da Itália. Teria ficado na sua cidade, mas as minhas raízes estavam aqui, e eu precisava voltar para o lugar que podia sussurrar em meus ouvidos todas as boas lembranças da infância, das quais eu sentia tanta falta.

Foi a melhor decisão da minha vida porque, embora eu tenha optado por me afastar de novo, deixando de viver no mesmo lugar em que você e sua mãe viviam para me aproximar de Elisa por meio da cidade onde nascemos e nos criamos, o amor esperava por mim bem aqui.

Franz foi o grande amor da minha vida, Olívia. Fui agraciada com a dádiva de viver um daqueles amores épicos, que a gente pensa que só existem nos romances antigos. Hans Vetter, o filho único dele, morava na casa ao lado, e o meu querido Franz sempre vinha visitar o filho viúvo e ver os netos órfãos de mãe. Foi como nos conhecemos.

Você já conheceu o Max, certamente. Lindo, não? O avô dele, meu querido Franz, também era. Na verdade, todos os Vetter são. Max e Susanne foram os filhos (os netos, na verdade) que eu não tive. Ele tinha dezessete anos quando eu me casei com Franz, e ela, vinte. Ambos me acolheram com muita ternura. São pessoas excepcionais, você vai logo descobrir. Uma pena terem perdido os pais tão cedo. Marissa, a mãe das crianças, morreu quando Suze tinha apenas três anos, pouco depois do nascimento de Max. E Hans se foi em um acidente de carro semanas depois do meu casamento. Franz ficou desolado, como você pode imaginar. Mas todos nós nos unimos e nos consolamos juntos.

Max é um ótimo rapaz, mas nunca se recuperou totalmente; ainda nem era um

homem feito quando perdeu o pai. Suze já estava noiva à época, e se casou no ano seguinte com um médico (o marido dela tem um coração enorme. Você vai conhecê-lo. E o irmão dele, cunhado de Suze, também é um rapaz muito bom). Por isso, Max ficou sozinho naquela casa imensa (que ele reformou há um ano). Eu às vezes conseguia convencê-lo a dormir aqui conosco (principalmente no início, logo quando Suze se casou), no quarto de hóspedes, mas é claro que ele nunca abriu mão da liberdade de morar sozinho (principalmente com o passar dos anos).

Max dá festas às vezes, mas não se preocupe. Geralmente, são reuniõezinhas íntimas com colegas do escritório ou amigos. Ele sempre se preocupou com o barulho, por nossa causa.

Franz era juiz de Direito. E Max decidiu seguir a profissão de Hans, o que foi ótimo, porque ele é bastante dedicado e talentoso, como o pai era. Suze é arquiteta. Você precisa ver os projetos lindos que ela faz!

Max e Suze serão como irmãos para você, Olívia. Mas estou ciente de que, se você herdou metade da beleza de sua mãe, e se conheço bem o Max, como sei que conheço, ele provavelmente não vai te ver com olhos tão fraternos no início (não diga a ele que eu disse isso, mas que menino mulherengo! Chega a ser engraçado! Igualzinho ao pai dele, que nunca se casou de novo, mas estava sempre rodeado de mulheres). E posso ser velha, mas não sou boba. Sei que ele é muito bonito, e que vocês dois podem acabar se envolvendo. Mas, por favor, se for inevitável, não deixe que isso estrague uma amizade no futuro. Não conheço você, mas tenho certeza de que vocês poderiam ser grandes amigos. E digo isso porque Max é adorável!

Ah, e cuidado com Sofia! Por favor, não deixe que ela flagre vocês dois em uma situação comprometedora, pelo amor de Deus! Eu falo sempre com Max para ficar atento, e ele é bastante cuidadoso, nunca leva ninguém para casa quando Sofia está lá, mas, considerando-se a situação, nunca é demais lembrar.

Eu soube da morte dos seus pais recentemente, Olívia. Sinto muito. Nos últimos meses, Franz e eu gastamos boa parte do que tínhamos em viagens pelo mundo. Foi maravilhoso! Passamos dias inesquecíveis na Alemanha (o meu Franz nasceu em Frankfurt, mas veio para o Brasil na adolescência. Foi aqui que ele conheceu sua primeira esposa, que morreu há muitos anos). Visitamos praticamente toda a Europa; fomos à Itália, à França, à Holanda... Confesso que teríamos gasto até o último centavo, se o tumor não o tivesse levado antes. Mas, ainda assim, sinto muito por deixar para você uma quantia tão irrisória. E lamento igualmente não a ter socorrido quando precisou de apoio.

Não se preocupe com Max e Suze. Quando Franz morreu, deixou para eles um bom dinheiro. A parte que você vai herdar pertence exclusivamente a mim.

Estou ciente de que a casa dos seus pais foi vendida, e, por isso, não sei exatamente onde você está morando, mas Max está cuidando de descobrir para mim. Ele contratou um investigador particular. Se Deus quiser, antes de eu partir ele já terá encontrado você. E, aí, poderemos, enfim, nos conhecer. Mas estou escrevendo esta carta para o caso de isso não ser possível.

Não estou desistindo da vida, Olívia. Tenho alguns bons motivos para continuar viva. Max e Suze são um deles. E tem você, a quem tanto negligenciei. Não o fiz de caso pensado, foram os rumos da minha vida que me direcionaram às decisões que tomei. Espero que possa me perdoar; pelo abandono durante todos esses anos, e por partir sem vê-la uma segunda e última vez (caso aconteça).

Torço muito para que você tenha a sorte de encontrar o amor verdadeiro, Olívia. Sim, ele existe e sempre existirá! Max, apesar de ter testemunhado um amor tão puro quanto o meu e de seu avô, não acredita muito que o amor vá bater à sua porta um dia. Eu digo a ele que vai acontecer quando ele menos esperar, e sabe o que ele diz de volta, com toda a paciência do mundo? "Vó, o amor é uma coisa antiga, para pessoas antigas. É um sentimento praticamente extinto. A geração de vocês é a última a viver esse tipo de coisa. Não temos mais tempo para essa baboseira de amor, como vocês, que escreviam longas e enfadonhas cartas ridiculamente românticas". É o que ele diz. Mas, se estivesse falando com qualquer outra pessoa, e não comigo, acho que ele diria algo mais ou menos assim: "Amor o caralho! O negócio é foder gostoso e imoderadamente, como se não houvesse amanhã, porra". Sinto muito pelos termos chulos, mas são os que ele teria usado. Espero que você, Olívia, seja menos cética que o meu querido Max quanto aos assuntos e mistérios do coração. Por favor, coloque algum juízo naquela cabeça que só tem espaço para vaginas, nádegas, seios e algumas leis.

Eu sempre sonhei em levar Max ao altar. Como presumo que não viverei o bastante para presenciar o milagre, imagino que Lili fará isso. Vá ao casamento, e diga a ele que, se estivesse lá, eu estaria extasiada de tanta felicidade! E diga à noiva que eu a amo por amar o Max e que a considero a mulher mais sortuda e valente do mundo! Porque, você logo vai descobrir, ele é um homem extraordinário, mas amolecer o coração completamente rígido daquele menino para o amor vai ser uma tarefa hercúlea!

Um dia, quando você amar alguém tanto quanto eu amo o Franz, você vai entender o que estou sentindo. Não tenho mais um coração, Olívia. Tenho só um pedaço de carne dentro do peito. Metade de um coração frágil, a cada dia mais cansado de bater. Não quero desistir de vocês, mas a vida está desistindo de mim. Sinto tanta saudade, que só quero reencontrá-lo. Por favor, me perdoe.

Peça ajuda a Max para cuidar das minhas roseiras. Ele detesta admitir, mas tem uma habilidade inata com as flores. Eu o ensinei muitas coisas de jardinagem, e ele tem um roseiral nos fundos da casa, que não deixa ninguém ver. Você acredita, Olívia, que ele tem vergonha de cuidar das rosas? Ele gosta delas, mas ninguém pode saber. Max se faz de durão, mas é um garoto sensível. Por favor, cuide dele. Você é da família agora. Sei que ele também vai cuidar de você.

Acho que, a essa altura, Max e Suze já se desfizeram das minhas coisas e dos pertences do meu amado Franz. Eu os instruí a doarem tudo para o Lar das Cerejeiras, onde sou voluntária, assim que eu partisse.

Max passa todo o seu tempo livre comigo agora, tentando me animar e ralhando quando começo a dizer que quero ir embora. Ele é um doce, me abraça e diz que me ama. E eu o amo também, mas a minha tristeza é tão grande que não me deixa desejar e ansiar pela vida.

Max vive dizendo que me faz mal passar horas e horas vendo as fotografias e cheirando as roupas do meu amado marido, mas ele não entende. Isso não me traz sofrimento, mas paz. Deixa o meu coração alegre e sereno. As lembranças são a única coisa que me restou, quero me apegar a elas, quero sentir o cheiro do meu querido Franz até o último dia da minha vida.

Espero que goste de cor-de-rosa, Olívia. Eu adoro, e acho que você já notou. Mas, caso você deteste, não hesite em pintar a casa. Você pode fazer o que quiser com ela, é sua agora. Foi onde vivi os melhores anos da minha vida, é onde estão as minhas memórias mais felizes. Mas agora nada disso importa, porque Franz e eu já partimos.

Também amo muito o Rodolfo e a Lola. Por favor, cuide deles. Mas, se você for alérgica ou não quiser ficar com os dois, não se preocupe. Max os adora, e ele nem tem vergonha de passear com a Lola (mas tem vergonha de cuidar das rosas! Vai entender!).

Max e Sofia redecoraram o quarto de hóspedes para você. Sofia escolheu as cores e os bichinhos. Ele a venera, os dois estão sempre juntos. Tenho certeza de que você vai adorá-la também.

Acho que estou chegando ao final da sua carta. Costumo escrever para as amigas que deixei na Itália, mas nunca escrevi uma carta tão importante quanto esta, porque coloco todo o meu sentimento em cada uma destas letras, que, talvez, sejam as minhas primeiras e últimas palavras a você.

Espero que seja feliz, Olívia, muito feliz. Espero que encontre o amor, e que a minha casa cor-de-rosa seja para você um belo recomeço, como foi para mim. Viva a sua vida. Permita-se conhecer pessoas, dê a volta ao mundo, se preciso. Mas conheça o amor da sua vida. Eu sei que, no fim, ele vai aparecer por acaso.

Porque essas coisas são assim. A gente viaja o mundo todo e acaba encontrando o amor em casa, bem ao nosso lado.

Adeus, minha querida.

Com todo o meu amor,

Tia Ercília.

É o seguinte: depois de ler tudo isso, eu estava debulhada em lágrimas. Acho que, depois da morte dos meus pais, eu nunca tinha chorado tanto na vida. Nem todas as vezes que fui demitida por justa causa!

Eu queria tanto ter conhecido tia Ercília! Ela parecia ser tão legal! E que coisa linda a história dela com o marido...

Acredito em amor verdadeiro, não vou mentir. Mas o destino é cruel. Nem todo mundo consegue encontrá-lo ou tê-lo para si quando o encontra. Minha tia-avó teve uma puta sorte. A maioria das pessoas morre sem encontrar a alma-gêmea.

Já encontrei o homem da minha vida; o universo me deixou conhecê-lo, mas o sacana sequer me deu uma chance de ser feliz ao lado dele. Pelo menos tia Ercília viveu dez anos com seu grande amor. Eu vivi apenas três ao lado do meu, ciente de que ele nunca seria meu de verdade. Já me conformei. E, de jeito nenhum, vou passar a vida inteira esperando algo que já encontrei, mas que não posso ter.

Max está certíssimo. "Amor o caralho! O negócio é foder gostoso e imoderadamente, como se não houvesse amanhã, porra" poderia ser o novo lema da minha vida! Mas não julgo tia Ercília. Todo mundo que viveu plenamente um grande amor quer converter os *non-belivers*, como se fosse uma espécie de religião. Eu, como leitora fervorosa de romances de época, consigo compreender o fascínio que a expectativa de viver um sentimento tão poderoso antes de morrer gera nos desafortunados ainda não presenteados com a dádiva de amar profundamente e ser amado na mesma medida. Eu mesma já fui meio fascinada e um tantinho sonhadora. Já acreditei que poderia ser feliz ao lado do homem da minha vida. Não mais.

Antes de os meus pais morrerem, eu era uma pessoa diferente. Aos vinte anos, acredite se quiser, eu ainda não havia perdido a virgindade. Só o que eu fazia era ler, estudar e suspirar pelo meu colega de sala: Thomas, minha alma-gêmea. Minha linda, estudiosa, dedicada, gentil e comprometida alma-gêmea.

Sim, ele tinha namorada. Carolina, nossa caloura. Os dois estavam juntos desde os treze anos. O plano era continuarem colegas de sala, como foram a vida toda, mas, enquanto Thomas passou no vestibular de primeira, ela só conseguiu a vaga no semestre seguinte. Tive seis meses de exclusividade com ele. Ficamos amigos logo nas semanas iniciais. Foi o único período em que o curso me

pareceu, de algum modo, tragável. Prometi a mim mesma que me abriria com ele e contaria que estava apaixonada depois das férias de julho. Mas, no primeiro dia de aula do segundo semestre, o destino puxou o meu tapete.

Quando todos os meus castelos cor-de-rosa estavam construídos, Carolina, a bruxa loira, entrou na minha história e pisoteou em minhas esperanças. Thomas nunca tinha dito nada sobre ela. Eu me senti apunhalada quando, no dia do trote, ele me apresentou a caloura mais bonita, dizendo que era sua namorada. Achei que fosse morrer de tristeza e decepção ao escutar que os dois namoravam desde a adolescência. Mas sobrevivi, e superei a coisa toda sujando o vestidinho rodado de Carolina de tinta e encharcando aquele cabelo loiro imenso de água de peixe podre. Depois disso, esqueci Thomas. Nunca mais pensei nele, ou o imaginei pelado. Parei de fantasiar com seus lábios, que eu supunha macios, aproximando-se para me beijar. Esqueci o cheiro maravilhoso de seu perfume. Também deixei de sonhar com ele se inclinando sobre mim e sussurrando "Liv, eu te amo" em meu ouvido. Sim, eu superei. Foi fácil. Em um piscar de olhos. *In a blink of an eye*. Mamão com açúcar. *Piece of cake*.

Agora deixa a tia Olívia orgulhosa e diga que você não acreditou nessa balela aí em cima! É claro que não parei de pensar, fantasiar, imaginar ou sonhar com Thomas! Pelo contrário, a coisa só piorou. E é óbvio que nunca superei a porra toda.

A chegada de Carolina à universidade minou minha amizade com ele. Continuamos no mesmo grupo de estudos, e ainda fazíamos trabalhos e provas em dupla um com o outro, mas deixamos de almoçar juntos e de andar pelos corredores lado a lado. Fora da sala, Thomas só existia para Carolina.

Aos poucos, fomos nos afastando ainda mais. Certo dia, ele me disse que "Carol é um pouco insegura, Liv. Talvez seja melhor procurarmos outras pessoas para fazermos dupla". Depois disso, Thomas e eu passamos de colegas próximos para dois estranhos que mal se cumprimentavam, mas eu nunca deixei de amá-lo.

O acidente dos meus pais me transformou de maneiras indizíveis. Minha ingenuidade cedeu espaço a uma maturidade forçada. Precisei aprender a viver sozinha, a lidar com responsabilidades que ainda me pareciam pesadas demais para carregar. Tropecei, caí e levantei. Aprendi. Passei por tudo outra vez e fui colecionando aprendizados. Juntei todos eles, para experiências futuras. Usufruí da independência que tanto desejava, mas que veio da maneira mais indesejável possível. Finalmente, perdi a virgindade. Com um cara cujo nome eu não me lembro. Mas tenho quase certeza de que era Júlio ou Juliano. Foi bom. Nem terrível nem maravilhoso. Transei com vários caras depois dele. Gostaria de dizer que me guardei, à espera de Thomas, mas, por favor, né? Não sou tão

idiota assim, o que não quer dizer que eu não tenha cometido algumas vezes, nos primeiros anos, a idiotice de imaginar o rosto do meu belo colega enquanto transava com alguém.

Quando precisei abandonar o curso, sofri demais em saber que provavelmente nunca mais o veria. Eu poderia ter voltado à universidade, só para esbarrar nele em algum corredor, como se fosse uma grande coincidência, mas não quis. Eu o amava, e doía o fato de saber que o destino o apresentara a mim só para rir da minha desgraça.

Vou sempre me lembrar dele com ternura, como o cara mais doce e gentil que já conheci. Thomas foi o meu primeiro amor tardio, mas essa coisa toda é passado. Não o vejo há mais de quatro anos e parei de pensar nele há um bom tempo (agora é sério). Acho que, a essa altura, posso dizer que já superei nossa história de amor não vivida. Amadureci. A Olívia que o amava era uma criança iludida que acreditava em príncipes, cavalos brancos e finais felizes. Aquela Olívia foi escapando da crisálida aos poucos. A Olívia que sou hoje não é a sombra da que fui. Temos pouquíssimo em comum, nós duas.

Depois de Júlio (ou Juliano), descobri o sexo casual. Quer saber? Melhor coisa da vida! A gente transa e pronto. Tchau, *I have to go now, I have to go now*, tchau. Não tem coisa melhor, minha amiga! Você usa tudo o que o cara tem de bom (espera-se que ele tenha um corpo bacana e um pau bem gostoso), ele usa o que você tem a oferecer (o seu buraquinho tradicional já vai deixar o sujeito bem satisfeito. Não precisa muita coisa. Mas, você sabe, né, tem uns caras que gostam da outra entrada — que na verdade é saída! —, mas eu não mexo com isso), sem tretas ou *hard feelings* depois. É isso o que eu quero para o resto da minha vida, obrigada. Qualquer coisa além de uma fodinha básica de uma noite (ou algumas, mas só se o cara for excepcional) é procurar pelo em ovo!

"Ai, Olívia, parece um homem falando!".

Bitch, shut the hell up. Você precisa se decidir, querida, de que lado você está, que causa você apoia! Nós, mulheres, temos todo o direito de vivermos como bem entendermos. A sociedade não caga regra na minha vida, ninguém caga. A minha vida já é cagada demais. Não preciso de ninguém dando pitaco sobre como vivê-la. Não estou interessada em sentimentos. Já estourei a minha cota de sofrimento amoroso com Thomas.

Enfim, voltando ao lance da carta da minha tia Ercília, fiquei chocada com tudo aquilo que eu descobri. Por que Max não me contou que ela era tipo a avó dele e que nós éramos tipo primos? Quero dizer, é claro que a gente não compartilha o sangue, e eu nem tive contato com a minha tia-avó, mas, em um mundo paralelo, Max e eu poderíamos ter convivido na adolescência, sei lá.

Que loucura! Não, nada a ver, Olívia, não viaja! Você não é manja-rola de primo! Ah, não tenho certeza de que não sou, eu nunca tive um primo! Além disso, olha... Não sei, não, mas tenho pressentimentos reptilianos sobre o volume de Max!

Agora, olha que merda: a tal da Sofia escolheu a decoração do meu quarto (nem consigo mais achá-lo tão legal assim). E, meu Deus do céu, tia Ercília tinha mesmo dado a entender que Max e eu poderíamos ter um caso, desde que não deixássemos Sofia nos flagrar? Bem moderninha a minha tia-avó, não? Nem eu sou tão libertina! Bem que ela disse que ele é mulherengo... Todo mundo deve saber o quanto essa Sofia é chifruda. Mas ela deve ser maravilhosa fisicamente. Do contrário, por que ele estaria com ela, se não acredita no amor?

"Amo você também, Souf". Mentiroso! Tá enganando a coitada!

E o meu novo quarto tinha sido o quarto de Max aos dezessete anos? Cachorro! Era por isso que ele sabia muito bem que da sacada era possível ver a casa dele toda...

Devo dizer que fiquei bem amolecida quanto a ter descoberto que ele sabe cuidar de rosas. Você sabe muito bem que eu não vou perder a oportunidade de pedir uma mãozinha aqui no jardim da minha tia, né? *Jamé!* E vai ser uma ajuda inocente, eu juro! Ele tem namorada!

Fiquei tão ocupada lendo a carta (que é a coisa mais legal que eu já recebi, e que vou guardar para sempre) e matutando essas coisas, que acabei me esquecendo do macarrão que estava cozinhando. Deixei passar (e muito!) os sete minutos para ficar *al dente*. Virou uma paçoca grudenta e feiosa. Mas as criancinhas passam fome na África, e eu não posso me dar ao luxo de desperdiçar comida. Por isso, terminei de preparar o prato (o que incluía jogar um molho de massa de tomate pronta por cima e encher de fatias de muçarela).

Dizem que queijo salva tudo, né? Bem, nem tudo, fica aí uma lição. Ficou uma bosta, mas comi assim mesmo, prometendo mentalmente que tentaria fazer algo decente no jantar.

Depois de comer, fui tomar um banho (reza a lenda que fazer isso é fatal, né? Mas nunca liguei para essas crendices. Na verdade, até gosto de desafiá-las. Por exemplo, costumo misturar quente e frio, e toda vez que como manga tomo um copo de leite. Ah! Essa coisa da manga com leite tem uma história bem legal por trás. Remonta aos tempos da escravidão! Mas não tem nada a ver com o assunto, vou parar de tagarelar).

Fiz uma limpeza geral e completa no corpo todo (depilação completa incluída, porque nunca se sabe o que pode surgir, é preciso estar preparada). Até esfoliação eu fiz (não abro mão de esfoliantes. Fico sem arroz e feijão, mas não fico sem um vidrinho). Lavei e sequei o cabelo, e dei um trato nas unhas (o SPA

caseiro não teve nada a ver com Max, sério. Já que eu começaria a procurar emprego na segunda, tinha que estar apresentável).

Depois que eu estava reluzindo, tirei um cochilo. Nem fazia ideia de que estava tão cansada. Só acordei às 17h27, com Lola deitadinha no final da cama. Isso foi ótimo, porque eu logo me lembrei de que precisava alimentá-la de novo. Mas, antes de fazer isso, eu decidi, sabe-se lá por que (curiosidade? Sensação de abafamento? Semiescuridão?), subir a persiana e abrir a janela ao lado da minha cama. E, minha amiga, você não sabe o que eu descobri! A casa de Max, que também era de dois andares, ficava bem grudadinha na minha! Uns poucos metros de distância se estendiam entre as duas construções. É claro que eu já estava ciente de que éramos vizinhos laterais, mas só tinha reparado na imensa área da piscina. Ainda não tinha noção de que bem de frente para a minha janela havia uma vidraça enorme do outro lado, na casa dele. Na verdade, a parede do cômodo era toda de vidro! A má notícia é que não dava para ver nada lá dentro, porque a persiana escura estava descida.

Meio frustrada, decidi que não faria mal dar uma espiada na varanda. É claro que eu queria dar de cara com um Max nu na piscina, mas ele tinha dito que passaria a tarde inteira fora. Logo, não fazia muito sentido bisbilhotar. Mas, a esperança é a última que morre, certo?

Fui até lá e me arrependi assim que abri a porta. Sabe aquele ditado, "a curiosidade matou o gato"? Pois é. Tem também aquele outro: "o que os olhos não veem o coração não sente". Teria sido melhor não ter visto o que eu vi.

5. A fruta proibida é a mais apetecida

OLÍVIA

Levei um baita susto!

Deitada em uma das espreguiçadeiras havia uma mulher lendo um livro com fones no ouvido. Usava um biquíni azul estampado (a cadela tinha um corpo lindo, de capa de revista!), um chapéu *floppy* branco e óculos escuros espelhados.

Enquanto eu observava, ela fez uma pausa curta na leitura e mexeu no iPhone (provavelmente para trocar a música). Em seguida, voltou à história. Não dava para ver o rosto direito, mas parecia ser uma daquelas mulheres lindas, do tipo que a gente tem vontade de espetar os olhos com um lápis desapontado. Era a tal da Sofia. Max disse ao telefone que a esperaria mais tarde na casa dele. Só podia ser ela!

Que merda!

Saí correndo dali, fechando a porta atrás de mim.

É claro que eu já sabia que ele tinha namorada. E daí? Eu não queria nada com Max (a não ser, claro, conhecer o réptil que ele cultivava no meio das pernas).

Coloquei na cabeça que ele era meu primo. Eu sabia que não era, mas foda-se. Era isso ou ficar nutrindo indecências com um cara fora do alcance, coisa que eu não podia fazer por questões morais e, principalmente, porque ele já provaria que era um devasso disposto a trair a namorada com a sobrinha-neta da avó postiça dele! Ou seja, se eu ficasse dando corda, poderia rolar. E como eu me olharia no espelho depois?

Eu estava pensando nisso, deitada na minha cama (na verdade, eu estava conversando com Lola, e ela estava *superconcordando* comigo), quando comecei a achar que os meus pensamentos indecorosos em relação a Max estavam me fazendo ouvir coisas.

— Hum, que delícia, Max! Ai, meu Deus, que gostoso... Isso, mete fundo, atola tudo!

Acredite você ou não, eu consegui ouvir isso, e o som vinha do cômodo da vidraça! A mulher gemia tão alto que os gritos atravessavam a parede e invadiam meu quarto, passando pela minha janela aberta.

— Ai, que delícia! Nossa, como você fode gostoso!

Meu Deus do céu! Já tinha dado tempo de Sofia sair da beira da piscina?

Corri até a porta e dei uma olhadela. Ela estava lá, no mesmo lugar, lendo o livro! O cafajeste estava transando com alguém enquanto a namorada lia tranquilamente há alguns metros de distância!

Ai, Jesus! E tia Ercília tinha dito na carta que ele era cuidadoso, que nunca levava mulher pra lá quando Sofia estava em casa! Cuidadoso o caralho! Um cafajeste do mais alto grau na escala da cafajestice! Cretino descarado! Que sorte a dele por ela estar ouvindo música! Do jeito que a mulher gemia alto, não duvido de que Sofia escutaria tudo dali de baixo.

Voltei correndo para a janela, pulando atabalhoadamente na cama.

— Tá, tá, eu calo! Mas não para, por favor, Max! Não... Ai, você é tão... Ai, meu *Deeeeeeeus*! Tá! *Shhhhhhh*.

O desgraçado estava tentando fazer a mulher calar a boca! Que cachorro! Devia estar sussurrando no ouvido da escandalosa, porque eu não conseguia ouvir a voz dele, infelizmente.

Confesso que aquele pequeno show pornô invisível estava me deixando meio acesa. Max estava ali, pelado, de pau duro, há metros de distância, pelo amor de Deus! E, pelo tanto que a mulher gemia e gritava, o serviço estava sendo maravilhosamente executado.

Comecei a imaginar seu corpo musculoso trabalhando sobre mim, é claro. E só não recorri ao meu querido amigo Dedo Médio porque, quando eu já estava louca, descendo a calcinha, Lola soltou um ganido, e boa parte do meu tesão foi pro espaço.

Você não faz ideia do urro que a mulher deu quando gozou. Eu estava subindo pelas paredes quando os gemidos e a gritaria cessaram. E olha que foi bem rápido, não durou nem dois minutos. Que filha da mãe sortuda! Por que eu não tinha a cara de pau daquela mulher?

De repente, comecei a me sentir muito careta. Tinha gente que não estava nem aí para moralismos! A piranha tinha coragem de transar com um cara enquanto a namorada tomava sol bem debaixo do nariz deles!

Depois daquela prévia de como Max era na cama, eu tinha certeza de uma coisa: nunca mais poderia ficar sozinha com ele. Minha resistência a homem gostoso é bem baixa. E, se você já tivesse visto o Max, saberia que aquele monumento delicioso é irresistível. Com a recente descoberta, então, a melhor coisa a ser feita era ficar longe. Quero dizer, cada macaco no seu galho (no caso, cada vizinho na sua casa).

Depois de alimentar meus novos bichinhos, resolvi dar um passeio pela vizinhança. Troquei de roupa, fiz um rabo de cavalo alto e passei um pouco de

rímel e *gloss* (coloquei um short jeans e uma regata cor-de-rosa por cima da calcinha e do sutiã rosa-claros — em homenagem a tia Ercília — e calcei meus inseparáveis *Keds* brancos).

Decidi que era uma boa ideia levar a Lola comigo. Eu já sabia onde a coleira (cor-de-rosa, lógico) estava. E tinha a impressão de ter visto a escova e os lacinhos dela no mesmo lugar (se eu nunca tivesse trabalhado em um Pet Shop antes, eu jamais saberia para que aquele pente de metal servia).

Penteei o pelo todo e fiz duas tochinhas na frente, enfeitando com dois lacinhos rosa. Ficou linda! Então, peguei um saco plástico e coloquei no bolso (é, para recolher o cocô, é sempre bom estar prevenida).

Saí da minha nova casa toda saltitante e feliz. Passei pela porta do meu vizinho (quero dizer, meu primo) e fiz questão de nem olhar lá dentro (pobre Sofia!).

Lola e eu caminhamos alguns quarteirões. Vi uma padaria, um Pet Shop (isso seria útil no futuro), um supermercado (que eu já tinha visto), uma sorveteria (prometi a mim mesma que passaria lá na volta) e uma banca de jornais (decidi comprar uma água e acabei descobrindo que o moço, Seu Alberto, era conhecido de tia Ercília! Ela fazia caminhadas diárias e comprava o jornal todos os dias, mas parou logo depois de descobrir a doença do marido. Seu Alberto foi muito gentil e falou só coisas boas sobre ela, e o quanto tinha sido triste o enterro. Foi quando eu me toquei de que precisava visitá-la no cemitério! Pedi informação, e ele me falou direitinho onde ela estava enterrada — até sabia a quadra e tudo o mais. Já estava tarde, eu jamais iria ao cemitério à noite. Por isso, decidi que a visitaria na manhã seguinte, bem cedinho).

Lola já estava dando sinais de cansaço. Decidi voltar. Quando passei pela sorveteria, entrei e comprei uma casquinha de morango. Estávamos saindo de lá quando meu celular tocou. Fiquei surpresa, porque ninguém me ligava. Pensei em não atender, já que possíveis entrevistas na minha antiga cidade agora não faziam mais sentido, mas, sei lá, e se fosse algum advogado dizendo que ganhei outra herança? Nunca se sabe! Deu certo da última vez.

O volume estava no máximo, e a voz do Bruno Mars quase me fez derramar o sorvete todo na blusa. Escorreguei a guia de Lola no pulso, tirei o telefone do bolso e me sentei em uma das mesas bonitinhas da calçada para atender sem correr o risco de me lambuzar. Apertei a tecla sem reparar direito no visor, mas deveria ter notado, porque, assim, eu saberia exatamente quem era.

— Alô?

— Quem está falando? — Reconheci a voz na hora.

— Você deveria aprender a falar ao telefone, primo. Quem está falando é a pessoa para quem você ligou, obviamente — cutuquei.

Ele deu uma risada estrondosa.

— De onde você tirou essa porra de "primo"? — perguntou.

— Do fato de que o seu avô era casado com a minha tia-avó — expliquei, usando um tom que denotava obviedade.

— Ah, claro, ela contou tudo na carta, né? — ele falou, dando-se conta. — Escuta, senhorita Olívia, primas costumam manjar a rola dos primos?

Você acredita que ele teve o deslante de perguntar isso? Não? Nem eu! O sem-vergonha meio que acessou a minha mente, inclusive!

— Acho que mereço ser perdoada, porque ainda não sabia que éramos primos. Já você, primo, tinha perfeita noção disso quando esqueceu os olhos no meu decote — provoquei.

— Acontece, prima, que primos costumam esquecer os olhos no decote das primas. Faz parte do Código de Primos e Primas, você não sabia?

Cara, eu podia imaginar aquele sorrisinho safado dele! E, olha, o meu corpo inteiro estava se lembrando daquela malícia toda.

— Ah, primo, eu não tinha como saber! Você é o primeiro primo que eu tenho na vida! — Caprichei nas exclamações.

— Posso te ensinar umas coisas legais que rolam entre primos. Você vai gostar e vai pedir mais, prima. — Que descarado! — Estou na porta da sua casa. Sofia queria conhecer você, mas, como você não estava, e ela ia dormir na casa de uma amiga hoje, ela já foi. Onde você se enfiou?

Meu Deus do céu, quanto cinismo! Como ele podia ser tão bandido? Gastava aquela lábia sacana comigo e queria me apresentar à namorada chifruda? A minha vontade era dizer na cara dele (na orelha dele, no caso do telefonema) que eu sabia muito bem o que ele aprontava debaixo das fuças daquela coitada! Mas dobrei a língua e dissimulei:

— Ah, que pena. Eu adoraria conhecê-la. Estou dando um passeio com Lola pela vizinhança. Estamos tomando sorvete. Quero dizer, eu estou. Ela está querendo, mas é doce demais, faz mal pra ela — eu disse, e dei uma lambida na minha casquinha de morango, tentando não mirar os olhinhos pedintes da cadelinha.

— Lola adora sorvete, mas você tem razão, ela não pode tomar. Como foi o seu primeiro dia na casa nova, prima? Está gostando da vizinhança? — Max quis saber.

— Muito barulhenta. — Juro que tentei, mas não resisti!

— Barulhenta? — ele questionou, meio confuso.

— É, principalmente as mulheres. Muito escandalosas. — De novo, foi mais forte que eu!

— Puta que pariu! Você ouviu aquilo? — indagou, deixando escapar uma

risada alta.

Cara, ele era muito sem noção! Max pensava o quê? Que eu acharia aquele tipo de safadeza normal? Não, não estou falando do sexo, claro. Mas do fato de ele ter uma namorada!

— Porra, desculpa, Olívia — ele disse, ainda rindo.

Você já reparou que ele só me chama de "Olívia" — e não de "senhorita Olívia", que eu acho fofo — quando está se desculpando?

— Ah, estou vendo vocês! — ele bradou de repente. — Puta merda, você fica gostosa pra caralho lambendo esse sorvete. Faz de novo.

Olhei imediatamente para o lado e o avistei, a alguns metros. Ele tinha caminhado até a sorveteria! Praticamente voado, na verdade.

Max estava absolutamente maravilhoso de calça jeans e camiseta cinza. Como ele podia ser um deus de terno e continuar divino usando roupas tão normais e casuais? Engoli a saliva umas trezentas vezes, com a casquinha na mão, observando, vidrada, sua figura magnetizante se aproximar.

Droga, por que ele tinha que ser tão alto e tão forte? Por que aqueles ombros eram tão largos? Que merda, e as coxas? Precisavam ser tão espetacularmente grossas? Ele não devia ter nenhum grama de gordura corporal além do padrão de perfeição masculina. Era absolutamente perfeito. E aquele cabelo recém-cortado era tão, mas tão másculo! Ele parecia um soldado pós-guerra. Ou um agente federal. Que vontade de passar os dedos naquela superfície lisa, loira e macia!

Max caminhava em minha direção sorrindo maliciosamente. Os olhos acinzentados crepitantes feito labaredas fitavam minha expressão provavelmente muito abobalhada.

Nossa, parecia uma cena de filme. Só um cara gostoso daquele jeito conseguia caminhar com tanta segurança, esbanjando charme, sedução e beleza, espalhando faíscas para todo lado.

Que *meeeeerda*! Ele ainda nem tinha se aproximado tanto e eu já sentia o fundo da minha calcinha molhado.

— Vai, prima, faz de novo — insistiu, a uns cinco metros de distância, com uma voz que... Meu Deus do céu... Pedindo daquele jeito, o que eu não faria?

Eu quase (*quaaaaase*) sucumbi. Mas a razão não me abandonou por completo. Desliguei o celular e o joguei sobre a mesa, como se estivesse pegando fogo. Minha intenção patética era me levantar em seguida, pegar o aparelho e correr uns dez quilômetros na direção oposta antes que ele se aproximasse o bastante. Mas, obviamente, não consegui.

Por quê?

Porque minhas pernas retardadas não respondiam ao caralho do meu comando.

Por que não?

Porque estavam mais derretidas que a porra do sorvete na minha mão!

— Por que você desligou na cara do seu primo, senhorita Olívia? — ele perguntou, todo devasso, sentando-se ao meu lado.

Lola começou a pular nas pernas dele (cachorrinha esperta!), latindo e pedindo colo. Ele a pegou (sortuda!).

— Lola, jamais siga o exemplo da senhorita Olívia. O que ela fez aqui foi um ato imperdoável de má educação — o cínico falou, alisando o pelo da cadelinha.

Depois, colocou-a no chão e voltou o olhar incandescente para mim.

— E você, senhorita Olívia, peça desculpas ao seu primo.

O que você acha que eu fiz em seguida?

a) fiquei olhando para ele feito idiota, babando na cadeira;

b) soltei um suspiro longo e deixei um sorriso bobo estampar os lábios;

c) disse alguma merda do tipo "você é tão lindo, Max!", com uma voz totalmente melosa;

d) pedi desculpas feito um capacho e implorei seu perdão.

Vamos lá, você tem cinco segundos para responder! Para fazer um dramazinho básico (porque eu sou uma *Drama Queen*), vamos saltar um espaçozinho aqui até você chegar à resposta que eu dei. Mas não vale olhar o que eu respondi antes de escolher uma alternativa, hein?

.
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .

— Vá se foder, Max — falei e dei uma lambida bem demorada no sorvete, enquanto mirava seus olhos cheios de luxúria.

Espero que você tenha tido o bom senso de, a essa altura, saber que eu não tomaria nenhuma daquelas atitudes ridículas!

É claro que eu sabia que estava mexendo com fogo (cutucando onça com vara curta! Quero dizer, a minha vara podia até ser curta, mas a dele... Eu já sabia que não era, não!) e suspeitava que a minha ação provocaria um contra-ataque perigoso, mas não consegui me controlar.

Eu estava babando? Sim, estava.

Tinha vontade de suspirar bem demoradamente? Sim, tinha.

Queria dizer alguma besteira do tipo "você é tão lindo, Max!"; Queria, embora preferisse soltar algo como "por favor, seu adúltero filho de uma mãe, me coloca de quatro e mete com força!" (sem julgamentos, *bitch*. Você ia querer o mesmo, acredite).

Por fim, eu queria pedir desculpas? De jeito nenhum! Seria o mesmo que confessar que desliguei o celular porque não aguentei aquela voz gostosa no meu ouvido enquanto ele me incendiava com os olhos!

Max é uma provação do Poderoso Castigador, só pode. É um teste. Tenho certeza de que Deus e o diabo andaram batendo um papo do tipo:

— Olívia não merece a bênção de uma herança-surpresa em sua vida, Homem de Branco! — disse o diabo, alguns dias atrás, exibindo seu tridente.

— Ela é uma boa menina, Lúcifer. Por exemplo, nunca se envolve com homens comprometidos. É tão correta que passa longe dos casados! Você sabe, hoje em dia não é tão fácil encontrar moças assim, tão certinhas — advogou Deus, sentado em seu grande trono branco.

— Ah, eu sei. Mas aposto que ela não resistiria ao meu mais novo demônio! Um exemplar ímpar. Você precisa conhecer o Max. É simplesmente o melhor, o mais devasso dos meus homens. Mulher nenhuma resistiria — contra-argumentou o Pata-Rachada.

— Tenho certeza de que, se tem alguma moça na Terra capaz de resistir, é a Olívia. A garota tem princípios irretocáveis. Sua noção de certo e errado é apuradíssima. Ela jamais se envolveria sexualmente (Deus não usa nem conjuga o verbo "transar") com esse seu Max — asseverou o Criador.

— Eu o desafio! — bradou Satanás. — Proponho enviarmos o Max. Se ela sucumbir, como sei que vai, exijo que você arranque dela a herança!

— Não sou obrigado a aceitar seus desafios, Lúcifer. Olívia já passou por provas demais — intercedeu o misericordioso Senhor.

— Ah, me poupe! Ela zomba de você o tempo todo, Homem de Branco! Como é mesmo que ela diz? Ah, claro! "Deus é um menino malvado com uma lupa na mão!". — O Sete-Peles imitou minha voz. Ficou idêntica! — Faça cumprir a Sua Palavra: "Não vos enganeis, de Deus não se zomba, pois tudo o que o homem semear, isto também ceifará". Gálatas, capítulo 6, versículo 7! Ela também roga o tempo todo: "Me castigue, ó Poderoso Castigador!". Olívia está pedindo! Como dizem mesmo as tais Sagradas Escrituras? — O Coisa-Ruim andou de um lado para o outro e estalou o polegar e o dedo médio. — Ah, sim! "Peça-me o que quiser, e eu lhe darei!". 1 Reis, capítulo 3, versículo 5! Ela está pedindo um castigo. Castigue-a! — o Cramulhão gritou.

— Droga, você sempre soube argumentar, Tinhoso! — Deus se levantou e ficou de pé em frente ao trono branco. — Tudo bem, envie o tal do Max. Eu quero o seu pior demônio com uma porção extra de pênis! Por favor! (Deus não fala "pau").

E foi assim. É por isso que Max está aqui agora. E é exatamente por esse motivo que ele puxou a minha mão, logo depois de eu mandá-lo ir se foder, e a pressionou em seu cacete, dizendo:

— Olha o que você faz comigo, prima. Prefiro foder você a ir me foder.

Aproveitei que já estava com a mão ali mesmo e dei uma apertadinha de leve. Ele soltou um gemido baixo, puxando o ar entre os dentes. Eu estava pegando fogo. Mas puxei a mão, porque ainda estava claro (era início de noite) e havia alguns adolescentes tomando sorvete em uma mesa muito próxima.

— Contudo, como você não vai me foder *em hipótese alguma* (frisei bastante o "em hipótese alguma"), sugiro que vá procurar alguma vagabunda disposta a gritar nesse seu pau sujo, primo — falei, lambendo um pouco mais do meu sorvete.

— Isso é ciúme, prima? — perguntou ele, sorrindo daquele jeito que agora a gente já descobriu que é demoníaco.

— Só se eu estivesse interessada em você, o que não é o caso, primo — assegurei, sem olhar para ele.

— Claro — ele disse, passando a mão na barba loira.

Cometi o erro de olhar e acabei ficando tempo demais observando os pontinhos dourados, louca para passar a mão naquele rosto lindo e áspero. Uma onda maravilhosa de perfume escapava a cada movimento de seus dedos na linha da mandíbula.

Ele tinha um maxilar tão poderoso... Dava até vontade de chorar de emoção se a gente ficasse fitando por muito tempo.

Lembra quando eu disse que Max não podia ser real? Pronto, agora eu já sei que não é mesmo. Ele é obra do demônio! Por isso parece tão divino. Porque o diabo adora imitar as obras de Deus. Mas Max está aqui em uma missão cruelíssima, que é: fazer o Poderoso Benevolente retirar a minha herança! Ou seja, é um deus por fora e um capiroto por dentro. É isso o que ele é. Preciso me afastar dessa tentação dos diabos (literalmente!).

— Você não vai me oferecer um pouco de sorvete? — ele perguntou de súbito, interrompendo meus devaneios.

— Não — respondi e continuei lambendo.

— Só um pouquinho, senhorita Olívia. É de morango, eu adoro — falou, tentando (mas falhando) reprimir o riso.

— Tá bom, foi você quem pediu, primo — eu disse e deixei o restante do

sorvete cair no colo dele, bem em cima daquele volume todo. — Ops! Que desastrada que eu sou! Sinto muito! — Fingi arrependimento com uma voz ingênua. — Quer ajuda pra limpar? — Dei uma piscadinha.

Ele olhou para mim e sorriu, exatamente como a gente sorri quando está chocado, puto e ligeiramente satisfeito com alguma coisa, tudo ao mesmo tempo.

Tirei a casquinha enquanto ele me observava. Então, peguei uns guardanapos de papel no suporte que estava sobre a mesa e comecei a limpar depressa, movida por uma pontada de remorso. Max não disse nada, ficou apenas fiscalizando o serviço.

Enquanto eu limpava, um dos garotos da outra mesa gritou:

— Ei, gata, se eu derramar sorvete no meu pau você limpa também?

Os outros meninos caíram na risada. Todos eles deviam ter por volta de doze, treze anos, no máximo!

— Espera crescer cabelo no seu pinto primeiro, garoto — Max devolveu por mim. — Aliás, espera o seu pinto crescer.

O menino, observando o tamanho do meu "primo", ficou todo murcho e parou de rir na hora. Os amigos dele, no entanto, riram ainda mais alto. E eu precisei acompanhá-los.

— Para de rir e termina a porra do seu trabalho, prima — ele ordenou, com a voz bem séria.

Terminei de limpar, prendendo os lábios para não rir. Depois disso, ele se levantou e puxou minha mão melada.

— Vem, agora vou precisar te ensinar uma lição. — Foi a coisa mais excitante que eu já ouvi na vida.

Agarrei a guia de Lola e saí puxando enquanto Max me puxava.

6. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura

OLÍVIA

Max só parou de me puxar quando chegamos à porta da casa cor-de-rosa.

— Coloca a Lola aí dentro — rosnou, meneando a cabeça em direção ao portão.

— Você não me dá ordens, Max! — bradei, obrigando-me a lembrar que ele tinha namorada.

— Por favor, prima, coloca a Lola aí dentro — ele abrandou o tom, aproximando-se de mim e tocando meu rosto com o polegar. O desgraçado sabia usar suas armas diabólicas! — Preciso te mostrar uma coisa lá em casa.

Engoli em seco. Na casa dele? De jeito nenhum! Eu não ia ser mais uma foda do dia (sabe-se lá quantas ele teve!). Não ia, *em hipótese alguma*, ficar a sós com o enviado do capeta.

— Max, não vou ficar sozinha com você — avisei.

— Ah é? Por quê? Do que você tem medo, senhorita Olívia? — ele atçou, arqueando a sobrancelha esquerda e entortando o sorriso.

— Eu? De nada — aleguei, deixando escapar um pequeno arquejo.

— Não seja tão maliciosa, prima — ele falou, curvando-se para beijar minha bochecha. — Não vai acontecer nada. Primos não fazem nada sórdido juntos. Só quero te mostrar minha casa. — Max teatralizou uma voz inocente, que de inocente não tinha nada! Na verdade, transbordava segundas intenções!

Seria fácil demais cair naquele jogo e me convencer de que, de fato, não ia acontecer nada. Mas eu sabia que ia! Ah, com certeza ia!

— Sei... Anrã, primos não fazem nada sórdido... Mostrar sua casa... Acho que você quer me mostrar outra coisa, primo. — Deixei os olhos caírem sobre a mancha enorme, escura e melada em sua calça. — Ai, meu Deus, você gozou nas calças, Max Vetter? — Coloquei as mãos na boca, fingindo espanto.

Foi uma atuação digna de Oscar.

Uma risada gostosa escapou de seus lábios perfeitamente delineados.

— Ah, não, é só sorvete. Se eu tivesse mesmo gozado, a mancha seria bem maior. — O sacana piscou um olho e se aproximou mais um pouco. E, então, começou a beijar meu pescoço!

Não pude fazer nada para impedir. Meu Deus, como aquilo era bom! E como ele era cheiroso... E os lábios, macios e quentes, plantavam beijos de brasa em

minha pele.

Devagar, meu vizinho desceu a mão pelas minhas costas e... Ai, meu Deus, ele ia pegar na minha bunda?

Isso, por favor...

Max se afastou de repente, e, no segundo seguinte, começou a abrir o portão da minha casa! Mas onde diabos ele...

— Você pegou a chave no meu bolso — falei, chocada, sem saber se estava perguntando ou afirmando.

Ele fez um barulhinho (daqueles que a gente faz quando pisca e sorri ao mesmo tempo) e aquilo quase me matou. Santa Mãe de Deus, o devasso tinha pegado a chave no meu bolso traseiro, e eu nem tinha percebido! Que gatuno!

Max já estava dentro da casa, abrindo a minha porta. Fui atrás, levando Lola comigo.

— Eu não deixei você entrar! Isso é invasão de domicílio, Max! É crime! — gritei, furiosa com o fato de que ele tinha me usado para pegar a chave! Vagabundo!

— Tecnicamente, *violação* de domicílio. Artigo 150 do Código Penal. Não dá para ensinar o padre a rezar a missa, prima. Ou o pai-nosso ao vigário. O seu primo é advogado, lembra? Sou civilista, mas tenho conhecimentos suficientes de Direito Penal — falou, segurando a maçaneta da porta ainda fechada, mas já destrancada.

O desgraçado me deu um tapa de luva de pelica! Fiquei sem reação.

— E então, vai chamar a polícia? — desafiou, subindo uma sobancelha e abrindo, finalmente, a porta, como um convite para que eu entrasse.

— Padre... Vigário... Humpf... — Carreguei no desdém, mirando-o de alto a baixo quando passei por ele. — Está mais para entidade ou enviado das Trevas.

Lola ficou enfurecida comigo, e começou a me latir, defendendo o assessor do Cão em vez de apoiar a nova dona. Max caiu na risada enquanto trancava a porta.

Agachei-me e tirei a guia da coleira da traidora, que correu para a cozinha, provavelmente para beber água, coitadinha. Demorei mais do que pretendia, tudo culpa de Max!

Quando me levantei, ele estava parado, me observando.

— Você não é mais bem-vindo nesta casa, Max — asseverei.

— É mesmo? Então me expulsa, senhorita Olívia. — Ele foi se aproximando até me encurralar.

— Faça o favor de me chamar apenas de "Olívia" — exigi, juntando todas as forças possíveis para dizer alguma coisa que me distraísse de seus braços esticados e dos punhos fechados na parede.

— Por quê? — Ele quis saber, encurtando ainda mais a distância.

Droga, agora eu precisava de algo para me distrair do cheiro dele.

— Porque esse lance de "senhorita Olívia" é cafona — menti.

Eu achava lindo demais (adoro romances de época! Por isso, acho que dá para você ter uma noção do quanto eu gosto do "senhorita Olívia"). Sei que ele começou a me chamar assim por mero formalismo, mas depois virou algo diferente, como uma espécie íntima de vocativo. E era tão excitante ouvi-lo me chamar daquele jeito...

— Engraçado, tenho a impressão de que você gosta, senhorita Olívia. — Dessa vez, ele se curvou para dizer o "senhorita Olívia" em meu ouvido.

O hálito úmido acariciou minha pele, deixando todo o meu corpo molengo e quente.

Max beijou a região abaixo da minha orelha e voltou a descer pelo pescoço, perguntando entre os beijos:

— Não gosta?

Não consegui responder. Só inclinei a cabeça, abrindo mais espaço para aquela tortura gostosa.

— Preciso de uma resposta, senhorita Olívia, ou vou parar com isso aqui — ameaçou, e deu um beijo ainda mais delicioso, deixando a língua tocar minha pele.

Meus mamilos ficaram duros feito pedra, e o clitóris pulsou feito louco. Não queria que ele parasse de jeito nenhum.

— Gosta ou não gosta?

— Eu...

Ele aumentou a sucção, e eu deixei um gemido escapar.

Max apalpou meu peito esquerdo, pressionando o mamilo intumescido com o polegar enquanto direcionava a boca para o meu rosto. Beijou o canto do lábio, sugando uma parte diminuta para dentro.

— Gosta ou não gosta, senhorita Olívia? Não vou perguntar de novo — alertou, olhando em meus olhos.

Suas belíssimas íris me encararam, ameaçadoras.

— Gosto, Max. Gosto, caralho — assumi de uma vez, doida para que ele continuasse.

— Boa menina — aprovou, roçando os lábios nos meus.

Tomei a iniciativa do beijo e senti seu sorriso em minha boca. Provei seus lábios espantosamente macios, e ele acompanhou os movimentos da minha língua. Espalmei as mãos em seu peito, e ele mergulhou as dele em minha nuca, tomando meu rosto inteiro. Sua pele era tão firme... Suas mãos, tão quentes e possessivas...

Max pressionou meu corpo contra a parede e intensificou o ritmo do beijo. Devorávamos a boca um do outro como se o mundo estivesse acabando. E eu queria que acabasse. Mas o que acabou mesmo foi o beijo. E muito repentinamente.

Ele se afastou com um sorriso insolente no rosto, limpando o canto da boca com o polegar, como se estivesse limpando um filete de sangue oriundo de um soco no queixo.

— Parabéns, prima. Nota oito pelo desempenho — pirraçou.

— Eu daria sete pra você, primo — contra-ataquei, secando a boca com força, usando o dorso da mão.

Eu não conseguia acreditar! Era só isso? Ele ia me deixar ali, daquele jeito, morrendo de tesão, depois daquele beijo megagostoso e avassalador?

— E acho que o seu pau discorda da sua avaliação — completei, observando o volume poderoso em sua calça manchada.

— A gente pode fazer um tira-teima. Você me chupa, e eu decido se o seu boquete merece uma pontuação melhor. O que você acha? — sugeri, com uma expressão convencida estampada no rosto diabolicamente simétrico.

Nossa! É claro que eu queria chupar aquele cacete todo! Mas preferia morrer a dar aquele gostinho a ele!

— Não estou interessada, obrigada. — Cruzei os braços e virei a cabeça, como se tivesse cinco anos de idade.

— Ah, prima, assim você acaba com o ego do seu primo favorito. Essa sua boquinha linda merece uma chupeta. — Ele se inclinou, trouxe o meu queixo para si e me beijou.

Relaxe os braços sem perceber, e logo estava com os dedos entrelaçados em seu pescoço. Max me puxou pela bunda, aproximando-me ainda mais de seu corpo. Aquele pau volumoso machucou minha barriga de um jeito escandalosamente bom.

— Vem, a gente vai foder gostoso. Não aqui. Na minha casa. — Ele interrompeu o beijo e falou no meu ouvido.

Eu estava muito propensa a aceitar. Mas obriguei-me a lembrar o quanto aquela ideia, que parecia perfeita naquele momento, viraria um problemão no meu colo depois. Eu era vizinha de Max e, com certeza, toparia com a namorada dele, eventualmente. E, se eles se casassem algum dia, eu seria a vizinha safada, a ex-foda do marido infiel e devasso da casa ao lado.

Afastei-me abruptamente e soltei:

— Não, Max. E Sofia? — Resolvi colocá-lo contra a parede (embora, é claro, fosse bem mais fácil e muito mais prazeroso *ser colocada* contra a parede).

Tudo bem que ele era uma delícia, coisa e tal, mas tudo na vida tem limites! Já

falei, não sou governada pela umidade na minha calcinha (ainda que, devo dizer, estivesse tão inacreditavelmente molhada que eu já não tinha tanta certeza se podia confiar no meu autocontrole).

— O que tem ela? — ele perguntou, como se dissesse: "nada a ver, que loucura!".

— Você é inacreditável, Max! — bradei, começando a sentir um nojo visceral (tá, nojo, nojo, não. Talvez, só um pouquinho de indignação com a cara de pau dele).

— Ah, é claro que ela não vai passar a noite comigo hoje, prima! Sem neuras. Já disse, Sofia vai dormir na casa de uma amiga dela — ele explicou, na maior tranquilidade.

Meu Deus, quanta sordidez! Que filho da puta desavergonhado!

— Max, não vai rolar. Nem hoje, nem nunca. Você poderia, por favor, desaparecer da minha frente?

— Posso perguntar por quê? — Ele ousou questionar.

— Meu Deus, Max! Porque você é um cínico depravado! Um adúltero obsceno! Por isso! — gritei.

— Cínico, depravado e obsceno, com certeza. Mas adúltero? Acho que não, prima. — Lá estava ele, sorrindo como o diabo mandou.

Que raiva daquele sorriso debochado de uma figa! Aquela expressão devassa merecia ser desfeita com um belo tapa!

— É o seguinte, Max, eu não sou como essas mulheres que você come debaixo do nariz da sua namorada. Nada contra, cada um vive de acordo com a própria consciência, mas eu não sou assim, e não coaduno com esse tipo de coisa imoral. A chifruda da Sofia estava lá embaixo, tomando sol, enquanto você, seu filho de uma mãe, fodia uma puta escandalosa, que alertou a vizinhança inteira sobre as suas habilidades sexuais! A sua sorte é que a sua namorada estava ouvindo música! Ou com certeza teria flagrado aquele filmezinho pornô escroto que você e sua *amantezinha* pareciam estar gravando praticamente dentro do meu quarto! Eu acharia excelente se, por vingança, Sofia cortasse fora o seu pau! Você não vale um centavo, seu cretino! Sai daqui, Max! — Aproximei-me o bastante para empurrá-lo (para tentar empurrá-lo, pelo menos).

Mas ele começou a gargalhar. E ficava tão lindo rindo daquele jeito que só o que eu fiz foi assistir. Quando a crise de riso passou, ele olhou para mim e disse, tentando não rir:

— Tenho que te contar uma coisa, prima. Nem sei por onde começar... Sofia... Ela... Bem, ela não é minha namorada.

— Não? — perguntei, surpresa.

— Não. É minha esposa.

Meu queixo caiu.

Meus olhos esbugalharam-se.

Fiquei lívida.

Como assim?

É claro! Eles podiam ser pessoas casadas que moravam em casas separadas! Por isso ele disse que ela não dormiria com ele naquela noite! Porque não era dia de dormirem juntos. Como eu não cogitei isso antes?

Mesmo assim, ele devia respeito e fidelidade a ela, não devia? Meu Deus, Max era mais ordinário do que eu pensava! E o que a nova informação fazia de mim? Eu tinha pegado no pau do cara (dado uma apertadinha, só! De leve!) e deixado que ele me beijasse (só duas vezes! Quero dizer, na boca formam só duas vezes. Os beijos no pescoço contavam? Droga, contavam, sim! Tudo contava!). Até fiquei tonta.

Max recomeçou a gargalhar. Riu tanto que logo estava dobrando o corpo, apoiando-se nos joelhos.

— Você é um escroto, Max. Acha que mulher nenhuma é imune a essa sua beleza diabólica? Pois está redondamente enganado, meu filho! Anda, some daqui, seu cafajeste!

Ele riu mais um pouco e tirou o celular do bolso, um iPhone novinho de última geração (nota mental: nunca atender meu telefonezinho antigo de teclado se Max estiver por perto).

Meu primo postiço digitou alguma coisa no celular e colocou o telefone no ouvido, ainda rindo.

— Oi, Sofia! — Max usou aquele tom diferente de novo. O devasso ficava lindo falando daquele jeito doce. — É, eu sei, minha linda. Desculpa atrapalhar. — Gente, ele estava mesmo ligando para a esposa na minha frente? — Adivinha quem quer falar com você, Souf? Não, meu anjo, não é Lili. É a prima Olívia! Juro! Vou passar pra ela — ele falou, todo animado, e me estendeu o telefone, apertando os lábios para não rir.

Sério, Max tinha algum problema. E eu estava começado a achar que era mental.

— Tá louco? Eu não vou falar com a sua esposa, seu demente! — eu disse, afastando-me do aparelho como se estivesse contaminado.

— Atende logo, porra, e acaba com essa merda. Minhas bolas já estão doendo, Olívia. — Ele se aproximou e colocou o telefone na minha orelha.

Balancei a cabeça veementemente. Eu não ia falar com a mulher dele!

Max tirou o celular do meu ouvido e apertou alguma coisa. Então disse:

— Souf, você está aí?

— Tô, tio Max! Cadê a Olívia? — Uma voz infantil saiu do celular.

Tio Max?

— Olívia está meio tímida, meu anjo. Diga a ela quantos aninhos você tem. Coloquei no viva-voz pra ela ouvir você — ele falou, olhando fixamente em meus olhos.

— Oi, Olívia! Eu tenho seis! E você? — A voz suave da garotinha preencheu a sala.

Eu estava sem fala. E Max sorria presunçosamente para mim.

— Oi... Sofia. — Forcei-me a falar, limpando a garganta. — Eu tenho vinte e quatro.

— O tio Max tem vinte e sete! Ele é grandão. É verdade que você é minha prima?

Max soltou uma risada. Eu o recriminei com os olhos.

— É, sou, sim — falei.

Como é que eu ia dizer que não?

— Ah, que bom! Você é a minha primeira priminha! Você também é prima do tio Max, Olívia? — perguntou.

Max riu de novo.

— Sim, Souf. A Olívia é nossa priminha — ele se aproximou e apertou minha bunda enquanto dava um beijo no meu pescoço! (você leu certo!).

— O tio Max disse que você é muito bonita! E que o seu cabelo é de princesa — prosseguiu Sofia, alheia à depravação do tio.

Foi a minha vez de rir. Cabelo de princesa?

— É mesmo? E como é o cabelo de uma princesa? — perguntei, fugindo dele, sem desviar os olhos de seu rosto.

Max nem parecia constrangido. Como ele conseguia ser tão descarado? Aliás, minha bunda estava formigando, pedindo mais uma dose de mão-de-Max.

— É lindo e grande! Ele disse que o seu é escuro que nem céu de noite. E mais brilhante que céu estrelado, lindo igual ao de uma princesa.

Olhei para Max outra vez. Agora, sim, ele parecia levemente desconcertado.

— Você pode ser a Princesa Jasmine! Eu gosto dela, ela tem um cabelo grandão — continuou Sofia.

Eu ainda estava meio derretida pelo lance do cabelo de princesa, confesso. É claro que eu sabia que ele tinha usado uma linguagem infantil para falar com a sobrinha, mas mesmo assim. Max tinha reparado no meu cabelo!

— Tá bom, Souf, agora diga tchau à senhorita Olívia — interrompeu ele.

— Ah, por que, tio Max? Eu ainda não terminei de conversar! — a menina reclamou.

— Porque a prima Olívia vai fazer uma coisa pro tio Max agora — ele falou, piscando um olho para mim.

— Que coisa? — Sofia quis saber, é claro. Quem não conhece curiosidade de criança?

— Descabelar o palhaço do tio Max — meu vizinho gostoso respondeu, segurando o riso.

Olhei para ele completamente estupefata!

— Que palhaço? — Sofia insistiu. — E por que ela vai descabelar o bichinho?

Coloquei a mão na boca para não rir. Fiz força para não deixar o riso escapar. Meu Deus, Max era doido!

— É um palhaço grandão, Souf. Ele gosta de ser descabelado — improvisou, sorrindo maliciosamente para mim.

— Que estranho. Você pode me mostrar amanhã como ele ficou? — Sofia pediu.

— Hum, acho que não, meu anjo — ele falou, mordendo o lábio para conter uma risada.

— Ah, por favor, tio Max! Pede pra ele me mostrar, Olívia! — A garotinha me recrutou.

Sabe como é, né? Garotas unidas jamais serão vencidas! *Girl Power* e tal.

— É, tio Max, o que é que tem? Mostra o palhaço pra ela amanhã! — falei, misturando palavras e risadas.

Ele me fuzilou com aquelas íris perfeitas.

— Tá bom, Souf, eu mostro. Agora o tio Max vai desligar.

— Viu. Você vem me buscar amanhã aqui na Duda? A mamãe disse que vou passar o dia todo na sua casa! Meu maiô já tá na mochila, tio Max! Você prometeu que ia me ensinar o nado borboletinha!

Max olhou para mim, meio constrangido. Ai, que fofo que ele ficava meio envergonhado!

— Tá, Sofia. Busco você amanhã de manhã.

— Traz a Olívia! E o palhaço! Não esquece! — ela deu um gritinho entusiasmado.

Não aguentei, caí na risada. Max também queria rir, mas encerrou a conversa:

— Pode deixar, Souf. A Olívia vai junto, segurando o palhaço. — Ele me lançou um sorriso sacana. — Boa noite, meu anjo. Durma bem. Beijinhos no nariz.

— Boa noite, tio Max. Beijinhos no nariz. Boa noite, Olívia.

— Boa noite, Sofia.

Max desligou o telefone e me encarou.

— Pronto, prima? Mal entendido resolvido? Caralho, de onde você tirou que Sofia era minha namorada?

Eu ainda estava absorta, perdida no fim da conversa. "Beijinhos no nariz" era

a coisa mais fofa que eu já tinha ouvido na vida! Eu queria beijá-lo imediatamente, mas me recompus, porque ainda precisava esclarecer algumas coisas.

— Por causa do seu telefonema mais cedo. Você a chamou de "minha linda" no celular! — expliquei.

Ele gargalhou.

— Essa é a piada do século, porra! Só Souf é "minha linda". Eu jamais chamaria uma mulher assim.

— Por que não? — indaguei sem entender.

— Levo os pronomes possessivos a sério. "Minha linda" é íntimo demais. Não quero esse nível de intimidade com mulher nenhuma. Mas a raiz do seu erro, prima, foi supor que eu tivesse uma namorada. Max Vetter não namora — sentenciou ele.

— Excelente, primo. Olívia Dutra também não — falei, esbanjando contentamento.

Ótimo. Era perfeito! Max era um cara totalmente desimpedido. Ou seja, completamente livre para transar comigo! Pouco me importava se ele transava com outras. Eu só queria experimentar aquele corpo maravilhoso uma vezinha. Depois, se fosse bom e rolasse de novo, amém, maravilha! Mas não passaria de sexo casual! Eu não queria um cara para esquentar a minha cama com habitualidade ou para me comprar chocolates ou para me dar uma flor de vez em quando. Eu queria transar com caras gostosos, e só.

De novo, eu me sentia como o Charlie com o cupom dourado na mão! E, no caso, o meu cupom era mesmo dourado! Um deus-diabo de ouro para eu idolatrar só por umas horinhas.

— Não namora? Sério? — ele perguntou com incredulidade.

— Seríssimo. Por que a surpresa? — Eu quis saber.

— Sei lá, talvez porque a maioria das mulheres solteiras está à caça de namorados bonzinhos e fiéis, coisa tão real quanto o coelhinho da Páscoa. E também porque você, apesar de agora eu saber que não é, tem cara de santinha que namora, o que, devo dizer, é um dos motivos de eu estar tão louco para te comer, prima.

— Você ainda estaria interessado se eu tivesse um namorado? — perguntei, só para testar o nível de devassidão dele.

Max deu uma risada.

— Aí eu estaria ainda mais interessado!

Fiquei levemente chocada, mas me limitei a responder:

— É, já percebi que você não tem escrúpulos quando o assunto é boceta, Max.

— Porra, quer me matar, cacete? — Ele sorriu e se aproximou para me

agarrar.

— Pois nunca tive um namorado — interrompi sua aproximação com uma mão espalmada. — E não estou nem um pouco interessada em ter. Nunca. Caça de namorados bonzinhos e fiéis não está no meu rol de esportes praticáveis. Quero só sexo suado e selvagem. Nada mais — afirmei, soando bastante convicta e enfática.

— Puta que pariu, você é perfeita. Já te amo, prima! — ele disse e, enlaçando a minha cintura, começou a me beijar.

Na verdade, recomeçou a sessão de tortura. Eu logo estava toda derretida em seus braços.

Ele se afastou um pouco e puxou a barra da minha blusa. Levantei os braços, e Max sorriu, subindo a regata até passá-la pela minha cabeça. Eu estava usando um sutiã rosa-claro, que, graças a Deus, era novo e não destoava da minha calcinha, que não fazia conjunto, mas era do mesmo tom, e de renda.

Agradei mentalmente a minha tia Ercília, porque decidi usar tudo rosa só por causa dela. Do contrário, eu provavelmente estaria usando um sutiã preto e uma calcinha azul. Ou um sutiã branco e uma calcinha verde.

Um ponto a ser destacado: quase não gasto dinheiro à toa com roupas. Mas minhas *lingeries* são sagradas, porque posso estar descombinada, mas não saio de casa usando nada velho. Nem para ir à padaria! Nunca se sabe quando a gente vai encontrar um gato de bobeira pelo caminho. Não estou dizendo que não tenho calcinhas velhas, claro. Todo mundo tem seus trapinhos, mas uso os meus só no conforto da minha casa! Comecei a me prevenir depois de ter que recusar uma transa com um cara lindo só porque estava usando uma calcinha rasgada e com o elástico meio frouxo. Amiga, fica a dica: invista nas roupas de baixo! São a chave do poder! Dizem que homem não repara, né? Mas você vai pagar pra ver? Agora, suponhamos que você, sabe-se lá por que, use um cinto de castidade (está perdendo muita coisa, viu, querida? Pau é vida). Nesse caso, quer outro motivo para não sair de casa desprevenida? Vai que você morre na rua? Os caras do IML vão rir da sua calcinha molambenta!

Max jogou minha blusa no chão e parou para analisar a vista.

— Porra, que delícia de peitos você tem, prima. — Ele apalpou os dois, manuseando meus mamilos por cima do tecido fino do sutiã e provocando uma onda elétrica que dominou meu corpo inteiro.

Então me puxou mais para perto e abriu o fecho com uma das mãos, enquanto a outra incendiava minha nuca durante um beijo faminto.

Ele parou de me beijar e passou as alças da peça lentamente pelos meus braços, sem perder um segundo do momento.

Confesso que fiquei surpresa. Achei que ele fosse começar bem selvagem,

sem apreciar nada, arrancando minha roupa de uma vez e metendo tudo sem dó. Mas ele parecia querer fazer as coisas com calma, e aquilo estava me deixando ainda mais excitada.

— Caralho, eu estava certo sobre eles. Nunca erro — ele disse, preenchendo-os com ambas as mãos, acariciando minha pele com vontade.

Quase morri. Meus mamilos estavam sensíveis e sedentos pelo toque, implorando que ele os chupasse.

Foi o que ele fez. E, meu Deus, que delícia...

Apertei sua nuca com força, sentindo a maciez de seus fios curtos nas pontas dos dedos. Eu não estava aguentando de tesão.

De repente, ele parou e puxou a camiseta cinza pela cabeça, brindando-me com a visão de seu tórax nu. Santo Deus, sentindo a calcinha encharcar, passei os dedos em seu peito, descendo-os até as ondulações do abdome. Desci mais um pouco e pousei-os no volume em sua calça. Eu precisava ver logo aquilo. A ansiedade estava me matando. Comecei a abrir o zíper, mas ele me impediu:

— Ei, ei, você está muito apressada, prima — falou, sorrindo daquele jeito devasso.

Desgraçado! Ele estava fazendo de propósito!

— Porra, Max, você sabe ou não sabe comer uma mulher? Tem ou não tem um pau aí dentro? — perguntei, sem esconder minha impaciência.

— Nossa, que delícia, priminha... Você fica ainda mais gostosa assim, toda impaciente, pedindo rola... — Ele usou um tom altamente provocativo.

— Como você é irritante... — comentei, morrendo de vontade de esbofeteá-lo, mas prendendo o riso.

— *Shhhh* — ele murmurou, grudando a boca na minha. — Agora tira esse shortinho pra mim, tira. Quero ver se a minha imaginação hoje cedo fez jus à sua bunda. — Max falou entre os meus lábios, já desabotoando meu botão.

Movimentei as coxas para fazer o short descer e ele se afastou para observar.

— Prima Olívia, bem-vinda à família — disse, girando-me assim que me livrei dos *jeans*.

Então ele mudou completamente de postura, me jogou no sofá, e, em segundos, já tinha descido minha calcinha e se ajoelhado no chão. Ele abriu as minhas pernas e pressionou o polegar no meu clitóris, subindo o corpo para falar em meu ouvido:

— Que delícia de boceta que você tem, senhorita Olívia.

Eu estava com a cabeça pressionada ao assento, completamente entregue. Os movimentos que ele fazia estavam me tirando de órbita.

Max começou a chupar meus peitos enquanto enfiava os dedos na minha entrada molhada, fazendo deliciosos movimentos de vai-e-vem. Logo ele estava

socando, atingindo o ponto exato que me fazia delirar. O polegar continuava trabalhando estratégica e avidamente, e palavras desconexas e gemidos altos escapavam pelos meus lábios.

Ele me beijava em todo lugar. Nos peitos, no pescoço, no rosto e na boca. Eu não fazia ideia de como ele conseguia se mexer tanto e se concentrar em todos os movimentos ao mesmo tempo. Mas estava tão maravilhoso que eu já podia sentir o orgasmo se avolumando.

— Toda molhadinha, que gostosa... Goza pra mim, priminha, goza.

Foi a gota d'água. Gozei forte na mão dele, gritando seu nome sem parar.

— Isso, sua safada. — Ele me beijou, engolindo boa parte dos meus palavrões.

Então Max se levantou e abriu o zíper da calça, descendo-a junto com a cueca preta. E eu, que ainda estava vendo estrelas, consegui arregalar os olhos quando vi aquele material todo.

Caralho! Eu suspeitava que o diabo tinha caprichado, mas aquilo era... Eu nunca tinha visto um pau tão poderoso! Era lindo, uma verdadeira obra de arte! A coroa rosada, opulenta e maravilhosa, pedindo uma boa lustrada; o comprimento admirável cheio de veias grossas de dar água na boca e a espessura impressionante, muito convidativa. As bolas, meu Deus, o que eram aquelas bolas? Grandes e redondinhas. Pareciam pesadas, e eu já estava morrendo para sentir o peso na mão. Os pelos eram curtos e loiros, uma coisa linda. O cacete de Max estava majestosamente ereto, em toda a sua glória. Aquilo era um pau. O resto era projeto. Depois do meu vizinho gostoso, eu tinha certeza de que nunca mais olharia para a rola de outro cara do mesmo jeito. Os paus de todos os homens que eu conhecesse dali em diante seriam, inevitavelmente, comparados àquela obra monumental que estava na minha frente. Todos os que eu conheci já estavam sendo comparados mentalmente, e todos perdiam (e olha que eu já transei com uns caras bem-dotados ao longo desses quatro anos. No caso de Max, não era só pelo tamanho — ele era bem grande e deliciosamente grosso —, mas também pela beleza do instrumento como um todo).

— Porra. — Foi só o que eu consegui dizer, boquiaberta, antes de tocar aquela ferramenta maravilhosa.

Ele deu um sorrisinho convencido, é claro. Um que já devia ter dado um bilhão de vezes naquela mesma situação. E quem poderia culpá-lo, tendo um cacete tão suculento?

Não esperei nem um segundo a mais. Agarrei o bicho e comecei a manusear. Meu Deus, como era quente! Que delícia de rola! Como Deus estava sendo bom comigo! Eu estava tão fascinada que até consegui agradecer aos Céus pela inserção do diabo personificado na minha vida. Eu ia me esbaldar tanto!

Naquele momento, é claro, eu estava cega. E não fazia ideia do tamanho da armadilha que o Cabrunco (o chefe do Max) estava preparando para mim. O Rabo-de-Seta sabe trabalhar! Enche os nossos olhos de fascínio ao dar exatamente o que a gente deseja para depois puxar o nosso tapete. Todo mundo sabe disso. E o meu tapetinho cor-de-rosa, minha amiga, aquele mesmo em que o meu primo postiço *tesudo* estava pisando naquele instante, seria puxado em breve. Mas calma, a gente chega lá.

Agora voltemos ao momento glorioso da minha transa com Max, que foi, também, o prenúncio da minha desgraça.

Abocanhei aquela maravilha, deixando minha língua se arrastar pela superfície macia e aveludada da cabeça do pau do meu vizinho. Ele soltou um gemido e começou a tagarelar (porque não seria o Max se não houvesse linguajar obsceno o tempo todo):

— Vou foder essa sua boquinha gostosa inteira, sua vagabunda.

Meu clitóris latejou de alegria. Acariciei seu saco portentoso e engoli mais alguns centímetros de felicidade sólida, pressionando os lábios, usando a língua e puxando tudo para cima.

Max tinha gosto de morango quente, e aquela coroa rosada me dava vontade de morder e arrancar um pedaço, que, no caso dele, nem faria falta (eu sei que às vezes a gente quer morder, amiga, mas dizer isso a um cara é muito amorismo. Jamais diga que quer "arrancar um pedaço". A menos que você queira que o sujeito broxe na hora).

A cada nova investida, eu tentava ir além, para chupar mais de sua extensão. A cabeça já alcançava minha garganta, mas ainda havia muito pau sobrando. Logo o filho da puta estava estocando, fodendo a minha boca enquanto agarrava meu cabelo:

— Que delícia, prima! Isso, sua puta, toma mais.

E ele metia, gemendo e me fazendo engasgar. Nossa, e a expressão dele? Eu não perdia um segundo sequer. Mantive meus olhos encarando seu rosto, completamente obcecada pelas linhas do cenho franzido. Seu lábio avermelhado e mordido estava me tirando do sério. Eu já estava possesa, gotejando de tesão.

— Tá gostando, priminha?

Que desgraçado! Mantive o contato visual e tentei assentir. Ele sorriu de um jeito que... Meu Deus do céu.

Eu sempre amei chupar rolas (como não amar?), mas aquela experiência com Max estava me deixando doida!

— Vamos ver agora o que você acha do meu pau na sua boceta.

Dizendo isso, ele tirou o cacete da minha boca e me colocou de pé. Mas, antes de fazer qualquer coisa, ele me puxou, apalpando gostoso a minha bunda, e

tascou um beijo violento na minha boca, mergulhando a língua e enlaçando-a na minha com vontade. Foi um beijo ávido e urgente. Uma delícia. Meus peitos pressionados em seu peitoral, sua ereção molhada em posição vertical contra a minha barriga.

Ele interrompeu o beijo de repente e me colocou ajoelhada no sofá, de frente para o encosto. Apoiei as mãos, abri bem as pernas e empinei a bunda. Ele se aproximou por trás e se inclinou sobre mim, beijando meu pescoço e espalhando a mão na minha boceta, trazendo umidade para massagear o clitóris.

— Porra, priminha, molhada desse jeito você me deixa louco.

Max foi dando beijos no meu ombro, espalhando um rastro quente e úmido pelas minhas costas, até chegar à base da coluna. Correntes elétricas deliciosas varreram minha pele, deixando as coxas sensíveis e as pernas fracas. O devasso devia saber exatamente disso, porque em seguida apalpou minha bunda com as duas mãos, causando uma tortura insuportavelmente gostosa no início das minhas coxas, me fazendo gemer alto. Pude visualizar seu sorriso sacana.

— Essa sua bunda, prima... — ele disse, e começou a acariciar minha pele com o pau.

Eu queria tanto que ele metesse logo!

— Max...

— Oi, vizinha — ele se inclinou e respondeu rindo no meu ouvido, deixando o pau descansar na linha divisória da minha bunda.

Eu sabia que ele queria que eu implorasse, o cretino estava me torturando de propósito, eu tinha certeza disso. Mas, por mais que eu ansiasse por aquela monstruosidade toda entrando e saindo de mim, eu não ia implorar. Jamais. Fiquei em silêncio, respirando com certa dificuldade.

— O que foi, senhorita Olívia? Precisa de alguma coisa? — ele perguntou, usando o tom de voz dos que sabem exatamente o que você quer.

O problema é que aquela voz pretensamente ingênua era excitante demais.

— Anda logo, desgraçado — soltei.

Ele deu uma risada e beijou meu pescoço enquanto descia a mão para ficar me estimulando, acariciando, massageando.

— Não sei do que você está falando, prima.

Que droga, ele estava me matando! Filho de uma puta!

— Coloca a porra da camisinha e me come, Max — rugi.

— Camisinha? A gente vai foder sem, prima, bem gostoso. Do jeito que o diabo gosta.

Ele só podia estar brincando! *Jamé*. Virei o pescoço para encará-lo, e ele soltou uma gargalhada.

— Ih, prima! Relaxa. Brincadeira.

E então se afastou, abaixou até as calças no chão e tirou um preservativo do bolso. Graças a Deus. Quero dizer, é claro que eu queria sentir a pele pulsante de Max sem nada, mas transar sem camisinha estava fora de cogitação. Primeiro, porque dou valor à minha saúde, obrigada. Segundo, porque eu estava há um tempo sem tomar meu anticoncepcional. Inclusive, precisava comprar uma cartela o quanto antes.

Depois de testemunhá-lo colocando a camisinha, eu me virei novamente, toda ansiosa. A diversão ia, finalmente, começar!

E teve início com outra brincadeira de Max, claro. Ele insinuou a cabeça do pau na minha entrada virgem.

— Vai ser cuzinho, né, prima? — falou, tentando parecer sério. Mas o traço do riso estava presente em sua voz grave.

— Max, para de palhaçada, e me come logo, pelo amor de Deus!

— Nossa, prima, achei que você nunca fosse implorar! — ele disse, me fazendo perceber que eu tinha, de fato, implorado.

Nem tive tempo de amaldiçoar, porque, no segundo seguinte, ele já estava dentro de mim.

— Ahhhhh... Max... — Revirei os olhos.

— Gostoso, né, sua puta?

Ele foi se acomodando, enfiando devagar. A sensação de preenchimento nunca tinha sido tão incrível. Enquanto afundava cada vez mais, ele acariciava minha bunda, puxando o ar entre os dentes.

— Prima, prima... — Ele apertou minha pele e meteu mais forte.

Senti uma leve sensação de incômodo, mas aguentei o tranco. Mexi um pouco o corpo e encontrei o ângulo perfeito. E, então, Max continuou a meter, e eu comecei a gemer (talvez ainda mais alto que a moça de horas atrás).

— Que vontade de enterrar tudo nessa sua boceta apertada, prima. Você acha que aguenta? — ele falou, entrando e saindo, e repetindo o ciclo, me deixando louca.

O quê? Ainda não tinha ido tudo? Eu já estava me sentindo completamente preenchida!

Assenti, embora não estivesse completamente certa de que era uma boa ideia.

Então, ele enfiou tudo de uma vez, e aí. Meu. Deus. Fiquei sem ar por uns dez segundos.

— Caralho, você acabou de assassinar meu útero — falei, depois de me recuperar.

Ele deu uma risada sacana. Era como se Max estivesse ocupando cada célula do meu corpo. Não sobrara espaço sequer para mim mesma. Era invasivo demais e, ao mesmo tempo, delicioso.

Ele tirou tudo e colocou de novo, devagar. No início, incomodava um pouco mais que agradava. Mas, a cada metida, eu ia me sentindo mais confortável com aquele tamanho todo. E logo ele estava estocando, e eu estava maltratando as paredes da casa com os meus gritos desenfreados.

— Você vai me matar, seu filho da puta! Que gostoso, Max...

— Esse seu rabo é que tá me matando, cadela — ele disse, puxando meu cabelo.

Não sei quanto a você (sei lá, talvez você seja uma feminista radical ou uma protetora dos animais completamente contrária ao uso de termos animaisescos durante o sexo ou, quem sabe, só puritana demais. No último caso, meu conselho: sai dessa vida, amiga, e vem pro lado negro — e gostoso — da força!), mas termos chulos e puxadas de cabelo me deixam ainda mais perto de gozar.

Max acelerou o ritmo, me apertando toda, pressionando-me contra o encosto do sofá. Eu podia sentir suas bolas batendo em minha pele úmida, e a sensação das batidas misturada à imagem que eu fazia daquilo na minha cabeça me aproximava vertiginosamente do orgasmo.

Ele se inclinou e segurou meus peitos, sem parar de meter.

— Gostosa pra caralho — rosnou no meu ouvido, beijando atrás da minha orelha.

Eu estava completamente entregue, muito perto, à beira do abismo. Ele acariciou meus mamilos, caprichando na força das metidas.

— Ai, Max... — gemi, sentindo o tônus muscular indo para o espaço. — Estou quase... Ai, meu Deus, como você... Max, eu vou...

— Isso, puta, goza no meu pau, goza — ele falou no meu ouvido.

E, então, eu gozei. E minha Nossa Senhora das Primas Fodidas, aquilo foi fora de série.

— Aaaahhhh, seu desgraçado... — grasnei, completamente acometida pelos tremores e sensações estupendas do orgasmo, com as unhas fincadas no sofá.

Ele meteu mais duas vezes e urrou, cravando os dedos em minha bunda.

Depois de gozar, exclamou:

— Porra!

Fez uma pausa curta e acrescentou:

— Delícia de gozada. Meu Deus, prima, vou ter que te dar um nove.

Ele me deu um beijo na bochecha e se retirou de dentro de mim. Quando eu me virei, Max já estava retirando a camisinha.

— Seu primo já volta. — Ele piscou o olho e saiu andando.

Fiquei observando-o enquanto ele caminhava até vê-lo desaparecer no corredor. A bunda dele era perfeita. Durinha e redondinha. O devasso devia passar boa parte do dia cuidando daquele corpo, que mais parecia uma escultura

(e o restante do tempo ele devia passar usando aquela máquina de fazer sexo divino).

Levantei-me com as pernas ainda bambas e tentei vestir a calcinha. Mas quase caí, porque as malditas fraquejaram. Apoiei a mão no sofá enquanto lutava para enfiar a perna em uma das laterais. Eu tinha acabado de conseguir vestir quando ele voltou e me abraçou, colando o tórax maravilhoso e suado nas minhas costas.

— Esse seu rabo é uma loucura. Não vejo a hora de comer seu cu, prima.

— Nem fodendo, Max. — Acabei deixando escapar uma risada.

— Ah, vai ser fodendo, sim senhora! — Ele virou o rosto e beijou minha bochecha.

— Tô falando sério — assegurei, inclinando o pescoço.

— Eu também. — Ele beijou o caminho que deixei livre. — Prima, tô com uma puta fome. O que você vai cozinhar pro seu primo favorito? Um *goulash*, talvez? — sugeri, girando meu corpo.

— Max, já te disseram o quanto você é folgado? — indaguei, sentindo a mão coçando de vontade de dar umas bordoadas nele.

Ele soltou uma risada linda. Meu Deus, qual era a necessidade de criar um ser tão bonito? A existência de Max na Terra humilhava a população masculina do universo inteiro! E, puta que pariu, ele precisava mesmo ter nascido tão gostoso barra pauzudo? Não dava para ter sido um pouco mais justo, Senhor? Todo o potencial do Max poderia ter sido dividido em uns vinte caras acima da média! Onde estava a justiça do mundo? (Ah, é, lembrei! Ele foi criado pelo capeta, como um instrumento de corrupção das almas femininas. Precisava ser isso tudo, sim).

Sei que vou parecer bastante superficial agora (talvez eu seja mesmo), mas preciso confessar: eu estava me sentindo muito felizarda por ter transado com ele. Quantas mulheres morreram ou morreriam sem desfrutar daquela dádiva? Por mais mulheres que ele comesse ao longo da vida, muitas coitadas ainda ficariam sem o prazer de, pelo menos, ver um espécime raríssimo daquele completamente pelado.

Mas, apesar disso tudo, apesar de ser irritantemente gostoso, Max sabia ser igualmente espaçoso.

— Se eu ganhasse um real a cada vez que a minha irmã diz que sou folgado, estaria multimilionário — ele falou, rindo.

— Que bom que eu não sou a única que pensa isso, e que ótimo que eu não sei cozinhar! — exclamei, abaixando para pegar minha regata do chão.

— Cacete. Achei que poderia liberar a Lídia e comer de graça na sua casa a partir de hoje — ele disse, fazendo uma expressão séria.

— Pois achou errado. Não tenho talento na cozinha, e muito menos talento

para sustentar macho— avisei, projetando uma imagem mental da tal Lídia, que devia ser a empregada dele. Provavelmente gostosa.

Até comecei a imaginar uma loirona naqueles trajes pornográficos de empregada. De repente, fui me sentindo muito irritada. Como eu não tenho papas na língua (nem tendência a masoquismo), perguntei de uma vez:

— Essa Lídia é gostosa, primo? (acrescentei o vocativo para soar menos como interrogatório e mais como mera provocação).

Ele gargalhou enquanto eu terminava de vestir a minha regata.

— Tá com ciúme, prima? — perguntou, enfiando uma mão debaixo da blusa que eu acabara de colocar.

Max começou a acariciar meus mamilos, que ficaram imediatamente erçados com o toque. Gemi sem querer.

Ele se aproximou e me beijou. Devagar, só com os lábios cálidos e macios, a princípio. Mas logo deixou tudo mais urgente, quando sua língua entrou em cena para me levar à loucura. Ele engolia todos os meus arquejos e gemidos baixos.

De repente, interrompeu o beijo e falou, segurando minha nuca com uma das mãos, mirando meus olhos:

— Vou te foder todinha de novo, prima, lá no meu antigo quarto. Mas, primeiro, vou chupar essa sua boceta (Max espalmou a mão sobre a minha calcinha, incendiando a região inteira) até você gozar gostoso na minha boca. E só então eu vou te comer até liberar toda a porra que eu tiver.

Meu Deus, aquele falatório indecente me deixou mais que pronta. Procurei seu pau e o encontrei em segundos, já completamente duro. Manejei o mastro, e ele me beijou sofregamente. Mas logo finalizou o beijo (com uma mordida deliciosa no meu lábio inferior), curvou o corpo até a calça no chão e começou a fuçar os bolsos. Então tirou de lá outro preservativo, prendeu a embalagem entre os lábios e me pegou no colo.

Foi tudo tão rápido que eu até soltei um gritinho surpreso.

— O que os seus bolsos são? Uma espécie de fonte inesgotável de camisinhas? Tipo uma cartola mágica cheia de incontáveis coelhos prontos para serem libertados? — perguntei, com os braços enroscados em seu pescoço.

Um som escapou de seus lábios enquanto ele alcançava a escada e começava a subir os degraus. Max queria rir. Ele soltou o preservativo na minha barriga e falou:

— Eu fodo mais que um coelho e nunca piso o pé fora de casa em um dia normal sem, no mínimo, cinco, prima. Nunca se sabe quando a gente vai encontrar uma vizinha gostosa numa sorveteria.

Dei um sorriso e beijei seu maxilar áspero. Meu rosto estava meio ardido dos beijos de Max, mas era delicioso sentir sua barba loira e curta pinicando a minha

pele enquanto nos beijávamos.

Quando chegamos ao quarto ele me colocou sobre a cama.

— Nunca transei aqui, sabia, prima? — disse, inclinando-se sobre mim.

— Fico muito aliviada em saber disso, Max — falei, sentindo um alívio genuíno, apesar do tom irônico.

— Gosto do jeito que o meu nome soa nessa sua boca carnuda — revelou, mordendo meu lábio. — Gosto do jeito que o meu pau se encaixa à sua boceta. Gosto de perceber o quanto você está molhada — finalizou, enfiando dois dedos na minha entrada depois de afastar minha calcinha para o lado.

— Gosto do jeito que você me fode. Gosto do quanto você me deixa molhada — confessei em seus lábios quentes.

Ele me deu um beijo na boca e foi descendo, mordendo meu pescoço, beijando minha clavícula, meus peitos e meus mamilos. Sua língua habilidosa ia provocando arrepios e arrancando gemidos.

— Huuuum... Você é tão gostoso, Max... Por que você é tão gostoso? — falei, meio ébria, completamente relaxada, e muito, muito excitada.

Senti seu sorriso devasso na minha barriga e suas mãos nas laterais da minha calcinha. Ele a puxou pelas minhas coxas enquanto beijava minhas dobras úmidas, dando pequenas sugadas e plantando beijos lascivos em minha pele. Max passou o pedaço de renda cor-de-rosa pelas minhas pernas e, depois de atirar a calcinha de qualquer jeito no chão, acomodou-se, posicionando a cabeça loira entre as minhas coxas.

— Sua boceta é linda, prima. — Ele massageou o clitóris com o dedo médio.

Soltei um gemido lento, e ele falou:

— Esses seus gemidinhos são uma delícia. Geme mais pro seu primo, geme.

— E, então, ele deu um beijo bem no centro, sem usar a língua.

Por que ele precisava ser tão cruel?

— Ai, Max... Por favor...

— É só pedir que eu dou, gostosa.

— Língua, por favor... — implorei.

— Que prima afobada que eu tenho... — O safado foi mordiscando e sugando as laterais, afastando-se de propósito.

A minha vontade era de bater nele, de tanta impaciência. Contorci as pernas com violência involuntária, e ele espalmou as duas mãos nas partes internas das minhas coxas, levantou a cabeça e rosnou:

— Fica quieta, porra.

Então lambeu da entrada totalmente molhada até o meu clitóris duro e inchado. Soltei um gemido alto pra caralho.

Max começou a chupar e a lamber, a sugar e mordiscar. Eu estava jorrando de

tanto tesão. Meu Deus, o que ele fazia com a língua era inacreditável. Enquanto me chupava, ele enfiava dedos na minha entrada; primeiro dois, depois três. Gozei rápido pra caramba, apertando aquela cabeça linda entre as pernas enquanto soltava palavrões e o xingava de "desgraçado".

Ele tirou os dedos e lambeu um por um.

— Você é uma gostosa de gosto gostoso, prima.

Mesmo depois de ter gozado eu ainda conseguia apreciar o gesto e me sentir completamente excitada pelo som meio rouco de sua voz alterada e, especialmente, pela visão de sua imponência ereta. Eu queria mais.

Max colocou a camisinha e cobriu meu corpo com o dele, beijando minha boca. Era maravilhoso sentir o peso sobre mim, o calor da pele firme, o contato com seus músculos trabalhados.

Ele se enfiou e começou a me comer devagar, entrando e saindo sem pressa.

— Deliciosamente apertada. Vou deixar essa sua boceta toda fodida, toda arregaçada, prima — ele falou, mordendo meu pescoço.

Meu vizinho foi aumentando o ritmo à medida que os meus gritos e gemidos iam se tornando mais altos, escapando pela janela do quarto. Logo ele estava estocando.

De repente, Max me virou de bruços, como se eu fosse uma boneca de pano, e continuou a meter com a mesma intensidade.

— Ai, meu Deus! Isso, Max. Mais, por favor.

— Toma mais rola, sua filha da puta. — Ele entrou com mais força. — Tá pouco, né? Toma mais, vagabunda. — A metida foi ainda mais poderosa, e ele puxou o meu quadril, me colocando de quatro.

Aí foi pau pra todo lado. Max começou a estocar forte, sem dó, metendo tudo.

— Ainda tá pouco, safada? — Ele puxou meu rabo de cavalo, que a essa altura já devia estar todo bagunçado, e a sensação de submissão me deixou ainda mais molhada. Nossas peles começaram a se chocar, e o barulho de nossas coxas se tocando era música em meus ouvidos. Eu podia senti-lo completamente dentro de mim. Aquilo estava me deixando doida, e eu rebojava loucamente em seu cacete delicioso.

— Me fode, seu gostoso.

Max tirou o pau todo e meteu de novo. Repetiu a operação mais duas vezes e me deu um puta tapa na bunda na última, enquanto a cabeça da rola me atingia o mais profundamente possível.

— Filho da puta! — berrei, engolfada pela sensação simultânea de prazer e dor.

Ele alisou o local por alguns segundos e, depois de massagear e apertar, bateu do outro lado, ainda mais forte, sem parar de meter.

— Cachorro *desgraçaaaaaado*! — urrei, rebolando ainda mais.

— Sua escandalosa do caralho! Que sorte que o vizinho não está em casa, né, prima? — ele falou, acariciando o lado mais ardido.

— O devasso deve tá fodendo a vizinha — provoquei. — Ai, meu Deeeeeeus, Max! — gritei, quando ele estocou de novo.

— Fodendo a vizinha bem gostoso, do jeito devasso que ela adora. — Ele saiu e entrou de novo, com força.

Eu já podia ver as estrelas se aproximando.

— Seu puto, seu... Ai, eu... Vou... Maaaaaaaax!

— Isso, vagabunda, grita. Sua gostosa! Ai, caralho... Puta que pariu, Olívia... *Caraaaalho... Scheiße!* — Max gozou e meteu mais algumas vezes enquanto xingava.

Eu estava completamente perdida na sensação incrível do melhor orgasmo do mundo quando ouvi aquele "sháissa!", que devia ser um palavrão. Enquanto saía de dentro de mim ele soltou:

— *Das war ein geiler Fick!*

Obviamente, era alemão, e eu não fazia ideia do que significava. E estava muito inebriada para perguntar. Só me deixei cair deploravelmente na cama.

Segundos depois de retirar a camisinha, ele se deitou ao meu lado. Inexplicavelmente, tudo o que eu queria era sentir seu corpo ao junto ao meu. Por isso, eu me aproximei, coloquei a cabeça em seu braço flexionado e abracei seu torso com força. Mas, quando fiz isso, eu mesma senti a estranheza do ato. Foi um gesto estranhamente possessivo, e acho que Max percebeu e se incomodou um pouco, porque, logo depois, ele se levantou, sem ter normalizado a respiração ainda.

— Preciso ir, prima. Tenho um compromisso daqui a pouco. Pode ficar aí, conheço a saída.

E, então, ele pegou o preservativo usado e a embalagem no chão e caminhou até a porta.

— Até mais ver, senhorita Olívia.

E, com essa despedida propositalmente antiquada, ele deu um sorriso endiabrado e desapareceu.

7. Figurinha repetida não completa álbum (ou completa?)

OLÍVIA

Fiquei com uma sensação esquisita depois que Max foi embora. Mas deixei o sentimento incompreensível escorrer pelo ralo enquanto tomava banho.

Estava tudo certo. Nós transamos, foi ótimo e pronto. Página virada.

Já passava das oito da noite quando saí do banheiro, completamente faminta. Minha promessa de fazer o jantar iria ficar para outro dia.

Em vez de abrir um dos livros de receitas da cozinha, peguei o catálogo telefônico entre eles e liguei para um restaurante chinês.

Comi frango xadrez vendo um episódio repetido de *Arrow* (a TV a cabo de tia Ercília ainda estava funcionando! Provavelmente, pararia de funcionar em breve, o que seria trágico, mas tudo bem, porque, de todo jeito, eu não poderia bancar um luxo do tipo tão cedo. Mas aproveitaria enquanto pudesse!). Pela primeira vez na vida, não consegui achar o ator principal tão bonito assim. O devasso do Max era, acredite se quiser, ainda mais gato. Comecei a gargalhar freneticamente e quase engasguei com um pedaço de rolinho primavera. Eu tinha transado com um cara mais bonito que o Stephen Amell! Inacreditável. #ChupaFelicity!

Troquei de canal poucos minutos depois, porque o seriado, inexplicavelmente, me deixou deprimida. Coloquei em outro, que estava transmitindo uma maratona de *How I Met Your Mother*. Ótimo!

Rodolfo começou a miar ao meu lado, provavelmente querendo um pouco da minha comida. Será que já estava na hora de alimentá-lo de novo? Eu precisava perguntar a Max se ele sabia com que frequência e quanto de ração o gato e a Lola comiam. Eu alimentava a Lully três vezes ao dia, mas não sabia se a quantidade de ração adequada a um maltês (se é que a Lola era mesmo um) era a mesma indicada a um chihuahua.

Por via das dúvidas, eu me levantei e coloquei um pouco de ração para Lola, que estava dormindo em sua caminha na cozinha, e despejei um pouco de comida de gato na vasilha de Rodolfo. Também abasteci os bebedouros com água limpa e filtrada. Afaguei a cabecinha sonolenta de Lola e alisei o pelo luzidio do gatinho. Depois, voltei para os meus episódios.

Assisti até ficar com sono. Acho que vi mais de dez. À meia-noite, desliguei a televisão, bebi um copo d'água, tranquei a casa toda, dei boa noite para os bichinhos, apaguei as luzes e subi. Desfiz a cama e me deitei (não sem antes me

curvar até o colchão um pouquinho para, quem sabe, sentir o cheiro de Max de relance. Mas, como ele só tinha deitado de fato por alguns segundos, não consegui sentir nada, infelizmente).

Fiquei mais de meia hora tentando dormir. Aparentemente, o sono que senti na sala resolvera dar mais uma volta por aí antes de se instalar de vez. Então, tive uma ideia brilhante!

Desci as escadas usando meu short folgado azul-claro e minha camiseta velha favorita e fui Tateando a parede e o corrimão, devagar e no escuro, porque ainda não tinha decorado a posição dos interruptores. Eu sei que talvez você seja uma medrosa, mas eu não sou. Moro sozinha há quatro anos, só tenho medo de rato, barata, sapo e bandido. Fantasmas, assombrações e espíritos demoníacos não me apavoram nem um pouco.

Quando cheguei ao andar de baixo e consegui, com bastante dificuldade, localizar um interruptor, amaldiçoei minha estupidez. Poderia ter levado o celular comigo e iluminado, ainda que fracamente, o caminho.

Andei até a biblioteca, acendi a luz (a claridade do corredor facilitou a tarefa de encontrar o interruptor, que ficava bem perto da porta) e entrei.

Comecei a analisar a encantadora multiplicidade de lombadas coloridas. Deslizei os dedos por elas, rindo como uma lunática. Havia centenas de clássicos, nacionais e estrangeiros. Entre eles, sete edições diferentes só de Orgulho e Preconceito, e todo o restante da publicação de Jane Austen. Havia, inclusive, edições em inglês! Comecei a conversar sozinha, abrindo os livros, cheirando-os, maravilhando-me com as capas e diagramações.

Depois de sentir o aroma de uma infinidade de páginas, imersa em uma espécie de contentamento desvairado, agradei tia Ercília em voz alta e prometi cuidar muito bem daquelas belezinhas. A casa cor-de-rosa me salvara de um futuro nas ruas e da mendicância (estou exagerando um pouco, obviamente), era especialíssima para mim (principalmente porque descobri o quanto aquela construção fofa havia sido importante para tia Ercília), e tinha uma biblioteca incrível. Nem conseguia acreditar que aquilo tudo era meu agora.

Em minhas andanças pelo cômodo, estaquei diante de uma prateleira que quase me fez cair para trás. Meu Deus, só romances de época, publicados neste século!

Eu sabia que tia Ercília era bacana! Tinha que ser minha tia-avó mesmo!

Notei que eu já tinha lido boa parte deles, mas ainda havia um monte de títulos inéditos! Fiquei tão feliz! Escolhi um, terminei de dar uma olhada nos demais exemplares, e corri para o quarto.

Aconcheguei-me ao edredom (que peguei dentro do maleiro do guarda-roupa) e afofei os travesseiros. Acendi o abajur e comecei a leitura.

Já passava das duas da manhã, e eu estava na página 49 (o livro era excelente! Altamente viciante!), muito empolgada com o joguinho provocativo entre o duque e a filha mais velha da viscondessa, quando ouvi risadas altas.

Cerrei os olhos e me concentrei para encontrar a origem do ruído. Percebi que as risadinhas vinham da casa de Max. Tinha que ser, né?

Fechei o livro e fiquei sentada, tentando ignorar o crescente desejo de me levantar para dar uma espiada. Não eram risadas masculinas, se é que você me entende.

Enquanto eu ponderava se me levantava ou não, ouvi um "tchibum!" ensurdecedor, seguido por mais risadinhas. Puxei o edredom e saltei para fora da cama imediatamente, tomando, enfim, a minha decisão. Caminhei até a porta e, durante o percurso, ouvi outro "tchibum!". E mais outro. E um último.

Então afastei a cortina com cuidado e olhei. Não dava para ver muita coisa. Sem pensar duas vezes, girei a chave da porta. Puxei a maçaneta devagar e saí para a sacada, tentando me esconder nas sombras. Mas as luzes da área da piscina estavam acesas, de modo que eu poderia ser facilmente descoberta.

A princípio, não vi nada. Estava tudo calmo e tranquilo. Estreitei os olhos, mirando a superfície da água, e notei as figuras indistintas tremulando no fundo.

A primeira mulher emergiu, passando a mão no rosto. O cabelo estava escuro, mas era perceptivelmente loiro (e, eu tinha quase certeza, tingido). A segunda tinha os fios molhados do mesmo tom. E a terceira mulher era uma falsa ruiva. Por último, Max surgiu na superfície, balançando a cabeça para se livrar do excesso de água.

Não preciso dizer que fiquei estupefata, certo? É claro que não me senti traída, nem nada do tipo, pelo amor de Deus! O que nós dois tivemos foi uma foda rápida e casual, coisa absolutamente saudável e normal, do tipo "goza e cai fora". Leio esses livros românticos, mas tenho perfeita noção do que é real e do que é mera fantasia. Sei distinguir com nitidez o que é realidade e o que não passa de uma história criada pela mente inventiva de uma pessoa na solidão de madrugadas insones. Não é porque suspiro no final das histórias de amor que espero que aquilo aconteça na minha vida. Na verdade, eu nem quero. Sou muito prática para esse tipo de coisa. Só sei lidar com lágrimas, drama e sofrimento amoroso no papel, nas páginas dos livros, onde é tudo belamente planejado e perfeitamente controlado pelos dedos do escritor trabalhando nas teclas de um *notebook* qualquer madrugada adentro. Já chorei demais pelo Thomas. Estourei minha cota de penitência, de modo que nunca mais vou chorar e sofrer por outro cara. Prefiro morrer.

Por isso, em vez de me sentir apunhalada, ferida e desprezada, eu fiquei só atônita mesmo. O cara era insaciável. Que loucura! Três? Contando comigo e

com a escandalosa do cômodo da parede de vidro, foram cinco, só hoje. E que eu saiba. Isso porque ele provavelmente trabalhou a tarde inteira. Max não ficava cansado? Quando ele dormia?

Preciso destacar um ponto: sou bem liberal, estou longe de apreciar falso moralismo, e acho que tudo, desde que consentido e com respeito aos limites pessoais de cada um, é válido ao ar livre ou entre quatro paredes. Não recrimino orgias (embora nunca tenha participado de uma), *ménages* (embora nunca tenha feito) ou qualquer outra coisa que envolva mais de duas pessoas (*swing*, bacanal, suruba, *whatever*). Mas, pessoalmente, acho esse tipo de coisa meio "ugh!". Se eu transaria com dois caras ao mesmo tempo? Até com três, desde que o meu cu estivesse fora da jogada (nada contra o sexo anal, amiga. Mas nunca tentei, nem estou disposta, obrigada). Mas um cara com três mulheres de uma vez? Acho nojento. Hipocrisia da minha parte? Com certeza! Pode me crucificar! Pegue o seu martelo, me joga na cruz e comece a martelar (então martela, martela, martela o martelão! Só aceito esse tipo de martelada!).

Ali estava eu, vendo uma das mulheres beijar Max, enquanto as outras duas esperavam a vez em torno dele, acariciando-o todo, por fora e por dentro d'água (de novo, se é que você me entende). É claro que o meu estômago embrulhou.

Preciso dizer que estavam todos pelados? Dispensável, né? A ruiva (que tom pateticamente berrante era aquele? Acaju de Puta. Devia ser esse o nome da tonalidade da porra da tinta) tinha tetas tão grandes e tão artificiais que eu tive vontade de vomitar ali mesmo (mas muito maior era a minha vontade de espetar aquelas bolotas de silicone e, de quebra, incendiar aquele cabelo ridículo cor-de-puta).

Como ele era sórdido! Cretino miserável! Muito mais devasso que todos os devassos do mundo inteiro! Que nojo daquilo!

Eu estava saindo, um tanto atabalhoadamente, quando, é claro (não seria a minha vida de merda se eu não fizesse merda!), tropecei no maldito pufe cor-de-rosa, do mesmo tom da poltrona. Eu jamais pensaria que aquele troço podia fazer tanto barulho, se não tivesse provocado o estardalhaço eu mesma.

— Ei, vizinha! — Ouvi Max gritar justamente quando eu estava prestes a voltar rastejando para o quarto (e não estou usando linguagem conotativa!).

Boceta. Caralho. Rola. Cu (sim, pensei tudo isso ao mesmo tempo, em uma fração de segundo).

Que *meeeeeeerda*! Por que ele tinha que me ver, Deus? Pensei em ignorar e correr, mas seria deprimente. Como eu olharia para a cara depravada do desgraçado no dia seguinte?

— Oi, Max! — Forcei um sorriso (que, na minha cabeça, tinha saído totalmente espontâneo, do tipo que a gente dá quando encontra um velho amigo

muito querido dos tempos de escola no supermercado. Só que, provavelmente, saiu exatamente como quando a gente sorri de volta para aquela ex-colega paupão-cu que a gente detestava, mas precisava, em nome da boa educação, fingir que ia com a cara da biscate).

— Pula, prima! Tem espaço pra uma morena! — ele gritou, dando um sorrisinho insolente.

Fiquei possessa! Se Max estivesse na minha frente, minha mão teria voado naquela cara horrorosa dele! Eu precisava dizer algo à altura. Mas o quê?

— Ah, obrigada pelo convite gentil, primo, mas figurinha repetida não completa álbum! — Tive a presença de espírito de devolver, caprichando no tom debochado. E, então, acenei como quem diz "tchauzinho" e saí dali, fechando a porta com classe, sem bater, para não estragar meu disfarce.

Cachorro! Cafajeste! Bastardo! Libertino! Crápula! Devasso! (Sim, bastardo, libertino, crápula e, principalmente, DEVASSO! Eu leio livros de época, esqueceu?).

Max não tinha um pinga de vergonha na cara. E aquele sorrisinho cínico dele precisava ser desfeito com um bom murro no queixo. Que ódio! Mas, pelo menos, dei uma puta resposta, não dei? Aposto que ele ficou lá, com cara de tacho. Desgraçado!

Peguei meu livro, meu celular, um travesseiro e o edredom e desci as escadas. Eu é que não ia ficar lá, escutando os gritos e gemidos daquelas... daquelas... (não, não vou ofender meu próprio gênero. Ok, não chamo de "vagabundas", mas posso chamar de "desocupadas", não posso? Posso! Posso tudo o que eu quiser, quem manda nessa porra aqui sou eu!).

Ajeitei o travesseiro (bufando de raiva) e deitei no sofá (espumando de ódio). Peguei o livro (transbordando irritação) e recomecei a ler. Eu sabia que não conseguiria dormir naquele estado catatônico de fúria, por isso decidi ler mais algumas páginas até me acalmar. Quando a raiva passasse, eu colocaria o livro de lado e o sono viria, com certeza.

Olhei as horas no celular: 02h16. Estipulei um prazo. Às 02h30 eu encerraria a leitura.

Tinha lido só mais algumas páginas (estava no quarto capítulo, e o duque estava admitindo — um tanto horrorizado — para si mesmo que havia cobiçado a filha mais velha da viscondessa viúva, irmã de seu melhor amigo visconde) quando a voz do Bruno Mars me deu um puta susto.

Definitivamente, eu precisava diminuir o volume do som de chamada do meu celular!

Olhei o visor: Max Vetter.

O devasso estava me ligando! Mas como? Da água? Que filho da puta! Ele

não tinha desistido. Decerto queria mesmo que eu me juntasse ao "fã-clube de fêmeas no cio do Max"!

Pensei em não atender, mas Bruninho estava quase me deixando surda (eu adoro as músicas do Bruno Mars, só que de madrugada o volume parecia triplicado!). Além disso, na privacidade de um telefonema, eu poderia dizer umas poucas e boas a Max (com o bônus de poder despejar o que eu quisesse sem precisar encarar aquela cara devassa — e horrenda — dele!).

— O que é, cretino? — atendi.

— Abra a porra da porta — ordenou, a voz autoritária e pesada.

— Ah, vá se foder, Max! Ou melhor, vá foder as suas três putas e me deixa em paz.

— Ou você abre o portão, Olívia, ou vou tentar as minhas chances na cerca elétrica. E eu estou todo molhado. Escolhe. — Ele frisou o "Olívia". Juro que foi assustador.

— Você está no meu portão? — perguntei, chocada.

— Abre logo, caralho — rugiu ele.

Fiquei sem reação. O que ele queria? E as mulheres, estavam com ele? Ele tinha trazido as três?

— Max, a minha casa não é *point* de suruba, nem *set* de filme pornô. Volta pra porra da sua piscina.

Ele deu uma gargalhada.

— Olívia, abre.

— Tudo bem. Vou abrir, só para fazer o que a minha mão está pedindo.

Dizendo isso, eu desliguei o telefone, peguei a chave no chaveiro e destranquei a porta. Nem sinal da Lola. Ótimo, se um bandido entrasse na casa, ela continuaria seu sono de beleza canino e deixaria o sujeito levar até as paredes!

Quando abri a porta, eu o avistei sozinho pelas grades do portão. Max estava usando calças *jeans* e uma camisa social azul-clara com alguns botões fechados, toda cheia de manchas d'água. E estava descalço. Certamente, vestira a roupa que tirara para entrar na piscina, a mesma que usou para ir ao tal lugar onde encontrou aquelas... Aquelas... Desocupadas. O tal do "compromisso" que ele tinha.

Segui o caminho de pedrinhas brancas sentindo a mão coçar de vontade de bater nele.

— Fala — eu disse, cruzando os braços e batendo o pé direito insistentemente no chão.

— Você vai me deixar aqui fora? — perguntou.

— O que você quer, Max? Onde estão as suas damas de companhia?

Ele soltou uma risada alta.

— Dispensei — falou, após uma breve pausa, sem esboçar nenhum sorriso (o que era raridade!) — Abra e faça logo que a sua mão está pedindo, Olívia. — Agora sim, um sorriso atrevido. Bem mais a cara dele.

— Acho que você não vai gostar, embora seja exatamente o que mereça — avisei.

— Experimente — desafiou.

Uma oportunidade de ouro dessas eu não poderia deixar passar! Abri o portão. Olhei bem para aquela cara deslavada dele e alisei seu rosto, sorrindo maquiavelicamente.

Seus lábios continuaram curvados, de um jeito que não deixava dúvidas de que sabia exatamente qual era a minha intenção.

— Quanta frieza, prima. Se pretende esbofetear alguém, é melhor que faça de uma vez. — Droga, por que o sorriso dele tinha que me provocar um efeito tão devastador? Por que a minha pele tinha que se arrepiar tanto perto dele?

— Melhor para quem? E qual seria a graça? Você é um cínico, Max. Um descarado da pior estirpe. Um devasso incorrigível. Um abusado, um sem noção. Essa sua carinha é tão bonita quanto petulante. E esses seus sorrisos presunçosos são absolutamente irritantes. A sua cara, Max, tem um letreiro néon: *Slap Me* (sim, minha amiga, sei falar inglês, tive aulas desde criança. "*Slap me*" significa "esbofetei-me"). — Pronunciei devagar, sem tirar os olhos dos dele, sentindo um formigamento crescente no corpo.

— Sabe, prima, levando em conta o retrato odioso que você pinta de mim, existe uma palavra em alemão que me definiria perfeitamente: *backpfeifengesicht*, que se refere a uma pessoa detestável, cujo rosto merece ser esbofetado; a alguém cuja face praticamente implora por um tapa ou soco. Sabe quando você bate o olho em um filho da puta e pensa: que vontade de acertar a cara daquele desgraçado debochado? Pois é, essa pessoa é um *backpfeifengesicht*.

— Você deveria tatuar isso na testa. Inventaram a palavra em sua homenagem, Max. É o mínimo que você pode fazer para agradecer — provoquei.

Ele me presenteou com um sorriso torto. E então, sem aviso, me beijou. Um beijo de tirar o fôlego. Tive que corresponder, né? No processo, com os miolos derretidos, sem conseguir raciocinar direito, acabei abrindo os botões de sua camisa para acessar seu tórax lindo e maravilhoso.

Estávamos no passeio, em plena madrugada! Poderíamos ser vistos por algum vizinho chegando de uma festa, ou por um transeunte bêbado qualquer. Poderíamos até ser assaltados por bandidos em início de expediente!

O devasso interrompeu o beijo de forma abrupta (ele está sempre fazendo

isso, é tão frustrante!). Quase caí. Acabei toda úmida e com as mãos molhadas por causa de seu corpo e de seu cabelo.

— É como você disse, prima. — Max se afastou alguns passos. — Figurinha repetida não completa álbum. — E, então, ele fez a maior cara daquela palavra em alemão (é claro que não sei pronunciar essa porra! Tentei manjar a pronúncia das duas vezes que ele falou, mas achei difícil pra caralho), a cara mais devassa de todas, desde que o conheci (fazia mesmo só um dia? Meu Deus!) e se distanciou um pouco mais, insinuando uma saída triunfal (não que ele estivesse pensando "porra, agora eu faço uma saída triunfal", mas eu, no lugar dele, pensaria exatamente isso. Nada melhor que usar as próprias palavras do oponente contra ele, em um clássico "o feitiço virou-se contra o feiticeiro").

Mordi o lábio para controlar a vontade dar um fim àquela insolência dele com um tabefe.

— Caralho. Não morde a porra do lábio, prima. — Ele ficou sério e se aproximou novamente.

Max entrou, me empurrando para dentro da casa, e fechou o portão (era daqueles automáticos, que trancam quando fechados). Tirou a chave da fechadura interna, enfiou-a em seu bolso e me puxou porta adentro. Depois que entramos, ele se virou, fechou a porta branca, pressionando o corpo contra o meu na superfície de madeira, e me beijou. Um daqueles beijos ardentes, com mãos e dentes, que incendeiam tudo e deixam a gente sem ar.

Depois de um tempo, ele descolou os lábios dos meus e, entre mordidas no meu pescoço e respirações ofegantes, falou com a voz pesada:

— Vou te mostrar, senhorita Olívia, por que o Max repetido vai completar a porra do seu álbum.

E, então, ele tirou a camisa desabotoada com um movimento rápido, puxou minha camiseta, desceu o short de elástico e deixou os dedos se lambuzarem entre as minhas pernas, beijando a minha boca com voracidade.

Gemi e resfoleguei em seus lábios, e ele me beijou com mais força, saboreando minha língua. Minhas mãos agarravam suas costas, afoitas sobre sua pele. Ele logo se afastou, pegou uma camisinha no bolso, abriu a calça, e seu cacete pulou para fora, completamente duro (sim, ele estava sem cueca, assim como eu estava sem calcinha!). Tirei meu short enquanto ele desenrolava o preservativo naquela extensão maravilhosa, livrando-se dos *jeans*. Quando terminou, ele me pressionou de novo contra a porta, segurou minha coxa e começou a entrar. Gemi alto e ele puxou o ar entre os dentes.

— Ai... Que gostoso, Max — falei, incapaz de me conter. A sensação era deliciosa demais.

Ele puxou minha outra coxa e logo estava me segurando com as duas mãos

espalmadas na minha bunda. Minhas costas estavam coladas à porta, e minhas pernas enlaçavam sua cintura. E, quando ele começou a meter, a entrar e sair gostoso daquele jeito, comecei a gemer alto.

— Cala a boca, puta — ele vociferou, estocando com força enquanto afundava a cabeça em meu pescoço, beijando, lambendo e mordendo.

Continuei gemendo descontroladamente porque, meu Deus do céu, não tinha como ficar calada. Aquilo era surreal.

— A Lola vai acordar a vizinhança inteira, vagabunda, para de gritar.

A Lola estava latindo? Sim, estava. Só então eu me dei conta. Max mergulhou a boca na minha, engolindo todas as minhas manifestações sonoras daquela delícia de foda. Que delícia de boca, que delícia de homem.

Comecei a me perder. Eu estava quase lá. Mordi o lábio dele e cravei as unhas em suas costas, chamando-o de "gostoso", "filho da puta", "cachorro" e variações. E, quando gozei, soltei um urro em forma de "desgraçado". Max gozou em seguida, liberando palavrões e me chamando de "gostosa do caralho". Ficamos alguns segundos mudos, na mesma posição (na verdade, eu praticamente me joguei sobre os ombros dele), arfando, respirando muito dificilmente, quase sem ar.

E, então, ele me desceu. Fiquei encostada à porta, observando-o. Seu peito subia e descia, e a cabeça estava jogada para trás. O pescoço largo ficava ainda mais bonito curvado, com a protuberância do centro destacada.

Lola tinha parado de latir, mas ainda estava muito agitada, pulando nas pernas de Max.

Ele a ignorou, endireitou-se e tirou a camisinha. Então começou a se vestir e disse, enquanto subia o zíper:

— E aí, gostou do repeteco? — Sim, ele deu aquele sorriso encapetado dele, aquele que me deixa derretida e, ao mesmo tempo, me tira do sério.

— Eu te daria um seis — menti.

— Ah, prima, não mereço nem um sete? — Ele ergueu uma sobrancelha e endiabrou ainda mais o sorriso.

— Hum... Acho que não. — Dei uma risada debochada, vestindo o meu short.

— Eu te daria um sete — ele disse, colocando a camisa.

— Fico muito lisonjeada, mas mantenho o seu seis — falei, passando a camiseta pela cabeça.

— Você dorme sempre assim, sem calcinha? — ele perguntou de repente.

— Não é da sua conta — retruquei.

— Quanto mau humor, priminha, nem parece que acabou de ter a melhor trepada da sua vida. — Ele se aproximou e beijou meu pescoço.

Dei uma gargalhada sarcástica.

— Ah, Max, a minha boceta já viu paus muito melhores que o seu — falei, tentando soar convincente.

Caralho! Por que, sempre que me sinto pirraçada, eu digo, entre todas as opções possíveis, a coisa mais infantil e mais obviamente não verdadeira da face da Terra (do tipo de mentira óbvia na qual nem uma criança de dois anos acreditaria)?

— Hum... Acho que não. — Ele me imitou, usando o mesmo tom que usei, e dando uma risada muito mais debochada que a minha. Filho da mãe!

Fogo inimigo repentino. Fiquei sem munição e precisei retirar meus soldadinhos do campo de batalha. Só me restou fulminá-lo com os olhos.

— Você está me olhando como se eu fosse um *backpfeifengesicht*, senhorita Olívia. Coisa que, é claro, eu não sou. — Ele sorria, estampando toda a devassidão do mundo naqueles lábios indecentes.

— Claro que *nããããããã*, Max! — ironizei, sorrindo inocentemente.

Ele soltou uma risada, enquanto terminava de abotoar a camisa. Deu alguns passos em direção à porta, tirou o interfone do gancho, apertou o botão para destravar o portão e agarrou a maçaneta.

Eu me afastei instintivamente para abrir caminho, e, então, ele beijou minha bochecha e falou, sorrindo:

— Aproveita a minha segunda figurinha no seu álbum, prima. Não vai ter uma terceira.

E, dizendo isso, ele piscou um olho, tirou o chaveiro do bolso, atirou-o em minhas mãos e completou, saindo:

— Não se esqueça de trancar a porta.

8. Em boca fechada não entra mosca

OLÍVIA

Depois que o devasso do Max foi embora, peguei minha parafernália no sofá e voltei para o quarto.

Que cínico! Que convencido de uma figa! "Não vai ter uma terceira"... Quem disse que *eu* queria uma terceira? É claro que *não* queria! Quem ele achava que era? Deus? Max Vetter era um diabrete escroto, isso sim! Um enviado do Mundo Inferior!

O pior é que fiquei calada. Porra! Por que eu não disse nada espirituoso? Até o corriqueiro e pouco original "vá se foder, Max!" serviria para evitar a frustração de não ter sido rápida o bastante para uma réplica.

Qualquer merda dita seria melhor que um desaforo engenhoso não verbalizado. Não que eu tivesse um em mente, claro.

Que *raaaaaaiva*!

Pior tipo de homem gostoso pra caralho: o que sabe que é gostoso pra caralho (merda, todos eles sabem, e são ultranarcisistas, superconvencidos e megairritantes. Aí vai uma errata: pior — e melhor — tipo de homem: os gostosos pra caralho).

Deitei na cama e cobri a cabeça com o edredom, completamente furiosa. Queria me livrar do cheiro e do suor de Max, impregnados em minha pele, mas estava enraivecida demais até para tomar banho. Eu só queria apagar aquele dia inteiro da memória.

Fechei os olhos e comecei a imaginar coisas agradáveis, como sempre faço antes de dormir.

Unicórnios trotando alegremente em um longínquo bosque encantado.

Fadinhas voando acima de um imenso campo florido em uma ensolarada manhã primaveril.

Sereias desembaraçando compridos e coloridos fios sedosos à beira-mar.

Másculos tritões de torso definido nadando no fundo do oceano, tensionando seus impressionantes músculos dentro d'água.

Músculos... Água... Piscina... Braçadas... Max... Huuuuuum... Max pelado...

Mordi o lábio e contorci as pernas, remexendo-me no colchão.

— Merda. Merda. Merda — praguejei, tirando o edredom do rosto com um puxão. — Esquece esse cara, Olívia. Respira. Isso. Esquece. Esqueceu? Ótimo.

Agora, você precisa retomar a porra toda. Vamos lá. Unicórnios trotando alegremente em um longínquo bosque encantado — pronunciei, apertando os olhos a fim de me concentrar para visualizar a cena.

Mas, em vez de imaginar graciosos cavalos chifrudos trotando com entusiasmo em uma floresta mágica, visualizei um Max Vetter nu escanchado em um alazão arisco, galopando ferozmente em um verdejante pasto sem fim.

— Caralho! Que porra! Como é que ele consegue cavalgar de pau duro? — Soltei uma risada descrente, ajeitando a minha posição na cama, tentando esquecer a imagem absolutamente excitante e totalmente inverossímil que a minha mente sem-vergonha inventou.

Nova tática. Contagem. Carneirinhos são infalíveis.

Contei dez.

Nenhuma melhora.

Vinte.

Ainda excitada.

Trinta.

Porra!

Esperei uns dois minutos e recomecei a contar, tentando não criar mais fantasias eróticas descabidas no processo, o que não deu muito certo, porque, durante esse tempo, consegui idealizar um Max Vetter nu, de pé em uma praia deserta, cantando *Sex On Fire*, de *Kings of Leon*, com a guitarra devidamente posicionada acima da ereção, tendo apenas euzinha como plateia; e um Max Vetter nu, obviamente, atravessando o Atlântico a braçadas, completamente duro. Acredite você ou não, consegui visualizar aquele pau maravilhosamente ereto debaixo d'água!

Eu estava enlouquecendo. E a prova viva disso eram aquelas imagens quiméricas, que não me deixavam dormir em paz.

Meeeeerda!

Levantei-me, disposta a discar 193 (mentira, saí da cama com o propósito de tomar um banho frio, o que, esperançosamente, deixaria meus músculos mais propensos ao relaxamento, auxiliando-me a pegar no sono), mas estaquei aos pés da cama quando ouvi o barulho da chuva.

Ah, que ótimo! Haveria raios e trovões também? Maravilha! (Lembra aquela minha lista de medos? Recapitulando: ratos, baratas, sapos e bandidos. Pois bem, incluía "tempestades" aí. Tenho pavor de relâmpagos! Sério. Não estou mentindo, nem exagerando, eu juro).

Espera... Parecia mais um barulho de... Água escorrendo. De um... Chuveiro, talvez?

Caminhei até a porta e confirmei minha suspeita: o som vinha da casa de Max,

pra variar! Que grande surpresa! Que novidade!

Juro de pés juntos que tentei me convencer a correr para o banheiro sem dar uma checadazinha básica, mas, meu Deus, a curiosidade, é óbvio, venceu.

Abri a porta devagar e entrei na sacada, espiando com cuidado.

Lá estava o filho da puta, debaixo da ducha. A água varria seu corpo em camadas ininterruptas que deslizavam sobre sua pele firme. Gotículas cristalinas beijavam seus ombros, acariciavam as proeminências e reentrâncias de seu tórax esculpido e pulavam magicamente para todo lado.

Aquele festival de músculos molhados e perfeitamente entalhados fez meu clitóris latejar com força.

Que puta gato do caralho! Puta que pariu...

Fiquei ali, parada, quase rasgando o lábio inferior de tanto mordê-lo, sentindo os mamilos enrijecerem vertiginosamente, observando o devasso tomar uma ducha fria.

De repente, ele interrompeu o fluxo de água, e, como se pressentisse minha presença, olhou para cima.

— Oi, vizinha! Desculpa, não queria te acordar — falou, quase sussurrando, fingindo preocupação. — Estava dormindo há muito tempo?

Ordinário! Não tinha nem quinze minutos que o desgraçado tinha saído de dentro de mim. Que fingido da porra!

— Ah, não! Sem problemas, vizinho! Acabei de colocar para fora um sujeito ruim de cama, com quem eu não tenho interesse algum de transar novamente. Sabe como é, tem um pau bacana, mas não sabe o que fazer com ele, coitadinho. Boa noite! — Ele soltou uma gargalhada deliciosa, e eu saí rapidamente, para não dar ao desgraçado a oportunidade de devolver.

Fechei a porta (com elegância, sem bater, como sempre!) e puxei a cortina. Pronto! Saí com a última palavra! Agora, sim, eu poderia dormir em paz!

Voltei para a cama, mas a imagem de Max, todo molhado e gostoso, debaixo da maldita ducha estava me deixando morta de calor dentro da coberta.

Soltando uma chuva de palavrões, joguei o edredom longe e caminhei até a porra do banheiro. Deixei a água fria me lavar por completo (e eu poderia omitir o humilhante fato de que precisei recorrer ao chuveirinho, mas que se dane. Eu confesso: usei, sim. Era isso ou morrer de tesão. Morrer. Literalmente. E as manchetes no dia seguinte seriam mais ou menos assim: "Inacreditável! Inocente garota órfã não resiste e morre de tesão. A culpa é do vizinho devasso!").

Enfim, não sei se o mérito foi da água fria ou do chuveirinho. Só sei que, finalmente, o sono veio me abraçar. E eu me aconcheguei confortavelmente em seus braços.

Por volta das 08h30, Bruno Mars me despertou. Não, o Bruno não é o meu

som de alarme. Era uma ligação mesmo.

Limpando a remela dos olhos, chequei o visor: Max Vetter.

Boceeeeeeta. O que o devasso queria agora?

— Pra puta que pariu, Max! Eu *tava* dormindo, porra. — Atendi.

Ele deu uma risada rouca.

— Eu também, caralho. — A voz dele estava mesmo rouca. — Mas Sofia me acordou com um telefonema. Preciso buscá-la na casa de Maria Eduarda.

— E o quico? — indaguei, tentando, sem sucesso, reprimir um bocejo.

— Ela disse que você precisa ir junto. — Max bocejou também. — E adivinha? Falou para eu não me esquecer de levar o palhaço!

Deixei escapar uma gargalhada, que saiu esquisita pra burro por causa da minha voz ranhosa de sono.

— E o quico? — perguntei de novo.

— E o quico? — Max repetiu com indignação. — Foi você quem deu ideias a ela sobre a porra do palhaço, Olívia! Sofia não vai me deixar em paz se eu não aparecer com alguma coisa que lembre, minimamente, um palhaço. E descabelado!

Nós dois tivemos uma crise de riso.

— Eu não dei ideia nenhuma! Foi você quem começou com isso, Max! — eu disse, tentando me defender, depois de conter as risadas.

— Passo na sua casa em quinze minutos. Nós vamos à caça de um palhaço. E, depois, você vai comigo buscá-la.

— Eu, não! Se vira! — bradei.

— Quinze minutos, Olívia! — ele gritou e desligou.

Filho da puta! Eu não vou! Ele que dê um jeito nisso!

Embrulhei a cabeça e fiquei lá, embaixo do edredom, com os olhos fechados e os braços cruzados sobre o peito, cantarolando *Fuck you*, da Lily Allen:

Fuck you

(Vá se foder)

Fuck you very, very much

(Vá se foder muito, muito mesmo)

'Cause we hate what you do

(Porque odiamos o que você faz)

And we hate your whole crew

(E odiamos toda a sua turma)

So, please, don't stay in touch

(Então, por favor, não mantenha contato)

Fuck you

(Vá se foder)

Fuck you very, very much
(Vá se foder muito, muito mesmo)
'Cause your words don't translate
(Porque suas palavras não condizem)
And it's getting quite late
(E está ficando muito tarde)
So, please, don't stay in touch
(Então, por favor, não mantenha contato)

Enquanto eu cantava, tentando evitar meus próprios pensamentos e esforçando-me para me esquecer da irritante existência de Max, nítidas cenas daquele cretino pontuavam cada verso do refrão:

Fuck you (Max chocado com o sorvete sobre o pau)
Fuck you very, very much (Max me pressionando contra a porta)
'Cause we hate what you do (Max pelado debaixo da ducha)

E assim por diante. Todos esses malditos *flashes* incessantes me fizeram cantar o final furiosamente, enquanto eu travava uma luta vã contra o álbum interativo de páginas infinitas que se abriu na minha cabeça, exibindo dezenas de recortes da perfeição que Max Vetter chama de cara e da obra-prima que ele conhece como seu corpo:

Fuck you (o sorriso malicioso de Max)
Fuck you (a bunda maravilhosa de Max)
Fuck you (o pau majestoso de Max)

Empurrei o edredom com força desnecessária e bufei de ódio.

— Cacete! Vá se foder, Max! — gritei, levantando-me e fazendo uma dancinha furiosa e ridícula ao lado da cama, o famoso calundu.

Fiquei uns bons segundos batendo os pés no assoalho e balançando os braços freneticamente no ar.

— Tudo eu, tudo eu, tudo eu! — imitei o Chaves enquanto andava até o banheiro pisando duro. — Odeeeeeeeio o folgado do Max! — bradei, fechando a porta com uma batida violenta.

Eu ajudaria aquele cretino só por causa de Sofia. Só por isso.

Fiz xixi, escovei os dentes e lavei a droga do rosto em tempo recorde.

Um pouco mais calma, voltei para o quarto, à procura de algo decente para vestir. Revirei o guarda-roupa novo com as minhas parcas e antigas peças. Caralho, eu não tinha nada bacana! Muito menos razoavelmente novo!

Mas por que eu estava me preocupando?

Porque era sábado, por isso! Ninguém sai de casa todo molambento no sábado, oras!

Por isso, e só por isso, peguei o meu vestido de dia favorito (como as donzelas

dos livros de época falam: "Que lindo o seu vestido de dia, senhorita, uma tonalidade excelente para o seu tom de pele! Ficou lindo com o seu chapéu! E o decote ressaltou a sua saboneteira!"), tirei meu "pijama", coloquei uma calcinha branca de renda que tinha usado apenas duas vezes (só pelo medo de morrer na rua mesmo, eu juro que não tinha nada a ver com sexo dessa vez, porque eu NUNCA MAIS transaria com o escroto do Max) e vesti o vestido rodado de alcinhas. Era do tipo que dá para usar sem sutiã, e minúsculas margaridas estampavam o fundo verde-água do tecido leve.

Penteei o cabelo, renovei o desodorante (questões de higiene), passei um pouco de perfume (bem pouco — e, de novo, nada a ver com Max! Era só para o caso de eu morrer na rua. Seria melhor que os caras do IML pensassem "pobrezinha, morreu. Coitada, não merecia... Era tão cheirosinha!", em vez de "nossa, até simpática, mas meio fedida, né? Foi tarde!") e dei um jeito na cara com um pouco de maquiagem (só para não dar muito trabalho aos maquiadores da funerária, eu juro!). Calcei os meus *Keds* brancos (estavam limpos, graças a Deus!) e peguei a bolsa exatamente quando o interfone tocou.

Catei o celular, atirei dentro dela com a minha carteira, que continha os meus documentos (para, caso eu morresse na rua, poder ser identificada e escapar dos acadêmicos de Medicina — acredite, eles fazem piadas com os indigentes objetos de estudo! Sei do que estou falando! Não queira morrer indigente, carregue seus documentos!) e as minhas últimas notas (notinhas de cem bem bonitinhas e queridas, que eu pretendia deixar ali o máximo de tempo possível, para atrair mais!), e desci as escadas jogando uma bala de menta na boca (nenhum propósito específico, claro. Só porque a minha garganta estava meio seca, juro).

Tirei o aparelho branco do gancho e atendi:

— Quem é? — Eu sabia que devia ser Max, mas tinha que perguntar, né? Era para isso que servia um interfone.

— Quem está falando? — ele perguntou, meio rindo.

— O Papa, imbecil — respondi (tive que rir também — só um pouco). Abri o portão e falei que já estava indo.

Recoloquei o interfone no gancho e destranquei a porta. Estava quase saindo quando me lembrei da Lola. Chamei, e ela veio correndo. Peguei-a no colo e corri até a despensa.

— A mamãe está saindo, Lola. Tá aqui a sua comidinha. — Já na cozinha, enchi a vasilha cor-de-rosa de ração, e ela começou logo a comer. — E aqui a sua, Rodolfinho. — Coloquei comida no potinho azul dele e afaguei sua cabecinha. Conferi os bebedouros. Tudo *okay*. — Comportem-se e cuidem da casa. *Mamy* volta logo, se Deus quiser! Tchau, floquinhozinhos fofos! — Bati a

mão, mas nenhum deles se despediu, estavam ocupados demais comendo.

— Ah, que meiga. — Virei de repente e o espaçoso do Max estava encostado à porta da cozinha, com os braços cruzados, meio inclinado no batente, me observando.

Precisei engolir em seco. Ele estava absolutamente divino, usando uma bermuda caramelo, camiseta branca, *docksides* e, minha Nossa Senhora das Primas Sem Fala, óculos escuros. Estilo aviador, lentes marrons, meio douradas. Engoli outra vez e juntei todas as minhas forças (que não era muita coisa, porque meus ossos tinham virado gelatina e minhas pregas vocais, paçoca) para dizer, ainda meio trêmula:

— Vá se foder, Max.

O devasso sorriu, e eu nem sei como não caí. Porque, definitivamente, ele roubou todo o restante do meu equilíbrio com aquele sorriso desastrosamente lindo.

Putá merda, que homem era aquele?

Eu estava em um embate interno: odiar Max por ser tão insuportável ou odiar Max por ser tão insuportavelmente gato? Decidi que odiar Max bastava. Pouco importava o motivo.

— Anda logo, prima, Sofia vai comer meu fígado! — Ele descruzou os braços. Parecia verdadeiramente preocupado. — Precisamos achar um palhaço. Você sabe onde vendem palhaços?

Ele fez uma expressão tão fofa que até fiquei sem ar. Caramba, parecia um garotinho perdido, precisando ser socorrido. Mordi o lábio sem perceber enquanto fitava seu rosto meticulosamente arquitetado pelo diabo. Mas ele percebeu, e seus lábios macios curvaram-se em um sorriso sacana.

— Prima, prima... Você até que tá gostosa nesse vestidinho. Mas já te falei. Não vai ter uma terceira. E a segunda só ocorreu para provar um ponto: Max Vetter não repete figurinha. A menos, é claro, que seja para demonstrar que ninguém diz a Max Vetter que ele é figurinha repetida.

A cara de (complete com a palavra alemã que ele me ensinou) dele só faltava cantar: "Eu sei que eu sou bonito e gostoso, eu sei que você me olha e me quer!".

Endireitei minha expressão derretida imediatamente. Eu queria gritar: "vai procurar a porra do seu palhaço sozinho, Max!", mas aí ele perceberia que me atingiu, e a minha reação o armaria até os dentes para contra-ataques futuros. Era uma batalha que eu não queria perder, porque afetaria todo o planejamento para vencer a guerra. Por isso, eu falei:

— Ótimo. Ponto provado. Página virada. Agora, cada um segue completando o seu próprio álbum como bem entender, tá legal?

Ele não respondeu. Só alargou o sorriso devasso. Sério, alguém precisava

fazer alguma coisa a respeito da cara do sujeito. Um dia, eu ainda o esbofetearia! Ele seria o Barney Stinson, e eu lhe daria um baita tapa à la Marshall!

Enquanto eu trancava a porta, Max descia os degraus e mergulhava a pele bronzeada e o cabelo loiro no sol daquela manhã de sábado (ah, os sábados! Quem não adora os sábados ensolarados?). Quando eu me virei, vi o carrão preto estacionado na porta.

Porra, é mesmo! A gente ia de carro! Ai, Senhor, eu estava preparada para ver Max dirigindo? (diz aí, amiga, não é um tesão ver um cara gostoso passando marcha? Puta que pariu, destrói a calcinha de qualquer uma!).

Porra... Descobri que nem em um bilhão de anos eu estaria pronta para ver aquilo quando ele se sentou ao volante, colocou o cinto, girou a chave, ligou a seta, passou a primeira e saiu. Sério, foi *muuuuuuito sexy* (tá, eu sei, tenho um probleminha, uma espécie de tara com homens motoristas. Sei lá, acho másculo pra caralho. E o braço forte — cheio de veias saltadas e pelos loiros — de Max no câmbio não colaborou para o controle da minha taquicardia!).

Sinto frustrar as suas expectativas, mas não, o filho da puta não abriu a porta para mim! Eu achei um ultraje! Tudo bem, não estou mesmo acostumada a esse tipo de cavalheirismo no dia-a-dia, mas, sei lá, foi meio decepcionante. Consigo abrir uma porta sozinha? Consigo! Preciso de um homem para fazer alguma coisa por mim? Se eu comprar um vibrador, não! Dou conta até de trocar um pneu sozinha (*okay*, isso é mentira)! Mas aprecio gestos cavalheirescos? Aprecio. Já falei, leio livros de época, dá um desconto!

Enquanto Max dirigia, tentei me distrair com a paisagem pelo vidro da janela. Depois que saímos da nossa rua foi mais difícil, porque eu estava me apegando à visão das fileiras de cerejeiras floridas.

— Prima, fala aí onde a gente compra a porra do palhaço — ele pediu, com uma mão no volante enquanto a outra checava alguma coisa no celular.

— Loja de bichos infantis, né, Max! — Revirei os olhos. — Nos Shoppings costuma ter.

Aquela beleza toda dele estava me deixando sufocada e impaciente.

— Tá. Shopping. Ótimo. — Ele jogou o celular no compartimento e voltou a se concentrar totalmente na direção.

Ficamos em silêncio por um tempo, até que ele perguntou:

— O que você faz da vida, prima?

Caralho, agora eu precisaria dizer que sou uma Joana-Ninguém desempregada! Não que a opinião de Max importasse, claro. Mas qualquer pessoa ficaria meio constrangida de dizer que não consegue parar em nenhum emprego (nem nos mais meia-bocas, apesar de dignos!) a um advogado bem-sucedido, pegador, habitante de mansão, com cara e estirpe de galã de

Hollywood. Poxa, eu nem tinha curso superior! Isso nunca tinha me incomodado até então. E eu não achei que eu fosse tão orgulhosa, mas descobri que, além disso, eu era uma mentirosa ensandecida quando me ouvi dizer:

— Eu sou médica.

Fala sério! Eu tenho ou não tenho um sério desequilíbrio mental?

Ele fez uma careta surpresa (careta, no caso de Max Vetter, não quer dizer "cara feia", óbvio). Tão surpresa que me deixou puta! Por que eu não podia ser uma médica? Eu seria uma médica, se o menino malvado com uma lupa na mão (ops, retiro o que eu disse!) não tivesse matado os meus pais. Quero dizer, o meu pai continuaria endividado, e provavelmente ainda iria à falência, mas tenho certeza de que eu não teria trancado a faculdade. Meu pai daria a bunda (isso foi meio desrespeitoso, né? Mas é só para você entender a dimensão do sonho que ele tinha) antes de me deixar largar um curso de Medicina em uma universidade pública!

— Por que a surpresa, doutor? — perguntei, arqueando uma sobrancelha.

— Não sei, achei que, por causa do seu corpo, você fosse uma dançarina de *pole dance* ou uma *stripper*, sei lá — ele falou, rindo, parando em um sinal.

— Muito engraçadinho — devolvi.

Mas o que ele tinha querido dizer com aquele "por causa do seu corpo"? Isso significava que ele achava o meu corpo bonito?

Ei, sossega, Olívia, você não quer mais nada com esse cara. Foco.

— Mas é bom saber que me enganei. Nunca se sabe quando a gente vai precisar de uma médica, né? — Ele sorriu, arrancando.

Ca-ra-lho. Por que fui abrir minha boca enorme? Por que fui inventar uma mentira tão cabeluda?

Eu esperava que ele nunca precisasse de socorro médico perto de mim! Tenho certeza de que os meus conhecimentos de quatro períodos de faculdade não seriam capazes de solucionar um problema grave. A menos que fosse um pneumotórax de tensão (aí eu saberia fazer o procedimento! Aprendi antes mesmo de passar no vestibular, com a Reese Witherspoon e o Mark Ruffalo, no filme "E se Fosse Verdade").

— Onde você trabalha? — perguntei, girando o holofote para o lado dele.

— Meu pai tinha um renomado escritório de advocacia em sociedade com alguns advogados. Quando eu me formei, acabei entrando como associado, depois me tornei sócio. Mas, sobre o seu trabalho, se precisar de ajuda para conseguir uma vaga, posso conversar com Plínio, meu cunhado. Ele integra o Conselho Diretor do Hospital São Cipriano.

— Obrigada, mas acho que não vou precisar — disparei. Max me lançou um olhar suspeito. — Ah, aquela moça, que eu pensei ser a Sofia, era a sua irmã? —

Cara, veja a que ponto eu cheguei. Para mudar de assunto, acabo retomando um engano altamente embaraçoso, que eu preferia ver enterrado e fora do meu caminho para sempre. Mas, tudo bem, antes disso que passar pela humilhação de ser descoberta em uma mentira do tamanho da que eu inventei.

Max deu uma risada. Acho que consegui despistá-lo.

— Era. Susanne. Nós crescemos naquela casa. Suze já estava de casamento marcado quando meu pai morreu. Eu fiquei com a casa, porque ela e Plínio já tinham uma. Então Suze ficou com a fazenda. Mas acabou vendendo logo e comprou uma casa de praia. Ontem ela estava de folga e, como eu sairia do escritório mais cedo, ela levou a Souf para me ver.

— E quem era a mulher que você estava comendo enquanto a sua irmã estava à beira da piscina? E onde estava a Sofia, Max? — perguntei, exasperada. — Meu Deus, não acredito que você teve coragem de transar com a menina na casa! Quanta devassidão!

Ele gargalhou.

— Calma, prima! Não sou tão devasso ou irresponsável assim. Não a ponto de trepar sabendo que a minha sobrinha está por perto. Quando eu cheguei, as duas já estavam na casa. E, bem, eu estava acompanhado. Samantha é... — ele deu uma tossida, limpando a garganta. — Bem, a filha de uma das sócias do escritório. Ela começou a estagiar lá ontem.

Fiquei absolutamente chocada. Tão estupefata que engasguei com a minha própria saliva.

— Em minha defesa, ela é gostosa pra caralho — continuou, na maior cara de pau. — Mas não dava para comê-la na minha sala. Eu tentei, mas você viu o quanto ela é escandalosa! Por isso, eu a levei para casa depois do expediente. Esqueci completamente que Suze estaria lá. Mas, quando minha irmã nos viu, já sacou logo. Pediu que Lídia fosse levar Souf para tomar sorvete e disse: "não vou interromper meu banho de sol, Max. Coma logo a moça e, por favor, não a faça gritar muito. Espero que os meus fones sejam suficientes". — Ele deu uma risada estrondosa. — Suze é ótima, você vai adorá-la.

Eu não deveria ter me surpreendido tanto. Quero dizer, depois do *foursome* de ontem? Depois daquilo, nada mais deveria me surpreender a respeito da vida sexual de Max.

Comer a estagiária? A filha da sócia? Tão clichê e, por isso mesmo, tão a cara dele! E é óbvio que ele não dispensou aquelas três mulheres de ontem sem transar com elas só para me fazer engolir as minhas próprias palavras. Com certeza, os quatro tinham participado de uma orgiazinha antes.

De repente, comecei a me sentir meio suja, e não consegui dizer nada em resposta além de "tenho certeza que sim".

Depois disso, fiquei me sentindo ligeiramente esquisita. Não decepcionada, porque o comportamento devasso de Max era totalmente esperado.

Eu não soube dizer exatamente o nome da sensação, mas era uma coisa que me deixou meio... Triste. O que não fazia sentido nenhum! Ele era lindo demais, devia ser patrimônio da humanidade, inclusive. Uma das maravilhas do mundo.

Mas somos egoístas por natureza, né? Que criança gosta de dividir seu brinquedo novo mais bonito? Nenhuma. Às vezes, a gente deixa um coleguinha brincar, mas isso não quer dizer que estamos completamente satisfeitos com isso. Pois bem, Max era o meu brinquedinho sexual tinindo de novo, e, de longe, o mais bonito que eu tinha tido na vida. Era normal me sentir meio possessiva, não era?

Claro que era.

E estava tudo bem, porque essa possessividade era saudável. Eu tinha perfeita noção de que ele não era meu. E eu nem o queria para mim! Havia sido só um empréstimo. Eu o alugara por um dia, estava na hora de devolvê-lo.

Mas o abalo emocional era o mesmo de quando precisamos devolver um peixe grande, exótico e colorido para a água depois de pescá-lo. A gente sabe que é o certo a se fazer, mas quem disse que o frustrante sentimento de perda vai embora junto com o peixe e a correnteza?

Era um novo dia e, definitivamente, eu precisava sair. Era sábado, pelo amor de Deus! E eu decidi, ainda no carro de Max, que compraria uma roupa legal no Shopping (adeus, notinhas de cem!). Seria um vestido justo e bem decotado! E eu também investiria em uma sandália nova.

Renovaria a minha autoestima, sairia e conheceria um cara gostoso e aparentemente equilibrado (ou seja, não psicopata — na verdade, a gente nunca tem como ter certeza de que aquele gato na pista é um cara normal. Mas, dependendo da embalagem, a gente compra gato por lebre, sim, e se joga!).

Eu levaria o gostoso não psicopata para casa e me desintoxicaria de Max naquela noite. Simples assim.

9. Alegria de palhaço é ver o circo pegar fogo

OLÍVIA

Max e eu estávamos dentro da loja de brinquedos, no corredor dos palhaços (alguns custavam uma fortuna, um valor com o qual eu poderia comprar uns dois vestidos de festa!), e eu já estava cansada de olhar para a cara das vendedoras, que não paravam de babar, bater os cílios colados de rímel, ajeitar os cabelos chapados e usar aquele tipo de voz falsa e melosa que nós, mulheres (as heterossexuais), usamos na frente de um cara bonito. Já estava ficando insuportavelmente chato.

A loja era imensa, do tipo que a gente entra e escolhe o que quer sozinho, mas as vendedoras no cio não paravam de nos seguir em um grupinho de seis (não, eu não estou brincando!), perguntando o tempo todo (a cada trinta segundos) se precisávamos de ajuda para escolher um maldito palhaço de pano.

Tudo bem que Max e eu não tínhamos nada um com o outro, mas elas não poderiam pelo menos supor que nós tínhamos uma espécie de relacionamento? Quero dizer, um cara gostoso nível Max (nível máximo!) em uma loja de brinquedos com uma garota simpática em uma manhã de sábado não deveria parecer coisa de casal?

Claro que deveria!

Eu estava espumando de ódio. Max agia normalmente, parecendo alheio à situação. É claro que a obra-prima do diabo já devia estar acostumada àquele assédio todo.

Porra, será que eu era tão feia assim, a ponto de ninguém achar que ele poderia ser, por exemplo, meu namorado? Mais bonita que cinco delas eu tinha certeza de que eu era. Mas, sendo honesta, talvez a loira alta ganhasse a disputa.

Enfim, eu estava bastante incomodada com aquela situação ridícula.

Fiz uma anotação mental: nunca mais sair com Max. Muito desconfortável, muito humilhante.

E estávamos em uma loja de brinquedos! Imagina como seria em uma boate!

— O que você acha desse, prima? — ele perguntou, mostrando um boneco, e a minha ficha caiu.

— Ah, então é por isso! — bradei, totalmente aliviada.

— Hã? — ele perguntou, confuso.

— É por isso que elas estão se atirando para cima de você sem darem a

mínima para a minha presença! — sussurrei. — Você está me chamando de "prima" desde que entramos na loja! Elas acham que eu sou sua prima, Max! É por isso que estão me ignorando! Nossa, achei que elas estavam me achando feia demais para ser, por exemplo, a porra da sua namorada — falei, rindo.

Ele deu uma risada.

— Não seja modesta, prima. Você é linda — elogiou, passando o polegar na minha bochecha.

Merda, preciso confessar, meu coração disparou.

Coisa absolutamente normal. Se um cara passa o dedo na sua bochecha e diz que você é linda, o seu coração dispara, certo? Se um cara gato feito o Max acaricia o seu rosto e fala que você é linda, o seu coração começa a esmurrar a caixa torácica, não é?

Claro que é.

E é por isso que minhas batidas descompassadas estavam quase audíveis no corredor da loja.

Ele sorriu levemente e falou, em um tom que chegava onde as vendedoras oferecidas estavam:

— Eu acho que a nossa filha vai adorar este, minha linda.

Eu não estava preparada praquilo. Fiquei estupefata, entorpecida.

As assanhadas arregalaram os olhos (deviam estar pensando: mas que porra é essa? Eles não eram primos?), e Max continuou sorrindo para mim, incentivando-me com o olhar a brincar de teatrinho.

Mas como é que a gente fala o texto se está sem voz? (Você também não deixou passar o "minha linda", não é? É claro que era fingimento, mas meu coração ainda estava se recuperando do "você é linda" genuíno quando ele soltou aquele "minha linda" de mentirinha. E o fato de ele ter dito que jamais chamaria uma mulher assim, e depois ter usado o vocativo — mesmo que de faz de conta — me deixou baqueada).

— Ah, também acho... Meu lindo — falei, quando finalmente consegui.

Mas eu estava tão lívida que nem consegui retribuir o sorriso travesso, natural e totalmente espontâneo que ele exibia naqueles lábios diabolicamente modelados.

— Se a minha linda concorda, vai ser este aqui, moça — avisou, virando-se para uma das vendedoras.

Ai. Meu. Deus. Socorro!

Depois disso, as mulheres continuaram manjando-o de alto a baixo (óbvio), mas pararam com aquelas tentativas pírias de sedução.

— E aí, prima, acha que posso virar ator? — perguntou, assim que saímos da loja.

— Com essa sua cara *horrorosa*, você não precisaria de muito talento para ser contratado. — Graças a Deus, eu já estava de volta à boa forma, com comentários irônicos, respostas ácidas e tudo.

— Esse é o seu jeito de dizer que eu seria um galã canastrão, prima? — Ele caiu na risada. — Sabe, eu até poderia acreditar, quando você diz que a minha cara é *horrorosa*, se as mulheres não me dissessem o contrário o tempo todo. — O devasso piscou um olho.

Que *ódiooooooooooooo*! Que vontade de esmurrar esse a cara desse desgraçado!

— Max, você tem um problema grave. Gravíssimo — anunciei. — Autoconfiança hiperbólica mesclada a um narcisismo megalomaniaco patológico, acentuado por um excesso de comentários femininos altamente incompatíveis com a realidade. Você não é essa bolacha toda, não, meu filho!

— É o seu diagnóstico, doutora? — ele perguntou, nem um pouco ofendido ou abalado.

Era isso o que me matava de raiva! Ele nunca se alterava com nada!

— É, é o meu diagnóstico. E você seria bem mais bonito (como se isso fosse possível!) se fosse menos presunçoso. Ninguém gosta de gente que se acha. E você se acha demais, queridinho.

— Errado, prima. Na verdade, ninguém gosta de gente que se acha *sem ser* — ressaltou. — Ninguém gosta de gente que age com falsa modéstia, também. Despretensão é tão irritante quanto presunção. Prefiro soar presunçoso a fingir modéstia — ele disse.

— Ninguém gosta de gente que se acha, sendo ou não sendo, Max. Ponto final. E você é muito debochado. Insuportavelmente descarado e convencido. Chato pra caralho! — falei, furiosa.

— Não tenho culpa. Nasci assim. — Ele deu de ombros, sorrindo, é claro.

Eu queria gritar, mesmo que não estivesse em um local muito propício para isso. E queria sair de perto dele, antes que perdesse a paciência de vez.

— Max, você se importaria se eu passasse rapidinho em uma loja? Prometo que não demoro. Preciso comprar uma coisinha — falei, lembrando-me da noitada que eu teria logo mais. — Pode ir guardar o boneco no carro. Eu compro o que preciso e te encontro lá no estacionamento.

— Por que eu não posso ir junto? — perguntou, parecendo meio desconfiado.

— É coisa de mulher, Max. Tenho um encontro hoje à noite — revelei, soando propositalmente satisfeita (tudo bem, eu não tinha um encontro marcado, exatamente, mas seria uma espécie de encontro, já que eu encontraria um gato e o levaria para casa. Além disso, eu disse aquilo porque queria ver aquela crista imensa do babaca do Max abaixada).

— Um encontro? Você chegou ontem à cidade, Olívia! Como é que já tem um

encontro? — ele exclamou, totalmente exasperado. Olhos arregalados e tudo.

Tive que controlar o riso. Saquei uma régua imaginária e procedi à medição. Crista meio centímetro abaixada. Já era alguma coisa.

— Pra você ver. — Dei de ombros, como se dissesse: "que coisa, não?".

Ele me olhou de um jeito estranho e anunciou, com certa aspereza:

— Tá bom, vai lá.

— Ótimo! — falei, girando nos calcanhares e fazendo questão de rebolar enquanto me afastava.

Se Max queria uma guerra, encontraria uma. Eu o faria engolir aquela prepotência toda.

Não demorei muito a encontrar um vestido que me agradasse (em uma loja de departamento, é lógico!). Era preto (pretinho básico, sem erros, né, amiga?), curto, tubinho, e tinha um decote não muito revelador, do tipo "sexy sem ser vulgar".

Experimentei no provador e fiquei chocada com o quanto o corte me valorizou. A cintura parecia bem mais fina, e fiquei com umas ancas à la Camila Pitanga. Meus peitos também ficaram bonitos no decote. Avaliei o modelito e concluí que o vestido ficaria ótimo com saltos bem altos.

Eu já estava saindo da loja quando passei pelo corredor de lingerie. Não pude resistir. O vestido e a noite promissora definitivamente mereciam uma bela peça por baixo.

Comprei um conjunto preto de sutiã e calcinha fio-dental (se é pra jogar, joguemos com todas as cartas. Não sabe brincar, não desce pro *Play!*) e outro vermelho (porque lingerie vermelha nunca é demais, né, minha *best?*).

Saí toda contente (apesar de bem mais pobre) e corri para a primeira loja de sapatos que vi (não era daquelas de arrancar o couro, do tipo que uma sandália sem detalhe nenhum custa um salário mínimo). Fui bem direta e perguntei logo à vendedora se tinha alguma coisa do jeito que eu queria. Ela me mostrou um par maravilhoso! Quinze centímetros de puro poder!

A sandália era simples (naquela onda do "menos é mais"), mas linda. Experimentei e amei. Fiquei superalta (tenho 1,67m + 15 cm = 1,82m!). Só tinha um problema: a bendita custava duzentos e cinquenta dólmas! Acabei comprando, né, mesmo estando em uma situação financeiramente crítica, em que poupar dinheiro era vital. Liguei o foda-se e me joguei.

Quando estava saindo da loja, escutei Bruno me chamando (isso, agora o meu celular vai se chamar Bruno). Era Max, obviamente.

Olhei as horas. Porra, eu tinha demorado demais! Tinha se passado quase uma hora inteira!

— Max, desculpa, já terminei! Já estava indo! — falei, meio desesperada,

assim que atendi.

— Relaxa, prima. Eu sei que "rapidinho", "prometo que não demoro" e "mulher no shopping" são termos que não formam uma frase verdadeira. Suze que o diga. Já fui buscar Sofia. Estamos na praça de alimentação. Vem pra cá. Nós seremos a Princesa Aurora, o Palhaço Descabelado e o cara com um distúrbio chamado: "autoconfiança hiperbólica mesclada a um narcisismo megalomaniaco patológico" sentados em uma das últimas mesas, bem no canto. — Ele deu uma risada.

Poxa, o devasso tinha até decorado o que eu disse! De repente, senti um pouco de remorso, mas, assim que me lembrei do quanto ele era irritante, a culpa evaporou-se. De todo jeito, não pude deixar de rir também.

Depois de desligar o celular, caminhei até a praça de alimentação. Estava cheia, mas logo avistei Max, completamente lindo, conversando com uma garotinha muito loira.

Ela tinha ondas douradas e naturais nas pontas do cabelo, que cobria seus ombros magros de criança. Usava um vestido rodado cor-de-rosa e sapatilhas fofas do mesmo tom. Parecia uma garotinha de comercial de xampu infantil, de tão linda. Em seu colo estava o palhaço de pano (o bicho estava mesmo todo descabelado!).

Fui até lá e cumprimentei:

— Oi, Sofia!

Ela me olhou, e seus olhinhos azuis sorriram de felicidade.

— Você é igualzinha a Princesa Jasmine! — Sofia bateu as mãozinhas uma na outra. — Eu sou a Aurora!

— Você é muito mais linda que a Aurora — falei.

Ela sorriu e disse, com a vozinha meiga:

— O tio Max diz isso também.

Olhei para Max, e nós sorrimos um para o outro. Foi a primeira vez que eu o vi sorrir daquele jeito puro, sem malícia ou atrevimento. Constatei que o desgraçado ficava ainda mais bonito sorrindo daquela maneira.

Sentei-me ao lado de Sofia, e ela se aproximou para me dar um beijo na bochecha.

— O tio Max trouxe o palhaço dele, Olívia. Você descabelou o bichinho todo, tadinho! Mas o tio Max falou que agora ele é meu, e que eu posso pentear o cabelinho dele — ela disse, alisando os tufo coloridos e desgrehados que saíam das laterais da cabeça do boneco.

Meu Deus, Max tinha descabelado o bicho! Mordi o lábio para não rir, e ele me encarou com uma expressão maliciosa. Crápula safado!

— O seu tio achou que ele estava muito arrumadinho, Sofia. E me pediu para

descabelá-lo todo. Mas você tem razão, vai ficar bem melhor depois que você pentear — expliquei, tentando não me afetar pelo olhar do devasso.

Ela assentiu daquele jeito enfático que as crianças assentem e exclamou:

— Tô com fome, tio Max!

Ele deu um beijo na bochecha dela e olhou para mim.

— Princesa Jasmine, você poderia fazer companhia à Princesa Aurora por alguns instantes? Garanto que ela é uma princesa muito comportada.

Eu respondi com um sorriso, e ele se levantou.

— O tio Max vai resolver isso, meu anjo — disse à sobrinha e se curvou para beijar sua cabeça.

Ai, meu Deus, não! A versão fofa de Max era demais para suportar! Fiquei toda derretida, e, com certeza, devia estar com uma cara que entregava toda a situação. Merda, eu precisava da versão irritantemente devassa de volta!

Max se afastou, graças a Deus, e Sofia e eu ficamos sozinhas.

— O tio Max vai tocar hoje, sabia, Olívia? Eu queria ir, mas a mamãe disse que vai trabalhar o dia inteiro e que vai estar muito cansada pra sair à noite. E o papai disse que tem plantão hoje, e que eu não poderia ir de qualquer jeito, porque sou criança, e criança não pode ir. Então eu pedi pro tio Max pra dormir lá na casa dele, pra ele me levar escondida. Mas ele disse que princesas não podem ir, porque princesas boazinhas dormem cedo — ela disparou de repente, cruzando os bracinhos e fazendo um biquinho fofo e amuado.

— Como assim? Tocar o quê, Sofia? — perguntei, quando ela finalmente parou de formar frases ininterruptas.

Eu estava morta de curiosidade e superansiosa pela resposta.

— O tio Max tem uma banda. Ele canta igual a um príncipe, sabia? — ela disse, toda orgulhosa.

Meu Deus! Por que, meu Pai? Por que o Senhor me castiga tanto? Aquele homem cantando em uma banda? Jesus Cristo, devia ser coisa de outro mundo!

— Que músicas ele canta, Sofia? — indaguei.

A garotinha estava alisando uma mecha do meu cabelo, fazendo movimentos repetidos com a mãozinha.

— O seu cabelo é macio — falou, mostrando os diminutos dentinhos de leite.

Porra, eu queria que ela respondesse à maldita pergunta!

— Obrigada, Sofia. E então... Que músicas o seu tio... — comecei.

— Posso fazer uma trancinha? A minha mãe me ensinou — ela me interrompeu, lançando-me um olhar suplicante.

Meu Deus, criança, responda!

— Pode, Souf. Posso te chamar de "Souf"?

Ela abriu um sorriso imenso e me olhou como se fôssemos cúmplices. Ótimo,

agora ela vai responder à porra da pergunta.

— Pode! — exclamou, cheia de entusiasmo, começando a trançar uma mecha fina do meu cabelo.

— E então, Souf, que músicas o seu tio canta? — insisti. A curiosidade estava me consumindo.

— Ah... Músicas bem altonas. Em inglês. Eu sei falar umas coisas em inglês, a minha *teacher* se chama Rita. E eu tenho uma *classmate* muito legal. *Her name is* Duda. E ela mora *next to my house and is my best friend*. E o tio Max prometeu que vai me levar pra ver ele ensaiando hoje, sabia? Depois do nosso nado borboletinha. E depois do ensaio, ele vai me deixar na minha casa, antes de ir pro lugar que eu não posso ir porque sou uma princesa boazinha — respondeu, muito concentrada na tarefa de entrecruzar as três mechinhas de cabelo.

Como ela conseguia manter aquela expressão compenetrada enquanto conversava tanto?

— E como é a banda do seu tio, Souf? — Meu Deus, eu precisava de todas as informações! Ia sugar tudo o que aquela criança conversadeira sabia!

— Ah, o tio Max diz que não é uma banda de verdade, que é só um passatempo com os amigos dele. Mamãe só me deixa comer passatempo às vezes no fim de semana, vendo o *Discovery Kids*. Eu gosto muito de ver *My Little Pony* e Barney e Seus Amigos. Thomas e Seus Amigos também é bom, mas eu gosto mais do Barney. Tio Tito gosta mais do Thomas e Seus Amigos. Ele não mora aqui, mas assiste comigo quando vem me ver. Eu gosto muito mesmo do tio Tito. Ele é legal. Só que o tio Max é mais, porque eu vejo o tio Max sempre, e o tio Tito eu vejo só nas férias dele. Mas não conta isso que eu falei pro tio Tito, viu, Olívia? — Assenti. Foi só o que eu pude fazer, porque ela logo recomeçou a falar. — Mamãe diz que o tio Max poderia ser músico de verdade se quisesse, porque ele toca e canta muito bonito. Mas o tio Max só toca às vezes. Hoje ele vai tocar em um lugar que eu não sei qual, mas sei que é por causa do Piolho, amigo do tio Max. Ele também toca na banda, e o tio Max disse que o Piolho que arranjou esse pepino. Eu não gosto de pepino, mas o tio Max me explicou que pepino significa "problema". E eu acho que é mesmo, porque toda vez que a mamãe coloca pepino no meu prato ela sempre diz que vou ter sérios problemas se eu não comer. O tio Max disse que estar no palco é bom, mas é ruim, porque ele perde a diversão da pista. Eu não entendi, mas fiquei com dó dele, tadinho. Tudo por causa do Piolho. Mamãe pede pro tio Max tocar nas festas das amigas dela, porque as amigas da mamãe gostam muito do tio Max. Ele é muito legal, né? Eu amo o tio Max. — Meu Deus, Sofia era muito tagarela! Ela mudava de assunto e retomava o fio da meada o tempo todo, como se não tivesse feito uma cisão na conversa. E falava sem parar, muito rápido,

emendando as palavras.

— É, ele é muito legal. — "Mas não é por isso que as amigas da sua mãe gostam dele, Souf", eu quis completar. "É porque ele é muito gostoso".

— Terminei! — ela anunciou, prendendo a pontinha da trança com dois minidedos.

— Do que vocês tanto falam? — Max apareceu com duas bandejas cheias de hambúrgueres, batata frita e refrigerante nas mãos.

— Nada! — apressei-me em dizer.

De jeito nenhum eu poderia deixar que ele descobrisse que eu estava puxando a língua da Sofia a respeito dele e da tal banda.

— Olha que linda a trança que Souf fez em mim! — exclamei, indicando a trancinha meio disforme aprisionada entre os dedinhos de Sofia.

— Ela deixou você chamá-la de "Souf"? — ele perguntou, abismado, colocando as bandejas sobre a mesa.

— Deixou... — falei, sem entender.

Sofia olhou para ele com olhinhos de culpa.

— Nossa, Sofia, achei que fosse uma coisa só nossa — Max disse, parecendo mesmo meio magoado.

— Desculpa, tio Max! Mas é que a Olívia é nossa priminha... Você disse que nós somos os Três Primos, igual aos Três Mosqueteiros, achei que podia... — ela falou com a vozinha triste, quase chorosa.

— Tá, tá bom, Souf. Tem razão. Não tem problema, minha linda. — Ele a puxou de lado e a abraçou, beijando seu cabelo enquanto olhava para mim, estreitando os olhos, como se eu fosse a criança má do parquinho.

Ai, meu Deus, não! A versão fofa e ciumenta do Max era demais para suportar! Onde estava a versão irritantemente devassa quando a gente mais precisava dela? Merda!

Fiz uma expressão bastante convencida e mostrei a língua para ele. Max devolveu com uma careta hilária, e eu caí na risada. Ele coçou a bochecha direita com o dedo médio, camuflando o gesto obsceno universal, mas deixando claro em sua expressão que, se Sofia não estivesse ali, ele estaria erguendo o dedo com orgulho para mim. Gargalhei ainda mais alto. Ele riu, liberou a sobrinha do abraço e jogou uma batatinha frita na boca. Sofia imitou o gesto. E, então, nós três começamos a comer.

Eu estava mesmo faminta e nem fiz cerimônia quando Max me empurrou meu hambúrguer, meu megacopo de refrigerante e o saquinho de batatas fritas.

Enquanto comíamos, notei que muita gente ficava nos observando, com expressões que revelavam o quanto estavam achando linda aquela "família" tagarela, se esbaldando de calorias extras (Max devia malhar tanto que aquilo

nem fazia cosquinha. Já eu, corria um sério risco de não entrar no vestido mais tarde).

Sofia foi me contando várias coisas enquanto comíamos, daquele "jeito Sofia" de falar. Contou onde ela estudava (era numa escolinha chamada Fada Azul, e ela tinha três coleguinhas idênticos, que eram trigêmeos; o Maurício era o mais legal; o Marcelo era o mais bobão; e o Marcos era o mais inteligente da sala, depois do Paulo, que tinha uma prima na segunda-série, a Marina, a qual tinha uma mochila linda da Barbie, com *glitter*), quem era a melhor amiguinha (era a Maria Eduarda, que tinha um cabelo todo cacheadinho, igual a macarrão instantâneo, só que escuro. E Duda gostava de Igor, mas era segredo. Só as duas sabiam. E o diário de Sofia, porque ela escrevia tudo nele. A mãe de Maria Eduarda era a melhor amiga de Susanne, e Sofia gostava muito dela, porque ela era muito legal) e quem era o garoto mais chato da escola (era o Matheus, que usava uma mochila do Ben 10 e tinha cabelo muito preto e olhos meio puxados, mas eu fiquei com a impressão de que Sofia gostava dele).

Ela também revelou que o tio Max lia historinhas de princesas para ela, e até construía uma tenda de lençol rodeada de luzinhas pisca-pisca para eles ficarem dentro quando ela dormia na casa dele (Max ficou um pouco constrangido, mas tentou disfarçar comendo mais batatas fritas).

Detesto admitir, mas essa era uma cena que eu gostaria muito de ver; o devasso contando historinhas de princesas para a sobrinha dentro de uma tenda improvisada e toda iluminada. Caralho, devia ser ultrafofo!

Sofia falou da apresentação do balé, que aconteceria no final do semestre (ela não soube dizer a data), e que o tio Max ia vê-la dançar. E, então, ela me convidou para ir também (eu receberia um convite com a data e tudo o mais). Eu disse que não perderia de jeito nenhum, e ela nos fez "jurar juradinho" que Max e eu estaríamos lado a lado, vendo tudo da primeira fila, porque ela ia poder usar maquiagem no dia (com *glitter*, ainda por cima!), e queria que víssemos de perto. Então, nós fizemos o Juramento do Mindinho.

Quando terminamos de comer, nós três voltamos para o carro.

Já estávamos quase chegando à Rua das Cerejeiras quando Sofia, devidamente acomodada na cadeirinha no banco de trás, perguntou:

— Agora a gente vai pra casa do tio Max nadar borboletinha, né, Olívia?

Fiquei sem reação, porque é óbvio que eu não chegaria perto daquela piscina! E também não deixaria Sofia entrar naquele lugar contaminado de fluidos corporais nojentos!

— Você não vai poder nadar hoje, Sofia, porque a piscina do tio Max está interditada. Ele deve ter se esquecido de que a sujou ontem com suas amiguinhas — falei, sem conseguir conter a irritação.

Max deu uma gargalhada e perguntou:

— O que você acha que eu sou, prima? É claro que providenciei que a piscina fosse higienizada hoje de manhã. Já deve estar limpa a essa altura, inclusive. Eu já tinha prometido pra Souf que ia ensiná-la o nado borboletinha. — Ele riu. — E não aconteceu nada de mais lá dentro. Você apareceu antes de a festa começar.

— Sei — falei, erguendo uma sobrancelha desconfiada.

— Que festa, tio Max? — Sofia perguntou.

— Ah, meu anjo, uma festa de aniversário, de um amigo do tio — improvisou.

— Do Piolho? — perguntou Sofia.

— Isso, minha linda. Do Piolho. E é claro que rolou uma festinha particular antes, né, prima? Mas não na piscina, infelizmente. — Ele deu uma risada.

Eu sabia! É óbvio que ele tinha comido aquelas putas (putas, sim! Vagabundas! Pronto, falei! Foda-se!). Ele não as dispensaria sem provar primeiro.

— Que nojo, Max... Você é patético. Nunca mais você vai encostar um dedo em mim! — exclamei, morta de raiva.

— Deixa de ser careta, prima! E não, não vou mesmo. Mas só porque Max Vetter não perde tempo com quem ele já... — O devasso fez uma pausa. — Bem, você entendeu. — Meneou a cabeça em direção à sobrinha no banco de trás e, em seguida, apertou o botão do controle para abrir o portão da garagem.

— Olívia... — chamou Sofia.

— Oi, Souf? — Forcei uma voz gentil e não irritada, virando a cabeça para enxergá-la.

— Você vai nadar, né?

— Vai, Souf, claro que vai. A prima Olívia adora uma piscina! — Max provocou.

Eu o incendiei com o olhar e falei:

— Fica para outro dia, Souf. Eu nem tenho biquíni — menti.

Na verdade, eu tinha um biquíni, embora não estivesse cem por cento certa de que ainda me servia, já que o usei pela última vez na festa de boas-vindas aos calouros, quando eu tinha dezoito anos (preciso dizer que a Carolina, namorada de Thomas, ficou roxa de ódio e verde de inveja quando me viu de biquíni. Ela tinha ido com um maiô cor-de-rosa cheio de babados ridículos. Risos eternos).

Max mordeu o lábio e me encarou. Li exatamente o que ele queria dizer em sua testa: "nada pelada, prima!". Balancei a cabeça em sinal de reprovação enquanto ele desligava o motor.

— Ah... Nada de calcinha, então! O tio Max já me deixou nadar de calcinha um dia, não foi, tio? A Olívia pode nadar de calcinha também, né?

Max caiu na risada, e então disse, piscando um olho:

— Claro, nada de calcinha, prima!

O devasso estava descontando a história do palhaço! Cachorro!

— Fico só olhando, tá bom, Souf? — barganhei, desintegrando o filho da puta com os olhos.

— Ah... — ela reclamou. — Tá bom, então — cedeu, por fim.

Max saiu do carro e libertou Sofia da cadeirinha. Desci, e nós três adentramos a casa.

10. A palavra é de prata, o silêncio é de ouro

OLÍVIA

Assim que passamos pela porta da frente, eu conheci a Lídia. Ela vinha da cozinha e trazia um pano de pratos sobre o ombro.

Era uma senhora franzina e baixinha (e não uma gostosona em trajes promíscuos de empregada). O cabelo escuro estava preso em um coque entremeado de fios grisalhos, e ela estava usando um vestido preto, simples e discreto.

Lídia me cumprimentou com um abraço apertado e beijou minhas bochechas, fazendo o mesmo com Sofia em seguida. Depois, nós nos sentamos em um dos sofás da sala chique e imensa de Max. Sofia preferiu uma das poltronas.

O cômodo era todo decorado com móveis requintados e objetos decorativos elegantes. Tudo muito claro, *clean*, com cara de riqueza. Eu me senti no Projac, no cenário do núcleo rico da novela das nove.

— Ah, Olívia, eu estava tão ansiosa para conhecê-la! Vi esse menino desse "tamaninho"! — Lídia disse, fazendo um gesto que indicava que conhecia Max desde criança. — Só venho em algumas sextas-feiras e aos fins de semana, porque ele almoça fora nos outros dias, mas não o abandono de jeito nenhum! Eu me aposentei nesta casa, minha filha, mas ainda venho cozinhar, porque o meu bichinho precisa comer uma comidinha caseira pelo menos no sábado e no domingo! — Ela o envolveu em um abraço carinhoso, e Max se inclinou para beijar seu cabelo, apertando-a com força (foi lindo vê-lo tão amável, preciso dizer). — Ele não sabe fritar um ovo, acredita?— emendou Lídia.

— Acredito! Também não levo muito jeito pra cozinha — confessei.

— Ah, não é difícil! Já tentei ensinar ao Max, mas ele nunca quer aprender! Só é preciso um pouco de paciência e interesse mesmo. Posso te ensinar, se quiser!

Agradei a oferta, dizendo que não era preciso, mas Lídia me fez prometer que eu teria algumas aulas nos próximos fins de semana. Aceitei, mas é claro que eu não iria! Seria folga demais.

— A Ercília adorava cozinhar. Compartilhávamos muitas receitas. Ela fazia um *goulash* de dar água na boca, o Max adorava! É a comida favorita dele. A sua tia-avó e eu éramos grandes amigas. Está me fazendo muita falta, a Ercília. Era uma mulher muito bondosa, muito preciosa... Ajudava muito no Lar das

Cerejeiras. É uma instituição que fica aqui no bairro, para velhinhas solitárias. Uma pena que seja um espaço tão pequeno. A casa sobrevive basicamente por meio de doações dos moradores. Ercília passava as tardes lá, conversando com as senhorinhas. Uma mais fofa que a outra, minha filha. Muito velhinhas mesmo, mas bastante lúcidas e conversadeiras!

— Vó Ercília adorava aquele lugar... — Max comentou, com um tom entristecido.

Ouvindo aquilo, eu me lembrei de que tinha prometido a mim mesma que visitaria tia Ercília naquela manhã, e eu havia me esquecido completamente, por ter dormido quase nada e por causa do convite inesperado de Max. Eu iria no dia seguinte, sem falta. E levaria flores.

Lídia falou mais um pouco sobre tia Ercília e sobre Franz, depois começou a falar da infância de Max:

— Ah, minha filha, você não faz ideia de como esse menino era levado! Meu Deus, aprontava que era uma beleza! — Ela riu. — Ele, Suze, Plínio e Tito são os filhos que eu não tive. Faziam cada travessura!

— E você é a mãe que eu não tive, Lili — ele disse, abraçando-a carinhosamente.

Porra. Versão fofa de novo, não, gente... Covardia... Por Zeus! Por Osíris! Por Krishna! Por todas as divindades e santos! Eu estava desesperada pela versão irritantemente devassa de Max, a que me fazia odiá-lo. Onde a desgraçada tinha se enfiado? Mas que porra!

— Ele me adora — orgulhou-se Lídia, apertando-o com vontade.

Droga. Eu queria apertá-lo com vontade. Queria apertar aqueles bíceps maravilhosos, aquele peito escandalosamente gostoso... Meu Deus... Queria apertá-lo todo e... Lambê-lo. E subir em cima dele e...

Porra, Olívia, controle-se, caralho! Isso é doentio! O cara está abraçando a mãe postiça, e você está ficando excitada! Você tem sérios problemas mentais, Olívia Dutra.

— Plínio é o marido de Suze, não? — questionei, obrigando-me a voltar ao meu estado normal.

Max mencionara o nome ao se referir ao cunhado, que trabalha no São Cipriano, e eu tinha quase certeza de que ele dissera "Plínio".

— Ah, sim... Plínio e Tito eram filhos de Mariano, o melhor amigo de Hans. Max, Suze e os dois meninos cresceram praticamente juntos — explicou Lídia. — Plínio já era quase um rapaz quando comecei a trabalhar aqui, e Tito era o mais pequetito de todos, uma gracinha. Plínio e Suze brigavam o tempo inteiro, feito cão e gato. — Ela deu uma risada. — Deu no que deu! — Lídia olhou para Sofia, que brincava distraidamente com o palhaço, tentando amansar os tufos

rebeldes do bicho. Tinha tirado um pente da mochila, até! Era cor-de-rosa, da Barbie. — Tito sempre foi o mais quietinho, tão tímido... Mas Max tentava desandar o menino de todo jeito!

— Fiz um favor àquele puto. Sem a minha ajuda, ele ainda seria um virjão a essa altura da vida — falou o devasso, caindo na risada.

Lídia olhou para Max, estalando a língua em desaprovação. Depois, comemorou:

— Estou tão feliz que vocês dois vão voltar a ficar juntos, Max!

— Vapo! — Max gargalhou. — Tá doida, Lili? E eu lá gosto de cu cabeludo? Meu negócio é boc... — começou.

— Max Vetter! — Lídia gritou, indicando Sofia com a cabeça.

Ele engoliu o restante da palavra, e ela lhe deu um beliscão, dizendo:

— Por que você não mostra a casa a Olívia? Vou colocar o maiô em Sofia.

— Ai, Lili... — reclamou ele, alisando o local beliscado. — Vem, prima, antes que ela ampute meu braço! — Ele se levantou, rindo, e puxou minha mão.

Lídia soltou uma risada. Enquanto deixávamos a sala, eu pude jurar que ela dizia, meneando a cabeça: "prima... Tá bom. Menino safado!". Ela conhecia mesmo o Max!

Ele me mostrou a casa inteira. Era linda e muito grande. Perguntei quem dava conta daquela limpeza toda (porque a Lídia sozinha é que não era), e ele disse que uma empresa mandava diaristas uma vez na semana.

O quarto de Max, ao contrário do que eu supus, não era aquele cômodo que eu podia ver da minha janela. Aquele era um dos muitos quartos da casa, mas não era o dele.

O quarto onde ele dormia tinha uma *king size* no meio, claro, e era tão chique que parecia uma suíte de hotel cinco estrelas. Inclusive, ele tinha um banheiro próprio (imenso e luxuoso), e banheira de hidromassagem, caralho. Ou seja, era mesmo a porra de uma suíte.

O escritório dele era um ambiente meticulosamente organizado, muito masculino e cheio de livros jurídicos e pastas. Havia um computador, daqueles ultrafinos de tela grande e alguns porta-retratos sobre a mesa.

Finalmente, vi uma foto de tia Ercília. Fiquei impressionada. Ela tinha traços bem bonitos, estatura mediana e um corpo magro. Os cabelos acima dos ombros eram fartos e, embora fossem grisalhos, intuí que haviam sido tão negros quanto os meus. Ela também tinha olhos esverdeados e sobrancelhas espessas. Era um pouco parecida comigo e com a minha mãe, mas se parecia muito mais com a minha avó Elisa.

O avô de Max, que estava abraçado à tia Ercília na foto, era um coroa muito conservado e muito bonitão. Alto, esbelto, de olhos acinzentados e cabelo quase

todo branco. Fiquei admirada com o fato de ele não ser careca. Muito pelo contrário, o cabelo era bastante farto ainda.

Havia também uma foto de Sofia. Ela estava sorrindo, usando o uniforme da escola (uma blusa azul-clara e uma saia pregueada azul-marinho), ao lado de Susanne (só podia ser Susanne). Finalmente vi o rosto da irmã de Max (o corpo eu já sabia que era invejável). Sem exagero, era tão linda que poderia disputar um concurso de beleza com a própria Gisele Bündchen! E ganhar, cacete!

Vi uma fotografia de Hans, pai de Max. Santa Mãe de Deus! Era o Max, daqui a alguns anos. Com todo respeito, o pai dele era um puta gato! E Max Vetter ainda encheria muitas piscinas com líquidos vaginais liberados por causa de seu sorriso lascivo se envelhecesse tão bem quanto o genitor. É claro que, sendo viúvo e gato daquele jeito, o homem também vivia cercado de mulheres, como tia Ercília falou.

Quatro crianças abraçadas formavam uma escadinha em um porta-retrato de moldura sofisticada. O primeiro, da direita para a esquerda, parecia ser o mais velho. Tinha bonitos olhos castanhos e cabelo liso da mesma cor. Ao lado dele estava uma garota um pouco mais baixa, loira e de olhos azuis. Em seguida, um menino muito loiro, de familiares olhos acinzentados, sorria maquiavelmente enquanto colocava chifrinhos no garotinho desavisado da ponta, que sorria inocentemente para a câmera, exibindo as mesmas características físicas do irmão e covinhas muito fofas.

Caí na risada vendo a fotografia.

— Você já era terrível, Max vetter — comentei.

— Eu disse, prima... Nasci assim. — Ele sorriu, pegando o porta-retrato. — Eu os amo tanto quanto amo Suze. Considero Plínio como a um irmão mais velho, e Tito é como se fosse um irmão caçula. Eu não o vejo há cerca de seis meses. Ontem, o puto me ligou. Vai voltar de vez para a cidade, e eu o chamei para ficar morando aqui pelo tempo que ele quiser. Você vai ter um novo vizinho — declarou.

— Nossa... Espero que ele seja gato. E que goste de nadar pelado — provoquei.

— Tito e eu não dividimos mulheres, senhorita Olívia — ele respondeu de modo brusco. — Temos um código. Se você já transou comigo, tenha certeza de que não vai transar com ele. Pode tirar a porra do seu cavallinho da chuva.

— Então o coitado não vai foder ninguém aqui? Porque você certamente já comeu todas as mulheres da cidade, Max Vetter.

— É... Já fodi grande parcela das que valiam a pena. Mas, graças a Deus, ainda há muitas por aí. E Tito não é tão exigente quanto eu. Tem de sobra pra ele. — O devasso caiu na risada.

— Esse tal código é simplesmente ridículo — debochei.

— Mas só vale para conhecidas em comum — amenizou ele.

— Ai, primo... Que caretice... Poderíamos até combinar alguma coisa, nós três. Você, Tito e eu. — Pisquei um olho, deslizando o indicador pelas ondulações de seu abdome.

O devasso engoliu em seco, e notei que sua respiração se alterou.

É óbvio que eu estava brincando, só para pirraçá-lo. Quero dizer, mais ou menos. Se o garotinho fofo da foto tinha crescido e se tornado um gato de covinhas fofas, eu poderia tentar essa coisa de dois caras ao mesmo tempo... Deus sabe que tenho uma queda monstruosa por covinhas.

Aí está, Max Vetter tem um defeito, afinal: ausência de covinhas.

Thomas tinha covinhas. Lembro-me de quando eu disse que as achava muito charmosas. E ele, todo modesto, explicou que covinhas nas bochechas são um defeito congênito. Algo relacionado ao tecido fibroso. Um defeito que, na verdade, é uma baita qualidade! Homens de covinhas são irresistivelmente fofos. E para completar, Thomas também tinha uma covinha no queixo. Três covinhas. Ou seja, triplamente irresistível.

— Nós quatro, você quer dizer. Porque a namorada dele vem junto — Max informou.

— Huuuum... Então Tito tem namorada? Nossa, primo, agora fiquei ainda mais interessada no seu irmão postiço — menti, acariciando-o com a mão inteira.

É claro que era mentira! Não sou periguite! Já falei, só mexo com gostosos descompromissados! Eu só queria deixar o convencido do Max puto, e acho que estava funcionando, porque ele fechou a cara, tirou minha mão de seu peito e me puxou, dizendo, bastante sério:

— Vem, vamos ver o restante da casa.

O próximo quarto era o de Souf, todo rosa e cheio de bichinhos de pelúcia, bonecas e outros brinquedos. A cama era daquelas de criança, de princesa, com cabeceira em formato de coroa. Havia uma poltrona cor-de-rosa, um baú cheio de livros ao lado, e uma mesinha com cadeirinhas muito fofas em cima de um felpudo tapete rosa e redondo no meio do quarto.

— Você gosta muito dela, né? — comentei.

— Demais. Suze até tem ciúme. Vive dizendo que, qualquer dia, vou acabar raptando Sofia. — Ele deu uma risada. — E o pior nem é isso. Ela fala que, quando eu tiver os meus próprios filhos, vou, finalmente, deixar a filha dela em paz. Mas isso nunca vai acontecer.

— É, acho mesmo que você nunca vai deixá-la em paz, Max. Tem até um quarto de princesa na sua casa pra ela!

— Não, tô falando da parte de ter filhos — ele me corrigiu.

— Você não quer ter filhos? Por quê? Você é ótimo com crianças! Sofia te venera!

— Não vou ter filhos porque acho que uma criança precisa de um pai e uma mãe presentes, ao mesmo tempo, na mesma casa. E eu não tenho a intenção de me casar. Nunca. É claro que tem muito pai e mãe solteiros por aí que mandam superbém. Inclusive, meu pai, que nunca se casou de novo, foi um pai excelente. E eu tive a sorte de ter uma pessoa maravilhosa como Lili na minha vida, que sempre me tratou como a um filho. Você viu, com beliscões e tudo. — Ele riu. — Mas, se for para eu ser pai solteiro, prima, é melhor deixar tudo como está, já tenho a Souf.

— É, eu te entendo. Também não vou me casar. Nunca.

Max arregalou os olhos.

— Sério?

— É, Max. Já te falei. Olívia Dutra não namora. Logo, Olívia Dutra não se casa.

Ele continuou me fitando com uma expressão incrédula estampada no rosto bonito.

— Ai, primo, não seja tão careta! — provoquei, imitando-o. — Você acha que só os homens têm o direito de desejar apenas curtição? Pois esse é um pensamento ultraretrógrado, Max Vetter. Não quero envolvimento amoroso com cara nenhum. Essa coisa de amor só serve para fazer a gente chorar nos livros. Na vida real, a coisa não funciona. Muito desgaste emocional por nada. Para que coisa melhor que a praticidade das trepadas casuais? Isso vai me bastar para sempre. Não preciso de homem para nada diferente de me comer.

— Meu Deus, acho que estou me apaixonando por você, prima! — brincou. — Não que as mulheres só sirvam para serem comidas, *claro!* — enfatizou. — Mas eu só quero comê-las. Mais nada. Qualquer coisa além disso é procurar aporrinhção desnecessária. Eu só quero comer, você só quer ser comida. Porra, nós somos almas gêmeas, caralho!

E, então, num impulso entusiasmado, Max me deu um abraço apertado. Era para ter sido uma coisa inocente, de brincadeira. Mas, quando nossos corpos se chocaram, foi difícil ignorar a atração. Ele me beijou, e logo estávamos excitados, completamente loucos de tesão.

— Vem cá, prima — ele falou, me puxando.

Fomos para o cômodo mais próximo, que, no caso, era um banheiro. Havia uma pia imensa de mármore, onde ele me sentou, incendiando minhas coxas com as mãos, enquanto mantinha os lábios colados aos meus.

Max logo se afastou, pegou uma camisinha no bolso (é, ele não estava

mentindo sobre carregar camisinhas para todo canto), abriu a bermuda e desenrolou o preservativo pela extensão do cacete duro com uma rapidez impressionante. Subiu meu vestido (que na verdade já estava praticamente todo para cima), puxou minha calcinha para o lado e entrou, engolindo meu gemido inicial com um beijo ávido.

Quando ele começou a sair, metendo com força em seguida, eu agarrei suas costas por debaixo da camisa e finquei as unhas em sua pele.

Max subjugava minha nuca, levantando parte do meu cabelo, e metia sem dó, mordendo e sugando meu queixo, meus lábios e meu pescoço. Comecei a gemer cada vez mais alto, e logo estava gritando. Ele soltava suas pornografias verbais e me deixava mais próxima do orgasmo a cada estocada.

— Tá gostoso, safada? Toma mais rola, toma, gostosa. — Ele arremetia daquele jeito delicioso, estilo Max, e me apertava toda, dominando minha cabeça e preenchendo meu peito esquerdo com a mão inteira.

Foi a melhor e a mais rápida trepada da minha vida. Selvagem, quente e suada. Quando gozei, ele prendeu meus lábios com o polegar, arrastando o dedo pelo meu lábio inferior enquanto me observava, sem parar de meter. E, então, ele me beijou e se entregou ao próprio orgasmo.

Max apoiou o corpo pesado no meu, e ficamos assim por alguns segundos, completamente arfantes. Pouco depois, ele beijou meu pescoço e se afastou.

— Caralho, prima... — disse, com a voz seca e alterada enquanto tirava a caminha.

— Lá se foi a terceira que nunca ia acontecer, Max Vetter — falei, meio tonta, sentindo tudo rodar. Tentei impulsionar o corpo para descer, mas não consegui.

— Porra... Nunca transei duas vezes com a mesma mulher. Imagina três. — Max fez uma pausa, parecendo levemente atônito. — Mas tá tranquilo, prima. Nós somos almas gêmeas, esqueceu? — Ele riu, descartando o preservativo.

— Ah, é mesmo... — Ri também, tentando disfarçar o quanto fiquei chocada e estranhamente satisfeita com a recente descoberta.

Eu era a única mulher na face da Terra com três figurinhas de Max Vetter coladas no álbum!

Ele se vestiu e me ajudou a me levantar. Eu ainda estava pensando no meu trio de figurinhas quando vi meu reflexo no espelho. Tomei um susto. Meu cabelo estava todo bagunçado, e a pele, toda vermelha.

— Desgraçado! Olha só o que você fez com a porra do meu cabelo, cretino!

Max gargalhou.

— Desculpa, prima. Eu precisava de um apoio. — Ele deu de ombros enquanto tirava uma escova de dentro da gaveta.

— Que fofo, Max, não sabia que você curtia um rosinha — pirraça, pegando

a escova cor-de-rosa que ele me estendeu.

— “Rosinha” só se for boceta ou cu, prima. A escova é de Sofia — explicou. Tive que rir.

— Que nojo que eu tenho de você, Max.

— Jura, senhorita Olívia? — Ele apertou minha bunda enquanto eu penteava o cabelo. — Engraçado... Não parecia, há uns dois minutos. — É claro que o devasso deu aquele sorriso de demônio dele enquanto fitava meu rosto pelo reflexo do espelho, com a mão espalmada no meu traseiro.

— Não vou transar com você de novo. Foi a última vez. Que fique claro — eu disse, penteando com força. — E tira a mão da minha bunda, porra.

Ele sorriu malignamente e avisou:

— Prima, não brinca com fogo. Além de sofrer do distúrbio da "autoconfiança hiperbólica mesclada a um narcisismo megalomaniaco patológico", eu também padeço de uma síndrome chamada "predisposição doentia à conversão de negativas em desafio aceito, mesclada a uma compulsiva necessidade de provar pontos". E o fato é, senhorita Olívia, que eu tenho um ponto: ninguém diz a Max Vetter que não vai transar com ele de novo. Agora, a questão: vou precisar prová-lo? Outra vez? — Ele perguntou, arqueando uma sobrancelha no espelho (a mão continuava na minha bunda, e eu a empurrei com força, tomada pela irritação).

Achei um desaforo! Alguém precisava ensinar limites a Max, aquele criançaço mimado, que achava que o mundo girava ao redor dele! Fiquei possessa, principalmente porque eu entendia o motivo de ele ser assim. Tenho certeza de que nenhuma mulher sã já ousou dizer não a ele. E eu também não queria dizer, é claro. Mas, se tinha algo maior que o meu tesão por Max, era o meu amor-próprio (e a minha vontade de estapeá-lo, óbvio). Ele ia ver só!

— Faça o que quiser, Max. Mas eu vou ser a primeira a contrariar a sua regrinha infantil. Não. Vou. Transar. Com. Você. De. Novo. Max. Vetter — desafiei.

Ele se limitou a sorrir (sim, outro sorriso devasso de tirar o fôlego, mas ignoremos essa parte porque o fato de ele ter me afetado tanto com aqueles lábios tortos curvados é prejudicial à minha tese argumentativa aqui).

— Max, você é *muuuuito* prepotente. Um chato da porra. E, sim, você é bonito, desgraçado, mas essa sua mania de se achar o cara mais gostoso do planeta é um porre. Você não é a porra do sol, Max Vetter! E... Meu Deus do céu! — gritei de repente ao visualizar um chupão imenso no meu pescoço. — Seu filho da mãe! Olha o que você fez, caralho!

Ele viu e começou a gargalhar.

— Porra, prima, quanto amadorismo da minha parte, né? Isso aí é coisa de

moleque fazer — brincou.

— Desgraçado! Isso vai melar o meu encontro, Max! — gritei, dando um murro no braço dele. — Você fez de propósito, cretino!

— Eu estou me fodendo para a porra do seu encontro, Olívia! — ele gritou de volta, bastante encolerizado.

Fiquei esfregando, tentando minimizar, em vão, a situação.

— Desculpa — ele disse, instantes depois, tentando conter o riso. — É sério, prima... Caralho, tinha tempo que eu não fazia um troço desses — falou, me puxando para analisar a mancha.

Ele segurou meu maxilar e inclinou meu pescoço para ver melhor. Enquanto observava, passou o dedo de leve na região avermelhada, bem de leve. Leve demais. Quando ergui os olhos para encará-lo, meu coração deu solavancos. Max me olhava de um jeito diferente. Era tesão, claro, mas era... Diferente.

Ele pousou os olhos em minha boca e se aproximou devagar. E, então, começou a me beijar.

Foi a primeira vez que ele me beijou daquele jeito, completamente sem pressa. Seus lábios dançavam uma valsa lenta com os meus, sua língua bailava devagar com a minha. O beijo fazia aqueles barulhos gostosos nas pausas curtas. Uma mão segurava minha nuca com suavidade, e a outra me trazia para perto, seu braço enlaçado na minha cintura. Deixei os dedos escorregarem em seu peito, acariciando-o por cima da camisa.

Saboreávamos a textura úmida e cálida dos lábios um do outro. Respirávamos e suspirávamos pesadamente, deixando pequenos gemidos escaparem no encontro de nossas bocas. Meu peito ardia em chamas, e uma espécie de dor, que eu nunca tinha sentido antes, espalhava-se pelo meu corpo inteiro. Era uma sensação inédita, quente e deliciosamente dolorida.

De repente, Max parou de me beijar. Ficou alguns segundos com a mão ainda no meu rosto, os lábios a centímetros dos meus, a testa colada à minha. Então se afastou, visivelmente alarmado. Ficamos olhando um para o outro sem dizer nada.

Os beijos famintos de Max Vetter eram excepcionais, mas aquele tinha sido surreal, doce, lento e intenso, uma espécie de apoteose. Eu estava sem ar, mas de um jeito singular. Estava terrivelmente excitada, mas aquele tipo de tesão era uma coisa totalmente nova. E meu coração golpeava meu peito com tanta intensidade que eu cheguei a pensar que teria um ataque cardíaco a qualquer momento.

— Acho que eu... Vou embora — avisei, depois de alguns segundos encarando aqueles olhos prateados completamente aturdidos.

O clima tinha ficado pesado, tenso. A atmosfera de brincadeiras, ironias e

sorrisos insinuantes, que estava sempre presente entre nós, evaporara.

— Por quê? — ele perguntou, limpando a garganta de repente.

Meu coração ainda estava descompassado, e aquela sensação dolorida ainda não tinha ido embora.

— Eu... — Limpei a garganta também. — É que eu me lembrei de umas coisas que preciso fazer, antes do...

— Antes do seu encontro — completou.

— É, isso. — Nem era o que eu ia dizer, mas concordei, para facilitar (eu ia dizer antes do almoço).

— Certo. Eu te levo até a porta, então. Suas compras estão no carro.

— Tá.

Caminhamos até a garagem sem dizer nada. Foi bastante sinistro. Max Vetter, falante do jeito que era, completamente em silêncio? Coisa mais esquisita do mundo.

Presumi que Lúdia e Sofia já estavam à beira da piscina, porque não as vi durante o trajeto.

— Obrigada, Max. Diz pra Sofia que eu a vejo depois, e que ela pode me fazer uma visita quando quiser. E diga a Lúdia que eu adorei conhecê-la — falei, pegando as minhas sacolas das mãos dele (evitando contato visual, inclusive).

Nenhum de nós havia cogitado a hipótese de ir até a piscina para despedidas. Definitivamente, não estávamos no clima para fazer social, muito menos para uma criança e uma senhora (porque são os dois tipos de pessoas mais inoportunamente tagarelas que existem).

Ele assentiu, e caminhamos até o portão.

Quando ganhei a calçada, ele disse, bastante sério:

— Tchau, Olívia.

— Tchau, Max — respondi e andei o mais rápido possível até a minha casa.

11. Quem com ferro fere, com ferro será ferido

OLÍVIA

Assim que entrei em casa, subi correndo para o quarto e me atirei na cama. Lola veio correndo atrás de mim.

Que merda. O que tinha sido aquilo?

É claro, tinha sido um beijo. Um beijo muito diferente, cheio de sensações malucas, mas não passara disso, um beijo.

Ainda assim, eu estava me sentindo estranha. Primeiro pensei que Max e eu tínhamos estragado tudo, que jamais seríamos os mesmos de novo. Mas depois desencanei. Tinha sido um momento atípico, mas logo a sensação passaria. Assim que nos víssemos de novo tudo voltaria ao normal e eu nem me lembraria mais daquilo.

Mas, no que dependesse de mim, eu ficaria um século sem vê-lo. Pretendia ficar o mais longe possível daquela cara devassa (e linda).

Cacete, meu estômago estava esquisito. Não, nada de náusea ou coisa parecida (não estou grávida, pode tirar isso da sua cabeça, amiga). Era como se houvesse uma camada de gelo cobrindo tudo por dentro da minha barriga.

Decidi tomar um banho quente. Lavei o cabelo outra vez, porque estava suado e cheio de nós. Bom que ficava limpo para mais tarde. Mais do que nunca, a saída estava de pé. Eu ainda nem sabia para onde iria. O plano era chamar um táxi qualquer do catálogo telefônico, perguntar ao taxista o nome do bar mais badalado da cidade e pedir para tocar pra lá. Parecia uma boa ideia.

Sequei os fios molhados e fiz um coque. Sempre funciona para pegar ondas. Na hora de sair, é só soltar *et voilà!* Ondas de diva!

Tinha acabado de prender o cabelo quando Bruno gritou lá do quarto. Corri para atender. Confesso que apressei o passo, na esperança de que fosse Max, o velho Max, dizendo alguma besteira, perguntando "quem está falando?", quando já estava careca de saber, só para me pirraçar.

Mas era um número desconhecido. Atendi (seguindo a linha do "pode ser uma herança a caminho, nunca se sabe!"):

— Alô?

— Olívia? — uma voz feminina perguntou. Era uma voz suave, bem mais que a minha.

— Isso. Quem fala? — questionei.

— Oi, Olívia! É a Susanne!

Engoli em seco. Susanne, a irmã de Max!

— Ah, oi, Susanne! — cumprimentei, meio constrangida.

— Só Suze, por favor — ela pediu. — É um prazer falar com você, Olívia! Max e eu amávamos muito vó Ercília. Sinto muito por entrar em contato só agora. Estive na casa de Max ontem à tarde, mas ele só me falou que você já tinha chegado horas depois, aquele filho da mãe! Fui à sua casa com ele e Sofia assim que soube, mas você não estava. Infelizmente, não pude esperar. E hoje está sendo um dia excepcionalmente tumultuado para mim. Estou trabalhando o dia inteiro em um projeto importante e urgente do escritório. Mas estou ansiosa para vê-la!

— Ah, imagina. Foi um pequeno desencontro. Espero que possamos nos encontrar em breve, Suze.

— Muito em breve, eu espero! Por isso estou ligando. Consegui o seu número com Max, tomara que não se importe.

— Ah, problema nenhum. Claro que não.

— Acabei de falar com ele no celular, e ele disse que você já tem um compromisso hoje à noite. Uma pena. Eu tinha pensado em preparar um jantar de boas-vindas à família para você!

— Não precisa se dar ao trabalho de preparar nada, não, Suze! — Cara, eu sempre fui péssima nesse tipo de situação. Não sei ser bajulada.

— Olívia, não é trabalho nenhum. Eu adoro cozinhar! Vó Ercília me ensinou. Modéstia à parte, aprendi direitinho, embora não chegue aos pés dela. Vó Ercília tinha mãos de fada para cozinhar! Enfim... Como não quero atrapalhar o seu compromisso, estou ligando para convidá-la para almoçar amanhã. A princípio, pensei em fazer o almoço lá em casa, para você conhecer. Mas Max me deu uma ideia ótima! Ele disse que você adora uma piscina! Eu também! — Desgraçado! Cachorro! — Mas moro em um condomínio, de modo que não teríamos tanta privacidade na piscina de lá. Principalmente em um domingo! Então, Max teve a ideia de passarmos a manhã na piscina dele, e almoçarmos todos juntos mais tarde, o que acha?

— Ah, ótima ideia! — falei, sentindo uma vontade colossal de trucidar Max Vetter. Esforcei-me para refrear o impulso de completar com uma risada falsa seguida de um irônico "Max é um gênio!".

— Ah, que maravilha! Vai ser perfeito, porque Tito chega amanhã de manhã, Max já te contou, né? Assim, você já o conhece!

— Contou, sim. Que bom, vou adorar conhecê-lo, tenho certeza — falei, na falta de algo melhor.

Agora que eu sabia que esse Tito tinha namorada, e que ela viria com ele,

pouco me importava se ele era gato e se gostava de nadar pelado.

Combinei de chegar logo cedo. Suze e eu nos despedimos e desliguei o telefone.

Excelente! Uma manhã inteira na casa de Max depois daquele momento sinistramente constrangedor de hoje cedo. Maravilha! Era tudo de que eu precisava! Ah, imagina, Deus, eu nem queria mesmo ficar um tempo sem olhar naquela cara devassa dele!

Depois do telefonema, fui dar uma pequena espiada na varanda. Eu não queria ver a cara devassa de Max, como eu disse, mas Max de sunga... Ai, Senhor... Isso eu queria ver demais!

Mas, apesar da imensa vontade de vê-lo nas imediações da piscina, não ousei abrir a porta. Seria muito embaraçoso ser pega no flagra depois de tudo.

Infelizmente, não consegui ver nada sem abrir a porta de vidro, embora estivesse ouvindo as risadinhas de Sofia e o barulho da água. E nem o desejo supremo de vê-lo em trajes de banho me fez correr o risco de sair na sacada. Eu não precisava me arriscar, já que o veria na manhã seguinte usando a porra da sunga.

Meu Deus, como eu faria para disfarçar meu interesse no pacote molhado e gostoso que ele exibiria a manhã inteira?

Saí logo dali, parando de pensar naquilo, e fui fazer meu almoço (sim, sei cozinhar. Só que isso não significa que saia algo comível das minhas peripécias gastronômicas). Como estava sem fome, só comi mais tarde (esquentei no micro-ondas), enquanto lia o livro.

O dia passou rápido. Fiquei a tarde toda lendo com Rodolfo ao lado no sofá e Lola deitadinha no tapete da sala. Quando me dei conta, estava na última página. Passava das sete e meia quando voltei à biblioteca para guardá-lo. Descobri que era o primeiro de uma série de livros! O próximo contava a história do visconde, e eu já estava ansiosíssima para ler! Mas precisava começar a me arrumar, ou pegaria uma fila imensa para entrar no bar. De todo jeito, levei logo o segundo livro para o quarto.

Tomei um banho caprichado e saí de toalha. Peguei minha lingerie preta na sacola da loja e coloquei. Mirei meu reflexo no espelho e dei uma voltinha. Ficou um arraso! Gostei tanto que comecei a cantarolar *Run The World (Girls)*, da Beyoncé, enquanto vestia o vestido.

Voltei para o banheiro, que tinha a melhor luz, para fazer a maquiagem.

Deixei a pele com um aspecto natural (odeio maquiagem muito pesada, mas confesso que sou fã do jogo de luz e sombra com um corretivo mais claro e outro mais escuro) e, como ia usar batom vermelho, decidi fazer um delineadogatinho. Escolhi um tom nude para a pálpebra móvel e esfumacei levemente o

côncavo usando uma sombra mais escura. Passei o delineador, fazendo um traço de espessura mediana (Já pratiquei bastante. A prática, minha amiga, é o segredo para o delineado perfeito. #dicadaOlívia) e iluminei o lacrimal e o arco da sobrancelha com uma sombra iluminadora. Caprichei no rímel e usei um lápis branco na linha d'água, para aumentar os olhos. Como minhas sobrancelhas já são cheias, só dei uma penteada, deixando os fios no lugar com rímel incolor. Para finalizar, passei um batom matte vermelho-sangue (mandei um beijinho para mim mesma no espelho. Caramba, eu estava gata! Eu me pegaria se fosse homem, sério).

Depois da maquiagem, eu precisaria dar um jeito no cabelo. Lá estava o chupão do babaca do Max, megavermelho, do lado direito do pescoço, me encarando do espelho. Instintivamente, passei os dedos na marca, lembrando-me do beijo. E, mortificada, me peguei sentindo uma saudade dolorida do desgraçado. Praguejei, amaldiçoando a mim mesma pela burrice. Comecei a cantarolar *Fuck You*, da Lily Allen, outra vez, para afastar a lembrança.

Eu precisava me concentrar em fazer a porra da mancha desaparecer, isso sim! Mas o que eu poderia fazer? Amarrar um lenço?

De jeito nenhum! Coisa mais cafona é lenço amarradinho no pescoço! Eu pareceria uma comissária de bordo deslocada (ou uma moça hipnotizada, mordida por um vampiro — de preferência, pelo Damon, de *The Vampire Diaries*).

Sendo a pessoa altamente criativa e esperta que sou, eu só poderia, é claro, fazer um penteado lateral. Coisa muito simples e elegante, sem causar demais.

Soltei o coque e as ondas caíram sobre os meus ombros, bem modeladas (ah, os truques que a gente aprende na Internet!). Dividi o cabelo de lado e joguei todo o comprimento sobre o ombro direito. Penteei o lado esquerdo (passei um pouco de *spray*, claro!) e deixei bem lisinho, passando tudo por detrás da orelha. Prendi a parte posterior com alguns grampos, fazendo um torcidinho de leve (deixei os grampos bem escondidos, obviamente). Por fim, dei uma desfiada na franja (aquele esquema de dividir, ouriçar tudo com o pente e jogar a camada lisa por cima, para esconder o volume — um volumezinho bem discreto, quase nada, só para não ficar lambido mesmo).

Ta-da!

Eu estava pronta. Ou quase!

Passei um pouco de perfume e coloquei meus brincos de ouro (que ganhei do meu pai no meu 18º aniversário). Peguei minhas sandálias novas maravilhosas e minha *clutch* (antiga, mas bonita) e desci as escadas.

Liguei para o taxista e, enquanto ele não chegava, alimentei Lola e Rodolfo. Depois, calcei as sandálias (é *claaaaaaaro* que não desci as escadas usando um

salto de 15 cm, amiga!), conferi a carteira (eu tinha enfiado quase todo o restante das minhas economias lá dentro) e o celular no interior da *clutch*, e esperei.

O moço chegou vários minutos depois. Eu já estava na porta, à espera. Quero dizer, meio que na porta de Max, porque não resisti e dei uma olhadinha para ver se o carro dele estava na garagem. Não estava.

O taxista, um senhorzinho chamado Francismar, disse que o *Evil Angel Rock Bar*, mais conhecido como *Evil's*, era o lugar mais badalado da cidade no sábado à noite.

— É mesmo? E dá muito cara gostoso lá? — perguntei, interessada.

— Isso eu não sei dizer, não, moça. — Ele deu uma risada.

— Tá. Mas, se lota, como o senhor disse, deve ser cheio de cara gato, né?

— Sei que dá muita mulher bonita, isso eu posso dizer. No sábado, eu pego muita moça assim, feito a senhorita, e levo pra lá — ele disse, meio sem graça.

— Ah, então toca pro *Evil's*, Seu Francismar. Onde tem mulher bonita, tem homem gostoso! — falei, toda entusiasmada.

Cerca de vinte minutos depois, eu estava na porta do *Evil Angel Rock Bar*. A fachada era incrível. O letreiro era imenso e contava com duas asas negras gigantescas; uma na lateral da letra "E", de "*Evil*", e a outra saindo do "I", de "*Angel*".

Paguei ao Seu Francismar uma pequena fortuna e desci do táxi. Depois de passar pela burocracia da entrada, eu me vi no interior de um dos bares mais *fodásticos* que eu já havia frequentado. Tudo ali remetia ao *Rock 'n' Roll*. A atmosfera, a decoração, as instalações e acomodações, tudo era absolutamente fantástico. Havia mesas de sinuca, televisores em todos os ambientes e até um *sushi lounge* (eu, obviamente, não ia gastar dinheiro à toa com esse tipo de coisa).

Enfrentei o balcão lotado para pegar uma Bud enquanto ouvia uma voz incrível cantando *Back in Black*, do AC/DC. Com a cerveja na mão, fui andando entre as pessoas até o salão principal. Podia sentir a energia contagiante que emanava do lugar a metros de distância. Meu coração pulsava no ritmo dos acordes da guitarra e pulava com as batidas das baquetas nos pratos da bateria.

Dei uma rápida checada ao redor e constatei que, meu Deus do céu, o lugar transpirava homem gostoso! Assim que pisei no salão principal, já dançando no ritmo da música, um cara se aproximou.

Era alto, forte e moreno, da cor do pecado. Um baita pedaço de mau caminho. Retribuí o sorriso de dentes perfeitos que ele deu e aceitei sua companhia para dançar.

Dançamos um bocado. O cara tinha uma pegada maravilhosa e um cheiro deliciosamente amadeirado, *sexy* pra caralho. Senti sua ereção várias vezes

enquanto dançávamos daquele jeito safado e gostoso. Eu já estava subindo pelas paredes quando a banda começou a tocar T.N.T.

A verdade é que, de todas as músicas do AC/DC, T.N.T é a minha favorita. Falei no ouvido do moreno-delícia que amava a música, e que queria me esfregar naquele volume todo lá na frente. Ele deu um beijo no lóbulo da minha orelha e já saiu me puxando entre as pessoas.

Ai, Deus, adoro gostosos de atitude! Já podia imaginar aquele deus achocolatado com aquela atitude toda na cama!

Quando finalmente alcançamos a frente do palco enfumaçado, a banda já estava tocando os primeiros versos, depois dos "Aye" iniciais.

Os caras da banda Mpire (havia um painel imenso no fundo com o logo) eram gatos para ca-ra-le-o. Comecei a atribuir notas aos integrantes enquanto dançava sem pudores com o moreno-delícia. Primeiro, bati o olho no baterista (tenho um fraco para bateristas, sério). Nota 8, em que 0 é o Quasímodo e 10 é Max Vetter, para o cara da batera. O baixista ficou com um merecido 8, 5. Atribuí nota 7 ao guitarrista da esquerda e, quanto ao vocalista...

Espera.

Pisquei duas vezes, tentando clarear a visão, enquanto o moreno-delícia beijava meu pescoço.

Eu só podia estar em um pesadelo. Não era possível. Fiquei petrificada por alguns segundos.

Usando uma regata escandalosamente sexy, uma cruz prateada no pescoço, calças escuras e coturnos superpesados, Max Vetter, em carne, osso e beleza diabólica, entoava T.N.T. no microfone, tocando a guitarra pendurada no pescoço diante de centenas de pessoas, que dançavam e cantavam junto com ele.

Não podia acreditar na coincidência dos infernos! Eu estava vivendo em um maldito livro de merda? A porra da minha vida era uma telenovela mexicana cafona? Um roteiro ridiculamente previsível de um filme ruim? Não era possível! Coincidências assim não aconteciam na vida real!

Puta que pariu, o desgraçado arrebentava! O filho da mãe mandava bem pra caralho! Não era justo! E ele estava majestosamente lindo e impossivelmente gostoso com a porra da guitarra no pescoço e o microfone a centímetros dos lábios. Meu Deus, o que era aquilo? Puta merda...

Mas, em vez de ficar lá, babando pateticamente, admirando o *rock star*, fiquei puta. A cantora da história era eu! Eu devia estar lá no palco, não o desgraçado do Max Vetter, que morava em uma mansão, era gato, gostoso, tinha uma carreira estável e bem-sucedida, uma sobrinha fofa, uma irmã capa de revista, uma mãe postiça, dois irmãos postiços e uma prima postiça, a fracassada da Olívia, que queria ser cantora e nem tinha uma banda. Fiquei furiosa! O filho da

puta estava se divertindo horrores no palco, roubando o *meu* sonho!

Moreno-delícia começou a beijar meu pescoço mais vorazmente enquanto minha bunda roçava sua ereção. Fiquei animadinha e decidi deixar o idiota do Max pra lá. Ele não ia estragar minha noite. Não ia! Saí de casa para ficar longe do devasso, e ele apareceu justo ali. Eu não ia deixar o cretino foder com tudo. Não iaAAAAAAAAAAAA!

É claro que, cheio de relações do jeito que devia ser, Max Vetter e sua banda tocariam no melhor bar da cidade! Culpa minha! Devia ter procurado um lugar menos badalado. Que desgraça!

Espera... Culpa minha o caralho! Culpa desse bastardo egoísta! Tudo culpa desse cretino gostoso da porra! Cacete, por que ele tinha que ser tão gato e, ainda por cima, tocar em uma banda top?

O diabo, amiga... É claro!

O Mochila de Criança investiu mesmo no espécime, hein? Artilharia pesada!

Comecei a rir descontroladamente (tenho esse probleminha, começo a rir feito uma hiena ensandecida quando estou muito nervosa ou muito chocada).

Moreno-delícia perguntou em meu ouvido:

— O que foi, gata?

— Nada! — falei, disposta a me esquecer de Max e me divertir, como eu merecia.

Cantei junto com o filho da mãe, ignorando a voz perfeita do desgraçado, enquanto dançava com meu moreno:

I'm dirty, mean and mighty unclean
(Sou sujo, mau, poderosamente imundo)

I'm a wanted man
(Sou um homem procurado)
Public enemy number one
(Inimigo público número one)

Understand?
(Entende?)

So lock up your daughter
(Então, tranque sua filha)

Lock up your wife
(Tranque sua esposa)

Lock up your back door
(Tranque a porta de trás)

And run for your life
(E corra por sua vida)

The man is back in town

(O homem está de volta à cidade)

So, don't you mess me 'round

(Então, não mexa comigo)

É claro que não consegui tirar os olhos do vocalista da Mpire, também conhecido como deus-diabo personificado, meu primo postiço e meu vizinho devasso. Por isso, notei quando ele me viu.

O devasso do Max Vetter me viu!

Dei um sorrisinho quando seus olhos acinzentados pousaram em mim por um segundo. Ele já ia virar a cabeça, na inércia, quando me notou de verdade.

Max ficou visivelmente surpreso, nitidamente alarmado. E eu queria dizer que minha presença o distraiu, que ele saiu do ritmo e se fodeu, pagando um puta mico na frente de toda aquela gente, mas, infelizmente, isso não aconteceu. Porque, é claro, estamos falando da vida de Olívia Dutra. Uma bênção assim jamais me aconteceria.

Ele continuou cantando, mas o sorriso que poucos instantes atrás estampava seu rosto impressionantemente másculo desaparecera. E o olhar, antes tão despreocupado e nômade, tinha finalmente encontrado em mim uma morada perpétua.

Depois de alguns segundos, comecei a ignorá-lo e a dançar mais despudoradamente com o moreno-delícia.

Continuei cantando junto com Max enquanto o gostoso atrás de mim me apalpava:

Cause I'm T.N.T., I'm dynamite

(Porque sou T.N.T., sou dinamite)

Eu também sou, cretino!

T.N.T. and I'll win the fight

(T.N.T. e vou vencer a luta)

Isso é o que nós veremos, Max Vetter!

T.N.T. I'm a power load

(T.N.T. sou poderoso)

Poderoso o caralho, seu soldadinho de merda! Fantoche do diabo!

T.N.T. watch me explode

(T.N.T. me veja explodir!)

Pode apostar que eu vou! Em mil pedacinhos, seu desgraçado!

Ele não parava de olhar para mim, e parecia bastante puto com o fato de eu estar me divertindo com um cara. Para provocá-lo, decidi ficar de costas para o palco.

Moreno-delícia interpretou minha mudança de posição como um passe-livre para me beijar. Eu adorei. Beije o cara com vontade, aproveitando cada segundo do beijo abrasador. Meu Deus, ele tinha uma pegada bem forte. Segurava firme a minha cintura e beijava bem pra caralho. Senti sua mão decidida na minha bunda e arquejei naqueles lábios deliciosamente carnudos. Delícia de boca.

Apesar de estar tudo perfeito, eu estava sentindo uma coisa estranha: não era a porra do Max Vetter.

Eu sei que essa é uma coisa muito fodida de sentir, porque eu só conhecia o devasso há dois dias! Mas parecia um século, e a minha maldita boca já estava acostumada ao gosto de seus lábios devassos, e a minha bunda clamava pelo formato de sua mão faminta.

Mas tudo bem. Era uma desintoxicação, e estava só começando. Eu logo me esqueceria de como a língua de Max dançava com a minha, e em breve eu nem me lembraria do toque de sua mão apalpando minha bunda. Eu só precisava transar com o moreno-delícia para esquecer o devasso de vez.

Só notei que *T.N.T.* tinha acabado quando ouvi outra voz assumindo o microfone. O cara desconhecido começou a cantar *Thunderstruck*.

A próxima coisa que senti foi uma mão no meu braço, puxando-me para longe da boca do moreno-delícia.

— Que porra é essa, Olívia? — Max perguntou com voz de trovão.

— Ei, cara, qual foi? — O moreno-delícia quis saber.

— Fica na sua, babaca — meu irritado vizinho vociferou.

Notei que seu maxilar estava tenso. Ali, vendo-o furioso daquele jeito, eu senti vontade de gargalhar de satisfação!

— Vou te levar pra casa — anunciou ele, me puxando.

Deixei uma risada estrondosa escapar.

— Você enlouqueceu? Surtou, foi? — indaguei com um puxão, liberando-me de seu aperto.

— Gata, você conhece esse cara? — perguntou o moreno-delícia.

— Nunca vi mais gordo — respondi, tomando um generoso gole da minha cerveja.

— Então vaza, meu chapa — ordenou meu acompanhante.

Max me fitava. Seus olhos acinzentados crepitavam de raiva.

— Vem, moreno, vou te levar pra casa — falei, puxando-o.

— Vai o caralho — rosnou o devasso, me segurando de novo.

— Você não manda em mim! E muito menos controla a minha vida sexual! — bradei, puxando o braço outra vez.

— Você não vai levar macho para a casa dos meus avós, Olívia! — gritou.

— Vá se foder, Max! Estou completando a porra do meu álbum, vá completar o seu, cacete! Vá comer umas cinco putas de uma vez e me deixa em paz, porra!

— É exatamente o que eu vou fazer — ele disse e desapareceu na multidão.

Fiquei onde estava, sentindo um gosto amargo na língua e uma dor fulminante na boca do estômago.

12. Peixe morre pela boca

MAX

Aquilo não podia estar acontecendo. Não comigo. Minha vida estava acabada. Podia morrer a qualquer minuto, porque minha existência na Terra havia perdido todo o sentido.

Mirei as flores no escuro, pensando no que fazer. Que meios de morrer eram menos dolorosos?

Cortar os pulsos estava fora de questão. Coisa de mulherzinha (e deve doer pra caralho). Envenenamento por monóxido de carbono? Efetivo, mas, de novo, coisa de mulherzinha. Eu precisava de uma pistola.

Pistola. Só a palavra já me dava vontade de chorar, feito o caralho de uma mulherzinha que corta os pulsos com gilete no banheiro ou se tranca na garagem com a porra do motor ligado.

Eu precisava de ajuda.

Claro, ajuda médica! Eu precisava da porra de uma consulta médica! Porque, obviamente, estava com alguma doença grave. E, talvez, ainda houvesse tempo de tratar.

Quais eram os sintomas do câncer de próstata? Talvez fosse isso. Câncer de próstata!

Meu Deus, se eu tinha câncer, precisava saber o quanto antes.

Peguei o celular no bolso e liguei para a única pessoa que poderia me ajudar naquela situação.

— Puto, tem alguma coisa muito fodida acontecendo comigo — despejei assim que Plínio atendeu.

— Como assim, puto? Do que você tá falando? — ele perguntou, parecendo meio preocupado.

— Quais são os sintomas do câncer de próstata? — indaguei, sentindo o estômago gelar.

— Sintomas do... — começou ele.

— Caralho, Plínio, responde à porra da pergunta! Acho que estou com câncer de próstata — falei, alarmado.

Meu cunhado caiu na risada.

— Querido, estou no hospital. No meu intervalo do plantão, gato. Vem pra cá, faço o exame do toque retal em você. A gente descobre rapidinho, lindo —

caçooou o desgraçado, fazendo uma voz ridiculamente afeminada.

— Para de brincar com coisa séria, porra. Você vai ou não vai me dizer os caralhos dos sintomas? Não posso ligar pra Tito, ele vai me zoar pro resto da vida.

— Max, câncer de próstata é raro em pacientes com menos de quarenta anos! Você só tem vinte e sete! — ele disse, rindo.

— Eu devia ter jogado essa porra no Google. Muito mais eficaz que consultar a porra de um oncologista — falei, irritado.

— Tá, vou dizer os sintomas, já que você quer tanto saber. Eles começam a aparecer com a obstrução da uretra pelo tumor, o que geralmente ocorre em fases mais avançadas da doença. Por isso, normalmente não há sintomas no estágio inicial. Em alguns casos, o tumor não cresce em direção à uretra, não havendo compressão e, portanto, sintomas. Mas, quando a uretra é obstruída, os mais comuns são os urinários, como micção frequente e dificuldade ou dor para urinar. Sintomas menos recorrentes são hematúria, hematospermia e disfunção erétil.

— Não faço ideia do que seja hematúria — confessei, impaciente.

— Presença anormal de eritrócitos na urina — ele respondeu.

— Ajudou bastante — ironizei. — Da próxima vez que você vier pra cima de mim querendo consulta jurídica, vou atolar juridiquês no seu cu, bocetudo.

Ele soltou uma risada.

— Eritrócitos são glóbulos vermelhos, hemácias. Hematúria significa presença de sangue na urina, Max.

— Agora sim. Bastante esclarecedor. Não tenho isso. Mas sei que tô com câncer de próstata, Plínio — anunciei, derrotado.

— Não tá, caralho. Tá é agindo como uma putinha dramática. Tá com dificuldade pra urinar? Pode ser infecção no trato urinário, cálculo renal, uma porrada de coisas.

— Tô broxa. Entendeu? Max Vetter! Max Vetter broxa! — gritei.

O desgraçado começou a gargalhar pra caralho.

— Meu Deus... — ele disse, ainda rindo, depois de meia hora gargalhando feito um filho da puta.

— Para de rir, desgraça. A porra é séria, Plínio. Você não está entendendo. Estou seriamente doente. Deixa eu explicar, pra ver se a porra do seu cérebro de merda consegue compreender a dimensão do caralho do problema. Peguei duas gostosas hoje no *Evil's*. Coisa de primeira, como sempre. Peitão, bundão, cabelão. Daquele jeito. Levei as duas pra casa. O negócio começou violento, mas, na hora H, o palhação falhou, cara. Fiquei lá, a meio-mastro, tentando fazer o bicho funcionar. Mas nem a visão daquelas bundas fez a desgraça do meu pau

subir. Duas bundas perfeitas, e nada dessa porra funcionar! Minha vida acabou, Plínio. Estou arruinado. Quero morrer.

O putro do meu cunhado ria tanto, que comecei a ficar seriamente preocupado. Se ele tivesse um ataque, Sofia ficaria órfã.

— Cara, tô passando por uma parada séria dessas e você fica aí, rindo... É a porra do câncer de próstata que tá fazendo isso comigo. Vou morrer aos poucos e sozinho. Não preciso do diagnóstico. Nem fodendo eu faço o exame. Prefiro que a doença me leve. Pra você ter uma ideia, prefiro ficar sem foder pelo resto da vida a fazer a porra do exame.

Plínio não parava de rir. E eu estava tão deprimido que nem conseguia ficar putro com o fato de que ele estava me zoando tanto, talvez até mais que Tito zoaria.

— Deixa de drama, porra — ele disse, depois de quarenta e cinco minutos rindo sem parar (não estou exagerando, porque homens não são putinhas dramáticas). — Já falei que você não tá com câncer. Essas coisas acontecem, Max. Broxar é normal — ele disse, prendendo o riso.

— Só se for com você, seu broxa. Comigo, não. Max Vetter tem um histórico incólume de *metelança*. Isso nunca tinha acontecido comigo antes!

— Todo cara já disse ou vai dizer essa temida frase algum dia — Plínio falou, caindo na risada de novo.

— Vai tomar no cu, Plínio! Meu Deus, minha irmã está casada com um broxa! E um broxa conformado, ainda por cima!

— Eu disse que todo cara já disse ou *vai dizer*. Eu ainda não disse. O broxa aqui é você, que não conseguiu dar conta de duas gostosas. Não acredito que vivi para ver esse dia! — Ele recomeçou a gargalhar. — Meu Deus, Tito vai cair matando em cima de você!

— Sai pra lá, seu putro! Se você contar essa merda pra Tito, eu corto fora essa minhoca que você chama de rola, sua putinha fofoqueira.

Plínio gargalhou mais um pouco e disse:

— Max, agora é sério. Cara, você deve ter broxado por algum motivo. Vocês tocaram hoje no *Evil's*. Deve ser cansaço. Não deixa essa porra te afetar. Foi um caso isolado.

— Vai acontecer de novo. Eu não broxei com uma, mas com duas gatas! Eu tô doente, caralho! É a única explicação. Devo estar com os dias contados.

— Para de falar merda. Amanhã você acorda pronto pra comer uma dúzia de gostosas — ele falou, rindo. — Agora preciso desligar. Meu intervalo tá acabando. Vai dormir, porra. Quase duas da manhã.

Depois de me despedir de Plínio, encostei a cabeça à porta e estiquei as pernas, inspirando o perfume das rosas do jardim. É, eu estava mesmo cansado.

Precisava de uma cama. Mas também tinha que vigiar a porra da casa.

Assim que, humilhantemente, me livre das gostosas (foi o momento mais escroto da minha vida. Juro que teria atirado na cabeça, se tivesse uma arma), eu me dei conta de que não havia um segundo a perder. Fui ao inferno e voltei, à procura da minha chave antiga, a qual eu não sabia onde tinha enfiado. Achei-a no fundo de uma das gavetas do escritório (graças a Deus, antes de procurar no meu rabo, único lugar que eu ainda não havia investigado).

A ideia era abrir o portão e esperar na varanda. Quando Olívia chegasse com o cara, eu quebraria a fuça do sujeito, botando o desgraçado para correr. Ninguém ia transar na porra da casa da minha avó. Olívia estava louca se achava que eu permitiria aquele tipo de putaria ali, naquela casa, que era o templo sagrado de vô Franz e vó Ercília. Nem fodendo. E foda-se o fato de que eu mesmo havia transado lá dentro. Era diferente. Eu sou um Vetter. E, além disso, Max Vetter pode tudo.

Agora eu ia me distanciar um pouco do plano original. Talvez Plínio tivesse razão. Podia ser só cansaço, estresse, essas merdas que nos deixam física e mentalmente desgastados. Talvez eu não tivesse uma doença terminal. Eu ia me deitar e descansar um pouco. Mas não ia dormir. Tinha que ficar atento.

Levantei-me e tirei minha chave antiga do bolso. Abri a porta e entrei.

Lola levantou a cabecinha sonolenta, me olhou por uns dois segundos e voltou a dormir, soltando um suspiro curto ao mudar de posição. Rodolfo continuou inerte, deitado espaçosamente no sofá.

Subi as escadas, sentindo o peso da minha derrota sobre os ombros. A noite havia sido um puta fracasso.

E eu não estava pronto para lidar com aquela merda. Muito menos com todas aquelas sensações homicidas que me cegaram no palco, e que agora voltavam furiosamente a cada vez que eu me lembrava de Olívia se esfregando naquele cara.

Mas aquilo tinha sido apenas possessividade masculina natural, coisa que eu nunca tinha sentido, mas para tudo tem uma primeira vez, certo? Principalmente porque Olívia é minha "prima". É normal sentir o que senti, porque ela é nova na cidade, e eu, definitivamente, não achei que ela fosse me superar tão rápido. Mas vi, com esses próprios olhos de merda, que ela já está se fodendo para mim. Foi isso que me deixou tão puto. Mulher nenhuma supera Max Vetter! Por isso, sei que foi a irritação ocasionada pela surpresa de vê-la aos beijos com outro cara o que me fez fazer sinal para que Piolho assumisse o microfone. Foi essa porra de possessividade insólita que me fez descer do palco e fazer aquela merda épica.

De todo jeito, eu estava mortalmente fodido. Em apenas uma noite, duas coisas inéditas aconteceram: Max Vetter se sentiu possessivo em relação a uma

mulher (risível) e Max Vetter broxou (desastroso. E, com a agravante de ter acontecido na presença de duas mulheres insanamente gostosas, pode-se dizer que o fato foi uma hecatombe).

Agora eu acreditava no que as beatas do bairro viviam apregoando aos quatro ventos. O fim do mundo estava mesmo próximo. E eu já estava vivendo meu próprio apocalipse.

Entrei no meu antigo quarto como quem entra em um santuário. Era, de certo modo, um lugar sacrossanto. E eu não permitiria que fosse profanado, em hipótese alguma.

A cama estava meticulosamente arrumada. Sentei, tirei minhas botas e deitei. O perfume de Olívia estava impregnado no edredom. Virei a cabeça no travesseiro e aspirei o aroma açucarado. Ela tinha um cheiro doce, como sorvete.

A lembrança daquela tarde na sorveteria me engolfou: a visão deliciosamente sexy da minha prima gostosa lambendo o sorvete; sua expressão safada quando me viu caminhando em sua direção; meu Deus, o jeito que ela apertou meu pau, como se sua mão tivesse sido moldada para acariciá-lo; seu sorriso maquiavélico quando ela derrubou o sorvete de propósito no meu cacete duro, seguido pela melhor expressão de todas: aquela irresistível inocência fingida que quase me matou de tesão. E, depois, a cereja do bolo: sua feição arrependida, enquanto limpava a sujeira que tinha feito.

Eu quis comê-la ali. Queria deitá-la na porra da mesa de plástico, rasgar aquele shortinho escandalosamente curto e fodê-la sem piedade, cobrindo-a de porra para puni-la pela audácia. Queria mostrar que eu podia fazer uma sujeira muito maior.

Deitado na cama de Olívia, pensando naquilo, eu estava mais rígido que um porrete.

Caralho... Por que a porra do pau não respondeu quando devia?

O desgraçado estava apertado dentro da cueca, forçando o *jeans*. Eu precisava me aliviar. Abri o zíper e puxei o cacete pra fora. Duro feito pedra.

— Agora, filho da mãe? — reclamei, agarrando-o com a mão direita, começando a manejá-lo.

Acomodei-me melhor nos travesseiros e continuei batendo, pensando na bunda deliciosa da minha prima safada e na trepada mítica que déramos naquela cama.

O tesão era tanto que liguei o foda-se e gozei, rápido pra caralho, sujando a mão, lambuzando tudo.

Assim que terminei, eu me lembrei de que Olívia estava quicando na pica daquele cara enquanto eu batia punheta, feito a porra de um adolescente.

Completamente puto, levantei, puxei o edredom e limpei a porra toda,

atirando-o no chão em seguida.

Vesti a calça e peguei o celular, disposto a ligar, a pedir que ela voltasse logo.

Com o aparelho na mão, eu me peguei pensando na voz suavemente rouca de Olívia, em seu sorriso lindo...

Caralho, por que ela tinha aquele sorriso tão lindo?

Que sensação esquisita... Agradavelmente dolorida. Uma alegria estranha...

Espera... Desde quando Max Vetter sorri lembrando-se do sorriso de alguém (exceto o de Sofia)?

Merda! Foco, Max. Se é para pensar na porra de um sorriso, ao menos pense nos lábios. Isso... Pense naqueles lábios macios, naquela boca carnuda que sabe chupar um pau como ninguém...

Meu Deus, como aquela vagabunda chupa gostoso... Preciso dela. Agora.

Passei pela lista de contatos gravados no celular. Centenas de números divididos entre "já comi" e "pretendo comer":

Adriana irmã de Piolho (já comi)

Ágata vizinha nova de Suze (pretendo comer)

Alana irmã de Danilo (já comi)

Alice prima de Tavinho (já comi)

Aline amiga de Suze (já comi)

Amanda dentista (já comi)

Ana amiga de Suze (já comi)

Andressa irmã de Piolho (já comi)

Anelisa cliente nova do escritório (pretendo comer)

Deslizei o dedo pela tela *ad infinitum* até chegar em "Srta. Olívia (não posso comer de novo)".

Agradei ao Max do passado. Ele estava certo, e era um gênio. E me impediu de fazer uma grandessíssima merda. Afastei o celular, amaldiçoando-me pela pior ideia que eu já tinha tido na vida.

O problema era que a punheta não tinha servido para porra nenhuma, além de me deixar com mais tesão.

Desgraça.

Claro! Posso ligar para Ágata. Alta, loira e gostosa!

Não. Ágata, não.

Anelisa?

Não. Alta, loira e gostosa.

— Que porra tá havendo com você, imbecil? Qual é a porra do seu problema, cara? Que pau não quer altas, loiras e gostosas? — perguntei, abrindo a calça de novo e agarrando minha ereção.

— Olívia. Olívia. Olívia — ele respondeu, latejando na minha mão.

Meu Deus, meu pau tá ficando retardado!

— Nem você nem eu queremos aquela nanica! Está ouvindo? Ela nem é tão bonita assim. Você já foi mais esperto — falei, apertando-o. — Tá, porra, eu sei. Você tem razão, desgraçado. Ela é deliciosamente gostosa, e tem aquela porra daquela aura angelical que me deixa doido. Ela... É linda como um anjo e... Diabolicamente devassa. E... Porra! Precisamos de uma distração!

Levantei-me da cama, subindo e abotoando a calça.

— Vamos lá, Max. Pensa em outra coisa.

Andei em círculos pelo quarto e, em minha andança impaciente, esbarrei no violão escorado na parede. O violão dela.

Isso, meu chapa. Tocar te deixa relaxado. Daqui a pouco você está normal de novo. O velho Max logo estará de volta.

Peguei o instrumento (não meu pau), tirei do estojo, sentei-me na cama e comecei a tocar (não bater).

Estava desafinado. Ajustei as cravelhas, afinando as seis cordas. Depois, comecei a tocar *Revelry*, de *Kings of Leon*, abafando os pensamentos ensurdecadores que estavam roubando a minha sanidade.

OLÍVIA

O táxi me deixou na porta da casa cor-de-rosa às 2h45. Despedi-me de Seu Francismar, agradeci por tudo e descii.

Depois que ele se afastou, titubeei alguns segundos no meu passeio, decidindo-me se conferia ou não se o carro de Max estava na garagem.

Não resisti. Fui até lá. O desgraçado tinha optado por comer as putas em domicílio. Eu só esperava que as vadias já tivessem ido embora.

Voltei para o meu passeio tateando dentro da *clutch*, à procura das chaves.

Quando as encontrei, abri o portão e percorri o caminho central de pedrinhas brancas. Subi os degraus da varanda e destranquei a porta.

Uma Lola dorminhoca levantou a cabecinha quando entrei, mas voltou a abaixá-la em seguida, soltando um suspiro fofo e voltando a dormir. Rodolfo estava preguiçosamente deitado no sofá, e nem se mexeu. Fui até lá e vi que estava respirando. Graças a Deus!

Tirei os grampos do cabelo e os guardei dentro da *clutch*. Passei os dedos entre os fios, desfazendo o penteado. Desafivelei as sandálias e subi as escadas segurando-as pelas tiras do tornozelo.

O peso da derrota me acompanhou. A noite havia sido um fracasso total.

Tentei ir adiante com o moreno-delícia, mas não consegui. Patético, eu sei. Mas não pude ignorar a ceninha de Max. Ele tinha sentido ciúme? O que fora aquilo?

Possessividade masculina natural, só podia ser. Não era ciúme por minha causa, claro. Era só o imenso ego do desgraçado rebelando-se por ter sido ferido.

Aquele showzinho ridículo me deixou com uma sensação muito estranha. Confesso que, por um lado, fiquei satisfeita com aquela atitude primitiva, meio sexy (a quem estou querendo enganar? "Que porra é essa, Olívia?", naquela voz imperiosa de trovão, foi a coisa mais excitante que o devasso já pronunciou e a mais sexy que eu já ouvi na vida). Mas, por outro, me senti extremamente ultrajada! Machista do caralho! O filho da mãe podia comer quantas putas quisesse, e eu não podia nem dançar e trocar uns beijos com um cara gostoso? Tomar no cu!

É claro que eu queria, por infinitas razões (principalmente para dar o troco), ter dormido com o moreno. Por isso, não sei por que não soltei um lúcido "claro que vai!" quando ele perguntou se ia rolar ou não, logo que Max se afastou.

Eu estava possuída. Pelo caboclo da imbecilidade. Única explicação plausível. Porque Olívia Dutra não negava uma boa trepada com um cara gostoso. Aquilo era algo absolutamente inédito.

Senti uma raiva imensa do filho da puta do Max (e de mim mesma) quando precisei dizer que não, não ia rolar. Mentalmente, eu o matei de todas as formas possíveis. Torturei aquele cretino. Arranquei aquele pau gostoso que ele tem e joguei pras piranhas (peixes, não quengas) comerem.

Misturada àquela porra esquisita no alto do meu estômago, havia uma dor ainda mais estranha apertando meu coração com mais inclemência que a própria Rainha Má em *Once Upon a Time*.

Tentei lidar com isso durante as últimas três horas (com a raiva, com a coisa no estômago e com aquele troço no coração). Queria voltar para casa imediatamente e comer uma panela de brigadeiro vendo alguma comédia romântica estúpida na TV a cabo, mas não podia arriscar ouvir as safadezas de Max e suas putas na piscina ou no quarto da parede de vidro.

Mesmo assim, acabei ligando para Seu Francismar, que tinha me dado um cartão. Ele chegou em menos de cinco minutos, estava por perto.

— Mas já vai voltar, moça? Não tinha moços bem-apessoados no *Evil's*? — perguntou o taxista, dando uma risadinha, assim que abri a porta do carro.

Dei uma risada, mas respondi entristecida:

— O problema, Seu Francismar, é que o moço mais "bem-apessoado" do universo estava lá dentro.

— E isso não deveria ser bom? — Ele riu.

— Deveria, se ele não fosse o demônio mais devasso do diabo. Não posso voltar para casa agora, justamente porque esse ser demoníaco estará cercado de diabretes dentro daquela piscina imunda! — Seu Francismar franziu o cenho, confuso. — Será que eu poderia me sentar aí na frente e conversar um pouquinho com o senhor? Pode colocar o taxímetro pra rodar.

Eu queria desabafar, precisava contar aquela porra toda a alguém. Nessas horas, seria ótimo ter uma amiga. Mas eu não tinha. Só tinha o Seu Francismar.

Ele aceitou, e eu acabei contando a minha vida inteira, cada mínimo detalhe trágico da minha vida de merda. Comecei pelo final (contei tudo sobre Max) e logo estava narrando até minhas histórias de infância. Seu Francismar também falou um bocado. Era casado há onze anos e tinha três filhas lindas (ele me mostrou uma foto das crianças e da esposa, que tinha na carteira). Ficamos amigos, porque ele era muito legal, como diria a Souf.

Depois de um tempo de bate-papo, ele disse que não cobraria a "corrida", e começou a pegar passageiros. Fiquei no banco da frente, mas ele continuou trabalhando, porque, é claro, precisava colocar o leite das crianças na mesa. Incluíamos os passageiros em nossa conversa, mas, com o passar das horas, a maioria deles estava bêbada demais para manter um diálogo decente. Nesses casos, Seu Francismar e eu continuávamos nosso papo, ignorando as lamúrias ébrias que vinham do banco de trás.

Quando achei que já havia transcorrido tempo suficiente, decidi que era hora de voltar para casa. Àquela altura, nada de brigadeiro. Eu só queria tomar um belo banho e dormir horas seguidas. Queria esquecer aquela droga de noite (tirando a parte legal do táxi).

Por aquele curto período, rindo das piadas do simpático taxista, eu até consegui me esquecer de Max e do fato de que ele estava rodeado de vagabundas. Mas ali, subindo as escadas rumo ao quarto, a mesma coisa sinistra que senti no salão do *Evil's* voltou a envolver meu estômago, tão pesada como um manto de chumbo. Era uma espécie sulfúrica de tristeza sem sentido.

Subi devagar, com um turbilhão de pensamentos desgovernados e perguntas sem respostas definidas girando como um redemoinho na minha cabeça.

Enquanto vencia os degraus, tive a impressão de ter ouvido o som de um violão, acompanhado de uma voz específica, vindo do andar de cima.

Eu só podia estar enlouquecendo. Estava mesmo ouvindo os primeiros versos de *Revelry*, uma das minhas músicas favoritas de *Kings of Leon*?

Estaquei no último degrau, aguçando os ouvidos. Sim, era *aquela* voz. Uma que eu ouvira apenas uma vez, mas que já conhecia bem.

O som do violão vinha do quarto de hóspedes, meu quarto. Andei até lá com o

coração aos pulos, enquanto ouvia Max entoar:

What a night for a dance, you know I'm a dancing machine

(Que noite boa para uma dança, você sabe o quanto eu gosto de dançar)

With the fire in my bones and the sweet taste of kerosene

(Com o fogo em meus ossos e o doce gosto de querosene)

Ele estava sentado na cama desfeita, de costas para a porta aberta, tocando o que devia ser o meu violão, já que meu estojo vazio estava aberto sobre o carpete.

Alheio à minha presença, Max continuava tocando, presenteando meus ouvidos com aquela voz incrivelmente linda:

I get lost in the night, so high, I don't wanna come down

(Eu fico perdido na noite, tão "alto" que eu não quero descer)

To face the loss of the good thing that I had found

(Para encarar a perda da coisa boa que eu encontrei)

Woo-hoo-hoooo... Woo-hoo-hoooo...

Arrepios perpassaram minha coluna quando ele fez aqueles "woo-hoo-hooooos". Caralho, como ele ficava lindo daquele jeito, ligeiramente debruçado sobre o violão.

Por que ele tinha costas tão largas? Por que ele tinha que ficar tão gostoso naquela regata escandalosamente sexy? E por que a voz do devasso tinha que ser tão perfeita quanto a do próprio Caleb Followill? Que porra...

Fiquei ali, inerte, abobalhada, admirando seu corpo levemente inclinado, incapaz de anunciar minha presença, ouvindo-o clandestinamente:

In the dark of the night I could hear you calling my name

(Na escuridão da noite, eu poderia ouvir você chamar meu nome)

With the hardest of the hearts, I still feel full of pain

(Com o mais duro dos corações, eu ainda sinto muita dor)

So I drink and I smoke and I ask you if you're ever around

(Então eu bebo e fumo e pergunto se você está por aqui)

Even know it was me who drove us right into the ground

(Mesmo sabendo que fui eu quem nos conduziu para este lugar)

See, the time we shared it was precious to me

(Veja bem, o tempo que passamos juntos foi precioso para mim)

All the while I was dreaming of revelry

(Por todo o tempo eu estava sonhando com farras)

De repente, senti uma súbita necessidade de cantar junto com ele. Coloquei a sandália e a *clutch* no chão, com o máximo de cuidado, para não fazer barulho, e caminhei até a cama, sentando-me ao lado dele, na beirada.

Max se assustou e parou de tocar na hora.

— Espero que a noite tenha sido ótima — disse, limpando a garganta e colocando-se de pé em meio segundo.

— Continua — pedi, ignorando-o.

Ele me encarou por alguns instantes e, como não fez menção de prosseguir, continuei a música de onde ele havia parado:

Born to run, baby, run like a stream down a mountainside

(Nascido para correr, baby, corra como um riacho montanha abaixo)

But the wind in my back I don't ever even bat an eye

(Com o vento a meu favor eu não vou esboçar reação alguma)

Funcionou. Max se sentou ao meu lado e recomeçou a tocar. Mas me deixou cantar o próximo verso sozinha:

Just know it was you all along that had a hold of my heart

(Só saiba que você sempre teve poder sobre meu coração)

E só então começou a me acompanhar:

But the demon and me were a best friend from the start

(Mas o demônio e eu fomos os melhores amigos desde o começo)

So, the time we shared it was precious to me

(Então, o tempo que passamos juntos foi precioso para mim)

All the while I was dreaming of revelry

(Por todo o tempo eu estava sonhando com as farras)

Cantamos juntos até o final. Foi a coisa mais linda que já fiz na vida!

Quando terminamos, o quarto mergulhou em um silêncio perturbador.

Max e eu ficamos olhando um para outro. Fiz menção de falar, mas, como não sabia o que dizer, engoli as palavras desconhecidas.

— Puta que pariu — ele falou de repente. — Você devia ser cantora, caralho! — Ele segurou minha nuca e estalou um beijo feroz em meus lábios fechados.

Quando se afastou, sua expressão estava diferente. Percebi que ele havia se retraído.

Max se levantou subitamente e começou a guardar o violão no estojo. Fechou o zíper e recolocou o instrumento no canto do quarto.

— O que você está fazendo? — questionei.

— Não é óbvio? Guardando a porra do seu violão — ele disse, com a voz irritada. — Estava desafinado, aliás. De nada.

— Hum... Obrigada por afiná-lo. Eu não tocava há um bom tempo — comentei, estranhando aquela mudança de tom.

— E então, aproveitou bastante a noite? — ele perguntou, a voz transbordando hostilidade.

— Bastante — menti. — E, a propósito, posso saber o que você está fazendo

aqui? E como entrou na porra da minha casa? — Decidi usar a mesma abordagem rude. — É violação de domicílio, doutor. Artigo 150 do Código Penal, segundo me disseram. Mas sabe como é... Não se pode dar crédito a tudo o que dizem por aí...

Ele ignorou minha provocação e perguntou, sério:

— Onde você conheceu aquele sujeito, Olívia?

— Não é da sua conta, Max — respondi. — Agora responda o que perguntei.

Ele inspirou e soltou o ar furiosamente.

— Onde você estava? Na casa do cara? No estacionamento do bar? Na porra de um motel?

— Que bom que não preciso te dar um dossiê a respeito da minha vida — falei, levantando-me.

— É perigoso pra caralho sair assim, com desconhecidos. Esses caras... Podem ser psicopatas ou...

— A benção, papai — interrompi, estendendo a mão.

Ele me puxou de uma vez, fazendo-me chocar contra seu peito, e disse, com o rosto curvado, encarando o meu:

— Se eu fosse a porra do seu pai, Olívia, você já teria ganhado uns bons tapas nessa sua bunda... — O aperto urgente de sua mão, seu tom de voz austero e sua expressão severa me deixaram instantaneamente excitada.

Meu coração batia violentamente contra seu tórax, e uma vontade incontrolável de beijá-lo dominou meus sentidos.

Acaricieei seu rosto, sentindo a aspereza de sua barba por fazer nas pontas dos dedos e o aroma de seu perfume delicioso invadir minhas narinas.

Max ficou em silêncio, respirando tão descontroladamente quanto eu, sem parar de me fitar. Seu pomo-de-adão subia e descia em intervalos curtos, e eu podia sentir sua ereção avolumar-se contra minha barriga.

Ele subiu a mão direita para a minha cintura e usou a esquerda para roçar os dedos em minha nuca, incendiando meu pescoço com o toque de sua mão ardente enquanto provava meu lábio inferior.

Max me beijou de modo lento e suave. O gosto de sua boca quente era absolutamente viciante. Seus lábios moviam-se preguiçosamente, sugando os meus com inenarrável ternura. Ele estava fazendo de novo. Estava me beijando daquele jeito arrebatador, que fazia meu coração doer. E, inacreditavelmente, aquele estava sendo ainda melhor que o beijo da manhã anterior. Meu Deus, eu podia morrer beijando aquele homem...

Cedo demais, ele distanciou o rosto alguns centímetros, colando a testa à minha. Seu hálito morno torturou meus lábios ainda famintos quando ele disse:

— Não posso transar com você de novo.

— Por que não? — perguntei, espalmando as mãos em seu peito.

— Olívia... Não — ele disse, tirando minhas mãos do lugar e se afastando de vez.

Fitei-o com uma expressão interrogativa. Max respondeu minha pergunta silenciosa, sentando-se na cama e começando a calçar suas botas:

— Primeiro, eu já disse, não transo mais de uma vez com a mesma mulher.

Dei uma risada sarcástica.

— Foi a porra de um lapso. — Ele se defendeu.

— Dois lapsos, você quer dizer — enfatizei.

— Que não vão se repetir — asseverou ele. — Segundo, prima, não transo com mulheres recém-usadas por outros caras — continuou, concentrado nos cadarços.

— Eu transei com você minutos depois de flagrá-lo na piscina com três putas! — bradei, completamente furiosa.

— Transou porque quis. — Ele deu de ombros, colocando-se de pé. — Ou melhor, transou porque não conseguiu resistir. — O desgraçado sorriu presunçosamente.

Soltei um riso descrente (na verdade, foi algo similar a um guincho, uma coisa horrenda), precedido por uma gargalhada extremamente ruidosa.

— *Eu* não consegui resistir? Faça-me rir, Max Vetter! Deixa eu refrescar sua memória, cretino — falei, apertando furiosamente suas bochechas.

Ele riu, e eu intensifiquei o aperto.

Porra, eu queria colar os lábios naquela boca gostosa com formato de beijo!

— Você estava naquele lago de fogo, que chama de piscina, cercado de piranhas, seu assessor do diabo! E eu, por um mero acaso, presenciei aquela cena nojenta. Então, você teve a cara de pau de me convidar para aquela orgiazinha sem limites. E ficou putinho quando eu disse que figurinha repetida não completa álbum. Aí, o que você fez, Max Vetter? Hein? — pressionei ainda mais aquelas bochechas lindas. — Veio bater na porra do meu portão, praticamente implorando para trepar comigo! Quem não conseguiu resistir foi você, babaca! — gritei, libertando-o, enfim.

— Isso doeu, prima — ele disse, rindo, massageando a região.

— Agradeça por não ter sido um tabefe bem dado, filho da puta — devolvi. — Agora saia daqui, e leva essa sua cara enjoativa com você, Max. Preciso dormir. Estou tão cansada que provavelmente dormirei até a virada do próximo milênio.

Sua expressão risonha se transformou em uma carranca imediatamente.

— Você vai sair com aquele cara de novo? — perguntou, fingindo desinteresse na resposta.

Eu ia abaixar mais uns bons centímetros daquela crista alta e machista dele!

— Com certeza, primo. Ele é tão bom de cama... — Simulei um suspiro. — Posso te ensinar umas coisinhas que ele fez em mim, Max. Garanto que as vagabundas que você comer depois disso vão adorar!

— Você e essa sua mania de querer ensinar o padre a rezar a missa, Olívia.

Ele estava me chamando de "Olívia", e parecia irritado, apesar de estar sorrindo. Ótimo. Mas, como eu precisava ter certeza de que realmente o tinha atingido, continuei provocando:

— É, primo, mas o padre sempre pode melhorar o sermão. E, depois de transar com o moreno-delícia, posso afirmar que você precisa dar uma boa melhorada no seu. — Caprichei na expressão apiedada.

— Moreno-delícia? Você é bastante criativa — disse, soando totalmente encolerizado. — Também tenho um apelido?

— Não. Só atribuo apelidos aos bons de cama, Max Vetter. Agora, se me der licença, vou dormir. Moreno-delícia acabou comigo — aticei mais um pouco, abaixando-me para pegar o edredom que estava estranhamente embolado no chão.

Soltei alguns falsos suspiros de cansaço no processo, só para dar mais credibilidade à atuação.

Ele ficou onde estava, nitidamente puto. Ignorei o devasso e afofei meus travesseiros, tentando não rir. Deitei-me e me cobri com o edredom que o espaçoso do Max havia atirado no chão (porque deixei a cama arrumada). Fechei os olhos, esperando que ele fosse embora.

Abri-os segundos depois. Ele ainda estava lá, encostado à parede, me observando. A expressão furiosa havia desaparecido. O devasso sorria maquiavelicamente, como se tivesse aprontado alguma. Era exatamente o tipo de sorriso que um pestinha daria logo após o cometimento de uma travessura, à espreita da vítima indefesa.

— O que foi, projeto do diabo? — perguntei com rispidez. — Tá rindo do quê, cretino?

Ele deu uma risada alta.

— O que você acha desse edredom?

— Que pergunta fodida é essa? — indaguei.

— Só responda — pediu.

— Fofa e estiloso. Eu adoro — falei e mostrei a língua.

Max riu. Riu, não. Gargalhou.

— Engraçado... A loira nº1 disse a mesma coisa, cerca de uma hora atrás. Ou teria sido a nº 2? — Ele levou os nós dos dedos aos lábios, fazendo uma expressão pensativa.

Joguei aquele troço longe e pulei da cama em dois segundos.

— Max... — falei, levando os dedos às têmporas, tentando manter o controle dos próprios atos. — Max, Max... — Uma risada nervosa e incrédula escapou da minha garganta. — Você não faria uma coisa dessas... — Olhei para o devasso, esperando que ele oferecesse uma resposta à minha pergunta não verbalizada.

— As meninas adoraram a Lola. — Foi o que ele respondeu.

— Seu filho da puta! — Avancei, socando seu peito com vontade. — Você invadiu minha casa e a usou como puteiro! Eu vou te processar, desgraçado!

Ele voltou a gargalhar convulsivamente, o que me deixou ainda mais furiosa.

— Max, se você não me disser, *agora*, que está apenas tentando me tirar do sério, eu vou chamar a polícia! Vou dizer que você invadiu minha casa!

— Que violei seu domicílio, prima — corrigiu.

— Tanto faz, porra! — gritei, dando um tapa no braço dele. — Anda, palhaço! Estou esperando você dizer que está mentindo.

— Digo que estou mentindo se você também disser — ele respondeu.

— Do que você está falando? — questionei, sem entender.

— Do seu "moreno-delícia". — Ele fez aspas no ar e usou um tom debochado ao pronunciar o apelido.

Prendi os lábios para não rir de satisfação.

— O que tem ele? — perguntei, dissimulando.

— Anda, Olívia. Confessa que está exagerando. — Ele cruzou os braços, à espera.

— Não estou exagerando! Ele é isso tudo e muito mais! Uma delícia. Faz jus ao apelido, certamente — falei, fingindo orgulho.

— Ótimo. Comi duas loiras na sua cama. E gozei no seu edredom. Tá todo sujo de porra — ele falou, arqueando uma sobrancelha vitoriosa.

— Eu sei que é mentira! — gritei.

— Pode conferir. Não estou mentindo. A mentirosa aqui é você — ele devolveu.

Fui até lá, à procura da evidência.

Porra! O cretino tinha mesmo gozado no meu edredom! Eu ia matá-lo!

— Eu te odeio, Max! — berrei, esmurrando-o. — Vou te matar, desgraçado! — bradei, tentando sufocá-lo com o edredom.

— A recíproca é verdadeira, tenha certeza! — assegurou, morrendo de rir.

Fiquei cansada e parei de tentar assassiná-lo. Não estava mesmo dando certo! Porra!

Ele ficou lá, de pé, tentando parar de rir.

— Eu te odeio — falei, sentindo-me derrotada.

— Também te odeio — ele disse, ficando sério de repente.

— Por que você fez isso, Max? Onde é que eu vou dormir agora? Porque este quarto morreu pra mim! Por que você fez isso comigo? — perguntei, sentindo uma súbita vontade de chorar.

Minha voz saiu chorosa, e uma lágrima escapou, tracejando um caminho quente em minha bochecha. Eu não podia acreditar naquilo. Como uma pessoa tão linda por fora podia ser tão horrorosa por dentro?

— Ei, ei... Olívia, eu estava brincando, porra! Meu Deus! É claro que não comi ninguém aqui! — Ele se aproximou, me trazendo para perto e limpando minha lágrima com o polegar. — Eu bati uma punheta na sua cama, entendeu? E gozei na porra do seu edredom. Pronto. Foi isso.

Olhei para ele completamente atônita.

— Desgraça de noite que só fica pior... — ele disse, como se estivesse dizendo para si mesmo. — Eu não trouxe mulher pra cá, porra. O que você acha que eu sou, Olívia?

— Um devasso desprezível — respondi. — Quero que vá embora, Max. Vou tomar banho e, quando eu voltar, não quero te encontrar aqui. Não quero olhar nessa sua cara nunca mais. Entendeu? — falei, usando meu melhor tom ameaçador.

Depois disso, saí do quarto e caminhei até o banheiro, chorando convulsivamente.

13. Quando um não quer, dois não brigam

OLÍVIA

Chorando no banheiro, tentei abrir o zíper do vestido, mas o bendito não queria descer nem com reza brava. Fiz um contorcionismo violento e nada.

Porra! Meu vestido novinho em folha com o zíper emperrado!

— Desce! — gritei, puta da vida, chorando pra caralho, passando um braço pela cabeça, tentando um ângulo melhor no espelho, enquanto fungava desesperadamente. — *Merdaaaaaa!* Desce, porra! Desce! Merda de zíper!

— Precisa de ajuda? — Ouvi a voz do devasso do lado de fora da porta.

— Some daqui, Max! — gritei, irritada.

— Tenho até você voltar para o quarto para ir embora, lembra? Vou usar todos os meus minutos — ele respondeu, soando atipicamente triste. — Posso te ajudar com o zíper — ofereceu.

— Prefiro passar o resto da vida dentro dessa porra de vestido a aceitar sua ajuda! — grasei.

— Então tá. Pra mim está ótimo. Porque você fica gostosa pra caralho dentro dele — disse, usando aquele tom excitante que deixava sua voz ainda mais profunda.

Merda. Não posso deixar esse cretino me desestabilizar!

— Preciso de uma tesoura. Vá buscar — ordenei.

Estava tão furiosa que pouco me importava o fato de que o vestido era novo. Ia tirá-lo de um jeito ou de outro. Nem que fosse cortando-o ao meio.

— Pra quê? — ele perguntou, atônito.

— Não sei, Max. Pra cortar fora essa sua língua que só sabe fazer pergunta estúpida! — esbravejei. — É claro que é pra picotar o caralho do meu vestido, idiota!

Ele soltou uma risada alta, o que me enfureceu ainda mais.

— Acho que você sabe muito bem que a minha língua sabe fazer muito mais que perguntas estúpidas, prima — disse, usando de novo aquela voz safada que me deixa morta de tesão.

Engoli em seco e mordi o lábio. Meu corpo imediatamente se lembrou das peripécias daquela língua habilidosa.

Que delícia de língua... Meu Deus...

— Prima? Ainda está aí? — ele perguntou, dando uma risadinha.

— Max, preciso da tesoura — falei, amaldiçoando-me mentalmente por ter me distraído.

— Olívia, abra a porta. Vou te ajudar com o zíper — ele pediu, usando um tom irritantemente mandamental.

Me obrigue, Max Vetter.

— Prefiro morrer entalada tentando me livrar dessa merda de vestido a precisar de você! — vociferei, voltando ao embate contra o zíper persistente.

— Deixa de ser orgulhosa, prima. Vou só descer a porra do zíper. Depois disso, eu vou embora — ele insistiu, abrandando o tom.

— Vá descer o zíper das putas que você comeu na minha cama! — berrei, entortando um pouco mais o braço para tentar um ângulo novo.

— Olívia, eu já disse que não comi ninguém na sua cama — falou, soando exausto. — Falei aquilo pra te deixar puta. E já me arrependi de ter inventado essa merda.

Fiquei em silêncio, desistindo momentaneamente de lutar contra o vestido.

— Juro pela vida de Sofia que não trouxe ninguém pra cá — ele emendou. — Agora abra a porta. Por favor.

Por favor?

Max Vetter pedindo "por favor"?

E que tom excepcionalmente manso e estranhamente submisso era aquele?

Tudo bem, se ele tinha jurado pela vida de Sofia, só podia ser verdade, certo? Quero dizer, dá pra ver que ele ama aquela criança como se ela fosse um pedaço dele próprio. Max não brincaria com isso, brincaria?

Tá, acho que acredito nele. Mas, de todo jeito, o desgraçado gozou no meu edredom (era mesmo porra, sou perita nesse tipo de mancha), uma folga sem precedentes!

— Suponhamos que você esteja falando a verdade... — comecei, aproximando-me da porta. — Nesse caso, por que você gozou no meu edredom, Max?

— Eu já disse — ele falou, depois de alguns segundos sem dizer nada.

— Diga de novo — exigi.

Sim, ele tinha dito que batera uma na minha cama, mas aquilo não entrava na minha cabeça. Max Vetter batendo punheta? Isso me parecia absolutamente surreal. Sei lá, tudo bem que eu usava o chuveirinho de vez em quando, mas não conseguia imaginar Max, o grande comedor, em um ato igualmente solitário.

Ele soltou um suspiro cansado e disse:

— Tecnicamente, não gozei no seu edredom. Só o usei para me limpar.

— O quê? — perguntei, exasperada.

— Gozei no caralho da mão, Olívia. E usei o caralho do edredom para limpar

a lambança que fiz — confessou, como se dissesse que usa pano de chão para limpar o chão, toalha de rosto para enxugar o rosto, pano de pratos para enxugar pratos e edredons para limpar porra!

— E quem foi que disse que você podia usar o meu edredom pra limpar sua porra, Max?

Ele caiu na risada.

— Meu Deus, um homem desse tamanho batendo punheta e, ainda por cima, sem conseguir controlar a gozada? Quantos anos você tem? Treze?

Ele continuou rindo. Merda... Ele tinha uma risada tão gostosa...

Suspirei sem querer. Que vontade de abrir a porta e pular naquele corpo quente e sarado, sentir seus músculos firmes contra a minha pele, sua mão faminta me apalpando, seu cheiro de homem gostoso... Beijar aquela boca perfeita, chupar aquele cacete delicioso ouvindo aquelas safadezas que ele gosta de falar...

Que tesão do caralho!

— Para o seu governo, prima — ele começou a dizer —, todo cara bate punheta. Qualquer hora é hora. E o gozo é livre. Se eu quiser esporrar na mão, eu esporro. O caralho é meu, a mão é minha e a porra, também. E o seu edredom estava dando sopa, foi o que eu achei na hora pra limpar. Mas foi mal, espero que não dê muito trabalho quando você for lavá-lo — completou, usando um tom provocativo.

Soltei uma gargalhada medonha.

— Se você acha que vou lavar aquilo, está fora de si, cretino! Não toco naquela coisa nojenta nunca mais! Aquele troço vai pro lixo.

— Tsc, tsc... Nojo de porra, prima? Que decepção... Você é das que cospem. — Pude visualizar sua expressão devassa por trás da porta, como se eu tivesse visão de raio-x.

— Não, não sou das que cospem. Porque, para cuspir, Max, primeiro eu teria que deixar um cara gozar na minha boca.

Não tenho nojo de porra, queria deixar isso claro. Insinuei que tenho só para irritar o babaca (o que não funcionou, infelizmente). Contudo, nunca deixei ninguém gozar na minha boca. Chupar é uma coisa, mamar de verdade é outra, envolve leite. E eu não saio por aí ordenhando os caras que chupo. Sei lá, acho que esse tipo de coisa é íntima demais. E, como não pretendo ter intimidade com cara nenhum, provavelmente nunca saberei se o negócio é amargo como dizem. Será que é?

— Prima, um conselho: nunca mais coloque o meu pau na sua boca. Ou vou gozar gostoso nessa sua boquinha, e você vai pedir mais.

Putá merda, como é que ele consegue me deixar tão excitada só com o timbre

dessa voz assombrosamente máscula e terrivelmente excitante?

Foco, eu precisava de foco. Tinha que responder à altura.

— Primeiro, primo, não estou interessada em chupar esse seu pau meia-boca de novo. Segundo, suponhamos que eu caísse, batesse a cabeça, ficasse lelé-da-cuca e decidisse te pagar outro boquete. Nesse caso, se você gozasse na minha boca, garanto que seria a sua última gozada, filho da mãe. Porque eu morderia a cabeça do seu pau de araque e a cuspiria no chão em seguida, junto com o seu leitinho, cretino.

— Prima, seja menos óbvia. Todas essas ofensas gratuitas me dizem que você está louca, não só para me chupar, mas também para rebolar gostoso na minha pica.

Que ódio! O desgraçado tinha razão, é claro!

Meu Deus, como eu queria... Só um pouquinho, só uma chupadinha, só uma metidinha... Apenas trinta segundos de *paudurecência devassiana*... Cinco centímetros. Só isso. Eu estava pedindo muito?

Senhor, o que estava havendo comigo? Quero dizer, é claro que Max é gostoso pra caralho, um puta pedaço imenso (em vários sentidos) de mau caminho. Uma delícia de homem. Mas há outros caras gostosos (e menos irritantes) por aí. Moreno-delícia, por exemplo.

Que porra! Por que eu o dispensei? Se arrependimento matasse... Eu devia estar transando agora, me esbaldando naquela malemolência toda, cavalgando naquele pau volumoso! E não aqui, morrendo de tesão e sem perspectivas de dormir saciada.

Merda. Merda. Merda. Eu me odeio!

Retardei a porra da desintoxicação, mas amanhã ela começa! Sem falta! Talvez eu traga o padeiro para casa quando for comprar pão de manhã (se ele for gostosinho).

Tenho que ficar longe do devasso. Sério. Preciso tomar uma atitude drástica!

Abri a porta de supetão e falei, usando um tom debochado, fitando aquela cara dolorosamente linda:

— Max, *seje menas*, querido. Eu já disse, estou cansada. Moreno-delícia me deixou esgotada. Não sei o que você ainda está fazendo aqui, aliás. Eu não transaria com você esta noite, seu babaca presunçoso, nem se você ajoelhasse aos meus pés e implorasse por uma rapidinha.

Ele ficou em silêncio, me fitando. Na verdade, me olhava de um jeito muito esquisito.

De repente, riu e disse:

— As chances de eu implorar por sexo, Olívia, são as mesmas de eu me casar um dia. Ou seja, nulas. Garanto que você me vê dando o cu antes de me ver

fazendo uma das duas coisas.

Aquilo me deixou puta! Fiquei possessa! Subi nas minhas tamancas imaginárias e me aproximei do devasso. Eu ia fazê-lo implorar! Max Vetter ia implorar de joelhos para transar comigo ou eu não me chamava Olívia Damasceno Dutra!

— Jura, primo? — falei, mordendo o lábio enquanto acariciava seu peito.

Desci as mãos mais um pouco, deslizando-as por seu abdome até o cócs da calça. Levantei os olhos para olhá-lo, caprichando na expressão safada. Ele estava sorrindo maliciosamente. Não seria Max Vetter se não estivesse.

— Sei o que está tentando fazer. Não perca seu tempo, porque não vai funcionar — disse, cheio de si.

— Não estou tentando fazer nada — dissimulei, virando-me de costas. — Pode tentar abrir meu zíper?

— Claro... — Ele se aproximou, afastou meu cabelo, depositando-o sobre meu ombro direito, e fez uma tentativa. — Está engastado. Tem um... Não sei, parece que um pedaço do tecido... — Ele tentou outra vez, sem sucesso. — É acho que está mesmo emperrado — finalizou, desistindo.

— Tenta de novo! — insisti.

Ele voltou à tarefa, sussurrando no meu ouvido:

— Sabe, prima, seria ótimo se, a partir de hoje, você desfilasse por aí, toda escandalosa, nesse vestidinho. Pro resto da vida.

Senti um arrepio na espinha e um descompasso no coração.

— Você acha o meu vestido escandaloso? — perguntei, tentando disfarçar o quanto seu hálito morno na minha pele havia me afetado.

— O vestido, não. Em você, sim — Max respondeu, voltando a se concentrar na luta contra o zíper teimoso.

— O que isso quer dizer? — indaguei.

— Isso quer dizer que nesse seu corpinho tudo fica escandaloso — ele falou, curvando-se para beijar meu pescoço.

— Acontece que o meu corpinho — afastei-me antes de sucumbir — não está mais disponível para você, queridinho.

— Que bom que não estou interessado no seu corpinho, então — ele devolveu, erguendo uma sobrancelha desdenhosa.

— Diga isso ao seu pau — falei, mirando aquele pacotão gostoso.

Meu Deus, o desgraçado estava em ponto de bala!

— Não dê muito crédito a ele. Fica assim por qualquer rabo-de-saia — revidou, abrindo um sorriso devastador.

Filho da puta! A vontade de dar uma joelhada no saco daquele puto era imensa, mas, quando o assunto é atuação, Olívia Dutra é uma Fernanda

Montenegro (versão jovem — e gostosa)!

— Pode ir tirando o cavalinho da chuva... — Aproximei-me e apertei aquele volume maravilhoso. — Porque esse rabo-de-saia aqui você não vai mais comer, Devassinho.

Max provavelmente teria rido do apelido, se não estivesse tão ocupado puxando o ar entre os dentes.

— Devassinho? *Inho*? Ele não gostou disso, senhorita Olívia — disse, com a voz entrecortada.

— Você não é um bom tradutor do Devassinho, Max. Vocês dois nem estão em consonância. Ele quer o meu corpinho. Você, não — falei, nas pontas dos pés, tirando a mão de seu pau duro e subindo-a até seu ombro.

Meu Deus, que filho da puta cheiroso. Que vontade de lamber esse pescoço...

Subitamente, com um impulso único e certo na altura do meu quadril, Max conectou nossos corpos e mergulhou a mão em minha nuca. Sua boca pousou na minha, e sua língua pediu passagem entre meus lábios. Concedi, enroscando-a na dele e saboreando o gosto de seu beijo.

Max puxou meu lábio inferior, mordiscando-o deliciosamente para tornar a chupá-lo em seguida. Fiz o mesmo em sua boca e senti seu sorriso safado em meus lábios.

Nossas línguas perfaziam movimentos suaves e sincronizados. Nossos gemidos e respirações fundiam-se, oscilando entre nossas bocas úmidas. Meu coração batia apressadamente, correspondendo às batidas aceleradas que vinham do peito colado ao meu.

Aquela dor esquisita estava lá, causando palpitações dolorosamente agradáveis.

Como era difícil raciocinar! Como eu queria que ele me comesse ali, bem gostoso, daquele “jeito Max” de foder.

Senti o ímpeto de pular e me enganchar nele, mas, usando meu último milímetro cúbico restante de razão (porque todo o resto já tinha evaporado), espalmei as mãos naquele peitoral esculpido e o afastei.

Max me fitou com olhos aturcidos. Seu peito subia e descia tão violentamente quanto o meu.

— Talvez você me queira tanto quanto o Devassinho, primo — provoquei, depois de normalizar minimamente a respiração.

— Já falei que não estou interessado, prima — rebateu, sorrindo.

Dei de ombros e caminhei alguns passos em direção às escadas.

— Onde você está indo? — Ele quis saber.

— Procurar uma tesoura. Vamos ter que cortar meu vestido. Você sabe onde tem uma?

Ele deu uma leve mordida no canto do lábio e disse, com um sorriso sacana, que sabia exatamente onde encontrar. Então pegou minha mão e me guiou até a despensa.

Max subiu o braço para alcançar a última prateleira, e eu fiquei feito idiota, admirando aquela altura toda enquanto ele tirava de lá de cima uma caixa grande de plástico.

Ele a abriu, e vi que estava cheia de utensílios de jardinagem.

Em meio a algumas ferramentas estranhas, identifiquei um par de luvas cor-de-rosa, pás pequenas, alicates e uma tesoura enorme, daquelas de podar, a qual ele ergueu e me mostrou, com um sorriso triunfante estampado nos lábios.

Arregalei os olhos e soltei uma risada incrédula.

— Que foi? Está intimidada pelo tamanho? — perguntou, sorrindo torto.

— Nem um pouco. Adoro instrumentos compridos — repliquei, retribuindo o sorriso insinuante. — Mas vou precisar da sua ajuda. Não consigo manusear isso sozinha... — Enrolei uma mecha de cabelo no dedo e umedeci o lábio, caprichando na expressão de falsa donzela de filme pornô barato.

— Quer brincar de jardineiro, senhorita Olívia? — Ele entortou ainda mais o sorriso, entrando no jogo.

— Só se você estiver disposto a implorar para regar minha florzinha, primo — devolvi.

O devasso caiu na risada.

— Não vou implorar por uma flor se tenho uma floricultura à disposição, priminha. Com flores de todas as cores, tamanhos e formatos.

Desgraçado. O que é seu está guardado, Max Vetter...

— Tá bom. — Dei de ombros inocentemente. — Vem, primo, vou te acompanhar até o portão — blefei.

— É claro que vou te ajudar primeiro, senhorita Olívia. Que espécie de primo eu seria se não salvasse minha priminha indefesa do vestido-vilão? — Ele abriu aquele sorriso lindo.

Max recolocou a caixa no lugar e se aproximou de mim, segurando a tesoura.

— E então? Está pronta? Podemos começar? — perguntou, a centímetros do meu ouvido.

Senti uma onda elétrica arrepiar todo o meu lado direito. Ele beijou minha bochecha, espalhando carícias da linha da mandíbula até o final do pescoço. Instintivamente, afundei os dedos em sua nuca, deixando as pontas tocarem a maciez de seu cabelo.

Ele colocou a tesoura na prateleira mais baixa, sem interromper a sessão de beijos, e seus lábios migraram para a minha boca, movendo-se vagarosamente sobre os meus.

Meu coração se agitou dentro do peito quando suas mãos seguraram meu rosto com delicadeza e sua língua deslizou suavemente na minha.

O beijo lento e doce foi se tornando progressivamente ávido e urgente. Max tragava meus gemidos baixos, e eu engolia seus arquejos curtos.

Minhas mãos experimentavam sua pele quente e firme por baixo da regata, esquadrinhando as elevações de seu abdome, enquanto sua mão subia meu vestido, deixando um caminho de brasas em minha coxa.

Ele se afastou por um segundo e puxou a regata pela parte de trás, passando-a pela cabeça. Jogou-a no chão e se aproximou novamente, Tateando minhas costas à procura do zíper.

— Porra! O zíper... — Max e eu falamos juntos, assim que ele tentou descer o desgraçado.

Então caímos na risada.

Meu Deus, como é que tínhamos nos esquecido do zíper? Era justamente o motivo de estarmos ali!

— Caralho, Olívia, como foi que você conseguiu emperrar esse negócio? — ele perguntou, ainda rindo.

— Não fiz nada! Emperrou sozinho. É novinho, e agora vou precisar cortá-lo — choraminguei.

— Lamento, mas vamos mesmo cortá-lo. Agora.

Max me afastou e pegou a tesoura enorme.

— Acho melhor que eu esteja deitada, primo. A ferramenta é grande. Não quero que você me machuque no processo — falei, usando minha melhor cara de garotinha ingênua.

— Assim você me mata, prima. — Seus lábios curvaram-se em um sorriso depravado. — Vem. — Ele segurou minha mão e saiu me puxando.

MAX

Aquela puta estava me tirando do sério.

De pé ao lado da cama, admirei a curva da cintura, o formato perfeitamente arredondado da bunda empinada e aquelas coxas grossas e gostosas à mostra, deliciosamente apertadas pela barra do vestido curto e colado.

Passei a mão no queixo, castigando o lábio inferior enquanto sentia o pau latejar dentro da cueca.

— Tá esperando o que para começar a cortar, cretino? — ela perguntou,

olhando sobre o ombro.

Seus cotovelos pressionavam os lençóis, e as mãos apoiavam o rosto.

Com uma expressão maliciosa, ajoelhei-me na cama, posicionando as pernas de modo a deixar as coxas de Olívia entre elas. Belisquei o tecido, afastando-o de sua pele.

Ela ajustou a posição nos travesseiros, deitando a lateral da cabeça sobre os braços cruzados.

— Acho bom você ficar quietinha a partir de agora — alertei.

— Acho bom você tomar bastante cuidado com a minha bunda — ela retrucou, usando um tom ameaçador.

— Estou me sentindo verdadeiramente intimidado, prima — ironizei, começando a cortar.

— E eu estou me sentindo inconsolável.

— Como assim? — perguntei, dando continuidade à tarefa.

— Estou sofrendo um prejuízo da porra por causa desse maldito zíper. Meu vestido é novo, Max! Estou perdendo um vestido novinho... Eu nunca o tinha usado, comprei aquele dia no shopping.

Então era isso o que ela tinha ido comprar!

Ela comprou a porra de um vestido novo só para sair com aquele imbecil?

Cerrei os dentes, sentindo os músculos do maxilar reagirem em resposta.

— Ai, caralho! Minha bunda, Max! — Olívia reclamou.

Sem perceber, eu havia avançado vários centímetros, cortando quase até o início das costas.

— Desculpa — rosnei.

Joguei a tesoura sobre o tapete ao lado da cama, agarrei as duas pontas cortadas e, com um único movimento, rasguei o caralho do vestido ao meio.

— Pronto, está aí o... — comecei.

Mas tive que engolir em seco, porque, definitivamente, não estava preparado para o que vi.

Sim, estou acostumado a fios-dentais.

Não, não estou acostumado à bunda de Olívia em um fio-dental.

— Porra, Olívia... — balbuciei, mal ouvindo minha própria voz.

Ela se levantou, ficando de pé sobre a cama. Passou o vestido rasgado pelos braços e o atirou no chão.

Não tive tempo de vislumbrá-la naquela *lingerie* minúscula, e a imagem daquela bunda ainda piscava em meu cérebro quando senti a joelhada, no meio do peito.

— Isso é por você ter espetado minha bunda — ela disse, cruzando os braços e me encarando com hostilidade.

— Isso doeu, porra! — queixei.

Na verdade, não tinha doído (graças a Deus foi uma joelhada no peito, e não um chute no saco), mas decidi fingir que estava morrendo, só para assustá-la.

Deixei o corpo cair sobre o colchão e pressionei a área atingida, contorcendo-me, como se estivesse fingindo uma falta numa partida de futebol.

— Ai, meu Deus, Max! Desculpa! — Ela se ajoelhou ao meu lado e começou a massagear desesperadamente a região.

Suas sobrancelhas estavam franzidas, e os olhos transbordavam remorso.

Aquela expressão condoída causou algo em meu peito, uma espécie de dor, uma dor palpável.

Parei de fingir na hora.

A ideia inicial era achar hilária a expressão aflita que ela faria quando achasse que tinha me machucado, e cair na risada em seguida. Mas, quando vi a preocupação estampada no rosto de Olívia, a brincadeira perdeu o sentido e toda a graça. Eu não tinha vontade de rir, mas de me esmurrar pela sacanagem.

— O que foi? Melhorou? — ela perguntou, acariciando meu rosto.

Meu coração disparou feito cavalo a galope com a sensação daqueles dedos macios na minha barba.

Que porra estava acontecendo comigo?

E por que eu estava prestes a confessar que tinha fingido a porra toda, quando podia perfeitamente simular um bem-estar súbito?

— Desculpa, Olívia. Eu estava brincando — falei, genuinamente arrependido.

— Brincando? — ela repetiu e me encarou com um olhar incrédulo.

Assenti, apertando os olhos, à espera da retaliação.

Mas o novo golpe não veio. Abri os olhos quando senti seu corpo afundar ao lado do meu.

Ela havia se jogado na cama e, com uma mão espalmada na testa, suspirava aliviada.

— Cretino! Se você fizer uma porra dessas de novo, Max, eu não me responsabilizo pelos meus atos! Na verdade, torço para que um dia você precise de ajuda real bem na minha frente. Você vai se contorcer feito uma barata asquerosa de costas e eu vou gargalhar na sua cara, achando que é mentira. E, então, você vai se foder, seu fingido da porra! — Ela se apoiou no cotovelo e me deu um murro no bíceps direito.

Movi o corpo, debruçando-me sobre ela. Imobilizei seus braços, segurando seus punhos, e falei em seu ouvido:

— Cuidado com essa sua linguinha, senhorita Olívia. Já pensou se acontece? Como ficaria a sua consciência se deixasse seu primo morrer? Omissão de socorro é crime. A senhorita, como médica, deve saber que, se faltar com o seu

dever legal de cuidado em uma situação como essa, pode acabar virando putinha de valentona na cadeia.

Eu sabia que ela não era médica porra nenhuma, mas não resisti à provocação.

— Me solta, Max! — Ela agitou os braços para tentar se libertar.

Abri um sorriso maldoso e beijei sua bochecha, escorregando os lábios para a região do pescoço.

— Me solta... — ela pediu, com a voz amolecida.

Continuei depositando beijos, traçando uma linha de carícias do pescoço até os ombros.

Beijei, suguei e mordisquei, deixando língua, lábios e dentes saborearem o gosto de sua pele macia.

Soltei suas mãos devagar, beijando o início de seu seio direito. Passei os dedos em seu abdome e desci a mão, acariciando-a por cima do minúsculo triângulo preto de renda.

Apoiei-me de lado, equilibrando-me no cotovelo, e subi a cabeça para beijá-la. Provei o canto de sua boca, dando beijos leves em seus lábios entreabertos.

Uma sensação dolorida abraçou meu coração com força quando minha língua encontrou-se com a dela, deliciando-se com o contato.

O barulho de nossos beijos ecoava pelas paredes. Meus dedos tocavam a umidade de sua calcinha, e minha boca absorvia seus gemidos.

De repente, Olívia pressionou o corpo contra o meu, empurrando-me de costas na cama. Em segundos, ela estava sobre mim, com as pernas abertas e esparramadas no colchão.

Inclinou-se e beijou minha bochecha, descendo pelo meu pescoço, lambendo, mordendo e sugando minha pele.

Minhas mãos passeavam por suas pernas, meus dedos pressionavam suas coxas enquanto ela plantava beijos úmidos em meu tórax e apertava meu pau.

Inexplicavelmente, eu não tinha vontade de dizer nada sujo como um "isso, vagabunda". Eu só queria sentir o aperto de sua mão, o calor de seus lábios e aquela sensação deliciosamente dolorida que se alastrava em meu peito.

Ela se reposicionou, desabotoou minha calça e desceu o zíper sorrindo maliciosamente para mim. Então pressionou minha ereção por cima da cueca.

Apoiado sobre os cotovelos, soltei um gemido e mordi o lábio.

Olívia começou a puxar minha calça, e eu a ajudei a tirá-la. Ela a jogou longe e espalmou a mão no meu pau ainda coberto, acariciando minhas bolas e subindo os dedos para alisar a extensão.

Em seguida, chupou a cabeça com intensidade por cima do tecido, quase me matando de tédio.

Com um sorriso safado, puxou o elástico da cueca, liberando meu cacete.

Então o agarrou e, olhando em meus olhos, envolveu-o naqueles lábios deliciosamente carnudos, mergulhando bons centímetros na boca.

— Deus, Olívia... — Meus dedos formaram vincos nos lençóis.

Ela o soltou, deixando-o sobre meu abdome e, lambendo-o da base à cabeça, começou a arrastar a boxer pelas minhas pernas.

Auxiliei como pude, porque o tesão não estava me deixando sequer raciocinar.

Depois de atirar a cueca no chão, Olívia afastou a calcinha, se sentou sobre meu pau, que estava horizontalmente disposto sobre a minha pele, e levou as mãos às costas.

Passou o sutiã pelos braços e o arremessou do outro lado do quarto. Preencheu as mãos com os peitos, acariciando-se de um jeito escandalosamente sexy enquanto esfregava a boceta molhada no meu cacete, para cima e para baixo.

Arquejos e gemidos altos escapavam da minha garganta sem que eu pudesse contê-los.

Ela moveu o corpo, afastando-se do meu pau, segurou-o e lambeu toda a extensão, provando seu próprio gosto em minha pele.

Meu Deus, aquilo me deixou em ponto de explodir.

Então me chupou, engolindo meu caralho até que eu pudesse sentir a cabeça em sua garganta, alternando chupadas intensas e sutis, lambidas e carícias no saco.

Aquilo estava tão insano que, quando vi, estava soltando palavrões, a poucos instantes do gozo. Mas Olívia tirou a boca segundos antes de o orgasmo começar a se avolumar e disse, sorrindo maleficamente:

— Achou mesmo que ia gozar na minha boca, desgraçado?

— Mas que porra... — vociferei.

Ela pendeu o corpo sobre mim e me calou com um beijo feroz. Apalpei sua bunda com vontade, devorando seus lábios, castigando-os com mordidas e puxões famintos, enquanto sentia seus mamilos eriçados em meu peito.

Encurvei-me sobre ela, enchendo minha mão com aqueles peitos pesados, beijando-a sem parar.

Meu Deus, eu precisava estar dentro dela tanto quanto precisava respirar.

Doía.

Aquela necessidade premente dilacerava meu peito. Era esmagadora e tormentosa. Eu precisava do alívio que só encontraria movendo-me dentro dela.

Naquele momento, eu não pensava em nada. Meu cérebro não compreendia aquela porra, e nem queria. Meu corpo estava seguindo as ordens daquela dor angustiante.

— Espera... — Beije seus lábios uma última vez e me levantei para pegar

uma camisinha no bolso da calça.

Assim que rasguei a embalagem do preservativo, Olívia se esparramou no colchão e anunciou:

— Não vamos transar, primo.

Estaquei onde estava, estupefato, sentindo na pele as camadas frias daquele balde de água gelada.

— A menos que você implore — ela completou, sorrindo maldosamente.

Soltei uma risada incrédula.

Ela se levantou e, de pé na beirada cama, enganchou os dedos nas laterais da calcinha, mexendo os quadris para passar as fitas pelas coxas.

Gostosa do caralho.

Uma mecha negra de seu cabelo comprido cobria o mamilo direito. O esquerdo estava à mostra, deliciosamente exposto, coroando aquele peito voluptuoso.

Olívia se livrou da calcinha, lançando-a no chão com o pé. Depois, passou os dedos na boceta, lambuzando-os e lambendo um por um em seguida, sem tirar os olhos dos meus.

— Você vai ou não vai implorar, Max? — perguntou, umedecendo os lábios.

Aquilo elevou meu tesão à enésima potência. Senti o pau latejar. Eu estava impossivelmente duro, tão duro como jamais estivera na vida.

Mordi o lábio com força enquanto desenrolava a porra da camisinha no pau.

Meu Deus, eu precisava comê-la. Ou enlouqueceria.

Mas eu prezava tanto pela minha sanidade? Estava disposto a me humilhar para resguardá-la? Sim, porque, se eu implorasse, seria este o único motivo: proteger minha higidez mental.

Não tinha nada a ver com Olívia.

— Tá, porra, eu imploro — disparei, já me aproximando para beijá-la.

— Não tão rápido, doutor. — Ela espalmou a mão em meu peito. — Quero que se ajoelhe e diga: “estou implorando por sexo, senhorita Olívia” — disse, massageando meu tórax com aqueles dedinhos de brasa.

Então curvou a cabeça e, segurando meu rosto, me deu um beijo lento, me deixando provar o gosto de boceta em sua língua.

Escorreguei os dedos em sua entrada, massageando seu clitóris enquanto nos beijávamos. Ela gemeu em minha boca, mordendo meu lábio inferior.

— Anda, Max — ordenou, afastando-se.

Eu estava sem a porra do controle dos meus próprios músculos, porque vi minhas pernas se dobrando e se ajoelhando na cama, minhas mãos agarrando suas coxas e meu pescoço inclinando-se para trás em total rendição.

Eu ia mesmo fazer uma porra daquelas? Em nome da sanidade?

Que sanidade?

Já não havia nenhuma, nada para resguardar. Eu já estava louco, foddidamente louco. Louco pela desgraçada da Olívia.

Inspirei e expirei pesadamente antes de deixar escapar:

— Estou implorando por sexo, senhorita Olívia.

Meu Deus, alguém precisava cortar o meu pinto fora, porque eu já me sentia mesmo como a porra de um eunuco.

— Bom menino — ela aprovou, sorrindo diabolicamente, enquanto me fitava e acariciava minha cabeça. — Agora só falta marcar a data do nosso casamento, Vetter. Depois, é claro, de você dar o cu. — Olívia começou a gargalhar freneticamente.

Aproveitei a guarda baixa e a empurrei na cama.

— Você vai se arrepender tanto do que acabou de fazer, senhorita Olívia... — falei, debruçado sobre ela. — Vou te foder como nunca fodi ninguém. Vou gozar gostoso nessa sua boceta encharcada — desci os dedos para torturá-la — e depois vou me levantar, me vestir e deixá-la aqui, sua puta, fazendo isso — massageei seu clitóris molhado e inchado — por si mesma. — Mordi seu pescoço exatamente onde estava o chupão que eu fizera mais cedo.

Continuei masturbando-a enquanto beijava sua clavícula e descia para os peitos. Mergulhei um mamilo na boca, chupando-o e alternando entre lambidas e suaves mordiscadas.

Ela gemia alto, e eu não podia esperar nem mais um segundo, ou gozaria antes mesmo de meter.

Coloquei-a de quatro e entrei devagar, saboreando a sensação de preenchê-la centímetro a centímetro.

— Max... — ela gemeu meu nome, acomodando-me com um sutil movimento do quadril.

Inclinei-me e beijei o início de sua coluna. Tracei uma linha de beijos em suas costas até alcançar seu ombro, enquanto metia lentamente, como se tivesse uma vida para fodê-la.

Fui aumentando o ritmo sem parar de beijar sua pele, comendo-a com indescritível delicadeza.

Senti meu coração batendo em uma velocidade perturbadora.

E lá estava ela, a dor gostosa em meu peito, irradiando aquela alegria esquisita, fazendo a sensação agradável transbordar em meus poros.

Eu me sentia perdido, completamente perdido dentro dela.

— Eu... — começou. — Eu te odeio, Max. — Olívia pontuou a sentença com um gemido lento.

Beijei sua bochecha e falei em seu ouvido:

— Eu não te odeio. Mas odeio o que você está fazendo comigo, porra.

Definitivamente, eu odiava aquilo. Odiava aquela coisa estranha que repentinamente passei a sentir sempre que a beijava, como se nunca fosse o suficiente, como se eu sempre precisasse de mais. Mais, mais e mais.

Odiava a perfeição que era estar dentro dela e o quanto aquilo estava fodendo a porra da minha cabeça.

Mas, naquele momento, eu estava adorando odiar aquilo tudo.

Plantei um beijo em seu ombro e comecei a meter mais forte. Logo estava estocando, segurando um peito com uma mão e apertando sua pele com a outra enquanto beijava e mordida sua bochecha, o pescoço e o lóbulo de sua orelha.

Olívia rebolava e gemia. Minha respiração pesada infiltrava-se em sua pele, e eu já começava a sentir o orgasmo se avultando.

Tirei o pau e apertei sua bunda com força. Deitei-me na cama e a puxei sobre mim. Ela se posicionou e começou a beijar meu maxilar, escorregando os lábios para chupar e morder meu pescoço. Então voltou para minha boca, resvalando a língua na minha.

Deslizei a mão na curvatura de suas costas, repousando-a em sua bunda. Ela roçou a cabeça do pau no clitóris e o mergulhou dentro de si.

Os movimentos começaram lentos, e nossas línguas seguiam o ritmo das investidas.

Olívia aumentou a velocidade, e eu a auxiliei, arremetendo junto com ela enquanto nossas bocas se consumiam.

Ela mordeu meu lábio com força e ergueu o corpo, pressionando meu tórax com as mãos abertas.

Então começou a cavalgar, presenteando-me com o balé perfeito de seus peitos macios e mamilos enrijecidos.

Toquei-os, agarrando-os levemente enquanto ela subia e descia, gemendo e arquejando.

Transferi as mãos para suas coxas, apertando-as. Ela pressionou meus pulsos, apoiando-se em meus braços.

— Ai, meu Deus... — Lá estava. A expressão sublime do pré-gozo.

Observei suas sobrancelhas franzidas, os olhos cerrados e o lábio mordido.

Linda. Absolutamente linda.

Gozei junto com ela, urrando e afundando os dedos em sua bunda quando ela liberou um último gemido alto.

Ficamos deitados por um bom tempo, normalizando e pareando nossas respirações.

Aproximei-me e beijei seu ombro, espalmando a mão em sua barriga lisa. Ela se virou e convidou minha língua para dançar. Dançamos por um minuto inteiro.

Meu Deus. Havia algo *fodidamente* errado comigo. Eu queria ficar ali, beijando-a para sempre, acariciando sua cintura enquanto sorvia seus lábios mornos. Queria abraçá-la e beijar seu corpo todo. Queria apertá-la em meus braços e nunca mais soltar.

Enquanto nos beijávamos lentamente, todos esses desejos estalavam em minha cabeça.

Meu peito doía como se estivesse sendo alvejado. Meu coração pulsava dolorosa e rapidamente.

Aquilo estava me deixando alarmantemente assustado, mas eu não tinha forças para me levantar dali e ir para casa, como a razão recomendava.

Na verdade, eu nem cogitava a hipótese.

Eu queria ficar.

Abri os olhos e fiquei momentaneamente cego por causa da claridade que escapava pelas frestas da cortina cor-de-rosa.

Cor-de-rosa?

Alguma coisa se mexeu ao meu lado. Girei a cabeça.

Meu Deus. Eu havia dormido, literalmente falando, com uma mulher. De conchinha!

A luz do sol tingia suas curvas de dourado. Sua bunda estava estrategicamente posicionada, pressionando meu pau.

Instintivamente, comecei a beijar seu braço, até chegar ao ombro.

Olívia abriu os olhos e me encarou, assustada. Dei um sorriso e beijei suas costas enquanto acariciava sua perna.

Ela limpou a garganta e perguntou:

— Isso na minha bunda é um pau?

Dei uma risada em sua pele.

— Isso na sua bunda, por acaso, é o meu pau duro e pronto para a uma sessão de sexo matinal.

Ela sorriu e levantou-se rapidamente, me puxando.

— Então vamos transar debaixo do chuveiro! — exclamou, tateando os bolsos da minha calça à procura de uma camisinha.

Coloquei-me de pé no momento exato que ela encontrou.

— Sobe aí. — Indiquei as costas, e Olívia pulou, envolvendo minha cintura com as pernas.

Beijou meu pescoço e afagou meu cabelo até chegarmos ao banheiro.

Entrei, abri o box, desci-a, coloquei a camisinha que ela me entregou e liguei o chuveiro. Puxei-a junto comigo para debaixo do jato morno, beijando-a incessantemente.

Suas mãos arranhavam minhas costas, e as minhas afundavam-se em seus fios ensopados.

Ela migrou os dedos para meu abdome, escorregando-os até alcançar minha ereção. Arquejei em sua boca, mordiscando seu lábio.

Pressionei-a contra os azulejos, beijando e lambendo sua pele molhada enquanto apalpava seus peitos escorregadios.

Ela movimentou meu pau, insinuando-o em sua entrada.

Puxei sua coxa direita, abrindo passagem, e comecei a entrar. Puxei a esquerda em seguida, e ela circundou minha cintura com as duas pernas, segurando as laterais do meu rosto com as duas mãos.

Beijávamos intensamente, com mordidas e chupões nas bochechas, no queixo e no pescoço.

Comecei a estocar, fodendo-a com força. Olívia gritava, gemia e xingava, arranhando meus ombros e costas.

Ela gozou rápida e ruidosamente, mordendo meu lábio com determinação.

Gozei em seguida, praguejando alto. Ela puxou minha cabeça e sufocou minhas manifestações sonoras com um beijo quente e profundo.

Depois disso, tomamos banho, e foi um dos momentos mais deliciosamente excitantes da minha vida. Ensaboei sua pele e massageei seu cabelo cheio de espuma. Olívia fez o mesmo por mim.

Teríamos transado de novo, se as camisinhas não tivessem ficado no quarto.

Rookie mistake.

Após o banho, voltamos para a cama.

Eu não fazia ideia de que horas eram e estava pouco me importando com o horário. Graças a Deus, era domingo, e eu só queria passar o dia com ela. Tomaríamos café da manhã juntos, depois transaríamos na casa inteira. Ou poderíamos passar a manhã transando na minha casa.

Seria perfeito, de um jeito ou de outro.

Olívia estava secando o cabelo com a toalha, e eu estava admirando suas curvas nuas quando o barulho do meu celular golpeou o silêncio.

Saí a procura do aparelho e o encontrei no bolso frontal direito da calça jogada no chão.

Chequei o visor, e o nome na tela fez pipocar em meu cérebro uma tragédia anunciada: Olívia e eu passaríamos a manhã juntos, mas não transando. Quero dizer, talvez conseguíssemos fugir para transar em algum dos quartos, tomando bastante cuidado com Sofia, claro... Eu poderia pedir a Tito que me desse

cobertura ou então...

— Não vai atender? — ela perguntou, despertando-me do devaneio.

Chequei o horário: 9h35!

Deslizei o dedo na tela, desesperado.

— Porra, foi mal, puto! Já chegou? — Atendi.

— Caralho, hein, Max, é assim que você recebe um irmão na porra da sua casa? Tô tocando essa boceta que você chama de interfone há mais de quinze minutos!

— Então continua tocando, filho da puta. Quem sabe ela goza! — Gargalhei.

Tito caiu na risada do outro lado da linha.

— Tô na casa de Olívia, já chego aí — avisei, desligando o telefone. — Prima, precisamos descer. Tito tá lá embaixo — falei, já começando a me vestir.

— Ah, o seu irmão postigo gato? — ela me provocou, colando os peitos nas minhas costas.

— Vá logo se vestir, porra — rugi.

— Você fica tão bonitinho enciumado, Max. — Ela deu um beijo em meu bíceps e se afastou, abrindo o guarda-roupa.

— Enciumado? — repeti. — Surtou, Olívia? Max Vetter não conhece essa palavra.

— Anrã... — balbuciou, tirando uma roupa azul-clara de um cabide.

— Espero que isso seja uma blusa — falei, embora tivesse o ligeiro pressentimento de que fosse a porra de um vestido.

Ela deu uma risada, tirando uma calcinha minúscula de dentro de uma gaveta.

— É um vestido, primo.

Olívia confirmou minhas malfadadas suspeitas.

— Não tem um mais comprido? — perguntei, levemente exasperado.

Ela se limitou me fuzilar com os olhos.

Meu Deus, por que eu estava me preocupando? Que porra! Íamos passar a manhã na piscina! Ela colocaria um biquíni mais tarde. E, pelo amor de Deus, só haveria três homens na casa. Plínio, Tito e eu. Plínio é meu cunhado, e Tito tem namorada.

Respirei aliviado, embora estivesse verdadeiramente puto com aquela inexplicável possessividade indesejada.

Não encontrei minha regata no chão do quarto. Não fazia ideia de onde estava e não havia tempo para procurá-la. Por isso, eu estava sem camisa quando Olívia e eu saímos da casa cor-de-rosa e ganhamos meu passeio, onde Tito estava de pé, ao lado das malas.

Apressei o passo para cumprimentar aquele puto, a quem eu não via há mais de seis meses.

Eu estava abraçando-o quando o ouvi dizer:
— Liv?

14. Quem é vivo sempre aparece

OLÍVIA

Quem foi o desgraçado que cuspiu essa porra no meu passeio?

Que nojo!

Friccionei o pé na calçada até me livrar da goma nojenta que estava grudada no solado da minha rasteirinha.

— Liv?

Senti um solavanco no peito quando ouvi aquela voz.

Levantei a cabeça imediatamente, e meu coração parou de bater por um nanossegundo para subir à garganta no instante seguinte.

Meus olhos arregalados fitaram aqueles olhos castanhos com absoluta descrença. Fiquei ali, inerte, sem conseguir falar.

— Meu Deus, Liv! — Ele se afastou de Max e caminhou em minha direção, sorrindo largamente.

O mundo desacelerou, e eu o vi se aproximar em câmera lenta.

À exceção de algumas diferenças sutis, seu rosto continuava o mesmo; quadrado e barbeado, deixando à mostra a tímida covinha no queixo. As covinhas das bochechas também estavam lá, coroando o belo sorriso amistoso que sempre provocou descompassos em meu coração.

O cabelo levemente ondulado, escuro e farto exibia o corte habitual, e os fios displicentes que o deixavam tão charmoso àquela época continuavam cumprindo seu papel.

Eu ainda estava boquiaberta com aqueles músculos desconhecidos quando ele quase me derrubou com aquele abraço de urso.

Meu Deus, ele estava bem mais encorpado! Os ombros pareciam mais largos, e o peito por baixo da camiseta provavelmente estava definido, a julgar pelos braços à mostra.

Abracei-o com os ossos moles, constatando que ele ainda tinha aquele cheiro que eu amava.

Cítrico, com notas de bergamota, folhas de limão e hortelã.

O aroma de seu perfume maravilhoso, misturado à sensação de seu corpo colado ao meu, provocou uma revoada de borboletas em meu estômago e um batuque insistente em meu coração.

As lembranças dos nossos melhores momentos pipocaram de uma vez na

minha cabeça.

— Thomas... — balbuciei, mal sentindo meus próprios dedos em suas costas.

Era difícil acreditar que meu ex-colega e amor não correspondido, a quem eu não via há tanto tempo, estava ali.

Quatro anos mais velho, Thomas deixara de parecer um universitário para se transformar em um homem sarado e absolutamente lindo, ainda mais do que costumava ser. Mas a aparência de garoto fofo que sempre me arrancou suspiros profundos não havia mudado.

Estava lá, causando o alvoroço de sempre dentro de mim.

Eu não o havia superado. Definitivamente, ainda o amava.

Foi apenas quando vi que Max nos fitava, visivelmente intrigado com o reencontro, que a minha ficha caiu.

Thomas era o irmão postiço de Max! O irmão "bom rapaz" do marido "bom coração" de Suze, como tia Ercília dissera na carta. Thomas era Tito, e eu não podia acreditar naquilo!

Meu Deus, Thomas e Tito eram a mesma pessoa!

Limpei a garganta e juntei forças suficientes para confirmar o que eu já sabia:

— Você é o Tito?

Thomas deu uma risada e se afastou, segurando-me nos ombros.

Seu toque era leve e gentil. Thomas era leve e gentil.

— É o meu apelido de infância, Liv. Não acredito que você é a Olívia de vó Ercília! — Ele abriu aquele sorriso lindo, e suas covinhas encantadoras roubaram meu ar.

— De onde vocês se conhecem? — Max se aproximou e perguntou, franzindo as sobrancelhas.

— Liv era minha colega de faculdade, puto! — Thomas respondeu, dando um soco no braço de Max. — Cara, ninguém merece essa visão do inferno logo cedo. Cadê sua camisa, porra?

— Estou mais interessado em saber onde está sua namorada. Ela não vinha junto? — Max devolveu, bastante sério.

— Carol e eu terminamos ontem — Thomas disse.

Eu tinha ouvido direito? Eu tinha mesmo ouvido a melhor notícia de todos os tempos?

Meu coração já estava sambando de alegria em meu peito antes mesmo de o meu cérebro se dar conta do que aquilo significava.

Meu Deus! Thomas estava livre! Tinha largado a bruxa loira!

Eu queria gritar, pular e fazer uma dancinha da vitória na calçada! Queria puxá-lo e afundar os lábios naquelas covinhas, de tanta felicidade!

Não era a minha vez de beber champanhe à beira da piscina em uma cobertura

triplex na zona sul, com direito a massagistas gostosos, seguranças bombados e fãs histéricos implorando por um aceno e um sorriso falso da sacada, mas o universo tinha, *finalmente*, decidido consertar minha vida de merda!

Meu Deus, Thomas estava solteiro!

Eu estava, como sempre, solteira!

Caralho, era a minha grande segunda chance!

— De novo? — Max perguntou, rompendo minha bolha de euforia.

— Dessa vez foi sério, puto. Cansei daquele ciúme doentio e injustificado. Carolina passou dos limites, não tem volta — Thomas respondeu.

— Já ouvi isso tantas vezes que perdi as contas. — Max riu.

Eu queria estapear aquele cretino!

Eles não iam voltar. Nunca mais! Porque Olívia Dutra não perde tempo! Thomas e eu logo estaríamos juntos!

— Cadê seu carro? Você não vinha dirigindo? — o devasso perguntou, mirando as malas no passeio e constatando a ausência de um veículo estacionado na porta.

— Vim de avião. Peguei um táxi do aeroporto até aqui. Sobre onde está o meu carro, pergunta pra louca da Carolina.

Arregalei os olhos, sem querer acreditar no que eu achava que ele tinha insinuado.

Max começou a gargalhar.

— Cara, se você me disser que ela... — ele começou.

— Com um taco de beisebol — confirmou Thomas.

— Um taco de beisebol? Onde aquela maluca conseguiu um taco de beisebol? — Max perguntou, alarmado.

Eu estava evitando mirar aquele peitoral desnudo e aquela correntinha prateada pendurada no pescoço dele. Fitá-lo não faria bem à sanidade e às partes baixas de mulher nenhuma. Muito menos às minhas, que conheciam intimamente o potencial daquele corpo incrivelmente atlético.

Agora que Thomas estava de volta à minha vida — e solteiro! —, Max era passado. Aquela transa épica no banheiro tinha sido a última; havia colocado um ponto final naquela sucessão de fodas míticas, que nunca mais iriam acontecer. De jeito nenhum! Porque, se tudo desse certo, Max Vetter seria meu cunhado posticho em pouco tempo!

— Não faço a mínima ideia de onde ela encontrou aquilo — respondeu Thomas. — Acho que ela queria protagonizar o clichê americano perfeito. Destruíu a lataria e estilhaçou todos os vidros. Mas tudo bem. Eu já estava mesmo pensando em comprar uma moto. Agora é a hora. — Ele deu de ombros.

— Meu Deus, Tito! Você não vai ficar no prejuízo! Vamos processá-la por

dano. Destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia por motivo egoístico ou com prejuízo considerável para a vítima configura crime de dano qualificado, punível com detenção e multa. Artigo 163, inciso IV do Código Penal — Max disse, usando o tom formal do Dr. Vetter.

Se ele era civilista, como já tinha me dito, por que sabia esses artigos do Código Penal de cor? Era meio assombroso.

— É melhor deixar pra lá, Max. Não quero piorar a coisa toda — Thomas falou.

— Se essa história fosse comigo, eu já teria protocolado a queixa-crime. Ia reaver cada centavo do prejuízo — Max disse.

Merda. Ele ficava *sexy* pra caralho usando termos jurídicos.

Eu odiava a "criminosa" em questão, mas precisava pirraçá-lo. Primeiro, porque tinha que me distrair daquele tórax maravilhoso. Segundo, porque pirraçar Max Vetter era divertido demais para resistir.

— Vocês, advogados, com essa mania insuportável de querer processar o mundo todo... São uns sugadores de dinheiro! Tão esnobes, presunçosos, pomposos e arrogantes! Olha só, primo, você escolheu a profissão perfeita! Sua cara, Max — falei, caprichando na expressão debochada.

Thomas caiu na risada.

— Assino embaixo, Liv — disse, sorrindo para mim.

Retribuí o sorriso e quase não contive um suspiro.

Max estreitou os olhos e ironizou:

— E vocês, médicos, são o retrato da modéstia, claro... São todos uns bons samaritanos que rasgam dinheiro. Transbordam virtude, frugalidade e desambição. São tão humildes, tão servis! O cânone da despretensão, com toda certeza. Parabéns, prima, por ter escolhido a profissão perfeita! Sua cara, senhorita Olívia. — Ele sorria de um jeito assustadoramente diabólico.

Engoli em seco. Merda. Por que fui mexer no vespeiro? Agora tenho que lidar com esse assunto constrangedor de novo.

Por que fui dizer a ele que sou médica? Uma mentira tão fácil de ser descoberta! Plínio e Thomas são médicos, pelo amor de Deus! Foi muita estupidez da minha parte inventar uma porra dessas só porque não queria admitir que sou uma fracassada. Quando Max descobrir, não vou ter coragem de olhar na cara dele! Nunca mais!

— Você transferiu a vaga para outra universidade, Liv? Terminou o curso? — Thomas perguntou.

Merda. Merda. Merda. Era melhor acabar logo com aquilo, antes que a mentira adquirisse proporções astronômicas.

Abri a boca para confessar, humilhanamente, que tinha mentido para Max,

mas o devasso foi mais rápido:

— A prima Olívia também é médica, Tito. Temos três médicos na família! — bradou o desgraçado, entusiasmado demais pro meu gosto.

— Que bom, Liv! — Thomas me abraçou de novo, antes que eu pudesse me manifestar, beijando meu cabelo.

Fiquei inebriada demais para cogitar desmentir alguma coisa naquele momento.

— Vamos entrar. Suze já deve estar chegando — Max falou, meio rispidamente, tirando o controle do bolso e abrindo o portão da garagem.

Peguei duas malas, deixando outras duas para Thomas, e entramos.

Os dois pediram licença e subiram com as bagagens. Fiquei esperando na sala, sentada no sofá, pensando na fotografia que eu tinha visto no escritório de Max, as quatro crianças abraçadas. Como eu não consegui reconhecer Thomas? Até notei as covinhas, mas não fiz a grande associação. Ele devia ter uns quatro ou cinco anos na foto, mas, ainda assim, eu deveria ter visto que o tal do Tito era meu Thomas.

Meu Deus, ele vai ser meu vizinho! Inacreditável!

Tia Ercília tinha razão! "A gente viaja o mundo todo e acaba encontrando o amor em casa, bem ao nosso lado"!

Eu estava distraída, sonhando acordada, planejando toda a minha vida ao lado de Thomas, quando senti duas mãos sobre os meus olhos. Abri um sorriso e arrisquei, animada:

— Thomas?

Ele tirou as mãos na hora.

Virei a cabeça e encontrei um Max visivelmente desapontado.

Ele tinha trocado a calça por uma bermuda, mas ainda estava sem camisa. E a corretinha prateada com pingente de cruz ainda repousava em seu peito.

Procurei por Thomas, na esperança de me deparar com seu tórax nu, mas ele não estava lá.

— Cadê o Thomas? — perguntei.

— Veja se está na porra do meu bolso — Max respondeu com aspereza.

— Nossa, primo, que resposta infantil. Quantos anos você tem? Seis? — caçoei.

— Sete. Mas vou fazer oito na próxima semana — ele respondeu e enfiou a mão no bolso, pegando o celular, que tinha começado a tocar.

Olhou o visor e perguntou:

— Você se importa se eu atender?

— Claro que não.

— Não estou em um bom dia, Piolho. Se for mais um dos seus pepinos,

aproveita e enfia no centro do cu — ele disse, assim que colocou o telefone no ouvido.

Meu Deus, não parecia o tipo de humor de um cara que tinha passado a madrugada transando!

Merda. Eu precisava me esquecer daquela madrugada!

— Em casa, porra. Por quê? Caralho! Esqueci completamente! Não, porra, *tava* acordado! É claro que não passei, tá doido? Sim, seria, mas não é o caso. Peguei, isso é óbvio, Piolho. — Ele deu uma risada. — Pra caralho, mas não é pro seu bico, quenga. Sim, já chegou. Agora? — Ele olhou para mim de um jeito estranho. — Não, não é uma boa ideia. Devo porra nenhuma! O jogo já acabou? Quanto? Ah, que porra, Piolho! Sete a um? Colocaram o frango do Thiago pra me substituir? Sabia! Mas, sem o goleirão e com um bando de pernas-de-pau em campo, fica difícil ganhar a porra da partida. Só podia dar goleada. — Ele riu de novo. — Seu cu, sua quenga! Já falei que não, Piolho. Não é da porra da sua conta. Vá se foder.

Max desligou o telefone, nitidamente puto, e disse, usando um tom incompativelmente gentil:

— Vem, prima, vamos tomar café.

Eu estava mesmo faminta. Por isso, nem pensei em recusar. Aceitei o convite.

— Quer dizer que Max Vetter, além de advogado, é cantor e goleiro? — perguntei, incapaz de controlar minha língua curiosa, de pé atrás do balcão da cozinha.

Era muito ampla, daquelas supermodernas, toda em tons de preto e cinza e cheia de utensílios e eletrodomésticos requintados.

— O time, assim como a banda, são só maneiras de curtir o tempo livre. Gosto de tocar e gosto de futebol — ele disse, abrindo a geladeira.

Caralho... Aquelas costas...

Arregalei os olhos quando notei as marcas das minhas unhas nas costas de Max.

Meu Deus, eu não era tão selvagem, era?

O momento exato em que eu o unhei piscou em minha mente, e as sensações daquele instante reverberaram outra vez em meu corpo.

Quando percebi que estava mordendo o lábio, desviei os olhos e disse a primeira coisa que me veio à cabeça:

— O sete a um me fez lembrar a humilhação brasileira contra a Alemanha na última Copa. Aposto que você morreu de rir da nossa desgraça, primo.

— Caso você não se lembre, prima, eu sou brasileiro, não alemão. Sofri tanto quanto qualquer cidadão deste país com aquela vergonha. O que a gente vai comer? Gosta de sanduíche de peito de peru? — perguntou, virando-se para

mim, ainda segurando a porta da geladeira.

Caralho... Aquele tórax...

Peito...

Desci os olhos, pousando-os na parte frontal da bermuda.

Peru...

Por que ele tinha que ser tão deliciosamente gostoso?

— Por que você não coloca a porra de uma camisa, Max? — questionei, irritada.

Fiquei ainda mais enfurecida quando vi que tinha soltado uma merda colossal.

— Estou te incomodando, senhorita Olívia? — ele perguntou, sorrindo maliciosamente.

Não respondi, porque não havia o que responder. Deixei claro que seu peito nu estava me afetando pra caralho quando fiz a maldita pergunta. Qualquer negativa em resposta só me faria soar ridícula.

Ele fechou a geladeira e se aproximou, colocando-se atrás de mim.

Um arrepio me tirou de órbita quando suas mãos quentes seguraram minha cintura e seus lábios tocaram meu ombro direito.

— Max... — Eu precisava dizer a ele que não ia rolar mais nada entre nós, mas era tão difícil formar frases coerentes enquanto seu peito colava-se às minhas costas, suas mãos aqueciam minha cintura e sua boca acariciava minha pele!

Resistindo heroicamente, esquivei-me e falei de uma vez, encarando-o:

— Acabou. Essa coisa entre nós acabou, Max.

Ele me fitou com uma expressão confusa.

— De hoje em diante, somos primos postigos que *não* transam, entendeu? E você não pode contar ao... Quero dizer, você não pode contar a ninguém que já transamos. Se abrir essa sua boca, corto fora o seu pau. Com bolas e tudo. Fui clara?

— Clara pra caralho — ele respondeu, divertido.

— Max, estou falando sério — insisti.

— Tá bom — ele disse, voltando à posição anterior, abrindo a geladeira novamente.

Que droga! O que aquilo significava? Ele tinha aceitado tão facilmente? Por que ele tinha aceitado tão facilmente? Que merda!

Eu não ia cair naquela! Ele não aceitaria assim, sem contestar! Estava apenas concordando para me deixar puta! E, que porra, eu estava puta.

Max começou a tirar alguns ingredientes de dentro da geladeira, colocando-os em cima do balcão, sem dizer nada.

— Onde está Thomas? — perguntei novamente, tanto pela curiosidade quanto

para preencher o silêncio que se assentou sobre a cozinha.

Ele fechou a geladeira com um baque e, abrindo a porta de um dos armários, disse, ríspido:

— Daqui a pouco ele desce.

Então, colocou o pacote de pão sírio em cima do balcão e começou a preparar os sanduíches. Ofereci ajuda e fiquei encarregada de passar o requeijão nas fatias enquanto ele as recheava com muçarela de búfala, alface, tomate, ricota e peito de peru.

— De onde vem o "Tito" de Thomas? — indaguei, quando percebi que Max não diria mais nada.

Ele levou consideráveis segundos para começar a responder:

— Lili o chamava de "pequetito" quando éramos crianças. Acabou ficando apenas "Tito" com o passar do tempo. Todos nós aderimos. Ninguém o chama de Thomas, *Liv*. — Ele frisou o "Liv", desviando os olhos das fatias para me olhar friamente quando pronunciou o apelido.

Suas íris acinzentadas nunca tinham me parecido tão glaciais.

Mirando aqueles belos olhos frios, senti uma pontada esquisita no peito. Não sabia o que dizer.

Thomas sempre me chamou de "Liv", desde o primeiro dia de aula. Até então, eu sempre fora "Olívia". Gostava do fato de que ele havia sido a primeira e a única pessoa a me chamar de "Liv" a vida inteira.

Mas, nos lábios de Max, o apelido soou extremamente inapropriado, rude, quase como um xingamento. Meu coração se confrangeu dentro do peito, e me senti tão pequena quanto Alice provavelmente se sentiu ao encolher no país das Maravilhas.

Max e eu ainda nos encarávamos em silêncio quando Thomas apareceu, todo sorridente, na cozinha.

Tinha tomado banho. O cabelo estava molhado, e seu cheiro de limpeza podia ser sentido a metros de distância.

Estava usando uma bermuda bege e uma camiseta verde-água. Lamentei pela presença da peça de cima, obviamente, mas ele ficava tão lindo usando aquela cor que acabei me conformando.

Ele se aproximou e se sentou ao meu lado.

— Estou tão feliz que nos reencontramos, Liv — disse, tocando com leveza meu braço estendido na bancada. Senti um círculo de calor se formar no local que ele acariciou.

— Eu também, Thomas! Muito! — exclamei, sem conseguir conter um sorriso imenso.

Ele sorriu de volta, exibindo aquelas covinhas perfeitas, e ficamos nos fitando

por alguns segundos.

— Sinto muito pela forma como nos afastamos. Eu jamais deveria ter aceitado que Carolina se intrometesse em nossa amizade ou em qualquer outro aspecto da minha vida pessoal — ele falou, usando um tom que misturava tristeza, arrependimento e raiva.

— Sem problemas, Thomas, eu te disse na época que entendia, e continuo entendendo. Mas espero que agora possamos retomar nossa amizade — falei, tocando seu braço também.

— É o que eu mais quero! Você é incrível, Liv. E eu fui um idiota por tê-la deixado sair da minha vida. Nem acredito que agora, além de vizinhos, somos praticamente da mesma família! É simplesmente bom demais pra ser verdade. Acho que vou morar aqui pra sempre, Max!

Meu Deus, eu poderia morrer naquele momento, de tanta felicidade!

— A casa é sua, Tito — Max disse, fatiando um tomate.

— Ótimo! Liv e eu precisamos recuperar nosso tempo perdido — Thomas falou, sorrindo para mim.

— Porra! — Max levou o indicador à boca.

— Cortou muito? — Thomas perguntou, levantando-se para averiguar.

— Não — Max respondeu asperamente e caminhou até a pia.

Ligou a torneira e deixou a água cair sobre o corte.

— Caralho, a noite foi boa, hein, puto? — Thomas comentou, fitando as costas nuas de Max.

Senti o estômago gelar. Ele não podia saber, em hipótese alguma, que Max e eu já tínhamos transado. Eu não queria que Thomas pensasse que costumo transar com qualquer um (o que, é claro, não é verdade, porque tenho critérios!), até porque minha carreira no sexo casual tinha chegado ao fim no momento em que eu o vi no passeio de Max.

E, além disso, tinha o tal do código. Será que era mesmo sério o tal do código entre eles?

Meu Deus, se fosse, eu esconderia de Thomas meu breve envolvimento sexual com Max como se a minha vida dependesse disso!

— Não tão boa quanto a da prima Olívia, eu garanto — ele respondeu. — Já viu o tamanho do chupão no pescoço dela? — Max se virou e me encarou, sorrindo maquiavelmente.

Se eu tivesse um revólver, teria atirado naquele cretino sem pensar duas vezes.

— Ah, isso? — falei, levando a mão ao local. — Eu gostaria muito que fosse um chupão, primo. Mas não é — falei, tentando soar convicta, mas falhando deploravelmente.

Merda, a velha desculpa do besouro não ia colar, ia?

— Ah, não? Engraçado, parece muito. Você não acha, Tito? — Max desligou a torneira e se virou para nós, secando o dedo com uma folha de papel toalha e endiabrando ainda mais o sorriso.

Eu queria uma metralhadora. Ia rechear aquele peitoral gostoso de azeitonas!

— Talvez tenha sido só um besouro, né, Liv? — Thomas me olhou com olhos condescendentes.

Fiquei realmente comovida com sua condescendência, mas, ao mesmo tempo, desolada. Porque ele sabia que era a porra de um chupão.

Eu queria morrer.

Não. Eu queria matar Max Vetter!

Depois, é claro, de recuperar os movimentos da face, porque eu estava petrificada de vergonha.

Graças a Deus, o telefone de Thomas começou a tocar, e ele foi atender na sala.

— Por que você fez isso, cretino? — Fuzilei o devasso com o olhar assim que Thomas saiu.

— Porque é divertido te irritar, prima — ele respondeu, abrindo um sorriso vanglorioso.

Fiquei irada. Levantei-me de súbito, me aproximei e falei, a centímetros de seu rosto, cutucando seu peito com o indicador:

— Se você tentar me deixar mal com o Thomas de novo, eu...

— Vai fazer o quê, senhorita Olívia? — desafiou, arqueando uma sobrancelha atrevida.

Cerrei os dentes de ódio e, sem saber o que responder, disse:

— Odeio você, Max. Com todas as minhas forças.

— Odeia meu ovo — ele falou e, puxando-me pela cintura, colocou os lábios nos meus.

Sua mão agarrou minha nuca, e senti seu polegar no início do meu pescoço.

Tentei não corresponder, mas, quando vi, estava completamente entregue, beijando-o com vontade, fincando os dedos em seu peito e suspirando em sua boca.

Durante o beijo, ouvi a gargalhada de Thomas vindo da sala e me afastei de repente, morta de remorso e de raiva da minha estúpida fraqueza.

— Não ouse me beijar de novo, Vetter. Vou chutar seu saco na próxima — ameacei, usando o dorso da mão para limpar minha boca com força.

Um sorriso insolente assomou em seus lábios. Eu estava prestes a desfazê-lo com um merecido tapa quando Thomas adentrou a cozinha.

— Era Piolho, puto. Disse que tá chegando daqui a pouco com os caras — falou, aproximando-se do balcão.

Notei os músculos do maxilar de Max contraindo-se.

O interfone tocou, e ele o atendeu, destravando o portão em seguida.

— É Suze — anunciou.

Segundos depois, ouvi a voz de Sofia gritando:

— Tio Max! Tio Max!

— Na cozinha, meu anjo! — Max andou alguns passos e gritou.

A garotinha entrou pulando, usando um vestido vermelho de alcinhas e minichinelos da mesma cor. Suas duas trancinhas loiras subiam e desciam com os pulinhos animados. Trazia o palhaço descabelado (agora não tão descabelado assim) debaixo do bracinho.

Ela correu em direção a Max, e ele a pegou no colo, espremendo-a e beijando sua bochecha.

— Nossa, Sofia! Você vai me deixar na vontade? — reclamou Thomas, fazendo uma expressão superfofa de abandono.

— Tio Tito! — bradou a menina quando o viu, forçando as perninhas para descer.

Max a colocou no chão, e ela pulou no colo de Thomas.

— Desculpa, tio Tito, eu não te vi. — Sofia deu um beijo estalado no rosto dele, e eu senti uma pontinha de inveja da garotinha (meio doentio, mas verdadeiro). — Olívia! — exclamou, fazendo sinal para que eu me aproximasse.

— Oi, Souf! — cumprimentei, encurtando a distância.

Minha cabeça ficou quase colada a de Thomas. Inspirei o cheiro de seu xampu enquanto Sofia beijava minha bochecha.

— Ela deixou você chamá-la de "Souf"? — Thomas perguntou para mim, usando o mesmo tom incrédulo que Max usara no shopping.

— O tio Max disse que a Olívia é nossa priminha, tio Tito, e que somos os Três Primos. Por isso que eu deixei. Mas, se você quiser, também pode, porque agora só você não pode me chamar de "Souf", e eu deixo, pra você não ficar triste. Pode, né, tio Max? A gente pode ser os Quatro Primos! — Ela procurou os olhos do tio devasso.

— Claro, minha linda — ele respondeu, sorrindo docemente.

Nem parecia um devasso desprezível quando sorria daquele jeito. Quem não conhecia, comprava fácil.

— Então tá, Souf — Thomas respondeu, beijando a cabeça da sobrinha.

— Onde está sua mãe, Souf? — Max perguntou, estranhando a ausência de Susanne.

— A mamãe e o papai estão lá na porta. Aquela dona *conversadora* que gostava muito da minha bisa que tá no céu tá conversando com eles no portão. E eu entrei porque o palhaço já *tava* cansado de esperar lá fora, e eu

já *tava* cansada, porque ela fala demais, e meus ouvidos *tavam* cansados também. Tio Tito, você não acha que a Olívia é bonita igual à Princesa Jasmine?

— Eu não sei quem é a Princesa Jasmine, Souf, mas tenho certeza de que Liv é mais bonita ainda — Thomas respondeu, fazendo meu coração disparar.

— O tio Max sabe. O tio Max conhece todas as princesas, e ele me conta todas as historinhas e hoje eu vou dormir aqui, viu, tio Max? Pra gente vestir pijama e tomar sorvetinho escondidos. Você também vai dormir aqui, Olívia. E o tio Max vai contar historinhas do Aladdin. Eu gosto de todos os personagens do Aladdin, menos do Jafar. O Abu é muito bonitinho, eu queria que ele fosse meu.

— Ela deu uma risadinha. — O tio Max é o Príncipe Felipe, que é o meu príncipe, porque eu sou a Princesa Aurora. E o tio Tito... — Ela apoiou o dedinho na bochecha, estreitando os olhinhos azuis em uma expressão pensativa.

— O tio Tito parece um pouco com o Aladdin, mas ele não pode ser o Aladdin, porque você é a Princesa Jasmine, Olívia, e não a Carol. A Carol não é princesa nenhuma, porque ela quebrou a perna da minha Barbie.

— Foi um acidente, Souf — Thomas intercedeu em favor da bruxa loira.

Eu queria dizer que a escrota podia ser a Bruxa Má do Oeste, mas contive minha língua ferina.

— Mas ela quebrou, tio Tito — Sofia insistiu, fazendo um beicinho.

— Mas ela comprou outra e te deu — Thomas continuou defendendo a megera.

— Mas aquela que ela quebrou o tio Max que tinha me dado. Era a mais bonita e a mais legal que eu tinha! E agora eu brinco que ela ficou dodói e o Ken cuida dela. Se a Carol for dormir aqui, não vai ser tão legal, porque ela não toma sorvetinho, e fica falando que sorvetinho faz mal, e o tio Max e eu gostamos muito de sorvetinho de morango, né, tio Max? Cadê a Carol, tio Tito?

— Carol não vem mais — ele respondeu, conciso.

— Nunca mais? — Os olhinhos de Sofia brilharam de expectativa, e eu a amei por isso.

— Nunca mais — Thomas ratificou.

Sofia exibiu os dentinhos de leite e anunciou:

— Então a gente pode ver só “Thomas e Seus Amigos” agora, só porque você acha mais legal, tio Tito. Eu te amo. — Ela deu outro beijo na bochecha dele.

— Olívia! — Ouvi uma voz feminina e olhei em direção à porta.

Susanne entrou na cozinha usando um vestido de alças com estampa de papoulas e saia rodada. As tiras do biquíni vermelho estavam amarradas ao pescoço, e o cabelo loiro, comprido e espesso, formava um coque despojado no alto da cabeça.

Tia Ercília estava certa sobre os Vetter. Susanne era a versão feminina de Max.

Alta, bronzeada, sorriso, nariz, lábios e olhos perfeitos. Maços coradas, maxilar suavemente demarcado, feições assustadoramente simétricas. Ela nem parecia ter trinta anos, como eu sabia que tinha, já que Max tinha vinte e sete.

Ao seu lado, um homem alto e atlético, de uns trinta e poucos anos, muito parecido com Thomas, sorria o mesmo sorriso amistoso do meu ex-colega.

— Oi, Max. — Susanne deu um beijo rápido no rosto do irmão. — Sinto muito pela demora, Olívia, dona Geralda nos pegou de papo. Ela é muito gentil, mas conversa que é uma beleza! — desculpou-se, me abraçando.

Plínio cumprimentou o cunhado e, em seguida, deu um abraço no irmão, bagunçando seu cabelo molhado:

— Fala, filhote! Dando muito esse rabo?

— E aí, cuzão! Chupando muita rola? — Thomas retribuiu o gesto socando o peito do marido de Susanne.

— Por favor, ignore esses dois, Olívia — Suze falou, afastando-se. — Este é Plínio, meu marido sem modos.

— Muito prazer, Olívia. — Ele me estendeu a mão. — Como pode ver, ao contrário do que dizem — ele simulou uma careta para a esposa —, sou muito polido.

— O prazer é meu, Plínio — falei, rindo e apertando sua mão estendida.

— Você já conheceu o Tito, né? — Suze perguntou, abraçando Thomas. — Não vi seu carro na porta, Tito!

— Liv e eu já nos conhecíamos, Suze — ele respondeu. — E, sobre o carro, eu explico depois.

— Já se conheciam? De onde? — ela perguntou, curiosa.

— Fomos colegas de faculdade — ele respondeu.

Eu não estava gostando nada dos rumos daquela conversa.

— Ai, meu Deus! Você não disse que ela era médica, Max! Ele não me diz nada, Olívia, é um tremendo pau-no-cu. Vixe me deixando puta!

— E eu sou o sem modos — brincou Plínio, beijando a bochecha de Suze.

— Agradeça o fato de que certas pessoas — Max indicou Sofia com a cabeça — estão distraídas com um boneco, Suze. Queria ver você explicando para ela o que é um "pau-no-cu".

— Max, não começa a me irritar logo cedo. Ah, Olívia, aproveito para te alertar. Cuidado com ele! Esse cretino não presta! Se você soubesse a quantidade de amigas que já perdi por causa dele... Max destrói as minhas amizades desde a adolescência! Porque elas se apaixonam muito fácil, sabe, e ele não quer nada sério com elas. É um *heartbreaker* de marca maior. Como sua mais nova amiga, eu precisava avisar! Não vou deixar você chegar perto desse safo...

— Muito obrigado, Susanne! — ironizou Max. — Mas, é tarde demais, Suze.

A prima Olívia já caiu nas minhas garras — falou, presenteando a irmã com um sorriso vitorioso.

— Muito engraçado, Max! É mentira, gente! — falei, dando uma risadinha e fugindo de propósito dos olhos de Thomas.

Eu queria trucidar Max Vetter.

— Posso comer um sanduichinho, tio? — Sofia perguntou, espiando os sanduíches na bancada.

Eu quis beijá-la por me salvar daquele momento altamente embaraçoso.

Depois disso, Suze fez um suco (ficou pronto em menos de um minuto, porque foi feito numa máquina estranha), e Max, Sofia, Tito e eu nos fartamos de sanduíches.

Lídia chegou enquanto comíamos e já começou a preparar o almoço.

Sofia perguntou se eu estava de biquíni e, como eu disse que não, ela insistiu para que eu fosse colocar, porque o tio Max ia continuar ensinando o nado borboletinha e, dessa vez, eu também ia participar da "aula".

Então, fui para casa, com a recomendação de Sofia para que levasse Lola e uma bolinha para brincarmos juntas.

Procurei o biquíni nas minhas coisas e o experimentei. Era branco, de cortininha.

De pé, de frente ao espelho de corpo inteiro, notei que tanto a parte cima quanto a de baixo me pareceram um pouco menos compostas do que eu me lembrava. Eu não o usava há anos. Mas, graças a Deus, não estava escandaloso.

Na escala da vulgaridade, em que 0 é o biquíni da Sandy e 10 é o da Globeleza, talvez a peça ocupasse a sexta posição.

Tá, eu menti. Sendo totalmente sincera, o negócio beirava a oito. Pessoas mais recatadas o enquadrariam como um nove!

Decidi que ia esperar Suze tirar o vestido. Se o biquíni dela fosse muito mais comportado que o meu, eu não tiraria a roupa de jeito nenhum.

Vesti um short *jeans* e uma camiseta *cropped* por cima, calcei minhas Havaianas, preendi o cabelo em um rabo de cavalo alto e desci as escadas.

Coloquei comida para Lola e Rodolfo e reabasteci os bebedouros.

Enquanto Lola comia, fui até a despensa para pegar uma bolinha (havia um cestinho num canto com várias).

A regata de Max estava no chão. Peguei-a e, instintivamente, levei-a ao rosto, inspirando seu perfume.

Flashes da madrugada invadiram minha mente sem permissão. Balancei a cabeça, afastando-os.

Queria levar aquilo para devolvê-lo imediatamente, mas não quis correr o risco de ser flagrada por Thomas com uma roupa de Max na mão.

Devolveria depois, em um momento mais oportuno.

Subi as escadas correndo e a guardei dentro da minha gaveta de calcinhas.

Desci, peguei Lola e a bolinha, tranquei a porta e saí, rumo à casa ao lado.

15. Errar é humano

TITO

Eu não podia acreditar em meus próprios olhos ou na coincidência absurda.

Meu Deus. Meus pensamentos dentro do táxi teriam, de alguma forma, sido responsáveis por atraí-la até ali?

Não, é claro que não. Não viaja, Thomas.

Mas era ela. Mesmo de cabeça baixa, lutando contra alguma coisa presa na sandália, eu sabia que era ela.

Jamais a confundiria com outra pessoa. Nem no meio de uma multidão, e muito menos ali, sozinha na calçada, a alguns metros de distância.

— Liv? — chamei, usando um tom de dúvida, embora estivesse certo de que era mesmo Olívia Damasceno Dutra, minha ex-colega de faculdade, a quem eu não via há mais de quatro anos.

Ela levantou a cabeça e pousou seus belos olhos nos meus, absolutamente surpresa.

— Meu Deus, Liv! — Afastei-me de Max e caminhei em sua direção, genuinamente feliz em revê-la.

Suas feições continuavam praticamente as mesmas.

As sobrancelhas espessas e arqueadas, os grandes olhos esverdeados, as maçãs altas e os lábios carnudos eram sua marca registrada.

O que me impressionou foi o corpo, que já era bonito na época, mas que estava visivelmente mais curvilíneo. Suas pernas torneadas e a cintura fina não me deixavam mentir.

Fiquei chocado com o fato de que ela conseguira, em quatro anos, a proeza de ficar ainda mais bonita do que já era. Eu teria que ser cego para ignorar o fato de que Liv, além de ter um rosto lindo, era gostosa.

Usava um vestido azul que deixava as belas curvas em evidência, e seu cabelo comprido e muito escuro estava molhado. As mechas emolduravam seu rosto e caíam sobre os ombros, ocultando as alças do vestido, cuja barra alcançava o meio das coxas grossas.

Encurtei a distância entre nós e a abracei, sentindo uma mistura agri-doce de nostalgia e arrependimento se revolver em meu estômago.

Constatei que ela ainda usava o mesmo xampu; uma fragrância agradavelmente floral e adocicada, que, misturada à sensação de seus seios

colados em meu peito, provocou uma enxurrada de reminiscências em minha mente e um desconfortável inchaço dentro da minha cueca.

— Thomas... — Liv finalmente falou, e seu timbre doce e rouco só contribuiu para provocar uma ereção ainda mais constrangedora.

Era difícil acreditar que ela estava ali. E que eu finalmente podia abraçá-la e apreciar seu cheiro e seu toque sem me sentir péssimo e terrivelmente culpado.

Quatro anos depois, Liv deixara de parecer uma garota universitária para se transformar em uma mulher absolutamente sexy, ainda mais do que costumava ser. Mas o jeito de menina que sempre me fascinou permanecera intocado.

Estava lá, causando a confusão de sempre na minha cabeça.

Ela mexia comigo de um jeito perturbador. Definitivamente, sempre me senti atraído por ela.

E isso me consumia, porque eu gostava de estar perto dela e de sentir seu cheiro, e das conversas que tínhamos, mas amava Carolina e tinha ciência de que não podia nutrir aqueles sentimentos por Liv.

Agora eu estava solteiro, praticamente pela primeira vez na vida, e Liv era a Olívia de quem Max me falara há algumas semanas, a sobrinha-neta de vó Ercília. Inacreditável!

Como eu poderia imaginar que o destino a colocaria novamente em meu caminho?

Eu havia sido tão estúpido que não merecia uma bênção tão grande. Tinha pisado tão feio na bola e feito tanta merda que merecia me casar com Carolina e me foder para o resto da vida.

Teríamos uma penca de filhos mesquinhos feito a mãe, e ela me acorrentaria aos pés da mesa para ter mais liberdade para discutir com a minha sombra sobre suas reais intenções em me seguir para todo canto.

Era o inferno de vida que eu merecia ter por ter sido tão frouxo a vida inteira.

Meu Deus, como foi que passei dez anos ao lado de uma pessoa extremamente possessiva, egoísta, desequilibrada e que só me fazia mal? Como fui tão cego, tão otário?

Desde ontem, quando finalmente coloquei um fim definitivo em nosso relacionamento de merda, tenho visto as coisas com a clareza e a lucidez que me faltaram na última década.

Dentro do táxi, a caminho da casa de Max, eu me lembrei de Liv e das sensações que ela sempre me provocou.

Sentimentos escusos e proibidos, os quais eu enterrei como um covarde, em vez de permitir que desabrochassem.

Quando a conheci, foi uma espécie de empatia à primeira vista. Liv e eu tínhamos uma sintonia incrível. Um tipo único de ligação, algo que nunca

experimentei com Carol.

Às vezes, eu me pegava observando seus lábios, pensando em que gosto teriam e se eram tão macios quanto pareciam. Mas, era só começar a dar vazão a esses pensamentos infiéis, que eu caía em mim, forçando-me a lembrar que não podia pensar aquele tipo de coisa.

Carolina e eu começamos a namorar aos treze anos, de modo que perdemos a virgindade juntos. Nunca transei com outra mulher em toda a minha vida. Posso dizer, sem mentir, que nunca a traí e, conseqüentemente, nunca beijei outra garota.

Eu sei, ridículo.

Absolutamente patético.

Sei que o que eu sentia por Liv não era amor, nem nada do tipo. Nós dois combinávamos em vários aspectos e nos divertíamos juntos. Acho que era normal, para um cara que nunca tinha tocado outra mulher, imaginar como seria beijar sua colega mais próxima, que, além de divertida e inteligente, era linda.

Por essas e outras, não tive coragem de dizer a ela que tinha namorada, ainda que a omissão me deixasse enjoado.

Aqueles seis meses foram os mais livres e despreocupados da minha vida. Fui eu mesmo, como há muito tempo não era e como não viria a ser por muito tempo depois.

Tenho essa personalidade ridiculamente maleável e fraca. Queria ter pulso firme e, às vezes, preferia ser um babaca em vez de um bobão. Acho que me contentaria com um por cento da devassidão sem limites de Max. Certamente, a quantidade seria suficiente para me deixar menos patético.

Detesto minha indulgência, minha fidelidade cega e meus princípios irretocáveis.

Invejo Max por ser tão desprendido, livre e despudorado.

Ele nunca se conformou com o fato de que não conseguiu me corromper.

Apesar de ter me dado cobertura e de ter me incentivado a perder a virgindade aos quatorze anos, ele sempre me instigou a trair Carolina, apresentando-me a incontáveis mulheres, todas absolutamente tentadoras.

Como sempre a amei, nunca cogitei me envolver com nenhuma delas. Na verdade, nunca tive vontade.

Mas Max sempre se empenhou tanto em me "converter" que acho que o grande objetivo de sua vida era ver um belo par de chifres coroando a cabeça de Carol.

Ela sempre o detestou ardorosamente. Acho que Carolina simpatiza mais com o diabo que com Max, coisa que eu sempre considereei natural, tendo em vista o conhecido fato de que ela é patologicamente ciumenta e que Max é,

reconhecidamente, um devasso e um corruptor de cordeirinhos.

Ele também nunca foi grande fã da minha ex-namorada, embora tenha aceitado sem titubear o meu pedido de que ela viesse passar uns dias "no covil do diabo", como Carol gostava de dizer.

Os pais de Carolina moram na cidade, de modo que ela ficaria na casa de Max por algumas semanas, apenas, só até a minha residência começar.

As tantas idas e vindas, crises de ciúme e discussões acaloradas desgastaram nosso namoro e acabaram com qualquer resquício de sentimento de minha parte. Sou um herói por ter aguentado tanto tempo.

Esta não será como as outras infinitas vezes, em que terminamos tudo dramaticamente para reatar dias depois, na cama.

Sinto-me aliviado desde o episódio do carro. Acho que ela tem consciência de que ultrapassou todos os limites aceitáveis e que nem o tonto do Thomas perdoaria uma coisa do tipo.

Chega! Quero viver, quero, finalmente, viver. Chega de afastar pessoas, chega de me sentir sufocado.

Estou tão feliz que o universo me trouxe Liv de volta que poderia sair voando, de tão leve.

— Você é o Tito? — ela perguntou, depois de limpar a garganta, ainda em meus braços.

Dei uma risada e me afastei, segurando-a nos ombros, sentindo sua pele ainda fresca do banho.

— É o meu apelido de infância, Liv. Não acredito que você é a Olívia de vó Ercília! — exclamei, sorrindo de satisfação.

— De onde vocês se conhecem? — Max se aproximou e perguntou.

— Liv era minha colega de faculdade, puto! — expliquei, socando-o de leve no braço. — Cara, ninguém merece essa visão do inferno logo cedo. Cadê sua camisa, porra? — brinquei.

Achei estranho o fato de ele ter saído seminu da casa que agora era de Liv. Será que tinham transado?

Certamente, conhecendo Max como conheço e estando perfeitamente ciente da beleza de Liv.

— Estou mais interessado em saber onde está sua namorada. Ela não vinha junto? — Ele perguntou, usando um tom atipicamente sério.

— Carol e eu terminamos ontem — contei, observando a reação de Liv à notícia.

Notei que um sorriso imenso iluminou seu rosto e não pude deixar de ficar contente com seus lábios curvados.

— De novo? — Max perguntou, em um tom jocoso.

Carolina e eu vivíamos brigando, é verdade. Terminávamos e reatávamos com a mesma frequência que eu visitava livrarias e ela ia ao shopping.

Mas, mesmo sabendo disso, não consegui evitar uma ligeira irritação por causa do tom que Max usou.

— Dessa vez foi sério, puto. Cansei daquele ciúme doentio e injustificado. Carolina passou dos limites, não tem volta. — Tentei disfarçar meu desagrado, mas não sei se consegui mascará-lo.

— Já ouvi isso tantas vezes que perdi as contas. — Max riu, e eu respirei fundo, tentando não mandá-lo ir se foder na frente de Liv.

— Cadê seu carro? Você não vinha dirigindo? — Ele quis saber.

— Vim de avião. Peguei um táxi do aeroporto até aqui. Sobre onde está o meu carro, pergunta pra louca da Carolina — esclareci.

— Cara, se você me disser que ela... — ele começou.

— Com um taco de beisebol — confirmei.

— Um taco de beisebol? Onde aquela maluca conseguiu um taco de beisebol? — Max questionou, alarmado.

— Não faço a mínima ideia de onde ela encontrou aquilo — respondi, mentindo. — Acho que ela queria protagonizar o clichê americano perfeito. Destruiu a lataria e estilhaçou todos os vidros. Mas tudo bem. Eu já estava mesmo pensando em comprar uma moto. Agora é a hora.

Na verdade, eu suspeitava de que Carolina havia comprado aquilo na Internet, de caso pensado. Estava há tempos cismada com uma das médicas do PSF em que eu estava trabalhando.

A médica era bonita e vivia dando em cima, mesmo sabendo que eu tinha namorada.

Quando, no final do expediente, no meu último dia no PSF, ela me disse que estava sem carro e que precisava chegar ao centro urgentemente, eu não deveria ter oferecido a carona, mas ofereci, como um bom pateta.

Só queria ajudar, e minha bondade me custou um prejuízo de aproximadamente cinquenta mil reais.

Como eu poderia imaginar que Carolina estaria à espreita e que teria um taco de beisebol debaixo do banco de seu carro, pronto para atacar o meu?

— Meu Deus, Tito! Você não vai ficar no prejuízo! Vamos processá-la por dano. Destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia por motivo egoístico ou com prejuízo considerável para a vítima configura crime de dano qualificado, punível com detenção e multa. Artigo 163, inciso IV do Código Penal — Max disse, citando, como de costume, um artigo do Código Penal.

Eu sabia que era a matéria de que ele menos gostava e, por isso, a que ele mais estudava. Sua mania de citar artigos decorados poderia parecer esnobe para

alguns, mas Max sempre teve ótima memória e uma habilidade incrível para administrar o tempo de estudo.

Há cerca de um ano e meio, ele colocou na cabeça que quer ser juiz federal e, desde então, quando não está comendo alguém, tocando ou jogando futebol, está estudando feito um doente.

Aliás, não sei como ele consegue comer tanta gente, tocar em uma banda, trabalhar, jogar futebol aos domingos e estudar.

A minha teoria é a de que, enquanto transa, ele equilibra o *Vade Mecum* (é o nome daquele livro enorme com os códigos e leis mais importantes) nas costas da mulher e, a cada estocada, vira uma página.

Sei que ele compõe paródias com mnemônicos fantásticos. Então, a música o auxilia a memorizar.

Outra coisa que ele deve fazer é guardar páginas da Constituição Federal nos meiões ou dentro da chuteira. E, quando o jogo está morno, ele fica lá na rede, decorando mais um pouco.

— É melhor deixar pra lá, Max. Não quero piorar a coisa toda — falei, ciente de que, apesar do prejuízo, era a melhor opção.

Queria me livrar de Carolina de uma vez por todas. E um processo só retardaria minha liberdade plena.

Ela podia enfiar todo o meu prejuízo no cu.

— Se essa história fosse comigo, eu já teria protocolado a queixa-crime. Ia reaver cada centavo do prejuízo — Max assegurou.

Ele estava se esquecendo de que uma porra daquelas jamais aconteceria a ele.

Primeiro, porque eu veria o sol nascer azul antes de vê-lo amarrado a alguém. Segundo, porque, mesmo se esse dia chegasse (o que se admite apenas por hipótese — surreal, diga-se de passagem), mulher nenhuma ousaria cometer uma atrocidade daquelas contra Max Vetter.

Esse tipo de merda só acontece a caras retardados, como Thomas Theloni.

— Vocês, advogados, com essa mania insuportável de querer processar o mundo todo... São uns sugadores de dinheiro! Tão esnobes, presunçosos, pomposos e arrogantes! Olha só, primo, você escolheu a profissão perfeita! Sua cara, Max — Liv falou de repente, em um tom nitidamente debochado.

Confesso que estranhei a intimidade entre os dois. Há quantos dias eles se conheciam? Dois? Três? Eles haviam transado uma vez e já se tratavam com tanta "cortesia"?

Mas não pude evitar uma risada, porque esta era Liv: divertida e espirituosa.

— Assino embaixo, Liv — falei, esboçando um sorriso, ao qual ela retribuiu.

Max não deixou por menos:

— E vocês, médicos, são o retrato da modéstia, claro... São todos uns bons

samaritanos que rasgam dinheiro. Transbordam virtude, frugalidade e desambição. São tão humildes, tão servis! O corolário da despretensão, com toda certeza. Parabéns, prima, por ter escolhido a profissão perfeita! Sua cara, senhorita Olívia.

Fiquei surpreso. Ouvira rumores de que Liv havia trancado a matrícula. Era boato? Em vez disso, ela havia conseguido uma transferência?

— Você transferiu a vaga para outra universidade, Liv? Terminou o curso? — perguntei, a fim de extirpar quaisquer dúvidas sobre o fato.

Foi Max quem respondeu:

— A prima Olívia também é médica, Tito. Temos três médicos na família!

— Que bom, Liv! — Abracei-a e, antes que eu pudesse me conter, beijei seu cabelo.

Não sei por que fiz aquilo. Foi instintivo. Talvez, tivesse beijado sua bochecha, se ela fosse um pouco mais alta.

— Vamos entrar. Suze já deve estar chegando. — Max tirou o controle do bolso e abriu o portão da garagem.

Pegou duas malas e deixou as outras duas para mim.

Assim que entramos, ele avisou a Liv que subiríamos para levar minhas coisas ao andar de cima.

Eu já estava abrindo a boca para dizer o quanto aquilo me parecia grosseiro, deixá-la ali, sozinha, já que poderíamos perfeitamente guardá-las depois, quando ele me lançou aquele olhar.

Um olhar que dizia: "preciso falar com você, e tem que ser agora".

Subimos e, assim que alcançamos o último degrau, ele perguntou:

— Tem problema se você ficar no quarto do final do corredor?

— Por quê? — indaguei, já que sempre ocupava o quarto da vidraça.

— Preciso dar uma arejada. Vou sair do meu quarto por uns dias. Acho que será bom estudar lá no quarto da vidraça, observando o dia amanhecer. Espero que não se importe.

— Claro que não, puto, sem problemas — falei, sendo sincero.

— Então... Olívia é a aquela Liv de quem você me falava... — comentou, enquanto avançávamos pelo corredor. — A colega que eu incentivava você a comer?

— É. É, sim — confirmei. — Cara, ela está ainda mais linda e muito mais gostosa. Graças a Deus me livre de Carolina. Você sabe se ela tá com alguém? — Joguei o verde para colher maduro, entrando no quarto e colocando as malas no chão.

Max fez o mesmo e não disse nada por vários segundos.

— Está — respondeu, por fim, concisamente.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele me encarou com uma expressão séria e perguntou:

— Você se lembra do nosso código?

— Que código?

— Porra, Tito, o código, caralho! Eu tinha treze anos, e estava louco pela irmã de Piolho, lembra? Mas ela tinha quinze e estava se fodendo para a minha existência. Então, eu cismeiei que perderia a virgindade com ela. E perdi.

Ah, sim. Max estava obcecado por Drica. Acho que ela foi a primeira e única mulher que se negou — a princípio, pelo menos — a transar com ele.

— Lembrei. Depois que você transou com ela, ficou se sentindo a porra do sol, o bam-bam-bam, o rei do pedaço. Então, ficou ridiculamente apaixonado e...

— Criei o código, porque não queria que você a comesse nunca. E você concordou, lembra?

— Aí, você a pediu em namoro, e ela disse um sonoro “não” na sua cara! — Caí na risada.

— Para de rir, porra. Foi um erro de principiante, o único da minha vida. Hoje aquela puta vive rastejando aos meus pés, implorando pra trepar comigo. Vai morrer pedindo. Prefiro cortar meu pau fora a transar com ela.

— Ela é gostosa. Você não rejeita mulher gostosa — observei, rindo.

— Podia ser a única mulher na face da Terra e, ainda assim, eu não a foderia. Vai morrer sem saber o quanto meu palhação evoluiu. Mas, esse não é o ponto. Para de desviar a porra do foco. O ponto é: antes de eu cometer a única burrada que já cometi, eu criei o código. Agora que você está solteiro e vai, finalmente, começar a comer mulheres, fazendo jus ao pau que, supostamente, você tem no meio das pernas, estou te lembrando de que o código existe. E que está em vigor.

— Max, esse código foi criado quando eu era uma criança, e você, um adolescente. Ele nunca vigorou de verdade. — Dei de ombros.

— Mas agora vai, e eu espero que você o honre — ele disse, usando um tom imperioso.

— Mas como eu vou saber quem você já comeu, se você provavelmente já transou com a cidade inteira? — perguntei, rindo.

— Você tem boca, porra? Se essa sua boca servir para algo mais além de chupar pau, você vai usá-la para me perguntar quando quiser comer alguém.

Gargalhei.

— Vai tomar no cu, filho da puta! Não vou pedir a porra da sua permissão pra transar com quem eu quiser. Sou tolo, mas não a esse ponto.

— Só me avisa se você estiver interessado em alguém que eu conheça — ele pediu.

— Tá. Estou interessado em Liv — falei de uma vez, esperando, em vão, que

ele me dissesse que não tinha transado com ela.

— Olívia está fora do seu alcance, Thomas — ele disse, bastante direto, em um tom encolerizado.

Foi estranho ouvi-lo me chamar de "Thomas" depois de tanto tempo.

— Posso saber por quê? — questionei.

— Já comi.

Eu sabia. Liv é gostosa, e Max não perde tempo.

— Você dormiu lá, na casa dela? Virou a noite? — sondei.

— Claro que não. Você está careca de saber que eu não durmo com as mulheres que como, porra. Foi uma coisa rápida, hoje de manhã.

Inexplicavelmente, fiquei puto. Tão puto que nem me reconheci quando disse:

— Também vou comer. Lide com isso.

Ele soltou uma risada incrédula.

— Você não faz o tipo dela. Posso garantir.

— Isso é o que nós vamos descobrir — desafiei.

Percebi que ele cerrou os dentes, o que me deixou confuso.

— Você não se importa, não é? Já comeu. Logo, não vai comer de novo, certo?

Estranhamente, ele titubeou.

— Certo. Mas você não pode transar com ela.

Olhei para ele sem entender.

— Mas você transou. Por que eu não posso? — Dei uma risada.

— Por causa do... Código — ele disse, soando pouco convincente.

— Pro caralho essa porra de código, Max! E essa sua hipocrisia da porra também! Você não é o único cara boa-pinta das redondezas com um pau atuante. Se era, não é mais. Achei, realmente achei que, quando soubesse que terminei de vez com Carol, você seria o primeiro a me incentivar a comer uma gostosa. Estou te estranhando... Vai me dizer que sente alguma coisa por Liv?

Se ele dissesse que sim, o mundo viraria de cabeça para baixo no instante em que o monossílabo deixasse sua boca.

Max soltou uma gargalhada.

— Tá louco? É claro que não, porra! Vai estranhar meu pau no seu cu, Tito!

Caí na risada.

— Ótimo. Tudo certo, então. Como você não tem mais interesse, vou investir. Quero retomar nossa amizade e, se ela quiser, seremos mais que amigos. Agora, preciso tomar um banho.

Ele fez menção de dizer alguma coisa, mas desistiu no último segundo, deixando o quarto.

Tomei banho e, quando saí do banheiro, vi que Piolho tinha me ligado várias

vezes. Resolvi que retornaria mais tarde e desci.

Notei um clima estranho entre Max e Liv quando pisei os pés na cozinha, mas decidi não comentar nada.

Sentei-me ao lado dela e, experimentando em meus dedos a textura da pele de seu antebraço, falei com sinceridade:

— Estou tão feliz que nos reencontramos, Liv.

— Eu também, Thomas! Muito! — ela exclamou, sorrindo lindamente.

Sorri de volta e ficamos nos fitando por alguns segundos.

— Sinto muito pela forma como nos afastamos — desculpei-me. — Eu jamais deveria ter aceitado que Carolina se intrometesse em nossa amizade ou em qualquer outro aspecto da minha vida pessoal — falei, sentindo-me irritado, arrependido e triste, uma miscelânea dos piores sentimentos possíveis.

— Sem problemas, Thomas, eu te disse na época que entendia, e continuo entendendo. Mas espero que agora possamos retomar nossa amizade — ela disse, tocando meu braço.

Seus dedos eram leves, sutis e cálidos.

— É o que eu mais quero! Você é incrível, Liv. E eu fui um idiota por tê-la deixado sair da minha vida. Nem acredito que agora, além de vizinhos, somos praticamente da mesma família! É simplesmente bom demais pra ser verdade. Acho que vou morar aqui pra sempre, Max!

— A casa é sua, Tito — ele disse, enquanto fatiava um tomate.

— Ótimo! Liv e eu precisamos recuperar nosso tempo perdido — falei, sorrindo para ela.

— Porra! — Percebi que Max havia se cortado com a faca.

— Cortou muito? — indaguei, levantando-me para averiguar.

— Não — ele negou e andou até a pia.

Ligou a torneira e mergulhou o dedo ferido debaixo do fluxo incessante de água.

— Caralho, a noite foi boa, hein, puto? — falei, e só depois me toquei de que os arranhões tinham sido feitos por Liv, naquela manhã.

Meu Deus, ela era selvagem.

— Não tão boa quanto a da prima Olívia, eu garanto. Já viu o tamanho do chupão no pescoço dela? — Ele sorriu com malícia.

Virei o rosto imediatamente para conferir, mas Liv já estava levando a mão ao local.

O desgraçado a tinha marcado com um chupão e o estava esfregando na minha cara!

— Ah, isso? Eu gostaria muito que fosse um chupão, primo. Mas não é — ela falou, lívida, visivelmente embaraçada.

Isso era bom. Significava que ela não queria que eu soubesse que os dois tinham transado, certo?

— Ah, não? Engraçado, parece muito. Você não acha, Tito? — Max provocou, desligando a torneira e se virando para nos fitar enquanto secava o dedo.

— Talvez tenha sido só um besouro, né, Liv? — sugeri, para afetá-lo de propósito.

Meu telefone tocou exatamente naquele momento. Era Piolho de novo, como chequei no visor. Decidi atender de uma vez e acabar logo com aquilo.

Embora eu não estivesse a fim de deixá-los sozinhos, fui atender na sala, em nome da boa educação.

— Fala, Piolho! — atendi, tentando soar animado.

— *Carai*, Titona, chega e nem dá um toque aqui, *vêi*!

— Cheguei não tem nem meia hora, e você já tá doido pra chupar minha piroca, porra? — zoei.

— Sai pra lá, mano! Tô é querendo pular na piscina de Putão. Na boa, *vêi*, me explica o que tá acontecendo. A quenga faltou a partida, meu! Tive que escalar o frango do Thiago. O time levou sete enrabadas violentas! Os caras atolaram sem dó, com a pica do Kid Bengala, *vêi*. Desse jeito, a gente vai perder o campeonato. Putão me veio agora há pouco com esse papo de que esqueceu completamente o *carai* do jogo! Disse que *tava* comendo uma gostosa, mas *cê* sabe que a quenga não falta, mano. Pode tá comendo a Megan Fox no domingo de manhã que para a foda no meio pra calçar as luvas e botar as chuteiras. Por que ele foi esquecer o jogo justo hoje? *Cê* sabe se a mina ainda tá aí? Porque foi só eu falar que a rapaziada já *tava* com a sunga na mão, todo mundo pronto pra ir dar uma refrescada na piscina, que ele encrespou. E *cê* sabe que tem piscina na casa de Putão todo domingo depois do jogo, é de lei! Quero comer a comida de Lili, *vêi*. Tô com uma puta fome do *carai*.

— Cara, tá tendo uma coisa meio familiar aqui. Acho que foi por isso que Max barrou a galera. Suze está organizando um almoço de boas-vindas para a sobrinha-neta de vó Ercília — falei, sem querer entrar em detalhes sobre Liv.

— Não quero nem saber, mano. Sem meu bronze é que eu não vou ficar, tá ligado? As minas piram no meu *shape* bronzeado. Fala pra Putão que já *tamo* saindo e foda-se. Ele que venha chupar meu cacetão se não gostar.

— Piolho, deixa de ser sem noção, cara.

— Sei, não, hein... *Cês* dois barrando nossa presença aí no piscinão... Tô achando que a mina é gostosa pra *carai*. Vou ver com meus próprios olhos. Tô chegando aí daqui a pouco, *vêi*. Pode avisar Putão. E, pra você deixar de ser cuzão, vou levar, além do pessoal do time, minha irmã e minha prima, que

vieram ver o jogo. Vamos levar as cervas e os gatos pros espetinhos. Quero *pool party*, manolo! Fala pra Lili colocar mais água no feijão, tá ligado? — ele falou e desligou na minha cara.

Os caras do time iam secar Liv. Aquilo não ia prestar.

— Era Piolho, puto. Disse que tá chegando daqui a pouco com os caras — anunciei, entrando na cozinha.

Notei que Max ficou puto. Eu também estava. Queria poder conversar tranquilamente com Liv, de preferência sem a presença de mais de uma dezena de caras de sunga ao redor.

O interfone tocou, e Max o atendeu, dizendo que era Suze.

Sofia entrou correndo e ficamos conversando até que Plínio e Suze entraram.

Depois de feitas as apresentações, tomamos café.

Então, Liv foi para casa, para colocar um biquíni.

E eu mal podia esperar para vê-la dentro dele.

16. Amigos, amigos, mulheres à parte

MAX

Minha cabeça estava latejando e, infelizmente, era a de cima.

O bate-estaca dentro do meu cérebro estava afetando a porra do meu juízo e provocando instintos preocupantes.

Por alguma razão, os nós dos meus dedos sentiam-se irremediavelmente atraídos pela cara de Tito.

A vontade imensurável de socá-lo estava me deixando seriamente perturbado e alarmantemente assustado.

Suze estava na cozinha, ajudando Lili com o almoço, enquanto Plínio tirava um cochilo, a fim de recuperar as horas de sono perdidas por causa do plantão.

Olívia e Sofia brincavam com uma animada Lola, que corria para pegar a bolinha e voltava, arfante, trazendo-a de volta.

Tito e eu estávamos sentados com nossas cervejas, observando a brincadeira a alguns metros de distância.

Minha mão direita formigava, lutando contra o desejo insano de se aliviar no queixo do desgraçado, que não desgrudava os olhos da bunda de Olívia.

Ela estava usando um short curto demais, e aquilo que ela achava que era uma blusa estava muito longe de ser uma.

— Quer um babador? — perguntei, sem conseguir conter o tom irritado.

Tito gargalhou, e o som de sua risada quase impulsionou meu punho fechado em sua mandíbula.

Então, ele se levantou, tirou a camisa e gritou:

— Liv! Quer dar um mergulho?

O filho da puta só estava interessado em vê-la de biquíni!

A porra do meu sangue ferveu.

Olívia estava rindo de Sofia, mas seu sorriso sumiu assim que ela se virou e bateu os olhos nele.

Eu estava acostumado a ver aquela expressão cobiçosa nos rostos das mulheres, sempre direcionada a mim.

O olhar lascivo de Olívia dirigido a Tito suscitou em meu interior uma profusão de emoções terríveis.

Em meio ao caos de sentimentos, sobressaía a dor, a mesma que eu havia sentido quando, estupidamente, resolvi tapar seus olhos.

Era uma mistura impossivelmente dolorosa de decepção, raiva e despeito.

Quando descobri que Olívia era a Liv de quem Tito tanto falava no início da faculdade, pensei que nada poderia me deixar mais desconfortavelmente afetado. Ledo engano.

No quarto, quando Tito anunciou que se aproximaria dela com intenções sexuais, o desconforto inicial converteu-se em um incômodo acentuado, que, ali, à beira da piscina, tornou-se insuportável.

O pior era me sentir um completo estranho em minha própria pele. Aquelas sensações inusitadas estavam fodendo meu cérebro.

Era surpreendente o fato de que meus miolos ainda estavam intactos, porque minha cabeça estava sendo fodida sem misericórdia. Eu estava ficando louco.

— Vamos... — Olívia respondeu.

Lutei contra o ímpeto de perguntar se ela também precisava da porra de um babador.

— Oba! Vamos também, tio Max! Vamos nadar borboletinha! — Sofia bradou, animada.

Eu não estava em meu estado normal, não sabia que porra estava acontecendo comigo e não confiava em mim mesmo em uma piscina com Tito.

É claro que eu não o afogaria, porra!

Meu Deus, claro que não!

Mas confesso que minhas mãos possuídas estavam considerando a ideia.

De repente, as peças se encaixaram.

Eu estava possuído! Só podia ser. Por que outro motivo eu estaria sentindo aquela fúria assassina contra Tito? Tito, a que eu amava como a um irmão! E por causa de uma mulher! Era a porra de uma possessão maligna ou algo semelhante.

O putro do Tito sempre foi a porra de um santo!

A ironia daquilo estava me consumindo. Eu o incentivei a vida inteira a deixar de ser frouxo. Fiz todo tipo de tentativa para separá-lo de Carolina. Tentei, de todas as formas, fazer com que ele virasse a porra de um macho-alfa. E, meu Deus, eu o perturbava, dia e noite, tentando convencê-lo a comer a colega de faculdade gostosa. Olívia!

Agora, São Thomas decidira abrir as asinhas! Agora!

Agora, o desgraçado queria partir para o ataque. Agora!

E daí, Max? Foda-se.

Isso. FODA-SE.

Fodam-se os dois.

— Vamos, meu anjo — concordei com o pedido de Sofia.

Ensiná-la o nado borboleta estava dando um trabalho da porra. Mas seria bom

para me deixar distraído. Talvez, se eu mantivesse a mente ocupada, meu cérebro voltasse a funcionar normalmente, porque meu discernimento estava tragicamente prejudicado.

Pronto. Resolvido. Eu ficaria na minha com Sofia e ignoraria os dois.

Se eles quisessem se comer, tudo bem.

Tudo bem o caralho! Nem por cima da porra do meu cadáver!

— E Suze? Ela não vai nadar agora? — Olívia perguntou, aproximando-se com Sofia.

— Ela está ajudando Lili, prima — respondi.

— Então talvez seja melhor esperar um pouco, Thomas — ela disse, virando-se para Tito.

O fato de que ela o chamava de "Thomas" e ele a chamava de "Liv" estava me tirando do sério. Eu estava me sentindo a porra de um *outsider* na porra da minha casa.

— Não, Olívia! Mamãe vem depois! — choramingou Sofia, puxando a barra daquele projeto de short.

Meu pau acordou na cueca quando vi o pedaço da tira branca que ficou visível com o puxão.

Percebi que Tito estava de olho e, para não sucumbir à vontade de surrá-lo, tirei a bermuda e pulei na piscina no segundo seguinte.

OLÍVIA

Meu Deus, foi a coisa mais *sexy* que eu já vi. A expressão de Max era quase selvagem quando ele desabotoou a bermuda, revelando a sunga azul-marinho.

Apesar de já conhecer a textura das planícies, depressões e colinas de seu abdome e cada centímetro da maravilha que o tecido azul encobria, não consegui evitar a surpresa.

Meus olhos famintos sempre se surpreendiam com a beleza daqueles músculos perfeitos.

Meu corpo reagiu imediatamente àquela imagem espetacular.

Em um segundo ele estava ali, ao meu lado, exalando aquele cheiro perturbadoramente másculo. No instante seguinte, suas costas estavam curvadas e os pés impulsionavam-no para o mergulho.

E, então, o som delicioso de seu corpo em contato com a água.

Como eu queria ter um controle remoto! Rebobinaria a cena, colocaria em câmera lenta e ficaria assistindo, afundando o dedo no *replay*.

Gostoso da porra.

Meu Deus, eu estava latejando.

Queria pular e me atracar em seu pescoço molhado e saborear aquela boca apetitosa e...

— Vamos pular? — Thomas perguntou ao meu lado, tirando a bermuda.

Que merda! Por que eu estava perdendo meu tempo com Max?

De repente, eu me senti uma grandessíssima filha da puta. O universo me trouxera um presente maravilhoso (em uma embalagem fofa, ainda por cima!) e como eu estava retribuindo? Secando o desgraçado do Max, o maior devasso que a Terra já viu, em vez de me ocupar com Thomas, o oposto daquele cretino.

Eu estava certa sobre meu ex-colega, aliás. Meu Deus, na festa dos calouros, quando Carolina deu piti por causa do meu biquíni, eu já o achei uma perdição de sunga. Agora ele estava bem mais sarado e muito mais gostoso.

E, a julgar pelo volume aparente na sunga preta, o material não deixava a desejar.

O vento levantava mechas de seu cabelo ondulado banhado de sol, deixando os fios ainda mais adoravelmente desajeitados.

Thomas sorria daquele jeito torto encantadoramente doce. Sempre achei um charme aqueles caninos ligeiramente maiores. Ele parecia um vampirinho fofo com covinhas lindas.

— Protetor solar! — gritou Sofia, correndo para alcançar o vidro em cima da mesinha de um dos guarda-sóis. — Passa em mim, tio Tito? — pediu, voltando com o tubo.

— Claro, Souf. — Ele pegou o vidro e se sentou, começando a lambuzar as costinhas de Sofia.

— Mamãe não me deixa nadar sem passar. — Sofia começou a falar, olhando para mim. — O tio Max tá nadando borboletinha! Olha, Olívia, como o meu tio nada bonito! Eu estou aprendendo. O tio Max me ensinou exercícios pra praticar. Estou quase boa, sabia? Vou ficar boa que nem ele. E depois eu vou ensinar a Duda, e ela me disse que vai ensinar a Gabi, que é a prima dela. A Gabi tem uma piscina de bolinhas muito legal. Eu pedi uma igual a dela pro papai, mas ele disse que vou ter que esperar muito pra ganhar porque no meu último aniversário ele me deu uma casinha de bonecas que custou quase um salário mínimo. Eu não sei o que é salário mínimo, mas o meu pai disse que eu poderia comer muito feijão com isso. Ainda bem que papai comprou a casinha, porque eu odeio feijão. E ele também falou que a piscina de bolinhas eu só vou ganhar, talvez, no Natal, se o Papai Noel decidir que eu mereço. Eu acho que eu mereço. Você

também, né, Olívia? O tio Max acha...

Eu não estava prestando atenção à tagarelice de Sofia. Estava hipnotizada pelos movimentos ágeis de Max debaixo d'água.

Meu Deus, por quê? Por que, meu Pai? Por que sou tão castigada?

Ver Max dando aquelas braças e pernadas não estava fazendo nada bem ao meu juízo.

Desgraçado! Morre afogado, cretino!

Eu não deveria estar tão vidrada naquele puto. Deveria estar manjando o pau de Thomas em vez de estar louca de vontade de chupar o cacete molhado de Max. Que porra!

— Terminei, Souf — anunciou meu ex-colega, tirando-me dos meus devaneios obscenos.

— Obrigada, tio Tito! Vou fazer xixi! Olívia, me espera, eu já volto! — pediu Sofia, já começando a dar seus pulinhos alegres rumo às portas francesas.

— Tá bom, Souf — falei, observando-a se afastar.

— Quer ser a próxima, Liv? — Thomas perguntou, indicando o vidro de protetor.

Ele estava sorrindo maliciosamente? Para mim?

Meu Deus! Thomas me tocando... Suas mãos escorregadias deslizando na minha pele...

— Anrã... — falei, tirando meu *cropped*.

TITO

Uau.

Meu cérebro, idiotamente afetado pela visão dos seios de Liv, só conseguia formar sinapses suficientes para elaborar aquelas três letras, que juntas formavam uma interjeição muito aquém do que eu verdadeiramente gostaria de expressar.

Mas é claro que não pronunciei "uau" em voz alta. Só o que pude fazer diante daquelas duas maravilhas perfeitamente redondas foi engolir em seco.

Eu já a tinha visto de biquíni uma vez. Mas, na ocasião, estava com Carolina. Dei umas boas secadas, é claro, mas não podia ser tão óbvio na frente de Carol, de modo que mal pude admirar as belas formas de Liv. Eu me controlei pra caralho e, ainda assim, Carolina ficou puta comigo.

Lembro-me de que Liv também estava usando um biquíni branco naquele dia.

A imagem ficou gravada em minha mente por muito tempo.

Confesso que bati várias punhetas na semana seguinte, lembrando-me dela usando aquele biquíni, desfilando nas proximidades da piscina.

Mas esse... Puta que pariu, era muito menor. Não sobrava quase nada para imaginar.

Liv tinha seios grandes e deliciosamente empinados. Os triângulos brancos cobriam os mamilos, deixando muita pele exposta ao redor.

Como eu queria sentir o peso daquelas belezinhas nas mãos...

Putá merda, eu estava ficando vertiginosamente duro. E estava de sunga!

Precisava fazer algo a respeito.

Okay, vamos lá, Thomas. Distraia-se.

Acesso venoso central.

Indicações:

Impossibilidade de punção de veias periféricas;

Monitorização hemodinâmica;

Introdução de cateter...

Se você não tirar a porra dos olhos da parte cima do biquíni essa porra não vai funcionar, Thomas!

Liv colocou a blusa em cima da cadeira que Max deixou desocupada e começou a desabotoar o short.

Porra.

Rapidamente, ela se livrou da peça, unindo-a à camiseta.

Então se virou, para que eu passasse o protetor solar em suas costas.

Meu cérebro parou de fazer sinapses com a visão daquela bunda.

Sinapses? O que eram mesmo sinapses?

Passei a mão no cabelo instintivamente, mordendo o lábio.

Segundos depois, peguei o vidro e o virei na mão.

OLÍVIA

Thomas tinha acabado de tocar meu ombro direito quando Max pressionou as mãos na borda e, flexionando os braços, impulsionou o corpo para fora da piscina, presenteando meus olhos com a visão de suas costas maravilhosamente arqueadas.

Aquela bunda perfeita me distraiu completamente das mãos em minhas costas.

Fechei os olhos, tentando afastar a imagem da cabeça e esforçando para me

concentrar no toque suave e gentil das mãos que massageavam minha pele.

Thomas tinha dedos leves e macios. A sensação era muito agradável. Mas a sutil pressão que ele aplicava não estava, como pensei que aconteceria, me causando arrepios.

Pensar em Max me deixava mais arrepiada que o contato direto das mãos de Thomas em mim, o que me deixou terrivelmente decepcionada.

A culpa era toda do devasso, claro! Aquele filho da puta gostoso de uma figa tinha me estragado para um cara perfeito!

Eu nunca deveria ter transado com ele. Nunca!

Max Vetter viciava mais que livros e seriados!

Obrigada, Deus, por ter permitido que o capeta mandasse seu enviado primeiro! Se o Senhor tivesse sido um pouquinho mais ágil em enviar Thomas, nada disso estaria acontecendo! Eu estaria morrendo de suspirar com as ótimas mãos dele passando protetor solar em mim!

Em vez disso, não consigo parar de pensar nos beijos de Max em minhas costas, subindo para os meus ombros... Alcançando meu pescoço...

Ai... Ai, meus mamilinhos...

Sem que eu me desse conta, um deus molhado se materializou em minha frente, brindando meus ouvidos com a minha voz de trovão favorita:

— Que porra é essa, Olívia?

MAX

Levei cerca de um segundo depois de sair da água para perceber que o filho da puta do Tito era mais esperto do que eu pensava.

Ele estava me saindo um excelente aprendiz tardio.

O desgraçado decidira usar meus próprios truques com a porra da minha garota!

Prima!

Eu quis dizer com a porra da minha prima, caralho!

Porra de cabeça latejante dos infernos e seus atos-falhos de merda!

E, puta que pariu! Onde Olívia achava que estava? Na porra do Jardim do Éden?

Ela estava pelada! Aquilo era tudo, menos a porra de um biquíni! Folhas de parreira cobririam mais!

Caralho, ela tinha que ficar ainda mais gostosa usando aquilo? E tinha que ser

branco?

— Que porra é essa, Olívia? — trovejei, completamente puto, aproximando-me dos dois.

Ela subiu sedutoramente os olhos e me olhou com um sorriso cheio de malícia.

— Câncer de pele é uma coisa perigosa, primo. É melhor prevenir que remediar, né, Thomas? — falou, usando aquele tom provocante que me deixa louco.

O biquíni em Olívia era um atentado à sanidade de qualquer cara. Os laços daquele negócio pediam para serem desfeitos, caralho!

Percebi que seus mamilos estavam eriçados sob o tecido da parte de cima.

A raiva explodiu em minhas têmporas.

Ela estava excitada com aquela porra!

— Me dá aqui esse caralho, Tito. — Puxei o vidro da mão dele, sem deixar tempo de reação.

— Tá louco, Max? — ele gritou em resposta.

— Vá se foder — rosnei, atirando longe o tubo de protetor solar. — Caiu na sua casa, prima — avisei, usando um tom debochado e fitando furiosamente aqueles olhos desconcertantes.

— Cara, que merda foi essa? — Tito perguntou, visivelmente chocado.

— Isso foi a porra da minha mão atirando a porra do protetor na puta que pariu — traduzi, controlando-me (para um senhor caralho) para não esmurrá-lo.

— Nossa, primo... Você está bem tenso! Thomas e eu só estávamos nos protegendo dos raios ultravioletas! Você também deveria, aliás. Agora, eu não sei como, já que jogou o vidro do outro lado... — Olívia disse, toda inocente.

Meu Deus, por que aquela expressão falsamente ingênua tinha que ser tão deliciosamente safada?

Aquela necessidade incontrolável de estar dentro dela estava começando a me matar de novo. Que porra!

Eu queria puxá-la pelo braço até o canto mais próximo e fodê-la sem dó.

Estava pensando no lugar mais propício quando a algazarra invadiu meus ouvidos.

Meu estômago se revirou com o som da voz de Piolho, seguida pelas vozes e risadas do pessoal do time.

Eu já tinha tentado ligar praquele filho da puta umas setecentas mil vezes desde que Olívia fora para casa colocar a porra do biquíni, mas a quenga do Piolho não atendia o caralho do telefone.

Agora, o circo estava armado. E ia pegar fogo.

OLÍVIA

Eu estava chocada com a quantidade de homem gostoso por metro quadrado na área da piscina de Max.

Havia uns quinze, e só duas mulheres.

Reconheci de imediato os caras da banda. O baixista, a quem atribuí a merecida nota 8,5 na escala Vetter, era alto, sarado, bronzeado e tinha um cabelo comprido lindo de morrer.

Era castanho-claro com reflexos dourados, muito farto e brilhante, e estava embolado em um coque malfeito no alto da cabeça.

Talvez você não se interesse por caras de cabelo comprido, mas garanto que esse cara era tão lindo quanto seus próprios fios longos e claros.

Os olhos eram verde-azulados, e ele tinha uma barba bastante cheia, do mesmo tom do cabelo.

O baterista, que ficou com um 8, também tinha porte atlético. Os olhos, cabelos e sobrancelhas eram muito escuros e marcantes.

O guitarrista, apesar de ter ficado com um 7 (na escala Vetter, 7 é uma nota bastante razoável!), também era bem bonito. Olhos verdes, cabelo castanho-escuro curto e barba cerrada. Tinha umas tatuagens tribais interessantes nos antebraços.

Todos os caras, sem exceção, eram sarados. Uns eram mais bonitos que outros, claro, mas aquilo ali era um festival de monumentos masculinos! Tinha para todos os gostos!

As duas mulheres, detesto admitir, também eram bonitas.

A mais alta delas parecia ter mais ou menos a idade de Suze e estava usando *hot pants* e uma regata branca supercolada. Tinha um cabelo castanho-claro imenso, e a cor parecia natural, tanto quanto a textura lisa dos fios.

Os olhos eram azuis, meio esverdeados, e ela era tinha um corpo de academia. Não era nada fisiculturista, mas, ainda assim, achei musculosa demais para o meu gosto. Meu santo não bateu com o *dessazinha*.

A segunda mulher parecia ser um pouco mais nova que eu. Usava um short *jeans* estilizado e uma camiseta folgada do *Guns N' Roses* (fui com a cara dela logo no início, só pelo bom gosto musical). Tinha olhos verde-oliva, baixa estatura e um corpo bonito, embora não fosse uma coisa escandalosamente definida (como o *daquelazinha*). O cabelo era curto, estilo joãozinho, e

acobreado (a julgar pelas sardas no nariz, não era tingido). Ela tinha um rosto de boneca; os olhos eram grandes, um contraste com a boca pequena. As feições delicadas faziam um casamento perfeito com o *piercing* no lábio e as tatuagens coloridas nos braços e coxas.

A primeira mulher me olhou de cima a baixo e torceu o bico.

A ruiva mal me olhou, mas me lançou um sorriso educado.

O baixista, que estava ao lado delas, sorriu maliciosamente e piscou um olho para mim.

TITO

A área da piscina de Max foi invadida por um batalhão de caras e duas mulheres.

Ao lado de Drica, irmã de Piolho, estava uma garota que eu nunca tinha visto. Parecia ter uns vinte anos, e era baixinha. Estava usando um short *jeans* perigosamente rasgado e uma camiseta comprida do *Guns N' Roses*. Uma argola prateada enfeitava o canto direito do lábio inferior, e algumas tatuagens coloriam seus braços e coxas. O cabelo ruivo era ainda mais curto que o meu, mas era bonita. Tinha traços suaves e belas pernas.

Alguns caras que eu não conhecia cumprimentavam Max de longe, acomodando caixas de cerveja e instrumentos musicais em cima das mesas. Outros já estavam debaixo da ducha ou dentro da piscina.

Beto e Daniel já tinham se aproximado da churrasqueira, e Piolho caminhava em nossa direção.

— Fala, meu alemão! Minha quenga gostosa! E aí, Titona! Minha putinha escandalosa! — Ele deu tapas em nossas costas, com os olhos colados em Liv.

— A desgraça do seu celular só serve pra atolar no cu, Piolho? Tira esse caralho da bunda de vez em quando e atende essa boceta, porra! — Max falou, com a voz exaltada.

— Não atendi porque sabia que *cê* ia tá putinho assim. Já te manjei, meu gostoso. Escondendo o ouro, sua puta! — devolveu, sorrindo para Liv. — Pelo amor da Santa Mãe, meus lindos, me apresentem essa musa!

— Já falei que não é pro seu bico, filho da puta. — Max rosnou.

Definitivamente, havia algo errado com ele.

Eu o conhecia a vida toda e nunca o tinha visto tão puto. Max é um cara

tranquilo. É difícil tirá-lo do sério.

É claro que Piolho consegue a façanha com absurda facilidade. Mas Piolho é Piolho. A falta de noção do cara ultrapassa os limites da razão e fode com a paciência de qualquer um. Ele conseguiria irritar até um Dalai Lama.

Não fosse o recente episódio do protetor solar, eu poderia achar que o tom irritado de Max era apenas o "efeito Piolho". Mas algo me dizia que não era só isso. E, puta que pariu, eu não podia acreditar que pudesse ser o que eu estava pensando.

— Quenga, *cê* tá um porre hoje, mano! Deixa que eu me apresento, tá ligado? E aí, gata. Muito prazer. Lucas. — Ele se aproximou e deu três beijos no rosto de Liv.

— Ele é um porre todo dia, Lucas. — Ela riu, beijando-o de volta. — O prazer é meu. Olívia, prima postiça de Max.

— *Carai*, mano! Prima? Eu adoro uma prima, saca? Principalmente se for postiça. — Ele piscou um olho. — Já gostei de você, minha princesa.

A julgar pela intensidade dos movimentos no maxilar de Max, ele estava prestes a socar Piolho no olho piscante.

— Por que te chamam de “Piolho”? Fiquei curiosa. — Liv quis saber.

Piolho puxou aquele coque escroto e soltou o cabelo, balançando a cabeça em seguida.

— Essas duas putas invejosas que puseram, gata, por causa do meu cabelão. Mas, se quiser, te mostro rapidinho entre quatro paredes o motivo real do apelido. O Piolhão aqui deixa as minas coçando, saca? — ele sussurrou.

Uma deliciosa risada rouca escapou da garganta de Liv.

Notei que Max havia cerrado os punhos. Ele fitava Piolho com tanto ódio que me preparei para apartar uma possível briga.

A cena era simplesmente inacreditável. Eu estava interessado em Liv e não me senti incomodado com a troca de beijos, coisa absolutamente normal entre pessoas sociáveis.

Tudo bem que Piolho não tirava os olhos dos seios dela, mas, puta que pariu, que cara não colaria os olhos ali? De novo, coisa absolutamente normal.

E Piolho sempre fazia aquela piada quando perguntavam o motivo do apelido. Era engraçado da primeira vez que se ouvia. Portanto, a risada de Liv era outra coisa absolutamente normal.

Max, mais que ninguém, estava acostumado àquilo tudo: beijos no rosto, olhos no decote e Piolho sendo Piolho.

Então, por que ele estava tão puto?

Que possessividade de merda era aquela?

MAX

Cerca de duas vezes por dia, eu me arrependo amargamente de ter me sentado ao lado de Piolho no meu primeiro dia de aula, na sétima série.

Perdi as contas de quantas vezes eu o imaginei no fundo do mar, as bolas sendo devoradas pelos peixes. Ou debaixo da terra, o pinto sendo comido por minhocas. Ninguém saberia mesmo o que era pinto e o que era minhoca.

Pensar esse tipo de coisa é uma consequência natural de ter um melhor amigo como Piolho. Não dá para aturar sua falta de noção e seu senso de humor imbecil sem deixar a mente divagar, brincando com formas criativas de vê-lo tomando no cu.

Ali, ouvindo aquela piadinha ridícula pela milésima vez, agradei a Deus por ser uma pessoa mentalmente equilibrada, ou já teria todos os atos preparatórios para um homicídio perfeito organizados em minha mente.

Minha ânsia assassina, ainda bem, não era real. Mas parecia. Parecia muito.

— E aí, *brothers*! Há quanto tempo, Tito! — Pecê deixou o *ukulele* em cima de uma das mesas e se aproximou, abraçando Tito.

Fiquei calado, cerrando os dentes. Eu estava puto com os caras e estava puto comigo mesmo por estar puto com os caras. Também estava puto com a porra da minha cabeça, que não explodia logo de uma vez, me tirando daquele estado de *putidão* sem fim.

— Fala, Pecê! Beleza, cara? — Tito o cumprimentou de volta.

— Não vai apresentar a gata, não, Alemão? — Quis saber o desgraçado do Paulo César.

— Ih, Pecê, deixa que eu faço as honras, *vêi*. Esta é Olívia, prima postiça de Putão — adiantou-se Piolho.

— Oi, linda. Paulo César. Mas pode me chamar de Pecê. Muito prazer. — Ele se aproximou de Olívia e a beijou no rosto.

— Prazer, Pecê — ela disse, beijando-o também.

Na porra da barba.

Aquela boca linda chupava o meu pau e beijava as barbas dos caras! Puta que pariu!

Nunca mais aquela vagabunda ia me chupar!

Isso é óbvio, Max. Você já acabou com ela. Nunca mais ela vai te chupar, tem razão. E você nunca mais vai apalpar aqueles peitos gostosos. Nem aquela

bunda que te deixa louco. Nunca mais.

Tenho muitas bundas e peitos para apalpar, quando eu quiser, em um estalar de dedos. Não preciso de Olívia para nada. E essa porra de conversa já está dando no saco.

— Que carinha é essa, Delícia? Será que desfaço esse seu bico gostoso e emburrado com um beijinho?

Era só o que me faltava.

Drica.

OLÍVIA

Eu queria dar na cara daquela puta!

"Delícia"?

Delícia vai ser o caralho da minha mão nessa sua cara rebocada, sua rapariga!

A vadia deu um selinho nele!

Que nojo!

Nunca mais Max ia encostar aquela boca nojenta em mim!

Mas é claro que não, Olívia! Você não vai mais transar com esse babaca!

— Oi, Titinho lindo, meu amor! — Ela se aproximou de Thomas e beijou suas bochechas, o que, é claro, também me deixou irritada.

— E você, queridinha, quem é? — perguntou, mascarando um chiclete como uma vaca e apontando um dedo com uma garra vermelha esmaltada em minha direção.

Enrolei meu braço no de Max e falei, usando um tom polido, embora quisesse cuspir na cara daquela vagabunda.

— Oi. Sou a nova vizinha de Max. Olívia. Muito prazer.

— Adriana. O prazer é meu, *Olívia*.

Sabe aquele tom falso de puta? Pois é. Foi o que ela usou ao pronunciar meu nome, varrendo meu corpo com os olhos antes de me dar três beijinhos sem encostar de verdade no meu rosto.

Graças a Deus! Ou eu não me responsabilizaria pelos meus atos!

— E esta é minha prima. Larissa. — Ela indicou a garota ruiva acanhada ao seu lado. — E estes são Thomas e Max, Lari.

— Oi. — Foi só o que a tal da Larissa disse, vermelha feito um tomate, mal erguendo os olhos.

Meu Deus, como ela conseguia ficar olhando para os próprios pés em um

lugar infestado de gatos sarados? Se eu estivesse conhecendo Max, como ela estava, eu o teria cumprimentado com um beijo na boca e uma apertada no pau!

Nossa Senhora, nunca na vida perderia a chance de ficar fitando aquele volume maravilhoso naquela sunga linda.

Deus, como ele ficava gostoso naquela sunga! Senhor!

Gostei dessa Larissa. Ainda bem que ela não ousou manjar meu macho!

Primo!

Caralho, eu quis dizer primo!

Porra de sunga idiota que me faz cometer atos-falhos de merda!

— Oi, Larissa — respondi com um sorriso simpático, que acho que ela nem viu.

Max e Thomas também a cumprimentaram, mas não ousaram beijar suas bochechas nem nada, já que ela, em vez de se aproximar, deu um passo para trás.

A garota parecia que cairia dura a qualquer momento. E eu nunca tinha visto uma mulher ficar literalmente vermelha de vergonha. Mas ela estava. Acho que a pele muito branca só piorava a situação.

Coitada! Eu compreendia! Era o “efeito Max”. Além disso, Thomas também era lindo.

Porra, por que estou falando de Max em primeiro lugar, se gosto mesmo é de Thomas?

Só porque, *infelizmente*, dentre todos os caras presentes, Max Vetter é o mais gato.

Na verdade, acho que não existe ninguém mais gostoso que esse filho da...

Huuuumm... Ele está envolvendo minha cintura com o braço esquerdo? Isso, Max, me abraça...

— Tive que arrastar a Lari, e ela só topou vir porque eu prometi que você ia tocar um pouquinho de Axl, Delícia! No *ukulele*, por favor! — A puta da Drica falou, toda espevitada.

Eu estava prestes a avançar naquele cabelo ressecado (mentira, o cabelo da desgraçada estava em dia com as hidratações, *infelizmente*)!

"Delícia"? Que vocativo escroto!

Invejei aquelas unhas vermelhas enormes de porcelana (nem na China aquelas garras eram verdadeiras! Aquilo era trabalho de manicure profissional!), porque seriam ótimas aliadas no meu intento de furar os olhos da biscate!

Achei que Max fosse dizer alguma coisa, mas percebi que não quando vi que ele estava concentrado demais apertando minha bunda às escondidas!

Hashtag Chupa Piranha!

É a minha bunda que o seu (seu o caralho!) "Delícia" está apertando!

Deus! Que devasso! E... Ai, que gostoso, Max...

Será que alguém notaria se eu fizesse o mesmo?

Decidi arriscar. Aproximei-me e o abracei, cruzando nossos braços e apertando aquela bunda perfeita e molhada.

Meu Deus, que tesão da porra!

— Com todo prazer! — ele disse, por fim. — Vou buscar o *ukulele*! Vem comigo, prima?

Ai, seu puto, eu sei o que você está querendo!

Não sei se vou ou se fico! Não sei se fico ou se vou!

Tá, só uma última foda. Última das últimas! Eu juro!

— Anrã... — balbuciei.

— Pecê trouxe o dele! — gritou a víbora, apontando para o instrumento em cima de uma das mesas.

— Prefiro pegar o meu. Já volto. Sintam-se em casa — Max falou, já me puxando.

MAX

— Onde vocês estão indo? — Suze perguntou, assim que entramos na cozinha.

— Sala de música! — respondi, tentando diminuir o ritmo das passadas. — Vamos pegar um *ukulele*.

— E precisam ir juntos? — Ela ergueu uma sobrancelha desconfiada, e Lili deu uma risadinha.

Olívia olhou para mim com olhos de súplica, como se me pedisse para inventar uma boa desculpa.

— Olívia canta. Vamos cantar juntos pro pessoal. Só precisamos dar uma ensaiada antes — improvisei.

— Sério? Ai, meu Deus! — Suze bateu palmas. — Eu sempre quis aprender, mas sou um fiasco pra essas coisas! Estou tão ansiosa pra ver! Lili, precisamos adiantar essa feijoada! Não perco isso por nada!

Aproveitei que as duas se distraíram com as panelas e puxei Olívia.

— Não vamos cantar juntos, Max! Nem fodendo! — ela disse, freando minha mão, assim que chegamos às escadas.

— Shhhhhhh — murmurei, pressionando seus lábios com o indicador. — Então me curvei, tirei o dedo e puxei seu lábio inferior.

Meu coração começou a doer no instante em que nossas bocas se tocaram.

Foi assustador. E perturbadoramente bom.
Uni nossos corpos, espalmando a mão em sua lombar.
Então, comecei a beijá-la, enroscando nossas línguas em um ritmo alucinado.
Como um beijo podia provocar sensações tão paradoxais?
Era nirvana e tormenta.
Sentia meu coração afundar-se em um mar de perfeita plenitude enquanto nossos lábios mantinham-se atados e nossas línguas enleavam-se. Isso era o nirvana.
Sentia meu coração explodir em mil pedaços quando nossos lábios se afastavam um milímetro, por um milésimo de segundo, para que pudéssemos respirar. Isso era a tormenta.
Com o bom senso afetado, eu estava prestes a puxar uma das fitas laterais do biquíni de Olívia quando ouvi aquela musiquinha que, infelizmente, eu sabia de cor, e em várias línguas.

OLÍVIA

— Livre estou! Livre estou! Não posso mais segurar! Livre estou, livre estou! Eu saí pra não voltar!

Max se afastou assim que começamos a ouvir a voz e os pulinhos de Sofia na escada.

Meu coração estava disparado, as pernas estavam moles e, meu Deus, meus lábios já sentiam saudade dos dele.

— Olívia! Tio Max! — ela bradou assim que nos viu. — Desculpa, Olívia! Fui fazer xixi no banheiro do meu quarto, mas, aí, eu vi meu Olaf e ele *tava* muito sozinho e eu fui brincar um pouquinho com ele. E ele me pediu abraços quentinhos e eu tive que dar. Eu fingi que era a Elsa. E ele acreditou! — Ela deu uma risadinha. — Eu já *tava* indo pra gente nadar borboletinha, tio Max!

O tio Max ainda estava arfante e, porra, duro! Mas a situação já estava ficando sob controle, graças a Deus!

— A gente vai nadar borboletinha outro dia, Souf. Os amigos do tio chegaram. O Piolho tá aí — ele disse, com a voz ainda falhando.

— Oba! Vou pedir pra fazer trancinhas nele! — ela disse e saiu correndo.

— Meu Deus. Que merda. Agora odeio ainda mais essa música dos infernos

— Max falou, puxando minha mão e começando a subir as escadas.

— Ah, é tão bonitinha, primo! — pirraça, acompanhando-o.

Ele subia rapidamente. Logo chegamos ao último degrau.

— Experimenta ouvir isso o dia todo. Não, melhor. Experimenta aprender a cantar essa porra em várias versões só para fazer papel de otário em uma festa infantil — resmungou, avançando pelo corredor.

Caí na risada enquanto seguia seus passos.

— Meu Deus! Que lindo! Canta pra mim? Quero em alemão! — provoquei.

— Estou falando sério, Olívia. Odeio essa porra.

— Mas eu acho tão lindo... — falei, sendo sincera.

— Vem cá, vou te mostrar o que é lindo — ele disse, abrindo uma porta.

Fiquei boquiaberta. Era o caralho de uma sala de música perfeita! Imensa! Tinha instrumentos, microfones, tudo! Meu sonho de consumo!

— Nossa, é mesmo lin... — comecei.

— Não estou falando disso, prima — interrompeu o devasso. — Mas disso. — Ele se aproximou e falou em meu ouvido, puxando a cordinha do meu pescoço.

Max desceu a mão e puxou o laço das costas, espalhando beijos em meus ombros.

Soltei um gemido baixo, acariciando sua pele úmida.

— Já estava com saudade desses seus gemidinhos roucos, sabia? — Ele puxou a parte de cima do meu biquíni, atirando-a no chão e apalpando meu peito em seguida, arrancando mais gemidos com o toque habilidoso de seus dedos em meus mamilos já duros.

— Max... — chamei, sabendo que devia dizer alguma coisa.

Mas me esqueci por completo do que me levava a abrir a boca quando ele abaixou a cabeça e chupou meu mamilo direito, mantendo a mão no esquerdo.

Mergulhei os dedos em seu cabelo molhado, revirando os olhos e mordendo o lábio.

— Vem. — Ele se afastou, me puxando em direção ao sofá preto que ficava em um dos cantos.

De repente, parou.

— O que foi? — perguntei.

— Camisinha. Porra!

Meu Deus, ele ficava tão lindo com aquele pescoço jogado para trás!

Max puto era ainda mais perfeito. Como ele ficava gato!

— Você toma alguma coisa? — perguntou, se aproximando e beijando meu pescoço.

Caralho! É mesmo! Eu precisava voltar a tomar a porra do anticoncepcional!

— Não. E, mesmo se tomasse, eu nunca transaria sem camisinha com você,

Max!

Ele ergueu o corpo e me olhou com uma expressão chocada, embora estivesse mordendo o lábio, porque não tirava as mãos dos meus peitos.

— Eu tô limpo, porra! Só transo de camisinha! — exclamou, indignado.

— Não parece, já que estava propondo... — comecei.

— Cala a boca, caralho — ele ordenou e me pegou no colo, colocando-me sobre seus ombros e me fazendo soltar um gritinho surpreso.

— O que você está fazendo? — perguntei, assustada.

Meu Deus, minha bunda estava toda à mostra!

Ele não respondeu. Caminhou até a saída e abriu a porta. Então, a fechou, deu mais alguns passos e girou outra maçaneta.

Vi que estávamos no quarto dele. Naquele, da cama *king size*.

Senti seus puxões suaves em meus pés, livrando-me das Havaianas, e, depois, minhas costas tocaram a maciez do colchão. Ele se debruçou sobre mim e selou nossos lábios com um beijo dolorosamente lento.

A pressão em meu peito era incrível. Uma tortura deliciosa.

Como um beijo podia provocar sensações tão paradoxais?

Era paraíso e inferno.

Sentia meu coração mergulhar em um líquido transbordante de felicidade enquanto nossos lábios mantinham-se unidos e nossas línguas enovelavam-se. Isso era o paraíso.

Sentia meu coração se partir em mil pedaços quando nossos lábios se apartavam um milímetro, por um milésimo de segundo, para que pudéssemos respirar. Isso era o inferno.

— Você está me enlouquecendo, Olívia... — ele disse, afundando a cabeça em meu pescoço.

Meu Deus, quem estava me enlouquecendo era ele!

Eu queria Max dentro de mim, precisava tanto daquilo que o mero fato de que ele ainda não estava me preenchendo fazia meu coração doer.

— Max... — chamei.

Ele moveu a cabeça, migrando os lábios para os meus.

— Hum? — balbuciou, dando beijos leves em minha boca.

— Preciso de você. Agora.

MAX

Meu peito doía a cada nova arremetida.

Nossos lábios acariciavam-se, nossas línguas enredavam-se em movimentos suaves, e nossas peles dialogavam com a fina camada de suor entre nossos corpos.

Nossos corações pulsavam harmonicamente, tocando em uma mesma orquestra. Nossas respirações acasalavam-se na união de nossas bocas, e nossos gemidos competiam com nossos arquejos.

— Meu Deus, Max... — Olívia mordeu meu lábio, afundando os dedos em minhas costas.

Lá estava. De novo a porra da necessidade de comê-la devagar, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

Não tínhamos todo o tempo do mundo! Aquilo era para ser a porra de uma rapidinha! No sofá da sala de música. Dois minutos, no máximo.

Em vez disso, estávamos transando no meu quarto! No meu quarto, meu santuário, a porra do meu quarto, onde eu durmo!

Eu estava tão louco que tinha cogitado transar sem camisinha, coisa que eu nunca fiz.

Definitivamente, havia algo muito errado acontecendo comigo.

Olívia era, sem dúvidas, a melhor transa da minha vida (estamos falando de um número de três dígitos). E aquela trepada lenta estava sendo a melhor da minha vida inteira.

Não queria que acabasse. Nunca.

Porra, desde quando papai-e-mamãe era uma posição boa? Max Vetter gostava de comer de quatro, rápido e forte.

A cada vez que eu transava com ela, eu me sentia mais viciado, mais dependente, e aquilo estava acabando comigo.

Era incrível e, ao mesmo tempo, trágico. Terrivelmente trágico. Eu precisava dar um fim àquilo. Precisava, de uma vez por todas, parar de cair no mesmo poço.

Transar com Olívia era cair e continuar caindo cada vez mais. Não havia paredes, nada para segurar. Era queda livre. E eu não podia chegar ao fundo.

O que haveria no fundo daquele poço? Eu não queria, de jeito nenhum, descobrir.

Aumentei o ritmo e logo comecei a estocar. Queria gozar. Precisava gozar e acabar logo com aquilo.

As mãos de Olívia passeavam em minhas costas, descendo para a minha bunda, apertando minha pele.

Nossos lábios colidiam-se, chocando-se com desespero. Nossas línguas

famintas devoravam-se com gula, e nossas peles deslizavam, quentes e escorregadias.

Nossos corações batiam em sintonia, comandados pelo mesmo maestro. Nossas bocas atadas engaiolavam nossas respirações, gemidos e arquejos.

Resvalei os lábios para a pele salgada de seu pescoço, beijando e mordendo-a, metendo cada vez mais forte.

— Meu Deus, Max! — ela gritou, fincando as unhas em meus braços.

— Shhhhhhh. — Voltei a beijá-la, sufocando seus gemidos altos.

Tirei a boca de seus lábios, substituindo-a por minha mão.

— Isso aqui não é a porra de uma sala acústica, senhorita Olívia — falei, com a voz entrecortada. — Queria transar de camisinha, não queria? Aqui você não pode gritar, porra. — Dei duas estocadas fortes.

— Filho da puta! — Ela murmurou entre meus dedos.

Calei-a com um novo beijo, pareando o ritmo das investidas da minha língua com a intensidade das metidas.

Olívia gemia alto em minha boca, e eu sabia que estava quase lá. Afastei meus lábios e continuei metendo enquanto observava sua expressão.

Suas feições fragilizadas pelo momento do gozo foram a última coisa que vi antes de tombar o rosto em seus cabelos, completamente vencido pelas magníficas sensações do meu próprio orgasmo.

Eu tinha acabado de afundar um pouco mais na porra do poço. Mas tinha sido o último mergulho. Eu voltaria à superfície.

OLÍVIA

Meu Deus, aquilo tinha sido apoteótico.

É claro que, de todas as pessoas com quem eu já havia transado (estamos falando de algumas dezenas de caras), Max era o mais lindo, o mais gostoso, o mais pauzudo e o que mais sabia como comer uma mulher. O enviado das Trevas tinha um dom.

E que dom!

De todas as vezes que nós havíamos transado, aquela tinha sido a melhor. Ou seja, eu tinha acabado de ter a melhor transa da minha vida inteira!

Aquela gozada me fez esquecer a porra do meu nome. Segundos depois, precisei me esforçar para me lembrar de onde eu estava.

Levamos consideráveis minutos para normalizar nossos batimentos e respirações.

— Max... — chamei, tempos depois, observando-o fitar o teto. — Tá pensando em quê?

— Nada. É melhor a gente ir — ele disse, levantando-se e tirando a camisinha.

Ele estava estranho.

— Vou buscar a parte de cima do seu biquíni lá na sala. Espera aqui — anunciou, vestindo a sunga.

Seu tom estava estranho.

Fiquei lá, mirando o lustre, sentindo um buraco no estômago e um caroço na garganta.

TITO

Max e Liv voltaram para a piscina mais de meia hora depois, com a desculpa de que estavam ensaiando um dueto.

Eu poderia cair naquele papo furado, se tivesse dois anos de idade. Com quatro, eu já sabia o que sabia aos vinte e três: os dois estavam se comendo em algum dos quartos, e eu só esperava que não fosse o último do corredor, onde eu teria que passar a noite.

Max sempre se vangloriou, bradando aos quatro ventos que nunca comeu uma mulher duas vezes. Não em mais de uma ocasião.

Dar duas numa mesma noite, tudo bem. Dar uma em um dia e outra no dia seguinte, jamais.

Sempre tive dificuldade de compreender essa besteira. Se a foda foi boa, por que não repetir em outra oportunidade? Por que não convidar a garota para sair no dia seguinte?

Liv ainda estava no prazo de validade, segundo os parâmetros Vetter. Mas, na segunda-feira, ele estaria se fodendo para ela, como faz com todas.

Saber disso me deixou indizivelmente emputecido. Assim que bati o olho nos dois, senti um desejo quase indômito de avançar contra Max.

Respirei pesadamente, fitando-o de longe. Drica estava pendurada no pescoço dele, para variar.

Liv estava colocando sua comida.

Eu tinha acabado de almoçar. Esperei por ela para almoçarmos juntos, até que cansei.

Pensei em ir atrás dos dois quando vi que estavam demorando demais, mas não quis me submeter a um papel tão ridículo.

Estava puto com a situação, e aquela garota esquisita também estava me dando nos nervos. Estava há mais de trinta minutos me fazendo perguntas óbvias sobre o curso de Medicina.

O desgraçado do Piolho só abre aquela boca de chupar rola pra soltar merda. Tinha dito a tal da Larissa que sou médico, e o sonho da menina é passar no vestibular de Medicina, coisa que tenta conseguir há um ano.

Além de ter essa aparência excêntrica, é intelectualmente prejudicada.

O pior é que ela é praticamente muda. Conversa baixo pra caralho, então tive que ficar pedindo para repetir cada pergunta mil vezes, o que só me deixou ainda mais irritado.

— Obrigada pela ajuda, Thomas — ela disse, depois de uma eternidade de esclarecimentos, finalmente se levantando.

— Tito — corrigi.

Liv é a única que me chama de "Thomas", você não vai me chamar de "Thomas", anã estranha.

— Tito — ela repetiu, sorrindo, interpretando erroneamente a minha correção.

Mas não me importei, porque ela tinha um sorriso lindo. E covinhas.

Sorri de volta.

MAX

Olívia e eu tínhamos descido com dois *ukuleles*, um soprano e um concerto.

A galera da banda sempre fazia *covers*, geralmente tocando *ukuleles*, depois dos jogos de domingo. Era uma espécie de ritual. Jogo de manhã, piscina em seguida e roda de música do início até o final da tarde.

Coloquei os instrumentos em cima de uma das mesas dos guarda-sóis e fiz a porra do pedido que estava preso na minha garganta:

— Prima, será que você poderia, por favor, vestir seu short e aquela coisa que se assemelha a uma blusa, mas não é?

Ela me olhou com certo aturimento e caiu na risada em seguida.

— É um *cropped*, Max — explicou.

— Ah, realmente, o nome faz todo o sentido. Então, será que dá para você fazer isso pelo seu primo?

— Por quê? Tá com ciúme, devasso? — perguntou, sorrindo maliciosamente.

— Já falei que não conheço essa palavra — reiterei. — Pode ou não? —

insisti, usando um tom mais grave.

Olívia abriu um sorriso misterioso e respondeu:

— Posso, se você colocar sua bermuda. E uma camiseta.

— Coloco a bermuda, mas tá calor, não posso colocar uma camiseta! — reclamei.

— Então vou colocar apenas o short — ela disse, e saiu andando. — Tô indo almoçar — avisou, apontando a mesa posta com as comidas. — Você não vem?

— Vou só cumprimentar uns caras ali. Te encontro lá daqui a pouco — falei, mordendo o lábio ao contemplar aquela bunda perfeita, infelizmente pela última vez na minha vida.

Eu precisava respirar. Decididamente, me afastaria de Olívia e da porra do poço perigoso.

Andei alguns passos até o lugar onde tinha deixado minha bermuda. Depois de me vestir, comecei a me locomover em direção aos caras do time.

No caminho, encontrei Tito conversando com a prima de Drica, e ele logo ironizou minha demora. Pensei em mandá-lo ir se foder, mas achei melhor manter a desculpa do ensaio, só para não assustar a garota com meu berro ensandecido.

Ele não acreditou.

A verdade é que eu estava me fodendo pro que ele achava.

Fodo a hora que eu quiser, com quem eu quiser, na porra do lugar que eu quiser. Foda-se.

Continuei o trajeto até Thiago, Alex, Marcelão, Leo e Beto, que bebiam suas cervejas sentados sob a proteção de um guarda-sol enquanto batiam papo.

Cheguei até eles e comecei a zoá-los pelo fracasso da partida, mas logo Beto soltou:

— Caralho, hein, Max, que delícia aquela sua prima! Meu pau tá sem rumo até agora!

— Puta que me pariu, e que bunda boa! — emendou Alex, enchendo a boca para falar.

— Não, e as tetas? Porra, uns *melãozão* de gozar na cueca! — completou o frango do Thiago, fazendo um gesto escroto na frente do peito.

— Nossa Senhora... Gostosa demais. *Tava* comendo, né, seu puto? — perguntou Marcelão.

— Tá maluco, Marcelão? E isso lá é pergunta? *Tamo* falando de quem? De Putão! É claro que o cara *tava* enfiando até o talo! — Leo arrematou, caindo na risada.

Eu quis pontuar cada comentário com um bom soco na cara de cada comentarista. Mas me lembrei do poço e da sensação de perdição total e

completa de cair dentro dele. Então, refreei o instinto.

Mas não ia, de jeito nenhum, deixar por menos.

— Estávamos ensaiando. Ela canta pra caralho. Vocês vão ver. — Eu não podia deixar que pensassem mal de Olívia por minha causa. — Mas acho bom nenhum de vocês se aproximar dela. Acho bom que não cheguem perto nem para perguntar a porra das horas — ameacei.

— *Aiaiá!* Ficou doido, Alemão? *Cê* até passa pra gente o telefone das gatas que pega! Vai amarrar agora, *man*? — Thiago indagou.

— Estou falando sério, caralho. Ela é a porra da minha prima e está proibida para todos vocês.

— Foder nossas primas você pode, né, garanhão! Comer nossas irmãs? Tá de boa! — reclamou Beto, usando um tom indignado.

— Cara, *cê* já comeu até minha mãe! — acusou Alex.

— Dona Helô é um caso sério, Alex. Ô mulher pra chupar gostoso! — Marcelão e os outros putos caíram na risada.

— Pra puta que pariu, Marcelo! — exaltou-se Alex.

Eu ainda estava irritado. Esperei as risadas cessarem e anunciei:

— Se eu pegar um de vocês a meio metro de distância de Olívia, vou bater no desgraçado sem dó. Estão avisados.

Lancei um último olhar e saí, disposto a dar o mesmo aviso para o restante do time.

Mal me distanciei de outra mesa de engraçadinhos, tão animados com os atributos de Olívia quanto os primeiros filhos da puta, e Drica se materializou ao meu lado, enroscando os braços em meus ombros e beijando minha bochecha.

— Delícia, tô louca pra te ouvir cantar! Pode ser agora? A maioria do pessoal já almoçou, tá todo mundo sonolento e fora da piscina. Tá na hora de ouvir essa sua voz linda... — Ela deu um beijo no meu pescoço.

Eu a detesto tanto que acho que nem se ela ficasse pelada na minha frente meu pau ficaria duro.

Espero que você não tenha acreditado nessa porra!

Drica é gostosa, e a cabeça do meu pau não tem um cérebro dentro!

É claro que fico duro quando essa vadia vem com essa voz melosa e esses beijos molhados na minha pele, encostando os peitos nas minhas costas.

Às vezes, quando sinto que vou sucumbir, preciso tomar medidas drásticas, como afastá-la com um pretenso desinteresse enquanto penso nas qualificadoras do homicídio para fazer meu pau baixar. Tudo para não transar com ela.

Mas, estranhamente, eu não estava sentindo nada com a aproximação habitual da irmã de Piolho, além de um terrível incômodo.

Por isso, apressei-me em despachá-la:

— *Okay*, Drica. Reúna o restante do pessoal lá no gazebo. Vou comer alguma coisa e já estou indo.

Ela me deu um último beijo na bochecha e saiu correndo.

OLÍVIA

Fitando Max e aquela vagabunda de longe, perdi toda a fome. Tinha acabado de colocar meu prato, enchendo-o de feijoada, arroz branco e couve, mas já estava com vontade de voltar tudo para as panelas dispostas sobre uma grande mesa debaixo de uma das palmeiras da área da piscina.

Meu estômago estava terrivelmente embrulhado. Mas, como já tinha colocado, decidi comer.

Procurei por Thomas para me sentar com ele e o vi a metros de distância, sorrindo para a garota ruiva.

Isso me deixou ainda mais triste.

— Procurando companhia, gata? — perguntou o irmão *daquelazinha*.

Lucas. O Piolho dos pepinos.

Notei que seu cabelo estava cheio de trancinhas malfeitas. Ele o tinha prendido de novo, e o coque tinha ficado ainda mais charmoso com as trancinhas de Sofia.

— Na verdade, estou — falei, sorrindo para ele.

— Sofia não me deixou almoçar. Também vou comer agora — ele disse, já pegando um prato.— Mas *cê* vai ter que me prometer que não vai ficar assustada com o tamanho do meu prato, princesa! Tô com uma fome do *carai*. — Ele deu uma risada, jogando uma concha caprichada de feijão na louça branca. — Vai comer só isso aí? — Ele indicou minha comida.

— Na verdade, nem isso. Estou sem fome, nem deveria ter colocado — justifiquei.

— Gata, *cê* já comeu a comida de Lili? É rango pra encher o bucho, mano! Bom pra *carai*! Põe mais, tô falando!

Caí na risada.

— Então vou colocar só mais uma concha. Mas, se eu não der conta, vou fazer você comer! — ameacei, colocando mais um pouco.

— Então põe duas, que eu dou conta! Como tudo! O Piolhão aqui come que é uma beleza! É bom de garfo e bom de cama! — Ele deu uma piscada.

Gargalhei de novo.

— Gata, que hora *cê* vai exhibir esse seu corpinho de novo? Esse shortinho também tá *show*, mas *tava* mais legal com o *biquininho*, saca? Os cara *tava* tudo pirado, mano. Todo mundo de bengalada. Mas o Piolhão aqui tem prioridade, né? Diz que vai liberar primeiro pro papai aqui...

Dei uma risada sem graça e disse que, talvez, nadaria mais tarde. Mentira, eu não ia tirar a porra do short de novo.

Que o tal do Piolho era engraçado era um fato. Mas, puta que pariu, que falta de noção!

Tudo bem, o cara era gato. E, tudo bem, eu não era nenhuma santinha. Mas me deu vontade de dar um chute no saco dele!

"Liberar primeiro pro papai aqui...". Que abusado!

Eu tinha colocado meu short a pedido de Max. Nem sei por quê. Estava me fodendo praquela devasso!

Só pus porque ele concordou em vestir uma bermuda. Só porque não queria que Max ficasse desfilando de sunga.

Quero dizer, queria. Mas só pra mim. Longe dos olhos daquela piranha. A vagabunda não ia ficar manjando meu pacotão gostoso!

Mas por que eu não queria que ela o manjasse? Thomas estava de sunga e conversando com uma garota, e aquilo não estava me deixando perturbada, o que era preocupante.

Meu Deus, por que eu estava me sentindo tão possessiva em relação a Max e tão desapegada em relação a Thomas?

Isso estava terrivelmente errado.

— De que porra você tanto ri, Olívia? — Max resmungou, bem atrás de mim.
— Piolho, já avisei aos caras para não se aproximarem da porra da minha prima! Considere-se avisado de agora em diante, filho da puta.

— Tá doido, Putão, que mau humor, *véi*! O que é gostoso tem que dividir, meu.

— Vaza, caralho, antes que eu arrebente essa sua cara — Max ameaçou.

— Vixe! Tá bom, mano. Não tá mais aqui quem falou, tá ligado? — Ele saiu, carregando o prato.

Eu estava com um sorriso de orelha a orelha.

Max estava com ciúme de mim! Meu Deus, ele estava mesmo com ciúme!

— Tá rindo do que, porra? — ele perguntou, pegando um prato.

— Nada — falei, prendendo os lábios. — Fica com o meu. Tô sem fome.

— Você precisa comer, senhorita Olívia. — Ele me olhou e abriu aquele sorriso lindo.

Meu Deus, como ele era lindo!

— Vou chupar uma laranja — falei, tirando uma banda descascada de dentro

de um belo recipiente de vidro.

— Isso é cítrico. Vai foder seu estômago — professorou ele, em um tom gentil.

— Cala a boca, Max, e toma a porra do prato. Como alguma coisa se ficar com fome depois.

— Promete? — perguntou, arqueando uma sobrancelha e alargando o sorriso.

— Prometo. — Sorri de volta, colocando o prato em suas mãos.

MAX

Enquanto eu comia e Olívia chupava a laranja, conversamos sobre o que e como tocaríamos. Eu estava ansioso para tocar com ela.

A lembrança da noite anterior estava fresca em minha memória. Ela tinha um timbre doce, suave e levemente rouco. Era a voz feminina mais linda que eu já tinha ouvido.

Depois de comer, subi para escovar os dentes e, quando voltei, já estava todo mundo sentado ou deitado preguiçosamente nas almofadas do gazebo, inclusive Suze, Plínio, Lili, Sofia e Lola.

Tito e Olívia estava sentados juntos, o que me deixou puto.

Aproximei-me e a chamei para se sentar comigo no meio, entregando a ela o soprano.

— Ah, Max, eu queria que você cantasse sozinho! — Drica reclamou. — Larissa quer ouvir *Sweet Child O' Mine*, né, Lari?

A garota arregalou os olhos. Parecia querer encontrar um buraco para enfiar a cara.

— É a música favorita dela. Será que você poderia, por favorzinho, cantar sozinho, Delícia?

Olhei para Olívia e percebi que ela estava puta.

Ela estava com ciúme?

Era ciúme, certo?

Decidi dar corda a Drica, só para testar minha prima postiça.

— Claro, Drica. Só essa, tá, prima? — Olhei para ela, que me fuzilou com os olhos.

Precisei fazer uma força descomunal para não rir.

Ela estava mesmo com ciúme!

— Toca comigo? — pedi, tentando amenizar.

— Ah, eu queria só você, Max! Tocando sozinho também! — Drica protestou de novo.

— Toco, primo! — Olívia respondeu, bem alto, abrindo um sorriso vitorioso.

Ignorando as lamentações de Drica, posicionei o instrumento e, sorrindo para Olívia, comecei a tocar o *intro*. Ela me acompanhou e, no tempo certo, soltei a voz, sem deixar de olhar em seus olhos uma única vez enquanto cantava:

She's got a smile that it seems to me

(Ela tem um sorriso que me parece)

Reminds me of childhood memories

(Trazer à tona recordações da infância)

Where everything

(Onde tudo era)

Was as fresh as the bright blue sky

(Fresco como um límpido céu azul)

Now and then when I see her face

(Às vezes, quando olho seu rosto)

She takes me away to that special place

(Ela me leva para aquele lugar especial)

And if I stare too long

(E se eu fixar meu olhar por muito tempo)

I'll probably break down and cry

(Provavelmente perderei o controle e começarei a chorar)

Oh, oh, oh

Sweet child o' mine

(Minha doce criança)

Oh, oh, oh, oh

Sweet love of mine

(Meu doce amor)

17. Tudo que é bom dura pouco

OLÍVIA

— Arrasou, gatão! — gritou um dos amigos de Max, assim que ele terminou de cantar *Sweet Child O' Mine*.

— Quenga, é por isso que eu deixo *cê* ser o vocalista da banda, tá ligado? — disse Piolho, em meio aos assovios e aplausos da pequena plateia.

— Não é só porque ele é, de longe, o mais talentoso, Lucas — cacarejou a vadia das garras falsas. — É também porque vocês não chegam aos pés do Delícia! Principalmente no quesito beleza! Não tem homem mais gostoso no mundo inteiro — finalizou, sorrindo maliciosamente para Max.

Só que não é pro seu bico, galinha!

Sério, eu estava perdendo a paciência com *aquelazinha*! A qualquer momento, desceria do salto e começaria a depená-la, pena por pena.

— Puxa-saco do *carai*! *Cê* devia preferir seu próprio irmão, Drica! — Piolho reclamou, dando um puxão no cabelo da piranha.

Eu a teria deixado sem um fio de cabelo na cabeça, claro. Mas, de todo jeito, tinha acabado de eleger Piolho como o meu segundo integrante favorito da *Mpire*.

— Ai, doeu! — Ela puxou o dele de volta.

Todo mundo caiu na risada com a guerra de cabelos.

— Quer começar por qual, prima? — Max perguntou, enquanto todos riam.

— *Wonderwall*? — sugeri.

Ele sorriu e começou a tocar.

As risadas cessaram, e eu o acompanhei no *ukulele*.

Max e eu cantamos a música até o final, intercalando os versos.

Meu Deus, como era bom tocar com ele! Todo mundo desaparecia e era como se estivéssemos apenas nós dois ali, sozinhos, debulhando estrofes e nos deliciando com nosso próprio som.

Nossas vozes se entrelaçavam como se nós fôssemos um só. E ele ficava tão lindo cantando e sorrindo para mim...

E gostoso pra caralho tocando *ukulele* (ou guitarra, violão e o escambau). Uma perdição dos infernos!

Homens bonitos deviam ser proibidos de aprender a tocar instrumentos. Pelo amor de Deus, é prejudicial à saúde feminina! Qualquer ginecologista pode

atestar isso!

Quando terminamos, eu queria tanto pular nele e começar a beijá-lo inteiro...

Piolho foi logo falando, assim que a música acabou, alto o suficiente para que sua voz sobressaísse aos aplausos frenéticos:

— Senhoras e senhores, a partir de hoje a *Mpire* terá essa sereia maravilhosa como vocalista! Putão, você está demitido! — Ele imitou o Roberto Justus, o que provocou mais risadas e assovios.

— Até que enfim uma dentro, hein, Piolho! Apoiado! — gritou Pecê, o guitarrista.

— Assino embaixo! Fora, Alemão! — o baterista engrossou o coro.

— Não, na moral! Eu tô hipnotizado, minha sereia! Além de gata, cê tem essa voz? Assim eu apaixono fácil, fácil! Já tô gamado!

— Ai, Lucas, como você é exagerado! Não achei isso tudo — falou a vadia, torcendo o bico enquanto fitava a manicure impecável. — Você também, né, Lari? Concorde comigo, não concorda?

— Claro que não! Foi perfeito! Absolutamente perfeito! Parabéns, Olívia! Sua voz é linda! — Larissa falou, sorrindo.

Cara, eu sabia que essa menina era gente fina!

— Obrigada, Larissa! — agradei com um sorriso.

— Ela desafinou em várias notas, não desafinou, Delícia? E saiu do tom muitas vezes, é claro. — Meu Deus, a recalcada não desistia!

Max abriu a boca para responder. Apesar de saber que eu não havia desafinado porra nenhuma e muito menos saído do tom, fiquei com medo da resposta que ele daria. Se ele ficasse do lado daquela periguetete, eu ficaria puta e perderia o controle, o que poderia levar a interpretações erradas.

Então, tive uma ideia brilhante, que veio na hora certa.

— Deixa que eu respondo, primo — falei, olhando para Max. — E vai ser com uma música, queridinha. Prepare seus ouvidos! — Virei o rosto na direção de Drica e abri um sorriso debochado.

Em seguida, comecei a tocar e cantar “Beijinho No Ombro”, da Valesca Popozuda.

O pessoal começou a gargalhar logo nos primeiros versos:

“Desejo a todas inimigas vida longa
Pra que elas vejam cada dia mais nossa vitória
Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba
Aqui dois papos não se cria e não faz história
Acredito em Deus, faço ele de escudo
Late mais alto que daqui eu não te escuto
Do camarote quase não dá pra te ver

Tá rachando a cara, tá querendo aparecer
Não sou covarde, já tô pronta pro combate
Keep Calm e deixa de recalque
O meu sensor de perigete explodiu
Pega sua inveja e vai pra...

Beijinho no ombro pro recalque passar longe
Beijinho no ombro só pras invejosas de plantão
Beijinho no ombro só quem fecha com o bonde
Beijinho no ombro só quem tem disposição”

A galera acompanhou, cantando comigo e batendo palmas. A tal Drica ficou o tempo inteiro fazendo caras e bocas.

— Ai, queridinha... Desceu o nível, hein, meu amor? — falou, dando uma risada falsa, assim que a música terminou.

— Subiu, e foi com classe! Chupa, Drica! Aceita que dói menos, querida! Lacrou, Olívia! — Suze aplaudiu.

Cara, eu já amava a Suze!

— Minha sereia, agora eu tô com os quatro pneus arriados à beira-mar! — Piolho anunciou. — “Quem dera ser um peixe! Para em teu límpido aquário mergulhar! Fazer borbulhas de amor pra te encantar! Passar a noite em claro... Dentro de ti!” — Ele cantarolou “Borbulhas de Amor”, de Fagner, caprichando no drama, e todo mundo riu, até Thomas.

Olhei para Max e vi que ele estava lindo, com aquela expressão selvagem que embelezara seu rosto mais cedo. Fiquei perdida naquelas feições perfeitas por uns bons segundos. Ele estava distraído, acho que nem percebeu.

— Sério, gata, *cê* manda bem demais! Sua tessitura vocal é impressionante. *Cê* canta profissionalmente, né? — perguntou Pecê, tão logo os risos cessaram.

— Obrigada, Pecê. Eu gostaria de ser cantora, na verdade, mas não...

— Mas você não tem tempo pra isso, né, prima? — Max me interrompeu. — Médicos são ocupados demais para esse tipo de coisa... — falou, com certa acidez.

Meu Deus, de novo aquele assunto! Ai, Senhor, só de pensar em ser desmascarada eu já começava a suar frio. Maldita hora em que fui inventar essa porra!

— *Carai*, mano! *Cê* é gostosa, canta que nem sereia e é médica? Meu Deus, gata, *bora* marcar logo a data do nosso casório! Já quero botar uns quatro Piolhinhos nessa sua barriguinha linda! — Piolho exclamou, arrancando várias risadas do pessoal.

— Você deveria estar do lado da sua irmã, Lucas! E não a favor *dessazinha*!

— berrou a invejosa da Drica.

Dessazinha? Ela ia mesmo roubar o apelido que eu estava usando na cara dura?

— Mana, *essazinha* é uma doutora gostosa que canta que nem sereia e que ainda vai ser sua cunhada! — Piolho gargalhou. — Putão, na moral, *véi*, nós vamos ser parentes, mano! *Bora* morar aqui, gata, junto com Putão. Nós dois e nossos Piolhinhos. Quenga, *cê* vai ser padrinho das nossas crias todas, tá ligado? Quero só presente *top* pros meus catarrentinhos! No estilo dos que *cê* dá pra Sofia, *véi*! Sem amarrar grana pros meus filhotes!

— Lamento cuspir e pisotear nos seus sonhos de merda, filho da puta, mas a noiva em questão não está disponível — Max disse.

Meu coração disparou. Ele tinha querido dizer o que eu achava que tinha? Ai, meu Deus!

O gazebo ficou em silêncio. Todos, inclusive eu, estavam boquiabertos e com os olhos arregalados.

— Porque ela não namora e não quer se casar. Nunca — ele completou, sorrindo para mim. — Não é, prima?

Ah, então era isso...

— Puta merda, por um momento, eu achei que *cê* ia dizer que *tava* de quatro por ela, cara! *Tava* crente que o mundo *tava* acabando e o Messias *tava* voltando. Já tinha até começando a rezar, com medo do tridente do diabo! — o baterista falou, rindo.

Max soltou uma risada estrondosa.

— Tá me estranhando, Marcelão? Garanto que antes de me verem de quatro por uma mulher vocês veem o diabo atolando o tal do tridente no meu rabo! Max Vetter não se apaixona, não namora e não se casa. Olívia e eu somos almas-gêmeas às avessas, né, prima? — Ele abriu um sorriso largo em minha direção, mas mal sorri de volta quando balbuciei um "anrã".

— Não namora mais, você quer dizer, Delícia. Porque já quis namorar comigo, é bom lembrar. E *euzinha* fui a única por quem você já se interessou. Ou seja, é preciso ser a mulher certa para te conquistar, lindo! Não é pra qualquer uma! — intrometeu-se a biscate, sorrindo triunfantemente para mim.

Max a fuzilou com os olhos, mas não a corrigiu.

Meu Deus, era verdade! Ele a tinha pedido em namoro! Quando tinha sido isso? Recentemente? Só podia ser! Isso explicava a aversão *daquelazinha*!

Eu não podia acreditar que ele tinha mesmo se interessado verdadeiramente por ela.

Sentia os músculos fracos, pontadas excruciantes no peito e uma vontade imensa de me teletransportar para a minha cama e me encolher em posição fetal

até o dia seguinte.

Queria chorar até morrer desidratada, o que só podia significar uma coisa, claro!

A TPM estava acabando comigo!

Por isso aquela vontade insana de chorar. Por isso a ardência nos olhos e a porra do nó na garganta!

Hormônios, tudo culpa dos meus hormônios de merda!

— Olívia! Você sabe tocar alguma coisa da Sia? Eu amo a Sia! — Susanne pediu, quebrando o clima estranho que subitamente havia pairado sobre o lugar.

Só o que eu queria era ir embora. Queria pegar Lola no colo de Sofia e correr até estar segura em casa. Mas não podia. Não ia dar o gostinho *àquelazinha*.

Por isso, engolindo o caroço em minha garganta, perguntei, no meu melhor tom de "nem sei por que tá todo mundo com essa cara":

— Pode ser *Elastic Heart*?

— Ótimo! — Ela bateu palminhas. — Amo de paixão!

— Argh! Ninguém merece. Vou dar um mergulho. Alguém me acompanha? Lari? — Quis saber a vaca, batendo a pata com insistência no chão.

Larissa fez um gesto negativo com a cabeça. Ninguém mais respondeu, e Drica saiu, mugindo e pisando duro.

— Faz no violão, Liv! — Pecê sugeriu, estendendo o instrumento que estava ao seu lado. — A gente pode te chamar de "Liv", né?

— Po-de — gaguejei, sem saber como negar.

Arrisquei olhar para Thomas, mas ele estava distraído, observando o cabelo de Larissa com enervante curiosidade.

O que ele tanto olhava?

Peguei o violão e iniciei o dedilhado. A música condizia com o meu estado de espírito.

Em outras circunstâncias, eu teria preferido tocar *Fire Meet Gasoline* ou *Chandelier*, mas meu coração pedia *Elastic Heart*.

Comecei a cantar, sentindo cada nota, deixando a tristeza que havia em meu peito arrastar-se pela letra da música.

Estava cantando o refrão quando Max se levantou de repente e saiu apressado do gazebo, em direção à piscina.

Precisei fazer uma força descomunal para não desabar e cair em um choro convulsivo.

Quando terminei, minha garganta estava doendo tanto que nem sei como cheguei ao final.

Ele tinha ido atrás de Drica.

Eu queria morrer, e a sensação corrosiva em meu peito era forte demais para

ser outra coisa além do que eu já sabia e me recusava a aceitar.

No fundo, eu estava ciente de que aquilo só podia significar uma coisa. E era uma tragédia.

Eu tinha, estupidamente, me apaixonado por Max Vetter.

18. Há males que vêm para o bem

MAX

Sentado no chão do banheiro do meu quarto, com os cotovelos sobre os joelhos flexionados e as mãos entrelaçadas na nuca, eu respirava com dificuldade.

Que porra! Por que ela tinha que ser tão linda? Por que Olívia precisava cantar daquele jeito que me deixava tão perturbado a ponto de precisar me afastar?

Fitei o teto e expirei, tentando, inutilmente, me livrar da compressão no peito.

Aquela dor desgraçada estava me deixando louco! Rastejava-se com premeditada lentidão, deixando um caminho doloroso em minhas costelas.

A voz de Olívia não saía da minha cabeça; estava perpetuamente gravada em minha memória.

Sua expressão melancólica enquanto cantava se estendia em meu cérebro como um retrato em preto e branco.

Não conseguia parar de reviver a cena. Seus dedos deslocando-se graciosamente, roçando as cordas com ternura e arrancando do instrumento um dedilhado perfeito. Os lábios movendo-se sem pressa, acariciando cada palavra, produzindo uma melodia cadenciada.

Pensando nela, flagrei-me sorrindo com os dedos posicionados em minha própria boca.

Porra. Porra. Porra!

Que porra!

Levantei-me de súbito e mirei minha imagem refletida no espelho.

O que era aquilo? Em que porra eu estava me transformando?

Em um acesso furioso, golpeei meu reflexo com o punho fechado, fragmentando minha própria cara patética.

Mal senti a dor nos nós dos dedos. Todos os meus ossos e músculos já doíam o bastante para neutralizar a ardência provocada pelos cacos fincados em minha pele.

Retirei um a um, vendo o sangue brotar, escorrer e gotejar na pia.

Minha garganta uivava com o sufoco da constrição. O carço oprimia tudo, e eu mal conseguia engolir. Caralho, eu queria chorar?

Meu Deus, eu queria.

Abri a torneira e mergulhei furiosamente a mão, sentindo toda a dor se transformar em raiva. Ódio de Olívia.

Por ter se infiltrado em minha vida. Ódio por ter transado com ela pela primeira vez e por todas as vezes seguintes. Fúria por ter sido um fraco de merda.

Eu precisava, com urgência, tirá-la do meu sistema.

— Delícia? — Ouvi a voz de Drica e uma batida à porta do banheiro.

Porra! Ela estava dentro do quarto.

— Vi quando você passou feito um foguete! Nem me ouviu chamando! Entendi a deixa e vim rapidinho! Vem cá, tenho uma surpresinha pra você!

Conhecendo Drica, eu tinha certeza de que ela estava pelada. Não seria a primeira tentativa direta de transar comigo.

Eu queria poder abrir a porta, fodê-la e acabar logo com a porra do jejum (meu Deus, há quanto tempo eu não variava o cardápio?). Mas, infelizmente, estaria quebrando a porra da regra.

Da primeira e única vez que fiz isso, acabei nesta situação ridícula. Um cara completamente puto e com um machucado autoinfligido. Havia algo mais patético?

Mas podia abrir a porta apenas para fazer um pequeno teste. Poderia brincar com ela sem, necessariamente, quebrar a regra.

Como eu nunca tinha pensado nisso antes?

Enxuguei a mão na toalha branca, manchando-a com os vestígios do sangue, que ainda não tinha estancado.

— Drica, machuquei a mão. Espera um pouco — pedi, mergulhando os dedos sanguinolentos debaixo do fluxo de novo.

Ótimo, era o segundo machucado do dia por causa de Olívia. Primeiro, quase decepei o dedo. Agora, estava perdendo a porra da mão. O que ela queria? Acabar comigo aos poucos? O que arrancaria em seguida? O caralho do meu braço?

— Delícia, é muito grave? Você não vai precisar usar as mãos! Deixa que eu faço tudinho!

Tentador. Meu pau gostou disso, mas meu cérebro imaginou Olívia e me teletransportou para o sofá da sala de música, onde deveríamos ter transado. Ela por cima, subindo e descendo, soltando aqueles gemidinhos enlouquecedores... Minhas mãos se deleitando naquela bunda... Os mamilos duros riscando meu peito, aquela boca gostosa na minha... Puta que pariu, o que eu não daria em troca de outra noite com ela...

Caralho, eu estava gravemente afetado por aquela puta! Queria, mais que tudo, dormir com ela de novo.

Dor-mir. Você leu certo.

Estava louco. Completamente louco. Doente, nitidamente doente. Precisava me tratar.

Já conseguia me ver em uma camisa de forças, sendo levado por demência. Na verdade, quase tinha vontade de ligar logo para uma clínica de repouso, a fim de evitar o manicômio no futuro.

— Max? — Drica chamou, forçando a maçaneta. — Delícia, abre. Deixa eu ver seu dodói, deixa? — pediu, arranhando meus ouvidos com sua voz exageradamente melosa.

Eu só queria ouvir um timbre pelo resto da vida. Rouco e doce.

Suspirei pesadamente e desliguei a torneira, enxugando a mão outra vez. Mexi os dedos, sentindo a dor se alastrar sob a carne ferida.

Queria me jogar na cama, deitar a cabeça sobre as mãos, fechar os olhos e ouvir *Elastic Heart* mentalmente, até adormecer. Mas não podia sucumbir à tentação. Isso me levaria de volta ao poço, o temível poço.

Por isso, abri a porta e, claro, confirmei minha suspeita.

Drica estava pelada. E molhada. Literalmente molhada. Mas não era nada que eu já não tivesse visto.

— Gostou? — perguntou, dando um giro de 360 graus.

— Mais ou menos — esnobei.

A verdade é que ela era gostosa e, talvez, rendesse uma boa trepada. Era uma pena que eu jamais descobriria.

— Poxa, Delícia, eu me mato de tanto malhar, só pra ficar gostosa pra você! Por favor, Max! Já chega de tanta penitência! Minha irmã e as meninas da academia falam tanto desse seu pau! Me deixa ver também, por favor, por favor! — Ela se aproximou e começou a me alisar por cima da bermuda.

Era bom demais ver aquela vagabunda implorando. Tão bom que eu jamais me cansaria.

Seria a chance perfeita de me vingar. Eu poderia deixá-la louca de tesão e depois mandá-la ir se foder. E, oportunamente, começaria a me desintoxicar de Olívia.

Meu Deus, eu nunca mais quebraria minha regra de novo. Regras existem por bons motivos. Fiz a merda de quebrar e tomei no cu.

Drica começou a beijar meu pescoço enquanto desabotoava minha bermuda.

— Aqui, não — falei, afastando-a.

— Por quê? Estou louca para experimentar sua cama! É tão grande... Por que está desfeita? — perguntou, já se aproximando para se sentar.

— Não — rosnei, puxando-a a tempo.

— Ai! Tá me machucando, Delícia! Por que não podemos transar aqui? Eu

quero! — Ela fez um muxoxo.

Drica sempre foi bonita, mas eu nunca tinha reparado em seus lábios, eu acho. Eram finos. Finos demais para o meu gosto. Como eu nunca tinha notado?

Afrouxei a mão, mas continuei segurando-a pelo pulso.

Fitei os lençóis remexidos e quase pude sentir o aroma adocicado que provavelmente exalavam.

Eu estava mesmo considerando expulsar Drica só para me deitar e inspirar o cheiro de Olívia?

Porra, eu estava.

Aquela bruxa indiana tinha feito um ritual de magia negra, com direito a sacrifício humano, motivo pelo qual eu estava fora de mim. Mas eu ia acabar com o efeito daquilo em poucos minutos. Logo, seria eu mesmo de novo.

— Não como ninguém na porra da minha cama. Vem. — Puxei Drica pela mão até o quarto mais próximo.

Assim que fechei a porta, ela se aproximou, rápido demais, colando nossos lábios.

Como era bom poder beijar de novo sem sentir aquela porra escrota no peito!

Havia só... Uma sensação de vazio. Uma... Prazerosa sensação de vazio. Nada melhor que o vazio!

O vazio era bom. O vazio era... Vazio.

Deixei a mão resvalar para a bunda, acostumando-me à sensação de apalpar outra pele que não a de Olívia.

Que porra, eu a conhecia há quatro dias! Quatro dias, e a porra da minha mão estava acostumada àquela bunda!

Caralho. Precisava desligar a mente e beijar. Só isso.

Intensifiquei os movimentos da língua, à procura de algo além de vazio.

Na verdade, o vazio... Não era bom.

Meu Deus, eu estava sentindo falta do cataclismo que era beijar Olívia. Uma avalanche de sensações desenfreadas, uma tortura inebriante, da qual era impossível se faltar.

Eu já tinha transado com tantas mulheres! O que a tornava diferente? Por que eu não conseguia parar de pensar nela?

Claro, ela tinha aquela bunda excepcional. *Okay*, era de deixar qualquer cara louco (só de pensar nisso, eu já sentia aquela possessividade estranha ameaçar meu juízo).

Mas a bunda de Olívia não era, exatamente, o problema. Havia tantas bundas boas! A bunda de Drica, por exemplo, poderia render uma ótima sessão de tapas.

O problema com Olívia era mais grave e, infelizmente, não se restringia àquela bunda gostosa. O problema com Olívia era que tudo era um problema. Os

olhos esverdeados, os lábios carnudos, o pescoço delicado, os peitos deliciosamente pesados, a cintura fina, aqueles dedinhos de brasa, o cheiro doce, tão doce quanto a própria voz, as pernas torneadas, o cabelo macio, tudo era um problema. Olívia era a porra do problema inteiro.

E ainda tinha aquilo. Ela era uma devassa. Gostosa pra caralho e devassa. Sabia chupar e rebolar num pau como ninguém. E aquela boca suja me matava de tesão.

Que saudade...

Não. Não saudade *dela*. Saudade *das habilidades* dela. E nem sou eu quem está sentindo. É o meu pau.

— Meu Deus, Max... — Drica alisou minha extensão, afastando-se para observar. — Porra. Que delícia de volume! — Ela começou a desabotoar minha bermuda, e eu estava tão duro que nem tinha forças para pensar nas qualificadoras do homicídio, como sempre fazia para me imunizar contra suas investidas.

Precisava me desligar. Precisava parar de pensar em Olívia.

— Meu Deus... Não acredito que *tava* perdendo isso tudo... Meu Pai do céu... — Drica disse, depois de abaixar minha sunga.

— Cala a boca, porra. Ajoelha e chupa — ordenei.

Ela arregalou os olhos, umedeceu os lábios e fez o que eu mandei.

Joguei a cabeça para trás e, em vez de me desligar, fechei os olhos e comecei a me lembrar da sensação dos lábios de Olívia no meu pau. Minha mente rememorava cenas da noite anterior, e meu corpo respondia às lembranças com gemidos e palavrões indistintos.

Eu ia gozar naquela boca carnuda, e ela engoliria toda a minha porra. Aquela puta não ia tirar a boca na hora do meu gozo!

Agarrei seu cabelo escuro pela nuca e comecei a estocar. Olívia engasgava, e eu estava me fodendo. Na verdade, eu estava fodendo aquela boca gostosa.

Pingos de chuva começaram a golpear a parede de vidro com força, e ouvi um estrondo, que ignorei, completamente fora de mim. Mas notei que a chuva começou a cair impiedosamente lá fora.

— Toma, sua puta. Vou gozar e quero ver você engolindo tudo — falei, fitando seus olhos esverdeados.

Afundi-me mais algumas vezes em sua boca e gozei, chamando-a, soltando xingos e palavras desconexas.

— Que merda é essa, Max? — Drica perguntou, levantando-se segundos depois, limpando o canto dos lábios.

— Tá falando do quê? — indaguei, sentindo tudo girar ao meu redor.

— Você me chamou de "Olívia", porra! — berrou, golpeando meu peito.

— Chamei? — perguntei, confuso.

— E gozou, ainda por cima! E agora, como você vai me comer?

— Nunca tive a intenção de te comer, Drica. Isso aqui é o máximo que você vai ter do meu pau — assegurei, vestindo-me.

— Você não pode fazer isso comigo, Delícia! Pelo amor de Deus, faço o que você quiser! Por favor, Max! Preciso disso tudo em mim! Eu imploro!

Soltei uma risada.

— Continua implorando. Quem sabe um dia — falei, saindo do quarto.

— Por que você me chamou de "Olívia"? — Ela veio atrás, perguntando, totalmente furiosa.

Porra, eu tinha mesmo chamado Drica de "Olívia"?

— Não te chamei de "Olívia", você deve ter entendido errado.

— Chamou, Max! O que tá rolando entre você e *aquelazinha*? Já vi o jeito que você olha pra ela. Muito esquisito.

— Para de falar merda e vá vestir sua roupa — mandei, abrindo a porta do meu quarto.

Ela entrou e se abaixou para pegar a roupa no chão, virando a bunda para mim.

Inclinei a cabeça para observar melhor.

O Max Vetter antes do ritual de magia negra teria adorado comer aquela boceta.

O Max Vetter enfeitado não achou tanta graça.

Que porra! Eu precisava comer uma mulher de verdade para acabar com a bruxaria de Olívia. É claro que um boquete não seria páreo para a porra de um sacrifício humano!

Meu celular começou a tocar. Tirei o aparelho do bolso com dificuldade, por causa da mão, e chequei o visor. Era "Brenda (pretendo comer)".

— Max? Tá sumido, gostoso! Não te vejo na academia desde quinta! — disse, assim que atendi.

Era um caso a pensar. Brenda poderia ser o início do meu processo de desintoxicação.

Mal prestei atenção em Drica enquanto combinava um encontro com a gostosa da academia, para mais tarde.

Quando desliguei o celular, Drica se aproximou, usando um daqueles vestidos de praia, fazendo uma expressão estranhamente satisfeita.

— Que cara é essa? — perguntei, desconfiado.

— Nada. — Ela deu de ombros.

Devia ser coisa da minha cabeça.

Fechei a porta e descemos as escadas.

OLÍVIA

Quando fechei a boca, o gazebo ficou em silêncio. Ergui a cabeça e olhei para as pessoas. Meus olhos encontraram os de Suze, e vi que ela estava chorando.

Senti o gosto salgado no canto do lábio inferior e percebi que eu também.

Os olhos de Larissa estavam avermelhados, e todos os homens estavam calados, me fitando.

Muito constrangedor.

— Puta que pariu, Liv! Foi a coisa mais foda que eu já ouvi! — Pecê quebrou o silêncio. — Mezzo-soprano. Concorda, Marcelão?

Marcelão se limitou a assentir, com os olhos arregalados.

— Meu Deus, Olívia! Acho que agora te amo mais que amo a Sia! — exclamou Suze, enxugando os olhos.

Graças a Deus, ela estava chorando também. Ou o real motivo das minhas lágrimas seria facilmente descoberto.

— Então é amor demais, viu, Olívia! Porque tem Sia o dia inteiro lá em casa. É Sia na cozinha, no quarto, no banheiro, no som do carro, em todo lugar! Ela fez Max aprender a tocar e cantar todas as músicas da cantora, a contragosto — disse Plínio.

— Sia é insuperável! Mas, de todo jeito, fico muito lisonjeada, Suze — falei, secando minhas bochechas.

— Nunca vi ninguém cantar com tanta alma! Foi emocionante, Liv — elogiou Larissa.

— Sereia, é séria a parada. Putão tá demitido mesmo. Cê agora é nossa vocalista, tá ligado? Queremos você, antes que o mundo descubra essa preciosidade. Cê vai longe com essa voz, mano! Max tá fora da banda, né, rapaziada? — empolgou-se Piolho.

— Não, Piolho! — reclamou Sofia, com o colo dividido entre Lola e o palhaço. — Olívia canta igual a uma princesa e o tio Max canta igual a um príncipe! Eles podem fazer duetinhos! — Ela bateu palminhas, rindo. — Olívia, você pode cantar as musiquinhas da Barbie com o tio Max!

Dei um sorriso fraco enquanto todo mundo ria da ideia de Souf.

Eu preferia morrer a voltar a cantar com aquele cretino de novo. Duetos melosos dos filmes da Barbie, então? Preferia ser enterrada viva!

Queria que ele e aquela piranha morressem afogados naquela piscina nojenta!

Queria que os dois sumissem da face da Terra. Que o capeta os carregasse para a puta que pariu!

— Gata, por favor, canta outra? — pediu Piolho.

— Por favor, Olívia! — emendou Suze.

Todo mundo bateu palmas, pedindo *bis*.

A ideia de ficar ali, na frente daquelas pessoas, cantando, enquanto Max comia Drica era insuportável demais.

— Obrigada mesmo, gente. Mas preciso ir — avisei, já me levantando.

Foi difícil convencê-los de que eu precisava ir embora. Acabei mentindo, inventando que tinha uma amiga na cidade que eu não via há muito tempo e que tínhamos marcado um encontro.

Agradei a Suze e Plínio, que estavam bastante embaraçados com o sumiço de Max, e eles me convidaram para jantar no dia seguinte, alegando que não tínhamos conversado direito. Agradei e disse que seria um prazer.

Despedi-me dos amigos do devasso, e eles não me deixaram ir embora sem uma troca de telefones. Acabei saindo de lá com a agenda lotada de números de caras gatos.

Mas eu estava tão pra baixo que nem consegui ficar animada, a não ser com a proposta de Beto, que era *personal trainer* e tinha uma academia própria. Ele me passou o telefone e disse que eu estava mais que convidada a frequentá-la, com um superdesconto.

Já tinha um tempinho que eu tinha parado de malhar e estava há dias prometendo a mim mesma que voltaria a correr. O convite de Beto, que era supergato, veio a calhar.

Quando fui me despedir de Thomas, ele se ofereceu para me levar em casa. Esperei que ele fosse vestir uma camisa, e ele me acompanhou em seguida.

— Quer entrar um pouco? Colocar o papo em dia? — sugeri, assim que estacamos diante do meu portão.

Na verdade, eu já não estava certa do que sentia por ele. Meu surto epifânico em relação a Max tinha ofuscado tudo. Mas, apesar de querer ficar sozinha, eu tinha medo de como me sentiria em completa solidão. Não estava pronta para lidar com meus próprios pensamentos ainda.

— Você vai me oferecer café ralo e torradas queimadas? — ele perguntou, fazendo uma careta.

Caí na risada.

Uma vez, quando estávamos na casa de um colega, fazendo um trabalho em grupo, eu tinha me arriscado na cozinha para preparar um café e algumas torradas. Deixei as torradas tostarem, e o café saiu uma bosta, é claro. Depois daquele dia, todo mundo descobriu o fiasco que eu sou e passou a zoar minhas

habilidades culinárias (ou a falta delas).

— Devo ter algo melhor que isso para oferecer — falei, pensando na caixinha de suco na geladeira e no pote de biscoitos em cima do armário.

— Opa! Então acho que eu vou entrar, Liv — ele disse, sorrindo maliciosamente.

— Palhaço! — exclamei, bagunçando seu cabelo.

Assim que fiz isso, senti a familiaridade do ato. Eu vivia bagunçando aquele cabelo. Era só Thomas dizer algo bobo ou muito imbecil e lá estavam meus dedos, desajeitando seus fios. Era um hábito, e só agora eu percebia o quanto havia sentido falta daquilo.

— Senti falta disso — ele disse, lendo meus pensamentos.

— Eu também. — Sorri e destranquei o portão.

Quando abri a porta, Lola correu para beber água.

Levei Thomas para a sala e, enquanto ele se sentava no sofá, peguei o suco e dois copos.

— Espero que não se importe em tomar suco de caixinha — falei, colocando tudo sobre a mesinha de centro.

— Suco de caixinha está ótimo, Liv. — Ele abriu um sorriso.

— Vou pegar biscoitos. Só um minuto — avisei, já saindo.

— Por mim não é necessário — disse Thomas, usando o tom gentil de sempre.

— Por mim, sim! Estou faminta! — Apressei o passo e peguei o vidro cheio, voltando para a sala.

Sentei-me ao lado dele e desenrosquei a tampa. Ele já tinha colocado nossos sucos.

Peguei um biscoito em formato de ursinho e comi a cabeça.

— Tem certeza de que não quer? São de nata e derretem na boca — ofereci.

— Tenho. Obrigado, Liv — ele declinou.

— Então tá. Sobram mais *teddy bears* comestíveis pra mim — falei, engolindo o restante do ursinho.

Thomas soltou uma risada e bebeu um gole de suco.

Começamos a conversar sobre os tempos de faculdade. Demos boas risadas. Ele me falou sobre nossos colegas e os rumos que eles tomaram. Contou muitos micos que ele mesmo pagou durante as aulas e outras histórias engraçadas ocorridas ao longo dos semestres que eu perdi.

Fiquei bastante nostálgica e, conseqüentemente, comecei a me lembrar daqueles tempos e da morte dos meus pais. Thomas percebeu e, achando que a mudança de assunto me deixaria melhor, perguntou sobre a minha carreira, meus planos e como tinham sido meus últimos anos no curso de Medicina.

Precisei improvisar:

— Tenho uma coisa guardada até hoje! Espera! Vou te mostrar! — falei e corri para as escadas, sentindo o coração bater acelerado.

Ia mostrar a ele minha plaquinha suja de tinta, do dia do trote, que trazia um "Medicina – 2º Lugar" em letras garrafais. Tinha certeza de que Thomas ainda tinha a dele guardada também, com seu 1º lugar impresso.

Subi as escadas pensando no motivo pelo qual eu não havia contado logo a verdade a ele. Não me importaria em dizer. Seria um alívio, e eu não me sentiria constrangida.

O problema era Max. Aquele cretino não podia saber. Seria muito, muito embaraçoso. E, se eu contasse a Thomas, Max poderia acabar descobrindo, de um jeito ou de outro.

E como ele me veria depois disso? Como uma Joana-Ninguém e, ainda por cima, mentirosa.

Abri minha gaveta de calcinhas assim que entrei no quarto. A ideia era afastá-las para ter acesso à pasta de plástico onde eu guardava papéis importantes, mas estaquei quando vi a maldita regata de Max.

Peguei e inspirei seu cheiro, suspirando. Deitei-me na cama ainda desfeita da noite anterior e sorvi o aroma másculo da peça de roupa.

Fiquei instantaneamente excitada.

Porra, como é que fui deixar isso acontecer? Como é que, há poucas horas, eu poderia jurar que estava apaixonada por Thomas e, agora, tinha perfeita ciência de que estava louca pelo devasso?

Meu Deus, eu estava apaixonada por Max. Isso era tão terrível! E patético. Mas estava. Caralho, eu estava. Não podia acreditar...

Fiquei distraída, suspirando na cama, até que me toquei que Thomas estava lá embaixo. Levantei-me de súbito e comecei a revirar minhas calcinhas. Achei a pasta, recoloquei a regata dentro da gaveta e já estava descendo quando ouvi os primeiros pingos de chuva. Voltei alguns passos para fechar a janela do quarto e foi quando meu mundo caiu.

Max estava de pé no quarto da vidraça, com uma mão presa no cabelo molhado de Drica enquanto ela o chupava.

Ele estava de frente para mim, e ela estava ajoelhada, aquela bunda horrorosa no meu campo de visão.

Meu estômago se revolveu em um turbilhão de ânsias. Primeiro, fiquei em choque, mesmo sabendo que não deveria ficar.

Depois, eu me senti traída. Max e eu não tínhamos nada um com o outro e nunca teríamos, mas a dor em meu peito era compatível com a dor de uma traição.

Por último, senti uma raiva descomunal; a ira atingiu minhas têmporas em um

fluxo repentino e, naquele momento, eu o odiei com todas as minhas forças. E odiava aquela piranha. Mas não odiava nenhum dos dois mais que a mim mesma.

Estava com ódio de mim por ter sido tão estúpida. Por tê-lo deixado me reduzir àquele tipo patético de mulher. Havia deixado Max Vetter me transformar em mais uma das suas muitas putas apaixonadas. Tinha caído feito uma pata nas ondas daquele abdome perfeito. Deixei aquela beleza diabólica me cegar.

Eu não estava apaixonada por aquele cretino. Não podia estar. Eu me recusava a estar! Ia esquecê-lo. Ia me afastar daquele diabo travestido de deus de uma vez por todas.

Tomada pela fúria, comecei a fechar a janela. As duas metades arrastaram-se com um estrondo. Foi só o tempo de aferrolhar o trinco para o céu desabar.

Atirei-me na cama e fiquei lá, chorando feito uma idiota, por vários minutos, até que decidi que aquele cafajeste não merecia uma lágrima minha. Gritei no travesseiro e me levantei, limpando os olhos com força.

Mas mal comecei a descer as escadas e o choro convulsivo voltou, ainda mais potente.

— Liv? — Thomas perguntou, virando-se ao ouvir meus soluços.

Sem conseguir dizer nada, finalizei os degraus, me joguei ao lado dele no sofá e o abracei.

— Liv, o que houve? — perguntou, afagando meu cabelo.

Sequei as lágrimas e o encarei. Thomas tinha as sobrancelhas franzidas de preocupação.

Senti o ímpeto de beijá-lo por vingança e não o refreei.

Colei meus lábios aos dele. Thomas ficou inerte por alguns segundos, mas logo começou a me beijar, levando a mão à minha nuca.

Esperei o peito doer e ansiei pelas costumeiras palpitações, mas nem a dor nem o descompasso vieram. Foi só um beijo como todos os outros beijos bons antes de Max.

Os lábios de Thomas eram macios, e sua língua sabia perfeitamente o que estava fazendo.

Era o meu primeiro beijo com Thomas! A fantasia que tinha habitado meus pensamentos por tanto tempo tinha, finalmente, se tornado real.

Depois de algum tempo beijando-o, movimentei-me, acomodando-me em seu colo, e levantei sua camisa. Thomas entendeu a deixa e se afastou do encosto, puxando-a pelas costas. Aproveitei para tirar meu *cropped* e comecei a tracejar seu peito nu enquanto colava minha boca na dele novamente.

Thomas deslizou as mãos pelas minhas costas, e eu tentei me desligar de tudo

e apenas curtir o momento, mas o rosto de Max insistia em pipocar em minha mente como milhares de janelas *pop-up*.

Meu Deus, eu estava sentindo falta do frenesi que era beijar o devasso. Um dilúvio de sentimentos infrenes, uma agonia narcótica, da qual era impossível se faltar.

Apertei os olhos, afastando aquele cretino da mente, e intensifiquei o beijo. A ereção de Thomas me pressionava; seu pau avolumava-se contra meu short jeans. Caralho, parecia ser um senhor volume! Ele arquejou em minha boca e, no momento exato em que seus dedos alcançaram a cordinha do meu biquíni, a porta se abriu.

Virei de repente, atraída pelo ruído, e me deparei com um Max Vetter enopado e visivelmente furioso.

— Ah, já terminou de trepar com aquela vadia? — berrei, levantando-me de súbito. — *Tava* gostosa a mamada que ela te deu? Da próxima vez, experimente descer a persiana, cretino!

Acho que eu nunca tinha me exaltado tanto, com ninguém, em toda a minha vida.

A expressão homicida dele se transformou imediatamente, dando lugar a uma mistura de fúria e choque.

Mas isso durou apenas alguns segundos, porque logo ele estava partindo para cima de Thomas, que tinha se levantado.

— Seu filho da puta!

Coloquei-me no meio e cuspi na cara dele (não literalmente):

— Quem você acha que é, Max, para entrar na porra da minha casa e interferir na porra da minha vida sexual?

— Vida sexual o caralho, Olívia! Você não pode transar com mais ninguém, porra! — ele gritou, completamente puto. — Muito menos com você, desgraçado! Eu vou te matar, Tito!

— Eu transo com quem eu quiser! Vá se foder, Max! Eu te odeio, cretino! — Dei um soco no peito dele, o mais forte que consegui. — Odeio você! Você é um porco imundo, seu nojento! — Continuei socando-o, mas ele permanecia de pé, inabalável.

— Eu também te odeio! Não acredito que você ia transar com o cara que eu considero como a porra do meu irmão caçula! Você quer me foder? Quebrei a porra da minha regra por sua causa, caralho! Há dias não transo com mais ninguém e o que você faz? Se esfrega no filho da puta do Tito!

Max estava tão furioso que minhas dez unhas fincadas em seu peito molhado não estavam surtindo efeito algum. Sua voz estrondeava, competindo com o barulho dos trovões.

Tinha começado a trovejar, e eu só não estava com medo porque ele soava muito mais ameaçador que uma trovoada.

— Meu Deus... — Thomas disse, embasbacado. — Você está apaixonado, Max... E você também, Liv. Vocês estão cegos?

Max ajustou a postura e o encarou. Suas íris acinzentadas chispavam.

— Vocês têm transado esse tempo todo e estão quase se matando de tanto ciúme! Eu já estava desconfiado. Reparei os dois o dia inteiro. Isso é amor, meus caros. Não acredito que vivi para ver esse dia! Max Vetter apaixonado! — Thomas caiu na risada.

— Para de falar merda, seu puto! — o devasso grasnou. — Max Vetter não se apaixona, não...

— Não namora e não se casa — Thomas interrompeu. — Depois disso aqui que eu presenciei, já vou preparar meu terno. Ainda vou ser padrinho desse casório. — Ele pegou a camisa e começou a vestir.

— Antes de me ver casado, você me vê... — começou Max.

— Já sei. Dando o cu. Ou com o tridente do diabo atolado no rabo. Vou te lembrar disso no dia do casamento, puto. Agora, com licença. Estou tirando meu time de campo. Até mais, Liv — ele disse, passando por mim e dando um beijo no meu rosto.

— Tito, não brinca com fogo. Ainda estou considerando arrebentar sua cara, mesmo com a porra da mão machucada.

— O que foi isso? — Thomas perguntou, analisando a mão direita de Max.

Estava toda avermelhada e parecia estar doendo pra caralho.

— Um acidente — ele respondeu, sem entrar em detalhes.

— Bem, sua futura esposa é médica. Acho que ela pode cuidar do ferimento. Certo, Liv?

— Quanto ao "futura esposa", você só pode estar brincando, Thomas. Prefiro morrer a me casar com esse homem a quem você se refere. E ele que vá pedir àquela puta desclassificada para cuidar disso aí. Deve ter machucado tentando se equilibrar para fodê-la. Acho é pouco. — Cruzei os braços, fitando-o com deboche.

— Nem se eu tivesse planos de me casar um dia eu me casaria com você, senhorita Olívia. Gosto de mulheres submissas, e a senhorita é tudo, menos submissa. É temperamental demais. Além disso, tem a boca mais suja que a minha.

— Quando a porra da minha boca suja está nesse seu pau imundo você não reclama! — gritei.

— Wow! Tá ficando quente o negócio. — Thomas riu. — Não me espera em casa, puto. Se tudo der certo, hoje eu durmo com uma ruiva. Até mais,

pombinhos.

Então, Thomas saiu. E Max e eu ficamos nos fitando com fúria.

19. Depois da tempestade vem a bonança?

OLÍVIA

— O que você está fazendo aqui, Max? — Foi a primeira coisa que eu perguntei, assim que Thomas fechou a porta.

— Não sei, Olívia. Quem sabe, talvez, impedindo você de transar com a porra do meu irmão! — ironizou.

— Ah, então você tem uma bola de cristal? Poderes premonitórios? Um espelho mágico? Um caldeirão vidente? — debochei.

— A bruxa aqui é você! Uma bruxa indiana com vasta experiência em magia negra! — ele gritou.

— O que você quis dizer com isso? Tá me chamando de bruxa, cretino? — Exigi saber, completamente puta.

— Deixa pra lá. — Ele deu de ombros e se jogou no meu sofá.

— Deixa pra lá o caralho! Você me chamou de bruxa! E tira essa bunda molhada do meu sofá, porra! — ordenei.

— A bunda é minha! E vai ficar onde eu quiser! — Ele espichou as pernas e as cruzou. Depois, com um sorrisinho maléfico, pressionou as costas no encosto, só para molhar meu sofá inteiro.

Soltei um grito furioso e tentei puxá-lo.

Foi absolutamente vã a minha tentativa patética de demover um homem daquele tamanho.

— Max, eu vou chamar a polícia! — ameacei, desistindo de tirá-lo de lá à força.

— Então chama. — Ele esticou ainda mais o corpo e, relaxadamente, cruzou os braços atrás da cabeça.

— Acha que estou blefando? — indaguei, morta de ódio.

— Vou pagar pra ver — ele falou, sorriu e fechou os olhos.

— Você não me conhece, Max Vetter. — Peguei o celular no bolso e disquei 190.

Quando o atendente deu o ar da graça, falei:

— Tem um homem na minha casa, sargento. — Max abriu os olhos e me fitou. — Gostaria de denunciá-lo por violação de domicílio, artigo 150 do Código Penal. Ele disse que o artigo é esse, mas não tenho certeza. Sim, conheço o cretino. Ele é meu vizinho. É. O filho da puta é advogado. Simplesmente

entrou aqui! E atrapalhou a melhor foda que eu teria na vida! Pouco importa! É um empata-foda do caralho. A casa é minha e... — Max se levantou e tirou o telefone da minha mão.

— Devolve, desgraçado! — gritei, pulando para pegá-lo.

Ele colocou o aparelho no ouvido placidamente, desconsiderando minhas tentativas frustradas de recuperar o telefone.

— Boa noite. O senhor está falando com Max Vetter, o vizinho da moça que fez a ligação. Sim. Neto. Muito obrigado. É um prazer falar com o senhor, sargento Teixeira. Quanto à ligação, foi um mal entendido. Minha vizinha estava gritando muito durante o ato sexual — disse, desviando-se das minhas investidas de resgate ao celular raptado.

— É mentira! — gritei, o mais alto que pude.

— Como pode ver, ela é um pouco... Escandalosa. — O desgraçado teve a cara de pau de dizer isso!

— Seu filho da puta! Devolve o meu celular, Vetter! Eu vou te matar, cretino! — berrei, dando um beliscão em seu bíceps.

— Ai, porra! — reclamou. — E violenta! Ela está me agredindo! — completou, prendendo o riso. — Enfim, como se trata de uma moça solteira, que mora sozinha, presumi, pelos berros ensandecidos, que estivesse sendo vítima de um estupro. Portanto, estou amparado pela excludente de ilicitude prevista no §3º, inciso II do artigo 150 do Código Penal, em conjunto com a discriminante putativa do artigo 20, §1º. Agora que vi que tudo não passou de engano, estou me retirando da casa, senhor. Tudo certo. Concordo com o senhor, ele era mesmo um excelente juiz. Muito obrigado. Estenderei suas condolências à família. Tenha uma boa noite.

A certa altura, eu já tinha desistido de lutar. Max Vetter era peixe grande, e eu não passava de um peixinho dourado num aquário. Mesmo assim, eu precisava expressar minha indignação:

— Que porra foi essa? Você inventa uma mentira ridícula, e o policial acredita em você em vez de acreditar em mim, a vítima da porra toda?

— Às vezes, prima, as mentiras bem orquestradas parecem mais verdadeiras que as próprias verdades. Não acha? — Ele abriu aquele sorriso diabólico máster e me entregou o celular. — Aliás, o seu salário de médica não te permite comprar um telefone melhor? — perguntou, em tom de deboche.

— Uso o meu salário de médica para pagar garotos de programa gostosos, primo — revidei. — Mas, já que você é rico, se estiver incomodado, aceito um iPhone de presente.

— Essa porra de garotos de programa é mentira, né? — ele perguntou, assustado.

— Deixa de ser careta, Max. Claro que é verdade! Um mais gostoso que o outro. Falando nisso, vaza. Já que você interrompeu minha foda com Thomas, vou precisar ligar para um deles. Não vou ficar sem meu entretenimento por sua causa!

— Olívia, eu já disse que você não vai transar com mais ninguém — ele falou, sério.

Dei uma risada alta.

— A piada do século! Peguei o número de todos os seus amigos, Max. Vou trepar com o time de futebol inteiro. — Balancei o celular na frente dele. — Acho que vou começar com Piolho. Gato pra caralho. E me dá um mole...

Ele soltou uma risada incrédula.

— Estou falando sério, Olívia. Você não vai transar nem com esses filhos da puta nem com ninguém — falou, usando um tom ameaçador.

— Ah, vá se foder, Max! Você transou com aquela vadia! Pouco depois de transar comigo! Eu vou dar para quem eu quiser! Para todos aqueles gostosos! Cuida desse seu pau imundo, que da minha boceta cuido eu!

— Eu não transei com ela, caralho! — Ele falou tão alto que quase fiquei surda. — Foi só um boquete. — Isso ele disse quase sussurrando.

— Só um boquete? Só um boquete? — gritei, alucinada. — Você só pode estar brincando comigo!

— E por que você se importa com quem chupa meu pau, prima? — perguntou, erguendo uma sobrancelha.

— E por que você se importa com quem me come, primo? — devolvi, imitando o gesto.

Ficamos assim, com as sobrancelhas arqueadas, nos fitando por um bom tempo, ouvindo nossas respirações alteradas. O desgraçado estava molhado e sem camisa, mas resisti e mantive meus olhos fixos nos dele.

De repente, Max abandonou a pose, soltou um suspiro cansado e se sentou no sofá outra vez.

Meu Deus, até o jeito que o devasso se sentava era *sexy* e insanamente másculo. Aquelas pernas musculosas desleixadamente posicionadas eram de enlouquecer!

— Senta aí — ele ordenou, indicando o assento ao seu lado.

— A bunda é minha! E vai ficar onde eu quiser — falei, permanecendo de pé. Ele me olhou e sorriu. Tive vontade de esmurrá-lo por ter aquele sorriso.

— E eu ficaria muito feliz se você não ensopasse a porra do sofá, Max. Como é que isso vai secar se... — comecei a falar, mas tive que parar, porque ele se levantou e tirou a bermuda, ficando só de sunga.

Reprimi um arquejo quando vi que ele estava duro.

— Satisfeita? — perguntou, abandonando a roupa molhada no chão. — Ou prefere que eu fique pelado?

Eu já estava perdendo a razão, mirando meu pacotão gostoso com a boca cheia d'água, quando caí em mim, graças a Deus!

— Não estou nem um pouco interessada em ver esse seu pau babado! — Cruzei os braços.

— Okay. — Ele se sentou novamente. — Agora, vamos conversar. Senta aqui, prima.

O desgraçado já estava usando aquela voz. *Aquela*, que me deixava molenga e sem reação.

Senti correntes elétricas reverberando em minha pele, a pulsação acelerou, e aquela dor gostosa já estava instaurada no meio das minhas pernas.

— Sobre o que você quer falar, Max? — perguntei, afastando-me e me sentando no outro sofá, de frente para ele.

Max estava com os olhos grudados nos meus peitos e sorria diabolicamente. Meus mamilos eriçados sob o biquíni deviam estar me entregando. Que ódio!

— Sobre nós — respondeu, por fim.

— Se for algo do tipo "você não vai mais transar com ninguém, senhorita Olívia, mas eu posso passar o rodo porque sou homem" — arremedei —, já vou avisando: enfia esse machismo do caralho no rabo.

— Não quero que você transe com mais ninguém, isso é um fato. Eu... Não consigo aceitar a ideia. Fico louco só de pensar na possibilidade de outro cara... Enfim, é isso, porra. Não quero.

— E? — investiguei.

— E é isso. Você tem a mim, não precisa de mais nada. — Ele cruzou os braços e fez uma cara convencida.

— Ai, que gracinha desse bebezinho mimado e sonhador... Vai pra porra, Max! Você espera o que, que eu me satisfaça só com você, querido? O mundo tá cheio de homem gostoso! E nem preciso ir muito longe, tenho um time de futebol inteiro para me fartar. Acha que vou me contentar só com o goleiro? — Caí na risada.

— Olívia... — Ele me olhou com uma expressão sofrida.

— Essa sua carinha não me comove. Você deixou aquela puta te chupar, Max. Nunca vou te perdoar por isso. E, ainda por cima, seu mentiroso, você já quis namorar aquela piranha! Esse seu papo "Max Vetter não se apaixona, não namora e não se casa" é pura balela.

— Eu tinha treze anos, caralho — alegou.

Isso doeu. Imaginei um Max pré-adolescente completamente apaixonado por uma garota mais velha.

— Você era apaixonado por ela? — perguntei, com um fiapo de voz.

— Não quero falar dessa porra. — Ele recuou.

— Mas eu quero ouvir, Max — insisti.

Ele não disse nada. Resolvi tentar outra abordagem:

— Quantas vezes você já transou com ela?

— Você sabe a resposta, Olívia — respondeu.

— Não sei a porra da resposta! Não estaria perguntando se soubesse! — resmunguei.

Max deixou escapar um suspiro extenuado.

— Você é a única mulher com quem eu já transei mais de uma vez. Eu... Nunca tinha cometido esse erro antes.

— Erro? Então ter transado comigo tantas vezes foi um erro? — indaguei, tão irritada quanto ferida.

— Foi a porra de um erro, porque agora não consigo mais...

Um relâmpago iluminou a sala, e um arrepio amedrontado atingiu minha espinha. Um trovão ressoou pouco depois, arrancando um grito horripilante das minhas entranhas.

Corri para o sofá onde Max estava e o abracei. Ele me acolheu em seus braços, mas, quando o estrondo cessou, caiu na risada.

— Você tem medo de trovão, senhorita Olívia?

Eu ainda estava tremendo, com a cabeça em seu peito e os braços apertando sua cintura, quando elenquei:

— Ratos, baratas, sapos, bandidos e tempestades.

— Hã? — Max perguntou, beijando meu cabelo.

— A minha lista de medos. Medos, não. Pavores — esclareci, sentindo seu nariz no alto da minha cabeça.

— Eu adoro o seu cheiro, prima — ele disse de repente, aspirando e suspirando em seguida.

Merda. Senti aquela dorzinha no coração.

Queria poder beijá-lo, queria poder acariciar sua pele, sorver o perfume em seu pescoço, mas não podia. Precisava me afastar.

Foi o que fiz. Saí de seu abraço, mas continuei ao seu lado no sofá.

— Você era apaixonado por ela, Max? — perguntei, depois de um tempo em silêncio.

Eu precisava saber. Ou enlouqueceria!

— Eu era uma criança imbecil. Perdi a virgindade com ela e a pedi em namoro no mesmo dia. Ela disse não, e eu passei a odiá-la. Fim da história — despejou.

— Você se esqueceu do episódio em que ela chupa o seu pau — falei,

amargurada.

Que porra! Aquela vagabunda tinha sido a primeira! Senti um misto de raiva, tristeza, inveja, e, coroando tudo, uma dor imensa.

Doía pra caralho saber daquilo.

— Olívia... Eu... — O celular o interrompeu, tocando no bolso molhado de sua bermuda.

Max continuou sentado, imóvel.

— É melhor atender. Deve ser alguma das suas vagabundas. Ou, talvez, aquela piranha.

— Eu não vou... — começou ele.

— Atende, Max! — gritei.

Ele se levantou e pegou o aparelho.

— É Sofia — disse, olhando o visor.

— A sua sobrinha de seis anos tem um celular? — ironizei.

— É claro. Como você acha que ela me liga? Oi, Souf — ele atendeu. — Estou, meu anjo. Acho ótimo, mas talvez ela não queira participar, Souf. Tá, vou te colocar no viva-voz.

— Olívia? — chamou Sofia.

Boa coisa não vinha daquilo.

— Oi, Souf.

— Lembra que eu te chamei pra gente dormir na casa do tio Max? Pra ele contar historinhas do Aladdin pra nós duas? A minha mãe me deixou ficar aqui e o tio Max disse que pode e a gente vai tomar sorvetinho e o tio Max vai fazer cabaninha pra gente com luzinhas e vai ser muito legal, mas só se você também participar. — Eu não ia, de jeito nenhum. — O tio Max acha que você não quer, mas eu disse pra ele que você quer, sim. Os amigos do tio Max já foram embora, por causa da chuva, e papai, mamãe e Lili também estão indo. Papai vai deixar a Lili em casa. E você e o tio Max precisam vir pra cá, porque eu não posso ficar sozinha porque sou criança e o tio Tito saiu com a Larissa. Foi muito legal, porque a Larissa tem uma motona e o tio Tito falou que de jeito nenhum ia na garupa dela. Mas ela falou que se não fosse assim não ia rolar nada. Rolar o que eu não sei, mas ele disse que se ela não deixasse ele pilotar é que não ia rolar nada. Então a Larissa falou que homem nenhum ia pilotar a moto dela. E o tio Tito ficou chateado, mas riu e subiu na garupa. Foi muito engraçado, eles foram molhando! Eu vi tudo da garagem, porque fui dar tchau pra Larissa. Ela é muito legal. Mas, antes disso, depois que todo mundo foi embora, menos a Larissa, o tio Tito falou pro meu pai que você tá de quatro pela Olívia, tio Max. — Max fechou a cara imediatamente. — Eu *tava* brincando com o Senhor Palhaço, mas escutei e perguntei pro tio Tito o que era ficar de quatro e ele me disse pra

perguntar pra você. O meu pai xingou muito o tio Tito e até bateu nele. Mas foi só um soco pequeno no braço, nem doeu, porque o tio Tito ficou rindo. E o meu pai puxou o tio Tito pra contar uma coisa que você contou pra ele ontem à noite quando ele tava no hospital. Eu não sei o que é, porque o meu pai disse que era conversa de adulto e falou *pra mim* ficar quietinha na sala com o Senhor Palhaço. E eu fiquei, porque sou uma criança boazinha e vou ganhar uma piscina de bolinhas do Papai Noel no Natal. Você vai me explicar o que é esse negócio do quatro, tio Max? Ah, é, Olívia, eu tava falando com você. Você vai participar das historinhas, né? O tio Max é um ótimo contador de historinhas porque ele imita a voz dos personagens. A voz do Gênio é a mais legal. E o nosso sorveteinho é de morango.

Sofia, finalmente, calou aquela boquinha miúda. Max e eu ficamos em silêncio, nos entreolhando, sem saber como responder e por qual pergunta começar.

— Olívia? Tio Max? — chamou Sofia.

— Souf, esse negócio do quatro que o tio Tito falou é uma brincadeirinha dele. Não é verdade, meu anjo. — Graças a Deus, ele começou.

— Mas o que é isso? — insistiu ela.

— É uma daquelas coisas que as princesas não podem falar, nunca. Lembra? Princesas boazinhas não falam essas coisas — Max explicou.

— Ah, igual aquela palavra com "f" que você me disse que é feia e que princesas nunca falam, tio Max?

— Exatamente, minha linda.

— Então tá. Nunca mais eu falo, porque sou uma princesa boazinha, e vou ganhar uma piscina de bolinhas igual a da Gabi. Olívia, você vem pra cá com o tio Max, né?

— Não posso, Souf. Tenho um... — comecei, pensando em uma desculpa qualquer.

— Por favor, Olívia! Por favorzinho, eu imploro! — ela insistiu.

Meu coração não ficou amolecido. Eu não iria. Abri a boca para reiterar a recusa, mas Max foi mais rápido.

— Ela vai, Souf. Daqui a pouco a gente chega, meu anjo. — Ele se despediu e desligou.

— Não vou e ponto final. Nada que você disser vai me fazer mudar de ideia, Max. Não estou suportando olhar na sua cara — falei, antes que ele viesse com papo.

— São sete horas ainda. Sofia dorme rápido, pouco depois do começo das histórias. Trago você de volta assim que ela dormir.

— A resposta é não — asseverei.

— Por favor, Olívia? — ele pediu. — Não estou tentando transar com você. É só por Sofia, eu juro.

— Não. Não e não, Max. — Mantive meu posicionamento.

— Meu Deus, nem por uma criança? — chantageou ele.

— Para de usar a menina, cretino. Eu já disse que não vou, porra! Agora vá embora da minha casa, caralho! — bradei.

Ele soltou um suspiro derrotado.

— Tudo bem.

Pegou a bermuda e a vestiu. Guardou o celular no bolso e se aproximou para beijar minha bochecha.

Dei um passo para trás. Ele me fitou com uma expressão triste e se despediu com um "boa noite, Olívia". Então, foi embora e me deixou sozinha com a minha própria dor.

Eu tinha acabado de sair do banho quando me arrependi amargamente de tê-lo mandado ir embora. Um relâmpago iluminou os azulejos do banheiro, e eu corri feito louca até o quarto.

Na ânsia de procurar refúgio, acabei soltando a toalha que estava enrolada em meu corpo, deixando-a pelo caminho.

Pulei na cama assim que cheguei ao quarto e subi os lençóis até a cabeça no momento exato em que o som pavoroso retumbou.

Eu disse que não estava brincando sobre o meu pavor de tempestades!

Estava faminta, mas não sairia dali enquanto não parasse de trovejar.

Trovões e mais trovões ecoavam, me deixando em pânico. Comecei a choramingar de medo. Meus olhos estavam apertados, e eu agarrava os lençóis com força.

Meu celular começou a tocar em cima do criado-mudo, mas eu não tinha coragem de esticar o braço para pegá-lo. Além disso, essas coisas atraíam raios.

Rajadas de vento faziam a porta de vidro tremer, e o barulho da chuva caindo era ensurdecedor.

Lágrimas inundavam minhas bochechas, e ruídos incompreensíveis escapavam da minha garganta.

Pressionei o lençol contra o rosto e acabei sentindo o cheiro de Max. Em outras circunstâncias, eu estaria puta, mas me agarrei àquilo e o imaginei ali, junto comigo. Quase desejei que ele aparecesse de repente para me salvar.

Mas estava sendo estúpida. Eu o tinha mandado ir embora. Nunca na vida aquele cretino sairia do conforto de sua casa para resgatar a prima postiça que o enxotou.

A verdade é que eu estava vivendo um pesadelo e estava sozinha, completamente sozinha.

Mal pensei isso e senti um peso sobre a cama, o que fez minha espinha gelar.

Não que eu acreditasse que fosse um espírito maligno ou uma assombração. Primeiro, porque nenhuma das duas coisas possuía um corpo para fazer o colchão afundar. Segundo, porque, eu já disse, não tenho medo dessas coisas. E, terceiro, podia muito bem ser um bandido, outra coisa pavorosa.

Por isso, soltei um berro e comecei a rezar, mesmo não sendo uma pessoa religiosa. Na hora do sufoco, a gente apela para todos os santos.

— Ei! Sou eu, Olívia, calma! — ele disse, puxando o lençol devagar.

Desembrulhei a cabeça e fitei o rosto de Max. Suas sobrancelhas estavam franzidas, e ele parecia morto de preocupação.

Sentei de repente e o abracei, apertando-o com força e chorando convulsivamente em seus ombros.

Sua camiseta estava cheia de marcas d'água, mas ele estava cheirando a limpeza, e seu cabelo úmido tinha cheiro de xampu.

— Shhhhhh... Estou aqui. — Max afagou meu cabelo com uma mão e apertou minha cintura com a outra.

Fui parando de chorar e de soluçar e me afastei dele, arrastando a bunda até encostar as costas na cabeceira.

— Tá fazendo o que aqui, cretino? — Limpei o rosto e funguei, fazendo minha melhor expressão de "não me lembro do mico que acabei de pagar na sua frente, então vá se foder".

— Eu estava preocupado com você. — Ele se aproximou e acariciou meu rosto.

— Não preciso da sua preocupação. Ou da sua pena. Pode voltar para o puteiro onde você estava — respondi.

— Olívia, você está careca de saber que Sofia está lá em casa — ele disse, sério.

— Se não fosse isso, você estaria cercado de putas. — Dei de ombros.

Ele passou a mão na barba com impaciência.

— E você deixou a menina sozinha com essa tempestade lá fora? Ela deve estar morta de pavor! — berrei.

— Souf é comportada e não tem medo de tempestades. É uma menina corajosa, ao contrário de umas e outras. — Ele deu uma risada.

— Não sou uma menina. — Argumentei como pude.

— Sei disso, senhorita Olívia. Sei muito bem. — Max me fitou, umedecendo os lábios e abrindo um sorriso malicioso.

Uma onda de calor oscilou em meu corpo inteiro.

Meu Deus, como ele conseguia me deixar em chamas com apenas um olhar e um sorriso?

— Prometi a Souf que enfrentaria a chuva e te levaria comigo. Vamos. — Max me encarou com uma expressão que me alertava a não discordar.

— Não vou. Nem fodendo. Você não manda em mim — falei, puta com aquela postura autoritária que me irritava e, ao mesmo tempo, me deixava louca de tesão.

— Olívia, você quer mesmo ficar sozinha? Os trovões pararam, mas podem voltar a qualquer momento. A luz pode ir embora... — advertiu, tentando me amedrontar.

E conseguindo! Ai, meu Jesus Cristinho! Não tenho medo de escuro, mas escuro e trovões na mesma frase são outros quinhentos! E se a luz fosse mesmo embora? Era só o que faltava! Será que tia Ercília tinha vela em casa?

Meu Deus, falando em tia Ercília e vela, eu precisava ir visitá-la no cemitério! Ia no dia seguinte, sem falta. Falando sério dessa vez.

— Eu não vou, Max. Pode ir embora. Não preciso de você pra nada — falei, mesmo cagando de medo de ficar sozinha. Não ia dar o braço a torcer. Não ia. Não ia!

— Olívia, por Deus! Nós não vamos transar! Tem uma criança na casa! Deixa de ser teimosa e venha. — Max se levantou e puxou meu lençol. — Caralho! Você tá pelada, porra...

— Até parece que você nunca viu, cretino. — Levantei-me da cama, com o ânimo renovado para provocá-lo.

— Porra... Meu Deus, Olívia... — Sua voz estava alterada, e ele franzia o cenho enquanto mordida o lábio. — Retiro tudo o que eu disse sobre não transarmos.

Max se aproximou, e eu dei um passo para trás.

— Nunca mais, Max.

— Nunca mais o quê? — ele perguntou, encurtando novamente a distância.

— Nunca mais vou transar com você — expliquei.

— Já ouvi isso antes. Você não resiste, priminha. — Ele deu um sorriso malicioso, com os olhos pregados em mim.

Fiquei puta, mas disfarcei a ira com um sorriso pretensamente simpático.

— Mudei de ideia. Estou indo. — Abri o guarda-roupa, analisando minhas possibilidades.

— Não... Primeiro uma rapidinha... — ele propôs.

— A resposta é não, Max. — Peguei um vestido rosa-claro de algodão e o vesti.

— Vai ser difícil transar lá em casa. Vamos aproveitar agora, prima.

— Max, escuta direitinho, escuta. — Fiquei na ponta dos pés e sussurrei em seu ouvido. — Nunca mais vou transar com você.

Mas senti aquele cheiro maravilhoso de homem limpo e tive que dar um beijo em seu rosto, bem no canto do lábio, o que fez meu coração enlouquecer dentro do peito.

Infelizmente, eu queria beijá-lo. Meu Deus, como eu queria!

Ele rapidamente uniu nossos corpos e puxou meu lábio inferior enquanto subia meu vestido para apalpar minha bunda.

— Você está morrendo de tesão, tanto quanto eu, senhorita Olívia — falou, pressionando a ereção na minha barriga e aproximando a boca da minha, pronto para me beijar.

Meu coração se confrangeu, e eu estava quase me rendendo quando a cena nojenta que vi pela janela da vidraça estralou em minha mente.

Afastei-me dele e, ofegando, falei:

— É melhor a gente ir. Sofia está sozinha. — Calcei minhas Havaianas e comecei a caminhar em direção à porta.

Max me puxou pelo braço e disse:

— Você não pode ir sem calcinha.

Abri um sorriso cheio de más intenções.

— Posso, primo. Posso tudo o que eu quiser.

MAX

A chuva estava forte pra caralho. Apesar do guarda-chuva, Olívia e eu chegamos praticamente ensopados.

Sofia estava na sala, vendo desenho animado no sofá.

— Oi, Olívia! O tio Max foi te salvar! Ele é um príncipe!

— Oi, Souf! — Olívia cumprimentou. — Ah, sim, com certeza. Um príncipe! — falou, usando um tom irônico.

— Viu, tio Max, eu fiquei bem quietinha aqui. Nem levantei nem mexi em nada. Eu sou uma princesa boazinha e vou ganhar uma piscina de bolinhas do Papai Noel no Natal. Você acha que eu mereço, né, tio Max?

— Acho, meu anjo. Fica só mais um pouquinho aí, o tio vai levar a prima Olívia para se secar, tá bom?

Sofia assentiu, e Olívia e eu subimos.

— Só gostaria de deixar claro que você não é um príncipe, Max Vetter — ela disse, assim que chegamos ao banheiro. — Só se parece fisicamente com um.

— E o que isso quer dizer, senhorita Olívia? — perguntei, retirando duas

toalhas limpas do armário.

Ela ficou em silêncio, e eu entreguei sua toalha, esperando a resposta.

Ergui uma sobrancelha em indagação, e ela finalmente respondeu, enquanto se secava:

— Quer dizer que você é um ogro por dentro, e não é um ogro legal como o Shrek.

Dei uma risada, começando a me secar também.

O banheiro estava me engolfando em lembranças da manhã anterior, levando-me de volta ao momento daquele beijo assustadoramente perfeito.

— Olívia... — comecei, sentindo minha garganta ficar apertada.

A chuva abrandara, e os trovões haviam cessado. Estávamos imersos em um silêncio perturbado apenas pelas nossas respirações pesadas.

Afastei seu cabelo, observando a mancha vermelha em seu pescoço. Estava louco de vontade de beijá-la. Aproximei a boca, mas ela virou o rosto.

Porra. Eu queria dizer coisas a ela. Queria explicar a história do boquete, mas não sabia como. Eu estava, inexplicavelmente, obcecado por Olívia.

Como confessar que permiti aquilo apenas para tentar parar aquela obsessão quase doentia que eu estava sentindo por ela? Era assustador, porra. Não queria mais ninguém, queria passar todo o meu tempo com ela, queria tanto beijá-la que meu peito ardia. Queria tocá-la, queria que ela fosse minha, só minha.

Isso era obsessão, certo?

— Preciso de você, prima — falei, repousando a mão em sua nuca e deixando o polegar passear em sua bochecha.

Naquele momento, eu precisava dela. Precisava de verdade.

— Por quê, Max? Por que você precisa de mim? — ela perguntou, olhando fixamente em meus olhos.

— Eu... Não sei — respondi. — Acho que estou... — Minha garganta estava seca, e meu coração golpeava a caixa torácica com força. — Acho que estou obcecado por você.

— Obcecado? — ela disse, parecendo frustrada. — Tem certeza de que essa é a palavra?

Porra! Era essa a palavra! Que outra palavra definiria melhor o desejo de tê-la só para mim ou a minha falta de vontade de estar com outras mulheres (o que, diga-se de passagem, era tão assustador que eu nem queria pensar com clareza a respeito).

— Acho que a palavra é exatamente essa. Eu... Só penso em você, Olívia. O tempo inteiro. E... Não consigo nem quero estar com mais ninguém. Isso é bastante esquisito.

— O que é bastante esquisito, Max, é você me dizer isso poucas horas depois

de deixar aquela vagabunda te chupar. Você estragou tudo, babaca. Eu nunca mais conseguiria tocar no seu pau, nem se eu quisesse. E eu não quero.

— A culpa é toda sua! — explodi.

— Minha? — ela perguntou indignada. — Você deixa aquela piranha te pagar um boquete e a culpa é minha? Pode me explicar como isso é possível? — Olívia deu uma risada.

— Você fez alguma coisa comigo, Olívia! Aquela sua magia vocal fodeu a minha cabeça. Precisei sair de lá antes de enlouquecer de vez. Fui pro quarto, pra ficar sozinho, mas não adiantou porra nenhuma, porque você foi comigo, caralho. Eu não conseguia parar de pensar em você. Eu só queria me livrar do som da sua voz e de tudo. Aí, Drica apareceu. E eu achei que conseguiria, mas pensei em você o tempo todo enquanto ela...

— Cala a boca, Max! — ela gritou.

— Eu... Pensei em você o tempo inteiro — sussurrei, colando nossas testas.

— Você é um idiota — ela disse a centímetros da minha boca.

— Eu sei — falei, aproximando-me para beijá-la.

— Não, Max — refreou.

Senti um ligeiro tom de indecisão e insisti:

— Só um beijo, Olívia. Preciso te beijar.

Eu estava praticamente implorando por um beijo e estava me fodendo para isso. Queria tanto beijá-la que seria capaz de implorar de joelhos.

É, eu sei. Estava muito, muito obcecado por Olívia Dutra.

— Devia ter pensado nisso antes de colocar o seu pau na boca *daquelazinha* — ela disse e se afastou de vez. — Vamos descer. — Olívia me entregou a toalha e começou a sair do banheiro.

Ela me destroçou.

Então isso era rejeição? Doía tanto assim? Porque eu me sentia partido ao meio...

— Vou trocar de roupa — falei, mal ouvindo a minha própria voz. — Quer uma camiseta emprestada? — ofereci.

— Não estou tão molhada assim — ela disse, alisando o vestido cheio de manchas d'água.

— Vem, deixa de ser orgulhosa. — Puxei-a pela mão e a levei até o quarto.

Abri o *closet* e comecei a procurar algo pequeno o bastante para deixar aquelas coxas completamente à mostra, mas, meu Deus, eu nunca encontraria nada tão pequeno assim ali dentro. Que porra!

Peguei uma camiseta qualquer e entreguei a ela.

— Posso me trocar no seu banheiro? — perguntou.

Qual era o sentido de emprestar uma camiseta a uma garota se você não ia vê-

la se trocar na sua frente?

Isso. Nenhum.

— Acho que já passamos da fase dos falsos pudores, senhorita Olívia — falei.

— Posso ou não, Max? — insistiu.

— Pode, porra — falei, irritado.

Ela foi até lá e trancou a porta. Tirei as roupas úmidas e as substituí por uma camiseta cinza de algodão e um short azul-marinho de malha.

Olívia saiu do banheiro usando a minha camiseta azul-clara. Ficava grande demais e quase cobria tudo das coxas, mas, ainda assim, puta que pariu, era a coisa mais *sexy* que eu já tinha visto. E saber que ela estava sem sutiã e sem calcinha por baixo daquilo estava me deixando ensandecido.

— Deixei o meu vestido lá, para secar. Tem problema? — perguntou.

— Você tá muito gostosa — falei, sentindo o pau empurrar a malha do short. Porra, eu ia ter que colocar uma cueca. — Pelo amor de Deus, prima, só um beijo? — implorei.

— Tem problema? — ela repetiu, ignorando meu pedido.

— É claro que não, caralho! Você vai ou não vai me dar a porra do beijo? — explodi.

— Não, Max — ela respondeu calmamente.

— Então vai pra porra! — xinguei, tirando o short.

— O que você está fazendo? — perguntou, alarmada.

— Colocando a porra de uma cueca, porque, duro desse jeito, vai ser difícil esconder meu pau de uma criança de seis anos — expliquei, abrindo a gaveta.

— Posso escolher? — ela perguntou, usando um tom malicioso, e se aproximando de mim.

— Caralho, Olívia. Assim não dá, cacete! — reclamei.

Ela se posicionou ao meu lado e enfiou a mão debaixo da minha camisa, arrastando-a até a base do pau, sem tocá-lo.

— Por favor? — pedi.

— Por favor o quê, Max? — perguntou, ficando nas pontas dos pés para beijar minha bochecha.

— Preciso de você... — confessei.

Estranhamente, eu não estava me sentindo patético. O desejo de estar dentro dela era tão grande que estava me devorando, consumindo todo o meu orgulho e tudo o que me afastava da única coisa que me importava naquele momento.

— Você está implorando? — ela sussurrou no meu ouvido, acariciando meu peito sob a camiseta.

— Estou, porra. Estou implorando — falei, completamente rendido àquela obsessão maluca que me deixava com a porra dos miolos desajustados.

— Então continua implorando, primo. Quem sabe um dia. — Ela se afastou, e aquelas palavras me atingiram como um soco no estômago.

Enquanto eu continuava lá, inerte, sentindo a dor do desprezo, Olívia fuçava minhas cuecas.

— Quero esta. — Ela me estendeu uma *boxer* branca e ficou me fitando.

— Não sou a porra do seu fantoche, Olívia — falei, pegando a cueca branca e trocando-a por uma preta.

— Te dou um beijo se você vestir a branca — ela barganhou.

— Já que você vai me beijar, é melhor que eu esteja pelado. Facilita as coisas — falei, sorrindo maliciosamente.

— Só vou dar o beijo se você estiver vestido. Infelizmente, não consigo olhar para o seu pau sem ver aquela cadela te chupando.

O remorso chacoalhou meu sangue, e eu vesti o caralho da cueca branca.

— Pronto — anunciei.

— Short. — Ela indicou a peça no chão.

Fiz uma careta e vesti o caralho do short.

— Pronto, porra. Agora, vem cá.

Enlacei sua cintura, mas, antes que eu chegasse aos lábios, Olívia colocou os dedos na minha boca e disse:

— Você acreditou mesmo na minha palavra, primo? Devia ter me pedido para assinar um contrato ou algo do tipo, doutor.

— Olívia, já chega! — bradei, impaciente. — Estou realmente, muito, muito torturado mesmo — falei, caprichando na expressão de pobre-coitado.

— Ai, que peninha, Max. Só que não. — Ela abriu um sorriso sacana.

— Você está me castigando pelo boquete? É só por isso?

— Só por isso? — Ela se afastou.

— Meu Deus, você beijou Tito, Olívia! Eu te flagrei no colo do desgraçado!

— Você quer comparar um amasso a um boquete, Max? É isso o que estou ouvindo? E se Thomas tivesse me chupado, como você reagiria?

— Não fala uma porra dessas nem de brincadeira, caralho!

— Viu? Há um abismo de diferença entre um beijo e um boquete!

— Eu já estou cansado de discutir essa merda. Já falei que estava pensando em você, que estava tentando te esquecer, porra! E não consegui nem com outra mulher me chupando. Já falei que não consigo tirar você da porra da minha cabeça! O que mais você precisa ouvir, Olívia? Que eu chamei o seu nome enquanto gozava? Pronto! Chamei a porra do seu nome enquanto gozava. Está satisfeita agora? Quanto a você e Tito, o que teria acontecido se eu não tivesse chegado? Você teria transado com ele? Porque eu não tinha a menor intenção de transar com Drica. Era só a porra de um boquete. E o seu amasso? Era só a porra

de um amasso?

— Isso não vem ao caso. — Ela cruzou os braços.

— Não vem ao caso? O seu telhadinho de vidro não vem ao caso? Mas a porra do boquete vem ao caso! Deixa de hipocrisia, Olívia. Nós dois fizemos merda. Estou disposto a esquecer a sua se você esquecer a minha.

— Eu só fiz a minha porque você fez a sua! — alegou.

— Isso é que não vem ao caso! — exclamei.

— Não vem ao caso? É claro que vem ao caso! A minha nunca teria acontecido sem a sua, Max! — contra-argumentou.

— Isso é você quem diz. Mas estava lá, toda excitada enquanto ele passava protetor no caralho das suas costas! Acho que isso foi bem antes do meu boquete! Ou estou enganado? — ironizei.

— Eu não estava excitada!

Soltei uma risada incrédula.

— Pra cima de mim, Olívia? Estava exatamente como está agora — falei, apontando seus mamilos eriçados sob a camiseta.

— Isso? É por causa do frio. Está chovendo, caso você não tenha notado.

— Claro, e é a porra do frio que está me deixando assim também. — Peguei no meu pau duro e dei uma balançada.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, nos fitando. Eu não fazia ideia de que discutir com uma mulher dava tanto tesão. Estava tão duro que poderia gozar com umas duas metidas. Naquele momento, eu daria uma das minhas bolas por uma trepada rápida e suada com aquela gostosa.

— Pelo amor de Deus, a gente transa e resolve essa porra. Você está me matando.

— Nem tudo se resolve com sexo, cretino.

— Isso aqui, sim. — Aproximei nossos corpos e beijei seu pescoço. — Diga sim, senhorita Olívia, e, no segundo seguinte, estarei enterrado em você. — Apalpei seu peito por cima da camiseta e continuei espalhando beijos em seu pescoço e rosto.

— Não, Max... — ela balbuciou quando rocei os lábios nos dela.

Ignorei e dei um beijo em seus lábios fechados. Mordisquei o lábio inferior e o puxei em seguida. Então, falei:

— Você também sente, senhorita Olívia? Essa coisa... Aqui. — Coloquei a mão em seu peito. Seu coração batia tão freneticamente quanto o meu.

Ela imitou o gesto e abriu um sorriso ao notar minhas batidas aceleradas.

Estávamos assim, um com a mão no peito do outro, quando ouvimos Sofia chamar, provavelmente do banheiro:

— Tio Max?

— Não. Não. Não. Não! Porra!

Grudei meus lábios nos de Olívia e a beijei, mesmo correndo o risco de ser flagrado. Beijei como se fosse o último beijo da minha vida.

Puxei suas coxas e a ergui, sorvendo seus lábios com paixão enquanto apertava sua pele. Queria poder deitá-la e...

— Olívia?

Merda, eu precisava descê-la antes que Sofia se aproximasse demais. Só mais um segundo.

— Tio Max?

Porra!

Desci Olívia no momento exato em que Sofia apareceu na porta.

— Ah, vocês estão aí! *Tava* demorando, tio Max. Por que a sua boca tá molhada, Olívia? E a sua, tio Max?

— Estávamos escovando os dentes, meu anjo — falei, limpando a boca com o dorso da mão.

Olívia fez o mesmo.

— Mas a gente ainda vai comer pizza e tomar sorvetinho! — ela lembrou.

— Ah, é mesmo... Tinha esquecido. Então vamos descer. Ainda preciso ligar para a pizzeria.

— Eba! Eu gosto mais da de muçarela! E você, Olívia? — Souf segurou a mão de Olívia e foi guiando-a para fora do quarto.

Puto da vida, peguei a carteira e o celular e as acompanhei pelas escadas.

Meu Deus, a noite ia ser longa.

— A gente pode ver *Frozen* enquanto o moço não traz a pizza, tio Max? — perguntou Sofia, assim que desliguei o telefone.

— E se eu contasse logo a historinha? Eu acho que é melhor — propus, torcendo para que ela aceitasse e caísse no sono no primeiro parágrafo.

— Ah, a historinha é na hora de dormir, tio Max! — Ela bateu os bracinhos nas pernas com impaciência.

— Você não está com sono? — investiguei.

Sofia balançou a cabeça negativamente.

— Mas nem um pouco? — insisti.

— Nem um pouquinho! — exclamou.

— Eu acho que a prima Olívia tem que decidir o que a gente faz primeiro, Souf. Ela é nossa convidada. — Olhei para Olívia, pedindo misericórdia com o olhar.

Ela captou perfeitamente a minha expressão sofrida, porque concordou com Sofia, rindo maquiavelicamente para mim, enquanto falava:

— Vamos ver *Frozen*, Souf! Eu adoro a musiquinha "Livre Estou". O tio Max podia cantar pra gente, né? — sugeriu, prendendo o riso.

— Oba! A gente pode cantar juntos! Com a Elsa! — Ela bateu palminhas. — Vou lá no meu quarto buscar meu DVD. — Sofia correu e, assim que ela saiu do meu campo de visão, agarrei Olívia.

— Por que você não concordou comigo, porra? — perguntei, sem conseguir esperar pela resposta.

Segurei seu rosto com as duas mãos e abri espaço entre seus lábios com a língua.

Puxei-a para o sofá e a coloquei no colo, enfiando a mão debaixo da camiseta sem parar de beijá-la. Espalmei a mão em sua barriga e desci para a boceta, massageando seu clitóris. Deslizei os dedos para baixo, levando umidade para cima. Ela estava tão molhada, e eu estava tão duro que...

— “A neve branca brilhando no chão... Sem pegadas pra seguir... Um reino de isolamento... E a rainha está aqui!” — Ouvi os passos de Sofia nas escadas e sua voz entoando os primeiros versos daquela música infernal.

— Caralho! — praguejei, dei um último beijo em Olívia e a coloquei ao meu lado no sofá.

Peguei uma almofada e a posicionei estrategicamente no colo exatamente quando Sofia deu um pulo no último degrau.

Meu Deus, ainda bem que eu nunca teria filhos! Não ia suportar essas interrupções do caralho o tempo todo!

— Por que você escovou os dentes de novo, tio Max? — perguntou, aproximando-se com o DVD numa mão e o maldito boneco de neve de pelúcia na outra.

— Souf, você gosta mais da Elsa ou da Ana? — Olívia desconversou, secando discretamente a boca.

Aproveitei para limpar a minha, soltando vários palavrões mentais.

— A Elsa é legal, mas a Ana é muito legal. E o Olaf é o mais legal de todos! — respondeu, entusiasmada, mostrando o boneco a Olívia.

Eu já tinha perdido as contas de quantas vezes tive que assistir àquilo. Sofia, infelizmente, nunca enjoava daquela porra. Eu já sabia até as falas da rena muda!

Coloquei o DVD e, quando voltei para me sentar, vi que Sofia estava sentada ao lado de Olívia, bem no meio do sofá, de modo que sobrava a outra ponta para mim.

— Souf, quer trocar de lugar com o tio? — perguntei, torcendo para que ela dissesse que sim.

— Ah, tio Max, eu quero ficar perto da Olívia — ela disse, fazendo um biquinho.

Porra, eu também quero!

— Então você pode trocar de lugar com a Olívia, ainda vai ficar perto dela — sugeri.

— Ah, mas também quero ficar perto de você, tio Max! — Ela abriu um sorriso tão bonitinho que, por um segundo, tive vergonha do meu egoísmo e das minhas intenções pecaminosas.

Mas, no instante seguinte, quando bati os olhos nos peitos de Olívia naquela camiseta, lamentei o fato de que não poderia torturá-la o filme inteiro.

Em vez disso, o torturado seria eu.

Joguei-me no assento, puto da vida, e apertei o *play* no controle remoto.

Apoiei o cotovelo no braço do sofá e deitei a cabeça na mão, preparando-me para passar aproximadamente duas horas imerso em tédio absoluto.

A porra do filme já começava com uma música ridícula, a qual eu, infelizmente, sabia de cor.

Estava naquela posição entediante, desejando que aqueles blocos de gelo se soltassem e esmagassem os miolos dos trabalhadores da neve, quando senti aqueles dedinhos de brasa no meu pescoço.

Endireitei-me imediatamente e procurei os olhos de Olívia, mas não os encontrei.

Ela mantinha a atenção no filme enquanto seu braço esticado no encosto do sofá alcançava a parte de trás do meu pescoço e seus dedos acariciavam meu cabelo.

Meu Deus, como aquilo era bom...

— O Sven pequenininho é tão fofo, né, tio Max? Né, Olívia? — perguntou Sofia, olhando de mim para Olívia.

— Anrã... — Nós dois balbuciamos juntos.

Sofia começou a tagarelar sobre como o Kristoff criança se parecia com não sei quem que estudava em sua sala, mas eu não estava ouvindo um caralho do que ela estava falando.

Estava imerso em meus próprios pensamentos e nas sensações provocadas pelos movimentos sutis de Olívia em meu cabelo.

Aquela coisa que eu sentia não podia ser normal. Estava morto de tesão, mas queria deitar a cabeça em seu colo e queria que ela afagasse meu cabelo para sempre. E desejava fazer o mesmo por ela. Meu Deus, eu queria afagar o cabelo daquela bruxa indiana tanto quanto queria fodê-la.

— Souf, será que eu posso me sentar ao lado da prima Olívia? Só um pouco? — Tive que pedir, eu estava enlouquecendo. A distância de alguns palmos era

demaís para suportar.

— Ah... — ela reclamou. — Tá bom. Mas só um pouquinho mesmo, tio Max.

Meu Deus, eu estava mesmo disputando Olívia com a minha sobrinha de seis anos?

Assim que me sentei ao lado de Olívia, senti uma onda de completude dominar meus sentidos. Precisei me controlar para não beijá-la.

— Vem cá, prima. — Puxei-a para perto, incentivando-a a apoiar a cabeça em meu peito.

Então, inclinei o pescoço e beijei seu cabelo enquanto meus dedos brincavam em sua nuca.

Ficamos assim até que o cara da pizza chegou.

Embora não precisasse, chamei Olívia para me ajudar, dizendo a Souf que voltávamos logo.

Deixei a porra do DVD rodando, assim o martírio acabava mais depressa.

Estava chovendo, então pedi para que Olívia esperasse na garagem e abri o portão sozinho. Peguei a pizza, paguei o cara e, quando ele foi embora, caminhei alguns passos e abri a porta do carro. Coloquei a pizza em cima do painel, peguei uma camisinha no porta-luvas e abri a porta traseira.

Convidei Olívia com um olhar. Ela aceitou com um sorriso e abriu a outra porta.

— Não vamos transar, Max, vamos só... — começou, assim que entramos.

Não dei tempo para que terminasse. Comecei a beijá-la e a apalpá-la por baixo da camiseta.

— Tira essa porra — falei, mal reconhecendo minha própria voz.

Minha garganta estava seca, meu peito doía, e a respiração estava tão ofegante que eu me sentia a porra de um adolescente transando escondido dos pais.

A diferença era que eu era a porra de um homem feito transando escondido da sobrinha.

Enquanto Olívia tirava a camiseta, eu me livrava da minha, atirando-a no chão do carro.

— Sempre me surpreendo com o quanto você é gostosa, porra. — Beijei seus peitos enquanto minhas mãos passeavam por suas coxas. — Não aguento mais, Olívia, eu preciso... Preciso... — falei, alternando palavras e beijos em sua pele.

Ela esticou a mão até meu pau e o pressionou, alisando a extensão da base à cabeça.

— Porra... — Puxei o ar entre os dentes. — Se não vai me deixar te comer, não sacaneia, caralho!

— Cala a porra da boca e me come — ela disse, puxando o elástico do short junto com o da cueca.

— Quer me matar, cacete? — Terminei de me livrar daquilo e rasguei a embalagem, colocando a camisinha em segundos.

Posicionei-a no assento e comecei a entrar, deixando escapar um palavrão seguido de um gemido.

Abaixei a cabeça para beijá-la, enquanto afundava ainda mais, entrando e saindo devagar.

Mas o tesão era tanto que logo estava metendo com força, apertando sua pele e mordendo seu lábio.

Porra, eu ia gozar. Poderia gozar no próximo segundo. Tirei o pau e coloquei de novo. Dei uma controlada, diminuindo o ritmo enquanto me deliciava com a textura de seus lábios carnudos.

Ela entrelaçou as pernas nas minhas costas, afundando os dedos em minha pele e gemendo em minha boca.

Aqueles gemidinhos estavam me matando. Voltei a estocar e tirei o pau no último momento, impressionado com o meu descontrolo.

— Não tira, porra — ela choramingou, apertando minha bunda.

— Se você não parar de gemer gostoso assim, eu vou gozar gostoso pra caralho — avisei, mordendo seu pescoço. — Vem cá.

Puxei-a para cima, sentando-me no banco. Ela se acomodou lentamente enquanto trocávamos saliva, gemidos e suspiros.

Aquilo era libertação e, ao mesmo tempo, encarceramento. Eu me sentia livre, mas mais condenado a cada centímetro.

Quando nossas coxas se encontraram, Olívia começou a subir e descer rapidamente.

Estávamos arfantes, mas nossos lábios não se separavam, e nossas mãos incansáveis percorriam cada parcela de nossas peles empapadas.

De repente, a luz que vinha do poste e que iluminava fracamente o interior do carro foi engolida pela escuridão total e completa.

No instante em que consegui processar que a luz tinha ido embora, ouvi o grito de Sofia.

— Mas que desgraça! — praguejei.

Olívia se levantou, já procurando a camiseta no interior do carro. Tateei à procura da minha e a vesti.

— Espera aqui, prima. Volto para te buscar. Tem medo de ficar no escuro, senhorita Olívia? — perguntei, enquanto tirava a camisinha e colocava o short, sem a cueca mesmo.

— Vai tomar no cu, Max! É óbvio que não!

— A menos que apareça algum rato, barata, sapo, bandido ou comece a trovejar, certo? — pirraei, beijando sua bochecha e saindo do carro.

— Cretino! — ela gritou, enquanto eu fechava a porta.

Caminhei às escuras, tentando tranquilizar Sofia com o som da minha voz.

Quando a alcancei, ela estava chorando copiosamente.

— O tio está aqui, meu anjo. — Abracei-a, pegando-a no colo. — O Príncipe Felipe veio salvar a Princesa Aurora. A princesa não tem mais por que chorar. — Afaguei seu cabelo enquanto pegava o celular em cima da mesa para iluminar o caminho até a cozinha.

Andei até lá e acendi uma vela. Deixei a cera gotejar em um pires e uni os dois objetos.

— Cadê a Olívia, tio Max? — ela perguntou, secando os olhinhos, ainda com uma voz chorosa.

— Vamos resgatá-la minha linda. Isso é uma Operação Resgate. Quer ser minha ajudante?

— Oba! Eu quero! — ela exclamou.

— Então sobe aqui. — Coloquei o celular no bolso do short e a vela em cima do balcão e posicionei Sofia em meu pescoço.

Voltei a pegar a vela e comecei a caminhar até a garagem.

— Você pode ser o Aladdin salvando a Princesa Jasmine, tio Max! E a gente faz de conta que a vela é a lâmpada mágica! — disse Sofia, com as mãozinhas no meu cabelo.

— Souf, mas eu não sou o seu Príncipe? Você não quer mais que eu seja o seu príncipe, Sofia? — perguntei, fingindo mágoa.

— Eu acho que você gosta da Olívia, tio Max — ela disse de repente.

Meu coração parou por um instante, e minhas pernas congelaram, incapazes de dar mais um passo.

— Como assim? Quero dizer, é claro que gosto, Souf. Somos primos.

— Não, tio Max. Acho que você gosta da Olívia igual o papai gosta da mamãe. Porque o papai também faz aquilo com a mamãe.

Caralho! Porra! Ela tinha visto alguma coisa? Meu Deus...

— Do que você está falando, Sofia? — perguntei com cautela.

— Aquela coisa com os dedos — ela respondeu.

Que coisa com os dedos?

Porra, que coisa com os dedos?

Dedos onde?

Na boceta de Olívia?

Eu mal sentia meus ossos, e meu estômago estava revirado. Sofia tinha visto aquilo! Puta que pariu!

— No cabelo dela — completou, como se estivesse lendo meus pensamentos.

Soltei um suspiro de alívio.

— Não, Souf, aquilo... É uma coisa que... É uma coisa normal, meu anjo.

Era uma coisa normal entre duas pessoas com um tesão da porra uma pela outra, certo? Eu já tinha feito aquilo com outras mulheres, é claro...

Tá, eu nunca tinha feito uma porra daquelas. Mas Olívia era diferente porque... Ela era minha "prima". Ou seja, além da coisa física que havia entre nós havia também essa coisa mais... Sei lá, mais... Passional?

Não consigo pensar em uma palavra para isso, para essa insanidade que tem se apoderado de mim como a porra de um espírito maligno.

Não estou me reconhecendo, esse não sou eu, caralho!

E é tudo culpa da porra da obsessão. Preciso parar um pouco para pensar nisso tudo. Preciso organizar meus pensamentos e, metodicamente, descobrir a causa.

— Então posso deixar o Matheus fazer aquilo no meu cabelo, tio Max? — Sofia perguntou, me tirando dos meus devaneios.

— Não! — gritei. — Não, meu anjo, porque você é criança — abrandei o tom. — Crianças não fazem essas coisas.

— Criança não pode fazer nada! — ela reclamou, provavelmente cruzando os bracinhos, já que notei que ela tirou as mãos da minha cabeça.

— Basicamente — respondi. — Souf, você não pode falar nada disso pra Olívia, entendeu?

Mulheres têm sérios problemas com essas coisas. Vivem confundindo tesão com amor. Se Sofia soltasse uma porra daquelas para Olívia, ela poderia pensar que era verdade e, então, eu estaria na merda, porque, é claro, não tinha nada ver.

— Que você gosta dela? — perguntou.

— Eu não gosto dela, Sofia! Meu Deus, de onde você tirou... Eu não gosto dela assim, Souf. Entendeu? Você não pode falar uma coisa dessas pra Olívia, tá bom?

— Você podia namorar *com* ela, tio Max. Ia ser tão legal! Você ia ser feliz para sempre, e eu ia ter priminhos e...

Jesus! Sofia às vezes falava cada besteira! Culpa do puto do Plínio, que não sabia criar uma criança! E de Suze, que vivia enchendo a cabeça da menina de histórias surrealmente românticas e felizes.

Não, essa parte era culpa minha. Malditos livros de história infantil! Ia rasgar toda aquela merda!

Eu já estava amargamente arrependido de ter acariciado Olívia daquele jeito. Não deveria, de jeito nenhum, ter sucumbido à vontade de afagar o cabelo da bruxa indiana!

Mas era tão macio... E tinha sido tão bom... Tão bom que eu tinha vontade de morrer fazendo aquilo... Eu poderia fazer aquilo para o resto da vida.

— Tio Max? — Ouvi a voz de Sofia ao longe. — Tio Max?

— Hã? Oi? — respondi, finalmente me libertando do transe.

— Eu *tava* falando dos nomes dos meus priminhos! Eu vou poder escolher, não vou?

— Sofia! — Descansei a vela na borda da janela e tirei Sofia do meu pescoço, colocando-a no chão. — Para com isso. Vamos buscar Olívia e você vai ficar caladinha, senão eu não vou te dar a piscina... Quero dizer, o Papai Noel não vai te dar a piscina de bolinhas, entendeu? Ele vai te achar uma princesa muito má se você continuar falando essa merd... Essa bobagem. Estamos entendidos?

Ela fez um biquinho e meneou positivamente a cabeça.

— Ótimo. Vem. — Puxei sua mão e andei até o carro.

Abri a porta e iluminei lá dentro com a vela. Olívia não estava lá.

— Olívia? — chamei, movimentando a luz nas imediações.

Sombras bruxuleantes formavam-se nas paredes. As copas das árvores da calçada balançavam-se com o uivo do vento. Sofia grudava-se às minhas pernas com força.

Olívia não respondia, e eu comecei a ficar desesperado. E se ela tivesse tentado sair no escuro e batido a cabeça em alguma coisa? Poderia estar desmaiada em algum lugar da casa!

— Olívia! — gritei.

— Olívia! — Sofia imitou.

— Eu falei *praquela* teimosa esperar! Que porra! — Peguei a mão de Sofia e comecei a caminhar em direção à porta da entrada.

— Fica aqui, Souf. Toma. Ilumina com o celular. O tio Max já volta.

Deixei Sofia no sofá e comecei a procurar pelo restante da casa.

— Olívia! — continuei gritando, sem conseguir esconder a aflição na voz.

Meu Deus, ela estava desmaiada! O que eu ia fazer? O que eu ia fazer sem Olívia?

Um nó gigantesco atava minhas pregas vocais, e o pires tremia em minha mão. Já estava prestes a voltar para pegar o celular com Sofia a fim de discar 192 quando senti uma mão na minha perna.

— Puta que pariu! — gritei com o susto.

Olívia caiu na risada, e eu queria xingar até sua última geração, mas a primeira coisa que fiz quando ela se ergueu foi abraçá-la com força.

— Você quer me matar de susto, porra? — falei em seu cabelo.

— A intenção era essa, primo — ela disse, ainda rindo.

— Meu Deus, Olívia! Achei que você tivesse esbarrado em alguma coisa e caído desmaiada, cacete!

— Seu coração está acelerado — observou, ajeitando o ouvido em meu peito.

— É claro, você quase me matou de preocupação, porra! Por que não me

esperou como eu mandei, caralho? — perguntei.

— Porque não sou a porra do seu fantoche, Vetter. Nem uma donzela indefesa na torre mais alta à espera do príncipe encantado — ela respondeu e se inclinou nas pontas dos pés para me beijar.

Eu estava puto da vida, mas aquele beijo roubado varreu minha irritação em um segundo.

Uma corrente dolorida engolfou meu corpo inteiro, e eu já estava considerando colocar a vela no chão e começar a fodê-la quando ouvi Sofia chamando.

Dei um último beijo em Olívia e puxei sua mão até o carro. Pegamos a pizza e voltamos para a sala.

Comemos à luz de velas. Sofia bebeu refrigerante, e Olívia e eu tomamos vinho.

Estávamos sentados lado a lado, muito próximos. Souf tagarelava sobre vários assuntos misturados, mas minha mente estava longe.

Minha mão acariciava a de Olívia, e eu não fazia ideia de que uma coisa tão simples podia me deixar com tanto tesão.

Eu estava enlouquecendo. Segurar sua mão foi o paliativo que encontrei, já que não podia beijá-la ou tocá-la como queria.

Porra, como era difícil me concentrar para não passar dos limites. Eu queria beijar seus ombros, seu pescoço, seu cabelo e suas bochechas o tempo inteiro. Mas tinha certeza de que não conseguiria parar se começasse.

— Já que a gente não pode mais ver o filme, vamos contar logo as historinhas, né, Souf? — sugeri.

— Ah, e o sorvetinho, tio Max? — ela perguntou.

— Está frio, meu anjo. Você não pode ficar gripadinha. A gente toma outro dia, tá bom?

— Ah... Então vou querer muitas historinhas!

— Tá, Souf. Quantas você quiser, minha linda.

Ela ia dormir na primeira, como sempre!

Recolhemos as taças, o copo e a caixa de pizza. Peguei mais velas e fósforos e subimos.

Faltava pouco! Em breve, Olívia seria toda minha. Meu Deus, eu estava ansioso pra caralho!

Troquei os lençóis da minha cama, ajeitei os travesseiros e comecei a montar a tenda, enquanto Olívia e Souf iam ao quarto escolher alguns livros infantis do baú.

Fiz como sempre, amarrando as pontas do lençol na cabeceira e nos pés da cama. Depois, circundei o teto improvisado com dois outros lençóis, um de cada

lado.

A diferença dessa vez era que, em vez de usar luzinhas para iluminar o quarto escuro, acendi algumas velas, espalhando-as em locais estratégicos e minimamente perigosos.

Já estava tudo pronto quando elas voltaram, trazendo a porra do baú inteiro! Meus Deus, tudo isso para ler um parágrafo!

— A gente acabou não conseguindo escolher — Olívia justificou, esforçando-se para não rir dos meus olhos arregalados. — Uau, que foda, primo! — exclamou, observando minha construção de lençóis.

— Palavra com "f"! — Sofia gritou, colocando as mãozinhas na boca. — Princesas boazinhas não podem falar essa palavra, Olívia. Eu não disse nada, tio Max. Ainda vou ganhar a piscina de bolinhas do Papai Noel, né?

— Só se continuar se comportando, meu anjo. Prima, controla essa sua boquinha suja na frente da minha sobrinha, porr... Porcaria!

Olívia deu uma risada.

— E, então, por qual historinha vamos começar, senhoritas? — perguntei, puxando o lençol para indicar a entrada.

— Aladdin! — Sofia bradou, entrando na tenda com o livro debaixo do braço.

Olívia entrou em seguida, e eu não resisti; dei uma apertada em sua bunda quando ela engatinhou para a cama.

Entrei depois dela, mas fui obrigado por Sofia a ficar no meio, já que era "o contador de historinhas".

Isso foi ótimo, porque tive que trocar de lugar com Olívia. Aproveitei para apalpá-la discretamente no processo. Meu Deus, quase sucumbi ao desejo de ficar por cima dela logo de uma vez.

Fiz questão de puxar o edredom sobre nós três, a fim de poder torturar aquela gostosa enquanto lia a história.

— Vamos lá. — Abri e posicionei o livro no peito com a mão esquerda enquanto a direita descansava em uma das coxas de Olívia. — *No Deserto da Arábia, vivia a Princesa Jasmine com seu pai, o Sultão de Agrabah, e seu tigre, Rajah. O Sultão declarou que Jasmine devia se casar com um príncipe, e logo. Mas Jasmine queria se casar por amor, não apenas para contentar seu pai.*

— Tio Max, você também vai se casar por amor? — Sofia interrompeu.

— Não vou me casar, Souf — respondi.

— Mas por quê? — Ela quis saber.

— Porque não é uma coisa legal.

— Como você sabe, se ainda não se casou?

— Sabendo. Agora deixa o tio continuar a historinha, meu anjo.

Porra, eu só queria contar logo o caralho da história!

— Você podia casar com a Olívia, tio Max... Você quer casar com o tio Max, Olívia? — Ela levantou a cabeça para ver melhor.

— Também não vou me casar, Souf. Com ninguém. Muito menos com o seu tio. — Olívia se apoiou em um dos cotovelos e, enquanto respondia, enfiou a mão sorrateiramente dentro da minha camisa, começando a me acariciar na lateral do corpo e passando para o abdome.

Meu Deus, que safada...

— Mas o tio Max é legal, Olívia! — Souf me defendeu.

— Eu sei, Souf. Muito legal, muito legal mesmo. — Ela desceu a mão, deixando os dedos ultrapassarem o início do elástico do meu short. — Continua a historinha, tio Max — falou, usando aquela voz. *Aquela*, que me deixava morto de tesão.

Precisei limpar a garganta antes de prosseguir, tentando manter a voz natural. Li mais um pouco e dei uma espiada em Sofia. Os olhos dela estavam bastante atentos.

Caralho, por que ela ainda não tinha dormido?

Olívia desceu a mão, alcançando a base do meu pau. Puta que pariu, era tortura demais.

Eu estava duro pra caralho, louco para colocá-la de bruços e meter até liberar tudo que eu tivesse de porra.

Li mais um bocado, com a mão entre as pernas de Olívia, e nada de Sofia dormir.

— Souf, você não está com sono? — sondei.

— Nem um pouquinho. Tá tão legal, tio Max! — Ela me deu um beijo na bochecha e, puta merda, senti um remorso da porra.

Endireitei o corpo e continuei contando:

— *Naquela noite, Aladdin levou Jasmine em um passeio inesquecível no tapete mágico. Voando por desertos, montanhas e mares, os dois descobriram um novo mundo. A magia e o encanto da noite fizeram com que eles se aproximassem ainda mais. Os dois estavam se apaixonando.*

Que porra de história escrota.

— Que lindo! Você é o Aladdin, tio Max, e a Olívia é a Jasmine!

— Sofia, e a porra da piscina? Quer ficar sem? — ameacei. — Desse jeito, o Papai Noel não vai te dar o caralho da piscina de bolinhas! — falei com impaciência.

Porra, eu estava falando palavrão na frente de Sofia! Aquela porra de história tinha me deixado puto pra caralho.

Ela fez um biquinho, e eu curvei a cabeça para beijar sua testa.

— Desculpa, meu anjo. Tá bom, eu sou o Aladdin. E a prima Olívia é a

Princesa Jasmine. Vou continuar a historinha, tá?

Ela assentiu, e eu prossegui:

— *"Boa noite, meu belo príncipe"*, sussurrou Jasmine, no fim do passeio. —

Que porra é essa?

— É fala da Jasmine! — Sofia exclamou, como se tivesse acessado minha mente. — Você tem que dizer, Olívia. Olhando pro meu tio Max, porque ele é o Aladdin!

— Não vou dizer isso! — Olívia riu.

— Prima, você vai mesmo deixar Sofia triste? — Fingi uma expressão indignada. Estava louco para ouvi-la dizendo aquilo.

Ela me fulminou com o olhar e falou, olhando em meus olhos:

— *Boa noite, meu belo príncipe.*

Caí na risada. Tive a porra de uma crise de riso.

— Para de rir, cretino! — Ela deu um tapa no meu braço.

— Ora, vejam só... Não sou um ogro, afinal — esnobei.

Olívia fez uma careta e mostrou a língua para mim.

Ah, se eu pudesse dar um jeito naquela língua...

— Continua, tio Max! — pediu Sofia.

— *Então, Aladdin a beijou. Ele estava tão feliz que parecia estar flutuando.*

Porra... Era exatamente como eu me sentia quando beijava Olívia. Flutuando...

— Agora você tem que beijar a Olívia, tio Max!

Meu Deus, como eu queria!

Olhei para Olívia e vi que ela estava mordendo o lábio. Eu não podia beijá-la na frente da minha sobrinha de seis anos, podia?

E se fosse um beijo comportado? Algo casto ou até mesmo um selinho?

Porra, eu não ia me contentar com a porra de um selinho!

Era melhor nem começar. Estava muito descontrolado. Poderia acabar fazendo merda.

— Sofia, deixa de ideias. Olha a piscina... — lembrei.

Continuei a história, sentindo o coração despedaçado. Eu queria ter beijado Olívia naquele momento. Mas na frente de Sofia? Meu Deus, não. Além disso, eu estava com tanto tesão que certamente não seria capaz de me controlar.

Sofia não dormia de jeito nenhum. Continuava interessada na história, fazendo comentários e interrompendo vez ou outra.

Amaldiçoei o filho da puta do Plínio, que devia estar lá, comendo a minha irmã enquanto eu lia historinha para a filha insone dos dois, louco para transar!

Depois de Aladdin, contei mais duas malditas histórias inteiras. Ela só dormiu no final do caralho do livro da princesa cabeluda.

Levantei-me devagar e a peguei no colo.

— Me espera pelada, prima — sussurrei, saindo do quarto.

Quando voltei, tranquei a porta, tirei a camisa e o short, peguei uma camisinha na gaveta do criado e abri a "tenda".

Olívia estava vestida.

— Por que você nunca me obedece, caralho? — perguntei, apoiando-me em um cotovelo para beijá-la.

— Porque não sou a porra do seu... — começou.

— Fantoche — completei, colando nossas bocas em um beijo desesperado.

Escorreguei os dedos para sua entrada úmida, massageando-a com suavidade enquanto nossas línguas se confundiam.

Porra, meu peito já estava tão comprimido que eu mal podia respirar.

— Esperei a noite inteira por isso, Olívia. Preciso de você. Preciso tanto... Não suporto mais esperar — falei, encarando-a enquanto acariciava seu rosto.

— Então não espere, Max — ela disse, subindo a mão para tocar meus lábios.

Nossas bocas se encontraram, e eu a beijei lentamente, sentindo o peito explodir e o mundo inteiro girar.

Esquadrinhei cada centímetro de sua clavícula, pescoço, mamilos e abdome, saboreando a perfeição de sua pele.

Deixei minha língua passear por sua umidade e enlaçar seu clitóris enquanto minhas mãos massageavam suas coxas.

Naquela noite, quando Olívia e eu gozamos juntos, eu entendi: não era obsessão.

Finalmente, compreendi aquela porra.

Eu me sentia flutuando e, no fundo, sabia que aquilo só podia significar uma coisa. E era uma tragédia.

Eu estava perdidamente apaixonado por Olívia Dutra.

20. O que os olhos não veem, o coração não sente

OLÍVIA

Ouvi o barulho distante da chuva e senti ondas de calor reverberando em minhas costas.

Abri os olhos e levei apenas um segundo para me situar. Tudo era branco em volta.

A tenda.

Virei a cabeça e o vi.

Meu Deus, como ele podia ser tão lindo?

Os olhos estavam fechados, e os cílios claros faziam sombras em suas bochechas. Seu braço enlaçava minha cintura, e a mão estava no meu peito direito.

Gostoso da porra... Devasso até dormindo!

O problema, aliás, era justamente esse. Max era lindo, gostoso, inteligente, engraçado, fofo (às vezes), tinha um pau maravilhoso, sabia usar maravilhosamente bem aquela pica devassa, tocava em uma banda, jogava em um time de futebol, nadava feito a porra de um nadador profissional... O desgraçado era perfeito. Mas era a porra de um devasso.

A devassidão de Max seria um bônus, se eu tivesse sido esperta o bastante para entender que o que tínhamos era apenas sexo casual. Mas eu tinha que ter feito a pior coisa que uma mulher poderia fazer na minha situação. Tinha que me apaixonar pelo devasso!

O que era para ser uma foda épica, mas não repetível, se transformou em uma sequência de trepadas fantásticas, e eu tinha sido burra o suficiente para me deixar levar pelas habilidades sexuais de Max e transformar tesão em amor.

Amor?

Eu amava Max?

Talvez fosse só uma paixonite...

Isso! Talvez eu não tivesse transformado, mas apenas confundido tesão com amor. Essas coisas acontecem frequentemente, não acontecem?

Meu Deus, eu esperava que fosse apenas paixão. Porque sabia que precisava, o quanto antes, me afastar dele. Sabia que nunca ficaríamos juntos.

Primeiro, porque Max jamais me pediria em namoro. Segundo, porque eu jamais aceitaria, mesmo se, em um mundo paralelo, ele pedisse.

Nunca daria certo. A minha vida já era uma merda sem Max como namorado. Viraria um inferno se, porventura, começássemos a namorar (é claro que estou só devaneando aqui. Por causa do sono. Esse tipo de conjectura é risível, eu sei. Mas estou só pensando merdas enquanto ele não acorda. Só isso).

Eu precisaria colocar um chip nele, teria que contratar um detetive particular para segui-lo e, é claro, um assassino de aluguel, para matar todas as putas que ousassem se aproximar dele. Ou olhar para ele.

Ou seja, eu me transformaria numa lunática obsessiva. Naquele tipo doentio de mulher possessa, absurdamente ciumenta. E, provavelmente, acabaria na cadeia. Por culpa do devasso.

Caralho, eu viraria uma Carol!

Deus, seria a ironia das ironias!

Será que eu teria coragem de destruir o carro de Max?

Sinceramente, não acho que meu ciúme chegaria a esse nível tão patológico. Carol é louca de pedra. Eu sou uma pessoa sã, é claro.

Você viu, Max disse que prestaria queixa, que ia reaver cada centavo de prejuízo se uma porra dessas acontecesse a ele.

Eu teria que me prostituir até os noventa e cinco anos para dar conta de pagar por aquela maravilhinha que ele chama de carro.

Seria foda dar umas voltas naquela belezinha. Será que ele deixaria se eu pedisse?

Estava fitando o teto branco de lençol, pensando essas bobagens, quando senti seus dedos acariciando meu peito.

— Você fica linda com essa carinha pensativa, senhorita Olívia. Está pensando em quê? — ele perguntou, a voz meio enrouquecida.

Imagina se eu digo que estava pensando se havia ou não a possibilidade de eu, sendo sua namorada, destruir seu carro por ciúme!

Em quantos segundos Max Vetter pularia da cama?

— Não posso te contar — falei, rindo.

— Você pode me contar qualquer coisa, prima. *Qualquer coisa* — enfatizou, beijando meu ombro.

Senti um arrepio por causa do beijo, mas meus ombros ficaram tensos no instante seguinte.

Porra. A história de ser médica. Aquilo eu não poderia contar. Ou poderia? E se eu simplesmente dissesse logo de uma vez?

— Qualquer coisa? — investiguei.

— Qualquer coisa — ele confirmou, transferindo os lábios para meu braço.

— Mas, se eu te contar uma coisa, você promete que não vai rir? Nem me achar ridícula?

— Eu jamais poderia te achar ridícula, senhorita Olívia. Mas não posso prometer que não vou rir. E se for algo hilário?

— Não é algo hilário. É só extremamente embaraçoso — expliquei.

— Algo extremamente embaraçoso é algo extremamente hilário, prima. — Ele riu, espalhando vários beijos pelo meu braço.

— Então não vou te contar, porra — anunciei.

— Tudo bem. Mas, quando quiser contar, vou estar aqui, pronto para rir pra caralho da sua cara. — Ele pegou minha mão e a entrecruzou na dele, dando um beijo na minha pele.

— Você é um cretino, Max — falei, puxando o braço.

— Você ama esse cretino. — Ele sorriu e me abraçou, afundando o rosto no meu pescoço.

Senti sua ereção na minha bunda e, imediatamente, minha resistência foi para o espaço.

— Nos seus sonhos, querido — respondi, fingindo que a proximidade entre nossos corpos não estava me afetando.

— Confessa, senhorita Olívia, você está apaixonada por mim — ele disse, beijando a região abaixo da minha orelha.

Dei uma risada, embora quisesse estapear aquele babaca presunçoso!

— Confesso se você confessar primeiro, primo — provoqueei.

— Eu confesso — ele falou, dando um beijo em meu pescoço.

Meu coração parou entre um gemido e outro.

— Confesso que estou apaixonado pela sua boceta — ele completou, descendo o braço esquerdo e levando os dedos para o meio das minhas pernas, constatando o quanto eu já estava molhada. — E é recíproco — disse, mordiscando o lóbulo da minha orelha.

— Minha boceta está apaixonada pelo seu pau, Max. Não por você — esclareci.

— Tanto faz. — Ele mudou de posição, colocando-me de bruços sobre os lençóis macios.

Então se sentou em minhas coxas, massageando meus ombros. Suas pernas musculosas flexionadas imobilizavam as minhas.

O pau se posicionava entre as duas metades da minha bunda, e aquilo estava me matando.

Comecei a suspirar e gemer, sentindo o toque ligeiramente áspero e quente de suas mãos, que percorriam minha pele enquanto ele se inclinava para espalhar beijos deliciosos na linha da minha lombar, até o final.

Eu podia sentir seu saco colado na minha boceta, que ficava mais úmida a cada nova pressão suave exercida por suas mãos ou a cada toque de seus lábios

em minhas costas.

De repente, ele segurou o pau e o esfregou na minha umidade, deixando um gemido alto escapar.

— Eles estão apaixonados, prima... Eu acho que deveriam ter um encontro digno, sabe... Sem barreiras — falou, esfregando mais um pouco e gemendo junto comigo.

Deus, aquilo era tão bom... Tão bom...

Uma vozinha cochichou no meu ouvido que ia dar merda. Eu quis mandá-la ir se foder, mas acabei me agarrando à razão.

— Para com essa porra, filho da puta — falei, sem convicção alguma.

— Só mais um pouco... — Ele posicionou a cabeça na entrada.

— Ai, meu Deus... — gemi.

Putá merda, como eu queria que ele metesse! Mas precisava impedi-lo! E só tinha um jeito.

— Você quer ser pai, porra? — perguntei.

— Você quer me broxar, caralho? — Ele parou imediatamente, esticando o corpo para alcançar a gaveta do criado-mudo. — Você sabe como cortar meu barato, hein, prima? — disse, voltando à posição e rasgando a embalagem.

— Alguém tem que usar a porra da cabeça, já que você está usando só a de baixo!

— Olívia, você já viu o tamanho do meu pau? É preciso muito sangue para manter o mastro de pé. Não sobra nada para a cabeça de cima.

Prendi os lábios para não rir e falei, fingindo desdém:

— Só não é maior que o seu ego, cretino.

— É, tem razão. Porra, nem o meu superpau ganha do meu superego. — Ele fez uma pausa curta. — Prima, meu superpau e eu vamos tentar te comer sem camisinha o tempo inteiro. Se você deixar, a culpa vai ser toda sua, não nossa.

— Cala a boca, Max — falei, rindo. — Você fala demais. Não é à toa que Sofia... — comecei.

— Estou colocando a porra da camisinha! — ele me interrompeu. — Acha que é fácil desenrolar o látex por essa extensão toda?

Não aguentei. Tive uma crise de riso.

— Para de rir, porra, isso aqui é uma transa. — Ele apertou minha bunda, afastando as bandas.

— Não está havendo transa nenhuma... — Dei uma risada. — Oh, Deus... — Soltei um gemido quando ele entrou repentinamente.

— E agora, senhorita Olívia? Vai continuar rindo? — Max sussurrou em meu ouvido, depois de se deitar sobre as minhas costas, apoiando as mãos no colchão.

— Desgraçado... — balbuciei, sentindo-o sair e entrar devagar enquanto

beijava meu pescoço, afastando meu cabelo com uma das mãos.

Ele voltou a se apoiar totalmente na cama, e eu entrelacei meus dedos nos dele, unindo-os.

Sua cabeça estava próxima da minha. Podia ouvir sua respiração acelerada a centímetros do meu ouvido enquanto ele aumentava a intensidade das metidas, começando a estocar.

Eu gemia alto pra caralho com aquelas estocadas gostosas, competindo com o som da chuva lá fora e com o barulho de sua pélvis chocando-se contra a minha bunda.

— Você vai acordar a Sofia, porra — ele disse, diminuindo o ritmo e beijando meus ombros, deixando sua língua degustar minha pele enquanto seu pau entrava e saía vagarosamente, me levando à loucura.

Então, ele deu mais algumas estocadas e se retirou de dentro de mim, arrastando os lábios pelas minhas costas até chegar à bunda, agarrando-a com as duas mãos e erguendo-a para chupar minha boceta.

Eu rebojava em sua boca, gemendo e chamando seu nome enquanto ele afundava os dedos em minha pele, apertando minha carne com força.

Max subiu os lábios, traçando com a língua quente e úmida um caminho central até o início das minhas costas, alternando entre lambidas e beijos, enquanto suas mãos serpenteavam pelas laterais do meu corpo, encontrando abrigo debaixo dos meus peitos.

Sua boca estacionou em minha nuca, e eu uni nossas mãos, sentindo o corpo inteiro tremer.

Ficamos assim por alguns segundos, até que ele se ergueu e, flexionando as coxas sobre a minha bunda e espalmando as mãos no início da minha coluna, voltou a entrar em mim, metendo com força.

Então, ele levou uma mão ao meu ombro e agarrou uma banda da minha bunda com a outra, sem parar de estocar.

Gemíamos alto e juntos, completamente arfantes.

Max diminuiu o ritmo novamente, umedeceu o dedo e enfiou a ponta no meu cu, apertando minha bunda com as duas mãos, alternando entre metidas suaves e intensas.

A sensação de submissão estava me enlouquecendo. Quando ele começou a estocar novamente, passei a gemer ainda mais alto, ciente de que o orgasmo se aproximava:

— Oh, Max... Oh, Deus... Ai, seu puto... Eu vou gozar, porra...

— Goza, gostosa! — Ele deu um tapa na minha bunda e, meu Deus, gozei descontroladamente.

Max apalpou a região dolorida com força e estocou mais duas vezes, gozando

alto na última metida.

Instantes depois, curvou o corpo e deu um beijo no meio das minhas costas, retirando-se de dentro de mim.

Continuei na mesma posição, incapaz de mover um músculo. Ele tirou a camisinha e se deitou ao meu lado. Inclinou a cabeça e começou a beijar minha pele, acariciando minha bunda ardida.

— Adoro esse som que você faz — disse, quando soltei um suspiro de satisfação, aconchegando-me nos travesseiros.

— Já conhece meus sons? — perguntei, deitando-me de costas para fitá-lo.

Max estava apoiado em um dos cotovelos e sorria para mim.

Ai, Deus, não era um sorriso presunçoso! Era um sorriso diferente, doce, puro, que alcançava seus olhos.

— Conheço seus sons e a expressão que você faz quando está gozando, senhorita Olívia — ele falou, afastando uma mecha do meu cabelo para acariciar o meu rosto.

— E como é a minha expressão? — perguntei, fazendo círculos com o indicador em seu peito.

— Linda — ele respondeu, passando o polegar em meus lábios.

Max me olhava de um jeito que fazia meu coração dar piruetas.

Parei de acariciar seu tórax e subi a mão para seu maxilar, deixando meus dedos brincarem com a aspereza de sua barba loira e curta.

Toquei seus lábios e fechei os olhos, estudando o formato perfeito de sua boca. Ele segurou meus dedos e beijou cada um. Então se inclinou e entreabriu meus lábios com os dele.

Minha pele arrepiava-se com o deslocamento suave de sua mão, que subia da minha barriga para os meus peitos.

Nossas línguas embaralhavam-se preguiçosamente, e estalidos delicados misturavam-se ao som de nossos gemidos e arquejos breves.

Max mordiscou meu lábio inferior e perguntou, interrompendo o beijo:

— Toma banho comigo, prima?

— Ai, meu Deus! Hoje é segunda, porra! — gritei, já me sentando. — Max, você tá atrasado!

— Não vou pro escritório hoje. — Ele se sentou também e me abraçou por trás, afundando a cabeça em meu pescoço.

— É seu dia de folga? — perguntei.

— Se eu quiser que seja, é — respondeu, beijando minha bochecha. — Podemos passar o dia inteiro juntos, o que acha?

— Tá falando sério? — indaguei, sem acreditar no que estava ouvindo.

— Não quero fazer nada além disso. — Ele preencheu as mãos com meus

peitos.

Encostei a cabeça em seu ombro, entregando-me às sensações provocadas por seu toque.

— E Sofia? — perguntei.

— Puta que pariu! — Ele se afastou e pegou o celular para checar as horas. — Precisamos deixá-la na escola em meia hora. Vem, vamos tomar banho. — Max segurou minha mão me guiou até o banheiro.

Era enorme e chique pra caralho. Quando fui trocar o vestido, na noite anterior, fiquei um tempão babando naquela banheira imensa de hidromassagem.

Max ligou o chuveiro e agarrou minha cintura, unindo nossos corpos e lábios.

Passamos mais tempo nos beijando e trocando carícias debaixo do fluxo intenso de água morna que efetivamente tomando banho.

Coloquei meu vestido rosa-claro, embora não estivesse completamente seco, e voltamos para o quarto.

Max entrou no *closet*, e eu fiquei observando-o se vestir.

— Cinza é, definitivamente, a sua cor, primo — falei, contemplando-o em uma boxer cinza-clara.

O volume poderoso preenchia a cueca, e o tecido ajustava-se à perfeição àquelas coxas musculosas.

O devasso era uma obra diabolicamente planejada. Tudo naquele homem dava água na boca. O desgraçado era um gostoso da porra... Tanto fazia a porra da cor, e o cretino devia saber que ficaria gostoso até usando uma cueca fluorescente com bolinhas alaranjadas.

Ele abriu aquele sorriso torto e se virou, pegando uma calça jeans da arara.

Admirei aquela bunda maravilhosa. Meu Deus, que bunda... E as costas? Jesus... Os braços... Ai, Senhor...

Ele vestiu a calça jeans, e eu não aguentei. Puta que pariu...

Como lidar com aquilo?

— Tá querendo me matar, cretino? — perguntei, aproximando-me para tocar aquele abdome deliciosamente sarado.

Max me puxou pela bunda e começou a me beijar ferozmente, deixando-se cair na poltrona que ficava no canto, levando-me para cima dele.

Ele beijava minha boca, meu queixo e meu pescoço, com as mãos espalmadas na minha bunda.

Caralho, Sofia chegaria atrasada se não parássemos com aquilo!

Interrompi o beijo e saí de seu colo.

— Tá louco, porra? Sua sobrinha vai se atrasar! — exclamei, pegando uma camiseta azul e atirando em seu peito. — Veste!

— Não sou a porra do seu fantoche, senhorita Olívia! — Ele deu uma risada,

levantando-se.

Então, trocou a camiseta que eu escolhi por uma preta, vestindo-a em seguida.

Aquelas camisetas todas eram a perfeita definição de "tanto faz". O desgraçado ficava lindo usando todas as cores, e eu jamais conseguiria definir com qual delas ele ficava mais gostoso.

Mas, particularmente, eu preferia a versão *birthday suit*.

Quando chegamos ao quarto de Sofia, levamos um susto. Ela não estava na cama.

Max já estava desesperado quando ouvimos risadinhas infantis vindo do andar de baixo.

Seguimos o som e acabamos na cozinha, onde uma Sofia enfiada em uma saia pregueada e uma camiseta azul-clara se empanturrava de cereal.

— Olha, veja só, Sofia, Aladdin e a Princesa Jasmine finalmente saíram do Palácio! — Thomas exclamou, caindo na risada. — Bom dia, casal!

— Casal é seu cu, Tito. Acho bom você não encher a porra do meu saco porque a porra da cena de ontem ainda está gravada na porra da minha cabeça, filho da puta — Max despejou, aproximando-se de Sofia. — Bom dia, meu anjo. — Ele abrandou o tom, curvando-se e dando um beijo em seu cabelo.

— Oi, Souf. Bom dia! — cumprimentei, beijando sua bochecha. — Bom dia, Thomas. — Aproximei-me dele e dei um beijo em sua bochecha também.

— Bom dia, Liv. — Ele me beijou de volta, apoiando-se em minha cintura.

— Que porra é essa, Olívia? — Max rosnou. — Não quero você perto desse filho da puta, porra! — Ele me puxou, afastando-me do abraço de Thomas.

Eu queria ficar puta com a folga do devasso, mas, meu Deus, ele ficava ainda mais gostoso possessivo daquele jeito.

— E você, desgraçado, da próxima vez que encostar na minha garota, eu vou arrancar o caralho do seu braço e enfiar na porra do seu rabo — ameaçou.

Ele tinha dito "minha garota"? Ai, meu Deus! Eu estava tendo um miniataque cardíaco! E já tinha começado a construir castelinhos cor-de-rosa, como a porra de uma garota pateticamente apaixonada.

Thomas riu tanto que precisou se apoiar nos joelhos.

— "Minha garota?" Meu Deus... É o fim do mundo como nós conhecemos! Fugam para as colinas! — exclamou, rindo.

— Isso foi a porra de um modo de dizer, cacete! — Max pisoteou nos meus castelinhos.

Caralho, quando eu tinha me tornado tão ridícula? Precisava me recompor! Estava careca de saber que Max e eu não tínhamos a mínima chance juntos. Então, por que alimentar a vã esperança de que ele sentia algo por mim?

Patético.

Max Vetter era só um babaca arrogante, acostumado a ter todas as vontades atendidas. E aquela possessividade toda era só seu egoísmo se manifestando.

— Tio Max tá nervoso. — Sofia deu uma risadinha. — O tio Tito disse que você vai pedir pra namorar *com* a Olívia, tio Max! E que eu vou ter priminhos! — Os olhinhos de Sofia brilharam.

— O tio Tito é um pau-no-cu, minha linda. — Max afagou o cabelo de Sofia enquanto fuzilava Thomas.

— O que é um pau-no-cu, tio Max? — ela perguntou, enfiando uma colher de cereal na boca.

— Se você procurar a definição no dicionário, meu anjo, vai encontrar “Thomas Theloni” e uma foto do seu tio — Max respondeu.

— Vou bater pra Plínio o que você anda ensinando pra Sofia — Thomas falou, fingindo seriedade.

— Conta, sua rapariga. — Max mostrou os dois dedos do meio para Thomas, posicionando-se estrategicamente atrás da menina, para que ela não visse o gesto obsceno.

Meu ex-colega caiu na risada.

— Souf, termina rapidinho, meu anjo, porque estamos atrasados — pediu o devasso.

— Tá bom, tio Max. — Ela se concentrou na tigela, comendo mais apressadamente.

— Bom, puto, eu levaria Sofia à escola, pra facilitar pro seu lado, mas estou sem carro e você não deixa ninguém dirigir o...

Max tirou a chave do bolso e a atirou para Thomas.

— Aproveita. Vai ser a primeira e última vez. Prenda Sofia direito na cadeirinha e dirija devagar — falou, abraçando minhas costas. — O que você quer de café da manhã, prima? — perguntou, beijando minha bochecha.

— O que você quiser, primo — respondi, virando a cabeça para depositar um beijo em seus lábios.

Era tão bom sentir o calor de seu corpo, o aperto daquele abraço, o gosto daquela boca... Ai...

— Preciso de uma testemunha ou vou achar que estou enlouquecendo. — Thomas nos fitava, boquiaberto, com a chave do carro na mão. — Caralho, eu não acredito que o que Plínio me contou ontem era mesmo verdade, porra! Achei que era zoeira! Então você...

— Sofia, vá escovar os dentes — Max o interrompeu, incinerando-o com um olhar fulminante.

— Já terminei! Tô indo, tio Max! — Souf se levantou e saiu correndo.

— E você, filho da puta, vá tirar a porra do carro da garagem.

— Vou falar pro diabo ir preparando o tridente! — Thomas explodiu em uma gargalhada.

— Para de falar merda e suma da minha frente, caralho, antes que eu perca a porra da paciência! — Max bradou.

Thomas continuou rindo, mas encaminhou-se para a saída.

— Não quero você dando beijo no rosto de macho, Olívia. Muito menos no de Tito — ele disse, assim que Thomas saiu.

— É mesmo? — perguntei.

— É — ele respondeu.

— Foda-se — cantarolei, equilibrando-me nas pontas dos pés para beijá-lo.

Max segurou minha cintura e riu, puxando meu lábio inferior.

— Já falei que adoro essa boquinha suja? — perguntou, tocando meus lábios com os seus e enredando sua língua na minha.

O beijo se intensificou rapidamente, e ele me ergueu, sem deixar de me beijar, sentando-me no balcão e colocando-se entre minhas pernas.

Nossas línguas engalfinhavam-se, e minhas unhas pressionavam aquelas costas esculpidas.

Suas mãos afundavam em meu pescoço jogado para trás, e sua boca sorvia a minha com determinação.

Suspiros intensos fugiam de nossas gargantas e refugiavam-se na junção de nossos lábios.

Cedo demais, ouvimos os pulinhos de Sofia nas escadas e nos afastamos. Desci rapidamente da bancada, passando a mão na boca e ajeitando o vestido.

— Tchau, Olívia! Tchau, tio Max! — Sofia entrou na cozinha, com a mochila nas costas.

— Boa aula, meu anjo. — Max se abaixou e beijou sua testa.

— Tchau, Souf. — Dei um beijo em sua bochecha.

— Prima, vou levar Sofia até o carro. O puto do Tito não vai saber afivelar a cadeirinha direito. Espera sentadinha aí — pediu, pegando a mão de Sofia.

Assenti, e ele foi.

Pouco depois que Max se afastou, comecei a ouvir uma conhecida voz ao longe.

Today I don't feel like doing anything

I just wanna lay in my bed

Don't feel like picking up my phone

Eu tinha deixado meu celular no quarto. E o som ia aumentando exponencialmente:

So leave a message at the tone

'Cause today I swear I'm not doing anything

Nothing at all

Não era Max, então não era ninguém importante.

Mas minha curiosidade não me deixaria em paz. Saí da cozinha correndo e subi as escadas voando, seguindo aquela mesma lógica: "e se fosse outra herança?".

Atendi sem checar o visor, com medo de que parasse de tocar:

— Alô?

— Liv? — Um cara de voz desconhecida perguntou.

— Isso. Quem está falando? — indaguei.

Puta que pariu, era outra herança!

— Beto, amigo de Max. *Personal trainer*, lembra?

Droga, não era.

— Ah, oi, Beto! Desculpa, atendi sem conferir o número.

— Sem problemas, gata. Então, fiz questão de ligar pessoalmente pra dizer que consegui um horário para a sua avaliação. Uma pessoa desmarcou, e consegui te encaixar. Pode ser hoje às 18h?

Ai, caralho... E agora?

— Liv? — Beto chamou, e eu percebi que tinha ficado muda.

— Pode — falei no impulso. — Estarei lá.

— Ótimo. É só chegar e dizer seu nome na recepção.

— Combinado.

— Então até mais tarde, linda.

— Até mais tarde — desliguei.

Eu estava de costas quando levei um susto com a voz de Max e deixei o telefone cair.

— Estava marcando encontro com quem, porra? — ele rosnou.

— Que susto, caralho! — exclamei, abaixando-me para pegar o telefone.

— Assustou por quê? — perguntou, soando nitidamente desconfiado.

— Porque você apareceu do nada, né, Max! Droga, não estou achando a tampa! — Fiquei de quatro no tapete e olhei debaixo da cama.

— Gostei da visão. Já pode ficar assim pra sempre, prima — ele disse, e pude visualizar seu sorriso devasso.

Avistei a tampa do celular e me deitei no chão para pegá-la.

Estiquei o braço e tateei às escuras.

Senti uma coisa úmida na ponta dos dedos e recuei a mão, soltando um berro.

— Um sapo! — gritei, levantando-me em segundos e me atirando em Max.

— Um sapo, prima? Debaixo da cama? — O desgraçado caiu na risada.

— Tem um sapo lá, Max! — insisti, subindo na poltrona, esperneando e soltando grunhidos de medo.

Max meneou a cabeça, rindo do meu chique, e se abaixou para olhar debaixo da cama.

— Não estou vendo nada. Só a sua tampa — ele enfiou o braço e a puxou, colocando-a sobre o tapete — e uma coisa — falou, voltando a mergulhar o braço debaixo da cama —, que não sei o que é...

Então, ele puxou a coisa e me encarou, lívido.

21. Quem faz a fama deita na cama

MAX

Um segundo. É o tempo necessário para que uma manhã perfeita se transforme em uma verdadeira desgraça.

Uma mulher indefesa em cima de uma poltrona leva apenas um segundo para se transformar em um furacão de proporções cataclísmicas.

Naquele segundo catastrófico, mirando a expressão estarecida no rosto de Olívia, eu sabia que ela não acreditaria em mim. Sabia que a merda havia sido lançada na porra do ventilador, e ia voar para todos os lados.

Tinha ciência de que minha bolha de felicidade havia acabado de estourar e, embora eu fosse inocente, a culpa era toda minha.

Levantei-me devagar, mal sentindo os ossos do corpo, e fitei seus olhos decepcionados.

— Olívia... — comecei, largando aquilo no chão. — Eu não transei com ela.

Queria que ela percebesse, pelo tom da minha voz, o quanto eu estava desesperado por um voto de confiança. Mas sabia que não merecia um.

— Você é inacreditável, Max! Inacreditável! — ela gritou, descendo de cima da poltrona. — Se não transou com aquela piranha, pode me explicar o que a calcinha nojenta do biquíni daquela puta estava fazendo debaixo da sua cama? Apareceu aí como? Em um passe de mágica? Eu não acredito que transei com você de novo! Meu Deus, como eu sou estúpida! — Ela começou a sair do quarto.

— Drica deixou isso aqui de propósito, porra! Pra me foder! Eu... Me deixa explicar do início, Olívia — pedi, puxando seu braço.

— Acho que ela te fodeu direitinho, filho da puta! Me solta, Max! — exigiu, puxando o braço.

Soltei, antes que ela se machucasse.

— Olívia, por favor, me deixa explicar! Por favor, eu... Eu me importo com você, prima. Estou dizendo que não transei com ela! Você não pode me crucificar antes de ouvir o que eu tenho a dizer!

— Não posso te crucificar? — Ela deu uma risada. — Você é um devasso assumido! Tenho todo o direito de te crucificar!

— Mas eu não transei com ela! Olívia, eu não transaria com Drica nem se ela fosse a última mulher na face da Terra!

— Ah, mas chupar seu pau com aquela boca de puta ela pode! Tudo certo! — Ela levantou as mãos em um gesto irônico de rendição.

— Eu já expliquei essa porra, caralho! Essa desgraça de boquete está acabando com a porra da minha vida! É a raiz dessa discussão dos infernos! Tudo por causa de um boquete em que eu imaginei você o tempo todo! — Levei as mãos à cabeça, deslizando-as até entrelaçá-las na nuca.

— Não era a porra da minha boca, Max. Só estou avisando, para o caso de você não ter notado — alfinetou.

— Eu sei, porra! — explodi, liberando os braços. — Eu só estava tentando te esquecer! Mas não consigo, caralho, e isso está me matando! Você está me matando... — falei, aproximando-me dela, encurralando-a na parede e colando nossas testas.

Nossos ombros subiam e desciam com intensidade enquanto ouvíamos nossas próprias respirações alteradas.

— Olívia, eu... — Toquei seu rosto, deixando o polegar passear em seu lábio inferior.

Caralho, meu peito estava em chamas, e as palavras aglutinavam-se em minha garganta, intraduzíveis.

Eu não sabia exatamente o que queria dizer, só precisava me livrar daquele acotovelamento de vocábulos indistintos.

— Eu acho que eu... — continuei, sentindo a textura de seu lábio na ponta do dedo.

Porra, eu não podia acreditar no que estava prestes a dizer.

Eu tinha ficado louco?

Refreei as palavras no último minuto, engolindo-as com força e mandando aquele nó apertado para a puta que pariu.

— Eu acho que eu mereço ser ouvido — falei, por fim, afastando-me para conseguir clarear os pensamentos.

— Tudo bem — ela disse, depois de alguns instantes me fitando em silêncio. — Vamos averiguar as habilidades persuasivas do Doutor Max Vetter. Explica, Doutor, quero ouvir a sua eloquência — farpeou, caminhando alguns passos e sentando-se na poltrona com as pernas cruzadas, mantendo a postura propositalmente ereta e uma expressão desafiadora.

Porra... Eu amava aquele sorriso mordaz, aquela sobrancelha arqueada, as coxas destacadas no vestido, as mãos pequenas entrecruzadas nos joelhos, o jeito que seu pé balançava com impaciência...

Amava como ela se agigantava, com toda aquela personalidade leonina, mesmo parecendo tão frágil quanto um filhotinho de gato.

Adorava seu senso de humor, seu sarcasmo e sua audácia.

E aquela voz... A acidez de seu tom acariciava meus ouvidos e fazia brotar em meus lábios um sorriso ridículo.

Meu Deus, eu estava mesmo apaixonado por Olívia!

O termo "apaixonado" soava como um gongo na minha cabeça, anunciando a ocorrência de uma tragédia.

Eu me sentia como um pobre-diabo sendo acompanhado pelo carrasco a caminho da forca ou da guilhotina.

A palavra representava algo esquisito e confuso, mas o sentimento era cristalino. Não sabia precisar o momento exato em que aquela porra acontecera, mas tinha acontecido, e a certeza disso era terrivelmente esmagadora.

— Tá rindo do que, bocetudo? Você vai ou não vai começar seu discursinho mentiroso de advogado? — perguntou e, inevitavelmente, meu sorriso se alargou. — Para de rir e começa logo, porra!

Caralho... Por que ela tinha que ser tão linda? Tão gostosa e tão boca-suja?

Limpei a garganta, obrigando-me a dizer alguma coisa ante aquele olhar graciosamente ameaçador.

Aquele seria o momento em que eu afrouxaria o nó da gravata, se estivesse de terno.

— Bem, vamos começar do início — falei, organizando mentalmente a ordem dos fatos.

— Parabéns pela genialidade, Doutor! — Olívia começou a bater palmas.

— A Doutora aqui é você, prima — falei, sorrindo maquiavelicamente.

Ela parou de bater palmas na hora e ensimesmou-se.

— Resumidamente — comecei, aproveitando a guarda baixa —, eu me levantei quando você estava tocando e vim para cá. Drica me viu passar e veio atrás, sem qualquer incentivo de minha parte. Ela entrou no quarto e bateu à porta do banheiro, onde eu estava. Foi quando eu tive a ideia de... Bem, você sabe.

— Não, Max. Eu não sei. Qual foi a sua ideia? — perguntou calmamente.

Soltei um suspiro cansado.

— Tive a ideia de usá-la para... Você sabe.

— Não, Max, eu não sei — repetiu, com uma pontada de irritação.

— Para tirar você da porra da minha cabeça! Eu já disse, caralho, e não vou repetir essa merda. Foi a última vez — declarei.

Olívia abriu um meio-sorriso.

— Então, eu abri a porta, e ela já estava pelada. O biquíni e aquele vestido estavam no chão, em cima do tapete. Como eu não transo com mulher nenhuma aqui...

— E eu sou o quê? — ela interrompeu, erguendo uma sobrancelha.

— Diferente — respondi. — Você é... Diferente, Olívia. Eu nunca tinha transado com uma mulher mais de uma vez, até você aparecer. Nunca tinha transado com ninguém aqui, até ontem. Com você, tudo é diferente.

Ela me encarou com uma expressão impassível. Não consegui identificar se tinha acreditado em mim.

— Bem — limpei a garganta de novo —, então eu saí daqui e fui para o quarto mais próximo, que é o da vidraça. E aí...

— Não preciso dos detalhes — ela disse, seca.

— Quando... Quando terminou, voltamos para cá. Esperei na porta até que ela se vestisse e...

— Se você esperou que ela se vestisse, Max, como foi que o biquíni daquela vagabunda foi parar debaixo da sua cama?

Parei para pensar nisso. Porra, como eu não percebi que Drica...

— Caralho... — Levei a mão à testa, lembrando-me subitamente.

O telefonema. O encontro que marquei com Brenda, a gostosa da academia. Havia me esquecido completamente dessa porra.

Puxei o celular do bolso e confirmei minhas suspeitas. Várias ligações perdidas de "Brenda (pretendo comer)". Voltei a guardar o aparelho.

— E então? Já descobriu o momento exato em que, segundo você, aquela coisa asquerosa foi plantada? — Olívia perguntou, fitando a calcinha vermelha no tapete.

— Meu telefone tocou. Acho que me distraí durante a conversa. Quando desliguei, Drica já estava usando o vestido.

— Devia ser uma saída de praia, Max, e não um vestido — corrigiu.

— Tanto faz, porra. Então, ela já estava com aquilo e... Como é que eu ia saber que estava sem a parte de baixo?

— Saídas de praia costumam ser transparentes... — ela falou, analisando as unhas com uma calma estudada.

— Mas não era, porra! E... Eu devia saber! Drica saiu do quarto com uma expressão estranha, satisfeita. Eu percebi e ignorei.

— Você pode me explicar o que ela ganharia deixando uma calcinha debaixo da sua cama? Na hipótese improvável, é claro, de você estar dizendo a verdade.

— Olívia, eu estou — falei, sustentando os olhos nos dela. — E... Eu não sei! — Dei de ombros. — Ela é obcecada por mim, vive no meu pé.

— Já percebi, "Delícia". — Ela caprichou no desdém.

Prendi os lábios para não rir.

— Qual é a graça, cretino? Eu não estou vendo nenhuma! — ela gritou.

— Você fica ainda mais linda com ciúme, prima — falei.

— Ciúme de você? Eu não tenho ciúme de você, Max! — Ela deu uma

gargalhada.

— Não? Então por que estamos tendo essa conversa? — Ergui uma sobrancelha em indagação.

— Só por que você mentiu descaradamente para mim, e eu não suporto mentiras!

— Não suporta mentiras... Interessante. — Abri um sorriso maldoso enquanto via sua expressão se aterrorizar.

Eu sabia tudo sobre Olívia, graças às informações do investigador que contratei. Estava ciente de seus problemas financeiros e de todas as dificuldades que ela havia enfrentado para se virar sozinha.

Quando ela mentiu, dizendo que era médica, não consegui esconder o espanto.

Primeiro, fiquei chocado. Por que ela havia mentido?

Presumi que fosse por algum tipo de vergonha, e isso me irritou. Eu admirava sua força. Sua luta diária para sobreviver sozinha era motivo de orgulho, e o fato de que ela preferiu esconder de mim uma parte tão importante de sua vida me deixou surpreso e simultaneamente puto.

Então, em um ato infantil de vingança, ajudei-a a alimentar a mentira, e tenho feito isso até agora. Comecei só pela diversão em vê-la se enrolando cada vez mais no que inventou.

Mas continuei porque, além de poder usar isso como uma arma para me proteger de seus argumentos, não consigo contar que já sei. Na verdade, eu queria que ela confessasse, que confiasse em mim o bastante para dizer a verdade.

Obviamente, eu ria pra caralho da confissão. Provavelmente, não valho nada, porque, apesar de essa coisa toda me incomodar, acho tudo isso muito engraçado. E excitante.

— Por que você se levantou quando eu estava tocando? — Olívia indagou de repente, mudando de assunto.

Muito esperta. Sai pela tangente para me colocar na minha sinuca de bico.

— Isso não vem ao caso — respondi.

É óbvio que eu não ia contar. Nem fodendo.

— Eu gostaria muito mesmo de saber o motivo. — Ela descruzou as pernas, cruzando-as novamente devagar, sorrindo maliciosamente para mim.

Deixei um arquejo escapar ante a minha visão favorita.

— Eu conto se você se sentar no meu colo — propus.

Venci a distância entre nós, estaquei diante dela e estendi a mão. Olívia aceitou, e eu me sentei na poltrona, puxando-a para as minhas pernas.

Acaricieei suas coxas enquanto depositava beijos em sua pele arrepiada.

Escorreguei uma mão para debaixo do vestido, espalmendo-a em sua boceta,

— Meu Deus, prima... Isso não era para ser uma discussão? — perguntei em seu ouvido, massageando seu clitóris. — Então por que você está tão molhada, porra?

— Max... — chamou entre os gemidos.

— Estou espe... Oh, Deus... — Ela fez uma pausa, gemendo gostoso enquanto rebolava no meu colo. — Esperan... Huuuummmm... Esperando o... Max...

— Filho da... Ai, meu Deus... Gostoso... Seu gostoso... Eu...

— Nããããão... — ela resmungou.

— Não. Não sou a porra do seu... — começou.

Então a atirei na poltrona e falei, enquanto tirava a camiseta:

Joguei a camiseta no chão e fui até o criado. Peguei uma camisinha e, prendendo-a entre os lábios, fiz o caminho de volta, enquanto desabotoava a calça.

Antes que eu me livrasse de tudo, ela se endireitou na poltrona e alisou minha ereção por cima do tecido, liberando meu cacete em seguida, e deslizando a cueca pelas minhas coxas.

Olívia o soltou, levantou-se e tirou o vestido. Então, puxou o preservativo dos meus lábios e rasgou a embalagem.

— Parece que você tem experiência — comentei, já puto.

— Isso te incomoda, primo? — perguntou, levantando-se e acariciando meu peito.

— Nem um pouco — menti.

— É que pareceu, por um segundo, que você ficou meio puto — disse, enfiando os dedos no meu cabelo e pousando os lábios nos meus.

— Impressão sua, senhorita Olívia — falei, apertando sua bunda e entrelaçando nossas línguas de vez.

— Senta — ela ordenou, afastando-se cedo demais.

— Não sou a porra do seu... — comecei, irritado.

— Agora você vai ser a porra do meu fantoche, Max. Porque quero e vou rebolar gostoso no seu pau.

— Porra... — balbuciei, sentando-me rapidamente. — Vem. — Puxei sua mão, e ela se acomodou, enchendo a boceta com a minha rola.

E, então, começou a se mover, afundando os dedos em meu peito e gemendo alto.

Ajeitei a posição na poltrona e levei a mão à sua nuca, puxando seu cabelo para ter acesso à sua boca e beijando-a desesperadamente.

Desci os lábios para o pescoço, passando pela clavícula e alcançando os mamilos.

Então me afastei, comprimindo sua cintura enquanto observava aqueles peitos balançando em um ritmo sincronizado a centímetros do meu tórax.

Apalpei um deles, beijando o vão entre os dois e descendo a mão para apertar sua bunda.

Meus dedos rasgavam sua pele macia, totalmente comandados pelo tesão. Não conseguia parar de beijar e morder seu pescoço, movendo minhas mãos o tempo inteiro, deixando que se deliciassem com a abundância de curvas daquele corpo que me deixava louco.

Porra, era diferente. Eu não me sentia comendo uma mulher, embora estivesse fazendo exatamente isso. Eu me sentia... Não sei explicar.

Mas era tudo culpa daquela dor no peito, que transformava o tesão em algo distinto de tudo o que eu já havia conhecido.

Gemíamos descontroladamente, descontando a tortura na pele um do outro.

— Max... Oh, Deus... Huuummmm... Max...

Juntei nossos lábios e a beijei sofregamente, liberando sua boca no instante exato do gozo, só para observar sua expressão.

Ali, contemplando seu cenho franzido, eu soube que nunca me cansaria daquilo. Jamais me cansaria de Olívia.

Abracei-a, colando nossos corpos, e a beijei lentamente.

Deixei meus braços enlaçarem sua cintura enquanto migrava os lábios para espalhar beijos em seu rosto e pescoço.

Meu Deus, eu queria tê-la para sempre comigo, queria dormir com Olívia todos os dias da minha vida e beijar sua pele incansavelmente.

Estava morrendo de tesão, ainda dentro dela, mas nada se comparava àquilo; a tê-la em meus ombros, respirando alteradamente enquanto seus dedos acariciavam meu cabelo e meus lábios varriam sua pele.

Eu ainda estava absorvendo aquela descoberta aterradora quando Olívia se levantou de súbito, pegou o vestido no chão e começou a colocá-lo.

Fitei-a, absolutamente estupefato.

— O que você está fazendo?

— Não é óbvio? Vestindo-me e indo embora — ela respondeu, ajustando a peça no corpo.

— Mas nós não terminamos — aleguei.

— Você não terminou, Max — corrigiu.

— Não estou entendendo porra nenhuma! Não íamos passar o dia juntos?

— Íamos. Do verbo não vamos mais.

— Eu te contei a história toda! Você não acreditou em mim?

— Acreditei, Max — ela disse, sorrindo.

— Então por que quer ir embora, caralho? — indaguei, confuso.

— Acreditei em você tanto quanto acredito que um coelhinho fofo vai me trazer ovos de chocolate que não engordam no próximo domingo de Páscoa ou tanto quanto acredito que o Bom Velhinho vai, finalmente, embrulhar o Stephen Amell em um papel de presente e deixar na minha cama neste Natal.

— Quem é esse Stephen Amell, porra? — perguntei, puto pra caralho.

— Um deus, Max. Joga no Google. Agora, se me der licença, vou cuidar da minha vida. Já desperdicei tempo demais com você, cretino — ela disse, encaminhando-se para a porta.

— Então é isso? Você não vai acreditar em mim? Nem depois de toda a explicação? — perguntei indignado.

— Eu tenho cara de idiota, Max? Está escrito "otária" na porra da minha testa?

— Mas nós transamos, porra! Eu achei que... — comecei.

— Achou errado — ela me interrompeu.

— Então por que nós transamos, Olívia? — perguntei, sem entender.

— Porque você é gostoso. — Ela deu de ombros.

Encarei-a, atônito.

Pela primeira vez na vida, aquilo não soou como um elogio. Senti o peito reclamar de dor. Ela estava me tratando como um pedaço de carne.

— Dói, não dói? — perguntou retoricamente, fitando minha expressão. — Sei o quanto dói, Max. É exatamente como eu me sinto. Usada.

Meu celular começou a tocar no bolso da calça. Ignorei o som e permaneci em silêncio.

— Não vai atender? — ela perguntou.

— Não, porra! — gritei.

— Aposto que é uma das suas vadias.

Fiquei calado. Era bastante provável que fosse uma mulher.

— Vamos fazer um acordo. Se não for uma das suas vadias, eu te perdoo, de uma vez por todas. Passamos o dia inteiro juntos. Mas se for, adeus, Max. Para sempre.

Engoli em seco, passando a mão na barba. O risco era muito alto.

— Foi o que pensei — ela disse, abaixando-se e pegando meu celular.

Nem tentei reagir. Seria pior.

Olívia encarou o visor e, pela sua expressão, eu soube que estava fodido.

— Tenho certeza de que a Brenda que você pretende comer ficará felicíssima em terminar o que eu comecei. — Ela colocou o celular na minha mão com força, calçou os chinelos, pegou a chave em cima do criado e saiu do quarto.

Vesti a calça e fui atrás, disposto a tentar reverter a situação. Mas, quando cheguei à escada, estaquei.

O que eu estava fazendo? Correndo atrás de uma mulher?

Pra puta que pariu! Tudo tinha limite na vida! E eu tinha chegado ao meu. Não ia cruzar aquela tênue linha entre ser um homem de verdade e me tornar um pau-mandado.

Se ela estava pensando que me transformaria em um daqueles idiotas amestrados, estava muito enganada! Nem fodendo!

— Espero que esteja certa do que está fazendo, Olívia. Não vou aceitar um pedido de desculpas posterior — avisei, do alto da escada.

Ela parou, virou-se e disse:

— Não espere por um.

Então, terminou de descer os degraus.

Ótimo. Ela queria guerra. Teríamos uma.

OLÍVIA

Eu não ia chorar.

Se aquele cretino estava achando que me transformaria em uma daquelas mulheres choronas e patéticas, estava redondamente enganado!

Engoli o nódulo dolorido na garganta e enfiei a chave na fechadura do meu portão.

"Não choro por homem. Não choro por homem", repeti o mantra, tentando

afastar a ardência nos cantos dos olhos.

A primeira coisa que vi quando entrei foi o tubo de protetor solar todo lambuzado de lama e água de chuva no meio do roseiral.

Fui até lá e, em um acesso de fúria, lancei o vidro com força do outro lado.

Ouvi o barulho da embalagem estilhaçando alguma coisa na casa de Max e entrei em pânico.

— Ai, caralho! — exclamei, abrindo a porta da frente às cegas.

Subi as escadas correndo, ignorando os latidos de Lola, e abri a porta de vidro do meu quarto.

— Porra! Ai, meu Deus! Que merda! — As lágrimas começaram a escorrer sem aviso quando percebi que tinha acertado uma das portas francesas da área da piscina.

Boa parte do vidro gigantesco estava estilhaçada no chão.

Max veria o tubo de protetor e saberia que a obra era minha! E, então, viria tirar satisfações. E eu teria que pedir desculpas e encarar aquele sorrisinho convencido que eu tinha certeza de que ele daria!

Eu precisava sair de casa!

Ter visto o roseiral de tia Ercília me lembrou do cemitério. Procurei o cartão de seu Francismar e liguei para o taxista do telefone fixo, já que meu celular tinha ficado na casa de Max.

Então, voltei para o quarto e tirei o vestido, peguei uma calcinha e um sutiã na gaveta (não combinantes, mas em bom estado), fingindo não ver a regata de Max, e vesti.

Abri o guarda-roupa e escolhi uma calça jeans, uma blusa branca e um cardigã rosa pastel e coloquei, depois de passar desodorante.

Penteei o cabelo e calcei sapatilhas. Por fim, passei um pouco de rímel, *blush* e um batom cor-de-rosa.

Conferi minha carteira e a coloquei na bolsa junto com uma sombrinha e meu *pendrive*, que seria útil na volta.

Desci as escadas, alimentei Lola e Rodolfo e tomei café.

Estava dando a última mordida em um sanduíche de presunto quando me lembrei de que precisava levar flores!

Eu já tinha ligado para o taxista, de modo que não havia tempo para telefonar para uma floricultura.

Teria que comprar alguma coisa no cemitério mesmo. Mas, e se não tivesse floricultura no cemitério ou nas imediações?

Pensando nisso, tive a brilhante ideia de levar algumas rosas do próprio jardim de tia Ercília! Ela ia gostar, não ia?

Corri até a despensa e subi em um tamborete para alcançar a caixa de plástico

na última prateleira.

Eu não fazia ideia de como se cortavam rosas, mas não devia ser muito difícil, né? Só picotar com uma daquelas tesouras de jardinagem, que eu tinha visto dentro da caixa aquele dia...

De repente, lembranças daquela noite invadiram minha mente sem permissão.

Fiquei aérea, em cima do tamborete, pensando em Max.

Queria acreditar que ele não tinha transado com Drica, mas eu não podia cair como uma pata nas ondas daquele abdome de novo! Não podia permitir que aquela beleza diabólica me cegasse outra vez.

Eu já tinha visto muito da devassidão de Max para acreditar cegamente nele. E, além disso, eu já sabia mesmo que não daria certo.

Era melhor acabar com aquilo que havia entre nós — e que eu nem sabia o que era — antes que as coisas se tornassem ainda mais difíceis para mim.

Senti as lágrimas cutucarem meus olhos novamente e engoli o caroço.

— Você não o ama, Olívia. Você ama aquele pau. Essa besteira de amor é coisa da sua cabeça. Lá, lá, lá, lá, lá...

Estava cantarolando quando ouvi o interfone.

Meu coração deu um salto. Era ele!

Mas o cretino tinha a chave (eu precisava me lembrar, assim que o visse de novo, de exigir a devolução da cópia!), então talvez não fosse.

Ai, Deus, podia ser o taxista!

Corri e atendi. Era seu Francismar.

Merda! Eu teria que ir sem flores!

Dei uma última checada em Lola e Rodolfo, fechei a casa e saí, cumprimentando seu Francismar enquanto guardava a chave na bolsa.

Estava abrindo a porta do carro quando notei um táxi igualzinho estacionado na calçada de Max.

Segundos depois, ele saiu, completamente lindo, usando um terno azul-marinho, camisa branca, gravata fina azul-clara e uma pasta preta na mão.

— Mais tarde eu deixo na sua casa o orçamento do meu vidro, prima — disse, sorrindo torto e abrindo a porta em seguida.

Então, ele entrou no táxi e o motorista deu partida.

— Desgraçado! — gritei, mesmo que ele não fosse ouvir.

Furiosa (mas totalmente derretida pela visão daquele homem de terno), entrei no carro e fechei a porta.

— Viu, seu Francismar? Aquele *deuso* supremo que acabou de sair é o cretino de quem eu falei aquele dia — choraminguei.

Ao longo do percurso, resumi para seu Francismar os últimos acontecimentos da minha vida.

É claro que, sendo homem, ele ficou do lado de Max. Segundo seu Francismar, se um homem se importa o bastante para se explicar para uma mulher, é porque ela é uma mulher "especial".

Achei cafona esse negócio do "especial", mas não falei nada.

No cemitério, paguei a corrida e agradeci ao taxista por ouvir meus lamentos e pelas informações que pedi, sobre vários lugares da cidade, como onde ficava a academia de Beto. Seu Francismar também me disse que havia uma floricultura dentro do cemitério, o que me deixou feliz.

Comprei uma dúzia de rosas cor-de-rosa e fui direto para a quadra que seu Alberto, o moço da banca, tinha indicado como sendo o local.

Encontrei o túmulo com facilidade. Ercília Casagrande Vasconcelos Vetter e Franz Küster Vetter estavam enterrados juntos.

O epitáfio de Franz dizia: "Venerado marido, pai dedicado e avô amoroso". A lápide de tia Ercília já estava pronta: "Esposa idolatrada, devotada amiga e adorada avó".

Caí em um choro convulsivo lendo aquilo, enquanto colocava as rosas em cima da grama bem aparada.

Porra, a TPM estava acabando comigo!

— Oi, tia Ercília. Oi, avô do devasso — cumprimentei, chorando. — Gente, vocês precisam me ajudar... Aquele filho da puta está me matando! A senhora avisou, tia Ercília, eu sei. Mas a senhora foi bastante eufemística quando disse que Max era "mulherengo". Ele é um devasso incorrigível! Acho que a senhora não tinha noção do quanto. E eu, veja só, tia Ercília, acabei me apaixonando por aquele babaca. Não é hilário? — Dei uma risada chorosa. — Não vejo nada de extraordinário naquele cretino, a não ser a beleza despudorada e o tamanho do pau. Tirando isso, tia Ercília, não sobra nada! Homem extraordinário... A senhora é doida! Ele é um convencido da porra, isso sim. A senhora disse que amolecer o coração do devasso seria uma tarefa hercúlea, né? Pois tente "impossível"! O filho da puta é um comedor insaciável, tia Ercília. E eu estou tão, tão fodida por amá-lo... Quero dizer, ainda acho que pode ser só uma paixão, sabe? Coisa passageira. Só porque ele é gostoso pra caralho. Tia, a senhora não faz ideia do quanto ele é gostoso e do que ele faz com aquela arma diabólica que ele chama de pau. Se bem que, talvez, a senhora tenha alguma noção. Tia do céu, que gato que era o seu marido, hein? Boba a senhora não era! Seu Franz, muito obrigada por essa genética ariana abençoada! E por ter feito o seu filho, que, por sua vez, fez o Max. Vocês são a Tríade da Perfeição Masculina! Eu beijaria o senhor agora! Com todo respeito, tia. Aliás, seu Franz, talvez o senhor tenha sido tão cretino quanto o seu neto! Talvez, Max tenha herdado os genes devassos do senhor! É claro que eu adoro aquela devassidão toda, mas, infelizmente, a

comunidade feminina inteira também pira num devasso. E o senhor sabe o que isso que dizer, né? Que o desgraçado nada de braçadas no meio da mulherada! Falando em nadar de braçadas, tia de Deus, a senhora já viu como ele nada? Senhor...

Fiquei mais de meia hora falando daquele filho da puta. Conteí várias coisas sobre os meus primeiros dias na cidade, e até detalhei o passeio no shopping (a caça ao palhaço).

De repente, começou a chover, mas eu não podia ir embora sem agradecer a tia Ercília por tudo. Então, abri a sombrinha e fiz meus agradecimentos. Assegurei a ela de que Rodolfo e Lola estavam muito bem. Também falei que Suze, Plínio, Thomas e Sofia estavam ótimos.

Chorei mais um pouco na despedida e, lançando um último olhar às rosas golpeadas pela força da chuva, fui embora.

Saí do cemitério me sentindo tão desamparada quanto as pétalas destroçadas.

Pedi informação a um dos coveiros e segui em direção a um ponto de ônibus (estava chovendo, mas, se eu continuasse andando de táxi para cima e para baixo, logo estaria pedindo esmolas para sobreviver).

O maldito do ônibus demorou quase quarenta minutos para passar e, para piorar a situação, desci no ponto errado (graças à sonsura do cobrador, que me informou igual ao nariz dele). Por isso, precisei caminhar uns bons metros para chegar à *lan house* mais próxima da minha casa.

Meu estômago já estava roncando, mas eu precisava resolver aquilo.

Fiz uma pesquisa sobre vagas na cidade e encontrei algumas oportunidades de emprego.

Atualizei meu currículo e enviei para alguns empregadores. Imprimi algumas cópias, comprei uma pasta na papelaria da *lan house* e as guardei lá dentro. Também imprimi uma lista com nomes e endereços de locais que estavam aceitando currículos impressos.

Quando terminei tudo, faltavam quinze minutos para o término do meu horário. Matei o tempo ouvindo *covers* no YouTube.

Depois disso, caminhei uns bons quarteirões para chegar à minha casa. Tinha parado de chover, graças a Deus.

Quando cheguei, troquei de roupa e fui para a cozinha fazer meu almoço, que consistiu de: macarrão instantâneo com queijo!

Eu sei, estava me alimentando mal pra caralho e precisava voltar aos meus hábitos saudáveis.

Mas, veja que maravilha, logo mais eu começaria a academia! Como despedida, eu merecia uma panelada de macarrão com bastante muçarela.

Comi tudo vendo *Arrow* na TV a cabo de tia Ercília. Quando a assinatura

fosse cancelada, seria trágico.

Como eu viveria sem Max e, ainda por cima, sem Stephen Amell?

Chorei o episódio inteiro, mas só porque a TPM estava me fodendo seriamente (atolando no meu cu sem KY. A desgraçada nem pra cuspir servia!).

Depois do almoço, fui me arrumar para ir ao centro distribuir currículos. Estava muito tentada a ficar debaixo das cobertas, curtindo minha TPM em paz, mas precisava dar um jeito na minha vida.

Fiquei a tarde inteira fora. Cheguei por volta das 17h, atrasadíssima para a avaliação na academia.

Tomei banho voando e já saí do banheiro fuçando minhas roupas à procura de algo para vestir.

Coloquei um short-saia cinza e um top rosa. Calcei meus tênis rosa-choque e amarrei o cabelo em uma rabo-de-cavalo alto. Comi uma banana, enchi uma *squeeze* de água, peguei a bolsa e saí.

Graças a Deus, a academia não ficava muito longe (seu Franscismar tinha me explicado direitinho como chegar). Dava para ir à pé. Apressei o passo para não me atrasar demais.

A academia era um espetáculo. Coisa de gente rica. Assim que falei meu nome, uma das moças da recepção disse que eu tinha direito a maravilhosos 50% de desconto.

Às 18h, eu já tinha feito meu cadastro e caminhava rumo à sala de Beto, indicada pela recepcionista.

Estava distraída, observando aquele tanto de gente, quando Piolho se aproximou, beijando minhas bochechas.

— E aí, gata! Aprovei essa roupinha, viu... Tá gostosa pra *carai*! A anaconda aqui já acordou! — Ele se afastou para indicar o volume em seu short azul.

Meu Deus, como ele era descarado!

— Oi, Lucas. — Dei uma risada.

— Quenga, sua linda! — ele falou para que alguém que se aproximava, às minhas costas. — Mano, valeu por trazer essa beldade pro Piolhão, *vêi*!

— Tá fazendo o que aqui, Olívia?

Eu não precisava me virar para saber que Max estava de pé a centímetros de distância.

Porra... Eu devia saber que ele frequentava a academia de Beto! Que porra! Adeus, 50% de desconto! Eu teria que procurar outro lugar para malhar!

“Adeus” o caralho! Nem fodendo eu ia perder meu desconto por causa daquele filho da mãe!

Virei o corpo e o encarei.

O desgraçado estava lindo, usando uma camiseta *dry fit* cinza-escura e um

short preto.

— Que caralho de roupa é essa? — Ele ofegou, varrendo-me com os olhos.

— Estou fazendo o que se faz em uma academia, Max. E usando uma roupa adequada para tanto. Foi um prazer revê-lo, Lucas. Estou atrasada para a minha avaliação. A gente se vê, garotos — falei, afastando-me dos dois.

— Vou te colocar no seu lugar daqui a pouco, filho da puta. — Eu o ouvi dizer a Piolho em um tom ameaçador, e, então, escutei seus passos ao meu lado. — Vou com você, prima.

— Pra quê? — perguntei, dando de ombros.

— Pra fiscalizar — ele respondeu. — Viu o pacote que deixei hoje à tarde no balcão da sua cozinha?

— Pacote? Não vi. E você não tem o direito de entrar na minha casa, Max. Quero que me entregue a chave que você tem.

— Entrego se eu quiser — ele respondeu.

— Que resposta infantil... — comentei, tentando não rir do tom que ele usou.

— Max! — Ouvi uma voz feminina chamá-lo, e meu "alerta vadia" apitou.

Ele se virou, e eu resisti ao ímpeto de me virar também. Continuei andando, como se não tivesse ouvido nada, embora estivesse morta de curiosidade para saber se a piranha era bonita. Mas é claro que era.

— Daqui a pouco a gente se fala, Brenda! — ele falou de volta e, ao ouvir aquele nome, eu precisei me virar.

A tal da Brenda poderia ser a próxima Globeleza. Meu coração chorou de tristeza quando vi aquele corpo. Ela era praticamente uma mistura de Cris Vianna e Taís Araújo, e estava usando um macacão colado e cheio de recortes que, na verdade, mais parecia uma segunda pele.

Virei o rosto novamente e recomecei a andar, espumando de ódio. Poderia cuspir fogo a qualquer momento.

Respirei fundo várias vezes, tentando me acalmar. Não adiantou.

Max me alcançou, e minha raiva atingiu o pico.

— Suma de perto de mim, Max! Desapareça! — berrei.

Várias pessoas viraram os rostos em minha direção, e eu tive vontade de mandá-las à puta que pariu, mas refreei minha ira.

— Vá logo conversar com aquela puta e me deixa em paz! — falei, maneirando no volume.

— Nem fodendo eu vou te deixar sozinha numa sala com Beto. Você está seminua, Olívia!

— Seminua? Eu? E aquilo ali é o quê? — perguntei, indicando a piranha, que tinha ido se sentar, com o rabinho entre as pernas, em cima de uma bicicleta ergométrica.

— Ela não está com a barriga de fora. Você, porra, é como se estivesse só de sutiã! Você veio de quê? Veio na rua assim? — perguntou, alarmado.

Dei uma risada e saí andando. Ele continuou em meu encalço.

— Max, sai do meu pé, caralho! — explodi.

As pessoas mais próximas estavam estupefatas.

Ele me fitou por alguns segundos com os olhos amargurados e os músculos do maxilar retesados.

— Chega dessa porra! — disse e saiu.

Respirei fundo, sentindo o peito doer, e bati à porta da sala, ignorando a dor.

Beto procedeu à adipometria e à perimetria com bastante profissionalismo. Foi educado e não flertou. Quero dizer, não descaradamente.

Quando saí de sua sala, procurei Max com uma olhada pelo local e, a princípio, não o encontrei. Comecei a me desesperar, mas senti certo alívio quando avistei a tal da Brenda em cima da esteira.

Continuei procurando por Max e o vi levantando halteres de frente ao espelho. Respirei aliviada.

Beto e eu começamos com algumas séries leves, para testar meu condicionamento.

Ao final de cada exercício, eu dava uma checada em Max, mas acabei perdendo-o de vista em determinado momento.

Procurei pela vadia na esteira, mas ela não estava mais lá. E em nenhum lugar em meu campo de visão.

Falei para mim mesma que tudo bem se ele estivesse comendo Brenda, ou qualquer outra, ou um grupo de mulheres no estacionamento ou no vestiário.

Eu também precisava seguir em frente, ficar com outros caras. Precisava esquecer aquela paixão ridícula.

Pronto, logo a vida voltaria ao normal e tudo aquilo seria passado.

Meu Deus, como eu queria voltar a ser quem eu era! Aquela Olívia que, desde que perdeu a virgindade com Juliano (ou Júlio), dormia com quem desse na telha.

Beto, por exemplo. Eu transaria fácil com Beto. Ele era um *personal trainer*, pelo amor de Deus! Além de ter um corpo supergostoso, o amigo de Max era a cara do Marcos Pitombo, cheiroso pra caralho e tinha hálito de menta.

No final, depois de fazer todas as séries, ele me perguntou se eu estava solteira.

Respondi na hora que sim. Então, ele me convidou para jantar. E isso acendeu uma luzinha na minha cabeça.

O jantar com Suze e Plínio!

— Eu adoraria, Beto — respondi. — Mas hoje vou jantar com Plínio e Suze.

Se você puder, podemos sair amanhã.

Ele sorriu. Beto tinha um sorriso lindo, apesar de não fazer meu coração disparar.

O que era ótimo, claro! Seria só sexo. Coisa simples e casual. Aquela porra de coração disparado era uma coisa patética. Eu não queria nada daquilo.

Não queria Max e batimentos acelerados.

Queria Beto e nada de palpitações.

Depois de me despedir do meu novo *personal*, fui dar tchau a Piolho.

— Você viu o Max? — Foi a primeira coisa que perguntei.

— Ih, gata, Alemão já foi — ele respondeu. — Mas fica tranquila, que o Piolhão tá aqui pra te dar uma carona. Seguinte, Putão me deu uma comida de rabo, veio com um papo *mó* paia de que eu não posso te comer, saca? O cara tá pirado, mano. Levando a sério demais essa coisa de "primos". Eu tenho amor à vida, por isso falei pra ele que vou recuar. Mas também tenho um pau que fica louco com essa sua bunda empinadinha, gata. Então, se *cê* prometer que não vai bater nada *praquela* quenga, pode rolar um motelzinho. Nós dois no bem bom. Que que *cê* me diz? — perguntou, enlaçando minha cintura.

Meu Deus, ele era lindo, mas tão sem noção!

— Sabe o que é, Lucas? Eu já marquei um encontro com Beto — falei.

— Ih, gata, sou ciumento, não. Não sei se Betona topa *ménage*, mas vou lá perguntar. Espera aqui, bem lindinha — ele falou, beijando minha bochecha, e saiu.

Caralho! Piolho era insano! Mas, sendo sincera, a ideia não era ruim.

Ele voltou antes mesmo que eu me movesse.

— A quenga do Beto é uma puta egoísta, *vêi*. Topa, não. Mas eu espero, gata. Fiquei magoado, porque queria ser o primeiro. Mas sem ressentimentos. Só não me tira do segundo lugar da fila, princesa!

— Pode deixar. A gente se vê — falei, prendendo o riso enquanto me despidia.

— Tá chovendo, gata. Vou te levar pra casa. Espera só eu fazer minha última série. O Piolhão precisa manter o *shape*, saca? *Cê* entende, né?

Soltei a risada de vez.

— Entendo perfeitamente. Aceito sua carona, Lucas. Vou ao banheiro enquanto você termina — falei, louca para fazer xixi.

— Vai lá, gata. — Ele deu uma piscada, deitando-se no aparelho.

O vestiário era tão chique quanto o restante da academia. Estava limpíssimo e vazio.

Entrei em uma das cabines e fiz meu xixi. Tinha acabado de me vestir quando ouvi aquela voz. A voz *daquelazinha*:

— Pois é, Lari, pode acreditar! Deixei a calcinha lá! Tô te falando!

O quê?

Agucei os ouvidos.

— Li num site. É uma simpatia. É só deixar uma calcinha vermelha enrolada debaixo da cama do bofe que você quer laçar. Precisa ficar lá por sete dias. Tenho certeza de que o Delícia nem vai notar. Daqui a uma semana, ele é meu. Vai dar certo. Li depoimentos na Internet, é infalível.

Meu Deus... Max estava falando a verdade!

Senti meu estômago embrulhar.

— Caramba, Drica, você tá mais surtada que o normal. — Larissa caiu na risada.

— Max precisa ser meu, Lari! Eu já estava louca antes de ver aquele pau. Você não faz ideia do que é aquele pau! Meu Deus, é uma coisa que... Nossa Senhora, nem consigo dizer. É grande e grosso, e ele tem umas bolas que meu Deus do céu... Você nunca o viu pelado, não faz ideia do que é aquilo.

Eu já estava com a mão no trinco, pronta para sair e dar na cara daquela piranha, quando Larissa disse:

— Sei que Max e Tito não são irmãos de verdade, mas, pelo que você está dizendo, poderiam. — Ela deu uma risadinha.

— Ai, meu Deus! Você dormiu mesmo com o Titinho, sua vaca? Achei que, sendo fofo daquele jeito, ele só te convidaria pra jantar. Quero detalhes! Agora!

Porra, eu também! Conta, Larissa!

— Só o que vou dizer é que aquela carinha fofa é um puta disfarce. Meu Deus, ele é incansável! Tem um pau lindo de morrer, é lindo de morrer e, por incrível que pareça, ele é bastante devasso. A gente transou até no elevador do prédio!

Devasso? Thomas? Eu estava chocada! Mas, sobre o pau, eu já suspeitava! Senti aquele volume, nunca me engano a respeito de um volume!

— Ai, Lari, eu sou doida pra ficar com o Tito também! Ele nunca quis, por causa de Carolina, a ex dele. Agora ele finalmente tá solteiro, e eu não acredito que você passou na minha frente! Você é outra, só tem essa cara de sonsa!

— Pois só lamento. Agora ele é meu. Se você chegar perto dele, Drica, vou arrancar essas suas unhas postiças uma a uma, e depois vou arrancar as verdadeiras com os dentes e cuspi-las na sua cara! — ameaçou.

Larissa era mesmo das minhas!

— Pode engolir o Tito! Não vou desistir do Max, apesar dos pesares. Você acredita que ele chamou o nome *daquelazinha* enquanto gozava na minha boca? Um filho da puta!

Oh, Deus, isso também era verdade...

Senti o remorso se revolver em minhas entranhas.

— Horrerosa aquela vaca, né? Acha que canta... Morro de dó.

— Liv? Ela é linda, Drica. E canta à perfeição. Deixa de recalque. Anda, termina logo de trocar essa roupa. Não tenho a noite toda pra malhar. Vou sair com Tito hoje.

Era oficial. Eu amava Larissa. Thomas estava em boas mãos.

— Ai, meu Deus! Por favor, Larissa, não vai cair na besteira de ficar repetindo cardápio! — Drica bufou.

— Você não provou daquele banquete, Adriana. Eu comeria aquilo pelo resto da vida. — Larissa deu um suspiro.

Uau, Thomas estava arrasando corações!

— Meu Deus, se o Tito é isso tudo, imagino o Max! Senhor! — a vadia exclamou.

— Tito acha que os dois estão apaixonados. Max e Olívia — disse Larissa.

Drica caiu na risada.

— Aquela nanica deve estar de quatro por ele, obviamente. Quem não estaria? Mas Max Vetter apaixonado? *Jamé!* Morro de pena! Aquele anão indiano não é páreo pra mim, Lari.

Meu sangue ferveu. Abri a porta com um estrondo e encarei o reflexo da cadela no espelho.

— Agora eu vou te mostrar quem é o anão indiano, piranha! — falei, voando naquele cabelo.

Drica estava tão surpresa com a minha presença que a princípio nem reagiu. Aproveitei e unhei a cara dela, trazendo mechas de seu cabelo para frente.

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! — Larissa gritava.

Então, ouvi seus passos saindo do banheiro. Devia ter ido buscar algum fortão. Eu precisava aproveitar enquanto podia.

— Ele é meu, sua vaca! — Dei um tapa na cara da biscate. — Isso é pelo boquete! — Dei outro tapa, do outro lado. — E isso é por deixar aquela calcinha asquerosa debaixo da cama do meu homem!

Eu estava possuída. Era como se tivesse ganhado vários centímetros de altura e adquirido, milagrosamente, uma força que não me pertencia.

— *Carai*, mano! — ouvi a voz de Piolho irromper no banheiro e, no segundo seguinte, ele já tinha me afastado de Drica.

A piranha estava chorando feito uma cadela enxotada, alisando o rosto ardido.

— Da próxima vez que você se aproximar dele, vou te deixar deformada, sua vadia! — gritei, sacudindo-me nos braços de Piolho.

— Larissa, ajuda Drica. Vou levar Olívia daqui — Piolho disse, sério, me erguendo e me jogando em seus ombros.

— Me solta! — ordenei. — Me coloca no chão, porra!

Ele me desceu assim que saímos do banheiro. Então me encarou e disse:

— Já saquei que *cês tavam* brigando por causa de Putão. Mano, ele deixa claro pra todo mundo que só quer foder e que só fode uma vez, e *cês* ficam brigando por um repeteco quando tem tanto macho por aí, que fode bem e fode duas, três, quatro, se a foda for boa! Gata, não perde seu tempo com aquela quenga. Ele é irredutível. Drica tenta há anos, e nunca conseguiu fazer Putão quebrar o *carai* da regra! Já falei pra ela desistir, mas não tem jeito. É burra. Seja mais esperta que isso, Olívia.

Fiquei fitando seus olhos, sem saber o que dizer. Então, ele completou, meneando a cabeça:

— Vem, vou te levar pra casa.

Piolho tentou puxar assunto durante o trajeto, mas eu disse que minha cabeça estava explodindo e que eu preferia ficar em silêncio.

— Posso ligar o som, gata? — pediu. — Não consigo dirigir sem um som, *vêi*.

Assenti. Ele apertou o botão, e *The End*, de *Kings of Leon*, invadiu meus ouvidos.

Enquanto ouvia Caleb Followill cantar, eu me afogava em remorso.

Max não tinha mentido, e eu era orgulhosa demais para voltar atrás e pedir desculpas. Jamais admitiria que eu estava errada.

Era o fim de algo que sequer havia começado.

22. Guerra avisada não mata aleijado

MAX

Eu tinha acabado de chegar quando ouvi a porra do celular tocando.

Peguei o aparelho no bolso e constatei que era Suze. Estava tão puto que decidi ignorar a ligação.

Subi as escadas e deitei-me na cama, cruzando os braços atrás da cabeça.

Acomodei-me no travesseiro, fitei o teto e respirei fundo. Fechei os olhos e tentei me desligar de tudo.

Mas não adiantou. Meus pensamentos se voltaram para aquela tarde. Eu já estava amargamente arrependido de ter feito aquelas coisas patéticas.

Olívia não merecia nada, e eu, definitivamente, não deveria estar pensando nela. Mas estava, e não conseguia parar aquela porra.

Em vez de ter ido sozinho para casa, deveria ter dito "sim" à insistência de Brenda na saída da academia, mas não estava nem um pouco interessado.

Nem nela nem em mulher nenhuma, e já tinha decidido parar de me enganar. Não fazia sentido nenhum ficar mentindo para mim mesmo.

A trágica verdade era que eu queria Olívia. E só Olívia. E apenas Olívia.

Mas uma coisa era saber disso. Outra, muito diferente, era colocar essa desgraça para fora.

Isso eu não ia fazer. Nunca. Ela que fosse se foder bem longe, na puta que pariu!

— "Suma de perto de mim, Max! Desapareça!". "Max, sai do meu pé, caralho!" — arremedei.

Desgraça! Como deixei essa porra chegar a esse ponto?

Mulher nenhuma diz a Max Vetter para "sumir", "desaparecer", "sair do pé"! Quem ela acha que é?

Eu sabia que devia ter sossegado naquela manhã, quando ela foi embora por não ter acreditado em mim.

Mas o que eu fiz? Resolvi remexer naquela porra toda, do alto da minha santa burrice. Saí para resolver todas aquelas coisas, para tentar me redimir. Do que, eu não sei, já que era completamente inocente na história.

Nunca tinha feito papel de trouxa em toda a minha vida. Agora entendia todos aqueles *memes*. Eu mesmo poderia virar um.

Tentei ser gentil, e o que recebi em troca? Berros histéricos!

— Pois ela que enfie todos aqueles berros no cu! — gritei, para ninguém além das paredes do quarto.

Então me levantei, completamente puto, e fui tomar banho.

Enquanto me secava, ouvi o celular tocar pela milésima vez. Enrolei a toalha na cintura e atendi logo aquela porra.

— Quer o quê, caralho? — rosnei, caminhando para o quarto.

— Nossa, que mau humor! — Suze reclamou. — Por que você não atendeu antes? Estou ligando há horas!

— Estava ocupado comendo umas putas — respondi dando de ombros, embora ela não estivesse me vendo.

— É sério? E Olívia? — Suze perguntou, indignada.

— Que porra de pergunta é essa? O que tem ela? O que uma coisa tem a ver com a outra, Susanne?

— Tito disse que você e Olívia estão meio que juntos. Falou que você dormiu com ela, Max! *Dormiu!* — enfatizou. — É verdade? Pelo amor de Deus, me diz que você está tomando jeito! Eu ficaria tão feliz se vocês dois...

— Para de falar merda, porra! Ela só dormiu aqui por causa dos trovões, Susanne. O filho da puta do Tito não sabe nem que a própria rola está atolada no cu dele, e acha que sabe da porra da minha vida!

— Vixe, você está mesmo puto! Está até me chamando de "Susanne"... Mau sinal.

— Não estou com saco pra bater papo, porra. Fala logo o que você quer e me deixa em paz, caralho!

— Então... — ela começou. Reconheci o tom. Ela ia me pedir um favor. — É sobre Olívia e o jantar de hoje. Plínio e eu a convidamos para jantar e vamos nos atrasar um pouco por causa da babá. Por isso, gostaríamos que vocês dois fossem na frente, sabe... Para garantir a reserva. Vai ser no *Flörsheim*, às 21h.

— Não vou a lugar nenhum. Muito menos com ela — falei com convicção.

— Por quê? — Suze sondou.

— Porque não estou a fim — sintetizei.

— Por que você disse "muito menos com ela"?

— Porque quero que Olívia se foda, Susanne! Por isso, caralho! — explodi.

Ela ficou alguns segundos em silêncio do outro lado da linha.

— Que merda você fez dessa vez, Max? — perguntou, por fim.

— Eu? — Dei uma risada. — Fiz tudo certo, porra! Fiz mais do que certo! Eu disse àquela teimosa que não transei com Drica, mas ela não acreditou. E, depois, eu quis consertar as coisas, mesmo sabendo que não havia nada para consertar, porque não havia nada errado. Então, o que ela fez? Me tratou como lixo na academia! Quero que Olívia vá para o quinto dos infernos, Susanne! E vá

fazer o capeta de palhaço, porque a mim é que ela não vai fazer! Cansei. Cansei dessa porra! — disparei.

Dessa vez, o silêncio de Suze foi ainda maior.

— Meu Deus... Não acredito — falou, notoriamente atônita.

— Não acredita no quê, caralho?

— Nada, estava pensando alto. Em outra coisa. Desculpa. Sobre o jantar, seria rude demais se você não fosse, Max. Tito já não vai, porque marcou de sair com aquela Larissa, prima da insuportável da Drica. Abri uma exceção para Tito porque ele precisa mesmo sair com outras garotas, para recuperar o tempo perdido com aquela louca da Carolina. Além disso, ele não sabia do jantar com Olívia quando marcou com Larissa. Mas você, meu querido, não tem desculpas. Você vai e ponto.

— Eu não vou, Susa... — comecei.

— Max, deixa de ser ridículo! — Ela quase estourou meu tímpano. — Sou sua irmã mais velha e estou ordenando. Esteja pronto e lindo para pegar Olívia às 20h45. Vou ligar agora para ela, pedindo que ela vá com você.

— Ela que vá com o diabo, porque eu não vou.

Suze caiu na risada. Teve uma crise de riso, na verdade.

— Tá rindo do quê, caralho?

— Meu Deus... — Foi só o que eu consegui traduzir, em meio àquele monte de gargalhadas.

— Vou desligar essa porra. Vá tomar no cu, Susanne!

— Não! Não desliga! Por favor! — ela pediu, ainda rindo. — Ai, Senhor, estou chorando de rir. Literalmente chorando! Max, por favor, vamos ao jantar. Por favorzinho?

— Nem vem com essa porra de "por favorzinho?"!

— Por favorzinho? Por favorzinho? Por favorzinho? — insistiu.

— Não.

— Pede pro tio Max dar uma carona pra Olívia, meu bem. Ele não quer, acredita? — Ouvi Susanne cochichar para Sofia.

Put a golpe baixo do caralho. A filha da mãe ia me pagar!

— Tio Max? — Souf chamou.

— Oi, meu anjo — respondi.

— Por que você não quer dar carona pra Olívia? Você disse que gostava dela...

— Disse? Ele te contou, Sofia? — Ouvi a voz perplexa de Suze.

Ela tinha colocado no viva-voz. Ótimo. Minha vida tinha virado um circo.

— Susanne, chama Plínio pra participar da conversa também, aposto que ele está se sentindo excluído — ironizei.

— Já estou aqui, puto — ele falou. — Participando ativamente a partir de

agora.

— Muito obrigado por ter aberto essa sua boca enorme de chupar... — Porra, eu ia precisar manear nos palavrões por causa de Sofia. — Enfim, obrigado por ter contado a Tito o que eu te contei em um momento de dor inenarrável, filho da puta! O desgraçado me zoou a tarde inteira. Só fala disso. Estou pensando em matar Tito. Sério.

Plínio caiu na risada.

— Quero saber do que vocês estão falando! Agora! — exigiu Susanne.

— Papo de homem, amor — Plínio respondeu, ainda rindo.

Pude visualizar o famoso olhar irritado de minha irmã em direção ao marido. Até que não seria ruim se ela o desintegrasse. Sofia ficaria órfã, é verdade. Mas eu cuidaria dela. E ficaria livre daquela putinha fofqueira que Souf chamava de pai para todo o sempre.

— O tio Max me disse que gosta da prima Olívia, mamãe — Sofia dedurou.

— Sofia, o que eu te disse sobre isso? — perguntei, já começando a ficar puto.

— Você disse que eu não podia contar pra Olívia que você gosta dela. Eu tô contando só para a mamãe e o papai, tio Max.

— Esqueça a piscina de bolinhas, Sofia! — gritei.

— É mentira minha, mamãe, eu estava brincando. O tio Max não gosta da Olívia — ela consertou imediatamente.

Plínio e Suze caíram na risada.

— O Papai Noel ainda vai me dar a piscina, né, tio Max? — investigou.

Os desgraçados riram mais um pouco.

— Como vocês dois são ridículos... Rindo do mal entendido de uma criança! — recrinei.

— Claro... Crianças, sempre distorcendo as coisas... — Plínio satirizou.

— Plínio! — Suze repreendeu, recuperando-se rapidamente da crise de riso.

— É claro que Sofia entendeu errado, Max. Filha, o tio Max gosta da Olívia como prima. Foi isso que ele quis dizer.

— Não, mamãe. O tio Max faz com a Olívia aquilo que o papai faz com você.

Plínio parou de rir na hora, e foi a minha vez de gargalhar.

Podia visualizar sua expressão lívida. Certamente, a mesma que eu fiz quando Souf veio com esse papo.

— Do que você está falando, meu bem? — ele perguntou à filha, provavelmente pensando nas últimas vezes que comeu minha irmã, e se havia a possibilidade de Sofia ter visto alguma coisa.

Eu poderia encerrar seu martírio a qualquer momento. Mas, obviamente, ia me divertir às custas do desgraçado.

— Exatamente do que você está pensando, Plínio — falei.

— Max, eu espero que você não tenha... Meu Deus, eu te mato, filho da puta!
— berrou.
Caí na risada.
— Sofia, o que você viu? — Suze perguntou com cautela.
— Vi o tio Max enfiando os dedos... — minha sobrinha começou.
— Ai, meu Deus! — Suze interrompeu, alarmada.
— ...No cabelo da Olívia — Souf completou. — Igual o papai faz com você, mamãe. Assim.
— Daria tudo para ver a cara de vocês agora — falei, rindo.
— Quase morro do coração, porra! — gritou Plínio.
— Muito engraçadinho, Max... Chega de papo. Vou desligar e telefonar para Olívia. Esteja pronto. Depois do que você nos fez passar, é o mínimo que você pode fazer — ela disse e desligou.
Foda-se. Eu não iria.

OLÍVIA

A primeira coisa que vi quando entrei na cozinha foi o pacote.
Abri a caixa com desespero, rasgando o papel de presente e usando uma faca de serra para romper os lacres.
Fiquei encarando aquilo por consideráveis segundos, completamente sem reação.
Então, eu o retirei de dentro da caixa e senti a leveza na mão. Virei o aparelho e passei o dedo na maçãzinha prateada.
Dava para comprar uma moto com o dinheiro despendido naquilo! E era igualzinho ao de Max. Juntos, compraríamos um carro!
Já estava recolocando o iPhone na caixa, a fim de ir devolvê-lo, quando vi o bilhete.
Desdobrei o pedaço de papel e levei um susto. O desgraçado tinha uma caligrafia perfeita, estilo Hannibal Lecter!
As letras desenhadas e inclinadas, grafadas com tinta preta, diziam:

***Senhorita Olívia,
Não tente me devolver o aparelho. Ou serei obrigado a tomar medidas drásticas, coisa que, é claro, não quero fazer.
Tomei a liberdade de transferir o seu chip para o celular novo. E baixei seu***

toque, The Lazy Song, no iTunes. Deixei no último volume, porque, ao que parece, você é surda, porra!

Obviamente, estabeleci outro som de chamada para o meu contato. Sinto muito, mas não sou fã do Bruno Mars, e ele não vai cantar quando eu te ligar.

A boa notícia, em relação ao seu novo celular, é que agora poderemos nos comunicar via WhatsApp o dia inteiro! Não vou te deixar em paz, prima. E vou querer nudes. Especialmente quando eu estiver entediado no Fórum.

P.S.: Como sei que você vai ignorar a recomendação de não tentar me devolver o aparelho, estarei preparado para agir da pior forma possível. Depois, não diga que eu não avisei.

P.P.S.: Não pense que me esqueci do vidro. A nota do orçamento está colada no espelho do seu quarto. E obrigado por me devolver o protetor solar. Foi muito atencioso de sua parte. Você é, certamente, um poço de gentileza e benevolência, senhorita Olívia.

Um beijo no pescoço.

Seu primo favorito.

Filho da puta! Eu podia ver aquele sorrisinho insolente!

Porra, como o devasso conseguia me deixar tão irritada e, ao mesmo tempo, tão excitada com um maldito bilhete?

Apertei o botão central do celular, louca para descobrir que toque ele tinha escolhido para si mesmo, mas, no momento exato em que o fiz, Bruno Mars começou a cantar.

Era Suze! Ai, meu Deus, eu devia estar muito, muito atrasada!

O que eu podia fazer? Tive que atender.

— Oi, Suze! Estou atrasada, mas fico pronta em um minuto! — falei, atabalhoada.

Ela deu risada do meu desespero.

— Fica tranquila, Olívia! Ainda é cedo. Temos reserva no *Flörsheim*, às 21h. Espero que você goste da culinária germânica. Particularmente, acho impossível não gostar! Quem não gosta de linguças, batatas, carne de porco e salsichas? — Ela começou a rir, mas a risada morreu de repente. — Ai, meu Deus! Você é vegetariana?

Senhor, com o corpo que ela tinha, fiquei surpresa em saber que *ela* não era vegetariana.

— Ah, não... Já tentei me tornar uma vez, por amor aos animais, mas não consegui ir adiante. Infelizmente, tenho um fraco imenso para linguças, salsichas e tudo o mais!

— Ai, que bom! — Suze soltou um suspiro aliviado. — Plínio é oncologista e

vive nos alertando de que há estudos que dizem que carne vermelha provoca câncer, que bacon, linguiça e salsicha são alimentos cancerígenos e blá-blá-blá. Mas não tem jeito, a vida não teria graça se não comêssemos essas coisas de vez em quando! Ou de vez em sempre! — Ela deu uma risada.

— Concordo plenamente! — exclamei.

— Não é? Então, Olívia... Estou ligando para pedir que você pegue carona com Max. Infelizmente, Plínio e eu precisaremos esperar a babá. Ela teve um problema em casa e vai se atrasar. Por isso, precisamos que você e Max estejam lá no *Flörsheim* às 21h, ou perderemos a reserva.

— Claro! Tudo bem, Suze! — exclamei, embora tivesse a intenção de ligar para seu Francismar.

— Ótimo. Então nos vemos mais tarde! — ela se despediu.

— Então até logo! — Desliguei o celular e corri para o quarto.

Antes de pensar em ligar para um táxi, eu precisava saber quanto a minha brincadeira com o frasco de protetor solar ia me custar. Talvez eu ficasse zerada depois de pagar o vidro.

A primeira coisa que notei quando entrei foi o *ukulele* em cima da cama.

Aproximei-me e peguei o instrumento, percebendo que debaixo dele havia outro bilhete:

Senhorita Olívia,

Acho que, agora que as cordas experimentaram a maciez de seus dedos, não ficarão satisfeitas com a textura dos meus.

Por favor, fique com ele.

E lembre-se de mim quando estiver tocando.

P.S.: Vou me sentir muito ofendido se tentar me devolver.

Com tesão, seu primo pauzudo.

Ai, meu Deus...

Que filho da puta gostoso...

Ai, Max...

Acabei me deitando na cama, e fiquei lá, relendo o bilhete infinitas vezes e suspirando feito uma idiota.

De repente, notei a superfície macia sobre a qual eu estava deitada. Sentei-me depressa e busquei com o olhar o canto da parede, onde o edredom gozado deveria estar todo embolado.

Não estava mais lá, simplesmente porque eu estava deitada nele! E estava visivelmente limpo e cheiroso.

Puta que pariu, ele tinha mandado lavar meu edredom?

Mal tive tempo de pensar nisso, porque me lembrei da nota do orçamento do

vidro.

Levantei-me depressa e fui até o espelho. Estava lá, pregada com um pedaço de durex. Puxei o papel e comecei a ler.

Mas tinha alguma coisa errada, porque o cabeçalho dizia "*Sec Fast Lavanderia*", e era um recibo de entrega.

Ai, Deus, ele tinha mesmo mandado lavar meu edredom. Que merda!

Não, Max. Não. Não. Não!

Não, desgraçado, você não pode fazer coisas fofas. Você não pode fazer coisas fofas, cretino! Eu te proíbo!

Porra, eu estava mais derretida que nunca. Meus miolos também estavam derretidos, tudo estava derretido. Eu estava completamente derretida no chão do quarto. E eu sei que estou repetindo muito a palavra "derretida", mas não há outra. Eu estava tão derretida que me sentei na cama, peguei o *ukulele* e comecei a tocar *I'm Yours*, do Jason Mraz. É preciso estar muito, muito derretida mesmo para desejar cantar essa música.

Comecei o *intro*, e logo estava entoando os primeiros versos:

Well you done done me and you bet I felt it

(Bem, você fez bonito comigo e pode apostar que eu senti)

I tried to be chill but you're so hot that I melted

(Eu tentei ficar indiferente, mas você é tão gostoso que me derreteu)

I fell right through the cracks, now I'm trying to get back

(Eu caí direitinho, mas agora estou tentando voltar)

Terminei de tocar a música e fui tomar banho. Estava suada, não podia aparecer na porta de Max daquele jeito.

Sequei o cabelo em tempo recorde e voltei para o quarto.

Decidi me arrumar logo para o jantar. Escolhi um vestido azul-turquesa (um dos meus favoritos) e sandálias nude para a ocasião. Fiz uma maquiagem leve, e deixei o cabelo solto. Coloquei meus brincos de ouro e passei perfume. Guardei a carteira na *clutch* e desci.

Alimentei meus bichinhos, peguei o iPhone e saí para a casa de Max.

Toquei o interfone três vezes. O carro estava na garagem, mas ele não atendia. Com a euforia dos bilhetes e tudo o mais, eu tinha me esquecido completamente de que era possível que ele estivesse com Brenda.

Meu estômago se revirou, e senti vontade de vomitar. Estava prestes a voltar para casa quando ouvi sua voz mal humorada:

— Quem é?

— Quem está falando? — brinquei, tentando quebrar o gelo.

— Se veio me devolver alguma coisa, está perdendo seu tempo. Não quero nada disso. Pode jogar fora. Ou venda no eBay. Ou dê para alguém — ele disse, depois de alguns segundos em silêncio.

Seu tom estava ríspido, seco. Totalmente diferente do tom dos bilhetes.

Eu sabia que a culpa era minha. Sabia que ele tinha feito tudo aquilo antes do episódio da academia. Sabia que devia me desculpar. Por muitas coisas.

— Preciso falar com você.

— Diga.

— Pessoalmente, Max. Você vai mesmo me deixar falando com um interfone?

— Não está falando com um interfone, está falando comigo, por intermédio do interfone.

— Dá na mesma. Quero pedir desculpa, preciso te ver.

— Pedir desculpa pelo quê?

— Muitas coisas.

— Espero que, dentre essas coisas, não esteja a sua falsa acusação de hoje de manhã, Olívia. Falei que, sobre isso, não aceitaria um pedido de desculpas posterior. Tenho palavra.

Engoli em seco.

Ai, meu Deus, que remorso... E agora? Eu deveria tentar pedir desculpas assim mesmo? Ou deixava essa história pra lá?

Talvez ele se esquecesse disso com o passar do tempo...

Porra! Tudo culpa daquela piranha!

— É sobre a academia — falei, por fim.

— Entra. — Ele abriu o portão eletrônico.

Max estava de pé na sala quando entrei. Não parecia que ia sair. O cabelo molhado estava penteado, mas ele estava usando camiseta e short.

Meu vizinho me olhou de cima a baixo.

— Você está indo jantar com esse vestido?

— Sim... Por quê? — perguntei, totalmente insegura, analisando o vestido em meu corpo.

— Olívia, esse vestido é decotado demais. E justo demais. E...

Ele estava ficando louco! Decotado demais? Nem tinha decote! Juro por Deus, era um decote minúsculo!

É claro que eu não iria a um jantar familiar usando algo indecentemente chamativo! E, sobre ser justo, não era exatamente colado! Era um vestido tubinho normal, como outro qualquer. Clássico, elegante e simples. Nada vulgar.

— Estou decentemente vestida — argumentei.

— Nem aqui, nem na China! — Ele se aproximou, dando uma volta em torno de mim. — E essa bunda, caralho? Não, não, não. Esse vestido não é uma boa

ideia, Olívia.

Caí na risada.

— Vá se foder, Max! Vamos ao que interessa. Eu... Como você tem aquela letra? Você fez curso ou algo assim? — perguntei, sem saber exatamente como começar a me desculpar.

— É claro que não! Sei lá, é a minha letra, porra. Não posso fazer nada para mudá-la.

— É claro que até a sua letra tinha que ser bonita... — comentei, impressionada com o perfeccionismo do diabo, o criador de Max.

Ele abriu um meio-sorriso.

— Bem, quero dizer que vou aceitar o *ukulele*, porque eu teria que me matar se não o aceitasse. O meu quebrou pouco antes de os meus pais morrerem, e eu nunca comprei outro. Então... Muito obrigada.

Meu Deus, o clima estava tão esquisito que era como se nós tivéssemos acabado de nos conhecer.

— Ouvi você tocando agora há pouco — ele disse.

Ai, meu Deus, que constrangedor...

— Foi... Perfeito. Mas queria ter visto, e não apenas ouvido.

Não consegui evitar um sorriso.

Ficamos nos fitando por um tempo, até que quebrei o silêncio:

— Mas não posso ficar com o iPhone, Max. Eu estava brincando sobre isso, porra! Pelo amor de Deus, é claro que falei que você podia me dar um iPhone na brincadeira! Agradeço pelo gesto, mas não posso aceitar. Por isso, gostaria que você me devolvesse meu celular antigo, para trocarmos o chip novamente.

— Isso não vai ser possível, prima — ele falou.

— Como assim? Por quê?

Ele enfiou a mão no bolso e tirou meu celularzinho de teclas de dentro. Então, jogou o aparelho no chão e pisou em cima.

Fiquei com os olhos arregalados diante da cena.

— Você quebrou meu celular, porra! — gritei.

— E você quebrou meu vidro. Estamos quites. Quebrei seu celular e te dei outro. Você quebrou meu vidro, e eu já paguei por um novo, que será colocado amanhã. Portanto, aceito reembolso, senhorita Olívia. Mas não do tipo pecuniário. — Ele abriu um sorriso malicioso.

— Não sou sua prostituta, Vetter! — exclamei. — E vou restituí-lo monetariamente pelo vidro. E não vou ficar com o iPhone. — Estendi a caixa para ele.

— Estou esperando seu pedido de desculpas — ele desconversou.

Respirei fundo e soltei o ar.

— Desculpa, Max, pelo episódio da academia. Eu estava um pouco... Nervosa. E... Obrigada, pelo edredom. E... Sobre hoje de manhã, eu também gostaria de me desculpar. Eu...

— Sobre o edredom — ele interrompeu —, era o mínimo que eu podia fazer. Sobre o episódio da academia, está desculpada. Mas sobre hoje de manhã eu não quero falar.

— Mas quero pedir...

— Não. Se vai pedir desculpa, a resposta é não. Eu avisei, Olívia. — Ele ergueu uma sobrancelha.

Porra, se não ia desculpar, ele podia pelo menos ter a decência de não parecer tão bonito enquanto negava!

Qual era a necessidade daquela sobrancelha? E daqueles lábios tensos, cuja tensão eu poderia desmanchar em segundos com um beijo?

— Vou trocar de roupa — ele anunciou de repente. — Pode esperar aqui? Volto em cinco minutos e saímos.

O quê? Nada de tentar uma rapidinha antes de sair? Nada de beijos e agarramentos? Nada de me convidar para o quarto?

— Tudo bem — falei e me sentei, tentando esconder meu desapontamento.

Então, Max se afastou.

Ouvi seus passos ecoando pelas escadas enquanto o buraco em meu peito ficava cada vez maior.

23. Águas passadas não movem moinho (ou movem?)

MAX

— Tem alguma coisa errada? — perguntei, depois de alguns segundos sendo criteriosamente observado.

— Você vai vestido assim? — Ela se levantou do sofá e caminhou em minha direção.

Eu estava usando calça, camisa e blazer.

— Qual é o problema? É preto. Não tem como errar com preto, certo? — perguntei, começando a duvidar do meu bom gosto.

— O problema, Max, é que você assim, todo de preto... — ela disse, mordendo o lábio enquanto alisava meu tórax, deixando a mão deslizar até o final.

Meu pau, que já estava acordando, despertou de vez.

Eu estava a um segundo de agarrá-la, o que, certamente, poria a porra da reserva em risco, quando meu celular tocou no bolso.

Olívia se afastou com uma expressão estranha. Provavelmente, achava que era alguma mulher.

Por mais que eu estivesse puto com ela, não queria que as coisas piorassem ainda mais.

Enfiei a mão para pegar o aparelho, torcendo, pela primeira vez na vida, para que fosse um dos caras.

Era a quenga do Piolho, graças a Deus. O desgraçado finalmente tinha dado uma dentro.

— Só vai levar um minuto — pedi licença para atender, observando sua expressão amargurada.

Ela estava mesmo achando que era uma mulher!

Não contive um sorriso quando atendi, decidindo usar um vocativo que a deixaria puta:

— Fala, gostosa!

Olívia me encarou com uma expressão imensa de incredulidade estampada naquele rosto lindo.

— Putão, tenho uma treta insana pra te contar, *vêi*. Uma parada *punk* que aconteceu hoje na academia, depois que *cê* foi embora. Mas, antes de contar,

deixa eu te perguntar. *Cê* comeu aquela Brenda, mano? Vi que ela foi correndo atrás quando *cê* saiu.

— Ainda não — respondi.

Infelizmente, se eu mentisse e dissesse que já tinha comido, Olívia sacaria que eu estava falando com um cara. Além disso, havia vários jeitos de Piolho descobrir a verdade.

— Tô louco pra comer, mas não sei o que *cê* faz com essas minas, mano! Elas botam na cabeça que querem que *cê* coma elas, e não fodem com cara nenhum lá da academia até conseguirem. Alguém precisa ensinar pra elas que quem não tem cão caça com gato! *Cê* é o cão. No caso, chupando manga. E o gato é o Piolhão aqui, saca? — Ele deu uma risada. — Come logo, *carai*! Para de *filhadaputagem* e libera pra mim, *vêi*! Para de amarrar *muié*, mano! Que bosta, meu!

Caí na risada.

Olívia estava tão pálida que decidi cortar o teatro.

— Anda, filho da puta, conta logo essa porra, tô atrasado.

Vi sua expressão suavizar e preendi o lábio para não rir.

— Mano, seguinte... Olívia deu uns tabefes em Drica, lá no banheiro da academia! Drica tá com a cara toda arranhada, meu! Tá puta pra *carai*! Queria ir à delegacia e tudo, mas não deixei. Tive que dopar a fera, porque ela *tava mó locona*, falando nada com nada lá no apê. Um troço a ver com uma calcinha vermelha e sete dias. Muito Samara isso. *Cê* sabe que eu cago de medo da Samara, mano! E, pelo que entendi, Drica fez uma simpatia, quenga! Simpatia pra te amarrar, sua puta! *Tava* contando pra Larissa lá no banheiro, e Olívia ouviu a parada toda. Lari que me contou essa parte. Cago de medo *dessas porra* de simpatia também, mas já ri pra *carai* disso! Olha só a que ponto essa merda chegou. Minha irmã tá zoada, mano. Pelo amor de Deus, *vêi*, quebra o *carai* da regra e come a mina.

Simpatia? Então esse era o motivo da porra da calcinha debaixo da minha cama?

E Olívia tinha batido em Drica?

Puta que pariu, como foi que perdi essa cena? Que porra!

Mas a briga significava que...

Por isso ela queria se desculpar, tinha descoberto minha inocência!

E, ironicamente, por meio de uma confissão.

— Alemão, *cê* vai comer minha irmã, mano? — perguntou Piolho.

— Óbvio que não! Não quebro a porra da regra, e você sabe disso, caralho — respondi.

— Eu já falei pra Drica mil vezes, mano! E ela não ouve! Tô vendo a hora de

ter que ligar pros velhos darem um jeito nela. Quero dizer, pra minha mãe, porque meu pai... *Cê* sabe. Enfim, pra levarem aquela sem noção pra Veneza, Madri, ou onde quer que eles estejam agora.

Os pais de Piolho eram podres de ricos, e ele era um rebelde sem causa e sem casa. Há alguns meses, estava morando no apartamento de Drica, porque tinha planos de juntar dinheiro para investir em sua incipiente carreira de jogador profissional de pôquer. Acho que, em relação a aspirações profissionais, Piolho só perdia para a multiplicidade de empregos de Olívia.

No ano passado, ele cismou que viraria um Grande Mestre Internacional de xadrez, mas a dedicação ao jogo durou até ele descobrir que os meus *ratings Blitz* e *Bullet* no ICC eram maiores que os dele. Agora, estava cismado com pôquer, e dizia para todo mundo que era jogador profissional, embora ainda não fosse, tecnicamente, um. O cara achava que viraria um Negreanu do dia para a noite.

O mais assustador é que Piolho é formado em Letras (e Administração, que ele fez obrigado), e dá aulas de Português para alunos do ensino médio. Mas, se alguém pergunta qual é a profissão dele, ele não diz que é professor. Fala que é jogador profissional de pôquer, porque acha que isso atrai a mulherada (“deixa as minas loucas de tesão no charuto do Piolhão”, como ele diz) e que ele vai se dar bem na vida por conta própria, sem precisar de Lutero, o “coroa” bilionário com quem ele rompeu relações há anos.

Talvez, no mês que vem, ele diga que é jogador profissional de sinuca (e passe a dizer que isso “deixa as minas loucas de tesão no taco e nas bolas do Piolhão”). É impossível saber qual será a próxima ideia fixa do cara.

— Faça isso. Estará me fazendo um grande favor — falei, referindo-me ao envio de Drica para a Europa.

— Mas *cê* precisava ver a briga, Putão. Teve puxão de cabelo, unha na cara, aquele clássico gostoso de ver, tá ligado? Só que, como minha irmã *tava* envolvida, nem deu pra sentir tesão, apesar da visão da bunda de...

— Acho melhor você não terminar a frase, sua puta! — falei, usando meu melhor tom de ameaça.

— Vixe, esqueci que *cê* tá todo possessivo com a mina, mano. Só porque é priminha. Nem tiro sua razão. Gostosa pra *carai*, tá ligado? Mas deixa eu te mandar a real: vai atrás de Betona, quenga! Aquele puto passou na minha frente, *vêi*! Vai sair com ela, o filho da puta! Eu até tentei organizar um *menagezinho* maroto, pra todo mundo comer e ser feliz, mas aquela puta egoísta...

— O quê? — vociferei.

— Na moral! Ela me contou essa parada lá na academia. E na volta, durante a

carona...

Meu Deus, eu estava enfartando. Estava tendo um infarto aos 27 anos! E qual seria o meu legado na Terra?

Isso. Nenhum.

— O que foi que eu te falei, desgraçado? Perdeu o medo de morrer, porra? — berrei.

— Calma, mano! Rolou nada, não, *véi!* *Tava* chovendo. Foi uma carona inocente, na parceria, saca? Para de comer meu rabo e vai atrás de Betona, mano. Eu já pulei fora, vou comer sua priminha, não, eu juro.

— Pra cima de mim, caralho? Você só desistiria se perdesse o pinto, Piolho. Coisa que vai acontecer, se você continuar tentando comer a minha... Prima.

— Cê e Beto são duas putonas egoístas. Pode ser assim, não, mano. Tem que dividir o pão, tá ligado?

— Tomar no cu, filho da puta! — gritei e desliguei.

Guardei o celular e respirei fundo, tentando evitar minha morte precoce.

Encarei Olívia e pensei nas implicações de iniciar uma briga àquela hora. Estávamos atrasados pra caralho, não havia tempo para brigar. O problema é que a minha raiva queria que o horário fosse se foder.

— Você vai sair com Beto? — perguntei, tentando soar frio e tranquilo.

Mas minha irritação devia estar estampada na minha cara, a julgar pela expressão pacificadora de Olívia.

— Não — ela respondeu imediatamente.

— Então Piolho, além de puta fofoqueira, é puta mentirosa, é isso? Você veio de carona com ele, não veio?

— Vim, mas... Foi só uma carona, Max. Piolho é o cara mais sem noção que...

— Foi só uma carona... Tudo bem. Caronas liberadas, então? Ótimo. — Fiz uma pausa, tentando não explodir. Eu precisava me manter são.

— Você está dizendo que vai... — começou.

— Sair por aí dando caronas? — interrompi. — Vou sair com quem eu quiser! Vou dar carona a um puteiro, e não quero ouvir merda no meu ouvido depois. Foda-se.

— Max... — Ela se aproximou para me abraçar.

— Vamos. Precisamos sair agora ou perderemos a porra da reserva — falei, afastando-me do abraço.

Olívia me fitou com olhos desapontados. Ignorei sua decepção, peguei a chave do carro em cima da mesa e comecei a sair da sala. Ela pegou a bolsa em cima do sofá e veio atrás.

Então, eu me lembrei do iPhone.

— Fica com o celular, Olívia — insisti.

— Eu já disse que... — ela começou.

— Uma médica não pode ficar sem telefone — argumentei firmemente.

Ela me olhou com aqueles grandes olhos de culpa e remorso, e eu soube que tinha ganhado a batalha.

Olívia voltou até o sofá, pegou a caixa, tirou o iPhone de dentro, enfiou o aparelho na bolsa e caminhamos juntos até a garagem.

Ficamos em silêncio no carro. Eu estava tão puto com aquilo tudo que apertava o volante a ponto de os nós dos meus dedos ficarem brancos.

A qualquer momento, quebraria o câmbio, de tanta força que imprimia para passar as marchas.

— Eu não vou sair com Beto, Max — ela falou de repente.

— Você pode sair com quem quiser. Não sou e nunca vou ser nada seu — respondi, sentindo um misto de raiva, tristeza e dor.

Tristeza e dor? Eu não entendia o motivo, porque, obviamente, não queria que fôssemos nada um do outro.

Eu não queria a porra de uma namorada! Mas também não queria que Olívia saísse por aí transando com todo mundo ou pegando carona com os filhos da puta que eu costumava chamar de amigos.

O que eu queria, então? Uma parceira sexual fixa?

Meu Deus, absolutamente risível! Que cara acostumado a transar até com várias ao mesmo tempo abdicaria disso tudo por uma única mulher?

É, eu sei. Não precisa responder, porra!

Eu sei. Um cara pateticamente apaixonado pela mulher em questão.

Eu sei, caralho, eu sei.

Mas não deixa de ser algo risível e assustador.

Porra, isso é assustador pra caralho! Vai contra a racionalidade! Vai contra a esperteza do meu pau. Provavelmente, isso contraria até alguma lei da física.

Agora, voltemos à pergunta inicial: o que eu queria, então?

Isso eu não sabia.

E o que Olívia queria?

Isso eu sabia muito menos.

Não dissemos nada um ao outro até chegarmos ao *Flörsheim*, meu restaurante alemão favorito, que serve o melhor *goulash* da cidade.

O ambiente é incrivelmente acolhedor, e o fato de a construção ser parecida com uma grande casa rústica é um motivo à parte para frequentá-lo sempre que possível.

Olívia e eu já estávamos sentados à mesa quando ela abaixou o cardápio e decidiu falar de novo.

— Max... — chamou.

Porra, eu estava com saudade. Há quanto tempo minha boca não sentia o gosto dos lábios dela? Quando tinha sido o nosso último beijo?

Horas atrás, porra. Muitas horas atrás.

Eu estava em uma puta abstinência.

— Sim, senhorita Olívia — respondi suavemente.

Tinha me transformado na porra de um cara bipolar.

Olívia olhou para mim e sorriu. Senti uma onda acalentadora chapinhar em meu peito.

— Por favor, aceita minhas desculpas? — pediu, me olhando daquele jeito que fazia meu coração doer pra caralho. — Eu estava errada, Max.

— É mesmo? E descobriu isso como? Com uma bola de cristal, um espelho mágico ou um caldeirão vidente? — indaguei, lembrando-me de suas palavras na noite anterior.

Ela fez menção de rir, mas ficou séria de novo.

— Eu... Acho que Piolho já te contou como eu descobri. Mas essa não é a questão. A questão é que agora eu sei que estava errada e...

— Você precisou ouvi-la contar a porra toda no banheiro, Olívia. Não confiou em mim. Eu disse que não tinha transado com Drica, e você não acreditou. Estragou um dia que era para ter sido perfeito.

— Max, você não pode me culpar por não ter acreditado na sua palavra. Você é um devasso e...

— Posso ser a porra de um devasso, como você diz, mas não sou um mentiroso. Isso eu posso garantir que não sou, Olívia.

Ela baixou o olhar, e percebi que sua postura ficou tensa.

— Eu não minto. Todas as mulheres com quem já transei sabiam que não haveria uma segunda vez. Sou um devasso honesto, o que me coloca na categoria de extremamente cobiçáveis, já que, além de excepcionalmente bonito, gostoso pra caralho, financeiramente estável e deus do sexo, eu sou um cara sincero — provoquei. — E, antes que você ironize que também sou humilde, lembre-se de que prefiro soar presunçoso a fingir modéstia.

Ela se limitou a sorrir.

— Tenha certeza de que nunca vou mentir para você — completei.

— Você transou com Brenda? — ela perguntou de repente.

— Não — respondi sem piscar.

— Mas ainda pretende?

Titubeei. A resposta era negativa, mas eu queria que ela soubesse disso?

— Não. — Foi o que acabei respondendo.

— Por que não pretende mais?

— Não estou mais interessado — respondi.

— Por que não? Ela faz seu tipo.

— Não tenho um tipo.

— Tem, sim. Gostosas.

Não contive um sorriso.

De fato, costumava ser o meu tipo. Mas eu tinha me tornado mais exigente. Agora, só servia se fosse uma gostosa em particular.

Porra, isso era indizivelmente trágico!

— Então quer dizer que a calcinha era produto de uma simpatia? — Mudei de assunto.

— Aquela puta não tem miolos! Fazer a porra de uma simpatia ridícula pra fisgar o meu... — Ela parou e deu uma tossida.

— O que você ia dizer? — perguntei, sentindo o coração pular.

— Primo — ela respondeu, limpando a garganta outra vez.

— Estou aqui, senhorita Olívia. Por que está falando de mim como se estivesse falando a alguém?

Puta que pariu, meus batimentos estavam assustadoramente acelerados.

Porra, isso era indizivelmente não masculino!

— O que você vai pedir? — ela desconversou, levantando o cardápio.

Caralho, o que ela ia dizer? Que palavra ela ia usar?

“Homem”? Eu ia gostar de ouvir isso. Porra, ia gostar pra caralho.

— *Goulash*. — Decidi não forçar a barra. Insistir para que ela dissesse seria patético. — É a minha...

— É a sua comida favorita — Olívia completou o raciocínio.

— Como você sabe? — perguntei, surpreso.

— Lídia comentou no sábado, na sua casa. Quando nós voltamos do shopping. Lembra?

Não tinha lembrança alguma do comentário, mas me lembrava perfeitamente de tudo daquele dia. O passeio na loja de brinquedos, a caça ao palhaço, minha necessidade inexplicável de fazer com que ela se sentisse tão linda quanto realmente era na frente das vendedoras... A praça de alimentação... A forma como eu pontuava suas sentenças direcionadas a Sofia com um sorriso idiota na cara...

Caralho, eu já estava apaixonado por Olívia!

Até então, eu suspeitava que a porra toda havia começado no banheiro. Com aquela transa épica na pia, com o chupão... Com aquele beijo...

Mas tinha sido antes. Eu já estava fora de mim antes disso.

Porra! Como não percebi? Quando foi que me apaixonei por ela? Quando essa porra aconteceu?

— Terra para Max. — Ouvi Olívia dizer.

— Lembro — respondi, voltando à superfície. — E você, vai querer o quê? — indaguei, indicando o cardápio.

— Nunca comi *goulash*. Acho que vou provar. Se você gosta, deve ser bom.

— Tem certeza? Há outros pratos excelentes, como o *Schlachtplatte*, que combina *eisbein*, *kassler*, *bockwurst*, chucrute e batatas. Só perde em meu estômago para o *goulash*. Tenho um caso de amor com *goulash*. Vó Ercília aprendeu a fazer, só para me mimar. Que saudade daquela velha safada...

— Velha safada? — Olívia caiu na risada.

— Eu a chamava de "minha velha safada", e ela me chamava de "meu meninão gostoso".

— Sério? — ela perguntou, rindo.

— Sério. Vó Ercília vivia atentando meu avô, dizendo que eu era uma versão mais jovem dele. Se ele tivesse te conhecido, teria dado o troco. Você diz que sou um devasso, mas não conheceu meu pai ou vô Franz. Se estivessem vivos, eu teria que disputar você com meus próprios ascendentes!

— Eu sabia! Sabia que seu Franz tinha alguma responsabilidade nesses seus genes devassos, Max! Coitada da minha tia! Deve ter sofrido na mão do seu avô!

— É aí que você se engana, prima. Meu avô era um camisolão. Todo homem apaixonado é. Meu pai deu sorte de morrer antes de se tornar um.

— Tia Ercília sentiria um treco se te ouvisse falar esse tipo de coisa — ela falou, meio irritada. — Sabia que ela me fez prometer ir ao seu casamento? E tenho uma lista de coisas para dizer à sua noiva.

— Está dispensada do encargo, prima, porque, como você sabe, esse dia nunca vai chegar.

— Nunca diga "nunca".

— Você também disse que nunca se casaria. Nunca diga "nunca".

— O meu "nunca" é verdadeiro.

— O meu também. — Fiz uma pausa. — Você se casaria comigo, Olívia?

Eu não fazia ideia de onde a pergunta havia saído. Mas era curiosidade pura, claro.

Ela arregalou os olhos e, depois de alguns segundos me encarando, disse:

— Isso é um pedido oficial, Vetter?

— Se fosse, você estaria pelada — falei, sorrindo torto.

Ela sorriu de volta.

— Sim ou não? — insisti.

— Vai saber a resposta se fizer um pedido formal. — Ela deu de ombros.

— Então nunca vou saber — respondi.

— Nunca vai saber — ela repetiu, voltando a analisar o cardápio. — Bem, se o prato que você falou for esse aqui da foto dá para alimentar um batalhão — ela

disse, sem me olhar nos olhos.

— Ou um Max Vetter — completei.

Olívia abriu um sorriso fraco.

Eu estava estudando sua expressão quando o garçom se aproximou, querendo saber se já tínhamos escolhido.

Foi quando me toquei que Suze e Plínio estavam irremediavelmente atrasados.

Disse ao garçom que estávamos esperando duas pessoas, saquei o celular, pedi licença a Olívia e fui ligar pro puto lá fora.

— Vocês dois estão esperando essa babá terminar de chupar o pau murcho do marido broxa? Alguém precisa avisar a essa filha da puta pra parar de tentar fazer milagre e ir fazer a porra do trabalho pelo qual ela é paga.

— Quanta insensibilidade, Max... A mulher acabou de ligar. O marido faleceu há poucos minutos — ele disse, parecendo abalado.

— Puta merda... Sério, puto? — falei, já me sentindo mal pela piada.

Plínio começou a gargalhar.

— Ah, seu filho da puta! — exclamei.

— Não acredito que você caiu nessa! — falou, ainda rindo. — E fazendo piadinha de broxa, como se nem fosse um! — Ele caiu na risada.

— Broxa é a puta que te pariu! — xinguei.

— Puto, você não broxou com Olívia, não, né? Porque broxar em família é foda, porra...

— Plínio, tira o dedo do cu e vem logo, caralho. Puta falta de respeito esse atraso de vocês.

— Não vai dar para ir. A babá não veio, desmarcou em cima da hora, maior sacanagem com a gente. Isso é o que a Suze quer que eu te diga. Mas a verdade é que a babá já chegou, e minha adorada esposa e eu estamos saindo para um jantar romântico. Segundo ela, estamos dando uma grande oportunidade para você se declarar para Olívia, o grande amor da sua vida, como todos os integrantes desta família já sabem, inclusive o Rodolfo, que dorme o dia inteiro.

— Todos os integrantes desta família, inclusive o Rodolfo, têm sérios problemas mentais — respondi, puto pra caralho.

Eu não era tão óbvio assim. Era?

— Estou trancado no banheiro enquanto temos esta conversa, porque Suze está se arrumando no quarto. Ela está empolgadíssima com o seu futuro relacionamento sério com Olívia, Max. Está radiante, flutuando. E já arquitetou um plano quase diabólico para juntar vocês dois de vez. Você não tem ideia do que ela já planejou. Anotou uma porrada de coisas na agenda. Você conhece a sua irmã quando o assunto é arquitetar alguma coisa. A porra é séria.

— Você é médico, caralho. Marca a porra de uma consulta com um psiquiatra para Susanne. Porque, se ela acha que há a mínima possibilidade de eu me relacionar seriamente com Olívia, está louca. Perturbada pra caralho, já que não reconhece mais o próprio irmão. Max Vetter não se apaixona...

— Não namora e não se casa — ele completou, com uma voz enfadonha. — Max Vetter também não broxava com loiras gostosas e não tinha crises infantis de ciúme por causa de uma mulher. E, agora, a pergunta que vale um milhão de reais: o que aconteceu a Max Vetter?

Fiquei em silêncio. O que eu ia dizer?

— Essa é fácil demais — ele continuou. — Você não sabe?

— Não, porra. Não faço a mínima ideia — menti.

— Sei que você sabe, mas deixa que eu respondo: Olívia Dutra aconteceu. Agora, para de agir como uma putinha covarde e diga a ela o que você sente, Max. Isso não vai te deixar menos másculo, não vai te tornar menos homem. Pelo contrário, vai te transformar em um homem completo. Estou falando por experiência própria.

— Putinha covarde é seu cu, filho da puta — falei e desliguei.

Então fiquei parado onde estava, respirando pesadamente. Ergui a cabeça e olhei para cima em busca de respostas. Parecia que o céu ia desabar a qualquer momento, e é claro que as nuvens pesadas não responderam nada.

Plínio estava tão louco quanto Suze. Dizer a verdade a Olívia me transformaria em um camisolão. Plínio era um camisolão. Achava que não, mas era. Essa coisa de amor não foi feita para os homens. Todos viram camisolões. É ridículo.

Eu seria meu pai, não meu avô.

Quando voltei para o restaurante, estaquei a alguns passos de distância da mesa.

Havia um cara de pé, conversando com Olívia.

Eu queria a porra da minha vida de volta. Queria estar me fodendo para a concorrência, em vez de me sentir ameaçado o tempo inteiro. Queria não ter aqueles impulsos homicidas, não passar tantas horas completamente puto ou preocupado com aquele tipo de coisa.

Queria conseguir me controlar, queria soar indiferente, mas, puta que pariu, o sangue fervia nas têmporas, e só o que eu queria fazer era cometer a porra de um assassinato.

— Que porra é essa, Olívia? — trovejei atrás dela.

Nem sabia como havia caminhado até lá. Mal senti as pernas em movimento.

O cara me mediu de alto a baixo e teve a coragem de me cumprimentar com um sorriso cortês.

— Você deve ser o Max — falou, estendendo a mão.

— E você deve ser o filho da puta que vai desaparecer voluntariamente das minhas vistas em dois segundos, a menos que prefira uma boa dose de coação no queixo — falei, ignorando o gesto.

— Caralho — ele disse, me encarando.

— E então, o que vai ser? — perguntei.

— Já estou indo, cara — ele falou, afastando-se. — Até mais, Liv. Foi um prazer revê-la depois de tanto tempo. Vou te contar a história toda via WhatsApp.

Via WhatsApp? Nem fodendo!

Que porra! Ela tinha dado o número ao cara? Ele já tinha o caralho do número?

Por que fui comprar a porra do telefone? Porra. Porra. Porra.

Ia ter que pegar aquela desgraça de volta!

— Até mais, Ícaro — ela se despediu, e o cara foi se sentar no fundo do restaurante, com um grupo de pessoas.

— Não posso te deixar um segundo sozinha, porra? — falei, puxando a cadeira para me sentar.

— Não tenho culpa de ser extremamente cobiçável, Max, já que, além de excepcionalmente bonita, gostosa pra caralho e deusa do sexo, sou uma mulher simpática e sociável.

— Simpática e sociável de cu é rola. Quem era aquele cara, Olívia? — perguntei, sentando-me.

— Se estivesse tão interessado em saber, teria cumprimentado e esperado pelas apresentações.

— Responde logo, porra!

— Um velho conhecido — ela respondeu, com enervante concisão.

— Um velho conhecido? Ex-namorado? — perguntei, tentando, inutilmente, fingir desinteresse.

— Primo, já te falei que nunca tive um namorado.

— Você entendeu a porra do sentido da minha pergunta, caralho. Você já transou com aquele cara?

— Já.

Fiquei atônito por alguns segundos.

— Já? E me diz isso assim, com essa cara?

— Que cara, Max? — Ela deu uma risada. — Você sabe que não tirou a minha virgindade, né, primo? Sabe que eu já tinha transado com outros caras antes de transar com você, né? — ironizou.

Eu não estava bem. "Transado" e "outros caras" na mesma frase, saindo da

boca de Olívia, era algo que me deixava tonto, enjoado e furioso.

— Falando em virgindade, Ícaro foi meu primeiro. Olha que coisa engraçada! Eu sempre achei que ele se chamasse Juliano ou Júlio, mas acho que entendi errado quando fomos apresentados, porque ele se chamava Júnior! Ícaro é o nome do pai dele também e...

— Chega, porra! — vociferei. — Vamos embora. — Maneirei no tom, levantando-me.

Ela me seguiu em silêncio, talvez pelo medo de eu estourar na frente de todo mundo, coisa que, até pouco tempo, eu consideraria impossível, mas que ali, no calor do momento, era algo mais provável de acontecer que a porra do nascer do sol na manhã seguinte.

Informei a desistência na recepção do restaurante e, depois de toda a burocracia, andei até o estacionamento.

— Por que estamos indo embora? — ela perguntou, enquanto caminhávamos em direção à vaga.

— Porque, se eu ficasse mais um segundo no mesmo lugar que aquele cara, perderia a porra do controle e acabaria matando o desgraçado com as próprias mãos.

— Eu não perdi a porra do controle quando descobri que você foi apaixonado por Drica na adolescência. E a piranha faz parte da sua vida. E, olha só, ontem o seu pau estava na boca da cadela! Eu nem me lembrava mais do nome do cara com quem perdi a virgindade, enquanto a sua primeira vive no seu pé! Eu vi o cara apenas uma vez, a minha vida inteira! Foi uma noite só, em uma festa, no quarto da...

— Cala a boca, porra! Para! Para de falar dessa porra, caralho! Não quero ouvir mais nada. Porra nenhuma! — falei, destravando o carro e entrando em seguida.

Olívia entrou e cruzou os braços, soltando o ar com fúria.

— Coloca a porra do cinto — ordenei.

— Coloco se eu quiser — ela retrucou, franzindo ainda mais as sobrancelhas.

— Isso não é a porra de um pedido, Olívia! Olha aí, caralho, começou a chover. Coloca a porra do cinto! É uma ordem!

— Você não manda em mim! — ela gritou na minha cara. — Eu te odeio, Max! Você e aquela puta! Bati pouco naquela piranha! Vou desfigurar a cara daquela vagabunda da próxima vez que...

Eu sabia que ia me arrepender amargamente daquilo. Sabia que era a porra de um erro. Mas a porra do tesão estava nublando minha capacidade de raciocinar.

Então, fiz a única coisa que queria fazer naquele momento: agarrei a nuca de Olívia e calei sua boca com a porra de um beijo.

24. Quem espera sempre alcança

OLÍVIA

Ele agarrou minha nuca e calou minha boca com um beijo que me deixou em combustão.

Soltei um arquejo longo e irrefreável, sentindo o coração sacolejar, o corpo arder e o fôlego ir para o espaço quando sua boca monopolizou a minha.

Porra, eu amava aquele homem. Amava seus lábios ávidos, suas mãos impacientes, a firmeza dos antebraços e o cheiro maravilhoso de seu pescoço.

Nossas línguas furiosas discutiam em um idioma só nosso.

Sua mão dominava minha nuca; os dedos fechados entre os fios do meu cabelo, forçando a raiz.

Max descrevia um caminho de fogo em minha coxa enquanto seus lábios migravam para a minha bochecha e desciam para o meu pescoço, arrancando arrepios descontrolados.

— E agora, senhorita Olívia? Ainda me odeia? — perguntou, sem parar de plantar beijos incandescentes em minha pele.

— Odeio — respondi, ouvindo o estremecimento em minha voz.

Senti seus lábios curvando-se em um sorriso atrás da minha orelha.

Max terminou de deslizar meu vestido, subindo-o até a altura da minha virilha. Então tocou minha pele exposta e sugou o ar.

— Tá sem calcinha, porra? — perguntou, entreabrindo minha pele úmida.

— Acho que isso é bem óbvio, primo — provoqueei, reprimindo um gemido. — Era isso ou marcar o vestido.

— Meu Deus, Olívia. — Ele se afastou um pouco. — Você não pode sair sem calcinha, porra!

— Por que não? — perguntei indignada.

— Vai que... — começou, irritado.

— Fica mais fácil pra sentar no seu pau — interrompi, alisando-o por cima da calça e sorrindo maliciosamente.

— Porra. É por isso que eu te amo... — ele disse, levando a mão ao meu rosto e juntando nossos lábios no segundo seguinte.

Minha mente rodopiava enquanto nossas línguas atavam-se e apartavam-se em movimentos ininterruptos.

Ele tinha dito que me amava!

Max tinha me olhado nos olhos e dito que me amava!

Era uma declaração?

ERA UMA DECLARAÇÃO?!

Ai, meu Deus, era uma declaração!

Aquilo havia provocado uma miscelânea de sentimentos indômitos, que se agitavam com intensidade vulcânica, borbulhando entre meus órgãos, espalhando-se pelo meu corpo inteiro.

O coração fazia perigosas acrobacias, saltando e se aventurando em piruetas ousadas.

Max apertava minhas coxas, deslizando e afundando os dedos em minha carne. Castigava meus lábios com sua boca quente e impetuosa enquanto sua mão direita envolvia uma mecha do meu cabelo, puxando-a com força moderada para baixo.

De repente, ele tragou um último gemido e afastou o rosto.

— Eu preciso... — falou, pressionando minha nuca com uma mão e apalpando um peito com a outra.

Eu também precisava. Precisava de Max. Necessitava de cada centímetro de Max.

Aproximei nossas bocas e beijei seus lábios, mordiscando-os enquanto tirava seu blazer e o jogava no banco de trás.

Então, o livreiro do cinto, que teve o mesmo fim que o blazer, e desabotoei sua calça, descendo o zíper rapidamente.

Puxei seu pau para fora e senti sua pele quente preencher minha mão, pulsando.

— Porra. — Max sugou o ar, com os dedos mergulhados em meu cabelo. — Tem camisinha no porta-luvas, prima — falou, apertando minha nuca e torturando minha boca com a dele.

Afastei-me do beijo e abri o compartimento. A luz interior iluminou os objetos, e logo vi o punhado de embalagens.

Senti um pequeno baque, mas empurrei o ciúme idiota para debaixo do tapete. Então, enfiei a mão lá dentro para pescar uma. Mas senti algo duro e cilíndrico na ponta dos dedos. Afastei os preservativos e mirei o pequeno tubo preto que estava entre eles.

Ao ver aquilo, todos os meus castelinhos recém-reconstruídos desabaram outra vez.

Lá estava eu, cometendo o mesmo erro. Prestes a transar com Max pelo que devia ser por volta da vigésima vez, quando, obviamente, aquilo não tinha futuro algum.

E eu sei que não estava à procura de um namorado, e que não queria me casar,

nem nada disso, mas doía.

Doía saber que Max e eu não teríamos um futuro juntos porque, por mais que me custasse admitir, parte de mim, uma parte recôndita de mim, queria um futuro com Max, e até se arriscava a sonhar com isso.

Mas, eu sabia, era impossível. Ele tinha dito que me amava, mas é claro que havia sido no impulso, num furor momentâneo, movido por uma atmosfera sexual e tudo o mais.

Ter me deixado levar pela ilusão de que ele sentia algo por mim foi patético, além do vale do ridículo.

Eu queria que fosse apenas sexo casual, mas, para mim, já havia deixado de ser há um bom tempo. Queria encarar aquilo com naturalidade, mas, porra, era demais desejar que ele fosse apenas meu?

Era muito esperar não encontrar coisas daquele tipo no carro do homem que eu amava?

Eu sabia que Max não me devia nada. Nem explicações. Ele havia deixado tudo claro, era sexo. Estávamos trepando um com o outro, e só.

Mas doía. Deus, como doía. Era algo tão doloroso que chegava a lacerar.

A presença do objeto no porta-luvas provocou algo indefinível em meu interior; uma mistura de sensações cáusticas corroeu minhas entranhas.

— O que foi, prima? — ele questionou, notando que havia algo errado.

Agarrei o tubo com o indicador e o polegar e mostrei a ele.

— O que é isso? — Max perguntou, parecendo genuinamente surpreso.

— Isso é um batom da MAC, Max. *Ruby Woo*. — Informei a cor, conferindo no fundo da embalagem.

Ele fechou os olhos e expirou pesadamente, derrotado.

— Isso não tem importância nenhuma, Olívia — disse, abrindo os olhos. — Alguém deve ter deixado essa porra aí e...

O problema era justamente a imprecisão do termo. Toda a merda jazia no pronome indefinido. *Alguém*.

Podia ser qualquer uma. Com Max, podia sempre ser qualquer uma.

O *Ruby Woo* poderia pertencer a uma das loiras da orgia na piscina. Ou, talvez, fosse da ruiva cabelo cor-de-puta.

Poderia ser da vadia da Drica, de Brenda ou de alguma outra vagabunda da academia. Talvez pertencesse a uma piranha qualquer que ele comeu no estacionamento do supermercado, nas últimas compras do mês. Quem sabe fosse de alguma funcionária da lavanderia onde ele levou meu edredom. Ou da vendedora que tinha vendido o iPhone naquela tarde.

Havia um universo gigantesco de possibilidades. E o que estava causando aquela dor incomensurável em meu peito não era o batom.

Seria apenas a porra do batom de uma mulher qualquer, se não fosse, também, um lembrete de que Max era um devasso, e nunca ia mudar.

Eu o amava, e não suportava dividi-lo. Mas era exatamente o que me esperava se eu continuasse insistindo naqueles sentimentos que só me faziam sofrer.

Expulsei o nódulo da garganta, engolindo-o com dificuldade, e anunciei, ajeitando meu vestido:

— Quero ir embora, Max.

— Olívia... — Ele me olhou com uma expressão desolada.

Pisquei algumas vezes, tentando evitar que lágrimas ardidas escorressem pelas minhas bochechas, como as gotas de chuva escorriam nos vidros do carro.

Ele se aproximou para tocar meu rosto.

— Max, por favor, vamos para casa — pedi, afastando-me e puxando o cinto de segurança.

— É só a porra de um batom... Não significa nada — ele disse, com tristeza.

Então, encurtou a distância entre nós, deslizando o polegar em minha bochecha.

— Vou sair do carro e pegar a porra de um táxi se você não começar a dirigir agora, Max — ameacei.

Minha voz saiu excepcionalmente consternada, mas usei um tom firme o bastante para fazê-lo entender que eu estava falando sério.

Ele abotoou a calça, soltando um suspiro cansado, e afivelou o cinto de segurança.

Então, girou a chave e manobrou, saindo do estacionamento.

O silêncio dentro do carro era pungente. O único barulho audível era o das gotas de chuva, que tilintavam no teto do carro.

Fixei o olhar no para-brisas e mantive os olhos na estrada.

O restaurante ficava na saída da cidade, de modo que era preciso pegar a rodovia. Àquela hora, o trânsito estava assustadoramente tranquilo. Quase não havia carros na pista, mas a apreensão dominou todos os meus sentidos.

Meus pais haviam morrido em um acidente, em uma noite chuvosa, na rodovia.

Eu precisava me distrair, precisava tirar os olhos da estrada.

Virei o pescoço e mirei o perfil de Max. Ele estava pensativo. Sua expressão angustiada demonstrava que uma guerra estava sendo travada em sua cabeça.

O cenho franzido e o lábio levemente mordido eram detalhes que embelezavam ainda mais a cena. Ele ficava lindo dirigindo...

Por que ele ficava tão lindo dirigindo? E por que ele tinha que ficar tão gostoso de preto? Que porra!

Ótimo. Agora eu precisava de algo para me distrair de Max.

Notando que estava sendo observado, ele virou o rosto. Nossos olhos se encontraram, e desviei o olhar imediatamente, disfarçando o flagra com uma pergunta:

— Posso ouvir alguma coisa? — Indiquei o som.

— Claro — ele respondeu, limpando a garganta.

Liguei o rádio, e a voz de Sia preencheu meus ouvidos. *Big Girls Cry*. Senti vontade de chorar na hora.

— Desde que não seja Sia — Max emendou, girando o botão e mudando a rádio. — Meu Deus, muito menos Luan Santana. Ou isso é Gustavo Lima?

— Lucas Lucco — respondi, com um sorriso fraco. — Mas quero ouvir Sia! Tira o dedo, porra — falei, alcançando o botão.

— Geralmente, você gosta quando eu mantenho o dedo, senhorita Olívia — falou, curvando os lábios em um sorriso safado.

— Max, tira a porra do dedo e se concentra na porra da direção! — gritei, desesperada.

— Tá, caralho. — Ele voltou a mão para o volante.

Alterei a rádio e recoloquei Sia para tocar.

Apoiei a cabeça no encosto, fechei os olhos e respirei fundo, ouvindo a música e o barulho ritmado das gotas tamborilando.

Porra, eu queria mesmo chorar.

— Olívia, sobre a história do batom... — Ele retomou o assunto de repente.

— Não quero falar sobre isso, Max — respondi, abrindo os olhos.

— Mas eu quero. Então nós vamos falar sobre isso — ele disse, em um tom obstinado, embora baixo.

— Não na estrada. Não com você dirigindo. E, principalmente, não com essa chuva! Não vamos discutir nessas condições adversas. Não estou a fim de morrer hoje — rebati.

— Está só chuviscando, deixa de ser dramática — ele retrucou com uma risada. — Além disso, sou ótimo em direção defensiva. Pelo amor de Deus, muda isso — falou, girando o botão do rádio de novo.

— É tão bom em direção defensiva que fica desviando a porra da atenção em uma curva! — gritei.

Ele voltou a se concentrar. Girei o botão outra vez, a tempo de ouvir o início do refrão.

— Qual é o seu problema com a Sia, porra? A voz dela é do caralho!

— O meu problema com Sia tem a ver com o problema de Susanne — ele respondeu.

Dei uma risada.

— É, Plínio comentou que ela é meio obcecada pela Sia, mais que eu.

— "Meio obcecada" está bastante longe da realidade. Acho que Suze teria coragem de dar um pé na bunda do marido, por quem ela é completamente louca, para se casar com Sia. Tive que aprender a cantar e tocar todas as músicas. *Todas*. Ela ameaçou não me deixar ver Sofia se eu não aprendesse, acredita nisso? Puta golpe baixo. E, tudo bem, eu concordo que a voz da mulher é do caralho, mas a sua é muito mais — ele disse, com os olhos fixos na direção.

— Mentiroso — acusei, embora meu coração tivesse perdido um compasso com o elogio. — Suze fez um bem à humanidade te obrigando a aprender. Deve ser lindo. Você podia tocar *Elastic Heart* pra mim. — Porra, eu já estava toda derretida imaginando Max cantando *Elastic Heart*.

Não devia estar falando ou sentindo aquelas coisas. Devia estar trabalhando para me afastar dele, e não desejando me aproximar cada vez mais.

Max abriu um sorriso misterioso e disse:

— Prefiro ouvir você. *Elastic Heart* na sua voz foi a coisa mais... Foi a coisa mais perfeita que eu já ouvi, Olívia.

Meu coração chacoalhou dentro do peito enquanto o radialista falava:

— Essa foi *Big Girls Cry*. Fiquem agora com *Elastic Heart*, na nossa Maratona Sia. E, na sequência, *Alive*.

Max sorriu para mim, e eu sorri de volta, impressionada com a coincidência.

— Então, se estava gostando, por que você se levantou, Max? Eu achei que... — comecei, ouvindo os primeiros versos de *Elastic Heart*.

— Não consegui ficar lá — ele me interrompeu, soltando o ar.

— Por que não? — questionei, sentindo as palpitações intensificando-se.

Max umedeceu os lábios e ficou em silêncio.

— Porque... Porque aquilo estava fodendo a minha cabeça, porra — falou por fim.

— Fodendo a sua cabeça? — investiguei.

— É, Olívia, fodendo a porra da minha cabeça! Você não percebe? Como é que você não percebe? Eu saí de lá porque não podia mais suportar aquela dor e todas aquelas coisas, porra! Então eu simplesmente saí. Achei que... Se eu saísse, acabaria com aquilo tudo, mas não adiantou porra nenhuma! A sua voz... O seu rosto... Você, Olívia, você foi junto.

O que ele disse mexeu comigo. Por um momento, uma tímida chama se acendeu em meu peito. Talvez... Talvez ele sentisse algo por mim também. Porra, seria tão perfeito... Eu queria tanto...

Subitamente, lembrei-me do que veio em seguida, na ordem cronológica dos acontecimentos.

— Isso tudo é muito lindo, Max. Mas, então, Drica chupou seu pau — falei, magoada.

— Você nunca vai esquecer essa porra? Eu já expliquei mil vezes! — bradou.

— Não, eu nunca vou esquecer essa porra! Assim como não vou esquecer a porra do batom!

— É só a porra de um batom, Olívia! Eu nem sei há quanto tempo isso está aí.

— Não é só a porra de um batom! É um lembrete de quem você é.

— Um lembrete de quem eu sou? — ele disse, confuso.

— Um devasso, Max! Você é a porra de um devasso! Você vai ser sempre assim, cercado de mulheres e calcinhas de biquíni e, é claro, batons — falei, mostrando o cilindro preto que ainda estava em minha mão.

— Eu nem sei de que é essa porra, caralho! — Ele se defendeu.

— Você não entende? O problema é justamente esse. Você nem sabe de quem é! — argumentei.

— Você queria que eu soubesse de quem é esse caralho?

Porra. Ele estava alterado demais. E muito disperso.

— Não vamos falar sobre isso agora, Max. Você está dirigindo. E está chovendo.

— Chuviscando — corrigiu. — Você queria mesmo que eu soubesse de que é o batom, Olívia?

— Max, presta atenção na pista, porra! Vamos conversar sobre isso depois.

— Depois o caralho! Vamos conversar agora — disse, ligando a seta.

Então guiou o carro para o acostamento e ligou o pisca-alerta.

— Pronto. Agora me responda. Você preferia que a dona dessa porra fosse tão importante a ponto de ser lembrada? Por que estamos discutindo por algo tão irrelevante, Olívia?

— Eu não quero falar sobre isso agora! Quero ir pra casa, porra, antes que a chuva engrosse! — gritei, competindo com o som da voz de Sia.

— E eu quero resolver isso agora! Quero que você entenda, de uma vez por todas, que...

— Max, ou você liga a porra do carro e arranca ou vou abrir a porta, sair e chamar a porra de um táxi para me levar para casa!

Ele deu uma gargalhada.

— Você não teria coragem... — disse, ainda rindo.

— Tem certeza? Tem certeza de que não? — perguntei, tirando o celular da bolsa. — Você não me conhece, Vetter! — Abri a porta do carro e pulei para fora com o iPhone novinho na mão, deixando a voz de Sia, que já cantava *Alive*, para trás.

Bati a porta a tempo de ver sua expressão chocada.

Os pingos de chuva faziam cócegas em meus ombros enquanto eu me afastava o máximo possível.

Apertei o botão central do aparelho e comecei a procurar em meus contatos o nome de seu Francismar.

Max saiu do carro e disse, aproximando-se de mim:

— Como você é teimosa, caralho! Olívia, pelo amor de Deus, volta pro carro.

— Nem morta! — cuspi de volta, passando pelos números.

Minha agenda estava vazia! Todos os números de homens, inclusive o de seu Francismar, haviam desaparecido!

— Max, você mexeu na minha agenda? — perguntei, abismada. — Onde estão os números dos...

— Na puta que pariu! — Ele deu de ombros.

Encarei-o, estupefata.

— Você os excluiu? — inquiri, atônita.

— Excluí, é claro! Pra que você quer uma agenda abarrotada de números de machos, Olívia?

Trinquei os dentes. Atrevido da porra!

— Seu filho da mãe! Pelo mesmo motivo que você tem uma agenda lotada de números de putas, as quais você "pretende comer"! — gritei, irada. — Você não tinha esse direito, Max!

— Tenho a porra do direito que eu quiser! Você não vai sair com aqueles caras. Ponto final. Agora entra na porra do carro.

Soltei uma gargalhada sarcástica.

— Está para nascer o homem que vai me dar ordens, querido. E que moral você tem? Achei um batom no seu carro! Só Deus pra saber o que mais tem aí dentro! Se bobear, encontro uma vadia debaixo do banco traseiro!

Ele soltou um suspiro extenuado, levando a mão à têmpora direita.

— Olívia, estamos molhando à toa! Deixa eu guardar seu celular, pelo menos. Vai estragar na chuva.

Entreguei, a contragosto, e ele o guardou no carro, tirando o próprio iPhone do bolso e guardando junto com o meu.

Então fechou a porta, virou e disse:

— Estamos discutindo, na chuva, por um motivo ridículo. Se eu não sei de quem é a porra do batom, é porque não tem importância nenhuma, caralho! Pelo amor de Deus, vamos voltar para a porra do carro!

— Não vou voltar! O problema é esse! Você não percebe? Não tem importância nenhuma! Elas não têm importância nenhuma, Max! Eu não tenho importância nenhuma! Somos todas iguais, porra!

Suas feições simétricas contorceram-se em uma expressão amargurada.

Ele se aproximou novamente e abrigou a mão em minha nuca.

— Você não tem importância nenhuma? — perguntou com indignação. —

Como pode dizer uma porra dessas, Olívia? Você é importante, porra! Importante pra caralho — falou, mirando meus olhos enquanto seu polegar acariciava minha bochecha. — Você me deixa inseguro, completamente possesso, louco de ciúme. Tudo porque você é... — Ele mordeu o lábio. — Perfeita. Absolutamente perfeita, e eu amo... Amo tudo em você. Amo essa boca suja que você tem, senhorita Olívia. — Max transferiu o dedo para meu lábio inferior, pressionando-o. — Sou louco por essa boca gostosa, e completamente fascinado pela expressão que você faz quando está gozando. Mas é mais que sexo, porra. Amo seu sorriso, o som da sua voz, sua risada. Amo até sua teimosia irracional e o fato de que estamos no meio do nada, na chuva, só porque você adora me desafiar. Amo isso, porra. — Ele abriu um sorriso lindo. — Amo. Amo tudo em você, caralho. Então não venha me falar que você é igual a todas as mulheres, Olívia. Você é única. É a única que eu amo. Eu te amo, porra! Eu te amo.

Meu corpo congelou. Senti o coração rasgar-se ao meio de uma vez. O nó que apertava minha garganta me sufocou, e lágrimas mornas sulcaram minhas bochechas no instante seguinte.

Subitamente, os pingos deram origem a um dilúvio. O aguaceiro encharcou nossas roupas em segundos, enregelando nossas peles e misturando-se às minhas lágrimas.

Joguei as mãos em seu pescoço e pulei em seu colo, colando nossos lábios molhados de chuva.

Meu Deus, Max me amava! Eu não cabia em mim de tanta felicidade!

Meu coração dançava freneticamente. Minhas mãos bagunçavam seu cabelo molhado, e as dele sustentavam minhas pernas entrelaçadas em sua cintura.

Ele caminhou até a lateral oposta à via e pressionou minhas costas no carro.

Nossas línguas aqueciam-se com os movimentos esfomeados de nossos lábios.

Uma inexprimível alegria circulava em minhas veias. Meu peito doía, e a dor se alastrava pelos meus ossos, inundando-me daquela sensação deliciosa.

Max me desceu vagarosamente e subiu meu vestido com as duas mãos enquanto beijava meu pescoço.

— Quero te comer no capô. Agora — sussurrou em meu ouvido, apalpando minha bunda.

Deixei um gemido lento escapar, remexendo o pescoço, enquanto uma corrente de arrepios fustigava o lado direito do meu corpo.

— Oh, Deus... Por favor, Max. Por favor — sussurrei de volta, erguendo-me nas pontas dos pés para beijá-lo.

Ele me pegou no colo de novo e caminhou alguns passos. Sentou-me sobre o capô e subiu meu vestido.

Desabotoei sua calça e desci o zíper enquanto nos beijávamos com urgência.

Max foi se inclinando sobre mim até que eu estivesse deitada. Então abriu minhas pernas, segurando minhas coxas, e entrou.

Arquejamos juntos com a intensidade da primeira metida.

Ele saiu devagar e entrou novamente, deslizando as mãos em minha pele molhada.

— Gostosa... — O desgraçado começou a estocar gostoso pra caralho.

— Cretino — devolvi, soltando um gemido alto e apertando furiosamente seus antebraços.

Ele se curvou sobre mim e continuou metendo enquanto sua língua explorava minha boca.

Finquei as unhas em suas costas, gemendo descontroladamente no encontro entre nossos lábios.

Ele se ergueu, desceu a alça do meu vestido e puxou um peito para fora, apoiando-se nele com uma mão enquanto a outra apertava o início da minha bunda.

As metidas intensas e os apertões tinham me levado à beira do precipício em uma velocidade absurda. Eu já estava quase gozando.

Levantei a cabeça e reivindiquei sua boca, sentindo as primeiras ondas do orgasmo.

Abandonei seus lábios no momento em que o gozo dominou totalmente meus sentidos.

— Hummm, gostoso... Ai, meu Deus, Max... Seu desgraçado... — Enterrei as unhas em seus bíceps.

— Tá gozando sem mim, filha da puta? — Ele estocou mais algumas vezes, apoiando minhas costas com um dos braços.

— Porra! Puta que... — Max puxou o ar entre os dentes. — Gostosa do caralho! — Ele gozou e terminou de proferir palavrões em minha boca.

Nossas línguas amalgamaram-se gentilmente após o gozo, e o contato de nossos lábios provocava estalidos que mais ninguém ouvia.

Instantes depois, Max se afastou, retirando-se de dentro de mim. Senti o líquido morno escorrendo em minhas pernas, e foi quando eu me dei conta, exatamente quando ele exclamou, descendo-me de cima do carro:

— Nunca mais vamos transar de camisinha, porra. Isso aqui é vida!

— Talvez seja mesmo, filho da puta! Não estou tomando nada, caralho! — Dei um soco no braço dele.

Ele deu uma risada.

— Fica tranquila, prima. A gente resolve isso amanhã. Hoje, nós vamos só...

— Relaxar e gozar? — perguntei, sentindo dificuldade para falar por causa do

temporal.

— Exato. — Ele deu uma risada. — Vem.

Max puxou minha mão e se preparou para abrir a porta traseira do carro.

— Vamos entrar assim? Ensopados? — perguntei, chocada. — Vamos foder o carro inteiro!

— A ideia é *quase* essa. — Ele abriu um sorriso malicioso.

A chuva caía torrencialmente sobre nós, tornando nossas peles frias.

Mas eu me sentia em chamas.

Porra, eu queria mais. Muito mais. Concordei com um lábio mordido.

Então ele abriu a porta e eu entrei. Max entrou em seguida, no momento em que o radialista anunciava *Fire Meet Gasoline*.

Livramo-nos desesperadamente das roupas molhadas um do outro ao som dos primeiros versos da música:

It's dangerous to fall in love

(É perigoso se apaixonar)

But I wanna burn with you tonight

(Mas eu quero queimar com você esta noite)

Hurt me

(Me machuque)

There's two of us

(Há dois de nós)

We're bristling with desire

(Estamos repletos de desejo)

The pleasure's pain and fire.

(A dor e o fogo do prazer)

Burn me

(Me queime)

So come on

(Então vamos lá)

I'll take you on, take you on

(Eu vou guiá-lo, guiá-lo)

I ache for love, ache for us

(Eu sofro por amor, sofro por nós)

Why don't you come

(Por que você não vem)

Don't you come a little closer

(Não vem um pouco mais perto?)

So come on now

(Então venha agora)

Strike the match, strike the match now
(Risque o fósforo, risque o fósforo agora)
We're a perfect match, perfect somehow
(Nós somos um par perfeito, perfeito de alguma forma)
We were meant for one another
(Fomos feitos um para o outro)
Come a little closer
(Aproxime-se)

Durante os versos seguintes, nossos corpos úmidos mantiveram-se tão colados quanto nossos lábios impacientes.

Até que gozamos juntos outra vez, como a porra de um par perfeito.

25. Cada coisa a seu tempo

MAX

Eu tinha confessado. Tinha dito as palavras a Olívia e, puta que pariu, não estava arrependido, o que era estranho pra caralho.

Elas saíram naturalmente, sem que eu as pudesse impedir. Nem precisei pensar. Só... Olhei em seus olhos e disse. E, então... Alívio.

Agora todos os meus problemas acabariam. Ela seria minha e de mais ninguém. Quem ousasse se aproximar ia se foder gostoso no meu punho.

O único problema era que Olívia não tinha dito de volta. Mas pulou em meu pescoço e me beijou. Isso era um tipo de resposta. Certo?

Não, porra. Errado. Mulheres falam "eu te amo" o tempo todo, caralho! Já ouvi tantas vezes que jamais seria capaz de dizer um número exato.

"Max, eu te amo!". "Max, por favor, me ame!". "Max, estou completamente apaixonada por você!". "Max, me peça em namoro!". "Max, eu só penso em você, só quero você". "Max, estou enlouquecendo por sua causa!".

Já ouvi tudo isso e muitas variações, múltiplas vezes. Nem vou entrar no mérito infinito do "pelo amor de Deus, Max, me come outra vez? Só mais uma!".

Enfim, essas declarações sempre me deixaram puto pra caralho. Costumava achar essa porra toda a coisa mais desgastante do mundo, mas agora queria, mais que tudo, ouvir as palavras certas saindo daquela boca gostosa. Minha boca gostosa. Minha Olívia. Minha. Minha. Minha.

"Amor de cu é rola. O negócio é foder gostoso, e uma vez só" costumava ser o lema da minha vida, antes de eu descobrir que foder com amor, além de ser a melhor coisa do mundo, vicia.

Nada se comparava a Olívia. Eu não sabia explicar o motivo ou precisar o momento em que a porra toda aconteceu, mas isso não tinha importância.

Tinha acontecido, e estava alterando tudo em mim, provocando uma verdadeira revolução em meus axiomas. Era uma porra séria, algo tão inexplicável quanto avassalador.

Eu já não era mais o mesmo, e era incômodo pra caralho não me reconhecer em minha própria pele.

Boa parte da sensação desconfortável havia desaparecido quando eu finalmente disse que a amava, revelando o sentimento que vinha me torturando.

E eu tinha a ligeira impressão de que o restante do desconforto só desapareceria se Olívia sentisse e dissesse o mesmo.

Porra, eu queria, acima de todas as coisas, que ela tivesse pronunciado as três malditas palavras. Por que ela não tinha dito "eu te amo" de volta?

Estávamos sentados no banco traseiro, ouvindo o radialista anunciar o fim da Maratona Sia e o início das músicas pedidas pelos ouvintes. Meus dedos acariciavam o cabelo molhado de Olívia enquanto ela apoiava a cabeça em meu peito.

Havíamos transado há alguns minutos e estávamos normalizando nossas respirações após o último orgasmo.

Sobre isso, meu Deus, eu nunca mais ia usar camisinha de novo. Não fazia ideia do que estava perdendo. Era bom pra caralho foder sem nada. Completamente diferente. Agora que meu pau finalmente entrou em contato direto com uma boceta (puta que pariu, eu estava vivendo em um mundo de ilusão), só tenho a dizer: adeus, *Jontex*. Perderam um puta comprador. Boa sorte no processo de falência!

Enquanto Olívia traçava figuras e linhas com o indicador em meu peito, eu pensava nas possíveis razões para ela não ter dito que me amava.

A primeira, e a mais dolorosa, era: ela não me amava.

Isso era algo que eu precisava considerar. Meu faro dizia que ela sentia algo por mim, mas, mesmo que eu estivesse certo sobre isso, era amor? Meu superego queria acreditar que sim, mas eu precisava controlar minha pretensão descomedida.

Olívia estava certa a meu respeito. Eu era um babaca presunçoso. Estava acostumado a ouvir aquelas três palavras broxantes com certa frequência. Era uma ironia da porra o fato de que, justamente quando soariam como um perfeito afrodisíaco (não que eu precisasse de um, claro), as palavras não vinham. E se ela não me amasse? Como eu lidaria com a rejeição?

Não, eu não podia pensar na intensidade da dor que o desprezo acarretaria.

Apertei seus ombros, trazendo-a para mais perto e beijei seu cabelo.

Senti seu sorriso em meu peito.

Ela me amava. Claro que amava.

O que me levava a pensar em um segundo motivo: Olívia tinha ficado chocada com a revelação e, por isso, não disse nada.

Isso era bastante provável. As palavras, ditas ali, debaixo da chuva, tinham sido demais para processar. A revelação fora surpreendente, e ela ficou sem palavras. Então me beijou, a única coisa que poderia fazer ante as circunstâncias. Plausível, compreensível e, até agora, minha hipótese favorita, principalmente porque a reação, embora não tenha sido exatamente a ideal, nos levou àquela

foda que, de longe, havia sido a melhor da minha vida, depois da trepada que a sucedeu.

Era sobrenatural. A cada transa, a coisa evoluía, e ficava impossivelmente melhor.

Eu estava pensando em uma terceira possibilidade quando a ouvi chamar baixinho:

— Max...

Ela ia dizer?

Meu coração deu um salto (um salto másculo, porra), e eu sequer me repreendi mentalmente por ficar tão afetado. A ansiedade me corroía, e eu estava me fodendo para o fato.

— Oi, prima... — respondi, limpando a garganta.

— Parece que parou de chover — ela disse e subiu a cabeça para beijar meu maxilar.

Expirei, soltando minha decepção no ar abafado.

— Talvez seja melhor voltarmos, antes que volte a chover daquele jeito de novo — sugeriu, afastando-se de repente para limpar o vidro embaçado. — Porra, não parou, mas diminuiu.

— Como eu queria não ter que dirigir agora — falei, movendo-me para agarrar sua cintura.

— É uma pena que eu não esteja sentindo minhas pernas, ou poderia dirigir em seu lugar — ela disse, e eu a coloquei no meu colo.

— Eu não deixaria. Nem fodendo — falei com firmeza, apertando-a.

— Ai, que atencioso, Max... — Ela sorriu e plantou os lábios nos meus, dando-me um selinho.

— Atencioso o caralho! Não estou preocupado com você, prima. Mas com o bem-estar do meu carro! — provoquei.

Olívia me fuzilou, estreitando os olhos.

— Tomar no cu, cretino! Sou muito melhor que você no volante, seu machista do caralho! — Ela me deu um beliscão no braço. — E, já que você se importa tanto com o carro, não devíamos ter transado aqui e alagado tudo. Agora tem porra e água de chuva pra todo lado!

Fiquei observando suas feições irritadas, completamente fascinado por suas sobrancelhas franzidas.

Desci os olhos e encontrei seus peitos. Apalpei os dois, massageando seus mamilos.

— Para, porra... — ela falou, tentando parecer séria, mas derretendo-se com o contato.

— Acontece que tenho prioridades, senhorita Olívia. Meu próprio bem-estar é

mais importante que a porra do carro. — Envolvi sua cintura com os dois braços e beijei seu pescoço. — E não é porque você é mulher, porra. Só eu dirijo isso aqui.

— Mas você deixou Thomas... Ai, Max... — Ela moveu o ombro, gemendo baixinho.

— Pelo mesmo motivo: meu bem-estar antes do carro. O foda é que foi à toa, já que você fodeu com o nosso dia juntos — reclamei, mordendo seu lábio inferior.

— Estamos juntos agora — ela falou e me beijou.

Deixei as mãos se fartarem em suas curvas enquanto minha boca se deliciava com a suavidade perene de seus lábios.

Queria ficar ali, beijando-a, pelo resto dos meus dias.

— Eu queria ficar aqui para sempre. — Olívia se afastou e disse, olhando em meus olhos, enquanto suas mãos massageavam meu peito.

Abri um sorriso imenso, impressionado com a sintonia.

— Mas podemos terminar isso em casa — completou. — Acho melhor aproveitarmos a trégua para voltar. — À medida que ia dizendo, ela ia se aproximando, até estar a centímetros da minha boca novamente, pontuando a sentença com o início de um novo beijo.

— Anrã — concordei em sua boca, antes de enovelar nossas línguas.

O radialista anunciou *Say You Love Me*, de Jessie Ware, no momento em que me inclinei sobre ela, apalpando-a enquanto beijava suas bochechas e a deitava no banco.

Transferi os lábios para seu pescoço, sugando sua pele com delicadeza.

Rocei seus ombros nus, enquanto acariciava seus mamilos.

Substituí as mãos pela língua e os circudei, reivindicando-os totalmente com a boca.

Ela gemia e se contorcia, com os dedos afundados em meu cabelo molhado.

Desci os lábios, provando o gosto de chuva de seu abdome, deslizando as mãos pelas laterais de seu corpo, apertando sua pele.

Desloquei a língua até estacionar na minha vaga preferida e dei um beijo intenso em seu clitóris. Lambi e chupei por alguns instantes, então troquei a boca pelos dedos e perguntei com um sorriso sacana:

— A gente pode terminar isso em casa, né, prima?

Ela soltou um gemido e balançou negativamente a cabeça em resposta à pergunta e ao movimento circular dos meus dedos.

Parei de mexer e escorreguei as mãos até aqueles peitos gostosos, unindo nossos lábios em um beijo ardente.

Então ocupei sua entrada, acomodando-me devagar enquanto me apropriava

de sua boca.

— Só dez metidas e vamos embora — anunciei, afastando-me de seus lábios e saindo para entrar novamente. — Conta comigo, senhorita Olívia — pedi, com a voz alterada. — Duas — falei, afundando a cabeça em seu pescoço.

— Ai, que gostoso, Max... — ela balbuciou, acariciando minhas costas.

— Conta, porra. — Puxei seu lábio inferior e pronunciamos "três" juntos. — Quatro. Cinco. Seis.

Beijei seu rosto e pousei os lábios em sua boca, beijando-a enquanto contava mais três metidas mentalmente.

Enfiei os braços debaixo de suas costas e a puxei, sentando-me no banco e trazendo-a para cima.

— Dez — ela disse, sentando no meu pau.

Afundi os dedos em sua bunda com uma mão e puxei seu cabelo com a outra.

— Hora de ir embora, primo? — perguntou, rebolando no meu colo com meu cacete enterrado.

— Cavalga, caralho — ordenei, deslizando a mão por suas costas até estar com as duas agarrando aquela bunda perfeita.

Então ela começou a subir e descer, rebolando gostoso enquanto fincava as unhas em meus bíceps.

Envolvi seu corpo com os braços, apertando e beijando cada mínimo espaço de pele que minhas mãos e boca alcançavam.

— Ai, meu Deus, Max...

Vi que ela estava quase lá e sussurrei em seu ouvido, sentindo meu próprio orgasmo se aproximando:

— Isso, gostosa, goza gostoso. — Caralho, quem gozou gostoso fui eu.

— Ai, Max... Eu te amo — ela disse, afundando uma mão em meu cabelo e apertando meu peito com a outra. — Porra, eu vou... — E, então, ela gozou, agarrando um punhado de fios e despejando os gemidos finais em minha boca.

Eu estava gozando quando ouvi minhas novas palavras favoritas, e ainda estava fora de órbita quando ela me beijou, mordendo meu lábio no momento exato em que a música parava de tocar.

Ali, enquanto a chuva se debruçava sobre o carro, e Olívia se debruçava sobre mim, eu me sentia em casa, embora estivesse a quilômetros de distância.

Olívia era meu lar.

— Você disse que me ama — falei, afagando seu cabelo e sorrindo feito um idiota.

Ela ficou em silêncio. Senti sua respiração alterada em minha pele.

De repente, levantou a cabeça, saiu de cima de mim, sentou-se ao meu lado e me olhou.

— Você estava falando sério? — perguntou, com uma expressão preocupada.
— Quando disse que me ama, estava sendo sincero?

— Acha que eu mentiria sobre uma coisa dessas? — Franzi o cenho, indignado.

— Você é um devasso, Max — justificou, como se fosse o pior dos defeitos.

— Quando o devasso está te comendo, você não reclama. E já falei que posso ser a porra de um devasso, como você diz, mas eu não minto, caralho.

Olívia entrelaçou as mãos no colo e apoiou a cabeça no encosto do banco, fitando o teto do carro.

Então soltou o ar e questionou:

— Você disse aquilo só para garantir que vai ser o único homem da minha vida, Max?

Duas lágrimas grossas rolaram por suas bochechas.

— Eu quero e vou ser o único homem da sua vida — falei, secando seu rosto.
— Olívia — puxei seu queixo, virando-o em minha direção —, eu sou o homem da sua vida, porra. E falei que te amo porque é a verdade. Falei porque isso estava fodendo a minha cabeça há tempo demais. Você fodeu a minha cabeça e a porra do meu coração. Falei porque não podia permitir que você pensasse que é igual a todas as mulheres. Falei porque sei que você é a mulher da minha vida. E eu nem sei mais quem sou, além do cara que está apaixonado por você. E, enquanto eu digo essas coisas, meu coração dói pra caralho, e eu sei o quanto isso soa *gay*, mas foda-se. Eu te amo. Você acha mesmo que eu te diria isso se não fosse verdade? Por que você acha que eu mataria até Tito por sua causa? Porque eu te amo, Olívia. Você me perguntou sobre o carro. Não deixo ninguém dirigi-lo porque é meu. E eu não gosto de dividir o que é meu. Com ninguém. Não divido nada. Sou um filho da puta egoísta. Você é minha. — Beijeí sua testa. — Toda minha. — Beijeí cada um dos seus olhos. — Minha. — Dei um beijo em cada bochecha. — E só minha. — Grudei nossos lábios em um beijo apaixonado. — Acredita agora? — perguntei quando nossas bocas se afastaram.

— Também sou uma filha da puta egoísta, Max. Vou ser a única mulher da sua vida? — ela questionou, erguendo uma sobrancelha adoravelmente ameaçadora.

— Durante a semana, sim. Mas, sabe como é, um devasso precisa variar o cardápio pelo menos no fim de semana — brinquei.

Ela fez uma expressão chocada.

— Tô brincando, porra! — apressei-me em dizer. — É claro que vai ser a única, senhorita Olívia. — Dei uma piscada e caí na risada.

Ela arregalou os olhos.

— Prima, você não devia ser tão impressionável — falei, rindo. — Tô te alugando, caralho. Vai ser a única, porra. Você é a única que eu quero.

— Acho bom — ela disse, me olhando com um sorriso enorme no rosto.

— Você é tão linda — falei, deixando meus olhos se deliciarem com a simetria de suas feições.

— Eu te amo — ela disse em resposta.

Meu coração deu um pulo, e meus lábios curvaram-se no maior sorriso que eu podia dar.

— Amo você, Max. — Ela acariciou meu queixo, mantendo o olhar no meu. — Amo tudo em você. Amo sua beleza diabólica, cretino. — Olívia deslizou os dedos em meu rosto, pousando-os em minha boca. — Amo seu sorrisinho insolente. — Tracejou o formato dos meus lábios com o indicador, substituindo-os pelos próprios lábios em um beijo rápido. — Sou louca por esse corpo gostoso. — Ela resvalou as mãos pelo meu abdome. — E completamente viciada nesse pau perfeito que você tem. — Ela se ajoelhou no chão do carro e, segurando-o, o enfiou na boca.

— Meu Deus... — Mordi o lábio.

— Mas é mais que sexo — ela continuou, cuspiendo na cabeça e espalhando a saliva pela região.

— Caralho... — Puxei o ar entre os dentes.

— Amo como você soa como um trovão quando diz "que porra é essa, Olívia?", amo a expressão serena que você faz quando está dormindo, seu cheiro maravilhoso, e amo quando você me chama de "senhorita Olívia", como se fosse um cavalheiro do século XIX, mas soando como um perfeito devasso, meu devasso. Amo sua devassidão, Max. — Ela estava manejando meu pau enquanto falava, e eu estava tentando me manter lúcido o bastante para decorar tudo, palavra por palavra. — Amo até a sua autoconfiança hiperbólica mesclada a um narcisismo megalomaniaco patológico. — Ela disse e me chupou outra vez.

Porra, eu queria rir da porra do distúrbio, mas como, com aquela boca gostosa chupando minha pica?

— E também amo o fato de que estamos no meio do nada, pelados dentro do seu carro, enquanto a chuva cai lá fora, e só o que eu quero é que você seja o primeiro e o último homem a gozar na minha boca. — Ela disse, acariciando minhas bolas. — Goza na minha boca, cretino — falou, engolindo meu pau enquanto me fitava com aqueles olhos sedutores.

— Puta que pariu... — Mergulhei a mão em sua nuca, ajeitando-me melhor no banco.

Seus dedinhos de brasa acariciavam meu saco enquanto ela descia a boca, preenchendo-a com vários centímetros, deixando a língua passear pela extensão até chegar ao topo.

Aquilo era um boquete. Aquela boquinha indecente tinha sido moldada no

formato da cabeça do meu pau.

Ela tirou a boca e chupou uma bola com suavidade, me encarando. Então lambeu da base até o final e voltou a engoli-lo.

Olívia alternava entre chupadas longas e curtas, todas intensas e martirizantes, lambendo e pressionando meu cacete com a mão quente e habilidosa.

Meus dedos ora acariciavam, ora puxavam seu cabelo, e, pouco depois do início daquela sessão de tortura, eu já estava arquejando e gemendo alto, prestes a gozar.

— Caralho, Olívia. — Apertei sua nuca, sentindo o pau pulsar antes do gozo. — Vou gozar, porra — avisei, com a garganta seca. — Puta que... Porra. Meu Deus.

Ela engoliu e chupou meu pau de novo, quando eu ainda estava vendo estrelas.

— Filha da puta. — Puxei seu cabelo e colei minha boca na dela. — Te amo, caralho — falei, afastando-me e me jogando no encosto do banco.

Ela se levantou, sentou-se ao meu lado e envolveu meu tórax com os braços.

— E então? — perguntei, sem conseguir evitar um sorriso.

— Você tinha razão quando disse que da próxima vez que eu colocasse seu pau na minha boca ia gozar gostoso, e eu ia pedir mais. — Ela beijou meu ombro e traçou uma linha de beijos pelo meu pescoço e maxilar. — Vou sempre querer mais. E acho justo que, em troca desse superboquete, você me deixe levar o carro para casa.

— O quê? — Mudei minha posição no banco. — Nem fodendo.

— Deixa de ser cretino, Max! — Ela me lançou um olhar fulminante. — Deixei você gozar na porra da minha boca, seu puto! Foi uma prova de amor. — Ela cruzou os braços e fez um biquinho.

— Para de ser linda, porra. — Dei um beijo em seus lábios franzidos. — Não vou deixar por uma questão de... Aposto que você nem está com a carteira de habilitação.

— Estou, sim! Quer ver? — desafiou.

— Deve estar vencida. — Dei uma risada.

— Seu cu. Não está, caralho! Sou uma condutora exemplar. Dez mil vezes melhor que você. Nunca nem fui multada, porra. E eu queria tanto... Queria tanto dirigir essa belezinha... — disse, olhando ao redor do carro.

— Cu — falei.

— O quê? — ela perguntou, estupefata.

Dei uma risada.

— Cu ou nada feito, prima. — Dei de ombros.

Foi a vez de Olívia rir. Teve uma crise de riso, na verdade.

— Já deixei você gozar na minha boca, Vetter! Considere isso um grande feito! Cu, meu filho, só casando. E nós dois levaríamos no cu na noite de núpcias, claro. Ou você já se esqueceu do tridente do diabo? Aliás, você já está de quatro por mim, certo? Tá atrasado, Tinhoso! Traz logo esse tridente! — Ela caiu na risada.

— Muito engraçado, mas não estou de quatro porra nenhuma — falei, pegando meu blazer no chão do carro. — Toma, caralho, veste essa porra.

— Tá nervosinho, lindo? Só porque vai tomar, literalmente, no cu? Vai ser gostoso, Max. E você vai pedir mais — zombou, gargalhando enquanto enfiava um braço no blazer.

— Que porra, Olívia! Eu esperava isso do puto do Tito, de Plínio, de Piolho e de todos os outros putos. Não de você, caralho! — falei, vestindo minha calça molhada.

— Não vou descansar enquanto não vir esse tridente atolado na sua bunda — ela disse, terminando de se vestir.

— E eu não vou descansar enquanto não comer seu cu — falei, ajeitando o blazer em seu corpo, de modo que não ficasse nada de fora.

— Vai me deixar dirigir? — perguntou, esperançosa.

— Não — respondi, puto pra caralho.

— Você não me ama... — Ela fingiu tristeza.

— Deixa de ser filha da puta e para de fingimento, porra.

Olívia levantou a cabeça e me mostrou o dedo do meio.

— Que infantil... — falei, com pretensa reprovação, enquanto colocava a camisa. — Vou deixar, caralho, mas só se você prometer que não vai passar de 80 km/h, que não vai fazer ultrapassagem em faixa dupla, que vai manter os olhos nas porras dos retrovisores, sinalizar e...

— Eu sei dirigir, porra — ela reclamou, fazendo uma careta.

— E só se tiver parado totalmente de chover — completei, torcendo para que estivesse, no mínimo, chuviscando. — Não vou deixar você dirigir na chuva. Perigoso demais.

Ela abriu a porta na hora, estendeu a palma da mão e disse, depois de alguns segundos:

— Chupa, cretino! Parou!

Dizendo isso, pulou do carro, soltando gritinhos eufóricos, e correu até a porta do motorista, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa.

Fui atrás e sentei-me no banco do passageiro, observando-a ajustar o banco e os retrovisores.

— Ai, que emoção! — ela exclamou, colocando o cinto. — Tá preparado? — perguntou, olhando para mim.

— Estou. — Fiz o teste.
— Está o caralho! Coloca o cinto, porra! — ela gritou.
— Coloco se eu quiser — falei, rindo.
— Por favorzinho, meu amor? — ela disse, açucarando a voz.
— Pedindo assim, prima, deixo até você comer meu cu com uma cinta-caralha
— brinquei.
Ela gargalhou enquanto ligava o motor.
Então, fomos juntos rumo à Rua das Cerejeiras, embora eu já me sentisse em casa.

26. Muitos cozinheiros estragam a sopa

OLÍVIA

— Vai mais devagar, Olívia — Max me repreendeu, com uma mão na minha coxa.

— Max, fica de boa aí. Sei o que estou fazendo — falei, fingindo ignorar a recomendação, mas diminuindo a pressão no acelerador. — Seria hilário se sofrêssemos um acidente agora, não seria? Já pensou se a gente morre?

— Quer ir pro inferno, porra? Porque, depois daquelas trepadas, é pra lá que a gente vai. Direto, sem purgatório.

— Você iria pra lá de qualquer jeito, primo. Você veio de lá, aliás. Foi projetado pelo próprio diabo. Eu, por outro lado, me comportei a vida inteira, Max. Você, enviado das Trevas, me corrompeu. Não tive culpa, nem como me defender eu tive. Não posso ser julgada por algo que estava fora do meu próprio controle. Logo, você vai sozinho pro inferno, pra levar as merecidas tridentadas no rabo! — Gargalhei.

— Tá muito engraçadinha, senhorita Olívia. — Ele subiu aquela mão quente e grande mais uns centímetros, alcançando minha virilha.

— Isso, tira toda a minha concentração, cretino... Vai encontrar o diabo e o tridente mais cedo do que imagina... Para, puto... Max... — Soltei um gemido. — Assim eu vou capotar, porra!

— Lamento dizer — ele falou, voltando a mão para uma posição razoavelmente segura (ou seja: o início da minha coxa) —, mas a senhorita não é nenhuma santa. E, mesmo se fosse, prima, saiba que quem se deixa corromper também vai para o inferno. Eu já nasci corrompido. Fato. Mas, antes de você, talvez eu tivesse uma chance no purgatório. Agora vamos arder no fogo do inferno juntos, por toda a eternidade. — Ele sorriu largamente, aquele sorriso torto e vitorioso, absolutamente lindo.

— Oh, Max, como você é romântico... — ironizei, sentindo meu coração acelerar ante a visão daqueles lábios perfeitamente curvados.

— A gente faz o que pode. — Ele deu uma risada. Uma risada linda.

Ai, meu Deus... Eu queria implorar para ele parar de ser lindo!

O devasso continuou acariciando minha perna enquanto me dava instruções, guiando-me pelo caminho. Infelizmente, não demoramos muito para chegar. Minutos depois, eu estacionava na garagem de Max.

— Viu? Fiz tudo direitinho, não fiz? — perguntei, tirando o cinto.

— Mais ou menos. — Riu.

Estreitei os olhos, fulminando-o.

— Tá, prima. Passou na primeira fase do teste. Mas aposto que não sabe fazer baliza. — Ele caiu na risada.

— E eu aposto que faço melhor e mais rápido que você — desafiei.

Max teve uma crise de riso.

— Tá duvidando, cretino? Podemos tirar a prova agora! — exclamei, já me preparando para ligar o carro novamente.

— Já viu que horas são, porra? Quase duas da manhã. E eu tô morto de fome porque, graças a você, perdi meu *goulash*. E precisamos tomar banho ainda. Vem, vamos descer — ele disse, pegando nossos celulares e abrindo a porta.

— Graças a mim? Graças ao seu chique! — retruquei, descendo também.

— Chilique, Olívia? Você passou a porra do número praquele cara! Falando nisso, não vai poder ficar com o celular. Não vai ficar de conversa com macho na porra do WhatsApp.

— Ah, mas você pode ficar de papinho com suas putas no caralho do WhatsApp! Tudo certo! Tudo bem! — alfinetei.

Max se aproximou e levantou meu queixo com delicadeza. Senti um ligeiro tremor quando ele umedeceu os lábios, aterrisou o olhar em meus olhos e disse:

— Eu quero só você, senhorita Olívia.

Eu queria acreditar. Mas como ignorar o fato de que apenas alguns dias atrás ele estava na piscina com três mulheres dentro?

Eu não podia simplesmente desconsiderar o que sabia sobre Max só porque tinha me apaixonado por ele em tão pouco tempo. Aliás, tudo o que eu sabia era bem pouco, mas suficiente para não mergulhar de cabeça em algo que, muito provavelmente, não daria certo.

Max monogâmico? Seria possível? Eu não sabia dizer. Mas, de uma coisa eu sabia: se não fosse assim, não poderia ser de outro jeito.

Preferia sofrer sem ele a ter que dividi-lo com todas as mulheres que ele porventura quisesse comer.

As horas que passamos juntos naquele acostamento foram as melhores da minha vida. Quando eu disse que queria ficar lá para sempre, era por me sentir em uma grande bolha perfeita, e eu sabia que fora dela as coisas seriam difíceis.

Amar Max era fácil, tão fácil que tinha acontecido comigo, uma mulher totalmente desinteressada no amor ou em qualquer tipo de comprometimento. E, certamente, nada interessada em se apaixonar por um devasso.

Quantas mulheres já não tinham se apaixonado por ele? Em que o meu amor era diferente?

De que tipo era o meu amor? Era do tipo "eu te amo incondicionalmente e daria a vida por você", como nos romances e filmes água-com-açúcar, ou estava mais para "eu te amo, vamos viver um dia após o outro e ver no que isso vai dar".

Definitivamente, o segundo tipo. Com certeza. É óbvio que eu não podia amá-lo tanto em tão pouco tempo. Seria absurdo. Eu não o conhecia o bastante para amá-lo incondicionalmente.

Mas o queria só para mim. Era um tipo inofensivo e possessivo de amor. Nada cinematográfico, nada exagerado. Uma coisa totalmente racional, embora o próprio fato de estar apaixonada por um devasso fosse a coisa mais estúpida da face da Terra. Tirando isso, a racionalidade estava reinando.

Ele tinha dito que me amava, e aquela declaração perfeita acabou comigo. O desgraçado tinha conseguido a proeza de me deixar ainda mais derretida.

Eu só queria ligar o foda-se e amá-lo. E amá-lo e amá-lo e amá-lo. E amá-lo mais um pouco.

Mas sabia que estava caminhando em direção a um caminho sem volta. Precisava frear.

Então perguntei se ele estava sendo sincero, e Max me veio com aquela enxurrada de palavras lindas de novo. Talvez fosse apenas a eloquência nata, concedida pelo diabo, falando. Eu não podia me esquecer de que ele era obra do Rabo-de-seta.

Ai, meu Deus, mas era uma obra tão linda... E ele ficava tão incredivelmente gostoso falando aquelas coisas... E parecia tão sincero...

Eu acreditei em sua sinceridade. Mas uma coisa não saía da minha cabeça: como ele podia saber? Como um devasso podia saber o que era o amor?

Talvez ele acreditasse nisso, que me amava. Quem sabe acreditasse piamente e, por isso, parecia tão honesto. Talvez, Max achasse que era amor porque nunca tinha experimentado algo assim antes, e estava confundindo uma mera paixonite com um sentimento mais profundo.

É óbvio que eu queria que fosse verdadeiro! Queria que Max e eu tivéssemos algo como o que tia Ercília dissera ter vivido com Franz. Queria que ela estivesse certa sobre a casa rosa e sobre encontrarmos o amor bem ao nosso lado. Mas, e se não fosse? E se fosse só ilusão?

Eu estava completamente errada, sobre achar que Thomas era o amor que tinha vindo morar ao meu lado. Era Max, não Thomas. O tempo todo, desde que o conheci, era Max. Desde que vi aquele sorrisinho insolente pela primeira vez. O amor estava, literalmente, ao meu lado. Sempre esteve. O devasso morava ao lado, porra!

Como fui tão cega?

O que eu achava que sentia por Thomas era nada. Nunca foi amor, nem chegava perto. Era apenas empatia.

Mas Max... Max fazia meu coração doer, minha mente flutuar e meu corpo queimar. Ele era perfeito, absolutamente perfeito. O cretino era meu Fitzwilliam Darcy.

Na verdade, era muito melhor que Darcy, porque era real, além de devasso.

Justamente por causa disso, eu precisava manter algumas reservas.

Mas, naquela noite, eu não pensaria em nada. Só sentiria.

— Também quero só você, cretino — falei, levando a mão ao rosto dele para acariciá-lo.

Max a segurou e beijou cada dedo com ternura.

— Amo esses dedinhos — falou, inclinando-se para me beijar.

Nossas línguas aninharam-se e, depois de algum tempo me beijando, ele me pegou no colo.

Então, entramos na casa.

MAX

Enquanto a banheira enchia, Olívia me ajudava a tirar as roupas molhadas.

Primeiro, desabotoamos a camisa juntos, e, enquanto eu a passava pelos braços, ela resvalava as mãos pelo meu tórax úmido, pousando-as no botão da calça e libertando-o da casa.

Em seguida, desceu o zíper, escorregando a peça pelas minhas pernas. Puxei-as, livrando-me completamente do incômodo tecido molhado.

Ela se aproximou e ficou nas pontas dos pés, apoiando-se em meu pescoço. Buscou meus lábios e desceu uma das mãos devagar, dedilhando cada músculo do meu abdome enquanto nos beijávamos vagarosamente.

Agarrei as laterais do blazer, e ela me ajudou a removê-lo. Quando a peça beijou o chão, uni nossos corpos e provei a textura delicada de seus lábios.

Encerrei o beijo com carícias em suas bochechas e a ajudei a entrar na banheira.

Liguei os jatos enquanto ela se sentava. Então me abaixei e me ajoelhei no piso, beijando seu pescoço, deixando minhas mãos percorrerem seu corpo, espalhando água morna em sua clavícula e ombros.

Acaricieei seus peitos, colidindo nossos lábios em pequenos beijos pausados.

Olívia enchia minha boca de gemidos curtos. Seus dedos deslizavam

suavemente pelos meus braços, perpassando os ombros e subindo para a minha nuca.

Afastei-me pelos segundos suficientes para me unir a ela na banheira.

Sentei-me e a acomodei entre minhas pernas, envolvendo-a e perfazendo uma trilha de beijos da região abaixo da orelha até o início dos seios.

Minhas mãos continuavam palmeando sua pele; percorriam sua barriga lisa, subiam para os mamilos, desciam para as coxas, alcançavam seus joelhos flexionados, e retornavam o caminho para alcançar a virilha.

Meus dedos brincavam com seu clitóris submerso, meus dentes mordiscavam seu pescoço, e meus ouvidos deliciavam-se com os sons que ela produzia.

Seu braço arqueado terminava em minha nuca, e sua mão desordenava meus fios enquanto nossos lábios embaralhavam-se em beijos sucessivos.

Meu coração batia descompassado contra suas costas coladas em meu peito. Seu cabelo molhado grudava em minha pele, formando desenhos negros que eu gostaria de tatuar.

Olívia se moveu, posicionando os joelhos entre minhas pernas, ficando de frente para mim. Então segurou meu rosto e me beijou.

Minha ereção descansava em sua barriga, e seus dedos ora apertavam meus ombros e bíceps, ora varriam meu cabelo, acompanhando os movimentos de nossas cabeças e a cadência do beijo.

Desci os lábios pela clavícula e, apalpando seus peitos, mergulhei um mamilo na boca.

Ela entrelaçou os dedos no meu pescoço e deixou a cabeça tombar para trás, gemendo gostoso enquanto eu chupava um e passava para o outro.

Brinquei com seus mamilos intumescidos até que, deslizando as mãos pelo meu tórax, ela me incentivou a descer o corpo. Então, se colocou ao meu lado, deixando os peitos repousarem em minha pele, e agarrou minha ereção, manejando-a para cima e para baixo, enquanto nossos lábios se chocavam.

Depois de um tempo, ela subiu em mim e começou a atritar a boceta no meu pau, torturando meus lábios com beijos e mordiscadas lascivas.

Escorreguei as mãos por suas costas arqueadas, estacionando-as nas duas bandas empinadas de sua bunda.

Apertei sua pele molhada, sentindo o pau latejar em contato com o clitóris pulsante e inchado.

Então, ela segurou meu cacete e impulsionou a cabeça em sua entrada, esfregando-a em minha pele sensível enquanto me olhava com o lábio mordido.

— Enterra, filha da puta — rosnei.

Olívia sorriu maliciosamente, se afastou, acariciando minhas pernas, e enfiou meu pau na boca, chupando-o com vontade.

Sem aviso, voltou à posição e sentou de uma vez no meu cacete, gemendo alto comigo.

— Oh, Max... — Ela apertava meu peito e arquejava, subindo e descendo.

Tangenciei nossos lábios, mesclando nossos suspiros, respirações e palavras não ditas.

Enfiei os dedos em seu cabelo molhado e transferi os beijos para o pescoço, enquanto ela comandava o ritmo.

— Só mais um pouco e quero que você me coma de quatro, primo — ela disse, cavalgando e gemendo, com o rosto colado ao meu.

— É por isso que eu te amo, porra. — Dei um tapa naquela bunda gostosa.

— Filho da puta. — Ela puxou o ar entre os dentes e cavalgou mais forte, enquanto eu apertava região ardida com força e colava nossos lábios em um beijo impulsivo.

Libertei sua boca e a coloquei de quatro na banheira. Ela se apoiou na borda, virou a cabeça e me olhou, mordendo o lábio curvado em um sorriso obsceno.

— Sua safada... — Segurei o pau com uma mão, apertei sua bunda com a outra e entrei, afundando os dez dedos em sua carne macia em seguida.

Então saí e meti outra vez, arrancando um gemido poderoso de sua garganta.

— Atola, desgraçado — atçou.

Agarrei seu cabelo com força e a ergui, colando suas costas em meu peitoral. Enchi minha mão com um de seus peitos, deslizando-a até seu pescoço, enquanto o outro braço envolvia sua cintura.

— Vai se arrepender de ter pedido isso, senhorita Olívia — falei, com a boca grudada em seu ouvido.

Dei algumas metidas lentas, lambendo, mordendo e beijando seu pescoço.

Desci as mãos por seu corpo, segurando-a pela cintura e inclinando-a novamente. Ela voltou a se apoiar na beirada da banheira, e eu enfiei tudo de uma vez.

Olívia soltou um grito mesclado a um gemido alto, e eu liguei o foda-se. Meti sem dó.

— Te amo. — Curvei o corpo e beijei seu ombro, diminuindo a intensidade. — Rebola na minha pica, minha linda.

— Ai, meu Deus, Max...

Voltei à posição, deslizando as mãos por suas costas, pressionando sua pele. Então continuei metendo, e ela começou a rebolar. Parei as metidas aos movimentos gostosos daquela bunda que me deixava louco, assistindo àquela cena, sentindo todo o meu autocontrole ameaçado.

— Gostosa... — Apertei sua pele e, embora soubesse que o ideal era diminuir o ritmo, meti mais forte, voltando a estocar.

— Te amo, filho da mãe — ela disse, rebolando pra caralho.

— Que porra, Olívia...

Minha resistência àqueles movimentos perfeitos estava vergonhosa. Eu só pensava em gozar. Só queria gozar.

— Para, caralho. — Estaquei, apertando sua bunda no último instante, a um passo da tênue linha do gozo.

Esperei alguns segundos até que pudesse retirar o pau em segurança e o fiz.

— Já tá querendo gozar, priminho? — provocou, olhando por cima do ombro com uma expressão endiabrada.

— Fica rebolando gostoso desse jeito, porra! — xinguei. — E tô transando sem camisinha, caralho, na porra de uma banheira, vendo essa bunda escorregadia... — Mordi o lábio, apertando sua pele.

Ela caiu na risada.

Que porra. Onde estava o meu autocontrole? Era difícil pra caralho controlar o gozo com Olívia. Era começar a meter e me desligar. Era meter e querer gozar até a última gota.

Eu estava puto. Absolutamente puto com o fato de que tinha me tornado um precoce, coisa que não havia sido nem na porra da adolescência!

Ela se aproximou e me abraçou, dando vários beijos em meu rosto. Então, suas mãos passearam pelo meu corpo molhado e pousaram em minhas bolas.

— Você fica lindo assim... Todo puto. Tenho vontade de te morder, Max — falou, mordiscando meu ombro. — Tão gostoso... — Suas mãos migraram para a base do meu pau, acariciando-o até alcançarem a cabeça.

Segurei sua cintura com uma mão e afaguei seu cabelo, descendo o braço por suas costas, palmilhando cada centímetro de sua pele até alisar sua bunda, fazendo suaves movimentos circulares.

— Me come devagar, Max, como se tivéssemos todo o tempo do mundo — sussurrou em meu ouvido e me encarou, com as mãos entrelaçadas em minha nuca.

Mirei seus olhos cheios de tesão e fundi nossos lábios.

Então meus braços envolveram suas pernas, e eu a ergui, pegando-a no colo e me levantando, com cuidado, da banheira.

Olívia enlaçou minhas costas e minha cintura com seus membros, e eu caminhei até o quarto beijando seu rosto e sua boca, sustentando-a pelas coxas.

Coloquei-a sobre a cama, espalhando beijos em seu pescoço e transferindo-os para os lábios. Fui descendo, demarcando uma linha de carícias até chegar à boceta.

Lambi e chupei, enquanto ela se apoiava em um dos cotovelos, com os dedos imersos em meu cabelo, observando-me.

Mergulhei o clitóris inteiro na boca, sugando-o intensamente, e de novo, intercalando beijos e lambidas.

Ela abandonou a posição e deixou o corpo golpear a cama, apertando os lençóis, gemendo com a cabeça para trás.

Parei de chupá-la, ouvindo seus gemidinhos de decepção, e subi para beijá-la. Deixei minha língua explorar sua boca e, só então, a preenchi devagar.

Trocamos beijos suaves enquanto gemíamos juntos com as primeiras metidas.

— Max... — ela balbuciou, acariciando minhas costas e subindo as mãos para minha nuca. — Eu te amo, cretino.

Sorri e intensifiquei o ritmo, beijando-a sofregamente e aprisionando nossos arquejos no encontro de nossas bocas.

Então estoquei mais um pouco e afastei a cabeça para dizer, entrando e saindo vagarosamente:

— Te amo, minha linda.

Ela sorriu e puxou meu rosto, voltando a me beijar.

O ritmo do beijo acompanhou meus movimentos lentos e sutis.

Fui aumentando a velocidade devagar, e logo estava estocando de novo.

Enfiei os braços por debaixo de suas costas e mudei a posição, sentando-me na cama e trazendo-a para cima.

Minhas pernas estavam esticadas sobre os lençóis. Olívia flexionou as dela em torno da minha cintura. Meus braços envolviam-na. Seus mamilos roçavam meu peito. Uma de suas mãos apertava meu pescoço com força; a outra pressionava meu bíceps.

Apoiei minhas palmas sobre o colchão e deixei que ela comandasse.

Olívia acariciava meu peito, percorria meu pescoço e meu maxilar.

Nossos olhares mantinham-se fixos. Nossos movimentos intensos provocavam gemidos e respirações entrecortadas. Nossas bocas atavam-se e separavam-se a todo instante.

Agarrando sua cintura, eu a trouxe mais para perto e comecei a estocar, segurando as laterais de seu corpo, forçando-a em direção ao meu pau. Ela gemia livremente, apoiando-se em minha nuca.

Parei de meter, migrando os lábios para seu pescoço, sugando sua pele.

Então, a joguei de costas na cama e me posicionei ao lado dela, beijando-a enquanto a penetrava, agarrando sua coxa.

Apoiei-me em um dos cotovelos e, alternando a intensidade dos movimentos, entrei e saí múltiplas vezes.

Soltei sua perna, e ela a descansou por cima da minha. Tateei seu corpo inteiro, apertando-o de encontro ao meu, sem interromper as metidas.

— Goza pro seu homem, gostosa — pedi, mordendo seu pescoço.

— Oh, Deus... Max... Meu. — Olívia mordeu meu lábio. — Meu. — Ela gemeu, fincando as unhas em meu braço.

— Seu — respondi, conectando nossos lábios e acoplando nossas línguas.

— Quase. Goza comigo, Max — ela murmurou em minha boca.

— Ah, caralho — praguejei, sentindo o êxtase atingir o pico.

— Porra — pronunciamos juntos, liberando uma chuva de gemidos altos, palavras incompreensíveis e palavrões entrecortados.

Busquei sua boca com a minha, acariciando sua pele úmida com as duas mãos.

Então, saí devagar, erguendo-me e observando minha porra escorrer vagarosamente por sua entrada.

Sendo completamente honesto, havia uma coisa quase primitiva por trás daquilo. Eu me sentia praticamente um homem das cavernas marcando a própria mulher.

— Minha. — Beije a parte interna de sua coxa, fitando-a. — Minha. — Repeti o gesto na outra perna.

Olívia me encarou e sorriu:

— Sua.

OLÍVIA

— Seu rosto está avermelhado... — Max disse, me encarando debaixo do chuveiro.

— O seu também. Acabamos de transar, Max. Eu me surpreenderia se não estivéssemos avermelhados. Você está quente... — comentei, deslizando as mãos cheias de espuma por seu abdome.

— Eu sou quente, Olívia — ele respondeu, sorrindo, enquanto ensaboava meus peitos.

Ele os estava ensaboando há uns dez minutos, desde que terminamos de lavar nossos cabelos, sem dar atenção alguma para os meus braços, por exemplo. Mas estava tão bom que eu poderia sair daquele banho com os braços imundos, mas ostentando peitos reluzentes, de tão limpos.

— Está mais quente que o normal, eu acho — observei, sentindo um calor atípico emanando de sua pele.

— Então não desce a mão, prima, ou vai se queimar. — Max abriu aquele sorrisinho insolente que me tira do sério, mas que eu amo.

— Palhaço. — Meneei a cabeça, rindo, e resvalei as mãos de propósito, alcançando seu pau.

— Palhaço é meu pau, senhorita Olívia. Quer descabelar? — Ele riu, ainda ensaboando meus peitos.

— Pois o palhaço deve estar alegre, porque o circo está pegando fogo... — brinquei, constatando que ele estava mesmo quente.

— Isso é... — Ele levou a mão ao nariz. — É... Caralho, vou espirrar... — E, então, espirrou.

— Isso é um péssimo sinal, Max. Está sentindo alguma coisa? Dores no corpo? — sondei, sentindo meus próprios músculos reclamando de dor.

— Passamos a noite transando, Olívia, é claro que não estou cem por cento em relação a... — Ele espirrou de novo.

— Vamos terminar logo esse banho. Acho que você está com febre, porra. Se estiver muito alta, não vai ser só um resfriado, mas gripe — falei, terminando de ensaboá-lo.

— Febre de cu é rola — Ele abriu um sorriso fraco. — Max Vetter não adoece, prima. Não fico gripado desde... — Ele soltou outro espirro. — A infância — completou. — São só espirros esporádicos.

— E, se eu estou quente, você também está. — Ele pegou na própria testa, depois tocou minhas bochechas, averiguando a intensidade da quentura. — Estamos quentes. Somos quentes — falou, beijando meus lábios.

Foi o beijo mais literalmente quente da minha vida.

— Você está tão quente quanto eu... — ele falou, quando nossas bocas se separaram.

Meus ombros doíam, a cabeça tinha começado a latejar há alguns minutos, e eu me sentia mortalmente exausta. Até então, tinha atribuído as dores e a exaustão à maratona de sexo fantástico, mas agora estava suspeitando de que pudesse ser um resfriado ou, na pior das hipóteses, uma gripe.

Não por causa da chuva. Aquele papo da vovó de que pegar chuva, chupar gelo e sair no sereno sem camisa são atitudes que podem nos deixar resfriados é mito. Posso não ter concluído a faculdade de Medicina, mas, pelo amor de Deus, pelo menos isso eu sei (isso e descomprimir o peito de alguém com pneumotórax de tensão, que, como eu disse, aprendi no filme "E se fosse verdade", antes de passar no vestibular. Só é preciso uma faca, um tubo de caneta esferográfica — ou algo cilíndricamente similar —, um homem morrendo e uma dose extra de coragem para perfurá-lo no segundo espaço intercostal — isso eu aprendi na faculdade).

Era junho, estávamos no inverno, época do ano em que há maior incidência de infecções respiratórias. Provavelmente, um de nós dois havia contraído o vírus e

passado ao outro. Coincidentemente, tomamos chuva.

Se tia Ercília estivesse viva, responsabilizaria o temporal pela enfermidade, com certeza. Mas o verdadeiro culpado era o vírus *influenza* ou, esperançosamente, o *rhinovirus*.

— Ainda está com fome? — perguntei, terminando de me ensaboar.

— Quase nenhuma, mas meu estômago está doendo — ele respondeu.

— Você fica deitado. Vou descer e pegar alguma coisa pra você comer.

Max deu uma risada fraca.

— Nem fodendo.

— Você não pode dizer que me ama e ficar doente, cretino — fingi repreendê-lo, puxando-o para debaixo do chuveiro.

— Não tô doente, porra — insisti.

— Tá, sim, caralho — retruquei, abraçando-o debaixo d'água.

Então me afastei e desliguei o chuveiro, soltando um espirro.

— Para de me imitar, senhorita Olívia. Me ame menos. — Max tentou rir, caminhando devagar em direção às toalhas.

— Não consigo, lindo — brinquei, embora fosse verdade.

— Eu sei. Sou muito amável — ele provocou, me estendendo uma toalha. — Vem buscar. Tô cansado. — Ele reprimiu uma risada.

— Cavalheirismo mandou lembranças, cretino. — Caminhei até ele, prendendo os lábios para não rir, e peguei a toalha.

— Você sempre soube que sou um ogro, não um príncipe encantado. Lembra? Só me pareço fisicamente com um príncipe, mas sou um ogro por dentro. E não um ogro legal como o Shrek — citou.

Tive que rir, embora até meus músculos faciais doessem.

Depois de nos secarmos, voltamos para o quarto.

Max queria ficar pelado, mas eu o obriguei a se vestir, ainda que, internamente, apoiasse sua relutância. Ele me emprestou a mesma camiseta da noite anterior, cujo tecido tinha seu cheiro e o meu.

E, então, depois de muito discutir sobre quem ficaria deitado e quem desceria, fomos juntos até a cozinha.

Na verdade, fomos arrastados, praticamente. Porque, durante os minutos de discussão, a manifestação dos sintomas foi se tornando ainda mais visível.

— Eu queria *goulash* — Max choramingou, abrindo a geladeira.

— Para de ser fofo, porra... — implorei, quase sentindo um ataque cardíaco ao ver a expressão mais fofa da face da Terra estampada naquele rosto lindo.

— A gente podia tentar fazer *goulash*... Nem deve ser tão difícil! — exclamou, subitamente entusiasmado.

Tirei forças do cu para rir daquilo.

— Max, você não sabe fritar um ovo. Eu não sei fritar um ovo. E estamos *malzaços*. Como é que vamos fazer *goulash*, caralho? Para começar, eu nem sei do que isso é feito.

— Internet serve pra que, prima? — Ele tirou o celular do bolso do short e começou a digitar.

— A febre tá comendo seus miolos — falei, rindo. — Três e tanta da manhã e você querendo fazer *goulash*...

— Qualquer hora é hora pra comer *goulash*, porra — continuou, atento à tela do aparelho. — Vai dizendo os ingredientes e eu vou pegando. — Ele me entregou o celular.

— *Okay*. 500g de coxão mole cortado em cubos. — Li e caí na risada. — Agora me diga de onde você vai tirar carne descongelada a essa hora, Max.

Ele moveu as íris de um lado para outro, fazendo uma carinha pensativa.

Tive uma crise de riso.

— Tá, caralho. Não dá pra fazer essa porra. Vamos dormir, então — falou, puto.

— A gente faz sem a carne, primo — provoquei. — Uma sopinha de legumes!

— Tomar no cu, filha da puta. — Ele se aproximou e beijou meu cabelo, rindo.

— Tô falando sério. Gente gripada toma sopa. A gente pode fazer miojo! Eu sei fazer miojo! — vangloriei-me.

Max se afastou, me fitou e morreu de rir da minha cara.

— Prima, até Sofia deve saber fazer miojo, e você aí, se sentindo a Ana Maria Braga só porque consegue colocar um retângulo compacto de macarrão dentro de uma panela de água fervente! E, de todo jeito, eu não como miojo. Ruim pra caralho essa porra. — Ele fez careta.

— E bosta, Max, você come? — perguntei, cruzando os braços de raiva.

Ele riu até precisar dobrar o corpo.

— Ai, porra, tá doendo tudo — falou, erguendo-se, ainda rindo.

— Vou fazer a porra de uma sopa — anunciei, levantando-me do banco. — E você vai ser meu Louro José.

Max explodiu em uma nova onda de gargalhadas enquanto eu abria os armários à procura de uma panela.

TITO

Subi na minha Diavel recém-comprada e coloquei o capacete. Tinha parado de chover, mas eu teria saído fora mesmo que um ciclone tropical estivesse rondando o exterior do apartamento de Larissa.

Não, o problema não era Larissa.

Quero dizer, boa parte era.

Ela era divertida, inteligente, linda e absolutamente diferente de todas as mulheres que eu já havia conhecido.

E o sexo era... Puta que pariu...

Justamente por isso, eu não podia cair naquela de novo. Tinha passado a vida inteira transando com uma mulher só.

Agora que estava livre, não ia cometer o mesmo erro. Precisava desbravar o mundo de cores e formatos do qual me privei desde a adolescência.

Então, quando me peguei observando o sorriso de Larissa enquanto ela me contava a história por trás de cada uma de suas tatuagens, não pensei duas vezes.

— Preciso ir — falei de repente, me levantando.

— Hã? — ela perguntou, confusa.

— Eu... Tenho um compromisso amanhã cedo e... — comecei, pegando a cueca no chão.

— Entendi — ela disse, fitando meu rosto com olhos magoados.

Então continuou, depois de uma pausa curta:

— Eu estava meio sem jeito de pedir que você fosse embora. Então que ótimo que você já estava indo, assim não me sinto tão mal.

— Queria que eu fosse embora? — perguntei, com o orgulho ferido, enquanto abotoava a calça.

— Não me leva a mal, Tito, mas não estou interessada em foda fixa ou em qualquer outro tipo de relação.

Disfarcei o choque pela sinceridade e respondi, começando a abotoar a camisa:

— Eu, muito menos.

Depois de me vestir, eu me despedi, beijando sua bochecha, e saí do prédio em direção ao estacionamento.

Minhas roupas estavam secas, porque Larissa e eu tivemos a sorte de pegar só alguns pingos de chuva na saída do restaurante.

Terminei de afivelar o capacete, liguei a moto e arranquei, rumo à casa de Max.

Quando cheguei, encontrei uma cena bizarra. Ia subir direto, mas estava com sede e decidi passar primeiro na cozinha.

Havia uma panela no fogo, e o local inteiro estava uma zona. A bancada tinha cascas e pedaços de legumes espalhados para todo canto. Havia molho de

tomate, macarrão cru, círculos de cenoura e cubos grosseiramente cortados de batata sujando o piso.

Max estava sentado em um dos bancos, debruçado sobre o balcão, e Olívia estava ao lado, na mesma posição. Um dos braços dele estava sobre os ombros dela, e os dois assentos estavam praticamente colados.

Nenhum dos dois me ouviu chegar.

Caminei até eles e os encarei de frente. Estavam dormindo. A panela no fogo borbulhava.

Fui até lá e abri a tampa. Uma mistura de aspecto ruim me encarou de volta.

Peguei uma colher e experimentei aquela coisa. Horrível.

É claro. Max e Liv na cozinha? Não podia dar em algo comível.

Desliguei o fogo e fui até eles.

— Puto — chamei.

Ele não respondeu.

— Max — tentei de novo.

Nada.

— Max. — Toquei seu braço, balançando-o.

Estava quente pra caralho. Levei a mão à testa dele e constatei que estava com febre.

Max ergueu o corpo, estreitando os olhos para focalizar meu rosto.

— Que porra, Tito...

Liv se mexeu em seguida e levantou a cabeça, fungando.

Os dois estavam com a face avermelhada. Toquei a testa de Liv e confirmei minha suspeita.

— Tira a mão da minha mulher, filho da... — Max espirrou, afastando meu braço.

— Da sua o quê? — perguntei, alarmado.

— Da minha mulher, porra — ele respondeu, abraçando-a.

— Tá tudo doendo... — Liv disse, apoiando-se nele.

— Caralho... O que foi que eu perdi? — perguntei, surpreso.

— Uma declaração linda debaixo de chuva. Ele me ama, Thomas. — Ela o circundou com os braços.

— Uma declar... — Caí na risada. — É sério? — perguntei, direcionando os olhos para Max.

— Olívia, sem detalhes, porra. Quer me foder, me beija, caralho!

— Puta que pariu, vocês confessaram? Quero ouvir. Eu só acredito ouvindo!

Max me mostrou o dedo do meio.

— Max... A gente podia deitar. Cansada — disse Olívia, escorando a cabeça no braço dele.

— Vocês estão se esquecendo da gororoba que estavam fazendo? — indiquei a panela com a cabeça.

— Ai, meu Deus, a sopa! — ela exclamou.

— Aquilo é tudo, menos sopa. — Gargalhei. — Vocês dois são as duas pessoas mais desprovidas de habilidades gastronômicas que eu conheço. De onde tiraram a ideia de fazer sopa?

— A gente *tava* com fome, porra. E eu queria *goulash*, mas, aí, a gente fez sopa e... — Max começou a explicar, visivelmente cansado.

— Lamento informar, mas experimentei a sopinha de vocês, e está com gosto de merda.

— Eu falei que não era uma boa ideia colocar aquelas coisas verdes, Max. Mas, não, o bonitão insistiu! — acusou Olívia.

— O problema não foi a porra do legume verde! Foi a sua ideia de colocar aquele tempero. Eu falei que aquilo não era de sopa! — Max revidou, soltando um espirro.

— Tempero? Vocês colocaram? Porque não parece. Já experimentaram aquilo lá? — perguntei, rindo.

— Eu falei que a gente tinha que experimentar, mas ela disse que ia estragar a porra da sopa! — Max respondeu.

— Não estragou porra nenhuma! Thomas não sabe nem onde está o nariz dele! — Olívia se levantou e caminhou em direção ao *cooktop*.

— Pegou uma colher, abriu a tampa e provou, fazendo careta.

Em seguida, espirrou. Dentro da panela.

Tive uma crise de riso, mas nenhum deles me acompanhou. Em vez disso, me fitaram, putos.

— Desculpa, mas é hilário! Só não tanto quanto o fato de que assim que o dia amanhecer vou rodar a cidade atrás de um tridente. Depois, vou ligar pra Plínio e pra a galera do time, e faremos rodadas de atolamento. Isso, é claro, depois que alguns daqueles enrustidos comerem seu cu do jeito tradicional, puto.

— Vá se foder, sua puta! — Max bradou. — Vamos deitar, Olívia — falou, levantando-se e puxando Liv.

— Vocês se amam tanto que até adoecem juntos! — provoquei. — Sabem que estão com febre, né? Quais são os outros sintomas? — perguntei.

— Dor de cabeça, dores no corpo, um pouco de dor de garganta e uma mal-estar do caralho — Liv respondeu.

— E você, puto?

— Pau no seu cu, Tito.

Soltei uma risada.

— Calma, porra. Vou pegar leve na minha vez de atolar o tridente. Fica

tranquilo. Está sentindo dores musculares?

— Estou, mas é de tanto foder, coisa que você não faz.

— Economizei energia a vida toda para esse momento. Garanto que vou te arrombar gostoso amanhã — respondi, rindo.

— Espero que não seja com o seu pinto. Meu cu merece mais que isso.

— Se eu usasse meu pinto, você ficaria sem sentar por uma semana, filho da puta.

— Parem de usar a palavra "pinto". É broxante. — Liv riu.

— É para ser. Estamos falando do pinto de Tito, não do meu pau, porra. — Max falou, puto.

— Não fica putinho, lindo. Eu te amo — ela disse, ficando nas pontas dos pés para beijá-lo no rosto.

Meu cu travou. Arregalei os olhos e fiquei esperando ouvir Max dizer o mesmo. Se ele dissesse, eu saberia que o Anticristo já estava entre nós.

Ele sorriu, estendeu o dedo do meio na minha cara e disse, olhando para Liv:

— Também te amo, minha linda.

E, então, eles se beijaram. Na porra da minha frente.

Eu me senti presenciando algo memorável, como a queda do Muro de Berlim.

— Cara, estou com dó do seu rabo — falei, enquanto eles se beijavam. — Preciso ligar pra Plínio agora. Tenho que contar a alguém ou posso acordar amanhã achando que fiquei louco.

— Liga, sua rapariga — ele disse, afastando-se. Não sem antes dar um último beijo nos lábios de Liv.

— Thomas, ele tá muito quente — ela falou, enlaçando-o.

— Vamos subir. Tenho termômetro lá em cima.

Então caminhamos em direção às escadas, e eu tentei, juro que tentei, não pirracá-lo naquelas condições, mas era mais forte que eu.

— Você fica gostosa pra caralho assim, só de camiseta, Liv.

Max estacou na hora e me encarou com um olhar assassino e os punhos cerrados.

— Tô te zoando, porra! — falei, sem coragem para esperar o soco.

Reprimi o riso, prendendo os lábios. Já vira Max socar alguns caras no boxe, e amava a minha cara o bastante para não arriscar ganhar uma deformidade facial permanente.

— Olívia, suba — ele ordenou.

— Você não manda em mim, cretino — ela respondeu, cruzando os braços.

Max respirou fundo e abrandou o tom.

— Por favor, prima. Suba e se enrole nos lençóis. Pelo amor de Deus, faça isso por mim. Ou vou precisar matar Tito.

— Max, deixa de ser ridículo, eu estou vestida e Thomas estava só tentando te irritar!

— Suba, porra! — rosnou.

— Cretino! — ela gritou, mas subiu, furiosa.

— Tito, é o seguinte, caralho. Se você disser outra merda do tipo, eu vou te bater, porra!

— Eu estava só te alugando, cara. Mas é bom se acostumar com essas provocações. O pessoal do time vai cair matando. Liv é... — Eu ia dizer "gostosa", mas o amor que tenho à vida não deixou. — Uma mulher bonita — completei. — Você precisa se preparar, porque os caras vão te deixar louco.

— Foi o último aviso. — Ele me ignorou. — Da próxima vez, vou me esquecer de quem você é — alertou e voltou a subir as escadas.

— Meu Deus. A porra é séria mesmo. Que cor você vai escolher para a decoração da cerimônia? Preciso comparar uma gravata do tom exato. Os padrinhos usarão flor na lapela? — perguntei, rindo, enquanto subíamos os degraus.

— No dia em que você me vir casado, te dou permissão para enfiar o pinto em todos os meus orifícios, até nos meus ouvidos. — Ele deu uma risada. — Eu a amo, é verdade. Mas não queremos nos casar. Não vamos nos casar, porra. Vamos só... Manter as coisas assim, exatamente como estão.

— Tá bom... — ironizei. — Mal posso esperar pra enfiar o pau na sua boca. E ai de você se não me chupar gostoso. — Caí na risada.

Quando chegamos ao quarto, Olívia estava trocando os lençóis da cama.

— Que porra é essa, Olívia? — Max perguntou.

— A porra é sua, cretino. — Ela espirrou. — Estou trocando os lençóis que você sujou.

Saí de lá rindo, e fui buscar minha maleta. Quando voltei, os dois estavam debaixo das cobertas, abraçados, de conchinha.

Foi a cena mais surreal que eu já presenciei na vida.

Depois de examiná-los, concluí que o diagnóstico mais provável era gripe. Max estava com 40°C, e Olívia, 39°C. Nenhum dos dois tinha tomado a vacina.

Max era um filho da puta que se considerava um deus imortal. É claro que não se importaria em ser vacinado. Mas me surpreendi com Olívia, que era médica, e não tinha se prevenido.

Dei um antipirético a ambos e, na manhã seguinte, iria à farmácia para comprar oseltamivir, que ajudaria a reduzir as manifestações clínicas e eventuais complicações.

Mas, mesmo com o tratamento adequado, eles passariam dias naquela cama. Os sintomas ainda se intensificariam bastante.

— Foi você quem me passou o vírus, porra — disse Olívia, tossindo, quando eu saía do quarto para preparar uma sopa decente enquanto eles ainda tinham apetite suficiente para comer.

— Foi você, caralho — ele retrucou, beijando-a na testa.

— Você, Max — ela teimou, abraçando-o.

— Você, minha linda — ele insistiu, acariciando-a no rosto.

— Você — ela sussurrou, encostando o nariz no dele.

— Você — ele disse baixinho.

— Você. — Eu quase não a escutei dizer.

E, então, só ouvi o barulho de suas respirações pesadas.

Eles tinham adormecido juntos.

Saí e fechei a porta.

Eu mal podia esperar pela zoeira. A galera do time o comeria vivo.

27. Para quem sabe ler, pinga é letra

♣ Trecho do Diário de Sofia ♣

Querido diario

O tio Max esta duente. E a Olivia tambem. Mas papai disse que eles estão muito maus e que só vou poder visitar eles depois que eles ficarem mais melhores. Eu to com saudade do tio Max. Tem muitos dias que não posso ir ver ele.

Papai disse que não ia adiantar muito eu ir por que o tio Max e a Olivia dormem o dia todo e mau conversam por que a gargantina deles doi igual a minha dueu quando eu fiquei duente tambem.

Mais eu tava com muita saudade sem ver ele. Então tive a ideia de mandar uma cartinha pra ele. Eu não lembro direito o que eu escrevi mais foi mais ou menos assim:

Oi, tio Max.

Eu to com saudade mais o papai disse que você ta muito duentinho e tossindo e espirrando muito igual eu fiquei daquela vez.

O tio Tito disse que você disse pra Olivia que ama ela e eu fiquei muito feliz tio Max! Agora que você já disse a gente não tem mais aquele segredo.

Eu queria muito um priminho tio Max! Vai ter aquela sementinha que o papai mim falou? Você vai colocar ela na barriga da Olivia quando? Vai demorar muito? Porque eu queria logo.

Eu não sei como que coloca porque sou menina. Mas o papai disse que você sabe muito bem colocar sementinhas. E o papai tambem sabe porque ele que mim colocou na barriga da minha mãe. E eu fui uma sementinha muito comportada. Creci direitinho. O papai que falou.

Quero que você sare loguinho tio Max. Eu to com saudade de você. E da Olivia tambem.

Manda um beijo pra ela e pro meu priminho se você já tiver colocado ele la dentro.

Eu prefiro priminha viu tio Max? Tem como você escolher que sementinha

vai ser?

Te amo muito. Fica bom logo. Você nunca adoece!

Eu ia escrever mais. Mais to atrasada pra escola.

Beijinhos no nariz.

Souf.

Escrevi ontem e o tio Tito levou.

Hoje ele veio visitar agente e disse pro papai que o tio Max vai ser papai e eu fiquei muito feliz porque isso quer dizer que ele já colocou uma sementinha na Olivia e ela vai crescer e virar um priminho fofo pra mim! E eu já escolhi os nomes de todos os priminhos que eu vou ter. Fiz uma lista de nomes bonitos pra todos eles. Tem uns nomes que eu acho mais legais mais eu vou amar todos os priminhos que o tio Max colocar na Olivia.

Mais o nome desse de agora depende porque num sei se vai ser menina ou menino. Eu quero muito que seja menina pra gente brincar juntas com as minhas bonecas.

Eu tenho uma barbi sereia que é muito legal e você sabe que ela é linda porque eu já desenhei ela aqui. Ficou muito legal porque coloquei glitter que a minha mãe comprou pra mim na calda dela. E ficou muito brilhoso e bonito.

Se fosse uma menina eu queria que ela chamasse Aurora ou Ariel. E se fosse um menino podia ser Felipe né? Ou então Eric. Ele ia ser um príncipe lindo igual o tio Max. Mais eu não quero que seja um menino porque meninos são xatos.

Igual o Matheus. Hoje ele disse que eu sou muito xatona. E eu falei pra ele que xatona de cu é rola. O tio Max fala isso sempre e eu acho muito engrassado. Mais a professora não riu e a diretora chamou o papai e ele foi mim buscar na escola hoje. E agora eu to de castigo e o papai foi lá na casa do tio Max com a mamãe. E eu to aqui sozinha com a minha babá. Ela que é uma xatona porque não mim deixou ver Thomas e seus amigos. Falou pra mim fazer o dever que eu já fiz. Eu já fiz todas as continhas de mais. E as de menos eu não sei direito mais fiz também.

Mais mesmo assim a xatona não mim deixou ver o desenho. Então eu to escrevendo em você e ela tá no uotisapi. Eu sempre isqueço como escreve uotisapi. Podia ver no meu celular, mas a xatona tá com ele no bolso porque o papai disse que vou ficar uma semana de castigo de tudo que eu gosto porque ele já mim disse que as coisas que o tio Max fala eu não posso falar de jeito nenhum.

E o tio Max também já mim disse isso muitas vezes. E eu sei que princesas boazinhas não falam essas coisas que o meu tio Max fala mais o Matheus é

muinto irritante e ele acha que é o menino mais bonito da sala. Nem é. Coitado.

Eu tenho dó do Matheus porque ele é retardado e acha que é bom em matemática. Nem é. Ele é burro. Eu sei fazer continhas de menos melhor que ele.

A Duda acha que o Igor é o mais inteligente e o mais bonito da sala. Eu já disse que a Duda disse que vai casar com o Igor né?

O Igor é legal mais eu falei pra Duda que o Matheus é mais bonito que ele. A Duda disse que não é e eu falei que o Matheus é xato mais ele tem olhos claros e puxadinhos que é uma coisa bonita. Mais é só isso que ele tem de bonito. E o cabelo dele é liso e muinto preto ingual de indio. Isso tambem é um pouco bonito. Mais ele não é marrom ingual os indios, é da minha cor. E é xato. E eu odeio o Matheus e o Ben10.

O tio Tito comprou uma motona muinto legal e eu acho que ele nunca vai deixar a Larissa andar nela. Eu perguntei pro tio Tito se ele vai casar com a Larissa e ele riu muinto. Falou que não vai casar nunca, porque alguém tem que tomar o posto do tio Max agora que ele vai casar com a Olivia.

Eu fiquei muinto feliz porque perguntei pra mamãe se vou poder ser daminha e ela disse que vou ficar linda de coroa de flores na cabeça.

A mamãe tambem está muinto feliz. Ela falou que azul tifani e rosa xa são cores lindas para uma serimonia. E que assim que o tio Max sarar e a Olivia ficar boa nós vamos todos comemorar a converssão do tio Max na casa de praia.

La é muinto legal. Tem o mar. E tem conxinhas fofas. Eu já coleí umas aqui. Você lembra diario?

Papai vai entrar de ferias loguinho e vai ser muinto legal porque eu vejo papai muinto pouco e quando tem ferias ele conta historinhas e não deixa o tio Max contar nenhuma.

O tio Max conta historinhas melhor que o papai (não conta pro papai que eu disse isso) mais eu gosto mais quando o papai conta (não conta isso pro tio Max).

Mamãe tambem vai entrar de ferias e eu tambem bem depois da minha apresentação do balé e da festa junina da escola.

Eu ainda não sei com quem eu vou dançar na quadrilia mais não quero dançar com o Matheus. Ele é mais baicho que eu e eu odeio o Matheus.

A Duda quer dançar com o Igor mais ele é mais alto que ela e a tia Shirley falou que a gente vai dançar com meninos do nosso tamanho.

Eu gostei muinto disso porque seria muinto ruim dançar com o xato do Matheus. Aposto que ele ia pisar no meu pé por que alem de xato e burro ele é retardado.

Um dia a gente teve que ir pra escola vestidos inguais os nossos pais e eu fui de branco ingual meu papai vai trabalhar porque ele é médico e cuida de pessoas duentes com aquela duença que deicha careca. E o Matheus foi pra escola todo metido de terno preto e gravata azul. Tava muinto feio e ele tava se achando lindo. Só que não tava. A Maria Clara falou pra ele que tava muinto bonito e eu não gosto dela porque ela é uma exibida mentirosa e xata. Eu ri e perguntei pra ele se ele tava indo pra igreja e ele me perguntou onde que era o terreiro que eu tava indo.

Eu não sabia o que era terreiro então só mostrei a lingua pra ele. Depois contei tudo pra papai e ele riu. A mamãe xingou ele.

Eu já falei que odeio o Matheus né? Eu queria que ele fosse pra outra escola. Ou só pra outra sala mesmo.

Eu contei pro tio Tito que odeio o Matheus e ele me disse pra continuar odiando pra sempre sem parar. Porque ele era colega da Carol na setima serie e odiava ela. Então ele parou de odiar e agora odeia de novo.

E ele disse que ontem ela voltou pra cidade e ta no pé dele enxendo o raio do saco. Ele que disse isso. E o tio Tito não disculpou ela e ela fica insistindo mais ele prometeu que não vai disculpar ela porque ela é xata e quebrou a barbi que o tio Max mim deu.

O tio Tito começou a fazer academia onde o tio Max faz e ele me contou que a Carol tava seguindo ele e ela foi la. Ele ficou muinto nervoso porque a Carol agora vai ficar indo la todo dia.

Eu tava jogando meu joguinho da barbi com o tio Tito aí o papai chegou do hospital e mim mandou pegar o joguinho e ir tomar banho.

Quando ele chega e mim manda fazer alguma coisa é porque quer conversar conversa de adulto com o tio Tito ou com o tio Max. Eu já aprendi isso. Então eu fingi que subi e fiquei ouvindo da escada, porque as conversas de adulto são muinto legais.

O tio Tito riu muinto e falou que o tio Max tomou chuva com a Olivia sem camisinha e que só ontem quando tava lendo minha cartinha ele foi lembrar de um remedio la. E que ele arregalou um olho imenço quando tava lendo minha cartinha. E que a Olivia ta muinto nervosa com o tio Max.

O tio Tito e o papai riram muinto mesmo. Eu até achei que eles tavam passando mau.

Eu não entendi nada. Mais descobri porque o tio Max ficou gripado. Minha bisa que ta no ceu sempre falava que não pode tomar gelado nem sair no frio ou pegar chuva se não agente fica duente. E o tio Max fez isso sem camisinha. O tio Max é doido. Agora ta sofrendo porque fez essa besteira. Ele que tinha que ficar de castigo porque se comportou muito mau e agora eu nem posso ver ele. E eu

to com saldade do tio Max.

Mais teve uma coisa legal que aconteceu. O tio Tito trouxe a Lola e o Rodolfo pra ficarem comigo. Eles tavam la na casa do tio Max mais eu pedi pro tio Tito trazer pra mim.

Eu acho que a Lola é mais feliz aqui por que eu deicho ela brincar de casinha comigo e com a Duda. E o Rodolfo gosta de usar as roupinhas das minhas bunecas. Ele que me disse isso eu não to inventando.

Quando a Olivia ficar boa eu vou pedir pra ela deichar eles ficarem aqui pra sempre e eu acho que ela vai deichar por que ela é uma princesa e princesas são boazinhas.

Mamãe disse que essa é uma pecima indeia porque quando a Babi morreu eu chorei muinto. Então eu pedi uma irmanzinha porque já aprendi que sempre que a mamãe não quer me dar uma coisa é só eu pedir uma irmanzinha que ela da a coisa correndo. Meu pai riu muinto e disse que podia fazer minha irmanzinha naquela hora mesmo. Eu bati palminhas e mamãe disse pro papai que dessa vez ele que ia carregar a sementinha. Ele riu mais um tanto e abraçou minha mamãe e falou uma coisa no ouvido dela mais eu não ouvi o que foi.

Então eu pedi por favorzinhozinho uma irmanzinha. E falei que minha irmanzinha podia chamar Ariel porque eu ia deichar minha priminha ser a Aurora. Então mamãe simplesmente disse: ta Sofia pode ficar com a Lola e o Rodolfo se a Olivia deichar.

Eu queria mesmo uma irmanzinha. Mais mamãe sempre diz pra mim tirar isso da cabeça. Então eu fiquei feliz só com a Lola e o Rodolfo mesmo porque a Duda é minha melhor amiga e agente já é irmans.

Ai meu deus a xatona veio mim dizer que ta na minha hora de dormir. Eu nem to com sono e eu ia ensaiar meus passinhos da apresentação de balé mais ela disse que eu to de castigo e vou dormir mais cedo que todo dia. Ela é uma xatona mesmo né diario?

Amanhã é o primeiro ensaio da quadrilia e eu não sei se quero participar, porque não tem ninguem legal pra dançar. Todos os meninos são xatos e o Matheus é o rei do xatos. Ou príncipe né. Por que ele é criança.

Mais o Matheus é um príncipe xato e feio e burro.

E eu odeio ele.

E ele não é príncipe coisa nenhuma.

Boa noite diario.

Ora pro tio Max e a Olivia ficarem bons logo. E pra mim ter um priminho. E pro meu pai colocar uma sementinha escondida na mamãe.

Beijinhos no nariz pro tio Max e pra você.

Ate amanhã.

Sofia Vetter Theloni.

28. Pimenta no olho dos outros é refresco

PLÍNIO

Olívia tinha contado a Suze como fora linda a tal da declaração umas quinhentas mil vezes, e minha esposa não se cansava de ouvir e pedir para repetir cada detalhe. Menos os sórdidos.

Estava toda amorosa com o irmão caçula, coisa que, acredite, não é tão comum, apesar de ela o amar mais que a mim.

Os dois estão sempre em pé de guerra por causa da devassidão desmesurada de Max. Além do fato de ele a privar de ter amigas desde que aprendeu a usar o pau, ela se incomoda com o estilo de vida desregrado (não totalmente desregrado, já que ele tem — tinha — uma regra) do irmão porque se preocupa de verdade com o futuro dele. Sempre foi assim, mas a preocupação fraterna natural aumentou há alguns meses, após a morte de vô Franz e vó Ercília.

Agora somos apenas nós, um número assustadoramente pequeno de pessoas para uma família. É meio deprimente. O Natal deste ano vai ser terrível. E todos os outros também.

Por isso ela se animou tanto com a chegada de Olívia; uma nova integrante, alguém conectada a vó Ercília, alguém para trazer um pouco de cor às reuniões familiares. O fato de Max ter se apaixonado por ela, então, deixou Suze nas nuvens.

Para ela, o casamento dos dois era uma coisa certa, e estava todo arranjado em sua cabeça. Minha esposa já tinha em mente o cerimonial perfeito e já havia pensado nas flores para a decoração. Fez uma lista de várias sugestões de casas de noivas e separou diversas fotos de penteados possíveis, de acordo com a textura, o corte e o caimento do cabelo de Olívia (*what the fuck?*).

Como eu sei disso tudo? Suze falava disso há dias, o tempo inteiro, como se ela fosse a noiva em questão.

Obviamente, Susanne não disse nada a respeito do casório aos “noivos”. Isso porque sabe que Max vai ficar puto com a porra toda e não quer “afugentá-lo”. Mas, desde que Tito ligou, de madrugada, pouco antes de o sol raiar, contando as novidades, ela está planejando um casamento tão grandioso quanto um casamento real.

Menos de uma semana depois do famigerado “eu te amo” na chuva, a

quantidade de listas e sugestões para as mínimas coisas do casamento era alarmante. Honestamente, eu não faço ideia de como Suze consegue administrar um escritório de Arquitetura, planejar essas coisas com tanta dedicação, gerenciar uma casa do tamanho da nossa, ser uma mãe perfeita e estar sempre insanamente linda. Mas sei que essa capacidade inexplicável de lidar com um infindo número de tarefas ao mesmo tempo é uma das coisas que eu mais amo nela. A mulher da minha vida é assim desde criança; está sempre um passo a frente dos mortais.

E, porque ela queria conversar um pouco mais com Olívia, estávamos ali.

Mas o motivo da minha presença era outro: decepar a cabeça de Max.

A de cima, claro.

— Tô falando, filho da puta. Ela disse ao menino com todas as letras: "chatona de cu é rola". Você tem noção disso, Max? — Pressionei a têmpora esquerda, que estava latejando. — Tem alguma noção da vergonha que eu passei na frente da diretora do colégio? Ela acha que Sofia aprendeu comigo! Que eu sou a porra de um pai relapso, quando, na verdade, o que eu sou é cunhado de um desgraçado com a boca mais suja que cu de maratonista!

Sentado no sofá, em meio aos livros, ele ajeitou a coberta enrolada no corpo, fazendo um esforço tremendo para não rir.

— Porra, puto. Foi mal — desculpou-se, com a voz rouca. — Mas Souf deve ter escutado essa porra por acaso, sem que eu soubesse que ela estava ouvindo. Você sabe que eu jamais soltaria uma dessas na frente dela. Não sou assim tão filho da puta, caralho. Eu me contenho quando estamos juntos. Sabe que eu a amo mais que tudo, e que eu jamais... — Ele teve uma crise de tosse.

— Tudo bem, Max. Logo, logo você vai ser pai. E eu espero que passe por muitas dessas situações extremamente constrangedoras, filho da mãe — despejei, assim que ele terminou de tossir.

Tito caiu na risada, esparramado no outro sofá, enquanto jogava vídeo game.

Max levou a mão à testa e ficou pálido imediatamente. Parecia que vomitaria no tapete a qualquer momento.

— Que porra, Plínio... Para de brincar com porra séria, caralho. Não tenho a mínima condição de ser pai.

— Relaxa, puto, vai dar B.O., não — Tito o tranquilizou, usando um tom notadamente jocoso, enquanto seus dedos guerreavam com o *joystick*.

— Tô na merda, putos. Sou um Vetter, minha porra não brinca em serviço. Tem um menino lá dentro. Só um milagre faria não ter um menino lá dentro, porra.

— Então começa a rezar — aconselhou meu irmão, rindo e apertando furiosamente os botões coloridos.

— Começar a rezar? Começa a pensar no nome do moleque! — Gargalhei. — É nisso que dá usar só a cabeça de baixo, porra. Falei pra você se declarar, não para se declarar e, em seguida, foder sem camisinha no acostamento, debaixo de chuva, como se fosse a porra de um deus estéril!

— Tá é invejando as minhas proezas sexuais, filho da puta! — ele revidou.

— Suas belas proezas sexuais vão colocar um bebê no seu colo, seu puto! E logo a criança vai estar na escola, ensinando palavrões à diretora com a “Cartilha Vetter de Palavreados Impronunciáveis”. E eu vou estar na plateia, com meu saco de pipoca, vendo você tomar no cu de camarote.

— “Cartilha Vetter-Dutra” — Max corrigiu. — A mãe não fica atrás. Olívia tem a boca mais suja que a minha. — Ele soltou um suspiro notoriamente apaixonado.

Tito e eu tivemos uma crise de riso.

Aquilo era surreal, mas, por mais que eu o zoasse, compreendia perfeitamente o que Max estava vivendo. O amor fazia isso, nos tornava involuntariamente ridículos, incompreensivelmente sensíveis e irracionalmente bobos.

— Vão se foder vocês dois — ele gesticulou com os dois dedos médios em resposta às nossas gargalhadas.

— Que fofo, Max — Tito riu mais um pouco.

— Uma gracinha — completei. — Tito e eu já providenciamos os tridentes, a propósito. Compramos uns vinte. Cada cara vai ter o seu, que é pra não dar treta. E deu bastante trabalho pra achar. Acabamos com o estoque das casas de fantasias da cidade.

— A farra vai ser no sábado. Já distribuímos convites e ninguém tá acreditando. Piolho disse que só acredita que você tá de quatro se você ficar de quatro e disser que tá de quatro. Vai ficar de quatro pro Piolhão, né? — Tito caiu na risada.

Minha barriga doeu de tanto rir.

— Pau no cu de você todos — Max respondeu.

— Não, puto, paus no seu cu. Thiago disse que topa numa boa te sodomizar. Piolho falou que te come fácil. Daniel também topou a parada. Comer, eu não como, mas vou dar uma surra de pau mole nessa sua carinha apaixonada. — Gargalhei.

— Vocês não cansam dessa porra de assunto, não? Tem dias que estão com esse mesmo papo de merda — ele reclamou, fungando. — Tô doente, porra. Tô parecendo um pato rouco. E tô com o cu na mão. E vocês aí, com essa palhaçada sem graça pra caralho.

— Tá com o cu na mão, meu lindo? Então tira o cuzinho daí e bota essa rabeta gostosa pra jogo, gatão! — Fiz uma voz afeminada.

Tito quase engasgou de tanto rir.

— A sua sorte, Max, é que Tito e eu deixamos pra contar pro pessoal que você vai ser papai só no sábado, antes da sessão de tridentadas. Os putos queriam vir pra cá imediatamente após contarmos que você tá de quatro por Olívia, mas nós fizemos uma pequena contenção, por causa da doença. Você tem que estar fortinho para aguentar o tranco. É muita rola e muito tridente. Queremos que o momento seja épico, e vamos filmar a porra toda.

— Vão estudar, desgraçados. Fazer algo útil com essa vidinha de merda que vocês levam. — Ele nos ignorou, abrindo um dos livros cheios de marcações que estavam sobre o sofá. — E desliga essa porra, Tito. Tô estudando, caralho, e vocês estão me atrapalhando.

— É bom estudar mesmo, puto. Porque, com essa crise, o preço da fralda deve estar nas alturas. O preço do *Mucilon*, então... Jesus Cristo, não é uma boa época para ser pai. — Tito fingiu seriedade.

Gargalhei e completei:

— Vai, trouxa. Rompeu o contrato com a *Jontex*, e agora vai ter que assinar com a *Pampers*.

Mais risadas.

— Mas, pra comprar *Pampers*, vai ter que largar essa vidinha mais ou menos e virar logo um Ministro do STF — Tito arrematou, provocando mais uma onda de risos.

Max ficou sério, com o semblante angustiado. Quando paramos de rir, ele perguntou, visivelmente preocupado:

— Tito, você, que vai ter a profissão dos sonhos, acha mesmo que vai dar merda?

— Eu já disse, porra. Liv acha que a menstruação dela deve vir na próxima semana, mas ela tem um ciclo irregular. Tudo pode acontecer. Pra você ter uma ideia, os dez últimos dias do ciclo, no caso dos ciclos regulares, é um período em que a mulher já está fora do período fértil, e ainda há a possibilidade de engravidar. Sempre há. De todo jeito, logo você descobre. Se eu fosse você, já ia pensando em nomes. Se for um moleque, “Diego Armando Maradona” é uma puta escolha. Agora, se for menina, coloca “Madonna”. Já pensou se vem gêmeos? Madonna e Maradona. Olha aí, os nomes combinam! — Tito gargalhou.

Max inspirou, ficando ainda mais lívido.

— Andei dando uma pesquisada, puto — Tito continuou, atento aos sons do jogo —, e há um método experimental para saber precocemente se uma mulher está grávida.

— Sério? — Max arregalou os olhos.

— Sério. Só preciso umedecer os dedos e fazer leves movimentos circulares no clitóris da paciente, enquanto meço os decibéis dos gemidos. Fazendo isso, vou conseguir determinar se Liv está grávida ou não.

Tito e eu caímos na risada.

— Tomar no cu, desgraçado! — Max estendeu o dedo enquanto tossia.

— Ainda nem comecei a residência em Ginecologia e Obstetrícia e já estou clinicando. Tá orgulhoso, Plinião?

— Pra caralho, filhote. Mas acho que quem vai trabalhar com boceta o dia inteiro só vai querer saber de pica de madrugada — pirraça.

— Tá é puto porque não foi um gênio como eu, que escolhi a melhor área da Medicina pra trabalhar. — Ele riu, pressionando os botões do *joystick* freneticamente.

— Vai comer um rabo-de-saia, Tito, que é só o que você tem feito nos últimos dias. Seu pau vai cair, seu puto — Max avisou.

— Olha só quem fala, o maior transão que o mundo já viu! Morre, diabo! — ele gritou de repente, matando um monstro na tela. — *Mals aê* se você tá traumatizado e, de todo jeito, não tá aguentando foder, Max. Comi dez mulheres diferentes em quatro dias. Um número pequeno, mas impressionante, se levarmos em consideração o fato de que há cerca de uma semana eu tinha transado com uma só a vida toda. Melhor coisa que eu fiz foi ter me matriculado na academia de Beto. Daqui a pouco tô indo pra lá. Cara, te contei que peguei aquela Brenda? Piolho tá puto que passei na frente dele. Já falei pro cara cortar aquele cabelo escroto. Mulher não curte aquilo — Tito gargalhou. — Porra, perdi uma vida! — xingou, descontando no *joystick*.

— Quebra meu *Playstation* que eu quebro sua cara — Max reclamou. — E, pra ser sincero, eu achei que você ia pedir Larissa em casamento logo depois de transar com ela. Tipo, na primeira gozada, já ia fazer a porra do pedido. — Ele riu.

Tito fez uma expressão estranha.

— Porra! Perdi outra vida! — Ele expirou pesadamente e fez uma pausa. — Quero nada com Larissa, não — continuou. — Com mulher nenhuma. Thomas Theloni é um novo homem. Agora eu pego e não me apego. Não, não! — Tito começou a apertar os botões com desespero. — Que porra! Aí, me fizeram morrer na fase, suas raparigas do cu aberto!

— E a gente tem culpa que você é um bostão no jogo? — provoqueei.

— Bostão? Manja meu nível aí, filho da puta. — Ele se defendeu.

Eu me limitei a mostrar um dedo. Tito devolveu com o mesmo gesto fraternalmente carinhoso.

— Alguém tem que te substituir nessa família, Max, já que você, finalmente,

foi domado. Boa sorte na jaula da qual eu acabei de sair. — Ele soltou uma risada.

Tito sempre foi um cara tranquilo, estudioso, "um menino de ouro, pra casar", como diz Lili. E, há alguns dias, tinha cismado que ia virar um devasso. Mas era só mencionar a tal da Larissa que ele ficava esquisito.

— Carol deu uma trégua? — perguntei, para mudar de assunto.

— E ela sabe o que é isso? Tá no pé. Começou a fazer academia lá, e fica o tempo inteiro me rondando, pedindo pra voltar, "pelo amor de Deus, Tito, e blá-blá-blá". Uma ladainha sem fim.

— Você não sente mais nada, Tito? Acho meio impossível, já que namorou Carolina a vida toda — argumentei.

— Sei lá, cara. Eu já estava meio exausto, e a coisa do carro foi a gota d'água. Carolina não é certa da cabeça, não sei como demorei tanto tempo para perceber o óbvio. E o que é mais estranho é que ela só fala comigo quando estou indo embora. Aí, ela implora. Mas, enquanto estou malhando ou conversando com alguma mulher, ela só observa. Ainda não armou nenhum barraco.

— É como diz o ditado: a água silenciosa é a mais perigosa — Max comentou, rindo, marcando um trecho em um livro.

— Tem também aquele outro: Deus deu a vida para cada um cuidar da sua — Tito revidou.

— E aquele: à boda e ao batizado, não vá sem ser convidado — sacaneei. — Graças a Deus, seremos padrinhos nas duas cerimônias, Tito — emendei.

Meu irmão riu.

— E tem também aquele: saco vazio não para em pé. Trouxe um lanchinho pros três tesouros lindos da minha vida. — Lili apareceu de repente na sala, carregando uma bandeja imensa.

Corri para ajudá-la.

Desde que descobriu que Max e Olívia adoeceram, ela não sai da casa dele. É o tempo inteiro colocando o termômetro debaixo do braço dos dois, obrigando-os a tomar água de coco, chás, sucos e sopas. A presença de Tito na casa é totalmente dispensável, porque até os remédios ela quer administrar.

— Lili, não precisava. Esses... — Max teve outra crise de tosse.

— Ai, meu Deus... Meu menininho tossindo assim parte meu coração. — Ela se sentou e começou a afagar o cabelo de Max. — Tão lindo...

— Lindo... — ironizei. — Lindo vai ser o bebezinho que ele vai segurar daqui a nove meses.

— Boa, Plinião! — Tito gargalhou.

— Ai, tomara! — Lili bateu palmas. — Acendi uma vela pra Santa Rita de Cássia e vou começar uma novena. Se Deus e a Virgem quiserem, logo teremos

um garotinho ou uma garotinha correndo pela casa! — ela disse, animada.

Eu já não tinha mais forças para rir. Nos últimos dias, tinha estourado a minha cota de piadas e risadas.

— Porra, Lili, assim você me quebra, caralho! — Max reclamou. — Vá apagar a porra da vela, mulher! E esqueça essa novena, pelo amor que você tem a São Sebastião! — choramingou entre tossidas.

São Sebastião era o santo protetor de Lili, a quem ela parecia amar mais que ao próprio Cristo.

Ela era uma católica fervorosa, e vivia tentando nos converter. Graças a Deus, nunca conseguiu. Estávamos todos condenados a queimar no inferno, porque juntos não valíamos um. Apenas Sofia prestava na família. E a própria Lili, claro.

— Para de falar besteira, menino! — Lili o beliscou. — Vou é acender mais velas! Ai, meu Deus, imaginem só, uma miniaturinha do Max! Que coisa linda! Ai, meu São Sebastião, vai ser como voltar no tempo... — Ela soltou um suspiro, sonhadora.

— Lili, deixa de ilusão. Não vai ser um menino. Vai ser uma garotinha tão linda quanto a mãe — comecei.

— E, logo, ela vai ter aquele corpão que Liv tem — Tito continuou —, e vai conhecer um cara tão devasso quanto o pai, e, aí... Todo mundo já sabe... Vai foder gostoso, sem camisinha, e...

— Eu vou te matar, Thomas! — Max se levantou do sofá, caminhando em direção a Tito.

Meu irmão deu um pulo, rindo e gritando, como quando era criança:

— Socorro, Lili, ele vai me bater! — Ele se escondeu atrás dela.

— Deixa o Titinho em paz, Max! — Lili atuou como Embaixadora da Paz, exatamente como fazia na nossa infância.

— Seu filho da puta! — Max avançou, tentando agarrá-lo sem machucar Lili, e Tito correu (não sem antes surrupiar uma generosa fatia de bolo da bandeja). — Corre, putinha covarde!

— E gulosa! — completei.

— Tô indo pra academia, seus putos! — Ele gritou da porta, mostrando um dedo enquanto enfiava um pedaço de bolo na boca. — “Comer vaginas e tudo o mais... Quero nem saber nesse *carai*... Nessa porra! Um tabaco bem massa pra gente... *pff, pff, pff.... Fudê até o talooooooooooooueeeeeiiiiiiiiiaaaaaoooooooo*”. — O desgraçado imitou Chico Bioca com a boca cheia e, soltando um "Adeus, papais!", pegou o capacete em cima da mesa e desapareceu.

— Vou nem zoar. Vai que é doença... — Max riu. — Leva essa desgraça pra

sua casa, Plínio. Vou acabar matando esse filho da puta! — falou, tentando conter o riso.

— Quero isso lá em casa, não! — Gargalhei.

— Parem de se desfazer do Titinho. Ele é um menino de ouro — Lili defendeu seu protegido.

— Menino de ouro? Ele tá indo comer vaginas, Lili. “Chupar um cu e pá, e não sei que lá, e transar mesmo”. — Continuei imitando Chico Bioca. — Seu menino de ouro já era. Mas, olha aí, perdeu um e ganhou outro. Max agora é um santo. Mais santo que São Cristóvão.

Max gargalhou, mesclando risadas e tossidas.

— Nunca serei. Jamais serei. Pau que nasce torto morre torto — respondeu.

Tenho certeza de que, pela expressão que fez, se estivéssemos sozinhos, ele teria completado com algo como: e o meu é torto para a esquerda/direita (obviamente, não sei a porra da direção. Mas, a título de curiosidade, o meu é para a esquerda). Mas não o fez, em respeito a Lili.

— Eu só... Amo Olívia. Mas serei eternamente a personificação do diabo, como ela gosta de dizer. — Ele suspirou apaixonadamente de novo.

Eu poderia zoar. Se Tito estivesse presente, talvez eu tivesse zoadado. Mas era bom, era bom saber que Max tinha, finalmente, encontrado algo pelo qual vale a pena esperar a vida inteira.

Então, eu simplesmente o deixei suspirar enquanto Lili e eu compartilhávamos um sorriso de cumplicidade e satisfação.

— Vou subir — ele anunciou, levantando-se. — Suze já ficou tempo demais com ela.

— Mulher não gosta de homem pegajoso! — Lili alertou. — Suze está lá em cima há menos de meia hora! Deixa as meninas conversarem, Max. Ai, meu Deus, alguém precisa alimentar a mãe do bebezinho lindo que você fez debaixo de chuva, logo depois de se declarar tão lindamente! Estou tão orgulhosa de você, meu menininho! Vou contar essa história pro seu filho ou filha várias e várias vezes! Santa Rita e São Sebastião não desapontam. O bebê é coisa certa, tô falando. Se for menina, podia se chamar Rita. E, sendo um garotinho lindo, assim como o papai, Sebastião. O que você acha? — Lili riu.

Ela estava se saindo a Rainha da *Trollagem*, passando Tito e eu para trás.

— Caralho, hein, Lili... Até tu, Brutus? — Max perguntou, puto.

— Vou levar um lanchinho para as meninas lá no quarto! — Lili o ignorou e saiu, rindo, rumo à cozinha, toda contente.

— Eu vou enlouquecer, porra. Não tô pronto pra ser pai. — Max afundou as mãos no cabelo.

— Max, zoeiras postas de lado, você seria um ótimo pai. Tirando a coisa dos

palavrões. Você já ama Sofia como se ela fosse sua, quando, na verdade, ela é só minha, filho da puta.

— Eu sei, Plínio. Mas é diferente, cara... Eu acabei de mudar radicalmente a minha vida. Quando confessei a Olívia, debaixo de chuva, como todo mundo gosta de ressaltar, minha vida deu a porra de um giro, virou de ponta cabeça. Ainda estou tonto, ainda nem pude viver a nova vida, e a vida já está mudando de novo, porra. Uma criança? Meu Deus. Não estou pronto para uma criança. Que porra. Como é que fui me esquecer da maldita pílula?

Enquanto ele falava, enchi uma xícara de café e peguei uma fatia de bolo de cenoura com calda de chocolate.

Eu já disse que amo Lili? Se não, aí vai: amo Lili, mas amo um pouquinho mais o bolo de cenoura que ela faz.

— Uma criança muda tudo, Max. Não vou mentir. E tenho certeza de que Olívia está muito mais preocupada que você. Seus *six-pack abs* não vão desaparecer, porque você não vai precisar carregar outro ser humano dentro de si por nove *fucking* meses, mas ela vai. Você é um homem bem-sucedido, boa-pinta, sem preocupação alguma na cabeça, além dessa recente, que, se parece assustadora para você, é aterradora para Olívia. Então deixa de ser imbecil, e assumo a porra do acerto que você acha que é um erro. Vocês se amam e, se ela estiver mesmo grávida, serão uma família. Garanto que, quando você pegar seu filho ou, esperançosamente — não evitei uma risada —, sua filha no colo pela primeira vez, não vai conseguir entender como viveu tantos anos sem sentir aquilo. Aquele instinto de proteção que te consome, aquele amor visceral que devora todos os seus medos, toda a sua insegurança. Ali, quando você sabe que é pai e vê aquele rosto pequeno e os dedinhos miúdos se mexendo, você se sente a porra do Super-Homem. Você tem que ser um super-herói, porque aquele bebezinho é frágil e vulnerável demais, e precisa de você.

Ele deixou a cabeça cair no encosto do sofá e expirou.

— Tô sendo uma putinha medrosa — falou, fitando o teto.

— Tá sendo uma putinha medrosa, melodramática e egoísta — completei, comendo meu bolo.

— Tem... — Ele espirrou. — Razão. Olívia está... Estranha. Quieta. Primeiro, ela ficou puta, mas, agora, mal fala comigo. Às vezes, ela chora, e eu me sinto tão... Impotente.

Esbocei um sorriso sacana, e ele pediu:

— Sem piadinhas de broxa, puto. Desde que você fez o favor de contar essa porra pro desgraçado do Tito, meu ouvido virou penico. Ele só deixou essa porra pra lá porque agora tem algo mais interessante pra fazer graça.

— Eu não ia zoar, cara — menti. — Tô vendo que o assunto é sério.

— Enfim... Faço o possível para consolá-la. Já disse que, obviamente, passaremos por tudo juntos, mas, desde ontem, quando eu me dei conta de que tinha me esquecido completamente da pílula, ela está triste pra caralho.

— Talvez essa preocupação toda seja vã, Max. Fora do período fértil, as chances são bem menores, e há uma grande probabilidade de ela não estar nele. Além disso, a possibilidade de um casal engravidar, sem que nenhum dos dois tenha problemas de infertilidade, tendo relações sexuais durante o período fértil, é de aproximadamente 25% a cada mês. Imagina fora dele. Tito não passa essas informações porque está assustando vocês de propósito. Relaxa, quem sofre de véspera é peru. Agora, pelo amor de Deus, vamos mudar de assunto. Viu o amistoso ontem? Não, né? Cara, aquela goleada...

Então, passamos a conversar sobre futebol enquanto eu me entupia, irresponsavelmente, de bolo de cenoura.

29. O futuro a Deus pertence

OLÍVIA

Senti o peso sobre a cama e o toque de seus lábios em meu ombro.

Max encaixou nossos corpos e envolveu minha cintura com o braço. Procurei seus dedos e os entrelacei nos meus.

Ficamos assim, em silêncio, ouvindo nossas respirações, porque não havia nada a dizer.

A possibilidade de estar grávida caíra em meu colo como uma pena mortífera. A ideia foi se assentando, devagar e sutilmente.

Ele estava com a cartinha de Sofia na mão, estávamos lendo juntos, quando as palavras de uma garotinha de seis anos pipocaram em meu cérebro, acendendo uma trilha de luzes de alerta.

E, então, a bomba. Uma explosão de desespero.

É tudo sobre aquele segundo. O segundo anterior a uma notícia ruim. Naquele segundo, você é você mesma. E, no instante seguinte, você é só um espectro. Alguém afogando, engolfado por ondas invencíveis de agonia.

Foi assim que aconteceu. Um segundo antes, eu era Olívia Damasceno Dutra, uma jovem de vinte e quatro anos, com o nariz entupido e uma dor de garganta horrível, mas uma pessoa extremamente feliz, dividindo o leito com um deus germânico igualmente doente. Éramos Max e Olívia, um casal lindamente apaixonado e tragicamente gripado.

No segundo catastrófico seguinte, eu era Olívia Damasceno Dutra, uma jovem de vinte e quatro anos, com o nariz entupido e uma dor de garganta horrível, que tinha se transformado em um espectro afogando-se em um mar de agonia. Éramos Max e Olívia, um casal lindamente apaixonado, tragicamente gripado e terrivelmente desesperado.

No fim das contas, é tudo sobre esse segundo, o segundo da completa ignorância. Quando você ainda é você, e não faz ideia de que, no segundo seguinte, vai ser atingido por uma avalanche.

Diante da situação, meus neurônios sobrecarregados teciam uma rede infinita de futuros possíveis. Mas meu lado racional e cauteloso se apegava ao pior cenário: eu estava grávida de um deus. Meu filho seria um semideus? Percy Jackson estava na minha barriga?

Tá, esse não era o pior cenário. O pior cenário era: eu estava grávida de um

cara que conhecia há menos de duas semanas. O cara era um devasso. Estava desempregada, sem economias e, pelo amor de Deus, eu só tinha vinte e quatro anos!

Eu sei, a culpa era toda minha. Por que parei de tomar a porra do anticoncepcional?

Ah, é, estava sem grana no dia que a cartela acabou e decidi que comer era melhor que me prevenir contra bebês, porque sou a porra de um gênio.

Agora, vamos para um cenário mais acalentador: eu estava grávida do cara por quem tinha me apaixonado em menos de uma semana. O cara era um devasso, mas me amava. Estava desempregada, sem economias, mas tinha R\$75.000,00 para receber. A parte do "pelo amor de Deus, eu só tinha vinte e quatro anos!", infelizmente, continuava.

Minha esperança estava naquelas vagas de emprego para as quais eu havia me candidatado há alguns dias. Dificilmente, alguém contraria uma mulher grávida como secretária, por exemplo, mas eu poderia omitir o fato, já que, geralmente, não são realizados testes de gravidez nas porras dos exames admissionais. No entanto, se ninguém me ligasse agendando uma entrevista, eu estava fodida.

O que eu ia fazer da minha vida? Os R\$75.000,00 já nem me pertenciam mais. Ficariam intocados para financiar os estudos da criança ou, Jesus Cristo, para pagar por algum tipo de tratamento, caso o bebê nascesse com algum problema.

Onde eu estava com a porra da cabeça quando deixei Max me comer sem camisinha?

Ah é, apoiada no capô do carro.

Meu Deus, ninguém pode me culpar por sequer ter pensado no tamanho da merda que estávamos fazendo, certo? Você, no meu lugar, teria feito o mesmo, não teria (com outro homem, claro)? Quero dizer, depois daquela declaração na chuva (outro homem se declarando, queridinha, não o meu)? Aquilo derreteu meus miolos, e, por mais que eu esteja preocupada e morta de medo do futuro, não consigo me arrepender de nada, o que, eu sei, é extremamente paradoxal.

Todas aquelas fodas, a começar pela primeira, são o motivo da minha angústia atual. Mas aquilo foi... Meu Deus, foi tão... Ah, caralho, foi surreal. E não estou falando apenas do sexo, mas de tudo; das batidas do meu coração, daquela mistura ensandecida de sentimentos inebriantes e daquela sensação de que o mundo podia acabar naquele momento, porque nada mais importava. Porra, o mundo deveria ter acabado ali.

Agora, Max e eu parecíamos dois estranhos. Eu mal conseguia encará-lo, e, sempre que o fazia, algo se remexia em meu estômago. Algo ruim. Um misto de culpa e vergonha.

Eu sabia muito bem o que aquilo parecia, e não tinha forças para dizer a ele

que não era nada daquilo.

Subitamente, Max se mexeu e beijou meu pescoço:

— Você fica linda assim, pensativa, mas não devia pensar tanto — ele disse, libertando os dedos dos meus para afundar a mão debaixo da minha camiseta.

Sua voz rouca acariciou meus ouvidos, e sua palma incendiou minha barriga.

Eu só queria que ficássemos em silêncio até podermos confirmar aquilo. Só queria um controle remoto para acelerar a vida para o momento decisivo em que eu faria xixi num palito e esperaria aqueles minutos terríveis que fixariam os rumos da minha existência. Só de pensar nisso, sentia uma vontade quase incontrolável de vomitar, o que me fazia pensar em enjoos e, por conseguinte, em uma imensa barriga e pés inchados.

— Tô com medo, Max — falei, minha própria voz rouca lutando para passar pelo nódulo dolorido da garganta.

— Não precisa. Eu estou aqui — ele disse, beijando meu ombro. — Olívia, estou aqui, porra.

Mudei a posição, deixando as costas repousarem na cama, para fitá-lo. Eu precisava sair daquele limbo, precisava do calor que só encontraria nas minhas íris prateadas favoritas. Precisava, nem que fosse por um segundo, não me sentir tão sozinha.

Ele me olhou com aqueles olhos brilhantes como prata líquida. Seus lábios estavam curvados em um meio-sorriso triste, mas adorável.

Mesmo com o semblante abatido e visivelmente preocupado, Max Vetter era um deus.

Sorri de volta, sem conseguir evitar, e levei uma mão ao seu rosto, afagando seu maxilar em vagarosos movimentos repetidos.

— Olívia, conversa comigo — ele pediu, com uma expressão sofrida.

Eu queria dizer a ele que não estava dando a porra do golpe do baú, como tinha certeza de que todo mundo estava pensando. Não que Max fosse milionário ou algo do tipo. Mas, obviamente, ele tinha uma excelente condição financeira e, na minha situação precária, pareceria um puta golpe. Não que ele soubesse que eu fosse tão miserável, mas pulemos essa parte, porque não quero falar sobre isso e, se o menino malv... Ops. Se o menino bonzinho quiser, logo terei um emprego.

Eu queria dizer que ele não me devia nada, que nunca precisaria me dar nada e que, logicamente, não precisava assumir a criança, que eu sabia que ele não queria. Eu também não, mas não tinha escolha, tinha? Eu poderia cuidar dela sozinha, longe dali, até.

Justo quando a minha vida, depois de tanto tempo, tinha, finalmente, melhorado, acontecia essa merda. Em pouquíssimos dias, consegui fazer uma

merda maior que todas as merdas que eu já tinha feito em vinte e quatro anos de existência.

Em pensar que, duas semanas atrás, a minha vidinha de merda estava melhor que agora... Pelo menos, eu estava sozinha na merda, e não trazendo outra criatura para o mesmo atoleiro que era a merda da minha vida de merda.

Tô falando "merda" demais. Se não está satisfeito, vá à merda. Merda. Merda. Merda!

Lembra quando transei com Max pela primeira vez? Lembra quando eu disse, enquanto ele estava em cima do tapete cor-de-rosa da minha sala, que o diabo...

Ah, você já se esqueceu, né? Não tem problema. Eu me lembro exatamente do que eu disse, palavra por palavra. Confere aí:

"Naquele momento, é claro, eu estava cega. E não fazia ideia do tamanho da armadilha que o Cabrunco (o chefe de Max) estava preparando para mim. O Rabo-de-Seta sabe trabalhar! Enche os nossos olhos de fascínio ao dar exatamente o que a gente deseja para depois puxar o nosso tapete. Todo mundo sabe disso. E o meu tapetinho cor-de-rosa, minha amiga, aquele mesmo em que o meu primo postiço tesudo estava pisando naquele instante, seria puxado em breve. Mas calma, a gente chega lá. Agora, voltemos ao momento glorioso da minha transa com Max, que foi, também, o prenúncio da minha desgraça".

Pois é, tudo começou ali, na sala da minha tia Ercília. E, agora, eu estava no quarto luxuoso de Max, no olho do furacão, vivendo a referida desgraça.

Você também tem a impressão de que aquele dia aconteceu há milhares de anos? Tente "em outra vida". Era como eu estava me sentindo enquanto fitava os olhos de Max. Era como se tivéssemos nos conhecido em outra vida, há milhares e milhares de anos, e não há tão poucos dias.

E se eu nunca tivesse atendido o celular naquela tarde? E se eu nunca tivesse ouvido Max dizer aquele primeiro "quem está falando?". E se eu nunca o tivesse conhecido? Estaria melhor agora? Estaria melhor sem ele?

Porra. Não. Claro que não. Eu o amava. Amava aquele homem.

Sentei-me na cama e fiz o que me dava vontade de fazer sempre que aqueles olhos me olhavam daquele jeito, como se eu fosse feita de açúcar.

Encostei nossos lábios e o beijei, entrelaçando as mãos em sua nuca.

Ele buscou minha língua e a envolveu em um abraço quente e preguiçoso. Nossos lábios moviam-se lentamente, como se tivessem uma vida para degustar o sabor do nosso beijo.

Meu peito doía tanto que era difícil respirar. Eu tinha tanto medo de perdê-lo, de que aquela criança, que eu ainda nem sabia se existia, nos separasse para sempre...

Desgrudei nossos lábios, colando nossas testas. As palavras queriam sair, mas

eu as refreei. As lágrimas queriam escapar, e não consegui, a despeito de todo o esforço, refreá-las.

— Eu não estou tentando dar o golpe da barriga, Max... — despejei de uma vez, soluçando.

— O quê? — ele perguntou, desunindo nossas cabeças. — Que porra é essa, Olívia?

— É o que você e a sua família estão achando. Que fiz de propósito, que... Estou tentando me dar bem com uma pensão ou... — As palavras saíam atabalhoadamente, em meio às lágrimas e soluços.

— De onde você tirou isso, porra? — Ele me puxou, aninhando-me em seu peito, abraçando meu corpo com força e beijando meu cabelo. — Susanne disse alguma coisa hoje à tarde que... Não é possível, ela está tão animada quanto Lili com esse bebê. Meu Deus, conhecendo Suze como eu conheço, aposto que ela já marcou a data do nosso casamento!

— Isso é infinitamente pior, Max. Ela acha que fiz isso para me casar com você.

— Você não fez nada, Olívia! Que porra. Para de falar merda, caralho! Você me disse que não estava tomando nada. Eu sabia e, mesmo assim, fiz o que fiz.

— Ele ficou em silêncio por alguns segundos, afagando meu cabelo. — Desculpa, minha linda — continuou, depois de um tempo —, por te fazer passar por tudo isso. Eu... Não estava pensando.

— A culpa não é sua, Max — funguei. — É minha.

— A iniciativa foi minha. Logo, minha culpa — ele insistiu.

— Mas eu deixei — repliquei.

— Você não tinha como resistir, prima. Sou irresistível — ele falou, rindo.

Soltei uma risada.

Por mais que aquela presunção toda me irritasse, era uma das coisas que eu mais amava em Max.

— Tem razão, cretino. Logo, a culpa é mesmo toda sua, por ter essa aparência divina e essa aura satânica — falei, saindo de seus braços para encará-lo.

— Não tenho culpa de ter nascido assim, prima. — Ele deu de ombros, abrindo aquele sorrisinho insolente.

— Você fica horroroso sorrindo desse jeito — menti.

— Eu acho que não. — Ele piscou.

— Eu te odeio! — exclamei, simultaneamente irritada e excitada.

— Você me ama, senhorita Olívia. — Ele me puxou, colidindo nossos lábios.

Max segurou meu cabelo em um rabo-de-cavalo malfeito e apoderou-se da minha boca, enquanto sua outra mão invadia o interior da minha camiseta.

Seus dedos brincavam com meus mamilos, e seus lábios castigavam os meus

com mordiscadas resolutas e puxões intensos.

Ele agarrou a barra da minha camiseta (que, na verdade, era dele) e fez menção de puxá-la para cima. Então, me afastei subitamente e, arquejando, disse:

— Não vamos... Você sabe.

Max e eu não transávamos desde a noite em que ficamos gripados. No começo, eu nem pensava nisso, de tanta dor nos músculos, dor de cabeça, de garganta e todas as dores do mundo. Além disso, dormíamos mais que ficávamos acordados.

Depois, quando comecei a me sentir levemente melhor, era difícil e estranho dormir com ele e desejá-lo sem ter ânimo para fazer nada. Sentia o calor emanando de seu corpo, a firmeza de seus músculos contra as minhas costas, o toque constante de seus lábios ou de suas mãos em minha pele, e meu corpo reclamava, implorando por uma dose de Max, mesmo sabendo que não estava em condições de lidar com o próprio desejo.

À medida que fomos melhorando, trocávamos beijos e carícias, mas as dores musculares ainda nos impediam de ir adiante.

O engraçado é que, em nenhum momento, nos lembramos da maldita pílula do dia seguinte.

Então, veio a cartinha de Sofia e nos deu uma voadora de três pés.

E eu ainda sentia a intensidade do chute na cara.

Max me olhou com descrença e perguntou:

— Por quê? De camisinha, porra.

— Não é uma boa ideia. Já pensou se eu não estou grávida, e a gente transa agora e, do nada, a camisinha estoura e, aí, sim, eu fico grávida? Aí, nem se eu quiser, vou poder tomar a porra da pílula, porque, se eu já estiver grávida, isso pode fazer mal para o bebê e, aí, ele vai nascer com problema. Ou seja, não podemos transar até eu fazer o teste e termos um resultado fidedigno.

Ele soltou uma risada.

— Fora de cogitação — respondeu. — Já estou no meu limite, porra. Nunca tinha ficado tantos dias sem transar, e você espera que eu fique mais quinze dias sem sexo? — Max riu de novo. — Isso contabilizaria vinte dias. Vinte dias! E tudo por causa de paranoia?

— Quem não pode transar sou eu, Max. Você é livre para fazer o que quiser, com quem quiser — falei e me deitei, dando as costas para ele enquanto puxava o lençol até os ombros.

— Retira essa porra, Olívia — ele pediu, usando um tom mandamental.

Era esse o problema com Max. Ele não podia ficar vinte dias sem transar. E se eu estivesse mesmo grávida? Como ele lidaria com o fato de que precisaria ficar

alguns meses sem sexo (obviamente, não todos os meses da gestação, mas os finais, talvez)?

Simples. Ele não lidaria.

Senti a garganta se contorcer em um nódulo dilacerante. Lágrimas de tristeza e decepção feriam minhas bochechas.

— Retira — repetiu, puxando meu ombro.

Então eu me levantei de supetão, disposta a fazer o que já deveria ter feito.

Caminhei até a poltrona, peguei a bolsa que Suze tinha ido buscar para mim na casa rosa e comecei a caminhar em direção ao banheiro.

— Se está achando que vai emb... — Max começou.

— Você não manda em mim, porra! — gritei, virando para encará-lo. — O que você acha que vai acontecer se eu estiver grávida, Max? Eu te digo o que vai acontecer. — Joguei a bolsa no chão, em um acesso de fúria. — Primeiro — contei um dedo, unindo os dois indicadores —, eu vou inchar feito a porra de um balão. Vou ficar monstruosa, feito uma porca gorda. Segundo, vou sofrer com todas aquelas porras que a gente vê nas novelas; vou viver enjoada, meus pés vão inchar, vou precisar fazer xixi a cada cinco minutos, vou ter crises de mau humor etc., etc. Terceiro, você acha que teremos uma vida sexual normal? Acha que vamos poder transar feito coelhos, quando der na telha, em qualquer lugar? Acha que terei condições de receber rola nos meses finais da porra da gravidez? — Eu sabia que estava soando histérica, mas não conseguia me controlar. Max fez menção de falar, e eu o interrompi. — Você não pode ficar alguns dias sem transar, pobrezinho... O que vai fazer quando precisar ficar meses sem sexo? Ah, é, nós dois sabemos exatamente o que você vai fazer — ironizei, pegando a bolsa de novo e continuando o caminho rumo ao banheiro.

Ele se levantou e me parou na porta, segurando meu braço.

— Me solta, caralho — exigei, tentando me desvencilhar.

Ele me soltou, eu o ignorei e entrei no banheiro.

Max foi atrás, entrando junto comigo.

Não podia ordenar que ele saísse do próprio banheiro, então apenas coloquei a bolsa em cima daquela pia enorme e puxei a barra da camiseta, passando-a pela cabeça.

— Não posso ficar meses sem isso, porra — ele disse, tirando a própria camiseta e se colocando atrás de mim, apalpando meus peitos.

— Então não devia ter "colocado a sua sementinha" em mim, caralho — alfinetei, puxando um vestido de dentro da bolsa para me distrair do contato entre nossos corpos e da sensação de suas mãos massageando minha pele.

Ele deu uma risada no meu pescoço.

— Já que a minha sementinha já está aí, o que você acha de a gente foder sem,

prima? Uma trepada bem gostosa, do jeito que o diabo gosta.

Reprimi um gemido, mas o desgraçado arrancou uma sucessão deles quando desceu uma das mãos e levou minha umidade para o clitóris, massageando-o.

— Gostosa — ele sussurrou em meu ouvido, provocando uma onda de arrepios pela lateral do meu corpo.

— Max... Para — pedi enquanto ainda me restava um fiapo de lucidez.

— Mas eu ainda nem comecei, senhorita Olívia — alegou, erguendo-me e me sentando na pia.

Antes que eu tivesse tempo para protestar, ele me deu um beijo de tirar o fôlego.

Então me fitou com aquela cara linda e devassa e afastou meus joelhos, puxando-me mais para a borda.

Ajoelhou-se e deu vários beijos nas imediações do meu clitóris antes de deixar língua passar lenta e pausadamente sobre a região sensível.

Minhas mãos estavam espalmadas sobre a bancada de mármore quando ele me chupou ininterruptamente por alguns segundos para, em seguida, começar a intercalar beijos, chupadas e lambidas.

Gozei descontroladamente, em um tempo recorde, com os dedos entre seus fios loiros.

Max se levantou, e eu o puxei com as pernas, colando nossos tórax e unindo nossos lábios em um beijo afoito.

Ele me pegou no colo e caminhou até a cama, atirando-me no colchão.

Estava prestes a tirar a calça de moletom quando eu me ergui, quase sem forças, para impedi-lo.

Era cinza, e Max usando só aquilo, com aquele cabelo bagunçado, era de enlouquecer.

Ajoelhei-me na cama e busquei seus lábios, deixando as mãos deslizarem por seu abdome deliciosamente esculpido.

Enquanto nos beijávamos, acariciei seu torso inteiro, até as costas. Então, descí devagar, estacionando os dedos na altura do cóx.

Alisei sua ereção por cima do tecido macio, sentindo o pau duro se mover de acordo com os meus movimentos.

Enfiei a mão dentro da calça e senti aquela maravilha de rola latejar na mão.

Arquejamos juntos na boca um do outro. Puxei o elástico para baixo e apertei sua bunda com a mão esquerda.

Então, me afastei para sacaneá-lo.

— Amanhã essa bunda linda vai sofrer tanto... — falei, mordendo o lábio enquanto acariciava aquela delícia redonda com as duas mãos.

— Vai o caralho, senhorita Olívia. — Ele deu uma risada.

— Thomas disse que os caras vão comer seu cu, além de atolar os tridentes...
— comentei, sentindo seu pau pressionar minha barriga.
— Só se eu disser que estou de quatro por você. — Ele riu.
— E você está, primo? — aticei, sentando-me para abocanhá-lo.
— Nã... — Ele puxou o ar dentre os dentes quando o chupei de uma vez, engolindo o máximo que conseguia e arrastando os lábios para cima.
— Eu ouvi um "não", Max? — perguntei, fingindo indignação, enquanto lambia a ponta.
— Ouviu, porra — ele respondeu, gemendo.
— Tem certeza? — indaguei, voltando a chupá-lo. — Vou perguntar de novo, primo. Você está de quatro por mim? Se disser que está, deixo você comer meu cu.
— É sério? — Ele arregalou os olhos. — Estou, porra. Estou tudo o que você quiser. Estou qualquer coisa — falou entusiasmado.
Caí na risada.
— Ah, Max... Você não devia ser tão impressionável, primo.
— Prometeu, tá prometido. Você não pode colocar uma oferta dessas em pauta e retirá-la em seguida. Já virou direito adquirido, porra. Vai, caralho, fica de quatro — pediu com impaciência.
Fiquei na posição e rebolei para provocá-lo.
— Desse jeito, eu vou atolar gostoso, prima — avisou, apertando minha bunda.
Deixei o corpo cair no colchão e comei a rir convulsivamente.
— Volta pro lugar, porra! — ele vociferou.
— Max, acorda pra vida. Já viu o tamanho do seu pau? Isso não vai entrar no meu cu, querido. Nunca.
— Eu vou devagar! — ele barganhou, quase fazendo um biquinho fofo.
— Ai, meu Deus, como você é lindo! — falei, levantando-me para abraçá-lo.
— Eu sei. — Ele abriu o famoso sorrisinho. — Agora deixa eu comer seu cu? Só vou enfiar a cabecinha, prima. — Ele deu uma piscada.
— Pau não tem ombro, cretino. E isso aqui — agarrei seu cacete e chupei a cabeça — não é uma "cabecinha" nem aqui nem na puta que pariu — concluí, voltando a posição. — Não vai ter cu! — avisei. — Corto seu pau se você tentar.
— Você me ensaiou, caralho! — reclamou, caminhando até a gaveta do criado e pescando uma camisinha.
Rasgou a embalagem e a desenrolou pela extensão enquanto dizia:
— Boceta, então, porra. Mas não vou ser gentil, senhorita Olívia.
Ele me empurrou na beirada da cama e cobriu meu corpo com o dele,

beijando-me furiosamente na boca, nas bochechas e no pescoço.

Escorreguei as mãos por suas costas atléticas, pousando uma delas no início da bunda e deixando a outra na altura de seu ombro.

Max encontrou minha entrada sem precisar guiar o pau e soltou um gemido alto quando se enfiou em mim, mordendo meu lábio.

E, então, começou a estocar sem dó, de pé, e levemente inclinado sobre mim. Uma de suas mãos pressionava um dos meus joelhos, e a outra apalpava um dos meus peitos enquanto seus movimentos frenéticos me tiravam de órbita. Ele se sustentava em minhas coxas, me enchendo de pica, e minhas mãos seguravam seu rosto, puxando-o vez ou outra para os meus lábios famintos.

Gemíamos juntos, pronunciando palavras cada vez mais indecifráveis à medida que o gozo ia se aproximando.

— Goza, safada, goza — ele pediu, com a voz rouca e entrecortada, inclinando-se sobre mim e grudando nossos lábios em um beijo alucinado.

Max puxava meu lábio, e eu me agarrava ao seu corpo com força ferina, gritando e gemendo, sentindo a porra do mundo girar.

Ele tragou meus palavrões desconexos enquanto nossas línguas digladiavam em nossas bocas.

Soltei um berro e o abracei, fincando as unhas em suas costas quando o gozo me atingiu em cheio.

Ele beijou meu pescoço, retirou-se rapidamente e me colocou de quatro, continuando a meter. Então, com um puxão no cabelo, me ergueu, colando minhas costas ao seu tórax, segurando-me pela cintura.

Inclinei a bunda, e ele se apoiou nas minhas coxas, estocando, gemendo e sussurrando em meu ouvido.

Subitamente, me colocou de quatro de novo, pressionando minha cabeça no colchão enquanto beijava minha bochecha e meus ombros, sem parar de meter.

Max me levantou pelo cabelo outra vez e começou a entrar e sair devagar. Rebolei e passei a controlar os movimentos. Ele apertava minha bunda e me dava tapas, cada vez mais fortes, à medida que eu intensificava as reboladas.

Ele me puxou com uma mão na minha nuca e outra na bunda, sorvendo minha bochecha. Então, me jogou de novo no colchão e subiu na cama, ajoelhando-se e me comendo de bruços.

Suas mãos pressionavam minha cintura e meus ombros. Ele se curvou e beijou meu pescoço, migrando os lábios para os meus e deixando o corpo pender na cama.

Eu já sentia outro orgasmo se avolumando.

Ele me apertava enquanto me comia de lado, torturando minha boca e minha pele.

Eu gemia compulsivamente, e Max me pedia para gozar de novo, entrando e saindo em um ritmo desvairado.

Ele se inclinou sobre mim, mudando a posição, metendo enquanto me olhava nos olhos.

— Goza, minha linda — pediu, com os lábios em minha bochecha. — Goza comigo, senhorita Olívia — sussurrou em meu ouvido.

— Ai, meu... — soltei um urro, buscando sua bunda e enfiando os dedos em sua pele.

Abracei seu corpo inteiro, escorregando as mãos por suas costas e prendendo-o com as pernas.

— Porra... — Ele gozou em seguida, gemendo alto.

Então, depois dos segundos posteriores ao gozo, nós nos beijamos, sorvendo nossas respirações pesadas.

— Te amo, meu lindo — falei no encontro de nossas bocas, com os dedos mergulhados em seu cabelo.

— Te amo, minha linda — ele disse e colou o sorriso em meus lábios.

— Posso ser sincero? — Max perguntou retoricamente, acariciando meu cabelo molhado pós-banho, que se estendia sobre o travesseiro.

O quarto estava iluminado apenas por um dos abajures, e estávamos deitados um de frente ao outro, as cabeças a centímetros de distância.

Sob os lençóis, nossas pernas entrelaçavam-se.

Minhas mãos unidas descansavam debaixo da minha bochecha, e as de Max brincavam com meus fios esparramados.

— Gostaria de retirar meu pedido de desculpas, porque não estou verdadeiramente arrependido, Olívia — ele continuou.

Seu rosto continuava lindo à meia-luz. O cabelo e os olhos pareciam escuros, embora fossem tão claros.

— E... Eu sei, isso é estranho — prosseguiu. — Mas eu me conheço, porra. Teria feito tudo de novo, exatamente a mesma coisa, se tivesse a chance de mudar os acontecimentos daquela noite. E isso está me corroendo, porque me faz ver o quanto eu sou egoísta. Você faria diferente, se pudesse voltar no tempo. Eu, estúpida e irresponsavelmente, faria a mesma coisa. E, por ser tão imbecil, eu te peço desculpa. E... Eu sei que você não merece um cara assim, Olívia. Mas eu te amo, e você é minha. — Ele aproximou ainda mais os nossos corpos e roçou os lábios em minha testa.

— Foi tudo tão perfeito, Max... Eu não mudaria nada. Nem um segundo

sequer daquela noite. Nem para evitar o que estamos vivendo agora. E isso também está me corroendo, e me deixando confusa e... Eu nunca quis ser mãe, Max, como sei que você também nunca quis ser pai.

— Escuta. Se tivermos um filho, nós vamos criá-lo, porra — ele disse, acariciando meu rosto. — Vamos passar por tudo juntos. E... Eu sei que é você quem vai carregá-lo e suportar os nove meses de gravidez, mas estaremos juntos. Se você me disser que está com vontade de comer uma fruta que só dá em Marte, eu vou até lá buscar. E...

— Fruta, Max? Fruta de cu é rola, cretino — reclamei. — Eu não ia querer fruta. Ia querer algo como o *grand gâteau* marciano!

Ele deu uma risada rouca.

— Então, eu iria buscar seu *grand gâteau* marciano, minha linda — ele disse, deixando o polegar percorrer minha bochecha. — E... Você tem razão, eu nunca quis ser pai. Você se lembra do que eu disse, dos meus motivos?

Fiz que sim com a cabeça. Eu me lembrava perfeitamente.

— Porque você acha que uma criança precisa de um pai e uma mãe presentes, ao mesmo tempo, na mesma casa. E você não tem a intenção de se casar. Nunca — respondi exatamente o que ele tinha me dito, no quarto de Sofia, alguns dias atrás.

Max abriu um meio-sorriso.

— Exatamente... Parece que te disse isso há uma eternidade, mas mantenho o que falei, prima. Ainda acho que uma criança precisa de um pai e uma mãe presentes, ao mesmo tempo, na mesma casa. E... Sobre o casamento... — ele titubeou.

— Não se preocupe, Max — apressei-me em dizer. — Também não tenho a intenção de me casar. Nunca. Não vamos nos casar. E, sobre o lance da mesma casa, vai ser quase isso. Moramos um ao lado do outro, você vai vê-lo o tempo todo, se eu estiver grávida — enfatizei.

A cada vez que eu levantava a hipótese, sentia o estômago embrulhar.

— Quero que você venha morar comigo, prima. Não faz sentido... — começou.

— Isso nunca vai acontecer — cortei, sentindo o coração se despedaçar.

Porra, por que eu estava tão decepcionada? Pelo amor de Deus, é claro que eu não queria me casar com Max. Casar? Até o verbo soava ridículo. Eu nunca quis me casar. Não quero me casar. Não quero me casar com ele.

— Por quê? — ele perguntou, chocado.

— Porque gosto da minha liberdade — respondi.

— Não vou te trancar dentro de casa, porra. E o que você quis dizer com "liberdade"? — Ele franziu o cenho.

— Não precisar dar satisfações a ninguém, Max — respondi, irritada. — Quero dormir — falei, dando as costas para ele.

Que porra. Eu estava puta com o fato de que ele não queria mesmo se casar comigo. Qual era a porra do meu problema? Eu nem queria me casar!

— Então você quer ter a sua liberdade, não me dever satisfações... O mesmo se aplica a mim, certo? — ele continuou conversando.

Virei de repente e o encarei.

— O que você quis dizer com isso?

— Que nós dois viveremos nossas vidas como quisermos, sem dever explicações um ao outro. Foi você quem propôs. Só estou comunicando que farei o mesmo — ele disse, puto.

— Pois é assim que pessoas solteiras vivem, Max. Uma mulher só deve satisfações, e, mesmo assim, apenas de algumas coisas, ao marido — falei, emburrada, e voltei a virar as costas para ele.

— Você quer se casar comigo, Olívia? — ele perguntou, e eu senti meu coração virar amoeba dentro da caixa torácica.

— Isso é um pedido oficial? — Virei o pescoço, com os olhos arregalados.

— Claro que não, porra! — Ele riu. — Só estava investigando.

— Então pega a sua investigação e vá para a puta que te pariu. — Deitei-me novamente.

— Falando assim, prima, até parece que você está louca para me ver no altar — ele provocou, beijando meu ombro.

Forcei uma gargalhada.

— Eu não me casaria com você, Max, nem se você fosse o último homem na face da Terra!

— Eu sou um ótimo partido — falou, indignado.

Sentei-me na cama abruptamente.

— Você está insinuando que estou dando o golpe do baú, na minha cara?! Pode ficar tranquilo, querido, é como eu disse, não estou interessada. Não preciso de você para nada, Max. Posso até sumir do mapa com a criança na barriga. Não dependo de porra de homem, ouviu bem? Consigo, perfeitamente, criar uma criança sozinha! Não preciso de você ou da porra do seu dinheiro! — gritei.

— Pelo amor de Deus, Olívia, você enlouqueceu? — Ele se sentou também. — Eu estava brincando sobre a coisa do ótimo partido, caralho!

— Enlouqueci! E foi no momento exato em que te vi passando pela porta da frente desta casa, usando aquela maldita gravata cinza e aquele terno costurado nas catacumbas do inferno! Enlouqueci no instante em que deixei o diabo personificado se infiltrar na minha vida! — Fiz um gesto dramático com os

braços, batendo as mãos nas coxas. — Agora, estou pagando o preço, carregando, quem sabe, o Anticristo no bucho! — Levei as mãos à barriga.

Max caiu na risada.

— Meu Deus, como eu te amo... — Ele me puxou e pressionou os lábios no topo da minha cabeça. — Eu prometo que vou ser um bom pai pro nosso filho, o melhor pai que eu puder ser. E vou amá-lo tanto quanto eu te amo. — Ele beijou meu cabelo de novo.

— Você vai amá-lo tão pouco assim? Coitada dessa criança... — falei, rancorosa.

Max me afastou e, segurando em meus ombros, disse, com os olhos nos meus:

— Eu te amo em níveis inexplicáveis, porra. Níveis que nem eu entendo. Às vezes, acho que estou louco. Eu nem sei se você come ovos ou se é alérgica a camarão. Não sei coisas básicas como qual é a sua cor favorita ou coisas importantes, como qual é o seu tipo sanguíneo. Mas sei que te amo. E sei o quanto parece absurdo, principalmente para alguém como eu, amar uma pessoa que conheci há cerca de duas semanas. Eu me apaixonei por você em menos de sete dias, e isso ainda soa estranho quando eu digo. Mas eu te amo, Olívia. Se essa coisa apertada no meu peito não é amor, estou há dias tendo um princípio de infarto. — Ele riu. — Eu te amo, porra. E amo nosso filho, real ou imaginário.

Ai, meu Deus, eu queria desmaiar de amor. Como ele ficava lindo falando aquelas coisas...

E, que porra, eu estava mesmo imaginando Max com um bebê fofo no colo?

Ai... Ele ficaria tão lindo segurando nosso filho... E ele poderia ensinar alemão à criança. E ensiná-la a tocar violão, jogar futebol, a porra do nado borboletinha...

Meu Deus, eu estava completamente surtada. Mas a culpa era de Max, que tinha me dito aquelas coisas e derretido de vez a amoeba que era a porra do meu coração.

— Eu te amo, Max. E amo nosso filho, real ou imaginário, mas ainda espero que ele seja imaginário, porque, realmente, não quero ficar parecendo uma porca gorda aos vinte e quatro anos.

— Eu adoro bacon. — Ele deu uma risada.

— Deixa de ser filho da puta, cretino. — Dei um tapa no braço dele. — Agora era a hora em que você deveria dizer algo como fofo e romântico, como: “você nunca vai virar uma porca gorda, minha linda”. Ou “eu vou te amar mesmo se você virar uma porca gorda, minha linda”.

— Não sou fofo nem romântico, prima. Sou um devasso. Não posso ser devasso, lindo, tesão, bonito, gostosão e, ainda por cima, fofo e romântico. Perfeição tem limites. Tá achando o quê? Que estamos vivendo dentro da porra

de um livro? — Max gargalhou.

— Desgraçado. Prefiro meu Mr. Darcy a você, Max. — Cruzei os braços.

— Quem é essa porra de Mr. Darcy? — perguntou, puto.

— Meu protagonista favorito, criado por Jane Austen, minha autora favorita. — Suspirei.

— Mr. Darcy te fode gostoso, senhorita Olívia? — Ele ergueu uma sobrancelha, e um sorriso debochado assomou em seus lábios.

Meneei a cabeça negativamente com uma expressão de pretensa ingenuidade estampada no rosto.

— Foi o que eu pensei. — Ele abriu um sorriso largo. — Mr. Darcy de cu é rola.

Caí na risada, me jogando sobre ele, atirando-o na cama e beijando suas bochechas sem parar. Max enlaçou meu corpo, envolvendo-o com seus braços.

Em seu abraço, eu me sentia paradoxalmente protegida e vulnerável. Ali era o meu lugar.

Max era meu lar.

— Eu não gosto de ovos e não sou alérgica a camarão. Minha cor favorita é azul-turquesa e o meu tipo sanguíneo é AB positivo. Sua vez — falei entre os beijos.

— Eu comeria ovos pelo resto da minha vida e sou alérgico a camarão. Não tenho cor favorita e o meu tipo sanguíneo é O negativo.

— Você é alérgico a camarão e é doador universal — comentei.

— Você não gosta de ovos e é receptora universal. — Ele riu. — Por que você não gosta de ovos?

— Por que você gosta? É tão nojento... Como você descobriu que é alérgico a camarão? O que acontece quando você come camarão? Você doa sangue com regularidade? Já quebrou um braço? Já foi suspenso na escola? — metralhei.

Max gargalhou e respondeu a essas e a um bilhão de outras perguntas.

Passamos aquela madrugada perguntando e respondendo coisas. Só pegamos no sono depois de o dia amanhecer.

Eu não fazia ideia do que o futuro nos reservava. Mas seria um bom futuro se eu pudesse ver os primeiros raios de sol banhando seu cabelo loiro pelo o resto da minha vida.

30. Lobo em pele de cordeiro

PIOLHO

Mano, se tem uma coisa difícil nessa vida é acordar às 5h da matina, de pau duro, e precisar levantar pra ir pra escola, *véi*.

Eu estava de pé há cerca de cinco minutos, tinha acabado de respingar mijo no vaso inteiro e aquele não era eu. Era a porra de um zumbi.

Era sábado de manhã, e eu tinha que ir pra escola porque aqueles putos iam fazer prova no domingo, e era dia de revisão.

Escola particular é foda, meu. É uma *frescuralhada* do *carai*.

Acho que eu não tinha dormido nem duas horas, porque na noite passada a banda tinha tocado sem Alemão, que tá todo bichado, reza a lenda.

Também tá rolando um boato aí de que o cara tá gamado na prima. Mano, eu conheço aquela quenga desde antes de a minha pica virar essa arma de destruição em massa. Não acredito nem fodendo nesse *carai*. Isso tá com uma puta cara de zoeira do bocetudo do Tito. Tá *trollando* a quenga enquanto o cara tá bichado.

Putão nem tá atendendo minhas ligações, mano. Nem visualizando minhas mensagens no *Whats* o cara tá. Deve tá mal pra *carai*. Mas eu que não vou lá pegar a doença daquela puta.

Aliás, hoje à tarde eu vou lá, que é o dia da suposta sessão de tridentadas, e o Piolhão vai fantasiado de capetão. Se for zoeira de Tito, mano, o tridente vai chiar no cu dele.

Só tô indo porque os putos disseram que tá de boa o lance da gripe. Mano, se fico gripado por causa daquela quenga, nem sei o que eu faço, porque hoje à noite marquei com a ex de Tito. Pau no cu dele.

O cara decidiu largar de ser trouxa bem no meu território, *véi*. Na porra do habitat do Piolhão, onde esse ser mítico, deus nórdico do sexo, realiza suas caçadas noturnas às melhores bocetinhas da cidade.

E o filho da puta pegou Brenda antes de mim, mano. E no *carai* do vestiário feminino da academia, segundo Drica, que ficou sabendo por meio de não sei quem que ouviu a parada toda.

Betona tá puto com Tito, que tá achando que a academia virou motel. Mas aquilo lá, mano, é tipo isso, saca? Todo mundo fode naqueles vestiários, e umas

plaquinhas de "ocupado. Pessoas fodendo" facilitariam muito a nossa vida. Já dei a sugestão pra puta do Beto, mas o cara tem uma mente muito fechada pros negócios. Se eu fosse o dono daquela parada, até montaria uma escala, com horários de boa pra todo mundo se comer em paz. Depois de dar aquela malhada esperta, uma trepada marota. Endorfinas multiplicadas. Todo mudo feliz.

Mano, se a academia fosse minha, toda sexta ia ter surubada. Era só chegar, tirar a roupa e pá. Festival de tetas e bocetinhas pra gente malhar as rolas à vontade, meu. Ia ser a academia mais frequentada da cidade. Mas Beto não tem a visão de águia do Piolhão, mano. O jeito é a gente se entocar no vestiário pra comer a gata e torcer pra mais gostosas entrarem pra participar da festa.

Terminei de mijar e liguei o chuveiro. Tomei banho (sem lavar o cabelão, por causa do frio), me enrolei na toalha e fui para a cozinha pra preparar minha comida, porque *tava* com uma puta fome do *carai*.

Depois de comer minhas paradas *fitness*, já que manter o *shape* é vital pra continuar pescando sereias, voltei pro quarto.

A desgraça da escola não me deixa ir dar aula do jeito que eu quero, mano: calça de moletom (pra deixar o pau bem *destacadão*, daquele jeito que *as mina pira*), peito nu e cabelão solto.

Assim seria tranquilo, era só acordar e ir, tá ligado? Em vez disso, preciso botar uma calça jeans que oprime minha anaconda, uma camisa "apresentável", como diz o diretor da escola, e prender meu cabelão. Além de usar aquele jaleco escroto.

E, depois, os caras ainda me perguntam por que eu não digo pras gatas que eu sou professor, mano.

Não me entenda mal. Eu curto dar aula, só não gosto de contar isso pras gatas, sacou? Principalmente porque, das vezes que caguei na pistola e contei, riram na minha cara, meu. Ninguém acredita que, além de ter vários predicados, o Piolhão ainda sabe te explicar se os predicados são verbais ou nominais.

Não tô a fim de ser zoado pelas minas que eu quero comer, mano. Mais broxante que isso, só ser flagrado pela mãe dando umazinha. Ou ouvir sua irmã transando com algum filho da puta no quarto ao lado, como eu comecei a ouvir de repente. E, puta que pariu, ela era escandalosa pra *carai*, mano. Que isso...

Peguei minhas coisas, a chave da moto, o capacete e saí logo de casa. Tomar no cu...

O foda é que nem posso reclamar, porque o apartamento é de Drica. Então tenho que ficar de boa, porque vendi o meu. Tenho planos de juntar um bom dinheiro, partir pra Vegas e ficar rico jogando pôquer, mano.

Vou esfregar na cara do meu velho que eu consigo virar magnata sozinho, saca?

Cheguei à escola dez minutos adiantado e fui para a sala dos professores.

Dentre as cinco professoras que já haviam chegado, duas eram gostosas, e eu já tinha comido uma delas. A outra era Alana, que eu já tentei comer, e só depois descobri que ela também gosta de lambar bocetinhas, mano.

Mas, puta que pariu, com aquela bunda que ela tem, é uma pena que ela não gosta de pica, meu, quando eu tenho uma aqui, grossa, veiúda e dura, pronta pra meter gostoso só de manjar aquele rabo naquela calça branca colada.

O foda de trabalhar nessa escola, mano, é que eu saio de pau duro da sala de professores e passo a aula inteira de *bauduco* porque... Mano de Deus, essas novinhas, tudo filha-de-papai, têm umas tetinhas e umas bundinhas empinadas que pelo amor da minha pica...

E no sábado, mano, elas vêm pra escola usando aquelas sainhas curtas que me deixam louco de vontade de afundar a rola nas entradinhas apertadas delas.

Mas, antes que *cê* venha achar que eu sou pedófilo, já vou te mandar chupar meu pau, mano. As minas têm dezessete anos, e não dez como *cê* tá pensando. E elas provocam o Piolhão aqui, saca?

Mas fica de boa aí, que eu sou um puta profissional. Fico com essas minas, não, que dá B.O.

Sério mesmo, não tô de zoa. Juro pelo amor que eu tenho à cabeça da minha rola que eu nunca comi uma aluninha, *véi*. E eu sou um puta de um herói por isso, porque todas elas piram no *shape* e no cabelão do Piolhão.

Justamente porque elas são tudo gamadas em mim, eu tento passar uma imagem de cara sério na sala, tá ligado? Pra não parecer que tô dando mole pras minas. Mano, se eu for eu mesmo na escola, acabo comendo todas, uma atrás da outra, no banheiro ou no estacionamento. Já pensou que treta?

Falei que o jaleco é escroto, né? Mas esse cara aqui é meu *parça*, porque esconde meu *bauducão*, mano.

Assim que pisei na sala, confirmei o que eu já sabia: as minas *tavam* tudo decotadas e de sainha, num frio da boceta.

Agora, vê aí meu estilo "bonitão, mas fechadão". Já aviso que vou usar todo o meu bom português. Não estranha. Vou entrar no "modo Lucas", saca? Mano, olha só como a Globo tá me perdendo:

— Bom dia, turma — cumprimentei, colocando minha pasta sobre a mesa.

— Bom dia, professor. — Alguns alunos responderam em uníssono.

— O senhor fica bem com esse tom de rosa, professor. — Elogiou uma das alunas, a novata, cujo nome eu não me lembrava, com um sorrisinho sacana.

Mano, vou fazer umas pausas de vez em quando pra fazer algumas observações. Por exemplo, eu queria dizer a essa aluninha gostosa: "isso é porque você ainda não viu o tom da cabeça do meu pau, gata", mas a mina já me

dá o maior mole, e eu não posso irrigar ainda mais a bocetinha da safada, por motivos de: vai dar treta.

Preciso fugir dessas xaninhas meladas como Putão foge da segunda trepada, meu.

Por isso, decidi sacanear essa putinha:

— E a senhorita vai ficar muito bem me respondendo — peguei o pincel e escrevi no quadro branco: "É bom que você tenha estudado para a prova de amanhã." — que tipo de oração é esta.

Virei e a encarei. Ela me encarou de volta, com um sorriso tão obscuro que precisei usar todo o meu talento de galã global para disfarçar o quanto aquela expressão me deixou surpreso.

Então, ela fez uma expressão pensativa, torcendo de leve o nariz arrebitado, e respondeu, levando a ponta do lápis à boca:

— Esta é uma oração subordinada substantiva subjetiva, professor.

Fiquei inerte por alguns segundos, observando o lápis vermelho deslizar pelo lábio inferior da garota.

Quando meus olhos se fixaram em suas íris claras, eu me toquei de que estava há muito tempo calado.

— Correto — respondi sem parabenizar, como costumo fazer quando os alunos acertam. — Pedro, pode me dizer, na ordem, qual é a função sintática de cada termo da oração? — Decidi focar nos caras, porque a novata tinha me deixado levemente excitado e estranhamente desconcertado.

Continuar fazendo perguntas às alunas não era uma boa ideia.

— Verbo de ligação, predicativo, conjunção integrante e sujeito, professor.

— Alguém discorda do colega? — perguntei.

Ninguém levantou a mão, então parabenizei:

— Muito bem, está correto. Alguma dúvida quanto às orações subordinadas substantivas subjetivas?

Novamente, nenhuma mão erguida.

— Ótimo, passemos às orações subordinadas substantivas objetivas.

O restante da aula transcorreu sem maiores percalços. Felizmente, era a única aula que eu daria no sábado.

A maioria dos alunos estava com a matéria na ponta da língua para fazer o vestibular simulado do dia seguinte.

Agora, vamos sair do "modo Lucas" porque, meu Deus do céu, mano, o "modo Lucas" é chato pra *carai*.

Saí da escola e fui direto para casa, pra dormir um sono daqueles pós-gozada.

O carro de Drica não estava na vaga de sempre do estacionamento do prédio. Graças a Deus, eu poderia dormir sabendo que minha irmã não estava pelada,

gritando na rola de um cara, no quarto ao lado.

Estava tendo um sonho erótico com a aluninha gostosa quando ouvi uma voz do além:

— Lucas... Lucas... Lucas!

E, então, uma sacudida.

— Mas que *carai*, mano! — berrei, abrindo um olho.

— Lari e eu vamos almoçar na casa de Andressa. Você quer ir com... — começou Drica. Então, arregalou os olhos. — Ai, meu Deus, que nojo! Seu... Credo!

Ela saiu do quarto mais rápido que foguete. Foi quando eu me toquei que *tava* de *bauduco*, mano. Tinha tirado a roupa pra dormir, e o mastro *tava* lá, em toda a sua majestade, cutucando o lençol.

Mano, que desgraça! Agora, a lembrança da aluninha gostosa ia ficar associada àquele flagra sinistro.

Mais broxante que ser flagrado de pau duro pela irmã, deve ser se imaginar encoxando a avó no tanque, meu.

Dei uma olhada no celular e vi que já eram 12h33. Saí da cama e fui tomar banho. Assim, dava tempo de Drica sair de casa.

Mano, eu nunca fui tímido, mas aquele era o tipo de situação que deixa até um cara de boa feito o Piolhão meio constrangido.

Almoçar na casa de Andressa, minha irmã mais velha, estava fora de cogitação, porque a bocuda da Drica ia espalhar a história do meu cacetão duro, e Andressa é da zoeira, mano. Aquela ali não perdoa uma. Ia me zoar até os confins da Terra.

Por isso, depois do banho, fui para a cozinha fazer meu rango.

Ao contrário do que *cê* pensa, eu sou bem dotado, e não é só de pica, tá ligado? Tenho vários dotes, e os culinários estão incluídos.

O Piolhão aqui manja dos *paranauês* das comidas *gourmet*, saca?

Quando terminei de almoçar, já eram mais de duas da tarde. Tirei um cochilo de meia hora e, quando acordei, fui experimentar minha fantasia.

Comprei no *Halloween* passado, mano, pra festa dos alunos do terceiro ano. Eu queria ter ido de piolho, saca? Mas não achei uma fantasia sequer de piolho no *carai* da cidade inteira. Um absurdo, meu. Então, fui de capetão. Mano de Deus, as novinhas ficaram piradas!

Só que não pude ir só de cueca, tive que colocar a roupa inteira, né, mano. Com o *shape* todo à mostra, eu ia provocar ataques cardíacos em massa à comunidade feminina do colégio.

Mas, pra ir pra casa de Putão, quanto menos roupa, melhor, porque, se a treta for séria mesmo, hoje eu como o cu daquela quenga.

Zoeira, mano, vou só assustar aquela rapariga alemã com meu volumão.

Botei uma *boxer* vermelha, amarrei a capa no pescoço, coloquei os chifres na cabeça e peguei o tridente.

Mano, ficou foda pra *carai*. Eu tinha que tirar uma foto, pra avisar pras vadias-de-pica que, logo mais, Piolhão ia tá na área, pra atolar sem cuspe no toba de Putão.

Fiz uma pose máscula de frente ao espelho e enviei a foto pra geral com a legenda:

"Daqui a pouco, Putão, que, segundo boatos, tá de quatro pela priminha gostosa, vai conhecer o tridente e a rola giratória flamejante do Piolho-capetão. *É nós*, suas putas! #partiuatolarsemdó".

Troquei de roupa, coloquei a fantasia na mochila, peguei o capacete e saí, rumo à casa daquela quenga.

31. Amor com amor se paga

MAX

Muito provavelmente, Olívia e eu teríamos dormido até o início da tarde, se não tivéssemos ouvido as suaves batidas à porta do quarto, por volta das nove da manhã.

— Estão vestidos? Preciso entrar! — A voz de Suze anunciou.

— Estamos transando, Susanne! Vá incomodar a puta que te pariu! — berrei, afundando a cabeça na curva do pescoço de Olívia e abraçando-a ainda mais apertado.

— É mentira, Suze! — ela desmentiu, reprimindo um bocejo. — Pode entrar.

— Que porra, Olívia! — reclamei, beijando sua bochecha. — Nós estamos pelados — sussurrei em seu ouvido no momento exato em que a porta se abriu.

— Mas ela não precisa saber disso — Olívia sussurrou de volta, puxando um pouco mais o lençol enquanto se virava para beijar meu nariz.

— Bom dia, casal! Ai, meu Deus do céu! — Suze exclamou, levando as duas mãos à boca. — Que lindos! Vocês se acertaram! — Então, ela entrelaçou os dedos e os abrigou na lateral do rosto. — Vocês formam o casal mais lindo do planeta!

— Quer o quê, porra? — perguntei, tentando parecer mal-humorado, embora estivesse perfeitamente ciente de que o sorriso estava me entregando.

Ela me encarou com um sorriso ainda maior que o meu e disse:

— Chamar vocês dois para o café da manhã!

— A gente madrugou, porra. Tô com sono. Você também, né, linda? — perguntei, acariciando o rosto de Olívia.

Era incrível o fato de que gestos tão simplórios, como observar seus olhos e deslizar os dedos por sua bochecha, faziam meu coração se encher de felicidade e palpitar dolorosa e prazerosamente.

— Não estou sabendo lidar com a sua versão fofa, Max! — Suze falou, animada.

— Versão fofa de cu é rola — respondi, presenteando o sorriso radiante de minha irmã com um gesto obsceno.

As duas caíram na risada.

— Ele não assume que, além de devasso, lindo, tesão, bonito e gostoso, é

fofo e romântico, Suze. E que, em se tratando de Max Vetter, perfeição não tem limites — Olívia disse e roçou os lábios nos meus.

— Ai, meu Jesus Cristinho, vou ter um ataque! — Susanne exclamou.

Olívia afastou a boca cedo demais e, abrindo um sorriso safado, escorregou a mão que estava debaixo do lençol para acariciar minha rola.

Fechei os olhos e reprimi um gemido enquanto Suze falava:

— Sofia está lá embaixo, louca para ver os dois! Queria subir comigo, mas sou uma mãe zelosa. Vim investigar se a área estava limpa.

— Anrã... A gente já vai — falei, já consumido pelo tesão, em um tom que deixava claro que eu a queria longe dali no segundo seguinte.

— Max, vocês já transaram a madrugada toda! — ela me repreendeu.

— A gente só conversou a madrugada inteira — Olívia a corrigiu. — A propósito, Suze, sabe a sua boneca de pano favorita? Não foi a sua cachorrinha quem destruiu. Foi esse cretino! — Ela me entregou deliberadamente, parando de alisar meu pau.

— Que porra é essa, Olívia? Te conto a porra do meu segredo de infância e você me entrega, caralho? — perguntei, abismado.

Ela gargalhou.

— Foi você, Max? Não acredito que foi você quem destroçou a Hannah e que teve coragem de jogar a culpa na Mimi! — Susanne exclamou, horrorizada. — Ele me disse, Liv, com uma carinha de anjo, que testemunhara Mimi com Hannah na boca, e que até tentou salvar minha boneca! Seu mentiroso! — Minha irmã se aproximou e me deu um tapa no braço.

— Ai, porra! — fuzilei Susanne. — E você não é confiável, senhorita Olívia — resmunguei, encarando-a.

— Todos os seus outros segredos estão guardados, primo. Mas esse eu tinha que revelar. Você destruiu uma boneca de propósito! Arrancou os cabelinhos e o recheio da pobre Hannah. E, ainda por cima, incriminou um *Poodle Toy*, Max! Você era um minipsicopata! — ela acusou, tentando reprimir o riso.

— Aquela boneca maldita me assustava pra caralho, porra! E eu tinha cinco anos! — Fiz minha própria defesa. — Nunca mais te conto nada, Olívia! — falei, cruzando os braços e fingindo mágoa.

Suze caiu na risada, e Olívia beijou minha bochecha, cutucando meu lábio inferior emburrado com o indicador.

— Max sempre foi uma peste. Eu já devia saber que a pobrezinha da Mimi não tinha culpa de nada... — lamentou Suze.

Olívia substituiu o dedo pela boca e puxou meu lábio suavemente. Senti o instinto de me inclinar sobre ela, e não o refreei.

Conectei nossos lábios, provocando o encontro entre nossas línguas,

esquecendo-me completamente da presença de Suze.

— Sofia está realmente ansiosa para vê-los. Nada de demoras! — Ouvi sua voz a alguns metros de distância.

— Vai ser só uma rapidinha, Susanne — falei, rindo, afastando a boca por um segundo.

— Meu Deus... — Ela fingiu um tom alarmado, e ouvi a porta se fechando em seguida.

— Agora, vou precisar te castigar por ter me dedurado, sua sacana — sussurrei no ouvido de Olívia, beijando a pele abaixo de sua orelha.

— Tenho uma proposta melhor. Em vez de ser castigada, posso te dar um presente.

Ela forçou o corpo sobre o meu, ficando por cima. Então, me beijou, deslizando os lábios pelo meu queixo, enquanto suas mãos massageavam meu peito.

Mordeu o próprio lábio, erguendo-se e se sentando sobre o meu abdome, bem perto do meu pau.

Senti o coração saltar e meu cacete ficar ainda mais duro, lembrando-me da sensação de comê-la livremente.

Meu peito subia e descia em intervalos curtos, e não havia nada que eu pudesse fazer para controlar a respiração pesada.

— Como você é gostoso, porra... — Ela palmilhava meu abdome, massageando meus músculos para cima e para baixo.

Sua pélvis começou a acompanhar o movimento ritmado de suas mãos, e eu sentia sua umidade deslizando em minha pele.

— Gostosa é você, caralho. — Apertei suas coxas e subi as mãos, encaixando-as em sua cintura.

Ela se recurvou e entreabriu meus lábios com a língua. Abracei-a, envolvendo-a com os dois braços, quando nossas línguas se encontraram.

Senti a cabeça do pau cutucando sua pele, e meu corpo tremeu de ansiedade.

Apertei-a contra mim, como se pudéssemos nos fundir, e intensifiquei o beijo, provando cada espaço de sua boca.

Como eu queria me enterrar nela, sumir e reaparecer incessantemente até perder o controle das próprias forças.

Mas Olívia se desvencilhou do meu abraço e se levantou, ficando de pé sobre a cama.

— Fica quietinho — ordenou, virando-se e dando-me as costas.

Então, foi se abaixando devagar, deitando-se sobre o meu corpo em sentido inverso.

— Você está proibido de me tocar, Max. Vou engolir seu pau, e você vai

manter as mãos e a língua longe. Entendeu? — perguntou, num tom mandamental safado.

— Meu Deus — pronunciei, mal conseguindo manter o cérebro em funcionamento diante da visão daquela bunda a centímetros do meu rosto.

Ela desenhou um caminho sinuoso de beijos pelo meu abdome, até alcançar a base do meu pau, agarrando-o.

Não resisti e alisei suas coxas, subindo até aquelas duas colinas perfeitamente arredondadas.

— Max... — ela repreendeu.

— Não consigo, porra. — Apertei as duas metades.

— Só vou te chupar quando você tirar as duas mãos — alertou.

Escorreguei os dedos por sua carne macia, estacionando os braços no colchão.

— Pronto, caralho. Chupa — pedi, ansioso.

Então, ela lambeu do início ao fim, aninhando a cabeça dentro da boca.

— Porra... — Senti uma corrente elétrica golpear cada músculo do meu corpo e levei as mãos instintivamente àquela bunda outra vez, apertando-a com firmeza.

Olívia afastou os lábios e me olhou sobre o ombro, apoiando-se com uma mão e segurando meu cacete com a outra.

— O que eu falei sobre me tocar, Max? Vou precisar parar o que ainda nem comecei? — ameaçou, erguendo uma sobrancelha.

Aquilo fez meu pau latejar em sua mão. Mordi o lábio com força, estreitei os olhos, e, incapaz de me controlar, dei um tapa naquela bunda gostosa.

— Ai, filho da puta... — Ela gemeu, apertando meu pau.

Puxei suas coxas mais para perto e afundei a língua em sua entrada, provando sua umidade.

Ela rebolou em minha boca, soltando aqueles gemidinhos que me deixavam louco.

— Chupa, porra — ordenei, posicionando-a de modo a alcançar seu clitóris.

Cobri sua pele sensível com a língua, permanecendo com a boca imóvel de propósito. Olívia abocanhou meu cacete e, involuntariamente, circundei a região, lambendo-a. Em seguida, chupei sua boceta inteira, deixando que aquela delícia úmida tragasse meus gemidos enquanto meu pau sufocava os de Olívia.

O ritmo de nossas chupadas parecia ensaiado e se intensificava a cada segundo.

Minhas mãos faziam um *tour* por suas coxas, meus dedos afundavam-se em sua pele, e os dela acariciavam minhas bolas.

Olívia engolia meu cacete, sua língua demorando-se nos movimentos do topo. Eu engolia sua boceta, minha língua demorando-se nos movimentos centrais.

Aquilo era tão bom que minha cabeça girava. A sensação de chupá-la imiscuída à sensação de ser chupado era demais para aguentar por muitos minutos.

Meu pau pulsava vigorosamente, e eu sabia que estava à beira do precipício, prestes a gozar violentamente naquela boca gostosa.

Ela gemia cada vez mais alto, chupando ainda mais intensamente, e eu sabia que estava no limite, prestes a gozar gostoso na minha boca.

Gozei primeiro, sentindo minha alma sair do corpo. Olívia ainda estava engolindo minha porra quando gozou. Chupei sua boceta com vontade, bebendo tudo. Ela lustrou meu pau, deixando-o impecavelmente limpo.

Então, se permitiu cair na cama, deitando-se ao meu lado, nossas cabeças opostamente posicionadas.

Lutei contra o desejo de manter os olhos fechados e procurei seu olhar. Ela sorria, respirando com a mesma dificuldade que os meus pulmões encontravam para circular o ar.

Eu não me lembrava de quando tinha feito aquilo pela última vez, mas nunca, na vida inteira, tinha sentido a cabeça tão pesada e as forças tão esvaídas depois de um 69.

Ela fechou os olhos, expirando intensamente. Fiz a mesma coisa, sentindo as palpitações descontroladas no peito e os músculos frouxos.

Apesar de sentir uma fraqueza desumana, que me alcançava até os ossos, obriguei-me a me mexer e a me deitar do lado errado da cama, que, naquele momento, era o certo.

Abracei Olívia como pude, afundando o rosto na curva de seu pescoço e inspirando o cheiro floral de seu cabelo.

— Te amo — sussurrei em seu ouvido.

Vi quando seus lábios se curvaram em um sorriso. Ela virou a cabeça e acariciou os fios no início da minha testa, afastando-os enquanto dizia, mirando meus olhos:

— Amo você.

Soltei um suspiro involuntário, sentindo tudo dentro de mim se revolver com a pronúncia daquelas duas palavras, as quais eu nunca me cansaria de ouvir.

OLÍVIA

Max e eu ficamos deitados por vários minutos, normalizando nossas respirações e recuperando a força dos membros.

Apoiado em um dos cotovelos, ele acariciava meu cabelo, seus dedos penteando meus fios enquanto nossos olhos mantinham-se conectados, e nossos sorrisos, sincronizados.

— Nunca tinha notado essas manchinhas avermelhadas que você tem ao redor da pupila — comentou, estudando minhas íris.

— E você tem manchinhas amareladas quase imperceptíveis — observei, aproximando-me um pouco mais para analisá-las mais de perto.

Ele sorriu.

Toquei seus lábios com os dois primeiros dedos, desistindo de esquadrihar seus olhos e passando a examinar a textura daquele desenho diabolicamente esboçado.

— Eu amo sua boca. — Suspirei.

Ele alargou o sorriso sob meus dedos e levou o polegar aos meus lábios.

— E eu amo a sua — disse, percorrendo meu lábio inferior.

Ficamos sorrindo, suspirando e acariciando nossas bocas enquanto nos fitávamos.

Nossas íris manchadas se tocaram até que Max se aproximou lentamente. Recuei os dedos, e ele fez o mesmo, roçando os lábios nos meus e me beijando com delicadeza.

Sua língua abraçava a minha gentilmente, e sua mão afagava minha nuca, os dedos mergulhados em meu cabelo comprido.

Minha língua explorava o interior úmido e quente de sua boca, e minha mão percorria o início de suas costas, os dedos afundados em sua pele firme.

Ele encerrou o beijo me dando selinhos carinhosos, transferindo-os para o meu rosto inteiro, beijando até minhas pálpebras.

— Cada centímetro seu é meu, senhorita Olívia — sussurrou, depositando um beijo na pontinha do meu nariz.

Eu o abracei com força e falei em seu ouvido:

— Cada centímetro meu é seu, e cada centímetro seu é meu, principalmente os do seu pau.

Ele deu uma risada.

— Todos os nossos centímetros são só nossos, porra — ele completou, rindo.

— Todos os nossos centímetros são só nossos, porra — repeti, abraçando-o ainda mais apertado.

Por mais que eu quisesse passar o dia inteiro ali, sentindo o coração doer e retumbar contra seu peito, tinha ciência de que Sofia estava nos esperando.

— Precisamos descer. Sofia... — comecei.

— Só mais cinco minutos — ele pediu e tocou meus lábios com os dele, nossas línguas unindo-se novamente dentro de nossas bocas.

Antes que eu me desse conta, Max já estava sobre mim, seu pau duro perigosamente posicionado entre as minhas pernas, meu discernimento nublado pela sensação de sua pele em contato com a minha, o calor de seus beijos no meu pescoço, o toque decidido de sua mão em meu corpo.

— Como eu queria entrar em você agora, sem pensar em nada.

Ele encostou nossos lábios e me beijou, lançando esferas de fogo em meu interior. Migrou a boca para meu queixo, descendo para o pescoço, provando o gosto da minha pele incandescente.

Levei os dedos à sua nuca, pressionando seus lábios nos meus, gemendo em sua boca.

— Preciso de você — falei, com a voz entrecortada. — Preciso de você, Max.

— Deslizei as mãos por suas costas, percorrendo seus músculos com dedos afoitos.

Senti seu pau, quente e pesado, pender sobre o meu clitóris quando ele se mexeu e se curvou para sorver meus gemidos sofridos e descontrolados.

Então, ele se moveu novamente, a cabeça roçando minha entrada. Bastava um leve impulso para entrar tudo. Eu só precisava empurrar sua bunda... Só precisava...

Mas não podia.

— Oh, Deus... — Finquei as unhas em sua carne. — Sai, porra. — Usei meu último átomo de lucidez.

Ele me ignorou e, quando senti que ia entrar, pressionei seus ombros.

— Max...

— Que foi? — dissimulou, beijando meu pescoço.

Soltei um gemido lento, engolfada por uma onda de arrepios.

— Para com isso, desgraçado... — Apertei seus bíceps.

— Me faça parar, prima — desafiou, puxando meu lábio inferior e começando a me beijar. — Só uma metidinha. Só uma? — pediu, com um sorriso safado.

— Nem meia — falei, rindo. — Agora sai, Max. — Fiz o possível para parecer séria.

— Um quarto de metida? — Ele riu, tatuando os lábios em meu pescoço.

— Nem um oitavo — insisti, sem conseguir conter um gemido.

— Um dezesseis avos? — Ele tentou outra vez, sussurrando em meu ouvido.

— Dão quase dois centímetros de pica, ou seja, só a ponta da cabeça. — Ele continuou tatuando beijos úmidos em minha pele até chegar ao meu peito. Então, chupou meu mamilo esquerdo, arrancando um gemido prolongado da minha garganta.

Max se ergueu e alisou a parte exterior da minha boceta com a cabeça do pau; a maciez rosada amornando minha pele, enevoando meus pensamentos, sugando

meu juízo e roubando meus sentidos.

— Imagina a sensação, prima... — falou, brincando de me torturar. — Quente e escorregadia... — Ele aproximou o cacete, acariciando minhas beiradas úmidas enquanto gemíamos juntos. — Entrando e saindo, bem devagar — sussurrou, agarrando o pau e manejando-o.

Observei sua mão fechada se movimentando, as veias saltadas do braço em ação, as coxas grossas e o saco pendendo entre elas, e todo aquele corpo maravilhoso que me deixava molhada só de olhar.

Meu Deus, que gostoso...

— Quer que eu entre, senhorita Olívia? — perguntou, voltando a pressionar minha pele com a cabeça do pau.

Mordi o lábio e assenti. Max abriu aquele sorriso lindo, que me deixava sem fôlego e me tirava de órbita.

Eu queria senti-lo pulsando dentro de mim, queria que ele metesse gostoso até explodirmos juntos, até senti-lo quente e viscoso, escorrendo lentamente pelas minhas pernas. Queria de novo aquela sensação de tê-lo irrevogavelmente, de pertencer a ele como ninguém jamais pertenceu. Queria tanto que doía. Meu coração galopava, infrene, incontrolável. Meu corpo tremia, ansiando por Max.

Mas, no fundo do meu cérebro, meu subconsciente martelava em aviso, tentando sobrepor meu raciocínio afetado.

Eu sabia que não podia ceder, sabia que precisava impedi-lo, porque, se fizéssemos aquilo de novo, poderíamos estragar o que, talvez, ainda não estivesse estragado.

E foi só me lembrar da coisa toda da gravidez para me sentir como se um balde de água gelada tivesse caído sobre a minha cabeça.

— Eu sei — Max disse de repente, fitando minha expressão.

Então se deitou ao meu lado, respirou fundo, puxou minha mão e acariciou minha palma. Levou meus dedos aos lábios e os beijou.

— Desculpa, minha linda.

Virei para encará-lo. Seu rosto perfeito estava coberto de remorso.

— Está pedindo desculpa pelo quê? — perguntei, afastando os fios iniciais de sua testa.

— Por agir irresponsavelmente de novo, apenas algumas horas depois de ter pedido desculpa por ser estupidamente imbecil. Mas é que... — Ele soltou o ar com força, pressionando a cabeça no colchão. — A culpa é sua, porra! Por ser tão gostosa!

— Minha? — Apoiei-me em seu peito, beijando sua bochecha enquanto minha mão percorria as ondulações de seu abdome. — A culpa é sua, por ser esse demônio devasso.

— Nasci assim, prima, já falei. — Ele riu.

— Então a culpa é do diabo, que te criou — retruquei.

— Sou um anjo de Deus. — Max fingiu uma expressão inocente, e eu caí na risada.

— E eu sou a Madonna! — exclamei, rindo.

— Não fala em Madonna, porra. — Ele fez uma careta, mas continuou lindo.

— O que você tem contra a Rainha do *Pop*? Eu gosto dela... — falei, enfiando os dedos em seus fios e despenteando, ainda mais, seu cabelo.

— A ponto de colocar o nome na nossa filha? — ele perguntou, parecendo indignado.

— Credo, Max! — Dei um tapa no peito dele e voltei a me deitar com as costas coladas no colchão.

— Ai, porra! Foi ideia do puto do Tito. Madonna e Maradona, no caso de gêmeos. — Ele reprimiu uma risada.

— Gêmeos? Você vai carregar um bebê em cada uma das suas bolas, né, cretino, porque aqui dentro é que não vai caber!

— Ah, e no meu saco vai? — Max gargalhou.

— Você tem um saco bastante robusto, primo. — Tentei conter o riso, mas falhei. — E, já que eles saíram daí, é exatamente onde tinham que ficar. Nada mais justo.

— Eles não queriam ficar aqui, prima. — Ele mexeu nas bolas. — Queriam ficar num lugar quentinho e gostoso. Então, como sou um anjo de Deus, eu os ajudei a entrar na sua boceta, o melhor lugar do mundo. — O desgraçado começou a percorrer minha pele com dois dedos, caminhando com eles. — E, agora, eles estão aqui, num lugar bem mais confortável e espaçoso. — Seus dedos alcançaram minha barriga. — Já comecei fazendo um bem enorme para os nossos filhos. Certeza de que vou ser um ótimo pai para os gêmeos — ele finalizou e prendeu os lábios para não rir.

— Isso... Vai brincando com coisa séria, cretino. O diabo escuta... Ah... Falando em diabo, tá preparado para a Sessão de Tridentadas de hoje, meu lindo? — provoquei.

— Prima, sobre isso, é simples: vou negar tudo, todo o nosso amor — ele disse, rindo, enquanto se levantava.

Estreitei os olhos, sentando-me na cama.

— Você vai o quê, Max? — perguntei, indignada.

Ele abriu a gaveta do criado e pegou uma camisinha.

— Vou te comer no banho! Vem, gostosa! — O cretino tentou puxar minha mão, mas eu a retraí, cruzando os braços.

— Você fica linda com essa carinha emburrada, senhorita Olivia... É claro que

vou contar pros caras que eu te amo, porra! Quero que saibam que você é minha. Só minha.

— Acho bom. Poderíamos aproveitar e reunir todas as putas que você já comeu, pra eu esfregar na cara das vagabundas que agora você me pertence.

— E alugar o Maracanã para acomodar todas elas? — Ele gargalhou.

— Isso. Aí, a gente aproveita e aluga o Mineirão, pra caber todos os caras que já me comeram — devolvi, me levantando.

— Que porra é essa, Olívia? — Ele ficou puto.

— Ué, primo, cada um com a sua torcida. — Ergui uma sobrancelha despeitada e abri um sorrisinho provocativo.

— Tá muito engraadinha, senhorita Olívia... — falou, em tom de aviso. — Retira essa porra — ordenou.

— Retirar o quê? — Fiz uma expressão inocente.

Max levou as mãos à cabeça, deslizando-as até entrecruzá-las detrás do pescoço.

— Prima, prima... Seu cu fica bem perto da boceta. Pra eu errar o buraco não custa nada — ameaçou.

Caí na risada.

— Que lindo, todo bravinho... — Fiquei nas pontas dos pés e deposei um beijo em seus lábios enfezados.

— Vem, primo, vem errar o buraco! — Corri o mais rápido que pude em direção ao banheiro.

Ele me alcançou em segundos e me jogou sobre o ombro.

— Me solta, cretino! — bradei, sem conseguir controlar as risadas.

— Vou te mostrar com quantos buracos Max Vetter fode, senhorita Olívia — falou, rindo.

Max só me desceu debaixo do chuveiro, quando a densa cortina de água aquecida se esparramou sobre nossos corpos.

32. Não há rosas sem espinhos (será que não?)

MAX

Depois da melhor rapidinha de todos os tempos (infelizmente, não teve cu), Olívia e eu tomamos banho e descemos de mãos dadas.

— Bom dia, casal! — Tito, Plínio, Suze e Lili nos cumprimentaram em um coro tão harmônico que parecia ensaiado.

— Bom dia! — Olívia e eu respondemos juntos, em nossa sincronia perfeita.

Quando eu a puxei e beijei seu cabelo, todos eles me olharam com uma cara esquisita.

— Tio Max! — Sofia saltou da cadeira, veio correndo e agarrou minhas pernas.

— Oi, meu anjo! — Peguei-a no colo e beijei suas bochechas.

— *Tava* com saudade, tio Max! — Ela beijou minhas bochechas também. — O tio Tito disse que você *tava* demorando porque *tava* colocando mais sementinhas na Olívia! — falou, animada, agarrada ao meu pescoço.

A minha vontade era dizer que estava enchendo o cu daquele filho da puta de sementinhas, mas me satisfiz com um olhar fulminante em direção a Tito, sentado à mesa.

— Olívia! — Sofia balançou as perninhas, em um evidente gesto de que queria descer.

Então a desci, e Olívia se abaixou para abraçá-la.

— É verdade que você está cheia de sementinhas do tio Max e que eu vou ter vários priminhos? — ela perguntou, manuseando o cabelo preto-azulado de Olívia.

Tito, Plínio, Suze e Lili gargalharam.

Olívia buscou meus olhos, sem saber o que dizer.

— Souf, Olívia não está cheia de sementinhas do tio Max, meu anjo.

— Mas o tio Tito falou que... — começou.

— O tio Tito não sabe de nada, Sofia — interrompi, puxando uma cadeira.

— Mas tem pelo menos uma? — Ela olhou para mim com uma carinha esperançosa.

Eu quis responder: "se Deus quiser, não". Mas respondi: "talvez tenha".

— Como assim "talvez?" — Sofia quis saber. — Você colocou ou não colocou a sementinha, tio Max?

— Vem, prima, senta aqui. — Ofereci a cadeira para Olívia se sentar. — Coloquei, Souf — assumi.

— Então meu priminho tá aí dentro! — Ela bateu palminhas.

Olívia se sentou, e eu me sentei ao lado dela. Sofia se acomodou no meu colo.

— Não necessariamente, Souf — esclareci, notando os olhares concentrados em mim.

Todo mundo estava se divertindo com a minha dificuldade em explicar o milagre da concepção a uma criança de seis anos.

— Mas não é só colocar a sementinha e esperar ela crescer? Papai disse que eu cresci direitinho. — Ela olhou para Plínio, que assentiu, sorrindo.

— É que a sementinha decide se vai crescer ou não, Souf — expliquei.

— Ah, mas meu priminho vai querer crescer! Porque eu vou ser uma prima muito legal pra ele. Ah, e eu quero uma priminha, tio Max! Você leu minha cartinha? Tio Tito disse que leu. Você gostou?

— Li, meu anjo. Gostei muito.

Plínio e Tito explodiram em uma gargalhada.

Sofia começou a rir.

— Que foi, papai?

— Nada, princesinha — Plínio respondeu, tentando controlar o riso.

— Tá bom. — Ela deu de ombros. — Tio Max, Olívia, a minha priminha pode se chamar “Aurora”? Ou pode ser “Ariel”, mas eu prefiro “Aurora” mesmo.

Olívia e eu arregalamos os olhos. O restante da mesa riu de chorar.

— Se — frisei — a sementinha decidir crescer, Souf, você vai ter um priminho, e não uma priminha — assegurei.

Sofia fez uma carinha triste.

— Ah, tio Max... Você colocou uma sementinha de menino? — Ela estava quase chorando. — Meninos são chatos. O Mateus tá dançando a quadrilha com a exibida da Maria Clara, e ontem ele disse que eu *tava* feiosa de maria-chiquinha. Meninos são muito chatões, tio Max... Eu odeio o Matheus. Eu tinha escolhido “Felipe” ou “Eric” pra ser o nominho do meu priminho, mas não quero que *seja* um menino.

— Seja. — Todo mundo disse ao mesmo tempo.

— O correto é “seja”, filha. E não “seje” — Plínio completou.

— Tá bom, papai. Não quero que *seja* um menino, tio Max. — Ela se corrigiu.

— Por que você foi colocar a sementinha de menino? — Sofia cruzou os bracinhos, fazendo uma expressão emburrada.

— É a única que eu sei colocar, Souf — justifiquei.

Dessa vez, até Olívia gargalhou.

— Se — ela frisou — a sementinha decidir crescer, Souf, você vai ter uma

priminha, e não um priminho.

— Priminho, Souf — corriji.

— Priminha. — Olívia me fuzilou.

— Tá louca, porra? Não posso ser pai de uma mini Olívia! Vou enfartar antes dos quarenta! — exclamei, exasperado.

— E eu não posso ser mãe de um mini Max! Não vou chegar aos trinta! — ela devolveu.

— Vão ser gêmeos, eu já disse! — Tito caiu na risada.

— Vão, sim, Titinho. Estou fazendo a novena pra que venham logo dois! — Lili falou, animada.

Bati o olho no terço enrolado no pulso dela e senti um frio no estômago, além de uma súbita vontade de vomitar. Que Deus estivesse ocupado demais para ouvir aquelas rezas todas.

— Dois priminhos de uma vez pra você, meu amor! — Suze vibrou, direcionando o olhar para a filha.

— Vai ser muito legal, mamãe! — Souf bateu palmas.

— Não seria ainda mais legal se a sua mãe te arrumasse uma irmãzinha, Souf? — sugeri, estreitando os olhos para Susanne.

— Olha que lindo, Souf, sua irmãzinha poderia se chamar “Aurora”. Ou “Ariel”. — Olívia me auxiliou.

E, então, nós dois viramos o jogo. E Sofia começou a falar sobre o quanto seria legal se ela tivesse uma irmãzinha.

— Eu já pedi muito mesmo, mas mamãe não deixa papai colocar a sementinha! — Ela fez uma expressão frustrada.

— Coloca a sementinha também, Plinião! — Tito zoou. — Vocês quatro tendo bebês ao mesmo tempo seria tão fofo! — O desgraçado fez uma voz e um gesto afeminado.

Durante o café da manhã, o papo foi só sobre bebês e essa porra toda de zoeira. Plínio e Tito contra mim, Tito e eu contra Plínio e Tito contra nós dois.

O dia ficou ainda pior depois disso, quando Lili recrutou Suze e Olívia para ajudá-la com o almoço, e eu, além de ficar longe da minha linda, tive que ficar na companhia daqueles dois filhos da puta, que não paravam de falar das malditas tridentadas.

Souf tinha ido de carona com a mãe de Maria Eduarda para o ensaio da quadrilha na escola, fato que só piorou as coisas porque, sem Sofia por perto, a zoeira não tinha limites.

Olívia e eu tínhamos ido tocar depois do almoço, no gazebo. Ela cantou *Elastic Heart* pra mim, e eu a acompanhei no violão.

Estávamos nos beijando depois da música, deitados no colchão, cercados de

almofadadas, quando ela se afastou e perguntou baixinho, seus lábios roçando minha orelha:

— Se eu pedir pra ver uma coisa, você me mostra?

— Prima, se quer que eu tire o pau pra fora, é só dizer logo de uma vez, porra — brinquei, arrancando-lhe uma risada.

— É sério, Max... — ela disse, afagando meu cabelo e beijando minha bochecha.

— Tá, linda... Fala o que é... — pedi, tocando seus lábios com os meus e atando nossas línguas novamente.

Olívia arquejou em minha boca e subiu minha camiseta, dedilhando minha pele.

Cedo demais, ela se afastou de novo, contornando meu rosto com seus dedinhos de brasa enquanto nossos olhares se tocavam.

— Te amo tanto, porra... Isso não pode ser normal — falei, sem conseguir conter um suspiro.

Ela abriu aquele sorriso perfeito que me deixava tonto e disse, sem parar de acariciar minha barba:

— Você fica tão lindo dizendo que me ama...

— Eu *sou* lindo, prima — provoquei, dando uma piscada.

— Ai, Max... Esse sorrisinho me mata, cretino.

Nossos lábios colidiram novamente. Dessa vez, com mais intensidade.

Inclinei-me sobre ela, subindo a mão por baixo do vestido branco.

Alcancei a lateral da calcinha, sentindo os laços, e abandonei seus lábios.

Levantei o vestido e fitei o triângulo de renda vermelha e os dois laços laterais de fita de cetim.

— Se eu soubesse que você estava usando isso... — murmurei, beijando-a no centro.

Ela soltou um gemidinho enlouquecedor.

— Como eu não vi você colocando isso, porra? — perguntei em sua pele, enquanto desatava os laços vagarosamente, espalhando beijos em suas coxas.

— Você devia estar distraído, primo... — ela disse, mordendo o lábio. — Max, você está ciente de que podemos ser flagrados a qualquer momento, certo?

— Foda-se — respondi, terminando de desamarrar a calcinha e beijando seu clitóris. — Como você é gostosa... — balbuciei, chupando as laterais de sua boceta.

Olívia gemia alto, contorcendo as pernas.

— Se continuar gemendo assim, prima, seremos flagrados mais depressa — falei e me levantei.

Puxei a camisa pela cabeça e tirei a bermuda enquanto ela me fitava, seus

dedos trabalhando em movimentos circulares, seu lábio mordido, os olhos fixos no volume que lutava contra o tecido da minha cueca.

Então, ela se ajoelhou e puxou o elástico. Meu cacete pulou para fora, enfim livre.

Olívia o engoliu, daquele jeito que só ela sabia fazer.

Meu Deus... Em pouco tempo, precisei tirar o pau, ou encheria aquela boca linda de porra, e eu queria meter.

Fechei as cortinas do gazebo, porque, se Tito ou Plínio a vissem pelada, eu precisaria matá-los.

Então, a coloquei de pé. Ela ficou de costas, e comecei abrir a fileira de botões que eu havia fechado naquela manhã, dando um beijo em seu pescoço por cada botão libertado, como fizera mais cedo por cada botão aprisionado. Era muito melhor libertá-los que aprisioná-los.

Passei as alças por seus ombros, estampando sua pele com beijos lentos e úmidos, enquanto meu coração batia acelerado contra suas costas nuas.

Desci mais o vestido, e o tecido fluido se uniu ao lençol branco que cobria o colchão.

Impressionantemente, era como se eu a visse pelada pela primeira vez. Olívia era tão perfeita que meus olhos jamais se acostuariam à beleza de suas formas. Era sempre tão perturbador quanto extasiante me deparar com a sinuosidade de suas curvas, que pareciam ter sido moldadas para o meu toque.

Percorri sua pele, sorvendo seu cheiro. Enchi minhas mãos com seus peitos, pressionando meu pau em sua bunda.

Segurei seu cabelo e trilhei meus lábios pela lateral de seu pescoço, ouvindo seus gemidinhos e notando seus arrepios.

Então a virei, e ela me beijou delicadamente. A sutileza de seus lábios, os movimentos suaves de sua língua e o gosto doce de sua boca acenderam labaredas que perpassavam minha pele como répteis incandescentes.

Afastei-me para colocar a maldita camisinha, que, obviamente, estava no bolso da minha bermuda, em companhia de outras cinco, e Olívia se deitou na superfície branca e macia que se esparramava no chão do gazebo.

Terminei de desenrolar o preservativo e cobri seu corpo com o meu.

— Te amo, Max — ela disse, mergulhando a mão em minha nuca.

— Você fica tão linda dizendo que me ama... — provoquei.

— Eu *sou* linda, primo — ela me imitou.

— Narcisismo é um dom, senhorita Olívia. — Beije seu pescoço. — Deixa de ser *poser* — falei, migrando para a bochecha.

Ela deu uma risada. Uma risada linda, que me arrancou um suspiro idiota.

— Você é linda, porra. Linda. Linda, linda. Minha linda. — Dei um beijo em

seu sorriso e desci os lábios, espalhando carícias em sua clavícula e desenhando uma linha de beijos entre os peitos.

Então, segurei o pau e o guiei, gemendo junto com ela na primeira metida.

— Tão molhada... Meu Deus, Olívia...

Ela cruzou as pernas em meu corpo e sussurrou em meu ouvido:

— Enterra, porra.

Puxei o ar entre os dentes e comecei a estocar.

Ela gemeu alto pra caralho, e eu atolei de novo, arrancando outro grito em forma de gemido.

— Cala a boca, porra. — Grudei nossos lábios, metendo com força repetidamente.

Olívia dilacerava minha pele com as unhas e, quanto mais seus dedos castigavam minhas costas, mais forte eu estocava.

De repente, seu grito implodiu na minha boca, e foi sucedido por uma chuva de palavras e palavrões entrecortados:

— Meu De... Seu desgraça... Puta que...

Ela voltou a me beijar enquanto eu ainda metia.

Seu corpo tremia sob o meu. Seus dentes mordiam meu lábio inferior, puxando-o sem piedade, e seus dedos ainda estavam afundados em minha pele.

Gozei soltando um urro, sentindo a cadeia elétrica que passeou meu corpo inteiro explodir no meu pau em forma de porra.

Continuei metendo por alguns segundos, completamente engolfado pela sensação do gozo. Então, deixei meu corpo pender sobre o de Olívia, incapaz de mover um músculo.

Meu peito subia e descia vigorosamente, meus membros inexistiam, e o perfume suave de flores que emanava de seu pescoço me deixou ainda mais inebriado.

Ela acariciou minhas costas e subiu as mãos para afagar meu cabelo.

— Te amo... — falamos juntos.

Subi a cabeça e, sentindo o coração doer daquele jeito dolorosamente delicioso, fundi nossos lábios.

Momentos depois, enquanto nos vestíamos, Olívia perguntou:

— Você vai me mostrar?

— Mostro o que você quiser, linda — respondi, beijando seu pescoço durante a tarefa de aprisionar os botões de seu vestido.

— Quero ver suas roseiras... — ela falou com cautela.

Engoli em seco. Como ela sabia das porras das rosas?

— Que roseiras? — sondei.

— As que você não deixa ninguém ver, cretino. — Ela se virou, percebendo

que eu já tinha terminado de abotoar.

— Suze e sua boca enorme... — falei para mim mesmo.

— Não foi Suze quem me contou. Foi tia Ercília. Na carta.

— Meu Deus, definitivamente, preciso ler essa carta.

— Tem mais alguma coisa para esconder, primo? — Olívia arqueou uma de suas sobancelhas perfeitas.

Cada mínimo detalhe de seu rosto era perfeito. Até a pinta minúscula que ela tinha na têmpora, nas proximidades da raiz do cabelo.

— A única coisa que tenho a esconder é o meu pau na sua boceta — respondi com um sorriso sacana.

— Meu Deus, Max... — Ela deu uma risada, ficou nas pontas dos pés e beijou meus lábios, levando os dedos à minha nuca. — Agora, vamos ver suas rosas! — falou, afastando-se rápido demais pro meu gosto.

— Pra que, porra? — perguntei, meio puto.

— Quero ver se você é qualificado para me ensinar a cuidar das rosas de tia Ercília... Vai me mostrar?

Sendo sincero, eu gostava de cuidar das rosas. Vó Ercília tinha muito orgulho das dela e ainda mais das minhas, principalmente porque fora uma luta conseguir me dobrar. Depois de muita insistência, aceitei observá-la cuidando do jardim e, quando vi, estava ajudando-a a podar as roseiras.

Em pouco tempo, descobri que cuidar das flores era uma atividade terapêutica e prazerosa. Ver as rosas crescendo, dia a dia, até se tornarem tão bonitas quanto as que a gente vê nas floriculturas era mesmo motivo de orgulho.

É óbvio que o meu problema em admitir o gosto por jardinagem não estava associado ao receio de parecer menos másculo ou algo assim.

Tá, evidentemente, eu menti. É claro que eu tinha medo de parecer ridículo, sensível, sentimental ou alguma porra do gênero. Um devasso tem uma reputação a zelar, caralho! Além disso, tenho amigos imbecis, que me zoariam pelo resto da vida se descobrissem que Max Vetter, o protótipo dos devassos, tem um roseiral nos fundos da casa.

Mas, vendo a animação nos olhos de Olívia, nada disso tinha importância. Com ela, eu me sentia vulnerável e exposto de um jeito espantosamente perigoso, e o mais surpreendente era que eu estava há dias ligado no "modo foda-se", e não me via nem um pouco inclinado a desligá-lo.

O amor tinha me acertado como nos desenhos animados; bastou uma flechada e, agora, Olívia era meu mundo. Longe dela, eu sabia que tudo pareceria embotado, descolorido e insosso.

Já tinha desistido de entender como o sentimento tinha brotado e deitado raízes tão profundas em tão pouco tempo. Era insano, intenso, absolutamente

surreal e, ao mesmo tempo, nada nunca tinha me parecido tão real, tão genuíno.

Peguei suas mãos e beijei a pele delicada do dorso de cada uma delas.

— Vem, prima. Vou te mostrar.

Ela sorriu e perguntou:

— Posso ir de cavalinho? Tô com as pernas moles...

Soltei uma risada.

— Sobe aí, porra — falei, rindo e indicando as costas.

Ela ficou maravilhada diante do roseiral. As rosas eram todas vermelhas e ficavam protegidas sob o teto da minestufa.

— Meu Deus, Max! — Suas mãos cobriam os lábios, e os belos olhos esverdeados, quase da cor dos caules das rosas, estavam arregalados. — Da minha varanda não dá pra ver nada disso, porra! É tão lindo...

Peguei um cesto e um alicate dentre as ferramentas no baú, perto da entrada, segurei a mão de Olívia e caminhamos juntos entre as flores.

Durante o passeio, enquanto ela me fazia perguntas sobre os cuidados com o roseiral, colhi e tirei os espinhos de dez rosas, acomodando-as no cesto.

Quando terminei, juntei todas e, sentindo a porra do coração se agitar dentro do peito, falei, entregando-as:

— Uma dezena de rosas, minha linda. Uma para cada dia que nos conhecemos.

— Que lindo, Max... — Ela as pegou e levou dois dedos aos lábios.

Seus olhos brilhavam e reluziam como esmeraldas.

— Sinto que só comecei a viver há dez dias, Olívia. Eu não sabia, mas minha vida estava começando no instante em que te vi, tão gostosa, pelas grades do meu portão. Como eu poderia imaginar que a perdição indiana de regata branca seria a minha salvação? São só dez dias, e poderiam ser dez anos. E, quando completarmos uma década juntos, será como se tivéssemos vivido cem anos e, ainda assim, parecerá pouco... Isso faz sentido? Isso não faz sentido algum.

Minha garganta estava apertada. O maldito nó doía tanto quanto meu peito.

— Faz todo sentido do mundo, Max. É exatamente como eu me sinto — ela disse, piscando e deixando escapar duas lágrimas profundas. — Eu te amo... Te amo. Te amo.

O beijo de Olívia desatou o nó em minha garganta, e o gosto salgado de seus lábios aliviou a dor em meu coração.

— Sinto muito por elas não terem aquelas frescuras dos buquês tradicionais, como... — comecei, instantes depois, indicando as flores.

— São perfeitas, Max — ela me interrompeu. — Buquê nenhum seria tão lindo. Você as cultivou, sozinho... E são as rosas mais lindas que já vi!

— Assim, soltas, não parecem um buquê. Parecem só... Rosas soltas.

— Para de... Ah! Tive uma ideia! Você tem uma tesoura?

— Tenho uma tesoura de jardineiro — falei, rindo.

— Serve, desde que você não espete minha bunda de novo.

Mal franzi o cenho e compreendi o que ela queria fazer.

— Você é um gênio, porra! — exclamei.

Puxei sua mão e caminhamos até a entrada. Peguei a tesoura no baú, fechei a tampa, tirei as flores de suas mãos e as coloquei em cima.

Olívia levantou o vestido e me fitou com uma expressão safada.

— Gostosa... — Agachei e desatei um dos laços.

Aproveitei a posição e abri suas pernas, mexendo em sua boceta. Terminei de tirar a calcinha e coloquei a peça sobre o ombro. Então, substituí os dedos pela boca, deixando a língua invadi-la, chupando gostoso.

— Hummm, Max... — Ela soltou um gemido alto inicial.

Segurei suas coxas trêmulas com firmeza e fui beijando e lambendo seu clitóris, torturando-a com lambidas longas e beijos intensos.

Olívia gozou rapidamente em minha boca. Chupei sua boceta, engolindo tudo, provando o gosto no qual eu já estava completamente viciado.

Levantei-me e a abracei, beijando seu pescoço, amparando seu corpo fragilizado pela sensação do orgasmo.

Ela puxou minha cabeça e me beijou com intensidade, alisando meu cacete duro sob a bermuda.

— Quero que você me coma na sala de música, primo — sussurrou em meu ouvido.

Meu Deus, desde aquela foda frustrada no sofá da sala de música (que não foi tão frustrada assim, porque ocasionou a nossa primeira transa no meu quarto), eu estava louco para fodê-la ali.

— Mas, antes, vamos fazer o laço no meu buquê! — Ela puxou a calcinha em cima do meu ombro e esticou a fita.

Peguei a tesoura e cortei, guardando o que sobrara da calcinha no bolso.

Então, uni as rosas e fiz o laço. Depois, entreguei a ela.

— Pronto, minha linda... Um buquê com laço de calcinha.

— Como você é romântico, meu lindo... — ela ironizou.

— A gente faz o que pode. — Dei de ombros. — Agora, vem, porra!

Puxei sua mão e saímos da estufa rumo à sala de música.

Ou eu pensava que seria assim.

A verdade é que eu estava completamente enganado.

33. Nunca diga: “desta água não beberei”

MAX

Olívia segurava o buquê improvisado em uma mão, e a outra estava entrelaçada na minha quando pisamos na área da piscina.

Não sei dizer quem se surpreendeu mais, nós dois ou os caras, que estavam aglomerados nas proximidades do gazebo.

Por alguns segundos, apenas nos encaramos à distância, completamente surpresos.

E, então, a voz dramatizada de Tito cortou o silêncio:

— Vejam com seus próprios olhos, Tomás!

Cada filho da puta tinha a porra de um tridente na mão, e o escroto do Piolho estava seminu, travestido ridiculamente de capeta.

Eu não sabia por que razão tinha amigos tão bizarramente infantis. Eu estava apaixonado. E daí, porra?

— *Carai*, quenga! É sério mesmo essa parada, mano? — Piolho tomou a iniciativa de perguntar, chocado.

Na verdade, ele gritou, porque Olívia e eu ainda estávamos razoavelmente distantes.

— Eu avisei, Piolho! O cara tá de quatro! — Tito riu.

— Não acreditou porque não quis! — Plínio também estava rindo.

— Olha, gente! Ele deu flores pra Liv! Max, que orgulho! — Suze bateu palmas.

— É o Apocalipse... — Pecê falou, embasbacado.

— Mãozinhas dadas e tudo! O mundo acabou, meus caros! — Marcelão meneava a cabeça.

— Max... — Olívia começou a soltar minha mão, diminuindo o passo. — Pode negar, se quiser. Posso dizer que as flores... — falou, visivelmente triste.

Intensifiquei o aperto entre nossos dedos e estava prestes a falar quando ouvi aquela voz:

— Eu não acredito nisso! É uma pegadinha, gente! O Delícia não tá com *essazinha*! — Drica, que até então eu nem tinha notado, apareceu em meu campo de visão.

A tal da Larissa, ex-peguete de Tito, estava ao lado.

— Retiro o que eu disse — Olívia falou, furiosa. — Me segura, ou dessa vez

eu vou matar aquela puta!

Parei de andar e levei sua mão aos meus lábios, beijando-a.

— Olívia, eu te amo. Amo você, e só você. Posso ser um devasso, como você diz, e ter muitos defeitos, como a minha "autoconfiança hiperbólica mesclada a um narcisismo megalomaniaco patológico", mas nunca fui covarde. Confesso que tentei negar o que sentia no início, mas jamais negaria agora.

— Mesmo que o seu rabo esteja na reta? — perguntou, ainda puta.

— Foda-se o meu rabo. Eu te amo, porra. E... Agora vou fazer uma coisa ridícula, mas é só para colocar um sorriso nessa sua carinha furiosa. Nunca vou te perdoar se esses putos me colocarem no *YouTube*.

Eu tinha percebido que alguns filhos da puta haviam tirado os celulares dos bolsos e estavam filmando tudo, como se Olívia e eu fôssemos dois animais exóticos exibidos no zoológico.

Como o "foda-se" já estava ligado, limpei a garganta e, mesmo com a voz ainda meio rouca, cantei:

*Eu te amo e vou gritar pra todo mundo ouvir
Ter você é meu desejo de viver
Sou menino e seu amor é que me faz crescer
E me entrego corpo e alma pra você*

Quando terminei, Olívia tinha um sorriso imenso congelado no rosto.

Sem aviso, ela impulsionou o corpo, se pendurou em meu pescoço com o braço livre e me beijou profunda e apaixonadamente.

Enquanto meus braços envolviam sua cintura e minha boca sorvia a dela, eu podia ouvir Suze gritando "ai, meu Deus! Ai, meu Deus!" e Lili clamando "ai, minha Virgem! Ai, minha Virgem!" sem parar.

Quando Olívia e eu nos afastamos, identifiquei os autores dos aplausos frenéticos e assovios ensandecidos: Tito e Plínio.

Os demais estavam inertes, absolutamente perplexos.

Meus amigos pareciam tão bestificados que eu não me espantaria se comesçassem a socar os tridentes nos próprios rabos.

Então, segurando a mão de Olívia, caminhei até eles e falei de uma vez, abraçando-a:

— Quem tocar na minha garota morre.

— Mano de Deus... Quenga do céu... — Piolho foi o primeiro a se manifestar.

— Se isso aí não é estar de quatro, mano, eu não sei o que é, *vêi*.

— Não acredito que vivi pra ver esse dia! — Beto exclamou.

— Está vivo pela minha misericórdia, filho da puta. — Puxei o desgraçado

pela camisa. — Chama a minha mulher pra sair de novo, e eu...

— Fica de boa, quenga. — Piolho puxou o meu ombro. — Dá uma colher de chá pra Betona, mano. O cara não sabia ainda que a priminha era sua, meu!

— Agora estão avisados. Ela é minha, porra. — Soltei Beto e abracei Olívia lateralmente, beijando seu cabelo.

— Porra... Eu tô achando que acordei em um universo paralelo! — gracejou Thiago.

— Delícia, é brincadeira isso, né? — Drica perguntou, e senti Olívia forçando uma saída dos meus braços.

Eu não podia deixá-la se sentir ameaçada. Acariciei sua pele, mantendo-a comigo.

— Acho que a sua simpatia saiu pela culatra, queridinha — Olívia disse, e todo mundo caiu na risada, principalmente Piolho e Larissa.

Drica torceu o rosto em uma careta indignada, fez menção de falar, mas ficou em silêncio, enquanto as gargalhadas continuavam.

— Putão, quero ouvir o pedido de namoro, mano! — Piolho gritou, e eu senti os músculos enregelarem. — Porque agora Max Vetter se apaixona, suas quengas! E, se Max Vetter se apaixona, Max Vetter namora, tá ligado?

Os caras socaram os tridentes debaixo dos braços, e uma onda de risadas, aplausos e assovios desvairados cortou o ar.

O verbo "namorar" soava esquisito pra caralho. Obviamente, eu sabia que, em tese, Olívia e eu éramos algo como namorados. Não era uma ficada prolongada. Eu só pensava nela, só queria ficar com ela, e de jeito nenhum era algo passageiro. O que eu sentia por Olívia era tão forte que tornava o mundo ao nosso redor completamente desimportante. Mas, puta que pariu, como isto soava estranho: "namorados". Olívia seria minha namorada. Namorada. Na-mo-ra-da. Namorada. Que porra de palavra estranha...

Eu a amava além desses rótulos e convenções sociais. Não precisávamos ser "namorados". Precisávamos?

Busquei seus olhos e tentei ler o que suas íris diziam. Ela estava assustada, e havia uma pontada de alarde, receio, dúvida.

Do que ela tinha medo? De eu pedi-la em namoro? De eu não pedir?

Eu não sabia o que Olívia esperava. Só sabia que não suportaria desapontá-la. Não estava certo sobre o que ela queria, mas só havia um jeito de descobrir.

E, se era para fazer aquela porra escrota, eu faria direito, como mandava o caralho do figurino.

Caminhei alguns passos até o gazebo e peguei o violão.

— Mano do céu, Putão vai fazer serenata, meu... — Piolho falou, atônito.

Os caras não paravam de soltar exclamações e palavrões, manifestando todo o

choque que minha reação estava causando. E eu ainda nem tinha começado a cantar, porra.

Quando voltei, respirei fundo e comecei a tocar e entoar “Me Namora”, de Edu Ribeiro e Banda Cativoiro:

*Lembro que te vi caminhar
Já havia um brilho no olhar
E junto com um sorriso seu
O teu olhar vem de encontro ao meu*

Olívia sorria e chorava ao mesmo tempo, e as batidas em meu peito deviam estar mais audíveis que o som dos acordes.

Nossos olhares se tocavam, e era como se estivéssemos ali sozinhos, só ela, o violão e eu.

Quando cheguei ao refrão da música, achei que fosse cuspir a porra do coração, que tinha se deslocado do peito e ido parar na garganta.

*Por isso eu vim aqui te dizer...
Me namora, pois quando eu saio eu sei que você chora
E fica em casa só contando as horas
Reclama só do tempo que demora
Abre os braços vem e me namora
Eu quero dar vazão ao sentimento
Mostrar que é lindo o que eu sinto por dentro
Beleza essa que eu te canto agora
Abre os braços vem e me namora*

Continuei tocando e cantando, sem saber como meus dedos conseguiam se arrastar pelas cordas do violão, sem compreender como a minha voz estava saindo.

Em toda a minha vida, eu nunca tinha me sentido tão nervoso, e a porra da sensação era aterradora.

Comecei a cantar o refrão pela última vez exatamente quando Suze se aproximou de Olívia e pegou as rosas de sua mão.

Quando terminei, os caras aplaudiram e fizeram o barulho usual. Suze e Lili gritavam "que lindo, que lindo!".

Entreguei o violão a alguém, ajoelhei e segurei a mão de Olívia.

— Puta que pariu! — Um dos caras gritou.

Não consegui distinguir qual deles, porque meu coração batia tão

aceleradamente que eu mal conseguia ouvir meus próprios pensamentos.

— Mano de Deus, a quenga vai fazer o pedido oficial, meu! — Esse era, indiscutivelmente, Piolho.

— Os quatro cavaleiros do Apocalipse vêm aí! — Talvez esse fosse Pecê.

— Ai, meu Deus, eu vou desmaiar! — Eu reconheceria a voz e o drama de Suze a quilômetros de distância.

— Ai, meu São Sebastião! Minha Santa Rita de Cássia! Jesus Cristo! — Não preciso identificar a autora das exclamações, certo?

Respirei fundo e, suportando os golpes incessantes no peito, mirei os olhos de Olívia e perguntei, me sentindo como a porra de um menino, vulnerável e inseguro:

— Quer namorar comigo, senhorita Olívia?

— Max... — Ela mordeu o lábio enquanto as lágrimas não paravam de rolar por suas bochechas. — Quero! Claro que eu quero, cretino! Eu te amo, porra!

Eu me levantei e beijei seu rosto inteiro, secando-o com os lábios.

— Te amo, porra — falei, rindo, e colidindo nossas bocas no melhor beijo da minha vida.

Dessa vez, achei que fosse ficar surdo com a salva de palmas e gritos e assovios.

— Não acredito nesse teatrinho... — Drica riu desdenhosamente, assim que o barulho cessou. — E, mesmo se for verdade, isso aí não dura uma semana. — Ela gargalhou histericamente.

— Então volta semana que vem, Adriana. Agora você já pode ir. — Indiquei a saída, me fodendo para o fato de que estava agindo com extrema má educação.

— *Viiiiiiiiiiiiixe!* — Os caras começaram a fazer os típicos sons que fazemos quando alguém diz algo inesperadamente ofensivo a outra pessoa.

Drica me encarou, boquiaberta. Baixou os olhos e fitou Olívia furiosamente. Então saiu pisando duro, cuspiendo fogo e chamando Larissa.

— Eu vou ficar — disse a prima de Piolho, com firmeza.

Drica deu um giro dramático e fulminou a ex de Tito com um olhar causticante. Então, deu meia volta e andou até a saída sem dizer uma palavra.

— Que bosta, mano, eu que vou ter que aguentar mau humor depois, meu!

— Foda-se, Piolho — respondi.

— Tá na hora de foder seu cu, sua puta! — ele gritou. — Quengas, peguem seus tridentes. O cara tá achando que vai escapar ileso dessa ceninha romântica, mano! — Ele soltou uma risada propositadamente maquiavélica. — Piolho-capetão e seus demônios não saem desta casa sem possuir o cu ariano mais apetitoso do Brasil! *Simbora, quengaiada!*

Os caras gargalharam, brandindo os tridentes.

— Que porra... Como vocês são bizarros, caralho! — exclamei, rindo.

— Tá rindo agora, sua puta! Quero ver *cê* rir com minha anaconda inflamável atolada no seu cu! — Piolho bradou.

— Minha bengala já tá dura — Thiago avisou, fingindo apertar o pau e provocando risadas.

— Putão, *cê* fez a chucha, né, meu? Se *cê* caga no meu cacetão, *vêi*, faço *cê* chupar, tá ligado?

Mais gargalhadas. Até eu tive que rir do ridículo do Piolho.

— Chega pra lá, gata, que agora a parada vai ficar séria. — Ele se aproximou de Olívia, afastando-a de mim.

— Não encosta na minha mulher, porra! — Empurrei o ombro do filho da puta.

— Mano de Deus, *take it easy, man*. Assim *cê* só atíça minha curiosidade, Putão. A priminha foi a única mina que conseguiu te deixar de quatro. Que segredos *cê* esconde debaixo desse vestidinho, gata? — o desgraçado do Piolho perguntou, fazendo aquela cara que ele acha que é *sexy*, mas que é só grotesca mesmo.

Foi quando eu me lembrei de que Olívia estava sem calcinha, e meu coração quase parou.

— Prima, sabe o lance da fita? — Lancei um olhar significativo.

Olívia mordeu o lábio e assentiu.

— Vai resolver esse pequeno problema, minha linda? — pedi com gentileza.

Ela mexeu as pernas de um jeito provocante e me fitou com um olhar desobediente.

— Prima... — falei, usando um tom levemente ameaçador.

Olívia deu uma risada e disse:

— Tô indo, meu lindo! — Então saiu correndo.

Respirei aliviado.

Lili, Suze e Larissa foram atrás.

— Fechou, mano! A mulherada saiu, agora tá liberado! Piolho-capetão declara aberta a Sessão de Tridentadas! Depois do que acabamos de presenciar, e gravar para a posteridade, essa quenga merece ter o rabo esfolado! — Piolho pegou o tridente e afundou na minha bunda, me pegando desprevenido.

— Desgraça! — xinguei.

Então, os caras começaram a me espetar, rindo e gritando como um bando de hienas enlouquecidas.

— Filhos da puta! — Fui tentando me proteger com as mãos, o que se revelou uma tarefa impossível de ser executada, porque meu pau tinha prioridade, então a retaguarda ficava sem cobertura.

Inteligentemente, fui me afastando, tentando escapar, e consegui colar as costas na primeira parede que encontrei.

Mas, contra quase vinte caras, ficava difícil pra caralho manter a bunda livre de tridentadas por mais de dois segundos.

Plínio, Tito, Alex, Beto e Marcelão me seguraram, me afastando da parede. Eu desferia golpes cegos o tempo inteiro, tentando me livrar dos filhos da puta.

— Quero foto! Bate aqui, Thiago! — Piolho gritou, puxando o celular de dentro da cueca e estendendo o aparelho.

— Que porra, Piolho! — Thiago e os caras gargalharam.

Ele deu de ombros e voltou a enfiar o celular na cueca.

Graças a Deus, estavam todos ocupados demais com os tridentes para filmar ou fotografar aquela porra.

Plínio e Tito seguravam minhas pernas, e eu tentava chutar as caras dos dois, que riam como se estivessem passando mal.

— Virem essa puta! Agora minha rola giratória vai soltar faísca nesse cuzinho branco! — Piolho gargalhou.

Aquela quenga cabeluda tentou puxar minha bermuda, e eu soltei o braço que o frouxo do Alex segurava e dei um soco no ombro de Piolho.

Daniel veio reforçar a constrição e me segurou em seguida.

— Só por causa disso, Putão, vou te enrabar sem cuspir, tá ligado? — Piolho sinalizou, e os caras me colocaram de pé.

Então me viraram, e a quenga ficou fingindo que estava me comendo, provocando altas risadas.

— Já chega! — Olívia gritou, rindo. — Deixem meu lindo em paz!

— A gata voltou pra resgatar o macho! — Marcelão riu.

— Divide esse rabo gostoso com a gente, Liv! — Pecê falou, espetando minha bunda.

— É, Liv, deixa de egoísmo! Deixa a gente comer esse cu! — Tito pegou o tridente de Pecê e deu sua contribuição.

— Filho da puta! Vou te matar dormindo, Tito! — ameacei.

O desgraçado gargalhou.

— A gente devolve limpo, cunhada! — Plínio tomou o tridente de Tito e afundou em mim.

— Lavou, tá novo, mano! — Piolho gargalhou, me espetando mais uma vez.

O resultado prático daquela tarde estava sendo o seguinte: meu rabo estava dolorido pra caralho.

— Soltem meu namorado! — Olívia bradou, e meu coração deu um solavanco quando ouvi a palavra.

Puxei os braços com força e me soltei com um movimento único.

— A farra acabou, seus putos! Quero todo mundo fora da minha casa! Agora! — ordenei. — Você também, Tito. Hoje você vai dormir na puta que te pariu, porque vou passar o resto do dia e a noite inteira fodendo minha namorada em todos os cômodos desta casa — falei, sem tirar os olhos dos dela.

— Menos na porra do meu quarto, eu espero! — ele falou, alarmado.

— Vou começar por lá, desgraçado! — Dei um soco no peito dele.

— Circulando, *machaiada*! O dono da porra toda falou, tá falado! — Plínio disse. — *Bora*, amor, também vou te foder gostoso lá em casa! — Ele puxou Suze pelo braço e saiu levando minha irmã constrangida.

— *Bora* vazar, mano! *Bora* deixar a quenga afogar o ganso alemão, tá ligado? — Piolho começou a tirar aquela parafernália diabólica.

Instantes depois, pegou a mochila no chão, tirou a roupa de dentro e começou a se vestir.

— Vem, linda. — Peguei Olívia no colo e entrei na casa, deixando a multidão lá fora se dissipar.

34. Não adianta chorar pelo leite derramado

MAX

Os últimos dias têm sido, para dizer o mínimo, atípicos.

Sinteticamente, Olívia e eu estamos vivendo nossos quinze minutos de fama.

Hoje estivemos no Faustão, e já passamos pela Fátima Bernardes e pela Ana Maria Braga durante a semana.

Não. Infelizmente, eu não estou zoando.

A quenga do Piolho *upou* a porra do vídeo do pedido de namoro no canal da banda no *YouTube*, e a coisa viralizou. O Brasil está apaixonado por *#Olimax*.

Sim, Olívia e eu temos a porra de uma *hashtag*, que se espalhou pelo *Twitter* e por todas as redes sociais existentes.

Eu estava no escritório na terça-feira, dois dias após a publicação do vídeo, quando a produção do programa *Mais Você* entrou em contato comigo.

Tinha voltado a trabalhar no dia anterior, e aquelas intermináveis horas longe de Olívia estavam afetando seriamente a minha sanidade.

A contrafé da Petição Inicial de Divórcio Litigioso ajuizada por Antônio Di Bianchi em desfavor da minha cliente repousava sobre a mesa, e eu estava lendo a Contestação redigida por um dos meus estagiários há cerca de meia hora, mas não tinha conseguido sair das preliminares.

Sendo honesto, eu tinha me livrado do endereçamento e do preâmbulo há apenas dez minutos, e a simples tarefa de chegar ao mérito parecia hercúlea, uma verdadeira missão impossível.

A razão da minha total incompetência para ler e corrigir uma peça tão simples, a despeito do exorbitante valor da causa (e, ainda assim, um valor inferiormente declarado e, portanto, impugnável), era que eu só conseguia me concentrar no novo porta-retrato sobre a minha mesa, estrategicamente posicionado de frente para mim.

Olívia sorria nos meus braços para a câmera do celular de Suze, e eu não me cansava de sorrir de volta para a foto, feito a porra de um adolescente apaixonado.

O pior era que eu estava me fodendo para o quanto a minha desconcentração no trabalho era patética ou para o fato de que eu saíra de casa há menos de duas horas e já estava morto de saudade, como se não a visse há meses.

Peguei o celular para ouvir aquela voz linda exatamente quando o telefone

começou a tocar.

Desde aquele telefonema, nossa vida tem sido, soando bastante eufemístico, tremendamente turbulenta.

Antes disso, tudo estava perfeito, mesmo com a aflição da possibilidade de sermos pais em um futuro assustadoramente próximo.

Só precisávamos esperar mais alguns dias para saber a resposta. Fosse qual fosse, ficaríamos bem.

Já havíamos nos acostumado à ideia, inclusive. Na verdade, conversávamos todos os dias sobre o nosso filho imaginário ou real. Coisas como o que faríamos quanto à nossa mania de falar palavrões quando a criança já tivesse idade suficiente para nos compreender, por exemplo.

Eu achava que jamais conseguiríamos parar de pontuar as sentenças com um "caralho" ou de usar um "filho da puta" como vocativo. Então, Olívia propôs fazermos um teste, e isso estava me matando, porque não podíamos falar um palavrão sequer, exceto, é claro, durante o sexo, porque, puta que pariu, não dá pra foder sem falar palavrão, porra.

Sofia estava se saindo uma fiscal e tanto. Quando estava em casa, a cada palavrão que Olívia deixava escapar, Souf fazia uma trancinha no cabelo dela. E eu precisava colocar uma nota de cinco reais (cinco reais!) dentro de um maldito pote a cada "porra" ou "caralho" involuntário que saía da minha boca, ideia da mãe da criança, mais conhecida como minha irmã mercenária.

Graças a Deus, Sofia ainda não tinha entrado de férias, ou, com certeza, eu já teria ido à falência e Olívia já teria virado uma *hippie* de cabelo todo trançado.

Minha sobrinha só me extorquia por uma ou duas horas diárias, quando Suze ia nos visitar no final do dia, para checar se Olívia e o bebê estavam bem.

Sim, Susanne e Lili já contavam com aquela criança, e estavam sempre nos rondando, preocupadas com o bem-estar "da futura mamãe". Uma palhaçada do caralho.

Outra preocupação, além dos palavrões, era a piscina. Precisaríamos cercar o perímetro inteiro assim que o bebê nascesse. Olívia e eu estávamos deitados em uma das espreguiçadeiras, pelados e molhados, quando chegamos a essa conclusão, em plena madrugada.

Quando eu não estava trabalhando, estávamos sempre juntos, o máximo de tempo possível.

No sábado, pedimos comida via telefone, porque estávamos acabados, exaustos demais para sair de casa. Havíamos transado em todos os cômodos, exceto no quarto de Sofia e, por motivos óbvios, no que Tito estava ocupando.

No domingo, matei o futebol de novo para ficarmos mais tempo juntos.

Mais tarde, fomos almoçar na casa de Suze. Eu só queria passar o dia inteiro

com Olívia e mais ninguém, mas Susanne insistiu pra caralho nessa porra e, segundo minha namorada — ainda estou me acostumando —, seria muito "rude" se não aceitássemos o "convite". Mas foi bom. Plínio, Tito e eu jogamos vídeo game depois do almoço, e Suze, Lili e Olívia passaram a tarde conversando sobre assuntos desconhecidos enquanto Sofia brincava com Duda, Lola e Rodolfo.

Depois de certa relutância, Olívia deixou que os dois ficassem definitivamente com Sofia, o que foi extremamente festejado por minha sobrinha, mas representou uma lamentável notícia para o pobre gato, que estava vestido com uma coisa que lembrava um vestido de boneca, e tinha um laço escroto mal amarrado ao pescoço. Lola também estava trajada no mesmo estilo, mas não parecia nem um pouco incomodada com a brincadeira das meninas, que não paravam de correr para todo lado, dando risadinhas pela casa.

Preciso abrir um parêntese para dizer que, antes de irmos embora, Olívia e eu transamos em um dos banheiros da casa e, puta que pariu, que foda do caralho...

Combinamos tudo via *WhatsApp*, enquanto os putos jogavam e Lili e Suze preparavam petiscos na cozinha.

Tive que transar com a mão naquela boca linda, porque Olívia insistia em gemer daquele jeito escandaloso que poderia alertar um quarteirão inteiro. Foi a rapidinha mais rápida e mais gostosa da minha vida.

À noite, saímos sozinhos, e foi perfeito. Eu queria comer *goulash*, para variar, mas fiz reserva no melhor restaurante da cidade, que é francês, e, depois do jantar, Olívia e eu dividimos um *grand gâteau* como sobremesa.

Tudo estava ridiculamente perfeito.

Na segunda-feira, estávamos saindo para jantar quando Piolho ligou contando sobre o número alarmante de acessos e compartilhamentos do vídeo que ele tinha editado e *upado* no domingo à noite.

De acordo com o filho da puta, *#Olimax* era sucesso nacional.

Até então, eu não sabia de nada. Olívia e eu tínhamos passado a manhã em nossa bolha. Eu tinha trocado várias mensagens via *WhatsApp* com ela naquela tarde, mas dera a mínima para as mensagens dos grupos. Se tivesse entrado no grupo do futebol, por exemplo, eu saberia o que Piolho tinha aprontado.

Assim que desliguei o telefone, procurei o vídeo no *YouTube* e o assisti com Olívia, chocado em constatar que aquela quenga não tinha mentido sobre o número inacreditável de visualizações.

Depois, digitei *#Olimax* no campo de buscas do Google, e uma porrada de resultados apareceu.

Só se falava disso nas redes sociais, do casal apaixonado e do pedido de namoro "romântico e fofo" que estava derretendo os corações das garotas Brasil

afora.

Eu disse que a turbulência começou com o telefonema, certo? Bem, talvez, sendo mais minucioso, tenha começado um pouco antes disso.

Eu poderia culpar Piolho pelo meu novo inferno pessoal. Na verdade, eu culpei. Mas só até me dar conta de que a culpa era minha, e toda minha. Se eu não tivesse feito o pedido, nada daquilo estaria acontecendo.

Não me arrependia do pedido em si, e sim de tê-lo feito exatamente como fiz, na frente daqueles filhos da puta.

Olívia e eu estávamos no hotel, era madrugada de domingo, e ela estava com o celular na mão há cerca de uma hora, conferindo a *hashtag* “*OlimaxnoFaustão*”, que entrou para os *Trending Topics* pouco depois de o programa começar.

Fazia questão de ler em voz alta todos os *tweets* do meu, segundo ela, “fã-clube”, usando uma voz irritada e desdenhosa que me dava vontade de gargalhar.

Aí vão alguns dos *tweets* lidos:

“#MaxVetter, me chama de gandula, porque eu tô te dando bola e, já que você gosta de futebol, eu posso jogar uma pelada na sua cama, seu lindo! #OlimaxnoFaustão”.

“#MaxVetter, me chama de otorrinolaringologista que eu te mostro minha garganta profunda! #OlimaxnoFaustão”.

“A nossa química pode destruir o mundo, #MaxVetter! Aceita proclamar o Apocalipse comigo, gato? #OlimaxnoFaustão”.

“#MaxVetter, estou fazendo uma campanha de doação de órgãos! Não quer doar seu coração pra mim? #OlimaxnoFaustão”.

“Esquece essa #OlíviaDutra e vem cantar “Me Namora” no meu ouvido, delícia! #MaxVetter #OlimaxnoFaustão”.

“Esse #MaxVetter é um deus! Quero pra mim, #OlíviaDutra! #OlimaxnoFaustão”.

“Eu amo a Alemanha! #MaxVetter #Poldolski #Neuer #todosdeusos #OlimaxnoFaustão”.

“Esse monumento é coisa demais pra uma só, querida! Divide com as amigas, #OlíviaDutra! #patrimôniodahumanidade #oitavamaravilhadomundo #OlimaxnoFaustão”.

“Meu Deus, que delícia de homem é esse, Braseeeeeeeeeo? Quero produção em massa pra ontem! #OlimaxnoFaustão”.

“Vem fazer um 7 a 1 em mim, #MaxVetter! Me chama de rede e me mostra suas bolas, seu gostoso! #OlimaxnoFaustão”.

“Deixem a Dolly pra lá, gente, o negócio é clonar esse *deuso* do #MaxVetter! #querominhacópia #OlimaxnoFaustão”.

"Eu te amo e vou gritar pra todo mundo ouvir, #MaxVetter! Ter você é meu desejo de viver, seu lindo!" Sou menina e minha boca vai te fazer crescer, delícia! #OlimaxnoFaustão".

"SIM, #MaxVetter, eu aceito ser sua namorada! Me namora? #OlimaxnoFaustão".

"Que voz é essa, Senhor??????? Esse #MaxVetter é o combo da perfeição masculina!!!!!!!!!!!! Gostoso, *deuso* e romântico! #MeBeija, seu lindo! #OlimaxnoFaustão".

"*Magyaaaaaaaaa!* Gostoso da *poha!* E esse volume fabuloso? *G-Zuis!* Muda de time, bofe, e vem comer meu cuzinho sem medo de ser feliz! #OlimaxnoFaustão".

— Essa última foi engraçada — falei, tentando amenizar o clima.

Olívia levantou a cabeça e estreitou os olhos em minha direção. Soltando um gritinho furioso, deitou-se na cama e puxou o lençol sobre a cabeça.

Não consegui conter uma gargalhada.

Ela tirou o lençol com força e sentou-se de súbito.

— Você está adorando esse assédio todo, né, cretino? Adorou o balé do Faustão! Adorou os suspiros da plateia de putas e os flertes descarados daquela assistente horrorosa! Tá amando isso tudo! Adorando ser aclamado pelas vadias do país inteiro. Max Vetter: — ela fez um gesto com as mãos, estampando uma faixa imaginária na frente do rosto — "Lindo, tesão, bonito, gostosão e... Romântico!". *Awwwwwww*, que coisa linda, "o combo da perfeição masculina"! — gritou e voltou a embrulhar a cabeça, fazendo aqueles barulhos hilários. — Para de rir, filho da puta! Eu te odeio, Max!

Sentei-me ao lado dela na cama e puxei o lençol. Ela me encarou por alguns segundos e, então, fechou os olhos, me ignorando.

— Por mais que eu goste de te ver assim, prima, toda furiosinha, preciso te pedir pra parar, porra! Olívia, eu te amo. As "vadias do país inteiro" sabem disso. Deixa de besteira, minha linda. — Tentei acariciar seu rosto, mas ela se mexeu e se deitou de bruços em um segundo.

— Você tinha razão! A gente não devia ter aceitado a porra do convite! Se a gente não tivesse aceitado o primeiro, nem teríamos sido convidados pro Faustão! Que *ódioooooooooooooo!* Que *porraaaaaaaaaa!* — O travesseiro abafou os berros.

— Eu falei! Falei que era uma péssima ideia, caralho! Avisei! Eu disse! Mas não, "eu quero conhecer o Louro José, Max! Por favor, por favorzinho? *Vaaaaaaaaaaaaamos!* Eu imploro, meu lindo! *Please, pleasinho!*" — arremedei.

Ela se sentou novamente e abriu um meio-sorriso.

— Você não é um bom imitador. — Riu.

— Você não é um bom imitador — imitei de novo, e ela caiu na risada. — Olha pelo lado bom, prima, a Ana adorou você... Quem não adora você, minha linda? — Puxei seu rosto e beijei seus lábios.

Ela afastou a cabeça abruptamente.

— Anrã, Max... A Ana me adorou... — ironizou.

— Que injustiça... Sabe que ela ficou impressionada com a sua voz, riu pra caralho do que você...

— Mas ela gostou mais de você — Olívia me interrompeu.

— Isso é meio óbvio, né, prima... Já viu como eu sou lindo? — provoquei, dando uma piscada.

Ela revirou os olhos e me mostrou os dois dedos do meio.

— Tão lindo quanto insuportavelmente insuportável! Mas só eu sei disso, porque só eu preciso te suportar! Só eu aturo esse seu ego gigantesco!

— Te amo — falei, sorrindo.

— E esse sorrisinho é absolutamente intragável — ela disse, fazendo uma expressão entediada.

— E essa sua expressão é absolutamente adorável... — pirracei.

— Eu te odeio, Max. Vou te doar pras vadias do Brasil inteiro. Espero que elas esquartejem você, e que cada uma fique com um pedaço do lindo e maravilhoso Max Vetter — desdenhou. — E espero que comecem a dividi-lo pelo pau, cretino!

— Se forem dividir minha rola, acho que dá uma fatia para cada mulher do planeta, isso sem contar os ovos... — Sorri.

Olívia tentou reprimir uma risada, mas falhou.

— Meu Deus, o diabo estava meio sem noção quando derramou tanto egocentrismo na sua fórmula de demônio devasso.

— Papai sabia exatamente o que estava fazendo, senhorita Olívia. Se eu não fosse um demônio devasso tão convencido, você não teria se apaixonado por mim e, se você não tivesse se apaixonado por mim, eu ainda estaria vivendo infeliz sem saber. — Aproximei-me dela e segurei seu rosto com as duas mãos.

— Você me faz feliz, porra. Você é a minha felicidade agora. — Acariciei sua bochecha com o polegar. — Eu só amo você, só me importo com você, minha linda. E, embora minha rola possa ser dividida entre as mulheres do mundo inteiro, ela é só sua. — Abri um sorriso e pisquei um olho.

— Como você é cretino... — Ela meneou a cabeça, rindo.

— Você ama esse cretino, prima... Não ama? — Puxei-a da cama e coleí suas costas na parede, pressionando meu corpo contra o dela. — Quero ouvir, senhorita Olívia. Diz que me ama — sussurrei em seu ouvido.

— O seu fã-clubê te ama... — ela sussurrou de volta. — Aposto que todos os

telespectadores te reconheceriam no escuro, fantasiado de árvore, mas já não saberiam quem sou eu se topassem comigo na rua amanhã, em plena luz do dia.

Afastei-me repentinamente e a encarei.

— Você está, convenientemente, se esquecendo dos caras, caralho! Acha que eu não vejo como os desgraçados olham pra você na rua, Olívia? Na minha frente, porra! E, já que tocou no assunto, vamos falar do boneco desgraçado dando em cima de você o tempo inteiro na porra do programa!

— Um boneco, Max? Você está trazendo um boneco para a discussão? É o Louro José, porra, eu amo o Louro, ele fez parte da minha infância!

— Anrã, um boneco... — Estalei a língua. — Não tem um filho da puta ali não, né? Com a mão dentro do bicho, manjando sua bunda pela televisão que deve ficar lá debaixo daquele caralho... Nunca tive tanta vontade de decepar uma mão, porra. Boneco de cu é rola! — cuspi.

— Você tem probleminha, Vetter... — Ela riu. — Eu nem consegui conhecer o Tom Veiga pessoalmente... — choramingou.

— Como se eu fosse permitir... — Soltei uma risada sarcástica.

— Como se eu precisasse da sua permissão para alguma coisa, Sr. Bailarinas Do Faustão! — Olívia esbravejou e me fuzilou.

— Bailarinas do Faustão? Nem sei o que é isso, minha linda... — Fiz a melhor cara safada que consegui.

Ela pegou um travesseiro e o jogou na minha cara com tanta força que, se fosse algo pesado, teria deformado meu rosto.

— Tenho certeza de que elas sabem muito bem quem é você, porque não desgrudaram os olhos da sua bunda! — gritou.

— Aí já não é minha culpa, linda. — Dei de ombros, colocando o travesseiro sobre a cama, tentando não rir, mas falhando deploravelmente.

— Qual era cor da roupa das bailarinas, Max? — ela perguntou de repente, cruzando os braços e arqueando uma sobrancelha.

Soltei uma risada, o que a deixou ainda mais furiosa.

Putá que pariu, ela ficava tão gostosa irritada daquele jeito, e era tão viciante irritá-la... Eu não conseguia parar, porra. Quanto mais eu a irritava, mais duro eu ficava, e maior era o aperto dentro da cueca.

— De que bailarinas você tá falando, linda? — dissimulei.

— Eu poderia dizer que a Globo está te perdendo, Max... Mas, não mais. Conversa com a Ana, aposto que ela te arranja um papel de protagonista na próxima novela das nove, cretino!

— Olha... Não seria uma má ideia, dependendo da atriz escolhida para contracenar comigo, claro... — Fiz uma expressão pensativa.

Ela respirou fundo, rindo nervosamente.

— Responde. O. Caralho. Da. Pergunta. Max — ordenou.

— Que pergunta? — indaguei, tentando controlar os músculos faciais, que queriam desabar em uma gargalhada.

Olívia inspirou e expirou novamente.

— Qual era a cor da roupa das bailarinas, Max? — repetiu, sorrindo com falsa paciência.

— Ah... Essa pergunta... Prima, homem não entende nada de cor. A resposta é: não sei.

— Ah, não sabe, cretino? Não sabe por quê? *Tava* ocupado observando outras coisas? — insinuou.

— Coisas? Que coisas? — Fiz cara de besta. — Não tenho visão de raio-x, senhorita Olívia, *infelizmente* — frisei, me controlando para não rir.

— Max, Max... — Ela balançou a cabeça, rindo, visivelmente nervosa.

— Vem cá. — Puxei-a de uma vez, colando nossos corpos e afundando o nariz em seu pescoço.

— Você tá duro? — ela perguntou de repente, puta da vida, se afastando. — Você tá duro, porra? Não acredito nisso...

— Tô morrendo de tesão, caralho... — confessei, desabotoando a calça.

Ela arregalou os olhos, me fitando com choque total e completo.

— Olívia, eu não preciso dizer que é por sua causa, preciso? — perguntei, puto.

— Minha causa? — bradou, soltando uma risada incrédula. — Deixa de ser cínico, filho da puta! Pode guardar esse pau, cretino. Ou vá usá-lo na rua, com uma das suas fãs de merda! — gritou, esmurrando meu peito.

— Só tenho "fãs de merda" porque você insistiu nessa história de mídia, caralho! Eu não queria nada disso, Olívia. Falei que essa porra arruinaria tudo, e você não me ouviu! Queria cantar na porra do Faustão, ser famosa! A culpa é toda sua! Eu não pedi nada disso! — despejei.

Então soltei o ar com força, percebendo que tinha falado merda.

Levei as mãos à parte de trás da cabeça, entrelaçando os dedos. Respirei fundo com os olhos fechados e, então, a encarei, dizendo com toda a paciência do mundo:

— Eu estava te provocando, porra... Te provocar me deixa assim. — Peguei no pau e o balancei. — Você fica gostosa para um senhor caralho irritada. Meu Deus, Olívia, eu te peço em namoro, o Brasil assiste ao pedido... A essa altura, todas as mulheres que eu já comi devem estar sabendo que eu te amo, que é você que eu quero. Nem precisamos alugar o Maracanã para fazer a porra do anúncio! — Dei uma risada, e ela não conteve um sorriso. — E, graças a Deus, todos os caras já estão avisados que você é minha. Todo mundo sabe que eu te amo,

caralho. Você tem noção do quanto isso é... Porra, nem consigo pensar em uma palavra! Tudo tem acontecido tão rápido... Há poucos dias, éramos dois desconhecidos. Aí, nós nos conhecemos. Você derramou sorvete no meu pau e começamos a foder. Algumas trepadas depois, nos apaixonamos. Então, eu assumi para mim mesmo que te amava. Depois, me declarei para você. Confessei para a minha família e, em seguida, para meus amigos... E, agora, o país inteiro sabe. E não é suficiente, porra. Quero que o universo saiba que eu sou seu. Você não precisa sentir ciúme, minha linda, eu sou seu... — falei, aproximando-me para unir nossas testas.

Levei o polegar ao lábio inferior e acariciei a maciez de sua boca.

— Sou seu, Olívia, todo seu. Vou ser sempre seu, porra — murmurei, a centímetros de seus lábios.

— Desculpa... Pela minha crise... — ela balbuciou. — Eu sei, Max... E eu sou sua, completamente sua... Mas é que... Eu te amo tanto que tenho medo. — Ela se afastou para me olhar nos olhos. — Se eu tivesse parado para pensar que seria assim, esse assédio todo em cima de você, jamais teria aceitado essa porra. Como fui burra! Burra, burra! Se arrependimento matasse... Até autógrafo seu elas querem! Se do curto percurso do *set* do programa até o *hall* do hotel já foi assim, imagina se... E se... Sei lá, e se algum produtor te fizer uma proposta? E se a banda ficar famosa? Você teria bilhões de fãs... Tenho medo, Max. Tenho medo, porra. — Ela me encarou com uma mistura de frustração e receio estampada no rosto.

— Olívia, eu não cantei sozinho no programa. Cantamos juntos. Você foi perfeita. Você é perfeita... Eu não quero ser cantor, porra. A banda é um *hobby* e, se depender de mim, nunca será mais que isso. Tenho uma profissão, gosto da carreira que escolhi, tenho um bom salário e, definitivamente, não trocaria a vida que eu levo por fama e sucesso. Mas, e você? E se você recebesse uma proposta? — devolvi.

Eu sabia que ela queria ser cantora. Naquela madrugada que passamos juntos, só conversando, ela me disse, quando perguntei qual era seu grande sonho, que queria poder viver de música.

Estava ciente de que era importante para ela, mas, sendo sincero, eu não tinha certeza de que conseguiria viver em paz se ela seguisse uma carreira musical. Com aquela voz, ela iria longe. Como ficaríamos tanto tempo separados, por causa dos shows e das viagens infinitas?

Só de pensar nisso, meu estômago embrulhava. Eu queria que tivéssemos uma vida normal, na nossa casa, com o nosso filho. Cuidaríamos dele. Depois, poderíamos ter outros, se ela quisesse. E seríamos felizes, e teríamos netos no futuro, e envelheceríamos juntos.

Que porra, uma criança precisava dos pais juntos, na mesma casa, caralho. E não de uma mãe viajante.

Eu não fazia ideia de que podia ser um cara tão doméstico. Há pouco tempo, tinha uma visão completamente distinta do meu futuro, que, basicamente, consistia em envelhecer sozinho, a menos que tivesse a sorte de morrer na flor da idade, como meu pai.

Era esse o tipo de merda que passava pela minha cabeça. Eu não sabia que meu pai era, na verdade, muito provavelmente, uma pessoa infeliz. Agora entendia a felicidade do meu avô.

A minha residia em Olívia e na família que teríamos juntos. Sem isso, como eu viveria? A ideia de envelhecer sozinho, antes uma provável e aceitável realidade, agora me parecia tão insuportável que a mera cogitação de viver sem ela, ou longe dela, provocava um rasgo impossivelmente lancinante em meu peito.

— Não vamos falar sobre coisas altamente improváveis, Max. — Foi o que ela respondeu, depois de pensar por alguns segundos.

Ficamos um tempo em silêncio, até que eu falei de repente:

— Você disse que tem medo. Do que você tem medo, Olívia?

Eu sabia exatamente do quê, mas precisava retomar o assunto, precisava fazê-la entender que não havia motivo para recear.

— Você é lindo, e... Agora, porque sou estúpida, tão estúpida... Que porra! Desgraça do caralho! — xingou, puxando e bagunçando o cabelo. — Agora, todas elas sabem o quanto você é lindo e perfeito, e... Agora todo mundo te quer, e acho que... Eu tenho medo, porra. É isso. Tenho medo de... Você sabe, Max.

— Vem cá. — Sentei-me na cama e a puxei para o meu colo, meus dedos penteando e acariciando seus fios. — Infelizmente, o meu histórico não ajuda, Olívia. Eu sei disso. Mas o seu também não, e eu confio em você, porra. Você disse que me ama, e eu acredito. Tenho ciúme, vou sempre ter ciúme, vou sempre ser louco de ciúme, mais possessivo que a porra de um homem das cavernas. Porque sei o quanto você é linda, inteligente, engraçada... Sei o quanto você fica gostosa quando tá puta, sei o que tem debaixo desse vestido, e o que você é capaz de fazer com um pau, seja com as mãos, com a boca ou com a boceta. Você fala palavrão, porra. É perfeita. Sou viciado em você, amo tudo em você, tudo o que você faz. E sei que você também me ama. Vou sempre querer matar qualquer cara que tentar se aproximar, mas confio em você. Eu te amo, e você precisa acreditar em mim, precisa confiar em mim também. Não sou mais o mesmo, Olívia. Eu nem me reconheço mais como o Max que eu era há duas semanas. E, se precisa que eu diga com todas as letras, eu digo: não vou te trair, porra. Não preciso de nada além de você. Eu só quero você...

Ela soltou um suspiro e acariciou meu maxilar, segurando meu rosto com as duas mãos.

— Elas têm razão... Você é perfeito demais para ser só meu. — Minha namorada deixou o indicador direito traçar uma linha vertical em meu rosto, contornando minha testa, meu nariz, minha boca, o queixo e o pescoço.

Seu dedo estacionou no colarinho da minha camisa, cujo botão ela desabotoou com os lábios colados nos meus.

— É muito injusto mesmo tudo isso ser meu... — Olívia abandonou minha boca, puxando meu lábio inferior, e continuou abrindo minha camisa. — Mas, quem disse que o mundo é justo? Uns têm tão pouco enquanto outros têm tanto... — Ela abriu um sorriso safado.

Então me empurrou na cama e subiu rapidamente, sentando-se em cima de mim com as pernas abertas sobre o colchão enquanto suas mãos ágeis me livravam da cadeia de botões.

Quando terminou, afastou as duas metades do tecido, acariciou minha pele, incendiando meu peito, e se curvou sobre mim, sua língua monopolizando a minha.

Girei sobre os lençóis e fiquei sobre ela, beijando-a com igual possessividade, reivindicando seus lábios, apropriando-me de sua boca.

— Vou te comer de pé, rápida e intensamente, prima. Depois, quero que você sente no meu pau e me coma lenta e vagarosamente — sussurrei em seu ouvido, mordisquei o lóbulo de sua orelha e a puxei da cama com um movimento único.

35. Palavra dada, vida empenhada

MAX

Com as palmas pressionadas contra o vidro da janela do quarto do hotel, Olívia recebia as minhas estocadas.

Uma das minhas mãos apertava sua bunda, a outra puxava seu cabelo enrolado em meu pulso.

A sensação de domínio apoderava-se de cada célula do meu corpo.

Meus lábios castigavam a pele de seus ombros e costas com mordidas famintas e beijos dilacerantes. Nossas coxas se chocavam violentamente, conversando com nossos gemidos em um idioma ruidoso e intraduzível que ecoava pelo quarto.

Beijando seu pescoço, direcionei-a mais para perto da janela, até que seu corpo estivesse colado à vidraça.

OLÍVIA

Senti o choque frio do vidro contra os mamilos eriçados, e uma onda de arrepios eletrizantes cortou minha espinha quando ele chupou meu ombro com intensidade.

Seus lábios aninhando minha pele, sua boca morna e úmida enovelando minha carne.

Max puxou meus dois braços, prendendo meus pulsos para trás com uma das mãos. A outra se apoiou no início das minhas costas, a palma liberando ondas de calor que partiam do centro e se ramificavam pelos meus poros.

As metidas incessantes roubavam minha respiração, a força das minhas pernas e qualquer vestígio de racionalidade, transformando-me em uma poça liquefeita.

MAX

O ar parecia sempre rarefeito quando eu a comia tão vigorosa e energicamente.

Nossos arquejos flutuavam em nosso entorno, dialogando com nossos

murmúrios e palavras indistintas.

Apesar de ser uma foda intensa, rápida e suada, eu podia sentir aquelas vibrações doloridas que diferenciavam nossas transas de todas as outras.

Soltei seus pulsos e voltei a segurá-la pelo cabelo, aproximando nossos rostos e apoiando-me no vidro com a outra mão.

Colei os lábios em sua bochecha, beijando-a com ferocidade enquanto metia com força e sussurrava em seu ouvido:

— Que delícia de boceta, safada...

OLÍVIA

Senti um arrepio ericar ainda mais meus mamilos e sensibilizar todo o lado esquerdo do meu corpo.

Seu hálito morno acariciava meu ouvido:

— Rebola no meu pau, minha linda.

Ele parou de meter e eu rebolei devagar, sentido toda aquela invasão maravilhosa.

Aumentei a intensidade aos poucos, ouvindo seus gemidos e o barulho gostoso de seus lábios e dentes puxando o ar.

MAX

Soltei seu cabelo e deixei as mãos percorrerem suas costas. Olívia se apoiou no vidro e continuou rebolando majestosamente no meu pau.

— Isso, gostosa, assim...

Caralho. A visão daquela bunda e aquelas reboladas lentas e ritmadas estavam me matando.

Comecei a meter enquanto ela rebolava, ciente de que meu autocontrole estava indo, cada vez mais rápido, para o espaço.

— Rebolando desse jeito, eu vou gozar, porra — sussurrei em seu ouvido, voltando a ficar imóvel.

— Então não me pede pra rebolar, caralho — ela devolveu, me olhando sobre o ombro com um sorriso malicioso.

— Cala a boca, puta. — Puxei seu cabelo com força e estoquei três vezes.

Então, dei um tapa forte naquela bunda gostosa, meti mais duas, bati de novo e tirei o pau.

OLÍVIA

Meu Deus, aqueles tapas me deixavam morta de tesão. O toque abrupto de sua mão espalmada abrasava cada partícula da minha pele dolorida, espalhando aquela sensação deliciosamente pulsante pelo meu corpo inteiro.

— HUUUUUM... Que gostoso, Max... — Virei e alisei seu peito, ficando nas pontas dos pés para beijá-lo.

Ele devorou meus lábios, eu sorvi sua boca.

Max me ergueu, e eu escalei seu tórax, apoiando-me em seus ombros, deixando as mãos deslizarem por seus bíceps trabalhados e as pernas envolverem sua cintura estreita.

Sua pele firme emanava calor e cheiro de Max. Aquele aroma inebriante que misturava perfume, suor e cheiro de homem.

Gostoso da porra e cheiroso pra caralho.

Ele caminhou até a beirada da cama e se sentou. Acomodei-me em seu colo e posicionei o pau.

MAX

— Senta devagar — pedi, apalpando um daqueles peitos maravilhosamente redondos e pesados.

— Bem devagarzinho — ela sussurrou, sentando-se e pregando seu sorriso depravado no meu.

Então, começou a subir e descer lentamente, nossos lábios se tocando no mesmo compasso vagaroso.

Minhas mãos encaixavam-se em sua cintura, palmilhando sua pele macia.

Seus dedos afundavam-se em meu cabelo, acariciando minha nuca.

Nossos gemidos vacilavam entre nossos lábios para, em seguida, escapar de nossas bocas e cortar o ar.

OLÍVIA

Aumentei a velocidade dos movimentos, e nossos beijos acompanharam o novo ritmo; nossos lábios conectando-se e desconectando-se o tempo inteiro.

MAX

Seus peitos balançavam magistralmente, os mamilos riscando e traçando linhas de fogo em minha pele.

OLÍVIA

A sensação ia se tornando cada vez mais gostosa, impossivelmente gostosa. Meus pés descansavam sobre as coxas de Max, os dedos prazerosamente contraídos.

MAX

Estiquei os braços, relaxando a posição, e espalmei as mãos sobre os lençóis. Observei-a rebolar no meu cacete, gemendo deliciosamente enquanto suas mãos bagunçavam o próprio cabelo daquele jeito escandalosamente *sexy*.

OLÍVIA

— Gostosa... — Max ergueu o corpo e apalpou meus peitos, chupando um dos meus mamilos.

Subi e desci com mais intensidade e, em pouco tempo, senti o orgasmo começar a dizimar minhas forças.

MAX

— Vou gozar, porra — ela anunciou, quando eu já estava à beira do precipício. — Ai, meu Deus, Maaaaax... Que gostoso! — gritou, as paredes de sua boceta apertando a cabeça da minha rola, suas unhas fincadas em meu peito.

Levantei-me com Olívia no colo.

Ela jogou os braços sobre os meus ombros e, de pé, sustentando suas coxas, dei duas metidas rápidas, sentindo o gozo me engolfar.

OLÍVIA

Ele soltou um gemido alto, pressionando minha bunda. Cruzei as pernas em sua cintura, e Max abraçou meu corpo inteiro, me apertando; nossas peles em contato com a fina camada de suor entre nossos corpos.

MAX

Busquei seus lábios, sorvendo-os com delicadeza.

Ela segurou minha cabeça, suas mãos quentes e pequenas amparando meu maxilar.

OLÍVIA

Max me deitou sobre a cama e continuou me beijando, sua boca invadindo gentilmente a minha, minhas mãos percorrendo suas costas arqueadas.

MAX

Saí devagar e descartei o preservativo ao lado da cama. Deitei-me e a envolvi em meus braços.

— Te amo, Max — ela disse, beijando meu queixo.

— Eu que te amo, senhorita Olívia — falei, intensificando o aperto. — Aqui é *#Olimax*, porra. — Dei uma risada.

— *#Olimaxforever*, caralho — ela inovou, rindo.

— *#Olimaxforever*, minha linda — repeti, sem conseguir conter um suspiro. — Te amo.

— Você já disse — falou, acariciando meu rosto.

— Vou falar quantas vezes eu quiser, porra — reclamei.

— Tá bom. — Ela riu. — Você é tão fofo...

— Já falei que fofo d... — comecei.

— De cu é rola — Olívia completou, rindo. — Dizer isso só te deixa mais fofo, meu lindo... — Ela alisou meu peito. — Estou com preguiça de tomar banho, e você? — perguntou.

— A gente toma amanhã, antes do voo — respondi, beijando seu cabelo.

— E, então, quando chegarmos, faremos o exame — ela disse, com a voz tensa.

— E, então, faremos o exame — confirmei.

— E, talvez, tenhamos um *#babyOlimax*.

Caí na risada.

— É. Talvez, tenhamos um *#babyOlimax*, senhorita Olívia — reiterei. — Um menino, obviamente.

— Max, eu não vou ser mãe da sua cópia-mirim, cretino.

— Você me ama! Por que não amaria nosso filho, prima? — indaguei, fingindo indignação.

— Porque não teremos filho nenhum. Será uma menina. Muito mais fácil de criar — ela respondeu.

— Muito mais fácil de criar? — Soltei uma risada incrédula. — E quando ela crescer, como vamos fazer, porra?

— Como assim? Por causa dos namoradinhos? — ela perguntou, com enervante tranquilidade.

— Namoradinhos? Namorad...? — Minha voz falhou. — Que porra é essa, Olívia? — vociferei.

— Ué, ela vai ter namoradinhos, né, Max, coisa perfeitamente natural...

— Natur... Meu Deus. Eu não posso ter uma filha, porra. Não vai dar certo. Não vai dar certo nem fodendo!

— Mas você já tem Sofia como sobrinha! Que mal há em ter uma filha?

— Justamente por isso, caralho! Já tenho Sofia para me preocupar, daqui uns treze ou quatorze anos. Graças a Deus, ainda me resta algum tempo de paz.

Ela deu uma gargalhada.

— Treze ou quatorze anos? Você está me zoando, né? Não tem nem a metade disso para ter preocupações reais, Vetter. Inclusive, aposto que ela já gosta de algum menino da escola.

— O quê? Tá louca, porra? Ela tem seis anos! — bradei.

— Tem razão... É claro que, com seis anos, é impossível uma garota gostar de algum coleguinha... — ela disse, usando um tom nitidamente irônico.

— Eu não vou ser pai de uma menina. E ponto final, caralho.

— A escolha não é sua, Max — ela falou, rindo.

— A porra utilizada na concepção é minha. Logo, a porra da escolha é minha também. Se estou dizendo que vai ser um menino, vai ser um menino, boceta.

— Falando em "boceta", a que você usou pra jorrar seu leitinho, cretino, é minha. A barriga que vai gerar a criança é minha. Logo, a porra da escolha é minha. Se estou dizendo que vai ser uma menina, vai ser uma menina, caralho.

— Biologicamente, quem decide isso é... — comecei.

— Foda-se a Biologia! — ela me interrompeu. — Vamos fazer uma aposta.

— Só aposto com cu, prima — afirmei.

Ela gargalhou.

— Tá bom. Eu aposto que vai ser menina. E, se for, eu te dou o cu.

— Que porra, Olívia... Nada disso! Se for menino — frisei —, você me dá o cu.

— A aposta é a que eu fiz, Vetter. É pegar ou largar.

— Estamos mesmo apostando qual será o sexo do nosso filho, e o prêmio é o seu cu? Isso é tão...

— *Olimax*? — ela sugeriu.

Caí na risada.

— Eu ia dizer "foda", mas dá na mesma, porque *#Olimax* é foda — falei, rindo.

Olívia riu também.

— Eu queria saber quem foi o gênio que criou essa *hashtag*. Achei tão linda! Somos um casal *shippável*, Max. Isso é tão fofo! — ela disse, bocejando e se aconchegando mais ao meu corpo.

— Se você diz... — respondi, ajeitando os lençóis para nos cobrir.

— Tô com sono... — ela anunciou, sonolenta, soltando outro bocejo.

— Vamos dormir, linda, para não correremos o risco de chegarmos atrasados ao aeroporto. — Estiquei o braço para alcançar o interruptor e apaguei a luz. — Te amo — sussurrei em seu ouvido.

— Te amo. — Ela buscou meus lábios e me beijou com suavidade, acariciando minha barba.

Olívia já estava quase dormindo quando eu a escutei murmurar:

— *Olimax* lembra *Olicity*...

Eu não fazia ideia de que porra era *Olicity*. Então, só beijei seu ombro e inspirei o perfume de seu cabelo cheiroso até adormecer.

36. Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher

MAX

Olívia e eu tínhamos chegado naquela manhã e enfrentado um verdadeiro inferno no aeroporto.

Eu não fazia ideia do quanto as pessoas podiam ser superficiais.

Do dia para a noite (ou melhor, da noite para o dia), tínhamos nos tornando pseudocelebridades.

Aparentemente, o país inteiro tinha assistido ao Domingão do Faustão na noite anterior, e todo mundo queria tirar fotos e pedir autógrafos a duas pessoas que, há menos de uma semana, eram tão desconhecidas quanto qualquer pessoa comum.

Mas as fotos, os autógrafos e a fama momentânea não seriam um grande problema se Olívia e eu não fôssemos tão... Quero dizer, um pouco... Possessivos.

No aeroporto, as primeiras pessoas a se aproximarem foram mulheres.

As mais tímidas mal me tocavam e, embora Olívia sorrisse amigavelmente para elas, eu sabia que ela estava puta pelas faíscas crepitantes que ela lançava com o olhar.

As mais ousadas tocavam meus ombros, meus braços e costas. E eu, obviamente, estava me desvencilhando como podia e apressando os autógrafos, mas elas pareciam brotar do chão, uma nova remessa surgindo a cada segundo.

Então, Olívia abandonou a postura amigável e adotou de vez a fúria assassina, me fulminando com os olhos, como se eu tivesse culpa daquela porra.

Já mencionei o quanto ela fica gostosa irritada, né?

Confesso que, depois de perceber que o meu comportamento educado com as minhas "fãs" a estava tirando do sério, comecei a sorrir mais largamente para elas, o que fez as faíscas de Olívia se transformarem na visão de calor do *Superman*.

É, eu sei. Estava brincando, quase que literalmente, com fogo.

O problema é que a brincadeira me deixava excitado pra caralho, e eu estava a ponto de arrastá-la e comê-la no primeiro lugar mais ou menos privado que encontrasse, mas meu divertimento e a ilusão de fodê-la no aeroporto durou apenas alguns segundos.

Logo, uns caras começaram a se aproximar, e Olívia não deixou por menos. Era toda sorrisos e polidez, e aquela simpatia exagerada me deixou insanamente puto.

Eu queria ter autocontrole suficiente para lidar bem com o fato de que os caras estavam enroscando o braço na cintura da minha garota para tirar aquelas fotos de merda, e até tentei. Juro que tentei ser um homem superior. Afinal, que mal havia naquilo? Não era nada de mais, porra. Eu sabia que agir com indiferença era a opção mais inteligente, madura e condizente com o perfil de um cara como eu, seguro e excessivamente confiante.

Ela me amava, e era isso o que importava. Aqueles caras eram só uns filhos da puta querendo uma foto ao lado de uma gostosa para se exibirem para outros filhos da puta no *Instagram* ou na puta que pariu.

"Ela te ama, Max, relaxa. Além disso, não seja machista. Há mulheres te tocando neste momento, e não é nada de mais, você sabe que não é. Olívia sabe que você a ama, você sabe que ela te ama. Tá tranquilo, cara. Se você perder o controle agora, pode acabar matando uns cinco daqueles caras de uma só vez", pensei, respirando pausadamente, tentando puxar e fazer circular o ar pesado. "Como seria bom socá-los até sentir os nós dos meus dedos pulsando, a cara dos desgraçados sendo mutilada, o barulho dos ossos se quebrando... Max, não sucumba. Não deixe a ira te dominar. Você é um cara boa-pinta. Aqueles caras lá são só caras. Relaxa. São só fotos e autógrafos. Quem é que fode aquela boceta? Você. É no pau de quem que ela rebola gostoso? No seu".

É, eu estava sendo um idiota. Meu Deus, muito possessivo, ridiculamente ciumento e escrotamente pegajoso. O martírio logo acabaria. Eu só precisava ignorar por alguns minutos. "*Rise above, Max. Rise above*".

Ignorei o máximo que consegui. Isto é, cerca de dois segundos. A verdade é que, nem se eu quisesse, seria capaz de assistir àquele monte de desgraçados posando ao lado da minha namorada, colocando aquelas mãos imundas na cintura da *minha* gostosa, sem fazer nada a respeito.

Nem fodendo, porra!

Eu sabia que a cena seguinte seria ridícula. Sabia que, assim que trovejasse o "que porra é essa, Olívia?", soaria exatamente como estava me sentindo: o cara mais possessivo e inseguro do planeta. Estava ciente de que minha atitude patética revelaria toda a minha insegurança, toda aquela indesejável e novata insegurança que me corroía por inteiro.

Mas, graças a Deus, não precisei passar pelo papel ridículo. Se existia uma entidade divina, ela teve misericórdia e decidiu interceder por mim.

Anunciaram o voo daquelas pessoas e, assim que elas começaram a se dispersar, puxei Olívia, ignorando os últimos pedidos de autógrafos.

Que fossem todos pedir autógrafo pros exus no inferno!

— Não dá, porra! Esses caras se esfregando em você desse jeito, Olívia? Pegando na sua bunda? Não dá, caralho — falei, apertando sua mão, puxando a mala, e seguindo rumo ao ponto de táxi.

— Ninguém pegou na minha bunda, Max! — ela rugiu. — Essas mulheres, ao contrário, só faltaram pegar no seu pau! Vá se foder, cretino! — Ela puxou a mão da minha com força.

— É totalmente diferente! — argumentei, sem muita convicção.

— Diferente? — ela berrou, indignada. — Diferente como? Diferente por quê? Porque você é homem? — Olívia riu com escárnio, mas seus olhos me lançavam jatos de fogo.

Fiquei em silêncio. Eu ia falar exatamente isso, que era diferente porque eu era homem, e a constatação do tamanho da merda que eu ia dizer me assustou pra caralho, porque eu sabia muito bem que não era diferente porra nenhuma. E que o fato de eu ser homem não tinha nada a ver. Mas, caralho, eu estava puto, porra! Estava no meu direito de falar a merda que eu quisesse!

Tá, eu sei. Não estava no direito de falar uma merda nessas proporções. Mas seria a minha possessividade inata falando, certo? Não seria, exatamente, eu...

De repente, ouvimos um som ensurdecedoramente familiar, e meus olhos procuraram o foco do barulho.

Suze acenava incansavelmente do banco do motorista de seu Kia vermelho. Eu tinha sido salvo pelo congo. Ou melhor, pela buzina da minha irmã.

— Não sabia que você vinha — falei, incapaz de disfarçar o mau humor, aproximando-me do carro.

— Bom dia, Suze! — Olívia cumprimentou, animada, embora eu soubesse o quanto ela estava puta.

— Bom dia, Liv! E bom dia pra você também, Max. Claro que não sabia! Você não me avisou o horário do desembarque! Mas pesquisei, e aqui estou, como uma boa irmã de férias!

— E eu também, *Olimax*! — caçoou Tito, colocando a cabeça em meu campo de visão. — Como vai o casal sensação do Brasil? E os gêmeos?

— Vai pra porra, Tito — falei, sem um pinga de paciência.

— Tomara que sejam gêmeos mesmo, porque já estou pensando no quartinho dos bebês! Comecei a separar umas ideias para o projeto! — Suze falou, com aquela expressão sonhadora que eu conhecia tão bem.

Exatamente a mesma de quando Plínio sugeriu que eles comprassem uma casa de praia com o dinheiro da alienação da fazenda, que Suze preferiu vender. Alguns anos atrás, quando minha irmã fez aquela cara, eu sabia que ela já tinha planejado, detalhadamente, um milhão de festas em uma casa que ela ainda nem

conhecia.

Era a mesma coisa com os tais "bebês". Certamente, ela já estava preocupada até com o enxoval dos gêmeos imaginários. Deus e todos nós sabemos a quantidade de coisas que ela comprou para Sofia no início da gravidez.

Na verdade, se estava pensando no quarto, eu tinha certeza de ela já estava planejando a primeira festa de aniversário das "crianças".

— Precisamos, urgentemente, começar a providenciar o enxoval dos bebês — minha irmã continuou, como se tivesse lido meus pensamentos. — É muita coisa pra planejar e organizar! Tem o enxoval de vocês, o casamento inteiro...

— Não sei que bebês! — Olívia exclamou, me encarando. — Não vou ter filho nenhum com esse machista do caralho!

— Eu não sou machista, Olívia! E eu não sei que porra de casamento! Já falei que nunca vou me casar! Muito menos com uma mulher insuportavelmente teimosa! — vociferei, fitando-a.

Suze e Tito não disseram nada enquanto Olívia e eu nos encarávamos de braços cruzados, nossos olhos chispando de raiva.

— Vou descer para ajudar com as malas. — Tito disse de repente, com um tom de voz cauteloso.

— Não preciso da porra da sua ajuda. Abre aí, Susanne. — grasnei, pegando as malas e caminhando até a parte traseira do carro.

— Nossa... Que mau humor, Max... — ela disse, apertando o botão para abrir o porta-malas.

— Mau humor de cu é rola — respondi, começando a acomodar as bagagens.

— O que é que ele tem, Liv? — sussurrou, como se eu não pudesse ouvir.

— Tá putinho porque eu também tenho fãs, e ele, como o grande convencido que é, queria ser o único endeusado, queria que todas as mulheres do Brasil erigissem um pedestal pra ele, é isso o que o Mister Ego Gostosão queria! É uma pena que ele não seja a porra do sol, porque, definitivamente, o bonitão acha que o mundo deveria girar ao redor dele! — ela respondeu, abrindo a porta e entrando.

Fechei o porta-malas com um estrondo e entrei no carro, ignorando o chiado de Suze de que, se eu quebrasse a desgraça porta, ia comprar um carro "novinho em folha" para ela.

— Essa palhaçada acabou, Olívia! Você não vai mais sair de casa até que esses quinze minutos de fama tenham acabado! — ordenei, já dentro do carro.

Ela cruzou os braços novamente e me fitou com indignação.

— Você acha que manda em mim, Vetter, mas está muito enganado! Você não me dá ordens, querido! Sugiro que pegue todo esse seu machismo e enfie no cu! E todo o seu narcisismo deve caber nesse seu cu largo também!

Tito e Suze caíram na risada, o que me deixou ainda mais furioso.

— Narcisista, talvez. Mas eu não sou machista, caralho! — aleguei. — E cu largo vai ser o seu, quando eu atolar minha pica inteira no seu rabo!

Olívia arregalou os olhos, mas a leve e rápida mordida que ela deu no canto do lábio não passou despercebida por mim.

Meu pau acordou dentro da cueca. Que porra... Por que essas brigas tinham que me deixar tão alarmantemente excitado?

— Puta que pariu... Eu precisava de uma pipoca pra assistir de camarote à primeira briga oficial do casal! — Tito resmungou do banco do carona.

— Cala a porra da boca, Tito! — rosnei.

— Tito, deixa eles se entenderem em paz — Suze recomendou, prendendo o riso. — Finjam que não estamos aqui, *Olimax* — acrescentou, engatando a primeira e arrancando o carro.

— De onde você tirou essa porra, Olívia? Eu não sou machista! Aceito você dizer que sou tudo, menos machista — continuei, mesmo de pau duro, porque aquilo precisava ser esclarecido.

— Tudo bem, Max — ela disse, aproximando-se. — Então me responda à seguinte pergunta: por que você acha normal as mulheres ficarem pegando em você, mas considera um absurdo um cara colocar a mão na minha cintura apenas para tirar uma foto? — perguntou, pacientemente.

— Porque você é minha namorada, só eu coloco a mão na sua cintura, porra — respondi, puto.

— Ai, meu Deus... Isso não é lindo, Tito? — Suze deu uma risadinha.

— Muito lindo — Tito pirraçou.

— Achei que vocês iam nos deixar em paz, caralho! — berrei.

— Tá, desculpa. Shhhhh... — Suze disse.

— Foi mal, *Olimax* — Tito falou, virando-se no banco e passando o indicador e o polegar juntos na boca, só pela zoeira.

— Então — Olívia prosseguiu — ninguém pode colocar a mão na minha cintura, mas você pode ser apalpado à vontade! Porque as mulheres adoram apalpar um cara gostoso, obviamente. Mas homem detesta pegar numa gostosa, né? — ironizou.

— Você é minha! Minha gostosa, caralho! Ninguém vai pegar em você, porra! — falei, mergulhando a mão em sua nuca.

— Max, e o que nós conversamos ontem? — ela indagou, segurando meu braço. — E todas as coisas que você me disse, sobre confiança? Você disse que me amava e que confiava em mim.

— Eu confio! Mas isso não significa que eu vou aceitar esses caras passando a mão em você. Tá louca, porra? Nem fodendo! Não. Não e não. Não quero

ninguém te abraçando. Ponto final. Fim da porra da história.

— Hum, entendi. Mas eu preciso aceitar outras mulheres pegando em você... Porque você é um gostoso da porra, e isso é completamente compreensível. Afinal, que mulher em sã consciência não ia querer apalpar esse seu corpinho moldado nas fomalhas no inferno? — ela falou, furiosa. — Você disse que era meu, Max! Mas, ao que parece, é tão perfeito que já virou mesmo patrimônio da humanidade!

Não tive tempo de retrucar essa porra, porque Tito, do banco do passageiro, virou de repente e enfiou uma faca no meu peito. Não tive tempo de esperar pelo golpe. Foi súbito e do lado esquerdo, com precisão cirúrgica.

E eu fiquei lá, caído sobre o banco traseiro, o sangue jorrando incessantemente, escorrendo pela minha camisa azul-clara e formando uma poça infinita no chão do carro.

— Você é que é a gostosa da relação, Liv. Os caras do Brasil inteiro estão falando da sua bunda. — Isso foi ele enfiando a faca no meu peito.

— O quê? — falei, num engasgo. Isso foi o sangue jorrando. — Repete essa porra, Tito. — Passei o braço pelo encosto do banco e preendi o pescoço do filho da puta.

— Ai, porra! — ele reclamou, com a voz estrangulada.

Suze começou a gritar:

— Max, para! Deixa de ser infantil! Solta! — Ela tirou uma das mãos do volante e beliscou meu antebraço.

Relaxe o aperto, mas insisti:

— Que porra é essa, Tito?

— Vocês não viram no *Twitter*? — ele perguntou, rindo.

— A única coisa que tem no *Twitter* são as fãs desse cretino morrendo de amores por ele! — Olívia cuspiu.

— É porque vocês não viram a *hashtag* certa: *#Bundelívia*.

Tirei o braço, sentindo os ossos e os músculos ficarem frios e sem forças.

— Foi pros *TTs* algumas horas depois do final do programa — Tito explicou, alisando o pescoço dolorido pela chave de braço. — Só vi hoje cedo. Liv, lembra aquela *Pool Party* da faculdade, em que você estava usando aquele biquíni? Um branco que meu De... — ele se interrompeu, provavelmente ciente de que eu seria capaz de enforcá-lo se ele continuasse a sentença. — Enfim, uma foto sua de biquíni viralizou na internet e, obviamente, eu não preciso dizer que não fui eu quem vazou! Juro pela vida de Sofia e de quem mais vocês quiserem! Algum ex-colega nosso deve ter postado, todo mundo devia ter as fotos da festa salvas no computador.

Ouvindo isso, todos os meus órgãos pararam de funcionar. Eu sequer estava

respirando.

Olhei para Olívia, torcendo para que ela não fizesse ideia de que foto o desgraçado do Tito estava falando, mas os olhos arregalados e a expressão alarmada confirmaram que ela sabia.

— Eu disse pra contar quando estivéssemos em casa, Tito! — Suze o repreendeu com um olhar severo, ao qual ele respondeu com um dar de ombros.

— Cara, se prepara. Você vai ficar louco — alertou ele.

Enfiei a mão no bolso para pegar o celular e acessar o *Twitter*, mas Tito já devia estar com o aplicativo aberto, porque logo começou a ler:

"Rabeta gostosa do caralho! Que delícia que deve ser comer esse cu! Gozaria na primeira metida. *#Bundelívia*".

Não consegui emitir som algum, nem um palavrão sequer conseguiu passar pela minha garganta seca e constricta.

"Puta que pariu, depois da bunda da Paola Oliveira, achei que o Brasil não tinha nada melhor para oferecer aos telespectadores e internautas! *#Bundelívia* mostrando o TAMANHO do meu ledô engano".

"Gata, se tu deixar eu te levar pro espaço, te tiro de órbita e minha pica das galáxias vai jorrar a via láctea inteira nesse teu rabo gostoso! *#Bundelívia*".

Tito deu uma risada estrondosa. Eu estava com os punhos fechados sobre as pernas, apertando-os, concentrando toda a raiva nos nós trêmulos dos dedos. Seria capaz de matar alguém com alguns socos em uns poucos segundos.

"Esporrei gostoso na tela do computador, imaginando que *tava* lambuzando essa bunda deliciosa de porra *#Bundelívia*".

"Delícia, duvido que esse cara tá sabendo te comer. Vem rebolar no pau do papai aqui, vem! Vou te fazer ver estrelas! *#Bundelívia*".

"Gostosa, deixa eu mamar nos seus peitos e jorrar leitinho na sua bunda? *#Bundelívia*".

"Tô digitando com os pés, porque com as mãos eu tô batendo uma caprichada pra essa bunda gostosa! *#Bundelívia*".

"Putá vontade de encher essa bunda maravilhosa de tapas com a rola dentro desse cuzinho apertado! *#Bundelívia*".

"Gozei na cueca só de imaginar esse bundão rebolando gostoso na minha pica. *#Bundelívia*".

"Meu pau tá quase caindo, de tanta punheta que já bati vendo esse biquinho nesse rabão gostoso! *#Bundelívia*".

"Tem essa bunda e ainda canta como uma sereia! Vem sentar esse rabo aqui na minha pedra, gostosa! Meu mar tá pra peixe! *#Bundelívia*".

"Aposto que esse seu namorado almofadinha tem o pau pequeno. Vem cá, que eu te mostro uma piroca digna dessa sua rabeta gostosa! *#Bundelívia*".

— Essa foi engraçada — ela disse, tentando amenizar o clima. — Se ele soubesse o tamanho da piroca do meu “namorado almofadinha”...

— Puta que pariu, Liv! Que porra... — Tito reclamou.

— Ai, que horror! — Susanne gritou.

Rindo, Olívia se aproximou para me abraçar.

— Olívia, não — falei, desvencilhando-me. — Me deixa em paz, porra.

Peguei o celular e, finalmente, vi a tal foto. Percebi que ela também estava conferindo no dela.

Na foto, ela estava de costas, mas sorria para alguém por sobre o ombro, de modo que o rosto estava perfeitamente visível, e era inconfundível. O cabelo escuro descia como um véu preto-azulado até a cintura fina e marcada. E, então, aquela bunda perfeita, minimamente coberta por um triângulo branco, tirava a atenção de qualquer outra coisa da imagem. Eu, que sabia que depois dos dois montes maravilhosamente redondos vinham aquelas coxas grossas e deliciosamente torneadas, não conseguia descer os olhos. O efeito era hipnotizante. Meu pau, obviamente, já estava forçando o tecido da cueca, o que era absolutamente patético, porque aquela bunda era minha, toda aquela carne macia e perfeita me pertencia. Eu não precisava ficar tão excitado vendo a porra da fotografia, que nem fazia jus à realidade sublime daquela bunda.

Afundi o celular no bolso e a cabeça no encosto do banco, mal sentindo os braços e as pernas. Eu não sentia nada além de uma vontade quase indômita de ficar em inércia perpétua, o que era completamente paradoxal, porque uma raiva descomunal circulava pelo meu sangue. Raiva de Tito e de todos os homens da face da Terra, e raiva dela, de Olívia. Raiva de mim mesmo e do mundo. Raiva, porra. Raiva em seu nível mais radical e irreversível.

— Vai falar nada, não, puto? — Tito perguntou, rindo.

Minha cabeça estava doendo tanto que, a qualquer momento, eu poderia ter um derrame. Tinha alguma coisa errada com o meu cérebro. Podia ser um coágulo, um aneurisma.

Meu peito ardia como se estivesse em chamas, e eu poderia estar enfartando sem saber, aos vinte e sete anos.

Fechei os olhos e tentei controlar a respiração alterada, lutando contra a pressão dolorosa nos pulmões.

— Max... — Ouvi voz e senti o toque delicado da mão de Olívia sobre a minha.

— Suze, passa numa farmácia — falei, ainda de olhos cerrados.

— Por quê? Você tá bem, Max? Posso te levar ao hospital! Ai, meu Deus, a culpa é toda sua, Tito! — Ela usou o tom dramático e alarmante de sempre.

— Estou bem, caralho! — gritei, furioso. — É pra comprar a porra do teste de

gravidez!

— Mas... Esses testes não são muito confiáveis! Eu fiz quando estava grávida de Sofia, e deu negativo, lembra? Só o exame de sangue que...

— Foda-se, Susanne. Foda-se. É o único teste que vamos fazer.

Ela não perguntou por que, e ninguém disse nada. Nem Olívia, o que era muito estranho, porque ela sempre tinha algo a falar.

Enquanto Suze se direcionava à farmácia mais próxima, mantive os olhos fechados, embora quisesse sondar a expressão de Olívia. Queria saber o que ela estava pensando sobre aquilo tudo e, ao mesmo tempo, não queria.

Provavelmente, estava se divertindo com o meu sofrimento. Devia estar adorando aquela porra toda.

Ela ainda estava segurando minha mão, como se não tivesse amado ouvir cada um daqueles *tweets* de merda, como se não estivesse nas nuvens com aquele bando de filhos da puta babando por ela.

Puxei a mão sob a dela com força e cruzei os braços. Ela continuou em silêncio, e eu continuei com os olhos fechados, mas podia visualizar sua expressão simultaneamente chocada e furiosa como se meus olhos estivessem bem abertos.

Só os abri quando ouvi Susanne desligar o motor. Coloquei a mão na porta para sair do carro e notei que Olívia fez o mesmo do outro lado.

— Onde a senhorita pensa que vai? — perguntei, sem conseguir controlar o tom de voz irado.

— Se acha que vou deixar você andando sozinho por aí, dando sopa, Vetter, está muito enganado!

— Você fica, Olívia — insisti, usando o meu melhor tom mandamental.

— Me obrigue. — Ela arqueou uma sobrancelha atrevida e fez menção de abrir a porta.

Puxei seu braço, e nossos corpos se conectaram. Senti o cheiro floral de seu cabelo, que se balançou com o movimento brusco, e todo o meu corpo ardeu de vontade de se debruçar sobre ela.

Nossos olhos ainda estavam se tocando, como se fossem labaredas se entrecruzando em um fogaréu, quando Suze anunciou:

— Ficam os dois. Eu vou. Se vocês forem vistos e fotografados comprando um teste de gravidez, a fama de quinze minutos vai durar mais meia hora. — Ela começou a desafivelar o cinto.

Suze tinha razão, e eu nem tinha pensado na repercussão que aquilo poderia ter.

— Obrigado, Suze — agradei com sinceridade. — Compre logo uns três, dos mais caros. Compre as melhores marcas que tiver, para minimizar as chances de

erro — falei, pegando três notas de cem dentro da carteira e entregando a ela.

— Acho que não vai isso tudo, Max. — Ela riu.

— Compra um... Como é mesmo o nome daquela coisa que faz barulho e que acalma os bebês?

— Chocalho — ela respondeu.

— Isso. Compra esse caralho com o troco — pedi. — E uma caixa de anticoncepcional.

Olívia e Suze me olharam com os olhos estatelados.

— Vai ser uma coisa ou outra. — Dei de ombros. — Se você estiver grávida, vamos precisar dessa porra barulhenta daqui uns meses. Mas, enquanto isso, vamos ficar um bom tempo transando sem camisinha. E, se não estiver, você vai começar a tomar a porra da pílula pra gente poder transar sem nada pra sempre, daquele jeito gostoso — expliquei, quando elas continuaram me fitando.

— Max, nos poupe dos detalhes sórdidos! — pediu Susanne, fazendo uma careta.

— Até parece que você não transa, Susanne! Até parece que a sua filha não é resultado de uma foda sem nada! — acusei.

— Para de falar da minha vida sexual, seu idiota! — ela disse, rindo.

— Foda-se. E Tito... — comecei.

— Tito já está saindo, para comprar camisinhas, porque é o único membro responsável desta família! — ele me interrompeu, abrindo a porta do carro.

Olívia informou a Suze o nome do anticoncepcional que ela costumava usar, e minha irmã saiu do carro rumo à farmácia, seguindo Tito.

Então, Olívia e eu ficamos sozinhos.

Por algum motivo desconhecido, eu não queria mesmo fitá-la. Não queria dizer nada. Só o que desejava era ficar em paz com a porra da minha dor. Mas ela puxou meu queixo, forçando-me a encará-la.

— Que foi, porra? — perguntei, lutando contra a vontade de fechar os olhos e implorar para que ela nunca me trocasse por ninguém.

Aquela sensação era ruim pra caralho. O medo de ela simplesmente encontrar alguém melhor e decidir me deixar corroía minhas entranhas, acidulando tudo.

É claro que eu já sabia o quanto ela era gostosa, e que qualquer cara faria de tudo para comê-la. E é óbvio que eu tinha noção do que era aquela bunda. Mas foi só depois de ler aquilo que eu realmente me dei conta do quanto seria fácil perdê-la.

Se não estivesse grávida, talvez ela quisesse viver a própria vida, longe de mim. Ia procurar um cara melhor, menos convencido, menos mandão, menos possessivo e ciumento. E encontraria, com certeza. E o que seria de mim? O que eu faria da porra da minha vida? Voltaria a ser o velho Max? O velho, vazio e

infeliz Max? Eu gostava muito do novo Max para voltar a ser o antigo.

Eu a amava por uma infinidade de razões. Olívia era esteticamente linda, mas meu amor não se restringia à beleza espetacular de suas feições ou às curvas perfeitas de seu corpo. Eu a amava porque ela era Olívia. Eu não sabia explicar por que, mas amava tudo nela. Amava a teimosia, o sarcasmo, a mania compulsiva de me desafiar e de falar palavrões; e até o fato de que ela nunca acatava as minhas ordens. Amava sua presença, seus cheiros, sua voz. Tudo, porra. Eu amava tanto que tudo doía; aquele medo aterrador de ser abandonado dilacerava meu peito em finas e doloridas tiras.

Senti um aperto na garganta, e alguma coisa pinicou meus olhos quando ela se aproximou e me abraçou.

— Por mais que seja bom ver essa insegurança nos seus olhos, meu peito dói vendo esse medo injustificado na sua expressão, Max. Eu te amo, cretino. Eu só amo você, só me importo com você e, embora minha bunda possa ser apreciada pelos homens do país inteiro, ela é só sua. — Ela se afastou, abriu um sorriso e piscou um olho, me imitando.

— Promete? — perguntei, ciente de que estava revelando descaradamente o quanto eu estava me sentindo amedrontado.

Que porra, eu odiava o amor e o quanto ele podia ser patético.

Olívia deu um meio-sorriso e afagou minha barba.

— Por mais que eu goste de te ver assim, primo, todo inseguro, preciso te pedir pra parar, porra! Max, eu te amo. Os caras do país todo sabem disso. Deixa de besteira, meu lindo — ela disse, me parafraseando.

Os caras saberem disso e merda era a mesma coisa, eu queria dizer, mas o nó na garganta me impediu. Caras não respeitam nada quando o assunto é bunda. Foda-se o amor. Foda-se o cara "dono" da bunda. Quem se importa com esse corno? A matemática masculina devassa é simples: gostosa + bunda boa = oportunidade de sexo do caralho ao quadrado. Não existem outros fatores equacionais.

— Está sendo irônica? — perguntei quando consegui falar, referindo-me ao fato de que ela tinha dito o mesmo que eu dissera na noite anterior.

— Claro que não! Só gosto de usar as suas próprias palavras contra você. É engraçado.

— Não é nada engraçado em situações como esta, senhorita Olívia — falei, sentindo a tristeza escoar em cada palavra.

— Você fica tão lindo assim, sério... — ela falou, ainda acariciando meu maxilar.

Continuei com a mesma expressão impassível.

— Essa é a parte em que você diz algo como "eu sou lindo de qualquer jeito,

prima", e dá uma piscada. — Olívia observou.

— Lamento não ser tão previsível quanto você pensa. — Abri um sorriso desdenhoso.

Ela prendeu os lábios para não rir.

Cruzei os braços e apoiei a cabeça no encosto do banco novamente, voltando a fechar os olhos, porque estava doendo pra caralho fitar aquele olhar esverdeado.

Nunca, na vida inteira, eu tinha sentido aquilo. Eu nem sabia explicar o que era aquela coisa gelada no meu estômago. Mas parecia algo como medo de não ser bom o bastante, de não ser suficiente para ela; o receio de ela perceber que foi tudo um engano, que... Ela não me amava.

Esses pensamentos eram tão patéticos, que pareciam coisa de mulherzinha. Eu era Max Vetter, e Max Vetter não sentia essas merdas. Mas, naquele momento, eu não conseguia refrear a avalanche de sentimentos ruins... E patéticos.

Não era exatamente por causa dos *tweets*. É claro que todos aqueles caracteres me deixaram furioso. Mas caras são assim, falam aquele tipo de merda nas rodas de amigos e na Internet. O negócio é falar de mulher e, mais especificamente, de mulher gostosa que tem bunda boa.

E também não era pela foto. Afinal, quem é que conseguiria se omitir diante daquilo? Só Jesus Cristo! 140 caracteres era pouco pra falar daquela bunda, caralho.

Mas, mesmo sabendo disso, só o fato de os filhos da puta terem visto a bunda de Olívia já me deixava puto em níveis catatônicos. O fato de que aqueles e outros tantos caras tinham a foto da bunda da minha namorada no computador, então, me enchia de um ódio visceral, que funcionaria como um propulsor mortal se eu fosse colocado frente a frente com um deles.

— Max... — ela chamou, acariciando meu peito.

— Me deixa em paz, Olívia — pedi, tentando ignorar o toque de seus dedos.

— Eu te amo — ela disse e encostou a cabeça no meu bíceps, enfiando uma mão por dentro da minha camiseta.

Senti o pau responder aos movimentos suaves e quentes em meu abdome.

— Para, porra. — Endireitei-me no banco e afastei sua mão.

Não virei o rosto para fitar sua expressão. Não fazia ideia do que ela estava pensando, e não queria saber. O que eu queria, por mais patético que fosse, era chegar, deitar e dormir por horas seguidas.

Talvez, quando eu acordasse, acordaria antes daquele maldito pedido de namoro que tinha transformado a minha vida num inferno.

— Tito ficou encarregado de comprar os chocalhos — disse Suze, abrindo a porta do carro. — A culpa não é minha! — avisou.

— Comprei logo cinco, porque, do tanto que vocês transam sem

responsabilidade nenhuma, o que eu considero loucura, em pleno século XXI, logo vou ter essa quantidade absurda de sobrinhos! Pega aí, papai — ele provocou, entrando no carro e jogando a sacola cheia, que fez um ruído insuportável quando caiu no meu colo.

— Você nunca transou sem camisinha, Thomas? — Olívia perguntou, em um tom acusatório.

Percebi que ele ficou meio esquisito. Tanto que levou vários segundos para responder.

— Uma vez.

— Com Carol? — Olívia quis saber.

— Não.

Suze estava com as mãos no volante, fitando-o.

— Ora, vejam só... O Senhor Sou Responsável tem um telhadinho de vidro — acusou minha irmã.

— Mas ela toma anticoncepcional. Tá de boa. Liga logo e vamos, Susanne. — Ele indicou a ignição.

— Foi com aquela Larissa, a que parece uma fada? — indaguei.

— Que porra é essa, Max? — Olívia e Tito perguntaram ao mesmo tempo.

— Foi Sofia quem disse! — Suze e eu dissemos em uníssono.

Então caímos na risada.

— Segundo Sofia, Larissa é uma fada, mais precisamente, a versão ruiva da Sininho — Suze riu.

— Tá vendo? Estou apenas reproduzindo a fala de uma criança de seis anos, porra! — continuei, em resposta aos olhos estreitados de Olívia em minha direção.

— Você viu, Max? Tito ficou com ciúme... — cantarolou Suze.

— Ciúme? Tá louca, Susanne? Eu não tenho nada com ela. Larissa já era. Só achei estranha essa comparação. Max falando de "fada" e tal... Claramente, tem uma vogal errada na palavra. Liga logo esse carro. Tenho mais o que fazer.

Suze soltou um suspiro e nos lançou um olhar cúmplice pelo retrovisor.

Eu não sabia exatamente o que aquilo significava, porque é óbvio que Tito não estava apaixonado por aquela Larissa. Ele a conhecia há menos tempo que eu conhecia Olívia, e o raio não caía duas vezes na mesma casa.

Então, enquanto minha namorada e minha irmã trocavam um sorrisinho, eu me limitei a dar de ombros.

— Bem, aqui estão os testes e o anticoncepcional. — Suze se virou e entregou a sacola para Olívia. — Tomara que você só precise dessas pílulas daqui a nove meses, cunhadinha! — ela disse e, então, girou a chave.

37. Mãos frias, coração quente

MAX

Olívia e eu tínhamos lido as instruções do primeiro teste umas quatrocentas vezes e decorado todos os passos. Eu seria capaz de fazer um teste de gravidez usando o que fosse como material coletado.

Poderia gozar num pote e enfiar a porra da tira lá dentro, depois retirá-la e esperar pelo resultado, feito um pobre-diabo no corredor da morte. Até um jumento conseguiria fazer aquilo.

Ainda assim, eu estava nervoso pra caralho, e Susanne não estava ajudando.

— Seria muito melhor se eu estivesse aí dentro em vez de você, Max! Sou a única pessoa da casa que já fez um teste de gravidez! Se vocês fizerem errado...

— Vá se foder na puta que te pariu, Suzanne! Não preciso ter uma boceta para saber fazer a porra de um teste de gravidez! Eu sei ler, caralho! O filho é meu, porra! Eu vou estar presente quando a existência dele for anunciada ao mundo, você, não! Nenhum de vocês dois! Vão procurar serviço no quinto dos infernos!

Tito caiu na risada.

Olívia prendeu os lábios para não rir, tentando não errar a mira enquanto fazia o xixi no pote.

Inicialmente, ela queria fazer o exame trancada sozinha no banheiro, afirmando com veemência que eu ficaria do lado de fora, o que só aconteceria se eu estivesse morto e enterrado. Nem fodendo eu ia perder aquilo.

— Que bosta que Plínio tá no hospital! Ele ia amar isso aqui! — Tito lamentou.

— Ia mesmo... — Suze disse, em um tom triste. — Mas meu marididinho que me perdoe, estou ansiosa demais para esperar por ele! A menos que... Já sei! Vou ver se ele pode dar uma escapada pra entrar no *Skype*! — falou, animada, provavelmente pegando o celular.

Olívia se levantou e me mostrou o potinho cheio, colocando-o sobre a bancada da pia de mármore.

Meu coração acelerou pra caralho com a mera visão de um pote cheio de urina, puta que pariu... A resposta estava ali, dentro do pote transparente, naquele líquido morno e amarelo.

Então, ela terminou de tirar a calcinha, colocando-a sobre a pia.

— Não consigo fazer xixi com vocês conversando do lado de fora! —

reclamou, me fitando com uma expressão safada. — Nem estou com vontade de fazer agora... — Ela mordeu o lábio inferior. — Preciso esperar a vontade vir... Estou sem nenhuma, porque vocês estão me deixando nervosa! — Ela umedeceu os lábios e se aproximou.

Ficou nas pontas dos pés e beijou meus lábios devagar. Subi o vestido instintivamente e apalpei sua bunda enquanto nossas bocas se mantinham tão coladas quanto nossos corpos.

Putá que pariu, ela queria dar umazinha antes de fazer a porra do exame? Meu Deus...

— Tito, vá buscar Lili — ordenei, afastando-me por um segundo, louco para ganhar tempo e privacidade. — Ela também precisa estar presente quando o resultado for anunciado. Vá no carro de Suze, não no meu. Suze, vá fazer um chá ou alguma porra do tipo, para ajudar Olívia a fazer a porra do xixi.

— Um copo de água serve! Busco rapidinho! — minha irmã argumentou.

— Não serve, não, caralho! Tem que ser algo para... — Tentei improvisar, pedindo ajuda a Olívia com os olhos.

— Para me ajudar a ficar mais calma. Tô muito nervosa... — ela me socorreu, alisando meu pau por cima da calça, seus lábios se curvando em um sorriso cheio de malícia.

— Tá bom! Vou fazer uma xícara de chá verde e outra de camomila! — Susanne disse, e escutei seus passos se afastando. — Tito, vai logo buscar Lili! — ela berrou, e eu ouvi o barulho das chaves sendo jogadas.

— Vamos fazer a porra do exame e, enquanto esperamos pelo resultado, a gente fode gostoso — Olívia sussurrou em meu ouvido.

— É a ideia mais genial que você já teve, senhorita Olívia — falei, apertando sua bunda e beijando seu pescoço.

Senti sua pele fria contra os lábios e me afastei, fitando seus olhos. Estavam assustados, e eu podia apostar que seu coração batia tão forte quanto o meu.

— Você faz ou eu faço? — perguntei, sabendo que, orgulhosa e teimosa como era, ela diria que faria.

— Eu faço — confirmou, e senti o tremor em sua voz.

Peguei suas mãos e constatei que estavam trêmulas e frias. Então, as abriguei nas minhas e as levei ao meu peito.

Ela sorriu, constatando pelas minhas pulsações descompassadas que estávamos juntos naquilo.

Subi suas mãos geladas até minha boca, amornando o dorso de cada uma com um beijo.

— Eu faço, minha linda. — Desci nossos braços e acariciei seu cabelo.

Ela assentiu, e eu me virei, pegando a embalagem sobre a bancada.

Olívia circundou minha cintura com um braço e ficou me observando.

Fiz tudo exatamente como havíamos decorado quando lemos a bula.

Removi a tira-teste da embalagem laminada, retirei-a lá de dentro, puxei a tampa, mergulhei a ponta da tira na urina e contamos juntos até cinco.

Depois, retirei a tira e vi que a fita ficou rosa, de acordo com o esperado. Isso significava, segundo as instruções, que a urina estava sendo devidamente absorvida.

Então, recoloquei a tampa e deixei o teste sobre a bancada.

O resultado sairia em dois minutos. Se um sinal azul de "+" aparecesse, ela estava grávida. Se aparecesse apenas uma linha azul na área de controle, o resultado seria negativo.

De acordo com o fabricante, a precisão, após o primeiro dia de atraso menstrual, era de 99%, e o teste podia ser feito inclusive dias antes da data prevista para o início da menstruação.

Olívia tinha o ciclo irregular, mas estávamos nos dias finais de junho, e nada do sinal vermelho.

— Tô nervosa pra caralho — ela disse, torcendo a barra do vestido.

— Prima, você prometeu sexo, e chegou a hora de cumprir o prometido — brinquei.

Na verdade, eu sabia que, na hora H, nenhum de nós estaria no clima.

Mesmo assim, puxei-a para perto e a abracei. Olívia entrelaçou os dedos na minha nuca e me beijou; nossas línguas se tocando, o calor do beijo partindo de nossas bocas e viajando pelos nossos corpos gelados de nervosismo.

Por incrível que pareça, eu estava torcendo, e muito, por um resultado positivo. Isso era estranho pra caralho, porque era como se eu quisesse dar o golpe da barriga.

Eu estava me sentindo tão perdido, e tinha tanto medo de perdê-la, que estava torcendo para que um filho nos unisse para sempre. Assim, se ela decidisse me deixar algum dia e não houvesse nada que eu pudesse fazer para demovê-la da ideia de me abandonar, eu nunca deixaria de vê-la.

Eu sei que, talvez, em nossa conjuntura social, esse seja um comportamento mais esperado de uma mulher que de um homem, mas foda-se. Também posso pensar esse tipo de merda.

E essa reflexão mesquinha me assustava tanto que minha barriga doía como se minhas entranhas estivessem enoveladas, devorando-se a si mesmas.

Quando eu tinha me tornado tão dependente de Olívia? Isso não era saudável, porra. Não podia ser.

Interrompi o beijo e apertei-a o máximo que consegui, abraçando-a com força, como se ela pudesse fugir e escapar pela fresta da porta a qualquer momento.

Olívia soltou um barulho curto e disse, a voz entrecortada pelo aperto dos meus braços:

— Você vai me esmagar, porra.

Abri um sorriso, que ela não pode ver, e disse em seu ouvido:

— Foda-se.

— Tá esmagando nosso bebê, talvez ele não sobreviva. — Ela deixou escapar uma risada espremida.

Soltei-a de imediato e a encarei, furioso.

— Retira essa porra.

Olívia franziu o cenho e espiou a tira tampada sobre a pia.

— Max, talvez nem haja um bebê. Já se passaram dois minutos, podemos conferir. — Embora tentasse parecer segura, o medo e o nervosismo transbordavam de suas palavras.

— Retira, por favor — insisti.

— Tá, eu retiro. Podemos, por favor, conferir e acabar com o martírio? Não aguento mais essa tortura!

— Você fala como se não quisesse o nosso filho — observei.

Ela me fitou com uma expressão chocada.

— Você quer?

Engoli em seco.

Minha garganta doía pra caralho, e eu não sabia de onde estava saindo aquilo, mas as palavras estavam me sufocando, e eu morreria se não as despejasse.

Mas preferia morrer a dizer a Olívia que eu estava me borrando de medo de ela simplesmente acordar e se dar conta de que ninguém se apaixona em questão de dias e, então, como em um surto epifânico, ela riria e diria algo como: "que loucura, é claro que eu não te amo, era só tesão!".

Preferia morrer a confessar que queria que ela estivesse grávida, porque, assim, mesmo se ela descobrisse que tudo não passou de ilusão, ela estaria irremediavelmente ligada a mim para sempre.

Preferia morrer a deixá-la saber que eu era a porra de um homem vendido, que estava mesmo de quatro, como meus amigos diziam, que faria qualquer coisa por ela e que, naquele momento, tudo o que eu queria era que fôssemos uma família.

Meu Deus, eu estava louco de pedra. Talvez, quem sabe, estivesse com uma doença séria, algo que estivesse afetando tragicamente o meu cérebro, me fazendo pensar e agir feito um idiota. Eu precisava fazer a porra de um *check-up*.

— Max... — Olívia chamou, estudando minha expressão. — Conversa comigo. Você está estranho.

Limpei a garganta.

— Só estou nervoso, porra.

— Então vamos acabar com isso... — ela fez menção de pegar a tira, mas fui mais rápido.

— O que acontece se você não estiver grávida? — sondei, tomando cuidado para que nenhum de nós visse o resultado.

Ela deu uma risada nervosa.

— Como assim? A gente pula de alegria, ué! Depois, agradecemos ao menino malvado com uma lupa na mão por não ter fodido de vez a nossa vida. E, então, nunca mais a gente faz uma merda tão épica quanto transar sem proteção alguma, na chuva, no meio do nada.

Provavelmente, aquelas palavras não deveriam ter funcionado como punhais. Mas foi exatamente como funcionaram.

Eu estava fitando o nada, suportando a dor de mil punhaladas no peito, quando Olívia disse, soando bastante aflita e desesperada:

— Quer me matar de ansiedade, porra? Olha logo o resultado, Max!

Então, sentindo o coração sangrar, eu olhei.

38. Mentira tem perna curta

OLÍVIA

Eu soube pela expressão de Max.

Ele não precisou me mostrar o sinal de "+" na tira para que eu soubesse que estava grávida. O semblante decepcionado e os cantos brilhantes de seus olhos desesperadamente tristes me disseram tudo o que eu precisava saber.

A notícia me atingiu de supetão e, por mais que eu estivesse há dias tentando me acostumar à ideia, senti tudo se revirar dentro de mim como se um tornado estivesse girando e girando em meu interior. E, então, eu era nada além de uma montanha de ossos, órgãos e sangue maculando o assoalho lustroso do banheiro.

Sem que eu pudesse me conter, dobrei o corpo diante do vaso sanitário e vomitei o café da manhã que eu tinha comido no avião.

Poderiam ser os hormônios da gravidez ou poderia ser a súbita revelação de que o meu mundo tinha sido virado de cabeça para baixo e, talvez, eu nunca mais fosse capaz de girá-lo e deixá-lo na posição correta novamente.

Talvez, eu fosse me sentir daquele jeito para sempre, de ponta cabeça, entontecida, nauseada.

Tudo bem, não era grande coisa. As mulheres vinham fazendo isso há milênios. Eu também seria capaz de carregar uma criança e de pari-la e amamentá-la. E criá-la, é claro.

Mas o que mais me assustava não era a parte da criação, embora essa fosse uma parte bastante importante naquela coisa de maternidade.

O que eu mais temia era viver, dia após dia, com aquela criança no bucho. Minha barriga crescendo alarmantemente, mês a mês, até que, no nono, o bebê precisasse sair.

E aquele papo de "se entrou, tem que sair" não era nada reconfortante. Porque ele havia entrado de um jeito nada difícil, e muito, muito gostoso. Mas eu tinha certeza de que, para sair, a criança me mataria no processo.

No fundo, eu estava cem por cento certa de que morreria no parto. Não tinha como sobreviver àquilo. Eu já tinha visto um vídeo de um parto natural (foi no celular de uma colega de faculdade) e, meu Deus do céu, a minha boceta não abriria daquele tanto. Uma cabeça não passaria pela minha xana, eu tinha certeza disso.

E, se por acaso passasse, viria aquela parte da amamentação. Uma criança

sugando meu peito. Isso seria muito estranho. Como é que o bebê sugaria o mesmo peito que o pai dele? Quero dizer, isso não é bizarro?

Sem falar na coisa do leite. Puta que pariu, meu peito vazando leite, como se fosse uma teta.

Definitivamente, eu não havia nascido para ser mãe. Não era dessas mulheres amorosas que amam bebezinhos.

Tá, bebês são fofos, mas só se eu não precisar segurá-los.

Eu quase derrubei o bebê de uma vizinha uma vez e, em outra ocasião, uma mãe quase me assassinou porque eu peguei naquela coisa mole da cabeça dos bebês que não pode pegar nunca porque, ao que parece, se você não tomar cuidado, pode fazer um buraco no crânio e acabar com a sua mão inteira lá dentro.

Até aquele momento, eu estava segurando o surto, tentando me acostumar, tentando aceitar que, talvez, eu estivesse grávida. Max e eu estávamos brincando de casinha, e ele era tão fofo com Sofia que eu ficava imaginando como ele seria lindo com a nossa filha. Ele seria perfeito, e eu provavelmente ia querer mordê-lo, de tão fofo que ele seria.

Mas, e depois? E se a criança nos enlouquecesse? E se eu a deixasse morrer de fome por não saber como ensiná-la a mamar no meu peito? E se eu, sem querer, enfiasse um dedo na cabeça mole da minha filha e abrisse um buraco no crânio dela? E se, por um deslize meu, ela morresse dormindo?

Eu já tinha ouvido falar naquela coisa do arrote, que a criança podia se asfixiar ou algo assim. E se eu fizesse a porra toda errada e assassinasse meu bebê?

E se, mesmo que por um milagre a criança e eu sobrevivêssemos, eu nunca mais conseguisse voltar à minha forma física atual e ficasse parecendo uma porca morbidamente obesa para sempre?

E se eu ficasse com os peitos tão caídos que meus mamilos alcançassem meus joelhos?

E se, depois disso tudo, Max percebesse que estava fora de si, que não me amava coisa nenhuma, porque, obviamente, ninguém se apaixona tão rápido assim, muito menos um devasso?

Ou, pior, e se ele simplesmente deixasse de me amar porque a Olívia que ele amava era a Olívia pré-gravidez, e não a pós-parto? Ele descobriria rápido que amava a Olívia mentalmente equilibrada e sexualmente ativa, e não a Olívia ensandecida e neurótica, com vergonha do próprio corpo. E, então, ele me deixaria, e eu seria jogada para escanteio como uma bota velha. E, no segundo seguinte, ele sairia pela porta para procurar uma bota novinha em folha e, como trilha sonora do final da minha tragédia romântica, eu teria o choro do bebê todo

cagado e louco de fome, vindo do berço. E, aí, eu me arrastaria em frangalhos até lá, pegaria a criança suja de bosta, e tentaria niná-la, sussurrando em seu ouvido que o pai era um tremendo filho da puta, e que eu já devia saber que me envolver com um demônio devasso não traria mesmo um final feliz. E, então, os créditos rolariam pela tela, finalizando a minha desgraça.

Enfim, eu jamais poderia ser mãe, e estava ali, vomitando até as tripas, diante da notícia de que, sim, eu seria (exclamações contentes e enfáticas — só que não).

Max segurava meu cabelo, e não parava de perguntar se eu estava bem.

Eu queria dizer que me sentia como se estivesse morrendo, como se aquele fosse o último dia feliz da minha vida, mas, naquele momento, um jorro espesso e alaranjado estava saindo da minha boca e chapinhando a porcelana — antes muito limpa — do vaso sanitário da casa dele.

Ouvi batidas à porta e a voz desesperada de Suze:

— O que está acontecendo, Max? Que barulho é esse? Ela está vomitando? Ai, meu Deus, já são os enjoos da gravidez! — Essa última parte ela disse um tanto animada.

Ouvindo isso, vomitei o restante dos meus órgãos, golfando um jato ainda mais intenso de vômito.

Naquele momento, eu odiava Suze, porque ela tinha sobrevivido ao parto, mas eu não sobreviveria. O bebê ia me matar! Max ia ser um pai solteiro e a minha filha fofa ia servir de isca para ele pegar mulheres.

Eu podia imaginar a porra toda: Max no supermercado com a criança no carrinho, cercado de vadias exibindo bundas malhadas em calças de *lycra* e lançando sorrisinhos indecentes para o papai gatão; Max na sala de espera de um consultório pediátrico, rodeado de mães safadas, loucas para saírem da rotina com um pai solteiro gostosão; Max na porta da escola, levando nossa filha para o primeiro dia de aula, as professoras completamente cientes de que ele é um pai solteiro e...

Ai, meu Deus! E se ele não for um pai solteiro? E se ele, simplesmente, se casar? E se, vencido pelo cansaço, Max decidir se casar com Drica quando eu, tragicamente, morrer no parto? E se a minha filha tiver uma madrasta daquele nível impossivelmente baixo de puta?

Porra, vomitei mais um bocado. Vomitei tudo o que tinha, vomitei até o que era para ser bosta, e que, diante do tamanho do meu asco, virou vômito.

Não tinha mais nada para vomitar. Reergui o corpo, limpei a boca com o dorso da mão e apertei a descarga.

Fui até a pia e tentei a abrir a torneira, mas era daquelas torneiras misteriosas, que você nunca sabe como fazer funcionar. Então, Max fez a mágica, e a água

transbordou em minhas mãos em concha.

Tentei apertar a coisa de sabonete líquido, mas aquilo também era misterioso. Eu já sabia usar as torneiras e artefatos mágicos do banheiro do quarto de Max (inclusive os *paranauês* da banheira de hidromassagem), mas não manjava nada dos instrumentos enigmáticos daquele, que ficava no primeiro andar.

Então, Max fez a mágica de novo, e eu lavei as mãos.

— Max, Olívia está bem? — Suze perguntou do lado de fora.

— Está, Susanne — ele respondeu, voltando a segurar meu cabelo enquanto eu enchia a boca de água, desesperada para me livrar do gosto de vômito.

— Preciso da minha escova de dente — falei, lembrando-me de que, graças a Deus, minha mala estava na casa.

— Pode usar a minha, prima. — Ele pegou uma escova de dente azul e me estendeu.

Provavelmente, ele tinha uma cada um dos cem banheiros daquela casa.

— Eu não vou melear a porra da sua escova de vômito, Max! — gritei. — Preciso escovar com...

Ele abriu um dos armários e pegou alguma coisa lá dentro, rasgando uma embalagem. Então, voltou a se aproximar e colocou creme dental em uma escova de dente idêntica a dele, só que nova.

Peguei, dando de ombros, e enfiei na boca.

Enquanto eu escovava, ele estudava minha expressão, como se quisesse saber se eu estava bem com a notícia. Eu também analisava a dele, tentando descobrir o que ele estava achando daquilo.

Quando terminei de escovar, sequei o rosto e falei:

— Não acredito que você me viu vomitando, e eu nem estava bêbada. — Tentei sorrir, mas o nódulo na minha garganta resolveu apertar tudo de vez só para liberar minhas lágrimas de desespero.

Max me abraçou e beijou meu cabelo, mas ficou em silêncio, amparando meu corpo trêmulo e soluçante com seu corpo quente e firme.

— O lado bom é que vamos poder fazer sem agora... — falei. — E, se for menina, você vai ter cu. — Afastei-me para ver se ele sorria ao se lembrar da aposta.

Ele não sorriu. Limpou meus olhos com os polegares, mas sua expressão estava estranha, e ele não tinha dito nada ainda, o que era bastante esquisito.

Aquele silêncio inesperado estava me deixando ainda mais apavorada.

— Preciso que me prometa uma coisa, Max — pedi.

A ideia era pedir que ele não se casasse com Drica, em hipótese alguma, se eu morresse no parto. Obviamente, e por mais que pensar nisso dissolvesse meu coração, ele se envolveria com outras mulheres e... Caralho, eu não podia pensar

nisso, porra. Não naquele momento, quando eu me sentia como uma pessoa a quem a vida tinha dado um ultimato: nove meses.

Eu tinha nove meses de vida, e ia passar meus últimos dias na face da Terra tão grande quanto um balão ou, ironicamente, tão imensa quanto um bolo de casamento, de uma cerimônia que, é óbvio, não seria a minha.

A verdade é que eu tinha nove meses para viver ao lado de Max e, pela cara dele, todo aquele papo de "amo nosso filho real ou imaginário" era balela, porque ele me fitou por longos segundos e desinflou os pulmões devagar. Seus olhos estavam tristes e confusos, o que fez com eu me sentisse uma parte indesejável de sua vida, um pedaço de lixo a ser descartado na lixeira mais próxima.

Evidentemente, ele achou que eu não estivesse grávida de verdade quando demonstrou todo aquele apoio. Em sua cabeça, o filho era mesmo imaginário e, agora que descobrira que o bebê era real e que ele ia ser pai, seu mundo estava caindo tão depressa e tão tragicamente quanto o meu. A diferença era que a criança estava na minha barriga, e quem ia morrer para parir-la era eu.

— Prometo o que você quiser — ele disse, limpando a garganta e me olhando com olhos de culpa.

Não sei se "culpa" era a palavra adequada. Talvez, ele estivesse sentindo remorso, o pior tipo de arrependimento, o tipo virulento e sulfúrico de desgosto e reconsideração.

Eu sabia. Não podia sequer me fazer de inocente naquela história. Desde o começo, estava ciente de que estava me envolvendo com Max, o devasso que morava ao lado.

Sempre soube que o diabo o havia enviado para foder a minha vida inteira, e o ápice da *fodelância* estava acontecendo naquele momento. Eu o amava e me permiti acreditar que ele sentia o mesmo por mim, que nada mudaria se estivéssemos esperando um bebê. Aliás, se *eu* estivesse esperando um bebê. Porque a idiota grávida era eu. Max continuaria sendo o garanhão gostosão de sempre e, agora, ainda por cima, famoso.

Talvez ele fosse se mudar daquela casa em breve, por causa da fama. Talvez, fosse para o Rio de Janeiro e começasse a fazer shows e filhos Brasil afora. E eu seria só mais uma namoradinha grávida, a que alavancou seu sucesso.

Ali, fitando aqueles olhos claros que sempre aqueciam meu coração, mas que naquele instante só conseguiam deixá-lo tão gélido quanto o tom acinzentado de suas íris, engoli o choro e destranquei a porta.

Susanne estava parada, de pé, com duas xícaras fumegantes nas mãos. Meu peito se confrangeu por ela, que era tão boa e sempre tão solícita.

— Meu Deus, que caras são essas? — perguntou, o semblante animado

ficando repentinamente triste.

— Já fizemos o teste — informei.

— E? — ela perguntou, os olhos azuis, vários tons mais escuros que os de Max, brilhando de expectativa. — Ah, droga, não contem! Tito e Plínio vão me matar se eu souber primeiro! Mas deu positivo, não deu? — indagou, buscando o olhar de Max atrás de mim.

— Suze, Olívia e eu precisamos conversar — ele respondeu. — Vamos subir e, assim que tivermos conversado, descemos e contamos o resultado para todo mundo ao mesmo tempo. Peça a Lili e Tito para esperarem.

Sua voz estava tensa, sem nenhum traço de riso, o que, em se tratando de Max Vetter, era algo totalmente inusitado.

— Podem me dizer, eu não conto pra ninguém antes do comunicado oficial! — ela garantiu.

Abri a boca para tirá-la da dúvida, dizendo que sim, que maravilha, ela ia ser titia, mas Max segurou minha mão e saiu me puxando.

— Depois, Susanne — vociferou, nos levando até as escadas.

Quando chegamos ao quarto, ele tirou os sapatos e se sentou no meio da cama, me convidando a fazer o mesmo com um olhar.

Então, nos sentamos um de frente para o outro e ficamos nos fitando.

Eu amava aquele cretino, porra. E ia amá-lo para sempre, mesmo que ele não quisesse aquela criança. O mais absurdo é que eu não o odiaria por renegar nossa filha, e isso já indicava bastante o tipo maternal fajuto que eu seria. Não podia amar o cara que se recusaria a ser um pai para a minha filha, porra! Isso era totalmente antinatural, e só confirmava que eu seria um fracasso como mãe. Para começar, eu nem tinha uma profissão...

Respirei fundo quando senti o cutucão no cérebro. A lembrança insistente cutucou meus miolos com força, tentando me convencer de que era hora de dizer o que eu vinha guardando há tanto tempo.

Eu sabia que precisava contar, de uma vez por todas, que não era médica. E a hora era aquela. Já que eu estava grávida, Max tinha que saber. Na verdade, eu já devia ter contado há muito tempo, mas sempre acontecia aquilo, exatamente o que estava acontecendo naquele momento; a coragem ia se dissipando, escoando lentamente enquanto eu dialogava comigo mesma, tentando encontrar o melhor jeito de revelar algo tão embaraçoso e tão importante como aquela mentira épica ao homem que eu amava.

Naquela madrugada em que passamos horas conversando, quase venci minha própria covardia, quase cuspi a verdade, mas, no último instante, a coragem se foi, juntamente com meus argumentos fracos; e mais uma chance de me livrar daquela mentira cabeluda se perdeu no ar.

Ali, diante de um angustiado Max, eu sentia o peso do mundo sobre os ombros e tudo o que eu queria era empurrar o céu e alçar voo.

— Tenho uma coisa pra te contar — falamos juntos.

— Eu primeiro — falamos juntos novamente.

— A dama primeiro, então. — Ele sorriu e acariciou meu rosto. E o toque e o sorriso de Max provocaram uma agitação insuportavelmente gostosa em meu peito. De repente, não me senti mais tão sozinha. Era como se estivéssemos juntos de novo, *#Olimaxforever*.

Ele não sorria há apenas alguns minutos e, meu Deus, como eu tinha sentido falta daqueles lábios esculpidos curvados, daqueles olhos frios e paradoxalmente quentes e reconfortantes.

Eu precisava contar a verdade naquele momento, enquanto ele me fitava, ou perderia a coragem. Usando uma comparação grosseira, era como se você estivesse prestes a gozar, sabendo que, se alguma coisa te impedisse de dar aquela última sentada no pau do cara, o orgasmo mascaria e você ficaria com aquela sensação de foda mal dada. O momento teria passado, e você só gozaria em outra oportunidade.

Eu precisava confessar naquele exato momento, ou perderia as forças e, de novo, empurraria tudo para debaixo do longo tapete de mentira que eu havia tecido.

Senti as lágrimas escorrendo antes mesmo de começar e abaixei o rosto, criando coragem para encará-lo. Max levantou meu queixo e secou meu rosto com os polegares.

— Eu... — comecei. — Bem... Eu... men-ti sobre uma coi-sa, Max — gaguejei.

Ele sorriu e falou, em um suave tom de repreensão, enquanto erguia uma sobrancelha, meneando a cabeça:

— Sobre uma coisa muito importante, senhorita Olívia.

Arregalei os olhos, e ele emendou:

— Eu já sei.

— Sabe? — sondei, sentindo uma camada de gelo se assentar sobre o estômago.

— Sei — ele respondeu com concisão. — Sei como seus pais morreram e sei que você precisou trancar a faculdade de Medicina — completou.

— Você sabia? — interrompi, sem acreditar. — Desde quando? Como?

— Desde... Sempre — ele respondeu, rindo. — Precisei contratar um investigador para te encontrar, por causa do testamento.

— Desde... — Minha voz falhou. — Puta que pariu... Tia Ercília falou disso na carta, do tal investigador. — Bati a mão na testa, e Max deu uma risada. —

Não acredito que fui tão burra! E você me deixou mentir esse tempo todo, caralho! Contou pra todo mundo que eu era médica, mesmo sabendo que eu não era! — falei, indignada.

— Quem decidiu mentir foi você, Olívia, e eu nunca entendi por quê. Só o que fiz foi não desmentir sua história. Por que você me disse que era médica, porra?

— Você já sabe que eu não sou, Max. Não precisamos mais falar disso. Eu odiava o curso, não é algo que valha a pena ser lembrado — respondi.

— Você odiava o curso? Isso eu não sabia. — Ele franziu o cenho.

— Fiz porque meu pai queria que eu fizesse. — Dei de ombros. — Mas não nasci para ser médica. E... Eu tentei te contar outras vezes, mas não conseguia, porque a mentira foi ficando cada vez mais sólida e... Eu juro que não menti sobre mais nada. Juro que não sou uma pessoa mentirosa. Eu só inventei isso porque... É que... — Titubeei.

— Fala, Olívia — ele incentivou. — Eu já sei, mas quero que você se ouça dizendo, para perceber o quanto está errada em pensar uma merda do tipo.

— É que você tem esse casarão e é sócio no seu escritório chique e tem aquele carrão, e eu sou pobre igual a Jó. E agora estou grávida, e talvez você pense que quero sombra e água fresca, Max, mas sempre trabalhei. Estou me virando sozinha há um bom tempo, e tem dado relativamente certo. Sempre dou um jeito, sempre consigo me virar.

— Eu sei. Sei da maioria dos empregos que você já teve, Olívia, e tenho orgulho de você. Você está sozinha há quatro anos, sua vida mudou radicalmente de uma hora para a outra e você deu a volta por cima, e continua driblando a vida, porra. Tenho muito, muito orgulho de você. E... Sinto muito por ter permitido que passasse por tanta coisa sozinha, mas não mais. Agora eu estou aqui. — Ele me puxou e me abraçou, beijando meu cabelo.

Soltei um suspiro, tendente a aceitar aquele abraço protetor e me derreter no calor de seu peito másculo e aconchegante, mas, no último instante, recobrei a razão.

— Max, eu não sou a porra de uma boneca de porcelana nem o caralho de um bibelô — falei, desvencilhando-me do abraço. — Já fui procurar emprego aqui na cidade e... Ninguém me ligou ainda, mas sei que vai aparecer alguma oportunidade em breve. E não precisa se preocupar, porque não nasci para ser sustentada por macho, e não preciso e nem quero um centavo do seu dinheiro.

— Tudo bem — ele respondeu, e eu respirei aliviada por não precisar enfrentá-lo em um embate sobre feminismo e *Girl Power*.

— Agora é a minha vez de te contar uma coisa — ele disse, afastando-se para me olhar.

— Ai, meu Deus! Se você me disser que é gay e que quer sair do armário, eu

quero ser a primeira a foder o seu cu! Você me deve isso, Vetter!

Ele deu uma gargalhada.

— Não, prima. Meu cu vai continuar virgem. Já o seu... — Ele riu.

— Agora estou torcendo para ser um menino — falei, alisando a barriga instintivamente. — Só para não ter que dar o cu! Ô promessa desgraçada! Ô promessa sem jeito! — Imittei o Chicó.

— Olívia... — Max chamou.

Achei que ele fosse rir da minha imitação ridícula, mas sua voz soou tão triste que levantei a cabeça imediatamente, parando de alisar a barriga.

— O que foi? — perguntei, preocupada.

— Então... O que eu queria te contar é que... — ele começou.

— Espera! — bradei. — Antes de você dizer, preciso te falar umas coisas, Max. Muito provavelmente, eu não vou sobreviver à gravidez, porque, evidentemente, não tem como uma criança passar pela minha boceta. Você já viu o tamanho da entrada. Me diz, cabe uma cabeça aqui? — perguntei, levantando o vestido.

Foi só quando vi o sorriso safado de Max que me lembrei de que tinha deixado minha calcinha no banheiro.

— Claro que cabe! Vivo enfiando a cabeça da minha rola aí — ele disse, aproximando-se.

Tive que dar uma risada.

— Tô falando sério, cretino!

— Tá, porra. Deixa eu fazer uma análise. Só pra ver se caberia...

Ele me empurrou sobre o colchão e sua boca invadiu a minha, seu pau pressionando minha barriga, suas mãos subindo mais meu vestido.

Aos poucos, ele foi diminuindo o ritmo do beijo, passando para o pescoço e se afastando, descendo a cabeça.

Então, beijou meu clitóris com vontade, sua língua torturando minha pele, sua boca umedecendo ainda mais a região, seus lábios sugando tudo e fazendo um gemido deslizar entre os meus.

— Bem... — ele balbuciou, tirando a boca. — É apertada — falou, enfiando dois dedos na minha entrada.

O desgraçado começou a movê-los, aumentando de dois para três e me fazendo gemer e gritar descontroladamente.

Sua boca voltou a me enlouquecer e, logo, gozei gostoso, sentindo minha alma flutuar acima de nossos corpos, enquanto meus pulmões lutavam por ar e meus membros desfaleciam sobre os lençóis.

Max limpou a boca e me perguntou, com um sorriso sacana:

— Do que você estava falando mesmo, prima?

Porra, ele não devia ficar tão gostoso com aquele cabelo bagunçado.

Caralho, ele não devia ter aquela língua, nem aqueles dedos... Meu Deus...

Eu estava tonta, mal conseguindo distinguir outra coisa que não os pontos brilhantes de luz que piscavam ao meu redor.

— Eu vou morrer no parto, Max — murmurei, ainda tomada pelas sensações ensandecidas daquele orgasmo extraterrestre, quando ele se deitou ao meu lado.

— Eu sei que você não quer o bebê, mas, talvez, Suze queira... Ela está tão animada... Se você for se casar com Drica depois da minha morte, por favor, dê a nossa filha para a adoção, caso Suze e Plínio não a queiram... Eu nunca vou te perdoar se você deixar aquela puta encostar no meu bebê.

Ele se sentou abruptamente e me encarou, furioso:

— Que porra é essa, Olívia? Que desgraça é essa, porra? Vou relevar o que você acabou de dizer, porque você só pode estar afetada pelo gozo pra tá falando tanta merda sem sentido, caralho! Primeiro, retira essa porra de morrer no parto. Agora, Olívia — trovejou.

— Retiro, mas eu vou, porque não vou ter passagem, e tenho medo de cesariana.

Ele estalou a língua.

Porra, ele ficava lindo fazendo aquilo.

— Faz isso de novo — pedi, com uma voz melosa.

— Isso o quê, caralho?

— Esse barulhinho...

Em vez de repetir, ele expirou pesadamente.

— De onde você tirou que eu não quero ser pai, Olívia? — perguntou.

Seu rosto era uma mistura de seriedade e tristeza.

— Eu vi quando você viu o resultado, Max... Não sou cega. Você ficou triste — falei, minha voz mal saindo.

— E, então, você deduziu que estava grávida, porque, na sua cabeça, é óbvio que eu não quero ser pai e, se fiquei triste, é claro que a porra do resultado deu positivo! — Ele alterou a voz, levantando-se da cama.

Sentei-me com as pernas cruzadas e fiquei observando seu peito subir e descer vigorosamente.

— Por que, por mais que eu diga que eu te amo, você continua duvidando de mim, me transformando na porra de um monstro? Dar o nosso bebê? — ele disse, com absoluto desgosto, seus braços cortando o ar em um gesto indignado. — Olívia! Dar o nosso filho? Para a adoção? Me casar com Drica, porra?

Eu nunca o tinha visto tão devastado. Sua expressão era de choque, decepção, dor e tristeza, tudo junto.

Senti meu coração se apertando tanto quanto o nó na minha garganta.

Ele ficou em silêncio. Sua mão percorria a barba repetidamente, castigando a mandíbula. Seus pés caminhavam para lá e para cá, e suas íris brilhavam como duas bolas de gude gêmeas e raras.

Max engolia sem parar. Talvez sua garganta estivesse tão apertada quanto a minha.

— Sinceramente, não sei mais o que fazer — ele disse, me fitando. — Não tenho mais palavras ou atitudes para tentar te convencer. Não tenho mais nenhuma carta na manga, e não sei se quero tentar encontrar outros jeitos de tirar coelhos da cartola. Eu já disse mil vezes que te amo. Eu já disse que amo nosso filho, e eu queria, porra, queria que ele fosse real, e não imaginário. Eu queria, Olívia, queria que pudéssemos ser o caralho de uma família ridícula e feliz, mas, claramente, não é o que você quer! — Uma lágrima caiu, mas ele a limpou com força antes mesmo que ela molhasse sua bochecha esquerda. — Então foda-se! Foda-se essa merda de *Olimax*, foda-se essa porra toda. Cansei dessa merda. Cansei de me sentir feito um idiota, de planejar a porra da vida inteira ao seu lado, quando você consegue, com tanta facilidade, me imaginar ao lado de Drica!

Ele enfiou a mão no bolso e tirou o que reconheci de imediato como sendo a tira do teste de gravidez.

— Toma, porra. Tá aí o motivo da minha tristeza. — Então, atirou a coisa sobre a cama e começou a calçar os sapatos.

Quando alcancei o objeto e mirei a linha azul indicando que o teste dera negativo, Max já estava fora do quarto, e eu estava sozinha, sentindo o mundo enregelar o meu redor.

39. Uma andorinha não faz verão

Max passou feito um furacão pela sala, levando consigo o entusiasmo do rosto de todos e deixando uma chorosa Olívia para explicar tudo a uma Suze, uma Lili e a um Tito bastante confusos.

Pegou as chaves em cima da mesa e saiu de carro. Dirigiu a esmo pela cidade, sentindo uma tristeza tão profunda que parecia que alguém tinha morrido, quando, o que ele queria mesmo, era que aquele amor morresse. Queria extirpá-lo do coração. Queria não sentir mais nada, nem uma gota de amor por Olívia.

Em vez disso, seu peito parecia um vulcão em erupção, cheio de sentimentos perigosamente transbordantes.

Ele sentia, e muito.

Mas estava decidido a não sentir mais. Já que se apaixonara tão facilmente, poderia, muito bem, desapaixonar-se com a mesma facilidade. Ele a amara sem perceber. Então, talvez, o amor desaparecesse imperceptivelmente também.

Era o que ele estava pensando enquanto os nós de seus dedos branqueavam-se por causa da força com que segurava o volante.

Obviamente, estava com raiva. Ódio e tristeza pareciam uma mistura heterogênea, mas, dentro dele, as duas sensações formavam uma dupla perfeita.

Outra decisão sabiamente tomada era a de não chorar. Jamais. Sua garganta doía, e ele piscava insistentemente, tentando se livrar da ardência nos olhos. Mas não ia chorar. Amaldiçoava, com todas as forças, a lágrima que tinha deixado cair na frente dela. Não ia derramar mais nenhuma e ponto final. Max pensou que, se chegasse ao ponto de chorar de verdade por uma mulher, estaria perdido.

Como que para zombarem dele, as inevitáveis lágrimas escolheram aquele momento exato para começarem a cair, uma atrás da outra; quentes, grossas e salgadas, elas rasgavam a pele de suas bochechas, e ele se odiava por não ser capaz de contê-las.

Então era isso. Estava perdido. E, de fato, sentia-se perdido, em todas as acepções da palavra.

Não sabia para onde ir, só não podia voltar para casa. Provavelmente, precisava ir para o escritório, mas Laerte já estava cuidando de suas audiências e acompanhando seus processos desde a semana anterior, e Max se limitou a, depois de se recompor, ligar avisando que só compareceria no dia seguinte.

Então, depois de suportar as costumeiras piadas do amigo ao telefone,

principalmente sobre a recém-conquistada pseudofama, ele desligou e pegou a estrada, decidido a dirigir até cansar.

Se o som do carro estivesse ligado, a música *Sad*, de *Maroon 5*, seria uma boa trilha sonora. Mas às avessas. Porque o homem da letra guiava o carro pela rodovia imerso em profunda tristeza, mas não tinha dado o suficiente à mulher de sua vida. Sequer tinha dito a ela as palavras que ela tanto precisava ouvir. Mas Max Vetter, ah, ele tinha dado até mais do que a mulher da vida dele esperava, e tinha dito tantas e tantas palavras que, ele achava, Olívia nunca tinha escutado de verdade.

Ficar ali, dirigindo, pensando, rememorando e remoendo coisas era demasiadamente torturante. Mas Max gostava de dirigir, e o tempo na estrada seria bom para ordenar os pensamentos e decidir o que fazer a partir dali. Definitivamente, algo precisava ser feito. Ele só não sabia o quê.

Se pudesse, ficaria dirigindo para sempre, e não voltaria nunca mais para casa.

Mas voltou. E ela ainda estava lá. E tudo o que ele quis quando a viu sozinha no sofá, com os joelhos abraçados e o queixo posicionado entre eles, foi correr e secar as lágrimas que, mesmo horas depois, ainda molhavam até o pescoço dela.

Mas, em vez disso, ele se refreou.

Olívia levantou a cabeça e fitou os olhos acinzentados que a encaravam como se ela fosse uma grande mancha escura, maculando o estofado macio e muito branco sobre o qual estava sentada.

Não que Max se importasse com a mobília. Mas aquele olhar gélido e sem vida a fez se sentir como se ela fosse uma grande poça indesejada alagando o sofá.

Max Vetter, além de orgulhoso, era um bom ator.

Ele engoliu em seco e perguntou, a voz grave e profunda transbordando escárnio:

— Você não mora ali ao lado?

— Max... — ela murmurou, a voz saindo como um sussurro.

Ele fitou os olhos avermelhados e o rosto borrado sulcado de lágrimas da mulher que amava, e seu peito deu um nó. Mas, antes de descer do carro, já sabia o que precisava fazer, e iria até o fim.

— Não quero ser rude, mas preciso lembrá-la de que você não mora aqui, senhorita Olívia. Vá para casa — falou, dirigindo-se às escadas.

— Eu... — ela disse, levantando-se e secando o rosto. Suas bochechas estavam ardidas, de tanto que as limpava nas últimas horas. — Preciso te pedir desculpas.

Na verdade, ela nem sabia por onde começar. Tinha ensaiado um texto enquanto esperava por ele, mas sua presença austera e seu olhar insensível

tinham, de algum modo, sugado todas as palavras, e ela se sentia ridiculamente pequena e impotente e amedrontada perto dele.

Tudo isso podia ser resumido a uma única palavra: remorso.

— Precisa? — Max se virou e arqueou uma sobrancelha irônica.

Olívia devia estar concentrada em organizar as palavras soltas para formular rapidamente um pedido concreto de desculpas, mas só conseguia admirar as belas feições sarcásticas do homem de pé a alguns metros de distância.

— Max... Eu sinto muito. Eu realmente achei que... — começou, torcendo a barra do vestido, decidindo, prudentemente, parar de fitá-lo.

— É claro que achou — ele a cortou. — Você não me conhece, Olívia. O problema — ele caminhou alguns passos na direção dela — é que nós não nos conhecemos.

Seu tom de voz calmo e sereno era uma verdadeira antítese à agitação encontrada em seus olhos. Ele a olhava com intensidade, as íris tempestivas e a expressão tão fria quanto pedras de granizo.

— Só o que fazemos é trepar e, honestamente, estou me perguntando há horas por que me deixei levar por essa porra de amor — ele disse, lamentando, embora não estivesse arrependido de nada que tinha feito em relação aos próprios sentimentos por ela.

A dor que afligia seu coração enquanto ele proferia aquelas palavras ratificava veementemente o que ele queria que não fosse verdade, mas que sabia que era com tanta certeza quanto sabia, de trás para frente, os artigos do Código Penal. Ele a amava. E não conseguia compreender a loucura daquilo.

Olívia deixou escapar um soluço e reprimiu o próximo som lacrimoso com a mão.

Max sentiu o corpo estremecer de vontade de ampará-la e niná-la e beijar seu rosto inteiro até que ela parasse de chorar. Mas estava magoado demais para sucumbir à imbecilidade de seus instintos.

— Eu não quis dizer aquelas coisas de verdade, Max — iniciou Olívia, soluçando. — Eu só estava com medo, e... E... Eu estava dramatizando as coisas, como sempre faço, porque sou muito... Estúpida! — ela levou as mãos às têmporas em um gesto desesperado. — Eu sei que consigo parir um bebê. Todo mundo consegue! Eu sei que cabe uma criança na minha... — Titubeou, engolindo o nódulo dolorido em sua garganta. — Enfim, eu só estava assustada. E... Não queria que você pensasse que era obrigado a cuidar de um filho que talvez você não quisesse.

— Um filho que talvez eu não quisesse? — ele repetiu com indignação.

— Desculpa! — Ela deu um passo na direção dele. — Eu... Pensei que... Diante de uma gravidez real, você fosse mudar de ideia. Mas agora eu... —

começou a se explicar.

— Quantas vezes conversamos sobre isso, Olívia? — ele a interrompeu. — Quantas vezes eu te disse que queria, porra? Também fiquei assustado pra caralho no início, mas então... Quando vi, estava pensando em como ele seria e em como seria bom segurá-lo e... — Ele parou de falar, soltou o ar e engoliu em seco repetidamente, esforçando-se para não chorar. — Eu te disse que amava nosso filho, real ou imaginário — Max voltou a falar quando sentiu que as lágrimas haviam recuado. — Eu disse que o amaria tanto quanto te amo. E, mesmo assim, você não acreditou. Olívia, eu tentei, de todas as formas que pude, te fazer entender que te amava. E que amaria nosso filho. Achei, de verdade, que você sabia disso. Eu te disse tantas vezes, porra! Imaginei o caralho da nossa vida inteira. Imaginei os filhos que poderíamos ter e, há tão pouco tempo, eu não queria nada disso. Nem viver com uma mulher, muito menos uma criança. Estava mais que satisfeito com a minha vida, com as mulheres que eu só comia e com a minha independência. Aí, me apaixonei por você e me dei conta do quanto estava enganado a respeito de felicidade. Eu estava feliz ao seu lado, e estava tudo perfeito até você me dizer aquele monte de merda e chegar a pensar que eu seria capaz de rejeitar nosso filho, quando eu te disse, inúmeras vezes, que cuidaríamos dele. Você não faz ideia do quanto isso me deixou puto, do quanto eu estou puto. Não sabe o tamanho da minha decepção.

Max queria acrescentar o quanto seu peito estava doendo, apesar de não saber definir o que estava sentindo. Era, com certeza, uma mistura das piores sensações do mundo. Mas um sentimento sobressaía: o de traição.

Ele se sentia traído. Seu peito doía como se uma adaga chinesa estivesse habilmente cravada no meio das costas, atravessando sua carne.

A dor era física; seu coração ardia como se gotículas de ácido estivessem constantemente caindo ao redor, como uma chuva ininterrupta, aumentando o diâmetro da ferida e tornando o sofrimento maior a cada segundo.

Mas jamais diria isso a ela. Isso o faria parecer fraco. Bastava dizer, portanto, que estava puto. Porque estava. E decepcionado. Porque estava.

Não queria continuar aquela conversa. Queria se calar, queria que ela fosse embora antes que ele confessasse aquelas coisas ridículas, como o medo de que ela o deixasse e como ele, egoística e levianamente, pensou que o bebê os manteria conectados para sempre.

Não, isso ele não diria. Nem fodendo. Havia um limite, e Max não estava disposto a cruzar aquele, que o faria parecer um garoto assustadiço e patético.

Olívia lamentava tanto não ter acreditado nele que só conseguia manifestar seu arrependimento por meio daquele choro convulsivo. Nunca tinha chorado tanto na vida. Sua garganta só podia estar literalmente dilacerada, do tanto que

doía.

Um homem consegue refrear seus instintos até certo ponto. Max Vetter havia chegado ao dele. Incapaz de se controlar, venceu a distância que os separava e a abraçou.

Olívia apertou seu tronco o máximo que pode. Não foi muito, levando-se em consideração que ela se sentia fisicamente fraca, porque já passava das quatro da tarde, ela tinha vomitado todo o café da manhã e, desde então, não tinha comido nada. Em vez disso, tinha vomitado mais um pouco algumas horas antes, em meio a lágrimas e soluços, quando os dois outros testes, que ela encontrou sobre a pia do banheiro de Max, deram negativo.

Seu estômago estava tão vazio que doía como se houvesse uma metralhadora esburacando suas entranhas.

— Eu sempre quis ser pai, Olívia — Max disse, com a boca no topo escuro da cabeça dela. — Só achava que não porque não tinha encontrado alguém com quem eu quisesse passar o resto da vida. Eu queria, com você. Honestamente, acho que eu nunca quis tanto uma coisa na vida quanto queria que a porra do teste desse positivo. — Ele riu com tristeza.

Se já não estivesse morrendo de chorar, ela teria desabado com essa.

— Teríamos durado a vida inteira, se dependesse de mim — ele falou, a voz arrastando-se pelas pregas vocais doloridas. — Mas uma andorinha não faz verão.

Ele tinha dito o que ela achava que tinha? Ele estava mesmo terminando tudo?

— Max... — Olívia balbuciou, afastando-se para olhá-lo.

Então, ela viu os lábios dele tremelizando e o cinza-azulado de seus olhos cintilando, e soube. Simplesmente soube que ele estava falando sério.

E não conseguiu acreditar. Ela sabia que tinha estragado tudo. Sabia que a culpa era toda dela. E se odiava tanto, tanto, que queria morrer. Não conseguia pedir desculpas devidamente porque, realmente, sua atitude infantil e exagerada era indesculpável, assim como era imperdoável a sua desconfiança.

Ele dissera tantas vezes que queria o bebê... Por que ela não acreditou nele? Por que se deixou levar pela ideia que tinha do Max que ela ouviu transando com a tal estagiária pouco depois de conhecê-lo? Por que escolheu acreditar no Max que vira dentro da piscina com aquelas três mulheres? Por que não acreditou no Max que passou a conhecer, no que se declarou debaixo de chuva, no que a pediu em namoro na frente dos amigos, no que levou tridentadas por ela? Por que foi tão estúpida? Por quê?

Ela sempre disse a si mesma que jamais choraria por homem nenhum, mas sentia que nunca seria capaz de parar de chorar por Max Vetter. Entraria em coma antes disso.

— Preciso ficar sozinho — ele falou, a voz arranhando a garganta em carne viva. — Por favor, Olívia, eu quero ficar sozinho — acrescentou.

— Eu te amo — ela disse, com um sopro de voz, as lágrimas escorrendo rapidamente por suas bochechas e se espatifando no chão como gotas de cristal.

— Eu também te amo. — Ele segurou o rosto dela com as duas mãos. — Mas não começamos do jeito certo, minha linda — disse, fitando seus olhos esverdeados enquanto passava os polegares abaixo de seus cílios inferiores.

O vocativo tinha escapado com tanta naturalidade que ele nem percebera.

— Então podemos começar de novo — ela sugeriu, enchendo-se de esperança, tentando controlar os soluços. — Eu te amo, Max. Por favor, podemos começar de novo?

— Podemos — ele afirmou, engolindo o caroço. — Mas não hoje, não agora.

Estava exausto, magoado, triste, ferido e, definitivamente, precisava mesmo ficar sozinho.

— Então amanhã? — ela perguntou, esperançosa.

Ele se limitou a menear negativa e tristemente a cabeça. E, então, ela compreendeu. Piscou duas vezes, e duas novas lágrimas cristalinas brotaram e percorreram sua pele ensopada.

Olívia ficou nas pontas dos pés e o beijou na bochecha, acariciando o rosto de Max com uma mão.

— Eu sinto tanto... — sussurrou no ouvido dele e o abraçou com força.

Ele a abraçou de volta e deslizou os dedos por seu cabelo peto-azulado, inspirando o perfume de seu pescoço, ciente de que sentiria muita falta daquele cheiro suavemente floral.

Então, subiu uma mão até o próprio rosto, para limpar uma lágrima que, inconvenientemente, caíra.

Seria tão mais fácil sucumbir, beijá-la e dizer que estava tudo bem... Mas, aí, eles cometeriam os mesmo erros, ele sabia. E precisavam recomeçar de um jeito diferente dessa vez.

— Eu... Vou estar te esperando, aqui do lado — ela disse, afastando-se para mirá-lo nos olhos.

Ele assentiu. E lutou contra cada célula de seu corpo para não chamá-la de volta enquanto a observava partir.

Quando ela se foi e ele ficou sozinho, Max se sentou em um dos primeiros degraus da escada, apoiou os cotovelos nas coxas, entrecruzou as mãos na nuca e, com a cabeça abaixada, inspirou e expirou várias vezes, soltando todo ar que estava deixando seus pulmões pesados, como se estivessem cheios de miniesferas de chumbo.

E, então, os dias seguintes escoaram como areia em uma ampulheta.

Nos dois primeiros, os telefones de Max e Olívia não pararam de tocar, pessoas apresentando convites e propostas. Ambos recusaram tudo. E, a cada novo toque no celular, agarravam o telefone na esperança de ouvir a voz um do outro, mesmo estando perfeitamente cientes de que seria só mais alguma pessoa inconveniente convidando *Olimax* para algum evento igualmente inoportuno.

Olívia havia recebido propostas de duas gravadoras, mas nem isso a deixou feliz. Recusou sem pensar duas vezes, o que, considerando que era seu grande sonho e que significaria ganhos financeiros futuros, foi um ato de loucura. Mas ela tinha desistido daquilo, ser cantora. Pensara a respeito e chegara à conclusão de que era um sonho que não estava mais disposta a perseguir, nem pelos massagistas bombados (quem precisava deles tendo um Max Vetter?). Os fãs histéricos ela também dispensava, definitivamente. Já experimentara um pouco de fama, e não queria nem saber como seria ser famosa de verdade. Agora, queria uma vida tranquila, na Rua das Cerejeiras, em sua casinha fofa e cor-de-rosa. Ou, talvez, na casa ao lado. Nada de cobertura triplex na Zona Sul.

Em tão pouco tempo, ela tinha mudado tanto... Não sonhava mais com os palcos, só queria cantar uma música ou outra com Max de vez em quando. Não almejava a agitação da vida de uma celebridade. Só queria uma vida normal. Não sentia vontade de sair por aí, viajando o país inteiro para divulgar seu trabalho, nem queria precisar suportar a dor de cabeça de shows e bastidores de programas de tevê. Nada daquilo. Já provara um pouco e, graças a Deus, tinha adquirido experiência suficiente para não cometer o erro de se jogar naquele mundo. Sua felicidade estava ali ao lado, e ela não queria nada além de uma vida simples e feliz com Max. Tinha duas entrevistas marcadas para a próxima semana e, com sorte, logo teria um emprego de novo. Então, naquele momento, ela só precisava se concentrar em ter Max de volta, nada mais. Se não em carne e músculos, ao menos por telefone. Queria ouvir aquele toque hilário, o que ele tinha escolhido para o próprio número, no dia em que lhe dera o iPhone de presente.

Olívia não gostava de funk. Nem Max. Mas Piolho, um cara declaradamente eclético, gostava. E vivia cantarolando “Tu Me Ama Porque Tu Me Mama”, de Mc G7 e Mr. Catra. Foi como Max conheceu a música e, enquanto pensava em qual atribuir como toque, ele se lembrou daquela, e achou que a escolha faria Olívia rir. E fez, quando ele ligou, só para deixá-la constrangida, durante a viagem, no *hall* do hotel. Na verdade, ela teve uma crise de riso tão intensa que achou, sinceramente, que precisaria ir para o hospital, de tanta dor na barriga.

O celular estava dentro da mala, o volume estava no máximo, e as recepcionistas e os vários hóspedes que passavam no momento arregalaram os olhos e abafaram risadinhas enquanto Olívia tentava, no meio da crise de riso,

resgatar o celular funkeiro.

A banda de Max também havia sido contatada. Ele gostava de tocar, era um bom *hobby*. Mas, quando aceitou ser vocalista da *Mpire*, foi pelo divertimento noturno, mais pelas mulheres que por qualquer outra coisa. Não que ele precisasse de um chamariz do tipo para atraí-las. Seu rosto diabolicamente bonito e o corpo divinamente esculpido já faziam um bom trabalho. Além, é claro, do rumor (verdadeiro) acerca do que ele tinha dentro das calças.

Max ficou feliz quando, a despeito de ele ter declarado que não queria profissionalizar a coisa, o produtor disse que ainda estava interessado, que tinha visto os vídeos da banda no canal e que o cabeludo também mandava bem nos vocais. Piolho ficou se achando quando se tornou o novo vocalista da *Mpire*, e estava tirando onda na academia e em todo lugar que frequentava, menos na escola, porque lá o "modo Lucas" reinava.

Olívia não saiu de casa por cinco dias. Queria, desesperadamente, ver, tocar, ouvir a voz de Max. Mas tinha consciência do tamanho da merda que fizera e, se ele precisava de um tempo, ela esperaria até que ele estivesse pronto, nem que isso a devorasse inteiramente, como, de fato, estava acontecendo.

Mas, já que podia tentar trapacear um pouquinho, trapacearia. Ela passava o dia inteiro sentada no sofá da varanda, torcendo para que Max saísse na área da piscina. Virara a noite duas vezes seguidas na poltrona, na esperança de que ele saísse para um mergulho noturno, mas nada de ele aparecer. Na terceira noite, ela adormeceu sem querer, e se amaldiçoou quando sentiu os primeiros raios de sol tocando seu rosto na manhã seguinte. Na quarta, conseguiu, com muito custo, passar a madrugada inteira acordada, mas, de novo, foi em vão.

Ficava lá, o dia todo, aspirando o perfume da regata de Max e relendo mil vezes os bilhetes que ele havia escrito com aquela letra tão linda. À noite, embrulhava-se com o "edredom gozado", o que ele mandara lavar. E chorava e chorava sem parar, de arrependimento e de saudade. *Aquilo* era uma fossa. Ela tinha decorado cada linha dos dois bilhetes, e podia recitá-los de trás para frente. E tinha sorvido tanto a regata, que o cheiro acabou se tornando uma mera lembrança. A fragrância esmaecida não bastava. Ela queria aspirar direto da fonte. Queria sentir o perfume de seu pescoço e sorver o aroma de sua pele quente e firme.

O *ukulele* que ele lhe dera de presente descansava sobre sua cama arrumada e abandonada, e ela sentiu vontade de tocá-lo várias vezes.

Desde que aprendera a tocar, sempre que estava triste, sentia-se mais propensa a extrair os sons das cordas e a acompanhar a melodia com a letra. Mas decidiu, apesar de só ter se sentido tão triste quando os pais morreram, que era melhor não tocar nem cantar coisa alguma. Não estava nem um pouco inclinada a

abandonar a posição e, se Max estivesse em casa, ele certamente ouviria, e ela não queria que ele pensasse que ela estava violando o acordo velado que eles tinham, embora sua presença ostensiva na sacada fosse uma trapaça descarada.

Lamentavelmente, ele tinha decidido se recolher e se enclausurar, mantendo-se afastado dela. E sua não aparição na área da piscina era um indício claro de que ainda queria ficar sozinho.

Ao fazer da varanda uma espécie de posto policial ou guarita, Olívia estava, nitidamente, tentando trapacear, mas, até para isso, havia um limite. Ela não desrespeitaria o desejo de Max de se distanciar perturbando-o com sua voz, apesar de achar que, se ele precisasse de muitos dias mais, ela enlouqueceria.

Isso era bem possível, porque ela tinha se tornado praticamente um vegetal e, levando-se em consideração o fato de que em certos períodos do dia recebia luz solar intensa no rosto, podia muito bem estar fazendo fotossíntese sem saber. Mal comia e só se levantava dali, e muito rapidamente, para ir ao banheiro ou tomar banho. Deixava uma garrafinha de água lá perto, para reduzir as descidas à cozinha.

Durante aqueles dias, Olívia tivera muito tempo para pensar em tudo o que tinha vivido nas últimas semanas. Tanto ela quanto Max haviam mudado muito, mas ele tinha se flexibilizado para coisas que considerava imutáveis e havia posto várias de suas irredutibilidades de lado. Tinha sofrido uma mudança apoteótica e, em vez de apreciar tudo aquilo, ela tinha feito uma merda colossal. Merecia cada partícula de sofrimento, e sabia disso.

Olívia não o via mais como um enviado das trevas. Com toda certeza, sua beleza seria eternamente diabólica, mas ele era seu salvador. Em todos os aspectos, Max a salvara. Começou a salvá-la com aquele primeiro telefonema e, desde então, continuava, magistralmente, cumprindo seu papel. Ela se sentia resgatada mesmo ali, sem ele. Porque ele ia voltar, e a salvaria do inferno outra vez.

O que aconteceu foi o seguinte: um salvador bonito feito um deus e libertino como o diabo tinha caído do céu. O devasso morava ao lado e tinha se apaixonado por ela. E ela, por ele. Ironicamente, agora Olívia o via mais como um anjo que como um demônio. Um anjo devasso, claro. E ela tinha tido aquela devassidão toda só para si e desperdiçara o presente dos céus, estragara tudo.

Max estava certo em querer se afastar, mas ela jurou para si mesma que, quando ele voltasse, ela faria de tudo para merecê-lo. E não duvidaria, nunca mais, de nada que ele dissesse. Confiaria nele, acima de tudo e de todos. Precisava dele, precisava tanto que doía. Queria e ansiava tanto por seu retorno que pensava nele e em nada mais o dia inteiro, ali, sentada na poltrona, enquanto seus olhos pareciam mirar as tranquilas ondulações azuis da água da piscina e

todo aquele gramado impossivelmente verde.

Às vezes, quando cochilava, sonhava que abria os olhos e ele estava lá, de pé, bem atrás dela, inclinando-se para beijar seu pescoço, para dizer em seu ouvido que estava de volta. E, então, quando acordava e virava a cabeça à procura, caía no choro.

Os dias arrastavam-se. Amanhecia e escurecia, e ela continuava lá. Até quando Suze aparecia, Olívia insistia para que elas ficassem na varanda, porque ele podia aparecer e, se ela não estivesse lá para ver...

Ela simplesmente precisava estar.

Suze, que estava de férias, a visitava diariamente. As duas conversaram tanto que, ao final daqueles dias, pareciam irmãs. Tito também apareceu algumas vezes, mas estava ocupado demais com seus próprios problemas para manter presença constante.

Susanne, por outro lado, praticamente dividia seus dias entre Max e Olívia, tentando, de todas as formas, reaproximá-los.

Mas ele fazia questão de passar o máximo de tempo possível no escritório, porque, como disse à irmã quando aquelas visitas começaram a dar no saco, "ela era uma chata da porra".

Suze nunca o tinha visto tão triste e puto ao mesmo tempo, e tinha certeza de que o mau humor acentuado estava diretamente ligado à falta de sexo. E ela dissera isso, na cara dele, no quinto dia:

— Você tá precisando transar.

Plínio, que, naquela ocasião, estava presente, e por um motivo bastante específico, acrescentou:

— Sem camisinha. Na chuva.

— Daquele jeito gostoso — Suze lembrou, rindo.

O casal esperava que Max soltasse um típico "vão se foder". Mas, em vez disso, ele corroborou:

— Tô mesmo. Pra caralho.

— Engraçado... Olívia disse a mesma coisa ontem à noite — Susanne falou, como quem não queria nada.

Obviamente, Olívia também estava sofrendo com a falta de sexo, mas não dissera nada disso a Suze. Estava tão desolada que se contentaria em dar ou receber um beijo no rosto de Max, e nada mais. Na verdade, ela seria capaz até de implorar por um mísero beijo na bochecha, de tanta saudade que sentia. Faria qualquer coisa para sentir o cheiro dele, vindo diretamente de sua pele, mesmo que não pudesse tocá-lo.

— Ainda estou puto com ela, Susanne — ele respondeu, de pé, fitando a irmã sentada ao lado do marido.

E estava mesmo. Quase na mesma medida de sua saudade dolorida.

Suze compreendia. Mas sabia que ambos estavam sofrendo com aquela separação. Via a mesma tristeza nos olhos dos dois, a mesma ausência de risada ou até de algum vestígio de sorriso quando ela dizia algo que, a seu ver, era muito engraçado.

— Olívia está tão magra... Quase não come — ela comentou, tirando uma lixa da bolsa e começando a aparar as unhas já bem cuidadas e perfeitamente quadradas.

— Ela está bem? — Max perguntou, preocupado.

— Claro que não, Max. Está péssima, parecendo um zumbi. Passa o dia inteiro naquela sacada.

Max estava ciente disso. Ele também a observava, de um local que ele sabia que os ângulos da varanda não permitiam que ela o visse. Sempre que estava em casa, conseguia vê-la sem que ela notasse. Na noite em que ela dormiu, ele saiu do ponto cego pelo qual costumava observá-la e se deitou em uma das espreguiçadeiras. E velou seu sono à distância até a chegada da aurora, estudando de longe as feições adormecidas que a claridade da lua o permitia ver. Contudo, na última madrugada em que ela resistiu heroicamente, ele adormeceu no sereno, vencido pelo cansaço.

— Estou seriamente preocupada com a saúde dela. Inclusive mental — Susanne falou, com sinceridade.

Ainda que não pudesse observá-la o tempo inteiro, porque estava no escritório durante o dia, trabalhando dobrado para recompensar Laerte pelo favor, Max também estava preocupado com a saúde de Olívia, embora devesse se importar com a dele próprio, já que também estava se alimentando e dormindo escassamente.

— Mas ela ficaria boa rapidinho — Susanne continuou —, se você fosse vê-la. — Ela abriu um sorriso esperançoso.

Ele queria. Queria tanto que não havia uma palavra para definir o tamanho de seu desejo. Advérbio de intensidade nenhum bastaria. Mas estava na hora? Ele ainda não sabia, exatamente, como poderiam recomeçar.

De acordo Suze, os dois só precisavam conversar; dizer um ao outro o que sentiam, confessar todos os medos tolos e inseguranças bobas. Segundo ela, só assim o ciúme doentio e a possessividade descontrolada amainariam. Mas seria tão fácil assim? Seria possível resolver tudo com uma simples conversa? E, se fosse, eles estavam preparados para tê-la?

— Ela te pediu para dizer isso? — Ele quis saber.

— Claro que não. — Susanne revirou os olhos. — Ela pergunta de você todos os dias, incansavelmente, assim como você faz. E eu já disse aos dois que eu não

sou uma coruja! — Ela imitou Hermione Granger, porque, obviamente, tinha lido Harry Potter para Sofia.

Suze gostara tanto do mundo mágico de *Hogwarts* que tinha relido outras mil vezes e comprado objetos temáticos — varinhas incluídas — e várias edições dos livros. E, aos trinta anos, virou uma *potterhead*. Assumidíssima. E do tipo que gostava de converter os que não eram, aos quais ela, oportuna e *malfoycamente*, chamava de "trouxas". De sua família, o único que havia sucumbido à pressão fora Tito. Max e Plínio eram do tipo que defendiam Tolkien até a morte e achavam que os fãs de “O Senhor dos Anéis” não se misturavam com aquela gentinha, o que deixava Susanne puta, e a fazia detestar, ainda mais, o tal do Frodo e, segundo ela, "aquele anel de merda e aquele monstro horroroso". Quem, em sã consciência, iria preferir Sméagol a Dobby?

A verdade era que a teimosia não a tinha deixado ler a saga favorita do marido e do irmão, e o orgulho não tinha permitido a nenhum dos dois se renderem à história do bruxinho mais famoso do mundo.

Em uma coisa, contudo, os três concordavam: R.R. Martin era muito bom. Só não tão bom, obviamente, quanto J.K. Rowling, na opinião de Suze, e J.R.R. Tolkien, na visão de Max e Plínio.

Tito gostava de tudo, sem preconceitos ou rixas. E Olívia, Suze descobrira naquela semana, também.

— Ela disse que vai esperar o tempo que for — Susanne continuou intermediando, apesar de, é claro, não ser uma coruja. — E me pediu para não falarmos mais disso. Quero dizer, do desentendimento de vocês dois.

— E sobre o que vocês tanto falam? — Plínio questionou. — Porque você está quase se mudando pra lá e me deixando sozinho com a nossa filha — reclamou.

Plínio também era um bocado dramático. Suze passava apenas uma ou duas horas diárias, no máximo, na casa rosa. E outro par de horas na casa de Max. A família Vetter-Theloni era composta de putinhas dramáticas. Talvez por isso eles se dessem tão bem. Todos se entendiam e se comunicavam perfeitamente naquele *dramatiquês*. E Olívia, como aspirante a membro daquele Palácio de Reis e Rainhas do Drama, não podia ser nem um milímetro menos dramática, é evidente.

— Coisas de garotas! — respondeu Susanne, com um sorriso propositalmente misterioso.

Um tópico que Olívia gostou muito de ouvir Suze falar foi Arquitetura. A irmã de Max havia levado umas revistas lindas cheias de figuras de casas, edifícios e espaços públicos maravilhosos. E também mostrou várias fotos de seu trabalho incrível pelo celular. Olívia ficou fascinada, principalmente com a parte de

paisagismo e decoração. Era tudo tão bonito que ela ficou impressionada, pensando em como Susanne conseguia deixar tudo tão lindamente detalhado.

Suze, que adorava o que fazia, passou um bom tempo explicando várias coisas e contando casos da época em que era universitária; histórias bastante engraçadas, uma pena que Olívia não conseguia rir de nada. Mas gostou muito daquilo tudo, e pensou se seria difícil construir as maquetes seguindo a escala direitinho, como Susanne falou que precisava fazer nos tempos de faculdade.

Olívia era boa em coisas manuais. Definitivamente, tinha boas habilidades nesse departamento. Se conseguia fazer um delineado-gatinho tão perfeito, seria capaz de construir um minissofá de papelão, com certeza.

As duas também falaram de moda e tendências, decoração, economia doméstica, maternidade (assunto que Suze começou a abordar com sutileza, mas logo estava entrando em detalhes e falando até de sua experiência seis anos atrás, como mãe de primeira viagem), culinária, saúde e bem-estar e, claro, sobre Max. Principalmente sobre o levado e muito loiro Max-mirim.

Dessas histórias, completamente hilárias e absurdas, Olívia conseguia rir. E suspirava sem parar, imaginando-o bem pequeno, como na fotografia que vira em sua casa, aquela em que ele colocava chifrinhos em Tito.

Ela comentou sobre a foto com Suze, certo dia. E, então, no dia seguinte, Susanne levou uma caixa cheia de álbuns de fotografia. E Olívia o viu como um bebezinho. E o viu crescendo a cada página, sempre tão lindo, tão incrivelmente lindo, que nem parecia real. E imaginou como seria segurar um bebezinho daquele. E esse foi o único dia razoavelmente bom dentre aqueles dias tão cinzentos e enevoados quanto um dia de inverno rigoroso no hemisfério norte.

— Deixa de ser ciumentinho, meu amor... — Suze largou a lixa em cima da bancada da cozinha e entrelaçou os braços no pescoço do marido dramático, colando os lábios nos dele.

Plínio afundou a mão na nuca delicada de Susanne, beijando-a com vontade, seus dedos entre os fios loiros e sedosos que desciam em ondas sobre os ombros dela.

O dono da casa observou aquilo, puto da vida.

— Tem quartos lá em cima — rosnou, quando o cunhado migrou os lábios para o pescoço de Suze, apalpando um de seus peitos com uma mão inteira.

Então, Max se virou e encheu uma xícara de café.

— Desculpa, cara. Esqueci que você tá na seca — Plínio zombou, afastando-se da esposa, que passou o polegar em seu lábio inferior, livrando-o da marca de batom cor-de-rosa. — Quer subir, pra gente dar mais umazinha hoje, amor? — convidou. — Você não se importa, né, puto? — provocou.

Max mostrou o dedo médio direito enquanto levava a xícara aos lábios com a

mão esquerda.

Plínio caiu na risada.

— Deixa de besteira e vá vê-la, seu idiota — aconselhou a irmã mais velha.
— Já se passou tempo demais, Max. Olívia está verdadeiramente arrependida. Tenho certeza de que já aprendeu a lição.

— Não estou tentando ensiná-la nenhuma lição — Defendeu-se. — E não tenho a intenção de vê-la tão cedo. — Ele deu de ombros, como se não precisasse se controlar para um senhor caralho, o tempo inteiro, para não correr até a casa rosa e esmurrar aquela porta branca.

Na verdade, ele poderia muito bem usar a chave que tinha. E havia sonhado com isso naquela noite.

No sonho, ele entrava na casa de madrugada, a erguia da poltrona e a levava no colo até a cama e, então, ele beijava cada centímetro de pele macia, e eles transavam até desmaiarem de exaustão.

O sonho tinha sido tão nítido e tão rico em detalhes que ele acordara naquela manhã, pouco antes de Plínio e Suze chegarem, com uma senhora ereção.

Pensou em bater uma punheta e acabar logo com aquilo, mas não ia adiantar porra nenhuma. Ele sabia, por experiência própria, que só ficaria com mais tesão. Assim, em vez disso, tentou, desesperadamente, pensar em alguma coisa, qualquer coisa, que não envolvesse seu pau atolado na boceta de Olívia. Mas, daquela vez, nem as qualificadoras do homicídio ajudaram. Minutos após a tentativa, ele ainda estava duro.

Depois de mais de meia hora tentando ignorar o volume debaixo dos lençóis, nada de a pica abaixar, porque, obviamente, ele não conseguia parar de rememorar cada cena do sonho. E, quanto mais ele tentava parar e ficar a meio-mastro, mais impossivelmente ereto o pau ficava.

Situações urgentes clamavam por medidas drásticas. Max fechou os olhos e pensou em Piolho. Funcionava sempre em um milésimo de segundo e, daquela vez, funcionou em um nanossegundo, porque ele visualizou o amigo naquela fantasia escrota de capeta. O problema, e por isso ele só tentava aquilo em última instância, quando as bolas começavam a matá-lo, era que a experiência era traumática demais. Com aquele traje bizarro incluído, então... Mas era tiro e, literalmente, queda.

— Você não está com saudade? — Suze perguntou ao irmão, embora, é claro, soubesse a resposta.

Ele respondeu com outra golada de café, e ela deu um sorrisinho.

— Estou dizendo, Max... Olívia já perdeu uns quatro quilos — ela comunicou, tentando apressar as coisas.

Ele sabia. Mesmo à distância, quando a observava sentada na poltrona,

conseguia notar o quanto ela havia emagrecido.

— Quanto mais você demorar, menos carne terá para apertar na hora do tão aguardado sexo de reconciliação — alertou Susanne.

Max não estava preocupado com as carnes de Olívia. Sua saúde, contudo, era outra história.

— Confessa, Max, vocês só estão prolongando essa briga idiota para incendiarem a cidade inteira quando, finalmente, decidirem fazer as pazes, não é? O que as pessoas não fazem por um *make-up sex*... — Ela deu uma risada.

— Não precisamos de sexo de reconciliação para incendiarmos a cidade, eu garanto, Susanne. — Ele disse e deu uma piscada.

Ela fez uma careta, e foi a vez de Plínio rir.

Se Max dissesse que não estava pensando no tal do sexo de reconciliação, dia e noite, estaria mentindo descaradamente. Até dormindo ele pensava em maneiras diferentes de fodê-la quando tudo se resolvesse, e tinha ciência de que precisaria refrear o tesão, porque ainda não tinha ideia de como recomençar, mas, definitivamente, não podia ser com sexo. Não de novo.

Mas Max sabia que estava se enganando. Sabia que, quanto mais demorasse para procurá-la, mais difícil seria controlar o impulso quando a visse. E estava ciente de que, querendo ou não, a veria naquela noite. Não tinha escolha.

Talvez por isso estivesse tão apreensivo, embora dissesse a si mesmo que estava ansioso por Sofia, o que, é claro, não correspondia à verdade. Prova disso era a corrente elétrica que perpassava suas veias e se concentrava em sua virilha toda vez que ele contava as horas para o momento, ou seja, o tempo todo, desde que pusera os pés para fora da cama. Faltavam doze.

— Bem, tentem incendiar apenas este lado da cidade hoje à noite, por favor. Quero estar vivinha da Silva amanhã para ver a carinha apaixonada de vocês e para esfregar nas suas respectivas fuças que o mundo inteiro sabia que, depois de passarem algumas horas bem juntinhos na plateia, vocês não iam resistir! Está lembrado de que os dois prometeram a Sofia que iam se sentar lado a lado na apresentação, né? — Ela ergueu uma sobrancelha benfeita. — Porque minha filha não sabe dessa separação imbecil, e está superanimada com a maquiagem de *glitter*, que vocês precisam ver de perto! — Suze deu uma risadinha. — Queria fazer eu mesma, mas a professora...

— Vou me sentar onde eu quiser — Max a cortou.

— Você vai se sentar onde a minha filha quer que você se sente, Max — Plínio afirmou categoricamente. — Porque, se ela não o vir na primeira fila, ao lado de Olívia, vai ficar desapontada. E, se ela ficar desapontada por sua causa...

— Ela pode fazer alguma coisa errada durante a apresentação. E cair. E se machucar — Susanne interrompeu o marido para acrescentar um pouco mais de

drama.

Plínio teria completado com um simples "vou precisar te matar" ou com um mais ameaçador "vou cortar suas bolas".

Max se limitou a beber um pouco mais de café enquanto pensava naquilo. Nele, sentado ao lado dela, depois de cinco dias. Aspirando aquele perfume, sentindo sua presença delicada vindo da poltrona ao lado...

Porra, só de pensar no queria fazer com ela, já sentia o volume crescente no meio das pernas e aquela necessidade selvagem e quase indominável de...

— E, se a minha filha se machucar... — Plínio continuou, mas Max não estava ouvindo.

— Você vai morrer de remorso — Susanne finalizou.

Plínio teria completado com um "vou precisar te matar, e não vou ser rápido" ou com um mais ameaçador "vou cortar suas bolas, e dá-las de almoço para Rodolfo".

— Max? — Suze chamou, quando percebeu que ele estava em outra dimensão.

O que ela não sabia era o quanto aquela dimensão alternativa era mais interessante. Nela, ele estava arrancando as roupas de Olívia em um dos camarins da escola de balé. Porque, é claro, escolas de balé tinham camarins e, obviamente, eles encontrariam um vazio no meio da apresentação. E, com certeza, não corriam risco algum de serem flagrados por um bando de criancinhas irrequietas e confusas, caminhando para lá e para cá com a barriga doendo de ansiedade e colocando suas carinhas fulgurantes de purpurina em todas as portas. É óbvio que não corriam esse risco. Assim como era certo que um unicórnio de biquíni dançaria a Macarena com uma sereia de saia para entreter a plateia naquela noite.

O fato era que, naquela dimensão perfeita, riscos inexistiam. E Max já estava metendo sem dó e sem camisinha, e os gemidos de Olívia ecoavam pelo camarim providencialmente vazio e... Caralho, ele precisava, definitivamente, se controlar. Estava com outra daquelas ereções que pareciam perpétuas bem ali, enquanto a irmã o chamava.

Ele se virou e encheu a xícara de café pausadamente, recorrendo, de novo, à visão broxante do amigo travestido de capeta para resolver a emergência. O segundo trauma do dia. Se precisasse enfrentar um terceiro, talvez não tivesse um pau para, quem sabe, usar à noite. Porque, se continuasse projetando Piolho-capetão mentalmente enquanto estava duro, logo seu pau seria nada além de um monte, bastante alto, é claro, de cinzas.

— Você precisa fazê-la comer, Susanne — ele falou, mudando de assunto, observando o líquido escaldante atingir o fundo da xícara e subir até a borda. —

E dormir. Ela não está dormindo. — Então se virou quando a situação já estava controlada, levando a bebida aos lábios.

Susanne fitou os olhos de Max e observou, como vinha observando nos últimos dias, as olheiras ao redor dos olhos do irmão. E, finalmente, entendeu tudo. Inclusive o consumo exagerado de cafeína. E se sentiu muito idiota por não ter sacado antes.

Max não percebeu o lapso. Estava muito concentrado em disfarçar o recente momento embaraçoso e, evidentemente, em se recuperar do segundo momento traumático do dia.

Suze abriu um sorriso imenso e, trocando um olhar significativo com o homem charmoso sentado ao seu lado, decidiu que estava na hora de colocar o plano em ação, porque, sem dúvidas, ela já tinha um plano arquitetado. Um plano brilhante. E Plínio era seu cúmplice.

Susanne queria muito que o casamento saísse até o final do ano porque, meu Deus, não seria lindo um casamento em dezembro?

Por isso, deu outra olhadela discreta para o marido e soltou um suspiro. Era o sinal.

— Cara, vou entrar de férias nesta sexta. Suze e eu estávamos pensando em passarmos, todos nós, uma temporada na casa de praia — Plínio começou.

— Vão vocês. Obviamente, não estou animado para esse tipo de coisa — Max falou, bebericando mais um pouco de seu café matinal.

Eram sete da manhã, e Plínio precisava estar no hospital em meia hora. Aquele era o único horário que tinha disponível para tentar, juntamente com a esposa, convencê-lo.

— Ah, Max, seria como nos velhos tempos. Eu, você, Plínio e Tito — Suze reforçou a ideia.

— Susanne, eu não posso ir. Não sei se você sabe, mas sou advogado. Advogados não têm férias.

Isso não era, exatamente, verdade. Naquele momento específico, se ele quisesse mesmo ir, poderia.

— Max, eu não sou idiota. Sei muito bem que, a partir deste sábado, você terá uma semana livre, por causa do tal recesso forense. Sou uma pessoa muito bem informada.

Ele tinha se esquecido de que estava falando com Susanne Vetter, uma pessoa que tinha mais habilidades investigativas que um investigador particular. Se a tivesse contratado para encontrar Olívia, certamente a teria encontrado mais rápido.

Plínio não pensava em trair a esposa nem em sonho, mas, se o fizesse, certamente seria descoberto, em tempo recorde, na primeira pulada de cerca.

Não só pela astúcia de Susanne, mas, também, é claro, porque os homens, todo mundo sabe, são péssimos na tarefa de mascarar traições.

— Sim, uma semana livre para colocar meus estudos em dia, e não para tomar banho de sol. Isso eu poderia fazer aqui na minha própria casa — ele disse, terminando de ingerir todo o café que estava na xícara. Então, se virou e a encheu até o topo outra vez.

— Até parece que você vai conseguir estudar alguma coisa com o pensamento na casa ao lado! — Plínio zombou. — Não quero nem imaginar o tanto de merda que você fez no escritório e no Fórum esses dias, seu puto. O Judiciário deve estar de pernas pro ar por sua causa. Deve ser por isso o tal recesso forense, para colocar toda a sua merda em ordem. — Ele riu, embora estivesse perfeitamente ciente da competência profissional do cunhado-irmão.

Talvez, se fosse um advogado incompetente ou menos experiente, Max tivesse pagado um mico ou dois em uma audiência ou outra por causa da distração ou da estafa aguda. A tristeza, a saudade, a preocupação com Olívia e as noites sem dormir o estavam presenteando com dores de cabeça constantes, remediadas com variados comprimidos. O sono vinha sendo combatido com altas doses de cafeína e, se estivesse frequentando a academia, provavelmente estaria se sentindo mais bem disposto, mas não estava. Nem Olívia.

— Na verdade, o Judiciário vai muito bem, obrigado — Max respondeu, sem se gabar muito de suas aptidões jurídicas, coisa absolutamente incomum.

— Cara, você está com uma cara péssima. Sério mesmo — Plínio continuou cutucando.

— Posso estar com a pior cara do mundo. Ainda estarei com a aparência melhor que a sua e a de Tito juntos. — Finalmente, ele havia soado um pouco mais como ele mesmo.

— Claro, lindo. O galã da família é você, meu gostoso — Plínio respondeu com a voz afeminada que sempre fazia Suze rir.

— O que tem eu? — Como se pressentisse que estava sendo mencionado, Tito entrou na cozinha esfregando os olhos e tentando reprimir um bocejo.

— Nada importante, Tito — Susanne sintetizou. — O que importa é que Plínio e eu estamos tentando convencer o idiota do meu irmão a passarmos uns dias na praia.

Tito, que tinha uma bomba no colo, também não estava no clima para uma temporada fora da cidade.

— Que cara feia é essa, Tito? — Plínio perguntou, mirando as olheiras do irmão.

— É a de sempre — Max falou, bebericando seu café.

Plínio estreitou os olhos em direção a Tito. Conhecia muito bem aquela

expressão. Não eram só as olheiras, era aquela cara de quem tinha feito uma merda épica e sabia que não tinha conserto.

— O que foi que você aprontou? — perguntou, já preocupado.

O irmão mais velho tinha passado a adolescência inteira fazendo essa mesma pergunta ao caçula diante daquela mesma expressão assustada.

Não que Tito fosse um Dênis na infância. Mas Max era e, como os dois viviam grudados, o mais novo estava sempre metido em encrencas.

— Tá maluco, porra? — Ele deu uma risada. — Tá tudo de boa.

Mas Thomas Theloni não era tão bom ator quanto Max Vetter.

Naquele momento, ele tinha três pares de olhos estreitados em sua direção.

Então, fez o que podia fazer. Fingiu que não sabia que estava sendo criteriosamente analisado, porque, de jeito nenhum, ia contar o que estava acontecendo. Ainda não.

— E aí, puto, o que tem de café da manhã? — perguntou, tentando, arduamente, melhorar a expressão.

— Por que você também está com olheiras? — Susanne investigou enquanto o cunhado enchia uma xícara de café ao lado de Max.

— Porque, evidentemente, eu não dormi, Suze — ele respondeu com uma rudeza que não era de seu feitio, o que só aumentou a preocupação de Plínio.

Então, se sentou ao lado da cunhada.

— Isso eu sei, bocó. — Ela deu um tapa na cabeça dele. — Por que não?

— Ai, porra. *Tava* estudando — mentiu. — Ah, esqueci de comentar isso, puto, mas o resultado do exame de Liv pode muito bem ser um falso negativo. — Ele mudou, propositadamente, o rumo da conversa, embora, em tese, o assunto fosse o mesmo. Mas só ele sabia disso. — A menstruação dela já desceu?

Max sentiu um golpe frio no estômago. Ele não fazia ideia da resposta. Imaginava que Susanne sabia, mas, como ela não tinha mencionado nada, ele preferiu não questionar.

Todos os homens da sala olharam para a mulher alta e loira sentada em uma das banquetas. Então, ela simplesmente deu de ombros.

— Você não perguntou, porra? — Max alterou a voz.

Ela havia perguntado, obviamente.

— Digo a resposta se você disser que vai conosco à praia — barganhou.

— Vou — ele respondeu imediatamente. — Agora, a resposta, Susanne — pediu.

Os lábios cor-de-rosa de Suze se curvaram em um sorriso radiante enquanto ela batia palmas entusiasmadas.

— A resposta é não. Não desceu! — vibrou.

— E você me diz isso agora, caralho? — ele gritou, tentando esconder o quanto a notícia o tinha deixado feliz.

Mas todo mundo percebeu, inclusive Tito, que estava levemente desesperado, e achava que Max estava seriamente perturbado.

— Estava esperando um momento oportuno, como este — afirmou Suze. — Ai, meu Deus! Consegui convencê-lo a ir conosco! — exclamou alegremente, quase cantarolando, embora fosse um fiasco cantando. Principalmente *Chandelier*, da Sia.

Max deu uma risada. De repente, seu humor tinha melhorado. A manhã nublada até parecia o prenúncio de um belo dia de sol.

— Susanne, eu assinei alguma coisa? — ele perguntou, sorrindo como há dias não sorria. E isso não passou despercebido por ninguém na cozinha. — Não, não assinei. Portanto, não irei. Da próxima vez, redija um contrato. — Ele deu uma piscada sacana.

Ela deveria saber, é claro, que confiar na palavra oral de um advogado era uma péssima decisão. Era irmã de um, e aquela não era a primeira vez que Max usava aquele truque. Mas Susanne sempre caía como uma pata.

— Max, deixa de ser cretino! — ela bradou.

E a palavra o atingiu como um míssil no meio do peito. Sentia falta dos "cretinos" habituais de Olívia. Sentia falta pra caralho. Tanta, que ficou rindo feito idiota enquanto todo mundo o fitava.

— Tenta não ficar tão animado com o que eu disse, puto — Tito alertou, pensando que o sorriso se devia, exclusivamente, à esperança renovada do irmão postiço. — A menstruação pode não ter descido por todo esse estresse que ela está passando. Ou por algum fator de ordem física.

Tito tinha um bom motivo para dizer isso. Na verdade, estava dizendo mais a si mesmo que a Max. Em outras circunstâncias, o teria animado.

Começaria dizendo que os testes de farmácia funcionam por meio da verificação da ausência ou não de gonadotrofina coriônica humana ou hCG na urina. Depois, explicaria que o hormônio só é produzido pelo organismo feminino quando o óvulo fertilizado se implanta no útero, e que o falso negativo, no caso desse tipo de teste, pode ocorrer quando ainda não há produção suficiente do hormônio para que ele seja detectado. Por último, ele diria que isso era possível no caso de Olívia, que tinha o ciclo irregular e podia, perfeitamente, estar em uma fase muito precoce da gravidez, de modo que o teste não acusaria o positivo.

Mas, naquelas circunstâncias, ele preferia não pensar em nada disso. Não queria falar de hCG nem de óvulo fertilizado ou de útero. Só de causas prováveis para um atraso menstrual, exceto, é claro, gravidez. Como futuro ginecologista,

ele conhecia todas as causas possíveis. Dentre elas, poderia citar, por exemplo, a síndrome dos ovários policísticos ou SOP, o uso prolongado de anticoncepcionais hormonais, disfunções tireoidianas ou até a pseudociese, ou gravidez imaginária. Havia uma infinidade de possibilidades, e ele estava se apegando à plausibilidade da ocorrência de uma delas.

Fosse como fosse, a dúvida terminaria naquela tarde.

— Ela fez os outros dois testes? — Tito perguntou, embora também não quisesse falar de testes de farmácia. Mas o fez para aplacar um pouco da culpa que estava sentindo por não esclarecer as coisas como podia.

— Fez — Suze respondeu.

— Fez? — Max perguntou, arqueando as sobrancelhas.

— Quando a deixamos aqui, para esperar por você, ela fez sozinha. E me contou no dia seguinte. Ambos negativos — informou com tristeza.

Como Max não entendia nada de testes, de ciclo menstrual ou de qualquer coisa do gênero, soltou um suspiro desapontado.

Plínio não sabia se continuava alimentando esperanças ou se ficava quieto e deixava as coisas acontecerem como deviam. Escolheu a última opção. Seria melhor, em seu ponto de vista, se Max perdesse as esperanças de vez e, quem sabe, Olívia estivesse de fato grávida, que enchê-lo de expectativas que poderiam ser frustradas futuramente.

Suze compartilhava da mesma opinião, e também ficou em silêncio.

Mas Tito, corroído pelo remorso, deixou o egoísmo de lado e cumpriu sua função, explicando tudo.

No entanto, não adiantou muita coisa. Max pensou que era melhor assim. Olívia não queria ser mãe e, além disso, eles precisavam ir devagar. Ele não parava de ser imaginar com um bebezinho fofo no colo, mas, que porra, uma criança naquele momento seria atravessar, e muito, a carroça à frente dos bois.

Era melhor assim, ele não cansava de repetir para si mesmo. E continuou repetindo, até finalmente vê-la mais tarde naquela noite.

40. De boas intenções, o inferno está cheio

Estava quase amanhecendo quando Olívia Dutra decidiu colocar um fim naquilo. Definitivamente, estava na hora de acabar com aquele martírio. Ela não aguentaria nem mais um dia.

Deixou a poltrona às quatro da manhã e tomou um banho demorado. A água morna caiu e massageou suas costas doloridas por vários minutos antes de ela começar a se depilar.

Mais de meia hora depois, com uma toalha em volta do corpo e outra enrolada na cabeça, Olívia passou a mão no espelho e fitou seu rosto cansado pelo círculo livre de vapor.

Sua aparência, ela sentenciou, estava medonha. Principalmente a região dos olhos.

Tons de roxo e marrom-escuro tingiam a área abaixo de seus cílios inferiores, formando manchas semicirculares de cor indefinida. A pele estava opaca, e os lábios, ressecados. O rosto estava mais fino, e as maçãs, menos salientes. Sua fisionomia exausta não negava o inferno pessoal em que estava mergulhada.

Enquanto suas mãos tateavam suas feições desconhecidas, Olívia observou as próprias unhas. O esmalte estava terrivelmente lascado, e as cutículas, desastrosamente evidentes.

Ao pentear o cabelo mirando o próprio reflexo, ela percebeu que as sobrancelhas precisavam de um retoque. Pegou a pinça e deixou os arcos perfeitos. Penteou os fios e os aparou com uma tesoura minúscula, livrando-se dos comprimentos em excesso. Então, passou uma camada de rímel incolor, deixando tudo no lugar, e se encarou novamente, à procura de uma visível melhora em sua sofrível situação estética, mas, ao que parecia, alguns pelos arrancados não faziam diferença nenhuma.

Que porra, ela continuava horrorosa.

Desolada, Olívia caminhou até o quarto e, depois de colocar uma calcinha e um sutiã descombinados, mas em boa condição, vestiu um short jeans e uma camiseta. Então, mirou sua imagem no grande espelho oval ao lado do guarda-roupa.

Estava ridícula! O short estava frouxo no gancho e caindo na cintura, e sua camiseta favorita a fazia parecer uma criança usando algo do irmão mais velho.

Quase chorando de frustração, ela tirou o short e vestiu sua calça jeans mais

colada. O resultado foram papos indesejados nos piores lugares possíveis. Uma verdadeira tragédia.

Bufando de raiva, colocou o short outra vez e usou um cinto para controlar a frouxidão do cós.

Então, desceu as escadas e, sem peso na consciência, assaltou a geladeira. Pela primeira vez em dias, tomou um café da manhã digno.

Depois, subiu novamente e tratou de resolver mais um de seus muitos problemas relacionados à vaidade. Tirou as cutículas e pintou as unhas de vermelho.

Olívia esticou as mãos e os pés para visualizar seu trabalho e se sentiu um pouco melhor. Uma manicure benfeita podia fazer milagres à autoestima de uma mulher.

Quanto às olheiras, ela sabia que eram missão impossível para seu corretivo de marca popular, e não perderia tempo submetendo a si mesma e o pobrezinho à humilhação. Nem corretivos coloridos ela tinha, porque, até aquele dia, nem sabia que podia desenvolver olheiras tão profundas. Isso ela resolveria mais tarde, com boas horas de sono, em sua cama macia. Com certeza, acordaria bem disposta e sem olheiras. Porque aquela era *a noite*. Ela precisava estar linda.

Assim que as unhas secaram, Olívia pegou o celular e ligou para seu Francismar. Quando o taxista chegou, precisou buzinar, porque ela não estava na porta. Não podia correr o risco de Max vê-la naquele estado deplorável. É claro que não ficaria lá, dando sopa. Tudo bem, ainda eram seis da manhã, mas... E se, por um acaso, ele aparecesse?

Aí, ela precisaria cavar um buraco no asfalto e se esconder lá dentro. Isso estragaria suas unhas impecáveis. Fora de cogitação.

Ela saiu e trancou a casa em um tempo recorde. Então, correu loucamente pelo passeio, abriu a porta do táxi e se jogou lá dentro como uma bola, abaixando-se instintivamente e escondendo-se atrás do banco do motorista.

Seu Francismar ficou lá, sem entender nada. Ele poderia ter perguntado: "que porra é essa, Olívia?", mas, claro, essa frase não pertencia ao simpático taxista.

— Bom dia, seu Francis — ela cumprimentou, sussurrando, como se Max pudesse se materializar a qualquer momento, bem ali ao lado.

O que Olívia não sabia era que, naquele momento, Max Vetter estava no paraíso, fodendo-a em sonho a apenas alguns metros de distância. Naquela noite, ele adormecera sem perceber, e acordaria em breve, com uma poderosa ereção.

— Tá fugindo da polícia, minha filha? — o taxista perguntou.

— Não. Só do devasso que mora ao lado — Olívia respondeu com tristeza. — Tô horrorosa, tá vendo? — Ela enfiou a cabeça entre os dois bancos da frente, colocando o rosto em um ângulo que o possibilitava vê-la.

— Nem se nascesse de novo umas mil vezes você ficaria "horrorosa", Olívia.
— Seu Francismar deu uma risada. — Vi você no Faustão — declarou. — Você e o devasso que mora ao lado. — Ele riu. — Fiquei muito feliz por vocês dois. Mas, ao que parece, você não está nada feliz — observou, fitando-a.

— Ah, seu Francis... — ela murmurou, sentindo vontade de chorar.

— Vem pra cá e me conta. — Ele indicou o assento vazio ao seu lado.

Olívia saiu correndo e se sentou no banco do passageiro.

— E então, para onde estamos indo? — ele perguntou.

— Qualquer laboratório — ela respondeu, afivelando o cinto de segurança. — De preferência, o mais distante. Porque a história é longa.

E, então, ela contou a porra toda. Seu Francismar ouviu tudo em silêncio. No final, ele disse:

— Vocês dois são duas crianças. Minhas filhas de seis, oito e onze anos de idade são mais maduras que vocês dois juntos. E eu pensei que não existiam pessoas mais dramáticas que a minha ex-mulher, mas vocês, com certeza, dão um banho nela.

Olívia arregalou os olhos.

— Ex-mulher? — perguntou, porque já sabia mesmo que tanto ela quanto Max eram infantis e dramáticos. Mas a coisa da "ex-mulher"? Aquilo era ela não sabia. — O senhor não era casado?

— Fui casado por onze anos, e estou divorciado há seis meses — ele respondeu.

— Mas e a foto que o senhor me mostrou? Da sua esposa... — ela perguntou sem entender.

— No final do ano passado, ela viajou com as meninas para a cidade da mãe. E se apaixonou por um cabra lá, fazendeiro, rico. Quando voltou, me disse que queria o divórcio. — Ele riu com amargura. — Ela se casou com ele na semana passada. Então, eu finalmente decidi deixar de agir como se ainda fosse um homem casado. — Olívia notou a mão esquerda no volante. Havia uma marca branca circundando o anelar do taxista. — Agora só guardo na carteira as fotos das minhas meninas. Estão morando com a mãe e o tal padrasto. Ficarão melhor lá que comigo — falou com tristeza.

Olívia sentiu um aperto imenso no peito. E muito remorso. Estava há dias compartilhando seus problemas e nem havia se importado em perguntar os dele.

— Desculpa, seu Francismar — ela disse. — Eu aqui falando e falando da minha vida, e a mulher do senhor se casou, e o senhor... Ah, que porra, eu só faço cagada...

— Está tudo bem, Olívia. Já estou bem melhor. Eu a amava, mas ela não sentia o mesmo por mim há muito tempo. Foi bom ela ter se casado. Isso me

libertou de vez. E eu converso com as minhas filhas todos os dias, pelo *WhatsApp*. Aprendi a mexer nessa coisa por elas. Temos até um grupo. Está tudo certo.

— Desculpa dizer, seu Francis, mas a sua ex-mulher é uma vaca. E o senhor é tão legal... Merecia uma mulher bacana.

— A última mulher bacana o devasso já pegou. E acho bom ele tomar cuidado, ou logo vai ficar sem. — Ele deu uma risada.

Olívia também riu.

— Vai, não. Eu amo aquele cretino... — Ela soltou um suspiro.

— Vocês dois são engraçados. Um cabra que faz um pedido de namoro daqueles tem que amar muito a moça. E está na sua cara que você é doida por ele. E eu vi no programa como vocês se olhavam. Claramente, vocês só querem um ao outro. E ficam separados por besteira. Você devia acreditar nele, Olívia. E ele, em você. O que vocês dois têm é raro. Não vale a pena perder tempo com ciúme e desconfiança — lecionou.

— Eu sei... Eu o conheço há pouco tempo e o amo tanto, seu Francis, que não posso imaginar minha vida sem ele. Isso é muito estranho. Às vezes, tenho a sensação de que o conheço de outras vidas, sabe? Como se... Como se fosse o nosso destino. Como se a gente precisasse se conhecer, de um jeito ou de outro, para nos apaixonarmos com essa intensidade toda. — Ela fez uma pausa e ficou pensando naquilo por alguns segundos. — O senhor acredita nessas coisas?

— Eu sou católico. Vou à missa todos os dias e sou devoto de São Cristóvão — ele respondeu, estacionando de frente ao laboratório. — Mas, em se tratando de amor, eu costumava acreditar nessas coisas. Não sei se acredito mais, mas de uma coisa eu sei: se esse negócio de almas-gêmeas existir, você já achou a sua.

Olívia abriu um grande sorriso e sentiu os olhos pinicando.

— Posso descer com você, se precisar de alguém para segurar sua mão. Tenho certeza de que é o que o devasso faria, se estivesse aqui. — Ele deu uma risada, e Olívia deixou as lágrimas caírem.

Ela não queria incomodá-lo ainda mais, então disse que não era preciso, mas se sentiu tão grata por tudo, que decidiu recompensá-lo da melhor forma que podia. Ela o apresentaria a uma mulher bacana. Mais tarde, naquela noite.

— Obrigada pela corrida, seu Francis — agradeceu. — Hoje à noite, como eu disse, vou à apresentação de balé da Sofia. O senhor pode me pegar às sete e meia?

— Estarei lá — ele respondeu. — Sobre o resultado do exame, deve sair hoje à tarde. Quer que eu pegue e deixe na sua casa no final do dia? Posso fazer isso, passo por aqui o dia inteiro e estou sempre pegando passageiros no seu bairro. Não vai me custar nada nem me atrapalhar.

Olívia devia estar com sérios problemas em seus ductos lacrimais, pois achou a gentileza de seu amigo taxista tão comovente que a aceitou à beira das lágrimas. Certamente, aquele descontrole emocional se devia ao chororô dos últimos dias. Tanto choro tinha deixado seus olhos sensíveis, só podia ser isso.

Antes de se despedir e dizer a ele que não precisava esperar, ela pagou a metade do preço da corrida, porque seu Francismar insistiu, dizendo que só iria fazer o favor de pegar o exame e buscá-la à noite se ela aceitasse o desconto.

Então, com o coração aos pulos, Olívia entrou no laboratório e fez o exame para, enfim, acabar com o martírio da dúvida.

Enquanto seu sangue era colhido, ela só pensava em Max e no quanto o resultado poderia afetar suas vidas.

A ideia de ser mãe já não parecia tão assustadora, mas ainda a assustava. Não pelos fatores biológicos da coisa, mas, basicamente, pelas questões financeiras. Ela não queria depender financeiramente de Max, mas sabia que, se estivesse grávida, isso seria inevitável por um tempo, a menos que ela quisesse que o bebê morresse de fome.

A possibilidade de ser um fardo para o homem que amava a afligia em níveis incomensuráveis e, por essa razão, sua mente estava tão confusa.

Obviamente, se o negativo dos testes de farmácia fosse confirmado, tudo seria mais simples. Quando eles fizessem as pazes, a vida voltaria ao normal, e os dois poderiam ter um relacionamento comum, como o de qualquer casal de namorados. Se fosse positivo, Max ficaria feliz, e depois... Como ela se sentiria? Como eles viveriam dali em diante? E quando o bebê nascesse?

Aí, eles seriam três...

Olívia não sabia, exatamente, o que viria depois. Mas seu coração doía de um jeito gostoso quando ela pensava em uma família ao lado de Max Vetter.

Quando saiu do laboratório, ela caminhou até o ponto de ônibus mais próximo, seguindo as instruções de uma das recepcionistas, e, meia hora depois, estava em casa.

Lutando contra a vontade suprema de se deitar, ela preparou o almoço, embora ainda fosse cedo.

Então, depois de comer como se fosse um urso, Olívia hibernou e só acordou oito horas depois.

Nuvens rosáceas e alaranjadas fluíam no céu quando Max Vetter passou pela imensa porta de vidro.

Sob a luz do sol do final da tarde, ele caminhou alguns passos e começou a

descer os infinitos degraus apressadamente.

Samantha Bosco o viu deixar o andar da 4ª Vara Cível e tentou alcançá-lo, mas, antes que pudesse se aproximar o suficiente para não precisar gritar, ele foi engolido pelo elevador.

Ela pegou o próximo, e quase tropeçou em seus *scarpins* pretos para conseguir atravessar a porta do Fórum poucos segundos depois dele.

A brisa fresca balançou os fios curtos e impossivelmente loiros de Max, abraçou a pele de seu pescoço e levou uma onda daquele perfume másculo às narinas de Samantha, a alguns metros de distância.

Ela fechou os olhos involuntariamente e aspirou o aroma que conhecia muito bem. Então, forçou os cílios emplastados de rímel a se abrirem, para não perdê-lo de vista.

Enquanto Max descia as escadas, os olhos azuis de Samantha mantinham-se fixos no pedaço de pele bronzeada em contraste com o tecido branco do colarinho.

A parte de trás de seu cabelo estava tão bem delineada que ela podia apostar que o corte era muito recente.

Seus dedos formigaram de vontade de percorrer aquela nuca, de preferência enquanto sua boca estivesse colada àqueles lábios macios, cujo gosto ela estava louca para provar outra vez.

Samantha desceu os olhos e deixou que eles percorressem aquela altura toda. Observou os ombros largos e os músculos definidos das costas se contraindo sob o paletó cinza-grafite, à medida que ele avançava nos degraus.

A calça da mesma cor envolvia as pernas torneadas, e a moça de vinte e um anos sentiu a calcinha preta de renda que usava por baixo da saia-lápis ficar úmida ao se lembrar da sensação de afundar os dedos naquela bunda perfeita, enquanto aquele corpo maravilhoso trabalhava habilmente sobre ela.

Samantha tentava descer as escadas no mesmo ritmo de Max, mas saltos de dez centímetros e uma saia-lápis muito justa podiam passar de aliados a verdadeiros inimigos de uma mulher perseguindo um homem muito apressado numa escadaria. Quando percebeu que jamais seria capaz de alcançá-lo sem se esborrachar escada abaixo, ela se viu sem alternativas e gritou:

— Doutor Vetter!

Ele se virou instintivamente e arrependeu-se do ato no instante em que seu cérebro reconheceu a voz, que foi, coincidentemente, no momento exato em que a viu. Pensou em ignorá-la e continuar andando, mas, antes que o fizesse, ela gritou de novo:

— Max, espera!

Ele girou o pulso e conferiu as horas no relógio prateado. Não estava atrasado,

mas estava ansioso demais e mal via a hora de chegar à Rua das Cerejeiras.

— Precisa que eu assine alguma coisa? — ele perguntou, assim que Samantha o alcançou.

— Não... — ela respondeu, fitando aqueles olhos que faziam seu coração bater acelerado. — Só queria saber se você está indo para o *happy hour* do escritório.

— Não — ele negou e voltou a descer as escadas, sem se despedir.

Samantha ficou chocada por uns dois segundos, então obrigou as pernas a segui-lo.

— Ah... Eu... Queria pedir uma carona — ela completou, alcançando-o.

— Até onde eu sei, você tem carro — ele respondeu, sem parar de andar.

— Ficou no escritório. Vim com Laerte, mas não posso voltar com ele.

— E por que não? — Max perguntou, caminhando em direção ao estacionamento.

— Vim só distribuir algumas ações. E ele ainda está em audiência. Pensei que seria de Conciliação, mas me enganei. É de Instrução e Julgamento. Então, eu te vi saindo da 4ª Vara e pensei em...

— Sugiro que espere por ele ou que pegue um táxi, porque preciso chegar logo em casa — ele a interrompeu.

— Só quero que você me deixe no escritório, fica a menos de dez minutos daqui, Max... — ela disse, usando sua melhor voz de moça bem intencionada. — Juro que é só isso. Eu iria andando, mas, com esses saltos, só vou chegar lá na próxima vida. E quero ir ao *happy hour*. Vou pegar o carro e ir direto pro bar.

Max achou o comportamento de Samantha bastante atípico.

Desde que tinha transado com ela, a estagiária escandalosa tentava convencê-lo a repetir a dose de maneiras nada sutis. A filha de sua sócia não era nem um pouco tímida, e não poupava decotes, vozes melosas e cruzadas de pernas para tentar seduzi-lo, sempre em vão.

Max sempre perdia o interesse por uma mulher depois de fodê-la. Funcionava assim: ele comia e, por mais gostosa que fosse, a mulher perdia a graça assim que ele gozava. Porque não fazia sentido algum desembulhar uma embalagem se ele já sabia como era o conteúdo. Além disso, para o azar de Samantha, ele conheceu Olívia Dutra, transou com ela, se apaixonou e, desde então, estava completamente estragado para outra mulher.

A estagiária sabia, é claro, que, em tese, aquela primeira trepada seria a única. Mas Samantha não era diferente das mulheres que Max Vetter já havia comido. Simplesmente, não conseguia deixar as esperanças morrerem.

Max tinha ciência de que dar carona a ela não era uma boa ideia. Ele não era idiota. Tinha experiência suficiente para saber que o brilho nos olhos azuis de

Samantha revelavam o que sua pretensa expressão ingênua tentava disfarçar.

Não que ele tivesse medo de sucumbir. Samantha era gostosa, mas isso não tinha importância nenhuma. Mesmo se não amasse Olívia, e ele amava com todas as forças, não havia a menor chance de ele transar com a estagiária de novo. Por isso, e para sair logo dali e chegar o mais rapidamente possível em casa, ele deu a carona.

No carro, Samantha tentou puxar conversa, e ele disse que estava com dor de cabeça, sugerindo, polidamente, que ela se mantivesse em silêncio, quando, na verdade, queria ordenar que ela calasse a porra da boca.

De todo jeito, funcionou. Era como se ele estivesse sozinho, mas nem o silêncio o fez relaxar. Apesar de saber que não rolaria nada, que era uma carona inocente, e que ele a tinha dado só para se livrar daquilo e ir logo para casa, Max dirigiu o caminho inteiro com o cu na mão, vendo Olívia em cada esquina. Ele não fazia ideia de que ficaria com tanto medo de ser flagrado. Mas estava, e pisou no acelerador sem dó, chegando ao escritório na metade do tempo estimado.

Quando estacionou para que Samantha pudesse descer, ele deveria ter previsto que ela agradeceria e o beijaria na bochecha, mas estava tão nervoso que não previu.

Foi quando ele se deu conta de que a carona poderia ter alimentado a ilusão dela de que, eventualmente, ele poderia ceder.

Depois daquela, jurou a si mesmo que não daria carona a mais ninguém.

Quando Samantha já estava fora de seu carro, ele finalmente respirou aliviado, soltando todo o ar que, involuntariamente, prendera durante todo o trajeto.

Assim que chegou, Max tirou o paletó, jogou a peça no sofá, e foi caminhando até a cozinha enquanto afrouxava e tirava a gravata preta.

Relaxando os músculos do pescoço e das costas, ele abriu a geladeira e encheu um copo com água gelada.

Enquanto usava uma mão para beber, ele desabotoava a camisa branca com a outra.

Seu pomo-de-adão subia e descia, e seus dedos ágeis libertavam os botões das casas.

Depois, ele colocou o copo na pia e começou a desabotoar os punhos, caminhando em direção às escadas.

Mas mal colocou o pé sobre o primeiro degrau e ouviu o interfone tocar.

Quando atendeu, descobriu que a estagiária tinha esquecido o blazer no banco do carro, e ele nem tinha se dado conta.

Xingando todos os palavrões que conhecia, Max caminhou o mais apressadamente possível até a garagem.

Ansioso para se livrar de uma vez da presença de Samantha na porta de sua casa, onde Olívia podia, facilmente, vê-la e interpretar tudo errado, ele alcançou o carro em tempo recorde, abriu a porta, pegou o blazer e abriu o portão com o controle que estava no bolso de sua calça.

Tudo isso sem perceber que sua camisa impecavelmente branca estava desabotoada.

41. A beleza está nos olhos de quem vê

Olívia acordou por volta das cinco da tarde, sem o auxílio de um despertador, mas com toda a boa vontade do sol, que se infiltrava pela janela aberta e queimava o lado direito de seu rosto.

O dia amanhecera nublado, mas, àquele horário, o sol lá fora esbanjava seus raios sem piedade.

A primeira coisa que fez foi correr para o banheiro e mirar seu reflexo. Concluiu que oito horas de sono haviam feito muito pouco ou quase nada para aplacar suas terríveis olheiras.

Em três horas, ela provavelmente estaria frente a frente com Max. E teria de encará-lo, depois de cinco dias, com aqueles olhos horrorosos.

É claro que Rainha do Drama entrou em desespero, chorou, deu chilique e fez calundu. Depois, quando já não havia nada a fazer, Olívia soltou inúmeras blasfêmias, culpando o menino malvado com uma lupa na mão, porque, obviamente, as olheiras eram culpa do Poderoso Castigador, e não consequência de noites insones.

Então, meia hora depois, mais calma, ela percebeu que tinha algumas opções. Só precisava escolher dentre elas.

A primeira era se jogar na cama e chorar copiosamente até morrer de desidratação (ou, se ela fosse um pouquinho mais desequilibrada, se jogar da varanda). Mas Olívia descartou a possibilidade de imediato, já que não tinha em seu reservatório vazio mais nenhuma lágrima para derramar. Infelizmente, já estourara sua cota. Não seria dessa vez que choraria até virar uma casca ressequida.

A segunda opção disponível era assaltar um banco, passar na *Sephora* mais próxima e comprar uns três corretivos decentes. Mas essa alternativa exigia um planejamento eficaz. E planejamento demandava tempo. E tempo, infelizmente, ela não tinha.

A terceira e última seria, é claro, a escolhida. Pepino! Talvez, com a ajuda de rodela de pepino, seu corretivo desse conta de mascarar as olheiras. Quem não conhecia o poder vasoconstritor do vegetal?

Ela limpou os últimos vestígios de suas lágrimas desesperadas e correu até a cozinha. Abriu a geladeira e procurou, incansavelmente, por pepinos.

Mas é claro que não encontrou nenhum, porque o menino malvado com uma

lupa na mão não facilitaria porra nenhuma.

A boa notícia era que um pepino ela podia comprar, diferentemente de um corretivo da M.A.C.

Olívia subiu as escadas de novo, escovou os dentes, fez um coque no cabelo limpo e seco, pegou a carteira, calçou as Havaianas e desceu correndo. Ia ao supermercado. O pepino salvaria sua vida! Poderia até levar dois; um para as olheiras e outro para uso íntimo, caso Max não fosse mais voltar.

Mas ele ia. Naquela noite.

Na hora de pagar, ela ficou com vergonha de comprar apenas um pepino. Então, comprou junto um pote de sorvete. Primeiro, porque o refrigerador ficava bem próximo ao caixa. Segundo, porque ela precisava preencher aquelas calças jeans. Terceiro, era sorvete, porra. E de morango.

Assim que pagou pelos itens, Olívia praticamente voou de volta para casa, porque se lembrou de que seu Francismar iria levar o resultado do exame no final da tarde. Quando se recordou disso, de que, em poucos minutos, saberia se estava grávida ou não, seu coração começou a pular insanamente dentro do peito, e ela diminuiu, involuntariamente, o passo. Seu estômago ficou gelado e, com as pernas moles, ela mal conseguia se locomover.

Isso foi bom. Do contrário, Olívia só teria notado a sócia de Katy Perry no passeio de Max quando esbarrasse nela. Em vez disso, ela estacou a poucos metros de distância, sentindo todos os músculos se petrificarem.

A moça alta de seios fartos tinha longos cabelos lisos pintados de preto, tal qual o *New Beetle* que ela havia estacionado minutos antes de frente à casa. Uma franjinha reta cobria suas sobrancelhas, e ela estava usando uma saia-lápis preta muito justa, cujo comprimento alcançava o início dos joelhos. As pernas, dava para perceber, eram torneadas e, evidentemente, ela tinha coxas grossas e uma bunda bastante razoável.

O clone de Katy estava mordendo os lábios enquanto brincava com uma das alças finas de sua blusa de seda branca. E seus belos olhos redondos e azuis estavam fixos em alguma coisa além das grades do imenso portão.

Naquele momento, Samantha encarava o tórax de Max, que caminhava na direção dela com a camisa aberta e a porra do blazer na mão.

Com muito custo, Olívia arrastou as pernas pesadas e se escondeu detrás da cerejeira da calçada assim que viu Max surgir e entregar o blazer a Samantha.

Ela não sabia como ainda estava respirando, porque aquilo fez seu coração parar.

Seu Francismar tinha tocado o interfone da casa rosa três vezes e estava prestes a entrar no táxi quando o *New Beetle* preto estacionou diante da casa ao lado.

Ele viu quando a moça morena desceu do carro, ajeitou a saia e o cabelo e apertou o botão do interfone. Obviamente, depois disso, ele não conseguiu ir embora. Não sabia onde Olívia estava, mas já eram quase seis e meia e, já que ela precisava sair em uma hora, certamente poderia voltar a qualquer minuto.

Ele tinha recebido uma ligação de um cliente que morava a dois quarteirões dali. Por isso, antes de seguir para lá, passou para entregar a Olívia o resultado do exame, conforme tinha prometido. Sabia que chegaria atrasado à casa do passageiro, mas precisava esperar.

Ele viu Max abrindo a porta do carro para pegar o blazer que, segundo ele entendera, a moça de pé na porta tinha esquecido no carro. Em seguida, viu Olívia caminhando pela calçada, carregando duas sacolas de plástico, e pensou consigo mesmo: "a merda está feita".

Seu Francismar não era de falar palavrões, mas "que desgraça!" passou por sua mente quando ele anteviu o que aconteceria.

— Toma, Samantha. Agora, pelo amor de Deus, vai logo embora — Max pediu, quase implorando, entregando o blazer e confirmando, pela milésima vez, que Olívia não estava na sacada.

Samantha? Olívia já tinha ouvido aquele nome. Mas onde? Onde? Onde, porra?

— Nossa, Max... Que delícia... Meu Deus, como você é gostoso... — A estagiária se aproximou e fez menção de tocar a faixa de pele exposta entre as duas bandas abertas da camisa dele.

Por aquela fresta, era perfeitamente possível ver as ondulações de seu abdome, e os dedos de Samantha coçavam de vontade de tocá-lo, de escorregar o tecido pelos braços musculosos, despi-lo de vez e lambê-lo inteiro.

Olívia levou poucos segundos para reconhecer a voz e compreender que a sócia de Katy Perry era a estagiária escandalosa, a que ela tinha ouvido gritar e gemer enquanto Max a comia no quarto da vidraça.

Se daquela vez ela conseguiu se excitar imaginando a cena, dessa ela só quis vomitar. Mas preferia morrer a ser descoberta ali, espiando como um coelho assustado. Então se esforçou tremendamente para refrear as ondas de enjoo que subiam até sua garganta, loucas para jorrar como um mar em fúria na calçada.

Olívia viu Samantha levar a mão ao peito de Max em câmera lenta.

Assistiu àquilo incapaz de acreditar que Max deixaria. Ele não deixaria, deixaria? Ele a amava. Ele não tinha transado de novo com aquela mulher, como parecia. Parecia muito. Na verdade, ela não conseguia pensar em outro motivo para ele estar com a camisa aberta e fora da calça, entregando um blazer a uma mulher na porta de sua casa. O que mais aquilo poderia ser? Mas ela queria pensar em possibilidades, porque prometera a si mesma que não duvidaria de

novo nem dele nem do amor que ele sentia por ela. O problema era que seu cérebro não conseguia formular nada. Seu coração doía tanto...

Em vez de respirar com tanta dificuldade a ponto de achar que morreria de tristeza, desgosto e dor, Olívia queria sair dali como se não estivesse sentindo nada. Queria abandonar o esconderijo e caminhar entre os dois, cantarolando *Eu esqueci você*, de Clarice Falcão, como se, de fato, o tivesse esquecido. Não tinha se passado um mês, como na música, mas ela podia muito bem fazer uma pequena adaptação na letra, substituindo por "cinco dias". Ela cantaria, dando pulinhos alegres e gesticulando com os braços:

*Só pra você saber
Eu esqueci você
Cinco dias depois
De você me esquecer de vez
E decidir ficar sozinho
Só pra você saber
Eu esqueci você
E se o meu olhar cruzar com o seu
É só porque você tá no caminho*

Mas, em vez disso, ela chorou silenciosamente enquanto Max segurava a mão de Samantha pelo pulso e dizia:

— Samantha, eu já disse, mas vou repetir, e vai ser a última vez. Não estou interessado. Nem em você nem em mulher nenhuma, além da minha.

O coração de Olívia deu um solavanco, e Samantha deu uma risada debochada.

— Eu sei que o seu romancezinho com aquela cantora já acabou, Max.

Ele engoliu em seco e se perguntou como ela poderia saber, se ele não tinha dito nada nem para Laerte.

— Ouvi Laerte comentando com Duarte que você está péssimo há dias, que tá escrito na sua cara que você tá na fossa, e que anda tão mal humorado que ele apostaria o pau dele que você está há dias sem usar o seu. Quanto a isso, eu adoraria ajudar... Não precisa nem pedir — ela disse, aproximando-se novamente, toda manhosa.

— Primeiro — ele falou, afastando-se —, "romancezinho" de cu é rola. Segundo, diga à puta fofqueira do Laerte hoje no bar que o meu pau está à disposição pra ele chupar e aliviar meu mau humor quando quiser. Terceiro, "aquela cantora" é a mulher da minha vida. Ela vai ser a mãe dos meus filhos. Por fim, aproveita o recesso para estudar um pouco mais de Direito Das

Sucessões, Samantha. Na sua última peça, você cometeu um erro absolutamente infantil. É inadmissível um acadêmico do sétimo período não saber que na transmissão avoenga os beneficiários herdaram por cabeça, e, no caso do direito de representação, por estirpe. Boas férias. — Max sorriu e fechou o portão.

Samantha ficou lá, plantada, vendo-o se afastar.

— O pior é que ele fica ainda mais lindo assim, dando sermão. — Ela soltou um suspiro, destravando o carro. — Meu Deus... Vai ser gostoso assim no inferno! — exclamou, contorcendo as coxas. — Cantora de sorte... Filha da puta... — murmurou, entrando e batendo a porta com força.

Quando o *New Beetle* se afastou, Olívia saiu de detrás da árvore com um sorriso imenso estampado na cara. Obviamente, ela queria enfiar as unhas nos dois olhos daquela vadia e, depois, esfregar a cara da puta no asfalto quente. Mas, naquele momento, o desejo que dominava cada célula de seu corpo era o de tocar o interfone, esperar Max cruzar o portão e pular nele. E beijá-lo até seus lábios ficarem dormentes. E subir nele e cavalgar gostoso e...

De repente, Olívia percebeu que Seu Francismar estava parado na porta e correu até lá.

— Desculpa, seu Francis, eu fui... — começou.

— Eu sabia que podia confiar naquele garoto — ele a interrompeu, sorrindo.

— O senhor escutou? — ela perguntou, extasiada.

— Ele falou em alto e bom som. — Seu Francismar riu.

— Ai, meu Deus... Ele é tão lindo... — Ela soltou múltiplos suspiros, que fizeram seu Francismar rir. — Mas ainda não entendi o que aquela piranha veio fazer aqui... Por que ele estava com o blazer dela?

Seu Francismar sabia que a moça tinha "esquecido" a peça no carro. Mas viu o quanto Max ficou puto quando ela chegou, e o ouviu dizendo pelo interfone que, da próxima vez, ele não seria tão gentil, deixaria que ela caminhasse do Fórum ao escritório. Logo, sabia que o devasso era cem por cento inocente e também sabia que, mesmo assim, Olívia ficaria chateada, se soubesse da carona. Então, cumpriu seu papel de pacificador e disse:

— Eles trabalham no mesmo lugar, ela deve ter deixado nas coisas dele, só para ter uma desculpa para vir aqui. Eu vi o quanto ele estava irritado com aquela coisa na mão.

Olívia achou que fazia muito sentido. Definitivamente, precisava dar um jeito naquelas vagabundas, que viviam deixando peças de roupa para que Max as encontrasse.

Outra coisa que ela precisava resolver era aquele negócio de Max atender portão seminu... Na primeira oportunidade, ela perguntaria o que ele acharia se ela abrisse a porta para um homem no mesmo estado de seminudez.

— Você quer isso ou não? — Seu Francismar tirou o envelope plastificado do bolso do casaco e estendeu para Olívia.

Ela o pegou com o coração na boca. As palpitações em sua garganta quase impediram sua voz de sair quando ela agradeceu ao taxista pela enorme gentileza.

— Por nada. Espero que você esteja feliz com o resultado, quando eu vier te buscar — ele olhou o relógio — em quarenta e cinco minutos?

— Ai, meu Deus! Já está tão tarde? — ela perguntou, alarmada.

Ele assentiu.

— Leva quanto tempo daqui até a Escola de Balé *Grand Plié*? — Olívia questionou.

— Dá pra chegar em uns quinze minutos — ele respondeu.

— Preciso ligar para Suze. Eu ligo para o senhor quando estiver pronta, seu Francis! — Ela deu um beijo na bochecha dele e já foi tirando a chave do bolso.

Assim que entrou em casa, Olívia respirou fundo e colocou o envelope em cima do balcão da cozinha. Definitivamente, não estava pronta para abri-lo. Só de pensar nisso, ela sentia a bile subindo. Lidaria com o resultado depois. No final do dia, talvez. Com Max, quem sabe.

Depois de tomar a decisão de não abri-lo, ela correu e fatiou o pepino. Colocou as fatias e o sorvete no congelador e ligou para Susanne.

— Oi, Liv! — A irmã de Max atendeu.

— Suze! Preciso de Lili. — Olívia foi logo despejando. — Você disse que o marido dela morreu há anos e que ela nunca teve filhos e...

— Olívia, você não devia estar superansiosa para hoje à noite? O que Lili tem a ver com...

— Ela vai à apresentação, certo? — Olívia a interrompeu, falando apressadamente.

— Claro! Ela está louca para...

— Então — Olívia a cortou novamente —, preciso que ela vá de táxi comigo, porque...

— De táxi? — Foi a vez de Suze cortar. — Você vai conosco! E Lili também. Eu já estava prestes a te ligar. Na verdade, deixei uma coisinha em cima do seu sofá hoje à tarde. Não queria usar a chave que eu tenho e, inclusive, eu vou te entregar minha cópia. Mas é que toquei e você não atendeu... E a chave já estava no meu chaveiro e, bem, eu entrei. Mas prometo que foi por uma boa causa! Uma ótima causa!

— Eu estava dormindo. Dormi a tarde inteira. Estava com um sono do caralho — ela disse, esfregando os olhos.

— Que bom! Porque você vai precisar de forças hoje. — Suze deu uma risada.

— Max te falou alguma coisa sobre... Ah, é, você não é a porra de uma coruja.
— Olívia se corrigiu a tempo.

Suze gargalhou.

— Meu Deus, fico impressionada com isso... Você é a versão feminina de Max. É muito mais parecida com ele que eu, que sou a irmã. Vocês nasceram um para o outro, assim como Plínio e *euzinha*... Somos dois pares de almas-gêmeas... Ai, meu Deus, isso é tão lindo! — Ela deu um gritinho.

Olívia riu.

— Então... Ele te disse alguma coisa sobre hoje à noite? Quero dizer...

— Olívia, Max vai se sentar ao seu lado, depois de cinco dias longe. Ele não te vê há quase uma semana. Aliás, tenho uma coisa pra te contar. Mas, se você disser a ele que eu te disse, eu vou te matar!

— Conta logo, caralho! — Olívia pediu, com a suavidade típica de sua natureza delicada e feminina.

— Ele tem virado as noites te observando, por todo esse tempo. Tenho certeza de que está dormindo lá fora, provavelmente perto da quarta palmeira, porque da varanda você não consegue ver nada depois da quarta palmeira da casa dele.

— Espera... Você está me dizendo que ele tem visto essa minha cara de panda possuído? Ele me viu assim? — ela indagou, chocada.

— Te conto que o meu irmão tem sido o cara mais fofo do planeta, e é isso o que você me diz? — Suze perguntou com indignação. — Para o seu governo, Max também está com cara de panda possuído, se você está se referindo às olheiras que os dois estão ostentando.

— Não tá, não! Ele está mais lindo que nunca, Suze... — Ela soltou um ou dois suspiros.

— Espera... Você o viu? Quando? Quero saber agora! Conta, pelo amor de Deus, ou vou morrer!

Então, Olívia contou, sinteticamente, o que tinha acontecido poucos minutos atrás.

— Ai, meu Deus do céu! Max está me saindo um Plínio! Quem diria! Estou tão feliz, tão feliz! — A alguns quilômetros dali, Susanne dava pulinhos no meio do quarto.

O *babyliss* estava ligado, e ela estava sozinha em casa, usando um roupão felpudo cor-de-rosa.

Plínio tinha saído há cerca de meia hora para levar Sofia à Escola de Balé, porque ela precisava chegar bem cedo.

— Espero que tudo volte ao normal hoje... — Olívia falou com certa tristeza.

— É claro que vai! — Suze a animou. — Vai dar tudo certo, cunhadinha. Principalmente quando ele te vir dentro do que eu comprei. Já abriu? Tá lá no

sofá!

Olívia correu até lá e encontrou uma sacola de papel imensa.

— Coloca no viva-voz enquanto você abre. Vou fazer a mesma coisa, porque preciso cachear esse cabelo! — ela falou, colocando o celular no *speaker* e já enrolando uma mecha no *babyliss*.

Olívia seguiu a sugestão da cunhada e abriu a sacola, tirando um conjunto branco de *cropped* de manga longa e saia justa *midi*.

— Ai, meu Deus! Suze, não... — começou.

— É claro que precisava! — Susanne exclamou, interrompendo-a. — Você não cabe mais nas suas roupas, Olívia. E aposto que nem tinha se dado conta de que seus vestidos ficariam todos frouxos!

De fato, ela não tinha pensado nisso. Mais cedo, percebeu que as roupas não serviam, mas estava tão ansiosa para ir fazer o exame, que nem pensou no que vestiria naquela noite.

Olívia passara o dia inteiro preocupada com as olheiras, mas se esquecera do principal.

— Suze, não precisava mesmo. Nem sei como agradecer... — falou, toda sem graça.

— Deixa de besteira, foi só um presentinho. A sua chegada à nossa família é que foi um presente de verdade, Liv. Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido a Max e, extensamente, a todos nós. Mas, se quiser *mesmo* me agradecer, esteja grávida! — Suze riu.

Olívia poderia dizer que a resposta estava bem ali, em cima do balcão. Mas, aí, Susanne a convenceria a abrir o envelope, e ela não tinha certeza de que queria fazê-lo sem Max. Por outro lado, se abrisse com ele e fosse mais um negativo, ela veria aquela expressão tristonha no rosto dele outra vez, e não queria submetê-lo àquilo de novo. Como ainda não sabia o que fazer, preferiu ficar calada e se limitou a rir junto com Suze.

Então, enquanto se deitava no sofá e colocava as fatias de pepino sobre os olhos, ela explicou para Susanne seu plano de juntar seu Francismar e Lili.

Suze quis saber tudo sobre o taxista, e Olívia contou o que sabia e como o conhecera, enfatizando que ele era um bom homem e que, ela achava, seria ótimo para Lili.

Susanne não estava muito certa de que aquilo funcionaria, porque Lili era muito reservada e, se não tinha se envolvido com ninguém até aquele momento, provavelmente não seria daquela vez. Mas acabou concordando, afinal, por que não?

Então, ligou para Lili e disse que não poderia buscá-la, mas que enviaria um taxista que a pegaria e, depois, passaria para pegar Olívia.

Assim que desligou o telefone, Olívia ligou para seu Francismar e passou para ele o endereço de Lili, explicando que ela havia criado Max e que, primeiro, ele deveria buscá-la e, depois, se dirigir à casa rosa.

Em seguida, começou a se arrumar. Em sua concepção afetada, as olheiras continuavam lá, feito um breu ao redor dos olhos. Mas, na verdade, o cochilo vespertino e as rodela de pepino tinham melhorado consideravelmente a situação.

Quanto terminou a maquiagem, ela não ficou cem por cento satisfeita, é claro. Mas as olheiras tinham praticamente desaparecido. E ninguém repararia na pele abaixo dos olhos dela tendo aqueles lábios vermelho-sangue para notar. Ou os cílios longos e curvados. Ou o delineado perfeito e o discreto *cut crease* que ela fez. Ou as mechas onduladas e brilhantes que caíam sobre seus ombros.

E, claro, quem, homem ou mulher, repararia naquele rosto tendo aquele corpo para admirar barra invejar?

A roupa que Suze comprou serviu como se tivesse sido costurada em Olívia. Entre o *cropped* de mangas compridas e a saia justa de cintura alta havia cerca de dois centímetros de pele exposta. Fora isso e as panturrilhas, a roupa não revelava nada. Mas, no corpo dela, a peça era um atentado à sanidade de qualquer homem. E certamente, motivo de preocupação para as mulheres acompanhadas.

No andar de baixo, ela calçou as sandálias vermelhas que tinha comprado no shopping e esperou pelo taxista.

Quando seu Francismar chegou, Olívia ficou espantada com a Lili que viu dentro do táxi, completamente diferente da Lili de vestido escuro e coque que conhecia. Ela estava usando um vestido floral que realçava a silhueta esbelta, e o cabelo exibia um novo e exuberante corte chanel.

Depois da troca de elogios entre as duas mulheres, seu Francismar arrancou. Olívia pensou que precisaria conversar o tempo inteiro, usando toda a sua sutileza para entabular conversas que obrigassem os dois a interagir diretamente um com o outro, mas ficou absolutamente surpresa ao perceber que seu Francismar e Lili foram conversando o caminho todo, sem nem deixar espaço para que ela dissesse alguma coisa.

Depois do boa-noite cordial na porta da casa de Lili, bastou que o taxista a parabenizasse pela criação de Max para que a bondosa senhora o tivesse em mais alta estima e começasse a falar sem parar de seu menininho, o que possibilitou a seu Francismar contar a respeito de suas filhas, que agora moravam com sua ex-mulher.

Quando chegaram à casa rosa, os dois já estavam falando sobre os "bailinhos" dos tempos antigos, sobre boleros ingleses e *Dirty Dancing*.

Lili o achou muito simpático e riu muito de coisas que seu Francismar falou, as quais, para Olívia, estavam sendo ditas em outra língua. Uma língua muito antiga. Aramaico, talvez.

Seu Francismar, é claro, achou Lili bastante agradável e, depois de deixá-las na Escola de Balé, ficou rindo e sorrindo sozinho o restante da noite, principalmente ao se lembrar do som da risada dela.

42. Ódio velho não cansa

Assim que Max atravessou a porta de vidro, seus olhos voaram para a primeira fila.

Olívia estava lá, sentada em uma das pontas. Ele precisou soltar o ar e limpar as mãos na calça antes de se dirigir ao assento vago ao lado dela.

Caralho, parecia a porra de um adolescente prestes a enfrentar seu primeiro encontro com uma garota.

O restante da família também estava na primeira fileira, mas eles ocupavam as poltronas da extremidade oposta. Tito estava no primeiro assento do corredor. Depois vinha Plínio, Suze e Lili. No centro, haviam três senhoras desconhecidas, que já estavam sentadas lá quando Suze e Plínio chegaram. Depois delas, vinha uma cadeira vaga e, em seguida, Olívia.

Quando Max passou rapidamente pelos próprios familiares, eles sorriram com evidente malícia.

Se ele não estivesse tão ansioso para se sentar ao lado de Olívia, teria passado estendendo os dois dedos médios para todos eles e se sentado na primeira cadeira vaga que encontrasse, qualquer uma, menos a cuidadosamente reservada para ele.

Mas, em vez disso, Max se limitou a lançar um olhar premeditadamente entediado à família, tentando disfarçar o quanto estava nervoso.

Seu coração batia apressadamente, e ele ainda não sabia qual seria sua abordagem.

Poderia se sentar em silêncio, ignorando-a. Poderia chegar beijando-a na bochecha e soltando um: "e aí, prima?". Poderia cumprimentá-la com um cordial: "boa noite, senhorita Olívia". Ou simplesmente se sentar e puxar a mão dela, entrelaçando-a na dele. Poderia, ainda, se sentar e esperar que ela dissesse alguma coisa. Havia um rol infinito de possibilidades.

Mas, quando a viu, quando seus olhos se encontraram, quando seu coração disparou a ponto de explodir, ele soube que só podia fazer uma coisa.

Olívia não fazia ideia de que sua memória era tão ruim. Tinha certeza de que sabia o quão bonito Max Vetter era. Pelo amor de Deus, ela o tinha visto ainda naquela tarde. Como podia ter se esquecido do quanto ele era bonito? Ela achava que tinha decorado cada mínimo detalhe daquele rosto entalhado manualmente pelo próprio diabo e que conhecia cada centímetro de toda aquela altura. A

verdade era que ela não sabia de nada nem tinha memorizado porra nenhuma.

Ao vislumbrá-lo caminhando em sua direção, ela soube que, em se tratando de Max, não podia confiar nos esboços que sua memória fraca traçava. Lembranças ou fotografias jamais se comparariam ao prazer real de medi-lo de alto a baixo, ao vivo e em cores; lindas e vívidas cores.

Talvez fosse só saudade, mas ela nunca o tinha visto tão lindo quanto naquela noite.

Não soube precisar se o fenômeno se devia à camisa azul-marinho ajustada aos músculos do peitoral ou à calça perfeitamente alinhada às pernas musculosas ou ao cabelo loiro banhado da luz dourada dos refletores.

Mas, se precisasse escolher um fator puramente estético, apostaria todas as fichas no rosto barbeado. Ela nunca o tinha visto completamente sem barba e, até aquele momento, não julgava ser possível que aquele maxilar pudesse se tornar ainda mais delineado.

Que porra, ele deveria parecer mais novo, ingênuo, talvez, e, definitivamente, menos másculo sem a barba de que ela gostava tanto. Contudo, sendo a obra demoníaca que era, a versão barbeada de Max Vetter era ainda mais viril e sedutora, e, inexplicavelmente, a ausência de pelos loiros na região da mandíbula o fazia parecer impossivelmente devasso.

Para Olívia, a aparência ainda mais diabólica de seu namorado se devia aos contornos providencialmente mais visíveis de seu rosto, agora que a barba curta se fora.

Ela estava responsabilizando todos os ângulos daquele maxilar quadrado pela ascensão de Max na própria escala Max Vetter de beleza quando ele se sentou na cadeira ao seu lado. A lufada do cheiro favorito de Olívia, no mundo inteiro, invadiu suas narinas no mesmo instante, engolfando-a em uma onda de completo torpor. Bastou uma aspiração daquela mistura inconfundível de perfume e cheiro de Max para que o tesão, já notório entre suas pernas e nas extremidades protuberantes de seus seios, nublasse de vez todos os seus sentidos.

Assim que se sentou, Max se inclinou e sussurrou no ouvido dela:

— Senti sua falta. Estou sentindo sua falta desde que te deixei ir.

Seu coração inflou e dominou seu peito inteiro quando ele tatuou um beijo abaixo da orelha dela e se afastou, restando o desejo quase incontrolável de lambar a pele perfumada da clavícula exposta de Olívia, começando pelo vão entre os peitos até chegar à maciez dos lábios.

O tesão o cegou de imediato para qualquer outra coisa que não se referisse à mulher ao seu lado e ao aroma delicado que emanava de seu pescoço.

Então, alguém deu boa noite ao microfone, declarou o início das apresentações de encerramento de semestre dos alunos e chamou Isabela Fiante

e Ícaro Mongianni, um dançarino profissional convidado pela *Grand Plié* para abrir o espetáculo ao lado da filha da diretora.

Se não estivesse ocupada sussurrando "e eu estou sentindo a sua desde que parti" no ouvido de Max, Olívia não teria perdido a entrada de Ícaro e Isabela, que irromperam no palco e se posicionaram no centro no momento que o refletor os iluminou.

E, se não estivesse beijando-o no rosto, ela teria visto o início da apresentação, em que os dois jovens adultos pretensamente apaixonados interpretavam a Bela e a Fera com elaborados e graciosos movimentos de balé no meio do palco, ao som de *Beauty And The Beast*, de Céline Dion e Peabo Bryson.

Quando a mão de Max entrelaçou a dela, o coração de Olívia deu pulos altos, como se estivesse acompanhando os saltos ágeis da Fera em direção a Bela no lustroso palco de madeira polida.

Mas, nem Max nem Olívia sabiam que, naquele momento, a Fera de casaca azul royal dançava com a Bela de vestido amarelo-ouro em um cenário reluzente, repleto de candelabros e envolto por imitações de janelas apinhadas de estrelas. Havia até um belo lustre pendendo no alto, cujas gotas de cristal assemelhavam-se a lágrimas douradas e cujo brilho ressaltava o azul-celeste dos olhos do homem que enlaçava a cintura fina da mulher de olhos cor-de-mel.

A plateia estava impressionada com a habilidade do casal de bailarinos, que parecia flutuar sobre o piso brilhante.

Suze tinha repousado a cabeça no ombro largo de Plínio e, romântica como era, estava molhando o blazer cinza-chumbo do marido com salgadas e emocionadas lágrimas.

Talvez, se estivesse assistindo à dança, Olívia também estaria derramando uma ou outra lágrima de emoção.

Mas, naquele momento, tudo que ela queria era poder subir em Max. O contato mínimo dos braços dos dois sobre o encosto central da poltrona e o calor que emanava da mão dele e se abrigava na palma dela era suficiente para produzir correntes elétricas que reverberavam por seu corpo inteiro.

Nenhum dos dois conseguia desviar os olhos do corpo um do outro. Max estava completamente obcecado pelo formato dos peitos de Olívia naquela coisa que ele não sabia se era uma blusa ou um pedaço de vestido. Por sua vez, Olívia estava enlouquecida pela aderência do tecido nobre àquele peitoral esculpido.

Max desceu os olhos do decote da namorada e passou para a fina faixa de pele que separava a parte de cima da saia. Sentiu tanta vontade de lambê-la ali que seu pau começou a pulsar descontroladamente.

Ele daria qualquer coisa para poder vê-la de pé naquele momento. Para despi-la devagar, deslizando os lábios sobre sua pele macia e cheirosa, para beijá-la

inteira e...

Não, ele não faria nada disso. Com a fome que estava, seria capaz de subir aquela saia deliciosamente justa, colocá-la de quatro na poltrona, enfiar tudo de uma vez e meter, ora segurando aqueles peitos, ora puxando aquele cabelo, até se esvaziar completamente dentro dela.

Caralho, como ele queria enchê-la de porra...

Queria tanto, que nunca tinha sentido o pau tão apertado dentro da calça.

A senhora de cerca de setenta anos ao lado de Max estava perfeitamente ciente do tamanho do volume sobre a coxa do gostosão ao seu lado. Até aquele momento, dona Magali estava gostando muito de ver a Bela e a Fera dançarem no palco. Principalmente porque a Fera era, na verdade, um pão. A senhora idosa estava bastante feliz em fitar o pacote generoso da Fera naquela calça preta e colada. Mas, quando, por um acaso, seus olhos caíram sobre a protuberância maravilhosa logo ali ao lado, ela sentiu uma comichão instantânea, do tipo que só tinha sentido na mocidade. Nunca tinha visto um pau tão... Não tinha nem palavras. Sem pensar duas vezes, largou a Fera pra lá. Quem ia querer um reles pão quando se tinha um sonho de padaria para se lambuzar? Dona Magali era gulosa.

Sem nem piscar, a vovó acariciou o braço de Max. Ele estava soltando a mão da de Olívia para deslizá-la sorrateiramente pela a perna dela, perfeitamente moldada na saia branca, quando sentiu o toque no braço.

Dona Magali não recuou. Max virou o rosto e sacou logo que a senhora idosa estava manjando o pau dele. Devasso que era, ele abriu um sorrisinho malicioso, roubando o ar da senhorinha. Ela achou que fosse sofrer uma parada cardiorrespiratória. Mas conseguiu, usando todas as forças do coração fraco e dos pulmões sem ar, sorrir de volta, mostrando seus belos dentes de porcelana.

— Minha namorada é ciumenta — ele cochichou no ouvido de dona Magali, indicando Olívia.

A velhinha sentiu um tremor balançar seu corpo inteiro com a proximidade daquela boca em sua orelha.

Olívia ouviu aquilo e ficou tão chocada que precisou engolir o riso.

Então, Max se afastou e sussurrou no ouvido dela:

— Pelo amor de Deus, porra, não deixa essa dona pegar no meu pau.

Olívia tentou, tentou mesmo, mas não conseguiu se conter. Explodiu em uma gargalhada estrondosa, que chamou a atenção de todo o salão para aquele canto.

— Isso, senhorita Olívia... Parabéns — ironizou Max.

— A culpa é sua, caralho — ela o beliscou.

— Para, porra. Tá todo mundo olhando — ele falou entredentes.

Foi nesse momento que Ícaro a viu de relance. Graças a Deus, ele não se

desconcentrou. Continuou dançando e, entre um salto e outro, confirmou. Era mesmo ela, uma das poucas mulheres que ele já tinha comido na vida.

Ícaro Mongianni tinha sido assaltado em um semáforo depois de sair do *Flörsheim* na noite em que a vira acompanhada daquele deus grego possessivo.

Naquela ocasião, estava comemorando com alguns amigos da *Grand Plié* sua vinda à cidade para dançar no espetáculo de encerramento a pedido de sua grande amiga Isabela Fiante, com quem ele já tivera o prazer de dançar outras vezes.

O carro fora recuperado, mas ele nunca mais viu o celular ou a carteira. Ao que parecia, Olívia o estava perseguindo, porque, no último domingo, logo depois de um dos ensaios, ele ligou a tevê do hotel e a viu no Domingão do Faustão.

Foi quando babou no *magya* mandão pela segunda vez. Era engraçado, cobiçar o namorado de uma mulher que ele já tinha comido.

A infância de Ícaro fora regada por piadinhas homofóbicas. A mãe queria que o filho fosse ginasta, porque ela própria fizera aulas de ginástica olímpica quando criança. Ícaro tentou, mas não gostou nada daquilo. Nas proximidades da escola onde ele precisava dar saltos no ar, havia uma escola de balé, e ele via as garotinhas e alguns garotos dançando pela enorme vidraça da entrada. Vendo-os dançar, ele descobriu que seu lance eram os saltos mais baixos, em terra firme. Logo, ele era um deles.

Os amigos da escola, quando, sabe-se lá como, descobriram que ele dançava balé, não o deixaram mais em paz, afirmando, categoricamente, que "Ícaro beija garotos! Beija garotos!". Então ele gritava, a plenos pulmões: "eu gosto de garotas! Eu beijo meninas!", embora, é claro, aos seis anos, ainda não tivesse beijado nenhuma.

Ícaro passou a infância e a adolescência inteiras tentando provar para as pessoas e para si mesmo que uma coisa não tinha nada a ver com a outra. É claro que homens heterossexuais podiam ser bailarinos! Ele, por exemplo, era um deles.

Enquanto crescia, ele foi fingindo que não sentia atração por rapazes. Não sentia e ponto final. Não ia dar o gostinho aos ex-colegas imbecis. Eles não iam vencer. Não iam e ponto final. Ele venceria.

Ícaro se tornou um homem e continuou com aquela necessidade obsessiva e sem sentido de ser o que ele sabia que não era.

Então, aos vinte anos, depois de transar com algumas mulheres (Olívia incluída), e perceber que aquela não era a praia dele, Ícaro finalmente entendeu que quem estava perdendo era ele. Certamente, existiam bailarinos heterossexuais, mas ele não era um deles. Escolheu "perder" a guerra que

travava desde criança para ganhar uma nova vida.

Ali, dançando, ele não perdia a oportunidade de, sempre que possível, dar uma manjada no pedaço de mau caminho ao lado de Olívia.

Ícaro já vira o vídeo do pedido de namoro e ouvira Max tocar e cantar “Me Namora” um bilhão de vezes. Mas precisava ouvir a voz trovejante daquele cara de novo. Ao vivo. Precisava vê-lo mais de perto. Em cores. Ele decidiu, enquanto beijava a mão da Bela para rodopiá-la em seguida, que, quando acabasse o espetáculo, correria para alcançar *Olimax*.

Assim que o salão se aquietou, depois da risada de Olívia, Max se aproximou um pouco mais dela, colocando o braço sobre seus ombros e afundando o nariz em seu pescoço. Ele estava se fodendo para o local público. Deslizou a mão e apertou um dos peitos dela, sussurrando indecências em seu ouvido e arrancando gemidinhos baixos de sua garganta e arrepios de sua pele.

— Tô louco pra te foder. Vou te foder tanto quando sair daqui, Olívia...

Ela não deixou por menos. Esticou o braço e o apalpou, alisando a cabeça protuberante sob o tecido da calça.

— Tô louca pra ser fodida. Quero que você me foda tanto quando sairmos daqui, Max... — ela murmurou de volta.

Dona Magali ficou toda irritada, e não parava de tossir de propósito, para incomodá-los. O pior é que a velha era ótima em fingir tossidinhas secas de gente idosa.

Max estava tão puto que, a qualquer momento, assassinaria a mulher.

— Só não vou enforcar essa velha porque tenho planos para hoje, e passar a noite na delegacia não é um deles — ele falou baixinho no ouvido da namorada.

— Só não vou mostrar o dedo pra essa velha porque, desde que assisti “Arrasta-me Para o Inferno”, aprendi que não se deve mexer com velhas. — Olívia riu.

Dona Magali escutou e mostrou o dedo a ela. Max caiu na risada, e Olívia perguntou:

— De que lado você está, porra?

Depois de receber vários pedidos de silêncio das pessoas próximas em forma de "shhhhhhh", Olívia cruzou os braços e se acomodou na poltrona.

Mas, antes que ela batesse os olhos no palco, Max se aproximou e voltou a sussurrar:

— Desculpa, prima.

— Desculpa de cu é rola — Olívia respondeu.

— Isso é plágio — ele acusou.

— Plágio de cu é rola — ela devolveu.

— É viciante dizer isso, né? — Ele riu.

— Viciante de cu é rola — ela falou, rindo.

— Te amo — ele disse e a puxou para perto.

Ela sorriu e apoiou a cabeça sobre o ombro dele.

— Te amo.

E, então, os dois ficaram assim, imersos em seu próprio universo.

A apresentação, apesar das olhadelas sistemáticas de Ícaro, prosseguiu espetacularmente, e até os homens, à exceção de Max, que tinha coisa melhor para fazer naquele momento (como, por exemplo, afagar o cabelo de Olívia), estavam meio impressionados com aquilo.

Muito provavelmente, estavam invejando o cara alto e encorpado que jogava a mulher *mignon* pelo palco e a trazia para junto de seu peito, abrigando-a gentilmente nos braços para, segundos depois, lançá-la longe outra vez, como se estivesse dançando com uma boneca.

Tito, sentado ao lado de Plínio, com certeza estava. A Bela era excepcionalmente bela, e o vestido não conseguia esconder a beleza das formas do corpo de uma dançarina nata. O traje era deslumbrante; a saia era curta e armada, e o corpete tinha detalhes intrincados, os quais se assemelhavam a fios de ouro meticulosamente entrelaçados.

O tamanho da moça, as pernas torneadas, os seios pequenos e aparentemente delicados, a fragilidade dos braços e as feições suaves fizeram com que o rapaz de vinte e três anos se lembrasse de uma fada.

A Bela, para Tito, se parecia mais com uma fada que com qualquer outra coisa, e ele nem sabia como uma fada deveria se parecer.

Assim que se deu conta de que tinha substituído as ondas brilhantes e castanhas da princesa-bailarina pelas madeixas ruivas e curtas de Larissa, ele tentou reprimir a lembrança daquele corpo frágil debaixo do seu. Tentou não pensar naqueles mamilos rosados ou no gosto doce e quente entre suas coxas macias e, acima de tudo, tentou não se lembrar de cada detalhe daquela primeira transa insana, sem camisinha, no elevador do prédio dela.

Aquilo tinha sido o ápice da loucura para Tito. O que custava esperar mais alguns minutos até chegarem ao apartamento, onde Larissa já tinha dito que tinha preservativos? Mas nenhum dos dois podia esperar mais um segundo. Tito não ponderou, não raciocinou, sequer lembrou que as camisinhas já haviam sido inventadas.

Com o tesão manifesto em formato de gota cristalina na ponta da cabeça do pau, ele só pensava em meter. E foi o que fez. Meteu e gozou junto com ela em um tempo que nem ele, sendo homem, pensava ser possível gozar.

Depois culpou a moto. Claro, todo aquele tesão tinha sido culpa da moto. Como ele podia imaginar que andar na garupa de uma mulher tão pequena, em

uma moto tão desproporcional ao seu tamanho, podia dar tanto tesão? Mas ele devia saber, evidentemente, que segurar nos peitos de Larissa e apalpá-la inteira enquanto ela acelerava na chuva, rumo ao apartamento, alertando-o, entre gemidos, de que ele os faria sofrer um acidente, daria naquilo. Tinham sorte de terem chegado vivos. Vivos, ensopados e acesos, tão acesos que, por alguma espécie de milagre, não incendiaram o prédio inteiro, a começar pelo elevador.

Depois de culpar a moto, ele precisou agradecê-la. Porque, antes daquela foda quente e molhada, ele estava em um estado de semimorte. Transar com Carolina era bom. Mas Tito não fazia ideia de que o sexo podia ser surreal, nem que era possível entrar em estado de semimorte em um sentido completamente diferente do que ele estava acostumado.

Agora, ele estava lidando com aquela bomba, que nem era consequência de seus atos tresloucados com Larissa. Se fosse, pelo menos ele poderia dizer a si mesmo que tinha responsabilidade naquilo. Mas não tinha. Se fosse, pelo menos a mãe seria Larissa. Mas não era.

De todo jeito, estava pagando a língua e, diferentemente de Max, que, na opinião de Tito, tinha enlouquecido, ele não queria ser pai. Queria aquela criança tanto quanto queria que o pau caísse.

Obviamente, Thomas Theloni não era idiota. Não tinha contado aos irmãos o tamanho da merda em que, oficialmente, estava atolado. Sabia o quanto seria zoadado. Plínio se comportaria mais como um irmão mais velho preocupado com seu futuro que com um filho da puta zoeiro, papel que Max, com certeza, tomaria para si.

Ele se arrependeu de não ter contado antes, quando a coisa toda ainda era uma suspeita. Porque, se houvera um momento oportuno para contar, teria sido aquele, quando Max estava numa fossa nunca antes enfrentada por homem algum na face da Terra. Naquelas condições, a zoeira seria menos intensa.

É claro que, para Tito, Max estava, como sempre, dramatizando tudo, como a putinha dramática que era. Tito estava, definitivamente, do lado de Liv, mas tinha seus motivos, pessoais e escusos, para compreender o desespero de Olívia, porque, secretamente, estava tão desesperado quanto.

Agora ele não sabia o que fazer. Ainda não conseguia acreditar que a louca da Carolina estava grávida. Ele nunca, na vida toda, tinha transado sem camisinha com ela. E não era, exatamente, por falta de confiança. Mas porque a (ex) namorada não fazia uso de nenhum contraceptivo oral. Ela se recusava veementemente a tomar porque "essas coisas engordam, Tito".

Ele achava muito irônico o fato de ter escapado ileso de seu lapso de responsabilidade com Larissa para se foder e ser o pai do filho da mulher com quem ele tinha feito sexo seguro a vida toda. Não conseguia parar de pensar

naquela foda e em todas as outras com Larissa, e ia ter um filho com a ex insana. O universo só podia estar de brincadeira.

Não era possível que ele estaria dentro da porcentagem mínima de falha de um dos métodos contraceptivos mais eficazes da face da Terra. Ele era um homem cuidadoso. Costumava conferir as camisinhas. Nunca nenhuma tinha estourado. E ele achava que notaria eventuais furos ou quaisquer defeitos de fabricação.

Mas, ao que parecia, ele estava errado. Porque dificilmente um exame de sangue apontando uma quantidade de 500 mUI/ml seria um falso positivo.

Obviamente, passou pela cabeça de Tito que o bebê pudesse não ser dele. Mas isso significaria que ele era corno, porque, pela quantidade de hCG, Carolina estava grávida há mais tempo que Tito estava solteiro. Sem sombra de dúvidas, entre ser corno ou pai, ele escolheria a primeira opção.

Também cruzou a mente de Tito a possibilidade de o exame ser falso. Com Carolina, tudo era possível. E ele a confrontara, mas ela arregalara os olhos e dissera que, se ele não quisesse acreditar, tudo bem, acreditaria quando a criança nascesse, com covinhas nas bochechas e furinho no queixo.

Tito já estava vacinado a respeito das encenações e exageros de Carolina. Ficou com o pé atrás. Mesmo diante do logo do reconhecido laboratório, ele decorou o número do CRF impresso abaixo da assinatura do farmacêutico responsável e conferiu se o cara estava mesmo inscrito no Conselho. Estava.

Então, ele tinha chegado ao fim da linha. O jeito era torcer para ser corno. E, acredite, nunca nenhum homem, na história do mundo, tinha torcido tanto para ser chifrudo quanto Thomas Theloni.

Max Vetter se sentiu um tio terrível quando, depois do espetáculo, Sofia pulou do colo de Plínio e correu para abraçá-lo, perguntando se ele tinha visto como ela ficara bonita no palco, usando maquiagem com *glitter* e interpretando a Odette, de “O Lago dos Cisnes”.

Ele a pegou, encarou o rostinho salpicado de partículas brilhantes da sobrinha pela primeira vez naquela noite e respondeu que ela tinha sido a melhor bailarina, e que era a princesa mais linda de todas as princesas do Reino das Princesas, embora não fizesse ideia de quem era Odette e muito menos de como a sobrinha havia se saído na apresentação.

Estivera ocupado demais sentindo o cheiro floral que emanava do cabelo de Olívia a cada vez que ele o acariciava para prestar atenção nos movimentos saltitantes de um bando de garotinhas com pouca coordenação enfiadas em saias

fru-fru de balé.

Aquele aroma amortecia seus sentidos, imobilizava sua mente e fazia seu coração se retorcer no peito. Olívia amortecia seus sentidos, imobilizava sua mente e fazia seu coração se retorcer no peito.

Na verdade, naquela noite, apenas Plínio e Suze estiveram cem por cento atentos a cada movimento de Sofia no palco. Os pais da garotinha poderiam descrever cada saltinho ou giro que ela deu vestida de Odette.

A desatenção de Olívia e Max dispensa maiores explicações.

Lili poderia falar sobre o evento de modo geral, porque se perdeu várias vezes durante as danças, lembrando-se da risada rouca, da voz grossa e do bigode farto de seu Francismar. Fora muito bom conversar com alguém mais ou menos de sua idade depois de tanto tempo.

O pobre Tito esteve no inferno durante a apresentação inteira. Só compareceu porque, caso contrário, teria que apresentar um bom motivo para a ausência e, embora ele tivesse um, não podia alegá-lo. Naquela tarde, na praça em frente à academia, Carolina tinha mostrado o exame e, quando chegou em casa, ele só queria deitar, dormir e acordar daquele pesadelo.

Em vez disso, precisou ir àquela apresentação de balé.

— Você também acha que eu tô bonita, Olívia? — Sofia perguntou, os olhinhos brilhando mais que toda aquela purpurina colada no rosto.

— Você está muito, muito linda, Souf! E dançou direitinho! Parabéns! — Olívia respondeu, apertando a mãozinha que pendia sobre o ombro de Max.

Evidentemente, assim como Max, ela se sentiu mal por precisar fingir que tinha prestado atenção.

Plínio e Suze se entreolharam, cientes de que os dois não tinham visto porra nenhuma.

Max estava completamente distraído, manjando a bunda de Olívia naquela saia e tentando não ficar duro enquanto Sofia estava em seu colo, quando, notando o olhar do irmão, Suze falou, abafando uma risadinha:

— Eu sei que vocês dois querem ir para casa, mas saco vazio não para em pé, e vocês precisam estar bem alimentados para... — Ela olhou para Sofia. — Bem, vocês entenderam. Então, o que acham de a gente sair para comer alguma coisa? — perguntou, direcionando o olhar para todos.

— Eu voto em pizza. Sempre — Plínio respondeu.

— Eu também amo pizza! Igual ao meu papai! — Sofia bateu palminhas.

Plínio passou o indicador no narizinho da filha.

— Você quer, prima? — Max perguntou, com os olhos grudados naquela boca vermelha.

Que porra, ele queria aqueles lábios carnudos e sedutores envolvendo seu pau.

— Quero se você quiser — ela respondeu, também mirando os lábios dele, tão macios...

Max ponderou. Ele estava com tanta fome que seu estômago parecia corroído. Conseguiria transar naquele estado? Perfeitamente. Mas conseguiria foder a madrugada inteira com fome? Possivelmente. Seria pleno? Talvez. Mas um "talvez" não bastava. Ele queria plenitude. Queria fodê-la até não aguentar, mais. Até cair morto. Seria melhor se ele comesse alguma coisa antes de comer o que ele efetivamente queria.

Sobre aquela coisa de recomeçar de um jeito diferente? Sobre não cometer o erro de começar com sexo de novo? Ele não estava se lembrando de nada disso. Nem da briga. Devia estar com amnésia dissociativa.

— Tá. Só porque eu tô com uma puta fome do caralho — ele respondeu, por fim.

— Porra... Eu também. Comería um boi. — Olívia riu.

— E um jumento? — ele brincou, dando uma piscada.

Olívia e Plínio gargalharam.

— Credo, Max! — Suze repreendeu, rindo.

Tito e Lili estavam longe, em seus mundos particulares.

Ela só queria ir para casa, tomar uma taça de vinho, colocar uns boleros ingleses para tocar e dançar sozinha no meio da sala, imaginando-se nos braços do simpático taxista. A bem da verdade, ela o tinha achado muito bonitão. E era só pensar nele para sentir suas partes femininas darem sinal de vida.

Dona Lili não se sentia assim há muito tempo, e só tinha conversado com ele uma vez. Queria conversar um pouco mais. Queria muito.

— Ah, eu estou com um pouquinho de dor de cabeça — mentiu. — Acho que prefiro ir para casa. — Vão vocês. Posso voltar de táxi. Você tem o número daquele senhor, Liv? — Ela se esforçou o máximo que pode para fazer uma expressão desinteressada.

— Tenho! — Olívia não se preocupou em esconder o sorriso.

Enquanto ela passava o número para Lili, Tito ia dizendo:

— Então... Acho que também vou embora.

— Por quê? — Susanne quase gritou.

— Ah, não, tio Tito! Você vai também! — Sofia cruzou os bracinhos. — É o meu dia de brilhos!

Tito se perguntou o que o "dia de brilhos" dela tinha a ver com ele precisar ir comer a porra da pizza. Estava prestes a responder um "foda-se", porque Sofia era criança e, naquele momento, ele odiava crianças, quando deu uma boa olhada na expressão de Plínio.

Nitidamente, seu irmão estava desconfiado. Muito.

— Só estou um pouco cansado — Tito improvisou. — Mas tudo bem, Souf. Já que é o seu "dia de brilhos", o tio Tito vai! — Ele forçou uma voz animada.

Plínio não se convenceu. Suze achou estranho, mas logo estava entusiasmada de novo, trocando olhares com Olívia a respeito de seu Francismar e Lili.

Assim que pegou o número, Lili se despediu e seguiu para fora do salão, para ligar para o taxista.

— Tio Max, me leva pra beber água? — Sofia pediu, balançando as perninhas e indicando o bebedouro a alguns metros de distância.

— Tá bom, meu anjo — Max falou. — Já volto, prima. — Ele sorriu para Olívia e se encaminhou até o local indicado pela sobrinha.

— Que pena, acabei de perder seu namorado, Olívia! — Ícaro se aproximou do grupo instantes depois.

Olívia se virou e o viu.

Ele estava usando uma camisa utilitária bem ajustada ao corpo e calças jeans.

Suze o reconheceu de imediato, apesar de ele já ter se livrado do traje de Fera.

— Nossa! Meus parabéns pela apresentação! Belíssima! — elogiou.

— De fato. Parabéns pelo talento — Plínio emendou.

— Muito obrigado — Ícaro agradeceu.

— Que apresentação? — Olívia perguntou, completamente surpresa ao se deparar, pela segunda vez em tão pouco tempo, com o cara com quem ela tinha perdido a virgindade.

Susanne e Plínio caíram na risada.

— Não leva para o lado pessoal, cara. Ela estava ocupada demais na hora... — Plínio falou, rindo.

— É, eu sei. Quem não estaria, com um... — Ícaro começou.

— Você estava no palco? — Olívia o interrompeu. — Dançando?

— Sim, eu sou bailarino — ele respondeu, colocando um braço ao redor dos ombros dela. — Vocês nos dão licença? Preciso falar uma coisa a Olívia — ele pediu, puxando-a.

Susanne ficou irrequieta. Max voltaria a qualquer momento, e aquilo o tiraria do sério.

Olívia pensou exatamente a mesma coisa e, enquanto Ícaro a afastava, ela ia dizendo:

— Foi bom revê-lo, Ícaro, mas eu tenho namorado. E ele...

— Eu sei, Olívia. Todo mundo sabe sobre *Olimax* — ele a cortou, levando-a até o canto, perto do palco. — E eu sou gay.

— Gay? — Ela não conseguiu evitar o tom surpreso.

— É, eu sei... Pois é... — ele disse, usando um tom de desculpas. — Garanto que estou muito mais interessado no seu bofe que em você. — Ele deu uma

risada.

— Mas você já era gay quando... — ela começou, ainda chocada.

— Nasci gay — ele respondeu. — Mas entendi sua pergunta. Quando nós transamos, eu só tinha transado com mulheres. Transei com outras depois de você. Demorei bastante pra sair do armário.

Olívia estava bestificada. Piscou algumas vezes e, então, de repente, uma luz se acendeu dentro dela.

— Ícaro... Meu Deus, você pode ser meu melhor amigo gay! — exclamou, batendo de leve no braço dele.

— Se você me deixar dar uns pegadas no seu *boy*... — Ícaro deu uma gargalhada. — Sério, Jesus Cristo... Eu sei que ele é seu vizinho, pela história que vocês contaram no Faustão e tal... Então, eu preciso perguntar: na sua rua tem mais daquele?

— Peça única — Olívia respondeu, toda metida.

— Sua malvada! — Ele deu um tapinha no ombro dela.

— Meu Deus! Não acredito que a minha primeira foda é um cara gay! — Ela gargalhou, e ele a acompanhou.

— Me passa seu número de novo. Menina, eu fui assaltado no dia que cheguei aqui, acredita? — ele falou, pegando o celular recém-comprado. — Por isso não te liguei nem nada. Quando te vi com aquele bofe escândalo na tevê, o Mr. Voz de Trovão, quase enlouqueci, porque não tinha como te encontrar!

Enquanto ria, impressionada com o fato de que finalmente teria um amigo gay, Olívia passava o número.

— Vou te passar via *WhatsApp* os *links* de todas as minhas redes sociais! — Ícaro ia dizendo. — Me siga! Eu sigo de volta! — falou, animado. — Terminei um relacionamento recentemente, sabe... Eu queria mesmo era seu homem, mulher, mas, se ele tiver uns amigos tão gostosos quanto, eu posso ser bonzinho e deixar ele pra você. O que acha? — Ele deu uma piscada.

Olívia gargalhou.

— Assim, tão gostosos quanto ele, você não acha, não, meu amor. Nem aqui nem na puta que pariu. Aquele ali, querido, foi moldado pelo diabo, especialmente para mim. Desculpa! — Ela se gabou.

— Meu Deus, que bicha má você é! — Ícaro caiu na risada.

— Mas tem uns que podem servir de quebra-galho. Você ia adorar o Lucas! — Ela teve uma crise de riso. — Ele tem um cabelão lindo!

— Jesus, se for cabeludo e *gostoso*, já quero! Põe na lista, *miga*.

Ela quase morreu de rir.

Infelizmente, Olívia estava tão distraída com o “ex-peguete barra novo amigo gay” que acabou se esquecendo de que, se visse aquela cena, Max interpretaria

tudo errado.

— A propósito, você está fa-bu-lo-sa! Ainda mais diva que naquela época! — Ícaro falou com sinceridade. — *Bitch*, esse seu corpo é uma loucura — disse, pegando a mão dela e fazendo-a girar em volta de si mesma.

Quando girou, Olívia o viu.

Max estava de pé, ao lado do bebedouro, observando aquilo tudo.

Ele tinha se virado assim que Sofia começara a beber água. Então, quando viu Ícaro se aproximar, sentiu o choque de fúria atingir suas têmporas enquanto os músculos de sua mandíbula se contraíam em um movimento brusco sob a pele barbeada.

Mesmo de longe, ele o reconheceu na hora. Poderia viver mil anos e nunca se esqueceria daquela cara.

Sofia puxou a calça do tio, informando-o que já tinha terminado. Max sabia que, no estado de raiva cega em que se encontrava, não podia pegar a sobrinha e caminhar até lá. Por isso, pegou-a no colo, como que para se impedir de fazer alguma besteira, e ficou inerte.

Estava tudo certo. Ele só precisava se controlar. Não era nada de mais. Estava na hora de provar para ela e para si mesmo que ele podia ser um cara controlado, maduro, nada possessivo.

Isso. Ele era um cara autoconfiante, totalmente seguro de si e nada ciumento.

Por tal motivo, ficou ali, só observando, com os pés tão fincados ao chão que poderia abrir um buraco no assoalho. Max sentia que, se acabasse se movendo um centímetro, não conseguiria se manter à distância.

De repente, a risada dela o golpeou. Seu coração se confrangeu quando a ouviu trocando risos com aquele cara.

Uma raiva assassina, um ódio descomunal e uma fúria insana o consumiram quando Olívia o tocou e permitiu que ele a tocasse de volta.

Mas o que o matou por dentro não foi a raiva, o ódio, a fúria.

Foi a dor.

Até então, Max achava que conhecia a dor. Nos últimos dias, chegou a se sentir traído. Ele se lembrava da sensação de ter uma adaga chinesa cravada nas costas. Mas nada se comparava àquilo. Nada, no mundo inteiro, doeria tanto quanto aquilo. Nem mil adagas chinesas.

Da primeira vez em que viu o cara que tinha tirado a virgindade da mulher que ele amava, ele tinha se controlado e saído do restaurante antes de fazer alguma merda do tipo irreversível. Então, Ícaro tinha sido o estopim da discussão que, naquela noite, o levou a se declarar debaixo de chuva e, em seguida, a comer Olívia sem camisinha, também debaixo de chuva.

Obviamente, Max jamais concederia o mérito àquele babaca. Se não fosse

naquela noite, seria em qualquer outra. Eventualmente, ele confessaria a ela o que sentia. Ocasionalmente, ele a comeria sem camisinha.

Ali, observando os dois conversando e rindo como se fossem dois grandes amigos, Max soube de uma coisa.

Daquela vez, ele não ia se controlar.

Nem fodendo.

Resoluto, ele caminhou duramente com Sofia no colo, entregou a garotinha à mãe e, sem dar ouvidos aos conselhos de Susanne, marchou até lá e trovejou:

— Que porra é essa, Olívia?

43. Gosto não se discute

Piolho revirou os olhos mais uma vez, respirou fundo e declarou:

— Mano, não adianta! Já liguei mil vezes praquela puta. O cara não tá atendendo.

— Tenta de novo, Lucas! Deixa de ser chato! Sem o Delícia não vai ter graça nenhuma! — Drica argumentou, batendo o salto no assoalho.

— E se você tentar no celular de Tito? — Larissa sugeriu, como se estivesse apenas tentando ajudar a prima, e não pensando em si mesma.

— Vi Titona hoje na praça da academia e gritei que a gente ia sair mais tarde pra comemorar o aniversário de Pecê. Mas o cara *tava* esquisito pra *carai*, conversando com Carol. Nem sei se escutou. O puto também não tá atendendo a desgraça do telefone.

Larissa sentiu um golpe gelado no estômago. Estava perfeitamente ciente de que Carolina, a loira novata da academia, era ex-namorada de Tito. Qualquer frequentador da academia de Beto sabia disso, porque ela não desgrudava os olhos dele e, no final, saía perseguindo-o até a porta.

Talvez Larissa fosse um pouco masoquista, porque poderia muito bem passar a malhar de manhã para não precisar sofrer, diariamente, com aquele ciúme que a devorava de dentro para fora. Em vez disso, continuou frequentando a academia no horário de sempre. Precisava estar ali. Era mais forte que ela.

Carolina era bonita, alta, loira e tinha um corpo cheio de curvas, do tipo que faz as mulheres se contorcerem de inveja e os homens pulsarem de tesão. Nada muito surpreendente, afinal, todas as rivais são altas e têm um corpo do tipo "capa de revista". E, claro, a maioria delas é loira, tem o cabelo comprido, liso e miraculosamente brilhante e saudável.

Obviamente, Larissa também tinha seus atributos. Mas, perto da loira, a ruiva se sentia tão patética quanto uma espécie híbrida de anão raquítico e formiga-cabeçuda.

O pior, para Larissa, era observar Carolina arrebitando a bunda ao usar os aparelhos e imaginá-la na cama com Tito. Isso fazia seu coração doer e a cabeça latejar de raiva.

Desde que a rival chegara à cidade, Larissa já tinha sonhado inúmeras vezes com ela. Certa noite, sonhou que Carolina transava com Tito enquanto ela assistia a tudo, acorrentada em uma poltrona cor-de-rosa abarrotada de adornos

femininos e delicados demais para o gosto de qualquer pessoa normal.

O detalhe da cor só podia ser um reflexo das roupas de academia de Carol, que eram todas, absolutamente todas, cor-de-rosa. Os tons variavam, mas a ex de Tito nunca usava outra cor.

Embora pudesse ser considerada uma versão humana da Barbie ou da Penélope Charmosa, Larissa achava que Carolina estava mais para Dolores Umbridge. E riu sozinha em cima da bicicleta ergométrica quando fez a brilhante associação.

No dia em que Carol apareceu usando um conjunto de top e *legging* rosa fluorescente e tênis do exato tom da vestimenta, meu Deus do céu, Larissa achou que seus olhos fossem sangrar. Para arrematar o *look*, uma tiara rosa-cheguei brilhava na cabeça loira, e a toalha e a *squeeze* gritavam "estamos aqui!", assim como tudo o mais relacionado a Carolina.

Felizmente, os sonhos de Larissa nem sempre eram tão terríveis quanto o da poltrona esdrúxula. Na verdade, na maioria das noites, eles eram maravilhosos. Ela sonhava com atropelamentos, bombardeios, incêndios, quedas de meteoros, desastres aéreos e desastres naturais em geral, todos envolvendo uma certa pessoa cor-de-rosa e risadas estrondosas de uma certa pessoa ruiva. Os atropelamentos, na opinião de Larissa, eram os mais divertidos.

— Carol é um amor de pessoa — Drica comentou. — Sempre gostei dela. E do Titinho, claro. — Ela deu uma risada.

Tudo a respeito das sentenças de Drica irritou Larissa. Mas, mais que o fato de a prima gostar de Carol, o que a enfurecia monstruosamente eram as constantes manifestações de interesse por Tito. Apesar de ser obcecada por Max, ela não se cansava de dizer que Tito seria um excelente prêmio de consolação, agora que estava solteiro.

Larissa tinha certeza de uma coisa: se não fosse prima de Drica, as duas nunca teriam trocado uma única palavra. Nem na infância nem na adolescência e muito menos na vida adulta. O que a mantinha em contato com a prima era o apego que as duas sempre tiveram quando crianças, apesar da incompatibilidade de gênios.

— Essa Carolina é louca, mano — interferiu Piolho. — Bem que a puta do Tito me disse. Achei que o cara *tava* de *caô*, que *tava* putinho porque eu ia comer a ex dele, meu. *Tava* crente que a mina *tava* na minha. Saí com ela, tudo no esquema, achando que ia ter motelzinho, e a gata só queria saber de você, Lari!

— De mim? — Larissa perguntou, espantada.

— Ela tá sabendo que Tito te deu uns pegadas, *vêi*. Mano de Deus, a mina queria saber tudo: o que *cê* faz, onde *cê* mora, o que *cê* come, quem *cê* come. Queria

que eu passasse até seu RG e seu CPF pra ela, meu! — Ele deu uma risada. — Falando sério agora — Piolho entrou rapidamente no "modo Lucas" —, se cuida, Larissa. Essa Carol tem algum desequilíbrio. Não estou brincando sobre o RG e CPF. Ela queria mesmo. Insistiu, até. Depois dessa, tive que pedir, com toda a cordialidade do meu ser, pra ela sair do carro. Foram os dez minutos mais broxantes e mais desperdiçados da minha vida. — Ele fez uma expressão frustrada e, em um piscar de olhos, voltou ao "modo Piolho". — Mas, é claro que o Piolhão aqui não passou a noite no zero a zero, né, mano! Fui pro bar e peguei uma gostosa que meu Deus do céu... Mano de Deus... — Ele fez um gesto com as duas mãos, indicando que a mulher em questão tinha uma senhora bunda. — Só não era mais gostosa que a mina de Putão, porque aí viraria brincadeira, né, meu?

— “Mina de Putão”... — zombou Drica. — Se você soubesse a raiva que me dá quando você fala *dessazinha*, Lucas! — gritou. — Eu sou muito mais gostosa que ela!

— Nem fodendo, mano. — Piolho gargalhou.

— Você é meu irmão, seu idiota! — ela esbravejou. — É claro que a sua opinião de merda não conta.

— Sou seu irmão, mas não sou cego, né, mano? Você até que é... — ele estava sentado no sofá e inclinou o pescoço, fingindo avaliar a irmã, que estava de pé — razoavelmente ajeitada — completou, prendendo o cabelo que havia se soltado do coque com o movimento de cabeça. — Mas aquela Olívia... Mano do céu, é o sonho de consumo de qualquer cara, meu. Não tem melhor, não — garantiu.

Assim que fechou a boca, a mente de Piolho viajou, pela milésima vez, para aquela manhã, seu último dia de aula antes do recesso. A aluna nova estava usando a blusa branca da escola por dentro de uma saia preta plissada (curta demais para um ambiente escolar), meias três quartos brancas e um sapato preto estilo boneca. O cabelo loiro com mechas pretas estava adornado com uma tiara de veludo, e ele não conseguia se lembrar se ela usava mesmo óculos ou se a armação preta e quadrada fazia parte daquele figurino propositalmente escolhido para deixá-lo em ponto de bala dentro da cueca.

Piolho sabia exatamente como ela estava vestida porque a mirou de alto a baixo quando a viu chegar, atrasada. O pau pulsou contra a calça jeans quando ela desfilou demoradamente entre as carteiras, se sentou na última, na fileira do meio, cruzou as pernas e o encarou, mordendo o lábio.

Piolho, ou melhor, o professor Lucas, engoliu em seco, pensando: "mano, que putinha safada, meu". Ele tossiu para disfarçar o atordoamento, engoliu de novo, sentindo as pulsações na cabeça de baixo e os giros da cabeça de cima, e

continuou, arduamente, a chamada.

Enquanto lia os nomes, sua mente se incumbia de imaginar uma foda fenomenal em cima de sua própria mesa, um clássico pornô entre aluna e professor. Ele a foderia sem nem tirar aquela saia enlouquecedora.

Em sua cabeça, ela estava peladinha por debaixo daquela tira de tecido preto, de modo que ele só precisaria posicioná-la, levantar a saia, puxar aquela bunda arrebitada de encontro ao pau e meter.

Ao ler "Maria Luísa", ele não fazia ideia de que era ela. A novata o fitou e o corrigiu com um sorriso: "Malu". Quando ela sorriu, algo se agitou dentro dele, e Piolho se sentiu completamente desarmado por consideráveis segundos. Foi quando se deu conta do quanto aquilo estava passando dos limites.

"Não tolero atrasos, *Maria Luísa*", respondeu, enfatizando o nome composto. "Da próxima vez, vai ficar do lado de fora. Estamos entendidos?"

"Sim, Lucas. Estamos", ela disse, e o som do nome dele na voz dela o desarmou outra vez.

Que porra, ela sempre o chamava de "professor". Que negócio de "Lucas" era aquele?

Assim que terminou a aula, ele saiu apressadamente da sala, porque, se ficasse ali, e ela esperasse os colegas saírem para se aproximar, ele não seria capaz de se conter. Não pensaria duas vezes antes de jogá-la sobre a mesa, e nem tinha uma camisinha consigo. Mesmo se não fosse flagrado, muito provavelmente estaria com sérios problemas depois de gozar.

— Sonho de consumo de qualquer cara... — Drica o tirou do transe, falando em um tom debochado. — Só dos que têm mau gosto, feito você. Sério, Lucas, você só se interessa por carne de quinta!

A novata era carne de primeira. Nem parecia ter só dezessete anos...

Mas no que ele estava pensando?

Não estava interessado na aluna. Só treparia com ela em seus sonhos eróticos. Neles, ele faria de tudo. Começaria tirando aquela tiara... Depois, beijaria aqueles lábios rosados, puxando aquele cabelo imenso para baixo, com uma mistura de suavidade e firmeza. Quando já tivesse provado cada canto daquela boca, ele se afastaria e a livraria da camiseta da escola. Observaria os peitos, que pareciam ter o tamanho ideal para preencher suas mãos, e, em seguida, chuparia os mamilos até se fartar, até que ela gozasse só com aquilo. Aí, ele a ergueria e a colocaria sentada sobre a mesa. Então, se posicionaria entre suas pernas abertas e devoraria sua boca outra vez, apalpando-a da cintura para cima. Eventualmente, suas mãos deslizariam e apertariam as coxas expostas até mergulharem no meio delas. Ele lambuzaria os dedos naquela bocetinha melada e a faria chupá-los. Depois, ordenaria que ela desabotoasse a calça dele, e aproveitaria para puxar a

própria camiseta. Terminaria de se livrar dos jeans e puxaria a cabeça dela, chocando seus lábios em um beijo faminto. Então, a deitaria sobre a mesa, a traria mais para perto pelas coxas e começaria a meter sem dó. Quando estivesse prestes a gozar, tiraria o pau e a sujaria inteira de porra. E, quando fosse repetir a dose, começaria removendo aquelas meias devagar, beijaria aqueles pezinhos e...

— E teve aquela meio *nerd* também, lembra, Lari? Nem me lembro do nome! Ele tinha uns... Quinze anos? — A gargalhada de Drica, que ria com Larissa de uma ex-peguete de Piolho, o tirou do transe de novo.

Puta que pariu, ele estava tão duro que precisou pegar uma almofada no sofá para, disfarçadamente, cobrir o volume.

— Lucas, você e o Delícia têm um péssimo gosto! E eu poderia incluir Tito na lista, mas simpatizo com Carol e não vou ofender você, Lari.

— Muito obrigada, Drica — ironizou Larissa. — Espero que você não tenha dito nada sobre mim àquela Carolina, Lu — falou, virando-se para o primo.

— Claro que não, mano! Aqui é parceria, tá ligado? E mau gosto têm você e a gata do Alemão, Drica. Não sei o que *cês* veem naquela puta...

— Ai, Lucas, meu querido irmão... — Ela soltou um suspiro. — Além daquele rosto maravilhoso? Além daquele corpo de deus grego? Além daquele sorriso divino, daquela boca desenhada, dos olhos lindos, dos braços musculosos, daquelas mãos enormes, do peitoral esculpido, das coxas torneadas e daquela bunda perfeita? Além disso tudo, ele tem algo que você e Larissa nunca viram. Vocês não sabem o que é aquele pau.

— Grandes coisas... — Larissa deu de ombros.

— Grandes coisas *mesmo*. — Drica sentiu várias correntes elétricas estremecerem seu corpo inteiro enquanto se lembrava da sensação de abocanhar o pau de Max.

— Tito também é pauzudo. — Larissa argumentou, sentindo uma onda de arrepios perpassar seu corpo todo ao mentalizá-lo pelado e ereto.

— Não basta ser grande, Lari! Pau fino é fim de carreira. Tem que ser grande, grosso e cheio de veias! — Drica exclamou, com água na boca. — Já vi muito pau, querida. Acredite quando eu digo que igual àquele não tem.

Larissa deu uma risada.

"Quem disse que o pau de Tito não é grande, grosso e veiúdo?", ela teria dito. Mas, é claro, não faria propaganda do pau de Tito. Principalmente a Drica.

— Você tá totalmente por fora, minha filha! — ela falou. — Eu já montei naquela perfeição que Tito chama de pau. Você só chupou o de Max! E vai ficar só nisso, coitada...

— Puta que pariu, mano! — Piolho se levantou berrando tão alto que as duas levaram um susto. — Se o *carai* do assunto agora é rola, vão falar disso na puta

que pariu, meu!

As duas o encararam com os olhos estatelados. Em seguida, caíram na risada.

— Foi mal, Lu — Larissa se desculpou.

— Tô nem aí. — Drica deu de ombros. — Isso é tão injusto! Preciso de um homem daquela família! — ela gritou de repente.

— Morro de dó — Larissa zombou. — Plínio é muito bem casado. Max não te quer. Tito, muito menos!

Ela estava ciente das tentativas da prima em transar com Tito, e muito feliz com as recusas sistemáticas dele. Tudo bem, ele pegava umas mulheres da academia. Quanto a isso, ela não podia fazer nada. Ele fora bastante claro a respeito de não querer nada sério, e ela também não queria, apesar de não conseguir tirá-lo da cabeça. Fora sexo casual e, ao que parecia, tinha mesmo acabado. Mas, se ele transasse com Drica, seria o fim, porque ela nunca o perdoaria. Não que ela tivesse que perdoá-lo, claro. Mas seria terrível, e isso estragaria qualquer coisa que eles pudessem ter no futuro. Não que ela quisesse ter algo com ele no futuro, claro.

— Já desisti de Tito — Drica mentiu. — Não estou nem um pouco interessada. — Só não entendo por que aquele filho da puta não quer transar comigo. Não pode ser porque sou sua prima! Você disse que o que vocês tiveram foi só um lance rápido... Você não gosta dele, né, Lari?

— Já falei que não, Adriana — Larissa respondeu rispidamente, desviando os olhos para o imenso lustre da sala do apartamento gigantesco de Drica.

Então se lembrou da última vez que transou com Tito.

Tinha sido maravilhoso. Eles estavam deitados, depois da última gozada; o braço dela repousava sobre o abdome dele, e a cabeça descansava sobre o ombro largo. Larissa estava falando sobre suas tatuagens quando ele se levantou de repente, dizendo que precisava ir. Ela se sentiu ridícula por pensar que aquilo pudesse ser algo mais, sendo que, claramente, Tito não estava interessado. Então, para jogar toda a humilhação para debaixo do tapete, disse que não estava à procura de foda fixa ou de qualquer outro tipo de relacionamento.

De fato, ela não estava mesmo. Já tivera um namoro complicado, cheio de idas e vindas e, definitivamente, não precisava de mais complicação. Contudo, Tito era tão lindo, inteligente, educado e divertido... Ele tinha covinhas fofas e um pau poderoso, pelo amor de Deus! Era perfeito e absolutamente irresistível. Não pensar nele, principalmente depois daquela primeira e única foda sem camisinha, era impossível. Obviamente, ela não o amava. Mas o queria. Queria muito.

— Caixa postal de novo. Nos dois — disse Piolho, que havia retomado as tentativas de ligação. — Quem precisa dessas putas, mano? *Bora* só a gente

mesmo, tá ligado? Nós, Pecê, Marcelão e Betona.

— Quero que o Delícia vá... — Drica choramingou.

Larissa teria acrescentado um "também quero que Tito vá", mas, obviamente, não revelaria isso aos primos.

— Mano, qual a parte de "Putão não tá atendendo" *cê* não captou, meu? — perguntou Piolho com impaciência.

— Já sei! — Drica exclamou de repente, ignorando o irmão. — Lari, tenta ligar pra Tito. Você ele deve atender. Homens sempre atendem mulheres!

— Já que homens sempre atendem mulheres, liga pra Max — Larissa devolveu, rindo.

Drica revirou os olhos.

— Mais? Tenho ligado a semana inteira pro meu Delícia! Ele sempre desliga, me dá um ódio! — Ela cruzou os braços, bufando. — Até fui à casa dele, quando descobri que ele tinha terminado com *aquelazinha*.

— Quando ouviu minha conversa com Titona lá na academia, *cê* quer dizer — Piolho interrompeu.

— Tanto faz, Lucas. O fato é que descobri por conta própria, sendo que você, como meu irmão, tinha a obrigação de me contar! — Ela fez uma careta. — Enfim... Se o Delícia estava em casa, não abriu a porta. Eu o chamei no *WhatsApp* a semana toda. Às vezes, o via *online*, mas nada de ele visualizar minhas mensagens! Já mandei até nudes via *Snapchat*, já fiz de tudo! Até ao escritório dele eu fui, só que uma tal de Samantha não me deixou entrar. Puta desgraçada! Que ódio! Mas, de todo jeito, agora que aquele anão indiano está fora da jogada, é só questão de tempo. Eu avisei que aquele namorico não duraria nem uma semana! — ela se vangloriou, gargalhando.

— Na verdade, durou um pouco mais de uma semana — Larissa a corrigiu. — E tenho a impressão de que eles ainda vão voltar. Qualquer um vê que eles se amam, Drica. Aposto que a briga foi por um motivo tolo. Você vai cair do cavalo.

Drica fulminou a prima com os olhos, encarou o irmão e bradou:

— Eu saberia o motivo da briga, se esse idiota me contasse!

— Eu não te contaria nem se Titona tivesse me contado, mano — Piolho revidou. — Só sei que, se Putão não fosse minha quenga, eu aproveitaria essa trégua e iria atrás da mina dele, meu. Mas, na moral, se essa treta for definitiva, eu vou pegar e foda-se, tá ligado? Mano, só de imaginar... — Ele se calou, percebendo que ia dizer à prima e à irmã que estava ficando duro.

— Pelo amor de Deus, vamos logo pra pizzeria, antes que eu perca a fome de vez — Drica reclamou. — Eu dirijo. E você, Lucas, vai tentando ligar pro Delícia.

— Vá se foder, Adriana. Sou escravo seu, não, meu. E, pro seu governo, eu vou de moto — Piolho declarou, levantando-se e fechando o zíper da jaqueta preta de couro.

— Você não presta pra nada! — Drica choramingou. — Nunca me ajuda...

— Lari, fica de olho nessa louca. Vejo vocês no *La Pasta*. — Ele alcançou o capacete e saiu andando.

44. As aparências enganam

MAX

Eu estava tão puto com aquela cena que podia sentir o sangue borbulhando nas veias enquanto permanecia ali, de pé, fulminando o desgraçado.

Primeiro, ouvi os dois gargalhando como se fossem vítimas do Coringa e da porra do gás hilariante. Depois, o filho da mãe teve a audácia de tocá-la. Em seguida, ele a girou e manjou, descaradamente, a bunda dela, como se não soubesse da minha existência, como se estivesse se fodendo para o fato de que ela era minha.

Isso já seria motivo suficiente para que eu explodisse e decidisse mostrar àquele filho da puta que ninguém vive para contar qual é a sensação de manjar a bunda da minha mulher. Agora, imagine o que eu faria com um cara que, além de já ter transado com ela, tinha sido o primeiro.

A presença dele somada ao fato de que Olívia e eu não transávamos há cinco dias me deixou possesso. Eu estava no caralho do meu limite.

Senti o descontrole se apoderando de cada partícula de racionalidade, até que não sobrou nada além do irrefreável desejo de socá-lo.

Então, deixei Sofia com Suze, mal ouvindo o que ela, Plínio e Tito diziam sobre eu precisar me controlar, e caminhei até o canto do auditório.

— Que porra é essa, Olívia? — trovejei, desviando o olhar de seus olhos alarmados para encarar o sujeito ao lado dela.

Ele me encarou de volta de um jeito bastante estranho. Parecia quase satisfeito com a minha aparição, e o cinismo do cara só me deixou ainda mais puto, se é que isso era possível.

— Max, este é o... — Olívia começou, indicando-o.

Que porra. Ela queria me apresentar o desgraçado? De novo? Tomar no cu!

— Sei muito bem quem é esse filho da puta — interrompi.

Então, com o punho fechado, eu o surpreendi com um soco; um golpe único e certo que o fez cambalear e bater as costas na parede.

Pronto, eu tinha desfeito aquela expressão de merda com um bom murro.

— Ai, meu Deus! Ícaro! — Olívia correu para socorrê-lo.

Que porra era aquela? Ela estava mesmo defendendo o cara?

Aquilo me matou, me massacrou. Doeu pra caralho, e eu ia descontar toda aquela dor e toda a minha raiva assassina na cara do desgraçado.

Se ele achava que ia ser só a porra de um soco, estava muito enganado. Eu não tinha acabado, não estava nem perto de me livrar de toda a minha ira. Na verdade, não tinha nem começado.

Ali, vendo Olívia alisá-lo no rosto, a mistura explosiva de dor e fúria que se agitava dentro de mim rompeu minhas veias, saindo em jatos desenfreados, e eu avancei. Meu Deus, eu ia matar aquele cara!

— Já chega, Max! — Ouvi a voz de Plínio e senti o apertão no meu braço direito.

— Puto, se controla. — Tito fez o mesmo do outro lado.

— Se vocês não me soltarem, vou precisar me soltar sozinho — ameacei, mal reconhecendo minha própria voz.

— Cara, isso aqui é uma escola de balé! Tem crianças aqui, Max, pra todo lado! Sofia tá vendo essa porra toda! — Plínio alertou.

Isso me fez respirar fundo e tentar me refrear.

Vi que o cara estava limpando o sangue do lábio. Ele me encarou de longe, passando a mão no maxilar.

Não gostei daquela expressão. Que porra de expressão era aquela?

— Quer mais, desgraçado? — perguntei retoricamente, puxando os braços de uma vez, libertando-me de Plínio e Tito e avançando em direção ao filho da puta.

— Max, para! — Olívia entrou na frente do cara, protegendo-o com os braços.

Observei seus olhos. Mirei suas íris esverdeadas por uns cinco segundos. Mas foi o suficiente para compreender. Ela me fitava com uma mistura de pavor e recriminação estampada no rosto.

Isso neutralizou toda a minha raiva. De repente, eu não sentia mais nada.

Então ela tinha reencontrado o cara com quem perdera a virgindade, eles conversaram sobre os velhos tempos, deram boas risadas. Ele a girou e provavelmente a elogiou, e ela permitiu. Isso não era nada de mais, certo? Claro que não. Eu estava exagerando, é claro.

Inclusive, eu nem deveria ter dado o soco. Foi uma atitude totalmente desproporcional. Puta que pariu, foi algo totalmente gratuito! Como eu estava arrependido... Amargamente.

Espero que você não tenha acreditado nessa porra!

O caralho que eu estava arrependido! O caralho que aquilo não era nada de mais!

Quando o defendeu, quando me olhou como se eu fosse um monstro, quando ficou ali, protegendo-o de mim, Olívia fez uma escolha. Então, eu fiz a minha.

— Como quiser — falei, com evidente desgosto.

Em seguida, virei as costas e saí andando, sentindo a raiva retornar mais forte a cada passo.

— Max, espera! — Ouvi a voz dela e continuei caminhando.

O auditório já estava praticamente vazio, mas a ampla área lateral, onde pais e fotógrafos se aglomeravam, tirando fotos das crianças, estava apinhada de gente.

Embrenhei-me no meio das pessoas, abrindo caminho entre elas, e o ruído de *flashes* e risadas da multidão abafou a voz de Olívia.

Não sei como cheguei ao carro, porque estava cego de raiva e dor. Mas cheguei. Destravei a porta e entrei, batendo-a com força. Então a vi pelo retrovisor, nas pontas dos pés, procurando entre o mar de veículos estacionados.

Fiquei um tempo sem ligar o motor, pensando em como as coisas podem mudar em apenas um instante. Estávamos bem. Impressionantemente, bastou vê-la para que eu me esquecesse de toda a nossa discussão. Só precisei me sentar ao lado dela para saber que jamais ficaríamos longe de novo. E ali estávamos, separados por uma fila de carros, prestes a nos afastar outra vez.

Desviando os olhos do retrovisor interno, girei a chave e arranquei. Por mim, ela podia ficar com ele. Que fossem os dois para o inferno!

Não. O inferno era onde eu estava. Passei o dia inteiro esperando por aquela noite, ansiando pelo momento em que nossos lábios e corpos se entrelaçariam... Só o que eu queria era abraçá-la e beijá-la inteira, e apertá-la com força, para que nunca mais nos separássemos. E nada disso ia acontecer. No dia seguinte, eu completaria seis dias na porra do inferno. Quantos mais eu suportaria?

Enquanto dirigia, minha coxa vibrava. Alguém estava me ligando, incansavelmente, há insuportáveis minutos.

De repente, *Revelry* começou a tocar, e eu fui momentaneamente transportado para uma das noites em que Olívia e eu passamos no hotel, no Rio de Janeiro. Depois do mico que eu a fiz pagar no *hall* com o toque do celular, decidimos, de comum acordo, que *Revelry* seria o nosso som de chamada. Então configuramos tudo e tiramos uma foto engraçada, que atribuímos aos nossos contatos junto com o toque.

Naquele instante, enquanto eu ouvia a música, ela estava arrebitando meu nariz, e eu estava arrebitando o dela dentro do bolso da minha calça.

Meu coração se retorceu, mas deixei tocando. Caleb Followill cantava um bom trecho da música e era interrompido para, segundos depois, voltar à estrofe inicial.

Minutos depois de o vocalista do *Kings of Leon* se calar, o celular voltou a vibrar.

Assim que parei em um semáforo, tirei o aparelho do bolso e chequei o visor. Trinta e duas ligações perdidas de Drica (só naquele dia), dezessete de Piolho, oito de Olívia e quatro de Suze.

Foi quando me lembrei de que não tinha visto minha irmã ou minha sobrinha

quando me dirigi à saída.

E se tivesse acontecido alguma coisa com Sofia?

Retornei a ligação imediatamente. O sinal ficou verde assim que coloquei o celular no ouvido.

— Porra! — exclamei, arrancando.

— Max? — Susanne chamou do outro lado da linha.

— Sofia está bem? — perguntei, desesperado.

— Sofia? — ela disse, aparentemente sem entender o motivo da minha pergunta. — Está, claro. Está ótima, muito animada para ir comer pizza. Mas ela disse que só vai se o tio Max for.

Respirei aliviado. Então, passando a terceira marcha, soltei:

— Susanne, pega essas suas chantagens emocionais e enfia no rabo.

— Nossa... — ela fingiu espanto. — Espera... Você tá dirigindo?

— Não. Sou a porra do *Superman*. Estou voando — ironizei.

— Ai, que hilário. Rá, rá, rá. Max, você sabe que eu não gosto quando você fala no celular e dirige ao mesmo tempo! — ralhou.

— E você sabe que não é a porra da minha mãe, e que eu não tenho treze anos, certo? — alfinetei.

— Você não poderia dirigir com treze anos, gênio — ela provocou. — E sou sua irmã mais velha, os mais velhos têm autoridade sobre os mais novos. Encosta o carro, Max. Agora.

Soltei uma gargalhada.

— Susanne, não estou no meu melhor estado, então se contente com um simples e nada criativo: vai tomar no cu.

— Não ouse desligar! — ela berrou, lendo, de forma correta, a minha mente. — Max, por favor, não desliga. — Suze abrandou o tom. — Preciso te falar uma coisa. Encosta o carro. Por favor.

— Espero que você saiba que essa história de pizzeria está fora de cogitação — falei, estacionando.

— Eu sei. Você encostou? — ela perguntou.

— Encostei, caralho. Tá satisfeita agora? — gritei.

— Estou — ela respondeu. — Então... Eu estava pensando... — começou.

— Ah, você pensa? — interrompi.

— Nossa, que infantil... Sofia é menos criança que você, sabia?

— Bom pra ela — respondi, dando de ombros. — Fala logo, porra.

— Acho que você e Olívia precisam de mais tempo separados — Suze falou.

Achei estranho pra caralho. Ela insistiu a semana toda para que eu fosse procurar Olívia, jogou na minha cara mil vezes que ficarmos longe um do outro era sofrimento desnecessário, que, em vez disso, devíamos conversar e colocar

nossas merdas para fora. Agora ela estava dizendo que precisávamos ficar separados? Que porra era aquela? Bipolaridade feminina, só podia ser.

— Acho que você devia aproveitar uns dias na casa de praia — Suze voltou a falar. — Seria ótimo pra você espairecer, organizar seus pensamentos, pensar no que você quer, no que vocês dois precisam. Vá na frente. Plínio, Tito e eu iremos depois. Fica sozinho por uns dias, Max, até decidir o que fazer.

Não era uma má ideia, exceto pela parte de eu ficar mais tempo sem Olívia. Eu não queria, porra. É claro que não. Eu a queria na minha cama, onde era o lugar dela.

Fechei os olhos e senti aquele cheiro, o aroma floral e levemente adocicado. Visualizei nossas mãos entrecruzadas, a cabeça dela sobre o meu ombro, meus dedos entre os fios de seu cabelo...

Mas, de repente, a imagem de Olívia alisando o rosto daquele sujeito nublou todas as outras imagens.

Claramente, ela preferia estar em outro lugar, não na minha cama. Se quisesse mesmo estar comigo, ela não teria dado corda àquele cara. Não teria permitido que ele a girasse daquele jeito nem teria rido das piadas de merda dele.

Porra, ela me conhece! Ela sabia que eu estava lá e que eu ficaria puto com aquilo. Mesmo assim, permitiu. E, ainda por cima, ficou do lado dele. O que ela não faria longe das minhas vistas?

— Posso ir hoje à noite? — perguntei a Suze, apertando o volante involuntariamente.

Eu precisava mesmo ficar longe. Queria ficar sozinho. De verdade dessa vez, e não feito um idiota, passando as madrugadas no relento só para poder observá-la à distância.

— Claro! — minha irmã falou com entusiasmo. — Vá pra casa, faça as malas e tudo o mais. Vou ligar para o caseiro avisando e, daqui a pouco, antes de ir para a pizzaria, deixo as chaves na sua casa! — Se estivesse com as duas mãos livres, ela provavelmente estaria batendo palmas, de tanto que soava efusiva.

Suze tinha esses surtos inexplicáveis e repentinos de animação. Depois de quase três décadas de convívio, eu já tinha desistido de tentar entendê-los.

Mesmo assim, eu deveria ter notado que alguma coisa estava errada. Deveria ter me tocado de que ela abria mão da minha ida à pizzaria muito facilmente. Em retrospecto, eu deveria ter me apegado a esses pequenos sinais. Mas os deixei passar. E só juntaria as peças no dia seguinte.

Depois de prometer mil vezes que seria cuidadoso na estrada, como se Susanne fosse mesmo minha mãe, desliguei e dirigi até a Rua das Cerejeiras.

Tudo estava escuro na casa rosa quando adentrei minha garagem.

Fui direto para a cozinha e abri a geladeira. Estava morto de fome, então comi

quase tudo o que tinha lá dentro.

Depois, subi as escadas e joguei algumas roupas e itens essenciais na mala. Fechei o zíper e segui para o banheiro. Tomei banho, vesti uma calça jeans e uma camiseta.

Enquanto estava calçando o sapato, notei que a gaveta do criado-mudo estava semiaberta, então me aproximei para fechá-la.

Foi quando vi as camisinhas. Eu poderia me enganar e encher a mala delas. Mas tinha certeza de que não ia precisar daquilo.

Eu estava errado. Ia precisar. E ia me lembrar desse exato momento no futuro, o instante em que eu, estupidamente, deixei as camisinhas em casa.

Suze tinha mandado uma mensagem, dizendo que já tinha passado e deixado as chaves da casa de praia na minha caixa de correio.

Quando saí lá fora, notei que a luz do quarto de Olívia estava acesa. Ela estava em casa e nem tinha se dado ao trabalho de ir me procurar. Foi melhor assim, porque, de todo jeito, eu não teria aberto o portão.

O carro de Suze estava na porta, o que me impediu de sucumbir ao pensamento de que aquele cara pudesse estar dentro da casa.

Eu não fazia ideia do que o carro da minha irmã estava fazendo ali, e nem pensei nisso, porque pouco me importava o motivo. Só fiquei aliviado por ela estar lá dentro com Olívia. Mas o Kia vermelho de Suze na porta da casa rosa foi outro sinal, outro dos muitos que ignorei.

Assim que deixei minha garagem, comprei duas latas de energético e fui tomando enquanto guiava o carro pela rodovia.

Cerca de três horas depois de começar a dirigir, finalmente permiti que os pensamentos confusos se organizassem em minha cabeça. Antes disso, eu estava deixando a raiva me entorpecer, estava alimentando o meu ódio e toda a mágoa. Então, cansei daquilo. Parei de me corroer e de me fazer de vítima.

O vento frio da madrugada invadia as janelas do carro e enregelava meu rosto. A sensação era boa, de amortecimento completo.

Eu estava exausto. Não fisicamente. Só estava cansado de revolver toda aquela raiva, cansado daquela sensação dolorida no peito e de me sentir tão incapaz de controlar meus próprios impulsos.

Um dos meus filmes favoritos é Clube da Luta. Sou fã de MMA e não perco um UFC. Já fiz aulas de defesa pessoal de todo tipo. Sempre gostei pra caralho de assistir a lutas de boxe; tenho luvas e um saco de pancadas em casa, inclusive. Mas nunca tinha socado um cara de verdade. Não por um motivo real. E eu não devia, mas estava me sentindo mal por ter desferido aquele soco.

Horas depois, com a cabeça fria, eu tinha percebido o tamanho da merda que tinha feito. No entanto, eu não podia dizer que estava exatamente arrependido,

porque sabia que faria de novo. E a certeza do fato me preocupou.

Definitivamente, eu não podia sair por aí socando todos os caras que ousassem olhar para a bunda de Olívia. Tinha consciência disso.

Primeiro, porque eu passaria o resto da vida distribuindo socos. Não faria mais nada. Socaria tantos caras que os nós dos meus dedos se despedaçariam e, ocasionalmente, meu braço cairia. Nem um soco inglês aliviaria a situação.

Segundo, porque, puta que pariu, era uma atitude bastante irracional e não condizente com o meu comportamento regular.

Que porra. Sempre fui sensato e nada passional, mas o ciúme doentio estava me transformando em um cara impetuoso e inconsequente, coisa que nunca fui.

O que estava me deixando razoavelmente tranquilo era a ciência de que aquele caso específico era isolado, porque contava com o doloroso adendo da virgindade. Foi isto o que me deixou fora de mim a ponto de socá-lo: saber que ele tinha sido o primeiro.

Eu sei, caralho, sei que o fato não deveria me incomodar tanto. Sei que as pessoas, eventualmente, perdem a virgindade. Sei que Olívia já transou com alguns caras. Sei que isso não deveria ser um problema. Sei disso tudo. Mas não consigo, por mais que eu tente, aceitar essa porra numa boa. Quero dizer, consigo, se eu não pensar muito nisso. Consigo, se eu não precisar encontrar aquele sujeito (ou qualquer outro, mas principalmente aquele) o tempo inteiro.

Se ninguém me incomodar, se eu não precisar lidar com essa merda frequentemente, as coisas funcionam. Não preciso socar ninguém. Então, por que a desgraça do cara não me deixa em paz? Por que ele não some? Por que não vai para a puta que o pariu? Por que o diabo não o carrega?

Que porra! Por que me importo com algo tão sem importância?

Preciso parar com esse ciúme imbecil. Preciso colocar um fim a essa possessividade, a esse ligeiro desequilíbrio, ao descontrole e a essa aparente postura violenta. Preciso parar com isso tudo. Sei que não tenho razão. Estou errado.

Pronto. Confessei estar errado. Agora, já podemos apontar os erros de Olívia.

Ela ficou de trololó com aquele cara! Imperdoável. Toda aquela coisa das risadas, do giro e da manjada de bunda? Imperdoável. Ela ter ficado ao lado dele depois do soco? Imperdoável!

Viu? Estou errado, mas ela também está. E eu teria cruzado os braços depois de chegar a essa brilhante conclusão, mas estava dirigindo.

Porra. Alguma coisa estava cutucando o caralho do meu cérebro. Algo que eu não queria que viesse me perturbar, muito menos depois do meu brilhantismo; certamente, não naquele momento.

Era a minha consciência. A puta estava esfregando coisas na minha própria

cara: "Max, você perdeu a virgindade com Drica, e ela ainda faz, de certo modo, parte da sua vida! E você não riu das piadas de merda dela. Só o que você fez, cretino, foi deixar que ela chupasse o seu pau. Está lembrado do episódio do boquete, não? Ah, nem vamos mencionar o seu número de três dígitos. Não vamos nem tocar no assunto da porrada de mulheres que você já comeu!".

Caralho, a minha consciência soava exatamente como Olívia! A voz era idêntica, juro.

Tá, eu estava mais errado do que pensava. Na verdade, eu estava cerca de 98% errado (não vou assumir o erro inteiro, nem fodendo).

Tá, caralho! Eu estava mesmo errado! Que porra! Bati no sujeito. Conduta nada louvável, totalmente recriminável e...

Espera.

Ora, vejam só do que eu me lembrei: Olívia bateu em Drica! Ou seja, estou isento de culpa, porra! Se ela pode, eu também posso.

Depois que me recordei disso, me senti bem melhor. Queria voltar, só para jogar na cara dela o tamanho do teto de vidro em que ela estava de pé quando me olhou como se eu fosse um selvagem por ter batido naquele merda.

Comecei a rir sozinho dentro do carro. Eu ia voltar. Não só por toda essa coisa do teto de vidro, claro. Mas, principalmente, porque eu sabia que tinha agido como um filho da puta. Com ela e com... (Espera, estou tentando não trincar os dentes) Igor. Igor? Iago. Ítalo? Foda-se. Aquele cara.

O problema era que eu levaria cerca de quatro horas e meia para voltar, e só faltava meia hora para chegar à casa de praia. Minhas costas estavam doendo, e eu já estava sentindo as pálpebras meio pesadas. Era mais prudente continuar a viagem, dormir algumas horas quando chegasse e voltar quando estivesse física e mentalmente descansado.

Foi o que eu fiz. Trinta minutos depois, estacionei na garagem, desliguei o motor, saí do carro e entrei na casa.

Fui direto para o melhor quarto, o que tinha a vista mais perfeita de todas. Abri as portas francesas da sacada e saí para dar uma olhada no mar.

O som das ondas derramando-se sobre a areia inundou meus ouvidos. Respirei fundo e fiquei ali por alguns minutos, admirando a imensidão de águas escuras. O céu exibia o mesmo tom azul-marinho do oceano, e as palmeiras farfalhavam ao sabor da brisa fria.

Pensei em me deitar em uma das espreguiçadeiras da varanda, só para ficar ali, aproveitando minhas poucas horas no paraíso, mas estava farto de espreguiçadeiras. Queria dormir na porra de uma cama, depois de dias dormindo à beira da piscina.

Então, voltei para o quarto, tirei a roupa, puxei o edredom e me deitei na

imensa e confortável cama de casal, sentindo o colchão acariciar meus músculos tensos.

Dormi instantaneamente, embalado pelo som do vento e pelo barulho do mar.

45. Cada qual com seu igual, cada qual no seu lugar

OLÍVIA

— Ele foi embora, Suze. Eu o vi arrancando, vi quando ele foi — anunciei, sentindo as lágrimas pinicarem meus olhos.

— Não acredito nisso! Não acredito que vocês mal fizeram as pazes e já brigaram de novo! — ela falou, quase tão chorosa quanto eu.

Estávamos na área tumultuada, cheia de pessoas tirando fotos de seus filhos. Sofia estava sendo fotografada a alguns metros de distância com uma garotinha de cabelo enrolado feito macarrão instantâneo, só que preto. Lembrei-me da descrição e concluí que era Duda, sua melhor amiga. Assim que Suze me viu passar, voltando do lado de fora, pediu à mãe da garotinha de cachinhos para se incumbir da tarefa de fotografar as duas.

— O que aconteceu lá dentro? — Suze perguntou. — Achei melhor sair de lá com Sofia, porque nunca tinha visto Max tão furioso. Fiquei com medo de ele... — ela começou.

— Socar Ícaro? — completei.

— Eu ia dizer "se exaltar e falar muitos palavrões", mas... Ele fez isso? Ele bateu no cara? — Ela levou as mãos aos lábios.

Assenti com a cabeça baixa.

— Não é possível! Max nunca foi disso! — Susanne falou, chocada.

— Ele teve um motivo razoável. Quero dizer, ele acha que teve. Ícaro foi o meu primeiro, e ele sabe. Nós nos encontramos com ele naquela noite, no restaurante alemão — expliquei.

— Meu Deus, é pior do que eu pensei. Vocês dois vão acabar se metendo em problemas sérios se não derem um jeito nesse ciúme todo — ela profetizou.

— Eu sei. Foi tudo minha culpa! — falei, enxugando uma lágrima que tinha descido.

— Foi mesmo. Dessa vez, preciso dar razão ao meu irmão, Liv. Não que eu apóie o que ele fez, mas Max está no direito de ficar puto. Eu mesma fiquei irritada quando te vi tão à vontade com aquele cara, e nem sabia que vocês tinham uma história.

— Não foi uma história, Suze. Foi só uma vez. E Ícaro estava me contando que é gay — esclareci.

— Ele é gay? — Susanne perguntou, alarmada.

— É. Foi por isso que eu fiquei tão animada, porra. Eu sempre quis ter um amigo gay... E Ícaro é engraçado e... Acredite, ele está interessado em Max, não em mim. Ele disse isso na minha cara, pra você ter uma ideia. Enfim, na hora do papo, acabei me esquecendo do que aquilo poderia parecer. E, então, depois do soco, fiquei tão assustada e com medo de ele ter se machucado seriamente que nem consegui contar a Max que Ícaro é gay. — Senti as lágrimas escorrendo. — Preciso ligar pra ele, preciso contar — falei, pegando o celular, discando e colocando o aparelho no ouvido.

O que eu queria mesmo era ir embora. Mas seu Francismar estava ocupado com Lili, não havia ponto de táxi nas imediações e eu, estupidamente, não tinha baixado nenhum aplicativo de táxi na porra do celular.

— Tive uma ideia! — Susanne exclamou de repente. — Na verdade, é o aprimoramento de uma ideia anterior.

Enquanto eu tentava ligar para Max, ela foi explicando:

— Eu tinha convidado Max hoje cedo pra gente passar uns dias na casa de praia, mas ele recusou o convite. A ideia era fingir que você não ia, mas, obviamente, eu ia te chamar, e, então, vocês acabariam fazendo as pazes em alto-mar. — Ela deu uma risada. — Mas... Acabei de melhorar meu próprio plano genial! Agora que ele está puto de novo, acho que ele pode acabar topando. É só eu sugerir que ele vá sozinho, como se Plínio, Tito e eu fôssemos em seguida. Aí ele vai e você vai atrás! Vocês fazem as pazes, passam uns dias lá e voltam para cá como *Olimax* de novo! — Ela bateu palmas, e o som chamou a atenção de alguns fotógrafos.

Olhei adiante e vi Sofia conversando com um garotinho de cabelo preto muito liso, como se fosse de índio. Ele estava rindo, e ela estava fazendo uma careta.

— Vou como, porra? Montada em um camelo? — perguntei a Suze, desviando os olhos das duas crianças.

— Credo, para de soar como o meu irmão! — Ela me deu um empurrãozinho no ombro.

— Desculpa — falei, rindo.

— Você vai no meu carro, gênio! A casa fica a cerca de cinco horas de distância. É simples, vou te explicar como chegar. Além disso, vou configurar o GPS. Não tem erro.

— Suze a ideia é realmente ótima, mas não posso pegar o seu carro. Como você vai ficar? — perguntei, desligando o celular.

Tinha tentado várias vezes, mas ele não atendia.

— Sofia vai participar de uma colônia de férias com os colegas de sala. Plínio e eu estamos de férias, teremos a casa toda só para nós dois. Vamos passar o fim

de semana inteiro... Bem, você sabe. — Ela ficou ligeiramente vermelha. — Se precisarmos ir a algum lugar, iremos juntos, no carro dele. Quanto a isso, pode ficar despreocupada. Não vai me fazer falta nenhuma.

— Tem certeza? — investiguei.

— Absoluta — ela confirmou.

— Então tá... Ai, Jesus! Eu? Dirigindo aquele carro lindo? Em uma aventura romântica em busca do amor? Ai, meu Deus! — exclamei, incapaz de manter o entusiasmo aprisionado em meu próprio cérebro. — Porra. Não era pra ter dito isso em voz alta — falei, constrangida.

Susanne deu uma risada.

— Vai ser tão lindo! Vocês podiam filmar os dias na praia e fazer um diário de viagem. A Globo pagaria uma fortuna por um documentário *Olimax*. — Suze falou, pegando o celular na bolsa.

— Estaria mais para um longa-metragem pornográfico. Não sei se a Globo estaria interessada. — Dei de ombros.

Ela gargalhou.

— Credo... — falou, rindo. — Que horror. Não quero nem imaginar como seria um filho de vocês dois. Meu Deus... — Ela meneou a cabeça, com o celular no ouvido. — Droga, Max não entende! Filho da mãe! — Suze gritou de repente, com a boca no celular, como se o aparelho tivesse culpa.

Então, ela tentou mais algumas vezes e nada. Fiquei visivelmente triste.

— Não se preocupe, Liv. Assim que vir que eu liguei, ele vai retornar. Ele sempre retorna.

— Meu Deus, achei que nunca fosse conseguir encontrar vocês — Plínio falou, enlaçando a cintura de Suze.

— E aí, ele foi mesmo embora? — Thomas, que estava logo atrás do irmão, quis saber.

Assenti.

— Cadê Sofia? — O mais velho perguntou.

— Ali. — Susanne se virou, apontando.

— Conversando com aquele menino, Suze? — ele falou, irritado.

— Eles são coleguinhas, amor. Não começa — ela disse, alisando-o no braço.

— Não começa... — ele repetiu. — Sofia! — chamou bruscamente, fazendo um sinal com a mão.

Souf mostrou a língua ao menino e correu em direção ao pai.

— Tá vendo o Matheus, papai? — a garotinha falou, assim que se aproximou. — Aquele chatão veio ver a irmãzinha dele dançar. E ele falou que ela tá bonita, mas me disse que ainda não é carnaval, e que eu tô parecendo um palhaço feioso com meus brilhos. E ele me disse também que meu coque tá parecendo uma

cobra feiona enrolada. E que eu dancei igual uma pata. Aí, ele falou assim: "eu pensei que a dança era do lago dos cisnes e não da pata Sofia" — ela choramingou.

Prendi os lábios para não rir. Vi que Thomas estava fazendo o mesmo. E até Susanne estava tentando controlar a expressão facial. Mas Plínio estava puto, fuzilando o garotinho, que estava de costas.

— É mentira dele, minha filha — ele falou, por fim, pegando-a no colo. — Você é toda linda e está linda. Lembra do que o papai te disse? Meninos dizem essas coisas porque são muito bobos. Só quando crescem é que eles ficam menos bobos.

"Porque, aí, eles aprendem a usar o pau", pensei.

— Então ele podia crescer logo — Sofia disse. — Porque ele é muito chatão criança.

— Vai demorar muito ainda, Sofia — Plínio cortou. — Vocês vão ser crianças por um bom tempo.

Estava claro, para quem quisesse ver, que o tal do Matheus gostava de Sofia e, obviamente, Plínio estava ciente disso, motivo pelo qual ele parecia tão amedrontado à mera lembrança de que o garoto cresceria um dia.

— Olívia... — Senti um toque no ombro.

Virei o corpo e o vi. O lábio estava cortado, mas tinha parado de sangrar.

— Sinto muito mesmo por... — ele começou.

— Ícaro, sou eu quem pede desculpas. Sinto muito pelo soco. Eu deveria ter dito a Max que você é gay. Mas, realmente, fiquei...

— Ai, meu Deus! — Suze gritou de repente. — Vocês não sabem quem está indo pro *La Pasta*! — falou, mexendo no celular. — Piolho e os meninos da banda. Estão indo comemorar o aniversário de Pecê. Acabei de ver no *Instagram*.

— Puta merda! Acho que Piolho falou mesmo dessa porra. Esqueci completamente — Thomas disse, pegando o celular no bolso. — Era o filho da puta me ligando, pensei que fosse Caro... — Ele se interrompeu.

— Carolina? Ela ainda está no seu pé? — Plínio perguntou.

Thomas assentiu, voltando a guardar o aparelho.

— A gente pode ir pro *La Pasta* também, bom que fica mais animado! — Suze sugeriu. — Você está convidado, Ícaro! Por favor, aceite. Como um pedido de desculpas pelo que Max fez.

— Eu? — ele perguntou, chocado. — Ah, não... Ninguém precisa se desculpar. Está tudo bem.

— E se eu disser que esse Piolho é o Lucas? — perguntei, abafando um sorrisinho.

— Sério? — Ele arregalou os olhos. — Aí, a coisa muda de figura, *bitch!*

Suze e eu caímos na risada.

Plínio e Thomas se entreolharam e olharam para Ícaro de novo.

— Você é gay, cara? — meu ex-colega indagou.

— Sou. Por quê? Tá solteiro? — Ícaro perguntou, abrindo um sorriso malicioso.

— Solteiríssimo. Na pista. — Plínio caiu na risada, enquanto a filha bagunçava seu cabelo todo, puxando as mechas castanhas para cima e construindo minitopetes hilários.

— Seu pau no cu! — Thomas xingou o irmão, rindo. — Cara, não jogo no seu time, não. Mas esse Piolho, vulgo Lucas, joga. O cara tem um cabelão e adora uma surubada. Topa tudo. Da fruta que *cê* gosta ele chupa até as bolas — completou, tentando ficar sério.

— É mentira, Ícaro. Piolho não é gay! Mas seria ótimo ver você dando em cima dele! — Suze gargalhou. — Por favor, por favor, por favor! *Vaaaaaaaamos!*

— Tá bom, eu vou. — Ele riu. — Só porque tô louco pra ver esse cabelo.

— Ai, meu Deus! Olha aí, Liv! Max está ligando! — Suze soltou um gritinho, estendendo o celular para mim. Tinha uma foto linda dele com Souf na tela. — Shhhhhhhhh! — Ela fez para todo mundo ficar em silêncio, como se as pessoas ao redor fossem se calar.

Suze colocou o celular no ouvido e falou:

— Max? Sofia? Está, claro. Está ótima, muito animada para ir comer pizza. Mas ela disse que só vai se o tio Max for. — Sofia não tinha dito nada daquilo, mas assentiu enfaticamente no colo do pai, enrolando um punhado do cabelo dele no dedinho. — Nossa... — Suze falou, aparentemente espantada. — Espera... Você tá dirigindo? Ai, que hilário. Rá, rá, rá. Max, você sabe que eu não gosto quando você fala no celular e dirige ao mesmo tempo! — Ela usou um tom severo. — Você não poderia dirigir com treze anos, gênio. — Dessa vez, o tom foi debochado. — E sou sua irmã mais velha, os mais velhos têm autoridade sobre os mais novos.

Porra, o cretino estava puto e falando ao celular enquanto dirigia! Podia sofrer um acidente a qualquer minuto.

— Pede pra ele encostar, Suze! — pedi, tentando não falar alto.

Ela assentiu.

— Encosta o carro, Max. Agora. Não ouse desligar! — ela gritou repentinamente. — Max, por favor, não desliga. — Suze usou um tom mais suave. — Preciso te falar uma coisa. Encosta o carro. Por favor. Eu sei.

— Ele encostou? — perguntei.

— Você encostou? — ela repassou a pergunta. — Estou. — Suze olhou para mim e balançou a cabeça afirmativamente. Respirei aliviada. — Então... — continuou. — Eu estava pensando... Nossa, que infantil... Sofia é menos criança que você, sabia?

Isso era verdade. Eu não sabia o que ele tinha dito, mas pouco importava. Max era tão infantil... E, que porra, eu amava aquela infantilidade toda. Ele ficava ainda mais lindo tendo crises de imaturidade. Era irritante, na maioria das vezes, mas não deixava de ser hilário.

— Acho que você e Olívia precisam de mais tempo separados — ela prosseguiu.

Thomas e Plínio cruzaram olhares, como se perguntassem um ao outro: "ela tá bem?"

— É um plano — cochichei.

— Agora faz sentido — Thomas sussurrou.

Plínio se limitou a olhar para a esposa, rindo e meneando a cabeça, como se dissesse: "é claro que ela já bolou um plano".

— Acho que você devia aproveitar uns dias na casa de praia — Suze continuou falando. — Seria ótimo pra você espairecer, organizar seus pensamentos, pensar no que você quer, no que vocês dois precisam. Vá na frente. Plínio, Tito e eu iremos depois. Fica sozinho por uns dias, Max, até decidir o que fazer.

Ela parou de falar de repente. Ele devia estar pensando do outro lado da linha. Meu coração dava pulos tresloucados dentro do meu peito.

— Claro! — Suze vibrou subitamente. — Vá pra casa, faça as malas e tudo o mais. Vou ligar para o caseiro avisando e, daqui a pouco, antes de ir para a pizzaria, deixo as chaves na sua casa!

Então ele tinha topado! Eu mal podia acreditar. E mal ouvi Suze se despedindo e recomendando, reiteradamente, que ele tomasse cuidado na estrada.

Por um lado, eu estava bastante feliz, porque teríamos um tempo a sós. Poderíamos conversar e esclarecer tudo. Encontraríamos um jeito de lidar com nossas crises de ciúme. Colocaríamos todas as cartas na mesa e, a partir disso, planejaríamos nossa vida. Depois de abrirmos o exame, claro. Ainda tinha isso. E, então, com tudo em pratos limpos, teríamos sombra e água fresca. Literalmente. Seria perfeito. Finalmente deixaríamos aquela imensa nuvem negra para trás.

Mas, por outro, fiquei extremamente triste. Porque, na cabeça dele, precisávamos de mais tempo separados. Não precisávamos, porra. Só tínhamos que resolver nossas merdas. O que precisávamos de verdade era ficar juntos.

Assim que a ligação foi encerrada, Suze e eu saímos juntas da *Grand Plié*. Thomas foi de moto para o *La Pasta* e Sofia e Ícaro foram com Plínio, de carro.

Quando chegamos à casa rosa, as luzes de Max estavam acesas. Suze saiu do carro e colocou as chaves da casa de praia na caixinha de correio dele. Em seguida, mandou uma mensagem, avisando que as tinha colocado lá, e subiu para me ajudar a arrumar minhas coisas.

Na verdade, eu fui tomar banho, e ela foi ajeitando algumas roupas e outros itens na minha pequena mala preta.

No banheiro, vesti meu vestido verde-água, o floridinho, que usei quando Max e eu fomos ao *shopping*. Aquele sábado parecia ter acontecido há tanto tempo...

Quando voltei ao quarto, vi que Suze não estava lá, mas a mala estava aberta sobre a cama.

Dei uma conferida. Faltavam meus documentos, a carteira, as peças íntimas e algumas coisas que estavam no banheiro, como minha escova de dente, creme dental, meu esfoliante, cremes para a pele, perfume, xampu, escova de cabelo e itens do gênero. Coloquei o restante das coisas lá dentro, arrumei o quarto, chequei a porta de vidro e descii as escadas com a mala e meu *ukulele*.

Suze estava na cozinha, preparando sanduíches e uma garrafa de café. Foi só quando vi aquilo que me toquei de que estava mesmo faminta.

Agradei e, enquanto eu comia e tomava o café forte, ela desenhava um mapa. Para preencher o silêncio, contei sobre o beta-hCG. Suze queria porque queria abrir o exame imediatamente. Mas, é claro, eu não deixei. Abri a mala para guardá-lo, e Susanne acabou vendo a regata de Max, que eu tinha tirado da minha gaveta de calcinhas e unido às minhas roupas. Ela ficou rindo, mas eu a mandei ir se foder. Então, ela riu um pouco mais.

Há cinco dias, eu não me desgrudava daquele pedaço de tecido. Tudo bem que eu teria Max só para mim na casa de praia, mas, sei lá, não queria deixar a regata sozinha. Ela tinha sido uma substituta fiel, e eu não podia abandoná-la só porque agora o dono estaria de volta. Eu sei, muita loucura (se você estiver rindo, vá se foder você também).

Depois de tudo pronto, Suze foi até o passeio de Max e confirmou que ele já tinha saído. Então, arrumamos a bancada da cozinha, trancamos tudo e saímos.

Suze me explicou como chegar à casa de praia, indicando placas e pontos de referência no mapa desenhado, para o caso de o GPS falhar ou para o caso de eu me perder por algum motivo. Depois, ela programou o aparelho para chegarmos ao *La Pasta*.

Foi supertranquilo de chegar. Antes de descer do carro, ela salvou o itinerário da casa de praia no GPS, me abraçou e disse:

— Pelo amor de Deus, Liv, voltem felizes e grávidos.

Não consegui evitar uma risada, apesar do desconforto que senti ao ouvir a palavra "grávidos".

— Suze, você podia ter outro filho — falei com sinceridade. — Quem sabe não ficamos grávidas juntas? Seria legal, menos assustador para mim. E, além disso, Sofia ficaria duplamente feliz.

— Sofia nos perturba querendo um irmãozinho desde que nasceu. Recentemente, ela ganhou um aliado. Plínio tem tido essas ideias sobre ter outro filho, e está quase me convencendo. — Ela fez uma expressão pensativa. — Seria mesmo legal se tivéssemos bebês ao mesmo tempo. A gente compraria o enxoval inteiro juntas! Poderíamos até marcar o parto para o mesmo dia. Mas, aí, eu teria que me apressar. Meu Deus, teria que começar a encomendar essa criança hoje mesmo! — Ela riu.

— Então faça isso! — falei, rindo também.

— Ai, Deus, ainda bem que você e Max não vieram... Que droga! Olha só quem está ali! — De repente, ela apontou o dedo em direção à pizzaria.

Segui o gesto e me deparei com Drica, sentada ao lado de Larissa. Estava prestes a exprimir toda a minha repulsa quando bati o olho em uma criatura ainda mais ardilosa: Carolina.

— Meu Deus. Drica e Carolina no mesmo lugar. Não acredito que me livrei desse inferno na Terra! Porra, acho que vou jogar na loteria, porque, com essa sorte que estou, é bem capaz de acertar a Mega! — exclamei.

— Ah, é, você conhece Carol... Meu Deus, olha a cara de Tito! — Suze observou. — E olha a expressão da pobrezinha da Lari! Senhor! Vou lá salvá-la daquele ninho de cobras peçonhentas! Liv, boa sorte. Passe na farmácia e compre pílulas de cafeína, para ajudar a combater o sono. Acho que aquela garrafa de café ainda é pouco. Pelo amor de Deus, não me invente de dormir ao volante! Só estou apoiando essa viagem de madrugada porque não aguento mais ver vocês dois brigados.

Ela falou mais um monte sobre placas de trânsito e direção defensiva. Por fim, beijou minhas bochechas e saiu do carro soltando um: "se cuida, cunhada!".

Fiz o que ela disse. Procurei pela farmácia mais próxima no GPS e dirigi até lá.

Estava caminhando em direção ao caixa para pagar pelas pílulas e pela garrafinha de água mineral, quando bati o olho na seção de preservativos.

Porra, se eu não estivesse grávida, precisaríamos deles. Será que Max tinha se lembrado de levar? Claro que não, porque, se aquele cretino tivesse se lembrado, isso significaria que...

É claro que ele não tinha levado. Para que, se eu não estaria lá?

Então, como ele certamente não tinha levado, fiz a festa. Peguei um monte,

até pacotes de camisinhas texturizadas e com sabor (morango, uva e menta).

Vi um tubo de KY e me lembrei de Max me pedindo cu, coisa que eu jamais daria, por motivos de: meu esfíncter vai continuar intacto, obrigada.

Aquele pau arregaçaria meu cu *forever*. E se o buraco nunca mais se fechasse? E se eu começasse a cagar sem ver? Tipo, para sempre?

A visão do meu cu aberto por toda a eternidade era terrível. Então, é claro que eu não comprei aquela porra. Ainda não tinha perdido completamente o juízo.

Eu estava colocando minha cesta em cima do balcão quando a moça do caixa ajeitou os óculos no nariz cheio de cravos e me encarou.

— Uau. Você é a moça da televisão, não é? Quero dizer, a do namorado gostoso?

Sua rapariga! Repete essa porra, vadia!

— Sou, sim — falei.

— Nossa... — ela disse, olhando os pacotes na minha cesta. — Quero dizer, que tanto...

Isso aí não dá pra nada, queridinha.

— Pois é.

— Como ele é? Quero dizer, na cama? — ela perguntou, sem conseguir tirar os olhos de cima de mim, passando os pacotes às cegas.

É o quê? Você está mesmo me perguntando como o *meu homem* é na cama, sua quenga?

— Acho que o conteúdo da minha cesta fala por si — respondi. — Não que seja da sua conta, claro — emendei.

— Realmente... — ela disse, aparentemente sem se ofender. — Estava reparando numas fotos dele na Internet. Aquilo tudo... Quero dizer, dentro das calças dele, é de verdade? Porque olhando assim por fora parece que é... Quero dizer, ele parece ser bem... — Ela ajeitou os óculos de novo, ficando da cor de um leitão.

— Você poderia passar logo essas coisas? Quero dizer, estou com pressa — falei, imitando aquela mania irritante de falar "quero dizer" o tempo inteiro.

Depois disso, ela ficou quieta. Paguei pelos produtos e voltei para o carro, completamente puta.

Essas piranhas se achavam no direito de falar do meu macho como se ele fosse patrimônio de todas! Tomar no do cu!

Inspirando e expirando furiosamente, tomei duas pílulas de cafeína, coloquei o GPS para funcionar, liguei o som do carro de Suze e segui pela rodovia ouvindo as músicas do *pendrive*. Ouvi várias da Sia, obviamente, e outras tantas da Ellie Goulding.

A viagem seguiu naturalmente. Tinha um bom tempo que eu não dirigia na

estrada, porém deu tudo certo. Nem precisei usar o mapa desenhado, mas Suze tinha caprichado tanto no desenho que eu certamente guardaria aquilo para sempre.

Eram cinco e meia da manhã quando estacionei na garagem, usando o controle remoto do chaveiro que Suze me dera (ela tinha um conjunto de chaves, e Plínio tinha outro).

A casa era espetacular. Não era dessas casinhas pequenas, mas fofas, à beira-mar. Era uma construção grandiosa, moderna e colada à praia. Na verdade, a casa era o caralho de uma mansão. O mar ficava bem em frente, infinitamente azul-escuro, de um tom quase negro. Dava para ouvir o ruído gostoso das ondas tranquilas ali da garagem. Estava ventando muito e não havia estrelas no céu.

Meu coração transbordou de felicidade quando vi o carro de Max em uma das vagas (havia espaço para vários veículos). Estacionei ao lado dele, desci do carro, abri o porta-malas, peguei minhas coisas e caminhei até a porta enorme.

Testei algumas chaves. Acertei na quarta tentativa. Graças a Deus, Max deixara as luzes do jardim acesas, ou eu estaria em completa escuridão. A propósito, era tudo gramado e havia plantas exóticas para toda parte. Sem mencionar a enorme piscina. Eu nunca entendi o sentido de haver piscinas em casas de praia, já que o mar fica tão perto. E, certamente, não entenderia ali, na primeira sala, enquanto tateava à procura de um interruptor. Só encontrei depois de meio minuto procurando.

Depois de acender a luz, levei um susto com a beleza dos móveis e com a combinação perfeita de cores. Mas tranquei a porta direitinho e só então me virei para admirar adequadamente o interior. A casa de Plínio e Suze era uma coisa de louco. Tudo ali gritava "Arquitetura grã-fina!". A decoração era incrível, e o espaço, assombroso. Mas eu não conseguia me apegar tanto aos detalhes. Só estava procurando...

As escadas!

Meu Deus, era daquelas escadas imensas de casa de novela.

Como Max não tinha aparecido, supus que estivesse dormindo. Eu tinha o sono leve, e certamente teria acordado com o barulho de um portão sendo aberto e com os ruídos de uma pessoa adentrando a residência, mas já sabia que, nesse aspecto, nós dois éramos diferentes. Quando dormia, ele dormia mesmo.

Ainda assim, subi com cuidado, pé ante pé, suspendendo a mala de rodinhas pelas alças.

Porra, havia um milhão de quartos lá em cima. Como é que eu saberia em qual ele estava? O único jeito era checar um por um.

Fui abrindo as portas devagar, como se elas fossem daquelas que rangem ao mero giro de maçaneta. A verdade é que elas não faziam quase barulho nenhum.

Depois de um tempo, me acostumei às portas silenciosas e, quando estava abrindo a do último quarto, eu o vi.

Meu coração, que estava acelerado, parou de bater.

Porra. Ele estava pelado.

Estaquei na porta diante da visão daquele corpo perfeito estendido sobre a cama.

Max estava deitado de barriga para baixo. Uma perna estava esticada, e a outra, flexionada. As costas arqueadas, os ombros largos, as coxas esculpidas e aquela bunda maravilhosamente dura e redonda sorriam para mim.

Um de seus braços estava debaixo do travesseiro, e o outro estava dobrado sobre os lençóis.

O vento entrava pelas portas francesas abertas, e o quarto estava imerso no som das águas do mar.

Entrei e coloquei minha mala em um canto. Fechei a porta e tirei o vestido e a calcinha. Larguei as roupas no chão e caminhei até a cama.

Porra. Ele estava dormindo, e eu estava loucamente excitada.

Deitei-me ao lado dele e comecei a alisar sua pele morna e firme. Deixei os dedos abandonarem as costas e repousarem na bunda. Massageei aquela maravilha sussurrando em seu ouvido:

— Acorda, gostoso.

Ele se moveu, mudando as pernas de posição.

— HUUUUUM... Olívia... — balbuciou, abrindo um sorriso e se mexendo na cama.

— Estou aqui, meu lindo — falei, acariciando seu cabelo.

Max soltou um suspiro curto, aconchegando-se ao travesseiro.

— Que porra é essa... — Ele abriu os olhos, fechou de novo e os abriu outra vez. — Olívia?

46. Quem sofre de véspera é peru de natal

MAX

Eu ainda estava sonhando. Única explicação plausível.

Ainda era a porra do sonho que eu estava tendo segundos antes de a cena mudar.

O foda era que eu já estava quase gozando no caralho do sonho! Por que as coisas tinham voltado ao ponto inicial?

— Que porra é essa... — comecei.

Então pisquei várias vezes, focalizando o rosto de Olívia.

Ela estava mordendo o lábio. Os olhos transbordavam luxúria.

O cabelo estava solto, as ondas suaves desciam pelos ombros e se balançavam lentamente na altura dos peitos, ora revelando, ora encobrindo os mamilos, que brincavam de esconde-esconde entre os fios escuros agitados pelo vento.

Quando a brisa que entrava pelas portas abertas levou aquele perfume floral e adocicado às minhas narinas, eu me toquei de que não era a porra do sonho, porque nem minha memória olfativa em perfeitas condições seria capaz de reproduzir aquele aroma de flores e açúcar misturado ao cheiro de maresia.

Ela estava mesmo sentada ao meu lado na cama. Pelada. Bem ali, banhada da claridade da lua, com as mechas preto-azuladas deslizando sobre a pele e os dedos afundados no meu cabelo.

— Olívia? — chamei.

Eu não estava nem um pouco interessado em como ela havia chegado, e pouco me importava o fato de que estávamos brigados. Só o que me importava era que ela estava ali, comigo. E eu não queria nada além de matar aquela saudade desgraçada que estava me consumindo.

Então, antes que ela dissesse qualquer coisa, eu me sentei e, olhando-a nos olhos, toquei seus lábios. Deixei os dedos experimentarem a textura úmida de seu lábio inferior e escorregarem por seu queixo até que minha mão alcançou seu pescoço e o início de sua clavícula. Empurrei-a até pressioná-la com força contra a cabeceira.

Eu queria beijar aquela boca carnuda tanto quanto queria provar o gosto de sua pele, pedaço a pedaço. Queria me enterrar nela tanto quanto queria sentir seu clitóris inchar sob a minha língua. Queria trepar com ela tanto quanto queria comê-la devagar, com todo o amor do mundo. Eu queria tudo. Mas, naquele

momento, enquanto minha mão pressionava seu pescoço e meu pau pulsava de vontade de se afundar dentro dela, eu só queria fodê-la. Só precisava satisfazer aquela necessidade quase dolorosa de meter e gozar. Precisava de uma primeira foda quente e suada.

Era físico, carnal, inadiável.

Por isso, grudei nossos lábios e a beijei sem delicadeza, devorando sua boca enquanto minhas mãos desesperadas percorriam seu corpo inteiro.

Meus dentes castigavam seu lábio inferior, e ela cravava as unhas nas minhas costas.

Sua boca sorvia a minha com vontade, e meus dedos escavavam sua pele.

Nossas respirações e gemidos ecoavam pelo quarto, escapando pelas portas abertas.

Put a que pariu. Eu precisava comê-la. Precisava tanto que tudo doía.

Sentindo meu coração inchar e preencher minha caixa torácica, eu me distanciei.

— Levanta, porra — rosnei. — Vou te comer na varanda.

Puxei-a pela mão e, de pé, colei nossos corpos e apertei sua bunda. Ela alcançou meu pau e acariciou meu saco enquanto nos beijávamos. Então, alisou a cabeça da minha rola e me fez gemer em sua boca.

Foi quando eu me lembrei das camisinhas. Toda a cena envolvendo o criado-mudo e a gaveta cheia delas se passou em minha mente, em um trágico *replay* de merda.

— Desgraça. — Interrompi o beijo, sentindo uma mistura de ira e frustração.

— Que foi? — Olívia perguntou, preocupada.

— Não tenho camisinhas, porra — falei, passando os dedos pelo cabelo e os entrelaçando na nuca.

Por um segundo, eu me lembrei do carro, e a esperança reviveu. Mas o momento de alívio passou rápido. Eu tinha esvaziado a porra do porta-luvas naquela semana, quando deixei o carro por uma tarde na revisão.

— Max Vetter sem camisinhas? — Ela riu. Então virou as costas e começou a caminhar pelo quarto. — Quem diria...

Eu estava absolutamente puto, mas acabei me distraindo pelo movimento daquela bunda enquanto ela andava vagarosamente, quase flutuando sobre o tapete felpudo que cobria quase o piso inteiro.

— É a mesma coisa que Papai Noel sem presentes em pleno Natal — ela disse, abaixando-se perto da mala e do *ukulele* que, obviamente, eu nem sabia que estavam ali.

— Pelo menos meu saco não é de brinquedo, prima — falei, caminhando até lá.

Olívia deu uma risada.

— Vem, caralho, a gente fode sem... — Abaixei-me e beijei seu ombro. — Posso tirar o pau e gozar na sua bunda, mas prefiro gozar dentro. — De joelhos sobre o tapete, afundei a cabeça na curva de seu pescoço, segurando sua cintura com as duas mãos. — Anda, porra, preciso trepar... — falei com impaciência, apalpando seus peitos. — O que *cê* tá fazendo?

— Tentando pegar os caralhos das camisinhas que estão aqui dentro, mas você não tá deixando! — ela respondeu.

— Por que você tem camisinhas aí dentro, Olívia? — perguntei, desconfiado.

— Pra colocar no meu pau — ela falou, rindo e abrindo o zíper.

— Responde, porra — insisti.

— Comprei quando estava vindo pra cá, Max. Para o caso de você não ter trazido, cretino — ela espalhou uma porrada de embalagens no chão e já foi abrindo um pacote.

— Você é um gênio — sussurrei em seu ouvido, espalmando a mão em sua boceta.

Na verdade, eu ia dizer que ainda preferia a minha ideia de fazermos sem, porque, se ela não estava menstruada, ainda havia a chance de podermos transar sem camisinha tranquilamente. Mas não queria tocar no assunto do bebê porque, definitivamente, não estava a fim de correr o risco de iniciarmos uma discussão enquanto eu estava de pau duro.

— Deita aí, porra — pedi, desenrolando o preservativo no cacete.

— Você não ia me comer na varanda? — Ela mordeu o lábio.

— Foda-se a varanda, caralho. Não consigo esperar nem o tempo de chegar até a cama. Vou te comer aqui, no chão — falei e me posicionei, puxando-a lateralmente, de encontro ao meu peito.

Enquanto nossos lábios se tocavam, agarrei sua coxa e enfiei meu pau em sua entrada.

Achei que fosse morrer com aquela primeira metida. A ideia era entrar devagar, mas, puta que pariu, eu estava com tanto tesão, e ela estava tão molhada que o pau deslizou de uma vez, e eu já comecei estocando.

Nossas bocas abafaram os gemidos iniciais, mas logo o espaço entre nossos lábios se tornou insuficiente para conter nossos arquejos.

— Que saudade dessa boceta... — Gemi em seu ouvido, sem interromper as estocadas. — Engole meu pau, safada. — Meti mais fundo, mordendo seu pescoço, lambendo seu ombro.

— Huuuummm, que gostoso. Isso, filho da... — Ela soltou um grito e uma série de gemidos em sequência.

Liberei sua perna, posicionando-a sobre o meu corpo. Enlacei sua cintura com

uma mão e puxei seu pescoço com a outra, colando meus lábios em seu ouvido.

— Geme gostoso, porra — sussurrei, aumentando a intensidade das metidas.
— Gostosa... — Subi a mão que estava espalmada em sua barriga e apertei seus peitos.

— Ai, Deus... Estou tão perto... — ela falou, buscando minha boca.

— Goza comigo, senhorita Olívia — pedi, retribuindo o beijo.

— Quase... — ela avisou, mordendo meu lábio. — Ai, meu Deus... Ai, meu Deus, Max, que delí...

E, então, enquanto ela gozava gemendo alto, eu produzia sons guturais, entregando-me ao meu próprio gozo.

Depois daquela gozada insanamente rápida, Olívia e eu fomos para cama e continuamos a sessão de beijos pós-orgasmo que havíamos iniciado no tapete.

Não demorou muito para que eu ficasse duro de novo.

Estava completamente viciado nela. Após cinco dias de abstinência, precisava de uma overdose.

Deslizei umas das mãos por sua barriga até alcançar um dos peitos. Ela soltou um gemido longo e fez menção de falar:

— Preciso te contar uma... — começou.

— Shhhhhhh — pedi, roçando nossos lábios. — Agora, não. Fica quietinha.

Beije o canto de sua boca e arrastei a mão até chegar ao outro peito.

Enquanto minhas mãos apalpavam sua carne macia, meus lábios deslizavam por seu pescoço e minha língua provava o gosto de sua pele.

Desenhei uma trilha úmida da clavícula ao ombro e desci para torturar seus mamilos. Abocanhei um, lambi e suguei a região inteira, massageando o outro.

— Meu Deus, Max... — ela balbuciou, com os dedos no meu cabelo.

Olívia não parava de soltar aqueles gemidinhos profundos que acabavam com a minha sanidade. Eu já estava tão duro que, se não me controlasse, acabaria gozando antes de recomeçarmos.

— Já falei pra ficar quieta, porra. — Subi a boca, beijando e lambendo sua pele até chegar ao queixo.

Espalhei beijos na linha da mandíbula e, em seguida, eu a puxei para colar nossos corpos, de modo que ficássemos de joelhos sobre a cama.

Ela agarrou meu pau e começou a manuseá-lo, arrancando um arquejo violento da minha garganta.

— Caralho... — murmurei.

— Fica quietinho — Olívia devolveu, e seus lábios se curvaram em um

sorriso sacana.

Retribuí o sorriso e mergulhei a cabeça entre seus peitos, beijando sua pele com intensidade. Então subi e voltei a beijar aquela boca que me deixava louco.

No instante em que nossos lábios se tocaram, nossas línguas se consumiram em um beijo impossivelmente esfomeado.

Seus mamilos tatuaram linhas irregulares em meu peito, sua mão livre agarrou minha nuca, e a minha apertou sua cintura.

Puxei-a mais para perto, colando a lateral do rosto em seu pescoço enquanto apertava sua bunda. Afastei uma banda e lambuzei os dedos da outra mão em sua entrada. Então, comecei a entrar e sair com eles, ouvindo seus gemidos curtos.

Nossos lábios se uniram de novo em mais um beijo faminto. Sua mão quente e macia enovelava meu cacete, manejando-o. Meus dedos não cessavam os movimentos, e nossas bocas estavam prestes a explodir com nossos arquejos.

Olívia resvalou os lábios para o meu pescoço e foi descendo pelo peito, percorrendo o abdome até alcançar meu pau.

— Não vou aguentar, porra — avisei.

— Seja forte, primo. — Ela abriu um sorriso malicioso, levantando os olhos para me observar.

Relaxe os joelhos sobre os lençóis e apoiei os braços no colchão quando ela lambeu da base até a ponta, dando um beijo molhado na cabeça.

— Puta que pariu. Que porra, Olívia — reclamei, sem estar, de fato, reclamando.

Ela mergulhou o pau na boca outra vez, dando uma chupada dolorosamente lenta, deixando a língua e os lábios carnudos se arrastarem por bons centímetros da minha pica.

Inclinei levemente o corpo e levei uma mão à cortina de fios que caía pelas duas laterais de sua cabeça. Afastei-os, jogando seu cabelo para um lado só, a fim de visualizar seu rosto.

Deixei meus dedos presos na raiz dos fios próximos à nuca e continuei me apoiando na cama com a outra mão enquanto ela aumentava a intensidade das chupadas.

Voltei a relaxar as palmas no colchão quando ela diminuiu, sugando vagorosamente, sem tirar os olhos dos meus.

Então, Olívia desceu os lábios e chupou minhas bolas, manipulando meu pau.

Eu estava no caralho do meu limite.

— Para, porra. — Puxei seu cabelo e a ergui pela nuca.

Colei nossos lábios e a joguei na cama.

Enquanto minha língua degustava o interior de sua boca, minhas mãos

percorriam seu corpo. Escorreguei os dedos até chegar à boceta, movendo-os suavemente por sua carne úmida.

— Estava com tanta saudade disso, minha linda... De você, de nós dois — falei em seu ouvido, sentindo meu coração se agitar dentro do peito.

Então migrei os lábios para seu pescoço, e fui descendo, depositando beijos no vão entre seus peitos e em sua barriga enquanto ouvia sua voz entrecortada pelos gemidos:

— Achei que eu fosse morrer sem você, Max.

— Retira essa porra — pedi, com a boca a centímetros de seu clitóris.

— Mas eu achei... — Ela gemeu baixinho, contorcendo as coxas.

— Olívia... — pronunciei em tom de aviso, deixando a língua se deliciar.

Envolvi sua pele sensível em um beijo intenso.

— Ai, meu... — O gemido alto cortou o ar, misturando-se ao vento.

— Vai retirar? — perguntei, soprando a região.

— Retiro, filho da puta. — Ela mergulhou a mão no meu cabelo. — Agora chupa — ordenou, entrelaçando as pernas no meu pescoço.

— Você não manda em mim, senhorita Olívia. A sua sorte é que — beijei sua boceta de novo — você é gostosa pra caralho — chupei outra vez —, e eu não resisto a isso aqui.

Então comecei a lamber e sugar, provando aquela umidade toda enquanto minhas mãos seguravam suas coxas com firmeza.

— Tão gostoso... — Ela gemia, afundando os dedos na minha nuca.

Aumentei a intensidade das lambidas e dos beijos, e o tom de voz dela se elevou:

— Hummmmm... Te amo, desgraçado... Te amo, te amo...

Puta que pariu, se ela não parasse de gemer e falar e de rebolar na minha boca eu ia esporrar no caralho do lençol.

— Porra, eu vou... — Ela soltou um grito seguido de vários gemidos altos enquanto fincava as unhas nos meus braços.

Beijei a parte externa de sua boceta e segui pela parte interna de suas coxas trêmulas.

Repousei suas pernas sobre a cama e voltei a subir, abraçando-a e apertando-a junto de mim.

Nossos lábios colidiram em um beijo lateral, e quando nossas línguas se apartaram, eu me ajoelhei no colchão e peguei uma das camisinhas que tinha levado para a cama.

Mal abri a embalagem e senti o cheiro.

— Isso é... — comecei.

— Menta — ela respondeu, mordendo o lábio e se ajoelhando para me beijar.

Deslizei o preservativo enquanto ela dominava minha boca, acariciando meu tórax. Quando terminei, interrompi o beijo e me deitei.

— Vem safada, senta que é de menta — pedi, abrindo um sorriso sacana.

Olívia riu e se posicionou, inclinando-se para me beijar. Então empurrou o pau em sua entrada e se sentou lentamente, gemendo junto comigo.

Ela se mexia devagar, apoiada em meu abdome, e eu puxava o ar entre os dentes, apertando suas coxas.

Subi as mãos para sua cintura e a puxei para junto de mim, abraçando seu corpo inteiro, beijando-a e estocando simultaneamente.

Enquanto eu distribuía as estocadas, meus braços transitavam por sua pele; meus dedos percorriam suas costas, seus ombros e sua nuca e desciam para a cintura, estacionando em sua bunda.

— Gostosa do caralho. — Direcionei seu corpo de encontro ao meu pau, aumentando a intensidade das metidas.

Subi uma das minhas mãos para segurar seu cabelo na altura da nuca e continuei estocando.

Nossos gemidos competiam com o barulho do meu pau entrando e saindo e disputavam com o som das minhas bolas subindo e descendo no ritmo do choque entre nossas peles.

Fui diminuindo a força das investidas, envolvi sua cintura com um braço e apertei sua bunda com a mão livre enquanto beijava e sugava seu peito, que balançava próximo ao meu rosto.

— Quero te foder de quatro, prima — falei, movimentando-me vagarosamente dentro dela.

— Me come de bruços primeiro, primo? — ela pediu, puxando meu lábio.

— Meu Deus, Olívia... — Beije-a suavemente e aprofundei o beijo quando girei o corpo, ficando por cima.

Afastei-me e a coloquei na posição com um movimento único. Instalei-me entre suas pernas, puxando sua bunda para cima.

Então, devagar, enfiei o pau.

— Huuummm... — ela gemeu, mexendo-se para acomodar meu cacete.

— Sem rebolar, porra — pedi, apertando sua bunda, saindo para entrar novamente.

— Por que, primo? — Ela perguntou com pretensa inocência, dando uma rebolada lenta.

Curvei-me sobre ela e falei em seu ouvido, dando uma metida profunda:

— Para, porra.

Então voltei a agarrar sua bunda e comecei a estocar loucamente, arrancando gritos e gemidos a cada nova estocada.

Diminuí o ritmo, e ela voltou a rebolar, e aquilo era tão bom que...

Tirei o pau no último instante, impedindo-me de gozar.

— Puta que pariu, Olívia... — Puxei-a, colocando-a de quatro.

Comecei a comê-la devagar, beijando suas costas e ombros, e aumentando a velocidade gradualmente. Logo estava puxando seu cabelo, completamente atolado dentro dela.

— Gostosa da porra! — Dei um puxão com uma mão e um tapa forte com a outra, controlando-me para não gozar.

— Que delícia, filho da puta... — Ela aumentou a velocidade das reboladas, olhando-me sobre o ombro.

Puxei seu corpo pelos peitos, colando suas costas no meu tórax. Deslizei uma das mãos por sua pele até apertar sua garganta, mantendo um braço enlaçando sua cintura.

Enquanto metia, eu beijava suas bochechas, mordida seu pescoço, perfurava sua pele com os dedos.

Olívia buscou meus lábios, levando uma mão à minha nuca. Eu sorvia seus gemidos, e ela tragava os meus.

— Isso, gostosa, goza na minha pica, goza — incentivei, estocando ainda mais forte, quando ela começou a gritar, em uma clara manifestação pré-goza.

— Te amo... Desgraçado... — Ela apertou meu braço, fincando as unhas na minha pele enquanto gozava.

— Te amo, porra. — Foi a última coisa que eu disse, em seu ouvido, antes de sentir as ondas do orgasmo.

Naquele momento eu entendi que com ela não dava para dissociar sexo e amor. O que nós fazíamos era uma mistura das duas coisas.

Olívia e eu fodíamos com amor.

OLÍVIA

Max e eu estávamos deitados lado a lado em uma das espreguiçadeiras da varanda, esperando o sol nascer.

O mar se estendia como uma infinita aquarela azul, salpicada dos reflexos dourados que despontavam no horizonte.

O céu era uma pintura de nuvens cor-de-rosa e tons liláceos e alaranjados.

Tínhamos acabado de gozar. Nossas mãos estavam entrelaçadas, e nossas respirações ainda não tinham normalizado completamente.

Meu coração acelerou quando, de súbito, voltei a me lembrar do exame.

— Max... Precisamos conversar... — iniciei, mexendo a cabeça para fitá-lo.

Ele assentiu, beijando meu cabelo.

— Não quero te ver outra vez de papo com aquele cara, Olívia — falou, franzindo o cenho. — Sei que me excedi ao socá-lo, mas faria de novo. Só espero não precisar. — Ele me encarou, mas nem seu olhar ou seu tom soavam ameaçadores. Pelo contrário, soavam mais como uma súplica velada.

— Eu sinto muito. Eu deveria ter explicado assim que te vi, deveria ter dito logo de uma vez. Sei que pareceu outra coisa, mas não foi nada daquilo, Max. Ícaro me contou que é gay. Por isso eu... — comecei a explicar.

Ele fechou a expressão.

— Gay? — perguntou com incredulidade. — Essa vai ser a sua desculpa? — Ele ergueu uma sobrancelha, caprichando no sarcasmo.

— É a verdade — falei.

— Então o cara é gay... Tá bom. E eu sou a porra de uma *Drag Queen*. — Ele soltou minha mão e cruzou os braços sobre o peito.

Deixei um suspiro escapar e comecei a contar a história inteira. Falei tudo o que Ícaro disse, tim-tim por tim-tim, inclusive as coisas que ele falou sobre o próprio Max. Até o interesse por Piolho eu ressaltai.

— Você está me dizendo que o cara que eu soquei queria socar a rola em mim? — Ele perguntou, rindo.

Caí na risada.

— Exatamente. O cara em quem você bateu queria bater uma pra você — confirmei.

Ele riu.

— Pode ser só conversa desse sujeito, Olívia. Não sei se acredito nessa porra, embora isso explique aquele jeito esquisito que ele me olhava.

— Ele dançou na apresentação de balé de Sofia, acredita? — perguntei, lembrando-me do que Suze dissera. — Ele é bailarino profissional.

Max arqueou as duas sobrancelhas, surpreso.

— Um mamute de saia poderia ter dançado naquela porra, e eu não saberia — ele respondeu. — Enfim, gay ou não gay, eu não gosto desse cara.

— Primo, você precisa dar um jeito nesse ciúme... — provoquei.

— Eu não sou ciumento. Só não gosto de filhos da puta de olho no que é meu. — Ele se aproximou um pouco mais e me abraçou. — Já você, senhorita Olívia, tem um distúrbio grave chamado “ciúme obsessivamente patológico mesclado a uma possessividade exacerbada, acentuada por altas doses de monomania e paranoia compulsivas”.

— Cretino. — Eu o belisquei, rindo. — Então padecemos do mesmo mal.

Nem vem, Vetter, você é pior que eu.

— Nem fodendo. — Ele deu uma risada. — Se eu fosse mais ciumento que você, estaria internado. Na ala psiquiátrica.

— Então talvez devêssemos ligar para o pessoal da camisa de forças, pros caras da sala acolchoada. Porque não sou eu quem está saindo por aí agredindo pessoas — cutuquei.

— Pense direito, senhorita Olívia. — Ele me lançou um sorriso endiabrado.

Peguei a indireta, sentindo a raiva me possuir até as pontas do cabelo.

— Aquela vagabunda merecia mais. Ainda vou bater naquela cadela do jeito que ela merece — cuspi.

Max deu de ombros rapidamente, cantando vitória.

— Você precisa controlar o seu ciúme, prima — ele atçou. — Isso não é saudável.

— Eu não sou ciumenta. Só não gosto de vagabundas de olho no que é meu — falei, alisando seu abdome.

— Elas não conseguem evitar. — Ele piscou, fazendo meu barulhinho favorito com a boca.

— Te odeio, cretino! — bradei, dando um soco em seu peito.

— E eu te amo, minha linda. — Ele se inclinou e me beijou. — E só você. — Max beijou minha testa, afagando meu cabelo. — Precisamos confiar um no outro, Olívia — falou, mirando meus olhos. — Claramente, você não confia em mim — ele completou, sério, e entendi que estávamos retomando o assunto da “gravidez”, quando eu, estupidamente, duvidei de que ele queria ser pai.

— Nem você em mim — acusei, engolindo o nóculo de remorso que apertou minha garganta.

Ele soltou um suspiro.

— Posso te contar uma coisa? — perguntou.

Assenti e notei seu pomo-de-adão subindo e descendo.

— Tenho medo de te perder, porra. Tenho medo de ficar sem você. Esses últimos dias foram os piores da minha vida, Olívia. Não quero ficar mais nenhum segundo longe de você — ele disse, deslizando o polegar em meu rosto.

— Você não vai me perder, Max. Nunca. Eu te amo, te amo com todas as minhas forças — falei, enxugando uma lágrima que tinha escorrido pela bochecha dele.

— Também te amo, porra — ele disse, rindo, limpando as lágrimas que deixei escapar e colando nossos lábios em um beijo lento e doce.

— Sei que eu errei — falei, quando nossas bocas se separaram. — Sei que não confiei em você. Sei que deveria ter acreditado na sua palavra, mas eu estava confusa e assustada. E eu sei que dramatizei a porra toda, Max. Sei que fui

estúpida. E estou tão arrependida... Mas prometo que não vou mais duvidar de você, prometo que vou ter confiança e que vou tentar controlar o ciúme.

— Eu estava magoado quando propus que ficássemos separados, mas deixei essa porra ir longe demais, Olívia. Sem você, nada faz sentido, minha linda. Vou confiar em você também, mas, quanto ao ciúme... — Ele riu, coçando a cabeça. — Sou um caso perdido — anunciou.

— Max, é sério — falei, embora estivesse rindo. — Você precisa parar com isso, porra. Nós dois. Quero dizer, sei que nunca vamos conseguir parar totalmente, mas se nos amamos e confiamos um no outro, essa porra tem que diminuir pelo menos um pouco. Não podemos dizer que confiamos se, na primeira oportunidade, surtamos e colocamos o que o outro sente em xeque. Isso vale para mim e para você. Agora promete que vai tentar se controlar.

Ele fingiu um suspiro derrotado e falou, rindo:

— Tá, mas essa promessa é uma obrigação de meio, assim como a atividade advocatícia. Não há garantia de resultado.

— Promete direito, cretino. — Beijei seu maxilar.

— Tá, porra, eu prometo. Só porque quero passar a vida inteira ao seu lado. Só porque quero que tenhamos filhos e que sejamos o caralho de uma família loucamente ciumenta. — Estreitei os olhos, recriminando-o. — Mas nada muito patológico — ele completou, tentando reprimir uma risada.

— Para de gracinha, filho da puta! — Soquei seu peito.

— Tá, agora parei — ele falou, sério. — Prometo que vou tentar melhorar essa possessividade toda, minha linda. Só porque quero ser seu marido — ele disse, me olhando nos olhos e afagando meu cabelo.

— Isso foi um pedido oficial? — perguntei, rindo, embora meu coração estivesse sacolejando dentro do peito.

— Claro que não, porra! — ele gargalhou, e meu coração ribombante murchou, parando de bater. — Quero te mostrar uma coisa — declarou, levantando-se e me puxando pela mão.

Meu corpo estava flácido, meus músculos tinham perdido toda a força, e meu peito doía tanto que parecia que ia se partir.

— Lá na praia — ele apontou o mar a metros de distância e, segurando minha mão, me guiou de volta ao quarto. — Porra. Minha mala tá lá embaixo. Fica quietinha aqui, prima. Vou buscar —disse, pegando a calça jeans do chão, ao lado da cama, e vestindo.

Então, beijou minha testa e saiu.

Eu não tinha ficado triste por ele não querer se casar comigo. Poderíamos viver juntos, para sempre, como um casal moderno, morando em casas separadas, inclusive. Ele seria meu marido mesmo assim.

O que me deixou tão decepcionada foi o jeito como ele falou, como se dissesse: "ficou louca, porra?". Isso e a gargalhada. Mas eu não devia ter me abalado tanto, porque sabia que Max não queria se casar de verdade, e estava tudo bem.

Por isso, quando ele saiu, controlei as lágrimas. Não havia motivo para choro.

Abri minha mala e vi o exame de gravidez me encarando. Meu peito doeu ainda mais. Encarei o pedaço de papel plastificado de volta por alguns minutos até que peguei o envelope, sentindo o plástico ficar úmido com o toque das minhas mãos suadas.

Era melhor abrir logo aquela porra e contar a ele o resultado de uma vez.

Eu já estava tirando o papel de dentro do plástico, tremendo pra caralho, quando Max irrompeu no quarto.

Com o susto, escondi o exame nas costas e forcei um sorriso.

— Já voltei, minha linda — ele se aproximou e me beijou nos lábios.

Então se afastou, carregando a mala.

Quando ele a colocou sobre a cama, ficando de costas para abrir o zíper, inspirei profundamente e, enchendo-me de coragem, soltei:

— Também tenho uma coisa pra te mostrar.

Ele estava tirando a calça jeans quando virou o pescoço para me ver e falou:

— Preciso mostrar primeiro, prima. Depois você mostra.

Eu queria me livrar logo daquilo, mas não consegui conter o suspiro de alívio por não precisar lidar com o resultado naquele momento, quando meu coração estava batendo na garganta.

Esperei Max se virar para pegar alguma coisa na mala e me abaixei, enfiando o envelope dentro do bolso da primeira roupa que encontrei. Era uma saia jeans.

Então a vesti e coloquei uma blusa azul que tinha laços para amarrar nos ombros e estampa de poás brancos.

Max se virou, usando uma bermuda e nada mais, e caminhou até mim, roçando os lábios nos meus. Sua língua invadiu minha boca, e seus braços circundaram minha cintura.

— Vou precisar do seu *ukulele* emprestado — ele interrompeu o beijo e sussurrou no meu ouvido, mordendo minha orelha.

— Você vai tocar pra mim? Na praia? — perguntei, animada.

Meus olhos deviam estar maiores que duas tigelas de sopa.

Imediatamente, me lembrei da minha fantasia. Max pelado, tocando *Sex On Fire* em uma praia deserta, com uma guitarra estrategicamente posicionada sobre a ereção. Contei a ele, e o desgraçado caiu na risada.

— Posso fazer isso, prima. Hoje à noite. Não tenho uma guitarra aqui, mas posso tocar com o *ukulele* sobre o pau. Não vai cobrir tudo, é claro. — Ele deu

uma piscada.

Contorci as coxas involuntariamente, imaginando a cena toda. Puta que pariu.

— Mas agora vou tocar outra coisa. Vem. — Ele segurou minha mão, pegou o instrumento sobre o tapete e saiu me puxando.

Quando chegamos, o sol já estava acima da linha do horizonte, mas não havia ninguém na praia.

O céu se estendia sobre nós como um tecido de verão azul, estampado de flocos algodoados em vários dos tons de um arco-íris.

As ondas do mar iam e vinham, serenas, brincando de molhar a areia ainda fria.

A luz dourada do sol esparramava-se pela água e deixava os fios do cabelo e os pelos dos braços de Max ainda mais loiros. Sua pele bronzeada reluzia, e eu não tinha olhos para mais nada além do deus dourado que segurava minha mão e caminhava tranquilamente, esbanjando sua aura demoníaca e me presenteando com um de seus sorrisos diabólicos.

Meu coração galopava dentro do peito, dando pulos altos e fazendo movimentos loucos como se estivesse participando de uma competição de hipismo.

Ele se sentou e me puxou com ele, de modo que ficássemos frente a frente.

— Que porra é essa que você vai me mostrar, caralho? — perguntei, quase tendo um surto, de tanta ansiedade.

Ele sorriu e posicionou o *ukulele*.

— Todo o meu amor por você, minha boquinha suja — ele respondeu e se curvou levemente, puxando minha cabeça e unificando nossos lábios.

Então, ele se afastou e começou a tocar e cantar *Till I'm Old And Gray*, uma das minhas músicas favoritas do Tiago Iorc.

Comecei a morrer já nas primeiras estrofes:

I wanna hold on to you
(Eu quero segurar você)
Find us a corner for two
(Encontrar um canto para nós dois)
When you grow older
(Quando você envelhecer)
I'll be your shoulder still
(Eu serei o seu ombro)

And I'll take you as my wife
(E eu te tomarei como minha esposa)
You take my soul, take my life
(Você pega a minha alma, pega a minha vida)
And know I just met you
(E eu sei que acabei de te conhecer)
But I wanna take this ride
(Mas eu quero fazer esse passeio)
You and I
(Você e eu)
Never, ever, ever to return
(E nunca, nunca, nunca mais retornar)

Quando ele cantou o refrão, eu já estava chorando feito uma idiota:

All I'm asking of you is
(Tudo o que estou pedindo de você é)
Let me be the one to carry you
(Me deixa ser aquele que vai te levar)
I'll carry you home
(Eu vou levá-la para casa)
Till I'm old and gray
(Até estar velho e grisalho)
All I'm asking of you
(Tudo o que estou pedindo de você é)
Just let me be the one to carry you
(Apenas me deixe ser aquele que vai te levar)
I'll carry you home
(Eu vou levá-la para casa)
Till I'm old and gray
(Até estar velho e grisalho)

Mas foi nesta parte que eu comecei a soluçar:

I see our kids in the park
(Eu vejo nossos filhos no parque)
Running around till it's dark
(Correndo pelas redondezas até escurecer)
And as they grow older

(E à medida que eles forem crescendo)
We will let them count the stars
(Nós vamos deixá-los contar as estrelas)
Over and over I'll be where you are
(De novo e de novo eu vou estar onde você estiver)
Never far
(E nunca longe)
You'll never, ever, ever be alone
(Você nunca, nunca, nunca vai estar sozinha)

Então, ele repetiu o refrão e, quando terminou, soltou o ar, colocou o *ukulele* na areia e, aproximando-se, enxugou minhas lágrimas e perguntou:

— Quer se casar comigo, senhorita Olívia?

Arregalei os olhos e levei as mãos ao peito, temendo que meu coração explodisse em mil partículas brilhantes e coloridas.

— Agora, sim. Isso é um pedido oficial, minha linda. Eu sei que nos conhecemos há pouco tempo, Olívia... — Ele fez uma pausa, expirando profundamente. — Mas eu já sei que te amo e que você é a mulher da minha vida, e eu disse que nunca ia me casar. Mas, com você, eu quero. Não precisa ser agora. Pode ser quando você quiser. Eu só queria que você soubesse que eu quero ser seu marido, quando você quiser ser minha esposa. E que quero ser o pai dos seus filhos, quando você quiser ser a mãe deles. E prometo que não estou te pedindo em casamento porque quero te sufocar. Eu só quero que você seja feliz, minha linda — ele disse, acariciando meu rosto molhado. — Comigo, na nossa casa, até eu ficar velho e grisalho.

Eu podia morrer naquele momento.

— Ai, meu Deus, Max! É claro que eu aceito, cretino! — exclamei, chorando e pulando em cima dele.

Umedeci seus lábios com as lágrimas que escorriam ininterruptamente pelas minhas bochechas, estacionando em minha boca.

Meus dedos se afundavam em seu cabelo sujo de areia enquanto a brisa suave varria nossas peles. Nosso beijo tinha o gosto tão salino quanto o das águas que sussurravam uma melodia cadenciada em nossos ouvidos.

— Te amo, meu lindo — falei, transferindo os lábios para suas bochechas. — Te amo. Te amo. — Fui enchendo-o de beijos.

— Eu que te amo, minha linda — ele disse, apertando minha bunda.

— Isso é tão insano... — sussurrei, acariciando seu peitoral.

— Eu sei. Tudo tem sido absolutamente insano. Nada é normal quando se trata de *Olimax*. — Ele riu.

— *Olimax is back, bitches!* — exclamei. — *Forever...* — cochichei em seu ouvido.

— *And ever* — ele falou baixinho e colidiu nossos lábios. — Agora, quero ver o que você queria me mostrar — ele disse depois do beijo, que pareceu eterno.

Saí de cima dele, puxando o envelope do bolso.

— O que é isso? — Max se sentou e perguntou, fazendo uma expressão típica de um garotinho na manhã de Natal, o que me fez rir, apesar do nervosismo.

— Primeiro, você precisa me prometer que não vai desfazer essa carinha linda se o resultado for negativo — falei, fitando-o.

Seus olhos se arregalaram e ele baixou o olhar para as minhas mãos, voltando a pousá-lo no meu rosto.

Pelo movimento repentinamente rápido de seu peito, eu quase podia ouvir as batidas insistentes e retumbantes de seu coração, que certamente estava tão acelerado quanto o meu.

Ele se aproximou, posicionando-se ao meu lado.

— Eu prometo, minha linda. Mas, se for positivo, eu vou correr pelado na praia, gritando como um filho da puta — falou, me abraçando e beijando meu cabelo.

— Vai correr pelado, não, senhor — repreendi. — A menos que eu também possa — provoquei.

— Nem fodendo. Você vai ficar aqui, bem quietinha, com o nosso filho. — Ele alisou minha barriga.

— Max... — chamei, como quem diz: "cuidado com essas expectativas, porra".

— Abre logo esse caralho, então. — Ele cruzou os braços, fazendo um biquinho emburrado.

Plantei um beijo em seus lábios ligeiramente retorcidos e estendi o exame.

— Abre você. Vou saber o resultado pela sua expressão.

— Tá, mas tenta não interpretar errado dessa vez, porra — ele falou, pegando.

Teria sido engraçado, se não fosse tão trágico e se eu não estivesse tão nervosa.

Ele soltou o ar, cerrou os dentes e puxou o papel de dentro do plástico.

— Preparada? — perguntou, abrindo sem olhar.

— Estou — respondi, respirando fundo, sentindo o coração na boca e o estômago revirado.

E, então, ele inspirou, expirou e olhou.

Em seguida, Max levantou os olhos e abriu o sorriso mais lindo e mais radiante que eu já tinha visto em seus lábios. Vi seu peito inflar e seus olhos brilharem mais que a superfície azul do mar sob a luz do sol.

Suas íris pareciam liquefeitas quando ele mordeu o lábio e anunciou:
— Eu vou ser pai, porra!

47. De manhã é que se começa o dia

MAX

Eu vou ser pai, porra.

A frase retumbava em minha mente enquanto meus braços envolviam o corpo de Olívia com força.

Talvez fosse prudente diminuir a intensidade do abraço, mas eu só conseguia apertá-la.

Senti suas lágrimas em meu ombro, quentes e copiosas, indo ao encontro de seus próprios dedos, que se afundavam em minhas costas nuas.

A brisa fria do início da manhã agitava os longos fios azulados de seu cabelo, que ricocheteava em meus braços. Inspirei o perfume e soltei o ar, tentando, em vão, controlar as correntes eufóricas que reverberavam pelo meu corpo.

Meu coração batia vigorosamente, a euforia empurrava minhas veias e meu cérebro fervilhava, incapaz de organizar os pensamentos, que nadavam, soltos e difusos, na minha cabeça.

"Eu vou ser pai, porra" era a única frase que meus neurônios ensandecidos conseguiam processar. O mundo, de repente, tinha se resumido a essa única sentença; cinco palavras que não definiriam apenas aquele dia, que ainda estava nascendo, mas que metamorfoseariam minha vida inteira.

Eu já me sentia outro homem. Meu universo, antes tão vasto, tão infinito, agora cabia no meu abraço. Tudo o que eu tinha estava ali, sendo esmagado pelos meus membros, que se recusavam a ceder.

Eu podia ouvir o barulho ritmado das ondas quebrantando na orla. O mar se estendia, azul e infundável, depois da areia. Mas o oceano parecia ínfimo se comparado ao tamanho da minha felicidade.

A sensação era inédita. Uma mistura tresloucada de alegria e ansiedade. Sentia o sangue borbulhante feito lava e o estômago tão enregelado quanto um *iceberg*.

Obriguei-me a afrouxar o aperto e encarei os olhos molhados de Olívia.

— Eu estou tão feliz, minha linda, que... — Engoli o coração, que pulsava em minha garganta. — Porra, eu queria que nove meses passassem tão rápido quanto nove segundos! — Enxuguei suas lágrimas com meus polegares. — Tô feliz pra caralho! — exclamei, sem conseguir impedir que minha alegria também escorresse pelos meus olhos.

Ela sorriu de volta, e novas lágrimas perfizeram uma trajetória úmida em suas

bochechas.

— Você vai ser um puta de um pai, Max. — Olívia riu, levando as mãos à barriga.

— Eu sei, porra! — bradei. — Vou ser o melhor pai que o mundo já viu! Vem cá, minha linda... — Aproximei-me, encaixando-a entre minhas pernas, de modo que suas costas se apoiassem em meu peito. Então, coloquei o exame debaixo do *ukulele* e posicionei minhas mãos sobre as dela, beijando o topo de sua cabeça.

— Tenho certeza disso — ela disse. — Mas, e se eu não conseguir ser uma boa mãe, Max? E se, de algum modo, eu cagar na pistola? — Pude imaginar sua expressão preocupada.

— Olívia, deixa de besteira — falei, rindo. — Você vai ser perfeita. Nós somos perfeitos juntos, porra. Vamos humilhar Plínio e Suze. Vamos ser tão bons na coisa, que, depois desse, vamos fazer outro filho! Eu quero a porra de um time de futebol em casa! — Soltei uma risada.

Ela mexeu a cabeça para me encarar.

— Vou te lembrar disso daqui uns meses, cretino, quando você estiver exausto e nossa filha estiver chorando ininterruptamente de madrugada e nós dois estivermos desesperados sem saber como acalmá-la — avisou. — Vou dizer: "o que acha de fazermos outro bebê agora mesmo, neste exato momento, Max?" — Ela teatralizou a voz. — "Vamos, querido, vamos fazer mais um bebezinho! Aí, faltarão apenas nove!".

— Para início de conversa, tem é um moleque aqui, prima — falei, passando as mãos por baixo da blusa azul que ela estava usando.

Meu filho estava ali dentro, minúsculo, sob a pele lisa e morna que meus dedos alisavam. Era surreal.

— Vamos ter onze devassinhos. Todos pauzudos como o pai — completei.

Ela gargalhou.

— A comunidade feminina do planeta nos endeusaria, com certeza! Eu seria beatificada por gerar onze cópias suas. Mas acorda, Max! Um *minivocê* já me colocaria no hospício antes dos trinta! Imagina o que seria de mim com onze versões mirins do homem mais devasso da Terra dentro de uma casa... — Ela meneou a cabeça, rindo. — É sério, se for um menino... Meu Deus, eu vou ser a pior sogra de todos os tempos! Vou enlouquecer com tantas piranhas ao redor do nosso filho!

— Já eu, vou ser um sogrão idolatrado pelas minhas noras gostosas! Porque é claro que nosso filho vai ter o bom gosto do pai para mulheres — piracei.

— Para de gracinha, cretino! — Ela riu, beliscando minha coxa.

— Isso doeu, porra — reclamei, fingindo.

— Foda-se. Estou louca pra ver a sua cara quando descobrir que é uma menina! Vamos gravar, inclusive. Meu Deus, eu vou rir tanto, Max, mas tanto! E vou mimar tanto o meu futuro genrinho... Tenho certeza de que nossa filha vai saber escolher tão bem quanto eu. Está no sangue. Não tem jeito, gostamos de um devasso! — Ela gargalhou.

— Muito engraçado, senhorita Olívia — ironizei, apertando seu corpo trêmulo pelas risadas. — Mas não vai ser uma menina, porra.

— E se for? — ela retrucou.

— Não posso pensar nisso, Olívia. Então vamos simplesmente fingir que a única possibilidade existente é que seja um menino — pedi.

— Por quê? — Ela mudou de posição e se virou para me observar.

— Não posso passar nove meses completamente louco, Olívia! Ou nem vou estar vivo para vê-la nascer! — Minha voz saiu mais alta do que eu pretendia. — É meio contraditório. — Abrandei o tom. — No fundo, eu queria que fosse uma menina. Queria que ela tivesse o seu cabelo, seus olhos, sua boca... — Tracejei seus lábios. — Queria que ela fosse assim. Linda. Perfeita. Mas... — Deixei o polegar deslizar para seu queixo delicado.

— Ela podia nascer com os seus olhos... — Olívia me interrompeu, mergulhando o olhar no meu.

— Prefiro os seus — respondi, fitando o verde cintilante de suas íris.

— Ela vai nascer loira, tenho certeza — rebateu, mirando meu cabelo.

— Não vai ser uma menina, caralho. — Soltei o ar. — Você já me dá trabalho demais, Olívia! Me explica como é que eu vou conseguir proteger vocês duas de todos os filhos da puta do mundo? Pensar nisso já me deixa física e mentalmente exausto! Eu ficaria muito feliz se tivéssemos uma mini Olívia. Duas Olívias seria perfeito, porra. Mas preciso de um ajudante, não de mais uma razão para enlouquecer. Por isso, será um menino. Vou ensiná-lo desde cedo a mandar os desgraçados que se aproximarem de você para a puta que pariu.

— Já posso imaginar! Ele seria igualzinho a você, Max! Todo lindo e ciumentinho. — Ela deu uma risada. — Ai, meu Deus, ele seria tão lindo... — Olívia fechou os olhos, como se estivesse imaginando o rostinho do bebê. Porra, até eu estava. — Seria mesmo maravilhoso se fosse um mini Max... — Ela voltou a abri-los. — Ele seria idêntico a você quando criança, absolutamente divino. Falando nisso, eu vi você bebezinho! Suze me mostrou suas fotos, de quando você era pequeno. Puta que pariu, parecia um anjo, de tão lindo! Pena que já era um diabinho, né, cretino? Só tinha essa carinha angelical. — Ela deu duas batidas curtas no meu rosto. Tive que rir. — No fundo, eu queria que tivéssemos um menino. — Ela fez uma pausa e deixou escapar um suspiro cansado. — Só que, aí, eu seria duplamente ciumenta! E não quero ser uma

sogra chata. Mas eu seria. Daquele tipo, sabe? Ninguém estaria à altura do nosso filho, todas seriam putas desclassificadas etc., etc. Meu Deus. Eu seria insuportável! Seria bizarro. Não quero ser assim.

Olívia tinha uma expressão de choque e repulsa estampada no rosto. Não contive o riso.

— É óbvio que você não seria assim, linda. Mas, pensando melhor, acho que quero ser o único homem da casa. Não estou gostando nada desse papo...

Ela caiu na risada.

— Não acredito que você teria ciúme do próprio filho, Max!

— Eu que não acredito que você teria ciúme do próprio filho! — contestei.

— Você teria da própria filha! Por que não posso ter do nosso filho? — ela replicou.

— É totalmente diferente — argumentei.

— É exatamente a mesma coisa! — ela contra-argumentou.

— Tá. Tô brincando, porra! É claro que eu não teria ciúme de um bebê, Olívia! Seria ridículo! — exclamei.

— Anrã... — Ela se limitou a sorrir, acariciando meu rosto e balançando a cabeça. — Por que você tirou a barba? — perguntou de repente.

— Ficou ruim? — indaguei, levando a mão ao maxilar instintivamente.

— Péssimo — ela disse, prendendo os lábios para não rir.

— Você não achou péssimo mais cedo, quando eu estava te comendo. — Ergui uma sobrancelha altiva.

— Responda a minha pergunta, Vetter — ela pediu, deixando boas doses de malícia perpassarem os lábios carnudos enquanto as palmas de suas mãos produziam um som áspero em contato com a minha barba de um dia.

— Tirei porque eu quis, porra — respondi. — Do mesmo jeito que vou tirar esses lacinhos porque eu quero. — Subi as mãos para os ombros enfeitados com dois laços finos e azuis.

Ela sorriu e desceu as dela, escorregando-as pelos músculos do meu tórax. Inclinei a cabeça e, enquanto puxava uma das fitas, sussurrei em seu ouvido:

— Agora, responda a minha, senhorita Olívia. Ficou ruim?

— Eu já respondi, primo. — A voz pretensamente ingênua fez meu pau crescer mais alguns centímetros, contribuindo para o serviço que o toque daqueles dedinhos de brasa havia iniciado.

— Quero uma resposta válida, e não a porra de uma mentira descarada — falei, puxando o laço do outro lado.

Comecei a depositar beijos úmidos em seus ombros expostos. Deixei o maxilar arrastar-se por sua pele macia, e ela soltou um gemido lento.

— E então, senhorita Olívia, o que achou? — insisti.

— Já disse. Péssimo. Terrível. — Ela reprimiu o próximo gemido.

— Tem certeza? — perguntei, sugando seu pescoço.

Ela não conteve um arquejo.

— Cretino... — murmurou, afundando os dedos em meus bíceps. — Você tá careca de saber que fica lindo de todo jeito, filho da puta... E você ficou, miraculosamente, ainda mais devasso assim.

— Quem fica linda de todo jeito é você, minha linda. Tô louco pra ver o nosso filho crescendo aqui dentro. Mal posso esperar para senti-lo chutando e...

A ideia era manter a mão firme no abdome dela, mas meus dedos continuaram subindo por baixo do tecido fino, até alcançarem os peitos que, meu Deus do céu, ficavam uma delícia na porra do decote.

— Não sei se você sabe, mas ele vai ficar só na minha barriga, Max. — Ela começou a rir, mas logo o riso se transformou em um novo gemido. — Caralho, eles estão sensíveis...

Puxei a blusa para baixo, e os dois pularam, fazendo meu pau pulsar sob a bermuda.

— Porra, Max... — Ela girou a cabeça para os lados, como se estivesse procurando alguma coisa. — Você está ciente de que estamos em público, né? Ai, meu Deus, não faz isso, caralho...

A praia continuava completamente vazia, e eu já tinha abocanhado um mamilo enquanto uma das minhas mãos se divertia com o outro.

— Preciso aproveitar enquanto eles são só meus... — justifiquei, sugando, chupando e lambendo a região, sentindo uma necessidade absurda de comê-la ali, pouco me fodendo para as eventuais consequências.

Fui subindo, beijando sua pele até colar nossos lábios, apalpando seus peitos com as duas mãos e mergulhando minha língua em sua boca.

Olívia se moveu, sentando-se em meu colo e cruzando as pernas na minha cintura. Então sussurrou, beijando meu pescoço:

— Você disse que comemoraria correndo pelado na praia, lembra?

— Eu sei. Mas agora tenho uma ideia bem melhor de comemoração — respondi, afundando a mão em sua nuca e puxando-a de volta para a minha boca.

Ela correspondeu às investidas nada gentis da minha língua com movimentos tão famintos quanto os meus. Então se afastou, ofegante.

— Não vamos transar aqui, Max, seria loucura — disse, mordendo o canto do próprio lábio inferior e subindo a blusa.

O que era uma rapidinha na praia para quem já tinha trepado por um bom tempo em um acostamento, dentro e fora do carro?

Isso. Brincadeira de criança.

Mas ela estava certa. Seria, em tese, loucura. Poderíamos, no mínimo, acabar

no *YouTube*. De novo, e de um jeito bem mais escandaloso. Além disso, de acordo com a Lei, se fôssemos flagrados, poderíamos ficar presos de três meses a um ano ou, na melhor das hipóteses, precisaríamos arcar com uma sanção pecuniária.

Embora a conduta estivesse tipificada no Código Penal sob a rubrica "ato obsceno", na prática aquilo muito provavelmente não daria em porra nenhuma, assim como não teria dado no caso da trepada no carro. Apesar disso, a imagem assustadora de Olívia e nosso filho em uma delegacia pipocou em meu cérebro, o que foi suficiente para me impelir a alertar meu pau de que era mais sensato sossegar o facho.

Mas eu não podia dizer isso ao meu cacete assim, do nada. "Sossega, camarada" não funcionaria de jeito nenhum. Ele não estava acostumado a interrupções bruscas.

Precisávamos parar devagar, juntos, progressivamente.

Não se diz a uma garotinha brincando de boneca que "já chega, está na hora de dormir, meu anjo" sem esperar que ela barganhe com um "só mais um pouquinho, só até o Ken entrar na casinha da Barbie!" — Uma lição valiosa que aprendi com Sofia.

Do mesmo modo, não se diz a um pau duro que "já chega, está na hora de parar, caralho", sem esperar que o desgraçado barganhe com um "só mais um pouco, porra, só até eu arrombar, só até você perder o controle e entrar com tudo na casinha".

— Se não vamos trepar aqui, por que você está se mexendo tanto, Olívia? — perguntei, mordiscando seu lábio mordido. — Por que está rebolando gostoso assim em cima do meu pau? — Sem que eu me desse conta, mergulhei seu lábio inteiro na boca, conectando nossas línguas no segundo seguinte.

Era só um último beijo. Só mais um e pronto. Nós nos levantaríamos em seguida e terminaríamos aquilo em casa. Estava tudo sob controle. A cabeça de cima estava no comando.

— Para, porra — ela choramingou em minha boca, mas voltou a me beijar, intensificando a pressão dos dedos em meu pescoço.

Eu estava me perdendo. Sentia a racionalidade se esvaindo tão rápido quanto seus lábios macios puxavam os meus com determinação, e com a mesma velocidade que sua língua se enrolava e se desenrolava da minha.

— Só vou parar depois que te encher de porra — falei, afastando-a o suficiente para conseguir desabotoar a bermuda e puxar o zíper o mais velozmente possível.

Não, não, não. Eu não devia ter dito isso. Nem devia estar abrindo o caralho da bermuda.

— Vem, porra, senta. — Segurei o pau pela base, quase ferindo o lábio de tanto tesão.

Em algum lugar recôndito do meu cérebro, eu sabia que não devia estar fazendo aquilo por alguma razão específica. Mas não conseguia me lembrar qual.

— Ai, meu Deus, Max... Eu tô sem calcinha — ela gemeu, subindo a barra da saia jeans pelas coxas, em nome da mobilidade, com os olhos pousados na minha pica.

Pronto. Passagem de comando. Pau no controle.

Eu não conseguia mais me lembrar nem de que havia uma razão anterior para não fodermos ali, no meio do nada, na praia ainda deserta.

Pelo amor de Deus, que razão poderia haver?

Olívia se ajeitou e se sentou de uma vez, deslizando pelo meu cacete e subindo no instante seguinte.

"Putá que pariu", foi o que eu pensei, porque não consegui falar. Ela mordida meu lábio com força e sentava no meu cacete com vigor. Nossas respirações e gemidos amalgamavam-se, fundindo-se ao som do mar.

Meus braços circundavam seu corpo, pressionando-o contra o meu. Escorreguei as mãos, posicionando-as nas polpas visíveis de sua bunda. Meus polegares subiam mais de sua saia, revelando mais carne para que meus dedos se fartassem.

— Te amo, gostoso — ela falou na minha boca, rebolando no meu pau.

Sorri em seus lábios e apertei sua pele.

— Te amo, safada — devolvi, puxando seu cabelo para trás e lambendo seu pescoço.

Movimentávamos juntos. Enquanto eu mordida e sugava sua pele, tatuando palavras em sua carne, suas palavras pré-goza cortavam o ar frio da manhã.

— Tô quase... — ela anunciou, menos de um minuto depois de termos começado. — Meu Deus, Max... Por que você tem esse pau tão... — Ela deu uma rebolada lenta e longa. — Ai, meu Deus... Quase...

Parei de controlar o gozo, relaxei e gozei poucos segundos depois dela, urrando, xingando e afundando os dedos em sua bunda.

— Puta foda do caralho. Te amo, porra — falei, com a garganta seca, apertando-a.

Ela sorriu e me beijou, devagar e docemente.

OLÍVIA

Max e eu estávamos deitados na areia, sem nos importarmos com o fato de que estaríamos imundos quando nos levantássemos.

Ele descansava a cabeça nas mãos entrelaçadas; os braços estavam flexionados, e eu me apoiava no bíceps esquerdo, esboçando linhas e traços invisíveis em seu peito com o indicador.

De repente, tive uma ideia.

Levantei-me de supetão e comecei a desenhar na areia.

— Que foi, porra? — Ele ergueu o corpo e sentou ao meu lado.

Interrompi o desenho para fitá-lo. Seus olhos estavam estreitados, protegendo-se da luz do sol, que tinha se distanciado um pouco mais da linha do horizonte.

O cabelo loiro, cheio de grãosinhos de areia, estava levemente bagunçado. Os músculos bronzeados absorviam os primeiros raios da manhã. Seus lábios esculpidos e naturalmente rosados curvaram-se em um sorriso provocante quando ele perguntou, batendo uma das mãos no cabelo para se livrar da areia:

— Tá me achando bonito, prima?

Eu poderia mentir e dizer "é óbvio que não!", rindo desdenhosa e maquiavelicamente da pergunta. Poderia chamá-lo de presunçoso ou ressaltar seu severo distúrbio, o da "autoconfiança hiperbólica mesclada a um narcisismo megalomaníaco patológico". Havia, também, a possibilidade de eu simplesmente rir da cara-de-pau dele e soltar um "cretino!", beliscando-o ou fingindo bater naquele maxilar maravilhoso.

Provavelmente, eu teria feito uma dessas coisas, se não estivesse tão surrealmente feliz. Por isso, eu não poderia dizer outra coisa além do que eu de fato disse:

— Estou. Lindo. — Acariciei seu rosto, mirando o azul pálido de seus olhos, sem conseguir conter um suspiro ridiculamente apaixonado.

Ele ficou visivelmente surpreso com a resposta sincera.

Max substituiu os lábios maliciosamente curvados por um sorriso encantadoramente doce, quase tímido.

Meu coração doía daquele jeito insuportavelmente bom, como se estivesse mergulhado em litros de felicidade líquida.

— Te amo, linda — ele disse e se curvou para me beijar.

E eu poderia dizer que morreria feliz se morresse naquele momento, ouvindo o ruído suave das ondas, sentindo a textura macia dos lábios dele nos meus, o toque gentil de sua mão em minha nuca, os movimentos delicados de sua língua, o vento frio da brisa matinal e o contato morno do sol sobre a pele.

Mas não. Eu não morreria feliz se morresse naquele momento cercado de

perfeição. Porque tinha a ligeira suspeita de que momentos ainda mais sublimes nos aguardavam.

Em algum lugar escuro, dentro de mim, estava o nosso filho. E eu podia não fazer ideia se era um menino ou uma menina; podia não saber se seria um bebê loiro, se ele teria o cabelo tão preto quanto o meu, se os olhos seriam verdes ou azuis como os do pai. Pouco importava. Eu ainda não o conhecia, mas já me sentia sua mãe. Era real. Max e eu teríamos mesmo um filho. E eu podia ser um desastre em muitos aspectos, mas já o amava incondicionalmente, e, ainda que eu tivesse medo de fazer uma ou outra merda, fracassar por completo não era uma opção. Eu tentaria ser a melhor mãe que uma mulher poderia ser.

A sensação era singular. Eu me sentia tão confiante quanto Harry Potter provavelmente se sentiu quando tomou a poção *Felix Felicis*, ou como quando Rony Weasley achou que a tivesse tomado. Eu faria aquilo dar certo.

O cosmos parecia microscópico diante da imensidão do meu amor pelas duas criaturas que agora eram o meu mundo.

Finalizei o beijo e abracei Max com força, unindo os dois amores da minha vida em um único abraço. E, então, sem aviso, me afastei e voltei ao desenho.

Deslizando o indicador na areia fria, escrevi “1 + 1 = 3”, enquanto ele me observava com curiosidade.

Quando terminei, ele riu e me puxou, beijando meu cabelo. Então, os números e os sinais ficaram embaçados diante de mim, porque lágrimas quentes e generosas inundaram minha visão.

— Porra... Eu sabia que esse chororô todo era culpa dos hormônios da gravidez! Eu não sou chorona! — falei, limpando os olhos e tentando rir, enquanto levantava a cabeça para fitá-lo.

Os olhos azul-acinzentados de Max brilhavam feito prata líquida.

— E qual é a sua desculpa? — perguntei, beijando-o de leve na bochecha. — Você tá fazendo o seu pai chorar, bebê! — Usei um tom carinhosamente repreensivo enquanto alisava minha barriga.

— Homem não chora, senhorita Olívia. Para de mentir pro nosso filho, porra. Não acredita nela, filho. Foi o caralho de um grão de areia que o desgraçado do vento jogou no meu olho — ele falou, esforçando-se para não deixar as lágrimas presas nos cílios escaparem.

Fiz o possível para não rir ao dar um beijo em seus lábios.

— Tá falando palavrão na frente dele, porra — brinquei, afastando-me.

— Olha quem fala... — Ele riu. — Mas a gente vai ter que parar seriamente com isso quando ele nascer. — Max usou um tom decidido.

Assenti. A gente ia conseguir, certo? Certo. Mamão com açúcar.

— Acho que já podemos começar o álbum do bebê — ele disse de repente,

enfiando a mão no bolso da bermuda.

— Que lindo! — Bati palmas animadas quando ele pegou o iPhone e começou a enquadrar minha pequena fórmula matemática. — Espera! Acho que ficaria mais legal se a gente ficasse de pé perto do desenho, daí apareceriam as pontas dos nossos dedos!

— Genial, prima — ele elogiou, levantando-se rapidamente e estendendo as mãos para me ajudar.

Então nos posicionamos, e ele tirou a foto, me mostrando em seguida. Soltei um gritinho contente e beijei sua bochecha, abraçando-o.

— Agora a gente podia tirar uma *selfie*, pra ver as nossas caras de pais. — Dei uma risada. — Max, a gente vai ser pais... — falei, tentando me acostumar à loucura daquilo.

Minha voz saiu bem esquisita, quase um sopro.

— A gente vai, minha linda — ele confirmou, colocando a mão na minha cintura e posicionando o celular na nossa frente. — Pais bem fodões — completou, com um sorrisinho convencido.

A autoconfiança dele era acalentadora. Eu me sentia protegida, absolutamente segura. Daria tudo certo. Seríamos ótimos. Pais nada convencionais, talvez, mas excelentes pais.

Ficamos tão empolgados que tiramos um bilhão de fotos, fazendo várias poses e caretas engraçadas.

Depois, ele tirou várias só minhas, enquanto eu ria, pedindo para ele parar, porque, puta que pariu, tinha porra escorrendo pela minha perna!

Max gargalhava e não parava de clicar, o filho da puta.

Acabei convencendo-o a interromper os cliques incessantes, só porque falei que queria ver as fotos. Então, ficamos um bom tempo rindo ao observar nossas caras idiotamente felizes na tela do iPhone. Quando vimos a última fotografia, ele exclamou com entusiasmo, sorrindo largamente:

— Agora vou postar aquela do um mais um é igual a três pra contar pros putos que eu vou ser pai! Vão achar que é zoeira! — Ele gargalhou.

Caí na risada quando notei que ele já estava começando a compartilhar a foto.

— Tá louco, porra? Suze teria um treco se descobrisse assim, junto com todo mundo. Precisamos ligar e dar a notícia formalmente, Max, inclusive para Sofia, que vai adorar a novidade.

— Tá, caralho, a gente liga. Mas, primeiro, eu vou mudar meu *status* no *Facebook* para "noivo". Preciso chocar, prima — ele falou, acessando o aplicativo.

— Você não é galinha, Max — graciei.

— Tem certeza que não? — Ele riu, mexendo no celular.

Desfiz meu sorriso e dei um tapa no braço dele.

— Não mais, filho da puta — declarei, tentando não rir.

— Claro que não, prima. — Ele piscou para me pirraçar.

— Muda logo, palhaço — falei, espiando por cima do ombro dele. — Isso vai causar um rebuliço do caralho na sua *timeline*. — Dei uma risada, observando-o alterar o "solteiro" para "noivo". — Não tivemos tempo nem de mudar para "em um relacionamento sério"! — comentei, achando graça.

— *Olimax* não segue padrões, senhorita Olívia. Temos nosso próprio *flow*. — Ele sorriu e beijou minha bochecha, voltando a mexer no telefone.

Em seguida, foi em "evento cotidiano", clicou em "família e relacionamentos" e, depois, em "noivado". Então, completou o campo "noivo de" com "Olívia Dutra", adicionou a data do evento e selecionou uma das nossas *selfies* divertidas.

Eu estava sorrindo com a cabeça inclinada e os dentes cerrados, e ele beijava meu rosto com um dos braços sobre os meus ombros. O céu e o mar muito azuis se estendiam no fundo da fotografia como uma pintura realista e monocromática. Nosso rosto estava iluminado. As pessoas poderiam pensar que o sol fazia nossas peles reluzir como ouro. Mas era felicidade pura.

— Pronto. Daqui a pouco, Suze vê isso e pira. — Max deu uma risada, fazendo *logout*.

— Agora me deixa mudar também! — Peguei o celular e entrei no meu perfil.

Fiz exatamente o mesmo, mas escolhi uma foto em que eu o beijava na bochecha, e ele fazia uma carinha linda e falsa de anjo. Quem não conhecia, comprava fácil. Queria até de graça.

— Quer caminhar um pouco na orla? — ele convidou quando entreguei o celular.

Assenti. Max jogou o aparelho no bolso e, depois de guardar o exame de gravidez e pegar o *ukulele* no chão, segurou minha mão.

— As fotos que tiramos juntos estão mais para *#aftersex* que para meros *selfies* — ele comentou, enquanto caminhávamos de mãos dadas à beira-mar, as ondas indo e vindo, a espuma esbranquiçada molhando nossos pés.

— Mas só nós sabemos disso — falei, observando os raios de sol infiltrando-se em seu cabelo.

Ele balançava nossas mãos suavemente, com o *ukulele* debaixo do outro braço.

— Só nós sabemos disso — repetiu, e trocamos um olhar de cumplicidade.

— Agora vamos ter que crescer, Max. Não podemos ser mais infantis que nosso próprio filho — constatee, depois de alguns segundos.

— Eu sou um cara bastante maduro. Nem pareço ter só vinte e sete anos. —

Ele se defendeu, usando um tom pretensamente sério.

— A sua idade mental não chega a sete, Vetter — acusei, dando uma risadinha. — Já falei que Sofia é menos infantil que você.

— Olha só quem fala... Uma pessoa com idade mental correspondente às idades físicas somadas do Mestre Yoda, do Senhor Miyagi, do Mestre dos Magos e do grande Gandalf — ironizou.

— Rá, rá, rá. — Soltei uma risada sarcástica. — Esse comentário só demonstra o tamanho da sua ciancice, sabia?

Ele riu e ficou me olhando por consideráveis segundos, sem dizer nada.

— Que foi? Tá me achando bonita? — imitei, notando uma senhora e um casal ao longe, bem distantes, fazendo *jogging*.

As primeiras pessoas finalmente começavam a aparecer. Pareciam pequenos pontos escuros e indesejáveis no final de um lindo quadro azul.

— Estou — Max respondeu. — Linda. — Ele sorriu, soltou minha mão e segurou o *ukulele* com as duas, posicionando-o na altura no abdome.

Então, começou a tocar e cantar "Coisa Linda", do Tiago Iorc.

Pelo amor de Deus! Eu não podia lidar com aquilo.

Precisamos de um pouco de limites aqui, Cabrunco!

É, eu sei. Em se tratando de Max Vetter, perfeição não tem limites, mas assim não dá, porra! Sou uma mulher grávida, não posso ter um ataque cardíaco no meio da praia!

Fiquei sorrindo e suspirando bobamente, incapaz de acreditar no tamanho da minha sorte. Meu noivo era ridiculamente perfeito.

Sua voz meio enrouquecida acariciava as notas, e seus olhos sorriam junto com os lábios.

Enquanto eu o ouvia cantar trechos como "Linda/Do jeito que é/Da cabeça ao pé/Do jeitinho que for" e "Linda/Feito manhã/Feito chá de hortelã/Feito ir para o mar", sentia todas as coisas ao meu redor se desvanecendo. Todo o restante do mundo havia embotado.

Max entoava "Coisa linda/Vou *pronde* você está/Não precisa nem chamar", e eu me arriscava em passinhos curtos e leves giros, rindo e cantando junto, porque, definitivamente, "coisa linda" era ele!

Quando ele cantou "Ah.../Se a beleza mora no olhar/No meu você chegou e resolveu ficar/Pra fazer teu lar", a senhora que fazia caminhada na praia passou por nós e não conseguiu disfarçar o sorriso e o interesse. Não pude julgá-la.

No final da música, eu quase o derrubei ao entrelaçar os braços em seu pescoço.

— Ai, meu Deus! Isso foi tão lindo, porra! — falei, beijando os lábios dele ininterruptamente. — Agora eu quero que você cante todas as faixas de *Troco*

Likes! Pelo amor do meu Jesus Cristinho!

— O que eu vou ganhar em troca, prima? — ele perguntou, piscando um olho e abrindo um sorriso devasso.

— Max, o que você acha que eu sou, cretino? Acha que vou te dar o cu só pra você cantar todas as músicas do melhor álbum da vida? — brinquei. — Eu amo o Tiago Iorc, mas não a ponto de...

— Ama o Tiago Iorc... — ele me interrompeu. — Que porra é essa, Olívia? — Max usou a voz de trovão que sempre deixava meu coração trêmulo.

— As músicas dele, né, Max? É óbvio... — falei, revirando os olhos.

— Chega dessa porra. Pro seu governo, nem sei cantar outras músicas desse cara. Nem gosto do som dele — garantiu, puto.

— Mentiroso! É impossível não gostar. O álbum é viciante. — Gargalhei. — Canta "Cataflor", meu lindo? Faço o que você quiser! — barganhei.

— Espero que a senhorita esteja lembrada da aposta que fizemos — ele desconversou. — Vamos fazer um ultrassom assim que voltarmos, inclusive. Poderíamos até fazer um hoje à tarde!

— Sei que não entendo muito sobre gravidez, mas acho que ainda não é possível descobrir o sexo do bebê — falei.

— Assim que possível, então — ele declarou, e tenho certeza de que teria cruzado os braços, se uma das mãos não estivesse ocupada com o *ukulele*, só para que o gesto acompanhasse a expressão de "garotinho emburrado" que ele fez.

— Vou tocar uma pra você — anunciei, determinada a fazê-lo sorrir.

— Meu Deus? Aqui? Já tem gente na praia, prima — ele falou, rindo e fingindo que ia abrir a bermuda.

— Para de gracinha, palhaço! — Dei uma risada, pegando o instrumento da mão dele.

Então, iniciei "Fred Astaire", da Clarice Falcão: "Deu pra escutar/A canção que tocou pra gente/E o meu coração que/De repente/Inventou de sapatear".

E fui tocando enquanto caminhávamos molhando nossos pés.

O casal passou por nós, mas mal vi.

Max sorriu de um jeito lindo quando cantei: "Só pra saber/Nesse tal filme de romance/Antes que o público se canse/Você me beija no final?".

E quando finalizei com "Mas, cuidado/Me deixa no canto da sala/Que se eu tiver alguma fala/Eu mudo pra 'amo você'", ele enlaçou minha cintura, sussurrou "amo você", acrescentou um "porra", sorriu e me beijou.

Entreguei-me ao beijo cinematográfico, deixando o corpo pender em seus braços, como faria a mocinha entregando-se ao protagonista em um filme prestes a acabar.

48. Recordar é viver

SUZE

Eu estava sem sono. Minha mente rodopiava em milhares de pensamentos confusos. Por um lado, estava feliz. Por outro, bastante...

Decepcionada, talvez?

Não, não exatamente. Não sabia definir. Faltava uma palavra específica. Adjetivo nenhum parecia se encaixar, nada descrevia o sentimento.

Virei o rosto na direção de Plínio pela milésima vez. Podia ver, por suas feições adormecidas, o quanto ele estava preocupado. Havia um vinco suave entre suas sobrancelhas cheias. Os cílios escuros e cerrados faziam sombras adoráveis nas maçãs de seu rosto simétrico. O cabelo castanho-escuro estava encantadoramente bagunçado, contrastando com a brancura do travesseiro.

Observei seu abdome subir e descer ritmicamente. Podia sentir o calor emanando de sua pele. Seu cheiro cítrico e refrescante, como chá gelado de hortelã e limão em um dia de sol, quase me fez remexer nos lençóis para me aconchegar e abraçar seu peito largo. Mas ele estava dormindo há apenas meia hora, e eram quase oito da manhã. Pegara no sono com muito custo e, como tinha o sono mais leve que uma pluma, o menor movimento que eu fizesse seria capaz de acordá-lo.

Por isso, eu estava deitada como uma estátua, girando o pescoço feito um robô vez ou outra para observá-lo dormir.

Ele ficava lindo dormindo. E aquela ruguinha de preocupação no meio da testa o deixava tão escandalosamente *sexy* que era quase impossível me conter.

Eu estava incrivelmente excitada e estava considerando acordá-lo, o que seria bastante egoísta da minha parte, quando meu cérebro me lembrou, pela enésima vez na última meia hora, do motivo pelo qual meu lindo e preocupado marido não conseguia manter uma expressão relaxada nem dormindo.

Ele tinha trabalhado exaustivamente no dia anterior, depois teve a apresentação de balé de Sofia e, então, a ida à pizzaria. A trágica ida à pizzaria.

Eu também precisava dormir. Tínhamos passado a madrugada inteira na casa de Max e, desde que voltáramos para a nossa, não tínhamos conseguido dar um cochilo sequer; passamos as últimas horas só conversando, conjecturando, pensando.

Fechei os olhos e tentei adormecer. Mas, pouco depois, fracassando na

tentativa, os abri, deparando-me com o lustre no teto.

A fim de matar o tempo, pensei em esticar a mão até o criado-mudo para pegar o celular. O objetivo era adiantar minha rotina matinal de checagem de redes sociais e, esperançosamente, induzir a chegada do sono (algumas pessoas são bastante tediosas na Internet). Mas, temendo fazer um movimento brusco, desisti da ideia. Então, comecei a contar as gotas do lustre. Precisava cochilar por, pelo menos, uma hora, porque logo precisaria estar de pé para preparar Sofia para o primeiro dia da colônia de férias.

Contei trinta e cinco gotas, e nada de o sono dar o ar da graça. Invejei a exaustão de Plínio, a qual havia vencido a árdua batalha contra a preocupação excessiva e estava lhe concedendo abençoados minutos de sono merecido.

Uma das coisas que sempre admirei em meu marido é seu senso de responsabilidade, que, em nossa infância, assegurava-lhe o posto oficial de estraga-prazeres do nosso seletto grupo. Isso era o que Max pensava (embora preferisse o termo "pau-no-cu"), mas eu achava toda aquela postura certinha muito fofa. Sempre me senti protegida com Plínio por perto.

Quando éramos pequenos, sendo o mais velho, ele se sentia responsável por todos nós. E, obviamente, ainda se sente por Tito. Eu entendo, mas Plínio se preocupa muito mais do que deveria. Ele consegue se preocupar com o irmão caçula mais do que eu me preocupo com o meu, o que é bem assustador, levando-se em conta que eu praticamente vivo para me preocupar com aquele cretino.

Em nossas aventuras e brincadeiras malucas de criança, sempre orquestradas por Max, meu marido surgia como a voz da razão e do bom-senso. Tito era facilmente corrompido pelas habilidades inatas de convencimento do meu irmão endiabrado, as quais venciam as advertências nada estimulantes de Plínio. E eu, só para contrariá-lo, ficava do lado dos nossos irmãos. Três a um.

Nossas subidas em árvores e muros, bem como nossas travessuras e cavalgadas tresloucadas na fazenda, nos renderam muitas torções e braços e pernas quebrados na infância, é claro.

Uma vez, Max escorregou de um telhado úmido. DE UM TELHADO! Graças a Deus, aquele idiota não sofreu um traumatismo craniano; só quebrou as duas pernas e fraturou um dos antebraços. Para ser sincera, não sei como Max sobreviveu à infância. E toda vez que deixo esse comentário escapar, ele diz, fingindo uma seriedade científica: "é simples, Susanne. Gatos têm sete vidas". E eu sempre reviro os olhos de modo enfático.

Embora Max seja, disparadamente, o campeão, eu também já me lesionei bastante. E teria suportado muito mais tipoias naquela época, só para ouvir Plínio dizer, todo cheio de si, com o queixo furado erguido e os braços cruzados

com estudada indiferença, como ele sempre fazia: "eu avisei, mas ninguém me escutou, e não, Suze, eu não vou assinar na porcaria do seu gesso".

Seu instinto protetor característico sempre o deixou alarmantemente preocupado, até com coisas bobas.

Por exemplo, ele considera preocupante o "relacionamento tempestuoso" entre Sofia e seu coleguinha Matheus. Volta e meia, cisma que devemos mudá-la de escola. E eu sempre preciso distraí-lo (com sexo, obviamente) para demovê-lo da ideia fixa (às vezes, acho que ele insiste de propósito, só porque sabe que quando ele fica putinho fica impossivelmente fofo, e eu não consigo resistir).

Certa vez, argumentei, enquanto afagava seu cabelo:

— Não podemos interferir no futuro de Sofia! E se esse Matheus for o Plínio dela?

Ele respondeu, exasperado:

— Por isso mesmo! Podemos e vamos. Não quero nem pensar no que esse garoto pode fazer com ela daqui a alguns anos.

Então eu ri e comentei:

— É, se ele fizer com ela o que você fez comigo, meu amor, temos mesmo que nos preocupar.

Ele arregalou os olhos, e eu caí na risada.

— Calma, Plínio... É só a gente não deixá-lo se aproximar do quarto de Sofia quando ele tiver uns treze anos.

— Como se aquele garoto fosse pisar o pé aqui algum dia. — Ele riu.

Plínio tinha treze anos quando demos nosso primeiro beijo. É claro que foi um beijo casto. Eu tinha só dez! Mas nós o consideramos como o primeiro mesmo assim. Foi tudo por causa de uma aposta.

Eu estava escrevendo no meu diário, espaçosamente deitada na minha cama de dossel, quando ele irrompeu no meu quarto feito foguete. Escondi o caderno cor-de-rosa mais rápido que um raio. Meu coração disparado queria confessar para o garoto lindo e fofo de treze anos na minha frente que eu estava escrevendo "Susanne Vetter Theloni" repetidamente na última página do diário, com minha canetinha rosa-choque favorita.

Graças a Deus, Plínio começou a falar antes que eu dissesse alguma besteira.

Ele contou que Max estava querendo subir no telhado da varanda para pegar uma bola (sabe o telhado úmido? Pois é...). Eu disse que estava chovendo, e que nem meu irmão idiota seria bobo o bastante para subir. Então, Plínio propôs: "se ele subir, você me dá um beijo?". Eu fiquei boquiaberta, e só o que consegui dizer, quase um minuto inteiro depois, foi: "ele não vai subir, Plínio". "Quer apostar?", ele perguntou, erguendo uma sobrancelha. "Quero", falei, enquanto pensava: "Max, eu te mato se você não subir, pestinha!".

Anos depois, Plínio me disse que quase não dormiu de remorso naquela noite, por causa das pernas quebradas de Max. Aquela foi a primeira e única vez que ele deixou o senso de responsabilidade de lado e não tentou impedir meu irmão de fazer arte (não que fosse adiantar. Ninguém conseguia detê-lo, nem Lili). Eu também sofri com o remorso, mas bastava me lembrar da sensação dos lábios mornos de Plínio sobre os meus para as borboletas no estômago afugentarem o sentimento ruim.

— Matheus provavelmente virá aqui quando eles estiverem no ensino fundamental, para fazer algum "trabalho escolar" — alertei. — E, se quisermos proteger verdadeiramente a nossa filha, é claro que não poderemos convidar o menino para o aniversário de quinze anos dela. Né? — brinquei.

— Meu Deus, Susanne — ele falou, tentando parecer sério, embora estivesse sorrindo.

— Lembra o quanto você implicava comigo? Lembra quando Lili me deu a Hannah e eu te mostrei, toda contente, e você pisoteou impiedosamente na minha alegria dizendo que até aquela boneca feiosa era mais bonita que eu? Eu tinha uns oito anos, você devia ter uns onze.

— Eu era retardado. Você sempre foi incrivelmente linda. Tão linda que, enquanto eu dizia isso, estava observando seus olhos azuis e pensando: "por que ela tem que ser tão loira e tão linda? Por que ela tem olhos tão azuis?". — Ele sorriu docemente com a lembrança.

Então, de repente, a consciência do perigo o atingiu, e seu sorriso foi substituído por uma linha furiosa.

— Vamos tirar Sofia daquela escola amanhã!

Viu? Ele fica fofo demais assim, com os braços cruzados sobre o lençol, os lábios apertados e o cenho franzido, os olhos castanhos chismando, o cabelo voando sobre a testa por causa do ar enraivecido que ele soltou.

— Tá bom, meu amor, a gente vai — concordei, rindo e conectando nossos lábios em um beijo provocante, um início que nos rendeu uma madrugada em claro de pura diversão.

No dia seguinte, ele estava assoviando "*What A Wonderful World*" alegremente enquanto descia as escadas às seis e meia da manhã, todo de branco, segurando a mãozinha de Sofia, porque eu estava exausta, e ele havia se oferecido gentilmente para levá-la à escola, apesar de ser sexta-feira e, portanto, um dos meus dias de levá-la.

Em minha contagem de gotas do lustre, eu estava na trigésima oitava. A insônia e o tédio estavam me matando. Precisava combater tédio com tédio. Podia apostar um rim que haveria alguma postagem bastante tediosa na minha *timeline* do *Facebook*. Sempre tinha alguém para postar uma foto

qualquer com uma legenda polêmica (geralmente, sobre comportamento sexista, religião ou política) e uma enxurrada de comentários que logo acarretavam uma verdadeira guerra *online*.

Dei uma olhada em Plínio, que continuava lindo, exibindo aquela ruguinha que me causava sensações antagônicas. Obviamente, eu não queria que ele estivesse tão preocupado, mas que a ruguinha o deixava lindo, deixava.

Na verdade, eu também ficara tão chocada quanto ele com a novidade, mas, apesar dos pesares, era uma coisa boa. Mais ou menos. Quero dizer, as circunstâncias não eram as melhores, certamente, mas não era o fim do mundo. Meu marido, no entanto, via aquilo como o verdadeiro Apocalipse.

Inspirando profundamente e prendendo voluntariamente o ar, estiquei o braço direito e tentei alcançar o celular sem mexer o tronco. Tateei a superfície fria do criado-mudo com o máximo possível de delicadeza, e quase soltei um grito de satisfação quando senti o objeto quadrado sob os dedos.

Estiquei-me mais um pouco para pegá-lo. Plínio se mexeu, e eu me transformei novamente em estátua. Pensei em deixar a tentativa pra lá, porque sabia que se ele acordasse não conseguiria dormir de novo, mas, já que estava a meio caminho andado, num impulso, peguei o aparelho e congelei com o telefone no peito, apertando os olhos, esperando ouvi-lo chamar com sua voz grave: "Suze?".

Mas só ouvi um ligeiro suspiro, seguido de sua respiração cadenciada.

Abri os olhos e constatei que ele continuava dormindo.

Droga. A nova posição o deixava ainda mais gostoso. Ele tinha se virado, os braços estavam cruzados sobre o peito nu, e os fios curtos de seu cabelo caíam diagonalmente no início da testa.

Eu amava aquela aura fofa e simultaneamente sedutora que ele tinha. Amava seu cheiro de ervas, aqueles lábios macios, a sombra escura do maxilar, os bíceps e os antebraços flexionados... Ai, ai...

Sabia que ele estava cansado e preocupado demais para transar, mas eu seria muito egoísta se o acordasse?

Ele provavelmente sorriria e me beijaria, e isso seria suficiente para começarmos...

Não. Era melhor ser uma esposa boazinha e deixá-lo dormir mais um pouco. Só enquanto eu dava uma olhadinha nas redes sociais. Depois disso, poderia acordá-lo sem peso algum na consciência, certo?

Certo.

"Só mais cinco minutinhos, amor", sussurrei, sorrindo para as belas feições entorpecidas do meu amado marido.

Então, fiz *login* no *Facebook*.

"Meu Deus, Bernardo e Rebeca estão mesmo esperando o sexto filho? Eles têm a minha idade, caramba!", pensei, deslizando o dedo pela tela do iPhone. "Gente, vocês não têm televisão em casa, não?".

"Alguém precisa ensinar a Cíntia a grafia correta das palavras 'obsessão' e 'obcecada'! Ela sempre escreve 'estou *obsecada* por esta receita de pudim de pão!' ou 'essa musse de morango virou *obcessão* aqui em casa!'. Palavras, é claro, acompanhadas dessas fotos lindas de sobremesas aparentemente deliciosas. Ai, que vontade de comer pudim de pão!".

"Nossa! Não quero parecer má, mas essa combinação de saia roxa e blusa alaranjada não ornou, queridinha. Ainda não é outubro, flor! E essa sombra preta? Jesus! Isso era pra ser um olho esfumado? Hum, não ficou legal, meu bem. E o que dizer desse *frizz*, gente? Miga, troca esse xampu pra ontem! Meu Deus, tô muito *falsiane* hoje. Ah, dane-se! Não sou obrigada a gostar das ex-namoradas de Plínio. Nem sei por que aceitei a solicitação de amizade dessa biscate. Vou desfazer. Pronto. Adeus, baranga".

"Ai, que fofo esse cachorrinho!"

"*Mortaaaaaaaaaaa!* Piolho postou uma foto com Ícaro! Meu Deus, não acredito nessa foto! E essa legenda? E os comentários? *risos internos frenéticos*. Bem que Plínio disse que a coisa *tava* hilária antes de eu chegar. Pena que perdi a parte boa e cheguei na hora tensa".

"Ai, meu Deus, a ridícula da Carolina tá fazendo pilates? Pelo menos ela tem consciência de que é uma coisa boa. Nossa, hoje ela tá mais cor-de-rosa que o normal. Sofia ia amar essa tiara, aliás. Ai, preciso aproveitar as férias e marcar alguma coisa com as amigas da *yoga*. Tem tempo que não saímos juntas...".

"Para tudo, gente! *OMG!* *Grey's Anatomy* já voltou? Como assim, produção? Como ninguém me conta, meu pai? Shonda, sua linda! Ai, droga! É mesmo, vi aquele *spoiler* semana passada. Meu Deus, não estou psicologicamente preparada para assistir à morte do... Ai. Meu. Deus".

— Ai, meu *Deeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeus!* *Mentiraaaaaaaaa!* Não acreditooooooooo!

Plínio deu um pulo sonoro, sentando-se na cama de supetão, quase me matando de susto.

Soltei um berro ensandecido.

— Que foi, Suze? — ele perguntou, assustado, olhando em volta com os olhos arregalados.

— Quer me matar do coração, caramba? — perguntei, levando a mão ao peito, respirando apressadamente.

— Eu? — ele perguntou, indignado. — Ao que parece, você tinha o plano de me matar dormindo. Agradeço a consideração, adorada esposa, mas, da próxima

vez, pode usar uma faca de cozinha. Eu prefiro.

— Plínio, deixa de draminha! Ai, você não vai acreditar na melhor notícia de todos os *teeeeeeeeempos*! Da vida *inteeeeeeeeiraaaaaaaaa*! Ai, meu *Deeeeeeeeeus*! — Incapaz de conter a euforia, subi na cama e comecei a pular histericamente no colchão.

— Já sei. Liquidação naquela loja lá, de maquiagem. Suze, você vai acordar Sofia. — Plínio começou a se acomodar novamente nos lençóis.

— Liquidação nem é um termo utilizável! — exclamei, alto demais. — A *Sephora* usa "bazar". E teve Bazar recentemente, eu te mostrei meus produtinhos novos! — Continuei pulando e soltando gritinhos jubilosos.

— Amor, você me mostra "produtinhos" novos todos os dias — ele retrucou, rindo.

— Rá, rá, rá. Exagerado! — recriminei.

Meu Deus, agora eu entendia por que Sofia vivia pulando daquele jeito na nossa cama. Era bom. Tão macio...

— Suze, desce... Senão, Sofia vai acordar, vai deitar aqui no meio e vai ficar falando e falando até o próximo milênio, principalmente daquele garoto, e nunca mais poderemos dormir na vida — ele disse, afofando um travesseiro. — Falando nisso, nós vamos mudar nossa filha de escola. Quando as aulas voltarem, ela vai pra outro lugar.

Viu? Eu disse que ele faz isso.

— Dessa vez é sério — ele completou, mirando minha expressão de "tá bom, sei...".

— Achei tão engraçada aquela coisa do "palhaço feioso com brilhos" ontem! "Eu pensei que a dança era do lago dos cisnes e não da pata Sofia"! Isso foi tão fofo! — Gargalhei.

Plínio expirou furiosamente, me fuzilando.

Desci e me sentei em cima dele, posicionando os dois joelhos no colchão.

— Tá putinho só porque ele é mais criativo que você com os xinguinhos falsos! — acusei, cutucando-o no peito com o indicador.

— Esse garoto tem que comer muito feijão pra ganhar de mim — ele falou, como se fosse Draco Malfoy, e Matheus, um mero *trouxa*. — Lembra aquela vez que você se vestiu de coelhinha pro desfile da escola e me perguntou se estava bonita? Aliás, por que você sempre me perguntava se sabia que eu ia dizer que não?

— Você disse que nem se eu estivesse fantasiada de gatinha ficaria gatinha — desconversei, rindo.

— Você não respondeu minha pergunta — ele observou, descendo a alça da minha camisola.

— Eu perguntava porque adorava ver a sua cara deslavada de mentiroso, seu cínico! — respondi, socando-o no peito.

— Mentirosa! — ele devolveu, me atirando de costas na cama e cobrindo meu corpo com o dele. — Perguntava porque queria, desesperadamente, que eu dissesse que sim. Não queria? — Plínio roçou os lábios nos meus, e eu senti o corpo inteiro estremecer.

A pressão de seu tórax sobre mim, seu cheiro tão deliciosamente familiar e o toque firme de sua mão na minha coxa provocaram arrepios que não me deixaram conter um gemido lento.

Ele sorriu em minha boca, mordiscando meu lábio inferior em seguida. Mergulhei a mão em sua nuca, tocando a maciez de seu cabelo, e escorri os dedos por suas costas, sentindo as ondulações mornas de seus músculos retesados.

Não precisava ver para saber que ele tinha doze pintinhas minúsculas e marrons nos ombros, as quais eu contara quando ele ainda era um garotinho magricelo andando descalço à beira da piscina da minha casa.

— Você disse — sussurrei. — No meu aniversário de quinze anos, você finalmente disse.

— Disse. Mas deveria ter dito quando te beijei pela primeira vez — ele falou, e seus lábios envolveram os meus naquele beijo doce que faria meu coração sacolejar dentro do peito enquanto eu vivesse.

Plínio transferiu os lábios para o meu pescoço, desceu para a clavícula e, afastando minha camisola, beijou delicadamente o início do meu seio, antes de começar a sugar minha pele, aumentando a intensidade até alcançar meu mamilo.

— Mamãe? Papai? — Sofia chamou, batendo à porta.

Graças a Deus, havíamos ensinado a bater em vez de simplesmente abrir e entrar.

— Que porra! — Plínio exclamou, e precisei colocar a mão em sua boca. — Que foi? Acha que ela não conhece a palavra favorita do seu irmão? — ele perguntou entre meus dedos.

— É mesmo! Max! — exclamei, lembrando-me de repente.

— O que que tem o tio Max? Mamãe? Papai? Eu quero entrar! Pode abrir? — Sofia insistiu, dando batidinhas na porta.

— Sobre essa parte inconveniente da paternidade ninguém alerta. — Plínio se ergueu, saindo de cima de mim e voltando ao seu lado da cama sem reprimir seus suspiros frustrados.

E ele ficava tão fofo com aquela carinha que eu nem conseguia ficar chateada com Sofia pela interrupção.

— Entra, filha! — ele chamou, enquanto eu me certificava de que a camisola estava no lugar.

Ela abriu a porta e entrou correndo, pulando em cima dele em uma fração de segundo. Eu só esperava que ela não tivesse esbarrado em nada protuberante.

— Bom dia, meu reizinho lindo! — Ela deu um beijinho na bochecha dele e, pelo tamanho do sorriso que ele abriu ao abraçá-la, eu tinha certeza de que já tinha se esquecido da "parte inconveniente da paternidade".

— Bom dia, princesinha do pai! — Ele fez cócegas nela.

Ela deu risadinhas e rastejou feito uma cobrinha até me alcançar.

— Bom dia, mamãe rainha! — Sofia esticou o bracinho, tentando envolver meu pescoço. Puxei-a para perto, beijando-a na cabeça.

— Bom dia, meu amor!

— O que que tem meu tio Max, mamãe? — ela perguntou, acomodando-se no meio da cama com naturalidade. — Me dá um pouco de lençol, papai!

— Você vai amar a novidade, Sofia! Só preciso achar meu celular! — exclamei, procurando entre os lençóis.

— É o que eu tô pensando? — Plínio perguntou. — Se for, a gente tá ficando pra trás nessa família, Suze! Virou competição agora.

— Ah, não é isso. Quero dizer... Meu Deus... Onde eu enfiei esse celular?

— Achei! — Sofia, que tinha mergulhado debaixo do lençol para me ajudar a procurar, balançou o aparelho, saindo do túnel branco.

Suas duas trancinhas estavam quase desfeitas, o pijaminha de *Frozen* pendia em um de seus ombrinhos magros de criança, e ainda havia umas poucas partículas de glitter prateado reluzindo em seu rostinho.

— Obrigada, filha — agradei, discando o número de Max. — Então, eu não sei nada sobre o resultado, mas eles estão noivos! — Coloquei o celular no ouvido.

— Sério? — Plínio arregalou os olhos.

— O tio Max vai casar com a Olívia? — Sofia esbugalhou os olhinhos também.

Tive que rir da cara alarmada dos dois. Parecia ensaiada. Nossa filha tinha as sobrancelhas e o formato dos olhos do pai, o que deixava a coisa toda ainda mais engraçada.

— A Olívia vai ser minha tia, papai? — Ela se virou para encará-lo. Então, deu uma risadinha. — Você tá com uma cara engraçada, reizinho!

— Você também, princesinha! — Ele fez mais cócegas nela.

Os dois estavam morrendo de rir quando Max atendeu o celular.

— *Maaaaaaaaaaaaaaaaaax!* — gritei.

— Puta que pariu, Susanne! Quer me deixar surdo, porra? — ele gritou, bem

mais alto que eu, diga-se de passagem.

— Como você tem coragem de fazer isso com a sua própria irmã? Sua única irmã! Como você posta uma coisa dessas no *Facebook* antes de me contar? Essa é a sua forma distorcida de me agradecer por enviar Olívia de mala e cuia até aí, idiota? Foi um plano genial! Muito obrigada pela ingratidão! Ai, meu Deus, é verdade mesmo que você a pediu em casamento? Ai, eu quase tive um ataque quando vi! Coloca no viva-voz! Preciso saber dos detalhes agora! Preciso de Olívia!

— Ela tá dormindo, Susanne. Sabe que horas são? — Ele deu um bocejo, mas devia ser falso.

— Quase nove! — exagerei. — E deixa de ser mentiroso! Eu vi as fotos que vocês tiraram hoje cedo na praia! *Lindaaaaaaaaaas*, aliás! Ai, meu Deus, imagina o álbum de casamento de vocês! As fotos pré-casamento, as fotos da lua de mel... Vai ser *lindooooooooooooo*! Põe Olívia na linha! Anda, Max, eu tô mandando!

— Foda-se. A gente chegou da praia agora há pouco. Tomamos uma chuveirada, depois tomamos café e acabamos de nos deitar. Nem dormimos essa madrugada, e já transamos mais duas vezes hoje de manhã, sem contar a trepada na praia. Uma no banheiro e outra na sua cozinha. Portanto, estamos absolutamente exaustos, e ela precisa descansar um pouco. Obrigado pelo seu plano genial. Deu certo. Sim, eu a pedi em casamento. Sim, ela disse "sim". E sim, estamos noivos. Mais tarde eu ligo, quando Sofia estiver acordada. Agora, vou dormir. Tenha um bom dia.

— Vocês trep... Tananã na praia? — perguntei, corrigindo-me a tempo ao sentir a mãozinha de Sofia no meu braço.

Plínio deu uma risada.

— Quero falar com o tio Max, mamãe! — Sofia pediu, me cutucando.

— Souf está aí? — Max perguntou, mudando o tom de "enfadonho" para "subitamente animado".

Às vezes eu acho que ele gosta mais da minha filha que de mim! E o mais triste é que o mesmo vale para Sofia em relação a ele! Só Plínio me ama nessa família...

— Souf tá acordada, linda! A gente já pode contar, né? — Ouvi ele conversando com Olívia.

— Contar o quê? — Senti meu coração disparar. — Ai, meu Deus, vou colocar no viva-voz. Vê se dá uma maneirada nos palavrões! — alertei, apertando o microfonezinho na tela.

— Eu já conheço todas as palavrinhas feias que o tio Max fala, mamãe. Só que eu não posso repetir, porque senão fico de castigo, né, papai? E princesas

boazinhas não falam essas coisas. E eu só falei pro Matheus aquele dia porque ele falou um tanto de coisas pra mim, e que eu era chatona e que *tava* parecendo uma bruxa. E bruxa não é princesa boazinha. Por isso que eu falei. Bom dia, tio Max!

Plínio fechou a cara, provavelmente reforçando mentalmente a pseudomudança de escola de Sofia, e eu tive que me controlar para não rir.

— Bom dia, meu anjo!

— A Olívia tá aí, tio Max? Bom dia, Olívia!

— Estou! Bom dia, Souf! Bom dia, Suze! Plínio está aí?

— Bom *diaaaaaaaaaaaaa*, Liv! Está, sim!

— Bom dia, Plínio!

— Bom dia, cunhada! Bom dia pra você também, Max!

— Bom dia, puto!

— Tio Max! É verdade que você vai casar com a Olívia?

— É, Souf! — ele respondeu, todo contente.

Ai, meu Deus, dava para ver o quanto ele estava feliz só pela voz!

— Mas você disse que não ia casar, tio Max, porque não era uma coisa legal, lembra? E a Olívia disse que não ia casar com ninguém, muito menos com você.

Não consegui conter as risadas. Plínio também se juntou a mim.

— Explica essa, garotão! — meu marido zombou.

— Vai tomar no... Vá se... Vá te catar, Plínio! — Era sempre hilário vê-lo tentando reprimir os palavrões. — Então, Souf, eu mudei de ideia, porque percebi que amo muito a Olívia, e quero passar o resto da vida ao lado dela. E vai ser a coisa mais legal do mundo.

Ai, meu *Deeeeeeeeeeeus*! Quando foi que o meu irmão — meu irmão devasso — ficou tão fofo?

— E eu só poderia me casar com o seu tio, Souf, porque nós fomos feitos um para o outro — Olívia completou.

— Igual meu papai e a minha mamãe? — Sofia perguntou.

— Exatamente — os dois responderam juntos.

— Ai, meu Deus... Que lindo! Tô até com vontade de chorar! — exclamei.

— Que legal! Tô muito feliz, tio Max! — Sofia bateu palminhas alegres. — Olívia, então eu posso te chamar de tia Olívia?

— Pode me chamar até de tia Liv, se você quiser, Souf.

— Tá bom, tia Liv. Eu gostei! — Ela começou a dar risadinhas fofas. — E o meu priminho? A sementinha já decidiu se vai crescer?

Plínio e eu nos entreolhamos.

— Já, Souf — Max respondeu.

— Ela vai crescer, né? Porque eu vou ser uma priminha muito legal, eu juro

juradinho que vou!

— Ai, meu Deus, não me matem, falem logo! — gritei, quando a linha ficou muda.

Os dois começaram a rir e, pela risada, eu soube.

— Vai, *Sofiaaaaaaaaaa! Vaaaaaaaaaaaaai!* Ai, meu Deus! Ai, meu *Deeeeeeeeeus! Socorroooooooooo!* Alguém me ajuda! — Subi na cama e recomecei a pular. Sofia me acompanhou e ficamos pulando juntas enquanto ríamos descontroladamente de mãos dadas.

Plínio pegou o celular em cima do colchão, antes que o pisoteássemos.

— Aê! Parabéns, filho da puta! — Eu o ouvi exclamar.

— Valeu, puto! Tô feliz pra caralho! — Nem precisava dizer. O tom da voz dele já dizia tudo.

— Parabéns, Olívia! As duas estão pulando loucamente aqui em cima da cama. Se vocês ouvirem um baque, somos nós caindo no chão.

— Obrigada, Plínio! Suze, desce da cama, sua louca! — Ela riu.

— Tô *indooooooooo!* — gritei, abraçando Sofia e aterrissando com ela no colchão.

— Isso aqui não é cama elástica, Susanne! — Plínio reclamou, rindo, quando caímos em cima dele.

— Ai, meu Deus! A gente tá tão feliz, né, filha? — bradei.

— É, mamãe! — As trancinhas de Sofia tinham se soltado de vez, e as bochechas estavam rosadas, afogueadas pela intensidade dos pulos.

— Então quer dizer que você acertou mesmo em cheio, hein, Max? — Plínio comentou.

— Eu falei que tinha um moleque aqui dentro, caralho! Minha porra não brinca em serviço, puto! Minha pica dá mais leite que a fábrica da *Parmalat*! Se a Via Láctea fosse mesmo um "caminho de leite", perderia feio pra mim. Eu sou, figurativa e literalmente, um Pica das Galáxias!

Plínio gargalhou.

— Golpe de sorte! Essa porra mixa sua não enche nem tampinha de cerveja!

Nem consegui repreendê-los pelos palavreados, de tão animados que eles estavam.

— E o tanto que eu gozei na sua cara semana passada, filho da puta? Já esqueceu o tanto de leitinho que eu te fiz tomar? — Max revidou.

— Ah, foi mesmo! Isso depois de eu esporrar gostoso no seu rabo, sua puta! — Plínio devolveu.

— Epa! Já chega! — Tive que interferir. — Sofia, vai tomar banho, filha. Daqui a pouco o papai vai te deixar na colônia de férias! — falei, exagerando na animação para disfarçar.

— Eu gosto muito de tomar leitinho! — Sofia deu uma risadinha.

— Meu Deus! — exclamei, tentando, mas falhando em reprimir o riso.

Max e Olívia caíram na risada.

— Olha aí, filho da mãe! Para de falar merda na frente da minha filha, Max!

— Plínio resmungou, embora tivesse um senhor telhado de vidro.

— O Matheus não vai participar da colônia de férias, sabia, mamãe? — Ainda bem que Sofia continuou falando. — Eu perguntei, e ele disse que não ia. Aí, ele perguntou se eu também não ia. E eu falei que ia só porque ele não ia, graças a Deus. Então, ele deu uma risadinha *maliguna* pra mim.

— Maligna. — Nós quatro falamos em uníssono.

— É, maligna — Sofia repetiu, fungando. — Ele é muito mau, igual um bruxão mau. Acho que o Matheus é *Você-sabe-quem*, mamãe. E eu odeio ele.

— Já chega. Vai logo tomar seu banho, Sofia! — Plínio ordenou.

— Tá, tá... Tá bom, tô indo! Tchau, tio Max! Tchau, Olí... Tia Liv! — Ela arrastou o corpinho pela cama até escapular, dando um pulinho para alcançar o chão.

— Tchau, Souf! — os dois responderam.

Então Sofia correu e saiu, fechando a porta.

— Olha aí, Suze, essa porra de menino de novo! — meu marido reclamou.

Max caiu na risada.

— Isso, vai zoando, seu puto... Daqui um tempo, é sua vez de lidar com esse tipo de merda — Plínio alertou.

— Nosso filho é um menino, né, linda? Ele vai ser o pesadelo dos pais das garotinhas do jardim de infância! O terror das menininhas!

— Sonha, Alice... — Olívia provocou. — Eu já disse que é uma menina, Vetter.

— Depois vocês perguntam pra Tito o que ele prefere — Plínio falou, com certa segura.

— Ele já disse. Gêmeos. Madonna e Maradona, lembra? Pau no cu dele, aliás. — Max riu.

— É, talvez sejam gêmeos... Seria cômico — meu marido comentou, com uma rispidez atípica.

— Cômico? Seria foda pra caralho! Dois moleques de uma vez? Isso só comprovaria o poder de fogo da minha porra! — Max gargalhou.

Meu Deus, meu irmão estava irreconhecível! O que a paternidade não fazia... Eu sabia que, se o resultado fosse positivo, quando soubesse ele reagiria assim. Quando a gente descobre que vai ter um filho, tudo muda. O mundo muda. Quando Plínio descobriu que ia ser pai, ele só falava disso, o dia inteiro, e que, assim que Sofia nascesse, teríamos outros bebês! Uma porção deles!

É só o efeito inicial da notícia. É só a novidade se fazendo real, a felicidade assentando.

Mas que seria hilário ver Max desesperado, segurando dois bebês sentindo cólica, sujos de cocô, com fome e abrindo o maior berreiro — tudo ao mesmo tempo —, seria.

— Não tô falando do seu, Max. Tô falando do de Tito — Plínio disse, calmamente.

— O quê? — Pelo tom de voz, eu podia imaginar os grandes olhos acinzentados de Max arregalados. — Do que cê tá falando, porra?

— Você e Olívia não são os únicos grávidos da família no momento. Tito vai ser pai. Logo, teremos uma família absurdamente grande. — O rancor na voz dele era palpável.

— Tá achando que eu vou cair nessa? — Max gargalhou.

— Não estou brincando. É sério. — Ele usou um tom severo para provar o ponto.

— Ai, meu Deus! Lari tá grávida? — Olívia perguntou, e também pude visualizar seus lindos olhos esverdeados esbugalhados.

— Quem dera! — respondi. — É uma garota da academia! Adivinhem qual! — brinquei, só para me divertir um pouco com a tragédia.

Não que um bebê a caminho seja uma tragédia. Nunca é. O que é trágico é o fato de que o pobrezinho terá uma mãe bizarra.

— Puta que pariu! Brenda? — Max perguntou, chocado. — Ele transou com ela!

— Resposta *Err... Err... Rada!* — bradei.

— Não acredito que Tito engravidou mesmo alguém que ele comeu uma vez só — ele disse. — Aí, prima, e a gente achando que fez tudo rápido demais... Tito bateu nosso recorde, porra! Não aceito ninguém bater nosso recorde! — ele bradou.

— Não é alguém que ele comeu uma vez só, Max. Pelo contrário — Plínio esclareceu.

— Carolina? — os dois perguntaram ao mesmo tempo.

— Exato — confirmei. — Liv, lembra que ela *tava* na pizzeria ontem, quando você me deixou lá? Lembra que Tito e Lari estavam com uma cara esquisita?

— Lembro. Lari estava quase à beira das lágrimas, e Thomas estava mais branco que o normal.

— Pois é. Carolina estava prestes a dar as boas novas, na frente de todo mundo. Ela também viu a postagem de Piolho no *Instagram*, presumiu que Tito iria e decidiu passar no *La Pasta*, como se fosse uma grande coincidência — expliquei.

— Estava tudo ótimo antes de ela aparecer. Aquele Ícaro é uma figura. Deu em cima de Piolho o tempo inteiro. — Plínio contou. — No início, Piolho só ria e ficava repetindo "mano, *cê* é gato, mas eu gosto é de boceta, meu!", só pela zoeira. Os caras da banda caíram matando. O foda é que Piolho é boa-praça demais. Acabou entrando no jogo. Tirou até foto apertando a bunda do cara, alisando o peito, maior putaria!

— Sério? — Olívia caiu na risada.

— Seriíssimo! — confirmei. — Ele postou uma foto hoje de manhã dando pizza na boca de Ícaro! A legenda: "meu gostoso a-do-ra quando o Piolhão aqui enche a boca dele de calabresa!". Tá todo mundo zoando nos comentários. Mas ele deixou claro pra Ícaro que era só brincadeira, que ele é hétero. Porém, disse que vai apresentá-lo a um primo gay que ele tem e que está solteiro. Imagina como Ícaro ficou alvoroçado, Liv! "*G-zuis*, se é da sua família, deve ser um espetáculo, já quero!". — Tentei imitar a animação dele.

Olívia gargalhou.

— Não estou gostando dessa porra de papo — Max protestou.

— Ai, meu Deus, Max! Ícaro é gay. Pode parar com esse ciúme idiota! — repreendi.

— Gay, mas já comeu minha mulher! Vá se foder, Susanne! Não sou obrigado a gostar desse cara! — ele devolveu.

— Certas pessoas prometeram que iam controlar o ciúme... — Olívia acusou.

— Estou controlado, minha linda. — Pude ouvir o barulho do beijo que ele provavelmente deu na bochecha dela.

— Supercontrolado. — Plínio ironizou.

— Plínio, você quer que eu comece a mencionar os ex-namorados de Susanne? — Max ameaçou.

Plínio fechou a cara.

— Max, eu não estou em um bom dia. Acabei de descobrir que o puto do meu irmão caçula, que sempre foi um poço de responsabilidade, vai ter um filho com a ex-namorada louca. Eu estava prestes a comer a sua irmã quando a sua sobrinha de seis anos invadiu o quarto, porque, graças ao seu *post* no *Facebook*, a mãe da criança em questão deu um berro, começou a pular histericamente e a acordou. Você, por outro lado, está transbordando alegria, provavelmente deitado na cama do melhor quarto da casa, com uma bela vista para o mar, às nossas custas. Então, acho bom você enfiar os ex-namorados de Susanne no cu!

— Isso, Max! Muito obrigada por irritar meu marido, seu idiota! Você é um ingrato, um mal agradecido! — censurei.

Ele gargalhou.

— Foi mal, Suze! Eu só queria provar que não sou o único homem da face da

Terra com ódio dos caras que já comeram a mulher que ama!

— Pelo menos, eu fui o primeiro da minha! — Plínio salientou.

— Mas comeu mal pra caralho. Ou tem o pinto pequeno. Aliás, devem ter sido as duas coisas, já que ela foi atrás de outros caras — Max devolveu.

Ele não sabia de nada, o inocente. Foi perfeito. Absolutamente perfeito. Lembro de ver o pau dele e ter certeza de que uma coisa daquela magnitude jamais entraria. Mas entrou, devagar e sutilmente. Nunca vou me esquecer da sensação. Foi o dia mais feliz da minha vida, depois do nascimento de Sofia. Mas, então, a gente brigou no dia seguinte, e ele se mudou, e tudo virou bosta, como diria a Rita Lee.

— Primeiro, você está careca de saber que eu fui estudar fora, Max. Fiquei anos longe dela. Segundo, pinto pequeno é o que você usa pra enrabar macho, rapaz. Terceiro, acho que a sua irmã não estaria casada há dez anos com um cara que não sabe fodê-la do jeito que ela gosta. E, para o seu governo, filho da puta, a nossa primeira vez... — Ele me olhou, e percebi que ia contar.

Droga, ele ia contar.

— Plínio, não! — pedi, mesmo sabendo que seria em vão.

— ...Foi na sua cama, seu patrocinador de gozo alheio! — ele completou.

Meu Deus, por que homens barbados adoram se comportar como garotinhos de oito anos?

— O quê? — Max perguntou, alarmado.

Olívia estava morrendo de rir.

— Gozei na sua cama inteira, naquele seu edredom do Homem-Aranha. — Plínio gargalhou. — Teia nela, teia nela, teia *nela-aaaaaaaaa*! — cantarolou.

— Mentira! É mentira, Max! — Dei um soco no peito de Plínio, tentando controlar minhas próprias risadas. — Quero dizer, a parte em que ele supostamente gozou na sua cama é mentira. Porque a gente usou camisinha, é óbvio!

Olívia explodiu em outra onda de gargalhadas. Ela e Plínio estavam disputando um campeonato de risos.

— Quando foi isso, seu degustador profissional de porra? Minha cama é que já devia estar toda esportada! Eu batia tanta punheta aos doze, treze anos que não devia ter um centímetro livre de gozo naquele quarto. — Foi a vez de Max gargalhar.

— Credo! Que nojo! — exclamei.

— E você acha que eu não sabia disso? — Plínio riu. — Eu sou quase seis anos mais velho que você, filhão. Acha que não tive o bom-senso de puxar os lençóis?

Olívia estava passando mal de tanto rir.

— Que porra é essa, Olívia? Descubro uma desgraça dessa e você ri? De que lado você tá, caralho? E vocês dois... Que pouca vergonha! Na cama do irmão, Susanne?

— Que era muito desconfortável, diga-se de passagem! — Plínio continuou atijando. — Cama de solteiro é foda pra foder.

— Plínio, não se esqueça de que estou na sua casa. Coisas estranhas podem acontecer por aqui... — Max ameaçou.

— Desculpa mesmo, Max — pedi. — Nós estávamos procurando um lugar onde ninguém ia nos procurar durante a festa. Aí, a gente começou a se pegar no seu quarto, e quando viu... Não foi premeditado, eu juro — justifiquei.

— Que festa foi essa, Susanne? — ele inquiriu.

— Vou te dar uma dica — meu marido sacana interferiu. — Você achou que estava apresentando a irmãzinha à sociedade, mas, na verdade, ela estava sendo apresentada à minha rola.

Plínio e Olívia tiveram uma crise de riso.

— Seu desgraçado! — Max exclamou. — Você tinha dezoito anos, filho da mãe, e estava comendo uma menina de quinze! — Max parecia verdadeiramente chocado, além de puto.

— Falou o santo do pau oco! — gritei. — Meu marido e eu temos a mesma diferença de idade que vocês dois!

— Você devia estar brincando de esconde-esconde com as crianças da festa enquanto Suze e eu brincávamos de pega-pega no seu quarto, cunhado! — Plínio riu tanto que achei que ele fosse morrer.

— Foda-se! — Max gritou. — Vocês não vão conseguir estragar meu dia. Vão se foder! Para de rir, Olívia! Essa porra não tem graça nenhuma, cacete!

— A gente transou no banheiro de vocês — ela disse, quase sem fôlego.

— Puta merda! É mesmo! — Max gargalhou.

Plínio e eu nos entreolhamos, surpresos.

— Foi naquele dia... Do almoço. A gente combinou tudo via *WhatsApp* enquanto vocês estavam distraídos com Lili e Thomas — ela confessou, rindo.

— Filho da puta! — Plínio esbravejou.

— Agradeça por não ter sido na sua cama "confortável" de casal, bocetudo! — Max bradou.

— Não me espanta vocês já estarem esperando um bebê! Se continuarem assim, logo terão mais filhos que coelhos! — exclamei. — Ah, falando nisso, não comentem com Sofia sobre o bebê de Tito. Ela estava brincando no *playground* da pizzeria na hora da treta, e ele pediu pra gente não falar nada, porque, apesar de Carol ter mostrado um exame de sangue, ele está com o pé atrás. E isso tem mesmo cara de golpe. A cara dela fazer esse tipo de armação de

novela pra tentar prendê-lo depois de ter destruído o carro do menino!

— Ela não seria capaz de uma coisa dessas, seria? E deve ser difícil pra caralho falsificar um exame — Olívia comentou.

— Pode não ser, exatamente, falso — Plínio explicou. — Tito disse que o laboratório é confiável, e que o exame parecia ser legítimo. É possível que ela conheça alguém, e que tenha pagado para a pessoa carimbar e assinar. Dinheiro pra isso ela tem. E, infelizmente, esse tipo de coisa acontece por aí. Vou ajudá-lo a averiguar melhor a possibilidade.

— E, se ela estiver mesmo grávida, ele vai fazer o exame de DNA — falei. — Carolina alega estar grávida há uns dois meses já. Então Tito está se apegando à possibilidade de ter sido traído. Sinceramente, eu não acho que ela tenha tido a coragem de trair um namorado como Tito. Além do mais, ela é obcecada por ele, sempre foi.

— Carolina nunca foi santa, Suze — Max afirmou.

— O que você está querendo dizer? — indaguei.

— Nada — ele respondeu.

— O que você quis dizer com isso, Vetter? — Olívia repetiu minha pergunta, desconfiada.

— Nada, porra! — ele exclamou.

— Max, se você me disser que teve a coragem de transar com a namorada do seu irmão postigo... — ela começou.

Eu não podia acreditar naquilo! Ele não seria capaz! Seria?

Ai, meu Deus, eu estava à beira de um desmaio! Mas por que Plínio parecia tão tranquilo?

— Puta que pariu! É óbvio que não, Olívia! Meu Deus. Você acha que eu sou o quê, porra? — ele perguntou, absolutamente indignado.

Respirei aliviada, me recriminando por ter aventado a hipótese. É claro que Max não seria capaz de uma sordidez dessas!

— Desculpa. Tem razão. Desculpa, Max — Olívia pediu.

— Você disse que ia confiar em mim — ele acusou.

— Estou confiando! Você disse que não, e eu acreditei. Você me viu estreitando os olhos? Não! Eu já até pedi desculpas. Eu confio em você, Max.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Duvidar do meu caráter é uma forma de desconfiança, Olívia — ele recriminou.

— Vai ter DR mesmo? Vem, amor, vamos à cozinha fazer pipoca. Vou querer de brigadeiro — Plínio brincou.

— Vá se foder, Plínio — Max resmungou.

— Você tem razão, porra. Eu vacilei. Desculpa — ela insistiu.

— Tá desculpada. — Ele aceitou o pedido.

— Vou requerer a mesma maturidade que eu tive agora quando você duvidar "do meu caráter", tá? — Olívia não deixou por menos.

— Maturidade? É discutível. E eu não vou duvidar do seu caráter, minha linda.

— Que fofo — Plínio zombou. — É claro que eu sabia que você jamais trairia Tito, Max, nem se Carol fosse a mulher mais linda do mundo. Não por causa daquele código imbecil, e sim porque você o ama tanto quanto eu. Agora explica o que você quis dizer com "Carolina nunca foi santa", porque nenhum de nós esqueceu — completou.

Ele soltou um suspiro cansado.

— Por que vocês acham que ela não ia com a minha cara?

— Eu não acredito que ela já deu em cima de você! — exclamei, indignada.

— Foi só uma vez, há muito tempo. Eu disse não, e ela ficou puta.

— Eu vou matar aquela vagabunda! — Olívia gritou.

— Ela veio com uma conversinha mole de que achava que Tito estava interessado em uma colega de faculdade. — Percebi que a voz dele ficou tensa. — Perguntou se ele tinha comentado alguma coisa comigo. Eu disse que não, porque não tinha mesmo. Do contrário, eu teria dito que sim, sem me importar com a reação de Tito à minha "traição" porque, como vocês sabem, nunca fui fã dos relacionamentos monogâmicos e, conseqüentemente, sempre achei que ele estava desperdiçando a vida com uma mulher só. Mas, apesar da minha resposta negativa, Carolina insistiu, dizendo que Tito estava, sim, a fim da colega, e que aquilo era muito injusto. Então se aproximou e tentou me beijar, do nada. Eu a afastei. Ela ficou irritada pra caralho, bastante indignada com a rejeição. Disse que eu me achava a última bolacha do pacote, a última coca-cola do deserto, o Rei da Cocada Preta e blá-blá-blá.

— Você é todas essas coisas — Olívia falou com rispidez. — *Minha bolacha, minha coca-cola, meu Rei da Cocada Preta.* Eu não acredito que ela teve coragem de tentar te beijar, Max! Não me deixa chegar perto daquela garota! Não sei do que eu seria capaz!

— Olívia, pelo amor de Deus! Você está esperando o nosso filho, porra! Nos próximos nove meses, você está proibida de atacar até uma mosca.

— É mesmo! Merda. Não vou poder arranhar a cara da biscate. Vou ter que contratar alguém pra fazer o serviço, então.

— Eu me candidato. Se ela não estiver grávida e for mesmo armação, claro — falei.

— Fechado. — Olívia riu.

— Enfim — Max prosseguiu —, com medo de que eu contasse a Tito, ela chorou e me implorou para não dizer nada, veio com um papinho de que não

sabia o que estava fazendo, que estava na TPM e que "aquela garota" estava acabando com a vida e com os nervos dela. Eu fingi acreditar, e ela me deixou em paz. Então, fui conversar com Tito, mas sem comentar o que Carolina tinha contado, e ele acabou me falando dessa colega de sala gostosa que ele tinha. Imaginem vocês, era Olívia. E, sem saber, eu o incentivei de todo jeito a ficar com ela.

Plínio e eu já sabíamos mais ou menos da história, porque Olívia tinha me contado em uma das minhas visitas à casa rosa (quando ela estava na fossa) toda a coisa sobre Carolina atrapalhar sua "amizade" com Tito e toda a situação por trás do fato de que ela não era médica.

Assim que saí de lá, é claro que fui buscar informações exclusivas com meu cunhado, e descobri que ele era meio a fim de Liv naquela época e, meu Deus, eu quase surtei quando ele me contou o lance do amasso dos dois no sofá, o agarramento que Max flagrou. Fiquei me perguntando em que merda de planeta meu saco de pipoca e eu estávamos num momento daqueles, mais tenso e emocionante que uma *season finale*!

— Fiz isso porque tinha descoberto que Carolina não era bem uma Madre Teresa. — Max continuou falando. — Cheguei a insinuar que ela podia não ser quem ele achava que era, e ele virou um bicho. Vocês sabem, Tito sempre foi apaixonado por ela, e tenho certeza de que, até hoje, se alguém disser um "a" sobre Carolina, ele fica meio incomodado, apesar de tudo.

— Isso é verdade. No dia que chegou, por exemplo, ele ficou defendendo aquela bruxa por causa de uma boneca de Sofia — Olívia comentou.

— Enfim, decidi não contar o ocorrido. Ela com certeza negaria até a morte e, se ele ficasse do lado dela, as coisas ficariam bastante complicadas entre nós. Então, eu só o incentivei a deixar Carolina e... Bem, vocês sabem. Ele optou por manter fidelidade cega a alguém que eu acho que não merecia. Pode ter sido um caso isolado, mas nunca se sabe. E, por mais que eu vá soar como um filho da puta egoísta, ainda bem que ele decidiu ficar com ela. Ou as coisas poderiam ser bem diferentes para mim agora.

— *Maktub*. Estava escrito, Max — Olívia disse carinhosamente.

— É — concordei. — Vocês dois, tinha que acontecer.

— Meu Deus, isso parece ficção — Plínio falou, aturdido.

Nós três rimos.

— Eu não entendi uma coisa. Tito não usava camisinha com Carolina? — Max perguntou. — Ele ficou se vangloriando aquele dia no carro, lembram? Jogando na nossa cara que ele era o Pica Emborrachada, o Mister Responsável...

— Pois é. Mais uma suspeita contra Carolina. Eles nunca fizeram sem, porque ela não toma nada. Ela alega que foi alguma falha em um dos preservativos —

esclareci.

— Isso é uma piada! Tá na cara que é golpe, gente. Mudo meu nome se não for! — Liv exclamou.

— Eu também acho — coadunou meu marido —, mas estou preocupado. Tito é uma criança! Ele não tem a mínima condição de ter um filho agora. Principalmente nessas circunstâncias. Ele não gosta mais da ex, disse pra mim essa madrugada que, se a intenção dela é fazer com que ele a peça em casamento, ela vai esperar sentada. Fiquei bastante surpreso com essa reação dele. Você o conhece, Max, Tito é o cara mais careta da face da Terra. Quando Carolina anunciou que estava grávida, eu o vi casado com ela. Seria natural, já que eles namoraram por tanto tempo e, nesses anos todos, já brigaram e reataram mais de mil vezes. Tudo bem que dessa vez ele parecia mesmo decidido a manter o término, tanto que finalmente começou a sair com outras mulheres, mas eu achei que, por causa do bebê, ele voltaria com ela, mesmo depois do episódio do carro. É claro que eu não apoiaria o casamento. Eu não apoiava nem quando os dois estavam juntos, porque via que aquilo não ia dar certo, mas achei que ele toparia se casar com ela. Achei mesmo.

— Acho que ele está tão resoluto quanto a isso por causa daquela Larissa — Max opinou. — O que significa que ele finalmente se libertou de Carolina. Só espero que a prima de Piolho não seja uma Carol. Seria bom se Tito tivesse um pouco de normalidade na vida, pra variar.

— Dá pra ver de longe que Lari é completamente diferente — Liv disse. — Ela é uma boa pessoa. Espero que Thomas se acerte com ela.

— Eu também — concordei. — Aparentemente, o único defeito dela é ser prima de quem é. E não estou falando de Piolho, se é que vocês me entendem. Enfim, vocês não fazem ideia de como o anúncio da gravidez foi triste. Tenho certeza de que Carol sabia que Tito tinha se envolvido com Larissa recentemente, porque ela anunciou daquele jeito vil que as vilãs de novela fazem, sabe? Olhando pra rival, com um sorrisinho *maliguno*, como diz Sofia, enquanto alisava a barriga. Só para espezinhar. Ela foi lá só pra contar. E a pobre Lari olhou para Tito com aqueles olhos verdes *enooooormes*, como se implorasse para que ele dissesse que era mentira. E ele não conseguiu fazer nada além de respondê-la com silêncio. A gente viu o quanto ele ficou destruído, né, amor?

— Ele gosta dela. Antes eu tinha quase certeza, mas ontem eu vi que ele realmente gosta dela — Plínio corroborou.

— Aí, ela se levantou da mesa, chorando, e ele foi atrás. Eu vi quando ela subiu na moto e arrancou. Ele subiu na dele e a seguiu — continuei.

— Tadinha de Lari... — Olívia comentou.

— Então a gente foi pra sua casa, Max, e ficamos lá esperando ele voltar. Sofia tinha dormido no banco de trás do carro no caminho. Plínio a levou para dentro e a colocou na cama, no quarto dela. Tito só chegou bem tarde, bêbado.

— Bêbado? Tito? — Max perguntou, chocado.

— O filho da puta bebeu quase uma garrafa inteira de uísque e voltou pra casa de moto! — Plínio exclamou. — Quase dei uma surra nele.

Max começou a rir, mas engoliu a risada antes de virar gargalhada.

— Pois é. A conversa com Larissa não foi das melhores — relatei. — A gente não sabe os detalhes, porque ele não falou. Só quando o dia estava quase amanhecendo é que a gente conseguiu traduzir, entre palavras ébrias, que eles tinham conversado. Então, o colocamos para dormir e o deixamos lá. Quando deixarmos Sofia na colônia de férias, vamos dar uma passada pra checar se está tudo bem e pra conversar melhor com ele.

— Tito tá arrasado, puto. Então dá uma maneirada na zoeira — Plínio pediu, embora soubesse que não era um pedido válido. Max é a putinha mais rancorosa que o mundo já viu, e todo mundo sabe disso.

— Maneirar na zoeira o caralho! Vou descontar tudo o que aquele desgraçado me fez passar quando eu *tava* doente e com o cu na mão. Ou você acha que ele não vai vir pra cima de mim por causa do casamento? Eu disse a ele que, se algum dia eu me casasse, ele poderia enfiar o pinto em todos os meus orifícios, até nos meus ouvidos! E ele disse, *ipsis literis*, que mal podia esperar pra enfiar o pau na minha boca. E ai de mim se não o chupasse gostoso! Acha que ele vai deixar barato? Quando ele vier com esse papinho de merda, eu começo a metralhar o cu dele com minha vingança. Vou só esperar a ressaca do papai passar pra ligar pra ele. — Ele deu uma gargalhada diabólica.

— Max, deixa de ser infantil! — repreendeu Olívia, embora estivesse rindo.

— Não dá, Liv, ele parou de crescer mentalmente aos cinco anos — pirraei.

— Exatamente. Não dá, minha linda, é a mesma coisa de você pedir: "Max, deixa de ser paizudo!" ou "Max, deixa de ser lindo!". Não consigo.

Plínio e eu reviramos os olhos, e eu tinha certeza de que Olívia estava revirando os dela também.

— Tomara que o filho de vocês puxe a sua modéstia, Liv! — desejei.

— Falsa modéstia, você quer dizer, Susanne — meu irmão atçou.

— Seu cu, cretino! — Olívia retrucou.

— Olha essa boquinha, minha linda... — Ele riu.

— Só sei que vou adorar ver vocês dois se fodendo nas reuniões de pais e mestres da filha de vocês. — Plínio gargalhou.

— Filha de cu é rola, Plínio! — Max reclamou. — A gente já tem Sofia pra ficar atentos, porra! Se eu tiver uma filha, você vai perder boa parte da minha

ajuda pra sentar o pé nos vagabundos. Vou estar muito ocupado construindo a moradia da minha mini Olívia: uma torre mais alta que a Torre de Babel, nos fundos da minha casa.

Olívia e eu tivemos uma crise de riso.

— Puto, eu dou conta de vigiar minha filha sozinho, obrigado. Já tô de olho naquele Matheus, inclusive. Agora, pago pra ver você se foder no dia em que a sua filha usar a expressão "de cu é rola", no maternal. Sofia só demorou tanto pra dizer porque teve uma única influência. Mas a primeira palavra da bebezinha de vocês vai ser "porra". Ou "caralho". No primeiro dia na escolinha, quando a professora disser, animadamente: "bom dia, crianças!", ela vai responder, com uma voz bem fofa: "Porra, *fessora*, bom dia de cu é rola, caralho!". Aí, vocês vão ser expulsos da comunidade escolar. A diretoria vai até acionar o Conselho Tutelar. — Nós dois caímos na risada.

— Que engraçado! — Max ironizou. — Você achou graça, minha linda?

— Nenhuma. Essa exorbitância de palavras ressaltada pelo seu cunhado não condiz com o nosso linguajar pouco permeado de termos chulos — Olívia satirizou.

— Acho que o que você quis dizer, Liv, foi: "porra, Plínio, que puta exagero do caralho, seu filho da puta!" — meu marido traduziu, me matando de rir.

Ouvimos os dois fingidos abafando as risadas do outro lado da linha.

— O que eu quero saber é quando vocês providenciarão uma irmãzinha para Souf — Olívia falou, ainda rindo.

— Agora só faltam vocês, meus putos! Cadê o terceiro bebê da família Vetter-Theloni-Dutra? — Max perguntou.

— Eu não falo é nada... Vocês, pobres crianças iludidas, não fazem ideia do que o futuro lhes reserva. — Plínio riu. — Daqui uns meses, vão estar chorando lágrimas de sangue aos nossos pés: "por favor, gente, fiquem com ela hoje à noite, só pra gente dar *umazinha*. Cara, tem séculos que a gente não pode transar em paz! Ela não para de chorar, e nós estamos sempre tão exaustos!". — Ele fez uma voz chorosa hilária.

Enquanto nós dois ríamos, Max e Olívia ficavam em silêncio, provavelmente se entreolhando assustados.

— Aproveitem, meus queridos! — exclamei. — Agora a gente vai aprontar Sofia para a colônia de férias, um evento que vocês, com certeza, vão querer ter anotadinho no calendário da minha sobrinha daqui a alguns anos, né, amor?

— Graças à pessoa abençoada que inventou esse negócio, eu vou poder comer minha mulher sem interrupções a tarde inteira. — Ele me abraçou e começou a beijar meu pescoço.

— Coitada da minha sobrinha, tem dois pais de merda — Max falou. — O

que seria dela sem um tio pica?

— Tô louco pra te ver de papai, titio pica! — Plínio disse, e caímos na risada.

— A gente vai desligar agora, porque vocês dois estão tentando minar a nossa felicidade. Isso é inveja, caralho! Vão fazer um bebê! — meu irmão devolveu.

— Isso, deixem de recalque com o nosso *baby* e vão fazer o de vocês! — Olívia engrossou o coro.

— Talvez a gente faça — Plínio respondeu. — Aí, quando vocês vierem desesperados querendo ajuda e pedindo clemência, a gente vai gritar de volta: "vão se foder! Se virem! Cada macaco no seu galho! Quem pariu Matheus que o balance!".

— Isso, meu amor! Vamos fazer nosso bebê! — Gargalhei.

— Pois que façam! Adeus, filhos da puta! Agora, a gente vai ligar pra Lili — ele disse, rindo.

— Seu espertinho, Lili é *nossa*! Ela vai cuidar do *nosso* bebê pra gente poder transar! — grasnei.

— Isso é o que nós veremos, Susanne! Isso é o que nós veremos! — ele bradou.

— *Muhahahahahaha!* — Olívia gargalhou maquiavelicamente, e eles desligaram o celular.

— Desgraçados! — gritei para o aparelho mudo.

Plínio caiu na risada.

— Achei que a gente estivesse brincando sobre o bebê — ele disse.

— A gente estava. Não estamos mais. Eles querem guerra? Teremos uma! — anunciei, cruzando os braços. — Você queria um bebê há tempos, então vamos fazer um!

— Eu queria, porque Sofia quer um irmão há eras e porque eu estava com saudade de ter um bebê em casa. Mas agora, se Carol estiver mesmo grávida, e se for do meu irmão, vamos ter dois bebês na família, Suze. A gente vai ficar com eles direto. Tito vai começar a residência daqui uns dias, e vai precisar da nossa ajuda, então talvez não seja o melhor momento para... — ele começou.

— Tito não é criança, Plínio — argumentei.

— Ele tem vinte e três anos! — ele contra-argumentou, como se isso fosse um argumento.

— Exato. Vinte e três, quase vinte e quatro! Ele é um homem. Com essa idade, você já estava casado, inclusive. Eu me casei com uma criança?

Ele soltou um suspiro.

— Eu sei que ele não é, exatamente, uma criança. Mas eu sou quase dez anos mais velho que ele, Suze, e agora só temos um ao outro. Eu sou responsável pelas coisas que ele faz, ele é muito jovem ainda.

— Você fala como se tivesse sessenta, e não trinta e três anos. E Tito não precisaria da nossa ajuda financeira, você sabe — comentei.

Meus sogros, que morreram em um trágico acidente aéreo há dois anos, eram proprietários da maior parte do Hospital São Cipriano. Juntos, Plínio e Tito são donos de quase 80% do Hospital e, mesmo assim, meu marido não abre mão de dar plantões de vez em quando.

Não sei como ele consegue cuidar de pessoas com câncer. Eu li “A Culpa É Das Estrelas” e quase morri de chorar. A propósito, Gus Waters é um dos meus *crushes* literários (só não conte ao meu marido, por favor). Falando nisso, como não amar a atuação de Ansel Elgort na adaptação cinematográfica? (Claro que, não satisfeita em inundar minha casa, fui inundar o cinema na pré-estreia).

— Eu sei. Estou falando de suporte emocional, Suze — Plínio disse. — Ontem ele já encheu a cara, e ele mal bebe! Eu nunca o tinha visto bêbado. Você acha que Tito, o garoto de ouro de Lili, tem condições de ser pai agora? Ele tá cagando nas pernas com a possibilidade, principalmente porque deve ter percebido que está apaixonado por aquela garota. Max está radiante com a ideia de ser pai porque ama Olívia e, além disso, ele tem quase trinta anos e já aproveitou da vida o equivalente a aproximadamente cento e cinquenta vidas masculinas. Tito é um menino, não aproveitou nada e já vai ser pai.

— A diferença de idade dos dois é de apenas três anos, Plínio, deixa de ser exagerado! Cada um vive de acordo com as próprias escolhas, e todas têm consequências. Você está passando a mão na cabeça dele, assim como faz com Sofia. Tito vai sobreviver, nada disso é um bicho de sete cabeças. O fato de ele gostar de Larissa não tem nada a ver com o fato de ele ser pai do filho de Carol. Uma coisa não prejudica a outra, se ele e Lari decidirem ficar juntos. Não é o fim do mundo, ele vai ser feliz, com a garota certa. Com a que notar de cara que ele é um homem maravilhoso. Tito não é tão frágil quanto você pensa. E você não precisa se preocupar tanto, meu amor. Nem tem motivo pra isso! Estaremos aqui para ajudar e para animá-lo, todos nós.

Ele fez uma expressão pensativa, deixando a ruguinha entre as sobrancelhas dar o ar da graça.

— Vou precisar contar pra Sofia que, justo quando eu decidi deixar você colocar a sementinha, você está titubeando? — brinquei. — "Que papai mau você tem, minha filha, ele não quer mais colocar a sementinha na mamãe, acredita?" — falei, fingindo estar indignada.

— Isso seria alienação parental, sabia? — Ele riu.

— Não quero saber, Plínio Theloni! — exclamei. — Vem — subi em cima dele com destreza e fiquei brincando de seduzi-lo —, coloque um mini Plínio em mim, maridinho!

Ele gargalhou. Meu corpo tremia junto com o dele, do tanto que ele estava rindo.

— Você toma anticoncepcional, sua louca! — lembrou. — Não dá pra gente tentar agora, mas — ele puxou as duas alças da minha camisola, deixando meus peitos à mostra —, a gente pode...

— Ai, meu Deus! — Levei as mãos à cabeça, interrompendo-o. — Eu me esqueci de tomar ontem!

Caramba, eu tinha mesmo me esquecido completamente!

Tomava sempre antes de dormir e, com a confusão de Tito bêbado e toda a madrugada na casa de Max, eu nem me dera conta de que ainda não tinha tomado.

— Sério? — ele perguntou, alarmado. — Então é mesmo um sinal do Cosmos de que realmente devemos trazer mais um Theloni-Vetter ao mundo — falou, rindo.

— Nossa, se a gente tivesse transado... Aliás, se Sofia não tivesse interrompido... — observei. — Quero dizer, o risco seria quase inexistente, porque o esquecimento foi coisa de horas, mas, se eu não voltasse a tomar...

— A gente não pode deixar Sofia ficar de responsável pelo não nascimento do irmãozinho dela, amor. — Ele riu. — A gente devia tentar — falou, massageando meus peitos.

Ele estava mesmo falando sério?

— Tô falando sério — ele confirmou, como se tivesse lido meus pensamentos.

— Eu estava meio que brincando, Plínio! É claro que não precisamos ter outro filho agora. Eu só me empolguei porque Max tem o dom de me irritar e de me fazer querer desafiá-lo. E porque seria bem legal ficar grávida junto com Liv e, já que pretendemos mesmo ter outro filho no futuro, talvez pudéssemos providenciar agora. Mas também poderia ser daqui a um ano. Ou dois. Ou três. Ou...

— Olha só quem está dando pra trás... Vou precisar contar pra Sofia que, justo quando você me convenceu de novo a colocar a sementinha, você está amarelando? "Que mamãe cruel você tem, minha filha, ela não quer mais me deixar colocar a sementinha nela, acredita?" — imitou.

Caí na risada.

— Tá, a gente arrisca. Hoje o dia inteiro. Se der certo, deu. Se não der, não deu. Aí, a gente deixa pra depois — sugeri.

— A gente arrisca hoje e amanhã. Se der certo, deu. Se não der, não deu. Aí, a gente deixa pra depois — ele corrigiu. — Agora vem, a gente começa com uma rapidinha. Mas, mesmo assim, prometo que vou tentar caprichar no nosso bebê! — Ele riu e me jogou na cama, afundando o nariz no meu pescoço.

— Você não é muito certinho da cabeça... — falei, rindo e alisando suas costas.

— Claro que não... Eu chamava de “feiosa” a garota mais linda do mundo. — Plínio levantou o rosto e, mirando meus olhos, sorriu daquele jeito lindo que fazia meu coração disparar. — Você é perfeita. O que eu faria sem você, Suze? — perguntou, beijando minha testa.

— Nada. Você não faria nada. Eu sou absolutamente fantástica! — vangloriei-me, enfiando os dedos em seu cabelo.

— Ah, a modéstia dos Vetter... — Ele riu e, roçando minha boca, uniu nossos lábios em um beijo apaixonado.

49. A morte não escolhe idades

TITO

Larissa não fala comigo há mais de um mês. Para ser exato, ela não fala comigo há 33 dias. Uma proeza, já que, agora, ela é minha vizinha.

Talvez isso faça de mim um verdadeiro *stalker*, mas eu precisava de um lugar para morar, e sabia que o apartamento ao lado do dela estava disponível. Então, por que não unir o útil ao agradável?

Porém, se eu achava que a minha presença ostensiva a faria amolecer, estava muito enganado. Ela continua irredutível. Não falou comigo nem quando saiu o resultado do vestibular da Estadual, há duas semanas, e Piolho, Drica e uns primos deles vieram zoar e fazer um pré-trote, do qual eu não participei, a despeito de Piolho ter insistido.

Larissa estava decidida a fingir que eu não passava de um morador novo do prédio, e eu não queria estragar um momento tão importante para ela com a minha presença indesejada. Mas ofereci um abraço, e ela aceitou meus parabéns. E, durante as semanas seguintes, eu revivi mentalmente — e múltiplas vezes — a sensação de seu corpo *mignon* colado ao meu, e senti o cheiro de baunilha que sempre envolvia seu pescoço delicado em todos os cantos do meu novo apartamento, como se ela alguma vez tivesse entrado ali, coisa que, infelizmente, ela não tinha.

Não sei se o que eu sentia por Carol era amor. Mas não importa, porque não sobrou nada. Ela conseguiu pisar em tudo o que um dia eu pensei ser um sentimento verdadeiro e indelével.

No caso de Liv, foi uma mistura de atração e empatia, apenas.

Mas com Larissa... É algo magnetizante, incontrollável. É atração, empatia e algo mais. Algo que eu não sei definir. Mas me faz pensar nela o tempo inteiro. Faz com que eu a deseje com cada célula do meu corpo; faz os meus dedos coçarem de vontade de afagar seus fios ruivos e curtos, de tracejar os desenhos coloridos de seus braços e coxas, de percorrer com a ponta do indicador a superfície metálica sobre seu lábio; faz meu coração doer quando penso naquelas covinhas e em seu sorriso tímido; faz meu corpo arder quando me lembro de suas curvas e da maciez de sua pele; e faz minha mente trabalhar em criativos sonhos eróticos todas as noites.

A falta de sexo está me matando. E morar ao lado dela e imaginá-la desfilando

de calcinha pelos cômodos e lembrar-me de tudo o que já fizemos naquele apartamento não ajuda, principalmente enquanto estou deitado esperando o sono vir. Pelo contrário. Isso me faz sonhar a noite toda com ela, e é a razão da minha *paudurescência* matinal diária.

Pensando bem, acho que fui um pouco injusto ao afirmar que Larissa não fala comigo há 33 dias. Não é, exatamente, verdade. Ela é uma boa vizinha. Geralmente, quando estou saindo para a residência e ela está indo para a faculdade, nós nos esbarramos no elevador do prédio (o elevador no qual transamos e que vai estar para sempre permeado daquelas lembranças explosivas). Então, ela me presenteia com um belo cumprimento cordial: "bom dia, Thomas".

Sim, tenho direito a um vocativo. Meu nome, é claro. Porque, obviamente, "Tito" soaria íntimo demais, agora que somos apenas dois estranhos.

Depois de tantas tentativas frustradas de reaproximação e de tantas investidas nada sutis de minha parte, ainda me resta um pouco de dignidade, então eu só me limito a cumprimentá-la de volta: "bom dia, Larissa". Isso enquanto meu coração bate acelerado e meu pau pulsa freneticamente dentro da calça.

Eu tentei. Tentei tanto que ultrapassei a linha tênue que separa um cara apaixonado em busca de redenção de um cara ridiculamente apaixonado em busca de migalhas pisoteadas.

Saí da casa de Max há quase dois meses. Então, tentei consertar as coisas com Larissa por bastante tempo antes de me resignar a esse sofrimento mudo que me aflige diariamente e que já dura a idade de Cristo em dias.

Você deve estar se perguntando por que ela não fala mais comigo. O que você fez, Tito, seu babaca? O que você disse a ela de tão ruim, seu idiota?

Adianto que não é por causa do bebê. Quero dizer, é e não é. É complicado. Eu vou explicar.

Tudo começou naquela maldita ida à pizzaria, no dia da apresentação de balé de Sofia. Aquele foi um dia completamente escatológico, do raiar ao pôr-do-sol. Eu não deveria ter ido à apresentação, para início de conversa. E muito menos à pizzaria. Mas fui, porque, na minha vida de merda, eu estou sempre caminhando às cegas em direção a um precipício. Não aparece um filho da puta para gritar: "ei, cuidado, cara! Tem um buraco do tamanho do meu cu logo adiante!".

Naquela noite, apesar de me sentir aprisionado em outra dimensão — na minha sofrível dimensão "Eu Vou Ser Pai" —, consegui escapar por deleitantes momentos quando chegamos. Vê-la sentada ali, tão perto, foi como me deparar com um oásis depois de uma longa caminhada no deserto. Eu só queria me sentar ao lado dela, sentir seu perfume e o calor de sua pele emanando a centímetros da minha. Mas tive que me contentar em me sentar do outro lado da

mesa, porque Drica e Piolho já estavam sentados onde eu deveria estar.

Apesar de tudo, consegui dar boas risadas das palhaçadas de Piolho com o tal do Ícaro. Larissa também ria, e eu mergulhava em seu sorriso, incapaz de parar de olhar para ela. Às vezes, nossos olhares se cruzavam, mas ela rompia o contato assim que seus olhos verde-oliva pousavam nos meus, ou vice-versa. Felizmente, ela não desviava o olhar rápido o suficiente para impedir meu corpo de se eletrificar e meu coração de acelerar dentro do peito a cada novo encontro.

Em certo momento, eu me esqueci completamente do grande problema, da questão que provavelmente dificultaria tudo entre nós, e me permiti fazer um plano mental. Eu sairia dali com Larissa e diria a ela todas aquelas coisas que estava sentindo. Então, ela repetiria que não queria nada sério, e que sequer estava interessada em foda-fixa. Eu seguraria em sua nuca, olharia naqueles olhos lindos, sorriria e me curvaria para sussurrar um "mentirosa" em seu ouvido, deixando claro que nós dois queríamos, se fosse um com o outro. Em seguida, trilharia um caminho de beijos por seu rosto até alcançar seus lábios, onde eu, delicadamente, estacionaria os meus.

Estava absolutamente imerso nesse mundo fantasioso, sentindo o pau cutucar o zíper da calça, quando a voz de Carolina me despertou, lembrando-me de que minha fantasia não estava adaptada à nova realidade da minha vida. Eu deveria começar contando a Larissa sobre Carol e o — possível — bebê.

Não, isso eu poderia contar depois de dizer que estava começando a me apaixonar por ela. Ou não?

Espera, o que eu deveria dizer primeiro?

Ah, é. Eu não precisava decidir, porque, que maravilha, Carolina já estava abrindo o bico para Deus e a porra do mundo.

A noite, infelizmente, não terminaria de acordo com meu devaneio. E isso era só parte da grande tragédia que caíra no meu colo.

Não ouvi o começo, só escutei o trecho "(...) do nosso filho, né, Tito?". Devo ter ficado lívido. Não olhei para a direção da qual a voz vinha, nem para Plínio. Meus olhos procuraram, instintivamente, os de Larissa. Estavam arregalados e úmidos, mas continham um fiapo de esperança. Foi quando entendi que havia uma pergunta implícita em seu olhar. Ela questionava: "Isso é verdade, Tito?". Essa era uma pergunta que eu não queria responder, mas ela já estava se levantando abruptamente da mesa, as lágrimas retidas tinham escorrido e, ao que parecia, a resposta só podia estar estampada em meu rosto.

Fui atrás dela, obviamente, ignorando os chamados de Plínio e os berros de Carol.

Larissa só parou no estacionamento do prédio, quando desceu da moto, tirou o capacete e me encarou, enquanto eu fazia o mesmo ritual.

Fiz menção de falar, mas ela me impediu:

— Lá dentro.

Então subimos e, apesar do clima tenso, não consegui evitar me aproximar dela enquanto o elevador subia.

— Lari... — comecei, tentando acariciar seu rosto.

— Não, Tito. — Ela se afastou.

— Larissa — engoli em seco —, eu não sei se é verdade... Eu... — O elevador abriu, e ela caminhou em direção à porta. — É o que ela diz. Não sei se é verdade — continuei, seguindo-a.

— Ela disse que já te mostrou o exame, Tito — ela falou, calmamente, enquanto tirava as chaves da bolsa e andava rumo ao apartamento.

— E daí? Pode ser falso e, se não for, quem garante que o filho é meu? — argumentei, enquanto ela enfiava a chave na fechadura.

— É claro que não é falso! — ela exclamou, entrando. — Que tipo de pessoa faria uma coisa dessas? Isso aqui não é novela, Tito. — Larissa trancou a porta depois que eu entrei. — Ela disse que está grávida há dois meses! Você terminou com ela há o quê, duas semanas? — Ela jogou a bolsa em uma das poltronas pretas da primeira sala. — Tenho certeza de você é capaz de fazer as contas! — Sua voz estava elevada. Eu, obviamente, não fazia ideia de que uma pessoa tão pequena era capaz de falar naquele tom.

— E daí? Quem garante que não sou corno, Larissa? — argumentei novamente.

— Não acredito que você está tratando as coisas com tanto descaso! Você namorou aquele projeto *fake* de Barbie a vida toda, pelo que ouvi falar, coisa que, sinceramente, não entra na minha cabeça, porque aquela garota... Meu Deus, desculpa, mas ela é bizarra, Tito. E você é tão... — Ela soltou um suspiro, me olhando tristemente. — Enfim, e agora você está se apegando a miudezas para não assumir o filho dela? — ela perguntou com indignação.

— Larissa, o que você acha que eu sou? — indaguei, com mais indignação ainda. — É claro que vou assumir. Se, e somente se, a criança existir e for, de fato, minha. Não vou presumir que seja, não sou idiota. Carolina é louca. Levei quase uma década para finalmente compreender que ela não é cem por cento normal. Nunca pensei muito nessas coisas, porque, diferentemente dela, não sou uma pessoa ciumenta, possessiva e neurótica, mas ela pode ter me traído ao longo dos anos. E pode ter feito isso nos últimos meses. É uma possibilidade que eu não vou, nem quero descartar. E você não faz ideia do quanto me apegar a isso é difícil, porque eu nunca a traí, Lari. Você foi a primeira mulher com quem eu transei além dela. A segunda mulher que eu beijei na vida. A única com quem eu já transei sem camisinha. Nunca agi irresponsavelmente com ela. Então não

venha me julgar por cogitar que o exame seja falso. Isso pode muito bem ser um golpe dela, pra ver se proponho casamento.

Ela ficou em silêncio por vários segundos antes de perguntar, com uma frieza que supus não genuína:

— E você vai?

— É claro que não! Eu... Eu não a amo mais, Larissa. Não sinto mais nada por ela, eu... — Aproximei-me e afundei a mão em sua nuca.

Ela ficou imóvel, então acariciei a pele de sua bochecha com o polegar.

— Eu... Quero você. Quero só você, Lari.

Curvei-me e inspirei o cheiro de seu pescoço antes de começar a depositar beijos molhados em sua pele.

— Tito, não... — ela balbuciou, soando nada convincente, com a cabeça inclinada.

— Eu amo seu cheiro de baunilha. — Inspirei e suspirei. — Amo o gosto da sua pele. — Dei um beijo úmido abaixo de sua orelha e desci, beijando-a até alcançar sua clavícula exposta. — Amo isso, a forma como eles se encaixam em minhas mãos. — Apalpei seus peitos por cima do tecido fino da camiseta branca enquanto subia a cabeça para roçar os lábios nos dela. — E amo sentir o toque metálico da sua boca na minha. — Puxei seu lábio inferior, provando a textura do *piercing*. — Amo me surpreender, todas as vezes, com o calor e o gosto delicioso da sua boca, Lari. E eu poderia continuar citando todas as infinitas coisas que eu amo em você, mas não preciso, porque posso resumir. — Engoli, tentando empurrar o coração que batia freneticamente na minha garganta seca. — Eu te amo, Larissa — confessei, subindo a mão e alisando sua bochecha esquerda enquanto mirava seus olhos marejados.

— Não diz isso, Tito. — Senti uma pontada no peito. — Não diz isso, porque não quero dizer o quanto amo seu perfume cítrico — completou, e eu não consegui evitar um suspiro de alívio e um leve sorriso.

Ela me empurrou em direção ao sofá e, mais que depressa eu me sentei, para recebê-la no colo no instante seguinte.

— Não me obrigue a dizer o quanto eu amo o gosto da sua pele. — Ela se acomodou sobre minhas pernas e percorreu meu pescoço com a boca, passando pelo pomo-de-adão e deslizando o lábio inferior e a língua até alcançar meu queixo. — Amo a forma como o seu pau se encaixa na minha mão. — Ela o apertou enquanto roçava os lábios nos meus.

Eu estava tão duro que não conseguia suportar nem mais um segundo de toda aquela tortura que eu mesmo havia iniciado.

Agarrei sua nuca e invadi sua boca, sorvendo seus lábios com intensidade equivalente a que ela aplicava no meu pau.

— E amo sentir a maciez da sua boca na minha. — Ela se afastou, mordendo o lábio e deixando o *piercing* em evidência.

Então, tirou a camiseta, passando-a pela cabeça.

Puxei sua cintura e beijei o vão entre os peitos protegidos pela renda preta do sutiã.

Suguei um mamilo por cima do tecido, e ela soltou um gemido curto, fincando as pontas dos dedos na minha nuca.

Levei o braço às costas dela e abri o fecho, livrando-a da fina camada que me separava de sua pele perfumada.

Apalpei os dois, grudando nossos lábios. Então desci a boca e fui beijando cada centímetro de seu corpo até recomençar a chupar seus peitos.

Eles eram incrivelmente macios e redondos, e eu poderia morrer fazendo aquilo.

Larissa gemia e se contorcia no meu colo, esfregando-se em meu pau assombrosamente duro.

— Tem roupa demais aqui — falei, afastando-me para puxar minha camisa.

Mal terminei, e ela se jogou sobre mim, beijando-me com vontade, bagunçando meu cabelo, colando os peitos no meu tórax.

Eu estava quase estourando na calça.

Com um impulso, segurei suas coxas e me levantei com ela no colo. Continuei o beijo até colocá-la no chão.

Então, libertei o botão e desci meu zíper, tirando os sapatos. Quando ela começou a fazer o mesmo, eu a impedi. Livrei-me da calça e voltei a me sentar, puxando-a para perto e posicionando-a de pé entre meus joelhos.

Desabotoei a calça jeans de Larissa beijando sua barriga cheia de pintinhas claras. Puxei o zíper e desci o tecido enquanto apalpava sua bunda e as coxas. Ela puxou as pernas e empurrou levemente a peça, soltando pequenos gemidos à medida que meus lábios se distanciavam do umbigo e começavam a percorrer a superfície rendada.

— Meu Deus, Larissa... — murmurei quando minha boca alcançou a parte úmida da renda preta.

Beijei o centro enquanto puxava as finas tiras laterais no início de suas coxas tatuadas.

Deixei a língua percorrer a umidade livremente assim que afastei a calcinha. Beijei seu clitóris com tanta fome que poderia ter gozado naquele momento de pura apoteose.

— Ai, meu Deus, Tito... — ela balbuciou.

Afastei-me e terminei de descer a calcinha por suas pernas.

— Vou me deitar no sofá, e quero que você se sente na minha boca — avisei,

levantando-me.

Ela soltou um arquejo lento e se aproximou, tocando meu peito e escorregando os dedos até alcançar o volume sob a minha boxer preta.

— Tá, mas só depois que eu te colocar na minha — ela disse, beijando minha pele e descendo o elástico da cueca.

Larissa se ajoelhou e, assim que meu pau pulou para fora, ela lambeu a ponta.

Puxei o ar enquanto ela sorria maliciosamente, concluindo a tarefa de me despir.

Quando terminou, ela subiu as mãos pequenas pelas minhas coxas, bem devagar, enquanto meu cacete ereto gritava por uma boa dose daquelas mãos.

— Você é tão gostoso... — ela disse, beijando a base do meu pau, sem tocá-lo.

— Meu pau tá pulsando — avisei, como quem não quer nada.

— Que pau? — Ela tentou fazer uma expressão surpresa, mas falhou, e precisou morder o lábio inferior para não rir.

— O grande, grosso e vascularizado cacete pulsante a centímetros do seu frágil e delicado rosto, Larissa — respondi. — Esse pau. — Segurei-o e bati em sua bochecha. Então, deslizei a cabeça lateralmente, pressionando sua pele até estacioná-lo em sua boca minúscula. — Agora chupa — ordenei.

Ela ergueu os olhos para me olhar e, passando a língua na superfície, mergulhou uns bons centímetros de pica na boca apertada.

Não contive um gemido.

Ela o segurou e começou a chupar com intensidade, o máximo que conseguia. Eu podia ver seus lábios esforçando-se para envolver o diâmetro, e isso, somado à sensação de sua língua, era suficiente para me fazer querer gozar gostoso naquela boca miúda.

Comecei a estocar sem perceber e só parei quando vi que gozaria no segundo seguinte.

— Preciso te comer — anunciei, tirando o pau. — Você senta na minha boca na próxima. — Era para ter saído como indagação, mas acabei afirmando, porque eu não podia esperar para estar dentro daquela boceta, ainda mais apertada que aquela boquinha gostosa.

Puxei-a e sorvi seus lábios, apertando sua bunda e pressionando seu corpo no meu. Então, sem aviso, interrompi o beijo e peguei-a no colo.

Joguei-a sobre o sofá e comecei a beijar sua boceta.

— Prometo que te faço gozar assim depois — falei, dando um último beijo e despedindo-me da textura deliciosa.

Fui subindo, beijando sua pele até conectar nossos lábios novamente.

Beijei-a com delicadeza, e entrei no mesmo ritmo suave, gemendo junto com ela. Estava na terceira medida quando ouvi o clique no cérebro.

— Porra. Diz pra mim que você ainda está tomando... — comecei, sem parar de meter.

Eu não conseguiria parar nem se quisesse. E, definitivamente, eu não queria.

— Estou — ela me interrompeu, voltando a me beijar. — Agora me diga que você... Ai, meu Deus, Tito... — Ela apertou minha pele e cruzou as pernas na minha cintura.

— Só com você, Lari. Eu juro — falei, aumentando o ritmo.

— Isso é tão gostoso... Você é tão gostoso... — ela disse, escorregando os dedos pelos músculos das minhas costas.

— Você que é uma delícia — falei, beijando seu rosto e deslizando a boca para o pescoço. — Você e essa boceta. Duas delícias... — Dei uma estocada, e ela gemeu alto.

Grudei nossos lábios e continuei estocando, recebendo seus gemidos em minha boca enquanto ela recebia as metidas bruscas que eu dava em sua boceta.

— Fica de quatro, gostosa. Quero te ver rebolando no meu pau. — Elevei o corpo e a coloquei na posição.

Apertei sua bunda e enfiei devagar. Acomodei-me, inclinando-me e beijando o ombro de Larissa.

— Eu amo suas sardas — comentei, transferindo os beijos para sua espinha.

Então me ergui e apertei as duas bandas de sua bunda, saindo devagar para entrar novamente.

Ela deu uma rebolada lenta e ergueu o olhar sob o ombro para me ver. Sorria maliciosamente, umedecendo os lábios.

Continuei metendo, pareando nossos movimentos.

Logo estávamos arfantes. Ela gemia alto, e eu arquejava, afundando os dedos na maciez de sua carne farta, sem parar de meter.

— Toma, safada... — Dei uma sucessão de estocadas.

— Mais, Tito, mais... — Ela choramingou.

Aumentei o ritmo e estapeei o lado direito de sua bunda. Ela soltou um grito.

— Ai, meu Deus, isso... — Larissa aumentou a intensidade das reboladas, e eu afundei os dedos na marca perfeita que minha mão deixou em sua pele branca.

Intensifiquei a força das metidas e bati do outro lado.

— Tão gostoso... Tô quase gozando... — ela anunciou, acionando o modo "relaxa e goza" no meu cérebro.

— Goza comigo, Lari — pedi. — No três. Um... — comecei a contagem.

— Dois... — ela pronunciou. — Ai... Ai, meu De... — Ela soltou um gemido lento, e senti as contrações ocasionadas pelo orgasmo comprimirem meu pau.

"Três". Terminei mentalmente, incapaz de pronunciar o número, porque um urro animalesco irrompeu da minha garganta quando enchi a boceta de Larissa

de porra.

— Puta que pariu — falei, sentindo a cabeça rodar. — Curvei-me e beijei suas costas.

Então, saí devagar e, se ela se importava com a mobília, ligou o foda-se, porque se deixou cair sobre o sofá, sujando o estofado de couro.

Sentei-me ao lado dela e a puxei para perto, beijando o topo alaranjado de sua cabeça.

Estávamos imersos naquela bolha orgástica há cerca de um minuto, equilibrando nossas pulsações e normalizando nossas respirações, quando ela levantou a cabeça, afastando-se de mim.

— Você precisa ir, Tito.

Seu rosto estava sulcado de lágrimas derramadas silenciosamente.

— Lari, o que foi? O que eu fiz de errado? — perguntei, sem esconder o quanto estava surpreso.

— Engravidou sua namorada — ela respondeu e se levantou, pegou a camiseta no chão e começou a colocá-la.

Fiquei observando, boquiaberto, o tecido branco alcançar o início de suas coxas repletas de desenhos coloridos, até que ela se abaixou, pegou minha camisa e a jogou no meu colo.

— Vista-se.

— Primeiro, o certo é ex-namorada. Segundo, ainda não sei se a engravidei. Terceiro, ainda que eu a tenha engravidado, foi antes disso tudo, antes de haver um "nós". Você está agindo como se eu tivesse te traído, Larissa, o que é absurdo — observei.

— Primeiro, não existe um "nós", Tito. Segundo, você não me conhece, não sabe nada da minha vida. Já passei por isso, não vou enfrentar essa merda toda de novo. Terceiro, eu realmente gostaria que você começasse a se vestir.

— De que merda você está falando? — perguntei, levantando-me.

Ela me olhou dos pés à cabeça e se virou.

— Não é da sua conta — afirmou, cruzando os braços.

— Acho que é, sim, Larissa. Eu disse que te amo, e não estava brincando. Então, é da minha conta.

— Tito, por favor, vá embora — ela pediu, ainda de costas, com a voz chorosa.

— Não vou — falei, resoluto, com o olhar fixo na parte final de sua bunda, que a camiseta não conseguia cobrir totalmente.

Aproximei-me e segurei sua cintura, curvando-me para beijar seu pescoço.

Ela tentou reprimir um gemido, mas falhou.

— Eu quero que você vá. Não quero nada com você, Tito — disse, usando

uma voz firme.

— Talvez eu pudesse acreditar nisso, Larissa — alisei seus braços —, se seus braços arrepiados — levei as mãos à frente de seu corpo, tocando seus peitos — e seus mamilos erigidos concordassem com você. Claramente, eles discordam.

— Isso? — Ela se virou. — É só tesão. É só porque você é assim. — Ela estendeu o braço de cima a baixo, indicando meu corpo. — Você é gostoso e ainda tem esse pau. — Ela mordeu o lábio, deixando os olhos no meu cacete semiereto por alguns segundos. Então, subiu o olhar, engoliu em seco e fez uma pausa. — Mas eu te avisei que era só sexo. Eu não te amo. Não sinto nada.

Fiquei inerte, encarando-a. Uma parte de mim queria crer no que eu lia em seus olhos em vez de acreditar no que saía de sua boca. Mas as punhaladas no peito me imploravam para não ser tão imbecil a ponto de supor que ela estava só tentando me afastar.

Eu tinha dito abertamente que a amava, e ela devolveu dizendo que não sentia o mesmo por mim. Quão deprimente seria se eu insistisse e dissesse que ela estava mentindo? Quão patético eu pareceria ao declarar que conseguia ver nos olhos dela que era mentira? Ela repetiria que eu não a conhecia, que não sabia nada da vida dela. E provavelmente estaria certa.

Então assenti, me vesti em silêncio e saí do apartamento sem dizer uma palavra. Meu coração estava destroçado. Doía tanto que eu só queria dormir e esquecer, esquecer aquele dia inteiro.

Tinha certeza de que Plínio e Suze estariam na casa de Max quando eu chegasse. Eu não queria papo, queria apagar.

Por isso, fiz a única coisa que um homem de coração partido poderia fazer naquelas circunstâncias de merda: entrei no primeiro bar que encontrei e enchi a cara.

No dia seguinte, eu mal me lembrava do meu próprio nome. Acordei com o mundo girando ao meu redor e a cara feia de Plínio do lado da minha cama.

Depois de suportar uma sessão interminável de sermões — algo que colocaria qualquer pai de adolescente viciado no chinelo —, eu o mandei ir tomar no cu e me deixar em paz ao menos uma vez na porra da minha vida.

Então, ele jogou na minha cara algo que eu não sabia que estava tão óbvio:

— Você está apaixonado por aquela Larissa.

— "Aquele Larissa" morreu pra mim — respondi.

— O que aconteceu, Tito? — ele perguntou, com toda aquela preocupação típica que dava no saco.

— Não é da porra da sua conta — falei, levantando-me e caminhando rumo ao banheiro.

Senti uma onda nauseante e quase caí por causa da tontura. Plínio me segurou,

e eu tive vontade de socá-lo. Mas, em vez disso, só puxei o braço com força e, inevitavelmente, me esborrachei no chão.

Ele tentou me ajudar a levantar, mas recusei o braço erguido.

— Vá se foder — cuspi.

— Você não está falando com Max — ele alertou.

Notei seu olhar emputecido, o que eu conhecia muito bem.

Limitei-me a me levantar e seguir em direção ao banheiro.

Ele sempre me tratou como se fosse a porra do meu pai, mas, depois que nosso pai morreu, a coisa piorou.

Quando terminei o banho, ele não estava mais na casa. Tomei um antiemético e um analgésico e me deitei.

No meio da tarde, meu celular tocou.

Estiquei a mão, peguei o aparelho e atendi sem ver. Talvez meu cérebro adormecido tivesse aventado, levianamente, a hipótese de ser uma Larissa arrependida.

Era o puto do Max.

— A ressaca já parou de foder seu cu? — ele perguntou quando atendi.

— Eu *tava* dormindo, porra — resmunguei.

— Já vi que a desgraçada tá metendo sem dó. — Ele riu.

— Vá se foder, Max. Estou vivendo o dia mais fodido da minha vida, não sou obrigado a engolir suas piadas de merda.

— E sem cuspe — ele completou, caindo na risada.

Encerrei a ligação na cara do filho da mãe, desliguei o celular e puxei o edredom, cobrindo a cabeça.

Quando acordei, estava fisicamente bem, exceto pela dor astronômica no estômago.

Desci até a cozinha, abri a geladeira e averigui as opções. Optei pela coisa mais rápida: sanduíches de peito de peru.

Estava engolindo o último quando me dei conta de que era sábado e o sol já tinha se posto, o que significava que eu poderia, perfeitamente, ir à academia, como todos os dias naquele horário. E isso não tinha nada a ver com a possibilidade de encontrar Larissa, porque, obviamente, eu não queria vê-la nem pintada de ouro.

Subi as escadas correndo e liguei o celular para ver as horas. Dezoito e quarenta e cinco, mais tarde do que supus. Ela já devia ter chegado há, pelo menos, quinze minutos. Não que isso tivesse importância.

Eu tinha quarenta e oito ligações não atendidas, mas não chequei nenhuma. Max podia ir para a puta que pariu com toda a zoeira que tivesse guardada dentro de si.

Tomei banho voando e, menos de dez minutos depois, estava na moto, a caminho da academia.

Quando saí do estacionamento e alcancei a entrada, logo saquei que havia algo errado. Tinha muita gente na porta, mais que o usual.

Estava prestes a cumprimentar os conhecidos quando meus olhos encontraram Larissa abraçada a um sujeito que eu nunca tinha visto na vida.

Senti uma dor impactante no peito.

Meu celular não parava de tocar dentro do bolso, mas eu queria que quem quer que estivesse ligando fosse se foder.

Quando percebi, estava diante dos dois.

— Quem é esse filho da puta, Larissa? — perguntei, mirando o desgraçado.

Ela se afastou do peito do cara, e minha dor foi momentaneamente abafada quando percebi que ela estava chorando copiosamente.

— O que você fez com ela, desgraçado? — Puxei-a em minha direção e, quando ela estava seguramente longe, adiantei-me para esmurrá-lo.

— Ele é meu irmão, Tito! — Larissa puxou minha camisa.

Só então notei que o cara era ruivo.

— Solta minha magia ruiva! — Ícaro irrompeu de algum lugar desconhecido e colocou a mão no ombro do suposto irmão de Larissa.

— A gente se conheceu hoje, cara. Te achei gostoso, mas eu não gosto de homem pegajoso, entendeu? — O sujeito ruivo tirou a mão de Ícaro do ombro dele.

Putá que pariu, era o primo de Piolho, o que ele tinha dito que apresentaria a Ícaro. Ao que parecia, o primeiro encontro tinha acontecido na academia, porque ambos estavam trajados de acordo com o ambiente.

Afastei-me dos dois e voltei-me para Larissa enquanto ouvia o irmão dela rir do que Ícaro disse em seguida:

— Olha que coincidência, gato. Eu adoro homem que não gosta de homem pegajoso. E tenho um fraco gigantesco para ruivos gostosos.

— O que aconteceu, Lari? Por que você está chorando? — perguntei, segurando seu rosto com as duas mãos.

— Não foi minha culpa, Tito. Eu nem estava mais discutindo com ela quando... — Ela voltou a chorar convulsivamente.

— Shhhhh... — Puxei-a e a envolvi em meus braços. — Para de flertar e me conta o que aconteceu, porra — pedi, encarando o ruivo.

— Em resumo — ele começou a explicar —, a Barbie de um e noventa e nove já chegou fazendo escândalo, alardeando que ia matar minha irmã. As duas chegaram quase ao mesmo tempo, e a discussão começou aqui na porta. Lari não fez nada. Ela é completamente inoc...

— Tito! Carolina tá no hospital, mano. — Piolho apareceu de repente. — A ambulância acabou de sair. Eu *tava* ali dentro tentando te ligar, porque não conheço os pais da mina, meu. Mas *cê* não atendia o *carai* do telefone! Aí, liguei pra Plinião, que também deve tá tentando te ligar, e ele disse que já *tava* saindo pro São Cipriano, e que, assim que chegar, vai se informar sobre o quadro de saúde dela.

O quê? Como Carolina estava no hospital e Larissa estava inteira, com nenhum um fio de cabelo fora do lugar? Se elas tinham brigado a ponto de uma das duas ir para o hospital a outra devia estar, pelo menos, levemente arranhada, não?

— Conversa direito, porra! O que aconteceu? — questionei.

— Mano, não foi culpa de Lari. As duas estavam ali, perto do meio-fio, tá ligado? — ele começou, apontando o local.

— Ela estava me acusando de roubar você dela, Tito — Larissa interrompeu, chorando. — Eu disse que ela podia ficar com você todinho pra ela, então saí andando, porque não queria brigar. Ia voltar pra casa. Atravessei a rua quando o sinal estava fechado, mas ela veio atrás, gritando. E aí... — Ela soluçou.

— E aí o sinal abriu, mano, e ela foi atropelada — Piolho contou. — Ela saiu daqui inconsciente.

Peguei o celular no bolso e comecei a ligar para Plínio enquanto caminhava apressadamente em direção ao estacionamento.

Mais tarde naquele dia eu me arrependeria de ter saído sem tranquilizar Larissa de que estava tudo bem. Muito provavelmente, ela atribuiu a pressa à minha preocupação com o bebê, quando, na verdade, eu nem me lembrei da possível existência dele. Só estava preocupado com Carolina. Não por sentir algo por ela, mas por ela ser uma pessoa que eu havia conhecido no início da adolescência, alguém com quem eu convivi a vida quase toda. Eu não fazia ideia de como ela estava. Podia até estar morrendo naquele instante.

Quando cheguei ao São Cipriano, Plínio já estava no pronto-socorro. Ele me disse que Carolina estava bem. Tinha sofrido uma fratura na tíbia e leves escoriações, mas estava mesmo grávida, e tinha perdido o bebê.

Isso me deixou estranhamente baqueado. É claro que eu não queria ser pai naquelas circunstâncias, mas saber que eu teria um filho e que agora ele estava morto deixou um buraco esquisito no meu peito.

Enquanto meu irmão me abraçava, senti minha visão ficar embaçada, mas contive as lágrimas sem sentido.

Só pude vê-la horas depois, um bom tempo após a cirurgia.

Ela teria que passar pelo menos trinta dias com a perna engessada. A recuperação completa requeria de três a seis meses de exercícios fisioterápicos.

Só assim ela recuperaria a força, a amplitude de movimento e o equilíbrio. E apenas dali a um ano a haste intramedular poderia ser removida.

Quando entrei no quarto, eu estava me sentindo um lixo de pessoa por ter duvidado dela.

— Tito, o nosso bebê morreu... — Ela choramingou assim que me viu.

Eu já havia conversado com os pais dela e já tinha explicado como as coisas tinham acontecido, então me limitei a cumprimentá-los com um aceno de cabeça e caminhei até a maca.

— Eu quero morrer. Por que ele não me levou com ele? — Ela abriu o berreiro, e eu não sabia o que fazer. — É tudo culpa dela, meu amor. Ela matou nosso filho.

— Vamos deixar vocês a sós — o pai de Carolina disse e saiu puxando a esposa chorosa.

— Eu sinto muito, Carol, pela perda do bebê. De verdade. Mas Larissa não teve nada a ver com isso. Você foi perturbá-la. Você a seguiu quando ela atravessou a rua.

— Ela te disse isso? — Ela fez uma voz indignada. — É mentira! Ela me empurrou! Ela me empurrou, Tito, eu juro. Ela tentou me matar, pra ficar com você. Mas só conseguiu matar nosso filho... — Ela chorou mais ainda.

Era incrível como eu estava mais propenso a duvidar de uma pessoa que eu conhecia há anos para acreditar em uma que eu havia conhecido há semanas.

— Deixa de ser mentirosa, Carolina! — falei, com a voz alterada. — Lari nunca faria uma coisa dessas.

— “Lari”... — Ela repetiu com desdém. — Você prefere acreditar naquela cabeça de fósforo? Nosso filho acabou de morrer! Como você ousa duvidar de mim de novo? Eu sou sua namorada!

— Ex, Carolina — ressaltei.

— A gente sempre volta — ela argumentou.

— A gente não vai voltar dessa vez — garanti.

— Por favor, Tito, não me diga que você gosta dela. Você não gosta dela, né? Não tem como, você me ama.

— Não mais, Carol. Acabou. Acabou de verdade, você precisa entender isso.

Ela soltou um soluço alto.

— Estou aqui, com a perna desse jeito, acabei de perder nosso filho por causa da sua amante e você me trata assim? Eu jamais esperaria isso de você. Você é uma pessoa boa, Tito.

— Isso não faz de mim um idiota. Espero, de verdade, que você seja feliz, Carol — “longe de mim”, pensei —, com alguém que te ame — “e que suporte”, continuei pensando — e te mereça — “ninguém merece, não te desejaria nem

pro meu pior inimigo" —, porque entre nós acabou. Deixe Larissa em paz, ela não tem nada a ver com isso. Nós terminamos antes de eu conhecê-la.

— Você a ama? — ela perguntou, com os olhos chispando.

Fiquei em dúvida do que responder. Se dissesse que sim, estaria alimentando seu ódio, mas, e se, ao dizer que não, alimentasse sua esperança?

— Ela não me ama — respondi, por fim. — Fica bem, Carol. — Beijei sua testa e me afastei para sair.

— Tito — ela chamou, quando eu já estava na porta.

— Que foi? — Virei o corpo para encará-la.

Detectei uma pontada de remorso em seus olhos azuis.

— Nada — ela disse.

Ergui uma sobrancelha indagativa, mas ela fechou os olhos em resposta. Então saí.

Foi assim que as coisas aconteceram. Não fiquei chateado com Larissa, mas, quando ela soube que Carolina tinha perdido o bebê, se sentiu tão culpada que me afastou. E assim tem sido há dois meses, apesar de ela não ter culpa nenhuma do ocorrido.

Tentei conversar com ela várias vezes, e meu esforço final foi me mudar para o prédio dela, na esperança de que a proximidade funcionasse melhor que minhas tentativas ridículas de aproximação na academia.

Não funcionou. Ela nem consegue me pedir desculpa, como costumava fazer insistentemente toda vez que me via. Tampouco consegue me chamar de Tito. Agora são 33 dias assim, em completo silêncio, exceto pelos "bom-dia" cordiais seguidos de um "Thomas" impessoal como vocativo.

Conversei com Piolho há um tempo, e ele mencionou um ex-namorado dela. Contou que o namoro a feriu, mas não quis entrar em detalhes. Só falou que o cara tinha um filho, que a mãe da criança se envolveu, e que o relacionamento foi ruim o bastante para traumatizar Larissa para sempre.

Entendi a reação dela quando descobriu sobre o bebê, mas fiquei puto com a história que Piolho não quis detalhar; tão puto que precisei me esforçar por dias a fio para não pensar nesse cara nem em outros possíveis ex-namorados de Larissa.

Carolina não deu mais as caras. Fui visitá-la duas vezes — só para não parecer um filho da puta insensível —, e ela estava bem. Está fazendo fisioterapia na casa dos pais. Na última visita, o fisioterapeuta chegou quando eu estava saindo de lá. Não me lembro do nome do sujeito, mas é um cara novo. Um pouco mais velho que eu, talvez.

Agora estou deitado na minha cama, morrendo de exaustão após um dia puxado no hospital. Não consigo dormir. Só consigo pensar em Larissa e no fato

de que ela devia estar aqui, comigo. Mas está ali, do outro lado, ouvindo *Guns N' Roses* baixinho.

Como faço todos os dias, começo a reviver as cenas desta manhã, quando fui engolfado por seu cheiro de baunilha no elevador.

Nossos encontros não são meras coincidências. Envolvem premeditação. Todas as manhãs, espero escutar suas chaves e só abro a porta do meu apartamento quando ela já está há alguns passos de distância, a caminho da porta metálica. Alcanço-a sempre antes de o elevador se fechar.

Sei que ela sabe que faço isso de propósito, sei que é patético, mas, desde que ela mudou de academia, esses são, basicamente, meus únicos instantes felizes do dia, então estou me fodendo para o quanto pareço ridículo ao forjar encontros tão obviamente não casuais.

Eu estava me lembrando do que ela estava vestindo naquela manhã quando, de repente, meu celular começou a tocar.

Estiquei a mão para pegá-lo, olhei o visor e vi que era Carolina. Deixei tocar enquanto pensava se atendia ou não.

Que motivo ela teria para me ligar assim, do nada? Ela tinha parado de me incomodar com ligações diárias há um bom tempo.

— Insisti para deixar você pensar se atendia ou não — ela disse quando finalmente atendi, vencido pela curiosidade.

— Foi uma batalha mental e tanto — assumi.

— Qualquer outro cara teria atendido grosseiramente. Sempre achei sua educação, mesmo com quem não a merece, tão admirável, Tito... E você ainda veio me visitar quando, claramente, não tinha motivo para isso. — Ela fez uma pausa, mas eu não disse nada para preencher o silêncio. — Enfim, estou te ligando porque Maurício me pediu em namoro.

— Quem? — perguntei, porque não conhecia nenhum Maurício.

— Meu fisioterapeuta, você o conheceu há algumas semanas.

— Ah, sim. E? Você quer a minha bênção? Está mais que concedida.

— Não, não é isso. Eu... Estou apaixonada por ele. É diferente, Tito. Estou fazendo terapia e finalmente entendi algumas coisas, sabe? Quero fazer tudo diferente dessa vez.

— Entendi.

Eu queria dizer que estava exausto e que nada daquilo me dizia respeito, que minha vida estava uma merda por causa dela e que ela e o tal Maurício podiam ir para a puta que pariu. Mas isso seria mal interpretado, então só esperei que ela voltasse a falar.

— Pensei em te dizer várias vezes o que vou dizer agora, Tito. Só não sabia como. Não que eu ache que você vá ficar ferido. Pelo contrário. Mas, mesmo

assim, dói em mim te dizer isso.

Ótimo. Ela ia revelar que ficaria noiva em breve. Ou que já estava grávida do cara, como se isso fosse me afetar de algum modo. Como se eu estivesse me fodendo para o que ela fazia da vida dela.

— Eu... O bebê... O bebê que eu perdi...

Agora eu fazia uma boa ideia do que ela ia dizer. E não conseguia acreditar que a confissão estava vindo quando já não me servia de nada.

— Não era meu — completei.

Ela não disse nada. Mas ouvi um soluço baixo seguido de um fungado.

— Foi só uma vez. Sei que minha palavra não vale muita coisa, mas juro que foi só uma vez. Foi sem camisinha, então, quando te contei que estava grávida, eu tinha plena certeza de que não era seu.

Fiquei em silêncio, alimentando meu ódio. Um pouco pela traição, não vou negar. Quem é que gosta de ser corno? Mas boa parte da minha ira se devia ao fato de ela estar me dizendo aquilo somente quando eu não podia consertar mais nada.

— Obrigado por arruinar minha vida com a sua infidelidade de merda, Carolina — falei, por fim.

— Eu sei que estraguei muita coisa, Tito. E sei que você gosta dela. Dava para notar, pelo seu olhar. Eu conheci Maurício graças ao meu acidente. De certa forma, devo o que estou vivendo agora a Larissa. Então, consegui o número dela com Piolho e já contei a verdade. Ela chorou e me pediu desculpas, como se fosse responsável pelo que aconteceu. Tenho plena ciência de que a culpa foi toda minha, e disse isso a ela. Você sabia que ela se ofereceu para pagar o meu tratamento? Meus pais não aceitaram, é claro. Papai disse que minha mesada pagaria tudo, e está cumprindo a palavra. Não que isso esteja me afetando, porque, de qualquer jeito, eu nem posso sair de casa para bater perna no shopping! — Ela deu uma risada. — Enfim, olha que loucura! Ela insistiu nos malditos pedidos de desculpa, como se já não os tivesse feito pessoalmente quando eu estava no hospital, e eu disse a ela que só "desculparia" se ela deixasse de besteira e fosse te procurar. Foi Piolho quem me colocou a par da situação de vocês, a propósito. Então, estou ligando para dizer que espero que você seja feliz e que vocês dois têm a minha bênção. — Ela riu de novo.

Eu queria dizer algo como "enfia a sua bênção no cu, filha da puta!", mas me contive. Desliguei depois de me despedir o mais polidamente possível, desejando um "tenha uma boa vida", e me levantei correndo.

Esmurraria a porta ao lado, se preciso, mas aqueles 33 dias não virariam 34. Nem fodendo.

Quando abri minha porta, Larissa estava de pé, andando pra lá e pra cá,

enrolando a barra da camisola azul com nervosismo. Devia estar pensando se batia ou não.

Ela se assustou com o movimento brusco e me encarou, arregalando os olhos e engolindo em seco.

— Eu... — começou. — Eu... Sinto muito. Eu...

— Shhhhhh... — Coloquei o indicador em seus lábios, mas ela afastou meu dedo, segurando minha mão.

— Eu te amo, Tito — sussurrou, e senti meu coração doer.

— Você não faz ideia do quanto eu queria ouvir isso — confessei, pegando-a no colo.

— Desculpa — ela pediu, chorando. — Por todo esse tempo, e por ter demorado tanto para dizer algo que eu sinto praticamente desde que te conheci — disse, entrelaçando as pernas na minha cintura e afagando meu cabelo.

— Te amo, Lari — falei, sentindo a garganta doer enquanto unia nossos lábios.

Levei-a para o meu apartamento e, irresponsavelmente, não fui para o hospital no dia seguinte.

50. Em time que está ganhando não se mexe

MAX

De uma hora para outra, a sua vida pode mudar drasticamente. E, aqui, o advérbio de modo é importante.

Drasticamente. Foi o quanto a minha vida mudou.

Toda a sua tranquilidade pode escapar dos seus dedos por causa de um contrato.

Era uma vez um contrato e o fim da sua paz.

Era uma vez um contrato e a declaração da Terceira Guerra Mundial dentro da sua própria casa.

Por que as pessoas fazem isso mesmo? Por que elas decidem alterar a porra do *status quo*? Por que elas não ficam exatamente como e onde estão? Por que ninguém respeita o caralho do ditado popular que intitula este capítulo?

Honestamente, eu não sei. Se essa porra de ditado existe, é por um bom motivo, caralho. Mas ninguém liga para ditados populares até que o leite esteja derramado, e, aí, não adianta chorar, porque até para isso temos um ditado — e um capítulo.

De fato, eu causei isso tudo. Estava vivendo meu inferno particular por ter sido burro o suficiente para tomar a iniciativa daquela merda. Então, mereço estar tomando no cu. Mas, se arrependimento matasse, eu estaria morto.

Há três meses, eu era o devasso que morava ao lado de uma gostosa. Eu tinha uma vizinha impossivelmente gostosa.

E o que eu tenho agora?

Tudo. Menos uma vizinha gostosa.

Agora, olha que porra, eu tenho um vizinho filho da puta que adora escutar *Queen* no mais alto volume quando só o que eu quero é foder minha noiva em paz sem precisar ouvir Freddie Mercury berrando “*oh mama mia, mama mia, mama mia, let me go*” no pé do caralho do meu ouvido.

Não tenho nada contra *Queen* ou Freddie Mercury. Na verdade, e embora eu seja zoado injustificadamente por isso, eu curto as músicas da banda.

Mas não quando eu estou transando, porra! Se não for pedir muito, não quero ouvir “*Galileo, Galileo*” quando estou prestes a gozar!

Além disso, a voz desafinada de Ícaro sempre engrossa o coro, e o que eu escuto é uma mistura escrota de Freddie Mercury e grunhidos bizarros, como se

meu novo vizinho estivesse sendo degolado. Ele se acha a reencarnação brasileira do cantor britânico, o que deixa o vozerio irritantemente insuportável.

Eu já devia estar vacinado em relação à aparente interferência obrigatória de *Queen* na minha vida quando foi a vez de *Bohemian Rhapsody*. Mas, apesar de ser o segundo episódio em que Ícaro ultrapassava o limite de decibéis da boa vizinhança, o som alarmantemente alto conseguiu me surpreender.

A primeira vez que ouvi *Queen* naquele volume aconteceu em pleno sábado de manhã, quando eu estava sozinho em casa, e foi com *Don't Stop Me Now*. É uma música que você pode até achar que não conhece, mas que com certeza já ouviu.

Olívia tinha saído com Suze para resolver coisas do casamento, e eu tentava, heroicamente, estudar Processo Penal no meu costumeiramente silencioso escritório enquanto aquele barulho atípico chafurdava em meus ouvidos.

Ou eu iria até lá, para requerer, polidamente, que ele abaixasse a porra do volume, ou perderia a manhã inteira, coisa que eu não podia me dar ao luxo de fazer. Então, tomei a única decisão possível. Fechei o livro, desliguei o iPad, onde estava lendo a Lei, e me dirigi à ex-casa da minha ex-vizinha gostosa e atual noiva.

Assim que Ícaro abriu a porta, arrependi-me de ter tomado aquela decisão, que, no conforto do meu lar, pareceu a mais sensata, mas que ali, na calçada, diante do jardim das rosas de vó Ercília, se revelou a ideia mais de merda que já tive.

Teria sido mil vezes melhor continuar estudando os colegiados de primeiro grau e as organizações criminosas na Lei n. 12.694/12 ao som ensurdecador de *Don't Stop Me Now* do que testemunhar o que vi.

Ícaro abriu a porta de cueca, coisa que, por si só, faria qualquer cara hétero se sentir incomodado. Mas é claro que, em se tratando de Ícaro, não era uma cueca normal.

Imagine a minha reação diante de uma tanga prateada e brilhosa...

"Que porra é essa, Ícaro?" saiu involuntariamente da minha boca em meio a uma risada.

— A-do-ro quando você fala isso — ele disse, mirando meu peito.

Eu não havia me tocado, mas tinha, levianamente, saído sem camisa, o que me impedia de reclamar da quase ausência completa de roupas dele.

Another One Bites The Dust começou a tocar lá dentro, e ele se aproximou. Balançou a coisa cheia de penas que serve para tirar poeira dos móveis que trazia na mão — a propósito, era rosa — e sussurrou:

— Tô fazendo faxina. Quer tirar a poeira do meu sótão? Deixo você entrar, mas só se for pela porta dos fundos. "Entra na minha casa, entra na minha vida..."

Mexe com minha estrutura..." — Ele começou a cantar, abrindo os braços de modo teatral.

Tive que rir dessa porra.

— Nossa... Que boca, que dentes, que sorriso... Meu Deus, como você é gato! — Ele mordeu o lábio.

— Eu sei. — Dei uma piscada para zoar com a cara dele. — Até te daria uma chance, Ícaro... Pena que você tem namorado — cutuquei.

Ele conseguira um emprego na escola de balé de Sofia e decidira ficar de vez na cidade desde que conheceria Artur.

Mas os dois não estavam, exatamente, namorando. Na visão do primo de Piolho, que era ilustrador e viera da Irlanda para voltar a morar no Brasil há pouco tempo, Ícaro era um cara engraçado e boa-pinta, mas pegajoso demais para que ele cogitasse engatar um romance. Segundo Piolho, os dois já trocaram uns beijos e, talvez, uns boquetes, mas, para todos os efeitos, eles eram só dois caras gays que tinham se tornado bons amigos, apesar de Ícaro dizer a todo mundo que tinha um namorado “deliciosamente ruivo”.

No entanto, mesmo se autodeclarando um sujeito “comprometido”, ele vivia dando em cima de todos os caras que conhecia.

Alguns domingos atrás, Olívia o convidou para ir ver o time jogar. Ele se sentou com ela e Suze nas arquibancadas e gritou “lindo, tesão, bonito e gostoso” para o time de futebol durante o jogo inteiro. No final da partida, Ícaro saiu cantando os caras todos, fazendo comentários bizarros sobre coxas e panturrilhas e veias saltadas. A partir de então, ele passou a ir todo domingo.

Há duas semanas, um dos caras anunciou que ia passar uma temporada no exterior, e Ícaro se ofereceu para integrar o time no lugar dele. Fizemos um teste, e ele passou.

O foda é que o cara manda bem pra caralho com uma bola nos pés — embora prefira bolas na boca —, e é claro que, quando o filho da puta consegue marcar um gol em mim nos treinamentos, grita um “chupa minha bola, seu lindo!”, o que me deixa puto, mas, ao mesmo tempo, me faz rir.

Não, eu não sou tão infantil quanto pareço. Depois de três meses precisando lidar com a presença de Ícaro em meu círculo social (ele está em todo lugar agora: do lado da minha casa, na academia, no futebol, na minha turma do pôquer, do xadrez e em todas as mesas de bar), acabei me acostumando à “aura *purpurínica*” que ele exala.

Olha que porra, estou até acostumado aos termos que ele usa.

É claro que ainda não consegui, por mais que eu tente, me esquecer de que ele foi o primeiro de Olívia. Mas consigo conviver com o cara sem sentir vontade de esmurrá-lo, o que é um grande avanço. Na verdade, preciso admitir que ele

costuma dizer umas coisas tão escrotas que é impossível não rir das merdas que ele fala na maioria das vezes. Ultimamente, tenho conseguido zoá-lo, até. “Estou caminhando progressivamente rumo ao que, um dia, será uma grande amizade; de preferência, colorida”, como ele gosta de se iludir.

— Eu sei que eu tenho namorado, Max, mas não sou cego, e Artur não é ciumento. — Ele retribuiu a piscada, inspecionando cada músculo do meu peito.

— Olívia é. Pra caralho — retruquei. — Agora, chega de conversa. Preciso que você abaixe essa porra, porque estou tentando estudar ali ao lado. — Indiquei minha casa.

— Estudar? Você não é modelo? — ele perguntou, fingindo espanto.

— Cara, melhora essas cantadas. É por isso que você ainda não pegou Artur — caçoei.

Ele riu.

— Ele é difícil. *Adoooooro* caras difíceis! — Ícaro revirou os olhos. — Mas vai rolar e, quando rolar, vou fazê-lo ver estrelas! Tenta não ficar com muito ciúme quando ouvir os barulhos do meu saco batendo na bunda dele lá da sua casa, tá, lindo?

Dei uma risada e fingi vomitar no passeio, só para sacanear.

— Mas, enquanto não pego minha magia ruiva, você bem que podia fazer umas aparições pelado naquela piscina... Ou naquele quarto *mara* da vidraça! O que você acha?

— Vou pensar no seu caso — brinquei.

— Não, sério! Faz isso, por favor! Tô tendo poluições noturnas desde que um passarinho verde me contou que seu pau é mítico. Minhas fontes dizem que é *A rola, A pica, O cacete, O...*

— Ícaro, para de falar merda — cortei. — Será que você poderia, por favor, abaixar a porra do som?

— A música tá te atrapalhando, gato? — ele perguntou, como se tivesse entendido o motivo da minha “visita” apenas naquele momento.

— Me atrapalhando? Claro que não! Eu vim aqui só pra te ver! — ironizei.

— Eu sabia! — Ele riu. — Tô brincando. Vou abaixar. Só porque quero te ver com aquela roupinha de juiz um dia. Vai ficar um espetáculo! Bons estudos, Meritíssimo! Paciência você deve ter, meu jovem Padawan! Que a força esteja com você!

O cara ainda gostava de *Star Wars*. Ficava mais difícil, a cada dia, manter minha antipatia pelo sujeito.

Dias depois disso, ele voltou a ouvir *Queen* no último volume uma terceira vez. *A Kind Of Magic*. Decidi não ir até lá e me limitei a pedir Olívia o número dele. Reclamei via *WhatsApp*. Ele se justificou: “estou esperando você aparecer

de novo sem camisa na minha porta para reclamar, Meritíssimo”. Eu respondi: “gostaria de lembrá-lo de que você é locatário da minha noiva, e que ficarei imensamente satisfeito em efetuar o pagamento do montante referente à multa de rescisão contratual prevista na cláusula décima do contrato de locação que eu mesmo redigi”. Ele desligou o som imediatamente, mas devolveu com um áudio: “esses termos jurídicos deixam meu pau tão duro!”, e eu me perguntei o que fiz para merecer um “Piolho versão gay” na minha vida.

Mas, graças a Deus, foi a última vez que Freddie Mercury e sua cópia vocal de araque perturbaram meu sossego.

Isso tudo só começou porque Piolho, Artur e Ícaro vieram, juntamente com Plínio, Suze, Tito e Larissa, jogar pôquer aqui em casa há cerca de dois meses, logo quando Tito começou a namorar.

Ao ver a casa cor-de-rosa ao lado, Ícaro ficou doido. Olívia já estava morando comigo há um tempo e ainda estava indecisa quanto ao que fazer com o imóvel.

Quando Tito decidiu se mudar, bem antes disso, ela ofereceu a casa a ele, com a condição de não pintá-la de outra cor. Ele recusou em meio a uma crise severa de riso.

Então, quando Ícaro começou a dar pulinhos animados no passeio, de frente às roseiras de vó Ercília, eu, estupidamente, comentei com Olívia que poderíamos alugá-la. A ideia era alugar para qualquer pessoa, menos para um cara que já tinha comido minha mulher. Mas, quando ela e Ícaro se entreolharam, eu soube que tinha aberto a porra da boca na hora errada.

Ela o comunicou de que deveria manter a fachada da mesma cor, imposição que nem era necessária, a julgar pela empolgação dele com a casa. Além disso, Ícaro deveria cuidar das roseiras, coisa que ele adorou, porque Olívia disse que eu poderia ensiná-lo.

Não preciso dizer que fiquei puto com isso, certo?

Mas acabei dando umas dicas ao cara, tudo pelo bem-estar do jardim que vó Ercília tanto amava. Também não preciso dizer que ele falou o tempo inteiro de fantasias sexuais com jardineiros, certo? Outro ponto que não preciso comentar é que ele encheu o saco falando coisas totalmente inapropriadas, como: “você ficaria absolutamente irresistível usando apenas um macacão jeans azul-índigo, todo detonado, segurando um regador amarelo e irrigando uma floreira de margaridinhas”.

Enfim, o único problema era que Ícaro já tinha os próprios móveis e voltaria brevemente à cidade natal para encaixotá-los e providenciar a mudança. Então, não sabíamos o que fazer com os móveis da casa. Como pertenciam a Olívia, ela sugeriu vendê-los para ajudar nas despesas com o bebê, o mesmo fim que ela queria destinar ao dinheiro da herança, que já tinha sido transferido para uma

conta em seu nome.

Não preciso dizer que fiquei insanamente puto com a sugestão, certo? Então, tivemos uma pequena discussão acerca de gastos e, depois de resolvermos nossas divergências com uma foda intensa e suada, decidimos que seria uma boa ideia doar todas as coisas de vó Ercília ao Lar das Cerejeiras, onde ela era voluntária. E foi o que fizemos.

Quanto ao dinheiro da herança, é claro que ela poderia despendê-lo como achasse melhor. Eu só não queria que ela o gastasse com fraldas e coisas do tipo. A quantia devia ser utilizada como todo quinhão: em algo duradouro, e que, de preferência, trouxesse algum retorno financeiro.

Ela disse que o deixaria intocado até que precisássemos dele para alguma questão futura relativa a, por exemplo, saúde. Eu argumentei que tinha investimentos e um bom dinheiro poupado para eventualidades do gênero, e que, obviamente, tudo o que eu tinha era nosso.

Olívia tinha sérias dificuldades em usar o pronome possessivo flexionado na primeira pessoa do plural. Ela sempre dizia “sua casa”, “seu dinheiro”, “seu carro”, a despeito de eu insistir, o tempo todo, que a casa, o dinheiro, o carro e tudo o mais era nosso: meu, dela e do nosso filho.

Então, ela me perguntou o que eu achava de ela comprar um carro. E eu cometi o erro de dizer que “você pode comprar o que quiser, minha linda, o dinheiro é seu”. “Arrá! Olha aí o seu telhado de vidro! O dinheiro é nosso, Max. Nosso.”, ela revidou. Aí, eu disse que, já que tudo o que tínhamos era nosso, devíamos comprar o carro juntos.

Demorou um século para que eu a convencesse, porque ela queria economizar e comprar um automóvel usado, e nem fodendo eu a deixaria dirigir por aí um carro que não fosse zero. Eu sabia que, eventualmente, o barato sairia caro, e precisava me certificar de que ela correria o menor risco possível de passar por situações inesperadas como, por exemplo, precisar de um guincho.

No dia seguinte, começamos a visitar concessionárias. Olívia ficou maravilhada com um Fiat 500 vermelho. Primeiro, ela sorriu largamente e seus olhos brilharam como duas esmeraldas enquanto ela escorregava, de forma desprezível, os dedos pela pintura brilhante do veículo. Em um segundo momento, contudo, ela parecia uma garotinha desfavorecida suspirando tristemente na frente de uma luxuosa vitrine ao observar um objeto reluzente que nunca seria seu. A despeito de todas as minhas tentativas de convencimento, ela não quis o carro, por considerá-lo um “excesso indesculpável”.

Admirei seu bom-senso em relação a finanças, mas, para ver aquele sorriso e o brilho daqueles olhos uma vez mais, eu pagaria o preço que fosse.

Fingi que concordava com ela, e falei que era melhor continuarmos as visitas

no dia seguinte.

Só que, no dia seguinte, eu estava ocupado demais. E o mesmo aconteceu no dia depois desse, e no próximo, e em todos os outros, porque eu tinha um plano, que seria executado dali a uns dias.

Quanto ao emprego, Olívia tinha feito duas entrevistas assim que voltamos da casa de praia, e tinha conseguido uma vaga. Ela queria, de todo jeito, trabalhar. Eu não concordava com essa porra e, antes que você pense que eu sou um filho da puta machista que acha que lugar de mulher é em casa, já digo que não é o caso.

Eu só não queria que ela corresse riscos desnecessários. Tínhamos consultado um obstetra no dia em que chegamos, e estávamos muito bem informados de que o primeiro trimestre de gestação era decisivo. Além disso, eu tinha pesquisado uma porrada de coisas na Internet e estava ligeiramente assustado com a possibilidade de um aborto espontâneo.

Queria que ela ficasse quietinha em casa durante toda a gravidez, se possível. Mas tomei no cu, porque ela bateu o pé e veio com aquela ladainha de que não nasceu para ser sustentada por macho, reação que, diante das circunstâncias, me deixou puto.

Ela trabalharia como secretária em um consultório odontológico e passaria a maior parte do tempo sentada, quietinha, como argumentou.

O problema era que eu não a queria longe de mim, do outro lado da cidade, porque, e se dali a nove meses meu filho nascesse e ninguém me avisasse a tempo e eu perdesse o parto? Ou, e se acontecesse alguma coisa muito antes do nascimento, como um sangramento anormal e, por falta de atendimento rápido, ela perdesse o bebê?

Eu não podia suportar essas possibilidades de merda. Então, é claro que precisei mexer uns pauzinhos.

Minha secretária no escritório é Dona Magda, que foi secretária do meu pai por muitos anos. Infelizmente, eu não podia dispensá-la, nem realocá-la. Ela me trata como a um filho, apesar de todo o profissionalismo e eficiência.

Mas, providencialmente, Laerte, que trocava de secretária como quem troca de gravata, tinha acabado de dispensar a dele. No entanto, eu não seria louco de colocar Olívia como secretária daquele filho da puta comedor de secretárias.

Confio em Olívia? Confio.

Confio no meu taco? Idem.

Quero o desgraçado do Laerte manjando a bunda dela toda vez que ela sair da sala dele? Nem fodendo.

Como isso estava fora de cogitação, conversei com Marlene, uma das sócias, e consegui que ela transferisse sua secretária para Laerte, liberando uma vaga para

Olívia.

Deu um trabalho da porra convencê-la a trabalhar lá. Obviamente, não contei a ela todo esse arranjo, e, mesmo assim, ela se recusou veementemente, dizendo que seria a mesma coisa que trabalhar de mentirinha, já que, em tese, eu seria seu patrão.

Isso levou a uma nova discussão, que, obviamente, terminou em sexo porque, puta que pariu, ela fica ainda mais gostosa quanto está puta, e eu já disse isso mil vezes, mas nunca é demais repetir, porque, puta merda, como essas brigas me deixam duro!

No fim, depois de gozar, ela acabou aceitando, deixando claro que seria apenas até o bebê nascer, só para eu poder ficar tranquilo, porque, depois disso, ela caminhará com as próprias pernas.

Concordei de imediato, porque não sou idiota. Mas isso era assunto para ser tratado dali a vários meses.

Por enquanto, estava tudo certo. Estávamos morando juntos e indo e voltando juntos para o trabalho. Eu estava vivendo uma vida perfeita. Saber que Olívia e nosso filho estavam ali, a apenas algumas salas de distância, me deixava profundamente aliviado e, assim, eu conseguia trabalhar sem ficar me perguntando se os dois estavam bem a cada segundo do dia. Quando precisava sair para ir ao Fórum ou para resolver alguma burocracia do escritório, continuava sossegado, porque sabia que, ao menor sinal de problema, ela seria devidamente socorrida, e eu seria imediatamente avisado.

Eu não via a hora de o bebê nascer. Estaríamos casados e felizes, e a vida seria ainda mais perfeita.

O anúncio do meu casamento repercutiu como o esperado. A reação das pessoas era sempre a mesma: depois da expressão de absoluta incredulidade vinha uma gargalhada seguida do usual comentário “essa foi boa!”.

Acho que a maioria delas só acreditou de verdade quando começamos a enviar os convites.

Pode parecer pouco crível para quem nunca amou uma pessoa como eu amo Olívia, mas os últimos meses têm sido os melhores da minha vida. Nunca pensei que fosse me sentir tão *filhadaputamente* feliz ao comprar um par de alianças. E nunca me imaginei olhando para elas clandestinamente e sentindo o estômago ficar frio de tanta ansiedade ao fantasiar, mil vezes, com o momento de circundar o anelar esquerdo de Olívia com o aro dourado.

Outra coisa que me fez alcançar o topo na escala da felicidade foi comprar o caralho de uma cadeirinha de bebê, na semana passada. Compramos amarela, porque ainda não sabemos o sexo, e eu estava ansioso demais para esperar.

Decidimos marcar o ultrassom decisivo para o dia do meu aniversário, que é

amanhã, dia 16 de setembro, sete dias antes do nosso casamento.

Eu já mencionei que vou me casar em uma semana?

EU VOU ME CASAR EM UMA SEMANA, PORRA!

E é por isso que Plínio, Tito, Piolho, Ícaro, Artur e eu saímos para tomar uma hoje.

Era sexta-feira, a noite estava particularmente quente e abafada e o bar estava cheio. E, antes que você pergunte, não, isso não é uma despedida de solteiro, porque, obviamente, eu não vou ter uma.

O caralho que eu não vou! É claro que vou, e a saída, além de envolver o óbvio fim de tomar chopes e comer aperitivos, tinha como motivo central a tentativa de organizar a porra toda.

— Mano, vai ser foda pra *carai*. *Strippers* boazudas, aquelas minas que dançam naqueles postes, saca? E, além das luzes de boate, podia ter umas espumas, meu. Umas gatas ensaboadas, bem molhadinhas... Mano de Deus, quero gostosas escorregadias dançando no meu colo, quero gatas molhadas chupando meu cacete e tudo o mais, tá ligado? — Piolho bradou, os olhos arregalados de entusiasmo.

— Credo! Que horror! De-tes-tei! — Ícaro exclamou.

Plínio e Tito gargalharam.

— Piolho, em que Terra você acha que Liv vai permitir isso? — Tito perguntou.

— Que mané permitir, mano! Quem manda nessa porra aqui sou eu. Eu que tô organizando esse *carai*. Vai ser uma surubada violenta! Cês deixem de ser frouxas, quengas, que em despedida de solteiro pode tudo, mano! E ela nem vai saber que vai ter teta pra todo lado!

— Vai ter é treta pra todo lado. — Plínio riu, e a mesa acompanhou.

— Só não vai ser em Vegas, tá ligado? Mas vai ser uma parada no estilo "Se beber, não case", meu! A gente vai beber tanto, mano, que na manhã seguinte nem vai lembrar de nada! — Piolho gargalhou.

— Agora eu a-do-rei! — Ícaro declarou. — Que delícia! Cu de bêbado não tem dono! — cantarolou.

Nós todos rimos, menos Artur.

— Tá muito saído, hein, Ícaro — ele comentou.

— Ai, bofinho, eu tô brincando! — Ele deslocou as íris para esquerda e fez uma expressão maliciosa. — Ou não — completou, gargalhando histericamente.

— Eu nem sei o que eu tô fazendo nessa reunião sem sentido, sinceramente — Artur disse. — Eu devia estar com Lari e as meninas no shopping, falando dos *gogo boys* vestidos de bombeiros, pilotos, caubóis e policiais que elas vão contratar para a despedida de Olívia. Vai ser uma coisa no estilo *Magic Mike*.

Filmaço, aliás. — Ele deu uma risada.

— *Gogo boys?* — perguntei, alarmado.

Eu não saberia dizer se ele estava falando sério, mas já tirei logo o celular do bolso, a fim de passar aquela porra a limpo.

— Nossa Senhora, eu vi fotos de alguns bofes no catálogo. Todos assim, do seu naipe, Max. — Artur começou a se abanar.

Ele só podia estar me zoando!

— Como assim “do naipe dele”, Artur? — Ícaro perguntou, indignado.

— Assim, ué, gostosos e sarados pra um senhor caralho. — Ele deu de ombros como se estivesse dizendo o óbvio.

— Tá muito saído, hein, Artur? — Ícaro estreitou os olhos na direção do irmão de Larissa.

— Puta que me pariu, mano! Até os caras brigam por causa de Putão! — Piolho gargalhou. — A quenga tá fora do mercado, *carai!* E a mulher do papai é perigosa, meu... Tipo a Gata Negra, saca? Em outros tempos, até que ele toparia comer o cu seus, mas o cara tá noivo agora, tá ligado? Ele virou um cordeirinho da mamãe.

— Muito engraçado, Piolho — ironizei, enquanto me levantava para fazer a ligação.

— Mano, vê se não demora no telefone, quenga! A gente ainda tem que decidir uma porrada de coisas da orgia! Por exemplo, eu acho que tem que ter umas mulatas gostosas, meu. daquelas deusas lindas de cabelão armado, bundona e bocão carnudo. E umas asiáticas de tetas gigantes e bocetinha pequena, pra fechar com chave de ouro. A gente tem que ver na agência se... — A voz de Piolho foi sumindo à medida que eu alcançava a saída do bar.

— Que porra é essa, Olívia? — trovejei, assim que ela disse “oi, meu lindo!”.

— Do que você tá falando, lindo? — ela indagou, usando *aquela* voz. A que me deixava aceso.

— Para de conversar assim, porra — pedi. — Estou ligando para informar que, infelizmente, você não poderá ter uma despedida de solteira, senhorita Olívia.

Ela gargalhou.

— Ai, meu Deus, por sua culpa, todo mundo aqui da praça de alimentação olhou pra mim, cretino! Posso saber por que não?

— Porque você não pode submeter nosso filho indefeso a certos tipos de evento — argumentei.

Ela gargalhou de novo.

— Tenho certeza de que a *nossa filha* — enfatizou — vai adorar as surpresinhas da última noite de solteira da mamãe! — exclamou, animada.

— Acho que você devia participar *da minha* despedida de solteiro, prima. Porque *nosso filho* — ressaltei — vai gostar pra caralho das atrações criteriosamente escolhidas para a última noite de solteiro do pai devasso dele.

— Atrações? Sua despedida vai ser onde? Num circo? — Ela deu uma risada, tentando mascarar a irritação.

— Exato. Nossas barracas estarão armadas para as belas assistentes de palco que vão rebolar no nosso picadeiro, se é que você me entende, senhorita Olívia — pirraça.

— Ótimo. Se o circo de vocês pegar fogo, é só ligar. Enviaremos um dos nossos bombeiros gostosos para apagar o incêndio. Passar bem, Vetter — ela disse e desligou na minha cara.

— Porra! — praguejei, preparando-me para ligar de novo.

Aquilo não ia acontecer. De jeito nenhum ela passaria uma noite toda vendo filhos da puta tirarem a roupa. Nem a noite toda nem a porra de um segundo.

— Max, você não vai ter uma despedida de solteiro com *strippers* dançando no seu colo! Nem por cima do caralho do meu cadáver, cretino! — ela gritou assim que atendeu.

— E nem fodendo vai ter *gogo boys* se exibindo na sua, porra! — devolvi.

E foi mais ou menos por isso que decidimos, ao longo do restante da conversa, que seria melhor fazermos uma despedida de solteiro conjunta.

Quando voltei para a mesa e anunciei o combinado, o mundo pornográfico de Piolho caiu.

— *Cê* é louco, mano? Trazer as patroas pra festa? *Cês* três vão deixar elas tirarem a roupa? Porque só se for assim, meu. E, nesse caso, puta que pariu, tá mais que apoiado! Uma loira, uma ruiva e uma morena! Três deusas! Assim minha anaconda explode, mano! É gozo pra tudo que é lado!

“Pau no seu cu, filho da puta!”, exclamei, ao mesmo tempo em que Plínio ameaçou com um “quer morrer, desgraçado?” e Tito disse “repete que eu te mato, filho da mãe!”.

Desde que começara a namorar Larissa, Tito estava ridiculamente meloso e possessivo. O cara nunca tinha sido ciumento com Carolina, mas estava quase se transformando na versão masculina da ex-namorada (sem a parte doentia) em relação a ciúme.

— *Cês* são um bando de paus-mandados, é isso que *cês* são, meu! — Piolho exclamou. — Plínio já é camisolão há anos. Tito não me surpreende, mas você, Putão... Que decepção, mano! Deixando mulher te botar cabresto, meu! Pois a minha despedida de solteiro vai ser épica! Os convidados vão se sentir em Vegas, porque o cenário vai ser o de um cassino fodão, *carai*. Vou arranjar uns charutões de mentira pra galera fingir que tá fumando enquanto joga um

poquerzinho. E vou ganhar todas as mãos com meus *nuts*! E com duas gostosas sentadas no meu colo, uma em cada perna. E uma terceira debaixo da mesa, chupando meu cacetão, saca? Porque sou foda nesse nível. Cada jogador vai ter três gatas de *responso*. Quero ver os mortais conseguirem blefar direito levando uma mamada *profissa*! Nem vou convidar vocês, porque *cês* não valem a pena, seus *pau-molão*!

— Ó o cara, aí... — Tito zombou. — Sonha bastante com essa porra, Piolho, porque você vai acabar de quatro por uma mulher, e isso aí nunca vai se concretizar, sua quenga! — Ele gargalhou.

— Principalmente a parte dos *nuts* — alfinetei. — Iria *foldar* correndo nos meus *check-raises* — falei, rindo.

— Uma coisa que eu pagaria para ver — Plínio comentou — é Piolho apaixonado.

— Idem — Artur concordou. — Seria hilário.

— Quem ia querer essa porra? — Tito zoou.

— As minas piram, meu. Minhas alunas babam nesse *shape* e nesse cabelão aqui, e agora que elas descobriram que eu tô na banda, tá chovendo ainda mais bocetinhas apertadas na horta do Piolhão, saca?

A *Mpire* está ficando conhecida nos arredores. Eles estão tocando bastante, inclusive em outras cidades, e, desde que as aulas voltaram, a banda está se apresentando apenas nos fins de semana, em vez de praticamente todos os dias, como na época das férias.

Piolho está relutante em abandonar a carreira razoavelmente estável de professor para se agarrar de vez a uma probabilidade de sucesso musical, e, por isso, ainda não sabe o que fazer para conciliar os shows e o emprego na escola.

— Do que adianta, se você não pega as alunas, porra? — Plínio argumentou. — Ou tá pegando agora?

Eu conheço Piolho há bastante tempo. Conheço o cara desde que me entendo por gente.

Não consigo identificar quando ele está com uma mão de merda no pôquer porque o desgraçado tem uma puta habilidade para mascarar reações involuntárias. Mas, no dia-a-dia, quando ele precisa blefar de supetão, sempre sei quando ele está mentindo, porque ele geralmente se mexe de um modo bastante específico. Então, identifiquei com facilidade que era mentira quando ele se ajeitou na cadeira e respondeu, aparentemente alarmado:

— Tá louco, mano? Claro que não!

Assim como eu tinha uma regra — a de não comer a mesma mulher mais de uma vez —, Piolho tinha a dele: nunca, em hipótese alguma, comer uma aluna. E o desgraçado tinha quebrado a porra da regra. Eu apostaria meu ovo esquerdo

nisso.

Regras existem por um motivo: manter o fluxo das coisas, preservar o *status quo*, não mexer em time que está ganhando.

Ao romper o estado atual das coisas, você pode arruinar o jogo, pode realmente foder com a partida e, talvez, com o campeonato; pode, por exemplo, perder uma vizinha gostosa e acabar com um intérprete fajuto de Freddie Mercury morando na casa ao lado.

No entanto, às vezes você pode mexer no time todo, mudar a escalação inteira, encontrar uma estratégia ainda melhor que a anterior e levar o troféu para casa; pode, por exemplo, abrir mão de uma pseudofelicidade baseada em uma regra estúpida para encontrar a felicidade verdadeira ao lado da mulher que ama.

Eu esperava, para o bem dele, que a quebra da regra de Piolho se encaixasse na segunda hipótese.

— Acho que, se ele pega uma aluna, acaba se apaixonando! — Artur riu.

— Chega dessa porra de papo, meu — Piolho falou, levemente irritado. — Isso nunca vai acontecer, tá ligado? — garantiu. — Porque prefiro a morte a virar isso aí que cês viraram. — Ele se referiu a Plínio, Tito e eu. — E vocês dois — indicou Ícaro e o primo com a cabeça, balançando a cabeleira sinistra — vão acabar caindo nesse mesmo precipício patético, mano.

— Aposto que seu cabelo seria maior que o da sua namoradinha do colegial, Lucas! — Artur caiu na risada.

— Isso é óbvio, cara. Nem Rapunzel ganharia dessa merda — falei.

— Puta, deixa de inveja do meu cabelão. E que gay *cê* citando Disney, *vêi*. — Piolho gargalhou. — Sem ofensa, *parças* — ele disse, reportando-se a Ícaro e Artur, que deram de ombros.

— Pode culpar Sofia por todo o meu conhecimento Disney. — Fiz minha defesa.

— Falando em criança, é amanhã, né, quenga? — Piolho perguntou. — Amanhã *cê* descobre que é fornecedor, Putão! — Ele deu uma risada.

— É um menino, porra — falei, embora, internamente, eu não estivesse tão certo disso.

Na verdade, meu estômago gelava só de pensar no resultado.

— Mano, eu vou esperar na porta pra filmar sua cara de cu quando *cê* sair da clínica! E, depois, *cê* sabe, né? Vou colocar no *YouTube*! — Ele gargalhou. — E você, Plinião? Vai fornecer de novo?

— Dessa vez, espero que seja menino, porque três mulheres em casa vai ser coisa de louco no futuro! — Plínio exclamou.

Sim, os filhos da puta invejosos fizeram mesmo um bebê. Existem pessoas que não podem ver nada. Plínio e Suze são esse tipo de casal meia-boca que ama

imitar casais perfeitos, como *Olimax*.

Patético.

Tá, porra, eu confesso que estava feliz pra caralho por passar pela experiência inédita de ser pai ao mesmo tempo em que Plínio desfrutava da dádiva pela segunda vez.

Souf estava no paraíso com a ideia de ter um irmãozinho e um priminho. Não parava de falar na tal lista de nomes e estava louca para que as “sementinhas saíssem em forma de bebezinhos fofos que nem bonequinhos”. Outra coisa que a estava matando de ansiedade era o dia do meu casamento, porque ela seria a noivinha e, como Olívia e eu não conhecíamos um garotinho para ser o novinho, Susanne teve a ideia de convidar Matheus. Só Plínio ainda não estava ciente do arranjo de minha irmã, e eu mal podia esperar para ver a cara dele quando descobrisse.

Os dois seriam noivinhos invertidos, já que o menino tem o cabelo tão escuro quanto o de Olívia e Souf é tão loira quanto eu. Duda, a amiga de Sofia, seria a florista, e Matheus e Souf, além de noivinhos, também estavam responsáveis por levar as alianças, que, desde que eu tinha comprado, não saíam do meu bolso.

Já tínhamos feito um ensaio com o cerimonial e a organizadora do casamento — não sei por que tínhamos uma, já que Suze cumpria muito bem o papel —, e fora um desastre. Sofia e Matheus brigaram o tempo todo, e ela se recusou a colocar o braço no dele.

Olívia ficou preocupada, com medo de isso acabar em tragédia no grande dia, mas Souf garantiu que faria tudo direitinho, e que era só “o chato do Matheus” não pisar no pé dela, como tinha feito na corrida de sacos, durante a colônia de férias.

No final da última rodada de chope, ficou decidido que a despedida de solteiro seria na sexta-feira seguinte, já que eu me casaria no sábado. Só faltava estabelecer como seria.

Quando saímos do bar, chamei seu Francismar — que já era íntimo da família, porque ele e Lili estavam juntos — e fui buscar Olívia no shopping. Tinha ido para o bar de táxi porque ia beber e, apesar de sempre beber pouco, a mera possibilidade de colocar minha família em risco me assustava pra caralho.

Naquela noite, Olívia e eu não conseguimos conversar sobre a despedida nem sobre o casamento nem sobre nada.

Só o que ocupava nossas cabeças era o ultrassom marcado para a manhã seguinte, e a única coisa capaz de apagar tudo da nossa mente, a ponto de nos livrar por completo da ansiedade por alguns minutos, era sexo.

Transamos quase que em absoluto silêncio, ocupando nossas bocas com beijos apaixonados e urgentes.

Mais tarde, quando apaguei a luz e fechei definitivamente os olhos, eu sabia que não conseguiria dormir direito.

O que eu não sabia era que acordaria no final da madrugada com o cu na mão.

51. Onde há fumaça, há fogo

PIOLHO (no “modo Lucas”)

Eu estava no palco, cantando *Let's Spend The Night Together*, de *The Rolling Stones*, quando a vi dançando. Desacompanhada. No meio da pista.

Minha primeira reação foi de completo aturdimento. Por um segundo, meu cérebro deu um nó, e eu me perguntei se no início daquela tarde eu tinha mesmo pegado a estrada com a banda.

No segundo seguinte, eu tinha plena certeza de que não estava em uma realidade paralela nem tinha enlouquecido. Estávamos mesmo tocando em outra cidade, a mais de 150 km de distância da nossa.

Mas o que ela estava fazendo ali?

Que coincidência do *carai* era aquela, meu?

Poderia ser alguém parecida, claro.

Mas não era. Eu sabia que não. Aquelas feições jamais poderiam pertencer a outra pessoa. Dificilmente, alguém seria remotamente parecida com ela. Que outra pessoa teria aquele cabelo loiro e cheio de compridas mechas pretas na parte de baixo? Era inusitado demais para me fazer pensar em uma sócia.

Poderia ser uma irmã gêmea. Nunca se sabe...

Não era. Eu sabia disso porque seus olhos verde-azulados estavam pousados nos meus, e ela sorria para mim exatamente como costumava sorrir na sala de aula; daquele jeito perigosamente sedutor que fazia meu pau pulsar.

O batom vermelho que ela usava combinava com o tom do desenho estampado no centro do vestido preto: o símbolo da banda *The Rolling Stones*, bastante propício para a ocasião.

Uma das mangas curtas do vestido estava caída, deixando a clavícula e o ombro esquerdo à mostra. O tecido descia apenas até o início das coxas em evidência, cobertas por uma meia-calça escura e razoavelmente transparente. Ela usava salto alto e muitos acessórios, e se mexia, sorrindo maliciosamente e olhando fundo em meus olhos, enquanto as palavras mais inapropriadas possíveis saíam, obrigatoriamente, da minha boca:

Let's spend the night together
(Vamos passar a noite juntos)
Now I need you more than ever

(Agora eu preciso de você mais do que nunca)
Let's spend the night together now
(Vamos passar a noite juntos agora)

Daquela distância, eu podia vê-la movendo os lábios tentadores, cantando junto comigo:

You know I'm smiling, baby
(Você sabe que eu estou sorrindo, baby)
You need some guiding, baby
(Você precisa de alguém para te orientar, baby)
I'm just deciding, baby, now
(Eu estou apenas me decidindo, baby, agora)
I need you more than ever
(Eu preciso de você mais do que nunca)
Let's spend the night together
(Vamos passar a noite juntos)
Let's spend the night together now
(Vamos passar a noite juntos agora)

A música, o jeito que ela mexia o quadril, rebolando enquanto bagunçava o próprio cabelo, o sorriso vermelho transbordando malícia e o olhar magnetizante estavam me deixando louco.

Era como se estivéssemos ali sozinhos, e todas aquelas pessoas fossem fumaça.

Mas quem virou fumaça foi ela, que, em um segundo, estava ali, fazendo meu pau crescer até empurrar o zíper da minha calça e, no segundo seguinte, não estava mais. O lugar em que ela estivera estava vazio, apenas um espaço vago no meio da pista.

Passei o restante do show procurando-a entre as pessoas e não consegui encontrá-la.

Mais tarde naquela madrugada, deitado na cama do hotel, eu tentava me acostumar à ideia de que tinha mesmo enlouquecido. Tinha imaginado a porra toda.

E isso tinha acontecido por causa dos acontecimentos da última sexta-feira, com certeza.

Eu tinha ido trabalhar de carro, porque estava chovendo quando acordei. Tinha sido feriado na segunda-feira, e houve recesso na terça. Por isso, aquela era minha primeira aula naquela turma de terceiro ano naquela semana.

— Bom dia, turma. Como foi o feriado? — perguntei, assim que entrei na sala.

— Muito triste — ela respondeu enquanto eu colocava minhas coisas sobre a mesa.

Já estávamos em setembro, as férias tinham acabado há cerca de dois meses. Mas, mesmo assim, eu ainda não tinha me acostumado àquela voz. Reconhecia sempre de imediato, e não conseguia evitar uma sensação estranha quando a ouvia falar. Era tomado, todas as vezes, por uma espécie de surpresa, como se fosse a primeira vez que escutava.

Levantei a cabeça e olhei para os alunos, apesar de meus olhos estacionarem na última carteira da fileira do meio, onde ela sempre se sentava, desde o último dia de aula antes das férias de julho, quando ela havia chegado atrasada, usando aquela roupa de colegial quase pornográfica.

— Sentimos saudades do senhor, professor — completou. — Quero dizer, das suas aulas — corrigiu-se, levando a ponta do lápis vermelho ao lábio inferior e abrindo um sorriso cheio de malícia para mim, como sempre fazia.

Então aconteceu o que acontecia comigo quando aquela putinha me olhava e sorria daquele jeito indecente: fiquei momentaneamente fora do ar, com os olhos nos dela, sem conseguir romper o contato visual. Podia sentir meu cacete crescendo e, que bosta, mano, eu tinha esquecido o *carai* do jaleco no carro, o que significava que precisaria me controlar, mais do que nunca. Mais do que todas as outras vezes.

— Fico muito lisonjeado... — Usei uma entonação que indicava que eu havia me esquecido, de novo, do nome dela, embora soubesse perfeitamente qual era. — Desculpa, sou péssimo com nomes — menti.

— Maria Luísa, mas prefiro Malu — respondeu, como sempre, visivelmente desapontada com o meu “esquecimento”.

— Fico muito lisonjeado, Maria Luísa — falei.

Ela alargou o sorriso provocante. Minha recusa em chamá-la pelo apelido parecia agradá-la mais do que ela ficaria satisfeita se eu usasse apenas "Malu". E eu poderia parar de usar seu nome de batismo, só para contrariá-la. Mas chamá-la de “Malu” me parecia íntimo demais, e eu simplesmente não podia ultrapassar essa linha, principalmente pelo medo de me perder e não conseguir retornar.

A novata — que já não era tão novata assim — se comportou do modo usual naquela manhã: observando-me o tempo inteiro, tirando o lápis vermelho do canto direito do lábio apenas para fazer algumas rápidas anotações à medida que eu ia explicando a matéria.

Era sempre assim. Ela flertava, e eu tentava não flertar de volta, mas estava ciente de que, provavelmente, minhas pretensas reações de indiferença não

surtiam o efeito desejado. Talvez, ela soubesse exatamente o quanto me afetava.

Ultimamente, eu nem conseguia prestar atenção às tentativas de flerte das outras alunas. Maria Luísa e seu lápis vermelho tinham dominado todas as minhas atenções e, lamentavelmente, eu tinha ciência do quanto isso era perigoso, mas não conseguia evitar.

Naqueles dois meses, ela já tinha tentado se aproximar depois das aulas e nos corredores do colégio, entre os intervalos, várias vezes. Mas eu estava sempre fugindo dela como o diabo foge da cruz. Era uma atitude covarde, eu sabia. Mas prudente. E é melhor prevenir que remediar, porque um homem prevenido vale por dois.

No final do horário daquela sexta, saí apressado da sala, porque teríamos uma reunião de professores com a direção do colégio imediatamente após as aulas do turno matutino.

Quando o blá-blá-blá pedagógico terminou, estava chovendo pra *carai*. Saí do pátio direto para o estacionamento coberto, entrei no carro e, um minuto depois, estava atravessando o portão dos fundos da escola.

O carro mal apontou e, ao olhar para os dois lados, eu a avistei debaixo de uma marquise, segurando um livro aberto diante dos olhos com uma mão e equilibrando um cigarro entre os dois dedos da outra.

Putaquepariu! A mina fumava, meu!

E o que ela *tava* fazendo ali, mano? As aulas tinham acabado há *mó* tempo!

— Preciso de uma carona! — ela gritou, assim que viu o carro.

Antes que eu conseguisse dizer que não ia, nem fodendo, dar o *carai* da carona, Maria Luísa deu uma última tragada, jogou a guimba no chão, pisou em cima, resgatou a mochila do passeio e saiu correndo, tentando proteger o livro da chuva. Então, alcançou a porta do passageiro e tentou abri-la.

Eu não sabia o que fazer. Estava completamente sem reação, ainda chocado demais com o fato de que ela fumava, sem conseguir pensar em qualquer outra coisa.

Enquanto ela ficava ali, forçando a porta, implorando com um olhar, eu via seu cabelo loiro e preto ficar cada vez mais molhado.

Ao vê-la ficando ensopada, destravei a porta no impulso. Ela entrou, jogando-se no assento, atirando a mochila no chão do carro e verificando o estrago no livro.

Comecei a dirigir, para me afastar o mais rapidamente da escola, antes que algum professor me visse dando carona a uma aluna. Não que fosse proibido, mas, com certeza, não era a coisa mais adequada do mundo.

— Por que você não abriu antes? — ela perguntou, assim que arranquei, ajeitando as páginas úmidas do livro no colo.

Graças a Deus, ela estava de calça jeans. Era colada, e deixava as coxas bastante destacadas, mas, pelo menos, ela não estava usando minissaia ou short.

— O seu pai sabe que você fuma? — devolvi, sem conseguir evitar o tom rude, mas evitando olhar diretamente para ela, porque só a visão daquelas coxas já tinha me deixado meio aceso.

— Provavelmente, não. Está ocupado demais do outro lado do mundo para saber — respondeu, sem se importar em mascarar a mágoa que transbordava em sua voz.

Então ela era uma filhinha de papai do tipo rebelde...

Eu, mais que ninguém, entendia essa coisa de ter pais ausentes. Passei a infância inteira e o início da adolescência sozinho, em uma casa com mais portas, lustres e empregados do que poderia contar, tendo duas irmãs tão negligenciadas quanto eu como únicas companhias. Mas, em minha crise de rebeldia, nunca atentei contra a minha própria saúde enchendo meus pulmões de nicotina.

Uma das razões para eu nunca ter colocado um cigarro na boca foi o único objetivo que eu tinha quando criança: não ser nada parecido com meu pai quando eu crescesse. E ele, além de todos os outros defeitos, era viciado em cigarros e charutos; quanto mais caros, melhor. Eu me lembro do cheiro dele, aquele cheiro rançoso de perfume importado misturado a fumaça.

Mas, enquanto meus pulmões permanecem ilesos, meu fígado sofre. Já bebi até cair; nas farras, às vezes exagero no uísque, e as pessoas costumam achar que eu fumo até maconha, mas a verdade é que eu gosto de tomar uma com os *parças*, mas nunca usei drogas ilícitas e detesto cigarro.

— Você não devia fumar, Maria Luísa — repreendi, embora soubesse que, aos olhos dela, estava soando como um cara ridiculamente careta.

— Te incomoda? — ela perguntou.

— Bastante — respondi com sinceridade. — Principalmente porque você tem só dezessete anos.

— Vou fazer dezoito dia 17 de setembro, no próximo domingo — ela disse, como se isso justificasse, retirando uma embalagem de Tic-Tac do bolso frontal da mochila aos seus pés.

Tentei ignorar a informação, porque aquilo não alterava nada. Então, em vez de me prender ao fato de que ela completaria dezoito anos em dois dias, obriguei meu cérebro a apenas estabelecer a associação de que ela fazia aniversário um dia depois de Max.

— Tanto faz. É um vício reprovável em qualquer idade — falei, enquanto ela jogava várias pastilhas na boca.

— Quer? — ela ofereceu, e eu recusei. — Você está enchendo meu saco só

porque é meu professor. — Ela deu uma risada, voltando a guardar a caixinha transparente cheia de balas.

— Sou seu professor no colégio. E não estamos no colégio, estamos? — respondi, e me arrependi no ato, porque isso não soou como deveria.

Não olhei, mas podia apostar que ela estava sorrindo maliciosamente.

— Que livro é esse? — perguntei, a fim de disfarçar a merda que havia dito anteriormente.

Cometi o erro de encarar seu rosto e confirmei. Ela sorria de modo altamente provocativo.

— Abdias — respondeu, transbordando malícia.

Ao contrário do que possa parecer, eu gosto de ler. Sempre gostei de Literatura, motivo pelo qual decidi fazer Letras concomitantemente ao curso de Administração, que meu pai me obrigou a fazer (na época, eu ainda permitia que ele governasse minha vida).

Obviamente, já li obras de Cyro dos Anjos, como “O Amanuense Belmiro” e “Abdias”. Então, entendi perfeitamente o motivo do sorriso sacana de Maria Luísa.

— Você gostou da história? — ela perguntou, notando pela minha expressão que eu já tinha lido.

— Gostei da linguagem esmerada e da forma como o autor constrói a estrutura psicológica dos personagens, desnudando, por exemplo, a mente de Abdias para o leitor. Gostei da escrita em primeira pessoa por meio das notas do protagonista, o que assemelha o livro a um diário. E também me agradaram o lirismo que permeia a narrativa em prosa e o modo como Cyro dos Anjos entrelaça profundos mistérios da alma, questões do destino e perturbações da própria consciência humana, desenvolvendo uma obra afluyente em passagens poéticas e trechos memoráveis — despejei, fugindo de propósito do que ele havia perguntado.

Eu sei, mano. O “modo Lucas” é um saco.

Ela ficou me olhando, parecendo aturdida, até que comentou:

— Espero que a professora de Literatura não pergunte coisas assim na minha prova da semana que vem. Mas não foi isso que eu perguntei. Perguntei se você gostou da história, Lucas. Do enredo — ela falou, abrindo o livro em uma página marcada com um pedaço de papel colorido grudado na borda.

Era esquisito ouvi-la me chamando de “Lucas”. Tudo bem que minha família inteira, meus colegas de trabalho e, inclusive os alunos, usavam meu nome de batismo, mas, por algum motivo, eu me sentia estranhamente excitado toda vez que ela pronunciava “Lucas” daquele jeito, naquela voz doce, tranquila e suave.

Maria Luísa estava insistindo para obter minha resposta por um motivo

simples. A história do segundo romance publicado de Cyro dos Anjos começa em 1938, quando Abdias, o protagonista, é convidado pelas freiras para substituir Sizenando como professor de Português no Colégio das Ursulinas, um “aristocrático educandário” para moças da alta burguesia belorizontina.

Em resumo, Abdias é casado com Carlota, mas se apaixona por Gabriela, sua aluna, e filha de Glória, sua paixão adolescente. Ao longo das páginas, o leitor é convidado a acompanhar o desenrolar da paixão impossível entre professor e aluna, bem como a sofrida e angustiante trajetória do protagonista, que, em seus monólogos, custa a assumir para si o que sente por Gabriela.

— Sou professor de Português, mas não sou um Abdias, se é o que você quer saber. Gosto de mulheres bem-resolvidas, não de garotinhas mimadas e, ainda por cima, fumantes. — Foi a minha resposta a Maria Luísa.

Nunca fui um cara sutil. Prefiro dizer as coisas na lata, de modo conciso e direto. Mas acho que dessa vez fui inconvenientemente grosso, já que, provavelmente, não devia ofender uma aluna.

Até então, eu estava evitando olhar diretamente para ela, pelo receio de me deixar afetar e acabar com um volume indisfarçável no colo. No entanto, naquelas circunstâncias, eu precisava olhá-la nos olhos e pedir desculpas.

Virei a cabeça para me desculpar, mas, infelizmente, não foi o rosto dela que eu focalizei primeiro. Incapaz de me controlar, fui direto para os peitos e, desgraçadamente, me deparei com a blusa branca e molhada de Maria Luísa.

Ela estava sem sutiã. Os mamilos estavam perfeitamente visíveis sob o tecido fino colado ao corpo dela. A protuberância inicial dos peitos saltava do decote, que só naquele momento eu tinha notado. Gotas sorradeiras escorregavam de sua clavícula e passeavam por sua pele, deslizando até se refugiarem no paraíso que era o vão daqueles peitos.

Senti meu cacete responder imediatamente àquela visão perfeita.

— Desculpa — falei, engolindo em seco. — Eu não quis ofender, Maria Luísa. — O tesão era tanto que eu não conseguia desviar o olhar. Estava correndo conscientemente o risco infantil de ser flagrado comendo-a com os olhos.

— Você ainda vai foder “essa garotinha mimada e, ainda por cima, fumante”. E para de olhar para os meus peitos! Lucas, você vai ultrapassar o sinal! — Ela apontou à frente com mão espalmada.

Pisei no freio a tempo de evitar a merda. Reduzi a marcha, sentindo o coração acelerado, e parei no sinal vermelho.

— Eu não estava... — comecei, tentando me justificar.

— Nós dois sabemos que estava, sim, professor. Você quer me comer tanto quanto eu quero que você me foda. Não quer? — Ela mordeu o lábio e contorceu

as coxas.

Arregalei os olhos.

Mano de Deus, a anaconda ia me entregar. A desgraçada estava praticamente gritando dentro da calça, meu!

Mas eu não queria nem iria fazer nada. Na verdade, eu queria poder expulsá-la, queria que Maria Luísa desaparecesse do meu carro como em um passe de mágica, só para não precisar encarar aquele lábio mordido, só para fazer cessar, imediatamente, todo aquele tesão da porra que eu estava sentindo.

O “modo Lucas” era uma merda, mano. Se estivesse no “modo Piolho”, eu poderia dizer o que quisesse. Poderia falar, por exemplo, algo como: “pega aqui no tamanho da minha vontade de te comer, putinha”.

— Minha casa está vazia agora, sabia? Aliás, está sempre vazia — ela disse, umedecendo o lábio inferior e aproximando-se do meu rosto, enquanto eu travava um embate mental e moral bastante complicado.

É claro que várias alunas já tinham sido bastante diretas comigo. Não foi a ousadia de Maria Luísa o que me surpreendeu (embora ela fosse bastante atrevida). Foi a minha vontade de sucumbir, de simplesmente ligar o foda-se e agarrá-la.

Obviamente, eu já tinha sido tentado em níveis tão absurdos que eu mesmo tinha dificuldade para entender como tinha conseguido resistir. Mas nunca, na vida inteira, tinha sentido tanta vontade de descer o zíper e foder uma aluna. Nunca tinha me sentido tão à beira do abismo, tão propenso a pular.

Eu não sabia por quê. Ela era bonita. E gostosa. Mas essa não podia ser a explicação, porque várias outras também eram bonitas e gostosas.

Para completar, Maria Luísa fumava, coisa que sempre considerei broxante. Mas, ao que parecia, meu pau estava se fodendo para o que eu considerava broxante, porque o filho da puta berrava: “deixa de ser frouxo, mano! *Bora* atolar gostoso nessa bocetinha melada, meu! Vai ser uma trepada do *carai*, tá ligado?”.

Como a cabeça de cima não conseguia formular argumentos muito coerentes para combater os da cabeça de baixo, só repetia incessantemente: “vai dar merda, meu! Vai dar merda! Sai fora, mano!”, enquanto Maria Luísa encostava os lábios nos meus.

Eu sempre tomava a iniciativa, e agora estava ali, prestes a ser beijado. Acho que nunca tinha sido beijado na vida.

Precisava interromper, mas jamais seria capaz de resistir àquilo, e ninguém podia me culpar por tê-la beijado de volta quando ela puxou meu lábio inferior.

Aproveitei o sinal fechado e aprofundei os movimentos, mergulhando a mão em sua nuca úmida e entrelaçando nossas línguas por alguns segundos antes de

buzinadas ensurdecedoras interromperem nosso beijo mentolado.

Afastei-me abruptamente, engatei a marcha e arranquei, quase tão rápido quanto as batidas descompassadas no meu peito.

Que *carai*, mano... Eu tinha feito uma merda do tamanho da minha rola. Ou seja, uma merda que dava duas voltas na lua em extensão.

Mas ainda dava tempo de impedir meu próprio pau de me sabotar definitivamente. Naquelas circunstâncias, o que eu podia fazer? Nada, além de dizer a ela a única coisa que a faria me deixar em paz para todo sempre, porque era disto que eu precisava: que Maria Luísa me deixasse em paz, que parasse de me beijar daquele jeito e que parasse de exhibir aquelas tetas molhadas, mano!

Se eu a fodesse, estaria fodido, e não apenas por causa do sexo professor-aluna, mas porque eu sabia que toda regra quebrada tinha um preço. Putão estava pagando o dele. Alto pra *carai*. O cara quebrou a regra e, por causa disso, ia se casar em poucos dias e, ainda por cima, ia ser pai em alguns meses, *véi*! Tudo bem que a mulher dele é *mó* gostosa, mas Deus me livre uma bosta dessas acontecer comigo, meu.

Não que eu achasse que corria o risco de ficar de quatro por Maria Luísa, como Alemão estava pela mina dele, mano. Não tinha como esse tipo de merda acontecer comigo, tá ligado? Porque Piolhão é 99% vagabundo. E aquele 1% também, saca?

Mas, apesar de saber que eu jamais ia virar camisolão, era melhor manter o *flow*, porque nunca era uma boa ideia quebrar regras autoestabelecidas. Quem diria que Putão viraria putinha quando quebrasse a dele, meu? Coisas sinistras podem acontecer com quem inventa moda, mano. Umas paradas do Cão, umas tretas tipo magia negra, tá ligado?

E já saquei que tô entrando sem querer no “modo Piolho”, mas é que tô nervoso, *carai*. Tô aqui sem saber se jogo bosta na minha reputação de safadão ou não. E meu verdadeiro eu sai do meu cu quando tô assim, mano, num mato sem cachorro.

É melhor eu me foder logo de uma vez. Ela vai espalhar essa merda na escola, e as minas vão todas me deixar em paz pra sempre.

Bora lá, mano. Voltando ao "modo Lucas" em três, dois...

Sem escolha, declarei sem pestanejar:

— Eu sou gay.

Maria Luísa, que estava acariciando os lábios com os dedos, estreitou os olhos em minha direção, franzindo o cenho.

Ela tinha sobrancelhas bonitas. E pálpebras e cílios bonitos. E os olhos eram daquele tom verde-azulado ou azul-esverdeado. Lindos. E ela tinha um nariz perfeito, e lábios macios e cheiro de menta, tabaco, chuva, terra molhada e

alguma flor desconhecida. Apesar do tabaco, era uma boa mistura.

— Acho que um cara gay não beijaria uma mulher desse jeito, Lucas — ela disse, sorrindo.

Esqueci de falar do sorriso. Ela tem os caninos pontiagudos e ligeiramente maiores e, por algum motivo, eu me sinto mal quando ela sorri. Preciso me controlar para não implorar que ela pare, para que eu possa, enfim, voltar a respirar novamente.

— Primeiro, sinto muito, eu não devia ter feito isso. — Comecei a me desculpar pelo beijo. — Foi totalmente inapropriado. Segundo, você não é uma mulher. É uma garota. Terceiro, eu só te beijei porque nunca tinha beijado ninguém do sexo feminino antes. Foi mera curiosidade.

Mano, eu já disse que a Globo tá me perdendo, mas minha atuação foi de merda dessa vez. Nem a Band me contrataria. Nem como figurante, meu.

— Gostou da experiência? — ela perguntou, sorrindo como se não tivesse caído de jeito nenhum no meu conto-do-vigário.

— Nem um pouco — falei, porque era verdade.

Eu não tinha gostado daquela porra. A razão pela qual eu queria mais era a falta de sexo. Há quantos dias eu não transava? Dois? Três?

Que merda, mano, eu tinha pegado duas gatas da academia há menos de 24h. Mas *tava* de boa. Já era tempo suficiente para começar a subir pelas paredes a ponto de perder o controle com uma aluna. *Tava* tudo certo.

— Gostou, sim — ela disse. — “Por que esconder a verdade a mim mesmo? Já não tenho dúvida acerca do sentimento que nutro por Gabriela. Só os fracos procuram iludir-se, dissimulando a realidade perante a própria consciência”. — Maria Luísa citou um trecho de Abdias, lendo uma parte destacada de rosa no livro aberto sobre o colo. — Você é fraco, professor? — indagou, encarando-me.

Que *carai*.

Ela estava certa. E eu me lembrava perfeitamente daquela passagem, que iniciava a segunda parte do livro, “Gabriela”. Eu tinha traçado linhas abaixo das frases do parágrafo inteiro com um lápis de escrever. Na verdade, eu tinha riscado quase o livro todo quando o li pela primeira vez. E tinha feito uma porrada de anotações nas margens, também.

Tudo bem, eu tinha beijado uma aluna. Fora rápido demais, e eu queria mais, muito mais. Queria apalpá-la inteira, queria puxá-la para o meu colo e fodê-la sem dó para acabar com aquela urgência que latejava em meus poros. E não havia um motivo específico, mas eu sabia que não podia, de jeito nenhum, ficar sozinho com Maria Luísa depois daquele episódio.

Por alguma razão, eu tinha gostado mais daquele beijo rápido, que durou cerca de dez segundos, que de qualquer outro que eu me lembrava, o que era bizarro.

Tinha gostado daquela porra muito mais do que deveria ou gostaria.

Pronto, mano! Já assumi esse *carai*. Tá satisfeita, consciência? Sua puta velha de teta murcha e bunda caída!

— Não sou fraco, Maria Luísa. Sou gay. — Insisti na mentira, porque já tinha jogado mesmo a merda no ventilador e porque eu preferia raspar meu cabelão a confessar a verdade. — Estou falando sério. Tenho um namorado, até. Ícaro. — Tive a sacada de me lembrar da foto da pizzaria, mano! Prova irrefutável. Era só mostrar pra ela. Mas, aí, eu me lembrei de que não adiantaria porra nenhuma, já que eu usava o apelido no *Facebook*, e meus alunos jamais poderiam saber da minha vida paralela como Piolhão, que era, na verdade, minha vida real.

— Eu sei que você não é gay — ela falou com convicção.

— acredite se quiser. — Dei de ombros. — Agora, preciso saber onde você mora — completei, percebendo que, até aquele momento, estava pegando o caminho do apartamento de Drica.

A propósito, eu estava pensando seriamente em voltar a morar sozinho. Primeiro, porque estava farto de ouvir minha irmã transando. Segundo, porque estava farto de ouvi-la reclamar que estava farta de me ouvir transando. E terceiro, porque estava sentindo falta de poder andar pelado num lugar que fosse só meu.

Não fazia mais sentido economizar dinheiro, porque eu já tinha desistido de jogar pôquer profissionalmente. Acabei percebendo que minha fome por *stacks* podia ser satisfeita se eu jogasse algumas mãos com os putos nos fins de semana e muitas outras no *PokerStars*.

— Não estou indo para casa. Nunca tem ninguém lá, além dos empregados, e eu prefiro passar as tardes na casa de uma amiga — ela falou e me explicou onde era.

Quando estacionei na porta, Maria Luísa se aproximou e desafiou meu cinto de segurança, como já tinha feito com o dela. Então, inclinando-se, levou a mão ao meu cabelo, soltando meu coque devagar.

Nossos rostos estavam a centímetros de distância, e eu estava me sentindo tão afetado pela proximidade que era como se eu fosse a pessoa jovem demais da história, não ela.

— Você fica ainda mais gostoso assim — ela sussurrou no meu ouvido, alisando uma das mechas que tinham caído sobre meus ombros.

Então, escorregou os dedos e passou a alisar meu peito.

E eu juro por Deus que *tava* tentando obrigar minha mão a parar a dela, mas era difícil demais, mano. Era como se eu estivesse hipnotizado, tá ligado?

— Você não é gay, Lucas — ela afirmou, descendo a mão até pousá-la no meu cacete duro.

Maria Luísa o apertou, e eu não consegui me impedir de puxar o ar. Ela se aproximou ainda mais, e eu já tinha desistido de lutar internamente contra meus instintos.

— Você quer isso tanto quanto eu — ela falou, sorrindo e roçando os lábios nos meus.

Cometi o segundo erro do dia ao puxar sua nuca e beijá-la de novo. Dessa vez, um beijo de verdade; intenso, faminto, rude.

Apalpei seus peitos enquanto minha língua confundia-se com a dela. Eu estava certo sobre eles. Preenchiam minhas mãos, e eram mais macios e gostosos do que supus.

Ao perceber que estava sentindo seus mamilos sob os dedos, me dei conta de que tinha puxado a blusa dela para baixo, e que já estava descendo a outra mão para acariciá-la entre as pernas.

Afastei-me subitamente, sentindo a garganta seca, e, com a respiração vergonhosamente ofegante, encarei-a por alguns segundos.

Putá que me pariu, mano... Que tetas... Que vontade de cair de boca naquelas delícias, meu...

Quando dei por mim, estava me aproximando de novo.

Mano de Deus, que merda eu *tava* fazendo?

52. Se correr, o bicho pega, se ficar o bicho come?

PIOLHO

(nos dois modos, porque ele descobriu, no capítulo anterior, que é difícil pra *carai* narrar em um modo só, mano)

Eu precisava parar aquilo.

Afastei-me abruptamente e rosnei:

— Sai do carro.

Talvez eu tenha soado mais agressivo do que pretendia, porque Maria Luísa arregalou os olhos, ajeitou a blusa rapidamente, pegou a mochila e saiu, batendo a porta.

Dei partida em seguida, e saí cantando pneus.

Durante o percurso, estava tão aéreo e tão fora de mim que nem sei como consegui chegar vivo ao apartamento.

Graças a Deus, era sexta-feira, meu dia de folga no turno vespertino. Passei a tarde inteira deitado, rememorando os acontecimentos daquela manhã, tentando me convencer de que tinha feito uma merda gigantesca, a despeito de o meu pau discordar, manifestando seu inconformismo com ereções que me acompanharam pelo restante do dia.

Em vez de simplesmente esquecer aquilo, prometer a mim mesmo que não aconteceria de novo e seguir a vida normalmente, fui até a minha estante de livros e peguei meu exemplar de *Abdias*.

Fiquei relendo o livro até Tito me ligar, dizendo que tinha chope mais tarde pra gente conversar sobre a despedida de solteiro do Putão.

Naquela noite, quando Plínio me perguntou se eu estava comendo alunas, meu coração disparou. Eu não tinha comido nenhuma, mas sabia que tinha perdido minha imunidade. Pelo menos no que se referia a Maria Luísa.

Max me olhou de um jeito esquisito, e eu tive certeza de que ele sabia que havia algo errado. Não me pergunte como, mas aquela puta sempre sabe quando eu tô de caô, mano. Provavelmente, ele estava certo de que eu tinha feito merda. E eu queria insistir mais um pouco e dizer que não, mas isso seria ainda mais suspeito. Então, só cortei o assunto.

Eu tinha passado a madrugada de sexta e a manhã de sábado na casa daquela quenga.

Ele não merecia aquilo. Não merecia começar o dia do aniversário precisando suportar uma coisa daquelas. E justo algumas horas antes do ultrassom decisivo.

Eu era um péssimo amigo. Todos nós éramos amigos de merda.

Eu queria ter podido ficar o sábado inteiro, mas precisei pegar a estrada depois do almoço. Queria ter estado com ele naquele momento, mas não podia cancelar o show. O que me tranquilizava era que Plínio e Tito se encarregariam de tudo até segunda-feira, quando eu já estaria de volta.

Deitado na cama do hotel, enquanto eu me lembrava disso, me toquei que já era domingo. Aniversário de Maria Luísa.

Voltei a pensar na imagem que eu tinha visto há algumas horas. Tinha quase certeza de que fora real. Eu a tinha visto cantar “*Let's Spend The Night Together*” junto comigo. Se tivesse imaginado aquilo, podia começar a procurar uma clínica psiquiátrica, mano, porque *tava* doido de pedra.

Mas, pensando bem, era bastante possível que fosse imaginação. Afinal de contas, havia muita coincidência na coisa toda, a começar pela presença dela em uma cidade a quase duzentos quilômetros de distância da nossa, e, ainda por cima, no mesmo lugar em que a *Mpire* tocaria. Havia, também, a coincidência da estampa do vestido, combinando com o repertório da noite.

Que porra, mano. Eu tinha imaginado aquele *carai!* *Tava* na cara, meu. Muita loucura pra ser real.

Eu não devia ter beijado aquela garota. Foi a pior merda que já fiz na minha vida. Agora, não conseguia parar de pensar naquilo, e estava tão louco que tinha começado a imaginar Maria Luísa, como se fosse esquizofrênico.

Não era mesmo para aquilo ser real. Eu não queria que ela estivesse mesmo ali. Mas que era uma merda estar imaginando a garota, era. Isso demonstrava um nível acentuado de fixação.

O desapontamento por não ter conseguido encontrá-la entre as pessoas tinha me abalado tanto que saí do show sem pegar ninguém, na esperança de que ela aparecesse de repente, o que era totalmente absurdo, porque eu não podia (nem ia) transar com ela. Agora, por ter sido tão estúpido, eu estava sozinho. E eu nunca passava a noite sozinho depois de um show. A culpa da minha abstinência de merda era daquela chaminé metida a Gabriela de Ataíde.

Mas o culpado-mor era o lápis vermelho. Eu deveria contratar Putão pra processar a *Faber-Castell*, mano. Pra que fabricar o *carai* de um lápis de escrever vermelho?

Que bosta. Era melhor dormir de uma vez, tentar esquecer Maria Luísa. Quero dizer, tentar esquecer a merda do lápis e a *Faber-Castell*. Eu precisava esquecer

aquela porra toda.

Enquanto eu afofava os travesseiros, ouvi um barulho. Era como se algo tivesse deslizado no piso do quarto.

Levantei a cabeça e vasculhei o ambiente com os olhos. Foi quando notei o envelope a centímetros da porta.

A luz que vinha do corredor iluminava a superfície do retângulo, tornando-a amarelada. Pela fresta, vi uma sombra de pés, plantados diante da porta.

Levantei-me com o coração disparado e caminhei até lá. Peguei o envelope, abri, puxei a folha, desdobrei e li as letras cursivas e indiscutivelmente femininas grafadas com caneta cor-de-rosa no papel:

“Por que não reprimir este sentimento? Talvez com um pequeno esforço ainda pudesse extirpá-lo, se é que não tem raízes mais profundas do que suponho. Valeria a pena, entretanto? Se não vou ferir a ninguém, por que me hei de privar da agradável emoção que me traz o convívio com Gabriela? Por que cortar este último contato com a vida e com a poesia?”.

Era outra passagem de “Abdias”.

Eu não tinha imaginado, mano! Tinha acontecido. Estava acontecendo! Maria Luísa tinha passado o envelope por debaixo da minha porta. Ela estava ali.

A menos, é claro, que eu também estivesse imaginando aquilo.

— Maria Luísa? — chamei, para confirmar.

— Tem mais do outro lado. Continua lendo — ela disse, e eu respirei aliviado. Não estava louco.

O som de sua voz fez meu coração acelerar ainda mais.

Virei a folha e constatei que, no verso da citação, ela tinha escrito:

“E aí, mano? Passei a sexta inteira fazendo pesquisas na Internet, tá ligado? Descobri que meu professor de Português tem uma identidade secreta, meu! Tipo o Clark Kent/Superman. Foda pra carai. Na escola, ele é Lucas Larozzi, meu frio e culto professor de Língua Portuguesa. Fora dos limites escolares, ele é o Piolhão, a pessoa mais hilária do planeta. Piolho, suas legendas são as melhores da vida! (é estranho te chamar de “Piolho”, Lucas!). Quase tive um ataque lendo as coisas que você escreve. E essa linguagem peculiar, mano? Tô viciada nesse carai. E aquela foto do Piolho-Capetão? HAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAHAHAHA! Não sei como ainda estou viva. Só não gostei daquele monte de fotos suas com um monte de minas, mano. Paia pra carai aquilo. RISOS.

Procurei por Lucas Larozzi (descobri seu sobrenome ligando para a secretaria da escola) em todas as redes sociais. Não achei nada. Então, me lembrei de que você tinha mencionado o nome do seu ‘namorado’. Ícaro. É um nome beeeeeem menos comum que Lucas (meu Deus, há mais Lucas no Brasil

que Marias na Terra!), então fui fuçando os Ícaros no Facebook. Levei quase o dia inteiro, mas até que dei sorte, porque, logo no início da timeline do Ícaro certo, tinha uma foto postada em que você aparecia (BTW, você só tem amigos gatos, mano? Meu Deus, O QUE É AQUELE LOIRO???????)”.

Interrompi a leitura, sentindo um misto de raiva e despeito. Podia ouvir a respiração dela do outro lado da porta.

— “O que é aquele loiro?”? Que *carai* é esse, Maria Luísa? — perguntei, puto.

Ela deu uma risada. Então a abafou, provavelmente com a mão.

— Tá com ciúme, *prof.*? — perguntou, rindo.

— “Aquele loiro” é meu melhor amigo, mano. O cara vai se casar no próximo sábado, e eu sou padrinho, tá ligado? Acho bom *cê* tirar o olho da quenga, porque a mina dele tá grávida, e ela é uma fera. Já precisei impedi-la de desfigurar o rosto da minha irmã, e não faria o mesmo por você, saca? Deixaria ela unhar sua cara inteira, Maria Luísa — despejei.

— Ai, meu Deus! Você soa ainda mais *sexy* falando *piolhês*!

— Foda-se. — Expirei, tentando controlar o acesso repentino de fúria, e continuei lendo:

“Depois disso, foi fácil achar seu perfil. Você estava marcado na foto de Ícaro. Descobri que ele é gay (assim como Artur, seu primo), e vi a foto que você tirou com ele numa pizzeria. Rachei de rir. Sério. Cara, você é muito doido! HAAAAHAHAHAHAHAHA! RISOS ATÉ MORRER!

Agora conheço todos os seus amigos, e também vi o perfil das suas irmãs (fiquei com a impressão de que Dessa Larozzi é gente fina, mas, sem ofensa, aquela Drica Larozzi parece ser tãããããããããã chaaaaaaaaaaaaata!). E eu sei que o loiro se chama Max Vetter, que está noivo de Olívia Dutra, e que eles vão ter um bebê (a propósito, eu os reconheci! #Olimax!). Foi fácil perceber que ele é seu melhor amigo. Como você é carinhoso com seu best, Piolhão! 'Noite de pôquer com Putão e a rapaziada', 'Futebol com os putos. Minha quenga adora manejar as bolas!', 'Meu Alemão gostoso vai ser pai! #sefodeu #tomougostosonocu'...

Sua vida no Face é um livro aberto, Piolho. Tem tudo lá, mano. Descobri sobre a banda; cliquei no link disponibilizado no seu perfil e fui redirecionada para o site. Então, pesquisei as datas e locais dos shows, e acabei descobrindo que vocês tocariam várias músicas dos Rolling Stones hoje! É uma das minhas bandas favoritas, a propósito.

Encontrar o hotel em que você ficaria hospedado também foi mamão com açúcar. A cidade é pequena. Bastou pesquisar o melhor que havia e fazer a reserva via telefone. Quando cheguei, hoje à tarde, só precisei agir como toda

garota esperta: usei o decote para incentivar o recepcionista a abrir o bico e confirmar que a Mpire se hospedaria aqui".

Fiz outra pausa.

— “Usei o decote para incentivar o recepcionista”? Que *carai* é esse, Maria Luísa? — perguntei, indignado.

— Sabia! Você gosta de mim. Admita, Piolhão! — Ela riu.

— Tá louca, mano? Não viaja, meu! Você é minha aluna. Por isso tô preocupado com essa prostituição. Isso aqui é prostituição, tá ligado?

— Claro que não! — Ela gargalhou. — E não estamos no colégio, Piolho. Logo, você não é meu professor. — Ela mudou o tom, brindando meus ouvidos com uma voz provocante. — Agora, leia o último parágrafo.

Baixei os olhos para o papel.

“O resto você já sabe. Fiz uma pequena aparição no seu show, agora estou aqui, e tenho certeza de que você vai querer ver o que estou usando por baixo do meu casaco.

E então? Let's spend the night together?

Você vai abrir ou vai cortar este último contato com a vida e com a poesia?”.

Inspirei e expirei profundamente. Meu coração estava pesado e parecia ter subido para a garganta.

Que *carai*, mano, só de imaginá-la do outro lado da porta, usando o que quer que fosse, meu pau já estava subindo. E eu *tava* pelado, porque é como eu durmo.

Não podia abrir a porta com a pica ereta, meu. Seria bizarro demais, até pra mim.

E por que eu abriria a porta, se sabia o que aconteceria se eu abrisse?

Foda-se, mano, eu *tava* de pau duro! É claro que ia abrir!

Quando me dei conta, já tinha até aberto. Do jeito que estava. Pelado.

Ela arregalou os olhos, completamente chocada.

— Era isso que você queria? — perguntei, curvando os lábios em um sorriso malicioso e puxando-a pela cintura, colando nossos corpos.

Pela primeira vez com Maria Luísa o controle era completamente meu. E, mano do céu, como era bom poder ser eu mesmo.

— Meu De... — Ela não conseguiu terminar, porque, no segundo seguinte, meus lábios já tinham se apoderado dos dela, e minha língua já estava se fartando com a maciez de sua boca.

Enquanto a beijava, fechei a porta e pressionei seu corpo contra a madeira.

Ela estava usando um casaco vermelho. Puxei a faixa e deixei que caísse no chão. Escorreguei as laterais de sua roupa, e a peça encontrou a faixa caída na superfície lustrosa do piso.

Afastei-me para observá-la.

Mano de Deus, a putinha também *tava* pelada!

— Era isso que você queria? — ela perguntou, mordendo o lábio.

Ela era gostosa pra *carai*, meu... Mais do que eu tinha suposto.

A análise completa durou menos de dois segundos. Comecei pelos peitos; eram deliciosamente empinados, e os mamilos claros e eriçados convidavam minha boca gulosa. Observei a curva da cintura, a barriga lisa e o *piercing* brilhante no umbigo. Entre as coxas roliças, um triângulo pequeno e depilado enfeitiçava minha anaconda impossivelmente ereta.

— Puta que... — Não consegui terminar, porque, no segundo seguinte, os lábios de Maria Luísa já tinham se apoderado do meu cacete, e sua língua já estava se fartando com a cabeça da minha rola.

Ela tinha se ajoelhado em tempo recorde e agarrado minha pica, mano!

Meu cérebro não estava conseguindo processar o fato de que minha aluna, a mina que tinha me atizado e feito meu pau endurecer no trabalho três vezes regulares na semana por meses a fio, estava ali, me pagando um boquete. Um puta de um boquete.

Carai, mano... A putinha chupava profissionalmente.

— Isso, safada... Chupa gostoso... — encorajei, juntando seu cabelo e segurando-o em um rabo no topo da cabeça.

Mano, mano... Ela fazia umas tretas insanas com aquela língua. Engolia meu cacete quase todo, conseguindo a proeza de não engasgar. Na moral, todas as gatas engasgavam chupando meu cacetão, e Maria Luísa se aproximava da base e chupava tudo, quase me matando quando chegava à ponta.

Precisei interrompê-la quando estava prestes a gozar. Levantei-a pelo cabelo.

— Para, *carai*. Quero gozar aqui, mano. — Puxei-a para perto e deslizei os dedos de trás para frente por sua boceta, começando pela umidade e terminando no clitóris.

Ela encostou nossos lábios e despejou vários gemidos em minha boca. Agarrei um punhado de cabelo na região da nuca e inclinei sua cabeça, transferindo os beijos para seu pescoço.

— Toda meladinha... Do jeito que a minha pica gosta — sussurrei em seu ouvido, sem parar de mexer os dedos.

Os gemidos de Maria Luísa me deixavam duro em um nível que eu não pensava ser capaz de ficar sem que o pau explodisse. Devia ser toda aquela coisa de professor-aluna fodendo meu cérebro.

Com certeza. Aquela coisa meio proibida, meio amoral e meio antiética dava um tesão da porra, mano.

Peguei-a no colo e a joguei sobre a cama, atritando nossos corpos enquanto

minha boca faminta apropriava-se da dela.

Maria Luísa deslizou as mãos pelas minhas costas e as estacionou na minha bunda, apertando minha carne.

Desloquei os lábios para o pescoço e desci para a clavícula, derramando beijos úmidos em sua pele até alcançar os peitos.

Eu havia pintado vários retratos mentais daquelas duas delícias macias nos últimos dias. Havia decorado o formato e o tamanho perfeitos que eles tinham, e o quanto eram empinados. Se fechasse os olhos, podia sentir a textura aveludada daqueles mamilos em meus dedos.

Mas não fazia ideia do que era senti-los preenchendo minha boca, inundando meus sentidos, enevoando meus pensamentos. Era uma coisa de louco, mano.

— Meu Deus, que delícia... Assim você vai me matar... — ela disse, mergulhando os dedos em meu cabelo.

— Eu poderia passar a vida te chupando, meu — confessei e subi para beijá-la na boca.

Escorreguei as mãos por seu corpo, apertando-a e arrancando gemidos curtos de sua garganta.

Em seguida, voltei a sugar e lamber aqueles peitos deliciosos.

— Você é tão forte... Tão gostoso... E esse cabelo... — ela elogiou, gemendo e enfiando as duas mãos no meu cabelo, bagunçando-o todo.

Beijei a curva do peito esquerdo e fui descendo, provando a pele de seu abdome. Passei pelo umbigo e beijei seu *piercing*. Então, finalmente, cheguei ao paraíso.

Espalhei beijos suaves pela parte externa, e Maria Luísa liberou um gemido lento.

— Não me tortura... — pediu, quase choramingando.

Levantei a cabeça e abri um sorriso maléfico.

— *Nããããõ*... — ela balbuciou.

Puxei os dois lábios de uma vez, sugando-os. Ela gemeu, e pressionei a boca no centro. Continuei pressionando a pele sedosa que protegia seu clitóris com beijos demorados, sem usar a língua.

Ela se contorcia, fincando as unhas em meus ombros.

Quando, enfim, deixei a língua deslizar pela área sensibilizada, ela esticou o braço e agarrou minha nuca.

À medida que eu ia intensificando os movimentos, ela ia puxando meu cabelo, enrolando duas mechas nos pulsos.

Eu estava beijando sua boceta, experimentando o gosto deliciosamente doce entre suas pernas, quando Maria Luísa gozou alto, liberando meus fios de uma vez e agarrando os lençóis com força.

— Ai, meu Deus, que delícia... — ela murmurou, com a garganta seca, segundos depois de ter sido fulminada pelas correntes eletrificadas do orgasmo.

Subi e enredei nossas línguas. Em seguida, afastei-me alguns centímetros e comecei a beijar seu pescoço.

— Feliz aniversário — sussurrei em seu ouvido.

Senti suas bochechas se movimentarem em um sorriso.

— Agora, vou te dar seu presente — falei e me afastei.

Saí da cama e abri a mala que estava no chão. Alcancei as camisinhas e tirei algumas de lá. Quando virei, Maria Luísa me olhava de um jeito esquisito.

— Que foi, mano? — perguntei.

— Esse é o melhor aniversário da minha vida! — ela exclamou, abrindo um sorriso que espantou a expressão estranha de antes.

— Mano, *cê* tá assim antes de receber rola? Imagino o que *cê* vai dizer depois de gozar com minha pica dentro. — Dei uma risada, abrindo uma embalagem.

Ela ficou me observando deslizar a camisinha até a base do pau. A expressão apreensiva tinha voltado.

— Você acha que vai caber? — perguntou, séria demais, e ligeiramente alarmada.

Por um momento, cheguei a cogitar que ela fosse virgem, mas era impossível, né, mano? Primeiro, porque ela era ousada demais. Segundo, porque uma garota virgem não sabia chupar um cacete daquele jeito, meu. Sem chance. Ela chupava como se tivesse aprendido a chupar pau antes de falar "mamãe" (tá, mano, isso foi meio bizarro. Mas foi só pra você entender o nível do bolagato da mina). Eu estava para dizer que tinha sido o melhor boquete da minha vida, embora não quisesse atribuir o título de melhor boqueteira a Maria Luísa, por vários motivos. Dentre eles, porque aquilo era uma coisa de uma noite só. Eu não tinha aquela *frescuralhada* antiga de Putão de comer uma vez só, mas sabia que não podia fazer daquela trepada (que ainda nem tinha acontecido) a primeira de muitas.

Além de chupar gostoso demais, ela tinha dezoito anos e parecia ser bastante vanguardista, fatores que contribuíam para que eu descartasse a virgindade. Ainda existiam minas virgens com dezoito anos? Eu não conhecia nenhuma. E era difícil pra *carai* acreditar que uma mina vida louca como Maria Luísa ainda não tinha transado com ninguém. Quero dizer, ela usava termos como “comer” e “foder”, fazia aquilo tudo pra trepar comigo, e era virgem? Não tinha lógica nenhuma, meu.

Enfim, descartei logo a possibilidade, porque era ridícula demais até para ser considerada.

Então, decidi, apesar do tom que ela usou, entender o “você acha que vai caber?” como um elogio ao tamanho do meu pau.

— Prometo que tomo cuidado pra não esfolar sua boceta, gata. — Dei uma piscada e subi na cama, cobrindo seu corpo com o meu.

Comecei beijando-a suavemente. Ela roçava minha pele com as pontas dos dedos e gemia em minha boca, enquanto eu a apalpava inteira, começando a beijá-la em todos os lugares.

Pouco depois, ergui o corpo e, ajoelhado entre suas pernas, agarrei a rola e acariciei seu clitóris com a cabeça. Ela remexia o quadril, mordendo o lábio inferior e soltando pequenos gemidos.

Direcionei o pau e me curvei sobre ela, voltando a conectar nossos lábios.

Eu mal tinha encostado a cabeça na entrada quando ela apertou meus ombros com força, quase perfurando minha pele.

Ergui o rosto e vi o cenho franzido e os olhos apertados.

— Já entrou? — ela perguntou, ainda de olhos fechados, engolindo em seco.

Eu não sabia se ria ou se chorava.

— *Cê é virgem, carai?* — perguntei, mesmo sabendo a resposta.

Ela abriu os olhos e me encarou, estatelando os globos oculares.

— Claro que não! — Maria Luísa balançou veementemente a cabeça.

Mas a verdade estava estampada no rosto assustado e na expressão embaraçada que ela fez.

Mano de Deus, eu não podia acreditar que a mina era mesmo virgem! Que *carai*! Quero dizer, é claro que eu queria tirar aquele cabaço, meu. E, se ela fosse uma gata qualquer, eu não pensaria duas vezes. Mas ela era minha aluna. Eu não podia, simplesmente, ligar o foda-se e não me importar com o fato de que, no dia seguinte, ela poderia se arrepender de ter dado pra mim. Porque, de um jeito ou de outro, Maria Luísa precisaria olhar para a minha cara pelo restante do ano, três vezes na semana. Eu não podia ser tão filho da puta.

E ainda havia aquela coisa de sentimentos. E se eu tirasse a virgindade da mina e ela se apaixonasse por mim? Era por essas e outras que não era uma boa ideia um professor se relacionar com alunas.

Por que eu tinha ido tão longe, mano? Que vacilo.

Levantei-me de cima dela, sentindo um misto de frustração, tristeza, decepção e mais alguma merda do tipo.

— O que você tá fazendo? — ela questionou quando me viu tirar a camisinha e pegar uma calça de moletom dentro da mala aberta no chão.

— Por que você não me contou que era virgem, porra? — perguntei, vestindo a calça.

Não sabia que estava tão puto até ouvir minha própria voz, tão elevada que nem eu a reconheci.

Mas entendi o motivo de tanta irritação. Eu estava me sentindo um idiota por

não ter percebido antes (na verdade, eu tinha, mas fui burro o bastante para ignorar). Era dez anos mais velho que ela, e, ainda por cima, era professor da garota. Eu devia ter sacado, apesar dos indícios contrários. Tinha ido longe demais naquilo, e não conseguia reprimir a sensação incômoda que me fazia parecer um adolescente imbecil. Como era ruim me sentir ridículo, mano...

Por cima disso tudo, havia um arrependimento enorme, do tipo que eu não estava acostumado a sentir.

Eu não podia acreditar que tinha transgredido minha própria regra (embora não totalmente), e que tinha sido em vão.

Diante do meu estouro, Maria Luísa prendeu os lábios e pareceu estar fazendo força para não chorar.

— Fiquei com medo de você não topa, se eu dissesse — confessou, levantando-se. — Desculpa. — Ela tentou se aproximar para me abraçar, mas me afastei.

Abaixei, peguei o casaco no chão e estendi para ela.

— Coloca e volta pro seu quarto.

— Piolho... — começou.

— Não me chama de “Piolho” — pedi.

— Lucas... — ela se corrigiu.

Que merda, mano! Eu não sabia qual das duas denominações era pior. Eu ficava excitado com as duas. Por que ela não calava o *carai* da boca?

— Eu quero — ela disse, alisando meu abdome. — Desculpa. Só fiquei com um pouco de medo de não caber, por causa do... — Ela apontou para o volume na minha calça.

— Não vai rolar, Maria Luísa — alertei. — Eu não devia ter te beijado no carro, não devia ter aberto a porta, não devia nem ter te dado aquela carona. Eu nunca tinha ficado com aluna nenhuma, e não devia ter feito de você a primeira. Esqueça essa porra toda.

— Mas por quê? Eu quero, você quer... — ela argumentou, quase choramingando.

— Eu não quero mais — menti.

É claro que eu queria. Queria pra *carai*, mano. Queria tanto que estava focalizando um ponto distante na parede oposta, porque sabia que fraquejaria se deixasse os olhos vagarem por aquelas curvas.

Quando viu que eu estava resoluto, ela finalmente pegou o casaco e começou a vesti-lo em silêncio.

Abandonei minha própria covardia e me permiti observar seu corpo pela última vez, até que ela puxou as duas laterais e amarrou a faixa na cintura.

Meu pau chorou de tristeza.

Então, Maria Luísa ergueu a cabeça e me olhou nos olhos.

Ficamos alguns segundos assim, até que ela rompeu a atmosfera silenciosa:

— Seu cabelo é lindo. Só não mais que o seu pau. E seu corpo inteiro, aliás.

— Ela soltou um suspiro. — Você é todo lindo, Lucas.

Obriguei-me a ficar calado. Se eu começasse a descrevê-la e a dizer o quanto achava perfeito cada detalhe que a compunha fisicamente, sabia que terminaríamos na cama de novo.

Mas eu não podia deixá-la ir sem beijá-la outra vez.

— Vou te dar um último beijo — avisei, mirando-a nos olhos. — Em seguida, vou abrir a porta e praticamente te expulsar, para resistir ao impulso de tirar seu casaco de novo. E, depois do beijo, teremos esquecido isso tudo. Combinado?

Ela assentiu levemente.

Então, me aproximei devagar, apoiei a mão gentilmente em sua nuca e a beijei com delicadeza, envolvendo sua cintura com o braço.

Quando fechei a porta, respirando com dificuldade, ela falou do outro lado, antes de ir:

— Você ainda vai foder “essa garotinha virgem, mimada e, ainda por cima, fumante”.

Algumas horas depois, a aurora beijava minha janela, e as palavras audaciosas de Maria Luísa ainda ressoavam em meus ouvidos, me fazendo rir.

— Isso é o que nós veremos, Maria Luísa — falei, para ninguém além do sol que estava nascendo.

53. A sorte de uns é o azar de outros

MAX

O choro de Olívia me despertou.

Senti algo morno e viscoso debaixo da pele e uma dor lancinante vibrando em alguma parte não identificável do corpo.

Virei a cabeça e vi o líquido rubro alastrando-se pelas fibras do tecido branco, maculando os lençóis, formando uma odiosa poça vermelha, sobre a qual ela estava sentada.

Isso foi a primeira coisa que consegui identificar, em uma fração de segundo. Só no instante seguinte, quando tentei me levantar, como se estivesse em câmera lenta, percebi que, por alguma razão, eu não conseguia me mover.

Tentei falar, mas as palavras não saíam.

Seria estado de choque?

Porque, se havia um momento para não entrar em estado de choque, era aquele.

Ela estava perdendo o bebê. Meu filho estava morrendo, Olívia precisava de mim, e eu não conseguia, apesar de tentar incessantemente, mexer as pernas ou os braços.

Meus membros não respondiam ao meu comando. Era como se eu estivesse congelado. Ou como se tivesse perdido os movimentos do pescoço para baixo.

De repente, consegui identificar o foco da dor que estava sentindo. Os golpes agonizantes irradiavam-se pela minha coluna.

O homem saiu de trás das sombras segurando um machado. Parou a centímetros de Olívia, e a claridade da lua argentou o sorriso abominável que ele abriu.

— *É a sua vez, gata. Você escolheu o cara errado naquele bar. Que pena.*

Então, brandiu a ferramenta e me fez acordar antes de a lâmina descer.

Abri os olhos e me deparei com a janela. Ainda estava escuro, mas, pela coloração do céu, faltava pouco para amanhecer.

Senti que meu pau estava duro. Essas ereções involuntárias durante a madrugada são uma merda. Eu estava tendo um pesadelo e, mesmo assim, estava duro. Quando um homem diz que não consegue controlar o próprio pau, acredite. É verdade.

Que porra de pesadelo escroto tinha sido aquele, aliás? Eu nem me lembrava

mais da existência do filho da puta que estava dançando com ela no *Evil's*!

Desgraçado.

Olívia era minha. Só minha.

Tentei puxá-la mais para perto, mas abracei o vácuo, e a cama vazia me desesperou.

Procurei-a pelo quarto todo, inclusive no banheiro e no *closet*, e não a encontrei. Senti a onda de pânico ameaçar turvar minha razão, mas refreei o receio de que algo grave tivesse acontecido.

Muito provavelmente, Olívia tinha sentido fome de madrugada e estava na cozinha preparando alguma mistura “comestível” dantesca, como da vez em que ela sentiu vontade de comer couve-flor com *ketchup*.

Mas é óbvio que eu precisava conferir se ela estava bem.

Então saí do quarto, percorri o corredor e galguei apressadamente os degraus da escada.

Ao alcançar o último, chamei:

— Linda?

Quando cruzei a porta da cozinha, ouvi um coro: SURPRESA!

Um segundo depois, enquanto eu ainda me recuperava do princípio de ataque cardíaco que tivera, alguém acendeu a luz, e uma porrada de coisas aconteceu ao mesmo tempo:

1) Suze tapou o rosto com as duas mãos, exclamando um "credo! Que horror!" abafado pelas palmas pregadas na cara;

2) Larissa soltou um "nossa!" e, vermelha feito tomate, ficou inerte, sem reação.

3) "Fecha o olho, Larissa!". Tito quase cegou a namorada ao puxá-la para junto de si, pousando a mão sobre os olhos dela. "Que merda, hein, Max!", ele me fuzilou;

4) Lili sorriu ao dizer: "que orgulho do meu menino! Vai fazer minha norinha feliz!".

5) Seu Francismar deu uma risada: "o cabra é um jegue, sô!".

6) Plínio ficou quase tão puto quanto Tito. "Putá que pariu, Max!", resmungou, desviando o olhar e torcendo o rosto em uma careta.

7) "Que *carai*, mano!", Piolho bradou. Em seguida, gargalhou, jogando a cabeça para trás.

8) Artur não disse nada, mas seu olhar tinha um ponto fixo;

9) "Nossa! Meu edi até piscou!", Ícaro falou, mordendo o lábio.

10) "Que porra é essa, Max?"

A última foi cortesia, é claro, da minha noiva. Mas eu gostaria de ressaltar que nada disso aconteceu nessa ordem. A coisa toda durou cerca de três segundos:

em um segundo, a luz foi acesa; no instante seguinte, todas as reações que acabei de listar aconteceram, em um murmúrio de vozes simultâneas e ruidosas; e, no último segundo, eu peguei uma tampa sobre o balcão e tentei cobrir meu pau ereto.

Uma tentativa ridícula, diga-se de passagem. Porque o fundo plano da tampa de aço guerreava duramente com a rigidez involuntária do meu cacete.

— Desculpa... — Olívia mexeu os lábios, e eu abri um sorriso quando li o "Feliz Aniversário, Papai!" na faixa que ela estava segurando.

Ela percebeu e sorriu de volta.

— Tá com inveja da tampa, né, Plinião guloso? — Piolho zoou.

— Morrendo. — Plínio se limitou a rir da gozação.

— Tampou a visão de Larissa só pra poder manjar sozinho, hein, Titão piruleta? — Piolho continuou fazendo graça. — Tão querendo bater uma gloriosa, né, seus manja-rola?

— Vá à merda, Piolho! — Tito exclamou.

Ele gargalhou.

— Mano, eu quero deixar claro que o Piolhão aqui não tá impressionado com essa bilunga! Cês tão babando só porque nunca viram minha anaconda cuspideira! Gatas, sintam-se à vontade pra cair de boca, tá ligado?

— Engasga aqui com o meu picoleção-de-alcatra, Piolho. Pra ver se você cala a porra da... — comecei.

— Já chega! — Susanne me interrompeu, virada de costas. — Max, vai colocar uma roupa! A gente vai esperar lá na piscina! — ela avisou e saiu andando, puta da vida.

Quando ficamos apenas Olívia e eu na cozinha, ela se aproximou do balcão.

— Eu devia ter imaginado que você desceria pelado... — disse. — Mas nem pensei nisso, Max. Desculpa — pediu, escorregando os dedos pelo meu abdome.

— Com uma condição — falei.

— Eu faço qualquer coisa para recompensar o aniversariante do dia — garantiu, pegando no meu pau. — Feliz aniversário, meu lindo! — Ela ficou nas pontas dos pés e depositou um beijo nos meus lábios.

— Obrigado, linda. Qualquer coisa? — perguntei, abrindo um sorriso malicioso.

Ela deu uma risada.

— Menos isso.

— Olívia, não sei se você sabe, mas há 50% de chance de você me dar o cu hoje. E eu vou meter sem dó, porra — alertei, puxando seu cabelo e unindo nossas bocas.

— Vai o caralho — ela disse, afastando-se. — Vai ser menino.

— Vai ser menina — falei, erguendo uma sobrancelha desafiadora.

— Ah, então agora a gente trocou? — ela perguntou, rindo.

— Troquei porra nenhuma! Vai ser menino. E você vai me dar o cu como forma de se desculpar por ter me feito aparecer pelado, e de pau duro, na frente da minha irmã, caralho! Isso, senhorita Olívia, não tem perdão. A menos, é claro, que o pagamento envolva cessão voluntária de orifício anal.

— Você está subvertendo a aposta inicial! — ela reclamou. — Assim, você sai ganhando duplamente, Vetter!

Dei de ombros.

— Eu odeio esse seu sorrisinho convencido, cretino!

Alarguei ainda mais o sorriso, e ela soltou um suspiro de fúria.

— E se for menina? — perguntou.

— Simples. Você me dá o cu duas vezes, pelos dois motivos. Se bem que, depois da primeira, você já vai ficar no meu pé, implorando o tempo inteiro: "Por favor, Max, come meu cu! É tão gostoso! Estou tão arrependida de não ter dado antes!" — imitei. — E é claro que eu vou fazer esse enorme sacrifício. Posso passar um dia inteiro comendo esse rabo. — Puxei-a para perto e apertei sua bunda. — Eu só me submeteria a esse martírio em nome do nosso amor, é claro — falei, fazendo uma expressão séria e lutando contra a vontade de rir.

— Vá se foder, cretino. — Ela riu, se afastou e deu um soco no meu peito.

— Agora me deixa comer um pouco de boceta, porque mais tarde eu só vou querer cuzinho, prima. — falei, pegando-a e colocando-a sentada sobre a bancada da cozinha.

— Max... — ela balbuciou enquanto eu beijava seu pescoço.

— Que foi? — perguntei, descendo uma alça do vestido que ela estava usando e entornando beijos cálidos em seus ombros.

— Vai doer pra caralho, e eu não gosto de sentir dor, filho da puta... Ai, Max...

— Ela soltou um gemido quando eu puxei a frente do vestido e apalpei os dois peitos de uma vez.

— Prometo que vai ser gostoso, linda. Vou usar lubrificante e vou estocar com todo o amor que há no meu coração — falei, rindo.

— Ai, que romântico, noivinho... — ela ironizou, puxando meu pescoço para me beijar.

Enquanto nossas línguas confundiam-se, eu deslizava as mãos por suas coxas, apertando-as e subindo o vestido até tocar a superfície triangular acetinada que cobria sua boceta.

Olívia desviou a calcinha para o lado e gemeu em minha boca.

Então se afastou, esticou os braços para trás, sustentando-se com as mãos

firmes na beirada do balcão; abriu as pernas, flexionando os joelhos e apoiando os pés na bancada, e mordeu o lábio:

— Vem, gostoso.

Apreciei a visão por alguns segundos e, puxando o ar, me curvei sobre ela, beijando-a esfomeadamente enquanto massageava seu clitóris com a mão inteira.

Ela gemia sem parar em minha boca, me levando a segurar sua nuca com força e a liberar gemidos na junção dos nossos lábios.

Quando meu pau deslizou suavemente por sua entrada, ela enlaçou meu corpo com as pernas.

Eu entrava e saía devagar, sentindo a textura macia de suas paredes úmidas.

Agarrei seus peitos, manuseando os mamilos, e fui aumentando progressivamente o ritmo das metidas.

— Huuuum... Que delícia, Max... — ela balbuciou, gemendo e acompanhando meus movimentos. — Ai, que gostoso, cretino... Eu te amo...

— Ama é minha rola, safada. — Inclinei-me e a beijei, unindo nossas bocas em um beijo quente, longo e molhado.

Em seguida, a ergui do balcão.

Olívia se apoiou no meu pescoço e eu sustentei suas coxas com os braços, subindo-a e descendo-a no meu cacete.

Ela arquejava e gemia alto, surrando minha pica com a boceta.

De repente, ela choramingou, entrelaçando as mãos em minha nuca e grudando a boca na minha:

— Ai, meu Deus... Tá tão gostoso... Mas tô preocupada com o bebê.

Ela estava certa. A posição, apesar de deliciosa, podia ser brutal demais naquelas circunstâncias.

Abracei-a e a descí com cuidado, precisando fazer um esforço sobre-humano para não dar umas metidas extras.

Coloquei-a de costas, com as mãos apoiadas no balcão, e voltei a entrar. Recomecei devagar, mas logo estava estocando, gemendo com ela a cada metida.

Vendo aquela bunda gostosa, não resisti; molhei o polegar e pressionei o centro, enfiando o dedo sorrateiramente.

— Max... — Olívia me chamou em tom de aviso.

Ignorei, curvei o corpo e, beijando-a no ombro, enfiei mais um pouco, sem parar de entrar e sair de dentro dela.

— Huummmm... — Ela soltou um gemido involuntário.

— Tá gostando, puta? — Puxei-a pelo cabelo e perguntei em sua orelha, mexendo o dedo e estocando tão forte que quase não consegui controlar a gozada.

Ela começou a gemer mais alto, rebolando violentamente no meu cacete.

Continuei acariciando-a com o dedo, mas mantive a pélvis imóvel, observando-a engolir e devolver meu pau, cada vez mais rápido.

— Ai, meu Deus, Max... Isso é tão gostoso... — ela disse, dando uma rebolada lenta.

— Gostoso vai ser meu pau no seu cu logo mais, safada — sussurrei em seu ouvido e voltei a estocar, batendo com gosto em um dos lados da bunda.

Ela rebolou mais um pouco, enquanto eu apertava a área dolorida com força.

— Goza comigo, cretino — pediu, deslizando pelo meu cacete.

— Gozo, filha da puta — falei, estapeando o outro lado e dando uma nova estocada.

— Ai, desgraçado... Que... — ela balbuciou, gozando e apertando minha rola, arrancando de mim um orgasmo violento.

— Puta que pariu... — Gozei alto pra caralho, afundando os dedos em sua carne macia e avermelhada enquanto me esvaziava dentro dela, sentindo o resquício das contrações de sua boceta.

Depois da trepada, subimos e tomamos banho juntos. Deveríamos nos apressar, já que, em tese, tínhamos visita em casa, mas eu estava me fodendo para aqueles filhos da puta.

Então, ensaboei Olívia inteira, e, no final, fiquei bastante tempo alisando sua barriga cheia de espuma.

— Tá gostando do banho que o papai tá te dando, filho? — perguntei, fazendo movimentos circulares na superfície morna e saliente.

Olívia deu uma risada.

— Para de ser fofo, cretino — ela disse, espalhando espuma no meu peito.

Envolvi sua cintura e a abracei.

— Amo vocês dois — falei, e não consegui reprimir um suspiro.

— Eu disse pra você parar de ser fofo, não para ser mais fofo ainda, porra. — Ela riu, ficou nas pontas dos pés e me beijou. — Nós que te amamos, papai — completou, me abraçando com força.

Quando fomos lá para fora já tinha amanhecido. Balões verdes flutuavam na tremulante superfície azul da piscina. Sob a luz da alvorada, havia uma mesa de café da manhã posta. Um bolo de aniversário adornava o centro da mesa enfeitada. Era redondo e coberto de lascas de coco colorido de verde. Uma trave de plástico estava estrategicamente posicionada, e linhas brancas de glacê desenhavam a pequena, a grande área e a meia-lua no gramado comestível, onde uma minibola de futebol descansava. No canto direito, um dois e um oito estavam fincados.

— Cês não têm vergonha de deixar as visitas aqui pra ir trepar, não, mano? — Piolho perguntou, abocanhando um daqueles minibolos confeitados de festa

infantil.

Eram uma delícia, e o filho da puta guloso sabia disso, porque tudo o que Lili fazia era de comer rezando.

— Nem um pouco — Olívia respondeu, com o braço na minha cintura.

— Queria uma mina assim, meu — ele disse, dando outra mordida, olhando-a de cima a baixo.

— Vá procurar na puta que te pariu, Piolho — falei, puxando Olívia mais para perto.

— Quenga, *cê* é ciumenta pra *carai*, mano... Precisa disso tudo, não, meu. Aqui é *parça*, tá ligado? Eu nunca tive ciúme de mina minha por sua causa, Putão. *Cê* sabe disso, *véi*. Mesmo *cê* sendo essa *quengona* gostosa e chamativa que *cê* é.

Tito deu uma risada.

— Espera só até você conhecer *a mina*, Piolhão. A que vai fazer seu coração doer de um jeito inexplicável até com o mais simples dos beijos, que vai tirar seu sono noturno, habitar seus sonhos vespertinos e te deixar louco o dia inteiro; de ciúme, de tesão, de tudo — ele disse, puxando Larissa e beijando-a na têmpora.

Plínio beijou a bochecha de Suze, alisando-a na barriga; seu Francismar abraçou Lili, puxando sua mão e beijando o dorso; e Ícaro deu uma piscada para Artur, que respondeu com um sorriso suspeito.

Eu já estava abraçado a Olívia, mas me curvei e beijei seu cabelo, sentindo o cheiro que sempre me envolvia em uma nuvem de pura felicidade e excitação.

Notei que Piolho estava longe, com uma expressão esquisita estampada na cara.

— Você tá estranho, quenga — acusei.

Ele piscou e mudou a expressão na hora.

— Mano de Deus! Vou ter que arranjar outros *parças*, meu. Não dá pra ser o único putão num bando de camisolões.

— Tá mais fácil você virar camisolão também, Piolho! — Plínio deu uma risada.

— Nem a pau, mano. Eu sou o único sobrevivente, o novo Putão da cidade! — Ele fez uma pausa dramática. — Putão, você tá demitido!

— Um rei nunca perde a majestade! — Olívia disse, dando um beijo no meu maxilar.

— Isso aí, linda. Eu sou um devasso, e pau que nasce torto morre torto! Uma vez Putão, Putão até morrer! — exclamei.

— Não foi bem isso que eu quis dizer, cretino... — Ela ergueu uma sobrancelha na minha direção.

Dei uma risada.

— Eu sou seu devasso, senhorita Olívia. Só seu — falei, segurando seu rosto e depositando um beijo em seus lábios.

— Olha isso, meu! — Piolho apontou e bateu a mão na testa, meneando negativamente a cabeça. — Eu não quero viver nesse mundo, mano. Um mundo em que putões declarados viram carneirinhos domesticados não é um mundo bom para se viver. Acho que vou fugir para as colinas, tá ligado? Traçar umas camponesinhas ajeitadas, saca?

Ficamos ouvindo as besteiras de Piolho, com participações eventuais de Ícaro, a manhã inteira, enquanto nos fartávamos das delícias de Lili.

Mais tarde, depois do "parabéns pra você" e do óbvio "com quem será", Olívia começou a se sentir terrivelmente enjoada, como vinha acontecendo todas as manhãs, por volta daquele horário. Dei a ela o remédio receitado pela médica e fiquei deitado ao lado dela até a hora de sairmos.

Por volta das nove da manhã, fomos ao laboratório pegar os resultados dos exames de sexagem fetal que Olívia e Suze tinham feito na semana anterior.

A obstetra tinha dito que, com a idade gestacional das duas (10 e 12 semanas), era bastante provável que não fosse possível determinar o sexo dos bebês na ultrassonografia. Em alguns casos, era possível fazer uma previsão, de acordo com as imagens lançadas na tela, mas era algo bastante delicado e não preciso. Com muita sorte, alguns pais conseguiam descobrir o sexo do bebê, sem sombra de dúvidas, em um ultrassom de 12 ou 13 semanas, mas tudo dependia da posição fetal durante o procedimento, além da habilidade do operador da máquina.

Nenhum de nós queria se pautar em porcentagens (por exemplo: 70% de chance de ser menino) ou correr o risco de não conseguir descobrir nada.

Eu não fazia ideia de que através de uma simples amostra de sangue materno era possível determinar, com precisão de 99%, o sexo do bebê já nas primeiras semanas. Então, assim que descobri, fiquei louco. Queria que fizéssemos na mesma hora, mas Olívia teve a ideia de adiarmos até o dia do meu aniversário (eu sabia que ela estava só querendo postergar a liberação do cu, mas acabei concordando), e Suze e Plínio decidiram esperar para fazer conosco, no mesmo dia (eu já disse, eles querem nos imitar em tudo, porra! Aposto que os bebês vão ser do mesmo sexo!).

Olívia já tinha feito um ultrassom, na quinta semana. Mas só conseguimos ver o saco gestacional e a vesícula vitelina. Entrei em desespero, mas a médica assegurou que estava tudo certo, que ainda era cedo para ver o embrião e que não havia motivos para preocupação, porque a gestação era tópica.

Na oitava semana, fizemos outro e conseguimos vê-lo. Era minúsculo, tinha só 2,1 cm. Mas o coração batia assustadoramente rápido, a 140 bpm (talvez eu

tenha derramado uma lágrima quando ouvi o coraçãozinho batendo tão depressa. Mas só talvez).

O terceiro ultrassom, que faríamos naquela manhã, era importante porque, junto com ele, faríamos o exame da Translucência Nucal, que apontaria possíveis problemas cardiovasculares e doenças provenientes de alterações cromossômicas, como a síndrome de *down*.

Era um dos motivos pelos quais estávamos ansiosos. O ultrassom era decisivo em vários aspectos.

Decidimos, para ficar mais emocionante, que só abriríamos o resultado da sexagem na hora da ultrassonografia.

Foi difícil pra caralho controlar a ansiedade com a resposta nas mãos enquanto seguíamos para a clínica, na companhia de Piolho.

A quenga queria estar presente para, segundo ele, gravar minha cara ao descobrir que seria pai de uma menina. Deixei, só porque o ultrassom morfológico era abdominal — e não transvaginal —, com a condição de que ele ficasse à distância e calado. Ele concordou com um "tá, mano, vou ficar *shiu*, tá ligado?".

Tito e companhia ficaram para organizar o que seria o churrasco de comemoração dos resultados e do meu aniversário. Os caras do futebol, da banda e da academia chegariam à tarde.

O procedimento já estava sendo realizado há alguns segundos, e eu não conseguia tirar os olhos da tela, apesar de ainda não haver nada para ser observado.

Meu coração retumbava de modo audível, minhas mãos suavam, e eu estava com vontade de vomitar.

— Bom dia, *parças* e minas! Estamos aqui nesta manhã pra filmar essa puta nervosa descobrindo o sexo do bebê mais aguardado da história dos bebês aguardados, tá ligado? — Piolho começou a matraquear enquanto filmava, causando risadas na médica de meia-idade.

Eu estava tão ansioso que nem conseguia ficar puto com o desgraçado.

— Será uma garotinha? Futuramente tão gostosa quanto essa mamãe-delícia? — Ele continuou falando merda, focalizando o rosto de Olívia. — Ou será um miniputo, desde cedo tão comedor quanto esse papai-quenga?

— A gente vai descobrir isso agora — a médica disse, rindo.

De repente, as letras e campos de dados sumiram, e a imagem trêmula e acinzentada, um pouco mais nítida que um chiado de televisão fora do ar, encheu a tela.

Apertei a mão de Olívia, sentindo-a tão escorregadia quanto a minha.

— Olha só... — a médica falou, usando um tom estranho.

— Que foi, porra? — Olívia e eu perguntamos, assustados.

Piolho caiu na risada.

— Mano de Deus! Parem de me fazer passar vergonha na frente da doutora, meu!

— Tem alguma coisa errada? — perguntei, sentindo o coração bater na garganta, prestes a pular.

— Fiquem tranquilos, papais. Está tudo bem. Mais do que bem, na verdade — ela disse. — Olhem aqui.

— Ai, meu Deus, que lindo... Ele tá mexendo, Max! — Olívia apertou minha mão, com os olhos fixos na tela.

— Eles — a médica corrigiu. — São dois!

— O quê? — sondei, sentindo um misto de euforia e desespero.

— Aqui. Estão vendo? — Ela apontou a tela e, de repente, eu vi.

Dois bonequinhos se movendo, aparecendo, sumindo e voltando a aparecer.

— Puta que pariu! — exclamei, completamente surpreso.

— *Carai*, mano! *Cê* acertou na veia, sua puta! — Piolho deu um soco no meu braço.

— Ai, meu Deus! Não acredito! — Olívia exclamou. — Mas não era só um saco gestacional? — ela perguntou, incrédula.

— Os gêmeos de vocês são monozigóticos ou univitelinos. Ou seja, têm a mesma carga genética e são do mesmo sexo — ela explicou. — Eles estão dividindo o mesmo saco gestacional e a mesma placenta, é uma gravidez monocoriônica monoaminiótica. Não é raro a ultrassonografia não acusar a presença de um segundo bebê quando realizada muito cedo ou quando a posição dos fetos interfere no processamento das imagens, o que deve ter ocorrido no último ultrassom que vocês fizeram. Às vezes, um bebê bloqueia a imagem do outro, e até os batimentos dos coraçõezinhos podem se confundir.

— Caralho... São dois mesmo? Dá para ter certeza a essa altura? — perguntei, com os olhos fixos nos bebezinhos se mexendo na tela.

— Vejam aqui. Este — ela enquadrrou a imagem — é um bebê. E este é outro. São dois. Com 100% de certeza. Parabéns, papais! Gestações múltiplas representam 1% a 2% de todas as gestações naturais. E 1/3 das gestações gemelares são de gêmeos idênticos. Há histórico na família?

— Não — falei.

— Não que eu saiba — Olívia respondeu.

— Então vocês devem se considerar muito sortudos! Minha bisavó tinha uma irmã gêmea. Eu tenho um irmão gêmeo e nenhum de nós dois teve gêmeos. E olha que as nossas chances eram dez vezes maiores que a de vocês! Qual é o segredo? Quero ensinar para a minha filha. — Ela deu uma risada.

— O segredo jaz no meio das minhas pernas — respondi, com um sorrisinho convencido.

— Só sei que o óvulo que se dividiu é meu, né? Então o segredo está comigo, não com você, meu lindo! — Olívia argumentou.

— E se dividiu graças a quem? Quem? Minha porra violenta e meu espermatozoide vencedor fodão, caralho! O desgraçado foi tão potente que dividiu seu óvulo ao meio, linda! — Fiz um gesto demonstrativo, socando a palma da mão. — Eu sabia que eram dois moleques! Eu falei, porra! Aqui é pica das galáxias! — bradei.

— Não sei quem te falou que são meninos, cretino! — Olívia falou, apreensiva. — São meninos, doutora? — ela perguntou, voltando o rosto para a médica.

— Claro que são, porra! Olha ali o tamanho do pau deles, caralho! — apontei a tela.

A médica caiu na risada.

— Aquilo ali é a perna de uma das suas filhinhas, papai.

Piolho teve uma crise instantânea de riso enquanto eu era sugado para uma espécie de limbo.

— Ai, meu Deus! São *meninaaaaaaaaaaas*! — Olívia vibrou.

— *Cê tá fodida, puta! Mano do céu! A quenga é duplamente fornecedora, meu! Alguém me ajuda, véi.* Eu tô passando mal. Vou morrer. — Piolho ria tanto que precisava fazer um esforço sobrenatural para continuar filmando minha cara chocada em vez de se jogar no chão em risos convulsivos.

Eu não ia ser pai de uma menina. Ia ser pai de duas mini Olívias!

Ou seja, ia ter que sair dali e ir imediatamente em busca uma espingarda.

Uma, não. Duas.

Puta que pariu, eu já me sentia completamente diferente, como se meus instintos protetores tivessem se multiplicado por mil só no último segundo.

— Parabéns, minha quenga! — Piolho me abraçou. — Preciso providenciar logo meu moleque, mano! Ele vai ser um *comedorzão* e vai convidar essas beldadezinhas que *cê fez prum menagezão* gostoso! O puto vai comer as duas, tá ligado? — Ele gargalhou.

— *Menagezão* de cu é rola, desgraçado! — xinguei, dando um soco no peito dele.

— Ai, *carai*! — ele reclamou, rindo. — Fala alguma coisa aqui pra posteridade, mano! — Piolho voltou a filmar. — Manda aí um recado pra suas minas! — instigou.

Estiquei os dedos médios pro filho da puta detrás da câmera. Em seguida, abri um sorriso.

— Oi, minhas lindas. Aqui é o papai. Provavelmente, quando vocês virem isso, eu já não estarei com vocês. Porque vocês vão ter me matado precocemente, porra! Então... Eu fui, mas estou levando alguns desgraçados comigo para o inferno. Espero que o eventual filho de Piolho esteja incluído. Sentaremos juntos no colo do diabo. É isso. Cuidem da mamãe pro papai. Amo vocês três.

Piolho, Olívia e a médica gargalharam.

— São duas meninas mesmo? — perguntei, abrindo o resultado do exame de sexagem fetal.

Constatei a ausência de cromossomo "Y", indicando que era uma menina (o que, no caso de gêmeos univitelinos, se aplicava aos dois bebês), ao mesmo tempo em que a médica respondeu:

— Uma delas está em uma posição bastante favorável. Eu diria que, pelo ultrassom, há 90% de chance de serem meninas.

— E 200% de chance de essa noite terminar em comemoração, né, minha linda? — Inclinei-me e mostrei o resultado a Olívia. — São duas menininhas, o que significa comemoração dupla, prima. Contando com o motivo de hoje cedo, teremos uma comemoração tripla! Olha que foda! — falei, beijando o topo de sua cabeça.

Ela arregalou os olhos, e eu abri um sorrisinho maldoso.

Depois disso, a médica fez o exame da Translucência Nucal e foi fazendo as medições e notações na máquina, associando em voz alta a presença de marcadores como o osso nasal devidamente formado e ausência de trissomia 21.

Graças a Deus, estava tudo certo com minhas filhas.

Então, ela ficou um bom tempo explicando que a gravidez gemelar exigia um pré-natal mais cuidadoso e monitorações mais frequentes; que os bebês nasceriam menores e, muito provavelmente, prematuros; que a barriga cresceria mais rapidamente; que era preciso fazer uma alimentação mais regrada; que exercícios como hidroginástica e *yoga* eram ótimos para mulheres grávidas (Olívia já estava fazendo com Suze); e que o excesso de enjoos no primeiro trimestre se devia à presença de dois fetos no útero, o que acarretava uma maior quantidade de hormônios produzidos e, conseqüentemente, mais enjoos.

Estava explicado por que Olívia começou a se sentir enjoada tão cedo e porque os enjoos continuavam tão constantes.

Meu Deus. Eu ia ter duas filhas. Duas menininhas ao mesmo tempo. Os caras iam cair matando.

Que viessem, os filhos da puta!

Quando saímos da sala, Plínio e Suze já tinham terminado o ultrassom e ido para a minha casa. Combinamos assim, porque Lili precisava de ajuda na

cozinha, e não faria sentido ficarmos esperando uns aos outros se podíamos dar as notícias em casa.

— A gente não conseguiu ver o sexo do bebê no ultrassom... — Suze choramingou, assim que chegamos. — Mas já abrimos o resultado da sexagem. É um menino! — Ela estava radiante e dava pequenos pulos histéricos.

— Parabéns, casal! — Piolho os abraçou. — Mas *cês* não sabem da maior, *véi*! Depois *cês* ensinam pra essa puta como é que faz um moleque, mano! — Piolho falou, gargalhando.

— É uma menina? — Tito perguntou, já começando a rir.

— São *gêmeaaaaaaaas*! — Olívia comemorou, dependurando-se no meu pescoço.

— Caralho! — Tito exclamou, chocado. — Sério?

— Ai, meu *Deeeeeeeeeeeeeus*! Eu não acredito! Ai, meu Deus, que maravilha! — Suze correu para abraçar Olívia.

— Ai, que *lindooooooooo*! — Larissa se uniu ao abraço, e as três começaram a pular sem parar.

— Eu sabia! Minha Santa Rita de Cássia não falha! Nem meu São Sebastião! Olha aí o resultado da minha novena! — Lili largou o pano de prato e veio beijar minhas bochechas. — Parabéns, meu menininho! Ai, meu Jesus, que alegria!

— Que *bafoooooooooo*! Duas bonequinhas de porcelana! Quero ensiná-las eu mesmo a dançar balé! — Ícaro bateu palmas efusivas.

— Puta merda! Parabéns, meu puto! — Plínio se aproximou, depois do choque, e me abraçou, junto com Lili.

— Parabéns, filho da puta! — Tito se aproximou em seguida e me abraçou do outro lado.

— Não acredito que vou realizar meu sonho em dose dupla! — Plínio disse, afastando-se. — Qual das gêmeas Dutra-Vetter será a mais desbocada? Qual delas vai dizer "caralho" primeiro? Ou será "porra"? Quem será a primeira garotinha fofa a soltar um "de cu é rola" na escola? — O desgraçado teve uma crise de riso.

— Não tenho culpa de a sua porra fraca não conseguir fabricar dois bebês ao mesmo tempo, seu pau-no-cu! — zoei.

— A minha fabrica um só, mas um roludo! — Ele riu.

— Roludo? Só se o moleque não for seu! — Gargalhei.

— Para de me ofender, idiota! — Susanne me beliscou. — Ai, Max! Eu tô tão feliz! — Ela saltou e tentou me matar esmagado. — Duas menininhas! Sofia vai ficar tão contente! Ela ficou muito satisfeita quando a gente contou que ela teria um irmãozinho, porque, segundo ela, ele não vai ser chatão igual ao Mateus. Mas sei que ela vai surtar quando souber que... *Sofiaaaaaaaaaaaaaaaaaa*! — Ela

gritou, quase me deixando surdo. — Ela tá ali fora brincando com Duda. A mãe dela trouxe as duas agora há pouco.

— "Vai ser menino, porra!" — Tito zoou, me imitando.

— Pra você ver, filho da puta! Eu gosto tanto de mulher que fiz logo duas! — retruquei.

Todo mundo caiu na risada.

— Que foi, mamãe? — Sofia apareceu de repente, dando pulinhos ao lado da amiga. — Tio Max! Tia Liv! — ela bradou quando nos viu e veio correndo.

Olívia e eu nos abaixamos, e ela enganchou os dois bracinhos nos nossos pescoços.

— É um priminho — ela falou, meio triste — ou uma priminha? — Seus olhinhos brilharam de esperança.

— São duas priminhas, meu anjo! — exclamei.

— Duas priminhas? Como assim? — ela perguntou, visivelmente confusa.

— São gêmeas, Souf. Elas vão ser iguaizinhas! — Olívia explicou, animada.

— Ai, meu Deusinho! Igual o Marcelo, o Maurício e o Marcos da minha sala? Eles são muito iguais! Viu, Duda? Eu vou ter priminhas iguais! — Ela se virou, sorrindo para a menina de cachinhos escuros, que sorria enfaticamente. — Elas vão ser que nem a Elsa e a Ana, só que iguais, né, tio, Max? Né, tia Liv? — Souf voltou a nos encarar.

— Isso, Souf! — nós respondemos.

— Vai ser muito legal, porque a gente vai brincar juntas com meu irmãozinho! Né, Duda? Vamos lá em cima fazer outra listinha com mais nomezinhos fofos pra eles! — ela disse e saiu correndo, puxando a mão da garotinha pelo caminho.

Quando Sofia se afastou, Ícaro, Artur e seu Francismar vieram nos parabenizar com abraços.

Eu queria ficar um pouco sozinho com Olívia, então, depois disso, chamei-a para o gazebo. Ela topou, e, quando estávamos saindo, Piolho gritou:

— Deixa pra foder mais tarde, quenga! Tô indo viajar daqui a pouco e ainda tenho muito pra te zoar! Não demora! Plinião e Titona, cês vão ter que cuidar da zoeira enquanto eu estiver fora, mano! Porque só volto segunda! Não decepcionem o Piolhão, tá ligado?

— Vá se foder, Piolho! — gritei de volta, segurando a mão de Olívia.

Quando finalmente estávamos sozinhos, sentados entre as almofadas do gazebo, observando os balões flutuarem na água da piscina, ela disse:

— Eu ficaria tão contente quanto estou agora se fossem meninos. O que me deixa verdadeiramente feliz é que elas estão bem.

— E vão continuar bem. E vão nascer lindas assim, como a mãe gostosa que elas têm — falei, apertando-a entre minhas pernas. — Eu tô feliz pra caralho,

minha linda. Minhas lindas. — Beije a bochecha de Olívia enquanto alisava sua barriga.

Meu coração doía como se fosse se rasgar ao meio. Era uma sensação inédita. Antes, eu sabia que seria pai. Agora, era tudo mais concreto. Eu seria pai de duas menininhas. Nós seríamos quatro.

Lembrando-me do dia em que abrimos o exame de gravidez, à beira-mar, tracejei na superfície branca sobre a qual estávamos sentados, desenhando com o indicador um " $1+1 = 4$ " invisível.

Olívia deu uma risada, que se transformou em um soluço.

— Te amo, Max — ela disse, chorando.

— Te amo, minha linda — falei, puxando seu rosto e unificando nossos lábios em um beijo salino e transbordante de felicidade.

54. A dor ensina a gemer

OLÍVIA

Depois do dia longo e cansativo, mas extremamente feliz, eu estava no melhor lugar do mundo: entre as pernas de Max, aproveitando a água morna e perfumada da banheira enquanto conversávamos sobre a lista de Sofia, que continha os nomes mais inapropriados possíveis para duas garotinhas brasileiras.

— Acho que Mulan seria uma boa — ele disse, tentando parecer sério, enquanto massageava meus ombros com suavidade.

— Pocahontas também — comentei, rindo e girando meu espetacular anel de noivado no dedo.

Tinha se tornado uma mania, desde que Max me dera, assim que voltamos da casa de praia, no nosso primeiro jantar oficial após a descoberta da gravidez. Era lindo, e brilhava mais que tudo o que eu já tinha visto na vida.

— Mulan e Pocahontas... — ele pronunciou, como se estivesse analisando a sonoridade dos nomes. — Mulan, você já fez sua tarefa? Pocahontas, já guardou os brinquedos espalhados na sala? — Max fez uma voz severa de pai autoritário, mas fofo, que fez meu coração ficar todo derretido.

— Ai, meu Deus... Para — pedi, virando o corpo para calá-lo com um beijo. — Você vai me matar, cretino — falei, alisando a parte áspera de seu rosto enquanto roçava os lábios nos dele.

— Mas o que eu fiz, minha linda? — ele perguntou, genuinamente desavisado, o que aumentou preocupantemente o nível de derretimento do meu coração.

— Tá agindo como um pai, cretino — expliquei, beijando sua bochecha.

— Mas eu sou um pai, senhorita Olívia. — Seus lábios se curvaram à *la Vetter*, e eu senti meu coração já escorrido evaporar de vez.

Por que, Senhor? O que eu fiz para merecer esse homem, essa divindade endiabrada, essa criatura diabolicamente deificada, esse ser de beleza espectral e aura devassa?

Ah, é. Passei quatro longos e desérticos anos comendo o pão que o diabo amassou com o rabo sujo de merda! Mereço cada segundo de glória nesse oásis!

— Um pai lindo pra caralho. Um fofo da porra. — Soltei um suspiro apaixonado e beijei seu sorriso perfeito.

Max levou uma mão úmida à minha nuca e aprofundou o beijo. Senti uma

série de arrepios percorrerem minha espinha quando sua língua avassalou minha boca.

Os movimentos começaram lentos e delicados, e foram se intensificando progressivamente, à medida que minhas mãos avançavam sobre seus músculos e as dele transitavam pelas minhas curvas, abrasando cada centímetro da minha pele.

— Levanta, porra — ele pediu, mordendo meu lábio e apertando minha bunda debaixo d'água.

Fiquei de pé, e ele se levantou logo depois, me ajudando a descer da banheira.

Em seguida, Max pegou duas toalhas e começamos a nos secar desajeitadamente, porque não conseguíamos parar de nos beijar, rindo da nossa incapacidade de conciliar as duas coisas.

Quando já não estávamos tão ensopados, ele desistiu e me pegou no colo. Enrosquei os dedos em sua nuca e fui beijando seu maxilar até ser colocada na cama e coberta por um manto de músculos úmidos e retesados.

Ele aglutinou nossos lábios em um beijo possessivo, que reivindicava cada ângulo da minha boca.

Suas mãos palmilharam a lateral do meu corpo, levantando minha coxa; os dedos escavavam minha bunda, e eu podia sentir suas bolas grandes e deliciosas pousadas sobre a minha boceta, e o pau quente e pesado descansando sobre a barriga.

— Te amo, linda — ele disse, ligeiramente arfante, tirando minha sanidade ao esparramar beijos molhados e enlouquecedores no meu pescoço.

Eu gemia, desalinhando seu cabelo e fustigando suas costas com meus dedos tresloucados.

Ele voltou a aterrissar os lábios nos meus, posicionando-se lateralmente no colchão. Agarrei sua nuca e impeli o corpo, ficando por cima.

Max deslizou as mãos, estacionando-as na minha bunda, enquanto gemidos suaves e arquejos sutis compunham nossos beijos curtos e eletrizantes.

— Te amo, gostoso — murmurei, levando o braço para baixo e alcançando seu pau.

Segurei a extensão e estimulei o clitóris com a cabeça, gemendo junto com ele. Empurrei-o alguns centímetros para trás e o envolvi com a boceta, sentando-me devagar.

Max abraçou meu corpo, e sua língua abraçou a minha em um beijo vagaroso, mas intenso.

Quando as metidas se intensificaram, ele sussurrou em meu ouvido, com uma mão afundada na minha nuca e a outra apertando minha bunda com força:

— Quica na minha rola, safada.

Encontrei sua boca e a beijei com esfomeada violência, afastando os fios iniciais de seu cabelo involuntariamente no processo.

Então, depois morder seu lábio inferior, eu me ergui e comecei a subir e descer rapidamente, com os joelhos flexionados e as mãos espalmadas no tórax dele.

— Isso, rebola, puta — ele ordenou, daquele jeito devasso que me matava de tesão.

Caprichei nas reboladas, ouvindo a musicalidade de seus gemidos e sentindo seus dedos pressionarem minha pele com deliciosa ferocidade.

— Assim, gostoso? — perguntei, sentando até o final e rebolando com o cacete atolado até a base na boceta.

— É por isso que eu vou me casar com você, vagabunda — ele respondeu, agarrando minha nuca e puxando minha boca até a dele.

Enquanto torturava meus lábios, sorvendo-os energicamente, Max mudou a posição e começou a estocar impiedosamente, me fazendo gemer alto pra caralho.

— Eu amo essa boceta apertada — ele falou, metendo forte, beijando meu rosto e resvalando a língua para o meu pescoço. — Isso, puta. Geme gostoso. Assim... — Seus beijos deliciosamente doloridos acompanhavam o ritmo das metidas e espalhavam-se pela minha pele, alcançando o ombro, que ele mordia e beijava ao mesmo tempo, ateando fogo em meu corpo inteiro.

Ele levantou uma das minhas pernas, segurando-a na altura do joelho enquanto metia mais fundo.

Max abaixou a cabeça e abocanhou um mamilo, enovelando-o com a língua e com os lábios. Alguns segundos depois, repetiu a operação no outro, sem diminuir o ritmo das investidas.

Os movimentos suaves e determinados de sua boca cumulados às estocadas profundas e precisas estavam me empurrando cada vez mais rápido em direção ao precipício.

— Isso é tão gostoso, desgraçado... — balbuciei, apertando os dedos em seu couro cabeludo.

Ele soltou minha perna, apalpou o outro peito e, depois de uma chupada particularmente prazerosa, moveu a cabeça até alcançar a minha, iniciando um novo e ávido beijo, que abafou meus murmúrios pré-orgásticos até que eu explodi em um bramido prolongado.

Quando abri os olhos, Max estava me observando criteriosamente.

Inspirei fundo e expulsei o ar dos pulmões, sem conseguir conter um sorriso de satisfação.

— Você fica linda gozando, porra — ele disse e beijou minha bochecha,

movendo-se lentamente dentro de mim.

Enganchei os dedos em seu cabelo e puxei sua cabeça. Beije-o com vontade, entrelaçando as pernas em seu corpo.

Ele gemeu em minha boca, tirando e metendo o pau todo, bem devagar.

Então, subitamente, retirou-se de vez, ficando de joelhos sobre o colchão. Ergui-me depressa e engatinhei até ele, segurando o pau e enfiando-o na boca.

Max soltou um gemido inicial, mergulhando a mão em minha nuca. Com as duas mãos, segurou meu cabelo e ficou me observando engoli-lo.

Comecei aos poucos, saboreando a textura simultaneamente rígida e macia, percorrendo com a língua o prolongado comprimento de veias mornas e pulsantes. Gradualmente, aumentei a velocidade, intercalando chupadas suaves e intensas.

Max gemia e puxava o ar, movendo minha cabeça levemente para cima e para baixo.

— Assim, porra... — ele gemeu. — Gostosa...

Eu tinha uma perfeita imagem mental de seus braços fortes perfazendo o movimento sutil, bem como das mãos robustas contendo meu cabelo, e a ideia daquilo multiplicava meu tesão.

Tirei-o da boca e descii os lábios até as bolas, lambendo e sugando-as enquanto minha mão trabalhava pela extensão molhada. Lambi da base à ponta e esfreguei a cabeça nos lábios, deixando a língua tocá-lo enquanto mantinha os olhos firmemente fixos nos dele.

— Tá gostoso assim, papai? — perguntei com malícia.

Ele abriu um sorriso sacana, e eu dei uma puta chupada, deixando a extremidade tocar minha garganta para, em seguida, subir a boca novamente, envolvendo o topo e deslizando a língua pela superfície deliciosamente macia.

— Já chega, puta. — Max me puxou de repente pelo cabelo, subindo meu corpo até estampar os lábios nos meus.

Beijando-me furiosamente, ele conectou nossos corpos com um tapa forte na minha bunda, acendendo cada célula de imediato, como se minha pele estivesse embebida em gasolina.

Então, enquanto meu corpo incendiava e nossas línguas esgrimiam, Max desceu a mão da minha nuca e massageou a região ardida.

Instantes depois, ele subiu o braço, mantendo-o firme na minha cintura ao tornar o beijo suave e gentil.

— Deita de bruços, minha linda — sussurrou em meu ouvido, rastejando os dedos pela minha pele até que sua mão estivesse apalpando meu peito.

Ergui a cabeça para beijá-lo mais um pouco, mas ele me impediu, segurando meu rosto com as duas mãos.

— Faça o que eu mandei, porra — ele disse, olhando fixamente em meus olhos e colando os lábios nos meus, explorando minha boca sem delicadeza.

Em seguida, virou-me de costas e deu um tapa leve na minha bunda, incentivando-me a tomar a posição.

Fui engatinhando e mordendo o lábio, sentindo o tesão aflorado e elevado a altas potências.

Mal pousei o corpo sobre os lençóis e Max se acomodou, posicionando os joelhos nas laterais do meu corpo.

Ele se inclinou e, juntando os fios compridos do meu cabelo e afastando-o das costas, pousou a boca abaixo da minha nuca.

— Ai, meu Deus, Max... — balbucieei, sentindo uma avalanche de arrepios descoordenados quando ele continuou tipografando beijos no meu pescoço.

— Agora fica quietinha aqui e espera seu macho voltar — ele disse no meu ouvido e se levantou.

Permaneci com o rosto virado sobre os braços cruzados, experimentando os vestígios de eletricidade sob a pele enquanto ele desaparecia no que provavelmente foi o banheiro.

Max voltou segundos depois e retomou a posição. Ouvi o barulho do suave atrito entre suas mãos e, logo depois, senti o beijo na bochecha e o toque macio, morno e úmido sobre os ombros.

Ele deslizou as mãos pelas minhas costas, besuntando minha pele e massageando cada centímetro com extrema suavidade, me fazendo soltar gemidinhos e suspiros curtos de excitação.

— Meu Deus... Isso é tão gostoso — suspirei, sentindo a pressão de seus polegares na base da minha coluna.

Max deixou cair mais um pouco do produto perfumado na minha bunda e, escanchado nas minhas coxas, começou a manipular minha carne escorregadia.

— Huuummm... — gemi, sentindo a boceta ficar impressionantemente molhada.

Ele deslizou os dedos pelas beiradas, arrancando novos gemidos e suspiros do meu interior em chamadas.

Seus polegares trabalhavam habilmente em toda a área externa, subindo para a região da bunda e voltando a pousar mais abaixo, em movimentos deleitosamente contínuos.

O contato fluido, cálido e oleoso de suas mãos provocava um relaxamento misturado a um tesão tão intenso que eu tinha a impressão de que, se ele continuasse com a massagem, eu poderia gozar só com aquilo.

Subitamente, ele abriu minhas pernas e se posicionou no espaço entre elas; abaixou a cabeça e, escorregando as mãos pelas minhas coxas, lambeu minha

entrada, de baixo para cima, desenraizando um gemido dolorosamente lento da minha garganta.

Então me puxou e me colocou de quatro com um movimento único.

— Você tá tão molhada, porra — ele disse e, me apertando, sugou minha boceta, deixando a língua subir até o centro da minha bunda, o qual cercou com os lábios, me fazendo gemer alto com o beijo grego.

Eu conhecia a denominação, mas não fazia ideia do quanto aquilo podia ser bom.

— Caralho, Max... — murmurei, sem conseguir evitar rebolar em sua boca.

Ele continuou, alcançando meu clitóris com uma das mãos enquanto me fazia rebolar e gemer incessantemente.

Aquilo era tão incrível que, de repente, eu me peguei desejando que ele enfiasse um dedo. Mas não ia pedir, porque ele poderia interpretar errado, e achar que eu ia dar o cu, coisa que eu não ia fazer...

Eu acho.

De repente, ele ergueu o corpo e pressionou minha bunda com as duas mãos, soltando um "gostosa!" e deslizando o pau para dentro da minha boceta.

— Vai, safada, engole essa pica. — Max ficou parado, movendo apenas o polegar em volta do meu cu, que fazia uma prece silenciosa para que o dedo entrasse.

Comecei a me mover e a rebolar rapidamente, indo até esfregar minha bunda escorregadia contra sua pélvis imóvel e voltando, lustrando aquela delícia sólida e volumosa até a cabeça.

Max se inclinou sobre o meu corpo e sussurrou:

— Olha que vadia...

Então me agarrou pela garganta, colando nossos corpos verticalmente. Seu polegar cutucava a região abaixo do meu maxilar com força; os demais dedos apertavam minha garganta com a mesma intensidade, provocando uma dor gostosa, mesclada ao vigor ininterrupto das metidas.

— Mais forte, filho da puta — pedi, com a voz estrangulada.

Ele mordeu a pele da minha bochecha, bem próxima à orelha, e passou a me sustentar pelos peitos enquanto estocava sem piedade.

— Ai, meu Deus, que delícia... — gemi, inclinando a cabeça e apoiando-a na lateral de seu rosto.

Max desceu as mãos para a minha cintura e espalhou beijos molhados em meu pescoço, sem parar de meter.

Então subiu as mãos novamente, fazendo meus peitos balançarem quando passou por eles, e, de modo repentino, dobrou meu corpo, me colocando de quatro outra vez.

Ele tirou o pau e voltou a beijar meu cu por alguns segundos. Comecei a rebolar involuntariamente, e ele entrou de novo, mexendo-se devagar e enfiando o dedo em meu orifício com a mesma sutileza, aprofundando-o à medida que aumentava a cadência das metidas.

Era uma sensação surpreendentemente boa, uma mistura deleitante de prazer e gotas agradáveis de dor.

Quando senti o dedo atolado, ele começou a tirar e a enfiar, acompanhando a regularidade das estocadas.

Putaquepariu... Aquilo estava tão bom que, de repente, me peguei pensando em como seria tão incrivelmente melhor se ele estivesse enfiando o pau em vez do dedo...

Eu estava gemendo loucamente, bem perto do gozo, quando ele parou sem aviso, tirando o pau.

— Parou por que, porra? — choraminguei, virando a cabeça para encará-lo.

— *Tava* gostoso, puta? — ele perguntou, abrindo aquele sorrisinho convencido.

A ideia era mentir com um "mais ou menos", dando de ombros, mas o que eu me ouvi dizer quando abri a boca foi:

— *Tava*, caralho... Por que você parou, cretino? Volta, pelo amor de Deus!

O pior foi que não consegui omitir o desespero e a voz manhosa.

Max deu uma risada enquanto pegava um tubo sobre a cama. Havia uma caixa de lenços umedecidos ao lado.

— O que é isso? — indaguei, mesmo sabendo o que era.

— O que você acha que é, senhorita Olívia? — ele alargou o sorriso, transformando o curvar de lábios convencido em um sorriso malicioso.

Definitivamente, eu queria tentar aquela porra. Estava morrendo de tesão, precisando que ele continuasse aquilo imediatamente. *Maaaaaaas*, ao pousar os olhos sobre o cacete de Max, como se o estivesse vendo pela primeira vez, engoli em seco, começando a ter *second thoughts* sobre o assunto.

Devo ter arregalado os olhos ou feito uma expressão que dizia "isso vai rasgar meu cu!", porque ele falou, rindo:

— Calma, caralho. Não vou enfiar o pau agora.

Então, colocou lubrificante na ponta dos dedos e mostrou a mão, fazendo uma expressão safada.

Por que o desgraçado tinha que ser tão gostoso? Por que ele tinha que ter aquele corpo, aquela cara e, ainda por cima, piscar com aquele sorriso torto? Tomar no cu, porra...

— Vou colocar os dedos devagar, linda. Se você quiser, eu paro e a gente volta a foder normalmente — ele disse, questionando-me com aquele olhar

compreensivo e protetor que me fazia suspirar e, ao mesmo tempo, morrer de tesão.

Assenti, mordendo o lábio e empinando a bunda.

— Safada... — Ele me puxou, voltou a meter e começou a massagear minhas pregas com o gelado.

Max apertou o tubo mais uma vez e circundou a região, enfiando dois dedos devagar e movendo o pau simultânea e lentamente.

— Relaxa, linda... — ele disse quando contrái o músculo de modo involuntário.

Parei de contrair e concentrei-me nas metidas, sentindo os dedos avançarem de maneira gradual.

Soltei um leve gemido, mas não sabia se era de prazer ou de dor. Doía um pouco, mas as estocadas neutralizavam o ligeiro incômodo.

Surpresa, notei que ele já tinha enfiado os dois dedos por completo, e estava metendo nas minhas duas entradas (quero dizer, uma delas era, tecnicamente, saída), me fazendo gemer alto pra caralho.

— Ai, meu Deus, isso é tão bom, porra...

Do nada, eu me vi com tanto tesão que deixaria ele enfiar um braço no meu cu se a sensação fosse tão boa quanto aqueles dedos (tá, um braço daquela grossura me partiria ao meio, então não. Mas você entendeu).

Max continuou por alguns segundos, até que saiu de repente.

— Nããããão... — Virei a cabeça e o vi pegando um lenço na caixa.

O desgraçado riu e, depois de higienizar os dedos, falou:

— Vem cá, linda.

Ele se deitou lateralmente sobre o colchão e me puxou, posicionando-me de modo que minhas costas ficassem coladas ao seu peitoral.

Entendi que o treino tinha acabado; era hora do *play* e, apesar do tesão, fiquei assustada.

— Mas já? Agora você não tinha que experimentar com três dedos? Tipo, você começou com um. Então, passou a usar dois... Seguindo essa lógica, três dedos devem anteceder o pau — argumentei. — Quero dizer, olha o tamanho e a grossura desse cacete, Max. Preciso dos três dedos antes.

— Nunca enfiei dois dedos, linda — ele disse, beijando meu pescoço. — Pulei de um para três.

Arregalei os olhos.

— O quê? Tá louco? Por quê?

— Porque você é uma safada — ele respondeu, mordendo minha pele.

Virei o rosto e busquei seus lábios. Ele me beijou enquanto apalpava meus peitos.

— Agora fica quietinha e me deixa comer seu cu, porra — ele falou, escorregando as mãos pela minha cintura até alcançar minhas coxas.

Em seguida, Max ergueu o corpo e alcançou o tubo de lubrificante. Despejou uma quantidade significativa nos dedos e passou em mim, espalhando o gel em toda a área. Depois, reabasteceu a mão de produto e lambuzou o pau.

— Seja o que Deus quiser — anunciei, tensa, enquanto ele puxava vários lenços para se limpar.

Meu noivo devasso riu e voltou a se deitar, flexionando minhas coxas e beijando meu ombro.

— Agora sinta minha rola fazendo amor com a sua bunda, senhorita Olívia — ele disse, dando uma risada, e eu gargalhei.

— Eu te amo, cretino... — falei, ainda rindo.

— Te amo, linda. — Ele segurou a base do pau e posicionou a cabeça. — Relaxa. Eu vou devagar. Se doer, você me diz, e eu tiro.

— Tá — concordei, tentando manter o orifício relaxado, apesar do receio.

Senti a ponta da cabeça me cutucando. Até então, tudo certo.

Max avançou mais alguns centímetros, e a desgraçada da dor deu sinal.

Mas ele estava massageando meus peitos e beijando meu pescoço ao mesmo tempo, então meu cérebro estava confuso.

Quando ele entrou mais um pouco, não consegui evitar um "ai, porra! Quer me matar, caralho?".

Ele tentou reprimir o início de uma risada, mas fracassou.

— Tá rindo porque não é no seu toba, cretino! — reclamei.

— Desculpa, linda — ele disse, tentando controlar o riso.

Então continuou entrando, devagar.

Comecei a gemer baixinho, porque, apesar da dor, aquilo era bom pra caralho, uma combinação perfeita de dor e prazer.

Não era uma tortura insana, como eu tinha imaginado. Doía, mas era algo suportável e surpreendentemente prazeroso. Na verdade, era uma sensação muito diferente de tudo na vida; gostoso de um jeito dolorido e inexplicável. Não dá para descrever, só sentir.

— Quer mais, vagabunda? — ele perguntou, descendo uma mão para acariciar meu clitóris.

— Hum-hum... — gemi.

— Putinha safada... — ele sussurrou no meu ouvido, metendo um pouco mais e arrancando um gemido gritado das profundezas do meu ser ensandecido de tesão.

— Ai, meu Deus, Max... — Dobrei o braço para trás, a fim de alcançar sua nuca.

Ele continuou massageando minha boceta, entrando e saindo, cada vez mais rápido, e um pouco mais fundo, da minha porta traseira.

Max puxou minha perna, erguendo-a levemente no ar e enfiando mais uns bons centímetros de pica.

— Huuuummm... Dói pra caralho — falei, embora meus gemidos fossem mais de prazer que de dor.

Ele tirou o pau e passou mais lubrificante, voltando a entrar vagorosamente.

— Puta que pariu... — Max puxou o ar, começando a bombar de leve.

E ai, meu Deus, que delícia.

Porra... Nunca na vida eu poderia imaginar que dar o cu fosse tão bom. Sério.

Por que eu não tinha permitido que ele comesse meu cu antes? Por que fiz tanto cu doce? Meu Deus, aquilo era mítico. Eu precisava lançar uma campanha: "*miga*, sua louca, libera logo esse rabo!".

Não vou te enganar, colega. Dói. Mas, vá por mim, é o tipo de dor que você quer sentir, e não algo devastador como uma crise de útero possuído. Estou falando daquele tipo de cólica no meio da madrugada que te faz desejar que Hades surja no meio do quarto, te corte ao meio com as garras e dê as suas trompas inúteis para Cérbero comer. A propósito, graças a Deus, estou livre disso por mais seis meses (e não venha me lembrar do que me aguarda durante o parto, porque, no momento, estou ocupada demais dando o rabo para me preocupar com detalhes).

Era gostoso sentir aquela rola de dar água na boca comendo meu cu, desaparecendo e voltando a reaparecer no meio da minha bunda...

Mas, do nada, no meio daquela deliciosa sessão literal de pau no cu, completamente *out of the blue*, senti uma vontade inumana de cagar (não vou usar "fazer cocô" porque não estou falando com criança). Cagar mesmo. Daquele tipo de vontade que você sabe que principia uma tragédia de proporções diarreicas.

A cada estocada, estávamos mais perto do desastre escatológico e, se eu cagasse no pau de Max, teria que roer meus pulsos em seguida.

Ele tinha ido comprar cerveja naquela tarde com Tito (Thomas insistiu para que eu o chamasse de "Tito", e eu ainda estava me acostumando). Então, eu havia aproveitado a oportunidade e corrido até o banheiro do nosso quarto (eu também estava me acostumando a usar "nosso" para me referir às coisas de Max) enquanto todo mundo se divertia lá embaixo na piscina. Saí com a desculpa de que ia me deitar um pouco, porque estava meio enjoada, e tive um trabalho da porra para driblar a preocupação de Suze e Larissa sem precisar gritar na cara delas: "eu tô indo cagar, caralho! Tô indo fazer a chuca! Pro caso de decidir dar o cu mais tarde, porra!".

Quando estava sozinha, na tranquilidade amistosa do banheiro imenso e luxuoso do quarto de Max (quero dizer, do nosso quarto), tirei a mangueirinha do suporte, removi o chuveirinho e enfiei o tubo no cu.

Obviamente, eu nunca tinha feito aquilo, e estava me aventurando no que sabia por alto, do que tinha lido, superficialmente, cinco minutos antes na Internet, pelo celular.

Eu tinha que enfiar aquele troço no rabo, mas não podia enfiar demais, a menos que eu quisesse acabar com um jato de merda esguichando por uma das narinas.

Depois, era só ligar o chuveiro e deixar a magia acontecer. Ou seja, deixar a água morna ou fria fluir. Não podia ser água quente, a não ser que eu quisesse preparar um sarapatel dentro do bucho. Também não podia ser muita água, a menos que eu quisesse inscrever caroços de milho e sementes de tomate na natação. Era preciso deixar a quantidade certa de líquido entrar.

Depois de sentir o rebuliço no estômago, era só sentar no sanitário e pronto. *Release the Kraken!*

O foda era suportar a dor da diarreia que a lavagem interna causaria.

Eu estava prestes a girar o registro do chuveiro quando senti o suor frio e o burburinho no estômago. A ansiedade e o medo de fazer merda durante o procedimento (no sentido conotativo, além do literal) acarretaram uma dor de barriga que me fez afrouxar as pregas sem sentir.

Puxei a mangueira da bunda e corri pro vaso. Quase não deu tempo de chegar.

Fiquei sentada por cerca de uma hora, colocando para fora até o peru de Natal que comi na ceia de 1999.

Quando me levantei do vaso (depois de limpar a bunda), identifiquei destroços similares a caroços de feijão preto e pedaços deformados de couve-flor (se você está comendo enquanto lê, saiba que estou rindo da sua cara de nojinho. *Muhahahaha!*).

Enquanto a massa disforme de cor não identificada me encarava na água (que água? Só tinha merda diluída!), tive uma ânsia violenta de vômito e sujei a borda do vaso com o jato de comida líquida.

Acredite, bosta com cobertura de vômito é capaz de esvaziar o estômago de uma grávida. Vomitei mais um bocado e, antes expelir até as tripas, dei descarga.

Depois de limpar toda a sujeira, fazendo um esforço descomunal para não vomitar, voltei para o chuveiro.

Desisti da chuca, obviamente, porque não queria morrer de dor de barriga. Lavei a borda da mangueira e recoloquei o chuveirinho. Em seguida, tomei um banho de cerca de meia hora e desci, revigorada e mais leve que um pássaro, julgando que tudo daria certo, caso mais tarde eu decidisse mesmo colocar a

rabeta pra jogo, como diria o Hugo Gloss.

Ali, enquanto Max metia no meu cu, eu amaldiçoava a Olívia inocente que não fez a porra da chuca, porque, por causa dela, a Olívia de cu frouxo estava prestes a confeitar o pau do noivo com uma boa dose de *chantilly* fecal, e a cereja do bolo seria um caroço de milho. Ou feijão.

Seria um ótimo bolo tardio de aniversário.

Diante daquela situação de merda, o que você acha que eu fiz?

a) Fingi que estava tudo bem, e que aquele tipo de coisa só acontecia em filmes *trash* de comédia;

b) Fiquei caladinha e esperei a merda inevitável acontecer (sem trocadilhos, por favor);

c) Sussurrei um mentiroso "Max, tá doendo. Não quero mais.", sem maiores esclarecimentos; ou

d) Soltei um "Max, acho melhor a gente parar.", esperando que ele pegasse a deixa.

Vamos fazer aquele esquema do espaço, em que você escolhe uma opção e só confere o que eu verdadeiramente fiz depois de optar por uma das alternativas, *okay*?

.

.

.

.

.

.

.

.

Decide logo, porra! A merda tá na beiradinha, quase explodindo!

.

.

.

.

.

.

Meu cu tá piscando. Sério. Não vou aguentar.

.

.

.

.

.

•

•

•

•

•

•

•

— Para, porra! Eu vou cagar! — gritei.

Espero que, a essa altura, você saiba que eu não poderia fazer outra coisa além de gritar com acentuado desespero.

Estamos falando de quem? De Olívia Dutra e sua vida de merda. É claro que, a eventualidade de uma merda acontecer, ela aconteceria. No caso, literalmente. Lei de Murphy é uma puta fiel, e eu precisava impedir a tragédia gentilmente!

O desgraçado caiu na risada.

Em seguida, falou, ainda rindo:

— Não vai, linda. Você só acha que vai. Respira fundo e relaxa.

Dizendo isso, ele continuou metendo.

Isso mesmo. O filho da puta me ignorou completamente. A minha vontade era relaxar mesmo, e lambrecar o pau dele de bosta.

— Max, é sério... Tô sentindo que vai dar merda.

— Para de me fazer rir, porra — ele pediu.

— Para, caralho. E se eu, literalmente, cagar na pistola? — perguntei, desesperada.

— Você foi ao banheiro hoje? — ele questionou.

— Fui. Caguei até as tripas — confessei.

— Então não vai. Isso é normal. Confia em mim. Mas posso tirar, se você quiser — ele disse, fazendo menção de retirar o pau.

— Não tira! Deixa aí! — gritei. — E se estiver sujo de bosta? Eu morro! Ai, eu Deus, eu quero morrer...

Ele teve uma crise de riso.

— A culpa é sua, que inventou essa merda! Merda de trocadilhos de merda! Para de rir e continua metendo, cretino! — bradei.

— Então para de falar merda e me deixa gozar em paz, porra! — ele falou, rindo.

— Para de falar “merda”, caralho! Vai. Vou ficar calada — garanti. — Mas, se tu cagar no seu pau, Max, não me mostra! Senão nunca mais eu te chupo!

Ele gargalhou de novo.

— Olívia, cala a porra da boca — ele disse, puxando minha cabeça e me calando com um beijo.

Então continuou metendo, fazendo movimentos circulares com a mão inteira no meu clitóris enquanto bombava. Logo ignorei aquela vontadezinha irritante, que parou de me deixar louca, e recomecei a gemer.

Max voltou a apalpar meus peitos, beijando e mordiscando meu pescoço, falando indecências como "vou encher esse seu rabo gostoso de leite, vagabunda".

Acabei gozando pouco depois, permanentemente surpresa com o quanto aquilo (tirando o receio de liberar o intestino) era escandalosamente gostoso.

Ele me posicionou de bruços, colocou mais lubrificante e entrou novamente, estocando, gemendo e soltando palavrões.

Aquela boca suja me dava tanto tesão que comecei a me movimentar junto com ele, esquecendo-me da dor e rebolando com aquela tora de pau enfiada no rabo.

— Puta merda... — ele falou, gemendo alto e batendo com força na minha bunda.

Eu poderia zoar e dizer "você falou 'merda', porra!", mas aquilo estava tão surrealmente bom que não consegui expressar a piada.

— Gostosa... — Max bateu do outro lado e fincou os dedos na minha pele, apertando minha carne dolorida e escorregadia. — Meu Deus... — murmurou, urrando em seguida.

Instantes depois, ele tirou o pau e continuou gozando na minha bunda.

— Que gozada do caralho. Puta que pariu... — Ele suspirou. — Enfim posso morrer em paz. Podem vir, Mulan e Pocahontas. Já comi o cu da mamãe. Agora podem matar o papai.

Max se deixou cair ao meu lado na cama. Ergui o corpo e subi em cima dele.

— Retira isso, cretino — pedi, rindo.

De olhos fechados, respirando pesadamente, ele disse:

— Tá, porra, eu retiro. Mas só se tiver cu diariamente a partir de hoje. — Ele deu uma risada.

— Diariamente, nem pensar. Você tem esse pau de itu e, além de prezar pelas minhas pregas, pretendo ter uma *vida defecante* normal, como qualquer pessoa. Mas, se você for um bom menino, deixo você comer meu cu de vez em quando. Tipo, uma vez por semana. E eu só me submeteria a esse martírio em nome do nosso amor, é claro. — Soltei um suspiro fingido de profundo pesar e sofrimento.

Ele caiu na risada.

— Confessa, prima — Max mudou a posição, jogando-me de costas sobre a

cama e cobrindo meu corpo com o dele —, você está arrependida de não ter liberado esse cuzinho gostoso pra mim antes.

— Eu não! Foi terrível, uma experiência traumatizante! — menti. — Só vou me submeter a esse enorme sacrifício semanal porque eu te amo, cretino.

— Fico muito grato por toda a sua benevolência, senhorita Olívia — ele disse, sorrindo com aquele ar cortês de cavalheiro do século XIX, e me beijou.

Meu Deus... Por que ele tinha que ficar ainda mais gostoso falando daquele jeito?

— Vem, porra. Vamos tomar banho. — Max se levantou de repente, puxando minha mão, com uma expressão convencida no rosto.

O desgraçado sabia o quanto me afetava. Eu já estava alarmanamente excitada e, quando ele indicou as costas para eu subir, eu mal podia esperar pelo segundo *round* debaixo do chuveiro.

55. Antes só que mal acompanhado

PIOLHO

Na segunda-feira, decidimos que a despedida de solteiro de Putão duraria a semana inteira, que sairíamos juntos todas as noites, e que visitaríamos as melhores boates e clubes de *strip* da cidade.

Ia ser épico, mano!

Tá, *carai*, eu menti. Putão não concordou com isso.

Mano de Deus, alguém me dá um tiro. Trocaram minha puta!

Dava vontade de chorar, tá ligado? Eu não podia acreditar que nossos dias de puteiro estavam chegando ao fim, *véi*...

Era o fim de uma Era de orgias (pra ele, mano, não pra mim), e eu nem ia ter o direito de me despedir junto com a minha puta favorita, meu.

Mas eu não ia desistir, mano. A última noite tinha sido só uma batalha perdida. Eu tinha a semana inteira pra tentar vencer a guerra.

Fui jogar pôquer com os camisolões ontem em vez de sair pra pegar mulher, o que contabilizava três dias sem transar. Eu já estava no quarto dia, se contarmos com esta terça-feira, que, se Deus quiser, vai acabar numa casa noturna, comigo e os caras cercados de ninfetinhas seminuas.

Hoje eu acordei nervoso pra *carai*. A organizadora do casamento de Putão me ligou na noite anterior, bastante histérica (devia tá na TPM), perguntando, pela milésima vez nos últimos dias, quem seria o meu par no dia do casamento.

Nem a noiva *tava* preocupada com essa parada, mano, e a dona me enchendo o saco.

Ela me deu até o horário do almoço de hoje para informar o nome da minha acompanhante, que precisará tirar as medidas do vestido verde-menta (seja lá que tom escroto de verde for isso) no máximo até o final desta tarde.

Plínio, Tito e Ícaro, os outros padrinhos, obviamente têm um par. Só eu tô fodido. É claro que aquelas quengas já me zoaram pra *carai*, mano, com aquele papinho de merda de camisolões assumidos. "Se tivesse uma namorada, não *tava* passando por isso, Piolhão".

Assifudê no inferno.

Eu *tava* me sentindo em um daqueles filmes da sessão da tarde com bailes gringos de colegial, saca? Aqueles em que todo cara fodeador já descolou uma mina gostosa pro dia da dança, e só o protagonista virjão e seu melhor amigo BV

tão com o cu na mão por não terem tido colhões pra convidar alguém.

Mano, sabe o Baile de Inverno do Harry Potter?

Pode rir se quiser, mas eu sou *potterhead*, tá ligado? Inclusive, traçava fácil a Emma Watson, meu. Ela é a atriz não pornô dos meus sonhos, na moral.

Pois é, o Rony era virjão, mano (o filho da puta tinha a varinha quebrada e ainda conseguiu traçar minha mina no final da saga. Isso é *spoiler*? Se for, foda-se). Por isso, já era esperado que ele não tivesse um par, saca? Mas me explica como o Harry (tudo bem, outro virjão, mas *the boy who lived*, o apanhador do time de Quadribol, um campeão tribruxo, que futuramente ganharia o *carai* do Torneio) não tinha um par, meu! Teve que arrumar uma bocetinha aleatória lá.

Enquanto isso, a mina que ele queria traçar foi com o *playboyzim* de bosta do Edward (não, mano, não viaja. Só conheço essa merda por causa das minas lá da escola, tá ligado? Tudo *#teamJacob*).

Mas, pelo menos, Harry teve coragem de convidar a Cho, mano. Perdeu pra uma *vampirola* brilhante? Perdeu. Levou um toco no rabo? Levou. Fez papel de trouxa? Fez (apesar de ser bruxo). Mas honrou as bolas na cueca e foi lá (com o pau murcho, naquele frio da boceta) e chamou a mina, enquanto o pobre-diabo do Rony foi tentar a sorte com a Fleur! Mano, um cara tem que saber se enxergar, meu. Tem limite pra frouxidão, saca?

Hermione lá, batendo palma (se é que *cê* me entende), e o pau-molão deixa a mina ir com o Krum, *véi*! O fodão da *Durmstrang*, um cara pra quem ele pagava *mó* pau, meu.

Mano, a cara de chupa-rola que ele fez quando viu a cena foi impagável. Se *cê* viu o filme, espero que *cê* tenha rido e xingado o trouxão tanto quanto eu.

Então... Meu caso é tipo o do Harry. Por que eu não tenho o *carai* de um par? Eu sou foda! Não posso não ter um par, tá ligado?

Por motivos óbvios, eu não poderia chamar Drica. A propósito, ela nem foi convidada pro casamento. E tá puta da vida com isso, meu.

Na verdade, ela é tão iludida que acha que alguma coisa vai acontecer no grande dia para impedir o casório. Tipo Olívia amanhecer com uma espinha do tamanho de uma cratera no nariz, ou Max pegar conjuntivite; Putão ser sequestrado por uma organização criminosa composta por todas as mulheres que ele já comeu, ou Olívia ser levada e torturada por um ex-ficante psicopata.

Também havia a chance de Olívia menstruar no vestido (ah, é, ela tá grávida, então o mais provável seria o vestido não caber por causa da barriga), ou de Max, nervoso pra caralho, se cortar quando fosse fazer a barba (um corte pequeno, pra não deformar aquela cara de *dador* de cu que ele tem).

Outra hipótese absurda seria Max se arrepender na hora da cerimônia e dizer um sonoro "não" no último instante, ou a noiva fugir às pressas com um amante

desconhecido na hora do "sim".

Drica tá contando com a possibilidade de Putão desistir do casamento, sendo que o pau do cara já tá enfeitado, mano. Tem jeito, não, quando um cara cai de quatro não levanta mais. É só a mina botar a coleira e sair puxando, tá ligado?

Ela tá esperando que esse tipo de merda (que só acontece em romances, seriados e filmes de mulherzinha) aconteça na vida real, saca?

É de fazer dó. Eu já disse mil vezes a ela que nada do tipo vai acontecer, porque a vida não é o *carai* de um livro, mas não tem jeito.

Desde que ela descobriu sobre as gêmeas, está em um estado deplorável de negação. Segundo ela, “não é possível que aquele anão indiano esteja grávida de gêmeos! O ultrassom deu errado! Ela não pode estar grávida de gêmeos, Lucas! Seria perfeitinho e cinematográfico demais!”.

Ela fica repetindo isso aí por um bom tempo, até que cai no choro. Pouco depois, começa a gargalhar. “Ela não tá nem grávida! Tô te falando. Aposto que ela tá dando no Delícia o mesmo golpe que Carol tentou dar em Tito!”.

E, então, recomeça o ciclo: “não é possível que aquele anão indiano (...)”.

Enfim, mano, já tô caçando outro lugar pra morar, porque não aguento mais as loucuras de Drica. Ela é minha irmã e tal, mas eu sempre soube que ela nunca foi muito certa, e acho que os parafusos afrouxaram de vez.

Eu poderia chamar Andressa, minha irmã mais velha, pra ser meu par. Tudo bem que Putão já comeu, mas *bora* jogar a real, mano: todas as convidadas gostosas, tirando Suze e Larissa, aquela puta já vai ter comido.

Só não vou chamar Dessa porque, apesar de ela ter sido convidada, seria chato pra Liv ter uma mina que já chupou o pau do noivo como madrinha. Tudo bem que, na verdade, eu sou padrinho de Max, e Tito e Ícaro são dela, mas dá na mesma.

Além disso, eu prefiro morrer a aparecer no casório da minha puta favorita com uma das minhas irmãs de acompanhante, saca? Seria muito humilhante, mano. Tipo... A irmã, *véi*?

O Piolhão aqui não precisa de caridade de irmã, tá ligado? Quero dizer, olha esse *shape*, mano... Consigo uma mina em dois segundos.

Vou conseguir uma mina nível Megan Fox pra ser meu par até a hora do almoço. E foda-se que vai ser uma mina desconhecida. Foda-se que, daqui a uns anos, quando eles olharem as fotos, não vão fazer ideia de quem é a estranha gostosa ao meu lado, e nem eu.

Pensando bem, pode ser uma conhecida. Já sei quem eu vou chamar, mano! Como é eu não tive essa ideia antes, meu?

Sei em quem *cê* tá pensando, tá ligado? E a resposta é: nem fodendo. Eu iria preferir dar uma de Harry e convidar uma das gêmeas Patil a convidar Maria

Luísa. Pra você ver o quanto eu não quero ir com ela, mano.

Aquele assunto do último sábado tá morto e enterrado. Quando acordei no domingo, ela já tinha saído do hotel, o que me deixou imensamente aliviado na hora do show.

Fiquei procurando por ela entre as pessoas? Fiquei. Mas só por precaução, saca? E se ela não tivesse saído da cidade e resolvesse aparecer? Uma novinha daquele naipe cercada de caras chapados é tipo um cordeirinho assustado no meio de uma alcateia faminta, tá ligado? E eu, como seu professor, era responsável pela integridade física e moral dela.

Mas, felizmente, Maria Luísa não apareceu, o que foi bom pra *carai*. Na moral.

Eu disse que acordei nervoso por causa de toda essa coisa com o par, certo? Mas, jogando a real, eu também *tava* meio apreensivo porque não sabia o que esperar desta manhã.

Seria a primeira vez que eu a veria desde que a vi pelada, mano. Isso com certeza ia alterar a porra toda.

Quando abri os olhos e me lembrei de que estaria frente a frente com ela em cerca de quarenta minutos, meu pau cutucou o lençol.

Preventivamente, fiz a anaconda cuspir debaixo do chuveiro. A desgraçada cuspiu pra *carai* enquanto eu pensava na Megan Fox (não em Maria Luísa, pro seu governo).

Mano, para de fantasiar. Piolhão é da suruba, saca? Nada a ver aquela mina virgem. Nada a ver meu pau descabaçando aquela bocetinha quente, molhada e apertada... Nada a ver os gemidos dela no pé do meu ouvido, os peitos na minha mão, o pescoço na minha boca, os dedos no meu cabelo, as pernas na minha cintura. Nada a ver, mano.

Tá, *carai*. Confesso que agitei o *Yakult* pensando em Maria Luísa. Mas foi por causa dessa coisa do cabaço, mano. Na moral. É que a possibilidade de enfiar a pica numa uma boceta zero bala deixa um cara comilão com o pau na testa, meu.

Eu admito. Isso é uma coisa meio homem das cavernas; primitivo e um pouco machista, talvez. Mas é tudo por causa do ego, tá ligado? Filar uma boceta apertada, que nunca acomodou outro cacete, é tipo o paraíso na Terra, saca? Aquela boceta é exclusivamente sua, mano.

Como eu disse, é pelo ego.

Já me arrependi mil vezes de ter deixado o “modo Lucas” se sobrepor ao “modo Piolho”. Eu podia ter comido. Eu deveria ter comido. Qualquer putão teria ligado o foda-se e comido. Na verdade, toda vez que eu fecho os olhos e a vejo sem aquele casaco vermelho, tenho vontade de atirar no meu saco por tido um acesso insólito de hombridade. Mas isso dura só alguns segundos. Só até eu

me convencer de novo que foi melhor assim.

As mulheres costumam lidar com a perda da virgindade de modo bastante poético. É um marco, um momento importante para a maioria delas, algo que é bem pensado e imaginado infinitas vezes. Há toda uma idealização, saca? É uma responsabilidade muito grande para o cara “escolhido”. Não é só chegar e comer, mano.

Quero dizer, geralmente, é exatamente o que eu faço. Chego, como, com o máximo de cuidado possível, e pronto. Fim. Mas não posso fazer isso com Maria Luísa.

Eu não sei explicar. Simplesmente não posso. Ela tem dezoito anos e, em menos de três meses, nem vai mais ser minha aluna. Provavelmente, nunca mais vou vê-la depois da formatura. Ou seja, eu poderia ter ligado o foda-se. Mas sinto que, se precisasse reviver aquelas cenas novamente, faria tudo igual.

É o seguinte: tem alguma coisa nela.

Pera lá, meu. Preciso deixar claro que não estou apaixonado. Não sou idiota, eu saberia se estivesse. Já tive algumas namoradas, já estive apaixonado (mas nunca de quatro! Nunca fiquei como Putão, mano. Tá repreendida essa mandinga na minha vida!), e posso dizer que não estou por Maria Luísa. Na boa. Se estivesse, eu diria. Não sou tão orgulhoso quanto aquela quenga.

Mas ela me atrai de um jeito muito esquisito. Tipo, ela deixa meu pau fora de controle e, mesmo assim, eu tenho autocontrole suficiente para me impedir de fodê-la? E com o adendo de saber que ela é virgem? Justo eu, o cara mais descontrolado do mundo quando o assunto é boceta?

Agora me diga se isso faz sentido, meu. Eu sei, nenhum.

Eu teria feito tudo de acordo com o figurino. Se um cara se dispõe a comer uma virgem, precisa seguir uma série de etapas básicas antes, durante e depois do ato.

Qualquer filho da puta come. Mas comer como se deve não é pra qualquer um. Eu cumpriria todos eles com Maria Luísa. Acho até que me excederia; eu me preocuparia com cada segundo, seria extremamente cuidadoso antes (com as preliminares) e durante (com o ritmo e os beijos).

O problema seria o depois.

O depois, mano, seria imprevisível. Ela poderia interpretar meu excesso de cuidado de forma errada. E, se estar dentro dela fosse tão bom quanto minha imaginação me fazia acreditar, eu poderia não resistir a um repeteco (ou vários), o que levaria a mais interpretações equivocadas. No fim, eu estaria no meio de uma bola de neve, com uma aluna apaixonada no meu pé. Ou seja, estaria vivendo o maior terror de todo professor do ensino médio.

E o pesadelo seria ainda maior se, por acaso, eu me apaixonasse por ela.

Não sou o tipo de cara que se apaixona fácil. Posso contar o número de namoradas que tive em quase quinze anos de trepadas nos dedos de uma mão. Mas, se eu disser que não há o risco de eu me apaixonar por Maria Luísa, vou te fazer rir.

Quero dizer, ela é diferente, mano. Ela é gostosa e atirada e tem um lápis vermelho e aquele sorriso e faz aquele boquete. Ela é estranha e é minha aluna e fuma e tem aquele cabelo e é filhinha de papai. E tudo isso, toda essa mistura, me faz sentir diferente em relação a ela. Enfim, estou ciente de que a chance existe.

Quero que isso aconteça? Nem fodendo. Na moral, mano. Seria patético pra *carai*.

Eu não vou me apaixonar por ela. Prefiro raspar a cabeça.

Não, raspar a cabeça seria muito radical. Prefiro cortar meu cabelão, meu. Prefiro isso a me apaixonar por Maria Luísa.

Talvez eu me importe com ela apenas porque ela é minha aluna. É bem possível que todo o meu receio seja por isso. E pode ser que a minha recusa tenha sido uma desculpa do meu subconsciente para postergar uma trepada inevitável só para deixá-la ainda mais gostosa, como uma espécie masoquista de preliminar.

O foda é que eu não posso, de jeito nenhum, transar com ela. Não vou comer essa mina, mano. Sério.

É o seguinte, vou dizer o que vou dizer daqui a pouco uma vez só. *Cê* lê e depois enfia as palavras no rabo, beleza?

Mano, *tamo* só nós aqui. *Cê* não vai me dedar pras putas porque aqui é parceria, tá ligado? Como *cê* não é rapariguinha, eu vou falar essa merda (mas prefiro deixar o Wolverine arrancar meu saco a dizer um *carai* desses em voz alta).

Então, lá vai: descobri que tô com medo de Maria Luísa.

Falei. Foda-se.

Agora enrola essas palavras e faz o que a gente combinou, tá ligado?

“Ah, Piolhão, seu pau-molão! Tá com medo de *muié*, quenga? *Cê* é louco, meu?”

Mano, para de zoar, *véi*. Pelo menos eu tô assumindo esse *carai*. Tô com medo de foder a mina e acabar me fodendo, saca? Acho que não me foderia como Putão, porque, na moral, não tem como outro cara se foder tanto na vida, meu. Mas sei lá, mano... Já beijei a mina, já beijei a boceta da mina, e eu gostei pra *carai*. (*tamo* num momento *brothers* aqui, tá ligado? Se *cê* abrir o bico, eu vou ter que encher seu cu de formiga no dia seguinte, se é que *cê* me entende).

Mano, já imaginou Putão me ouvindo dizer um *carai* desses, que tô com medo

da novinha? Se bem que agora aquela puta do cu frouxo não tem moral nenhuma. A quenga fez tudo errado, meu. Por isso se fodeu.

Ele devia ter feito o que o gênio aqui vai fazer, mano. Saca aí a ordem dos acontecimentos e a esperteza do Piolhão, em cinco passos (um tutorial foda — e 0800 — pros *pica-suja* de plantão):

- 1) *Cê* conhece uma mina gostosa;
- 2) *Cê* saca que a mina, além de gostosa, tem uma *vibe* diferente; uma parada que deixa seu pau mais cego que o normal.

- 3) *Cê* percebe que a putinha tem um potencial da porra pra te foder pra *carai*;

- 4) *Cê* sai na frente e fode a mina primeiro? Só se *cê* for retardado, mano. É simples: *cê* NÃO fode e, assim, evita ser fodido, saca? O erro de Putão foi dar a primeira molhada de rola. E é isso o que eu NÃO VOU FAZER, porque pau é uma desgraça, meu. Enfiou, viciou, já era, tá ligado? Nem a boceta da Megan Fox desfaz o feitiço. Tô pra te falar que nem o cu da Megan Fox é capaz de te salvar da magia negra, meu. Então não inventa moda, tá ligado? Nada de enfiar sua varinha numa bocetinha mágica. É assim que vivem os espertos, mano. A gente vê os *parças* tomando no cu e pega as manhas pra não levar umas toradas no rabo, tá ligado?

- 5) Depois de tomar a sapientíssima decisão de não foder a mina, o que *cê* faz? Fica de boa na lagoa, manjando a bunda da putinha de longe, sentindo a jorumalha crescer dentro da calça toda vez que ela dá uma rebolada? Que *cê* vai fazer isso é um fato, saca? *Cê* só não pode perder o controle. Deixa eu explicar uma parada pras minas: é difícil pra *carai* controlar o próprio pau, gata. Em algumas situações, *cê* não consegue segurar a piroca dentro da calça nem fodendo. “Ah, Piolhão, meu gostoso, então o que o cara faz pra não cair na armadilha *embocetada* da mina?”. Agora eu vou revelar o grande segredo pros caras: então, mano, como *cê* já sacou, *cê* precisa controlar seu monstro veiúdo da cabeçorra lascada no meio, tá ligado? “Ah, Piolhão, meu guru, como eu faço isso, *véi*?”. Piolhão vai te ensinar como, seu pau-no-cu. Só porque é utilidade pública, tá ligado? Seguinte, pega o plano do mestre no próximo parágrafo:

Mano, o que eu vou fazer é um acordo comigo mesmo. Não vou transar com Maria Luísa por motivos de: vai dar merda. Essa é a decisão. Agora, como eu vou controlar minha anaconda? Simples. O trato é o seguinte: se eu transar com Maria Luísa, vou ter que cortar meu cabelão, meu bem mais preciso, depois da minha Serpente-rei. E, se eu transar com ela e não passar a tesoura no cabelo, Max morre.

Mano, eu sou um gênio. Quero transar com Maria Luísa? Pra *carai*. Quero cortar meu cabelo? Nem por um senhor caralho. Eu amo meu cabelão, mano.

Mas... Transaria com Maria Luísa mesmo sob a autoameaça de perder meu

cabelão? Muito provavelmente. Então, eu poderia simplesmente comê-la e, em seguida, ignorar o trato. Mas aí é que vem a coação, mano. Se eu fizer isso, Deus me castiga e mata Max. E eu não quero aquela puta comendo capim pela raiz agora. Quero a quenga viva por muitos anos, pra ver meu moleque fodendo as duas minas dele ao mesmo tempo, tá ligado?

Pronto. Problema resolvido. É tudo uma questão de arquitetar merdas na cabeça, saca? Assim, *cê* fica blindado de coisas que *cê* quer muito fazer, mas não pode.

Só depois de bolar esse plano infalível eu consegui sair de casa naquela manhã.

Assim que entrei na sala dos professores, procurei Alana. Ela era minha salvação. Eu não podia chamar nenhuma gata da academia ou qualquer mulher que Putão e eu conhecíamos em comum pelo mesmo motivo pelo qual não podia convidar Andressa. A quenga tinha comido todas as que eram gostosas, meu. E eu que não ia convidar mulher feia. Então, só me sobrava a escola. E, dentre todas as professoras e demais funcionárias, a melhor opção era Alana. Ela podia até levar a namorada. Quem sabe as duas não topavam um *menagezão* gostoso depois da cerimônia?

Tomei no cu. Não encontrei Alana, mano. O universo *tava* de zoeira com a minha cara, porque, segundo a orientadora pedagógica, ela tinha ligado mais cedo e comunicado que precisaria faltar. Fiquei puto pra *carai*, mas *tava* de boa. Eu ligaria pra ela mais tarde.

Quando cheguei à sala de aula, senti uma mistura de alívio e frustração quando vi a carteira de Maria Luísa vazia.

Inicialmente, o alívio foi maior que a frustração. Cinco minutos depois, quando eu li seu nome na chamada e ninguém respondeu, uma sensação bizarra me dominou.

Que *carai*, mano... *Cê* tá vendo, né? Não tem pirralho aqui, meu. Tá todo mundo vendo que eu tô certo em não foder a mina. Aquela tristeza pela ausência dela era sinistra e, definitivamente, não era um bom sinal.

Dez minutos depois, eu estava de costas, pensando em Maria Luísa enquanto enchia o quadro. A voz que eu conhecia bem veio inesperadamente da porta:

— Com licença, Lucas.

Mano, eu queria dizer que meu coração não disparou e que não engoli em seco e que não senti um frio no estômago quando me virei e a vi parada, usando o uniforme de educação física e os fios amarrados em um rabo-de-cavalo alto.

Putá merda, meu... Eu *tava* a fim da mina mesmo, mano. Que parada ridícula... Piolhão, o Rei da Suruba, a fim de uma mina no ensino médio.

Mas *tava* de boa. Era a coisa do cabaço me afetando. Eu só precisava parar de

fitá-la, toda gostosa naquele short indecente, enquanto ela esperava, inerte, o meu aval para entrar na sala.

Eu queria que ela entrasse logo e se sentasse. Assim, eu poderia continuar a aula, terminaria aquilo e logo estaria longe dela. Mas não podia deixar um atraso de quinze minutos passar impunemente.

— Isso são horas, Maria Luísa? — Pensei em fingir que tinha me esquecido do nome dela, mas, obviamente, ela não acreditaria no lapso. Talvez nunca tenha acreditado.

— Sinto muito pelo atraso, professor — ela respondeu, descendo os olhos para o meu cacete.

Mano, por que não é possível murchar o pau como se murcha a barriga? Que *carai*, meu!

— Tive uma noite agitada, e acabei perdendo a hora — completou, subindo os olhos e abrindo um sorriso malicioso ao me encarar.

Que *carai* ela quis dizer com “noite agitada”?

Eu não ia cair naquela, mano. Que tipo de “noite agitada” uma mina virgem poderia ter?

Enquanto eu pensava em várias hipóteses, que iam de balada com amigas a amassos violentos no banco traseiro do carro de um filho da puta qualquer, me ouvi dizendo:

— Você está dispensada da aula de hoje. Da próxima vez que decidir ter uma “noite agitada”, não se esqueça de aumentar o volume do despertador.

Ela me olhou, surpresa, e ficamos nos encarando enquanto os colegas soltavam o típico coro: “viiiiiiiiiiiiixe”.

— Vou me lembrar disso — ela disse e saiu, me deixando com uma sensação esquisita pra *carai*.

No final da manhã, quando eu estava indo embora, encontrei Maria Luísa sentada no capô do meu carro. Eu estava duplamente puto e desesperado, porque tinha ligado para Alana e descoberto que ela tinha ido ao hospital naquela manhã. O diagnóstico era dengue, o que significava que eu estava verdadeiramente fodido.

Ver Maria Luísa, que provavelmente aceitaria o convite com facilidade, mas que era a última pessoa do mundo que eu poderia convidar, só me deixou ainda mais irritado.

— Acho que você precisa transar. Tá muito mal humorado — ela falou quando me aproximei, puto da vida com o quanto a visão estava afetando o interior da minha calça.

Maria Luísa estava certa. Eu precisava. E muito.

— E o que uma garota como você entenderia do assunto, Maria Luísa? —

perguntei. — Desce — ordenei.

— Garota? — Ela abriu um meio-sorriso. — *Cê* não quis dizer “mina”, mano? Reprimi qualquer traço de riso congelando a expressão.

— Nossa... Como você tá tenso... — Ela deslizou o corpo do capô e, colocando-se de pé, escorregou as mãos pelo meu abdome.

Eu deveria tê-la impedido de imediato. Mas não sei por que não fiz isso, mano. Aproveitei o toque suave de seus dedos até que o nível de imprudência beirasse o insustentável. Estava prestes a puxá-la, segurá-la pela nuca e beijá-la bem ali, onde qualquer aluno ou funcionário poderia nos flagrar, quando segurei suas mãos e a afastei.

Mano de Deus, onde *tava* o *carai* do meu autocontrole?

Isso. Na puta que pariu.

— Não faça isso de novo, Maria Luísa — adverti, caminhando alguns passos e abrindo a porta do carro.

— Preciso de uma carona! — ela bradou, quando fiz menção de entrar no veículo.

Dei uma risada.

— Nem fodendo.

— Tá com medo de alguma coisa? — ela perguntou, atingindo o nervo. — Aposto que tá morrendo de medo de não resistir...

— Tá falando de quê? Não há nada para resistir — falei, rindo e meneando a cabeça, mas sentindo o coração acelerar por causa do sorriso dela.

— Então me dá a carona. — Ela deu de ombros.

Mano, é claro que eu sabia que aquele era um joguinho do qual eu não era obrigado a participar.

Mas meu pau pediu, muito encarecidamente, para simplesmente entrar na dança. Cedi, mas só porque precisava fazê-la entender que tudo aquilo tinha sido um erro, e que ela precisava parar de me atijar, *carai*.

— Entra aí. — Indiquei a porta do outro lado e entrei no carro.

Quando já estávamos fora da escola, comecei:

— É o seguinte, Maria Luísa...

— Por que você não me chama de “Malu”, Piolho? — ela me interrompeu.

— Porque não é seu nome, assim como “Piolho” não é o meu. Você vai me chamar de “Lucas”, e eu vou te chamar de “Maria Luísa”.

Ela ficou em silêncio.

— Para onde estamos indo? — questionei, depois de alguns segundos, querendo saber se ela ficaria no mesmo endereço da última vez.

— Sua casa? — Ela abriu um sorriso sacana.

— Tá louca, mano? — Dei uma risada, esquecendo-me subitamente de manter

o “modo Lucas”.

— Adoro quando você fala assim. — Ela soltou um suspiro.

Virei a cabeça para encará-la e me arrependi no ato. Meu coração deu um solavanco que me fez engolir em seco.

Mano de Deus, eu precisava fazê-la entender que aquilo estava passando dos limites.

Parei o carro na rua tranquila e arborizada em que estávamos.

— O que eu te disse no sábado, Maria Luísa? — perguntei, puxando o freio de estacionamento.

— Muitas coisas — ela respondeu, me observando e mordendo o lábio.

Carai. Por que ela não facilitava as coisas pro meu lado, mano?

— Te falei que nós esqueceríamos tudo depois daquele último beijo, Maria Luísa. Foi o que eu disse. Está esquecido.

— Não esqueci. E acho que você também não — ela disse, desafivelando o cinto e aproximando-se sutilmente.

Deixei que ela se aproximasse até roçar os lábios nos meus. A ideia era aproveitar o momento por alguns segundos e parar aquilo antes de sucumbir. Mas, quando a maciez de sua boca pousou na minha, eu não consegui me obrigar a resistir. Simplesmente a beijei de volta, lenta e delicadamente, acariciando sua nuca.

Gemíamos juntos, ouvindo os estalidos do beijo e o barulho de nossas respirações alteradas. Logo estávamos nos beijando como se pudéssemos nos engolir, e graças a Deus, meu telefone começou a tocar, mano. Aquilo me tirou do transe, e eu percebi o tamanho da merda que o *caralhudo* do meu pau *tava* fazendo enquanto me colocava em *off*.

Afastei-me de Maria Luísa e inspirei e expirei pesadamente enquanto tateava os bolsos à procura do aparelho. Só atenderia para não precisar lidar com ela naquele momento. Eu tinha acabado de dizer pra mina que *tava* tudo esquecido e reacendi tudo de novo segundos depois. Precisava de um tempo pra bolar alguma coisa convincente pra falar.

Nem chequei o visor antes de atender, mas deveria ter checado, já que tinha salvado o número da organizadora pé-no-saco na última ligação, e não teria atendido, porque aquele era o pior momento possível para lidar com a minha falta de par para o casamento.

— Bom dia, Senhor Lucas Larozzi. Marta Esteves falando. Espero, de todo o meu coração, que o senhor já tenha providenciado um par a essa altura. Estamos a cinco dias da cerimônia, é quase meio-dia, e preciso disso resolvido imediatamente. Susanne e Larissa tiraram as medidas há quase duas semanas! Hoje, às 18h, as duas e a própria noiva vêm fazer a prova final. Espero que o

senhor possa me dar um nome agora, e que eu possa transcrevê-lo na minha prancheta, e que essa adorável moça, escolhida com tanto afinco pelo senhor, possa estar no horário mencionado no Ateliê Casa Nobre, localizado na Avenida Rodolfo Prado e Meira, nº 105, no bairro São Leopoldo.

Mano, sabe aquelas vozes que transbordam uma falsa tranquilidade, uma polidez forçada? Pois é. A *muié* queria me mandar tomar no cu, meu. Eu podia sentir os palavrões dançando entre cada fonema pronunciado.

Quando eu disse que ainda não tinha um par, a casa caiu.

— Jesus Cristo! Um cara com a sua aparência não tem dificuldade alguma para arranjar um par para um casamento! Pelo amor de Deus! É só convidar alguém, caramba! Pare uma moça qualquer na rua e convide! — ela gritou, quase estourando meus tímpanos.

— Eu ouvi direito? — Maria Luísa perguntou. — Você precisa de um par para o casamento? Posso ser sua acompanhante! Pronto, situação resolvida! — Seus olhos brilharam, e ela abriu um sorriso que congelou meu cérebro por alguns segundos.

Desviei o olhar e rompi o encanto.

— Não, Maria Luísa — respondi com firmeza. — Valeu, mas prefiro raspar meu cabelão todo a te convidar, mano.

Meu, a Cho Chang *tava* na minha, e eu *tava* recusando sem nem ter uma Parvati Patil no bolso. Se estivesse vendo isso, Harry Potter lançaria um *bombarda* no meu rabo e um *reducto* no meu pau.

Maria Luísa caiu na risada enquanto a organizadora berrava:

— O quê?????? Você conseguiu um par e está recusando? Eu sou capaz de arrancar fio por fio dessa sua juba, filho da mãe!

Mano de Deus, a mulher incorporou a mina do Exorcista, tá ligado?

— Oi! Aqui é Maria Luísa Forcatto! Pode escrever meu nome aí, moça.

Se você acha que ela tomou o celular da minha mão, parabéns! Você acertou. Em um segundo, o telefone estava comigo e, no segundo seguinte, não estava mais. Fiquei tão surpreso que nem consegui reagir.

— Claro que sei onde fica a Casa Nobre! Posso estar lá às 18h, sim. Ah, sei como é... Homens são assim mesmo, ninguém merece! Tem razão. — Ela deu uma risada. — É verdade! Sim, sim. Muito obrigada! Até.

Eu ainda estava com a impressão de que conhecia aquele sobrenome de algum lugar quando Maria Luísa desligou.

— Olha que notícia boa, você não vai precisar raspar esse cabelão lindo! — ela anunciou, pegando uma mecha do meu cabelo.

— Meu, isso não é uma boa ideia. Vai que tem alguém da escola no casamento? Vão pensar que eu tô te pegando, tá ligado?

— Mas não é isso que você tá fazendo? — ela perguntou, com uma expressão de falsa inocência.

— Claro que não, mano! Só te beijei algumas vezes, e não vai acontecer de novo. Mano, *cê* não pode contar isso pra ninguém. Na moral, não fala pras minas que *cê* é minha aluna, *véi*. Elas vão contar pros putos, e eles vão achar que eu tô te comendo, e minha vida vai virar um inferno, saca?

— Tá, eu não conto. Mas só se você falar mais *piolhês*... Queria um pouco no meu ouvido, tá ligado? — ela falou, umedecendo o lábio inferior.

— Maria Luísa, não dificulta — pedi, me controlando para não adicionar um “mano” no final da frase. — Nós não podemos continuar com isso.

— Por que não? E não me diga que é porque eu sou sua aluna, porque eu nem vou ser mais em breve. E também não me diga que é porque eu sou dez anos mais nova, porque isso não tem nada ver. Ou porque eu sou virgem, porque isso você pode resolver rapidinho... — ela disse, contorcendo as coxas.

— Não vou transar com você, tenha certeza disso — respondi, tentando ignorar o fato de que ela *tava* gostosa pra *carai* naquele uniforme de educação física.

O short preto de *lycra* deixava perfeitamente delineado o formato da boceta, e aquelas coxas de fora estavam torturando meu pau sufocado dentro da calça.

Pelo jeito que ela se contorcia, eu podia apostar que o tecido estava molhado entre as pernas.

Mano, eu podia jurar que *tava* sentindo cheiro de boceta molhada, e aquilo *tava* me deixando louco.

Antes que eu enlouquecesse de vez e decidisse fodê-la no banco traseiro, girei a chave e liguei o carro. Eu precisava me livrar de Maria Luísa antes de fazer merda.

— Isso é o que nós veremos, Lucas. Isso é o que nós veremos. — Sorrindo, ela voltou a afivelar o cinto enquanto eu arrancava.

Mano, eu *tava* fodido. Ela ia fazer amizade com as minas das quengas, e aquilo, definitivamente, não ia prestar, meu.

56. Em pouco muito se diz

OLÍVIA

— Não sei, não, achei essa história muito suspeita — disse Suze, retocando o *blush* na frente do espelho.

— Eu também — concordei, ajeitando as ondas do meu cabelo. — Ela ficou meio estranha quando eu perguntei onde eles se conheceram, não ficou?

— Com certeza — confirmou Larissa, retirando o batom da boca para falar. — Aquele papo não colou de jeito nenhum! Lu não costuma manter contato com as mulheres que ele pega nos shows. Nem telefone ele pede. — Ela voltou a deslizar a ponta vermelho-mate no lábio superior, retocando o início de um coração perfeito.

— Será que não é uma aluna? — palpitei.

— Se eu não o conhecesse tão bem, diria que sim — Lari disse, tampando o batom e guardando-o na bolsinha branca e redonda pendurada em seu ombro. — Mas Lucas tem pavor de alunas. Convidar uma delas para acompanhá-lo no casamento do melhor amigo? — Ela arrumou a franjinha curta e os fios ruivos próximos às orelhas. — Duvido. — Finalizou, ajustando a saia plissada na cintura.

— Ela é linda, né? — Suze comentou, fechando a tampa do *blush* com um estalido displicente. — Os dois vão formar um par esteticamente maravilhoso na cerimônia! Mal posso esperar pra ver o álbum, gente! Ai, meu Deus, as fotos vão ficar tão lindas... — Ela soltou um suspiro suave, guardando o objeto na *nécessaire* aberta sobre a pia.

— Vão mesmo! Max e eu só temos madrinhas divas e padrinhos deuses! Vocês vão roubar todo o nosso *glamour*! — reclamei.

— Até parece! — Larissa zombou. — Vocês dois passaram juntos infinitas vezes na fila da perfeição. Eu podia morrer e re-encarnar linda e maravilhosa como uma das gêmeas! Por favor, Deus, nunca te pedi nada. — Ela uniu as mãos em um gesto teatral de prece.

— Olha quem fala... — Dei uma risada. — Em vez de pensar em morte, você devia estar pensando em trazer uma nova vida ruiva ao mundo. Devia haver uma lei obrigando vocês, ruivos, a terem um filho por ano. O planeta precisa de mais *Ed Sheerans* e *Rupert Grints* com urgência, Larissa! Minhas filhas vão amar ter um priminho ruivo!

— Sofia e meu *baby* também! — Suze falou, alisando a barriga. — Você e Titinho já podem começar a providenciar esse bebê ruivo, Lari. Pensa, Liv... Os quatro priminhos brincando juntos... — Ela soltou um suspiro sonhador.

— Seria tão lindo... — Imaginei as quatro crianças crescendo, compartilhando segredinhos e brincadeiras infantis.

— Vocês duas têm um parafuso meio frouxo, sabiam? — Larissa deu uma risada. — Tito ainda tá com o cu na mão depois daquela história inventada por Carolina. E eu acabei de entrar na faculdade, suas loucas! Só teremos filhos daqui a, no mínimo, seis anos.

— Sua chata! Para de pisar nos nossos castelinhos de sonhos, porra! — Baguncei o cabelo dela.

— Idiota! — Ela riu, devolvendo o gesto.

— Por mais que eu goste de ver vocês duas agindo como duas adolescentes retardadas, acho melhor a gente voltar. Maria Luísa já deve estar terminando de tirar as medidas — Suze disse, dando uma última olhada no espelho.

Estávamos na Casa Nobre, o local responsável pelos trajes da cerimônia, inclusive pelo meu vestido.

Era um lugar espetacularmente grã-fino, cujo nome caía bem feito luva. Suze era amiga íntima da proprietária, e os trajes de seu casamento também tinham sido confeccionados pelo luxuoso ateliê.

Nós três já tínhamos feito a prova final dos vestidos, e estávamos bastante satisfeitas com o resultado impecável dos últimos ajustes.

A cada dia, eu me sentia mais ansiosa, o que tinha piorado a situação dos meus enjoos. Era só pensar no grande momento para sentir o estômago começar a sabotagem. Então, eu evitava imaginar coisas bizarras e dramáticas a respeito do casamento.

Daria tudo certo. Marta e o cerimonial eram tão competentes que só o que eu precisava fazer era apontar, dentre uma porrada de opções incríveis, qual me agradava mais.

Estava sendo bastante divertido aprender a diferença entre coisas que eu jamais saberia distinguir se não estivesse me casando. Por exemplo, agora sei o que é organza, zibeline, mousseline, *chiffon* e tafetá; e também consigo identificar vários tipos de rendas, como a *chantilly*, a *alençon*, a *renaissance*, a *soutache*, a *schiffli* e a *point d'esprit*.

Acredite, não é nada fácil escolher essas coisas, principalmente quando se é uma pessoa tão indecisa quanto eu. Tudo é lindo de morrer nesse mundo de rendas e tecidos fluidos.

Demorei uma vida para escolher entre uma infinidade de vestidos apontados pelos profissionais como adequados ou ideais às peculiaridades da cerimônia. Se

não fossem Suze e Lari opinando e me ajudando nesse departamento exclusivo da noiva, eu ainda estaria em dúvida entre cada um dos mil modelos perfeitos que experimentei.

Nem vou comentar a respeito da missão impossível de escolher penteado, tiara, maquiagem e buquê. Eu precisaria me casar umas três vezes por ano (todas com Max, é claro) para dar conta de usar tudo o que achei lindo e deslumbrante.

Tirando a parte do meu vestuário, meu noivo devasso foi bastante participativo e me ajudou a escolher quase todas as coisas. Quero dizer, tentou.

Ele se esforçou pra caralho para parecer interessado em assuntos como a paleta de cores, os sabores do recheio do bolo, as flores da decoração e a iluminação da festa. Mas, apesar de acabar opinando no final, eu podia ver em sua expressão confusa o quanto optar, por exemplo, por *mint green* ou *teal*, baba de moça ou abacaxi com nozes, rosas ou peônias e lanternas japonesas ou marroquinas parecia ser uma tarefa dispensável, já que ele achava que o resultado prático seria o mesmo.

Segundo Max, as madrinhas podiam usar qualquer cor. Foda-se.

O bolo estaria excelente fosse qual fosse o sabor. E quem não estivesse satisfeito, que fosse comer merda no inferno.

Ninguém notaria as flores, porque os convidados só reparariam no quanto “eu sou gostosa”. Pau no cu dos caras que iam manjar minha bunda enquanto eu estivesse de costas. Aliás, ele ia conversar com o celebrante para que não houvesse falatório desnecessário, porque a cerimônia precisava durar o menor tempo possível.

E, desde que houvesse luz saindo de algum lugar, tanto fazia se a porra da iluminação era obra do Japão ou do Marrocos, porque nós estaríamos muito ocupados, provavelmente em algum canto providencialmente mal iluminado da festa.

Só o que realmente importava era que estaríamos casados no final do dia, e que, logo depois, teríamos nossa noite de núpcias. Acho que falávamos mais disso que de qualquer outra coisa. Volta e meia, perdíamos o foco da organização da cerimônia para falarmos da lua de mel.

O assunto sempre nos deixava mortos de tesão; parecíamos dois virgens ansiosos para a grande noite, quando, na verdade, já estávamos trepando feito coelhos loucos, o tempo todo, aproveitando a liberdade recém-conquistada de transar sem camisinha.

De acordo com Suze, tínhamos que passar a última semana antes do casamento em casas separadas, sem sexo, para que a lua de mel fosse mais emocionante. Ela até me ofereceu acolhida em sua bela e confortável residência.

Max e eu tivemos uma crise de riso com a sugestão. Uma semana sem transar,

e morando em casas diferentes, nos levaria à loucura. Para começar, não daria certo, porque acabaríamos transando no escritório, na sala dele, coisa que já tinha acontecido uma ou duas vezes, inclusive (talvez três, não tenho certeza).

Eu sei, totalmente antiprofissional. Mas, em minha defesa, foi quase no final do expediente, e meu Deus do céu, foram as melhores fodas da minha vida.

Se bem que a de hoje, lá em casa, quando estávamos discutindo... Puta que pariu, quase tive um treco quando vi o quanto aquele cretino, impossivelmente gostoso de terno, estava deliciosamente duro, no meio do caralho da discussão.

O problema (que nem é um problema real) é que não dá para eleger as melhores fodas, porque aquele filho da puta está sempre se superando.

Enfim, de qualquer modo, não estávamos sequer dispostos a tentar ficar sem sexo por uma semana. Não tínhamos esse tempo disponível, já que nos próximos meses seríamos forçosamente impedidos de continuar com nossas peripécias sexuais. Por isso, era importante aproveitarmos cada oportunidade.

Mas, em nome das famigeradas tradições, fizemos um trato ontem. Podemos transar de dia, mas não dormiremos juntos até o dia do casamento, a partir de hoje. E combinamos de nos abster completamente no último dia, ou seja, não podemos transar do primeiro segundo da sexta-feira ao último do sábado, o que já fode totalmente o nosso plano anterior de foder às escondidas durante a festa.

Suze ficou muito orgulhosa do que ela chamou de nosso “esforço simbólico”, e todo mundo garantiu que vai nos vigiar com olhos de lince, principalmente da última noite (dormiremos todos na mesma casa na véspera do grande dia) até o fim da recepção. Vamos ver no que dá.

Daqui a pouco, as meninas e eu iniciaremos um Clube da Luluzinha no apartamento de Larissa. Assistiremos a filmes de mulherzinha, comeremos besteiras e falaremos mal dos homens de modo geral.

Enquanto isso, os nossos respectivos vão se reunir no apartamento de Tito, que fica bem ao lado, para fazer seja lá o que eles fazem quando estão juntos.

— Tudo certo, Malu? — perguntei, quando voltamos ao salão.

Ela assentiu, com os braços esticados flutuando graciosamente no ar.

Uma das funcionárias, uma mulher de meia-idade, conferia a marcação na fita métrica, cantando os centímetros da cintura alta de Maria Luísa à moça responsável por anotar as medidas.

— Prontinho. Terminamos! — anunciou a mais velha, puxando a fita. — Ligaremos assim que possível para agendar um horário para a prova e eventuais ajustes na peça — informou.

Agradecemos e, depois de tudo acertado, fomos embora.

Estávamos saindo da Casa Nobre, a caminho do apartamento de Larissa, quando tivemos a ideia de convidar Malu para a nossa primeira festa do pijama,

que certamente seria épica.

Foi algo consensual. Olhei para Lari, depois para Suze e, com algumas trocas de olhares, concordamos que era uma boa ideia, afinal, era a chance perfeita para nos conhecermos melhor e, de quebra, sondarmos o envolvimento real dela com Piolho.

Eu tinha um pressentimento sobre aquilo, e raramente estava errada quando suspeitava de alguma coisa do tipo.

Malu concordou efusivamente. Os pais dela estavam viajando, mas ela garantiu que não teria problemas se dormisse fora.

Quando fomos para o ateliê, Suze e eu tínhamos passado no prédio de Lari para pegá-la, de modo que nós três estávamos juntas no Kia vermelho. Como Maria Luísa precisava de carona, ela se juntou à trupe, e passamos em sua casa para que ela pudesse pegar seus itens pessoais.

Quando ela disse o endereço, Suze arregalou os olhos, e eu só fui entender o motivo quando adentramos o bairro em que Malu morava.

Ao chegarmos ao número que ela havia dito, ficamos nos entreolhando pelos cantos dos olhos enquanto a garota se identificava, e o enorme portão se abria lentamente, revelando um longo caminho central ladeado por sebes, ciprestes e flores exóticas. Suze dirigiu até estacionar diante da imensa construção branca de telhados pontudos. Parecia a porra de um castelo.

— Gente, eu tô no chão. Ela é milionária! — Lari sussurrou, como se Malu, que tinha acabado de sair do carro e já estava entrando na mansão, pudesse nos escutar.

— Que trabalho magnífico! — Susanne exclamou, observando o imóvel à frente. — O estilo vitoriano é manifesto, mas se limita ao esqueleto do projeto. Essa mistura de tradicionalismo e despojamento é espetacular. As janelas, a fachada *clean* e o paisagismo da área externa dialogam com elementos contemporâneos sem perderem o contato com a estrutura clássica! Ai, eu adoro essa mistura de épocas em projetos arquitetônicos... — Ela soltou um suspiro, como se estivesse descrevendo os músculos de um cara gostoso em vez de estar tecendo comentários indecifráveis a respeito da arquitetura de uma casa.

— Os pais dela devem ser tão ricos quanto tio Lutero. Juntos, Malu e Lucas dominariam o mundo. — Lari deu uma risada.

— Piolho é rico? — perguntei, chocada.

— Guerratto. — Foi a resposta de Suze.

Putaquepariu, meu queixo foi ao chão! O quê? Piolho era um Guerratto?

— Cês tão me zoando, porra? — perguntei, incrédula.

— É sério. Ele usa Larozzi, o sobrenome de tia Ada — Lari explicou, lendo meus pensamentos pela minha expressão apatetada.

— Sério? E por que ele age como se fosse um mortal? — perguntei, bestificada.

— Ah, ele tem sérios problemas com tio Lutero há muito tempo. Não sei bem o motivo. Mas Lu sempre foi um espírito livre, e tio Lutero é o oposto. Eles nunca se deram muito bem. O pai dele queria que ele se envolvesse com os assuntos da família, obviamente, mas Lucas nunca quis essa vida, apesar de ter feito uma porrada de cursos sobre finanças, gestão empresarial e essas coisas, e de ter se formado em Administração por vontade de tio Lutero. Ele não gosta que as pessoas saibam desse lado “obsuro” — Lari fez aspas no ar — da vida dele. Então abafa, porque Maria Luísa tá vindo aí.

Eu ainda estava tonta com a informação quando Malu, carregando uma mochila preta nas costas e um colchonete debaixo do braço, alcançou o carro apressadamente, abriu a porta e entrou.

Ela tinha feições muito harmoniosas, um rosto quase tão delicado quanto o de Lari. O cabelo loiro era comprido, espesso e cheio de camadas. As mechas pretas da parte de baixo entremeavam-se com os fios loiros, criando um visual meio gótico. Ela estava usando uma meia-calça preta, sapatilhas da mesma cor e um vestido tipo camiseta com estampa *galaxy*.

— Muito obrigada mesmo por me convidarem, meninas! — Malu abriu um sorriso, colocando a mochila no colo assim que Suze arrancou. — Nunca participei de nada assim.

— Sério? — Lari perguntou, surpresa. — Pois você vai adorar. Não tem coisa melhor! Já fiz muito com meus primos quando era criança.

— Você é prima de Lucas, não é? — Malu indagou de repente. — Lembro de te ver no *Facebook* dele. Larissa Larozzi, certo?

— A própria — Lari respondeu.

— Também vi Dessa e Drica Larozzi — Maria Luísa comentou.

Por que elas também usavam o sobrenome da mãe? Eu não conhecia Andressa pessoalmente, mas conhecia o suficiente de sua irmã para saber que, metida do jeito que *aquelazinha* era, não perderia a oportunidade ostentar o Guerratto.

— Aquela Drica é tão insuportável quanto parece? — Malu perguntou.

Suze, Lari e eu caímos na risada.

— Ela é minha prima, mas não tenho como defendê-la — Larissa disse, dando de ombros.

— Eu sabia que nosso santo tinha batido, Malu! A piranha é muito pior do que parece, viu? Cuidado com *aquelazinha* — alertei.

— Foi o que eu pensei. Não fui com a cara dela. Mas gostei de imediato de você e do seu irmão, Larissa. E Dessa me pareceu bem melhor que essa Drica.

— Você fuçou o *Face* dele inteiro? Investigou a parentada toda? — Lari

perguntou, rindo.

Malu deu uma risada.

— Ele sabe, eu contei. E fuzei os amigos também. Saberla reconhecer Max, Tito e Plínio em uma multidão — ela disse, orgulhosa. — A propósito, vocês têm muito bom gosto. Que trio...

— *Miga*, sua louca, não brinca com fogo — recomendei, fazendo uma expressão levemente psicótica.

— Cuidado, Malu... Finge que Max é invisível, viu? Certas pessoas, cujo nome eu prefiro não mencionar por amor à minha própria vida, já acabaram com a raça de Drica por causa de uma mísera simpatia — Larissa pirraçou. — E eu fui testemunha da agressão covarde e vil.

Ela deixou o riso que estava prendendo escapar.

— “Mísera simpatia” o caralho! Aquela vagabunda merecia mais! E olha só quem fala... A bonitinha com cara de fada que quase assassinou a ex do namorado! — devolvi, rindo.

— Isso é mentira, Malu! Para de mentir, cretina! — Lari se mexeu no banco de trás e me deu um tapa no braço.

— Ai! Isso doeu, porra — reclamei, massageando o local.

Ela me mostrou a língua.

— A víbora da Carol se acidentou sozinha, Malu. Tudo porque não tem um neurônio atuante dentro daquela cabeça cheia de merda — Larissa continuou.

— Malu, como você pode notar, eu sou a única mulher perfeitamente sã e equilibrada desta família — Suze disse, fazendo uma conversão.

— Isso porque nós não sabemos das loucuras que você já deve ter feito por causa de Plínio, espertinha! Vou sondar uns podres seus com Max... Vou puxar sua ficha inteira, Susanne Vetter, me aguarde! — avisei.

— Minha ficha está limpíssima, queridinha. — Ela deu uma risada.

— Seeeeeiei... — Larissa zombou. — Também vou dar uma sondada com Tito. Aí, a gente troca as informações, Liv.

— Beleza — falei. — Vamos revelar a verdadeira face de *Pluze*. — Dei uma gargalhada.

— *Pluze*? — Malu perguntou. — Ah! Plínio e Suze! — Ela mesma respondeu quando sacou. — Que lindo!

— Tito e eu somos *Larito*, e Liv e Max são *Olimax*, como você deve saber — Larissa completou.

— Sei, sim. E Lucas e eu somos *Malucas* — Maria Luísa declarou, suspirando apaixonadamente.

Nós três nos entreolhamos como quem diz "ela tá ferrada".

— Malu, a gente não quer te desanimar, mas... — Larissa começou.

— Eu sei — Malu interrompeu. — Ele é putão.

— Você não faz ideia do quanto — informei. — Neste exato momento, aposto que ele está tentando convencer Max e os meninos a irem a algum puteiro mais tarde.

— Agora que Max sossegou, Piolho é o putão número um — Suze acrescentou.

— Você é aluna dele, não é? — perguntei, virando-me no assento para observá-la no banco de trás.

Ela fez uma expressão pensativa e, depois de soltar o ar, disse:

— Se eu contar umas coisas, vocês prometem que a história morre aqui? Quero dizer, vocês não podem contar pros amigos dele. Sério mesmo, gente. Têm que prometer que vão guardar segredo.

Suze, Lari e eu nos abrimos sorrisinhos idênticos de extrema satisfação.

— Sim! Prometemos! — falamos em uníssono.

— Ai, meu *Deeeeeeeus*! Quero saber de *tuuuuuuudo*! Agora! — Suze gritou, animada.

— Vai, começa, porra! Detalhes sórdidos incluídos, pelo amor de Deus! — pedi, batendo palmas entusiasmadas.

— Não! Espera, Malu! Estamos quase chegando. Deixa pra contar quando estivermos debaixo das cobertas, iluminadas por luzinhas fofas de LED e com nossos superbaldes de pipoca no colo! Vai ser perfeito! — Larissa bradou.

Ela tinha um ponto. Por mais que estivéssemos nos corroendo internamente por uma boa fofoca, só começamos a sessão de confessionário depois que chegamos.

Colocamos nossos pijamas, improvisamos uma barraca com lençóis no meio da sala e enfeitamos o interior com luzinhas. Em seguida, arrumamos os colchonetes, travesseiros, almofadas e cobertas e fomos para a cozinha preparar nossas pipocas.

Voltamos para a sala, ligamos o pisca-pisca, apagamos a luz da lâmpada e nos acomodamos, confortáveis e ansiosas em nossos pijamas cor-de-rosa.

Então, Maria Luísa começou a contar o babado.

Ela tinha acabado de desfiar o rosário inteiro quando ouvimos batidas impacientes à porta, seguidas por uma voz grave e áspera.

O que ele disse nos fez parar com as mãos cheias de pipoca a caminho da boca enquanto trocávamos olhares de puro terror.

Quando, finalmente, nos levantamos e abrimos a porta, ficamos chocadas.

57. Azar no jogo, sorte no amor

MAX

Difícilmente, o primeiro pensamento de uma pessoa saudável ao acordar é a morte.

Na verdade, costumamos passar a vida inteira evitando pensar no desagradável assunto.

Vez ou outra, o medo de morrer bate à nossa porta, como quando você broxa com duas loiras gost... Quero dizer, com duas loiras ao mesmo tempo, e pensa que está com câncer de próstata.

Acontece. Mas, mesmo assim, você se agarra a um fio de esperança. O estágio pode ser inicial, podem haver tratamentos comprovadamente eficazes, e talvez você não morra, afinal de contas.

Talvez você sobreviva ao câncer e morra em um dia de sol, atravessando a rua a caminho da praia. Ou em um dia de chuva, dentro de casa, atingido por um raio.

Acontece. De um jeito ou de outro, vai chegar a sua vez.

Como todo mundo, eu estava ciente de que a minha chegaria. Só não sabia que seria naquela terça-feira nem que eu seria morto pela quenga do Piolho.

Aconteceu no final do dia, por volta das 18h, e eu vi a trajetória da bala em câmera lenta, como Clark Kent teria visto. A diferença era que eu não tinha um peito de aço nem a supervelocidade do *Superman*. Então, simplesmente morri, como se estivesse preso dentro de um filme de ação em *slow motion*.

Vi o filho da puta recarregar a arma à distância, escondido atrás de uma barreira, e me virei, atento à eventual aproximação de um combatente inimigo.

Enquanto eu retirava um *tube* do cinto e reabastecia meu *loader* com a munição, aquela anta apontou em minha direção e disparou três vezes, acertando meu peito em cheio.

A mancha vermelha surgiu imediatamente e espalhou-se, formando um padrão borrifado no meu colete preto.

— Que desgraça, Piolho! — gritei. — Fogo amigo, seu filho da puta?

Era proibido xingar em campo, mas a regra não valia para mim. Os *rangers* do Alfas de Elite já tinham desistido de tentar tolher a minha liberdade de expressão durante os jogos.

— Ih, mano! Que vacilo, achei que *cê* fosse Laerte, acredita? Foi mal, quenga!

A minha vontade era a de enfiar a ponta do marcador no rabo daquela puta e atirar até lotar o reto do desgraçado de esferas de tinta. Mas cumpri as regras do jogo.

Abandonei a barreira, ergui uma mão, mantendo o marcador abaixado na outra, e saí pelas laterais do campo. O *ranger* fez o *paint-check*, e eu caminhei até a armaria, inserindo o *barrel-plug* no marcador ao alcançar a área externa.

Fiquei puto. Mas um novo *game* começaria em dois minutos, então eu ficaria sem jogar por pouco tempo.

Eu jogava *paintball* tático com os caras do escritório há alguns anos. Preferia a modalidade cenário, mas estávamos jogando a *speed-ball* porque Artur, Ícaro e Beto nunca tinham segurado um marcador na vida.

Não que fosse difícil. Os objetivos elementares do jogo eram: capturar a bandeira da base rival, atingir o número máximo possível de adversários no processo e escapar ileso dos tiros de tinta do time oposto. Basicamente, só era preciso esconder-se da melhor maneira detrás das barreiras infláveis espalhadas pelo campo, localizar os oponentes, mirar no colete ou na máscara dos filhos da puta e apertar o gatilho, cuidando para não ser atingido nesses mesmos lugares durante as tentativas de captura da bandeira do time contrário.

Mas minha modalidade favorita era uma porra um pouco mais séria. Embora ainda persistisse o objetivo de escapar sem ser atingido, havia uma infinidade de missões possíveis além da captura da bandeira da base inimiga. Podíamos capturar o líder da equipe adversária, defender o território ou simular uma operação especial, como se fôssemos do BOPE, por exemplo. Havia toda uma atmosfera foda de combate devido à encenação de um conflito armado em um cenário real, como um matagal ou um casarão em ruínas cheio de esconderijos verdadeiros (paredes esburacadas, carros velhos, latões, barris, trincheiras, túneis etc.). O sucesso da missão dependia das capacidades de comunicação e estratégia da equipe, além das habilidades individuais de cada jogador.

Isso liberava uma adrenalina do caralho, e exigia muita concentração e energia. No final do jogo, que durava de trinta a quarenta minutos, sempre apresentávamos certo cansaço físico e mental.

Por sua vez, o *speed-ball* era uma modalidade mais democrática, com menos ênfase em estratégia e, conseqüentemente, com mais enfoque no lado divertido que na parte puramente tática da coisa. Os *games* eram curtos (cerca de cinco minutos), de modo que quem era atingido ficava pouco tempo sem jogar, porque logo um novo jogo se iniciava.

Por isso, para que todo mundo praticasse o esporte numa boa, optamos pela modalidade mais popular de *paintball* quando os caras do escritório sugeriram o

jogo como uma das etapas da minha despedida de solteiro (não que eu fosse parar de jogar depois do casamento, claro. Era só uma forma de reunir os caras de forma “saúdável” — ou seja, sem *strippers*).

Meu time era composto por Tito, Plínio, Piolho, Ícaro, Artur, Beto, Pecê e Marcelão. No time adversário figuravam oito dos meus colegas de trabalho.

Obviamente, Olívia e as meninas queriam participar. O plano era saírem da casa de noivas e irem direto para o campo de *paintball*.

Não haveria problema algum, se Olívia e Suze não estivessem grávidas.

Quero dizer, o esporte é seguro. A munição dos marcadores é uma cápsula feita de gelatina cheia de tinta hidrossolúvel e atóxica, e o impacto, que não pode ultrapassar 300 fps (os marcadores são cronados no início de cada jogo), equivale a um leve beliscão, dependendo da distância e do local atingido. Na maioria das vezes, nem dói nada. Jogar futebol é incomparavelmente mais belicoso, se levadas em consideração as chances de ocorrência de danos físicos.

Mesmo assim, o *paintball* libera muita adrenalina, exige muito esforço físico e atenção, e às vezes é preciso se jogar no chão e rastejar ou deslizar para mudar de barreira, a fim de escapar de uma zona de tiros e, conseqüentemente, não “morrer” em campo. Ou seja, é agressivo demais para gestantes, principalmente no primeiro trimestre, e ainda mais no caso de gêmeos.

Eu disse a Olívia que achava melhor não darmos sopa para o azar, mas ela é tão teimosa quanto gostosa, o que quer dizer que ela é teimosa pra caralho. É claro que ela insistiu, esperneou e me acusou de ser um “machista da porra” por não permitir que as meninas participassem do jogo, o que “era um ultraje, um atentado à igualdade de gêneros”. Fiquei quieto, observando-a ficar putinha com o meu “machismo”.

Quando ela se calou, abrindo um sorriso malicioso ao constatar o volume na minha calça social, afrouxei a gravata e dei a ela o que ela estava querendo com todo aquele papo inflamado que me deixava louco de tesão.

Depois da trepada, liguei para a obstetra, coloquei no viva-voz e, diante da opinião médica favorável ao meu ponto de vista, precisei abrir meu sorriso convencido. Olívia se limitou a soltar um suspiro frustrado e a me estender os dois dedos médios, me fazendo rir e me lembrando, pela milésima vez no dia, por que ela tinha virado meu mundo de cabeça para baixo desde o momento em que a vi pelas grades do nosso portão.

Então, tomamos banho juntos e, em seguida, enquanto eu ajeitava minha farda, as botas táticas e todo o equipamento de *paintball* na mochila, ela arrumava nossas peças de roupa e itens pessoais, coisas que levaríamos mais tarde para os apartamentos de Tito e Larissa, onde dormiríamos. Era aniversário da cidade no dia seguinte, então nenhum de nós precisava acordar cedo para

trabalhar.

Depois que fui atingido por Piolho, joguei mais três *games*. Meu time ganhou menos jogos que o de Laerte, mas eu estava me fodendo para a derrota.

Quando o jogo acabou, fomos nos livrar do suor e dos resquícios de tinta no vestiário do Alfas de Elite.

Preciso fazer uma pausa para explicar alguns pontos fundamentais a quem não nasceu com um pinto.

Vestiários masculinos têm alguns mandamentos sagrados que devem ser seguidos à risca.

O mais importante deles foi estabelecido há milhares de anos (antes mesmo dos tempos do homem de Neandertal), gravado em algum remoto momento histórico a jato de mijo na areia e perpetuado nos genes das gerações posteriores: NÃO. MANJARÁS. A. ROLA. ALHEIA.

Em se tratando do próprio corpo, um cara pode se comportar de algumas maneiras dentro de um vestiário.

Por exemplo, há os que tiram a roupa na frente de todo mundo e transitam livremente pelo local, como se toalhas fossem meros artigos de filme de ficção científica. Como canta o Ultraje, o cara sai desfilando “pelado, pelado, nu com a mão no bolso” por todo canto. Idosos e frequentadores assíduos de academia com o ego nas alturas costumam se encaixar na categoria.

Outros, entram pelados debaixo do chuveiro numa boa, mas costumam caminhar pelo vestiário com a toalha amarrada na cintura, tirando e colocando a cueca com o pinto preferencialmente coberto. É o caso de caras mais reservados ou menos narcisistas.

Por fim, há os totalmente tímidos e inseguros, que não tiram a cueca fodendo. Nem para tomar banho. Pode até não ser o caso, mas a ideia que fica é a de que dentro da cueca molhada se esconde um minipinto.

Agora, vamos simplificar essa porra dividindo os caras em tipos:

- a) Tipo 1: o sem noção;
- b) Tipo 2: o sensato;
- c) Tipo 3: o japonês.

Mas, independentemente do nível de constrangimento ou desinibição ou do tamanho do pau, todo cara segue uma tríade padronizada nos vestiários: olhos no alto, sem conversa fiada, jogo rápido.

Baixar o olhar por qualquer motivo e acabar mirando a bunda de um cara ou, pior, o pinto do sujeito, é violar o mandamento principal. E ninguém viola a porra da regra de ouro.

Um vestiário masculino ou um mictório é o último lugar do mundo para bater papo. Ninguém quer conversar com um cara que está segurando ou lavando o

pinto.

Por último, os caras estão ali para tomar uma chuveirada, não um banho de meia hora. A coisa toda deve durar o mínimo de tempo possível, com zero interação de qualquer tipo.

Pronto. Essa é a teoria. Isso é o que deveria acontecer em um mundo ideal, habitado exclusivamente por pessoas com bom-senso. É o que acontece na prática? Óbvio que não.

Em relação ao corpo alheio, há um tipo clássico de sujeito: o “manja-rola”.

Reza a lenda que alguns caras às vezes dão uma ligeira “manjada curiosa” e discreta num pinto ou outro, só pra checar se o do cara é maior. Não há qualquer cunho sexual. Só uma “curiosidade saudável”.

Então existem hereges que violam o mandamento sagrado “não manjarás a rola alheia”?

Sim, existem.

Isso é aceitável?

Claro que não, porra! Heresia é um pecado mortal, perdoável em apenas uma situação específica.

Vou contar uma história exemplificativa bastante didática. Adianto que qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência:

“José é noivo de Maria. Os dois nasceram um para o outro.

João é um filho da mãe assumidamente gay que, em seus reclusos tempos de armário, descabou Maria.

Devido a uma *filhadaputagem* do destino, José e João são colocados no mesmo círculo social, sendo impelidos a conviver de forma harmoniosa e livre de embates físicos e verbais.

Por ocasião das bodas iminentes do Casal 20, os dois homens participam de um evento esportivo com o intuito de celebrar o prenúncio da vida conjugal e o fim da solteirice de José.

Mas esse não é o primeiro esporte que os archi-rivais recém-amigos praticam juntos. Eles jogam futebol no mesmo time e frequentam a mesma academia.

Por certo, João e José já se encontraram nos vestiários da vida. Com certeza, José já teve a oportunidade de matar determinada curiosidade que o martiriza.

João é, obviamente, um cara tipo 1. Em termos de *sem-noçãozice*, só perde para Pedro, o melhor amigo cabeludo de José, e rei dos sujeitos tipo 1.

A título de exemplo, certo dia, em um dos vestiários do estádio de futebol, da primeira vez que João viu Pedro pelado, ele soltou, mordendo o lábio: “nossa, Pedro. Achei que fosse cabeludo aí embaixo também”. João não respeita a regra do “sem conversa fiada”. Nem Pedro, que, prendendo seu comprido cabelo no costureiro e escroto coque, respondeu: “as minas não curtem pentelho no dente,

mano. Por isso, o Pedrão aqui varia entre pica aparada e pica lisa, estilo ator pornô, saca? Mas meu cu eu te garanto que é mais cabeludo que meu sovaco, tá ligado?”.

Pedro soa ligeiramente como Piolho, não sei por quê. Devem ser as minhas más influências externas alterando o linguajar dos personagens desta história fictícia.

Enfim, diferentemente de seu amigo Pedro, José é um cara sensato; foi abençoado pela natureza com uma puta rola, que ele não gosta de exhibir porque não quer humilhar ninguém (muito menos o rola-murcha do Pedro). Ele tem perfeita noção de que é um cara boa-pinta e bem-dotado, e não quer alimentar a inveja alheia, nem incentivar o suicídio de sujeitos ridiculamente desfavorecidos.

José não precisa ostentar sua pica das galáxias para mortais do sexo masculino, porque suas bocas abertas diante da visão monstruosa o deixariam extremamente desconfortável. A fama desse ser mitológico, oriundo do cruzamento de um deus do Olimpo com a tromba de um elefante, ecoa nos confins da Terra, alardeada pela multidão de mulheres que já tiveram o prazer de ver, saborear e quicar na lendária rola dele.

José é um cara autoconfiante, ciente de sua vasta coleção de atributos cobiçáveis. Mas, apesar desse seu lado reptiliano mutante, e a despeito de, em tese, ser um semideus, ele é só um ser humano com características físicas divinas. José tem sentimentos, ambições e curiosidades, como qualquer um de sua espécie.

São pouquíssimos, quase não identificáveis a olho nu, mas ele tem defeitos; é um pouco ciumento e, talvez, levemente possessivo. E, em se tratando de Maria, a gostosa que ele ama desesperadamente, e os caras com os quais ela já se envolveu, José se sente ligeiramente inseguro.

Então, apesar de não ser um herege por natureza, em algumas raras ocasiões, José já cogitou quebrar a regra de ouro dos vestiários e mictórios, só pela curiosidade de saber se João, um manja-rola assumido, está mais para Ásia ou África.

Mas, em nome de sua prezada sensatez, José mandou a curiosidade de merda à puta que pariu e honrou o inviolável mandamento sagrado”.

Os vinte chuveiros do vestiário do Alfas de Elite são separados por grossas paredes que se entendem até alcançarem a altura do quadril. Ou seja, o tórax fica à mostra, assim como as bundas dos caras. São dez duchas dispostas de um lado e dez do outro.

Agora, você já sabe como a porra funciona. É tudo rápido e natural.

Enquanto um cara está se ensaboando, ele está pensando em qualquer coisa, menos no corpo suado do sujeito se lavando na cabine ao lado.

Eu, por exemplo, estava pensando em como seria dar o primeiro banho nas minhas filhas. Olívia e eu começaríamos a fazer aquelas aulas para pais e gestantes depois da lua de mel, e eu estava ansioso pra caralho para aprender a fazer tudo certo.

Já tinha tido vários pesadelos envolvendo a minha inaptidão para cuidar de bebês, e eu teria que me matar se algum deles se tornasse real.

Estava pensando nisso, passando uma mão ensaboada pra lá e pra cá na rola, quando a merda aconteceu.

Foi rápido demais. Em um segundo, o retângulo compacto e escorregadio estava na minha mão. No segundo seguinte, aquela porra fez um curva fisicamente impossível e foi parar na puta que pariu, ou seja, a cerca de dois metros de distância do meu chuveiro.

— Porra! — sussurrei para mim mesmo.

— Escorregou, abaixa e pega! — Ícaro cantarolou.

Ele estava usando um dos chuveiros do lado oposto, de frente para o meu, e se virou bruscamente com o barulho do sabonete atingindo o chão.

Foi algo tão súbito que captei o alvo da minha curiosidade sem sentido de modo involuntário. Subi os olhos no nanossegundo seguinte, mas a merda já estava feita.

Depois de dar uma boa manjada na minha rola, sorrindo maliciosamente, Ícaro soltou, em alto e bom som:

— Olhos aqui em cima, benzinho. — Ele indicou os próprios olhos.

O que aconteceu em seguida você já pode imaginar.

Piolho logo se manifestou:

— Manjando rola alheia, puta?

— Tenta não ficar com ciúme, quenga — falei, desligando o chuveiro. — A sua é a minha favorita — acrescentei, pegando minha toalha e enrolando-a na cintura.

Os demais caras, alheios e concentrados em suas próprias chuveiradas, limitaram-se a rir e a emitir sons que, nitidamente, manifestavam uma dúvida jocosa a respeito da minha orientação sexual.

O sabonete caído no chão estava, obviamente, morto para mim. Felizmente, eu já estava suficientemente limpo quando aquela desgraça escapuliu da porra da minha mão.

Tá querendo saber detalhes sobre o pau de Ícaro? Vá procurar na puta que pariu. Não sei descrever rola. Além disso, graças a Deus, só vi o suficiente para constatar por alto que, como esperado, tenho muitos centímetros de vantagem.

O assunto morreu no vestiário, como todo e qualquer acontecimento ou palavra trocada dentro de um vestiário ou banheiro masculino. Ninguém zoou,

ninguém disse nada depois do ocorrido.

Beto, Pecê, Marcelão e os caras do escritório se dispersaram e deixaram o Alfas de Elite primeiro.

Piolho, Tito, Plínio, Ícaro, Artur e eu já estávamos do lado de fora, nos dirigindo à saída, quando Laerte, que tinha ficado para trás comigo e Piolho, entabulou conversa:

— A paternidade tá te fazendo bem, hein, Vetter! Não tá putinho por ter perdido, e tá até assoviando!

Foi quando me dei conta de que, realmente, estava assoviando. *Patience*, do *Guns N' Roses*. A letra da música era o meu estado de espírito puro e simples.

Eu costumava ficar puto pra caralho com derrotas em geral. Sou um cara competitivo; não gosto de perder partidas de xadrez e mãos de pôquer, e detesto levar gol e ser atingido por tiros de paintball.

Mas eu ia me casar em quatro dias, e isso e o bem-estar de Olívia e das nossas filhas era mais que suficiente para me deixar de bom humor até mesmo diante de uma derrota humilhante.

— É a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Você devia experimentar, Laerte — comentei.

— Sai pra lá, meu chapa! Tô novo demais pra isso, cara. — Ele riu. — Ainda tenho muita gostosa pra traçar antes de me jogar com uma âncora no pé no mar de suplício que é um casamento. Falando em gostosa, já peguei a secretária nova duas vezes. Enjoei da bunda dela, cara. Preciso de outra.

— Laerte, essa sua tara clichê por secretárias tá prejudicando o escritório, caralho. Paga uma puta pra colocar uma daquelas saias, fode a vagabunda em cima de uma mesa e pronto, porra.

— Acha que eu já não faço isso? — Ele gargalhou. — Mas meu sonho mesmo era pegar uma certa secretária nova. — Laerte usou um tom provocativo que me fez trincar os dentes. — Cê sabe que eu curto uma loira, mas pra uma morena gostosa daquelas, com aquela bunda deliciosa, eu abro uma senhora exceção...

— Vai brincando, desgraçado... — falei, dando soco no ombro dele.

Piolho estava atipicamente calado, e eu sabia o motivo. Ele não suportava Laerte.

Tentamos sair juntos para tomar uma algumas vezes, mas os dois não se bicaram.

Se Laerte pensa alguma coisa específica sobre Piolho, nunca comentou nada. Ele não é louco de achar que pode me falar alguma merda. Tem perfeita noção de que Piolho é meu melhor amigo, e que nem fodendo eu vou aceitar que alguém diga, por exemplo, que ele é um maluco sem-noção.

Ele é? Pra caralho. Mas é meu *brother*, e só eu posso zoar aquela quenga.

Segundo ele, Laerte é um *playboy* homofóbico de merda que acha que caras que gostam de Harry Potter são *gays*.

Para ser justo, preciso dizer que, na verdade, Laerte nunca disse isso. Só riu feito um filho da puta quando, numa roda de bar, descobriu que Piolho é fã “do bruxinho mais famoso do mundo”.

Particularmente, eu nunca me interessei pela saga, e nós dois sempre discutimos quando o assunto é “O Senhor Dos Anéis” *versus* “Harry Potter”. Plínio e eu discutimos até com Tito, que não é, exatamente, um fã inveterado, mas já leu todos os livros da série.

Enfim, eu me recuso a acreditar que a rixa de Piolho tenha um escopo puramente literário. Às vezes, acho que ele se incomoda com a minha amizade com Laerte, o que é a coisa mais bichosa do mundo e, por isso mesmo, a cara daquela quenga.

Já zoei, já falei que meu pau é só dele, e ele já zoou de volta, falando que quer os ovos também, mas Piolho sempre fica puto quando, por algum motivo, precisa dividir o mesmo ambiente com Laerte.

O problema é que meu colega é um pouco espaçoso. Então, hoje no escritório, quando ele perguntou o que faríamos depois do jogo, e eu, distraidamente, respondi que viraríamos a madrugada bebendo e jogando vídeo game no apartamento de Tito, ele perguntou que porra de despedida de solteiro era aquela. Veio com o mesmo papo de Piolho sobre boates, *strippers* e puteiros (pelo menos em uma coisa os dois concordavam).

Falei que esse tipo de coisa estava fora de cogitação, e ele zoou mais um pouco até dizer que faria o enorme sacrifício de passar uma noite longe de bocetas e saias de secretária em nome da nossa amizade. Em seguida, convidou a si mesmo ao perguntar se precisava levar seus *joysticks*.

Eu poderia ter dito de uma vez que Piolho não o suporta (embora eu tenha certeza de que ele esteja careca de saber disso), mas Laerte também é meu amigo, o mais próximo que eu tenho no trabalho, e não dava para dizer ao cara que ele não era bem-vindo a um dos eventos da minha despedida de solteiro.

Eu já tinha dado a notícia a Piolho mais cedo, pouco antes do jogo. A reação dele foi a esperada:

— *Cê* pirou, mano? Além de passar o *carai* da noite cercado de macho, sem uma tetinha sequer pra apalpar, ainda vou ter que ficar olhando pra cara daquele sujeito, meu? *Assifudê* no inferno, sua puta! Por que *cê* não disse praquele arrombado que a parada era só entre quengas, mano?

Ele continuou xingando pra caralho, até começar o jogo. Então, talvez por isso tivesse me “confundido” com Laerte e atirado em mim, porque esse é o nível de maturidade de Piolho. Às vezes parece que ainda temos treze anos.

Mas uma das maiores qualidades dele é não conseguir ficar puto por muito tempo. Ele logo esquece o assunto e tudo fica bem.

Então, meia hora depois, quando já estávamos no apartamento de Tito, ele já tinha voltado ao normal.

Beto ficou de fora porque precisava voltar para a academia, e Pecê e Marcelão recusaram porque muito provavelmente iam sair para pegar mulher.

Éramos sete: Plínio, Tito, Piolho, Ícaro, Artur, Laerte e eu.

A ideia era jogar vídeo game em duplas, mas o número ímpar acabou nos desanimando e mudamos para pôquer, porque pôquer nunca é demais.

— Mano, tem boceta ali do lado, e a gente aqui cercado de pica — disse Piolho, cumprindo, um tanto enfadonhamente, sua função de *dealer* ao distribuir as cartas na mesa redonda.

— Que negócio é esse? — perguntou Laerte, subitamente alerta.

— Nenhum do seu interesse — Plínio falou com rispidez.

— As pepecas ali ao lado estão contadas, bofes! E, pelos meus cálculos, não sobra nenhuma nem pra você nem pra você — Ícaro deu uma risada, indicando Laerte e Piolho.

— Exato — Tito e Plínio falaram ao mesmo tempo.

— É por isso que devíamos ir a um puteiro, mano. Ninguém me escuta nesse *carai*, nessa porra... — reclamou Piolho.

— Já falei que despedida de solteiro tem que ter puta. Posso ligar pra umas gostosas agora — Laerte disse, puxando o celular do bolso. — Coisa de primeira. Dá pra rolar uma surubada violenta.

Piolho olhou para Laerte como se dissesse: "até que enfim esse vacilão deu uma dentro, mano".

— Adorei a ideia! — Ícaro exclamou. — Porque, aí, as meninas vão ter passe-livre pra chamar uns bofes-escândalo pra festinha delas.

— Ainda bem que é bem aqui ao lado — Artur completou. — Qualquer coisa, a gente migra, Ícaro.

— Cês vão ficar de boca fechada, mano! Ninguém vai bater pras minas a putaria que vai rolar aqui, tá ligado? O que acontece no apê de Tito fica no apê de Tito, saca?

— Só tem um jeito de eu ficar de boca fechada. — Ícaro deu uma piscada para Piolho.

— Mano, *cê* tá pegando meu primo, *vêi*. Ou seja, não posso botar meu pau na sua boca, meu. Tenho princípios — ele “se justificou”, fingindo seriedade absoluta.

— Eu não tô pegando nenhum primo seu, Max. — Artur abriu um sorriso malicioso para mim.

Os caras gargalharam.

— Tá, tá resolvido! Tô ligando aqui pra agência. Max e Piolho vão comer vocês dois enquanto o restante de nós come as putas — Laerte falou, rindo e colocando o celular no ouvido.

— Lucas. “Piolho” é só pros manos — Piolho corrigiu, usando o tom mais severo do que ele costuma chamar de “modo Lucas”.

— Ah, foi mal, cara. É de tanto ouvir Max falando. Saiu sem querer. — Laerte se desculpou, e Piolho assentiu de má vontade.

— Quero você também, bonitão. Piolho come meu cu e você senta no meu pau. Olha que *marávis*! — Ícaro quebrou o silêncio bizarro que se instaurou na sala de Tito.

Laerte deu uma risada alta.

Ele ainda estava rindo quando disse “alô” ao telefone.

— Laerte, desliga essa porra. Quer me foder me beija, caralho! — bradei, tomando o celular do desgraçado.

Ele ficou me olhando, atônito.

— Não vai ter puta nessa merda. Eu amo Olívia. Não preciso de nada além da mulher que eu amo. Espero que um dia vocês possam entender o que é isso. Por enquanto, se quiserem comer putas, saibam que são livres. — Indiquei a porta.

— Lindo, gostoso, pauzudo e fiel. Meu Jesus coroadado, socorro! — Ícaro rompeu, novamente, a atmosfera silenciosa que se estendeu como um manto sobre nós.

— Tá, Vetter. Não tá mais aqui quem fez a ligação. — Laerte estendeu as mãos em sinal de rendição.— Vamos jogar.

Piolho permaneceu estranhamente quieto, atipicamente pensativo.

De repente, um som, vindo do apartamento ao lado, invadiu nossos ouvidos.

Enquanto nos entreolhávamos, Laerte deu de ombros e pagou o *small blind*. Artur deu sequência, pagando o *big*.

Tentei me tranquilizar, concentrando-me no jogo, até que, minutos depois, o ruído aumentou subitamente.

O barulho nos fez ficar inertes por alguns segundos enquanto Tito, Plínio e eu trocávamos olhares de puro pânico.

Quando, finalmente, alcançamos a porta ao lado, ficamos chocados.

58. Deus dá nozes a quem não tem dentes

OLÍVIA

Sabe quando você está em um ônibus lotado, suando pra caralho, sentindo aquele típico e apavorante frio na espinha, prestes a soltar o barro em uma caixa retangular apinhada de gente?

Talvez, em uma dessas raras e terríveis situações, você não conseguiu se segurar e sentiu o líquido quente beijando a calcinha. Ou a cueca.

Naquele trágico momento, você provavelmente quis morrer.

Agora, imagine outra situação.

Você está sentado no banco do motorista, o cinto de segurança está te deixando sem ar, e você está ouvindo o som ritmado da seta esquerda piscando (isso se você se lembrou de ligá-la). Tudo parece desfocado. Seu coração está na boca, e a garganta, seca. A perna esquerda está fodendo com a sua vida, porque o caralho do seu pé está tremendo desgraçadamente sobre a embreagem, como se fosse a porra de um vibrador. Seu estômago borbulha, completamente revirado. O suor brota na testa, e seus dedos úmidos escorregam no volante, transformando a posição 10:10 em 9:15. E, então, você ouve aquela voz, a maldita voz do avaliador do teste de direção: “pode sair”.

Em momentos como esse, você se pergunta por que não caiu dura e toda cagada daquela vez, dentro daquele ônibus lotado. Porque, assim, você não teria que passar por mais uma situação tão angustiante.

Naquela noite de terça-feira, quando a merda aconteceu no apartamento de Larissa, eu desejei ter morrido no dia do meu teste de direção, como achei que fosse.

Sobrevivi àquilo pra quê?

Isso. Pra tomar no cu anos depois ao viver um episódio muito mais desesperador. Porque assim é a vida. A minha, pelo menos. Uma sucessão de merdas cada vez piores.

Eu tinha acertado! Maria Luísa era mesmo aluna de Piolho e, eu suspeitava, ele estava super a fim dela. Ele tinha agido com tanta hombridade ao se recusar a transar com Malu que tinha subido mil pontos no meu conceito.

Na verdade, eu não conseguia imaginar Piolho sendo tão honrado. Por isso mesmo, estava certa de que ele sentia algo por ela.

Obviamente, Lari, Suze e eu tomaríamos o máximo de cuidado para, cientes

do fato, não interferirmos desnecessariamente nas coisas. Só nos encarregaríamos de facilitá-las, e, de jeito nenhum, contaríamos a Max, Plínio e Tito o que sabíamos. Fizemos uma promessa, afinal de contas.

Eu ainda estava absorvendo os últimos fatos da narrativa de Malu quando ouvimos as batidas e a voz masculina imponente e desconhecida do outro lado da porta:

— Polícia. Temos um mandado de busca e apreensão.

As meninas e eu arregalamos os olhos.

— Ai, meu Deus! Tem drogas aqui? — Maria Luísa cochichou, em pânico.

— Tá louca? — Larissa deu uma risada nervosa. — Claro que não! — completou, sussurrando e levantando-se atabalhoadamente, fazendo algumas pipocas voarem do balde.

— Cuidado, Lari! Pode ser um golpista! Um bandido, sei lá — Susanne advertiu, levantando-se em seguida.

Malu e eu também nos erguemos e, alvoroçadas, seguimos Suze e a anfitriã até a porta.

Lari ficou nas pontas dos pés e espiou pelo olho-mágico. Então se virou de repente, nos fitando com os olhos esbugalhados.

— Santo Deus! — exclamou.

— Que foi? — Suze perguntou, com um sopro de voz.

Ela engoliu em seco e, sem dizer nada, abriu a porta de uma vez.

Foi quando ficamos chocadas.

— Boa noite, senhoras — disse o policial. — Sou o primeiro tenente Tico Meria. Qual de vocês é Larissa Larozzi?

— Sou eu — Lari respondeu depois de alguns segundos, limpando a garganta.

— Recebemos uma denúncia de que um foragido da justiça está escondido neste prédio, então estamos revistando cada apartamento. O meliante, que atende pela alcunha Tommy Leite, é conhecido pela corporação por ser um perigoso incendiário, motivo pelo qual o segundo tenente Paul Herguido, do Corpo de Bombeiros, também está presente nesta diligência. — Ele fez um gesto indicando o homem de pé ao seu lado.

— Boa noite, moças — o bombeiro cumprimentou, abrindo um sorriso indecente.

Como você já deve estar imaginando, os dois sujeitos não eram oficiais do tipo barrigudos, baixinhos e calvos.

O policial alto e musculoso usava quepe, divisas nos ombros e coturnos. Tinha cabelo castanho-escuro, sobrancelhas cheias e barba escura cerrada. Uma tatuagem tribal desaparecia por baixo da manga curta da camisa preta colada aos músculos do peito. Certamente, fazia as mulheres heterossexuais solteiras

pensarem: “seu guarda, seja meu amigo, me bata, me prenda, faça tudo comigo” ou “vem fazer um baculejo aqui, seu *puliça*”.

A calça cáqui abraçava as pernas fortes, e a camiseta vermelha envolvia as reentrâncias do tórax robusto do bombeiro de penetrantes olhos verdes e cabelo castanho muito claro, praticamente loiro, para quem as solteiras diriam algo relacionado a “apagar o fogo” e “enfiar a mangueira”, claro.

Sobre os dois, as comprometidas pensariam: “em que buraco esses deuses estavam escondidos quando eu *tava* dando sopa, porra?”.

Não é o meu caso, obviamente, porque, além de amar meu noivo, ele dá de mil a zero nesses dois moços fardados a serviço da ordem e do bem-estar social.

— As senhoras estão correndo um grave perigo. Precisamos fazer nosso trabalho — o policial disse, usando um tom severo e levando a mão à cintura para retirar a arma do coldre.

Ele empunhou o revólver e, entregando um papel a Larissa, fez menção de adentrar o apartamento.

Mas parou subitamente, quando o elevador em frente abriu-se do nada, revelando um cara de peito largo usando um moletom preto.

Ele puxou o tecido macio na altura da cabeça com um gesto indolente, exibindo um sorriso cheio de malícia e atrevimento enquanto revelava os brilhosos fios ondulados e ruivos que se escondiam sob o capuz.

Isso mesmo, colega. O cara tinha um maravilhoso cabelo alaranjado, além de profundos olhos claros de cor indefinida.

Eu sei. O universo estava tirando onda com a nossa cara.

— Tommy Leite na área. Eu tô armado — ele disse, segurando e balançando o volume na calça preta — e trouxe meus comparsas pra colocar fogo nesse prédio! Jaem Rabey — ele indicou o segurança de bonitos traços indianos ao seu lado — e Décio Pinto!

Esse último, que estava vestido de piloto, eu conhecia de algum lugar. Tinha de certeza de que...

— Ai, meu Deus! — exclamei, quando finalmente o reconheci. — Moreno-delícia?

O homem moreno de porte atlético me deu uma olhadela de cima a baixo. Então, subiu novamente o olhar e pousou os olhos castanhos no meu decote, fazendo uma expressão pensativa.

Foi quando eu me dei conta de que estávamos de *babydoll*, daqueles conjuntinhos folgados com babadinhos, lacinhos e estampa fofa que a maioria das mulheres tem. Não era nada particularmente provocante, mas nossas roupas de dormir eram muito curtas.

Lari, Suze e Malu me encaravam, chocadas. Devia ser por causa da porra do

apelido mental que eu deixei escapar.

De repente, ele abriu um sorriso.

— Ah! A gostosa do *Evil's*! A do babaca gringo! Cara, é por essas e outras que eu amo esse trabalho. E aí, gata? Você me deixou com o saco roxo aquele dia! Vê se pega leve comigo hoje, hein? — Ele deu uma piscada.

Então, fazendo um gesto para o segurança, aproximou-se de mim.

Aconteceu tudo rápido demais. A música eletrônica, saída de algum aparelho que não consegui identificar no calor do momento, invadiu nossos ouvidos subitamente.

O policial começou a dançar perto de Suze. O segurança alcançou Malu. Lari foi cercada, é claro, pelo bandido ruivo. E o piloto, vulgo Moreno-delícia, e o bombeiro começaram a me fazer de poste de *pole dance*.

Sabe quando seu cérebro parece não funcionar por alguns segundos? Quando isso acontece, sua mente rodopia tão velozmente, tentando encontrar maneiras de te tirar do sufoco, que não consegue fazer porra nenhuma.

Em um segundo, estávamos no corredor. No instante seguinte, os caras já tinham nos feito entrar sem que percebêssemos no apartamento.

O segurança fechou a porta com o pé e, de repente, os cinco formaram uma linha horizontal e começaram a fazer aquelas danças sensuais, balançando o corpo e movendo o quadril.

Caralho... Ou eles estavam usando meia na cueca ou estavam todos duros.

— Por que vocês não me contaram que tinham chamado *gogo boys*? — Malu estava atônita.

— Nós não chamamos, porra! — gritei, desesperada.

Que merda. De onde aqueles caras tinham saído?

— Ai, meu Deus! E agora? — Suze perguntou, virando o rosto em nossa direção, tapando a lateral com uma das mãos.

Larissa estava supercorada, com os olhos verde-oliva saltados.

Porra. Eu tinha que tirar aqueles caras dali.

— Pessoal — chamei.

Fui completamente ignorada. Eles continuaram dançando no ritmo da música.

— Gente! — chamei mais alto, tentando sobrepor a voz ao som das batidas eletrônicas.

Eles pararam de dançar e, por um breve momento, eu achei que seria atendida. Mas foi um ledor engano. Os caras começaram a tirar as camisas, reiniciando os movimentos.

— Parem com isso, caralho! Eu sou noiva! Ela é casada! — Apontei para Suze. — Essa tem namorado. — Indiquei Larissa. — E aquela ali tem um futuro-namorado! Parem com essa porra ou vocês vão nos foder! — berrei.

Só quando fechei a boca e vi os cinco sorrisos maliciosos é que compreendi o que tinha dito. Eles continuavam se movendo, dançando deliciosam... Quero dizer, dançando daquele jeito sedutor de *gogo boys*, com os músculos peitorais totalmente expostos.

Lá, lá, lá, lá, lá... Não estou vendo nada disso.

Lá, lá, lá, lá, lá... Morro de dó! Max é mais gostoso que vocês todos juntos!

— É sério! Nós não requisitamos *gogo boys*! Vão embora! — Suze implorou.

Os cinco estenderam o indicador, girando os dedos negativamente.

Então, do nada, puxaram as calças com um movimento único.

Porra. Não eram meias.

O piloto, meu velho conhecido, atirou o quepe branco no chão, mantendo a postura sensual, e começou a se mover agilmente, balançando o conteúdo da cueca branca. A propósito, eu estava certa sobre aquele volume. Já disse, eu nunca erro.

O policial estava usando uma cueca boxer preta. O quepe continuava em seu devido lugar, assim como os coturnos nos pés.

O bandido ruivo estava no meio, e era o único que não tinha tirado a calça, porque certamente estava sem cueca. O desgraçado ficava brincando com o bicho, jogando-o para lá e para cá por baixo do tecido maleável.

O segurança estava em uma das pontas e usava uma cueca azul, que começou a subir e a descer à medida que ele dançava, empurrando o elástico com os polegares vagarosamente, deixando a base à mostra por alguns segundos.

O bombeiro, na outra extremidade, fazia a mesma coisa com a cueca vermelha. Em minha opinião recatada de moça comprometida, era o mais bem-apessoado.

Caralho. Eu e meu fraco para loiros.

Por que Larissa não tinha ligado o ar-condicionado da sala?

Por que Suze, Malu e Lari estavam tão coradas?

Foco, Olívia. Você precisa fazer alguma coisa.

— Nós temos que tirar esses caras daqui! Me ajudem! — gritei para as meninas, enquanto eles se aproximavam, fazendo passos de dança.

Fomos andando para trás, movendo-nos feito caranguejos para retardar o inevitável encontro.

— Eles não querem sair! — Larissa choramingou. — Os meninos vão ouvir a música aí do lado e vão vir aqui. Estamos fodidas!

— Larissa! Você é um gênio! — bradei, percebendo que a música tinha ficado repentinamente mais alta.

Como eu não tinha pensado nisso antes? Max, Plínio e Piolho estavam no apartamento de Tito, bem ao lado!

Isso era uma tragédia? Era uma tragédia trágica pra caralho.

Eu já podia imaginar o tamanho da merda que cairia sobre a minha cabeça com o mesmo impacto do sangue de porco sobre a pobre Carrie.

Já podia ouvir o “que porra é essa, Olívia?” estrondando no prédio inteiro. Não ia sobrar um tijolo do edifício, principalmente se Max reconhecesse Moreno-delícia (porra, preciso achar outro apelido pra esse cara. Porque é óbvio que Décio Pinto é nome de guerra).

Mas a única solução para um problema naquelas proporções era chamar meu noivo, o que parecia algo insanamente estúpido, a última coisa a se fazer naquela situação.

Só que não. Era um plano infalível, porque, assim, ele teria certeza de que eu não tive nada a ver com a presença dos *gogo boys*.

Era só fazer uma ligaçãozinha e pronto. Ele colocaria os caras para correr com uma simples trovoadas.

— Vou ligar pra Max! — anunciei.

As meninas me olharam como se eu tivesse fumado umas. Dei de ombros, porque não havia tempo para explicar minha ideia genial. Eu precisava encontrar o caralho do meu celular!

Estava pronta para sair à caça do aparelho quando percebi que já tínhamos dado tantos passos para trás que acabamos atingindo a parede.

Estávamos encurraladas.

E foi exatamente naquele momento que meu plano infalível foi por água abaixo, e eu quis que a terra me engolisse.

Você sabe, esta é a minha vida de merda. Então, é claro que, no instante em que os caras seminus começaram a dançar ao nosso redor, com os corpos quase colados aos nossos, a porta do apartamento de Larissa se abriu.

Fechei os olhos imediatamente e me concentrei no som da voz que abalou as estruturas do edifício e do meu coração:

— Que porra é essa, Olívia?

59. É hora de a onça beber água

PIOLHO

— Que porra é essa, Olívia? — Putão vociferou ao flagrar a mina dele sendo encoxada por dois caras de cueca.

Eu nunca tinha visto aquela quenga em um estado de *putidão* tão violento, meu.

E juro que senti a terra tremer quando ele trovejou. A casa ia, literalmente, cair!

— Que palhaçada é isso aqui, Susanne? — Plinião rugiu.

Era difícil pra *carai* deixar Plínio puto, mano, e parecia que as veias do cara iam explodir. Ou seja, a cobra ia fumar!

— O que significa essa merda, Larissa? — Titona bradou.

Pronto. O circo *tava* armado, e ia pegar fogo, tá ligado?

Nos minutos seguintes, testemunhei a zoação de Laerte chamando os caras de cornos, o revide de Olívia e o empurrão que Max deu no sujeito de cueca branca; ouvi as acusações de Plínio e Tito a respeito de quem tinha chamado os caras e as reclamações de Ícaro e Artur sobre não terem sido convidados *praquela* zona.

Eu *tava* me esbaldando lá da porta, gargalhando do *carai* todo enquanto as três quengas chifrudas estavam lá dentro, resolvendo a parada.

Sabe quando *cê* tá de boa, curtindo um puta espetáculo à distância, morrendo de rir da treta e, de repente, espirra um jato de merda na sua cara?

Então...

Mano de Deus... Voou bosta até na minha boca quando o desgraçado do Laerte me cutucou, apontou com a cabeça e perguntou:

— Ei, Lucas, sabe quem é aquela loirinha gostosa?

Segui o olhar felino do filho da puta e engasguei com minhas próprias risadas ao bater o olho em Maria Luísa.

Mano, eu engasguei de verdade. Na moral. Achei que *tava* doido, meu. Pisquei, olhei de novo e confirmei. Não tive tempo nem de me perguntar por que ela *tava* ali com as minas dos putos. Só gravei o fato de que ela também *tava* participando daquela orgia escrota, meu.

— Que *carai* é esse, Maria Luísa? — rosnei, incapaz de controlar o impulso.

Meu sangue fervia e, em vez de parecer culpada, ela abriu um sorriso triunfante quando me viu.

Mano de Deus, isso só me deixou mais puto! Ela *tava* se fodendo pro flagra, *vêi*.

Eu, que até então *tava* rindo escorado na porta, me uni às quengas, que *tavam* expulsando os caras de perto das minas deles, pra afastar os desgraçados da minha.

Quero dizer, da minha aluna.

Um absurdo, mano, *gogo boys* se esfregando numa mina do ensino médio!

Que desgraça, meu... Eu ia ter que socar aqueles filhos da puta sem dó!

OLÍVIA

A música cessou tão logo os *gogo boys* ouviram o “que porra é essa, Olívia?” e as manifestações equivalentes de Plínio e Tito.

— Aí, bando de cornos! Eu falei que a gente tinha que ter chamado as putas! É nisso que dá. Quem não faz, leva! — Laerte zoou lá da porta.

Fiquei morrendo de vontade de unhar a cara daquele imbecil!

Max caminhava em minha direção, puto da vida, quando eu gritei, estendendo os dois dedos médios pro babaca do Laerte:

— Corno é o que você vai ser quando achar uma puta que te queira, seu pau-no-cu!

Eu estava me fodendo para o fato de ele ser, em tese, meu superior no escritório. Ele podia ser até sócio, e eu ainda estaria me fodendo. Felizmente, era só um associado.

Laerte era aquele tipo de cara insuportavelmente convencido e sem-noção. Só que sua falta de modéstia não era justificável ou espirituosa como a de Max; e a falta de bom-senso não era divertida como a de Piolho. Ele era só um cara arrogante, antipático e, é claro, patologicamente mulherengo.

As meninas, tão ofendidas quanto eu, aprovaram minha atitude com meneios positivos de cabeça.

Piolho continuou onde estava, a metros de distância, morrendo de rir da desgraça alheia. Com certeza, ele ainda não tinha visto o corpo *mignon* de Maria Luísa atrás do segurança bombado. E eu é que não ia alertá-lo. Ia esperar, pacientemente, pra ver a cara de tacho dele.

— Max, fica calmo! Isso tem uma explicação! — falei, assim que ele nos alcançou, com aquela expressão assustadoramente selvagem que ele sempre fazia quando estava puto.

Merda. Por que ele tinha que ficar tão gostoso tendo acessos de fúria?

A propósito, ele estava absolutamente lindo de calça cinza de moletom e camiseta branca de algodão e, mesmo com o cu na mão, não consegui resistir a uma rápida manjada no meu pacotão gostoso, que dava de mil em qualquer outro.

— Isso. Relaxa aí, gringo... — disse Moreno-delí... Quero dizer, o piloto, dando um passo instintivo para trás.

— “Relaxa aí” é meu pau de óculos, e “gringo” é a cabeça da minha rola, filho da puta! — meu noivo retrucou, empurrando o *gogo boy*.

O piloto se desequilibrou com o forte e inesperado empurrão no ombro. O bombeiro o socorreu, segurando-o a tempo.

— Ei, ei! Ninguém precisa se machucar, cara — apaziguou o policial, entrando na frente.

Como tinha dado só um empurrão, em vez de uma voadora de três pés no sujeito, Max com certeza não tinha reconhecido “Moreno-delícia”, e eu respirei aliviada por isso. Mas não podia bobear, então, preventivamente, espalmei as mãos no tórax dele, tentando evitar que ele iniciasse uma briga séria caso recordasse.

Seu peito subia e descia rapidamente sob os meus dedos. O maxilar estava trincado; os pulsos, cerrados. As íris prateadas crepitavam.

Ele estava tão puto e tão gostoso que tirei logo as mãos, para não sucumbir à vontade de acariciá-lo, o que, naquelas circunstâncias, o deixaria indignado e, talvez, mais furioso. Mas fiquei bem perto, atenta a qualquer movimento brusco, enquanto rezava silenciosamente para todos os santos para que Max não o reconhecesse, porque, se isso acontecesse, eu estaria ainda mais fodida.

— Muito bonito, hein, dona Susanne! Foi sua a ideia de chamar esses caras? — Plínio recriminou a esposa.

— Desconfia, Plínio! Me respeita, meu filho! — Suze respondeu, chocada.

Ele se limitou a arquear uma sobrancelha, caprichando no que ele devia achar que era uma careta enfezada, mas, na verdade, era uma carinha bem fofa.

— Deve ter sido ideia da anfitriã — Tito cutucou.

— É claro que não, Tito! Nenhuma de nós chamou ninguém! — Lari nos defendeu.

— *Tão* esperando o que pra se vestirem, seus porras? O caralho do show de merda de vocês já acabou, filhos da puta! — Max direcionou o tom ameaçador aos *gogo boys* e começou a tirar a camiseta branca que estava vestindo.

Fiquei atordoada por alguns instantes, sem entender porra nenhuma. Por que ele ia ficar seminu?

— Tá beleza, cara — disse o segurança, indo até suas roupas no chão, atitude

que foi imediatamente imitada pelos demais.

Tito, que estava com os braços cruzados no peito e uma expressão zangada bastante parecida com a do irmão, se moveu alguns passos, ocupando o lugar deixado pelo segurança e afastando-se voluntariamente de Larissa.

— Veste essa porra, Olívia. — Max me estendeu a camiseta, e eu finalmente entendi por que ele a havia tirado.

Eu não podia ficar de *babydoll*, mas o bonito podia ficar com aquela maravilha de peitoral de fora! Tudo bem que não havia mulheres desconhecidas na casa, mas mesmo assim. Era um absurdo eu precisar colocar a camiseta, porque já estava vestida.

Só decidi não retrucar porque, apesar de eu não ter culpa de nada daquilo, ele estava no direito de ficar puto com as circunstâncias.

De todo jeito, não consegui me impedir de revirar os olhos quando peguei a camiseta e a passei pela minha cabeça. Ele notou e, nervoso como estava, ignorou.

— A gente *tava* só fazendo o trabalho para o qual fomos contratados, *man*. Tudo nos conformes — disse o bandido ruivo, colocando o capuz.

— E que trabalho fabuloso! Estão de parabéns! — Ícaro bateu palmas. — Temos um bombeiro, um policial, um segurança, um bandido e um piloto. Com essa adição maravilhosa de dois médicos, dois advogados e um professor — ele apontou Plínio, Tito, Max, Laerte e Piolho —, já podemos gravar uma orgia dos deuses! Nosso *pornoção* vai ser sucesso no *Redtube* Brasil! — Ele gargalhou.

Notei que Maria Luísa estava perfeitamente ciente da presença de Piolho e, a julgar pela expressão dela, ela estava tão ansiosa quanto eu para que ele parasse de achar graça e a notasse.

— Como vocês são biscates... — Ícaro grasnou em nossa direção, com toda a sua bipolaridade. — Como é que vocês chamam uns bofes desse naipe escandaloso e nem me dão um toque? Artur e eu estávamos ali ao lado, *bitches*! O que custava chamar a gente pra essa festinha *babadeira*? — perguntou, de olho do bandido ruivo.

— Um sacanagem da porra mesmo, viu, Ícaro... Nunca vou te perdoar por essa *trairagem*, Larissa. Chama esse tanto de macho pra cá e nada de convidar o irmão? Sua egoísta! — Artur reclamou, fotografando o bombeiro.

— Eu não chamei ninguém, Artur! Para de colocar lenha na fogueira, seu idiota! — Lari gritou, meio desesperada, observando a expressão glacial de Tito, que se afastou mais alguns passos e se sentou no sofá com um pretenso ar de descaso.

Segundos depois, vi Laerte cochichar alguma coisa com Piolho, que estava passando mal de tanto rir. Eu já estava cansada de esperar que ele notasse Malu.

Estava puta com aquela situação toda, e precisava do meu próprio show particular para dar uma desestressada. Já ia gritar, perguntando se ele não tinha percebido que ela também estava no bolo, quando, depois de engasgar com as próprias risadas, ele vociferou:

— Que *carai* é esse, Maria Luísa?

MAX

— Essa mina é uma criança, meu! Isso é abuso infantil, filhos da puta! — Piolho bradou, aproximando-se a passos largos.

Eu teria rido pra caralho da cara que ele fez, se não estivesse tão puto e tão por fora. De que Maria Luísa ele estava falando?

— Eu não sou criança coisíssima nenhuma! — Uma garota que eu nunca tinha visto na vida, e que só naquele momento eu notei, falou com indignação.

— Fica de boa aí, e deixa os adultos resolverem essa parada, Maria Luísa. Daqui a pouco a gente conversa, meu — ele disse, com os olhos nos caras.

Eu nunca tinha visto Piolho tão puto. Na verdade, podia contar nos dedos as vezes em que o vi irritado. E nunca tinha sido por causa de mulher.

Mais cedo naquele dia, Olívia tinha comentado comigo que Piolho, finalmente, encontrara um par para o casamento, segundo Marta, a organizadora. Será que era a tal Maria Luísa?

Ela era bonita, mas devia ter uns dezesseis, dezessete anos, o que não fazia muito sentido, porque Piolho não costumava pegar mulheres tão jovens, e... Espera.

Filho da puta...

Era a aluna que ele *tava* pegando, porra! Eu sabia!

— É Lucas, não é? E aí, cara? Beleza? — Subitamente, um dos desgraçados cumprimentou Piolho, e eu me dei conta de que já tinha visto o sujeito em algum lugar.

Mas não conseguia me lembrar onde.

A quenga franziu o cenho e estreitou os olhos, tentando reconhecer.

— Ricardo, do *Evil's*. Daquela noite depois do show, lembra? — Ele simplificou para Piolho, e a porra da minha ficha finalmente caiu.

PIOLHO

Put a que me pariu, *vêi*. Eu acho que já tinha comido umas minas com aquele cara. Acho que Marcelão também participou da parada. E outros dois caras aleatórios, talvez. E uma porrada de mina gostosa. Essa foi onde mesmo? *Carai*, eu não conseguia me lembrar.

— Ah, saquei, mano — falei, rápido demais, com medo de o filho da puta bater a história toda na frente de Maria Luísa.

Por que eu *tava* me importando com o que ela ia pensar da surubada?

Porque era estranho, né, mano... Ninguém quer saber que seu professor curte uma suruba. Além disso, a mina é virgem. Deve nem saber o que é isso.

Graças a Deus, Putão cortou o assunto antes de o sujeito entrar em detalhes sobre aquela noite.

— É o cara do bar, não é? — ele perguntou, com os olhos fixos em Olívia.

Ele também conhecia o cara? Eu não me lembrava direito da orgia, porque provavelmente *tava* de porre, mas tinha certeza de que Max não *tava* lá, porque ele nunca topava participar de paradas que envolviam outras picas. Tipo, as bocetas tinham que ser só dele. Nada de dividir. Nada de outros caras afundando as jorنالhas dentro. *Mó* palhaçada.

Na moral, mano, não tem ninguém no mundo mais egoísta que aquela quenga.

Enfim, se ele não *tava* se referindo à suruba, *tava* falando do que, meu?

Eu não *tava* entendendo mais nada.

— É, mas... — Liv começou a responder.

MAX

Finalmente, eu tinha reconhecido o sujeito. Era o tal do "Moreno-delícia".

Como se não bastasse o caralho do apelido, o nome do cara era Ricardo.

Ricardão. Que porra.

— Ah, saquei, mano — Piolho respondeu, fazendo a cara que ele sempre faz quando tá com o rabo preso. Ou seja, ele estava com o cu na mão por algum motivo.

Eu certamente teria gostado de investigar aquilo, se não estivesse ocupado demais sentindo o ódio apoderando-se de cada célula do meu corpo, como em uma espécie de possessão demoníaca.

No sonho que tive recentemente, eu não via a fuça do sujeito com nitidez, mas

sabia que era ele, como a gente sempre sabe nos sonhos.

Ali, cara a cara com o desgraçado, eu me senti teletransportado para o *Evil's*. Revivi a cena mil vezes em uma fração de segundo: eu de pé no centro do palco e a surpresa amarga de flagrar os dois lá embaixo, se esfregando um no outro.

Eu me lembrava do vestido; o que ela comprou para usar no tal do encontro, e que eu rasguei ao meio por causa do zíper emperrado. A imagem do fio-dental estava vívida em minha mente, assim como cada detalhe daquela noite.

Senti uma dor aguda no alto do estômago quando me lembrei de que Olívia já tinha transado com aquele cara. E, na mesma noite, nós transamos.

Na época, eu dei pouca importância ao fato. No dia seguinte, com a chegada de Tito, acabei apagando o cara do *Evil's* da memória.

Mas ali, diante do sujeito, eu não podia acreditar que tinha deixado aquela porra passar.

Um diálogo nosso daquela noite atingiu a superfície e pipocou em meu cérebro:

— *Moreno-delícia? Você é bastante criativa. Também tenho um apelido?*

— *Não. Só atribuo apelidos aos bons de cama, Max Vetter. Agora, se me der licença, vou dormir. Moreno-delícia acabou comigo”.*

Rapidamente, e sem permissão, outra merda invadiu minha mente:

— *Do que você está falando?*

— *Do seu 'Moreno-delícia'.*

— *O que tem ele?*

— *Anda, Olívia. Confessa que está exagerando.*

— *Não estou exagerando! Ele é isso tudo e muito mais! Uma delícia. Faz jus ao apelido, certamente”.*

Lembrando-me dos detalhes, eu podia sentir a dor se espalhando por cada órgão, contaminando minha corrente sanguínea e atingindo nervos e ossos.

Respirei fundo e disse a mim mesmo que aquilo não importava. Era passado, e eu também tinha transado com outras pessoas depois de conhecê-la. Naquela noite, inclusive, eu teria transado com aquelas loiras, se não tivesse...

Enfim. Estava tudo certo.

Tudo certo, Max. Esquece essa porra. Não seja um filho da puta. Se explodir agora, você estará sendo hipócrita e machista. E estará cavoucando merda por nada. Respira.

Ignorando a avalanche de sentimentos ruins e emoções latentes, perguntei, apesar de saber a resposta:

— *É o cara do bar, não é?*

— *É, mas...*

Observando Olívia mexer os lábios, continuei tentando desconsiderar aquilo

tudo. Tentei não me sentir um idiota por ter dito não à insistência de Laerte e Piolho a respeito das *strippers* enquanto minha noiva se divertia com um excêntrico *gogo boy* e outros quatro machos. De todo jeito, eu não teria sucumbido em hipótese alguma, então não adiantava remoer minhas recusas sistemáticas.

Nossos olhares mantinham-se conectados, e eu vi um desespero genuíno nos olhos dela; reconheci em suas pupilas dilatadas o medo absoluto de termos uma briga séria dias antes do casamento.

Eu precisava continuar pensando racionalmente. Primeiro, ela me amava. Segundo, mesmo se ela quisesse se esfregar nele ou em qualquer outro, Olívia teria sido inteligente o bastante para fazê-lo em outro lugar que não debaixo do meu nariz. Terceiro, é claro que ela não queria se esfregar nele ou em outros caras. Eu tinha certeza disso.

Aquela porra toda tinha que ter uma explicação, porque, depois de tudo o que vivemos, eu estava certo de que o que sentíamos era forte o suficiente para nos bastar pelo resto da vida.

Era difícil pra caralho dar razão à lógica em vez de sucumbir àquela magnetizante onda de autocomiseração. No fundo, eu só queria deixar o sofrimento escorrer pelos meus poros. Queria apenas sentir pena de mim mesmo e dar vazão àquela dor em forma de fúria. Sentia uma vontade urgente de socar aquele merda. Eu deveria socá-lo para vingar o Max do passado à altura. Deveria me render ao desejo bestial e estúpido de esmurrá-lo. Mas já tinha passado por aquilo uma vez, e a sensação não fora das mais agradáveis. Não me senti melhor depois do soco que dei em Ícaro. Pelo contrário.

A situação que eu estava vivendo naquele momento era mil vezes pior do que a que eu tinha vivido no dia da apresentação de balé. Pouco tempo separava o Max daquela noite do Max que eu havia me tornado. Mas éramos caras tão diferentes que a impressão que eu tinha era a de que séculos haviam se estendido entre nós.

Eu seria pai em cerca de seis meses. Não tinha mais o direito de agir com impulsividade, sem pensar nas consequências dos meus atos.

Por isso, escolhi refrear o impulso cerrando os dentes e os punhos. Seria ridículo, infantil e despropositado quebrar o nariz do sujeito. Eu só arranjaria problemas desnecessários se sucumbisse ao formigamento nos nós dos meus dedos.

Estava na hora de crescer, na medida do possível, e encarar as coisas com um pouco mais de maturidade. Eu não podia mais me dar ao luxo de ser tão temperamental a ponto de decidir prolatar a sentença e aplicar a sanção antes de ouvir o que Olívia tinha a dizer. Afinal de contas, o princípio constitucional do contraditório e da ampla defesa existia para ser respeitado não apenas em âmbito

jurídico, mas em todas as esferas da vida.

Então, em vez de ouvir o som dos meus órgãos borbulhando em rios de ódio e mágoa ou as pulsações raivosas e descontroladas nas minhas têmporas, como eu estava habituado, escolhi ouvi-la:

— É, mas... Eu não chamei ninguém, Max! Eles... Simplesmente apareceram aqui! Do nada!

Viu? Eu sabia que havia uma explicação plausível!

Você está morrendo de orgulho da minha imprevisível atitude madura, confessa. Aposto que está aplaudindo.

“Nossa, Max, que orgulho! Você finalmente cresceu! Aleluia! Parabéns, seu lindo!”.

Eu sei, eu sei. Obrigado (sim, estou abrindo meu sorrisinho convencido especialmente para você).

Chega de crises imaturas e injustificáveis de ciúme. Eu sou um pai, caralho! Preciso ser um exemplo, um pilar de sabedoria, um reduto de discernimento, equilíbrio, reflexão e bom-senso.

Olívia tinha comprado um vestido só para sair com o sujeito. O desgraçado já tinha fodido a minha mulher, e o cara estava participando, sabe-se lá por que, da despedida de solteira dela. Eu poderia matar o filho da puta com as próprias mãos. Ou, no mínimo, deixá-lo em coma. Em seguida, poderia cuspir no corpo ensanguentado e sair dali direto para o melhor puteiro da cidade. Depois de foder umas cinco putas, eu poderia beber até, literalmente, morrer.

Eu ia fazer isso? Não, caralho, não ia. Porque, além de amá-la, eu sou um homem maduro, porra.

Você é maduro, Max. Maduro pra caralho. Essa explicação de merda que você ouviu é totalmente satisfatória. Você acredita cegamente nisso. Você é um cara de fé, Vetter. Porque isto é fé: acreditar em coisas que têm uma puta cara de “história pra boi dormir”, mas que, surpreendentemente, são verídicas (“boi” lembra “touro”, que, por sua vez, lembra você-sabe-o-quê, então acho que essa frase não pegou bem, mas foda-se).

De verdade, apesar de estar puto, eu acreditava piamente na inocência de Olívia quanto à história dos *gogo boys*. O que estava me matando mesmo era a história dela com aquele *gogo boy* específico.

A despeito de toda a minha ira, a ideia era esta: seguir em frente com o *#ProjetoMaxMaduro*, respirar fundo e responder com um “eu acredito em você, minha linda. Está tudo bem!”, coroando minha fala com um belo sorriso transbordante de maturidade.

Mas, é claro, não foi o que eu fiz, porque meu nome é Max Vetter, porra.

O que seria da história da minha vida sem um bolo grande para um senhor

caralho com recheio duplo de infantilidade e cobertura extra de drama?

60. Quem vai à guerra dá e leva (ou não)

PIOLHO

Aconteceu rápido pra *carai*. No tempo de um piscar de olhos.

Quando me dei conta, Putão, que *tava* olhando pro *gogo boy* como se, a qualquer momento, fosse esmurrá-lo até a morte, já tinha feito o primeiro movimento em direção ao sujeito.

Ele ia deformar o cara, mano. Ia dar B.O.

— Briga! Briga! Briga! — Ícaro começou a gritar, batendo palmas.

Eu já *tava* me movendo pra segurar aquela puta descontrolada quando vi Olívia fazer um sinal para Suze. Em seguida, ela se queixou:

— Ai, meu Deus... Não tô bem... Eu vou...

A quenga se virou na hora, a tempo de vê-la caindo de costas no sofá.

No nanossegundo seguinte, ele já *tava* ao lado dela, sacudindo-a com desespero:

— Caralho! Olívia? Olívia! Porra! Linda? Acorda...

Mano de Deus, todo mundo sacou logo o migué da mina, menos Putão. O cara ficou branco, *vêi*. Na moral, eu queria rir. Isso demonstra o quanto eu sou sacana, meu.

— Calma, puto — Tito se aproximou. — Deve ter sido só um caso de hipotonia arterial. Ela já vai acordar. Lari, cadê seu esfigmomanômetro?

Larissa saiu desembestada pra ir buscar o que quer que ele tenha pedido. Eu só esperava que não fosse uma coisa bizarra, mano. Tipo uma cinta-caralha, saca?

— Fala direito, desgraça! — Max berrou.

Titona fez um esforço do *carai* pra não rir, meu.

— Queda de pressão. — Ele limpou a garganta. — É comum na gravidez. Fica tranquilo.

— Linda — Max choramingou —, acorda... — pediu, beijando a testa da mina.

Mano, era comovente. O cara *tava* alisando a barriga dela.

— Aqui! — Larissa voltou, esbaforida, trazendo uma maleta de primeiros socorros e tirando, graças a Deus, um simples aparelho de medir pressão de dentro.

— Então... — Tito disse, elevando a voz. — Agora eu vou aferir a...

Olívia soltou leves grunhidos e se remexeu no sofá, pegando a deixa.

— Linda?

Ela abriu os olhos, e ele soltou um suspiro de alívio.

— Quer me matar do coração, caralho? — Max perguntou retoricamente.

— Desculpa... Eu... Tô sentindo falta de ar. Preciso... — Ela lançou um olhar significativo para Tito.

A expressão de Max voltou a ficar desesperada.

— Eu vou te levar pro hospital — ele anunciou, pegando-a no colo.

— Não precisa, puto — Plínio tranquilizou.

— Ela só precisa de um pouco de ar fresco. — Tito sacou logo que Liv queria tirar o noivo do apartamento.

— Você podia se sentar um pouco com ela na pracinha em frente ao prédio, Max — Suze sugeriu.

— Isso... — Olívia concordou.

Ele assentiu e rumou em direção à porta, esquecendo-se completamente dos *gogo boys*, que espiavam tudo à distância, provavelmente ansiosos para se livrarem daquela situação toda.

Ficamos observando Putão se afastar com Olívia no colo até perdermos os dois de vista.

Em seguida, todo mundo se virou para o *gogo boy*, o pivô da treta.

Acuado por tantos olhares inquisitivos, ele começou a explicar:

— Não rolou nada sério, não. Eu cheguei nela lá no *Evil's*. Aí, a gente começou a dançar, dar uns amassos e tal. A banda de vocês — ele olhou em minha direção — *tava* tocando. O gringo desceu de repente do palco, puto da vida, e berrou no pé do nosso ouvido “que porra é essa... Fulana?”. Eu perguntei se ela conhecia o sujeito, e ela disse que não. Falou um monte pro cara, tipo: “vai comer umas putas e me deixa em paz”, e ele saiu, soltando fogo pelas ventas, falando que ia mesmo. Achei que depois disso a gata ia cair *facinho* na minha, mas perguntei se ia rolar, e ela disse que não. Ela *tava* bem puta, e arrasada ao mesmo tempo, quando saiu do bar.

— Quando foi isso? — Suze perguntou.

— Ih, tem tempo. Uns quatro meses atrás. Ou mais.

— Mano, foi bem no início. Tipo, esse show aí foi naquele sábado antes daquele domingo do piscinão. Ou seja, um dia antes de *cê* chegar, Titona. Foi uns dois ou três dias depois que eles se conheceram, meu!

— Que fofo... Eles já tinham ciuminho — Lari comentou.

— “Ciuminho” é o que a gente tem, Lari. Aqueles dois são patologicamente possessivos. — Tito deu uma risada.

— Enfim... Agora a gente tá indo, falou? *Bora*, rapaziada, *vamo* aproveitar a

noite livre — o tal do Ricardo chamou os outros caras.

Mas é claro que, antes de ir, o filho da puta do *gogo boy* tinha que foder a minha vida, mano:

— Ah, cara, eu sempre topo surubaba, falou? Com aquele tanto de gata, então... *Cê tá doido...* Pode me chamar sempre, parceiro.

Mano de Deus.

Maria Luísa arregalou os olhos quando ouviu esse *carai*, e eu desviei o olhar do dela mais rápido que um raio.

— Vou te passar meu telefone. Vê se da próxima *cê* deixa uns cus pra mim, beleza? Foi injustiça aquilo lá.

Cala a boca, desgraça.

Mó mentira essa parada, mano. O cara *tava* me confundindo com Marcelão. Vê se pode. Nada a ver, *vêi*. Tipo, meu cabelão é minha marca registrada, saca? Como é que o desgraçado vem e me confunde com Marcelão, mano? Tomar no cu. O cabelo dele é quase raspado, de tão curto!

— *Cê tá me confundindo, carai* — falei, mesmo sabendo que a merda *tava* feita.

— Ai, que delícia! Quer dizer que *cê* curte um cu, gostosão? — Ícaro foi o primeiro a zoar.

— HUUUUUMMM... Só come os cabeludos, né, Piolhão? — Plínio gargalhou.

— Por que *cê* nunca me contou isso, primo? — Artur deu uma piscada.

— O come-cu é Marcelão, mano! O cara tá me confundindo com aquele empurra-bosta!

Que *carai*, meu... Por causa daquele puto, eu que fiquei de papa-cu pra Maria Luísa.

Gosto de foder um cu? Gosto. Mas Marcelão é doente, mano. Ele é tarado num cu. Sério mesmo. Acho que o cara nem boceta come. Só quer saber de “chupar uns cu e pá”.

Eu tinha a impressão, a julgar pelo olhar curioso que Maria Luísa me lançava, que ela *tava* me achando muito pervertido. Eu sou mesmo, tá ligado? E geralmente tô me fodendo pra falso moralismo, mas sei lá, meu... Eu *tava* me sentindo esquisito pra *carai*. E *tava* puto com tudo. Com a presença dela ali, com o lance dos *gogo boys* e, principalmente, comigo mesmo. *Tava* odiando me perguntar o que ela *tava* pensando. E odiando mais ainda me importar com essa parada.

Antes de deixarmos aqueles caras zarparem, a gente pressionou os filhos da puta, mas eles não bateram o nome do desgraçado que armou aquele circo. Segundo os *gogo boys*, eles não sabiam de nada, porque a agência passava só o endereço e o horário agendado para a “visita” e fim de papo.

É claro que a gente sabia que nenhuma das minas tinha chamado os caras. Nenhum de nós é burro, né, mano? Basta a gente botar Tico e Teco pra funcionar, meu. Elas não iam chamar machos pro apê enquanto as quengas *tavam* ali ao lado.

Depois que os caras foram embora, elas foram trocar de roupa. Menos Maria Luísa. Eu queria pedir pra ela ir, porque outra coisa que eu *tava* odiando era aquele negócio rosa que ela *tava* usando, mano. Aquela porra era curta demais, e eu já tinha pegado o merda do Laerte dando umas boas secadas nela. Isso *tava* me matando, meu. Mas como é que eu ia pedir pra mina ir trocar de roupa, mano? Tá louco? Ia dar muito na cara que eu meio que tô na dela. E os putos não podem nem sonhar com esse lance. Muito menos saber que ela é minha aluna. Por isso, eu tinha decidido ficar de boa. Eu ia ficar *zen*, saca?

Nem me importava tanto assim com ela a ponto de sentir ciúme, mano. Aquilo do “que *carai* é esse, Maria Luísa?” foi causado pela surpresa de vê-la ali, sendo encoxada por um sujeito pelado com idade pra ser pai dela. Só isso.

Agora, vamos mudar de assunto que tá chato isso, mano.

Estávamos sentados nos sofás, esperando Max voltar com Olívia. O puto do Laerte *tava* entre Ícaro e Artur no da frente. Suze, Plínio e Tito ocupavam as poltronas. Eu *tava* sentado entre Lari e Maria Luísa no outro sofá de três lugares, o que *tava* fodendo com a minha vida, porque a coxa dela *tava* colada na minha, e o perfume que ela exalava *tava* me matando. Pra você ter uma ideia do quanto, eu *tava* com uma almofada sobre o colo.

— Aquela história que o cara contou foi naquela noite, Tito. Aquela, daquele acontecimento hilário que eu te contei — Plínio comentou.

Os dois caíram na risada.

— Por que eu não sei do que *cês* tão falando, suas putas? — perguntei, afastando-me alguns centímetros para perto de Larissa, a fim de desgrudar minha perna da de Maria Luísa, porque, se eu precisasse me levantar naquelas condições, *tava* fodido, meu.

— Porque, se te contássemos, seríamos dois sacanas — Plínio respondeu. — E Max nunca mais teria paz.

— Quero saber esse *carai* agora! — exigi.

— De mim você só tira a informação se eu estiver morto de bêbado — Tito garantiu.

— Idem — Plínio coadunou, rindo.

— Desafio aceito, quengas! Lari, tem pinga aqui? — perguntei.

— Tem tequila. Muita tequila, limão e sal. — Ela lambeu os lábios.

— Ah, mano, chupa meu pau. Birita de *muié*, não, meu — reclamei.

Maria Luísa me passou um rabo de olho, mas nem tive tempo de reagir,

porque, no segundo seguinte, Titona apelou:

— Que negócio é esse de “chupa meu pau”? Chupa o meu, filho da puta!

— Fica *frau*, Titona! A gente só deu uns pegas quando era adolescente, né, Lari? — falei, passando o braço em volta dela e beijando sua bochecha. — Foi brincadeira de criança, mano. Coisa de primo. Agora a gente nem fode mais.

Maria Luísa estreitou os olhos em direção a Larissa e fitou a cabeça dela como se pudesse decapitá-la com o olhar, saca?

Mano, ela *tava* com ciúme de mim... Não sei por que, mas isso me fez sentir uma parada escrota no peito. Bem bizarro, meu. Ridículo.

Eu *tava* sentindo esse troço sinistro quando Tito se levantou.

— Repete essa porra — ele rosnou.

— Por que você não me contou esse pequeno detalhe, Larissa? — Maria Luísa perguntou, indignada.

— Vocês piraram? Credo! Deus me livre! — Lari fez uma careta. — Pelo amor de Deus! É mentira dele, né! Lucas, desmente logo essa merda. — Ela me deu um beliscão.

Pensei em zoar mais um pouco (só pra pirraçar Tito, nada a ver com Maria Luísa), mas meu braço *tava* doendo pra *carai*, então só desmenti mesmo:

— Tô zoando, mano. *Cê* é louco? Lari é tipo minha irmã, meu. Seria mais fácil eu dar uns pegas em Artur! — falei, alisando a área que Larissa tinha soltado.

— Jesus... Meu sonho! — Meu primo riu. — Infelizmente, nunca rolou. — Ele cruzou as pernas e soltou um suspiro pretensamente triste.

— Só porque não é de Deus pegar primo, né, meu gostoso? — brinquei.

— Para de palhaçada, Piolho. Tô preocupada de verdade com Max e Liv — Suze falou, séria.

— Preocupada com o quê, meu? *Cê* não conhece aqueles dois? Ela vai contar que *tava* de *caô*, eles vão dar uma discutida e depois vão foder, mano. — Dei uma risada.

— Exato. Já vi esse filme — Plínio declarou. — Max vai recitar sua cartilha de palavrões, a qual Olívia vai rebater com seu repertório infinito de palavreados impronunciáveis. No fim, *putidão* e *tesão* vão ser uma coisa só, e eles vão acabar se comendo em algum canto escuro do prédio. Ou na sua cama, Tito. — Ele gargalhou.

— Tranquei a porta, malandrão. — Titona puxou uma chave do bolso e a exibiu com orgulho, voltando a se sentar.

— Espera, eles não podem transar à noite! — Suze bradou. — Viola a regra pré-nupcial que eu criei!

Caímos na risada.

— Amor, em tese, eles só não podem dormir juntos. Ninguém disse nada sobre rapidinhas noturnas às escondidas — Plínio ressaltou, rindo.

— Vou acrescentar isso à lista de proibições. — Ela deu uma risada.

— Dá uma trégua, Suze — Tito disse. — Sexo de reconciliação é sagrado.

— Vocês têm certeza de que eles vão se resolver assim tão fácil? Com sexo? — Maria Luísa perguntou. — Porque ele parecia bem triste e estava bem bravo antes do desmaio *fake*. Talvez, quando descobrir que era de mentirinha, ele fique muito puto e decida ir pra algum lugar e deixe Liv lá embaixo chorando.

— Não, mano. *Cê* não conhece aqueles dois como a gente, não sabe como a parada funciona. Putão nunca a deixaria sozinha, por mais puto que estivesse. Ele tem um medo do *carai* de acontecer alguma coisa com ela e com os bebês. Além disso, aquela quenga tá tão de quatro pela mina quanto esta mesa — falei, apontando a mesa de centro. — Tá de boa. Eles vão resolver a treta do jeito que eles sempre resolvem.

— É. Eles fazem isso praticamente o dia inteiro! — Ícaro emendou. — Discutem por motivos banais, soltam uma chuva de palavrões durante o processo e trepam loucamente em seguida, também com uma enxurrada de palavrão. Adoro quando eles fodem no quarto da vidraça. A persiana fica abaixada, mas dá pra ouvir tudo do meu quarto! Hoje, por exemplo, foi por causa do jogo de *paintball*. Geralmente, nem dá pra saber o que é briga e o que é lesco-lesco. Eu sou vizinho deles, vocês não fazem ideia das coisas que eu já ouvi. Jesus, aquele homem na cama... — Ele começou a se abanar. — Sobre o quanto ele a faz gemer, sobre os gritos, arquejos, o barulho de coxas com coxas e pélvis com pélvis, e sobre o som das bolas dele batendo na pele dela, só digo uma coisa: quero nascer Olívia Dutra na próxima vida!

— Senhor. Eu não precisava saber desses detalhes, Ícaro — Suze falou, rindo.

— Nenhum de nós — Plínio concordou.

— Cara, dá uma maneira nos termos. — Tito indicou Maria Luísa com a cabeça. — Tá falando merda na frente de uma menina de... Quantos anos você tem?

— Quatorze — ela respondeu, encarnando o papel de moça ingênua assustada.

Os caras fizeram uma expressão incrédula, mas arregalaram os olhos em minha direção.

— É sério isso? *Cê* tá pegando uma menina de quatorze anos, cara? — Plínio perguntou, chocado.

— Quatorze com esses peitos? Nem fodendo — o puto do Laerte disse, com os olhos colados no decote dela.

— Tira o olho, imbecil. Vai trocar de roupa, Maria Luísa — ordenei.

Ela abriu um sorrisinho de satisfação.

— Olha só... Piolhão com ciúme? É isso mesmo que eu tô vendo? — Tito gargalhou.

— É isso mesmo, cunhado! Lucão possessivo! — Artur respondeu, rindo.

— Que lindinho, Lu... — Larissa zoou.

— Muito fofo, Piolhinho! — Suze zombou.

— Desse jeito, daqui a pouco tá no nível de Max! Mais de quatro que a mesa! — Plínio deu uma risada.

— *Cês tão* tudo chapado, mano? Pro governo seus, ela tem dezoito, e eu não tô pegando. Ela é só minha... Conhecida — falei, engolindo em seco.

— Só conhecida... — Laerte repetiu. — Que bom. — O desgraçado sorriu pra ela.

Tava todo mundo de olho na minha reação, mano. O que eu podia fazer? Nada, além de trincar os dentes e me imaginar socando aquele bosta até matar.

— Maria Luísa — chamei, fazendo uma expressão que dizia: “vá fazer o que eu mandei”.

Ela me encarou de volta e, com um arquear de sobrancelhas, respondeu silenciosamente: “me obrigue”.

— Ah... Bem, você podia me emprestar a sua camiseta... — ela sugeriu, como se a ideia tivesse surgido de repente. — Tipo, a mesma coisa que Max fez com Liv.

— Gosto mais de você usando essa roupinha aí, mas posso te emprestar a minha, gata! — Laerte, mais que depressa, ofereceu.

Eu preferia perder minhas duas bolas a permitir uma porra daquelas. Sem pensar duas vezes, fiquei de pé e puxei a camisa pela cabeça.

— Toma. Veste esse *carai*.

Ela mordeu o lábio enquanto incendiava minha pele com um olhar que aumentou o volume na minha cueca.

Voltei a me sentar, mais rápido que um foguete, agarrando a almofada enquanto ela se vestia.

Depois que Maria Luísa se sentou, tão perto que quase se jogou no meu colo, ficou todo mundo em silêncio, nos observando com sorrisinhos do tipo “eu sei o que vocês fizeram no verão passado”. Só que, no caso, tinha sido no fim de semana passado. E nem tinha rolado nada, mano. Uma injustiça do *carai* o que eles *tavam* fazendo comigo, saca? Eu *tava* de comedor sem ter comido, meu.

— *Quié*, mano? *Cês têm* problema, *véi*. Acho melhor a gente começar a averiguar quem chamou aqueles caras, tá ligado? — falei, tentando jogar um papo diferente na roda.

Os putos sorriram como se dissessem: “não somos idiotas, mas vamos mudar

de assunto só pra fingir que ninguém aqui sacou a parada”.

— Não quero acusar ninguém — Lari começou —, mas alguma outra pessoa contratou os *gogo boys*, porque, como dissemos, não fomos nós.

Suze e Maria Luísa assentiram enfaticamente.

— É mesmo? Jura, amor? Estou bastante curioso para saber quem foi essa “alma caridosa”. Um bom samaritano, com toda certeza — Tito ironizou.

Lari prendeu os lábios pra não rir da cara dele, mas acabou deixando escapar uma risada.

— Não estou achando graça, dona Larissa. — Ele cruzou os braços.

— Não faz esse biquinho fofo, doutor Tito! — Ela se levantou, sentou-se no colo dele e desfez o “biquinho fofo”, que pra mim era de cu, com um beijo.

— Já que não foi nenhuma de vocês, talvez tenha sido quem mencionou alguma coisa relacionada a “passe-livre”, “bofes” e “migrar pro outro lado” — Plinião cutucou.

Ícaro abriu a boca e arregalou os olhos, levando uma mão ao peito em um gesto teatral.

— Que absurdo! Olha isso, Artur! Pois não fomos nós! Juro pela minha coleção de cuecas bafônicas!

— A gente com certeza teria vindo pra cá se tivesse chamado, né, Ícaro? — Artur falou, tão chocado quanto o “namorado”.

— Fato! Podem ter certeza de que jamais pagaríamos uns bofes *carésimos* daqueles pra não usufruirmos nós mesmos de cada centímetro acochado dentro daquelas cuecas coladas! Jesus Cristo... — Ele se abanou. — Enfim, se eu tivesse que acusar alguém, diria que foi quem estava morrendo de rir do malfeito agorinha há pouco!

Meu, *cê* acredita que ele usou o indicador pra cortar o pescoço na minha direção?

— Seu cu, mano! — bradei. — Eu confesso que *tava* rindo, tá ligado? Mas isso foi antes de ver...

Olha que *carai*, quase falei merda!

Dei uma tossida pra disfarçar e continuei:

— Eu seria capaz de matar quem chamou esses caras com as minhas próprias mãos, meu! Foi você, não foi, filho da puta?

Fulminei Laerte, notando que o pau-no-cu ainda *tava* de olho em Maria Luísa.

Mano, aquele cara já *tava* me deixando de ovo virado. Na moral, *vêi*. Eu já *tava* precisando ter que me segurar, saca? E quando eu tô nessa *vibe* não demora muito pra perder o controle, meu.

— Aposto que *cê* fez isso só pra Putão ficar puto e topar o lance do puteiro. *Cê* fodeu a vida dele, seu porra!

— Tá louco, cara? Max é meu amigo. Eu jamais faria um troço desses. Além disso, e eu lá ia gastar dinheiro com macho?

— É claro que nenhum de nós tem o interesse de foder com o casamento de Max e Liv. — Ícaro comentou. — Não foi ninguém aqui. É melhor a gente parar com essas calúnias sem sentido.

— Em termos jurídicos, não é correto dizer “calúnia” nesse caso — o cuzão do Laerte começou a falar. — Porque essa modalidade de crime contra a honra consiste em atribuir falsamente a alguém a responsabilidade pela prática de um delito. E ligar para *gogo boys* não constitui crime. Então, ninguém está caluniando ninguém. Na verdade, entre calúnia, injúria e difamação, a terminação mais adequada seria a última, porque consiste em ofender a honra objetiva de outrem, ou, em termos mais claros, denegrir a reputação, “queimar o filme” da vítima perante terceiros. Mas, por vários motivos, como ausência de dolo e *animus diffamandi*, não é o caso. — Ele finalizou abrindo um sorriso escroto para Maria Luísa.

Mano, o cara *tava* tentando aparecer pra ela, meu. E com aquele papo chato pra *carai*. Patético.

Soltei um ronco falso, fingindo ter caído no sono. Então “acordei” de repente. Maria Luísa abafou uma risada, e eu não soube dizer se ela tinha achado engraçado ou se tinha notado o quanto aquele arrombado *tava* me tirando do sério.

— A única pessoa que pode atolar *juridiquês* nos nossos rabos é Putão. Cala a boca, véi.

— Exposição de conhecimento jurídico incomoda os leigos — ele disse, com aquela cara de *playboy* de merda.

— O que incomoda é falta de noção, meu chapa — respondi, com uma calma premeditada.

Ele deu uma risada sarcástica, e eu senti meu punho começar a ganhar vida própria.

— Falou o sujeito mais sem noção da face da Terra. Qual é a sua profissão mesmo? — ele perguntou, com evidente desdém.

— Ele é professor. O melhor que eu já tive! O melhor do mundo todo! — Maria Luísa respondeu.

— Eu sabia! — Plínio, Tito, Artur e Ícaro bradaram ao mesmo tempo.

— Muito obrigado, Maria Luísa — ironizei.

Ela cerrou os dentes e sussurrou um “desculpa!” por ter revelado o *carai* do “segredo”.

— Uma profissão muito honrada, com toda certeza — Laerte continuou. — Mas deve ser difícil viver com um salário de professor, não? — Ele fez uma cara

que dizia “eu sou rico, você é um pobre-coitado”. — Quero dizer, a situação da educação neste país...

— Primeiro — Maria Luísa interrompeu —, é lamentável o fato de a sua mãe ter falhado em ensiná-lo que uma pessoa não é o salário que recebe. Existem muitos babacas com uma pomposa remuneração mensal de seis dígitos sem um décimo da hombridade e do caráter de Lucas. Sei do que estou falando. Segundo, você tem razão. É ridículo o salário dos professores da rede pública, que são verdadeiros heróis por enfrentarem, diariamente, um trabalho tão exaustivo com a certeza de que não haverá uma recompensa monetária digna no fim do mês. Mas ele dá aula em um dos colégios Atena, que, como você deve saber, se não for tão alienado quanto parece ser, é a melhor rede de escolas particulares do estado. Então, eu posso te garantir que Lucas é extremamente qualificado, e faz parte de uma minoria cujo salário é condizente com as atribuições que exerce.

Ser defendido por uma mulher devia ser algo extremamente broxante. Eu sempre achei que fosse tipo a pior merda do mundo. Mas, puta que pariu, olha a eloquência da mina, mano... Ela devia ter um professor de Português fodão pra *carai*...

Que tesão da porra, meu... Maria Luísa não tinha o direito de dizer coisas que me davam uma puta vontade de agarrá-la.

— Terceiro — Artur emendou —, você enfiaria todo esse seu desdém no cu se soubesse que meu primo...

— Artur... — chamei, em um tom que deixava claro que era pra ele calar o *carai* da boca.

— Adoro mulheres de opinião, sabia? — o desgraçado do Laerte teve a cara-de-pau de dizer, com aquele sorrisinho de bosta estampado na cara.

Mano de Deus, eu ia arrebentar aquele merda. Já *tava* levantando quando Maria Luísa segurou meu braço.

— Uma pena que eu não curto babacas — ela devolveu, abrindo um falso sorriso cortês.

Alguém tinha que tirar aquela mina de perto de mim, mano. Na moral. Eu não podia mais lidar com aquela vontade ridícula de beijá-la.

— *Ouch!* Essa doeu! — Ícaro gargalhou.

— Depois dessa, eu pegaria o rumo de casa — Tito lançou a indireta.

— Vou ficar. Tenho certeza de que mais tarde você vai estar quicando gostoso nesse babaca, gata. — Ele deu uma piscada, e a próxima coisa que viu foi meu punho.

Levantei num salto e dei um soco no olho do filho da puta.

Em seguida, ignorando o alarde das minas, acertei o outro olho. Estava prestes a dar um terceiro murro quando senti braços me segurando.

— Já chega, cara!

Mano, eu *tava* tão cego de ódio que não consegui distinguir se a voz era de Plínio ou de Tito.

Ícaro e Artur se levantaram e também começaram a me empurrar para longe do desgraçado.

— Vou ficar cego! — Laerte se levantou do sofá, com as mãos nos olhos, e começou a gemer e a choramingar feito uma putinha.

Não consegui conter as gargalhadas, meu. Ri pra *carai*.

— Eu vou te processar, seu merda! — ele assegurou, levantando-se. — Estou indo agora mesmo à delega... Ai... Acho que meu globo ocular tá de fora... — Ele tirou as mãos, e todo mundo, menos eu, puxou o ar quando viu o estrago.

Mano, *tava* tudo intensamente vermelho. Tipo, um dos olhos *tava* vermelho até na parte branca.

— Senta aí — Plínio usou um tom atipicamente rude. — Vou te fazer o favor de dar uma olhada.

— Para de rir, Lucas! — Maria Luísa cochichou, tentando parecer séria.

— Não consigo, mano! — falei, ouvindo o cara se comportar feito um bebezão enquanto Plínio o examinava.

— Tá doendo, merda... Vou ficar cego? Não tô vendo direito... Dói muito. Puta merda, vou ficar cego! O que eu vou fazer sem enxerg... Ai, porra. Ai, meu Deus, dói pra caramba. Eu vou quebrar sua cara, seu desgraçado! Espera só eu... Ai!

Mano, eu não conseguia parar de rir. Na moral.

— Você não está enxergando direito por causa do hifema — Plínio declarou.

— Ai, meu Deus, o que é isso? Vou ficar cego?

Plínio prendeu os lábios para não rir.

— Toma *mediquês* no rabo, filho da puta! — Dei uma risada.

— É uma lesão superficial, caracterizada pelo acúmulo de sangue na câmara anterior do olho. Aparentemente, os socos ocasionaram traumas sem corte e sem fratura orbital. Como o nervo óptico parece não ter sido danificado, não há risco de danos permanentes. Apesar disso, recomendo que você consulte um oftalmologista imediatamente. Lari, tem gelo?

— Vou buscar — ela disse, levantando-se de má vontade e fazendo uma careta para Laerte, que, obviamente, não viu.

— Vai ajudar a diminuir o inchaço e a controlar a formação da equimose, mas o famoso “olho roxo” vai ser inevitável — Plínio explicou.

Laerte saiu do apartamento de Larissa com um saco de gelo nos olhos. Plínio se ofereceu para levá-lo ao hospital, mas ele recusou, dizendo que ia sozinho, de táxi. Só aceitou a ajuda de Tito para acompanhá-lo até o térreo.

Eu devia, mas não estava me sentindo nem um pouco culpado. Ou arrependido. E estava me fodendo para as possíveis consequências.

— Você devia ter fingido um desmaio, Malu — Suze comentou, rindo. — Liv já ensinou pra gente como fazer para evitar que esses trogloditas saiam por aí esmurando pessoas.

— Eu não bati nele por causa dela, mano. Bati porque ele é um babaca sem noção — justifiquei. — Cês viram o tamanho da merda que ele falou? — perguntei retoricamente, ignorando os “anrãs” deles. — Eu devia ter matado aquele filho da mãe.

— Será que ele vai mesmo te processar? — Maria Luísa perguntou, apreensiva.

— Foda-se. — Dei de ombros.

— Tenho certeza de que é o que ele mais quer — Plínio respondeu. — Mas não vai, porque Laerte é o maior lambe-cu de Max lá no escritório. Tá doido pra virar sócio. Não vai ter coragem de se indispor com o próprio chefe.

— Que bom, então... — Ela soltou um suspiro aliviado.

— Falando em Max, ele e Liv estão demorando, né? — Lari comentou.

— Bastante — Suze respondeu, visivelmente preocupada. — Espero mesmo que Max não faça nenhuma merda. Eu mato aquele idiota! O casamento é daqui a quatro dias...

— Mas gente, quem será que chamou aqueles *deusos*? Quero uma fada madrinha dessas na minha vida! — Ícaro exclamou.

— Se não foi Laerte, só pode ter sido uma pessoa — Suze constatou. — A única com interesse em fazer Max e Liv brigarem. E garanto que não é uma fada, Ícaro. É uma bruxa. E não uma como a Bruxa Boa do Sul, mas uma tão verde de inveja quanto a Bruxa Má do Oeste.

— Drica. — Lari soltou um suspiro que dizia “como não pensei nisso antes?”.

— A pergunta é: como ela ficou sabendo da nossa noite do pijama? — Suze perguntou, sem usar um tom acusatório.

Mesmo assim, Lari, Artur e eu nos entreolhamos.

— Você contou pra ela? — os dois perguntaram, ao mesmo tempo em que eu questioneei: “cês bateram pra ela, mano?”.

— Claro que não! — eles disseram, enquanto eu dizia: “cês tão loucos, meu?”.

Então ficamos em silêncio, e eu li nas expressões dos meus primos que eles também *tavam* tentando se lembrar se tinham mencionado alguma coisa remotamente relevante na frente de Drica.

Minha irmã é uma criatura bem ardilosa na maior parte do tempo, mano. Pra ter captado uma coisa ou outra no apartamento de Lari ou Artur, ter ouvido

algum telefonema meu e ter juntado dois mais dois não custava nada.

Nem sei como eu ainda não tinha suspeitado dela. Mas ela ia me pagar, *vêi*.

— Eu vou matar aquela vaca! — Lari exclamou, possessa. — Ela deve estar aqui em algum lugar. Tenho certeza de que ela não ia perder o showzinho que armou de jeito nenhum.

— Ai, meu Deus... Se Olívia topar com ela, a merda está feita! Liv vai querer dar uma surra *naquelazinha* e, gente do céu, ela não pode, por causa dos bebês!

— Suze bradou, levando uma mão à testa franzida de preocupação. — Não sei onde coloquei meu celular — ela disse, procurando o aparelho com os olhos pela sala. — Preciso avisar Max.

— Deixa que eu ligo, amor — Plínio falou, enfiando a mão no bolso.

Putão não atendeu, mano. Então, diante das circunstâncias, fizemos a única coisa que podíamos fazer: saímos para procurá-los.

61. Quem não deve não teme

OLÍVIA

Max caminhava comigo no colo rumo às escadas, me segurando como se eu fosse feita de pó de fada.

Eu ainda estava criando coragem para contar a ele que tinha fingido o desmaio.

Em minha defesa, foi por uma boa causa. Uma causa boníssima. Ele ia arrebentar o *gogo boy*, eu vi em seus olhos faiscantes que ele só pararia quando estivesse certo de que o cara entraria em coma após a surra. E se ele fosse acusado por tentativa de homicídio?

Puta que pariu, a coisa toda era realmente preocupante, porque não havia motivo algum para tamanha violência. Quero dizer, pelo amor de Deus, eu nem tinha transado com o sujeito! E, mesmo se tivesse, teria sido antes de tudo. Nesse caso, Max não tinha o direito de ficar puto, principalmente porque ele transou com outras mulheres enquanto estava transando comigo.

Cretino.

Internamente, eu estava puta com ele. Só estava relevando por causa da situação com os *gogo boys*. Porque, se eu o flagrasse sendo assediado por *strippers*, ficaria possessa, mesmo que ele fosse inocente. Na verdade, pouco importaria se ele era ou não inocente. Na hora da raiva, eu estaria me fodendo para o fato. Por isso, eu estava sendo branda.

— Podemos usar o elevador — sugeri, com os dedos posicionados em seu pescoço.

— Você está sentindo falta de ar. Não é uma boa ideia — ele discordou.

— Tá, mas posso ir andando, Max — informei.

— Não, não pode — ele negou, começando a descer as escadas.

— São muitos lances até o térreo — objetei, me sentindo culpada por ser levada no colo à toa por todo o percurso.

— Exato. E você vai descer todos eles nos meus braços — ele afirmou.

— Eu consigo caminhar, porra. Me põe no chão, Vetter — pedi, usando um tom mandamental.

— O único jeito de você descer, Olívia, é pulando — ele falou, ciente de que não era uma opção válida.

Porra, eu precisava contar logo a verdade. Ele já estava puto. Ia ficar

superputo em três, dois...

— Max... — comecei, suavizando a voz.

— Nem adianta pedir assim — ele cortou. — Não vou te colocar no chão. E ainda estou cogitando a possibilidade de te levar ao hospital. Tô preocupado pra caralho com...

— Eu fingi — falei de uma vez, apertando os olhos e cerrando os dentes.

— Quê? — ele perguntou, confuso.

— Eu tive que fingir o desmaio, Max... Ou você ia matar Moreno-delí... — Fechei o caralho da boca quando percebi o lapso.

Porra. Porra. Porra! Por que eu só falo merda?

— Você fingiu o... — Ele se interrompeu, deixando um grunhido sarcástico escapar. — Pra eu não bater no... — Max soltou o ar e me desceu, me colocando de pé.

Então, liberando uma série de sons de incredulidade e indignação, ele se sentou no degrau, correndo as mãos pelo cabelo até entrelaçá-las na nuca.

Ele ficou imóvel, respirando pesadamente, com os cotovelos apoiados nas pernas abertas.

Sentei-me ao lado dele e o abracei, sendo imediatamente inebriada pelo perfume de seu pescoço e pelo calor de suas costas nuas.

— Olívia, não. — Ele levantou a cabeça e se afastou. — Você não faz ideia do quanto eu tô puto, porra — ele disse, sem me olhar nos olhos.

— Desculpa. É que eu não sabia o nome dele, e inventei o apelido naquela época, mas...

— Me deixa sozinho — ele me interrompeu.

Sua voz continuava no mesmo tom. Não era um rosnado severo, mas quase uma súplica.

Engoli o caroço que se formou subitamente na garganta.

— Não vou te deixar sozinho, Max. Eu te amo — falei, afundando os dedos em seu cabelo macio enquanto tentava conter as lágrimas presas nos meus cílios.

— Ama o caralho! — Ele virou o rosto de repente e seus olhos cheios de pontos brilhantes mergulharam nos meus. — Você é uma mentirosa, porra! Fingiu aquela merda sabendo que eu ficaria preocupado pra caralho. Todo mundo sabia que era fingimento, não sabia? — ele perguntou e, sem esperar por uma resposta, meneou a cabeça repetidamente, visivelmente derrotado. — É claro que sabiam... Você me fez parecer um idiota na frente de todo mundo, Olívia. E pra quê? Pra eu não bater no seu inesquecível Moreno-delícia... — Ele deu uma risada cáustica e se levantou. — Eu quero que vocês dois se fodam! Já que você o convidou para a sua despedida, aproveita e se casa com ele.

Despejando tudo isso, Max começou a descer as escadas com pisadas duras e

decididas.

Meus soluços irromperam assim que eu o vi se afastar. As lágrimas desceram imediatamente, dilacerando minhas bochechas como navalhas meticulosamente afiadas. Senti o ímpeto de gritar, de me justificar, de dizer que ele tinha entendido tudo errado, mas não consegui. Garras de aço obstruíam minha garganta enquanto meu coração se contorcia como uma folha de papel sendo amassada.

Meu mundo tinha desmoronado e, naquele instante desastroso, nada mais parecia fazer sentido.

MAX

Desci dois lances e, incapaz de continuar, me sentei no último degrau, empurrando o nódulo dolorido que havia se instalado em minha laringe até que o desgraçado migrasse para a puta que pariu. As lágrimas queriam descer, mas elas que fossem se foder no inferno. Eu não ia chorar. Nem fodendo.

Estava com raiva. De Olívia e, principalmente, de mim mesmo. Porque, no fundo, eu sabia que ela tinha fingido o desmaio para o meu próprio bem. Eu ia mesmo esmurrar aquele filho da puta até não ser mais possível se ela não tivesse “desmaiado” a tempo.

Certamente, minha conduta não seria enquadrada no núcleo do tipo do artigo 129 do Código Penal, cuja rubrica é “lesão corporal”. E sim no famoso 121: “homicídio”. Isso porque o *animus* não seria *laedendi*, mas *necandi*. Ou seja, não se tratava de mera intenção de ferir. Eu queria matá-lo.

Claro que não de verdade, apesar de a onda de fúria assassina ter me engolfado de supetão, quando eu já estava decidido a ignorar meus instintos.

Naquele momento, vi tudo vermelho, e minha raiva só podia ser aliviada na cara daquele merda, como se ele fosse a porra do meu saco de pancadas.

De todo jeito, foi um caso isolado. Foi só uma junção de agravantes, as quais levaram meus impulsos ao extremo. Eu não sou assim, porra. Só fui pego desprevenido pelo ressurgimento inconveniente e inesperado daquele sujeito no meu caminho.

Graças a Deus, Olívia me salvou.

Sim, eu estava ciente de que ela agiu da melhor maneira e o mais rápido possível, fazendo a única coisa que, naquele momento de ódio cego, me impediria de fazer uma merda épica, a qual, quem sabe, me faria ser preso. Eu

estava profundamente grato. E orgulhoso de sua perspicácia.

Mas o capiroto espacosamente acomodado em meu ombro não me deixava aceitar que ela estava certa. Em vez disso, ele me fazia acreditar em uma versão dolorida e amarga dos acontecimentos.

O diabo sussurrava em meu ouvido que ela estava só tentando proteger o cara, o que, eu sabia, era absurdo. Mas era mais fácil acreditar no demônio, então eu estava deixando o ciúme alimentar minha raiva. Estava expulsando a racionalidade para a puta que pariu ao me apegar ao fato de que ela ainda se referia a ele como “Moreno-delícia”.

Isso, somado ao fato de que eles tinham transado, estava causando em mim uma ebulição de sentimentos raivosos e mortíferos. Meu peito fervia como o conteúdo de um caldeirão na fornalha.

E ainda havia a coisa da presença do cara ali, naquela noite, vestido como o caralho de um piloto, porra, e se esfregando nela.

Eu sabia que ela não tinha culpa. Sabia que isso deveria fazer toda a diferença, mas não fazia. Não mais. Todo o meu louvável bom senso tinha escoado. Eu já não conseguia enxergar as coisas com clareza.

Minha cabeça estava latejando. Meus olhos ardiam como brasa. E meu peito doía tanto que eu me sentia aberto em uma sala de cirurgia, as lâminas e cacos de vidro sendo retirados sem anestesia enquanto eu só desejava a tranquilidade pacífica e indolor do mármore frio de um necrotério qualquer.

Ali, sentado no degrau, ouvindo os soluços baixos e desesperados de Olívia escada acima, eu me odiava. Queria subir e abraçá-la e dizer que estava tudo bem, mas não era capaz de mover um músculo.

Queria não ter dito as merdas que falei, mas também não queria retirá-las. Eu estava confuso. Estava em alto-mar, avistando o bote do arrependimento, mas escolhendo me afogar em mágoas sem sentido.

Fiquei um bom tempo onde estava, ruminando, com toda a minha ignorância, um sofrimento que eu mesmo criei.

Quando já estava cansado daquilo, levantei-me e, finalmente, subi as escadas.

OLÍVIA

Eu jamais me acostumaria àquela visão.

Mesmo com as vistas embaçadas pelas lágrimas, meus olhos se refestelaram

com a aparição no final do lance.

Os fios loiros e brilhantes, as íris azul-claras, as belas feições esculpidas e o peitoral proeminente faziam com que ele parecesse um anjo, embora inexistisse qualquer traço angelical em sua postura intransigente.

Usando apenas a calça cinza de moletom, de pé no maior degrau, Max exalava a aura sombria de um anjo caído. Um demônio devasso recém-saído do submundo.

Eu estava mirando uma criatura intensa, cuja expressão severa ocasionou uma profusão de arrepios em minha espinha.

Ele subiu os degraus sem pressa e, quando me alcançou, sentou-se ao meu lado. Apoiou os cotovelos nas coxas e uniu as mãos, recolhendo-as debaixo do maxilar. Então ficou em silêncio, encarando um ponto à distância. Provavelmente o extintor afixado à parede.

Eu havia esperado porque sabia que ele ia voltar. Ele só precisava ficar um pouco sozinho para clarear a mente, e entendi isso assim que ele saiu, apesar de não ter conseguido controlar o choro (culpa dos hormônios da gravidez, claro).

Max soltou um suspiro de frustração ao meu lado, e eu aproveitei para começar a me justificar:

— Fiz aquilo pelo seu bem, Max. Você ia espancá-lo por nada, e ia acabar preso por uma bobagem dessas... E... Com esse rostinho de príncipe da Disney, ia acabar virando princesinha na cadeia, sabia? — Dei uma risada meio chocha, sem saber que reação ele teria com a minha piada.

Ele abriu um meio-sorriso, mas continuou sem me encarar, olhando para o nada.

— E, se eu não tivesse fingido o desmaio, você ia perder o nascimento das nossas filhas, e elas iam nascer sem pai — prossegui, tentando fazê-lo se sentir mal.

— Elas vão nascer sem pai só se eu morrer antes disso, porra — ele finalmente conversou, sua voz alterada pela posição das mãos pressionando o pomo-de-adão.

Max as abaixou, deixando os antebraços penderem entre as pernas.

— Retira isso, Vetter — ordenei.

— Você não manda em mim, Olívia — ele respondeu de mau humor.

— Ótimo. Então vamos torcer para eu não morrer no parto — retruquei, dando de ombros, para atingi-lo.

— Retira essa porra. — Ele se virou e fixou os olhos nos meus.

A intensidade de seu olhar reverberou em meus poros.

— Você não manda em mim, Max — devolvi, arqueando uma sobrancelha.

— Fico impressionado com a sua infantilidade — ele disse, voltando a mirar o

extintor.

— E eu, com a sua admirável maturidade — ironizei.

— Eu retiro, caralho — ele rosnou.

— Eu também — falei.

Então, mergulhamos em outra onda torturante de silêncio.

— Max — chamei, depois de alguns segundos —, eu não liguei praqueles caras. As meninas e eu estávamos só conversando e, de repente, eles bateram à porta. Juro que não sei de onde saíram. Juro pelo que você quiser. Juro pelas nossas...

— Não. — Ele se virou e pousou um dedo em minha boca, fazendo meu corpo estremecer com a calidez do toque firme. — Não jure pelas nossas filhas, Olívia — pediu, centralizando o olhar em minhas íris. — Eu acredito em você — finalizou, afastando-se rápido demais.

— Então por que você... — iniciei, sentindo os lábios formigarem e reclamarem pela ausência de seu dedo.

Ele correu as mãos pelo cabelo com evidente impaciência, deixando o ar escapar dos pulmões enquanto entrelaçava os dedos atrás do pescoço, mantendo a cabeça erguida.

Meus olhos percorreram seus bíceps flexionados e desceram para observar as ondulações perfeitas de seu abdome.

Deus, como ele era gostoso... E era meu. Puta que pariu...

Senti impulsos elétricos percorrerem minha pele, e a familiar pressão quente entre as pernas quase me fez deixar um gemido escapar. Estava prestes a levantar a mão para tocá-lo quando Max liberou os braços, voltando a pousar os cotovelos nas coxas.

Eu sei, ele estava puto pra caralho. Mas eu não conseguia pensar em outra coisa além de me acomodar em seu colo, sentar naquela pica toda bem devagar e começar a cavalgá-lo ali mesmo, na escada.

Meu Deus...

Ah, porra! Não ia dar certo. A barriga ia atrapalhar.

Merda.

Mas, talvez, a gente pudesse transar no...

— Preciso que você me diga onde o conheceu. — Max interrompeu meu planejamento de foda, virando ligeiramente o corpo para me encarar.

Sua expressão era pura angústia. Os olhos azul-pálidos transbordavam inquietação, e uma espécie quase tangível de sofrimento turvava suas feições. Mas eu não tinha entendido direito a pergunta.

— Hã? — indaguei, confusa.

Ele soltou um suspiro extenuado.

— A porra do cara que estava se esfregando em você minutos atrás, Olívia! O desgraçado em quem você se esfregou naquela noite no bar! O filho da puta com o qual você transou pouco antes de transar comigo! O “moreno-delícia bom de cama”, caralho! Lembrou agora?

Puta que pariu. Eu podia jurar que já tinha desmentido a história de que tinha transado com o cara do bar.

Porra. Por que inventei isso?

Ah, é. Porque, na época, eu queria esfregar na cara do devasso que ele não era a última bolacha do pacote (apesar de ser), e que eu podia perfeitamente trepar com outros caras quando bem entendesse. E, além disso, ele jogou na minha cara que tinha comido duas loiras na minha cama!

Meu Deus, éramos tão infantis...

Só que ele tinha desmentido sua história naquela noite. E eu não.

Merda. Merda. Merda.

— Max, eu não transei com ele. Eu menti, porra — confessei. — Conheci o cara naquela noite, no bar.

Ele estreitou os olhos.

— Você me disse que já tinha um encontro marcado com um sujeito. Menos de 48h depois de chegar à cidade. Eu te perguntei algo como “mas já?”, e você me respondeu com um “pra você ver”. Você até comprou o caralho de um vestido quando estávamos na porra do shopping, Olívia. O vestido do zíper emperrado. Você me disse que era o vestido novo, e eu fiquei tão puto que acabei perdendo o controle da tesoura e espetei sua bunda. E, então, eu vi o... — Ele engoliu em seco e, em seguida, travou o maxilar. — Você vai mesmo me dizer que conheceu aquele filho da puta no bar? — perguntou, usando um tom ainda mais ríspido.

Caralho. Por que inventei essa outra merda?

Merda. Merda. Merda.

— Eu menti sobre isso também, tá legal? — despejei. — Estava só tentando te afetar. Na verdade, eu tinha decidido naquela manhã que precisava me desintoxicar de você. Então resolvi que ia sair mais tarde, pra ficar com outro cara. Por isso te disse que já tinha um “encontro”. — Fiz aspas no ar. — Mas não tinha porra nenhuma. Nunca tive nada com aquele cara, Max. Foi só o que você viu. Apesar de não admitir, eu já estava apaixonada por você e, naquela época, eu pensava que nunca, em hipótese alguma, ficaríamos juntos. Você sabe, a gente achava que era só sexo. Mas não era. Acho que nunca foi. Eu queria não te desejar tanto, o tempo inteiro. Achei que a única forma de esquecer a avalanche de coisas que você me fazia sentir com um simples beijo era sair com outra pessoa. Foi por isso que aceitei dançar com ele. E, quando vi que era você no

palco, eu queria que você me visse e soubesse que eu não era um planetazinho idiota girando ao redor do deus Sol. Naquela noite, logo depois da sua crise de ciúme, eu saí de lá e fiquei rodando de táxi com seu Francis, porque não queria voltar logo pra casa. Presumi que você estaria na piscina cercado de putas, e eu não queria escutar nem ver porra nenhuma. Foi isso. Desde que transamos pela primeira vez, eu não transei com mais ninguém, cretino.

Max ficou me olhando, e sua expressão era uma mistura perfeita de alívio e remorso.

Quando ele encurtou a distância entre nossos corpos e tocou meu rosto com o polegar, eu já estava completamente derretida.

— Desculpa, minha linda... — pediu, notoriamente arrependido. — Por ter sido um babaca agora há pouco, por ter dito aquele monte de merda... Eu realmente não quis dizer nada daquilo. Desculpa por te deixar chorando sozinha, por ser tão ciumento e imaturo e idiota na maioria das vezes e por... — Ele limpou a garganta. — Pela coisa da pisci...

Eu não queria ouvi-lo se desculpando por ter transado com aquelas três vadias. Ou com a estagiária. Ou com qualquer outra, se fosse o caso. Então, coloquei um dedo em seus lábios para interrompê-lo, imitando, descaradamente, seu gesto.

— Está tudo bem — sussurrei.

Ele segurou meu pulso com delicadeza e beijou o dorso da minha mão. Ramificações de calor partiram do centro, onde seus lábios macios tocaram, subiram pelo braço e espalharam pelo meu corpo inteiro.

— Vou te contar uma coisa que não altera as merdas que eu fiz, mas que vai te fazer rir. Só... Tenta não rir muito, tá? — ele disse, entrelaçando a mão na minha e pousando-a sobre sua perna.

— Acho que vou rir pra caralho — previ.

— Sei que vai. Você é a pessoa mais sacana da face da Terra, senhorita Olívia. — Seus lábios curvaram-se em um sorriso puro enquanto ele provocava pequenos curtos-circuitos em minha pele ao passar o polegar com sutileza nas costas da minha mão.

— Então... — ele começou. — Você provavelmente não ia querer saber disso, mas, naquela noite, depois de te ver com aquele cara, eu saí do bar com duas mulheres. — Ele fez uma pausa, estudando minha expressão.

Fiquei um tempo em silêncio.

— Só duas? — perguntei, segundos depois. — Que decepção, Vetter... — brinquei, apesar da vontade de estapeá-lo. — Eu esperava mais de você, sinceramente... Você saiu com duas mulheres... Duas. Só duas...

Ele esperou pacientemente, porque sabia que eu ia surtar. Eu já estava

sentindo o início da possessão.

— Filho da puta! — estourei, dando um soco no braço dele. — Eu devia jogar ácido nessa sua carinha falsa de anjo, cretino! — Dei outro soco.

Ele começou a rir, mas engoliu a risada quando fitou minha expressão demoníaca.

— Estou com vontade de cortar suas bolas, Vetter — anunciei, e ele levou as mãos ao pau imediatamente.

Desviei logo o olhar, porque meu corpo deu sinais assustadoramente velozes de que a raiva podia ir para a puta que pariu. Só o que importava era a obra-prima protegida por aquelas mãos grandes e lindas e toda a eletricidade que a visão causava em minha pele.

— Calma, porra. Ainda não terminei! — ele disse, recolhendo as mãos e me deixando totalmente à mercê do que os ianques chamam de *dick print*, que nada mais é que o abençoado formato volumoso do pau de um cara, perfeitamente visível sob o tecido que o encobre (vulgo “pacote”, colega).

Jesus. Poucas coisas na vida são mais belas que isso.

No caso daquele cretino, a visão era simplesmente... Impossivelmente... Meu Deus.

Se os pores-do-sol ainda não te convenceram, dê uma boa manjada em um *dick print* numa calça de moletom cinza. Depois disso, você vai ter certeza absoluta de que Deus existe.

Mas não ouse manjar o do meu noivo, queridinha. A menos que você queira se encontrar com o coisa-ruim antes da hora.

Enfim... Eu estava mordendo o lábio, toda excitada, admirando meu pacotão gostoso, quando ele soltou:

— Eu broxei, caralho! Tipo, totalmente. Não consegui. Meu Deus. Foi ridículo. Eu nunca tinha broxado na porra da minha vida inteira. E... Achei que estivesse numa fase terminal do câncer de próstata. Juro que pensei que fosse morrer. Liguei pra Plínio pra pedir ajuda e contei. Foi a pior merda que eu já fiz na vida. Aquele pau-no-cu contou pra Tito, e aposto que aquela puta fofqueira já bateu essa desgraça até pra Susanne.

Minha primeira reação foi de incredulidade completa. Então, observando a expressão seriamente mortificada de Max, cujo rosto começava a adquirir uma hilária tonalidade avermelhada e cujas orelhas estavam afogueadas, explodi numa gargalhada estrondosa. Nem tentei me segurar, só me deixei levar pela onda de gargalhadas que me atingiu quando imaginei a cena.

— Muito obrigado pela solidariedade, Olívia — ele ironizou, enquanto eu sentia vontade de rolar no chão.

Porra de escada. Além de não poder foder, eu não podia rir direito naqueles

malditos degraus.

— Eu vou morrer! — balbuciei entre risos, sentindo a barriga doer terrivelmente por causa das risadas.

— Filha da puta... — ele resmungou, rindo.

— Ai, meu Deus... — Respirei fundo, tentando me controlar. — Você fez o exame? O do toque retal? — perguntei, tendo uma nova crise de riso.

— Claro que não, caralho! Não faço nem fodendo! Para de rir, Olívia! Isso não tem graça nenhuma, porra. É só... Trágico. Você está rindo porque, graças a Deus, não tem um pau. Que porra. Eu não devia ter te contado — ele disse, me fazendo perder o fôlego.

— Deixa eu adivinhar — falei, ainda rindo, tentando conter os músculos faciais. — Aposto que eram duas loiras de cabelão e tetas e bundas gigantes.

— Na mosca. — Ele riu.

— Era tudo falso, viu, meu querido? Cabelos, tetas e bundas — falei, e ele deu uma risada, o que me deixou furiosa. — Nosso Deus, como você é previsível, Vetter... Puta merda. Eu daria tudo pra ter visto sua cara de broxa desolado ao mandar a clássica: “isso nunca me aconteceu antes!”. — Dei uma gargalhada.

— Broxa desolado de cu é rola! Foi só uma vez, porra. E a culpa foi toda sua. Eu pensava em você o tempo todo, só queria você. Meu pau já estava completamente enfeitiçado com a sua magia negra, sua bruxa indiana. Você é a responsável pela maior humilhação que já sofri na vida, senhorita Olívia.

Ele abriu um sorriso lindo, do tipo que sempre me fazia perder o ar. Então, se levantou.

— Vem cá — chamou, estendendo a mão.

Aceitei o braço estendido e me levantei também. Max me guiou até o fim do lance, parando no degrau espaçoso que conectava um lance a outro, e enlaçou minha cintura com os dois braços, unindo nossos corpos.

Apesar de ter ido com ele, eu estava meio puta com a história das loiras. Estava há alguns segundos tentando impedir o ciúme de nublar tudo.

— Pois achei bem feito o que aconteceu. Coisa boa! — exclamei, tentando, inutilmente, resistir à tendência natural de desfalecer em seu abraço. — Me solta, Max. Não quero nada com você, cretino.

Soei tão convincente quanto uma criança de rua negando uma casquinha de sorvete de uma senhora bondosa com um *poodle toy* no colo.

Max pisoteou em minha pseudorresistência ao levar uma mão à minha nuca, acariciando meu rosto com o polegar.

— Vivi vinte e sete anos esperando por você, Olívia — ele disse, pousando seu olhar de prata líquida no meu. — Você é a única que faz meu peito doer e

meu coração bater assim. — Max pegou minha mão e a pousou delicadamente em seu tórax. — Obrigado por salvar a minha pele. Obrigado por cuidar de mim quando eu não sei que merda estou fazendo. Obrigado por ser o amor da minha vida, linda. Te amo pra sempre — ele sussurrou, colando nossas testas.

Senti as pulsações de seu coração ecoando em minha palma, tão enérgicas quanto as minhas. Percorri sua pele, e meus dedos experimentaram a rigidez macia e morna de seu pescoço.

Fiquei nas pontas dos pés e rocei nossas bocas.

— Te odeio por ser tão perfeito, cretino.

Seu hálito morno flutuava em meus lábios.

— Odeia meu ovo — ele disse, e eu provei o gosto de sua risada, oferecendo em troca o sabor do meu sorriso.

62. Cão que ladra não morde

MAX

— Max... — Ela despejou em minha boca.

— Hum... — Um gemido serpenteou minha garganta e cortou o ar enquanto eu mordia seu lábio.

Olívia estava sentada sobre o capô de um carro estacionado num canto mal iluminado. Suas pernas circundavam minha cintura, as mãos transitavam pelas minhas costas, e os dedos traçavam rotas de fogo em minha pele exposta.

Quando o tesão ficou insustentável, terminamos de descer as escadas e fomos nos refugiar no estacionamento do prédio de Larissa.

— A gente... — ela ofegou, migrando as palmas para o meu abdome. — Nem sabe de quem é esse carro, porra. É novinho, os bancos ainda estão no plástico.

— Foda-se. O meu tá muito longe — falei, afundando o nariz em seu pescoço. — E deixei a merda da chave lá em cima. Então vamos trepar aqui.

Ela soltou um gemido e enfiou a mão dentro da minha calça.

— Jesus, Olívia. — Puxei o ar.

— Eu amo tanto, tanto essas bolas — murmurou, acariciando-as.

— Engraçado... Achei que você quisesse cortá-las — falei, gemendo em seu pescoço.

— Elas ficarão bem aqui, grandes e lindamente dependuradas, enquanto você se comportar, Vetter. — Olívia deu uma risada.

— Então que bom que elas vão ficar aí para sempre, senhorita Olívia. — Levantei a cabeça e pisquei um olho, abrindo um sorrisinho sacana.

— Cretino... — Ela riu, e deixou a mão percorrer da base à cabeça do meu pau, tirando-o de dentro da calça e começando a manuseá-lo.

Agarrei sua nuca e explorei sua boca. Minha língua sondava cada recanto quente e doce enquanto meus lábios degustavam a morna maciez dos lábios dela.

— Vamos ser pegos. — Ela se afastou e sussurrou, mordendo o lábio inferior em seguida.

— E você se importa? — perguntei, enfiando as mãos debaixo da camiseta e puxando seu short de dormir junto com a calcinha.

— Nem um pouco — ela respondeu, levantando o corpo para me auxiliar.

Coloquei as peças em cima do carro vermelho e voltamos a nos beijar intensa

e ardorosamente.

Puxei-a mais para perto e me posicionei entre suas pernas. Com nossas bocas em irrefreável movimentação, comecei a entrar, sentindo o coração inflar e parecer grande demais para o peito insuportavelmente comprimido.

E, então, a dor; a inevitável, prazerosa e atordoante sensação dolorida de pertencer irrevogavelmente a alguém.

O sentimento alastrava-se pelo meu corpo inteiro, inundando cada célula. Eu sentia, todas as vezes, aquela embriaguez extasiante e absoluta. Estar dentro dela era como entrar em um estado hipnótico. Com Olívia, eu me sentia transportado para uma espécie de limbo, de onde eu nunca queria sair. Em nosso espaço-tempo diferenciado havia apenas nosso cheiro, nossas peles, nossos sons, nosso gosto.

Ela enterrava as unhas em minhas costas, apertava as coxas em minha cintura e enchia minha boca de rumores e suspiros. Nossa estadia em nosso éden particular era ameaçada pelas minhas longas estocadas vigorosas, que me aproximavam terrivelmente do orgasmo a cada ruído gutural que escapava da minha garganta.

Nossos palavrões infiltravam-se em nossos ouvidos como uma melodia deliciosamente pornográfica.

— Como eu amo essa boceta, porra. Engole minha pica, safada. — Arremeti com força enquanto mordida seu pescoço.

— Assim, filho da puta? — ela perguntou, movendo-se junto comigo, ajudando-me a rematar o movimento perfeito.

Subi a boca, provando o sabor salino de sua pele até unir nossos lábios em um beijo lunaticamente possessivo.

Éramos dois clandestinos trepando em um estacionamento e usando o carro de uma pessoa desconhecida como apoio para uma foda rápida, sórdida e intensa, mas tão inexplicavelmente inebriante quanto uma transa preguiçosamente lenta.

— Eu te amo — falei, desgrudando nossas bocas, olhando fundo em seus olhos enquanto firmava a mão em seu cabelo, puxando sua cabeça para baixo. — Te amo pra caralho.

Comecei a beijar seu rosto, alongando as metidas, tornando-as vagarosas e profundas. Olívia percorreu minha nuca com dedos ávidos, e senti seu hálito quente pousar em minha pele quando ela sussurrou em meu ouvido, gemendo e respirando com dificuldade:

— Eu te amo tanto, Max... Ai, meu Deus... Te amo, te amo, team...

O som de seu último gemido, acompanhado da força de seus dedos em minha pele suada e das contrações de sua boceta massageando meu pau desenraizaram meu gozo.

Eu queria, mais que tudo, gozar dentro dela, mas não queria que minha lambança a fizesse se sentir desconfortável quando voltássemos para o apartamento. Então, no último segundo, reunindo todo o meu autocontrole, tirei o pau e, urrando e manejando-o incessantemente, gozei no chão.

Enquanto as últimas gotas de porra pingavam, Olívia beijava meu braço, suspirando.

— Essas gozadas vão acabar me matando, caralho — falei, guardando o pau.

Ela deu uma risada enquanto pegava a calcinha.

Ajudei-a a se vestir e, quando terminamos, ainda estávamos arfantes, feito duas criaturas marinhas desesperadas lutando por ar na superfície.

Estávamos de pé, encostados no carro, nos beijando como se os beijos pudessem acalmar nossos pulmões sobrecarregados, quando um barulho distante começou a concorrer com o som entrecortado de nossas respirações alteradas.

Nenhum de nós fez menção de romper a atmosfera que nos cercava como uma redoma. Em vez disso, puxei-a mais para perto, apertando os braços em torno de sua cintura e aprofundando o beijo enquanto ela afundava os dedos em meu cabelo.

Eu estava perfeitamente ciente do ruído, que lembrava o de saltos altos ecoando pelo assoalho, aproximando-se cada vez mais, mas estava me fodendo para a presença de quem quer que fosse. Não seria capaz de parar aquilo nem se o ônibus de um convento estacionasse na vaga ao lado.

— Só pode ser brincadeira! No meu carro, caramba?

A voz estridente e furiosa me deu um susto da porra. Abri os olhos no impulso e me deparei não com freiras e noviças, mas com o oposto disso.

Na verdade, o que ela estava usando era uma versão atual de uma vestimenta totalmente apropriada a certa Maria bíblica de profissão questionável.

A minissaia preta estava mais para um cinto. A blusa vermelha de franjas provavelmente tinha algum nome feminino diferente de “blusa”, porque aquilo cobria apenas um pouco mais que um sutiã (devia ser aquele troço que Olívia me ensinou o nome uma vez, do qual eu não me lembrava mais). A maquiagem, as botas de cano longo e a bolsa de pedras brilhosas pendurada no ombro arrematavam o visual apelativo. Se eu não suspeitasse que todas aquelas peças eram de grife, poderia dizer que ela estava pronta para um turno em uma avenida qualquer. Então, sendo generoso, digamos apenas que o traje poderia ser tranquilamente usado por uma puta de luxo.

Olívia se virou imediatamente e, quando bateu os olhos em Drica, falou, com um pretenso tom ingênuo:

— O carro é seu? — Ela levou uma mão ao peito, teatralizando o gesto. — Ops, a gente não devia ter transado em cima dele, Max... — completou, virando-

se para mim e fazendo uma falsa expressão lamentosa.

Dei uma risada.

— Eu não estou arrependido. Você está, linda? Foi uma foda e tanto...

— Com você, todas as fodas são épicas, meu lindo... — Ela ficou nas pontas dos pés e plantou um beijo quente em meus lábios.

— Vocês trans... Eu não acredito que vocês treparam em cima do meu carro zero! Eu peguei hoje à tarde na concessionária, merda! — Ela soltou um grito histérico e ficou tão vermelha que, por um momento, achei que fosse explodir.

Mas quem explodiu fomos Olívia e eu. Em gargalhadas sonoras.

Usar um carro aleatório para transar tinha sido absurdamente excitante. Transar, por acaso, no carro de Drica? Memorável.

— Você flagra essa vaca cercada de macho e não faz nada, Delícia? Eu estava ali fora, te esperando... Passei pela humilhação de ser confundida com uma prostituta de beira de esquina várias vezes por sua causa e, quando volto, você tá aqui, se esfregando nessa vadia? Não sei o que eu fiz pra merecer isso! O que eu fiz de errado, Delícia? — ela perguntou, bastante chorosa.

Sinceramente, meu grande sonho era poder voltar no tempo e dar um tiro na cabeça do meu eu retardado de treze anos. Puta merda, eu devia ter algum retardo mental, porra. O tanto de bronha que eu bati na adolescência deve ter afetado gravemente o meu intelecto naquela época. Devo ter perdido uma quantidade de neurônios equivalente à quantidade absurda de espermatozoides que escorreram pelo ralo do meu banheiro durante a minha puberdade. Era a única explicação possível para eu ter perdido a virgindade com Drica. Puta que pariu...

Quando ela perguntou “o que eu fiz de errado, Delícia?”, eu quis responder “nasceu”, mas Olívia se moveu bruscamente, e eu tive que segurá-la pelo braço, porque antevi o que ela estava disposta a fazer.

— Eu devia saber que tinha dedo seu nisso, sua piranha! Me solta, Max! Eu vou acabar com a raça dessa vagabunda! — ela gritou, tentando se desvencilhar.

— Não vale a pena, linda — falei, mantendo o pulso firme, mas cuidando para não machucá-la.

— Pelo amor de Deus! Olha pra ela, Delícia! Você prefere isso — Drica apontou para Olívia, que estava usando minha camiseta por cima de sua roupa curta de dormir — em vez disso? — Ela desceu as duas mãos, escorregando-as pelo próprio corpo.

Soltei uma risada.

— A resposta é tão óbvia que eu não deveria, mas vou me dar ao trabalho de responder, porque está claro que você é uma pessoa intelectualmente limitada, Adriana. “Isso” — falei, puxando Olívia e conectando nossos lábios.

Seus dedos percorreram minha nuca, acariciando o início do meu cabelo. Os meus apertaram sua bunda, cada palma em cada banda perfeita.

Peguei-a no colo, e seus membros envolveram meu corpo enquanto nossas bocas mantinham-se unidas como ímãs, mal cedendo espaço para nossos murmúrios abafados e gemidos roucos.

— É a mulher da minha vida — continuei, separando nossos lábios após alguns segundos.

Pronunciei as palavras enquanto contemplava o vívido tom esverdeado de suas íris e o sorriso magnetizante em seus lábios inchados, rosados e provocantes.

Subitamente, uma salva de palmas irrompeu no estacionamento. Desci Olívia e, quando nos viramos, nos deparamos com uma conhecida plateia.

Plínio, Tito, Piolho, Artur, Ícaro, Suze, Larissa e a tal da Maria Luísa (que estava usando uma camiseta cinza, a qual eu supus ser a de Piolho, já que ele estava sem) estavam de pé atrás de nós, a poucos passos de distância, sorrindo, aplaudindo e assoviando com entusiasmo.

— Judas! Vocês são três Judas! — Drica gritou, referindo-se ao irmão e os primos. — Nós somos da mesma família, vocês deveriam ficar do meu lado! Principalmente você, Lucas! — Ela começou a chorar. — Eles treparam em cima do meu carro! Meu carro novo!

Os aplausos cessaram e deram lugar a uma onda de gargalhadas.

— Por que eu não estou chocado? — Plínio disse, rindo.

— Não sei por que ainda me surpreendo com a devassidão desses dois! — Suze deu uma risada.

— Eu te disse, mano! Falei que eles *tavam* trepando! — Piolho se dirigiu a Maria Luísa, cuja expressão emitia uma mistura de surpresa e fascínio.

— Não acredito que perdi essa foda! — Ícaro bufou. — Deve ter sido mítica!

— Garanto que foi! — Olívia soltou um suspiro e envolveu minha cintura.

Depositei o braço em seus ombros, puxando-a e tornando nossos corpos impossivelmente colados.

— Então foi você quem chamou os *gogo boys*... Muito obrigada por tentar foder o meu relacionamento, Drica — Larissa falou, amargurada.

— Desculpa, Lari. Eu não queria te prejudicar. Só queria o Delícia pra mim... Eu...

Ela não teve tempo de terminar. Olívia escapou ágil e magicamente do meu abraço e, no instante seguinte, estava quase alcançando Drica.

— Ele é meu, sua cadela! Todo meu! E eu vou te ensinar isso de uma vez por todas, vadia!

— Me espera, Liv! — Suze gritou, correndo para auxiliá-la.

— Briga! Briga! Briga! Acabem com essa puta desclassificada, divas divosas!
— Ícaro começou a gritar. — Desculpa, Artur, mas essa *vagaranga* merece apanhar! — Ele deu de ombros e começou a balançar pompons imaginários no ar enquanto voltava a entoar o coro, pedindo briga.

Plínio e eu nos movemos ao mesmo tempo, com o intuito de contê-las, mas Piolho se aproximou e segurou nossos ombros.

— Esperem só um pouco. Ela tá merecendo uma boa sova, mano. Deixem as minas cuidarem da parada. — Ele riu.

Piolho sempre adorou ver brigas de mulher. Mas, naquelas circunstâncias, eu não sabia dizer se ele estava só interessado em ver mulheres se engalfinhando ou se a motivação dele era puramente vingativa, já que Maria Luísa acabou envolvida no episódio dos *gogo boys* por causa de sua irmã. Provavelmente, a intenção dele flutuava entre as duas razões.

Quando Larissa deu um passo em direção a Drica, Artur aconselhou:

— É melhor você ficar quieta, Lari.

— Preciso dar pelo menos uns tapas nela! Não seria a primeira vez — ela disse e se juntou às meninas.

Maria Luísa não tinha motivo algum para se unir à briga, mas seu rosto viajava entre Piolho e Drica, e imaginei que ela estava tentando descobrir se ele ficaria puto caso ela decidisse estapear a irmã dele.

Olívia e Suze já tinham começado a unhar o rosto excessivamente maquiado de Drica, e Lari já tinha dado o primeiro tapa quando Maria Luísa deu de ombros e se colocou em movimento.

Ela se aproximou e deu uma puxada no comprido rabo-de-cavalo da irmã de Piolho.

Ele arregalou os olhos, e, a partir disso, começou a observar a porra toda com o interesse aumentado.

— Ai! Meu cabelo! Eu nem te conheço! — Drica choramingou quando levou uma nova puxada. — Para, Lari! — reclamou, tentando se desvencilhar dos tapas de Larissa. — Eu já disse que não queria... Sua vadia! — Isso ela disse a Olívia, em resposta a um tapa, tentando atingi-la e sendo imediatamente imobilizada por Maria Luísa, que agarrou seus braços, puxando-os para trás.

— Duvido que aquela bolsinha seja mesmo uma Chanel legítima... — Ícaro comentou, cutucando Artur, alto o suficiente para todo mundo ouvir. — É só uma réplica com um acabamento melhorzinho. Aposto que é tão falsa quanto o par de tetas dentro daquele *cropped* da Marisa! E mais falso aquele cabelo *mega hair*. Comprou essa peruca onde, meu bem? Na Vinte e Cinco?

— É tudo de verdade, seu *viado*! — Drica replicou.

— Deixa de *caô*, meu! Todo mundo sabe que isso aí é silicone, mano! —

Piolho gritou.

— Cala a boca, Lucas! Vem me ajudar, seu idiota! Artur, socorro! Ai! Parem de me unhar, suas vacas! — Ela tentou se desvencilhar, para retribuir as unhadas, e não conseguiu.

Aparentemente, Maria Luísa era dura na queda. Mas eu não ia confiar o bem-estar de Olívia e das minhas filhas à suposta força de uma garota de estrutura *mignon*.

Apesar de Drica estar apanhando feio e de, em tese, sua desvantagem numérica não oferecer a possibilidade de algum contragolpe perigoso, não consegui deixar aquilo ir adiante. O medo de que algo ruim acontecesse a Olívia ou às meninas era aterrador demais para ser ignorado.

— Já chega, Olívia. Isso já foi longe demais, porra — falei, puxando-a enquanto Plínio cuidava de Suze.

— Eu ainda não terminei, Max! Me deixa terminar em paz, cretino! — ela gritou, debatendo-se.

— Você está grávida, caralho! — rosnei, afastando-a.

Isso a fez parar e respirar fundo.

Enquanto Lari e Maria Luísa se afastavam, Ícaro se rebelou.

— “Viado” e “vacas”, não, meu amor, que isso aqui não é fazenda! — ele bradou, com uma mão na cintura e um dedo indignado no ar. — O único animal aqui é você, galinha! Vou tirar essa sua peruca sintética, e vai ser agora, biscateira!

Ele se aproximou e deu um puxão no cabelo de Drica, que tentou, em vão, lutar.

— Aaaaaaai! — ela berrou.

— É assim que se faz, Maluzinha! — ele disse, orgulhoso, com tufos na mão.

Os caras e eu nos entreolhamos, chocados com o tanto de cabelo que ele tinha arrancado. Eu estava esperando para ver o sangue brotar do couro cabeludo de Drica a qualquer momento.

— Calma, bofes! — Ícaro riu, virando-se em nossa direção. — Aplique, bofes. Bofes, aplique. Esse aqui serve pra dar um volumão *bafo* no cabelo. Como vocês podem ver, o cabelo dela é grande. Só não é tão volumoso quanto...

— Devolve meu *tic-tac*! — Drica o interrompeu, puxando o chumaço da mão dele.

— Cê também usa essa porra, Piolho? — perguntei, rindo.

Todo mundo gargalhou, exceto Drica, que, bufando de ódio, começou a guardar o tal do aplique na bolsa.

— *Assifudê* no inferno, sua quenga! — Piolho respondeu. — Tá louco, mano? Isso aqui é tudo meu, tá ligado? Ela sempre teve inveja do meu cabelão — ele

falou, puxando o elástico e fazendo o coque se soltar.

Maria Luísa suspirou. Seu olhar estava fixo nos fios claros que caíam sobre os ombros dele.

— Inveja... — Drica deu uma risada sarcástica, terminando de enfiar o cabelo na bolsa e fechando-a com um leve estampido. — Eu não tenho inveja de ninguém.

As meninas, Piolho, Artur e Ícaro gargalharam.

— Presta atenção, sua cobra invejosa. Se você não parar com esses seus planinhos patéticos, eu vou pisar nessa sua cabeça oca assim que eu puder, vadia. E garanto que não vai ter ninguém perto o bastante para me impedir — Olívia ameaçou, encarando uma Adriana desgrenhada e cheia de arranhões.

— Ainda tenho esperanças, anã — Drica disse, passando as mãos no cabelo. — O Delícia ainda vai ser meu.

— Se você tivesse a mínima noção do quanto eu amo essa anãzinha linda — dei uma risada, colando as costas de Olívia ao meu peito e beijando o topo de sua cabeça —, não perderia seu tempo com ilusões infundadas, Adriana.

— Anãzinha é seu cu, filho da puta. — Olívia me deu uma cotovelada e ergueu a cabeça, me fulminando.

— Viu? Como não amar desesperadamente essa gostosa da boca-suja? — Não evitei um suspiro ridiculamente apaixonado.

Inclinei a cabeça e beijei seu pescoço enquanto Drica soltava o ar, exalando toda a sua frustração.

— Fica com *essazinha*, então, Max. Vou encontrar um homem mais gostoso e mais pauzudo que você.

— Boa sorte procurando na Terra do Nunca Encontrará, queridinha. — Olívia deu uma risada, e eu beijei sua bochecha.

— Tem eu né, mano... Mas, para o seu azar, sou seu irmão — Piolho disse, rindo.

Drica revirou os olhos.

— Credo, Lucas... Que nojo!

— Acho que você formaria um par perfeito com um cara que eu conheci hoje. Ele estava aqui agorinha, você o perdeu por pouco — Maria Luísa comentou.

— Laerte? Cadê ele, falando nisso? — Olívia perguntou, me fazendo lembrar de que Laerte deveria estar ali.

— Piolho deu um *Ray-Ban round* de presente pra ele — Ícaro falou, rindo.

Diante das nossas expressões confusas, ele explicou:

— O “bonitinho, mas ordinário” estava quase comendo Malu com os olhos. Ele falou uma supermerda com a Jane aqui, e o nosso Tarzan ali não gostou nem um pouco. Agarrou o cipó mais que depressa, foi parar do outro lado da sala e

acertou o sujeito. Um soco em cada olho. Foi *mara*! Vocês perderam um *bafão*!

— Ai, meu Deus! Não acredito que perdi isso! Que porra! — Olívia falou, morrendo de rir. — Vou querer todos os detalhes depois, Ícaro!

— Caralho, hein, quenga... — Foi só o que eu disse, e ele entendeu a zoação implícita.

— Mano, nada a ver. Depois eu te explico a parada.

— Gostei desse nome... Laerte. E, se Lucas não gosta dele, eu já gosto — Drica disse de repente, fazendo uma careta para o irmão. — É bonito, né? Porque, pelo amor de Deus, homem feio não rola. Teria que ser um cara assim, sabe... Alto, lindo, forte, com os ombros bem largos e tal, todo sarado, mas na medida certa... Ou seja, muito, muito gostoso. Tipo o... — Ela não tirava os olhos de mim, o que, por incrível que pareça, estava fazendo Olívia rir em vez de ficar puta.

— Vadia, eu já te disse que assim não tem, querida. Esse devasso aqui é peça única, entendeu? Desse nível absurdamente gostoso que você está vendo só tem um. O diabo fez exclusivamente para mim — ela explicou com uma paciência premeditada, como se estivesse falando a uma criança.

— O Delícia é areia demais pra uma só carregar! — Drica disse, e Olívia inspirou e expirou profundamente, tentando manter a calma.

— Pois vou carregar isso tudo sozinha. Sou bem gulosa, querida.

— Pra caralho — concordei, fazendo o pessoal rir.

— E a gente vai ter que trabalhar esse vocativo aí — Olívia emendou. — Já chega dessa porra de “Delícia”! — ela exclamou, começando a se irritar novamente.

Puxei-a para mais perto e pousei as mãos em sua barriga, tentando tranquilizá-la e lembrá-la do quanto eu amava as três.

Ela colocou as mãos sobre as minhas e eu apoiei o queixo em sua cabeça.

— Eu o chamo assim há muito tempo! — Drica argumentou. — Lamento, mas não vou conseguir parar. — Ela cruzou os braços, virando o rosto e arrebitando o nariz.

— Acho que ela quer um segundo *round*, Liv — Suze abriu um sorriso assustador, do tipo que ela sempre abria para mim na infância quando me pegava fazendo arte com suas coisas. Como da vez em que li seu diário, por exemplo. Era um sorriso que dizia “eu vou te bater, e não vai ser pouco”.

— Não precisa! — Drica se apressou em responder. — Tá. Já entendi. Nada de “Delícia”. Mas e o tal do Laerte? É ou não é bonito?

As mulheres, diante da presença de seus respectivos, ficaram sabiamente caladas.

Quem respondeu, é claro, foi Ícaro, o destemido.

— Não se compara nem a um peido de Max, se é o que você está perguntando.

Enquanto Suze, Lari e Maria Luísa tentavam conter as risadas, Olívia, os caras e eu tínhamos uma crise de riso.

— Que horror! — Drica exclamou, parecendo verdadeiramente horrorizada.

— Você não peida, fofa? — ele perguntou com naturalidade.

— Credo! — ela exclamou, fazendo Olívia se segurar em mim para não cair, do tanto que ria.

— Enfim — Ícaro continuou —, ele é bonito. Mas não em um nível que te faça suspeitar que foi arquitetado pelo próprio diabo, como o nosso devasso aqui.

— “Nosso” o caralho! — Olívia bradou, ainda rindo. — Meu.

Drica revirou os olhos, gesto que Olívia retribuiu com dois dedos médios bem-humorados.

— Só falta vocês me dizerem que o cara é pé-rapado. Detesto baixa-renda! — Drica fez uma careta.

— Meu Deus! Eles são almas-gêmeas! — Maria Luísa falou, impressionada.

— Posso saber quem é você, anã-mirim? Não devia estar dormindo a essa hora? — Drica perguntou.

— Alguém que você certamente verá de novo. Então sugiro que decore bem o meu rostinho, amada — ela respondeu, sorrindo.

— Ai, como eu *adooooooooo* uma *falsiane*! — Ícaro gargalhou.

Suze, Lari e Olívia caíram na risada.

— Chega. Está na sua hora, Adriana — Piolho falou, indo até ela e puxando-a pelo braço.

— Me solta, Lucas! — ela resmungou, contorcendo-se.

Ele se limitou a fechar a expressão e a aumentar o aperto no braço, e ela ficou em silêncio, endireitando a postura.

— Eu te odeio. Principalmente nesse “modo Lucas” insuportável! — ela falou, depois que ele a fez destravar e entrar no carro.

— Também não sou seu fã. Principalmente em todos os modos possíveis — ele retribuiu. — Vamos ter uma conversa séria amanhã, assim que eu chegar — avisou.

Ela mostrou a língua a ele pela janela antes de fazer a manobra e sair cantando pneus.

Piolho soltou um suspiro cansado.

— Desculpa aí, puta — ele disse, virando-se para mim. — Vou dar um jeito nessa doida, *vêi*. Amanhã. Agora preciso do *carai* de uma bebida, meu.

— Também quero! Alguém tem vodca? — Ícaro perguntou.

— Nós temos um estoque de uísque lá em cima. Só *Jack*, nada de vodca — Tito informou.

— Eu tenho tequila! — Lari bateu palmas.

— Lari é tipo a Meredith Grey quando o assunto é tequila — Suze disse, e todas as meninas riram.

Não entendi porra nenhuma. Nem Plínio, Tito, Piolho e Artur, porque ficamos todos nos entreolhando feito idiotas enquanto elas riam. Ícaro foi o único que pareceu entender.

— Ai, eu *aaaaaamo* a Mer! — ele bradou. — Mas não curto tequila. Prefiro vodca.

— Acho que tenho uma ou duas garrafas de vodca, Ícaro — Lari falou.

— Te amo, cunhadinha! — ele vibrou.

— *Bora* encher a cara então, mano — Piolho chamou, ajeitando o cabelo novamente no coque usual.

— A gente podia fazer uma brincadeira! Tipo aquelas brincadeiras com perguntas e bebidas dos filmes americanos! — Maria Luísa sugeriu com entusiasmo.

— Amei a ideia! — Artur comemorou. — A gente podia fazer aquela... Daquele programa gringo que a gente *tava* vendo esses dias, Ícaro! Lembra?

Os olhos de Ícaro brilharam.

— *The Ellen DeGeneres Show*! A gente faz o *Never Have I Ever* com bebidas!

— Ah! Aqui no Brasil a gente chama isso de “Eu Nunca”! Já brincamos disso em uma das festas da faculdade, lembra, Tito? — Olívia perguntou.

— Puta merda! É aquele troço em que na sua vez você diz uma coisa que nunca fez... Por exemplo, “eu nunca chupei um pau”...

— Já sim, mano. E aquela vez que *cê* me deu uma mamada até minha anaconda cuspir jatos quilométricos nessa sua cara de bater rola? — Piolho zouu, nos fazendo gargalhar.

— Vá se foder, Piolho — Tito devolveu, rindo. — Enfim, eu digo “eu nunca chupei um pau”, e quem já tiver chupado bebe uma dose ou um gole. Certo, Liv? — ele perguntou.

— Isso! E se ninguém na roda tiver chupado, quem bebe é você. Lembrando que as pessoas que participam devem se comprometer a serem cem por cento honestas nas respostas, por mais constrangedoras que sejam.

— Dá pra descobrir muita coisa babado se a gente escolher as frases certas pra dizer! Tô louco pra arrancar *dirty little secrets* de vocês! — Ícaro exclamou.

— Mano, não é uma boa ideia brincar desse *carai* aí, não... — Piolho falou, em tom de aviso.

— Por que não? — Maria Luísa perguntou, erguendo uma sobrancelha.

— Por causa dessa parada de segredos, meu. Bebida costuma deixar as pessoas com a língua solta pra *carai*, tá ligado? Vai dar merda, mano...

— Quem não deve não teme, Piolhão! — Plínio bradou.

— Quero só ver o que *cês* vão achar quando as minas descobrirem seus podres, suas putas! — Ele riu.

— Minha vida é um livro aberto. Olívia sabe tudo a meu respeito — garanti.

— Idem em relação ao meu casamento — Plínio asseverou.

— Tá, mano, *bora* brincar desse *carai*. Prevejo dissolução de matrimônio, fim de namoro e desfazimento de noivado até o raiar do sol. — Piolho gargalhou.

— A única coisa que eu prevejo é a formação de um novo casal até o amanhecer. — Olívia deu uma risada, lançando um olhar significativo de Piolho para Maria Luísa.

— Então quer dizer que *cês* dois vão finalmente oficializar a união, mano? — Ele despistou, dirigindo-se a Ícaro e Artur.

Todos nós gargalhamos.

— Vamos subir — Tito chamou, quando as gargalhadas cessaram. — Vai ser no meu ou no seu apê, Lari?

— No meu! Temos uma cabana de luzinhas! — ela disse, animada.

— Tô ansiosa! Pena que não posso beber... — Olívia lamentou. — Vamos participar com suco, né, Suze?

— Infelizmente — minha irmã disse. — O lado bom é que o grupo contará com duas pessoas sóbrias no final do jogo.

— Três — corriji. — Eu não vou beber, porra.

— Tá louco, Putão? — Piolho perguntou. — Tô contando com seu cu de bêbado, mano!

— O meu estará disponível! — Ícaro bradou logo, nos fazendo rir.

— Hoje não vai rolar, quenga. Preciso estar perfeitamente lúcido para o caso de Olívia sentir alguma coisa. E você também, Susanne.

— *Awn*, que fofo, Max! — as duas disseram ao mesmo tempo, e cada uma se apoiou em um dos meus ombros, beijando minhas bochechas.

— Valeu, puto — Plínio agradeceu. — Eu ficaria muito feliz em beber por nós dois, mas, como médico, acho que vou funcionar melhor como pai sóbrio. Além disso, você fica engraçado demais bêbado pra gente perder a oportunidade. — Ele riu.

— Sério? Eu nunca te vi bêbado, Max! — Olívia exclamou, alisando meu cabelo.

— Ele fica tão amorzinho, Liv... É hilário! Uma vez, ele me disse que me amava muito, muito, muito mesmo. Mais que trepar! — Suze caiu na risada.

— Cala a boca, Susanne. Obviamente, eu não sabia a merda que estava

dizendo — falei, rindo.

— Ai, meu Deus! — Olívia gargalhou. — Você vai beber, sim, cretino! Por nós dois! Por favor, Max? Por favorzinho? — ela pediu, me abraçando apertado.

— Tá porra. Depois não reclama... — avisei, apalpando sua bunda.

Ela ficou nas pontas dos pés e depositou um beijo em meus lábios.

— Já que Max vai beber por Liv, deixa que eu bebo por nós duas, Suze — Larissa riu. — Preciso beber por você também, Malu?

— Você nunca me viu bebendo! Deixo a Meredith no chinelo! O *Joe's* não daria conta de abastecer meu gosto por tequila!

As meninas gargalharam enquanto Piolho engasgava.

— Cê não bebe, mano.

Maria Luísa deu uma risada.

— Pouco, não.

Ele arregalou os olhos.

— Nem fodendo eu vou deixar cê beber, Maria Luísa. Cê nem tem idade pra isso, meu.

— Eu gostaria de lembrá-lo de que fiz dezoito anos no sábado passado. Você até me deu um presente de aniversário, lembra, *prof.*? — Ela abriu um sorriso malicioso, e ele ficou branco.

— Ai, meu Deus! Olha a carinha dele! — Ícaro soltou um grito. — Vamos logo, gente! Preciso descobrir tudo sobre esse presentinho!

Acho que, no fundo, estávamos todos curiosos, porque, menos de dez minutos depois, dentro de uma tenda improvisada, sentados em círculo, cada um de nós tinha uma garrafa na mão.

A brincadeira ia começar.

63. Não há nada como um dia após o outro

PIOLHO

Doía pra *carai*, meu. Doía tanto que minha cabeça só podia estar partida ao meio. Provavelmente, eu tinha levado tantas machadadas na cara que ia ficar mais deformado que Chucky, o boneco assassino (eu cago de medo dessa parada desde que era moleque, mano. Mas deixa quieto, tá ligado?).

Mano do céu, isso queria dizer que meu cabelão ia ficar escroto daquele jeito, *vêi*? Tipo, e se partes do meu couro cabeludo tivessem sido arrancadas? E se eu ficasse calvo tipo o Chucky, mano? *Cê* é louco, meu...

Tentei me mexer, mas a tentativa imediatamente fracassada me revelou duas coisas: a primeira era que eu não podia abrir os olhos, porque, quando eu tentei, uma luz vinda da puta que pariu quase me cegou; a segunda era que havia alguma coisa em cima de mim.

Mas foda-se, mano. A prioridade naquele momento não era aquela parada morna sobre o meu corpo. Era meu cabelão, tá ligado?

Então, mantendo as pálpebras cuidadosamente fechadas, levei as mãos à cabeça. Quero dizer, tentei, né, mano? Porque logo percebi que elas *tavam* ocupadas.

Minha garganta *tava* tão seca que nem consegui engolir direito ao perceber que meus dedos estavam se agarrando a alguma coisa. Provavelmente, à coisa que *tava* estirada em cima de mim.

Minhas mãos estavam abertas sobre uma superfície macia. Deliciosamente macia. As duas descansavam sobre uma região abaulada, como uma montanha arredondada.

Experimentei apalpar, e puta que pariu...

Mano, *cê* não tá entendendo, tá ligado?

Era uma bunda, meu!

Minhas duas mãos estavam espalmadas sobre uma bunda de formato perfeito, e meu pau *tava* aprovando pra *carai*.

Só então entendi que a coisa encaixada sob o meu maxilar era uma cabeça, e o manto estendido sobre o meu peito devia ser a cortina de fios de cabelo da gostosa, cujas mãos quentes e delicadas apoiavam-se em meus ombros.

Forcei os ouvidos e escutei sua respiração suave em contato com a minha pele.

Eu finalmente *tava* entendendo a porra toda. Eu devia ter saído na noite anterior. Seguramente, bebi muito. Tipo, pra *carai*. Tipo, até beirar o coma alcoólico. Porque eu quase nunca ficava de ressaca, e toda aquela dor de cabeça mesclada a outras merdas, como a sensibilidade à luz, a secura na garganta e o gosto amargo na boca, só podia significar que eu tinha bebido com borra.

Mano, eu não conseguia me lembrar de nada, saca? Com quem eu tinha saído? Que dia era aquele? Onde eu *tava*? Quem era aquela gata?

Putá merda... Maria Luísa.

O pensamento me atingiu como um míssil.

Eu não transava desde antes daquela parada com Maria Luísa. Aí, aconteceu aquilo lá e, desde então, minha anaconda *tava* hibernando, e agora eu meio que tinha estragado tudo, meu.

Consertado. Eu quis dizer “consertado”, *carai*. Consertei a porra toda. Pronto, eu *tava* livre. Tinha trepado com uma gostosa desconhecida e pá. Adeus, Maria Luísa.

Depois dessa eu ia parar de ficar sentindo aquelas paradas escrotas toda vez que pensava nela, tá ligado? Ou seja, ia parar de sentir aquela merda o tempo todo.

Mas, se eu tinha consertado tudo, por que *tava* me sentindo tão mal, mano? Tipo, eu *tava* me sentindo culpado, saca? Como se Maria Luísa fosse o *carai* da minha namorada, e eu, o safado que a tinha traído com uma gata da bunda gostosa.

Mano, na moral. Me diz aqui um negócio... Essa treta *tava* ou não *tava* sinistra?

Que *carai*, meu. Eu, Piolhão da Surubada, *tava* quase me afogando naquela sensação desgraçada de culpa!

Nada a ver, mano... Eu *tava* muito louco.

O que eu devia fazer era acordar a mina, aproveitar meu pau duro e comer de novo. E apagar Maria Luísa da cabeça, saca?

Mas, primeiro, deixa eu te explicar uma parada: culpa não tem nada a ver com baudução; minha cabeça é uma, e a do meu pau é outra. A mina em cima de mim era gostosa e, pro meu cacete, era a única coisa que importava, tá ligado?

Eu nem sabia se ela era loira ou morena, mano. Podia até ser ruiva. Mas, quando abri um pouco os olhos pra dar uma espiada, me peguei torcendo pra ser loira. E, por um segundo ridículo, torci pra que o cabelo esparramado sobre o meu peito tivesse mechas pretas.

Então, quando abri os olhos devagar, tentando me acostumar à luz, e vi um cabelo igualzinho ao de Maria Luísa sobre mim, fiquei impressionado com a minha imaginação, mano.

Putá que pariu... Eu ia transar com Maria Luísa sem, de fato, transar com Maria Luísa! Era tipo a realização de um sonho, saca?

Meu pau ficou ainda mais duro quando ela se mexeu sobre mim, esfregando-se involuntariamente sobre a minha anaconda cuspideira em ponto de bote.

Mas meus músculos doíam, a cabeça não ia dar trégua tão cedo, e eu mal podia abrir os olhos. Ou seja, não ia ser uma *performance* completa, mano. Teria que ser tipo uma rapidinha às cegas. E, depois de gozar, eu provavelmente entraria em coma. Aliás, meu cérebro com certeza explodiria com a gozada.

A mina se mexeu mais um pouco e, acordando de vez, apoiou-se nos braços para conferir em cima do que estava deitada.

Mano do céu, que puta mente *caralhuda* a minha, tá ligado? Era Maria Luísa, *carai*! Eu *tava* imaginando uma Maria Luísa perfeitamente Maria Luísa, saca? Até o rosto, até os...

Que *carai*, mano... Por que a Maria Luísa da minha imaginação *tava* de sutiã? Eu queria tetas!

O jeito como ela apertou os olhos e levou uma das mãos à cabeça me disse que eu não era o único de ressaca.

Minha Maria Luísa imaginada não devia estar de ressaca, meu. Maria Luísa não bebe.

Mano, eu era o dono da imaginação, e *tava* perdendo o *carai* do controle, tá ligado? Tipo, eu não devia estar imaginando uma Maria Luísa de ressaca...

— Lucas? — ela murmurou, tentando abrir os olhos. — Uau, eu *tava* sonhando com você, e agora virou um sonho dentro do sonho... Tipo “A Origem”.

Mano do céu, apesar de rouca e arrastada, a voz era igualzinha, meu!

— *Carai*, mano... — Fiz uma pausa pra limpar a garganta. — *Cê* é idêntica a Maria Luísa, tá ligado? — falei, abrindo e fechando os olhos.

— E você é igualzinho ao meu professor de Português gostoso — ela devolveu, sorrindo e voltando a se acomodar no meu peito.

O fato de ela ter me lembrado (como se eu pudesse me esquecer) de que era minha aluna deveria ter me dado uma broxada, mano... Mas só aumentou meu tesão. Que *carai*. Quando me dei conta, *tava* apertando a bunda da mina.

Ela *tava* de calcinha, mas era pequena, saca? Tinha muita pele pra apertar.

— Gosto mais desse Lucas de mentirinha... O Lucas de verdade é tão gostoso, mas tão contido... Gosto do Lucas que aperta minha bunda enquanto eu tô sonhando com ele — ela falou, gemendo e se movendo para se esfregar no meu pau.

Tinha alguma coisa errada, tá ligado? Eu tinha certeza de que não *tava* mandando a Maria Luísa imaginada falar aquilo. Tipo, ela *tava* falando

por conta própria, saca? E parecia muito com o tipo de coisa que a Maria Luísa verdadeira falaria.

Mano, não podia ser. *Cê* é louco, meu! Se ela fosse a Maria Luísa verdadeira, isso queria dizer que...

— Maria Luísa? — chamei, em pânico.

— Huuuummm... Você podia tanto ser assim na vida real... — ela disse, esticando os braços e me abraçando.

— Maria Luísa, levanta, *carai* — pedi, desesperado.

— Ah, não... — ela choramingou. — Tá tão bom aqui. — Senti seu sorriso em meu ombro.

— Mano, é sério, levanta — insisti, embora não conseguisse tirar as mãos da bunda dela.

— Ah... Você tá começando a soar como o Lucas verdadeiro... — Ela voltou a se apoiar nos braços, encarando-me com os olhos semiabertos por causa da claridade. — Ai, meu Deus, eu não tô sonhando, tô? Você é o Lucas verdadeiro, não é?

— Eu... — comecei, fitando-a.

Queria dizer que *tava* fitando os olhos dela, mas aqueles peitos tão redondos saltando de dentro da renda azul-clara eram como ímãs para as minhas pupilas. E eles *tavam* tão perto da minha cara, mano...

Sem perceber, fui subindo as mãos pelas costas de Maria Luísa, acariciando sua pele.

Meu coração batia tão acelerado que eu podia sentir minhas pulsações descontroladas reverberando em meu peito enquanto meus dedos titubeavam no fecho do sutiã.

Eu sabia que era um caminho sem volta, mano. E sabia que *tava* perto demais de tomar aquela trilha.

— Abre — ela sussurrou, pressionando-se sobre o meu pau, gemendo junto comigo.

— Não faz isso, meu... — pedi, contradizendo-me completamente ao descer as mãos e pressionar sua bunda com força para aumentar o atrito entre nossos corpos. — *Cê* não tá entendendo o tamanho da merda, mano... — falei, tentando reunir todo o meu autocontrole para tirá-la de cima de mim e me levantar.

Eu sabia que tinha menos de um segundo para tomar uma decisão. Sabia que, se deixasse aquele momento passar, não conseguiria me impedir de girar o corpo, ficar por cima e deixar o pau comandar minhas ações.

Então, no último instante de lucidez, coloquei-a sobre a colchão e me levantei, ficando de pé ao lado da cama. Dei uma rápida olhada ao redor, estreitando os olhos para escapar da luz, e me dei conta de que estávamos no quarto de Larissa.

Que *carai*, meu, eu não conseguia me lembrar nem do motivo nem se eu tinha mesmo feito a única coisa que eu não podia fazer na vida.

A probabilidade de eu ter transado com Maria Luísa enquanto *tava* de porre era tão alta que meu estômago já nauseado quase expulsou no tapete aos pés da cama todo o uísque (a julgar pelo gosto na minha boca) que eu tinha bebido na noite anterior.

Com os olhos semicerrados, caminhei alguns passos até a janela e tateei até conseguir descer a persiana. Pela intensidade da luz solar, eu podia apostar que a manhã já tinha ido embora há um bom tempo.

Quando me virei, Maria Luísa me encarava com o lábio mordido. Seus olhos desceram e encontraram o volume sob a minha cueca branca.

Enquanto ela se contorcia nos lençóis, meus olhos examinavam as curvas de seu corpo seminu.

Senti o autocontrole escoando novamente quando me perguntei por que não a comia logo de uma vez, e estava quase baixando a guarda quando me lembrei de que, muito provavelmente, eu já tinha comido.

E eu não podia acreditar que não me lembrava, *vêi*! Já que eu tinha vacilado, eu queria me lembrar de cada mínimo detalhe do vacilo, *saca*? Mas parecia castigo, mano. Tipo, comi a mina, e o sacana do capeta decidiu me sacanear tirando minha memória. Uma *filhadaputagem* do *carai*, meu.

Maria Luísa se sentou de repente, e deixei meus olhos pousarem de novo no encontro perfeito daqueles peitos.

Aquela mina ia acabar me enlouquecendo.

Com muito custo, subi o olhar e encarei o sorriso malicioso dela.

— Mano — comecei —, *cê* sabe o que a gente tá fazendo aqui?

Ela olhou ao redor, como se só naquele momento tivesse se dado conta de que não tinha acordado no próprio quarto. Então franziu o cenho por alguns segundos, tentando se lembrar.

Que merda, meu. Ela ficava linda com aquela expressão pensativa. Era a mesma que ela fazia quando eu direcionava alguma pergunta na sala de aula.

— Não sei nem onde estamos — ela respondeu. — Você sabe?

— No quarto de Larissa, *vêi*! Minha prima. Tipo, isso é estranho pra *carai*, *saca*? — falei, sentindo a cabeça latejar.

A de cima mesmo, tá ligado?

— *Quié*, mano? — perguntei, estranhando o sorriso repentino que Maria Luísa abriu.

— Eu amo esse seu “modo Piolho” — ela disse, mordendo o lábio. — Você fica tão *sexy* falando *piolhês*...

Isso me desarmou um pouco. Mas não foi por isso que eu me sentei na cama.

Foi por causa da tontura e da onda nauseante que chapinhou a boca do meu estômago.

— Mano, eu não faço a menor ideia de como viemos parar aqui — prossegui, tentando mascarar o mal-estar súbito. — Nem por que a gente meio que acordou juntos... — falei com cautela, esquadrinhando seu semblante.

Maria Luísa ficou alguns segundos em silêncio, absorta.

— Ai, meu Deus! — ela bradou de repente.

— *Carai*, mano! *Cê* quer me matar, meu? — O grito me fez levar as mãos aos ouvidos.

— Desculpa — ela sussurrou, massageando as próprias têmporas. — Se a gente acordou juntos, isso significa que a gente dormiu juntos, né? Tipo, você sabe...

— Você não lembra? — investiguei.

— Você lembra? — ela respondeu com outra pergunta.

— Mano, eu não me lembro de *carai* nenhum.

— Acho que eu tô lembrando... — Ela fez uma expressão contemplativa. — Isso! — exclamou subitamente. — Eu me lembrei de tudo. É, a gente transou, Lucas... — Maria Luísa meneou a cabeça como quem diz “é isso aí”.

— Mano, *cê* acha que eu não tô ligado que *cê* tá de *caô*? — respondi, rindo.

Ela arregalou os olhos.

— Não estou, não! Eu juro. Olha que ótimo. Já que a gente já fez, a gente pode fazer de novo... — Ela abriu um sorriso sacana, aproximando-se e pousando a mão na minha perna.

Estávamos tão próximos que eu podia sentir o resquício de seu perfume doce. Tentei ignorar todas as paradas escrotas que eu sempre sentia quando nossas peles se tocavam, mas não adiantou. Nunca adiantava, e aquilo já *tava* me dando um puta desespero, mano.

— Confessa que *cê* tá mentindo, Maria Luísa. Eu não nasci ontem, tá ligado? — falei, tirando a mão dela da minha coxa antes de o gesto adquirir proporções irresistíveis.

— Se eu confessar, o que eu ganho? — ela perguntou, puxando a mão da minha e migrando os dedos cálidos para o meu peito.

Inspirei profunda e involuntariamente quando senti o toque. Ela continuou me acariciando até que soltei o ar e cobri sua mão com a minha.

Nossos olhares se encontraram por alguns segundos, e o azul-esverdeado das íris de Maria Luísa mergulhou nas profundezas do meu.

Sua mão queimava meu peito quando a retirei da minha pele e pousei nos lençóis.

— Sua proposta já foi uma confissão — observei, limpando a garganta e

desviando os olhos dos dela.

— Tudo bem, eu não lembro — ela disse, unindo as duas mãos entre as próprias coxas.

Que *carai*, mano. Eu não devia estar imaginando aquelas coxas abertas. E muito menos minha cara no meio delas.

Comecei a conjugar o verbo “broxar” mentalmente, a fim de amansar a anaconda. Comecei no presente do subjuntivo: que eu broxe, que tu broxes, que ele broxe, que nós broxemos, que vós broxeis, que eles...

— Mas estou me sentindo diferente — Maria Luísa continuou. — Realmente acho que não sou mais virgem. Acho que você finalmente transou comigo! Eu te amo! — Inesperadamente, ela jogou os braços nos meus ombros, me deixando ainda mais tonto que eu já *tava*. E não foi por causa do abraço.

“Eu te amo”? Como assim, mano? Era só tipo “eu te amo por, talvez, ter tirado meu cabaço! Valeu!”, certo?

Certo. Muito certo, mano.

— Ai, meu Deus, eu preciso de um espelho! Quero ver se mudou alguma coisa na minha cara. Tem algum espelho aqui? Preciso ver!

— Cê tá igual, mano. Para de inventar treta. A gente não transou, Maria Luísa. Tira esse *carai* da cabeça, meu!

Infelizmente, eu não sabia se tinha ou não transado com ela. Mas precisava negar aquilo até o fim, porque, mano de Deus, eu não podia acreditar que tinha tirado o cabaço de uma mina bêbada. Era praticamente um estupro, meu.

Não tinha rolado nada. *Tava* tudo certo, tá ligado?

— Olha! Aquilo é a entrada pra um banheiro? — Ela apontou o que era, sim, a porta do banheiro de Lari, ignorando completamente o que eu tinha acabado de dizer.

Então se levantou abruptamente.

— Ai, droga — disse, voltando a se sentar.

— Que foi, mano? — perguntei, preocupado com a expressão que ela fez.

— Tô com enjoo. Tá me dando muita vontade de vomitar. Muita mesmo.

Putá merda... Eu tinha engravidado a mina, meu!

Calma, mano, não sou tão burro. Eu sabia que o enjoo era por causa da ressaca. Mas, quando Maria Luísa disse a temida palavra “enjoo”, eu me dei conta da seguinte parada: e se eu tivesse transado com ela e me esquecido do *carai* da camisinha?

Tipo, eu nunca esquecia, mano. Se tinha um negócio que me fazia cortar um prego violento era a possibilidade de engravidar uma mina, tá ligado?

Eu não queria ser pai nem fodendo. Podia até me casar um dia, mas estava decidido a não povoar a Terra com mais um Larozzi Guerratto. Zoava Putão com

meu moleque comedor de gêmeas, mas, na verdade, não ia rolar, saca?

Só que bêbado, e com Maria Luísa, eu dificilmente teria me importado com alguma coisa além de meter, mano.

— Ai, acho melhor eu... — ela disse, correndo em direção ao banheiro.

Eu *tava* tão desesperado com a hipótese de ter dado uma de Putão que nem fui atrás dela. Comecei a revirar os lençóis e a procurar por alguma embalagem de preservativo no chão.

Ainda não tinha achado porra nenhuma quando avistei minha calça azul-marinho de moletom num dos cantos do quarto.

Rezando para santos que não ouvia uma oração minha desde a infância, fuzei os bolsos.

— Que *carai*, mano... Tô na bosta! — exclamei, atirando a calça no chão quando não encontrei nada.

Enquanto eu levava as mãos à cabeça, prendendo os fios do topo com força, como se aquilo fosse resolver o problema, podia ouvir as gargalhadas e a voz de Putão ecoando nos meus ouvidos: “tomou no cu, seu porra! Quem é o papai agora, filho da puta? Quem quebrou a regra e se fodeu gostoso, caralho?”.

Mano de Deus... Primeiro Putão, depois eu...

Eu não podia acreditar que a história *tava* se repetindo. Era muita falta de criatividade do destino, tá ligado?

Sentindo uma mistura de frustração e pânico, comecei a caminhar em direção ao banheiro.

Quando passei pelo criado mudo, notei o recipiente de vidro transpirando sobre a bandeja espelhada.

A superfície da jarra grande de água estava gelada, e perto do copo havia algumas cartelas de comprimidos. Paradas pra enjoo e analgésicos.

Aquilo *tava* estranho pra *carai*, mano. Mas, diante do mal-estar generalizado, ignorei a estranheza, enchi um copo e, depois de verificar que os medicamentos estavam dentro do prazo de validade, ingeri dois comprimidos e bebi dois copos seguidos de água, aliviando minha sede.

Em seguida, peguei mais dois comprimidos e rumei para o banheiro com a jarra e o copo.

Maria Luísa estava terminando de escovar os dentes.

— *Cê* tá usando a escova de Larissa, mano? — perguntei, atônito, mirando o objeto cor-de-rosa na mão dela.

Ela riu, começando a enxaguar a boca.

— Anda logo, meu. *Cê* precisa tomar essa parada, e a gente precisa resolver o *carai* do problema.

Graças a Deus, dava tempo de consertar a merda, mano. Ainda bem que não

tinha sido na chuva e ninguém ficou gripado. Era mil vezes melhor não me lembrar da transa que não me lembrar da pílula do dia seguinte, tá ligado?

— Pro seu governo, essa escova é minha — ela disse, logo depois de desligar a torneira e de usar a toalha de rosto para se enxugar.

— Como assim “sua”, mano? — perguntei, entregando os remédios a ela e enchendo o copo com água.

Ela indicou as duas mochilas no canto enquanto jogava os comprimidos na boca sem nem questionar a procedência ou a utilidade deles.

Notei que a mochila preta maior era idêntica à minha. E, então, subitamente, eu me lembrei.

Despedida de solteiro de Putão. *Gogo boys*. Laerte. Drica. Eu Nunca.

— Eu também lembrei quando vi — ela disse, bebendo água. — Só não consigo me lembrar direito como foi a brincadeira. — Maria Luísa encheu mais um copo e o tomou de uma só vez.

Forcei a mente, tentando resgatar alguma lembrança do que provavelmente foi uma das maiores bebedeiras da minha vida, mas não consegui puxar nada. Já sabia por que estava no apartamento de Larissa, mas não fazia ideia do que tinha acontecido nem como Maria Luísa e eu acabamos na mesma cama ou por que minha mochila *tava* no banheiro do quarto de Lari.

— Eu também não, mano. Que *carai*, meu... Eu disse que não era uma boa ideia brincar daquela merda. Os putos já *tão* sabendo de tudo a essa altura — falei, abaixando-me, abrindo minha mochila e pegando minha escova de dente.

Minha boca tinha ficado ainda mais amarga desde que me dei conta de que eu *tava* atolado na merda. Então, foi um alívio descobrir que eu podia me livrar do amargor antes de gosto ruim me fazer vomitar.

— Por que você não me disse que meu cabelo estava assim? — ela perguntou, se olhando no espelho e puxando os fios para cima enquanto eu espremia a pasta de dente nas cerdas.

— Assim como? Seu cabelo é lindo, meu — respondi, colocando a escova na boca.

Não tinha nada de errado com o cabelo dela. *Tava* meio bagunçado, mas de um jeito bonito, como se ela tivesse acabado de transar.

Putaquepariu, mano...

Não. Nada disso. Eu não tinha transado com ela. Maria Luísa ainda era virgem. E uma mina virgem não podia estar com cabelo de sexo. Ela não *tava*. Aquilo era cabelo matinal. *Tava* igual ao meu, com vários fios fora do lugar. Não tínhamos transado, mano. Só tínhamos acabado de acordar, saca? Só isso.

Inclusive, eu *tava* me preocupando à toa. Mas, ainda assim, era melhor remediar na manhã seguinte o que talvez eu não tivesse prevenido na noite

anterior.

— Lindo... — ela resmungou, passando os dedos com impaciência entre os compridos fios loiros. — Lindo é o seu! — Maria Luísa encarou meu reflexo no espelho.

— Mano do céu, meu cabelo... — Pensei em voz alta, sentindo o peso da promessa desabar de uma vez sobre os ombros.

— Quê? — ela perguntou, sem entender o que eu havia dito por causa da escovação.

— Meu cabelo — repeti, de forma um pouco mais compreensível.

— É... Seu cabelo é um bilhão de vezes mais bonito que o meu — Maria Luísa prosseguiu, alheia ao meu desespero mental. — Isso é bem deprimente, sabia?

— Não posso cortar meu cabelão, mano... — continuei falando.

— Claro que não! Eu sou capaz de te matar se você cortar esse cabelo lindo, Lucas!

— Mano, *cê* não tá entendendo... Puta merda... A quenga vai morrer, tá ligado?

Se eu tivesse mesmo transado com ela, além de me preocupar com o lance da camisinha, eu ainda precisava me preocupar com meu cabelo, mano!

Mas eu não ia cortar meu cabelão sem uma prova concreta de que tinha quebrado o *carai* da regra nem fodendo.

— Hã? — Maria Luísa perguntou, confusa. — Não estou entendendo nada. Termina de escovar primeiro — ela disse e, abaixando-se, tirou uma escova cheia de cerdas aparentemente macias de dentro de sua mochila preta de couro.

Então, começou a escovar o cabelo, que descia, longo e sedoso, por seus ombros estreitos.

A cena era surreal, mano. Era praticamente uma rotina matinal de casal. Só que Maria Luísa e eu não éramos, de jeito nenhum, um casal. Éramos aluna e professor dividindo um banheiro, o que era bizarro, meu.

Mal pensei isso e, pelo espelho, notei o anel no meu dedo.

O *carai* de uma aliança, mano!

— Puta que pariu! — gritei, fazendo Maria Luísa e eu gemermos de dor por causa do som da minha voz, que golpeou nossos ouvidos e quase estourou nossos tímpanos.

Não que o grito tenha sido alarmantemente alto. O problema era que, com aquela dor de cabeça, o barulho de uma mosca já seria um pé no saco.

— Que foi? — ela perguntou, assustada, com as mãos sobre as orelhas.

— Mano, *cê* também tá usando uma, *vêi*! — Puxei sua mão esquerda e mostrei a ela.

— Uau! — Ela arregalou os olhos. — Que linda! Será que gente se casou? Que massa! Tipo “Jogo de Amor Em Las Vegas”! — Ela riu.

— Olha a grossura desse *carai*, mano. Eu jamais colocaria um troço desses no dedo! Algum dos putos colocou. É de Plínio. Sei disso porque falo direto que ele usa uma aliança mais grossa que o pinto dele — falei, tirando aquilo do dedo.

Examinei o interior da circunferência dourada e confirmei minhas suspeitas. Havia um “S.V.T.” gravado.

— Tá vendo? Susanne Vetter Theloni. — Mostrei a Maria Luísa. — As iniciais de Plínio devem estar na sua.

Ela tirou o anel, observou e assentiu, recolocando-o.

— Filhos da puta. Devem ter tirado foto dessa porra e postado no *Snap* ou no *Insta*, mano! Hora dessas tá todo mundo achando que eu tô casado!

Maria Luísa teve uma crise de riso.

— Ai, meu Deus! Agora preciso muito fazer xixi — avisou, ainda rindo, enquanto caminhava até o vaso.

— Cê vai fazer aqui? — perguntei, alarmado.

— Ué, a gente faz xixi no banheiro, Lucas. — Ela começou a tirar a calcinha.

— Mano do céu... — falei, virando-me de costas a tempo.

— Não achei que você fosse tímido, maridinho. — Ela riu.

— Para de palhaçada, meu — pedi, começando a sair do banheiro.

— Não vai! Tô adorando a visão perfeita da bunda do meu lindo marido!

Tive que conter uma risada ao sair e fechar a porta.

De volta ao quarto, notei que ainda *tava* com a aliança na mão.

Vesti a calça e me preparei para encontrar os putos desmaiados na sala de Larissa. Ia enfiar aquela bosta no toba de Plínio.

Mas, quando abri a porta e chequei cômodo por cômodo, não encontrei ninguém. Ninguém, mano. O apartamento *tava* vazio. Não havia nem copos e garrafas espalhadas. Nada.

Muito estranho, meu. Onde eles estavam? Aquilo *tava* com uma puta cara de armação, *véi*. Eu tinha certeza de que Maria Luísa e eu na mesma cama era obra daqueles putos.

Podia até começar me vingando de Plínio. Bastava abrir a janela e atirar a aliança na puta que pariu. Mas eu sabia o quanto ele era camisolão, mano. Se eu perdesse aquela porra, era capaz de ele me matar. Tipo, literalmente, meu. Sem zoeira.

Então, soltando um suspiro de desgosto, voltei a colocar o *carai* da aliança no dedo. Tudo por amor à vida, saca?

Encontrei meu celular em cima da mesa de centro. Não pensei duas vezes. Peguei o aparelho e liguei praquele filho da puta.

Eu ia esclarecer aquela parada.

— Eu vou arrombar seu cu, sua rapariga! — Soltei, assim que ele atendeu.

Plínio gargalhou.

— Cara, é com esse mau humor que você acorda depois da sua noite de núpcias? — perguntou, rindo.

— Mano, a parada é a seguinte: sua aliança? Enfiei no cu, tá ligado?

Ele deu outra risada.

— Que isso, Piolhão... Você me pede a aliança emprestada, te faço o favor, e é assim que você me paga, cara?

— Eu? *Cê* é louco, mano? O que que eu ia querer com esse *carai*?

— Já esqueceu? Desposar sua donzela, ué.

Engoli em seco.

— Donzela? — repeti, sondando o terreno.

— Cara, é sério que eu vou ter que explicar o significado de “donzela” para um professor de Português?

Que merda, mano. Maria Luísa tinha batido pras putas o lance da virgindade. Ou seja, as quengas não iam me deixar em paz nunca mais, meu.

— E aí, deflorou? Posso te explicar o significado de “deflorar” numa boa, caso você não saiba. — Ele riu.

— Mano, sem zoeira, meu. Eu tô ligado nessa sacanagem que *cês* fizeram — acusei.

— Que sacanagem, Piolho? — perguntou, como se não fizesse ideia do que eu *tava* falando.

— Eu sei que eu não dormi com ela, tá ligado? *Cês* puseram a mina em cima de mim, mano. E enfiaram a aliança no meu dedo.

— Cara, deixa de ser puta. — Ele mudou o tom, ficando repentinamente sério. — Você pede a menina em casamento, Suze e eu emprestamos nossas alianças de bom grado, Ícaro casa os dois, depois você come a própria aluna virgem e bêbada, e nega tudo no dia seguinte? Achei que você fosse homem pra admitir os próprios atos. E espero que tenha usado camisinha. Porque a gente já viu o que acontece quando decide liberar o garoto pra brincar de “A Lagoa Azul”.

Fiquei em silêncio, sentindo o pânico corroer minhas veias. Eu flutuava entre momentos de ceticismo e puro desespero. No fundo, eu não acreditava naquela parada. Não podia ser verdade, mano.

Primeiro, eu jamais pediria Maria Luísa em namoro, imagina em casamento! Bizarro, meu. Eu não faria essa merda nem se estivesse morto de bêbado.

Segundo, eu tinha hombridade, saca? Não quis comer a mina justamente pra não fazer merda. Porque, sei lá, mano, eu já expliquei. Sou meio zoadado, mas esse lance de descabaçar aluna não é pra mim, não, *vêi*. Pode me chamar de covarde,

tá ligado? Foda-se. Depois, a merda vai cair no meu colo, não no seu. E, além disso, era Maria Luísa. Eu já falei que sinto umas paradas sinistras. É um tesão insano, mas não é só isso, mano. Eu me importo com ela, saca? Mais do que gostaria. E eu sei que não vou conseguir transar só uma vez com ela. Ou seja, vou ficar trepando com uma aluna, *vêi*. Diz aí se não vai dar merda. Vai, tá ligado? Tô te falando. Vai dar uma merda tão merda que *cê* não faz ideia.

E nem tô falando da parte dos pegas clandestinos na escola. Porque isso acabaria rolando.

É um fato.

Tô falando, basicamente, de três possíveis consequências.

A primeira: minha anaconda cuspideira deixa Maria Luísa doida (isso vai acontecer de qualquer jeito, tá ligado?). Ela fica louca pelo *shape* e pela *performance* magistral do Piolhão (isso também é inevitável, mano). A gente trepa algumas vezes e, quando eu me canso dela, ela fica no meu pé, fodendo minha vida pessoal e profissional, agindo como uma garotinha mimada e irritante completamente apaixonada pelo professor. Não preciso nem dizer o quanto isso seria *merdático*.

A segunda: depois de transar algumas vezes com ela, eu fico obcecado por Maria Luísa, mas ela se arrepende de ter perdido a virgindade comigo e me acusa de tê-la manipulado. Ela chora e joga na minha cara que queria ter perdido o cabaço com um cara da idade dela, um colega de sala, talvez. E, então, ela confessa que acabou se apaixonando por um deles. Pedro, possivelmente.

Já ouvi rumores das alunas: “ai, meu Deus, o Pedro é lindo e fofo, tem carinha de *baby*, é inteligente, rico e, ainda por cima, toca violão”. Grandes merdas. Eu toco violão, guitarra, baixo, bateria e, ainda por cima, piano. *#ChupaMeuPauPedro*.

Enfim, mano, o nível de merda dessa possibilidade dispensa comentários. Imagina eu, Piolhão da Surubada, com ciúme de um moleque de dezessete anos? Eu ia foder a vida daquele porra sem dó. Queria ver se as minas iam continuar achando o filho da puta inteligente com os zeros que eu ia dar pra ele nas minhas provas. Tão redondos e largos que ele nem ia saber se era um zero ou o desenho da circunferência do cu aberto da arrombada da mãe dele.

E, por fim, a desgraça-mor: Maria Luísa e eu nos apaixonamos perdidamente um pelo outro e viramos uma versão ridícula de *Pluze*, *Larito* e *Olimax*. Tudo junto e misturado, saca? *Cê* consegue pensar numa desgraça maior?

Não, né? Mas eu consigo, mano. E seria o fim, a merda suprema: eu dando uma de Romeu bobão, recitando trechos shakespearianos pra ela:

— “Se a minha mão profana esse sacrário, pagarei docemente o meu pecado: meus lábios, peregrinos temerários, o expiarão com um beijo delicado”.

E, então, ela responderia, incorporando a Julieta melosa:

— “Bom peregrino, a mão que acusas tanto revela-me um respeito delicado; juntas, a mão do fiel e a mão do santo palma com palma se terão beijado”.

Putá merda, mano. Isso seria o fundo do poço. Eu poderia me matar em seguida.

Não sei se *cê* sabe, mano, mas, no início da peça, Romeu era apaixonado por outra mina, saca? Rosaline.

Daí, o cara resolve dar um rolê pra tirar a gata da cabeça e acaba numa festa na casa dos Capuleto. Ele conhece Julieta e fica de quatro na hora, meu. Acha que tá perdidamente apaixonado. Tipo: “Rosaline? Quem é Rosaline na fila do pão, mano?”.

Aí, tem toda aquela merda proclamada na famosa cena do balcão, que é a maior babaquice, tá ligado? Isso acontece na madrugada de domingo pra segunda. Na terça, o puto vai lá e faz o quê?

Casa com a mina, mano!

Cê tá ligado no que eu tô te contando? O porra do Romeu se casou com a mina só pra foder a bocetinha virgem dela, *véi*. Tipo, o pau do cara deu uma cutucada na calça, e o imbecil já achou que era motivo pra casar, meu. Sendo que era só dar um mata na mina ali no balcão mesmo e pronto. *Bauducão* resolvido. Mas não... O cara se casa com a mina, tira o cabaço dela e o que acontece em seguida?

Isso, os dois jacus morrem na quinta-feira.

Cê não tá entendendo, mano... Ele trepou com a mina UMA VEZ SÓ, tá ligado? Casou, trepou e morreu. Por amor. O gênio da lâmpada não sabia diferenciar tesão de amor, *véi*.

Assifudê, meu! Qualquer tolo sabe a diferença.

Pica dura é uma coisa, tá ligado?

Pica dura mais uns batimentos cardíacos sinistros é algo a ser considerado. É tipo um tesão com tendências perigosas, saca? Melhor sair fora.

Pica dura, batimentos e estômago frio? Tá dando merda. Deixa essa porra quieta e racha o pé.

Pica dura, batimentos, estômago frio e coração doendo de um jeito bom? Tá fodido, mano. *Véi*, *cê* tá na bosta. Mata logo essa mina antes que ela te bote uma camisola. Porque, se ela conseguir te fazer vestir um camisolão modelo Vetter... Mano de Deus, dá logo um tiro na cabeça. Melhor morrer que comer merda na mão de *muié*, tá ligado?

Carai! Foi isso que Romeu fez, mano! Tô aqui zoando o cara, mas ele foi mestre! Viu que a merda *tava* feita e fez o quê? Cortou o mal pela raiz.

Não, na moral. Gênio. Virei fã desse cara, meu. O puto tinha colhões.

Cê reparou, né, mano? Que Max e Olívia tiveram um lance estilo Romeu e Julieta... A porra toda durou o quê? Uma semana, *véi*. Praticamente o mesmo esquema bosta.

Só que Putão é uma versão otária de Romeu, tá ligado? E Liv é uma versão gostosa e esperta de Julieta.

Aquela mina devia ser *mó* sem graça, meu. Só eu imagino Julieta feia pra *carai*? Tipo uma Monalisa? Na minha cabeça, ela é tão broxante quanto a Monalisa, mano. Na moral.

Mas já chega desse papo merda.

Eu ainda *tava* em silêncio, com o cu na mão, quando Plínio gargalhou:

— Esqueceu a camisinha, né, filho da puta? Max tá ali escornado. Quando ele levantar, *cê* tá fodido.

— Eu sei que não transei com ela, mano. Eu não seria capaz de fazer uma merda dessas nem se estivesse fora de mim. Então, a parada é a seguinte, Plinião: vou esfregar sua aliança na rola se *cê* não bater agora que *cês* armaram tudo — ameacei.

— Ué, achei que a aliança estivesse enfiada no seu cu. — Ele riu.

— Fala logo, *carai*! Tô abaixando as calças. Vou bater uma com a sua aliança no dedo, *véi*. Vou gozar nela toda.

Plínio gargalhou.

— Você só é zoad, Piolho. Não louco.

— Vai achando que é zoeira, mano... Vai achando... Já tô sentando no sofá, tá ligado? — avisei.

Caminhei alguns passos e me sentei no assento do meio.

— Mano do céu... Tem tempo que eu não bato uma com a esquerda, meu — falei, usando um tom pretensamente relaxado, como o de quem está prestes a dar uma aliviada na tensão com uma punheta bem batida.

— Desgraçado — Plínio rosnou.

— Já tô ficando meia-bomba, Plinião. Acho melhor *cê* confessar a parada antes que eu use a mão esquerda pra puxar minha anaconda do joelho, tá ligado?

Ele riu.

— Tá, porra. A ideia da sacanagem foi de Liv, mas eu que executei, claro. Te coloquei na cama, depois ajeitei Maria Luísa em cima.

— Como é que é, mano? Ajeitou? *Cê* tirou a roupa dela? *Cê* viu ela daquele jeito? *Cê* pegou na bunda dela, desgraçado? — perguntei, quase engasgando.

Ele deu uma gargalhada.

— Achei que ontem era só efeito do álcool, mas, puta que pariu, Piolho! Você nem esperou o casamento de Max pra roubar o lugar dele, porra! Consegui ficar de quatro mais rápido que ele!

— *Cê* é louco, meu? Eu conheço Maria Luísa há meses, e nunca nem transei com ela, mano! Mal beijei a mina. Putão trepou com a dele no dia que conheceu, *véi*! Os dois quase quebraram o recorde de Romeu e Julieta, tá ligado?

— Ó o cara, aí... Citando Romeu e Julieta de novo... Também achei que fosse só efeito da bebedeira, mas tô vendo que você gosta mesmo de dar ré no quibe, Piolhão! — ele zoou.

Eu falei de Romeu e Julieta sozinho né, mano? Tipo, foi só entre nós aqui, na parceria, né? Eu falei dessa merda em voz alta? *Cê* lembra? Que *carai*, mano, eu não lembro.

— Como assim “de novo”? — sondei.

— Ah, vai me dizer que não lembra... — Ele riu. — No seu casamento, Sr. Montecchio. Particularmente, acho que Guerratto soa melhor, assim como Forcatto, o sobrenome verdadeiro da sua Sra. Capuleto.

Mano, eu ia ter que digitar “Forcatto” no Google, tá ligado? Porque tinha quase certeza de que conhecia o sobrenome. Como é que eu nunca tinha tido a curiosidade de checar o nome completo de Maria Luísa na chamada, meu?

— Enfim... Graças à genialidade de Olívia, você não precisa se lembrar, Piolhão. Gravamos a porra toda. E transmitiremos logo mais, aqui na casa de Max, para os desmemoriados e incrédulos. Na verdade, já ajeitei tudo aqui pra passar o vídeo na televisão *monstra* dele. Os Tomés vão ver com os próprios olhos tudo que rolou. Espero que, até lá Suze, já esteja mais calma.

Que *carai*, mano. Eu *tava* na bosta mesmo, tá ligado? Eu não *tava* nem um pouco pronto pra me ver bêbado. Obviamente, eu nunca tinha me visto bêbado, mano. Mas precisava ver aquela parada pra saber o alcance da merda.

— Voltando ao assunto... — Plínio continuou. — Só peguei sua “mina” no colo, cara. E fui bastante respeitoso. Quem tirou as roupas dela foi Liv, e eu nem estava mais no quarto. Agora, sua calça... Ícaro ficou mais que feliz em tirar. Talvez ele tenha dado uma espiada ou outra dentro da sua cuequinha branca. Ou, quem sabe, comido seu rabo. — Ele gargalhou.

— *Assifudê*, filho da puta! — devolvi.

— E você achando que tinha transado com Maria Luísa... — Ele continuou, rindo. — Com que pau, infeliz? Você bebeu tanto, Piolho, que não conseguiria foder nem o cu aberto de Max, cara. Imagina transar com uma menina virgem! — Ele deu uma risada. — Essa minhoca murcha que você insiste em chamar de anaconda não daria conta de jeito nenhum, seu puto. Se fosse uma noite de núpcias de verdade, Romeu, sua Julieta morreria a ver navios.

Como é que eu não tinha pensado nisso, *véi*? Tipo, se eu tinha bebido tanto assim, a ponto de ficar de ressaca, uma parada rara na minha vida, é claro que eu não ia conseguir entregar a *performance*, mano.

Eu *tava* me sentindo muito tapado, *vêi*. Mas ouvir aquilo tirou meu cu da mão. Parei de rasgar o brioco com a unha, saca?

Enquanto eu, finalmente, soltava um suspiro de alívio, sentindo um peso monstruoso deixar meus ombros, Plínio falava, com um tom de voz enérgico, que ele usava só em circunstâncias peculiares:

— Sofia! Volta aqui! Já falei que é pra ficar aqui, onde eu tô te vendo. De jeito nenhum. Já tem canetinhas suficientes aí. Volta e senta. Lacinhos e tiaras? — Ele fez uma pausa, como se estivesse pensando. — Genial. Vai. Mas só com Duda. E você, moleque, volta e continua pintando a cara desse desgraçado.

Do outro lado da linha, ouvi passos sonoros ficando cada vez mais distantes.

— Aquela Marta, que tá envolvida com o casamento, marcou um ensaio hoje com as crianças — ele começou a explicar. — E a mãe do menino deixou ele aqui, uma hora mais cedo.

— O *boyzim* que tá doido pra traçar Sofia? — Gargalhei.

— Tomar no cu, Piolho. Arranjei uma utilidade pra ele. Assim, diminuo minha vontade de dar uns petelecos nessa testa cabeluda dele. Coloquei o moleque pra brincar de livro de colorir com a cara de Max. Tô fazendo ele pintar tudo com caneta permanente vermelha. — Ele riu.

Dei uma gargalhada.

— Mano do céu... E se esse *carai* não sair até o dia do casamento, *vêi*?

— Foda-se. Ele devia ter pensado nisso antes de foder minha vida. Mas tá tranquilo. Pelo menos os esmaltes que Sofia e Duda estão passando nele vão sair fácil. Quero dizer, segundo Sofia, os de *glitter* saem com mais dificuldade. Então mandei ela passar só esses.

— Esmalte? Onde ela achou esmalte, meu?

— Ora onde... Saiu tudo do bolso desse desgraçado. Ele acha que é pai da minha própria filha. Esqueceu que Sofia tem de tudo aqui? Tô doido pra essas meninas dele nascerem logo. Não vou mais deixar esse puto ficar de “meu anjo” pra cá, “meu anjo” pra lá com Sofia. Vai ser minha vez de ser o tiozão. Ele vai ver só.

— *Carai*, mano... Quero morrer seu amigo. O que que Putão fez *procê* ficar com essa crise de putinha vingativa, meu?

— Deixa eu fazer um resumo, que você vai entender. Cara, vocês deram trabalho pra caralho ontem. Max, então... *Cê* sabe como esse puto fica bêbado. Ícaro vomitou na sala, acredita? Liv e Suze até tentaram limpar a bagunça, mas vomitaram em cima daquela porra, e sobrou pra quem? Pra mim, claro. Susanne adorou me ver limpando aquela merda.

Foi a minha vez de gargalhar.

— Mas a noite valeu a pena, filho da puta! Você não faz ideia das coisas

descobrimos. Olívia tá puta com Max, inclusive. E ele com ela. Mas provavelmente não vai lembrar nem qual é o próprio nome quando acordar. Tito e Larissa discutiram gravemente. Os dois estão aí no apartamento dele. Depois *cê* dá uma conferida pra ver se eles não se mataram. Ícaro te casou com Maria Luísa, depois você casou ele com Artur, foi hilário! Mas os dois já pediram o divórcio. — Ele riu. — Suze? Tá quase pedindo. Falou que assim que Max ficar suficientemente sóbrio, vai obrigá-lo a redigir nossa inicial de divórcio. E que Maria Luísa pode ficar com a aliança dela. Eu tô puto com umas coisas que descobri, mas não cheguei a esse ponto. Quero minha aliança de volta, desgraçado.

— Mano, é séria essa parada do divórcio? — perguntei, assustado.

— Só vai durar até ela dar uma sentada no meu pau — ele disse, rindo. — E a culpa é sua, de Max e de Tito. — Isso ele disse completamente puto, mano. — Com uma frase só, eu fodi vocês três. Então, vocês começaram a me atacar. Primeiro, com coisas que Susanne já sabia, mas que vocês sabiam que ela ia ficar puta se lembrasse. Depois, o desgraçado do Max soltou aquele segredo.

Quase engasguei, mano.

— Aquele?

— Aquele — ele respondeu.

— Mano de Deus... Que merda, *vêi*. *Cê* tá fodido, meu.

— Pois é. Joguei o filho da puta aqui no sofá dele. Só não dei um jeito de sufocá-lo com uma almofada porque ele já *tava* mamado quando soltou a língua. Dei um desconto. Mas arranjei uma ótima maneira de me vingar. Espero que ele se case com a cara toda manchada, pra aprender a não foder o casamento dos outros.

— Mano, Liv tá deixando *cê* aprontar com a cara da quenga, *vêi*?

— Ela e Suze estão lá na casa rosa, com Ícaro e Artur. Liv também tá meio puta comigo, porque falei uma frase que fez com que Lari ficasse puta com ela. Enfim, a porra da brincadeira rendeu boas risadas, mas só serviu para semear a discórdia entre Vettters, Thelonis e Larozzis. Você e Maria Luísa são o único casal sobrevivente, a propósito.

— Nós nem somos um casal, mano... — retruquei.

— Cara, *cê* gosta dela — ele observou.

— Não desse jeito, meu — retruquei.

— Quero ver se, depois de ver o vídeo, você vai ter coragem de negar.

— Não tem nada de mais nesse vídeo, mano — falei, embora, é claro, não estivesse certo disso.

— Pra cima de mim, Piolho? Eu amo Suze desde que era moleque. Sei muito bem como é a cara de um sujeito apaixonado. Esse tipo de coisa é como traição.

O traído é sempre o último a descobrir. O apaixonado, também. Todo mundo sabe, só ele que não. Mas, no fundo, ele sabe, sim. Só não admite. Foi assim comigo, com Tito, com Max e, agora, com você. Se fosse qualquer uma, se você não sentisse nada por ela, vocês teriam transado naquele hotel, cara.

— Como você... — comecei.

— Você vai ver no vídeo. Vai tomar um banho, come alguma coisa e vem pra cá. Vou dar uma ligada pra Tito, pra avisar e ver se tá tudo bem.

Depois de desligar, fiquei alguns minutos sentado, com o olhar fixo na estante de livros de Lari, pensando. Em nada específico.

Sabe quando *cê* fica alheio, fora do ar, vagando por outra dimensão, sem, necessariamente, pensar em alguma coisa?

Então, mano. Eu *tava* assim quando senti o cheiro dela.

Pisquei e a vi de pé na porta. Maria Luísa tinha tomado banho. Mechas do cabelo molhado desciam pelos ombros úmidos. Ela *tava* com um vestido branco de alças, e não usava nenhuma espécie de adorno, como brincos, pulseiras ou mesmo sapatos.

Seus pés descalços afundavam-se no tapete felpudo. Seus olhos, de um intenso azul-mar, me fitavam de longe.

Ela parecia um anjo, mano. Enquanto caminhava em minha direção, fazendo meu coração retumbar mais forte a cada passo, eu sabia que não adiantaria lutar. Sabia que, naquele momento, eu precisava dela.

E foi como se ela tivesse lido tudo em meus olhos, porque ela se aproximou e se sentou no meu colo, afundando os joelhos no estofado do sofá.

Não fiz nada para impedir.

Maria Luísa encostou a testa na minha, e nossas respirações se encontraram no curto espaço entre nossas bocas.

Mergulhei uma mão em sua nuca e puxei-a devagar, até que seus lábios estivessem roçando os meus.

Senti a superfície macia e provei o gosto delicado de seu lábio inferior. Ela soltou um arquejo. Voltei a puxar seu lábio devagar, curtindo o êxtase que se espalhava em doses cavaleares pelo meu corpo. Partia do lado esquerdo do peito e espalhava-se pelas minhas veias, tornando tudo quente e frio ao mesmo tempo.

A sensação de ardência cumulada à camada fria sob a pele era insuportavelmente prazerosa.

Quando nossas línguas se tocaram, eu me dei conta de que a tinha beijado na manhã anterior e, ainda assim, aquele momento no carro pareceu inaceitavelmente distante, como se tivesse acontecido milênios atrás, em outra linha temporal.

Envolvi sua cintura, colando nossos corpos, e intensifiquei os movimentos, os

quais Maria Luísa acompanhava com pequenos gemidos.

Logo, o que tinha começado com um beijo lento e suave, transformou-se em intensa pegação no sofá.

Seu corpo frágil e delicado estava debaixo do meu. Minhas mãos apertavam suas coxas por baixo do vestido, e as dela estavam por todo lugar nas minhas costas.

A cada nova pressão que meu pau fazia em sua pele sensível, ela soltava um novo som em minha boca. Meu corpo aprisionava seus ruídos, e o dela enclausurava os meus.

Ficamos um bom tempo assim, nos esfregando e escravizando nossas bocas. Eu não beijava uma mulher por tanto tempo sem estar dentro dela desde a adolescência. Estava me sentindo o *carai* de um moleque, mano. Um garoto de treze ou quatorze anos aproveitando a ausência dos pais pra dar uns amassos numa mina qualquer.

Só que eu *tava* na casa da minha prima. E Maria Luísa não era, de jeito nenhum, uma mina qualquer.

Eu tive uma namorada quando era bem moleque, mano. Foi a primeira. E eu era um virjão estupidamente apaixonado por ela. Ana Lúcia. Analu. Conheci no Conservatório. Putão e eu fazíamos aulas juntos. E foi lá que conhecemos Pecê e Marcelão.

Analu e eu terminamos porque naquela época eu comecei a deixar o cabelo crescer. Pra irritar o velho, saca?

“Você vai mesmo deixar crescer?”, ela perguntou quando eu contei. Eu disse que ia. Ela não disse nada. O pai dela, que era nosso professor de violão, chamou a gente pra sala, e o assunto morreu ali. Coincidentemente, dias depois, ela caiu fora. Disse que não *tava* mais a fim. Segundo Putão, que já tinha comido minha irmã, ela não me deu o pé por causa do cabelo, e sim porque eu não *tava* sabendo comer.

É claro que eu nunca contei praquela quenga que ainda não tinha comido Analu. Nunca contei que a gente só se pegava no sofá da casa dela, e que, com a velhota da avó de butuca no quarto ao lado, eu só podia enfiar a mão na calcinha dela quando a gente dava uns amassos na rua. Nem que levar a mina pra minha casa não rolava. Ele sempre achou que perdi a virgindade antes dele. Mas só fui perder depois de Analu, com uma mina da escola, numa festa na casa dela. Giovanna. Ela foi minha segunda namorada. Tive mais três depois dela e, desde então, eu sou só o Piolhão da Surubada, tá ligado?

Agora, vou te contar uma parada ridícula que é segredo, saca?

Uma semana depois de Analu terminar comigo, o pai dela parou de dar aulas no Conservatório. Nunca mais os vi. Talvez eu tenha passado um período meio

zoad, ouvindo “Meu Erro”, de Os Paralamas do Sucesso repetidas vezes sozinho no meu quarto (eu sei. Patético, mano. O pior é que o ritual se repetiu ao longo dos anos, e me atormentou no final de todos os meus relacionamentos).

Analú era muito linda, mano. E eu gostava dela. Ela foi a primeira mina de quem eu gostei. Mas não foi o bastante pra tirar da minha cabeça a ideia fixa de deixar o cabelo crescer. Pirraçar meu pai era mais importante que qualquer coisa. Entre uma namorada e desagradar o velho, eu sempre vou escolher desagradar o velho. Foda-se a namorada. Por isso, na época, pouco importava se Analú era o tipo de garota que namorava um moleque magrelo meio gótico e cheio de espinhas na cara em vez de dar moral pra puta mais cobiçada do país, vulgo Putão, que sempre teve aquela pinta de garoto sensação da Capricho (já falei que conheço essas paradas tipo Crepúsculo por causa das alunas, *véi*).

Mano, eu nem sempre fui esse deus que eu sou hoje, tá ligado? *Cê* acha o quê? Nasci gostoso assim? Não, mano. Nasci mortal. Foi um processo de endeusamento, saca? Fui trabalhando o *shape*, o cabelão foi crescendo, a barba também e, então, o Piolhão gostoso que *cê* conhece hoje surgiu.

Mas Putão? Foi cuspidado pelo diabo daquele jeito, *véi*. O cara não tinha uma espinha sequer na cara, meu. Na moral. Com uns dezesseis anos, enquanto eu ostentava uma barbicha ridícula do Salsicha e uma cara mais cheia de crateras que a lua, aquela quenga tinha uma pele de bunda de bebê e já exibía uma *barbona cheiona*, mano. Do tipo que qualquer garoto sem sorte como eu daria uma bola pra ter, tá ligado? Na boa, Putão fez um pacto com o capeta. Já falei isso pra ele.

Como já deu pra sacar, eu era o amigo feio daquela puta. Mas, mesmo assim, as minas caíam na minha. Eu não era bonitão, mas era engraçado, mano. As minas curtiam minhas piadas, saca?

Segundo Alemão, o que elas curtiam mesmo era “meu dinheiro”. Mas foda-se.

Cada um com suas armas. Pelo menos serviu pra eu traçar umas gostosas na minha época de *cosplay* de Quasímodo.

Todo esse retrospecto foi só pra você entender que ali, com Maria Luísa, eu senti uma parada estranha. Por um momento, eu me senti tão vulnerável que me vi na pele daquele garoto virjão raquítico e espinhento que derramou uma ou duas lágrimas no escuro ouvindo “Meu Erro” por uma garota que não valia a pena.

Antes que eu me desse conta, estava saindo de cima de Maria Luísa e me levantando, como se nada tivesse acontecido.

Deitada no sofá, ela me encarou, estarrecida.

— Que foi? Te machuquei? Mordi muito forte?

Mano, sabe aquela sensação ruim que te dá, como se o tempo não tivesse

passado? Foi como eu me senti. Um lixo.

Maria Luísa não se parecia, de jeito nenhum, com Analu. Eu não *tava* comparando as duas, mano. Foi só que... Desde Analu, eu nunca mais tinha feito aquilo.

Que *carai*, meu. Eu *tava* muito zoadado, tá ligado?

Sentei-me no sofá e soltei o ar de uma vez. Ela se levantou e acariciou meu cabelo.

— Não posso fazer isso, mano — falei.

— Isso o quê? — ela perguntou, beijando minha bochecha.

— Eu tô me sentindo um garoto de treze anos, Maria Luísa — confessei.

— Dando uns amassos em uma mulher de dezoito? — Ela riu. — Que sorte a sua.

Não consegui evitar o riso.

— Liguei pra Plínio. Ele disse que não rolou nada entre a gente ontem — contei.

— Eu sei — ela respondeu, cheia de si.

— *Cê* lembrava? E *tava* mentindo pra mim? Mano, como *cê* faz isso, meu? Eu quase morri, tá ligado? Ia sair daqui direto pra uma farmácia, pra...

— Eu não lembro, já falei! Mas minha cara tá igual. E minha... Bem, minha...

— Ela olhou pra baixo, e eu não consegui reprimir as risadas.

— Boceta? — falei, rindo.

Ela arregalou os olhos.

Tive uma crise de riso.

— Como é que você quer transar comigo se a palavra “boceta” te assusta, Maria Luísa?

— Para de rir! Não me assusta. Só... Enfim, não tem nada diferente nela. Eu examinei. E... Revistei os lençóis. E... Não tem sangue em nenhum deles.

Mano, ela ia me matar de rir. Sério, *véi*.

— *Cê* queria o quê? Um lençol pra pendurar na janela? *Cê* não é uma dama do século XIX, Maria Luísa. E, pelo amor de Deus, *véi*... Nem toda mina virgem sangra, meu. — Gargalhei.

Ela ficou mais vermelha que um pimentão, mano. Fiquei constrangido com minhas risadas e parei de rir. E, então, um silêncio cadavérico dominou a sala.

— Me explica uma parada — falei, quebrando a atmosfera silenciosa. — Como é que *cê* é tão ingênua pra umas coisas e tão liberal pra outras? Tipo, como é que *cê* não fala “boceta” ou não sabe essa parada do sangramento, mas fala “foder”, tem um *piercing* no umbigo, fuma e sabe fazer um boquete que mano de Deus...

— Eu não falo essa... Palavra... Porque... Sei lá. Nunca precisei falar, eu acho.

E... “Foder” é diferente. É... Sei lá. Acho que é ainda mais impactante, mas menos constrangedor de dizer. E... O lance do sangue... É sério que tem gente que não sangra?

Dei outra gargalhada. Era hilário, mano.

— Eu vejo muito filme de época, e gosto de ler romances históricos, e sempre tem essa coisa do sangue. E, sinceramente, eu espero sangrar. Quero dizer, estou há tempos esperando o sanguinho no lençol. Se não tiver, vai ser muito decepcionante. Muito mesmo. Nem vai ter graça. A emoção tá no sangue! É um rito. Tem que ter!

— Mano do céu, como *cê* tá iludida, *véi*. Vai por mim, meu... A emoção não tá no sangue. E *cê* já sangra uma vez por mês, mano! Pra que *cê* quer mais sangue, *carai*?

Ela deu uma risada.

— Eu ia até tirar uma foto. Pra mostrar pras minhas filhas no futuro.

Tá vendo, mano? Tá vendo como eu não posso foder essa mina? Não dá, *véi*. É um lance importante pra ela. Não posso estragar essa parada.

Preciso trepar. Preciso trepar. Preciso trepar. Preciso trepar com alguma desconhecida. Preciso me afastar de Maria Luísa.

— E, bem, sobre fumar... É recente, e eu não quero falar disso. E os cigarros e o *piercing* não têm nada a ver com o assunto, o que nos leva ao último tópico. Sobre o... O... Enfim.

Nem “boquete” a mina fala, mano.

— Eu tive um namorado. E... A gente nunca transou, porque... Bem, o pai dele é pastor, sabe? E meio que ele queria se casar virgem. Sabe aqueles anéis de pureza? Pois é... A gente usava. Na verdade, eu não sou evangélica. Nem religiosa eu sou. Mas... Eu meio que gostava dele... E... A gente meio que... Vivia fazendo coisas... Coisas tipo...

— Saquei — cortei, levantando-me abruptamente.

Que *carai* de papo era aquele, mano? E por que eu *tava* borbulhando de ódio?

Eu sei a resposta, tá ligado? Não precisa falar.

— Aonde *cê* tá indo? — ela perguntou, surpresa.

— Tomar banho. Os putos gravaram a brincadeira ontem. Vão passar o vídeo daqui a pouco na casa de Putão.

— Sério? Nossa! Já tô ansiosa pra ver como a gente conseguiu essas... — ela começou, esticando a mão com a aliança na frente do rosto.

— Você não vai — interrompi.

Ela arregalou os olhos.

— Vou, sim. E com você — respondeu, segundos depois.

— Vai pra casa, Maria Luísa — falei, e continuei andando.

Ela veio atrás.

— Não precisamos ir devagar, Lucas. Eu estou pronta.

— Você acha que está — argumentei. — Mas queria ter perdido a virgindade com seu namoradinho puritano.

Mano, eu não sei dizer o que *tava* sentindo. Raiva, ciúme, decepção? Na minha cabeça, como era virgem, ela nunca tinha namorado. O que meio que era um grande absurdo. Porque eu mesmo tinha uma namorada e era virgem. E continuei virgem quando o namoro acabou por certo tempo.

Não sei de onde tirei isso de que ela não tinha experiência alguma. Agora eu não conseguia mais parar de imaginar Maria Luísa pagando um boquete pra um sujeito sem rosto. Um garoto. E isso *tava* provocando em mim uma avalanche de sentimentos escrotos. Todos ruins pra *carai*.

Reza a lenda que para os caras pouco importa com quem eles perderam o cabaço, desde que tenham perdido de preferência no início da puberdade. Mas, sendo honesto, isso não é cem por cento verdade, mano. Isso é o que os caras querem que as minas pensem. Mas caras também têm sentimentos, tá ligado?

Eu, por exemplo, preferia ter perdido com Analu em vez de Giovanna. Mas isso não fez diferença nenhuma na minha vida nem é um caso extremo de arrependimento. É só uma preferência, saca? Na prática, daria na mesma. As duas eram bonitas, e boceta é boceta. Foda-se.

Mas, com as minas, essa coisa do "foda-se" não rola. Geralmente, tem essa parada de arrependimento arraigado. Elas costumam amargar esse tipo de coisa até o fim de seus dias. Vó Lucinda, por exemplo, perdeu com meu falecido avô Leonel. Mas, até hoje, ela brada aos quatro ventos, pra qualquer pessoa, que devia ter dado "seu tesouro" pra um tal Jacinto, por quem era apaixonada quando moça. Ela conta que ficou com medo de o pai descobrir, caso se entregasse ao sujeito. E volta e meia suspira um "ai, Jacinto...", enquanto tece umas paradas coloridas com umas agulhas que, não sei como, ainda não a cegaram, do tanto que ela balança aquilo.

Eu não ia ser meu avô Leonel. Mesmo que, obviamente, Maria Luísa e eu não fôssemos nos casar um dia, eu não queria que ela se lembrasse de mim como o professor pra quem ela não devia ter dado. Não queria que o namoradinho puritano fosse o tal Jacinto, para quem ela, infelizmente, não deu.

Mano, todo esse pensamento era infantil e ridículo pra *carai*. Eu era um cara de quase 28 anos se sentindo com a metade da própria idade. Isso *tava* me deixando puto. Tão puto, que eu ia acabar explodindo, tá ligado?

— Eu sei que tô pronta — Maria Luísa replicou. — Eu gosto de você, Lucas. E acho que você gosta pelo menos um pouquinho de mim.

— Eu não sou seu namoradinho pastor, Maria Luísa. Não tenho medo de

boceta. Não fico brincando de esfrega-esfrega. Já passei, há muito tempo, dessa fase. Eu trepo com as mulheres com as quais eu saio. Mulheres que sabem trepar, que não têm pudor algum quando imploram no meu ouvido pra eu meter fundo na boceta delas. Não curto garotinhas assustadiças com pavor de pica grossa e termos chulos.

— Uau — ela disse, depois de alguns segundos me encarando. — Que furioso! Quanto rancor! Você deve gostar mesmo de mim, pra ter ficado com tanto ciúme.

Dei uma risada sarcástica, fingindo descaso com a resposta, embora as palavras dela tivessem me enfurecido ainda mais.

— A parada é a seguinte: eu sou seu professor. Você é minha aluna. Depois desse casamento, não espero te ver fora da escola. Entendeu?

— Entendi — ela respondeu com um sorriso.

— Ótimo — falei, tentando disfarçar o quanto estava desconcertado.

— Ótimo — ela repetiu. — Quero fazer um acordo.

— Não estou interessado — garanti.

— Vou dizer assim mesmo. A gente fica juntos até o dia do casamento. Você me deixa te beijar, chupar seu... Enfim... A gente se pega, passa um tempo juntos. Se, até o dia seguinte ao casamento, não rolar nada, eu te deixo em paz o restante do ano. Juro. Vai ser como se nada tivesse acontecido. Vai ser como se eu nem existisse. Vou ficar invisível lá na sala, e vou parar de te perturbar. Mas, se rolar... — Ela abriu um sorriso enorme. — Bem, se rolar, rolou.

— Não rolaria de jeito nenhum — falei, pensando na promessa que fiz relacionada ao meu cabelo.

— Então! Ótimo! Já que você tem certeza, que mal pode haver? A gente só vai ter dado uns beijos. Nada grave, nada irreversível. Só diversão.

— Mano, *cê* tem bolas? Não tem. Então *cê* não sabe o quanto esses amassos são torturantes, meu. Hoje é quarta. Não dá pra gente ficar se pegando sem transar por quatro dias, Maria Luísa! Isso me levaria à loucura. E, no fim, meu saco estaria mais azul que a cara de um avatar, mano.

Ela deu uma risada.

— Você não vai ficar sem se aliviar. Eu te chupo.

Não sei por que, mas tive uma crise de riso, meu.

— E então, topa?

Eu sabia que topar aquilo era ideia de jerico, mano. Tipo, quatro dias? Só naquela? Sem pau na boceta? Eu queria perguntar se eu *tava* liberado pra comer outras minas, mas achei melhor não. Já que ela não levantou o tópico, a prerrogativa *tava* implícita, porque só assim pra aguentar, mano...

De outro jeito, eu ia acabar vencido pelo cansaço, tá ligado?

Tava de boa. Eu ia ter boceta e ia ter Maria Luísa. E, depois daquilo, ela ia me deixar em paz e, então, minha vida ia, graças a Deus, voltar ao normal.

— Tá, *carai*, eu topo — respondi.

O rosto de Maria Luísa se iluminou. Ela deu um gritinho animado, correu e pulou no meu colo.

A sorte estava lançada.

Como aquilo acabaria? Como estaríamos depois de quatro dias?

Eu não tinha resposta para nenhuma dessas perguntas, mas, no fundo, de uma coisa eu sabia.

Não havia um jeito de aquilo acabar bem.

Ia dar merda.

64. A verdade gera o ódio

MAX

Elas estavam percorrendo minha testa, tracejando minha pele com suas pernas articuladas. Andavam pra lá e pra cá, esboçando linhas e círculos invisíveis no meu rosto.

Formigas, porra.

Minha cara estava infestada de formigas.

No meu lugar, o primeiro pensamento de Piolho seria: “*carai*, mano! Hank Pym tá andando na minha cara, *véi!*”.

Nós sempre fomos fãs da Marvel. Quando éramos moleques, costumávamos ler quadrinhos de super-heróis na nossa S.H.I.E.L.D., localizada na casa da árvore da *Sonnenblumen*, a antiga fazenda do meu pai.

Uma coisa que intrigava Piolho sobre Hank Pym, o primeiro Homem-Formiga, era o pau reduzido do sujeito (talvez seja essa, inclusive, a razão do grande complexo de inferioridade do cientista).

Certa vez, em um dos muitos finais de tarde de domingo, nossas versões adolescentes estavam sentadas na casa da árvore, lendo HQs, enquanto o sol se punha lá fora, banhando de luz alaranjada o campo de girassóis ao redor.

— Mano, se as partículas Pym já fazem o cara encolher a ponto de ficar do tamanho de uma formiga, imagina o que esse *carai* faz com o pau dele, *véi*. Tipo, *cê* consegue imaginar? — ele perguntou, com uma HQ do Homem-Formiga pousada sobre o colo.

— Não preciso, quenga — anunciei. — Se você se levantar e abaixar as calças, vou saber exatamente como é um pinto Pym. — Dei uma gargalhada.

Ele riu também.

— Mano, *cê* tá iludido, tá ligado? Eu posso até ser judiado, mas tenho uma anaconda cuspideira entre as pernas. *Cê* tem essa carinha de boneca, mas aposto que *cê* é japonês, *véi*. É metido a alemão, mas é a versão japonesa do Ken. E, obviamente, não tô falando de *Street Fighter*. — Ele soltou uma risada.

— Depois que eu traçar sua irmã, você pergunta pra ela — respondi, virando a página da minha edição nova do Demolidor.

Mas, enquanto eu estava ali, deitado, aos 28 anos, tendo o rosto devorado por formigas, nada a respeito de partículas Pym ou de reminiscências da década de 1990 se passava pela minha cabeça.

Quando senti as incômodas formigas caminhando lenta e torturantemente na minha testa, a primeira coisa que eu pensei foi: “puta que pariu, fui enterrado vivo, porra!”.

Isso durou apenas alguns segundos. Porque, quando abri os olhos, percebi que não estava debaixo da terra, o que era um puta alívio, mas, definitivamente, a luminosidade ofuscante que me atingiu devia ser uma espécie de raio *laser*, porque queimava.

Também não descartei a hipótese de alguém ter me cegado enfiando sabres de luz nas minhas órbitas oculares.

Advogado? Confere.

Cego? Tá, caralho, não por lixo tóxico, mas confere.

Devasso? Infelizmente, nunca tracei a Elektra nem a Gata ou a Viúva Negra, mas, com certeza, confere.

Putá que pariu, eu tinha me transformado no Demolidor, porra! De Max Vetter para Matt Murdock, “o homem sem medo”.

Por causa da luz, eu tinha apertado os olhos involuntariamente e levado as mãos à testa. E esses simples atos puseram fim à minha ainda inexistente carreira de super-herói. Porque, assim que fiz isso, uma voz infantil e entusiasmada perfurou meus tímpanos.

— Tio, ele tá acordando!

Ótimo. Agora eu estava surdo.

Que porra. Como eu ia combater o crime nas ruas de *Hell's Kitchen* sem o caralho da audição?

Uma voz masculina familiar disse algo que não consegui captar muito bem, porque senti uma dor tão violenta na cabeça que, se não estivesse com as mãos nela, pensaria que meu crânio tinha sido esmagado. Por Wilson Fisk, o Rei Do Crime, claro.

Mas a resposta da criança, no pé do meu ouvido, ao contrário da voz adulta, foi perfeitamente audível:

— E se ele ficar muito bravo?

Fiz um tapa-sol com a palma da mão esticada sobre a testa e, estreitando os olhos, identifiquei o vilão-mirim: Matheus, o “noivinho”.

Quero dizer, a criança que fará o meu papel no dia do casamento.

Nem o Mercenário conseguiria, atirando lápis de cor nos meus ouvidos, causar um estrago tão grande quanto a voz estridente de um moleque de seis anos berrando a centímetros de distância.

Aliás, aquilo não era um moleque. A criatura devia ser tão inumana quanto o Raio Negro. Eu podia apostar que aquela criança também conseguia destruir prédios inteiros com um mero sussurro. Só isso explicaria a sensação de que

meus ouvidos estavam sangrando.

— Cala a boca, porra — rosnei, tapando as orelhas.

Ouvi uma gargalhada e a identifiquei como sendo de Plínio.

Tentei me levantar, mas, quando comecei a impulsionar o corpo, Sofia disse:

— Calma, tio Max! Não terminei de fazer suas xuxinhas. Nem a Duda terminou de pintar seu dedão do pé. Falta muito ainda, né, Duda?

— Tô passando *glitter* por cima! Pra combinar com os lacinhos! — Outra voz aguda, seguida de uma risadinha infantil, maltratou o que ainda restava da minha percepção auditiva.

— A gente ia fazer sua maquiagem também, tio Max, com meu estojinho da Barbie, mas o chatão já tá pintando seu rostinho. Eu falei que não ia combinar, mas...

Não esperei Sofia terminar. Levantei-me, desesperado, passando a mão na cara.

Examinei as palmas e, para a minha surpresa, não estavam manchadas de tinta.

Mas, quando virei as mãos, quase tive um infarto. Meus dedos estavam cobertos do que parecia ser esmalte. E quando digo “dedos”, estou falando, literalmente, de “dedos”. A porra toda estava borrada daquela merda rosa brilhante.

As duas meninas sentadas no tapete olhavam para mim exibindo sorrisos radiantes. Matheus fitava meu rosto com uma expressão que mesclava orgulho e uma pontada de receio.

Objetos cor-de-rosa e canetinhas coloridas estavam espalhados pela sala inteira.

Plínio gargalhava, sentado do outro lado, enquanto, a despeito da visão afetada, eu tentava entender que caralho estava acontecendo.

Qual era a última coisa de que eu me lembrava?

Uísque. Eu só conseguia me lembrar de doses e doses de uísque. E tinha a sensação ruim de que tinha feito alguma merda, mas não conseguia me lembrar, exatamente, qual nem de que tipo. Eu só esperava que...

— Cadê Olívia? — perguntei, desesperado.

— Ela e Suze estão na casa de Ícaro, boneca — ele respondeu, rindo.

Respirei aliviado. Isso significava que, fosse qual fosse a merda, não era algo tão grave.

Levei as mãos à cabeça e me dei conta de que meu cabelo estava todo fodido, cheio de tochas amarradas.

— Não, tio Max! Você vai bagunçar seu cabelinho! Ficou tão lindo! Tá igualzinho a minha Barbie! — Sofia bateu palmas.

— Shhhhhh... Fala um pouco mais baixo, por favor, meu anjo — pedi, massageando as têmporas.

— Sua cabeça tá doendo, tio Max? — ela perguntou, num sussurro.

Abri um meio-sorriso ao assentir e apoiar as costas no encosto do sofá.

— A gente vai falar baixinho, então — ela continuou sussurrando. — Eu falei pro chatão do Matheus fazer coraçõezinhos fofos nas suas bochechinhas, tio Max, pra combinar com o esmalte, mas ele fez esses burriscos feiosos. Por isso que não tá combinando nem com seu cabelinho. E a canetinha era pra ser rosa, e não vermelha. Mas o chatão do Matheus falou que rosa é de menina. Ele nem sabe desenhar. Na escola, os trabalhinhos dele são os mais feiões, né, Duda? Um dia, era pra gente desenhar bichinhos que a gente ama, e eu desenhei o Rodolfo e a Lola, porque agora eles são meus porque a tia Liv me deu eles. E sabe o que o Matheus desenhou? Uma coisa feiona. Aí, ele falou que tinha me desenhado, porque eu sou um animalzinho. Aí, eu perguntei se ele me amava.

Até então, eu estava de olhos semicerrados, tentando organizar meus pensamentos e lembranças, apesar do som da voz de Sofia e das risadas de Plínio.

Mas, quando ela disse aquilo, abri totalmente os olhos (o que me fez sentir várias agulhadas no cérebro) e me endireitei abruptamente no sofá (o que fez cada músculo do meu corpo reclamar).

Plínio engasgou com as risadas, e nós dois perguntamos ao mesmo tempo:

— Você o quê?

— Você tá muito bonitinho mesmo com meus lacinhos, tio Max. — Sofia deu uma risadinha.

— Responde, Sofia — Plínio falou com severidade.

— Eu perguntei se ele me amava, papai. Porque era pra gente desenhar animaizinhos que a gente ama, ué. E o chatão do Matheus me odeia. E eu odeio ele. Aí, eu disse que ele que era um animalzinho. Um burrão que nem sabia entender o que era pra desenhar. Aí, ele riu e falou que *tava* brincando, porque o desenho dele era uma tartaruga ninja. Mas parecia uma menina com uma mochila nas costas, né, Duda? Tinha até cabelinho amarelo.

— Não era cabelinho, sua chatona! — o moleque gritou e, quando viu minha careta, começou a sussurrar. — Já falei que era a máscara do Michelangelo!

— A máscara do Michelangelo é laranja, seu porr... Pirralho! — Plínio se corrigiu a tempo, fuzilando o moleque.

— Eu... Eu usei amarelo porque... Porque... Esqueci meu lápis laranja debaixo da... Da... Da cama. E... E... Minha... Tartaruga... Isso, minha tartaruga Donatello comeu ele.

— Você tem uma tartaruga? — perguntei, ciente de que ele tinha uma

tartaruga tanto quanto Piolho tinha uma anaconda entre as pernas.

A criança assentiu enfaticamente.

— Chamada Donatello? — investiguei, arqueando uma sobrancelha.

Ele voltou a assentir, com mais ênfase.

Mentiroso da porra.

— Viu, tio Max? Ele é burro. Deixou a tartaruga comer o lápis! *Tadinha...* Deve ter machucado a boquinha dela. Eu queria ter uma tartaruguinha. Posso ter uma tartaruga também, papai? Por favorzinho? Não vou deixar ela comer meus lápis, eu juro... Ela pode se chamar Tortuguita! Igual os chocalatinhos! Tortuguitinha... — Souf riu.

— Salvo pelo gongo — falei, quando Plínio se levantou para atender o interfone, que tinha acabado de tocar.

De pé, ele sacou o celular e, antes que eu me desse conta, tirou uma foto minha. Então, rindo, enfiou o aparelho no bolso novamente e chamou as crianças, anunciando um tal ensaio do casamento.

Quando fiquei sozinho na sala, me levantei e fui até o banheiro mais próximo.

Ao me posicionar de frente ao espelho, fiquei chocado.

Não pelos muitos lacinhos cor-de-rosa que prendiam várias mechas do meu cabelo. Era bizarro, mas Sofia já tinha brincado de me pentear, embora estivéssemos sozinhos em casa da primeira e única vez que eu tinha usado uma tiara de princesa. O esmalte era novidade, mas, em comparação à obra-de-arte exposta em meu rosto, não era nada.

Minha cara estava toda pintada de vermelho. Riscos e mais riscos. Muitas linhas e círculos.

O desgraçado do Plínio tinha deixado o moleque riscar minha cara inteira, porra! E eu achando que a coceira eram formigas... Que boceta.

Abri a torneira e comecei a lavar aquela merda. Enchi a mão de sabonete líquido e ensaboei a cara. Enxaguei tudo em seguida. Tateei à procura da toalha. Sequei o rosto. Abri os olhos.

Putá que pariu.

Continuava praticamente igual. Eu ainda parecia um sujeito fantasiado de *Hellboy*.

Saí de lá e fui direto para o quarto.

Quando entrei e vi a cama feita, quase deixei a ressaca vencer. A vontade de me jogar no colchão e dormir até o fim dos tempos era absolutamente tentadora.

Mas eu precisava de um banho. Tanto para me livrar do rosto vermelho quanto para tirar o ranço de bebida do lombo.

Debaixo do chuveiro, enquanto me esfregava até a pele arder, eu pensava na noite anterior.

Estava perfeitamente ciente de que tinha passado a madrugada no apartamento de Tito, participando daquela brincadeira infernal. Antes tivéssemos aberto um tabuleiro *ouija* no centro do círculo. As consequências teriam sido menos desastrosas.

As lembranças estavam todas fora de ordem, mas eu me lembrava de muitas coisas, como, por exemplo, que estava puto com Olívia e que queria matar Piolho.

Quase meia hora depois, quando minha pele estava praticamente em carne viva, enrolei uma toalha na cintura e fui conferir o resultado.

Desgraça!

Parecia ainda mais vermelho, e eu não sabia dizer se era só a porra da caneta ou se a vermelhidão acentuada tinha algo a ver com a insistente esfregação dos últimos trinta minutos.

Depois do banho, eu me senti ainda mais cansado. Chegara à conclusão de que a porra da canetinha que o filho da mãe usou devia ser permanente, e não fazia ideia de como tirar aquilo da cara. Nem como tirar aquelas porras dos meus dedos.

Eu só queria me deitar, caralho. Só queria paz.

Então, deixei a superfície plácida e fria da cama acariciar minha musculatura dolorida. Fechei os olhos e apaguei.

— Max? — Uma voz distante, doce e enrouquecida, me chamou.

— Hum... — murmurei, sem me mexer.

Senti mãos nas minhas costas, subindo e descendo com suavidade, massageando meus músculos.

A sensação era anestesiante e, naquele momento, eu poderia morrer sentindo aquilo.

— Levanta, cretino. — Lábios tocaram o início do meu pescoço enquanto uma mão deslizava sobre a toalha até alcançar minha bunda.

Girei o corpo e encarei o rosto de Olívia.

Primeiro, ela prendeu os lábios. Ouvi os sons iniciais do que eu sabia que se transformaria em uma gargalhada e tapei os ouvidos.

Ela riu tanto que se deixou cair na cama enquanto ria até saírem lágrimas dos olhos.

— Vai pra porra — rosnei, peguei um travesseiro e me acomodei, cobrindo a cabeça para abafar o som.

Não adiantou caralho nenhum. Ela riu ainda mais alto e, tentando puxar o

travesseiro, disse:

— Meu Deus! Agora, sim! Agora eu posso dizer que você é, literalmente, a personificação do filho do diabo! Só faltam os chifres!

— Faltam o quê, Olívia? — Sentei-me abruptamente, encarando-a.

Ela gargalhou.

— Ah, meu Deus! Eu não quis dizer isso, é óbvio! Você entendeu, Vetter!

— Sei... Não estou bom com você. Fique a senhorita sabendo. Se achou que eu ia me esquecer de tudo, lamento dizer que tomou no cu.

— E você acha que *eu* — ela ressaltou — estou boa com você, cretino?

— Você estava beijando a minha nuca há alguns segundos. E apertando minha bunda — observei, abrindo um sorriso.

— Merda. Você deveria ficar horroroso com essa cara burriscada, porra.

— Não consigo ficar horroroso nem nascendo de novo, senhorita Olívia — falei, para pirraçá-la.

Funcionou. Ela revirou os olhos e soltou:

— A casa é imensa, mas, ainda assim, é difícil acreditar que nós quatro cabemos aqui dentro. Você, seu pau, seu ego gigantesco e eu.

Dei uma risada e, levando a mão à têmpora direita para aliviar a dor aguda provocada pelo esforço, respondi:

— Somos doze. Você se esqueceu de mencionar sua bunda, seus peitos, minhas bolas, nossas filhas e seu imenso amor por mim, minha linda. — Dei uma piscada.

— Como você é filho da puta, Vetter... — Ela riu. — Acho que vamos ter que nos mudar para um lugar maior quando as meninas nascerem, a menos que façamos alguns cortes. E eu voto nas suas bolas — ela disse, levantando-se e indo até o criado-mudo.

— Eu voto... Espera, preciso pensar... Não posso abrir mão do meu ego gigantesco. De jeito nenhum. Não vivo sem isso. Também não quero abrir mão dos seus peitos ou da sua bunda. Nem fodendo. Muito menos das nossas filhas e do seu imenso amor por mim. Minhas bolas... — Fiz uma expressão pensativa. — E se a gente só cortar alguns centímetros do meu pau? Tipo, uns quinze...

Olívia deu uma risada alta e quase derramou o copo d'água que tinha enchido.

— Que ideia do caralho, meu lindo! Literalmente! Ganharemos um puta espaço extra, e ainda vou ter uma rola de vinte centímetros em casa! — Ela gargalhou.

— Eu sei, eu sou um gênio — falei, pegando o copo e os comprimidos que ela me estendeu.

— Ai, meu Deus, suas unhas! — Ela teve outra crise de riso. — Rosinha com *glitter*! Que coisa mais fofa! Souf e Duda capricharam.

— Tem nas dos pés também — falei, mostrando.

Ela riu ainda mais alto.

— Achei que “rosinha” só se fosse boceta ou cu, Vetter.

Abri um sorriso, lembrando-me daquele sábado no banheiro, quando ela pegou a escova cor-de-rosa de Sofia da minha mão e provocou:

— Que fofo, Max, não sabia que você curtia um rosinha.

— “Rosinha” só se for boceta ou cu, prima. A escova é de Sofia.

Ela deu uma risada gostosa e, meneando a cabeça, mentiu descaradamente:

— Que nojo que eu tenho de você, Max.

— Jura, senhorita Olívia? — perguntei, dando um apertão em sua bunda enquanto ela tentava se concentrar na tarefa de pentear o cabelo pós-sexo. — Engraçado... Não parecia, há uns dois minutos — acrescentei, sorrindo enquanto fitava seus olhos pelo espelho.

E, então, ela contou a piada do século:

— Não vou transar com você de novo. Foi a última vez. Que fique claro. E tira a mão da minha bunda, porra.

Imerso naquela onda de nostalgia, fitei a Olívia que agora era minha noiva, a mãe das minhas filhas. Levantei-me da cama, coloquei o copo e os comprimidos em cima do criado e a peguei de surpresa ao puxá-la pela cintura, colando nossos lábios.

Quando ela estava derretida nos meus braços, tentando tirar a toalha da minha cintura e gemendo descontroladamente em minha boca, interrompi o beijo e, sorrindo diabolicamente, voltei a pegar o copo, como se nada tivesse acontecido.

Meu pau cutucava a toalha com força, implorando para que eu voltasse e terminasse o que tinha começado, mas, naquele momento, deixá-la puta era uma necessidade vital. Então, ignorei o tesão e fiz a minha melhor cara de “foi só um beijo, gata. Não estou interessado” enquanto engolia os comprimidos e bebia a água em um gole só.

— Você está ridículo com essa cara vermelha. — Ela limpou a boca com força.

— Garanto que há quem discorde — provoquei, dando uma piscada.

Olívia me encarou como se pudesse me desintegrar naquele instante, o que só me deixou mais duro e mais propenso a interromper o teatro.

— Eu não deixaria você me foder com essa cara pintada nem amarrada. — Ela riu.

Dei uma risada sarcástica.

— Não me dê ideias, senhorita Olívia...

Ela reprimiu o riso.

— Sabe, Vetter, se eu fosse você, não teria engolido aqueles comprimidos.

Depois de ontem, vai saber o que eu te dei... — Seus ombros subiram e desceram.

Dei uma gargalhada.

— Vai rindo, cretino... — Ela usou um tom pretensamente sério. — Me avisa quando começar a sentir as palpitações no coração, tá? “Advogado renomado de apenas vinte e oito anos sofre um ataque cardíaco quatro dias antes de seu casamento, deixando a noiva grávida de gêmeas”. Gostou da manchete? Garanto que vou chorar copiosamente durante a entrevista pro jornal local. — Ela abriu um sorriso maligno.

— Você é tão criativa, linda... — pirracei.

— Eu sei, meu lindo — ela devolveu. — Agora, vamos limpar seu belo rostinho. A sua sorte é que eu sei como tirar isso aí.

No banheiro, Olívia embebeu um pedaço de algodão com o líquido de um frasco. Então, começou a passar aquela coisa meio gelada com cheiro de álcool no meu rosto. Foram necessárias várias passadas na face inteira, seguidas de sessões de aplicação de protetor solar e lavagem com sabonete, para que minha pele voltasse ao normal.

No fim, eu estava livre da caneta permanente, mas, por causa da esfregação, minhas bochechas ficaram rosadas, como se eu tivesse passado aquela porra de mulher nelas, o que, obviamente, era mil vezes pior.

— Pelo jeito, você curte mesmo um rosinha. — Ela riu, enquanto usava o mesmo frasco para molhar um novo pedaço de algodão. — Não fica puto, lindo. Tá fofo.

— Fofo de cu é rola, caralho — rosnei. — A gente vai ter que encontrar outro noivinho, porra. Porque eu vou matar aquele moleque filho da puta assim que o vir — avisei.

— Ele não tem culpa nenhuma, Max... É uma criança... — ela falou, começando a remover o esmalte dos meus dedos. — E foi incentivado por Plínio. A culpa é toda sua, a propósito. Ou você não se lembra do que fez? Aliás, eu realmente não acredito que você guardou esse segredo. Suze está muito chateada. E isso vai afetar a cerimônia. Ela não vai desculpá-lo em quatro dias, você sabe.

Porra... Então era isso. A merda que eu tinha feito. A porra do segredo.

Putá que pariu. Eu tinha contado o segredo, caralho...

— Ah, lembrou? — Olívia perguntou, notando minha expressão. — E ela foi convidada! E o mais engraçado — continuou — é que você também já comeu! Sinceramente, Max, vai ter alguma mulher no nosso casamento que você não tenha comido? — questionou, furiosa, esfregando o algodão com força nos meus dedos.

Decidi pirraçá-la um pouco mais, porque, qual é o sentido de viver se não for perigosamente?

— Claro que vai, prima. Suze.

Olívia subiu os olhos e me encarou com uma expressão assassina.

— *Caaaaaalma!* — continuei provocando. — Ainda não terminei a lista. Faltou Lili. E Larissa. E Maria Luísa. Pronto. Agora, sim. Acabei. — Prendi os lábios para não rir, mas foi em vão. Acabei rindo pra caralho.

— Quer saber, Max? Termina isso você mesmo, filho da puta. — Ela jogou o algodão no meu peito. — E agradeça por isso aqui ser acetona em vez de ácido muriático. Eu não pensaria duas vezes antes de jogar na sua cara.

Putá da vida, ela se virou e começou a andar.

— Olívia, eu *tava* brincando, porra! — falei, puxando seu braço. — Olha! Eu tô duro! — Colei nossos corpos. — Estava só te pirraçando, caralho — sussurrei em seu ouvido.

— Eu sei. Mas nós dois sabemos que você não mentiu, Max.

Soltei um suspiro derrotado.

— Você está sendo injusta. Isso foi antes, porra. E eu nunca escondi de você que era meio... Mulherengo — falei com cautela.

Ela deu uma risada alta.

— “Meio mulherengo”? Esse é, certamente, o eufemismo mais eufemístico da história! Tente totalmente imoral, ridiculamente obsceno, depravado pra caralho ou degenerado da porra. Todos sinônimos do que você realmente é. Um demônio devasso. — Ela cutucou meu peito com o indicador.

Não contive uma risada.

— Podemos desistir do casamento, se você quiser — propus.

Quando ela arregalou os olhos, entendi que eu tinha me expressado mal.

— Esses olhos arregalados me insultam, porra. Estou falando da festa, das pessoas, Olívia. Podemos nos casar sem toda essa gente. Eu te amo. Minha vida se resume a você e às gêmeas. E vai ser ótimo que algumas das mulheres que eu já comi estejam lá. Elas vão ver que eu sou inteiramente seu. Quando você aparecer, gostosa pra caralho vestida de noiva, elas vão ver nos meus olhos o quanto eu te amo, linda. Eu já fui um devasso, porra. Mas agora sou seu devasso. Seu devasso particular, senhorita Olívia — falei, colocando uma mecha de seu cabelo atrás de sua orelha.

Ela tentou esconder o sorriso enquanto dizia:

— Eu sei, cretino... Eu sei. — Inspirou e expirou profundamente. — Só... Fiquei meio puta porque... Bem, você sabe exatamente por quê. Ela é quem é. E, além disso, estou sendo solidária a Suze. Esse pequeno surto foi só um caso isolado. Sou uma pessoa madura agora.

— Sei... — ironizei. — Maduro sou eu, que até agora não mencionei certas coisas. Ou você acha que eu me esqueci justamente da parte que me interessa?

Senti o ciúme começar a aflorar.

— Max, eu já expliquei. Não tem nada a ver. E isso também foi antes — ela disse, puxando minha mão e continuando a tirar a porra do esmalte.

— O perigo mora ao lado — comentei com acidez. — De onde a gente menos espera saem os abutres. Vou me livrar de todos os meus “amigos”, começando pelo desgraçado que está tentando roubar meu lugar. Já planejei mil formas de assassiná-lo sem deixar pistas. Levei anos matutando. Acho que é hora de colocar uma delas em prática.

Ela deu uma risada.

— Ai, meu Deus... Deixa de besteira e para de me fazer rir! Até parece que você não se lembra de como eram as coisas antes daquela chuva. Até parece que ele não está completamente apaixonado por Maria Luísa. E até parece que você precisa disso, Vetter.

— Foda-se. Já me decidi. Vou enforcá-lo com o próprio cabelo. A perícia vai achar que ele se embananou na hora de fazer o coque. — Dei uma gargalhada.

Olívia também caiu na risada.

— Falta muito pra terminar de tirar essa porra? — perguntei.

— Tá quase. Odeio esmalte com *glitter*. Tem até coraçõezinhos nesse caralho. E ficam grudando no algodão. Da próxima vez, pede pra manicure passar um esmalte normal, tá, lindo? De preferência, um mais clarinho que esse rosa-choque. — Ela abriu um sorriso irônico e ergueu apenas o olhar, enquanto movimentava o algodão.

Enfiei a mão livre em sua nuca e a puxei até minha boca. Nossos lábios se devoraram enquanto nossas mãos vagavam desesperadas por nossos corpos.

Quando subi seu vestido com o intuito de tirá-lo, ela mordeu meu lábio inferior e sussurrou:

— É broxante beijar um cara usando esmalte rosa, sabia?

Enfiei a mão debaixo do vestido e toquei a superfície úmida e rendada entre suas pernas.

— Eu acho que não.

Ela riu e voltou a me beijar.

— Falta só um pouquinho — informou, afastando-se de novo, e voltando a molhar o algodão.

— Tira logo, porra — implorei, afundando o rosto em seu pescoço.

— Assim eu não consigo, caralho. — Olívia puxou meu rosto e voltou a me beijar. — Para. Para, Max. Me deixa terminar. Ainda faltam os pés! — ela disse, distanciando-se novamente.

— Que porra — praguejei, usando a mão livre para apalpar seus peitos.

Ela finalizou a tarefa em alguns minutos e, em seguida, puxou minha toalha enquanto eu tirava seu vestido.

— Meu coração tá muito acelerado... Acho que é o efeito do veneno que você me deu — brinquei.

— Vamos pra cama, lindo. Quero colocar o ouvido no seu peito pra ouvir sua última batida — ela disse, me puxando.

Olívia de fato se deitou sobre o meu tórax.

Enfiei os dedos em seu cabelo, deslizando-os até as pontas. Fui repetindo os movimentos, deleitando-me com o perfume floral que os compridos fios de seda exalavam.

— Tá demorando... Morre, diabo! — exclamou, com o ouvido pregado no meu coração, me fazendo rir. — É, acho que vou ter que te matar de outro jeito, cretino.

Dizendo isso, ela desceu a mão pelo meu abdome, acariciando minha pele até alcançar meu pau.

Então, ergueu a cabeça e me beijou enquanto manuseava meu cacete.

Seus beijos transferiram-se para o meu queixo, resvalaram para a linha da mandíbula, migraram para o pescoço e continuaram percorrendo minha pele, atravessando uma trilha com destino certo.

Ela se demorava de propósito, cobrindo meus músculos com seus lábios mornos e macios, deixando a língua se arrastar lentamente pelo meu corpo.

O ar passou entre meus dentes quando ela finalmente envolveu a cabeça do meu pau, engolindo-o daquele jeito que sempre me deixava em estágio de semimorte.

Então, ela parou de repente, posicionou-se e sentou, rebolando em seguida.

— Porra. Assim eu vou morrer rápido pra caralho.

Ela sorriu e começou a se mexer, arquejando junto comigo.

— Vamos morrer juntos, e em tempo recorde, já que somos como Romeu e Julieta.

— Isso me lembra Piolho, e Piolho me faz broxar, porra!

Ela interrompeu a foda para gargalhar.

— Que desgraça, Olívia! Eu não vou broxar pela segunda vez! A primeira já foi traumatizante pra caralho. Anda, mexe, porra.

Ela riu mais ainda. Riu sem parar.

— Porra. Que porra, Olívia! — Tirei-a de cima de mim e a coloquei de quatro.

— Agora você me paga, filha da puta.

Enterrei de uma vez, afundando os dedos em sua pele.

Ela parou de rir na hora e gemeu intensamente, rebolando com força.

Estoquei múltiplas vezes, comendo-a como se fosse a última vez da minha vida.

— Desgraçado! — ela gritou, quando comecei a distribuir tapas.

— Grita mais alto, safada! — Abaixei-me e mordi seu pescoço, apalpando seus peitos com as duas mãos, com o pau todo dentro.

— Ai, meu Deus, Max... — ela murmurou, dando reboladas vigorosas.

Sua bunda pressionava minha pélvis a cada nova metida.

Ergui o corpo e a puxei pelo cabelo. Sussurrei em seu ouvido enquanto entrava e saía, para atolar tudo de uma vez em seguida:

— Goza gostoso pra mim, linda.

Diminuí o ritmo, beijando seu pescoço e escorregando as mãos para acariciar seus peitos.

— Isso é tão gostoso... — Ela deu uma rebolada lenta.

— E assim? — perguntei, sustentando-a pelo pescoço e dando metidas mais curtas enquanto inclinava-me para acariciar seus ombros com os lábios.

Olívia gemeu deliciosamente, flexionando o braço para afundar os dedos em minha nuca.

— Ai, meu Deus... — Ela começou a rebolar mais rapidamente.

Beijei o encontro entre o ombro e o pescoço, diminuindo drástica e propositalmente a cadência das investidas.

— Vai, porra... — ela choramingou.

— Vai o quê, linda? — Estampeei um sorriso maléfico em sua pele.

— Fode essa boceta, caralho — ela disse, sem rodeios.

Puxei o ar e, colocando-a de quatro novamente, atolei sem dó. Meti e meti e meti, colando o saco em sua pele úmida.

Ela gozou forte no meu pau, pressionando-o sem parar de rebolar enquanto xingava:

— Seu filho da puta desgraçado... Cachorro gostoso...

— Cachorro gostoso? — perguntei, achando graça.

— Meu Deus, Max... — ela gemeu, aumentando o ritmo das reboladas. — Vai, lindo... Morre.

Apertei uma das bandas com uma mão enquanto observava o formato perfeito daquela bunda em movimento.

Eu podia antever a explosão do meu cérebro.

— Enche a minha boceta de porra, gostoso.

Ela rebolou descontroladamente, e foi a gota d'água.

Fechei os olhos e experimentei alguns segundos de vida após a morte.

Gozei pra caralho dentro dela. Tirei o pau e continuei gozando naquela bunda gostosa.

— Meu Deus... — Esfreguei a cabeça do pau em sua pele lambuzada. — Estou morto, porra — declarei.

— Espero que não, porque ainda tô com tesão. — Ela ergueu o corpo, e seus beijos esfomeados consumiram minha boca enquanto meu pau sujava sua barriga.

Faltou ar nos meus pulmões e oxigênio no meu cérebro quando gozamos juntos pela segunda vez, debaixo do chuveiro. Achei que estava morto, mas morri debaixo d'água.

Minutos após do banho, estávamos exaustos, quase pegando no sono, quando as vozes quebraram nossa redoma imperturbável.

Olívia se mexeu no meu peito.

— Isso é a voz de Suze?

— Eles estão discutindo — confirmei.

— Pensei que eles nunca discutiam.

— Raramente. Mas é sempre hilário. Quer ouvir?

— Claro que não, Max! Ninguém ouve esse tipo de coisa, porra.

— Vem rir um pouco. — Ergui o corpo, levando-a junto comigo.

— Max, não... Seria invasão de privacidade. Eu não gostaria que eles ouvissem nossas brigas. Você ia querer?

— Nós não brigamos na casa dos outros, porra. E, se eles não quisessem que ouvíssemos, estariam brigando na casa deles, não na nossa.

— É, você tem um ponto... — Ela abriu um meio-sorriso.

— Eu sempre tenho. Além disso, nossas brigas são adultas. As deles são engraçadas pra caralho. Eles ainda brigam como quando eram crianças. Vem ver — falei, rindo.

Depois de nos vestirmos correndo, segurei a mão dela e descemos as escadas devagar. Passamos pela primeira sala e seguimos pelo corredor, orientando-nos pelo som das vozes. Eles estavam na segunda sala.

Olívia e eu ficamos encolhidos no vão, ouvindo o espetáculo:

— Não, sério... Eu realmente achei que só meu irmão tivesse sérios problemas mentais! Mas acabo de descobrir que meu marido, futuro ex-marido, aliás, também tem! Não consigo acreditar que você transou com ela, Plínio! Você sempre soube que meu sangue nunca bateu com o dela, porque ela sempre arrastou asa pra você! E eu te falava isso! “Plínio, ela tá te comendo com os olhos!”. E você sempre dizia: “é imaginação sua, Susanne!”. Mal sabia eu, a retardada da Susanne, que você até já tinha transado com ela! Estou me sentindo a mulher mais idiota da face da Terra!

— Pelo amor de Deus, Susanne! Isso foi antes de a gente começar a namorar! Eu nunca te traí. Você sabe disso, e fala como se eu tivesse te traído! Como se eu

não tivesse descoberto ontem que você transou com o Eduardo! O Eduardo, Susanne! — Ele usou um tom indignado.

— Isso foi depois de você me dizer que eu era livre pra transar com quem eu quisesse enquanto você comia todas as suas colegas do maldito curso de Medicina!

— Você me tirou do sério, porra! Eu só estava me defendendo do seu ciúme sem sentido!

— Ciúme sem sentido uma ova! E até parece que você não tinha ciúme de todos os meus colegas, doutor!

A verdade é esta: Plínio foi estudar fora logo depois de comer minha irmã. Ele ficava semestres inteiros sem vê-la, e eles brigavam via telefone dia e noite por ciúme. Ela achava que ele estava comendo todas as gostosas da faculdade de Medicina, o que, no início, não era verdade. E ele pensava o mesmo a respeito dela com os colegas de sala, o que, obviamente, não correspondia à verdade dos fatos. No início.

Então, o que aconteceu foi o seguinte: eles tinham tanta certeza de que o outro estava aprontando que começaram a aprontar. Afinal, se Suze achava mesmo que Plínio estava comendo as colegas, por que ele não comeria? E, se ele tinha certeza de que ela estava dormindo com outros caras, por que não dormir com os filhos da puta?

Ou seja, os dois gênios estragaram a porra toda.

— É claro! Todos aqueles imbecis da sua sala queriam te comer! Aí, a gente tem uma briga e o que você faz? Desliga na minha cara e vai correndo pular justamente no colo de um deles! E logo no de quem? Do seu melhor “amigo”! Um cara que até hoje deve ser apaixonado por você!

— Ah, por favor! Você tá careca de saber que sempre foi meu melhor amigo, Plínio! Edu era só meu colega. E, pelo amor de Deus! Isso faz o quê? Quinze anos! Ele já deve ter se casado, inclusive!

— Edu... — Ele repetiu com desdém. — Engraçado... Você transa com esse cara, esconde o fato de mim, e conta pro seu irmão. Não faz sentido.

— É claro que não contei praquele idiota! O desgraçado leu meu diário!

Eu sempre lia. Quem mandava ela deixar aquela porra dando sopa?

— Não acredito que você transou com aquele cara, e que foi tão importante a ponto de você escrever naquela merda de diário. — Ele deu uma risada sarcástica.

— Eu escrevia tudo na minha merda de diário! — ela gritou.

— Quantas vezes? Quantas vezes você transou com ele, Susanne?

— Agora eu vi! Isso não é da sua conta! E você está desviando o foco. Está fazendo tempestade em copo d'água por um cara que sequer foi meu namorado,

quando o foco aqui é o fato de você ter enrabado...

— Ah, claro... Eu estou fazendo tempestade! — ele interrompeu. — Eu transei com ela uma vez só! Uma vez, Susanne. E aposto que você ficou transando com aquele idiota durante meses!

— Uma vez só... — Ela repetiu, rindo com acidez. — Você comeu o cu dela, Plínio! O cu!

Olhei para Olívia, prendendo o riso. Ela meneou a cabeça com reprovação, mas colocou a mão na boca.

Porra. Eu ia rir, caralho.

— Meu Deus, como pude ser tão cega? Aposto que ela riu de mim por todos esses anos! Devia me olhar e pensar: “olha só... Acha que tem o casamento perfeito, mas já dei o cu pro marido santinho dela”! — Minha irmã deu um berro furioso.

Putaquepariu, eu ia pro inferno, caralho. Porque queria rir até morrer.

— Sai daqui, Plínio! Eu te odeio! Não quero mais olhar nessa sua cara falsa de bom marido. Quero que você morra. Você, Max, Piolho... Todos vocês. Vocês todos e a raça masculina inteira. Quero que todo ser vivente com um pau no meio das pernas caia duro, e não do jeito que você está pensando! Tirando meu filho, claro, que, se Deus quiser, não vai puxar nem essa sua natureza devassa incubada nem a natureza devassa declarada do desgraçado do meu irmão!

Pronto, porra. Tive o caralho de uma crise de riso. Olívia tentou tapar minha boca, mas foi em vão. Segundos depois, Suze virou o rosto e nos flagrou.

— Eu esperaria isso dessa putinha curiosa, mas não de você, Liv — ela disse com frieza.

— Em minha defesa — falei, tentando controlar as risadas —, foi Olívia que insistiu. Eu disse que era melhor a gente ficar na nossa, mas, não... “Vamos ouvir, Max! Vai ser hilário! Eles estão brigando na nossa casa, temos o direito de escutar essa porra!”. — Fiz uma imitação perfeita da voz dela.

— Que mentira! Deixa de ser mentiroso, filho da puta! — Olívia me deu um soco no bíceps. — É mentira, Suze! Foi exatamente o contrário! Esse cretino...

— Eu sei, Liv — minha irmã cortou. — Conheço essa pecinha. Quem não conhece compra caro.

— E quem conhece paga mais ainda. Sou uma preciosidade, Susanne — pirraei.

— Pelo visto, você já está ótimo, Max. Já iniciou os trâmites do meu divórcio? Vai ser tudo de graça, já estou avisando. Não vou pagar os honorários exorbitantes que você cobra! Fazer tudo de graça é o mínimo que você pode fazer depois de destruir meu casamento. Não vou desembolsar um centavo! E quero uma pensão astronômica! Vou arrancar tudo desse comedor de cu.

Plínio passou as mãos no rosto e soltou o ar com força enquanto eu gargalhava.

— Max, sossega. — Olívia me cutucou e caiu na risada junto comigo.

Precisamos nos jogar no sofá para podermos rir sem cair.

— Susanne — comecei, quase dez minutos depois —, deixa de criancice.

Minha mandíbula e minha barriga doíam, porra.

— Criancice! — Ela gargalhou. — Vejam só quem está me dizendo para parar de criancice!

— Absolutamente irônico. A ironia das ironias — Olívia concordou.

— Fodam-se vocês duas. Essa merda aconteceu há anos, porra — falei, fitando Suze.

— Não adianta tentar fazer o mediador agora, Max. Enfia esse seu remorso fajuto naquele lugar. E vá fazer sua média com seu futuro ex-cunhado dedurado naquele outro lugar.

— Média de cu é rola. Não tô fazendo média porra nenhuma! Estou tentando fazer vocês dois enxergarem o quanto essa discussão é absurda. Você não é inocente, Susanne. Tem um puta telhado de vidro — acusei. — Vocês dois estão casados há dez anos e se amam desde que eram crianças. E brigam por motivos idiotas desde a infância. Todas as pessoas com as quais vocês transaram estão no passado. Foi antes de vocês serem a porra do casal vinte que vocês são. Estão brigando à toa, porra. Tá ridículo esse caralho. Vão tomar no cu, filhos da puta! Eu daria a vida pra ter conhecido Olívia com a idade que vocês se conheceram.

— Awwwwn, cretino! Que lindo, Max! — Olívia me abraçou e ficou nas pontas dos pés para beijar minha bochecha rosada.

Porra.

Suze e Plínio ficaram em silêncio.

Olívia e eu, também.

— Tem horas que você não come, Max... — ela falou de repente, insinuando uma retirada estratégica.

— Caso vocês cogitem uma espécie de reconciliação barra vingança na nossa cama, devo informar que acabei de gozar lá. Tá tudo gozado ainda — menti. — Só vesti a bermuda e descii. Então, sugiro que trepem em qualquer lugar, menos lá.

— Prefiro morrer a transar com essa criatura — Susanne resmungou, cruzando os braços.

— Tá bom... — Plínio riu.

— Tchau, casal. Vem, Max. — Olívia saiu me puxando rumo à cozinha.

Tínhamos acabado de comer quando o interfone tocou.

Coincidentemente, Ícaro e Artur e Tito e Larissa chegaram juntos.

Tito, Artur e eu fomos para a sala, deixando nossos respectivos pares na cozinha.

— E aí, puto, acertou as coisas com Larissa? — perguntei, sentando-me no sofá.

— Mais ou menos — ele respondeu. — Ela ainda tá meio chateada, porque aquela porra aconteceu justo naquele domingo. E eu ainda tô puto com a descoberta recente.

— Ela não teve culpa, Tito. — Artur defendeu a irmã. — E sofreu muito com aquela história. Você não faz ideia. Se tem uma coisa da qual ela morre de vergonha é daquilo. Eu tô me sentindo péssimo por ter soltado essa merda.

— Eu sei, cara. Não tô puto com ela, tô puto com a situação, com esse sentimento de impotência.

Artur assentiu.

— E Plínio e Suze, resolveram? — Tito perguntou.

— Espero que estejam se resolvendo lá em cima. Me lembra de perguntar qual quarto eles usaram, pra eu queimar os lençóis depois.

Ele riu.

— E o desgraçado do Piolho, cadê?

— Espero que na puta que pariu — respondi.

— Se “puta que pariu” significar em cima de Maria Luísa... — Artur comentou.

— Vocês acham que ele pegou? — Tito sondou.

— Tenho certeza de que ainda não — afirmei. — A quenga tá rasgando o cu com a unha, morrendo de medo de comer e se foder. — Dei uma risada. — Mal sabe que já tá fodido. Quanto mais demorar, mais de quatro ele vai estar quando finalmente transar com ela.

Assim que fechei a boca, o interfone tocou outra vez.

Instantes depois, Piolho entrou na sala, soltando a mão de Maria Luísa como se os dedos dela estivessem sujos de bosta ao nos ver sentados no sofá.

— Olha só... Não morre tão cedo, Romeu! — zoei. — Quero dizer, já que você se casou ontem, deve morrer logo, logo. Aproveita esse tempo, puta. Pode voltar a segurar a mão de Julieta, porra.

— Tá louco, mano? — Ele deu uma risada, disfarçando enquanto prendia o cabelo bagunçado.

O de Maria Luísa estava igual. E a boca, o queixo e as bochechas exibiam um tom avermelhado.

— Tá brincando com fogo, filho da puta... Vai acabar se queimando — alertei. — Tô falando por experiência própria. E eu vou estar sentado no trono no capeta, brandindo meu tridente e rindo até o cu rachar enquanto você tosta.

— Isso aí no seu rosto é aquela parada de *muié*, mano? Tá dando o cu agora?
— ele desconversou.

— Não sei... Isso aí no seu é, Maria Luísa? — cutuquei.

Ela arregalou os olhos e levou as mãos às bochechas.

Piolho deu uma observada, e eu li um “que *carai*, mano!” na expressão que ele fez.

Tito, Artur e eu caímos na risada.

— As meninas já estão aqui? — ela perguntou, meio sem graça.

— Na cozinha — respondi.

— Eu te levo lá, Malu — Artur ofereceu, levantando-se.

— *Cê* deixou a mina constrangida, mano — ele disse, assim que os dois saíram.

— Você tá tão fodido, quenga... — falei, rindo. — Já vejo uma camisola cobrindo esse seu rabo arrombado. E tô vendo nessa sua cara-de-macho-gozar o quanto você tá tentando evitar o inevitável. Puta, com essa relutância toda você só vai conseguir uma dor desgraçada no saco. É melhor se render sem lutar. Vai por mim.

— Não viaja, Putão. A parada é a seguinte, mano: ela é gostosa, saca? Mas não vai rolar, *vêi*. Já falei que não pego aluna, meu. Tá um pé no saco essa insistência suas, na moral.

— Corta essa, Piolhão — Tito emendou. — Todo mundo já sabe. Para com essa porra. Facilita a zoeira. Quanto mais você demorar, mais a gente vai zoar quando você entrar pro clube.

— Nem fodendo, mano. Pro governo seus, mais tarde, assim que sair daqui, eu vou dar um pulo no *Evil's*, tá ligado?

— Olha aí, Tito... O clichê da porra. Cara, comer qualquer uma não resolve. Só vai fazer você se sentir um lixo depois. Eu transei com três ao mesmo tempo depois de já ter transado com Olívia, e vou me arrepender disso até o fim da vida. Não faz merda, caralho. Segue o conselho da sua puta favorita.

— Mano de Deus... Sai desse corpo, que não te pertence, meu! — Ele balançou minha cabeça. — *Queta, vêi*... Ninguém se arrepende de foder três gatas de uma vez, mano... — Piolho deu uma risada.

— E aí, putada! — Plínio apareceu, rindo para as paredes.

— Afogou o ganso e amansou a fera, Plinião? — Tito perguntou, rindo.

— E aí ela disse que não significou nada e que ainda vai pedir o divórcio. — Ele imitou o meme, e nós quatro gargalhamos. — E Julieta, Romeu? — alfinetou, dirigindo-se a Piolho.

— *Vê* se tá montada no meu pau — a quenga respondeu.

— Deixa eu ver — meu cunhado provocou, fingindo analisar. — Espera.

Primeiro, tenho que achar seu pau. Puto, *cê* tem uma lupa?

— Deixa eu procurar a graça no seu cu, mano — Piolho devolveu. — Espera. É largo e fundo pra *carai*. Não consegui achar, saca?

Tito e eu rimos.

— Tá aí com essas zoeiras de merda porque acabou de trepar, tá ligado? Enquanto tem gente que não trepa há quase o *carai* de uma semana, meu! — ele explodiu.

— Puta merda! — Gargalhei. — Putos, não passa desta noite — anunciei.

— Mano, a parada é a seguinte: eu não vou trepar com ela, *carai*! A gente fez um acordo. Vou ficar com Maria Luísa até o dia do seu casamento, Putão. Tipo, só dar uns pegas, saca? Depois disso, ela me deixa em paz pra sempre, mano.

Plínio, Tito e eu nos entreolhamos por alguns segundos antes de morrermos de rir.

— Não dá pra conversar com vocês, mano. *Cês* são tudo retardado — ele falou, por cima das nossas gargalhadas.

— Piolho, escuta o que você tá falando, porra! — gritei. — Você é macaco velho, caralho. Acostumado a enfiar esse seu pinto Pym em tudo quanto é boceta...

— Pinto Pym... — Ele riu. — *Carai*, mano... *Cê* não fala isso desde que a gente era moleque!

— Lembrei dessa porra hoje — falei, rindo. — Mas não muda o assunto, caralho. Se você me disser que realmente acha que vai conseguir ficar sem sexo por mais quatro dias enquanto se agarra com uma menina virgem, pela qual você está visivelmente apaixonado, vou começar a duvidar da sua inteligência.

— Apaixonado? Eu não tô, não, mano. Tá louco? E é claro que não vou ficar sem sexo por mais quatro dias, sua quenga! Já falei que vou catar umas minas hoje. Só topei essa parada com Maria Luísa porque ela prometeu que vai fingir que nem existe depois disso.

— Ela pode virar a Mulher Invisível, seu porra. Você vai conseguir enxergar. Vai ser capaz de enxergar uma mulher invisível estando cego para as demais mulheres perfeitamente visíveis ao seu redor — avisei.

— Mano, que papo escroto, meu... De onde *cê* tá tirando *esses trem*, *véi*? Tá lendo aquelas paradas de mulherzinha agora? Ou, falando em Mulher Invisível, *cê* tirou isso de algum filme com aquele ator que faz o Tocha Humana? Mano, as minas lá da escola piram naquele cara. Nada a ver aquele filme, *véi*... Lixo. Só salva a Jessica Alba, tá ligado?

— Tirei do cu, Piolho — respondi, rindo.

— Só pode. Porque *cê* só falou bosta, meu. Não consegui nem gravar o que *cê* disse.

— Falando em gravar — Tito provocou, rindo —, acho que tem nego precisando ver uma certa gravação...

Observei a expressão de Piolho. O filho da puta estava com um medo da porra do que ia ver no vídeo.

Pouco depois, estávamos todos sentados, cada casal dividindo um saco de pipoca, quando Plínio perguntou:

— Posso dar o *play*?

— Dá o *play*, Macaco! — Fiz alusão à TV Cruj, e todo mundo caiu na risada.

Então, com um *click*, entramos numa máquina do tempo.

65. Contra fatos não há argumentos

PIOLHO

Aquilo era simplesmente ridículo, mano. Desde quando um cara de quase trinta anos sentia aquelas coisas quando, por acidente, a mão de uma mina esbarrava na dele?

Aparentemente, desde que Maria Luísa e eu começamos a dividir um saco de pipoca e um assento no sofá da sala de Putão.

Eu nem gostava de pipoca, meu. Mas comecei a comer aquela merda quando ela afundou a mão, pescou um punhado, jogou tudo na boca e se pôs a mastigar como se fosse a melhor coisa do mundo, fazendo aqueles barulhos que eu sempre achei um pé no saco, mas que, vindos dela, tinham uma sonoridade surpreendentemente perfeita, saca?

Mano, eu sei, tá ligado? Ajuda aí, *vêi*. Não fala nada. Fica *shiu*.

Desde então, nossas peles se tocavam vez ou outra, e, quando minha mão não roçava a dela, o ato de enfiar os dedos lá dentro se tornava completamente sem sentido.

Olha isso, meu. Olha que bosta. Olha que *carai* essa porra.

Era risível o fato de que eu poderia estar trepando com ela naquele momento e, em vez disso, estava sentado ao seu lado, sentindo o cheiro de seu cabelo limpo e o calor de sua mão na minha. E aquilo, de algum modo, era capaz de me perturbar e de me apaziguar em níveis equivalentes. Era torturante, mas tão bom que eu poderia passar a noite inteira ali, fingindo gostar de pipoca.

No fundo, eu sabia o quanto aquilo era ruim. Tinha ciência de que, a cada minuto, estava me enredando um pouco mais a Maria Luísa, tornando tudo mais complicado. Mas, a cada segundo, eu me convencia de que estava tudo sob controle.

Porém, tinha o vídeo. Muito provavelmente, depois de ver aquilo, minha noção de “controle” iria para o espaço.

— Posso dar o *play*? — Plínio perguntou, assim que Ícaro voltou do banheiro.

— Dá o *play*, Macaco! — Com essa frase, Putão ordenou a abertura dos portões do inferno.

Cerca de vinte horas antes

— Já tá gravando? — Ícaro quis saber.

— Tá! — Lari respondeu, logo depois de ajustar a posição da câmera no tripé e voltar correndo para se sentar ao lado de Tito.

— Ótimo! Eu começo! Eu começo! — ele gritou, batendo palmas.

Estávamos sentados em volta da mesa de centro apinhada de garrafas. E, pelo sorriso escroto que Ícaro abriu ao me fitar enquanto balançava a garrafa de vodca, eu já sabia qual seria a primeira frase do *carai* da brincadeira.

— Eu nunca peguei um professor! — exclamou, animado.

— Que frase criativa, *véi* — ironizei, fazendo cara de bunda enquanto os putos riam.

— Você não vai beber, Malu? — ele incitou, quando percebeu que ela não fazia menção de tocar a bebida.

— Defina “pegar” — Maria Luísa pediu.

— Vamos começar sutis. Beijo e mão boba.

— Hum... Então acho que preciso beber — ela declarou.

— Eu sabia! — ele bradou, como se tivesse acabado de chegar ao final óbvio de um livro de suspense.

— Eu não disse que foi com Lucas, disse? — Maria Luísa falou.

— O quê, mano? *Cê* já ficou com outro professor, meu? — perguntei, sem conseguir disfarçar o *carai* do desespero.

Só percebi a merda que saiu da minha boca quando ouvi as gargalhadas.

Até Maria Luísa estava rindo quando disse:

— Claro que não, Lucas! Eu só estava tentando despistá-los!

— Quer dizer que você tem traçado suas alunas esse tempo todo, sua quenga?

— Putão perguntou ao meu lado.

— Mano, eu já disse que não pego alunas, meu.

— A menos que seja Maria Luísa. — Ícaro deu uma risada.

— Vão se foder, tá ligado? — resmunguei.

— Vai, Malu. Bebe logo! — ele incentivou. — Tô doido pra chegar minha vez de novo!

Não teve jeito, mano. Tentei fazer a mina tomar suco, mas, pelo modo como ela lambeu o sal, virou o *caballito* e chupou o limão em seguida, *tava* mesmo acostumada. O que eu podia fazer? Só torcer pra não fazer merda quando estivéssemos bêbados.

— Ninguém mais vai beber? — Lari perguntou, deixando os olhos vagarem pelo círculo.

— Bebe logo, Putão. *Cê* já pegou até nossa professora de Biologia do terceiro ano, sua puta! Imagino o que *cê* não fez com as doutoras da faculdade, tá ligado?

Olívia passou um rabo de olho nele, mano, que me fez repensar meu medo do Chucky. Na moral.

— Mano de Deus... Como era mesmo o nome dela, *vêi*?

— Caralho, Piolho... Sei lá, porra!

— Era um nome com “K”, meu... E tinha “y”, saca? K-Y, mano. — Dei uma risada. — Karyne? Kezya? Keyla?

— Kenya! — Nós dois falamos ao mesmo tempo.

— Meu sonho era pegar aquela professora, *vêi*. Nunca perdoei essa puta por ter comido minha musa. Ela tinha *mó* bundão, meu... — Gesticulei com as duas mãos. — *Cê* tá doido... E um cabelão vermelho, saca? Olhão verde, umas tetas que mano de Deus... E quando ela escrevia aquelas paradas no quadro, mano, rebolando aquela bunda de um...

Maria Luísa me interrompeu com uma tossida, o que fez com que todo mundo risse.

— Cuidado pra não apanhar mais tarde, Piolhão! — Plínio zoou.

— Sai pra lá, mano! *Cê* é louco? Nunca que *muié* vai me impedir de falar de *muié*, meu. Ainda mais de uma gostosona daquela.

— E olha que você nem teve aula prática de anatomia com ela, sua puta! — Putão deu uma gargalhada.

Olívia virou o rosto para encará-lo como se estivesse possuída pelo capiroto mais sinistro da África, mano. E eu juro por Deus, *vêi*, que foi mais assustador que a mina de “O Exorcista”, tá ligado? Nem vou falar do dia que vi esse *carai* desse filme pela primeira vez, meu. Deixa quieto.

— Que porra é essa, Max? E que espécie de professora transa com um aluno de dezessete anos, caralho?

— Eu tinha dezesseis, linda. — Ele riu.

Ela arregalou os olhos.

— Ninguém denunciou essa vagabunda? — gritou com indignação.

Os putos e eu caímos na risada.

— Ih, mano... Com dezesseis anos essa quenga já parecia *homi vêi*, tá ligado? Tinha mais cabelo na cara que o Tony Ramos no peito, saca?

— Já vi que essa brincadeira vai me deixar puta — ela resmungou, cruzando os braços.

Ele a envolveu, beijou o topo de sua cabeça e tomou um gole generoso de uísque, direto da garrafa. Ninguém mais precisou beber, então a brincadeira prosseguiu.

O próximo a dizer uma frase, seguindo o círculo em sentido anti-horário, era

Artur:

— Eu nunca comi uma aluna.

Enquanto ele balançava a garrafa de uísque com um sorriso vitorioso estampado na cara, Maria Luísa me fitava com evidente apreensão. Seus olhos azulados denunciavam uma mistura de dúvida e ansiedade, como se ela estivesse com medo da minha “resposta”.

— Anda, cara. Bebe. — Tito deu uma risada.

— Deixa eu ver se eu entendi o jogo, Titona — ironizei. — A gente bebe quando já fez a coisa, né? Então eu não preciso beber, tá ligado?

— Deixa de ser puta e confessa logo essa porra, caralho — Putão falou.

— Mano, eu não como e nunca vou comer alunas. *Cê* sabe disso, *carai*.

— Quenga, eu não comia mais de uma vez. Hoje eu como uma mulher só. Várias vezes por dia, né, linda? — ele disse, puxando Olívia e beijando-a na têmpora.

— Eu que o diga! — Ícaro exclamou. — Não posso ouvir Freddie Mercury quando eles estão trepando. Ou seja, nunca posso ouvir Freddie Mercury na vida! Quando Artur não está, a única coisa que eu faço é bater várias gloriosas enquanto eles transam, imaginando que sou Olívia. — Ele deu uma piscada pra Putão.

— Que porra, cara... — Max deu uma risada.

— Mano, seu macho tá confessando que bate umas pra macho alheio, *véi*! *Cê* não vai fazer nada, não, meu? — perguntei a Artur.

— Ele não é o único que se imagina Olívia — Artur respondeu, dando de ombros.

Todos nós rimos.

— Só lamento, queridinhos... — Liv falou, passando a mão no peito de Putão. — Esse monumento todo, essa obra-prima do diabo, tudo isso que vocês estão vendo, é só meu. E vocês nem fazem ideia do quanto ele é gostoso em certos lugares... — Ela mordeu o lábio e começou a beijá-lo.

— Olha que cretina... — Artur comentou, meneando a cabeça com indignação.

Olívia riu, interrompeu o beijo.

— Eu já te beijei, e a gente já sujou alguns lençóis, queridinha! — Ícaro exclamou. — Ou seja, estou há um tempão transando com Max por tabela, fofa!

Todo mundo gargalhou, menos Putão.

— Cara, já te falei pra não ficar me lembrando dessa porra — ele rosnou.

— Tá, gato. Foi mal. Eu só queria jogar umas verdades na cara dessa vaca egoísta!

Olívia piscou, beijou a mão e soprou para ele.

— Que porra é essa, Olívia? — Max trovejou, nos fazendo rir.

— Jesus... Como eu amo quando ele diz isso! — Ícaro soltou um suspiro.

Mais risadas.

— Olha a besteirinha, meu lindo... — Ela o beijou no pescoço, e ele sorriu.

Putão *tava* diferente pra *carai*, mano. Ele vivia fazendo aquelas caras de pau-mandado, saca? Volta e meia, abria aqueles sorrisos de camisolão.

— Mano, *cê* já viu essas caras que *cê* faz? — perguntei, rindo.

— Isso — ele indicou o próprio rosto — é felicidade, quenga.

— Olha aí, Lu... É o que acontece quando se quebra uma regra — Lari comentou.

— Putão quebrou a dele e virou putinha, meu. Eu nunca vou quebrar a minha, tá ligado?

— Nunca diga nunca, Lucas — Maria Luísa disse, acariciando uma mecha do meu cabelo.

Ah, mano... Por que eu tinha que sentir aquela parada toda vez que ela falava meu nome? Por que o som era diferente saindo dos lábios dela?

Lu-cas.

Nossos olhos se encontraram por alguns segundos, e eu tive uma dificuldade sinistra para desviar o olhar.

Quando voltei a atenção à roda, *tava* todo mundo me encarando com aqueles sorrisinhos de merda que indicavam que eles *tavam* ligados na parada. Eu me odiava por não conseguir disfarçar o quanto a mina *tava* me afetando, meu.

Aquele casamento tinha que passar logo, porque aí eu só teria que lidar com Maria Luísa na escola, onde tudo era mais fácil, por, no máximo, três meses.

Eu *tava* doido pra encher o cu de álcool, mano. Porque só isso me faria esquecer que ela *tava* bem ali, me enlouquecendo com aquele cheiro doce e me atormentando com lembranças que eu devia esquecer, pelo bem do meu cabelão, saca?

Enquanto Ícaro, Artur e as minas riam do “nunca diga nunca” de Maria Luísa, Max, Plínio, Tito e eu dialogávamos em silêncio.

As expressões das quengas questionaram: “é sério mesmo que você ainda não comeu?”.

Minha cara e meus dois dedos médios responderam: “é sério, *carai*. Agora vão tomar no cu, suas putas!”.

— Então... Ninguém vai beber? — Ícaro perguntou, me fitando.

— Não, mano — respondi.

— Ele não precisa beber, Malu? — Artur buscou confirmação.

— Não por minha causa. Mas, talvez, ele ainda precise beber.

— Mano do céu! Eu já disse que não, meu. Nunca transei com nenhuma

aluna. Vai, Lari, é a sua vez — falei, doido pra encerrar aquele *carai* de assunto.

— Espera. Max e Plínio vão beber — Tito disse, rindo.

— O quê? De novo, caralho? — Olívia perguntou, indignada.

Suze ergueu uma sobrancelha em direção ao marido.

— De onde você tirou essa porra, Tito? — Putão questionou.

— E as monitorias que vocês davam na faculdade, meus caros? Calouras contam como alunas.

— Puta que pariu... Ainda bem que não preciso beber um gole por cada uma.

— Max deu uma risada, virando a garrafa.

— Filho da puta! — Olívia bradou, socando-o. — Calouras? Que clichê, Vetter...

— Todo mundo adora um clichê, minha linda — ele disse, limpando a boca.

— Minhas monitorias lotavam. Todas as calouras queriam ter aulas extras de Direito Civil comigo. A matéria que elas mais queriam aprender era Direito das Obrigações, principalmente a parte das obrigações de dar e fazer. — Ele gargalhou.

— Max, Max... Não me tira do sério, cretino! — Ela deu outro soco no braço dele.

— Isso doeu, linda. — Ele puxou o rosto dela e deu um beijo estalado em seus lábios.

— E eu achando que você era o único devasso da família... Achei que Plínio fosse mais santo que Tito! — ela continuou.

— Aí eu seria o próprio Cristo! — Plínio deu uma risada. — Por incrível que pareça, Liv, comparado a Tito, eu sou um devasso. — Ele deu de ombros como quem diz “que coisa, não?”, e tomou um gole de suco.

Enquanto Suze o fitava, meneando negativamente a cabeça, Lari sorria, passando a mão com suavidade no cabelo do Theloni beatificado.

Pouco depois, ela anunciou sua primeira frase:

— Eu nunca paguei um boquete a um professor.

— É sério isso, mano? Tá sem graça pra *carai* essa brincadeira, véi! Cês tão tudo de perseguição, meu!

— Já se entregou, Piolhão! Pode beber, Maria Luísa! — Tito exclamou.

Ela olhou para mim, deu de ombros, e virou outro *caballito*.

— Aguardem minha vez, tá ligado? — ameacei. — Vou foder cês tudo.

— Nossa Senhora! Já quero! — Ícaro deu uma risada. — Conta pra gente como foi abocanhar a famosa anaconda cuspideira, Malu! — Ele fez o gesto universal do boquete, cutucando o interior da bochecha com a língua e movimentando a mão fechada. Em seguida, levou o braço até a altura da boca de Maria Luísa, fingindo que a mão era o *carai* de um microfone. — Queremos

detalhes exclusivos! Fala do jato. A cobra cuspiu muito? E você, é das que cospem ou das que engolem? Quais são as suas expectativas para a *performance* total da anaconda? Altíssimas, eu aposto! Ai, meu Deus! Como eu queria que esse réptil brincasse de esconde-esconde no meu cu!

— Mano, meu basilisco não vai habitar sua câmara secreta, não, tá ligado? E deixa de ser sem noção, véi! Tá parecendo a Rita Skeeter, meu!

— Ai, meu Deus! Você curte Harry Potter? — Maria Luísa, Olívia e Ícaro perguntaram ao mesmo tempo.

— Mano, aqui é *potterhead* com orgulho, tá ligado? Né, não, Suze?

— É nós, Piolhão! — Ela deu uma risada.

— Socorro! Alguém me ajuda! — Maria Luísa exclamou. — Fala sério! Você não pode ser *potterhead*! — Ela me olhou como se eu fosse um E.T., mano.

— Só porque eu sou gostosão assim, meu? Aqui é sonserina, mano. Preciso nem falar por que, né, véi? É só olhar o símbolo da Casa. Eu sou um *Lord* Voldemort versão cabeludo, saca? E o nome da minha anaconda é Nagini, tá ligado? Ela é minha relíquia principal, mano.

— Pai Celestial! Não sei lidar com esse homem! — Maria Luísa riu e continuou me encarando como se eu fosse um *alien*.

— Pelas barbas de Dumbledore! Nem eu! — Ícaro bradou, se abanando.

— Não, sério. Você não pode falar *piolhês*, ficar ridiculamente *sexy* no modo Lucas, ser professor de Português, tocar em uma banda, ter esse cabelo, esse corpo e, ainda por cima, ser *potterhead*. Pelo amor da misericórdia divina!

— E ainda tem minha anaconda cuspidreira, né, mano? — acrescentei. — E ainda sou humilde, saca? Porque conheço uma quenga que acha que é Deus, tá ligado?

— Só acha — Olívia completou. — Porque, na verdade, é um demônio.

— Também te amo, linda. — Putão a abraçou e afundou o rosto no pescoço da mina.

— *Cê* não vai beber, não, quenga? — provoquei. — Vai me dizer que nunca mamou um professor? Aposto que *cê* já deu umas mamadas *nalgum* magnata na época da faculdade, só pra não ficar de DP, tá ligado?

— Nunca precisou, quenga. Eu estudava pra caralho pra não precisar chupar pica murcha.

— Gosta só das *graúdonas*, né, safado?

— Ai, que delícia, cara! — Ele imitou Jaílson Mendes, o “Pai De Família”, e nós caímos na risada.

— Mano, *cê* já acha que é Deus. Imagino quando *cê* virar juizão, véi. Vai ser uma parada insuportável.

— Você tá louco pra eu passar naquela porra, só pra ter passe-livre na minha

Vara, né, sua puta?

— Achei que eu já tivesse, minha quenga! — falei, pousando a mão e alisando o joelho dele.

— Mais meio centímetro e *cê* pega na cabeça da minha rola, desgraçado! — ele gritou, fingindo desespero ao afastar a perna.

Depois de cessadas as gargalhadas, Tito, que estava sentado ao lado de Lari, mandou a frase seguinte:

— Eu nunca paguei por sexo.

Max e eu demos uma golada de *Jack*. Plínio tomou um gole de suco. Ícaro e Artur beberam vodca e uísque, respectivamente.

— Foi só pela experiência, cunhada! — Plínio se justificou, quando Olívia o encarou de olhos arregalados.

— Você sabia disso, Suze? — ela perguntou.

— Infelizmente, Liv. Foi na época da faculdade.

— *Cês* não sabem de nada, mano! Plinião é surubeiro, tá ligado? Semana passada, ele *tava* lá no *Puthaz*! Falou que *tava* no plantão, mas *tava* era plantando a jeba nas minas do puteiro!

— Porra, Piolho, assim *cê* me fode com a patroa! — Plínio riu.

— Patroa... — Suze repetiu, rindo e empurrando o ombro do marido.

Ele a envolveu em um abraço e beijou sua bochecha.

— Eu só queria deixar claro que eu tive que pagar porque o cara só me contou depois que era prostituto! Eu devia ter desconfiado que aquele tanquinho *maravida* esculpido com a forma do abdome de Apolo era coisa de profissional! — Ícaro exclamou, suspirando.

Artur deu uma encarada nele enquanto as minas morriam de rir.

— E eu só queria deixar claro que, no meu caso, foi só pela curiosidade. Por incrível que pareça, foi com uma mulher — meu primo acrescentou.

— Conta como foi, mano! Quando foi isso? *Cê* gozou na boceta da safada? Fala pra gente como *cê* se sentiu, *vêi*. Quando *cê* deu uma manjada na parada e viu que não daria jogo, *cê* pediu pra comer o cu dela? O que a mina achou da sua *performance*? Conta a parada toda, tá ligado?

— Olha só quem tá bancando a Rita Skeeter agora! — Ícaro riu. — Mas também quero saber detalhes! Conta, Artur!

— Foi bom pra caramba. Ela tinha um cabelão castanho-claro divo, sabe? Lindo de morrer. Comi de quatro. Enrolei o cabelo dela no pulso e imaginei que *tava* te torando, Lu. Gozei forte na bunda dela, imaginando seu rabo. — Ele gargalhou, nos levando junto para o mar de gargalhadas.

Quando as risadas diminuíram, Olívia deu um gole no suco e quase deixou o copo cair quando Putão trovejou:

— Que porra é essa, Olívia?

— Ai, que susto, cretino!

— Você já...? — Putão engasgou com as próprias palavras.

— Eu só estava com sede! Ri pra caralho e fiquei com sede! — Ela se defendeu.

Ele estreitou os olhos.

— Eu lembro que uma vez você veio com um papo sobre garotos de programa, porra.

Putão parecia prestes a botar um ovo, mano.

Olívia revirou os olhos.

— E se eu já tiver dormido com um? Você já dormiu com putas! Eu poderia, muito bem, já ter contratado alguns caras. Deixa de ser machista, cretino!

— *Girl Power! Girl Power! Girl Power!* — Ícaro entoou, e as minas começaram a aplaudir.

— Mas... Nunca contratou, né? — ele perguntou com cautela, visivelmente tenso.

— Max, olha bem pra mim, querido. Vê se eu preciso disso! Até parece que eu gastaria meu suado dinheiro com algo que eu poderia conseguir de graça. — Olívia gargalhou.

— Ô se poderia... Consegue fácil, fácil com a minha anaconda, gostosa! É só chegar e sentar, saca? — Dei uma piscada pra ela e levei um soco forte de Putão.

— Doeu essa parada, tá ligado? — falei, apertando o braço. — Eu *tava* brincando, meu!

— Eu sei. Se não estivesse, eu teria arrancado seu braço com um golpe só, filho da mãe.

— Essa eu vou descontar, mano — avisei.

— Cai pra mão. — Ele desafiou.

— Briga! Briga! Briga! — Ícaro começou a gritar enquanto as minas gargalhavam.

— Deixem de criancice! — Suze interferiu. — Vou continuar, e minha frase é ótima! Eu nunca fiquei pelada com um professor em um quarto de hotel!

Eu, que já estava com o soco preparado no ar, fiquei em choque.

Mano de Deus, Maria Luísa tinha batido a parada inteira pras minas, meu!

Os putos arregalaram os olhos em minha direção. Ela pediu desculpas com um olhar e tomou logo outro *shot* de tequila.

Mano, por que *muié* tem mania de contar as paradas tudo umas pras outras, *véi*? Que merda, meu.

— Caralho... — Putão deu uma risada.

— Chegou nesse nível e não rolou? — Tito perguntou, desconfiado.

— Puta que pariu, você já foi menos frouxo, puta! — Max caçoou.

E por que os caras gostam de zoar os amigos por tudo, mano? Principalmente se o assunto for sexo?

O pior é que nem posso apelar, tá ligado? Porque também sou zoeiro.

— Seu cu é que já foi menos frouxo, Putão. Antes de minha anaconda arregaçar seu rabo e cuspir um galão de leite dentro dele. Vá se foder, tá ligado?

— Ficou putinho, meu gostoso? Vem cá, meu lindo. — Ele fingiu que ia pegar no meu pau, e eu agarrei a mão dele, fingindo que ia, de fato, usá-la pra esfregar no meu cacete.

Então, travamos uma guerra, e logo estávamos distribuindo socos um no outro.

— Briga! Briga! Briga! — Ícaro recomeçou a gritar.

— Meu Deus... Que crianças... — Suze comentou, rindo.

— Vocês vão derrubar as garrafas! — Olívia alertou.

— Nossa Senhora... Que tesão! Isso tá parecendo uma batalha de *Naked Kombat*! Duelo de deuses! Tirem logo essas calças! Quem perder vai dar o cu pro vencedor! — Ouvi Ícaro gritar.

Isso fez com que Max e eu parássemos de brincar de luta para termos uma crise de riso.

Quando os ânimos se acalmaram, Plinião prosseguiu:

— Tá na hora de dar uma inflamada nas coisas, putos. — Ele deu uma risada.
— Eu nunca quis pegar nem nunca peguei Olívia.

Mano, sabe quando, nos desenhos animados, uma nuvem de tempestade aparece do nada? Foi como se uma parada desses tivesse acontecido. De repente, eu podia até ouvir o barulho dos trovões sobre as nossas cabeças.

Os putos ficaram imóveis, *véi*. Todo mundo ficou em silêncio, se olhando com cara de cu, tá ligado?

Os músculos do maxilar de Putão deram uma tremida, e eu me perguntei se não seria melhor eu me fazer de tolo e não beber, saca? Porque quem *tava* do lado da quenga possuída era eu, tá ligado? E, aí, os socos seriam de verdade, mano.

Plínio rompeu o silêncio com uma gargalhada, e Putão olhou pra ele como se pudesse desintegrá-lo com aquelas bolotas de vidro que ele tem no lugar dos olhos.

Até arrastei a bunda pra me afastar um pouco do cara, mano. Quando dei por mim, *tava* colado em Maria Luísa.

— Não só peguei, como fui o primeiríssimo! — Ícaro se gabou, virando a garrafa de vodca.

As bolotas de Putão fixaram-se na bebida com tanta intensidade, que eu não

ficaria surpreso se a garrafa comesse a pegar fogo, mano.

— Alguém mais vai beber? — Plínio perguntou, encarando Tito.

Titona desviou o olhar, *véi!* Que treta era aquela?

— Bebe logo essa desgraça, Tito — Max rosnou.

Então, ele pegou a garrafa e tomou vários goles seguidos.

Larissa olhou, boquiaberta, do namorado para Liv.

— Mano de Deus, *cê* já fodeu a mina de Putão, *véi?* *Carai*, mano! Puta merda, meu! Por que ninguém me conta essas paradas? *Cê* comeu mesmo a mina dele? — repeti, atônito.

Mano do céu, Tito, o santo, tinha me passado a rasteira! Que *carai*, meu!

— Você também tem que beber, Piolhão! — Plínio riu. — Nem adianta fugir da raia!

Maria Luísa olhou, boquiaberta, de mim para Liv.

E foi aí que a treta realmente começou, mano. As minas ficaram se encarando como se fossem se engalfinhar, tá ligado? E não ia ser uma má ideia, meu. Na verdade, minha anaconda até deu uma despertada quando percebeu que havia a possibilidade.

— Vocês dois já...? — Larissa perguntou, chocada.

— Bicha, a senhora é *dextruidora* mesmo, hein, *viado?* — Ícaro interrompeu. — Já transou comigo, com Titinho, com Piolhão e laçou o Devasso? Tô pretérita, mulher! Que lacre! Se não for pra nascer Olívia Dutra na próxima vida, me deixa no saco do meu pai, Deus!

Eu queria rir, mano, mas Maria Luísa *tava* me encarando como se eu tivesse que dar satisfações a ela, saca? Decidi que não ia desmentir aquele *carai*.

Eu nunca tinha pegado Olívia, mas, quando não sabia que a parada entre ela e Putão era séria, já quis. Então, foda-se. Peguei a garrafa e bebi mais uísque que o necessário.

— Eu não acredito que você já transou com o meu namorado e nunca me falou nada, Olívia! — Lari exclamou, indignada. — E você, Tito? Por que nunca me contou essa merda?

— E eu te contei tudo sobre a minha história com Lucas e você nem pensou em mencionar que já tinha transado com ele? — Maria Luísa perguntou. — Como é que você transa com a noiva do seu melhor amigo, Lucas? — Ela se virou para mim, visivelmente decepcionada.

— Não teve nada disso! — Olívia começou a se explicar.

— A gente não transou, Larissa — Tito falou.

— Eu sabia, *véi!* Se eu não peguei, é claro que Titona também não! — bradei.

— Piolho... — Putão fez uma pausa, respirando fundo.

Eu sabia que ele *tava* soltando fogo pelas ventas, cogitando me dar uns

murros.

— Já entendi, mano. Foi mal — falei, aproximando-me ainda mais de Maria Luísa.

— Ah, então vocês dois não... — ela começou, enfiando a mão no meu braço, entrelaçando o dela no meu.

Carai, mano... Acabei me entregando. E, ainda por cima, acabei me enfiando nessa posição perigosa.

Eu queria puxar o braço, saca? Mas quem disse que eu conseguia? Então fiquei ali, correndo o risco de ser zoadado, porque a zoeira valeria a pena.

Era bom pra *carai* sentir o braço dela enrolado no meu, o calor de sua pele impregnado na minha.

— Não! Pelo amor de Deus! É claro que eu não transei com nenhum dos dois! — Olívia gritou. — Piolho e eu? — Ela deu uma risada debochada.

— Não fode, mano. Fiquei ofendido, meu. As minas piram no *shape* do Piolhão, tá ligado? Não sei por que *cê* nunca quis dar uma escorregada aqui nos meus gomos. Quero dizer, olha isso, mano... — Flexionei os braços e observei meu tórax.

— Realmente... — Maria Luísa disse, mordendo o lábio e passando a mão em mim.

— Mano, não faz isso, tá ligado? — falei, pegando a mão dela e lutando para não escorregá-la até minha anaconda perfeitamente acordada.

— Não leva pro lado pessoal, meu... Eu já *tava* gamada no Devasso, saca? — Olívia me imitou.

— *Cê* para de me imitar, *vêi*... — reclamei, rindo.

— Que porra é essa de “não leva pro lado pessoal”, Olívia? Você transaria com Piolho? — Putão perguntou, arqueando uma sobrancelha.

— Quenga, aceita que eu sou concorrência, mano. — Gargalhei.

— Max, eu não transei com ele e ponto final. Fim da história. Vamos mudar de assunto.

— Mas teria transado com Tito se eu não tivesse chegado a tempo, né, minha linda? — ele farpeou, com os olhos chispando.

— O quê? Isso aconteceu recentemente? Não foi na época da faculdade? Quando aconteceu essa porra, Tito? Aliás, o que, exatamente, aconteceu? — Larissa perguntou, puta da vida.

— E nada daquilo teria acontecido se você não tivesse deixado aquela piranha chupar seu pau, né, meu lindo? — Olívia devolveu, fulminando-o.

— Gente, alguém faz pipoca? — Ícaro pediu, sendo instantaneamente fuzilado por vários pares de olhos. — Tá. Vou ficar só na vodca mesmo. — Ele ergueu as mãos em sinal de rendição e deu umas boas goladas na garrafa.

— Eu explico, Larissa. — Olívia disse. — Aconteceu no dia da piscina. Naquele domingo em que...

— Espera. No domingo em que a gente se conheceu, Tito? — ela perguntou, olhando pra ele.

Mano de Deus... Eu nem gostava de pipoca, tá ligado? Mas Ícaro *tava* certo. Definitivamente, o espetáculo pedia um balde.

— Vocês dois ficaram no mesmo dia em que a gente transou pela primeira vez? É isso? — ela indagou, ainda mais exaltada.

Carai, mano...

Sabe quando *cê* se sente um intruso numa conversa, e tudo o que *cê* quer é um buraco pra enfiar a cara?

Então, isso não aconteceu comigo, *vêi*.

Eu *tava* curtindo pra *carai* aquela porra, tá ligado? Mano, ninguém me contava as paradas, meu!

— Lari, foi uma coisa à toa. Não teve nada de mais. E só aconteceu porque Tito estava lá em casa... Quero dizer, na casa rosa, quando eu vi, pela janela do meu quarto...

— Vocês dois estavam no seu quarto? — Larissa perguntou, já beirando à histeria.

— Não! Tito estava lá embaixo, e eu subi pra pegar minha placa do trote... A gente estava só conversando sobre a faculdade. Aí, eu vi a piranha da Drica chupando esse filho da puta. — Ela deu um soco no braço de Max. — E, então, eu desci chorando e...

— Aí, eu fui abraçá-la e... — Tito continuou. — E a gente meio que...

— “Meio que” meu ovo! — Putão vociferou. — E aí, eu peguei esse desgraçado com Olívia no colo, prestes a desamarrar o biquíni dela! Eu devia ter te dado uns murros, Tito.

— É, mas, até então, eu não sabia que você estava apaixonado por ela, puto. E, se não fosse eu dizendo o óbvio na cara de vocês...

— E, então — Lari interrompeu —, depois de não conseguir o que queria com Olívia, você foi atrás de mim. — Ela meneou a cabeça, desapontada. — Só me respondam uma coisa. Vocês já gostaram um do outro?

Tito ficou em silêncio. Olívia, também.

— Lari... — ele começou, mas a cara culpada dizia tudo.

Mano, eu *tava* dormindo enquanto essas paradas aconteciam? Que merda, meu... Eu devia estar *surubando* enquanto esses putos brincavam de viver perigosamente, tá ligado?

Ela se levantou com a garrafa de tequila na mão e, antes que pudéssemos entender o que estava acontecendo, calçou os chinelos e caminhou em direção à

porta.

Titona foi atrás dela, levando, aparentemente sem perceber, a garrafa de uísque.

— Espero que esteja satisfeito, Plínio. — Suze cutucou o marido, cuja expressão era de arrependimento completo.

— Eu achei que ela soubesse. — Ele se justificou.

— Porra... Ela nunca vai me perdoar — Olívia disse, meio chorosa.

— Ela sabe que você e Max são loucos um pelo outro, Liv. — Suze tranquilizou. — Só está chateada porque acabou de descobrir, sendo que todo mundo já sabia. Tito vai explicar melhor, e ela vai entender.

— Eu não *tava* ligado nessa parada aí, não, mano! — contestei.

— Que *bafão*... *Cê* não pegou os dois, mas ainda é minha diva lacradora, Liv! — Ícaro deu uma piscada pra ela.

Olívia abriu um meio-sorriso.

— Eu também não sabia. Por que vocês não contaram isso pra ela antes? — Artur perguntou.

— Porque foi uma coisa idiota, Artur. E eu nem me lembrava mais disso! Foi só um beijo, e não durou nem um minuto.

— Porque eu interrompi, caralho! Você teria transado com ele se eu não tivesse flagrado vocês dois, Olívia! — Putão explodiu.

— Max... — ela falou, usando um tom pretensamente calmo. — Nós já tivemos essa briga. Você deixou aquela vagabunda te chupar. Foi um boquete contra um amasso. Vá se foder!

— Tito é praticamente meu irmão, porra! Foi um boquete contra um amasso no caralho do meu irmão!

— Você perdeu a virgindade com aquela puta! Foi um amasso no seu irmão contra um boquete feito pela sua primeira foda!

— Eu tinha treze anos, caralho! Treze! E vamos mesmo falar de virgindade agora? Na frente do filho da mãe que te comeu primeiro?

— Ah, por favor! Ícaro é gay!

— Foda-se! O pau dele estava mole quando ele te comeu?

— Não mesmo! — Ícaro começou a gargalhar, mas parou quando Max o fitou, trincando os dentes. — Ai, ai... — Ele suspirou. — Não me olha assim, que eu apaixono!

— Vai tomar no cu, Ícaro!

— Olha que eu vou... — Ele riu.

— Max, deixa de ser infantil... Isso tudo é passado. Vamos mesmo brigar pelas mesmas coisas pelo resto da vida?

— Provavelmente — ele respondeu, cruzando os braços.

Ela mordeu o lábio e levou o polegar à boca enquanto conferia os bíceps e os antebraços dele. Putão a encarou e, ao notar a expressão maliciosa dela, sorriu de um jeito que não deixava dúvidas acerca do que ele queria fazer naquele exato momento.

— É sério que vocês dois estão pensando em trepar agora, mano? — perguntei. — No meio da crise, *carai*?

— Podem começar a qualquer instante! — Ícaro exclamou.

— Pelo amor de Deus, não — Suze falou. — Piolho, por favor, fala alguma merda. Não quero imaginar coisas. Principalmente porque já vi coisas que jamais deveria ter visto.

— Isso é porque *cê* nunca viu minha anaconda, mano. E não foi por falta de convite e oportunidade.

— Piolho, é sério que você vai me lembrar da época em que você tinha a ilusão de que conseguiria comer minha mulher? — Plinião encrespou.

— Mano, eu só *tava* falando a merda que Suzinha me pediu, tá ligado? — Dei uma risada.

— Lucas, você já quis comer todas as mulheres desta família? — Maria Luísa perguntou, indignada.

— Mano, *cê* já viu o naipe das deusas desta família? — questionei.

Ela puxou o braço do meu e, de repente, eu me senti vazio.

— Realmente. Elas são lindas. Mas não podia ser diferente. Você já viu o naipe dos deuses delas? — devolveu.

Os putos e as minas caíram na risada.

— Toma, distraído! Bate aqui, Maluzinha! — Ícaro levantou a mão, e ela bateu.

— *Cê* perdeu a noção do perigo, mano? — perguntei, estreitando os olhos.

— Só estou constatando fatos. Nunca que homem vai me impedir de falar de outros homens. Ainda mais de gostosões como esses — ela me parafraseou.

— Que *carai* é esse, Maria Luísa? — vociferei.

— Adônis, me sequestra! — Ícaro deu um berro. — Esses bordões me matam! Jesus! Cria um também, Artur! Poderia ser alguma coisa tipo “que putaria é essa, Ícaro?”. O que você acha? — ele perguntou, dando um beijo na bochecha do meu primo.

— Acho que não tô a fim de ficar dizendo essa porra umas três vezes por minuto, Ícaro. Vou parecer um papagaio.

Gargalhadas ecoaram pelo apartamento.

Eu ainda estava putado quando a brincadeira prosseguiu.

Depois de algumas rodadas, eu já me sentia tonto, mano.

Até então, eu achava que nada pior que a primeira treta entre Tito e Larissa

poderia acontecer.

Como eu *tava* enganado, *véi*...

Quando Titona voltou, é que a casa começou a cair.

— Espero que esteja na minha vez — ele disse, bebendo um *golão* de uísque e se sentando no mesmo lugar de antes.

— *Cê* também já tá mamado, mano? *Cê* bebeu isso tudo aí? — Apontei para a garrafa de uísque quase vazia.

— Tô ótimo — ele disse, sorrindo. — Tá na minha vez?

— *Cê* menstruou na camisa, porra! — Putão riu, apontando o que pareciam ser manchas de sangue no tecido azul-claro.

Ou aquilo seria verde? Eu não sabia dizer. Podia até ser amarelo, saca?

Tito baixou o rosto e fez uma expressão alarmada ao notar a extensão das manchas vermelhas.

— Isso é bom, mano. *Cê* não tá grávido, tá ligado? — Dei uma gargalhada.

— Eu tô grávido! — Putão também gargalhou.

— *Cê* tá duplamente grávido, mano. E bêbado, *carai* — falei, rindo.

— Tô bêbado, não, porra... Eu tô, linda? — Ele a envolveu em um abraço apertado. — Fala a verdade, senhorita Olívia... — pediu, beijando a bochecha da mina.

Mano, Putão mal tinha começado a beber e já *tava* mais pra lá que prá cá. A puta era fraca pra *carai* pra bebida, saca? Eu, não, *véi*. Eu *tava* de boa, mais sóbrio que padrinho do A.A., tá ligado?

— Tá, não... — ela respondeu.

— Eu falei, caralho! — Max me mostrou os dois dedos médios.

— Onde está Larissa, Tito? — Olívia perguntou, com um tom de voz esquisito.

Ele ficou em silêncio, passando a mão na blusa incessantemente, como se a insistência pudesse fazer a mancha desaparecer.

— Tito, cadê Lari? — Artur reforçou a pergunta.

— Ela não queria... Não queria me obedecer... — Ele fez uma cara de choro. — Aí, eu tive... Não tive escolha... Tive que fazer... Ela disse que ia me deixar... Então eu tive que... — Ele começou a chorar.

— Tito? — Plínio se levantou, assustado.

— Como assim? Cadê ela? — Artur também se ergueu bruscamente, e precisou se apoiar em Ícaro para não cair.

— Agora ela não vai mais me deixar — ele disse, abrindo um sorriso bizarro, mano.

Uma parada tão sinistra quanto a louca da Bellatrix Lestrange gritando “eu matei Sirius Black!”, saca?

— Ai, meu Deus! — Olívia caiu no choro.

— Socorro! — Ícaro deu um grito histérico.

Suze arregalou os olhos e pressionou a boca com uma mão.

Putão e eu nos entreolhamos. Ele disse “que porra é essa? *Cê* tá entendendo esse caralho?” com os olhos, enquanto bebericava um pouco de uísque de sua garrafa. Eu respondi mentalmente “eu, não, meu! Que *carai* é esse, mano?”, bebendo um pouco da minha.

— O que você fez, Tito? — Plínio perguntou, ajoelhando-se e segurando-o pelos ombros.

— Ih... Relaxa, Plinião. Ela tá na minha mala. Tão pequena... — ele disse, enxugando os olhos e rindo lunaticamente. — Não se preocupem! — exclamou, erguendo o indicador e fazendo uma expressão séria. — Eu fui um bom aluno de Cirurgia. Não sou nenhum açougueiro. Ela tá quase inteira. — Ele levou o gargalo à boca e, de repente, caiu na risada, cuspidando tudo e nos deixando ainda mais assustados.

Então nos fitou e, entre risadas, disse:

— Vocês deviam... Ver... As caras de vocês! Vem ver isso, Lari!

Larissa surgiu de repente, saindo de detrás da porta e juntando-se ao namorado nas gargalhadas.

— Filho da puta! — Plínio deu um soco no braço dele, enquanto as minas respiravam aliviadas.

— Filho da puta? — Tito riu. — Eu? Filho da puta é quem fode o próprio irmão caçula e, em seguida, acredita que ele é a porra de um psicopata! Vai ter troco, desgraçado — ameaçou, virando a garrafa mais uma vez.

Mano de Deus... A *Showtime* tava perdendo o cara, *véi*! Titona, e não Michael C. Hall, devia ter feito o papel de Dexter, tá ligado? Só que sem virar lenhador no final, saca? Porque, puta merda, mano... Que final lixo foi aquele, meu?

Depois de Larissa garantir a Olívia que estava tudo bem, que ela e Tito tinham conversado e que tudo havia sido explicado, a brincadeira continuou.

Eu conhecia minha prima bem demais pra saber que ela ainda *tava* chateada, mas também sabia que, de todos nós, Lari provavelmente era a pessoa mais madura e menos propensa a remoer acontecimentos insignificantes do passado.

— E então, tá na minha vez? — Tito perguntou, assim que nós nos acomodamos novamente.

— Eu acabei de falar. Então tá na vez de Lari — disse Artur, em cujo ombro Ícaro estava escorado.

— Ótimo! — ela vibrou. — Eu nunca senti tesão por Lucas — declarou.

— Ih, mano! Todo mundo vai ter que beber, tá ligado? As minas, os putos e, principalmente, essa puta alemã, que é louca pelo *shape* do Piolhão! —

Gargalhei, passando o braço no pescoço de Putão e tentando beijar a bochecha dele.

— Sai pra lá, quenga! — Ele se desvencilhou, rindo tanto quanto eu.

Por que a gente *tava* com o riso frouxo, mano?

— Olha aí a minha oportunidade de esvaziar a garrafa! — Ícaro disse, começando a tomar goles consecutivos de vodca. — Acho que certas pessoas vão precisar esvaziar também! — cantarolou, limpando a boca.

— Também acho! — Ouvi a voz de Maria Luísa e me virei a tempo de vê-la instalando o gargalo nos lábios.

— Mano, *cê* não pode beber isso tudo, tá ligado? — Interferi, segurando a garrafa.

— Que foi, Lucas? — ela perguntou, descendo o braço. — Tá com medo do que pode acontecer se eu beber demais?

Disfarcei o desconforto com uma risada sarcástica.

— Aí é que não rolaria mesmo, Maria Luísa — falei, usando um tom sério.

— Será que não? — Ela abriu um sorriso sacana, que produziu um momentâneo abalo em meu peito. — Acho que vou pagar pra ver — acrescentou, voltando a posicionar o cilindro de vidro na boca.

— Vira! Vira! Vira! — Ícaro começou a entoar, sendo seguido pelos demais.

A garganta de Maria Luísa subia e descia com as goladas, e ela fazia pequenas interrupções para respirar e recomeçar a beber.

— Já chega. — Tomei a garrafa da mão dela quando achei que aquilo estava passando dos limites e pousei o que restava do conteúdo sobre a mesa.

— Tão careta e tão *sexy* no “modo Lucas”... — Ela mordeu o lábio e, em seguida, jogou as mãos no meu pescoço, pressionando a boca na minha bochecha.

Seus lábios chegaram tão perto dos meus que senti a sobrecarga de excitação acelerar meu ritmo cardíaco, e o impulso irresistível de beijá-la dominou cada célula do meu corpo.

Mas eu não era um moleque. Era um homem perfeitamente capaz de controlar minhas ações. Ou achava que era, porque eu queria tanto sentir o gosto de tequila da boca de Maria Luísa misturando-se ao sabor de uísque da minha que virei sorrateiramente o rosto e conectei nossos lábios por breves e disfarçados segundos antes de afastá-la.

Fitei seus olhos claros e, em silêncio, implorei que ela parasse de me torturar em público.

Devo ter feito uma expressão miseravelmente sofrida, porque Maria Luísa se limitou a assentir.

— Vai, Putão. Sua vez de virar, meu gostoso — incentivei, antes de alguém

comentar alguma coisa.

— Vou beber só porque *cê* é a quenga mais gostosa do mundo, porra — ele disse, colocando um braço sobre os meus ombros enquanto bebia vários goles de uísque. — Eu te amo, minha puta. Amo muito. — Finalizou, passando a mão no meu cabelo.

— Ainda bem que a gente tá filmando isso! — Suze deu uma risada. — Ele já começou a ficar fofo!

— Fofo de cu é rola, Susanna — ele falou, rindo. — Susanna. — Gargalhou.

— Olhem como ele fica lindo meio bobinho! — Olívia exclamou, alisando o maxilar do noivo bêbado.

— “Bobinho”? Eu não gostei disso, Lívia — ele disse, fazendo todo mundo gargalhar.

— “Lívia”? Que porra é essa, Max?

— Olívia — ele se corrigiu. — Senhorita... Lívia. — Putão caiu na risada.

— Isso não tem graça, cretino! — ela reclamou.

— Eu te amo, Olinda. — Ele a abraçou, rindo.

— “Olinda”? É sério isso, porra? — ela perguntou.

— “Olívia” misturado com “Linda” — ele respondeu, orgulhoso.

— *Awn*, que fofo, cretino... — Olívia deu um beijo na bochecha dele.

— Eu sabia que você ia gostar, Lívia.

Ela fechou a cara, e Putão gargalhou.

— Ele já tá na fase “idiota”. Daqui a pouco, começa a falar merda — Suze alertou.

— Merda? Que merda que eu vou falar, porra? Merda nenhuma — ele disse, a voz começando a engrolar.

— Que Deus nos ajude — Plínio riu. — Vai, Tito, sua vez de beber.

— Piolho não faz meu tipo — Titona respondeu.

— Mano, o Piolhão aqui faz o tipo de todo mundo, tá ligado? Olha esse *shape*, *vêi*...

— É, realmente... Retiro o que eu disse. Puta merda, tô ficando duro... — Rindo, ele virou a garrafa.

— *Cê* não vai beber, né, Lívia? — Putão perguntou, pegando uma mecha de cabelo da mina.

— Vou, Maxwell. — Ela desafiou.

— Meu nome... É Max, Olí... Lívia. Lí-via — corrigiu. — Mas você sente tesão pelo Luke, Leia?! Ele é seu irmão! — ele falou e caiu na risada, provando que a sobriedade tinha ido embora de vez.

— *Cês* batizaram esse uísque? — Olívia perguntou, enquanto todo mundo ria.

— Ele fica assim mesmo, Liv — Suze disse, controlando as risadas.

— Esse puto já quis até fingir que o próprio pau era um sabre de luz! — Tito revelou.

— Luke — Putão me cutucou —, eu sou seu pai — anunciou, imitando Darth Vader ao me encarar.

— Jarbas? Meu pai? O meu pai?! — Dei uma de Felipe Smith.

Nós dois caímos da risada, nos abraçando.

— Romero Brito? — Putão continuou, gargalhando.

— Se eu tô chamando? Katrina? — Tive uma crise de riso em cima dele.

— Acho que certas pessoas também já estão bobinhas. — Maria Luísa riu.

— Eu tô de boas, mano — falei, me afastando. — Essa puta que é fraca pra bebida, tá ligado?

— Sei... Daqui a pouco vai ficar pelado aqui, vai dar o cu e vai sair cagando — Titona parafraseou Felipe Smith, e todo mundo riu.

Mas a atmosfera descontraída só durou até Tito mandar a próxima frase, em retaliação a de Plínio:

— Eu nunca transei com gêmeas.

— Eu já. — Putão riu e tomou mais um bocado de uísque. — Eu tenho que beber pra trigêmeas?

— Bebe. Bebe essa porra toda, cretino. Quero sua cabeça explodindo amanhã — Olívia respondeu, nos fazendo rir enquanto Max bebia mais um pouco.

— Você não vai beber, né, Lucas? — Maria Luísa perguntou.

— Mano, assim *cê* me ofende, tá ligado? — falei, e ela abriu um sorriso aliviado. — É claro que eu vou, meu! — Gargalhei e bebi alguns goles enquanto ela me fitava com olhos furiosos.

— Tá esperando o que pra beber, Plínio? — Suze perguntou, puta.

Plinião fez a típica cara de camisolão com medo de dormir no sofá e bebericou o suco.

— Foram aquelas gostosonas que Putão comeu e apresentou pra gente, né, safadão? — falei.

— Cala a porra da boca, Piolho — ele rosnou.

— Mano, só Titona não comeu aquelas deusas! — Gargalhei. — Teria sido massa pra *carai* se a gente tivesse comido junto, saca? Mas essa quenga — dei um soco no braço de Max — não topa as paradas, meu!

Maria Luísa me olhou, indignada. Suze mirava Plínio como se quisesse degolá-lo. E Olívia dirigia o mesmo olhar assassino ao noivo.

— Artur e eu somos gêmeos, tá? Só queria dizer isso — Ícaro falou, abraçando meu primo e piscando pra gente.

Os putos e eu caímos na risada.

Na vez de Suze, ela afirmou:

— Eu nunca quis transar com Maria Luísa.

— Agora *cê* fica pior que Max, Lu! — Lari riu.

Essa rodada só serviu pra eu beber pra *carai* e ficar chutado, mano.

— Eu nunca dei o cu — Plinião sentenciou em seguida.

— Deixa de ser mentiroso, meu. Vive dando pra Putão! Nem sei como *cê* tá sentado, *véi*! Eu dei pra essa quenga uma vez e fiquei uma semana sem sentar, tá ligado? — zoei.

— Uma vez, Luke? Eu te como direto, porra — Putão disse, a voz começando a ficar hilariamente pastosa.

— Ai, ai... Agora a gente é que vai ficar pior que Max, Artur — Ícaro riu, virando a garrafa de vodca.

Artur deu uma risada e começou a tomar vários goles de uísque.

— Lívia, você também tem que beb... — Putão começou.

— Max, shhhhhh... — ela murmurou, fechando a boca dele com os dedos.

— Vocês dois já...? — Suze deu uma gargalhada.

— Claro que não! — Olívia disse, apertando ainda mais os lábios de Max quando ele começou a menear positivamente a cabeça. — Cala a boca, desgraçado!

Ele explodiu numa gargalhada.

— “Se eu cagar... No seu pau, Max, não me mostra! Senão... — Ele teve uma crise de riso. — Senão nunca mais eu te chupo!” — continuou, imitando a voz de Olívia, enquanto ria pra *carai*.

Todo mundo gargalhou, mano.

— “Não tira! Deixa aí! E se tiver sujo de bosta? Eu morro!” — Putão riu ainda mais.

— Não acredito que você tá contando essa merda, Max! — ela resmungou.

— “Essa merda”! — Ele deu uma gargalhada.

— Ai, meu Deus! Você passou cheque, Liv? — Ícaro perguntou, morrendo de rir.

— Que cheque? Eu nem tenho um talão! — ela respondeu inocentemente, e Putão, Ícaro, Artur, Plínio, Tito e eu rolamos no tapete de tanto rir, mano.

As minas ficaram se entreolhando, assustadas, enquanto nossas barrigas doíam.

— Meu Deus... — Maria Luísa murmurou, chocada.

— Alguém batizou essas garrafas, porra! Tô falando! — Olívia exclamou.

— Só pode — Lari concordou.

— E o suco também! — Suze concordou. — Olha Plínio!

— “Passar cheque” é cagar no pau do bofe, mulher! — Ícaro explicou quando conseguiu falar.

— Ah... Eu não caguei! Sério! Max, conta essa porra direito! — Ela deu um soco nele.

— Lívia, *cê* confeitou meu pau todo, caralho... — Ele riu.

— É mentira! Eu juro! Você me paga, cretino! Tá na minha vez de falar, filho da puta! E a minha frase é “eu nunca chamei o nome de outra pessoa na hora da gozada”! — Ela o encarou, cruzando os braços e fazendo uma expressão triunfante.

— Drica me contou que ele disse seu nome, Liv! — Larissa riu.

— *Cê* transou com ela, mano? — perguntei, estatelando os olhos.

— *Cê* é burro, porra? — ele falou, soando hilário. — Foi só um... Boquete.

— Só um boquete... — Olívia desdenhou.

— *Carai*, meu... *Cê* chamou o nome da mina na hora H? É por isso que Drica *tava* tão puta! — Gargalhei. — Essa é a definição perfeita de “amarrado pelas bolas”, mano. Chamar o nome da *muié* que te amarrou enquanto leva uma mamada de outra é o fundo do poço, tá ligado?

— Vai achando que é esse o fundo do poço, Piolhão! — Tito deu uma risada, trocando um olhar suspeito com Plínio.

— O fundo do poço mesmo é broxar com duas loiras gostosas por estar amarrado pelas bolas, e achar que está com câncer de próstata! — Plinão falou, caindo na risada.

A expressão de Putão congelou.

Dei uma gargalhada brutal, mano.

— É sério esse *carai*, meu? — perguntei, rindo. — Mano de Deus! Era isso que *cês* sabiam e não me contaram, filhos da puta? Que sacanagem, *véi*... Como *cês* não me contam que essa puta é broxa, meu? — Gargalhei.

— Broxa é seu pai! E, Luke, eu não sou seu pai. — Ele caiu na risada.

— Mano, *cê* broxou com duas gatas, *véi*? Duas gatas? É isso mesmo, *carai*? Ninguém broxa com duas loiras gostosas, tá ligado? É impossível, meu!

— Foi porque meu pau já te amava, Lívia — ele disse, beijando a bochecha de Liv.

— *Awn*... Te amo, Maxwell... — ela disse, beijando a dele.

— Parem de ser fofos! — Ícaro pediu.

— Sua minhoca ama Maria Heloísa, Luke. *Cê* vai broxar. — Ele riu.

— *Cê* tá me rogando praga, mano? Praga de pai pega, tá ligado? — Dei uma risada. — Quenga, agora eu perdi o respeito de vez. Broxa, *véi*?

— *Tadinho*... Não foi culpa dele, Piolho. Ele já *tava* com os quatro pneus arriados na minha garagem... Não teve jeito, o palhação falhou, né, lindo? Mas foi só essa vez, gente. — Olívia alisou o cabelo dele, fingindo piedade.

— Ele te contou, Liv? — Plínio, Tito e Suze perguntaram ao mesmo tempo.

Ela assentiu.

— *Cê* contou pra Susanna, porra? — Max rosnou pra Plínio.

— Ele me conta tudo! — Suze deu uma risada.

— Eu acho que não, Susanna... — Max riu, bebendo mais uns goles de uísque.

— Já tá na hora de parar de beber, né, puto? — Plínio sugeriu.

— Eu acho... — Ele estendeu o indicador no ar. — Que não, Plinião. Eu acho que tá na hora de contar um segredo pra Lívia. Porque, diferente de certas pessoas, eu conto tudo pra ela. Vem cá, Lívia...

— O que você vai falar, Max? — ela perguntou, sentindo a tensão.

Mano do céu... O bicho ia pegar, tá ligado? E ia voar merda até na minha cara, meu.

Max se curvou, colocou a mão em concha no ouvido de Olívia e falou, alto o suficiente pra todo mundo ouvir:

— Plinião já comeu a irmã de Piolho.

— Drica? — Olívia perguntou, alarmada.

— Não... Shhhhhhhh... Andressa — ele respondeu, achando que estava sussurrando. — Mas ele comeu só o cu dela. Shhhhhhhh. Não conta pra Susanna.

— Mano de Deus... *Cê* contou, véi! — falei, rindo.

— Só pra Lívia, porra! — Ele se defendeu, pressionando o indicador nos lábios.

Tive o *carai* de uma crise de riso, meu. E Putão começou a gargalhar comigo.

OLÍVIA

Piolho já estava tão ruim quanto Max.

Enquanto os dois riam pra caralho, Suze, chocada, encarava o marido.

— Isso é verdade? — ela perguntou, séria.

— Suze... — ele murmurou um pedido velado de desculpas em forma do nome dela, o que, os homens deveriam saber, é a pior merda para dizer em situações do tipo.

— Que ótimo... Vai ter briga de casal... Isso eu já vejo em casa. — Maria Luísa bufou, bebendo mais um pouco de tequila.

Ela também já estava mais pra lá que pra cá.

Lari, Ícaro, Artur, Tito e eu nos entreolhamos, sem saber como reagir à

discussão que, certamente, viria em seguida.

— Você transou com Andressa? A mesma Andressa que meu irmão já comeu? Andressa Larozzi, irmã de Piolho? A que vivia dando em cima de você? Essa Andressa?

— Você também, cretino? — indaguei, furiosa.

— Lívia, minha linda, isso foi antes da gente, porra. — Ele riu.

— Essa puta comeu minhas duas irmãs, meu. E eu tentei, tentei, mas nunca peguei Suzinha! Olha que injustiça, *véi*! Tudo por causa de quem? Plinião!

— Eu devia ter transado com você, Piolho! — Suze exclamou, possessa.

— O quê, Susanne? — Plínio arregalou os olhos.

— Mano... A gente resolve essa parada agora, tá ligado? — Piolho tentou se levantar, mas, naquele nível de embriaguez, é claro que não conseguiu.

Cambaleou e caiu sentado.

— Coisa boa! Fica quietinho aqui, tá ligado? — Malu puxou o cabelo dele.

— Ai, mano! — ele reclamou.

— Você comeu o cu dela, Plínio? O cu? — Suze deu uma risada ácida. — Quando foi isso?

— Obviamente, antes de a gente começar a namorar! — ele vociferou.

— Por que você comeu o cu dela? — minha cunhada perguntou com indignação.

— Porque ela pediu! — ele disse, como se a resposta fosse óbvia.

— *Bora ali*, Plínio, preciso te pedir uma coisa. — Ícaro deu uma piscada, e todos os bêbados gargalharam.

— Ela... Pediu? — Suze perguntou, revoltada. — E você gostou? — indagou, chorosa.

— É claro, Susanna! Era um cu! — Max gargalhou.

Todos os caras, à exceção óbvia de Plínio, caíram na risada.

— Cu é vida! — Ícaro bradou, e as gargalhadas aumentaram.

Sabe quando tudo o que você quer no mundo é um buraco para enfiar a cara? Pois é, eu queria um buraco. Mas para enfiar meu noivo dentro.

— Max, fica quietinho — pedi, tentando tapar a boca dele.

— Deixa, Liv — Suze fungou. — Deixa esse idiota falar o que quiser!

— Então eu vou falar... — Ele limpou a garganta e se endireitou. — Sabe com quem ela transou, Plinião?

— Max, sossega, caralho! — insisti, cutucando-o.

— Calma, Lívia! Vou falar no seu ouvido, minha linda. — Ele se inclinou e disse: — Edvaldo!

— Ai, que *bafooooooooo*! Tô amando essas tretas! — Ícaro bateu palmas.

— Edvaldo? — Plínio perguntou, confuso. — Que Edvaldo, Susanne?

— Eu não sei de quem ele tá falando! — ela exclamou.

— Sabe, sim, Susanna. Edvaldo... Mitsubishi. Yamaha? Nissan? — Max fez uma expressão pensativa.

Quando vi Suze engolindo em seco e Plínio estreitando os olhos, previ uma nova onda de discussão.

— Você transou com o Eduardo? — ele perguntou, chocado. — Eduardo Miyake? O filho da puta que era apaixonado por você na época da escola? Que porra, Susanne! Eu sempre odiei aquele merda!

— Decerto eu era a melhor amiga da vadia da Andressa! — Suze gritou de volta.

— Ih, mano... Não zoa minha irmã, não, *véi*. Deixo *cês* zoarem Drica, tá ligado? Dessa, não.

— Dessa é gente fina — Lari disse.

— Nada a ver com Drica — Artur engrossou o coro.

— Desculpem, meus queridos, mas eu odeio as duas! As duas! — Susanne berrou.

— Idem! — respondi, mesmo sem conhecer a tal da Andressa.

— Sei, não... Acho que vou me ferrar com essas cunhadas — Maria Luísa riu.

— Pelo menos *cê* já se dá bem com meus primos, mano — Piolho disse, sem se dar conta do que estava dizendo. — E Dessa é legal, saca? Ela se casou com um desgraçado que pulou, literalmente, a cerca, *véi*. O puto *tava* comendo a filha do vizinho, tá ligado?

Suze prendeu os lábios para não rir.

— Foi... — Artur completou, com a voz arrastada. — O marido dela estava saindo com uma menina de dezesseis anos! Dezesseis! Pelo menos, você já tinha dezoito quando começou a sair com aquele cara casado, Lari.

Muitos pares de olhos se arregalaram em direção a Larissa.

— Como é que é? — Tito perguntou.

— Muito obrigada, Artur — Larissa falou com acidez.

Quando percebeu o que tinha dito, ele entrou em desespero.

— Calma, gente! Ela não sabia que ele era casado!

— Explica essa porra direito, Larissa — Tito pediu.

Ela inspirou e expirou profundamente.

— Na época em que você achou que aquela louca estava grávida, lembra que eu disse que não queria lidar com aquela merda de novo?

— Você engravidou desse sujeito? — ele perguntou, alarmado.

— Não! Claro que não. — Ela soluçou. — Mas eu descobri que ele tinha um filho, Tito. Com a mulher dele. E... enfim. Eu juro que eu não sabia! Nem que

ele era casado nem do filho nem de nada. Pra mim, ele era só meu namorado. — Ela começou a chorar, e Artur a abraçou.

— Desculpa, Lari... Saiu sem querer. Desculpa, desculpa — pediu, balançando-a em seu peito.

Tito ficou imóvel, fitando o rosto cheio de lágrimas da namorada.

— Eu vou matar esse filho da puta — anunciou, usando um tom atipicamente frio, como se estivesse apenas constatando um fato.

— Artur e eu já demos uma surra nele, mano — Piolho disse. — Ele nem mora mais aqui. Sumiu no mundo depois da sova.

A sala ficou em silêncio, até que Suze anunciou:

— Estou indo embora.

— Embora? — Plínio perguntou, atônito.

— É, Plínio. Não estou suportando olhar na sua cara. Faça a gentileza de dormir no seu irmão.

— Não acredito no que estou ouvindo! — Ele deu um berro. — Você nunca me contou que tinha dormido com aquele cara, Susanne! Acha que está no direito de ficar puta? *Eu* estou puto!

— Faz-me rir! — Ela deu uma risada mordaz. — Não vou discutir isso aqui, Plínio — falou, levantando-se.

— Fica, Susanna, vai ter bolo! — Max riu.

— Ai, gente... Tô meio mal — Ícaro comentou, com as mãos na barriga.

Como se estivesse esperando a deixa, ele dobrou o corpo e golfou um jato amarelado na mesa de centro.

— Eu disse que ia ter bolo! — Max e Piolho caíram na risada.

— Foi mal, ruiva — Ícaro disse, limpando o canto da boca e se deixando escorar no ombro de Artur.

Depois disso, eu me dispus a limpar a bagunça. Primeiro, porque Lari, ainda chorosa, e Malu, totalmente bêbada cochichando coisas no ouvido de Piolho, não estavam em condições.

E não estou dizendo que apenas nós, mulheres, podíamos limpar aquela merda. Mas acho dispensável dizer que, naquelas circunstâncias, os homens em questão, tirando Plínio, provavelmente fariam ainda mais sujeira se ficassem encarregados de limpar o vômito de Ícaro.

Segundo, porque, usando a desculpa de precisar de ajuda, puxei Suze para a cozinha.

— Você acha que vale a pena ficar irritada com ele? — perguntei.

Ela me olhou como se estivéssemos no Monte das Oliveiras e eu tivesse acabado de beijá-la na bochecha.

— É sério? — perguntou. — Ele comeu o cu dela, Liv!

— Isso faz diferença?

É claro que fazia, mas eu estava bancando a mediadora do casal vinte da família.

— Eu vou pedir o divórcio. — Foi a resposta que ela deu.

— Suze, pelo amor de Deus! Aconteceu há anos, porra.

— Estou profundamente magoada, Liv. Você não faz ideia. Ele provavelmente faz.

— Só porque ela dava em cima dele? Tenho certeza de que qualquer mulher solteira daria em cima de Plínio, Suze. Ele é lindo. Com todo respeito.

— Eu sei. De fato, o assédio era terrível. Ainda é. Mas não é disso que estou falando. Ele nunca me contou que...

— Você também não — cortei. — Esse tal de Eduardo. Você nunca contou a ele. Está sendo injusta.

— Me deixa falar, caramba!

— Tá, desculpa.

— Plínio e eu... Nós... Bem, nós nunca... Você sabe.

Franzi o cenho, sem entender.

— Ele comeu o cu dela, Liv, e nós nunca... — Ele me olhou, como se dissesse "complete".

Arregalei os olhos, finalmente compreendendo.

— Caralho.

— Entendeu agora? — Suze limpou uma lágrima. — Ele sempre tentou, claro. Na verdade, ele ainda tenta. E eu sempre digo que não.

— Mas por quê? — perguntei, com toda a minha hipocrisia. Então consertei: — Quero dizer, Max falava disso o tempo inteiro, e eu também negava. Porque, obviamente, dói pra caralho. Aí, no dia do aniversário dele... Bem, foi também o dia em que descobrimos sobre as gêmeas, e a gente tinha feito uma aposta e... Enfim, decidi dar o cu. — Dei uma risada, e Suze me acompanhou. — Foi hilário. Sério. Eu realmente achei que fosse cagar no pau dele, porque não tinha feito a porra da chuca, mas já aprendi. É, literalmente, uma merda, mas vale a pena. A gente já fez de novo depois daquela, e eu juro que sempre dói, mas é bom, Suze. E vai ficando melhor. Pode parecer traumatizante, mas não é. Você devia, sei lá... Tentar, sabe?

— Depois do que eu descobri? Jamais. Quero que ele morra, Liv. Plínio me traiu. Foi o que ele fez. Nunca perguntei, mas presumi que ele nunca tivesse... Você sabe. Então, quando me pedia pra comer o meu, ele devia se lembrar do dia que comeu o dela. Eu me sinto tão apunhalada... Você não faz ideia do quanto!

Fiquei em silêncio, porque, no lugar dela, eu também me sentiria. E o fato de que Max tinha comido as duas irmãs de Piolho não devia me surpreender ou

me *emputece*r, mas eu estava puta com ele. Imagina se eu estivesse mesmo no lugar de Suze. Estaria muito mais possessa.

— Não vá embora — pedi. — Malu está bêbada. Lari também não está cem por cento. Se você for, vou ficar sozinha.

Na verdade, eu não me importava tanto. Só achava que as coisas ficariam piores entre ela e Plínio no dia seguinte se ela fosse para casa sem ele. Porque, aí, ela choraria a madrugada inteira e amanheceria ainda mais resoluta a alimentar o próprio ódio.

Suze acabou concordando. Pegamos baldes e flanelas na área de serviço e voltamos para a sala vomitada.

Acabei pagando a língua, porque fomos nós duas, as sóbrias do grupo, que fizemos mais lambança quando fomos limpar o vômito. Não consegui segurar a onda de enjoo que me assaltou de repente e, quando viu aquela coisa horrorosa sobre a mesa, Suze vomitou em seguida.

Foi patético e hilário. Principalmente a parte em que Plínio teve que limpar toda a sujeira. Suze adorou, e eu, solidarizando-me a ela, também.

— Vem, Livia! Vai começar! A gente é padrinhos! — Max me chamou, alto o suficiente para que o ouvíssemos da outra sala.

— Eu vou acabar dando na cara dele por causa dessa porra de “Livia” — falei.

— É tão engraçado! — Suze deu uma risada.

— É mesmo, *Susanna* — frisei, e ela fechou a cara, me fazendo gargalhar.

Quando voltamos para a sala dos bêbados, levamos um susto da porra.

Piolho estava ridículo, usando um *blazer* rosa que, obviamente, era de Larissa.

É claro que a manga daquela porra não passava nem no pulso dele, então a peça estava simplesmente jogada sobre um dos ombros, porque não cobria os dois. Ou seja, era um adendo inútil.

Malu tinha colocado um vestido branco de renda — bem bonito, por sinal —, mas sem forro, por cima do *babydoll*. Na cabeça, um lençol branco preso por uma *headband* fazia as vezes de véu.

O casal de “noivos” estava abraçado. Max, Tito e Larissa riam sem parar. Ícaro estava com um pires emborcado na cabeça, equilibrado com o auxílio de um elástico, daqueles de dinheiro, preso no topo e agarrado ao queixo. Aparentemente, a gambiarra simulava uma *kipá*.

Olhando aquilo, nós três rimos tanto que Suze e eu precisamos nos apoiar uma na outra.

— Meu Deus, isso é um casamento? — Plínio falou, ainda rindo. — Eu falei que a gente não podia deixar esses pingüços sozinhos!

Suze virou o rosto e o encarou com desdém. Fiz a mesma coisa. Primeiro, porque estava puta com ele por ter soltado a frase que me indispôs

momentaneamente com Lari. Segundo, por ele ter comido a irmã *daquelazinha*.

— Não tá mais aqui quem falou. — Ele deu de ombros.

— Vem, *carai*, o casório tá começando! — Piolho chamou.

Antes de me sentar no sofá ao lado de Max, satisfeita por ter me lembrado de mover a câmera e o tripé para a segunda sala, confirmei que a porra toda estava sendo filmada.

Suze esperou Plínio se sentar para, em seguida, ocupar a poltrona mais distante da escolhida pelo marido.

— Podemos começar a cerimônia? — Ícaro perguntou, fazendo-se de sério, ajoelhado diante de Piolho e Maria Luísa, que também estavam de joelhos sobre almofadas.

— De quem foi essa ideia, lindo? — sussurrei no ouvido de Max.

— De Luke, Lívia. Maria Heloísa pulou no colo dele. E, então, Ítalo aplaudiu, e Luke disse que ia dar um motivo de verdade pra ele aplaudir. E, aí, ele beijou Maria Heloísa. E falou que ia dar uma de Putão. E, aí, ele pediu a mão de Marina Heloísa e, então...

— Shhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh. — Ícaro pediu silêncio de forma exagerada. — Estamos agora entrando em sintonia com o Olimpo para que esse enlace seja místico.

— Espera, Ítalo — Max disse, mostrando o dedo do meio a ele. — Tô contando uma coisa pra Lívia. Minha linda pediu. — Ele alisou meu cabelo. — Eu te amo muito, Lívia.

— Também te amo muito, Maxwell — pirracei, adulando-o no rosto.

— M-A-X-V-E-T-E-R — ele soletrou.

— Faltou um “t”, lindo — observei.

— Calma, Lívia. — Ele levantou uma perna e fingiu tirar alguma coisa de debaixo da bunda. — *Tava* no meu cu — respondeu, abrindo a mão e caindo na risada.

Piolho riu tanto que o *blazer* minúsculo escorregou dos ombros.

— Me ajuda, Suze — pedi, rindo.

— Lide com o seu terceiro bebê — ela respondeu, morrendo de rir.

— Bebês... — Max alisou minha barriga e beijou minha bochecha.

O pior é que ele ficava fofo de porre, porra.

— Meu casamento, *carai*! — Piolho gritou. — Anda logo, mano! Eu preciso deflorar minha Julieta, saca? — disse, sorrindo para Malu.

Era um sorriso ébrio, claro, mas eu tinha certeza de que, ainda assim, era genuíno.

— Deflorar? — Plínio perguntou, estarrecido.

— É, mano... *Cê* não sabe o que significa essa parada? — Piolho gargalhou.

— Comer uma mina virgem, saca? — Ele colocou a mão na boca e cochichou.
— Eu sei o que significa, porra! — Plínio riu.
— Cê é virgem, Maria Heloísa? — Max perguntou, chocado.
Ela assentiu enfaticamente, e meu noivo deu uma risada.
— Luke, é por isso que cê não comeu! Igual cê fez... Ou melhor, não fez com aquela Ana Luz.
Piolho arregalou os olhos, como se perguntasse: “como cê sabe, mano?”.
— Luke, eu sou seu pai. Eu sei de tudo — Max respondeu, e os dois gargalharam.
— Vai, mano, me casa logo, meu — Piolho disse, referindo-se a Ícaro. — Dessa vez eu vou comer, putona. — Isso ele disse a Max.
— Luke, que orgulho, filhão! — Meu noivo bêbado riu de novo.
— Você vai acabar me surdando com essas gargalhadas, porra! — reclamei.
— Desculpa, Lívia. — Max beijou meu cabelo e, em seguida, endireitou-se, como se dissesse que ia ficar quieto dali em diante.
— Estamos aqui reunidos — Ícaro continuou — para celebrar o enlace matrimonial de Maria... Qual é o seu sobrenome, Malu? — ele sussurrou.
— Forcatto — ela sussurrou também.
— Mano, eu conheço essa parada aí... — Piolho também falou sussurrando.
Plínio esbugalhou os olhos. Provavelmente, reconheceu o sobrenome e se deu conta de que Maria Luísa era rica.
Ícaro deu uma tossida, limpando a garganta.
— Para celebrar o enlace matrimonial de Maria Julieta Forcatto Capuleto e Lucas Romeu Larozzi Montecchio...
— Espera, mano... A gente precisa de alianças, né, Malu?
Malu? Piolho a estava chamando de “Malu”?
— Manda a sua aí, Plinião! — ele pediu.
— Minha aliança “mais grossa que minha rola”?
— Esse *carai* mesmo, mano...
Rindo, Plínio tirou o aro dourado do dedo e o entregou a Ícaro. Sem ser solicitada, Suze fez o mesmo, entregando sua aliança em seguida.
— Maria Julieta, você aceita se casar com Lucas Romeu?
— Aceito! — ela respondeu, jogando os braços ao redor dele.
— Lucas Romeu, você aceita Maria Julieta como sua legítima esposa, na saúde e *blá-blá-blá*?
— Aceito, *carai* — ele disse, apertando a cintura dela.
— Tá tudo errado essa porra, Ítalo — Max interferiu. — Lívia, Ítalo não vai me casar. Ele não sabe. Alianças, Ítalo.
— É mesmo! Lucas Romeu, repita comigo. — Ícaro entregou a aliança de

Suze a Piolho. — Com esta aliança, eu, Lucas Romeu, te recebo, Maria Julieta, para honrá-la e respeitá-la por todos os dias da minha vida.

Piolho repetiu e, com uma salva de palmas escandalosa dos convidados, colocou a aliança no dedo de Malu.

— Agora, repita comigo, Maria Julieta. Com esta aliança, eu, Maria Julieta, te recebo, Lucas Romeu, e prometo ser fiel, amá-lo e respeitá-lo até que a morte nos separe.

Quando ela colocou a aliança no dedo dele, eu já estava chorando pra caralho. Provavelmente, por causa dos hormônios da gravidez e porque meu casamento aconteceria em poucos dias. Mas, além disso, havia, ainda, outro fator: os olhares dos noivos de mentirinha ao trocar votos de amor eterno.

Não havia dúvidas. Piolho estava realmente apaixonado por Maria Luísa, e ela, por ele. Era cristalino. Qualquer pessoa era capaz de ver.

Max me puxou e me envolveu em seus braços.

— Te amo, linda — sussurrou em meu ouvido.

Eu o abracei apertado e cochichei de volta:

— Estou puta com você, Vetter. Mas te amo.

— Não fica puta comigo, Lívia. — Ele me fez estremecer com o contato de seu hálito quente em minha pele.

— Agora, o noivo pode beijar a noiva — Ícaro pronunciou. — Beija! Beija! Beija!

Piolho se virou, segurou o rosto de Maria Luísa e a beijou, para a euforia da plateia. Em seguida, ainda com as mãos nas laterais do rosto da “esposa”, citou:

— “Meu único amor, nascido do meu único ódio! Conhecido por acaso e tarde demais! Como esse monstro, o amor, brinca comigo. Apaixonar-me pelo inimigo”.

— Que lindo, Lucas... — Maria Luísa suspirou.

Piolho deu uma gargalhada.

— Eu falei essa parada na zoeira, mano! *Cê* é louco, meu? Romeu e Julieta eram patéticos, *vêi*. Eles se conheceram, casaram-se e morreram em apenas quatro dias. Falando nisso, onde vai ser nossa noite de núpcias? A gente vai morrer amanhã, mano. Igual Romeu e Julieta, saca? Tem que ser logo esse *carai*, tá ligado? — Dizendo isso, ele me deu uma puta ideia.

Uma que deixaria os dois surtados na manhã seguinte.

Enquanto Piolho casava Ícaro e Artur, bolei tudo.

Como eu precisava de Plínio para executar o plano, dei uma trégua na minha “chateação”.

Naquela madrugada, quando deixamos o apartamento de Larissa, uma sonolenta Maria Luísa repousava de bunda para cima sobre um Lucas já

adormecido.

66. Antes tarde do que nunca

OLÍVIA

— Nunca mais vou beber — Max anunciou, enquanto tirava a camiseta.

Dei uma risada debochada e puxei o edredom até os pés da cama, com os olhos fixos em seus músculos dourados.

— É sério, porra — ele garantiu, desabotoando a bermuda. — Nunca vi coisa mais ridícula em todo o caralho da vida que a minha versão bêbada.

— Você fica tipo um garotinho fofoqueiro e retardado. Uma gracinha! Tirando aquela porra de “Lívia”, foi bem fofo, Vetter. — Não contive uma gargalhada estrondosa.

— Fofo... — Ele estalou a língua e soltou o ar. — Fofo de cu é rola. Você, senhorita Olívia, devia ter feito alguma coisa para me impedir — falou, meio magoado.

— É mesmo? — perguntei, rindo, enquanto ajustava os travesseiros. — Tipo o quê, Maxwell?

Ele inspirou e expirou pesadamente, o que fez com que sua expressão ficasse adoravelmente *emputecida*.

— Retiro o que eu disse. Mais ridícula que a porra da minha versão bêbada é o caralho desse nome.

— Você prefere Maximiliano, meu lindo? — Prendi os lábios para não rir.

Ele estreitou os olhos e, sorrindo maleficamente, começou a descer a bermuda.

— Tanto faz, *Lívia* — frisou.

Juro que tentei manter o olhar no alto, para não estragar minha pose indignada com aquele “Lívia” insolente, mas, em se tratando de Max Vetter e toda aquela protuberância enfiados numa *boxer* branca perfeitamente ajustada às coxas torneadas, puta merda, a pose e a indignação podiam ir para o quinto dos infernos, porra.

Com um gesto desatencioso, ele jogou a bermuda cáqui na poltrona, onde já estava embolada a camiseta azul-marinho.

O festival de músculos expostos provocou impulsos elétricos em cada ponto sensível do meu corpo, e a pressão insuportavelmente gostosa entre as pernas me fez contorcer despistada e levemente as coxas.

Mas minha cara de fêmea lunaticamente no cio devia estar fodendo minhas

tentativas de parecer imune à oitava maravilha do mundo, porque ele abriu aquele sorrisinho convencido que me deixava simultaneamente puta e derretida.

— Eu odeio esse seu sorrisinho, sabia? — falei, obrigando-me, em nome da dignidade, a olhá-lo nos olhos.

— Sei — ele esnobou, esticando ainda mais aqueles lábios cheios ao enganchar os polegares no elástico da cueca.

Meu olhar deslizou pelo emaranhado de veias saltadas em seus antebraços e pelas reentrâncias e recortes que sumiam dentro do tecido deliciosamente preenchido.

Observei seus movimentos ágeis até que a peça se uniu à bermuda e à camiseta.

— E o que você acha do meu pau, senhorita Olívia? — perguntou, esbanjando atrevimento ao puxar o cacete semirrígido para baixo, soltando-o sobre o saco.

Engoli em seco e umedeci os lábios involuntariamente ao fitar aquela delícia volumosa pendendo entre aquelas coxas divinas.

Mas Max Vetter não ia, de jeito nenhum, arrancar um elogio satisfatório da minha boca.

— Razoável — respondi, atrevendo-me a erguer uma sobrancelha desdenhosa.

Ele deu uma risada e, vencendo a distância entre nós, deslizou o polegar em minha bochecha até abrigar os dedos em minha nuca, causando um incêndio em minhas partes baixas e um deleitante furor em minha pele.

— Razoável — repetiu devagar, fitando-me com um ceticismo-sarcástico ondeando em suas feições.

— Razoável — confirmei, tentando não morder o lábio ao sentir toda aquela “razoabilidade” agigantando-se contra o tecido fino da minha camisola.

— Você vai se casar com um sujeito de pau razoável? E que, ainda por cima, se transforma em um moleque retardado quando está bêbado? — ele perguntou, fingindo incredulidade.

— É a vida — falseei um suspiro cansado. — Não se pode ter todas as coisas. Imagina só como seria chato se você fosse lindo e incrivelmente gostoso... — Pressionei as palmas em seu tórax. — E tivesse um pau magnificamente grosso e grande e bolas perfeitas... — Abaixei uma das mãos e senti o peso daquela maravilha nos dedos.

Não consegui me impedir de gemer quando experimentei a textura quente, e o calor de seu cacete irradiou-se pela minha mão.

Max gemeu comigo, curvando o corpo e pincelando os lábios em meu pescoço.

— Seria extremamente cansativo conviver com uma pessoa assim — sussurrei entre um gemido e outro.

— Muito cansativo... — Ele agarrou minha cintura e imprimiu a boca na minha.

Seus movimentos macios e decididos arrancaram uma cadeia de arquejos da minha garganta. Escalei seu corpo, apoiando-me em seus ombros, e Max me impulsionou, me pegou no colo e me deitou sobre a cama.

Então, se posicionou sobre mim, apoiando-se no colchão para não pressionar minha barriga, e me torturou com uma cordilheira de beijos, que se iniciou abaixo do lóbulo da minha orelha e começou a se espalhar pela minha pele.

Seus lábios sugavam e beijavam com delicadeza, ericando meus mamilos e arrepiando meus braços com investidas sutis.

Max desceu as alças da minha camisola e se pôs a depositar beijos úmidos e enlouquecedores em meus peitos sensíveis.

Eu estava revirando os olhos, afundando os dedos em seu couro cabeludo e pressionando as pernas ao redor de sua cintura quando, pela segunda vez no dia, começamos a ouvir vozes.

Vozes, não. Berros.

— Eu já disse que não! Quantas vezes vou ter que repetir?

— Não acredito nisso — reclamei, cochichando.

— Eu disse, porra... Falei que não era uma boa ideia deixá-la dormir aqui — Max retrucou, mergulhando a cabeça em meu pescoço.

— Ela é sua irmã... — Tomei partido de Suze, embora, no fundo, estivesse imaginando minhas mãos ao redor de seu belo pescoço de cisne.

Depois de ver o vídeo e reviver a porra toda, Susanne tinha cismado que não dormiria sob o mesmo teto que Plínio.

Max me lançou um olhar que dizia “nem fodendo” quando ela perguntou se podia passar a noite em nossa casa. Estreitei os olhos em sua direção, recriminando-o, e respondi um “claro que sim, Suze!”.

Agora, Susanne e seu pescoço de cisne estavam impedindo o ganso de afogar. E eu estava pagando o pato pelo meu bom *samaritanismo*.

— Meu Deus, Susanne, isso é ridículo! Nós nunca dormimos separados em dez anos! Dez anos! — A voz de Plínio atravessou as paredes e se infiltrou em nosso quarto.

— Eu disse que não era uma boa ideia deixá-lo dormir aqui, caralho — revidei.

— Ele também é meu irmão, porra... — Max contestou.

Quando Plínio questionou se podia pernoitar em um dos quartos vagos, eu disse um “nem fodendo” telepaticamente para Max. Ele abriu um sorrisinho petulante para mim e, virando-se para o cunhado, soltou um “claro, puto!”.

— Devíamos ter dito não aos dois e pronto — falei, soltando um suspiro

frustrado.

— É o que devíamos ter feito — ele concordou. — Mas eu consigo transar assim. Vem, a gente ignora — falou, voltando a me beijar.

— Há sempre uma primeira vez, Plínio! Acho melhor se acostumar, inclusive. Agora, saia do quarto! Saia agora! — ela gritou.

— Eu não vou sair, Susanne — ele disse, alto, mas calmamente.

— *Maaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaax!* — Suze deu um berro.

— Porra — Max rosnou em meu pescoço.

— Tira ele daqui! Vem agora! — Susanne continuou gritando enquanto as gargalhadas de Plínio chegavam aos nossos ouvidos.

Não consegui evitar uma risada. Logo estava gargalhando também.

— Tá rindo do quê, porra? — Max perguntou, saindo de cima de mim.

— É hilário. Você tinha razão! Parecem duas crianças — falei, rindo.

— Anda logo, Max! Plínio está me batendo! Socorro! — Ela deu outro berro.

Rolei na cama de tanto rir.

— A vontade que eu tenho é de sacudir Susanne até ela calar o caralho da boca — meu noivo esbravejou, ficando de pé e indo até a poltrona.

— Não se esqueça de que eles só estão brigando porque você soltou essa sua língua habilidosa! — observei, rindo.

— Eu sei, porra — ele falou, soltando o ar, e começando a se vestir. — É por isso que eu vou resolver esse caralho.

Coloquei meu “*hobby*”, como diria certa ex-dançarina, por cima da camisola de tule e renda enquanto Max esperava a situação por trás do zíper ficar totalmente sob controle.

Então, ele abriu a primeira gaveta de um dos criados-mudos e retirou um molho de chaves de lá. Em seguida, rumamos para o quarto onde Suze e Plínio estavam.

— Você é surdo? — ela perguntou, assim que bateu os olhos no irmão.

— Neste momento, gostaria muito de ser — ele respondeu com rispidez.

— Tira ele daqui. — Ela cruzou os braços e começou a bater o pé com impaciência.

Plínio abriu um sorriso zombeteiro para a esposa. Ela fez uma careta, e ele caiu na risada.

— Não sei do que você está rindo, idiota! — Susanne exclamou. — Na verdade, não sei por que me casei com você, Plínio. Eu te odeio.

Max, Plínio e eu soltamos um “*anrã*” conjunto.

— Até você, Liv? — ela perguntou, indignada.

— Suze, Max e eu estávamos... Bem, vocês dois atolaram os quatro pés na nossa foda! — despejei.

— Ai, caramba! — ela bradou. — Não sei como eu fui me esquecer de que vocês não podem dormir juntos até o dia do casamento!

Max e eu gargalhamos.

— Estou falando sério. Graças a Deus, você me lembrou, Liv. Vamos dormir juntas hoje e amanhã e depois de amanhã.

— Sem chance. — Max riu com escárnio.

— Suze, pelo amor de Deus, deixa os dois foderem em paz. Vem, amor, vamos foder também. — Plínio se aproximou e depositou um beijo no encontro entre o pescoço e a clavícula da esposa.

Suze se remexeu, visivelmente afetada, mas se afastou, fingindo indiferença.

— Espero que você saiba que vou ficar com Sofia — ela disse, amarga.

— O quê? — Plínio arregalou os olhos, atônito.

Max e eu nos entreolhamos, chocados.

— Exatamente o que você ouviu — Suze disse, com premeditada tranquilidade.

— Você não está falando sério, Susanne — ele falou, tentando parecer despreocupado, mas deixando o desespero transbordar em seus olhos castanhos.

Max segurou minha mão e foi me puxando devagar e sorrateiramente para trás. Achei estranho deixarmos o quarto logo quando a coisa estava saindo de controle, mas acompanhei seus passos.

— Nunca falei tão sério na vida. Isso é óbvio, aliás. Eu sou a mãe dela! Vou pegá-la amanhã na casa de Duda e...

— Estou falando do divórcio, porra! — ele vociferou.

— Eu estou realmente... — ela começou.

Quando atingimos a porta, Max a fechou e, tirando o molho de dentro do bolso da bermuda com assombrosa destreza, enfiou rapidamente uma chave na fechadura e girou, trancando os dois lá dentro.

— Abra essa porta, Max! — ela gritou, assim que percebeu, correndo até a maçaneta, girando-a sem sucesso e começando a esmurrar a madeira.

— Resolva essa porra, Plínio — ele disse, ignorando a irmã.

— Max, se você não abrir, eu vou chamar a polícia! — ela ameaçou.

— Chama — ele respondeu. — Não seria a primeira vez que chamam a polícia pra mim, né, linda?

— Não adianta, Suze! Até a polícia ama esse cretino! — Dei um soco no braço dele.

— É porque ele dá rosquinha pros sargentos, Liv. — Plínio gargalhou.

— Falando nisso, você tá me devendo a sua depois desse favor, seu porra — Max disse.

— Então eu preciso te agradecer por me trancar aqui com essa fera? — Plínio

perguntou, rindo.

Suze emitiu um ruído semelhante a um guincho raivoso.

— Vou torcer para que você amanheça deformado, Plínio — falei, gargalhando.

— Na cara, não, Suze, que é pra não estragar o velório! — Ele riu, imitando o Baiano.

— Meu Deus, como eu te *odeeeeeeeeeeeeeio*, Plínio! — ela gritou. — Abre essa porta, Max! Eu vou te matar, seu idiota!

Então, Max e eu ignoramos os protestos incessantes de Suze e rumamos para o quarto.

Bem, eu achei que fôssemos fazer isso, mas...

Não foi o que fizemos.

PLÍNIO

Quando ela finalmente se deu conta de que Max não voltaria tão cedo, parou de gritar e de socar inutilmente a porta.

— Vou chamar a polícia. Isso é cárcere privado. Eu sei que é — ela disse, aparentemente falando com ninguém além de si mesma. — Ele vai se ferrar — continuou, andando de um lado para outro.

Eu estava cansado, física e mentalmente exaurido. Antes de tudo, precisava de um banho.

Puxando a camiseta pela cabeça, comecei a caminhar em direção ao banheiro.

— O que você está fazendo? — ela perguntou, como se só naquele momento tivesse se dado conta de que tinha companhia.

— Vou tomar banho — respondi, jogando a camiseta no chão e começando a desabotoar a calça.

— Você poderia, por favor, se despir no banheiro? — ela perguntou, desviando o olhar.

Achei graça da formalidade, mas contive o riso.

— Posso saber por quê? — perguntei, fingindo-me de besta.

— Porque não é de bom-tom ex-cônjuges se despirem na frente um do outro.

— “Bom-tom”, Susanne? — Tentei, mas não consegui reprimir a risada. — Ex-cônjuges? — Dei uma gargalhada.

— É o que seremos em breve, Plínio — ela disse com frieza.

— Tá bom. Mas, por enquanto... — Tirei a calça e, em seguida, a cueca. — Quer tomar banho comigo? — convidei.

Ela fitava as gotas do lustre de seu antigo quarto. A decoração estava diferente, mas ainda era o quarto de Suze, e, para mim, seria para sempre um lugar especial.

— É claro que não — ela respondeu.

Dei de ombros e andei até o banheiro.

Decidi que a melhor tática era a “tudo-bem-Suze-nós-não-vamos-transar”.

Eu fingiria desinteresse. Eventualmente, ela baixaria a guarda. E, aí...

Aí, eu atacaria.

Estaríamos transando antes de ela perceber. Era questão de tempo.

Tomei um banho propositalmente demorado, e até fiz a barba, delongando-me mais que o necessário. Tudo para ela não confundir uma ducha rápida com desespero.

Saí do banheiro com a toalha na cintura, pisando no quarto a tempo de flagrá-la tirando os fones do ouvido e escondendo alguma coisa dentro da bolsa.

Ela se levantou sem dizer nada e, evitando me olhar, rumou para o banheiro. Pouco depois, ouvi o barulho da água ferindo os azulejos.

Fazendo corpo leve, caminhei até a bolsa e a abri, certo do que encontraria.

Ao longo dos anos, Suze abandonou os cadernos cor-de-rosa com cadeado padrão e passou a utilizar elegantes modelos encadernados em couro e protegidos por fechos com senha.

Embora eu tivesse feito testes certa vez e acertado a senha nas primeiras tentativas (era uma combinação de números de datas importantes para nós), eu nunca tinha lido o diário de Susanne. Quando consegui abri-lo, fiquei imensamente orgulhoso de mim mesmo, mas não ousei levantar a capa de couro.

Ali, sentado na cama, ciente de que ela tinha acabado de escrever, uma entidade demoníaca possuiu minhas mãos. Antes que eu me desse conta, já tinha digitado a senha e, pela primeira vez na vida, estava invadindo a privacidade da minha esposa.

Eu sabia que ia me arrepender no instante em que finalizasse a leitura, porque, muito provavelmente, corroído pela culpa, contaria a ela que tinha lido, e, então, Susanne teria mais um motivo para me “odiar”.

Mas eu não tinha tempo a perder. Ela voltaria logo.

Sem parar para pensar e sem correr o risco de me acovardar, abri o caderno na última página escrita:

Eu o odeio com todas as forças do meu ser. A verdade é essa.

Ele acha mesmo que vai conseguir me dobrar tirando a roupa e desfilando

pelado?

Aquela bunda?

PFFFFFFF...

Eu nem sinto nada por ele.

NADA. NADA. NADA.

Eu nem acho Plínio bonito.

Eu me casei com ele por caridade. CA-RI-DA-DE.

Ele se acha o bonzão. Aposto que se acha irresistível com aquela covinha no queixo.

Não é uma covinha como a do Humberto Martins, aliás. É uma covinha tímida e sutil. E ~~linda~~ horrorosa.

Aposto que ele se acha maravilhoso com aquele cabelo ~~farto e sedoso~~ horrível e escroto que ele tem. Deve se achar um deus com aquele sorriso ~~brilhante~~ encardido e com aquela risada ~~gostosa~~ bizarra de hiena. Coitado.

E acha que fica lindo de branco. HAHHAHAHAHAHA!

FICA RIDÍCULO.

Sério. Eu minto quando falo que ele fica lindo. E quando tiro o jaleco dele e a camisa branca e a calça branca e tudo branco dele eu também estou fingindo. É tudo teatro.

TE-A-TRO!

O quê? Um homem ~~alto, lindo e forte~~ de branco? RIDÍCULO.

As pacientes dele também mentem. Ficam com pena daquela carinha ~~fofa~~ de cachorrinho que ele faz às vezes.

EU ODEEEEEEEEEEEEEIO PLÍNIO.

QUE ÓDIO.

ÓDIO.

ÓDIO.

ÓDIO.

Ele se acha um garotão, sendo que tem quase quarenta anos.

QUARENTA!

É quase um idoso! Ele acha o quê? Que vai ostentar toda aquela musculatura ~~perfeita~~ pro resto da vida? Que a bunda dele...

Ai, meu Deus, não. Não é uma boa ideia falar da bunda ~~divina~~ dele.

Quero que ele fique beeeeeeeeeem velhote. E bunda murcha. E careca. E banguelo. E broxa.

Aí, eu queria ver se ele conseguiria comer cus por aí.

O quê????????? Eu não mencionei?

Pois é. Sabe o meu marido?

O ~~lindo, divertido e absolutamente gostoso~~ Dr. Plínio Theloni?

É um adúltero comedor de cu.

Eu sei, diário, você está chocado.

Acredite, eu estou mais.

Ele comeu o cu de Andressa. Andressa Larozzi! Você sabe quem é.

Lembra de todas as festas de aniversário de Piolho que eu te contei? Pois então. Estou me referindo àquela VACA.

Ela estava sempre lá. Exibindo aquele cabelo de crina de cavalo e cruzando aquelas pernas de girafa na frente do MEU HOMEM.

MEU HOMEM.

E eu lá, feito uma idiota, sem saber que ele já comeu o cu dela.

Você também está imaginando as mãos dele (~~aquelas mãos paradoxalmente ásperas e macias e grandes e lindas~~) na bunda dela, não está?

MORRA, ANDRESSA, SUA CHIFRUDA.

CHIFRUDAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!

HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA!

Risos eternos, diário.

Você acha que ela é mais bonita que eu? Seja sincero, diário.

Plínio deve achar. Afinal, foi o cu dela que ele comeu.

Eu não consigo, diário. Não consigo mais vê-lo como o meu Plínio.

Eu sei. Eu sei, eu sei. É meio que besteira minha. Eu sei que foi antes de começarmos a namorar de verdade. E eu sei que também transei com outras pessoas, inclusive com Edu.

Mas estou realmente me sentindo ferida. Ele nunca vai entender. Ninguém vai.

NEM VOCÊ ME ENTENDE.

É como se eu fosse virgem e tivesse acabado de descobrir que meu namorado perfeito não é.

Tipo: OMG! WTF! Como assim “você não é virgem?”.

Talvez não tenha sido a melhor comparação, mas foi a que consegui pensar agora, enquanto Plínio toma banho.

Eu sei que não tem nada a ver. Eu sei que ele vive tentando comer meu cu. Mas é nela que ele pensa. Eu sei.

Merda. Esses hormônios me fazem chorar.

Eu queria perguntar se ele já comeu outros cus.

Será?

Prefiro não perguntar.

Seria patético. O pior é que eu espero que sim. Eu queria que sim. Seria menos doloroso. Andressa não seria a única. Seria só mais uma. Consequentemente, ela não seria especial. Ninguém seria.

Eu devia ter deixado ele comer meu cu. Porque, aí, a última lembrança dele

referente a cu seria relacionada a mim, não a Andressa.

Mas não... Fiquei com medinho de doer, porque, convenhamos, não tem como o pau dele caber no meu estreitíssimo orifício anal. Coube no daquela vadia porque ela tem o cu mais largo que a própria boceta. Um batalhão de pintos já deve ter passado por ali.

Mas, pelo menos, ela é corajosa. Eu sou uma covarde.

Medo de doer... É claro que ia doer, Susanne! Mas você já pariu uma criança, pelo amor de Deus! Uma cabeça humana já passou pela sua xana, merda. E você com medo de dar o cu. Com medo de deixar uma cabeçorra peniana entrar no seu cu...

Liv já deu o dela. E ela conhece Max há menos de seis meses. Bem menos que isso! Você está casada há dez anos e nunca deu o cu.

Eu devia ter dado. Tenho certeza de que a dor não seria maior que a que estou sentindo agora.

Eu odeio não ter dado o cu. E odeio esses hormônios idiotas! ODEIO.

Se Sofia estivesse aqui, eu poderia contar historinhas pra ela. Ela diria, como sempre, que ninguém conta como o tio Max. Eu imaginaria aquele ladrão de filhas batendo o dedinho do pé em um móvel e me sentiria bem melhor.

Estou imaginando agora.

Isso, seu idiota, chora de dor!

Max me paga. Eu vou me vingar. Preciso pensar em maneiras cruéis de fazê-lo sofrer. Liv é outra que vai penar na minha mão. Eu poderia, com um estalar de dedos, estragar o casamento inteiro daqueles traidores.

Eles sabem disso?

ELES SABEM????

Vão achando que eu sou boazinha... Vão achando...

CRETINOS.

Se eles acham que essa armadilha imbecil vai mudar alguma coisa entre mim e Plínio, estão redondamente enganados.

REDONDAMENTE.

Você me entende, diário. Eu sei. Você sabe que, desde sempre, desde que consigo me lembrar, Plínio estava lá. Sendo engraçado e fofo e lindo e Plínio. Nós nascemos um para o outro. Foi obra do destino.

Acabo de suspirar ridiculamente. Mas quero que ele MORRA.

Mentira.

Ele é um adúltero comedor de cu?

É. É, SIM.

Mas Sofia e Bebê não podem ficar sem um pai. Só por isso. Do contrário, ele podia mesmo morrer. Eu nem ia sentir falta dele.

Ele é um desgraçado.

Eu estou terrivelmente excitada.

São os hormônios da gravidez. Eles me fazem chorar e me fazem ficar com um tesão insano. Odeio cada um deles.

Não pense em Plínio pelado debaixo do chuveiro, Susanne. Pense em Plínio borbulhando em uma banheira de ácido. Muito ácido.

Isso me lembrou a música da Clarice Falcão!

Espera, vou colocar pra tocar no iTunes!

Prontinho. Estou ouvindo. Olha só, Clarice compôs pra mim! É tudo o que eu quero pro adúltero do Plínio:

*Eu quero ver você, numa piscina de óleo fervendo
Pedindo socorro e eu te oferecendo uma dose de rum pra você se esquentar
Eu quero ver você, numa piscina de óleo fervendo
Gritando que já está quase morrendo
Desculpe, meu bem, mas eu não sei nadar
Você me traía trocando carinhos com outras pessoas
Mas com seu jeitinho me levava no papo
E a gente acabava voltando as boas
Mas naquela noite em que meu coração era só esperança
Eu juro que não pude crer no que vi
Você seduzindo o meu segurança
E ainda vem posando de bom coração, gente fina
Dizer que pra mim você só quer o bem
Pois eu quero que você vá tomar banho de piscina*

Vou cantar isso na cara dele. HAHAAHAHAHAHAHA!

Meu Deus. Vou ser uma mulher divorciada com duas crianças pequenas.

NÓS CONSEGUIMOS VIVER SEM VOCÊ, PLÍNIO.

Vou pirraçá-lo e dizer que o nome do bebê vai ser Eduardo.

HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA!

Ele vai surtar. E eu vou morrer de rir. Vou gargalhar feito bruxa.

Ai, meu Deus, já tô rindo.

Não consigo parar.

Vixe, acho que ele desligou o chuveiro!

Merda. Eu não terminei de escrever, Papa-cu (aprendi isso com Piolho)!

Tô rindo muito.

Ai, ele tá vin

-

Fechei o diário no momento exato em que Susanne desligou o chuveiro.

Enfiei o caderno de volta na bolsa e me deitei na cama.

Eu ainda estava rindo, com os braços flexionados detrás da cabeça, quando ela saiu do banho e adentrou o quarto usando um roupão.

— Tá rindo do quê? — perguntou com acidez.

— De besteiras — respondi.

— Acho bom você se levantar, porque é ali que você vai dormir, querido — ela disse, apontando a poltrona.

— Por quê? — perguntei, fazendo minha melhor cara de desentendido.

Ela revirou os olhos e fez uma adorável expressão entediada.

— Porque não vou dividir o leito com meu futuro ex-marido.

— O “leito”? — repeti, controlando o riso. — Você fica tão linda assim, toda antiquada...

— Levanta, Plínio — ela ordenou, irredutível.

— Se você me deixar dormir aqui, eu prometo que vou me comportar. — Fiz o que devia ser a minha “carinha fofa de cachorrinho”.

— A resposta é: poltrona. — Ela estendeu o braço em direção ao canto do quarto.

— Você não está com medo, está? — provoquei. — Quero dizer, parece que você tem medo de não resistir, querida.

Ela deu uma risada sarcástica.

— Esse joguinho não vai funcionar. Conheço seus truques, Plínio Theloni. Levanta.

— Tudo bem — falei, levantando-me.

Caminhei em direção à poltrona e, quando passei por Suze, beijei sua bochecha e sussurrei em seu ouvido:

— Como quiser, amor. Opa... Isso foi um arrepio? — perguntei, quando ela mexeu os ombros levemente.

— Nos seus sonhos — ela respondeu.

— Deve ter sido impressão minha — falei, colocando uma mecha de seu cabelo detrás da orelha.

Ela desceu o olhar e fixou os belos olhos azuis em minha boca.

Quando os ergueu, encontrou em meus lábios o esboço de um sorriso vitorioso que não consegui conter.

Susanne levantou os braços e escorregou os dedos em meu cabelo. O cabelo “farto e sedoso” que ela queria que eu perdesse.

Eu nunca vou ficar careca. Muito menos broxa. Ou bunda murcha. Ou *banguelo*.

Com as mãos em minha nuca, ela sussurrou em meu ouvido:

— Eu te odeio.

Então se afastou e saiu andando.

— Vira o disco, Susanne — falei, observando-a se deitar.

Ela apertou o interruptor ao lado do criado, apagando a luz do quarto.

Sentei-me na poltrona e liguei o abajur. Abri a gaveta do móvel lateral e peguei o livro que eu sabia que estava lá.

Orgulho e Preconceito.

Suze tinha uma paixão doentia pelo babaca do Mr. Darcy. Ela deixava o livro ali para reler trechos marcados sempre que dormíamos na casa de Max.

Cruzei as pernas e abri o livro.

— Deixa meu livro em paz, Plínio. Você não é digno de ler nada de Jane Austen. Você odeia Mr. Darcy. — Ela deu uma risada. — Ele é perfeito, a propósito — alfinetou.

— E eu sou real — devolvi.

Ela fez uma careta e virou para o outro lado, puxando o edredom até cobrir os ombros.

— Você não vai tirar o roupão?

— Não.

— Você dorme pelada, Susanne.

— Com o meu marido. Não com um comedor de cu me observando.

Pensei em fazer uma piada, tipo: “eu só como se você pedir, meu amor”. Mas é claro que não fiz. Porque tenho amor à vida.

— Você não se importaria se eu tirasse a toalha, certo? — perguntei. — Tá pressionando meu pau.

Ela ficou em silêncio.

— Faça o que quiser — respondeu, segundos depois.

— Ótimo — falei, levantando-me com o máximo de ruído, tirando a toalha e atirando-a longe.

— Apaga essa luz. Eu quero dormir.

— E eu quero ler.

— Você odeia romances românticos. Só está fazendo isso para me pirraçar, Plínio.

— Você não é o sol, Susanne. Nem tudo gira em torno de você, sabia? — cutuquei.

Ela inspirou e soltou o ar com força, remexendo-se no colchão.

— “É tolerável, mas não tem beleza suficiente para tentar-me. Não estou disposto agora a dar atenção a moças que são desprezadas pelos outros homens”.

— Li em voz alta um trecho que ela havia marcado no livro, em que Darcy falava de Elizabeth a seu amigo Bingley. — Que romântico o seu Mr. Darcy, não, amor? — provoquei.

Suze ficou quieta, decidida a não me dar corda.

— “A felicidade no casamento é apenas uma questão de sorte” — continuei lendo trechos aleatórios, disposto a pirraçá-la até ela se virar e explodir. — Você concorda com... — fiz uma pausa, procurando o autor da frase — Charlotte, querida?

— A felicidade no casamento é uma questão de atitude, não de sorte. — ela respondeu, quieta. — Charlotte Lucas estava equivocada. Mas seu pensamento carrega influências do período em que viveu. Acreditava-se muito em destino naquela época.

— As pessoas ainda acreditam em destino — farpeei.

— Só os idiotas.

— Então eu sou um idiota.

— Você é o líder dos idiotas.

Não contive uma risada.

— Você ama esse idiota.

— Já falei que te odeio, seu idiota.

Dei outra risada e, providencialmente, abri em um trecho que dizia:

— “A imaginação das mulheres é muito veloz. Salta da admiração para o amor. Do amor para o *ódio*, num instante”. — Fiz uma pequena alteração que não achei que Suze fosse notar, mas ela logo me corrigiu.

— Mr. Darcy não disse isso, espertinho. Ele disse: “a imaginação das mulheres é muito veloz. Salta da admiração para o amor. Do amor para o *casamento*, num instante”.

— Esse calhorda só sabe galhofar das mulheres — observei.

— “Calhorda”? “Galhofar”? — Ela gargalhou.

— Estou apenas sendo tão ridiculamente provinciano quanto o sujeito. — Fiz minha defesa.

— Provinciano... — Ela riu. — Mr. Darcy estava apenas falando de Miss Bennet a Miss Bingley, e sua ouvinte logo insinuou que ele se casaria em breve, perguntando quando poderia desejá-lo felicidades. Darcy já esperava tal comportamento. Devia ser muito difícil ser um homem de posses naquela época. Faltava aos coitados a liberdade de poder apreciar uma bela mulher sem necessariamente ter o intuito de desposá-la.

— Eles podiam apreciar mentalmente. Homens sempre puderam fazer isso mentalmente.

— É o que você faz?

— Claro que não. Não preciso disso. Tenho uma bela mulher para apreciar em casa.

Ela soltou um “*humpf*” cético.

Folheei o livro e encontrei o que estava procurando, uma citação que eu mesmo tinha marcado quando li aquela merda escondido:

— “Em vão tenho lutado comigo mesmo; nada consegui. Meus sentimentos não podem ser reprimidos e preciso que me permita dizer-lhe que eu a admiro e amo ardentemente”.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes, até citar vários trechos de cor. Suze era tão obcecada por Jane Austen quanto por Sia. Então, acho que dá para ter uma ideia.

— “Em casos como estes creio que é costume estabelecido exprimir a nossa gratidão pelos sentimentos que nos são confessados, embora esses sentimentos não possam ser retribuídos (...)”. “Tenho todas as razões do mundo para pensar mal do senhor. Nenhum motivo poderá escusar o ato injusto e mesquinho que praticou (...)”. “Digo-lhe sinceramente que a sua esperança me parece extraordinária depois da minha declaração. Asseguro-lhe que não sou dessas moças, se é que existem, que cometem a ousadia de arriscar a sua felicidade (...). Minha recusa é perfeitamente séria. O senhor não me poderia tornar feliz. E estou convencida de que sou a última mulher do mundo capaz de fazê-lo feliz”.

— Ei, Elizabeth disse isso a Mr. Collins, não a Mr. Darcy! Sua trapaceira! — exclamei.

— Você leu o livro! Eu sabia! Seu mentiroso! — Ela se virou abruptamente.

Então ficou sentada, observando-me na poltrona, pelado e com a ponta do livro apoiada no peito.

Fiquei de pé, caminhei até a cama, sentei-me na beirada, passei algumas páginas e li outro trecho:

— “Tenho certeza de que é generosa demais para fazer pouco caso dos meus sentimentos. Se os seus ainda são os mesmos (...), diga-o imediatamente. Minha afeição permanece inalterada; basta, porém, uma única palavra sua para fazer com que me cale para sempre”.

Fechei o livro e olhei em seus olhos.

— Você não vai conseguir nada se passando por Mr. Darcy, Mr. Theloni — ela disse, rindo.

— Eu acho que vou, Miss Vetter — falei e, cuidadosamente, puxei seu rosto até que nossos lábios fossem uma coisa só.

Eu poderia viver mil anos e beijá-la todos os dias e, ainda assim, nossos beijos seriam únicos toda vez. Meu coração sempre doeria e meu corpo corresponderia eternamente ao sentimento singular de sorver seus lábios macios e experimentar com a língua o gosto indescritível de sua boca.

Quando comecei a puxar o roupão em seus ombros, ela interrompeu o beijo e causou em mim uma sensação de vazio profundo.

— Você leu o livro — comentou.

— Você é apaixonada por Mr. Darcy, Susanne. É claro que li o livro. É interessante, tirando a parte puramente feminina e ressaltando os aspectos da crítica social escarrada nos costumes descritos. Jane Austen é uma grande escritora, mas Darcy é um protagonista superestimado.

Ela deixou um som de riso escapar, mas prendeu os lábios para não liberar a risada.

— Não preciso das falas de Mr. Darcy para me expressar. Observe. — Limpei a garganta, ajeitei-me no colchão e comecei a falar: — Você é linda, Suze. Fosse apenas a extraordinária perfeição dos seus traços, eu teria apenas me apaixonado por você. Mas eu te amo. Você é perfeita em tudo o que faz. E é estonteantemente linda. Sempre foi. Quando eu era moleque, pensava que nunca na vida você ia querer alguma coisa comigo. Mas já te amava, e não conseguia imaginar um futuro sem você ao meu lado. Todos os dias, quando abro os olhos e vejo você lá, eu me lembro disso. De quando temia precisar viver em um mundo sem você. Eu me considero o homem mais sortudo da face da Terra, porque você é minha. E Sofia é uma mini Suze. Eu amo o jeito como vocês duas exageram praticamente tudo, fazendo coisas tão irrisórias soarem tão grandiosas e assustadoras quanto o monstro do lago Ness. Amo o quanto vocês são hilariamente prolixas e dramáticas. Vocês duas e o Bebê são a minha vida. E agora eu vou soar um tanto ridículo — engoli, tentando expulsar o caroço em minha garganta —, mas eu não sobreviveria sem vocês, Susanne.

Ela ficou me olhando sem dizer nada. Suas íris brilhavam mais que safiras.

Porra. Eu podia sentir as lágrimas ardendo nos cantos dos meus olhos.

— E... Eu li o seu diário.

Isso escapou totalmente. Falei a primeira coisa que pensei para me impedir de chorar.

— Você o quê? — ela berrou.

— Juro que foi só hoje! — Levantei as mãos em sinal de rendição. — E eu confessei. Ou seja, mereço ser perdoado.

Ela ficou me olhando, arregalando os enormes olhos azuis, escurecidos pela penumbra.

— Odiei a música da Clarice Falcão. Só pra constar — falei, tentando quebrar o gelo. — Piscina de óleo fervendo, Susanne? Sério?

Ela começou a cantarolar aquilo.

De repente, outra voz feminina engrossou o coro:

*Você me traía trocando carinhos com outras pessoas
Mas com seu jeitinho me levava no papo*

E a gente acabava voltando as boas

Olívia.

— Filhos da puta! — Nós dois bradamos ao mesmo tempo.

Eles caíram na risada.

— Foi mal, puto! A gente já tá de saída! — Max falou, rindo, do outro lado da porta. — A propósito, eu não sabia que você curtia romances de mulherzinha! — Ele gargalhou.

— Foi lindo, Plínio! Você subiu de novo no meu conceito, tá? Vou fazer Max recitar uns trechos de Mr. Darcy pra mim também!

— Nem fodendo, porra! Prefiro perder o pau!

— Eu não acredito nisso! — Suze deu um grito. — Meu próprio irmão me tranca num quarto com meu marido adúltero! Meu marido adúltero lê meu diário! E agora... Descubro que estávamos sendo espionados! Acho melhor você me deixar aqui pra sempre, Max. Porque, quando eu sair... Eu vou te matar!

— Foi tudo ideia dele, Suze! — Olívia falou. — Eu disse: “lindo, vamos pro quarto, eu quero transar!”. E ele: “ah, linda, vamos ouvir! Vai ser hilário!”.

— Faltou mencionar a parte em que eu falei: “a gente transa aqui mesmo!” — Max completou.

— Vocês transaram aí na porta? — Suze perguntou, e eu caí na risada.

— O quarto ficou em silêncio um tempão. Ficamos entediados — Olívia justificou. — O que vocês estavam fazendo aí dentro?

— Transando é que não. Infelizmente — respondi.

— Eu estava escrevendo no meu diário, e o comedor de cu devia estar lendo! — Suze esbravejou.

— E a gente estava fodendo gostoso aqui fora. — Max gargalhou.

— É bom que tenham aproveitado — Suze falou, possessa. — Porque vou virar a sombra de vocês assim que sair daqui. Vou ser seu pior pesadelo. Vou ser mais empata-foda que Sofia! Aliás, vou me mudar pra cá até o dia do casamento. E vou trazer minha adorável filha! — Ela gargalhou teatralmente, liberando sua risada de bruxa.

— Vai sonhando, Susanne... — Max disse, tentando parecer tranquilo, mas nitidamente alarmado com a hipótese.

— *Bora* pro quarto, Max! — Olívia falou, fingindo (ou não) certo desespero.

E, então, silêncio.

Levantei e espiei a fechadura.

— Parece que eles foram mesmo.

— Ninguém aqui está interessado em ver sua bunda, Plínio.

— Sério? — falei, virando-me. — Você não quer ver minha bunda divina, amor?

— Murcha. — Ela ergueu uma sobrancelha altiva.

— Mas a minha musculatura não é perfeita? — indaguei, caminhando vários passos em sua direção.

— Não — ela respondeu, quando me sentei na beirada da cama.

— Minha covinha — toquei meu queixo — não é tímida e sutil e linda? — questionei, arrastando-me para chegar mais perto.

— Horrorosa. — Ela carregou no desdém.

— Eu não fico lindo de branco?

— Ridículo. — Ela deu uma risada sarcástica.

— E pelado? — Aproximei-me um pouco mais.

— Risível. — Riu com ironia.

— Assim você me magoa, Susanne. — Fiz uma careta entristecida.

Ela mexeu os lábios para esconder a vontade de rir genuinamente.

— É esta a minha “carinha fofa de cachorrinho”? — perguntei, indicando o próprio rosto.

— É. Muito... Horrível.

Intensifiquei a tristeza das feições e rompi de vez a distância, colando nossos corpos.

— Para — ela disse, rindo.

— Você me ama tanto quanto eu te amo — falei baixinho, acariciando seu cabelo.

— Ou seja, muito pouco — ela devolveu.

— Ou seja, um tanto maior que a minha rola — corrigi. — Ou seja, é um amor maior que qualquer coisa no mundo.

Ela deu uma risada.

Afundi a cabeça em seu pescoço e depus vários beijos em sua pele, puxando a fita de seu roupão.

— Eu não vou transar com você, Plínio — ela falou, contorcendo-se.

— Tá. A gente fica só se beijando.

Migrei os lábios para os dela e, livrando-a do tecido felpudo, atirei aquela coisa do outro lado do quarto.

Deitei-a no colchão e deslizei as mãos por sua pele perfumada e macia enquanto arquejávamos de tesão na boca em do outro.

Desci a mão e massageei seu clitóris, lambuzando os dedos com a umidade. Beije seu pescoço e fui descendo. Envolvi seus mamilos com a língua, arrancando de sua garganta vários gemidos enlouquecedores por segundos sucessivos.

Continuei descendo, acariciando sua barriga protuberante com os lábios.

Quando cheguei ao lugar mais paradisíaco de todos os lugares da Terra e girei a língua ao redor, ela pronunciou meu nome. Doce e desesperadamente.

Enfiei-me dentro dela no segundo seguinte, e começamos a gemer em sintonia perfeita, nossos movimentos cadenciados, nossas respirações compassadas.

Posicionando-a de lado no colchão, comecei a comê-la vagarosamente, beijando seus ombros, entrelaçando seus dedos nos meus.

Gemíamos juntos, apertando nossas peles e respirando com dificuldade.

— Te amo... — Eu sussurrava em seu ouvido a cada nova investida.

Ela virou a cabeça e enredou os lábios nos meus.

Desci uma das mãos e apertei sua cintura, aumentando a intensidade, transformando as metidas lentas e suaves em estocadas.

— Eu deixo — ela disse de repente, com a voz alterada.

Não precisei pensar nem por um segundo para saber do que ela estava falando.

Diminuí, involuntariamente, o ritmo.

— Suze... Não precisa ser agora. — Beijeí seu pescoço e falei, embora meu pau já estivesse completamente ensaiado.

— Eu quero agora, Plínio — ela disse, encontrando meus lábios.

Fiquei momentaneamente atordoado. Eu não podia acreditar que finalmente, finalmente, ela ia ceder!

Mas cedeu. E, quando eu gozei, tive certeza de uma coisa: tinha acabado de morrer.

Toda a espera havia valido a pena. Por todas aquelas sensações, eu seria capaz de esperar um século inteiro. O que era uma rele década?

— Foi bom pra você, amor? — perguntei, rindo.

— De novo! De novo! De novo! — Ela imitou o *teletubie* vermelho, e nós dois tivemos uma crise de riso.

— Eu te amo — murmurei em seu cabelo, quando paramos de rir.

— Não quero mais que você vá tomar banho de piscina — ela disse, fazendo cafuné na minha cabeça.

Dei uma risada.

— Eu poderia morrer agora — suspirei profundamente.

— Eu te mato se você morrer, Plínio.

— Achei que você e as crianças pudessem viver sem mim — provoqueei.

— Não quero nem vou viver sem você, idiota. Eu só estava puta.

— Eu sei... Preciso de cinco minutos de repouso para voltar à ativa. Esperei dez anos por esse orgasmo, Susanne. Estou morto.

Ela riu e continuou alisando meu cabelo.

Fechei os olhos e desliguei o corpo, sentindo apenas os movimentos

prazerosos de seus dedos delicados.

— Te amo — ela sussurrou.

— Te amo — respondi em seguida. — Te amo — respondi em seu ouvido, cinco minutos depois.

67. Quem brinca com fogo acaba se queimando

PIOLHO

— Você está muito sério, Lucas — Maria Luísa comentou.

Mirei meus dedos no volante, ergui o olhar e constatei, pela milésima vez nos últimos segundos, que o sinal ainda estava vermelho.

— Dor de cabeça — falei, sem desviar os olhos da direção, engatando a marcha outra vez.

A luz verde banhou o asfalto de repente. Liberei o pé do freio, pisei no acelerador, soltei a embreagem e arranquei como se estivesse desesperado para tirar meu pai da força, o que, pensando bem, não é uma boa analogia, porque, se fosse esse o caso, eu provavelmente teria deixado o carro morrer de propósito um bilhão de vezes antes de finalmente arrancar e seguir caminho a 20 km/h.

Calma, mano! Tô só zoando, tá ligado? Eu não ia deixar o velho morrer, saca?

— Onde você vai ficar? — perguntei a Maria Luísa.

— Na sua casa? — ela respondeu, usando um tom provocativo.

Dei uma risada prositalmente debochada.

— Meus pais estão viajando — ela continuou. — Eu posso dormir na sua casa, sabia?

— Eu moro com a minha irmã, sabia? — Imittei a entonação que ela usou.

Aquelas seriam as minhas últimas noites no apartamento de Drica. No dia seguinte, eu trataria de arranjar um lugar para mim. Mais do que nunca, eu precisava ficar sozinho. E isso não tinha nada a ver com precisar de privacidade para, por exemplo, descabaçar uma mina de dezoito anos. Eu só estava cansado de Drica.

— Com a Bruxa Má do Oeste ou com a Bruxa Boa do Sul? — Maria Luísa quis saber.

— Drica — respondi.

— Com a Bruxa Má do Oeste, então. — Ela deu uma risada, e eu desejei que o som não tivesse provocado aquela sensação reconfortante que se alojou em meu peito.

Cometi, voluntariamente, o erro de olhar para ela.

— Eu posso ser bem silenciosa. A bruxa nem vai saber que eu estou lá — ela disse, o azul-mar de seus olhos alagando os meus.

— Não estou indo para casa — menti subitamente, voltando a me concentrar

na direção.

A verdade era que eu tinha planos de dormir com alguém naquela noite. Obviamente, alguém diferente de Maria Luísa. Mas, depois de ver o vídeo, minha mente estava fervilhando, e tudo o que eu queria era a solidão do meu quarto e, talvez, alguns acordes de violão.

Naquele momento, eu só queria que Maria Luísa não estivesse no meu carro, infestando-o com aquele cheiro que me fazia perder o foco de tudo.

— Não está indo para casa? — ela perguntou, visivelmente chocada.

— Não.

— Mas é quase meia-noite, Lucas.

— Ou seja, cedo.

— Você não tá cansado? A gente podia... Sei lá, só... Dormir juntos. Prometo que não vou tentar nada. Vou ficar quietinha.

Antes que eu pudesse me conter, estava imaginando Maria Luísa na minha cama; meu braço em sua cintura, a respiração em seu cabelo perfumado, minhas mãos palmilhando sua pele, meus lábios roçando seu pescoço, subindo, alcançando sua boca; meu corpo sobre o dela, nossos movimentos harmônicos, nossas respirações sintonizadas...

— Não.

— Então eu posso ir com você? Pra onde você está indo, aliás?

Eu queria responder algo como “pegar mulher, mano”, mas, por algum motivo bizarro, não consegui.

Então, como não havia uma resposta que eu pudesse dar, desconversei, e, fitando-a, anunciei algo que tinha decidido ainda na casa de Putão:

— Nosso acordo está desfeito, Maria Luísa.

Eu não podia passar quatro dias fazendo aquilo sem enlouquecer. Quatro dias beijando-a e apalpando-a sem transar com ela seria um atentado bem-sucedido à minha sanidade.

Achei que fosse ficar surpresa, mas, em vez disso, ela reagiu como se já estivesse esperando por um anúncio do tipo.

— Por causa do que você viu no vídeo.

Foi uma afirmação, sem qualquer tendência interrogativa.

Fiquei em silêncio, porque qualquer coisa que eu dissesse só deixaria tudo mais claro.

Antes de ver a filmagem, eu tinha noção do quanto poderia me foder se continuasse “brincando de adolescência” com Maria Luísa. Mas, depois de assistir àquela merda, estava cem por cento certo de que já estava fodido.

Eu me recusava a usar aquela palavra, a temida palavra começada com “a” e terminada com “o” que tinha dez letras. Mas não era tão estúpido a ponto de não

compreender que algo estava terrivelmente errado.

Era esperto o bastante para saber que os desdobramentos daquela brincadeira (como aquele casamento estúpido) revelaram coisas mais sérias do que eu gostaria.

Enquanto assistia àquilo, rebatendo as zoeiras dos putos, eu tentava ignorar o que qualquer pessoa com dois neurônios via sem dificuldade: sendo eufemístico e otimista, eu tinha uma queda ridícula por Maria Luísa (eu fazia mesmo aquela cara quando *tava* olhando pra ela, mano?); sendo realista, eu estava na merda, a um passo de entrar para o time dos putos.

A propósito, isso não ia acontecer, porque eu me afastaria de vez dela, o que resolveria todos os problemas sem maiores percalços.

— Eu tenho outra proposta — Maria Luísa falou de repente.

— Você gosta de fazer propostas — observei.

— Meu pai acha que eu me daria bem no ramo dos negócios.

— Pais geralmente não sabem de porra nenhuma.

— Isso não é algo que um professor deveria dizer a uma aluna.

— Um professor também não deveria se embriagar com uma aluna. — “Ou se casar ficticiamente com ela”, eu teria completado, se a mera menção ao fato não me causasse uma mistura desagradável de vergonha e alarde.

Eu não podia acreditar que a ideia toda, inclusive a parte das alianças, tinha partido de mim. Se não tivesse visto com meus próprios olhos, jamais acreditaria em tamanho absurdo. Na verdade, ainda estava cogitando a hipótese de os putos terem contratado um sócio ou terem encontrado meu gêmeo perdido no *Instagram*.

— Preciso saber onde te deixar — falei, rompendo o silêncio que havia se instalado dentro do carro.

— No mesmo lugar — ela disse, tirando o celular da mochila e digitando alguma coisa.

— Na casa da sua amiga? — investiguei.

— É.

Eu quis comentar que ela passava muito tempo na casa dessa amiga, mas não era da minha conta. Então, simplesmente me concentrei em me lembrar do caminho.

A casa ficava em um bairro de classe média da cidade, bem distante da zona sul, onde se localizavam os bairros nobres repletos de mansões, muitas das quais eu conhecia desde a infância.

Depois de mentalizar o trajeto da casa da amiga de Maria Luísa, comecei a guiar para lá.

Eu tinha muita coisa para processar, mas queria fazer aquilo quando estivesse

sozinho, desfrutando da paz que só a solidão me ofereceria. Então, liguei o som do carro para abafar os pensamentos que se agitavam na minha cabeça.

A voz de Herbert Vianna cantando “Romance Ideal” expulsou o silêncio.

Mano, só podia ser o diabo me zoando, meu. Saca só a parada:

*Ela é só uma menina
E eu pagando pelos erros que eu nem sei se eu cometi
Ela é só uma menina
E eu deixando que ela faça o que bem quiser de mim
Se eu queria enlouquecer essa é a minha chance
É tudo que eu quis
Se eu queria enlouquecer
Esse é o romance ideal*

Pressionei o botão e passei para a próxima faixa da *playlist*:

*Saber amar
Saber deixar alguém te amar
Há quem não veja a onda onde ela está
E nada contra o rio
Todas as formas de se controlar alguém
Só trazem um amor vazio*

Carai, mano. Não. Próxima:

*Eu confesso sim
que já não vivo sem você
que te quero feito um tolo
como quem encontra ouro
como um cego que volta a ver
E se você não vem me tirar dessa aflição
não existe um consolo
que estanque o meu choro
um remédio pra solidão*

Mano, minha banda favorita na adolescência *tava* me fodendo, tá ligado?

— Você também curte Os Paralamas — ela disse, sorrindo.

— Não mais — respondi, puto, ligando o rádio. — Ah, mano, que *carai*, meu!

— bradei, quando a música fez meus ouvidos sangrarem.

— Que foi? Edinho é muito fofo. — Ela fechou os olhos e balançou levemente a cabeça, acompanhando o ritmo.

— “Edinho”? Que *carai* é esse, Maria Luísa?

— Ed Sheeran, ué. — Ela deu de ombros e começou a cantar baixinho, quase um sussurro.

— Eu sei quem é esse *carai*, tá ligado? — falei, puto.

As minas da escola veneravam o sujeito, *véi*. Direto, levavam exemplares da “Capricho” e de outras revistas escrotas de machos *teen* e ficavam comentando o *carai* de sempre: o fato de o moleque ser ruivo, ter tatuagens coloridas e “fofas” nos braços e, “ainda por cima”, ser britânico (“ah, o sotaque dele é tão lindo!”. Foda-se, mano. Ele nem fala *piolhês*, tá ligado?).

Elas cantarolavam as músicas o tempo todo, meu. E aquelas paradas grudavam na cabeça, saca? Eu podia cantar porras como *Thinking Out Loud* e *Potograph* sem nunca ter ouvido as músicas na versão original. Por isso, eu odiava o cara. E agora que tinha descoberto que Maria Luísa curtia o sujeito, meu ódio tinha sido elevado à enésima potência.

Imaginei Ed Sheeran morrendo afogado no Tâmis, com violão, “tatuagens fofas” e tudo, enquanto ela cantava aquela merda.

— O que você tem contra Ed Sheeran?

— Tudo, mano — respondi.

— Ele é meu cantor favorito. — Ela aumentou o volume.

Tive uma crise de riso, meu.

Maria Luísa ficou me olhando como se quisesse enfiar as unhas no meu pescoço.

— *Cê* é louca, mano? — falei, ainda rindo. — *Cê* precisa conhecer outros cantores, meu. Com urgência, saca? Mano de Deus... *Véi*, *cê* não pode gostar de Paralamas e Ed Sheeran, tá ligado? Não faz sentido, *carai*!

— Nada a ver! Eu sou eclética! — Ela se defendeu.

Eu também era, mano. Eu curtia até *funk*, meu. Mas tudo na vida tinha limite, saca? E o meu era Ed Sheeran.

Lá estávamos nós, a poucos metros de distância da casa da amiga dela, ouvindo o final de *Thinking Out Loud*, a música mais ridiculamente melosa de todos os tempos.

Mano, onde o cara *tava* com a cabeça pra escrever uma parada tão escrota, meu?

Estacionei o carro na rua deserta, de frente à casa da amiga de Maria Luísa, no momento em que o radialista anunciava *Kiss Me*, do porra do Ed Sheeran de novo.

Fiz menção de desligar aquele *carai*, mas ela segurou minha mão. E é claro

que eu senti aquela merda bizarra quando seus dedos tocaram minha pele.

Eu queria puxar a mão mais rápido que um raio, mas não consegui.

Não tinha como, mano. Sei lá, *vêi*, meu braço não obedecia ou meu cérebro não *tava* enviando o *carai* do comando, saca?

Só sei que, por alguns segundos, nossos olhares se conectaram. E só então eu rompi o contato entre nossas mãos.

A luz amarelada do poste fazia sombras em seu rosto, e os olhos claros pareciam escuros, mas seus lábios, ressaltados pela iluminação, estavam mais rosados e mais tragicamente beijáveis que nunca.

Fiz uma promessa mental: nem fodendo eu ia beijá-la enquanto ouvíamos uma música que falava sobre beijo e babaquices de amor.

Não, mano. Eu preferia enfiar uma faca na minha jugular. Na moral.

O problema era o *carai* da música.

Sério, *vêi*. A letra fazia umas bruxarias com a cabeça da gente, meu. Eu não conseguia parar de pensar em beijá-la. Eu não queria outra coisa além de sentir os lábios dela nos meus.

Onde *tava* o *carai* da faca, meu?

Não era possível que eu ia protagonizar uma cena ridícula daquela. Eu precisava da faca.

Tinha sido composta pelo capeta, a música. Porque aquela parada *tava* afetando meu discernimento como se fosse um capiroto sussurrando no meu ouvido, mano.

Pacto. Ed Sheeran tinha feito um com o diabo, saca? Por isso até Justin Bieber *tava* cantando as músicas dele (as minas também curtem esse moleque aí, *vêi*).

Eu não ia sucumbir como se tivesse quinze anos, mano. *Cê* é louco, meu? Eu tenho o quê? Quase trinta! Eu sou um cara escolado, *vêi*. Não caio nessas armadilhas do cabrunco pra criança, saca?

Carai... Eu *tava* querendo muito sucumbir como se tivesse quinze anos, mano.

Soltei o cinto e, sentindo os batiques insistentes no peito, aproximei-me, inclinando-me devagar sobre ela enquanto meus olhos beijavam seus lábios antecipadamente.

Segurei seu rosto e acariciei sua bochecha, sentindo na ponta do dedo a maciez de sua pele.

Ela levou uma das mãos à minha nuca, beijou meu maxilar e desceu os lábios para o meu pescoço enquanto Ed Sheeran cantava:

And your heart's against my chest
(O seu coração contra meu peito)

Your lips pressed in my neck
(Seus lábios pressionados em meu pescoço)

Nossos olhos se encontraram quando ela ergueu a cabeça e uniu nossas testas.

I'm falling for your eyes
(Estou me apaixonando pelos seus olhos)
But they don't know me yet
(Mas eles ainda não me conhecem)

Eu podia sentir seu hálito tangenciando minha boca, seus dedos emaranhados em meu cabelo, seu coração pulsando junto ao meu, nossas respirações dançando ao nosso redor.

Fechei os olhos e rocei os lábios nos dela.

“Não faça isso, Lucas, você só vai piorar as coisas, meu filho”, Deus soprou no meu ouvido enquanto o diabo usava uma voz afeminada:

And with this feeling I'll forget
(E com essa sensação que eu vou esquecer)
I'm in love now
(Estou apaixonado agora)

Deus *tava* certo, mano. Mas era difícil ouvir a voz dEle até em situações menos tentadoras, meu. Imagina ali, com a boca praticamente colada a de Maria Luísa?

Claro que fiz exatamente o oposto do que eu sabia que devia fazer: imprimir os lábios nos dela.

Após um ou dois movimentos sutis, nossas bocas já escorregavam com desespero, consumindo o ar em meus pulmões e toda a racionalidade restante em meu cérebro.

Estávamos distantes demais. Eu precisava apertá-la inteira.

Aproximei-me mais um pouco e puxei-a para o meu colo ao mesmo tempo em que encontrava a alavanca e afastava o banco.

Um gemido irrefreável perpassou minha garganta quando ela se acomodou devidamente, abrindo as pernas e pressionando-se contra o volume em minha calça.

Apertei sua cintura com uma mão e apalpei um dos peitos com a outra enquanto nossas bocas se devoravam.

O que eu *tava* fazendo, mano?

Isso, cometendo os mesmos erros.

Aquela pegação não ia nos levar a lugar algum. Só ia me tirar o sono e toda paz.

Eu precisava parar aquilo.

Interrompi o beijo, afastando seu rosto com as duas mãos. Mirei seus olhos transbordando luxúria, a boca vermelha entreaberta, a expressão atônita.

Ela não devia ser tão... Linda.

Deslizei o polegar por seu lábio inferior. Maria Luísa segurou meu pulso e beijou meu dedo.

Uma sensação paradoxalmente prazerosa e dolorida se instalou em meu peito.

Puxei-a para perto e inspirei o perfume de seu pescoço. Embevecido pela onda inebriante que enevoou meus sentidos, comecei a depositar beijos leves em sua pele.

Alancei a clavícula, migrei para o colo e descí até alcançar o decote do vestido.

Escorreguei as mãos por seus ombros, subi os olhos, encontrei os dela e selei nossos lábios, puxando as alças lentamente para baixo.

Explorei sua bochecha e percorri seu pescoço enquanto abaixava o tecido e libertava seus peitos, experimentando a textura aveludada nas mãos.

Beijei o vão entre eles, usando os dois braços para apertá-la contra o meu corpo.

Meus dedos enfiaram-se debaixo da saia do vestido quando minha língua enovelou um de seus mamilos.

Pressionei suas coxas. Palmilhei sua barriga. Suguei sua pele.

Agarrei sua nuca e comprimi nossos lábios, apalpando seus peitos.

Ela puxou a barra da minha camisa, enfiando os dedos por baixo, tocando meu abdome.

Movi as mãos e subi o corpo dela para apertar a bunda. Mordi seu lábio, ela mordeu o meu. Puxei seu vestido para cima, e ela subiu minha camisa até a altura do meu peito, espalmando as mãos em meu tórax e engolindo minha boca.

Gemíamos ruidosamente, afundando nossos dedos em nossas peles, dizimando nossa capacidade de respirar e raciocinar.

Maria Luísa resvalou as mãos e abriu o botão da minha calça. Isso acionou um alarme em minha cabeça.

Eu *tava* com uma puta vontade de ficar pelado, saca? Mas aquele não era o lugar, mano. E, se ela puxasse minha anaconda, o que eu ia fazer, *vêi*?

Isso. Merda.

— Já chega — falei, finalizando o beijo.

Ela me ignorou completamente. Transferiu os lábios para o meu pescoço e

abriu o zíper.

— Tô falando sério, car... Puta m... — Puxei o ar quando ela mergulhou a mão dentro da minha calça e apertou a cabeça da minha rola.

— O que você acha de eu me sentar bem aqui, Lucas? — perguntou, mordendo o lábio, puxando o elástico da cueca e agarrando meu pau, que pulsava incontrolavelmente sobre a minha coxa.

— Shhhhh — balbuciei, desesperado, posicionando os dedos em sua boca enquanto engolia com dificuldade.

Maria Luísa enlaçou meu indicador com a língua e o chupou, sorrindo sedutoramente para mim.

Escorreguei os dedos e os abriguei em sua nuca. Levei meus lábios aos dela e a beijei lenta e torturantemente.

Rematei o beijo grudando nossas testas.

— Isso precisa parar — falei, a voz saindo rouca e entrecortada.

— Por quê? — ela perguntou, segurando meu rosto com as duas mãos.

This feels like falling in love
(Isso se parece com apaixonar-se)
Falling in Love
(Apaixonar-se)
We're falling in love
(Nós estamos nos apaixonando)

Mano, mais do que nunca, eu odiava o bosta do Ed Sheeran. Quem *tava* mandando aquele merda responder o *carai* da pergunta, meu?

— Porque sim — respondi, subindo seu vestido e tirando-a do meu colo.

Ela ficou me olhando até eu terminar de fechar a calça.

Ajustei o banco e desliguei o som quando *Photograph* começou a tocar. Eu teria que me matar se precisasse passar mais cinco minutos ouvindo uma merda escrota daquelas, mano. Aquelas porras eram músicas pra ouvir dando o cu, *vêi*. Quem escuta “Edinho” toma suco de laranja, meu.

Um silêncio bizarro se instaurou como um manto de chumbo sobre nós.

Eu estava com os olhos fixos no para-brisas, conjugando o verbo “broxar” mentalmente.

— “Porque sim” não é resposta — ela disse, interrompendo minha conjugação.

Mantive os olhos no vidro quando respondi:

— No meu vocabulário é.

— Você gosta de mim — ela afirmou.

— Você — frisei — gosta de mim.

— Você não gosta de mim?

— Não.

— Nem um pouco?

— Eu gosto do que você tem entre as pernas.

— Disso? — ela perguntou, provocante.

Eu não ia virar a cabeça. Ela não ia conseguir o que queria.

— Quer que eu tire a calcinha?

Aquela voz ia me enlouquecer, mano.

Girei o rosto no momento exato em que ela enganchava os polegares nas laterais.

— Não — ordenei, mas era uma súplica.

Ela abriu um sorriso malicioso.

— Não sei se te obedeço... — disse, toda manhosa e reboiativa no banco, fazendo meu pau pulsar.

— Desce do carro, Maria Luísa — falei, soando nada convincente com os olhos no triângulo de renda. — Eu já disse que... Que... Acabou o... O... Acordo... — Comecei a gaguejar quando ela começou a brincar, revelando e cobrindo partes deliciosas enquanto descia e subia a calcinha.

— E eu já disse que tenho outra proposta. Quer ouvir? — perguntou, cobrindo-se com o vestido.

Soltei um suspiro frustrado. Eu deveria estar aliviado, mas sentia a frustração explodindo em minhas veias.

— Não estou interessado — respondi com rispidez.

— Bem, a proposta é a seguinte... — ela iniciou.

— Por que você sempre ignora o que eu digo, *carai*? — perguntei, puto.

— Tá nervosinho por quê? — ela perguntou, prendendo o riso.

Soltei o ar com força.

Eu *tava* louco de tesão, mano. E ela sabia disso, porque *tava* de olho no volume grotesco na minha calça.

Retornei à conjugação do verbo “broxar” enquanto ela ia dizendo, contorcendo distraidamente as coxas:

— Primeiro, preciso te fazer duas perguntas. A primeira é: você quer mesmo romper o acordo que fizemos? Sobre os quatro dias de amassos e tal...

Respirei fundo.

Eu queria, mas não queria. Queria porque encerrar aquilo era, sob todos os aspectos possíveis, a coisa certa a fazer. E não queria justamente porque continuar era tão errado e, ao mesmo tempo, parecia a coisa mais certa do mundo quando minha boca se apoderava da dela.

— Eu já rompi, Maria Luísa. — Foi a resposta que eu dei, porque, felizmente, era capaz de pensar com a cabeça de cima.

— Tá. Agora, a segunda pergunta: você quer namorar comigo?

Arregalei os olhos.

— Cê é louca, meu?

— Foi o que eu pensei — ela disse, sem parecer ofendida. — Então... A gente não vai mais se pegar nem vai namorar de verdade um dia, certo?

— Muito certo — assenti.

— Minha proposta é: seja meu amigo por quatro dias.

Tive uma crise de riso, mano. Sério, *véi*.

— Seu amigo? — perguntei, rindo.

— É. Você não tem amigas?

— Tenho, né, meu. Mas já fodi todas.

Ela me lançou um olhar fulminante. Então respondeu, um tanto irritada:

— Ótimo. Então... É isso.

— “É isso”? — repeti. — Isso o quê, mano? Não posso ser seu amigo, tá ligado? Não rola, meu. Você já... — Pensei no boquete naquele quarto de hotel. — Enfim, mano, não dá, saca?

— Vou pensar em coisas que a gente possa fazer juntos. Como são quatro dias, eu escolho dois passeios e você escolhe os outros dois — ela falou, pegando a mochila e colocando-a nas costas.

— Passeios? Quem passeia é namorado, mano! — retruquei.

— Amigos também, Lucas. — Ela se inclinou e beijou minha bochecha. — Um beijo de amigo — disse, afastando-se com um sorriso estampado no rosto.

Em seguida, abriu a porta.

— Isso é um absurdo, tá ligado? A gente não vai fazer *carai* de passeio nenhum, mano. E se o povo da escola vir a gente na rua, *véi*? — argumentei enquanto ela saía do carro.

— E daí? Somos amigos, ué. — Ela deu de ombros. — Seja criativo! — exclamou, fechando a porta e correndo até o portão.

Em casa, deitado na minha cama, eu repassava os acontecimentos dos dois últimos dias enquanto fitava o teto do quarto.

Teria que ser um idiota para não suspeitar que estava “palavra com dez letras” por Maria Luísa.

Não, Hermione, o medo de um nome, nesse caso, não faz aumentar o medo da própria coisa, tá ligado? Pra início de conversa, eu nem tô com medo de *carai* nenhum, mano.

Eu tinha topado aquela palhaçada da amizade, e não por ser estúpido o suficiente para acreditar que “tudo bem, Maria Luísa, vamos ser amigos e, assim,

não vamos transar. Que ideia genial, nossos problemas estão resolvidos, meu”.

Não sou tapado, mano. Ela era minha aluna virgem e, agora, além disso, era minha “amiga”. Ou seja, o que era proibido, tinha se tornado ainda mais proibido, *véi*. Essa parada de amizade, mano? Todo mundo sabe que esse papo de “vamos ser apenas amigos” só serve pra aumentar o tesão, saca?

Como se eu precisasse disso...

Batendo a real, aceitei aquilo por um único motivo: minha anaconda curtiu a parada.

Eu já tinha desistido de acreditar que não transaria com ela.

Mano, eu ia transar com ela, tá ligado? Eu sabia. Não tinha saída, *véi*. Eu queria, mais que tudo, tirar aquele cabaço, meu. Eu sonhava com aquela parada.

Não era questão de “se”, mas de “quando”. Era questão de tempo.

Eu *tava* seriamente perturbado, saca? Não conseguia pensar em mais nada.

Eu sei, mano... Já que eu sabia que ia rolar, por que não acabava logo com o martírio? Por que eu não fodia e pronto, chega de dor no saco?

O problema era o seguinte: haveria consequência. Não ia ser uma trepada e boas. Eu estava ciente de que, no dia em que transasse com ela, a tragédia estaria anunciada.

Tinha um pressentimento muito ruim sobre o que aconteceria quando eu a fodesse e, consequentemente, permitisse que ela me fodesse. Maria Luísa ia foder a minha vida. Eu via isso.

Simplesmente sabia que eu ia ficar ridículo. E eu tinha um medo do *carai* de ficar igual aos putos, mano. Então, obviamente, eu tentaria adiar aquilo ao máximo.

Foda-se a sua impaciência, mano. *Tamo* falando do quê? Da minha vida, *carai*.

Não era como se eu pudesse fazer com ela o que Putão estava fazendo com Olívia. Eu não ia me casar com uma garota de dezoito anos. E tampouco engravidaria uma mina que tinha acabado de sair da adolescência, mano. Nem ela nem ninguém.

E eu não podia pedi-la em namoro, porque não fazia sentido namorar só por namorar. A consequência lógica de um namoro é um pedido de casamento, coisa que não ia rolar por infinitos motivos, a começar pelo mais óbvio: eu nunca estaria pronto para aquela parada de “*settle down with me*”. Nunca ia “sossegar”.

Eu gostava da minha vida de surubas, meu. Não ia abrir mão disso por uma mina que nem transar sabia.

E eu nem devia estar pensando tanta merda.

Mudei de posição várias vezes, tentando dormir, mas, sempre que fechava os olhos, mergulhava naquela cena: o momento em que meu polegar acariciava o

lábio úmido e macio de Maria Luísa ao som de *Kiss Me*.

A música não saía da minha cabeça, mano. E o pior nem era isso, *vêi*. Eram os violões me encarando na parede do quarto.

Puxei o edredom e cobri a cabeça. Fiquei vários minutos morrendo sufocado lá dentro, tentando não pensar em nada.

Mas funcionou? Funcionou o *carai*, mano! Era só eu me distrair um segundo que as lembranças e a melodia voltavam a foder a minha cabeça. E todas aquelas sensações gostosas e meu pau duro também fodiam com tudo. Era como se ela estivesse ali, seu coração contra meu peito, seus lábios pressionando meu pescoço...

Que *carai*, mano! Por que eu queria tocar aquela merda de música, meu?

Nem fodendo, tá ligado?

Levantei-me da cama, prendi o cabelo, peguei meu Martin D-18 e comecei a tocar *Trying Not To Love You*, de *Nickelback*.

Isso não tinha nada a ver com Maria Luísa, mano. Era uma das músicas escolhidas por Olívia para a banda tocar no *carai* do casamento daquela quenga desgraçada. Tô falando de Putão.

Eu *tava* puto, tá ligado?

Toquei aquele *carai* e emendei com *Far Away*, depois toquei *Never Gonna Be Alone*.

Quase atirei o violão na parede quando terminei. Pronto, eu *tava* liberto daquele encosto, meu.

Fui à cozinha, bebi água e voltei a me deitar.

Estava sozinho. Quando cheguei, Drica já tinha saído. Liguei para ter certeza de que ela *tava* viva, e ela disse que não dormiria em casa.

Fitando novamente o teto, pensei de novo que poderia ter trazido Maria Luísa e que ela poderia estar ali comigo.

Respirando fundo, fechei os olhos e, daquela vez, não tentei reprimir as lembranças. Desisti de sufocá-las, me entreguei ao ridículo e adormeci cantarolando “*this feels like falling in love, falling in love...*”.

68. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades

PIOLHO

Água. Muita água, mano. Eu *tava* sem ar. E pelado.

O violão nas minhas costas devia estar de cabeça para baixo, porque eu podia sentir o fundo colado na minha bunda, saca?

Meus braços e pernas tinham ficado retardados, meu. Meus membros sacudiam-se feito um boneco-doido de posto de gasolina.

Espera. Por que o *carai* do meu braço *tava* todo pintado, mano? Que tinta era aquela que não saía na água, *véi*?

Putá merda. Tinha um gato escroto pra *carai* me encarando perto da minha mão.

Onde eu já tinha visto aquele gato, meu?

Eu não conseguia nadar. Meus pulmões ardiam. Meus músculos doíam. Uma força invisível parecia empurrar minha cabeça, afundando-a.

Por mais que eu tentasse coordenar os movimentos para sair do lugar, meu corpo apenas submergia e retornava constantemente à superfície, me fazendo tossir e cuspir litros de água.

Quando emergi outra vez, forcei-me a observar o entorno.

Meus olhos captaram arcos verdes. Eu conhecia aqueles arcos, mano. Pertenciam à Ponte de *Westminster*, que atravessava o rio Tâmis, saca?

Como em um filme, visualizei-me aos cinco anos de idade, no colo do meu pai, na minha primeira viagem a Londres. Ele apontava o rio lá embaixo. E falava dos arcos como se eu tivesse capacidade, aos cinco anos, de entender que eram verdes em referência à Câmara dos Comuns.

Na próxima emergência, visualizei um clássico ônibus londrino e pessoas minúsculas que provavelmente faziam poses para fotos. Depois, vi o Palácio de *Westminster* e o *Big Ben*. Não precisei ver a *Tower Bridge* ou o *London Eye*. Bastou fechar os olhos debaixo d'água para que toda a região turística mais famosa de Londres se estendesse em minha cabeça como uma pintura impressionista.

Eu tinha tatuagens coloridas. E *tava* me afogando no Tâmis. Com um violão. Isso me parecia levemente familiar, saca?

Como se estivesse esperando a deixa, a força oculta parou de me empurrar. Foi quando, miraculosamente, eu vi meu reflexo na água.

Mano, eu era feio pra *carai*.

— Lucas, acorda, preciso te falar uma coisa!

— Não! Não, mano! Meu cabelão, meu...

— Lucas?

— Cadê meu cabelão? Não!

— Lucas, acorda!

“*Kiss me*”, o reflexo sussurrou.

— Não, *carai*! Não! Não! *Nããããããããã*!

— Lucas!

Sentei-me na cama, assustado, conferindo meu cabelo. Encontrei meus fios compridos e castanhos no lugar. Constatei, aliviado, que eu era eu mesmo, Piolhão da Surubada, e não Ed Sheeran.

— Meu Deus, quer me deixar surda com esses berros?

Estreitei os olhos e me deparei com Drica, sentada na minha cama. Ela estava vestida como se estivesse de saída para uma festa.

— Mano do céu, eu tive o pior pesadelo da minha vida, *vêi*!

Ela revirou os olhos, levantando-se.

— Sonhou com alguém raspando seu cabelo de novo? Lucas, você tem esse sonho desde os treze anos! — Gargalhou.

— Não, mano. Foi muito pior que isso, saca? Até acordei com a cabeça doendo, meu — falei, massageando as têmporas.

— É melhor você se levantar, porque acho que você tá atrasado. Eu acabei de chegar e vim te falar que...

— *Carai*, mano! Quantas horas? — perguntei, pulando da cama.

Graças a Deus, eu não *tava* pelado. Tinha parado de deixar a anaconda pernoitar livremente por causa de Drica.

Tá vendo? Eu precisava sair do apê dela, saca?

— Seis e meia, mais ou menos — ela disse.

— Mano de Deus, tô atrasado pra *carai*! Sai da frente, meu! — falei, caminhando apressado em direção ao banheiro.

— Preciso te falar umas coisas! Espera!

— Fala logo, mano! Tenho que estar na escola em vinte minutos, tá ligado?

— Então — ela me seguiu —, eu cheguei agorinha. A festa foi tão *top*! Você não sabe quem eu vi lá!

— Sintetiza, meu. — Coloquei pasta de dente na escova e enfiei na boca.

— Uma ex-namorada sua.

— Qual?

— Ah, sei lá. Eu nem reconheci. Ela que se aproximou e perguntou de você. Disse que não vinha à cidade há anos.

— Quero saber de ex-namorada, não, mano. *Cê* falou o que pra ela?

— Não lembro. Eu já estava meio alterada. Mas provavelmente falei que você continua insuportável, e que a melhor coisa que ela fez na vida foi te dar um pé na bunda. — Ela deu uma gargalhada.

Dei uma falsa risada com a boca cheia de espuma aberta.

— Que nojo! — ela reclamou.

Mostrei o dedo e cuspi na pia. Em seguida, enxaguei a boca.

— *Cê* é louca, meu? Eu nunca levei pé na bunda, tá ligado? Agora sai, mano. Preciso mijar, saca? — falei, tirando-a do banheiro.

— Credo! Calma! Preciso te falar o principal! — ela falou da porta. — Vim avisar que vou ficar fora o dia todo. É hoje o lançamento da coleção de primavera. Tem desfile, e Dessa, como sempre, está arrancando os cabelos sem motivo. E você sabe que hoje seria aniversário de casamento dela, né? — Fiz uma cara que dizia: “é sério que *cê* tá me perguntando isso, mano? Não lembro nem do meu próprio aniversário, tá ligado?”. Drica revirou os olhos. — Enfim... Ela está estressada e deprimida. Se eu a deixar sozinha hoje, você sabe o que acontece. Ela vai beber uma garrafa de vinho sozinha no *closet* e, em seguida, vai ligar pro filho da... — Fiz uma careta impaciente. — Você entendeu. Eu só queria avisar que, depois do coquetel, vou pra casa dela. Mamãe vem de Milão para o lançamento. Vamos dormir todas juntas! — ela vibrou.

— E o quico? — perguntei.

— Estou avisando pra você não achar que eu morri na rua! Ou que fui sequestrada!

— Mano, se *cê* fosse sequestrada, com dois minutos de cativeiro os caras iam oferecer uma grana preta pra gente te receber de volta, tá ligado?

— *Rá, rá, rá*. Que engraçado. Quero te avisar outra coisinha, idiota: nada de suruba no meu apartamento! Lucas, se eu voltar na manhã seguinte e pegar um monte de piranhas com as bundas sujas de porra no meu sofá, como daquela vez, vou cortar seu cabelo enquanto você estiver dormindo!

— Toca no meu cabelão e eu picoto aqueles cintos tudo que *cê* chama de saia, meu! — ameacei.

— Picota pra você ver, seu ridículo! Eu arranco as cordas de todos os seus violões! E decoro as teclas do piano com meus esmaltes mais fluorescentes!

— Eu quebro cada um dos seus saltos na sua testa, tá ligado? Haja testa, mano!

— Eu rasgo todos os seus livros!

— Haja dedo, *vêi*!

— É mesmo, e vai estragar minhas unhas. Então eu... — Ela fez uma pausa, pensando. — Ah! Eu arranco o pôster da Emma Watson da parede do seu quarto!

E faço picadinho dele!

— Mano, *cê* nem é louca, *vêi*! Toca na minha musa que eu quebro aquelas paradas tudo que *cê* passa na cara! Não sei pra quê... Continua esse troço aí.

— Ai, meu filho, tem é muito macho fazendo fila!

— Tudo doido, meu. Sai — ordenei, agarrando a maçaneta.

— Considere-se avisado, Lucas Larozzi! — ela berrou quando eu bati a porta.

Enquanto a água caía no meu corpo, eu retomava aquilo tudo. O pesadelo com Ed Sheeran, o pânico quando não vi meu cabelo no lugar e a ameaça de Drica.

É claro que eu sabia que ela não tinha coragem de cortar meu cabelo, mano. Nem se eu lotasse o apartamento de minas gostosas. Não era isso o que me preocupava. Era o *carai* da promessa que eu tinha feito, a que eu teria que cumprir quando transasse com Maria Luísa.

Que merda, mano! Onde eu *tava* com o *carai* da cabeça quando prometi cortar meu cabelão, *vêi*?

Talvez eu pudesse desfazer a parada de Putão morrer, caso eu não cortasse. Sei lá, mano... Fazer uma substituição, saca?

Eu tinha que pensar numa saída. Mas não podia ser debaixo do chuveiro, né, *vêi*, porque eu *tava* atrasado pra *carai*.

Cheguei ao colégio em tempo recorde. Infelizmente, eu não tinha aula na sala de Maria Luísa na quinta-feira.

Os dois primeiros horários custaram a passar. Eu estava ansioso pro intervalo. Provavelmente, mais que meus alunos do primeiro ano.

Então, imagina a minha frustração quando o sinal bateu e eu não consegui encontrá-la no pátio.

Passei o intervalo inteiro procurando-a nas rodas de alunas, na fila da cantina, nas proximidades dos banheiros femininos do colégio e em todos os lugares possíveis até o sinal ressoar.

Os alunos do segundo ano tiveram que suportar todo o meu mau humor por uma hora e quarenta minutos.

No final da aula, a história se repetiu. Achei que eu fosse encontrá-la sentada no capô me esperando, mas ela não estava lá.

Voltei e fui procurá-la. Como não a encontrei nos corredores, caminhei decidido rumo à sala.

Avistei dois colegas dela no trajeto.

— Veio — um deles respondeu quando perguntei. — Mas já foi embora. Não tem ninguém lá na sala, Lucão.

Que *carai*, meu.

Eu *tava* tão puto que queria dar um pescotapa no moleque só por ter me chamado de “Lucão”, mano, sendo que era o apelido que os alunos,

especialmente os caras, usavam pra me chamar.

Deixei pra lá e voltei voando pro carro. Esperei pra *carai*, mas nem sinal dela.

Por que eu não tinha o telefone de Maria Luísa, meu?

O resto do dia foi uma merda. Não consegui me concentrar em nada. Os alunos faziam perguntas que eu não escutava, eu falava merdas que não *tava* ouvindo. Cheguei a mandar dois moleques do vespertino pra fora da sala, mano. Eu nunca tinha feito essas paradas de professor cuzão, saca? Ficou todo mundo me olhando como se eu fosse um alienígena, e era exatamente como eu *tava* me sentindo.

Por volta das cinco e meia, quando a aula acabou, eu *tava* mal pra *carai*. Não sabia definir o que era aquilo, mas *tava* sentindo uma mistura de tristeza, decepção e raiva. Eu *tava* puto na mesma medida em que estava com saudade.

Saí da escola direto pro *loft* de Pecê. A gente tinha ensaio da banda, pro casório de Putão.

— Cara, *cê* nunca cantou assim. Foi foda! — Marcelão comentou, quando terminamos de tocar *Here Without You*, do *3 Doors Down*.

— Fiquei arrepiado, Piolhão. — Pecê passou o indicador no antebraço, rindo. — Se eu não te conhecesse, diria que *cê* tá apaixonado, meu cabeludo! — Ele passou a mão na minha cabeça.

Dei uma risada sarcástica, afastando-me do filho da puta.

— Tudo atuação, mano. A gente vai cantar num casamento, tá ligado? O casamento do século, *vêi*. A parada precisa ter uma pegada meio romântica, saca?

— Sei — ele disse, desconfiado.

— *Bora* pra próxima, mano.

— Falou. Vamos de *With Arms Wide Open*. Pode ser?

Assenti.

Comecei o *intro* no violão e Pecê acompanhou na guitarra. Marcelão soltou as baquetas no refrão, e, por alguns minutos, eu me senti anestesiado de novo.

Emendamos com *My Sacrifice* e, em seguida, tocamos *One Last Breath*, todas de *Creed*.

Algumas músicas de *Lifhouse* depois, encerramos o ensaio.

Indo para casa, enquanto dirigia, comecei a pensar no que Maria Luísa estaria fazendo naquele momento. Será que ela *tava* em casa? Na casa da amiga?

Cogitei, por um instante, ir até lá. Mas afastei a ideia quando me dei conta do quanto eu pareceria desesperado.

Mas eu *tava*, mano. Desesperado para ouvir a voz dela e inspirar seu perfume. Queria falar alguma besteira e queria que ela desse uma risada. Queria beijá-la de repente e beijá-la mais um pouco e um pouco mais, e beijá-la me movendo

dentro dela.

Eu *tava* no meu limite, saca? Tinha passado dias demais com Maria Luísa para suportar 24h seguidas de abstinência.

Mano, por que ela tinha inventado aquela parada de amizade e sumido? Que *carai*, meu!

Maria Luísa não sabia que amigos são para todas as horas?

Onde ela *tava* quando eu mais precisava?

Entrei em casa puto pra *carai* e me joguei na cama. Eram nove horas da noite, *véi*. E eu não queria sair, não queria fazer *carai* nenhum. Só queria não ver o tempo passar.

Sabe quando *cê* é criança e, na véspera de Natal, fica louco pra dormir logo pro Papai Noel (seu pai, mano) colocar logo o *carai* do presente no lugar?

Era o que eu *tava* sentindo. Eu só queria dormir logo pra sexta-feira chegar mais depressa. Eu veria Maria Luísa na sala de manhã, e à tarde eu não precisaria estar na escola, porque era meu dia de folga no vespertino. Então, a gente poderia fazer alguma coisa juntos, tipo... Sei lá, mano. Qualquer coisa, desde que fosse com ela.

Eu estava deitado, tentando fazer um corpo acostumado a dormir depois das duas horas da manhã apagar cinco horas mais cedo, quando meu telefone tocou.

Pensa num maluco que deu um pulo da cama, *véi*! Só podia ser ela!

Agarrei o bicho e chequei o visor. Soltei um suspiro frustrado, porque, em vez de ser um número desconhecido, era o número mais conhecido da minha lista de contatos.

— *Quié*, puta? — atendi.

— Fala direito com seu macho, porra! — Putão zoou do outro lado da linha.

— Mano, eu tive um dia de cu, *véi*. Não enche o *carai* do saco, meu.

— *Cê* acha que teve um dia de cu sozinho, seu porra? Tive um dia de merda no Fórum. Chego e só quero ver minha mulher. Mas não consigo. Por quê? Porque ela e as meninas foram experimentar porra de vestido hoje à tarde. E estão até agora aqui, caralho, empatando minha foda.

— Maria Luísa tá aí? — perguntei, engasgando.

— Tá. Por quê?

— Nada, não. *Bora* jogar pôquer, mano?

Ele deu uma gargalhada, e eu ouvi outras risadas.

— Valeu, quenga, pelos oitocentos pila que eu acabei de ganhar!

— Oitocentos pila? Tá falando do quê, *carai*?

— Da aposta que eu fiz com Plínio, Tito, Ícaro e Artur. Cem reais de cada se você perguntasse com desespero e em tempo recorde se ela estava aqui, e mais cem se você propusesse vir pra cá com uma desculpa ridícula.

— Vou pagar parcelado! Em cem boquetes e cem beijos-gregos! — Ouvi Ícaro bradar.

— O pau eu te deixo chupar, Ícaro, mas cu é com Plínio. — Putão e os caras riram.

— Nada a ver essa aposta aí que cês fizeram, mano. Eu perguntei por perguntar, tá ligado?

— Perguntou por perguntar meu ovo! Cê tá todo fodido, quenga. O precipício que te espera é maior que meu cacete. Daí cê tira. — Ele deu uma risada.

— Vai tomar no cu, Max — rosnei.

— “Max”? Puta merda, Lucas! Chamou de “Max”, a porra é séria. — Ele riu. — Eu tô zoando, caralho. Quem é que ia apostar duzentos contos contra o fato mais óbvio da Terra? Todo mundo já sabe que você tá de quatro, quenga. Mas, hein, porra, tô ligando pra te falar que a gente tá indo pro *Evil's*. Sua Maria Luísa foi pra casa arrumar.

Carai, meu! Mano de Deus, eu ia ver Maria Luísa!

— Piolho?

Eu ia dançar com Maria Luísa...

— Piolho? Cê tá aí, porra?

E beijar Maria Luísa...

— *Quié*, mano?

— Tá com a boca cheia de rola? Larga esse caralho e responde, bocetudo!

— Cê tá estressada demais, puta! — falei, sentindo uma carga de alívio, ansiedade e euforia.

— Falta de sexo, porra. Susanne tá fodendo a minha vida. Não desgruda de Olívia um segundo. O putro do Plínio, em vez de sumir com Suze pra puta que pariu, tá é ajudando, essa desgraça.

Ouvi as risadas de Plinião.

— Cê esperava o quê, mano? Mais camisolão que Plinião não existe, meu. Cê sabe que ele faz tudo que Suzinha manda, *vêi*.

— Romeu, Romeu, seu cu é meu! — Plínio gargalhou.

— Plinião tá bem-humorado demais, mano... Que *quié*? Suzinha já desculpou?

— Já. Graças a mim. Eu... — ele começou.

— Max, você ainda não tomou banho, porra? — Ouvi a voz de Olívia.

— Tô indo, linda!

— Mano de Deus, eu quero é distância dessas camisolas que cês usam, meu! — Dei uma risada.

— Você já tá “encamisolado”, quenga! E ainda nem fodeu! — Ele gargalhou. — Agora tô indo. Preciso passar minha camisola de sair ainda! Dá um trabalho do caralho, porque é grande demais, né, linda?

— Bem grandona — ela disse do outro lado.

— Camisolão assumido é pior que corno manso, mano... Vou desligar, *carai*.
Vai que essa doença pega.

— Pega, e você já levou a picada!

— Sai pra lá, mano! Picada... *Assifudê*, meu!

Ele riu.

— Você tá lembrando que a gente tá indo pra fazenda amanhã, né, quenga? —
perguntou.

O casamento de Putão seria na *Sonnenblumen*, a fazenda que pertencia ao pai dele, a qual Suze herdou e colocou à venda para comprar a casa de praia onde começamos a passar juntos todos os *réveillons*.

Desde que meu pai comprou a fazenda, eu nunca mais tinha colocado os pés lá. Agora, no dia seguinte, eu não apenas retornaria ao lugar onde os putos e eu passamos os melhores momentos da nossa adolescência, como veria o velho, depois de anos, porque é claro que Putão o convidou para o casamento.

Meu pai sempre o tratou como o filho que gostaria de ter.

Na moral, eu nunca me resenti disso, porque ele também nunca foi o pai que eu gostaria de ter.

Até aquele momento, eu tinha apagado da memória o fato de que iríamos na sexta-feira para a fazenda, onde dormiríamos e nos prepararíamos para o casamento, que ocorreria no sábado, ao entardecer.

Quando Putão me perguntou se eu me importaria se o casamento fosse na *Sonnenblumen*, eu não pensei duas vezes antes de dizer que não. Primeiro, porque eu não me importava mesmo. Morria de vontade de voltar lá, e o casamento era a desculpa perfeita. Segundo, porque tinha sido lá o casamento dos pais dele, mano. E terceiro, eu teria que lidar com a presença desagradável do meu pai de qualquer jeito, porque, mesmo se o casamento fosse em Marte, ele seria convidado.

Estava tudo bem. Eu só precisaria cumprimentá-lo, para não deixar minha mãe triste, fingir cordialidade por dez minutos, de preferência em “modo Lucas”, e ignorá-lo o restante da festa.

— Tô ligado, mano. Até daqui a pouco, quenga — falei e desliguei.

Então, afastando o sentimento ruim desenraizado pelas lembranças, tomei banho e coloquei uma calça *jeans* e uma camisa branca. Vesti minha jaqueta preta, calcei os coturnos, peguei o capacete e as chaves e ganhei as ruas rumo ao *Evil's*, sentindo o vento frio fustigar meu rosto e açoitar meu cabelão.

Era noite de *rock* alternativo no *Evil's*.

Do I Wanna Know?, de *Arctic Monkeys*, pulsava nos alto-falantes.

“*Crawling back to you..*” escapava das gargantas aglomeradas de frente ao palco.

Meus olhos percorriam os corpos ao redor enquanto eu trafegava entre as pessoas, à procura de uma silhueta específica.

Mas só o que consegui na pista foram abordagens femininas que precisei ignorar, por motivos de: naquela noite, eu só queria Maria Luísa.

Não encontrei nenhum dos putos. E muito menos ela.

Então, voltei para a região mais tranquila, sentei-me no bar e pedi um *Dry Martini*.

— Espera — falei, quando o *bartender* se afastou. — Três doses de gim, uma de vodca, meia dose de *Kina Lillet*, misture com gelo e não se esqueça da casca de limão.

— É pra já, Mr. Bond. — O *bartender* deu uma risada.

— Você daria um excelente 007. — Meu coração acelerou quando ouvi a voz de Maria Luísa. — Muito melhor que Daniel Craig. — Ela parou ao meu lado.

Minha anaconda cresceu largos centímetros dentro da calça quando meus olhos fitaram seu rosto e desceram até os sapatos pretos de salto.

Mano, ela *tava* alta pra *carai*. Tipo, os saltos eram os mais altos que eu já tinha visto na vida, *véi*. E o vestido preto era colado, mas, felizmente — ou infelizmente — não era decotado.

Seu cabelo descia em ondas suaves pelo ombro direito, e ela emanava aquele aroma que me deixava perturbado.

— Posso me sentar?

Eu estava estupidamente sem fala, o que era ridículo, porque era só uma mina cheirosa de vestido curto e salto alto, como muitas outras ali.

— Claro — falei, limpando a garganta.

Ela se sentou praticamente de frente para mim, cruzando as pernas. Meus olhos se assentaram em suas coxas por vários segundos antes que eu perguntasse, sem sentir:

— Quer beber alguma coisa?

A pergunta saiu automaticamente. Só depois de perguntar eu me dei conta de que estava oferecendo bebida a uma aluna.

Gostosa. Pra *carai*, mano. Puta merda.

— Vou ficar nos coquetéis sem álcool. — O batom vermelho sorriu para mim.

Ela pediu uma parada de frutas vermelhas enquanto meu coração destruía meu peito com batidas altas e descompassadas.

Pouco depois, quando nossas bebidas chegaram e Maria Luísa levou o canudo colorido à boca, fiquei hipnotizado pelos lábios em formato de beijo da mesma cor do morango na borda da taça.

Eu *tava* miseravelmente fodido, mano.

Tomei um pouco do *Dry Martini* para disfarçar o quanto, mais que todos os dias, ela estava me afetando.

Minha garganta estava seca, e, como constatei, não havia nada que a mistura gelada de vodca e gim pudesse fazer para afastar a permanente sensação de nervosismo.

— Como foi seu dia? — ela perguntou, depositando a taça no balcão.

Eu poderia ter usado uma resposta padrão: “bom”. Ou dito um educado e inverídico “ótimo, e o seu?”. Poderia, ainda, dizer uma verdade não polida e incompleta: “uma merda”. Mas, em vez disso, sem nem saber de onde vinha aquilo, respondi a verdade absoluta:

— Senti sua falta.

E, então, sentindo o coração provocar um terremoto em minha caixa torácica, aproximei-me e coloquei uma mecha que havia escorregado detrás de sua orelha.

Ela abriu um sorriso que fez meu peito se contorcer um pouco mais com aquela sensação paradoxalmente terrível e agradável.

— Você é uma péssima amiga, aliás — completei, afastando a mão. — Desapareceu no nosso primeiro dia de amizade. Isso não se faz, Maria Luísa. — Fiz uma expressão severa.

Ela mordeu levemente o canto esquerdo do lábio inferior e, depois de uma pausa, declarou:

— Se *cê* continuar no “modo Lucas”, não vamos soar como amigos, meu. Vamos parecer aluna e professor, tá ligado?

Eu não sabia por que, mas, quando estava perto dela, sentindo aquelas paradas, era difícil me expressar como de costume.

— Saquei, mano — falei, e ela deu uma risada.

— Ainda temos o resto da noite e mais dois dias antes do casamento para sermos amigos, Lucas — ela disse, sugando o canudo.

Bebi mais do meu *Dry Martini*, pousando os olhos nos dela enquanto a bebida descia pela garganta.

Otherside, de *Red Hot Chili Peppers* começou a ecoar pelo *Evil's* quando eu coloquei a taça na bancada e perguntei:

— Quer dançar?

— Tem certeza? E se, por acaso, alguém da escola nos vir? — ela me parafraseou, usando um tom nítido de zoação.

A verdade era que eu *tava* me fodendo para quem fosse nos ver, mano. Eu

precisava tocá-la, ou ia enlouquecer.

— Amigos dançam, não dançam? — perguntei, ficando de pé e estendendo o braço.

Ela sorriu, pousou a mão na minha e se levantou. Mesmo com os saltos, Maria Luísa continuava bem mais baixa que eu, mas eu não precisaria me inclinar tanto quando fosse beijá-la.

Quando ela girou o corpo ao descer da banqueta, arregalei os olhos.

O vestido, que supus não decotado, tinha um decote profundo nas costas. Começava nos ombros, expondo sua pele macia, e ia até o início da bunda deliciosamente moldada sob o tecido do vestido justo.

A propósito, mano de Deus... Como aqueles saltos conseguiam a proeza de deixar aquela bunda ainda mais empinada? Puta merda...

— Que foi? — ela perguntou quando parei de andar.

— Mano do céu... Assim *cê* enfraquece a amizade, meu — falei, puxando-a pela cintura e colando nossos corpos.

Deslizei a mão por suas costas e comecei a beijar seu pescoço. Ela segurou meus dedos quando eles começaram a ultrapassar a base de sua coluna e se afastou.

— Amigos não fazem esse tipo de coisa, Lucas — repreendeu.

— Fazem, sim, mano. — Puxei-a de novo e levei uma mão a sua nuca.

Aproximei nossos rostos, ansioso para experimentar a textura de sua boca cor-de-morango.

Nossos lábios estavam a cerca de dois centímetros de distância quando ela me interrompeu com dois dedos e sussurrou:

— Posso beijar meus amigos assim, na boca? — Maria Luísa desceu os dedos, entreabrindo meus lábios.

— *Cê* é louca, meu? — perguntei, segurando sua mão.

— Foi o que eu pensei — ela disse, e saiu me puxando rumo à pista de dança.

Eu estava puto e com tesão, o que nunca era uma boa mistura, a menos que eu pudesse resolver os dois problemas em menos de dois minutos em algum canto escuro, o que, infelizmente, não era possível naquele caso.

Encontramos espaço de frente ao palco e começamos a dançar; próximos, mas não o bastante. Coloquei as duas mãos em sua cintura, e nossos corpos conectaram-se em um ritmo único.

Na hora do *breakdown*, Maria Luísa ergueu os braços e começou a fazer uns movimentos que puta merda, meu... Ela *tava* enfeitiçando minha anaconda com aquelas reboladas, mano.

— Preciso te beijar... — falei, enlaçando sua cintura e pressionando-me contra seu vestido.

— Lucas, me deixa refrescar sua memória — ela disse no meu ouvido, com os dedos entrelaçados em minha nuca. — Nós tínhamos um acordo. Quatro dias de pegação. Você desistiu desse acordo ontem. Então, eu propus outro e...

— Mano, eu quero o acordo antigo de volta, tá ligado? — interrompi.

— É uma pena que ele tenha sido rechaçado, não é? Uma pena que não seja mais uma opção viável. — Provocativa, ela beijou minha bochecha e se afastou para me fitar, voltando a mexer os quadris no ritmo da música.

Eu *tava* ligado no que ela *tava* fazendo, mano. O Piolhão aqui não nasceu ontem. Conheço esses truques tudo de *muié*, meu. *Muié*, mano, adora botar os caras na geladeira. Tipo, *cê* dá uma esnobada natural na mina, e ela fica puta. Aí, *cê* muda de ideia (porque *cê* também é de carne e osso, tá ligado?) e decide que quer pegar. O que a mina faz? Faz jogo duro. Age com indiferença, como se não estivesse doida pra montar no seu pau e cavalgar até desfalecer, saca?

Tô vacinado, mano. Tô nessa vida há anos, tá ligado? Não caio nessas paradas clássicas, meu.

O segredo é se fazer de otário, saca? Ela finge que não tá mais a fim, *cê* finge que acredita. É tiro e queda, mano. A mina acha que *cê* tá com medo de perder, saca? Aí, ela libera geral, tá ligado?

O mundo é dos espertos, meu. A gente se faz de tolo pra viver, *véi*.

Maria Luísa sorriu como se tivesse ganhado a batalha. Eu agi como o galã hollywoodiano que eu poderia ser.

Mano, pensa no Piolhão aqui na pele de 007, meu. Imagina aí, mano... Eu chego, todo trabalhado na alta costura, faço aquela parada com a arma em punho e anuncio: “*Bond. My name is James Bond*”. Foda pra *carai*, meu.

Mas *bora* voltar ao assunto aqui, tá ligado?

Maria Luísa me encarou, triunfante, e eu fiz o quê, mano? Fiz uma cara de puro sofrimento cumulado com arrependimento e medo, a qual ela respondeu com um leve dar de ombros.

Tava tudo sob controle. Tão sob controle que o universo decidiu fazer uma participação em nosso jogo de gato e rato.

Quando finalizou *Otherside*, a banda anunciou a próxima música: *Take Me Away*, de *Lifehouse*.

Tudo o que eu precisava pra vencer a guerra era de uma parada daquelas, meu. Uma música lenta, mano. Do tipo mela-cueca e molha-calcinha, saca?

Mas Maria Luísa cortou meu barato sugerindo que fôssemos nos sentar.

Nem fodendo eu ia perder a oportunidade de me esfregar nela, meu.

— Só essa, mano — insisti.

— Amigos não dançam agarradinhos — ela argumentou.

— Vamos fingir que você é a Hermione, e eu sou o Rony. E nessa versão da

história, eu te convidei para o baile, saca? — falei, estendendo a mão.

Ela abriu um meio-sorriso e aceitou o convite assim que os primeiros acordes do *intro* esparramaram-se pelo salão.

Meus braços enlaçaram sua cintura, e suas mãos pousaram com suavidade sobre meus ombros.

Quando começamos a nos mover lentamente, suas íris mergulharam nas minhas e fizeram meu coração retumbar.

Maria Luísa pousou o queixo em meu ombro, o rosto acariciando meu pescoço, e ficamos assim até as notas finais, quando tive uma ideia que destruiria a calcinha dela, mano.

Eu já podia ouvir os sinos da minha vitória.

É o seguinte: todo cara escolado, tipo o Piolhão aqui, conhece o velho truque do pé do ouvido, mano. É um fato, saca? *Muié* não aguenta umas paradas sussurradas no ouvido, *véi*.

Sussurrou no ouvido da mina, ela pira, meu. Imagina cantar no ouvido dela, mano. Por que as minas da escola gostam do cagão do Pedro? Por que Ed Sheeran faz sucesso? Porque esses caras cantam, saca?

Muié adora um cara que canta, meu. E eu nasci equipado com uma arma de destruição em massa de vaginas, tá ligado?

Não, mano, dessa vez eu não tô falando da minha anaconda cuspideira. Tô falando da minha voz, *véi*.

Por que as minas piram no Piolhão? Por causa do *shape*? Isso também, meu. Mas as minas piram não só no meu *shape*, tá ligado? A voz do Piolhão deixa as minas loucas, tudo pingando, saca? E ainda tem meu cabelão, minha anaconda e uma porrada de coisas, mas não vamos perder o foco aqui, mano.

Agora, pensa na cena: tô lá, de boa, dançando agarrado com Maria Luísa, esfregando minha anaconda nela enquanto nos movemos lentamente pelo salão. De repente, a cartada final: ela escuta minha voz no pé do ouvido, cantando a música que tá tocando.

Soma tudo aí, mano: falar no ouvido da mina, voz foda do Piolhão e música melosa de *Lifehouse*. *Game over*, saca? Não tem erro, *véi*. É o caminho mais rápido para o paraíso. Ou seja, pra boceta da safada.

Comecei a cantar, deslizando os dedos por suas costas nuas:

This time, all I want is you
(Dessa vez, tudo o que eu quero é você)
There is no one else
(Não há outra pessoa)
Who can take your place

(Que possa tomar o seu lugar)
I've seen it all
(Eu já vi tudo)
It's never enough
(Nunca é suficiente)
It keeps leavin' me needing you
(Continuo precisando de você)
Take me away
(Leve-me embora)
Take me away
(Leve-me embora)
I've got nothing left to say
(Eu não tenho mais nada a dizer)
Just take me away
(Apenas me leve embora)

— Vamos embora — falei em seu ouvido quando a música acabou.

Meu pau pulsava. E eu só conseguia pensar na minha cama vazia e no quanto eu queria Maria Luísa em cima dela.

Ela desceu as mãos dos meus ombros, deslizando-as até estacionar as palmas em meu peito. Então assentiu, umedecendo os lábios.

Mergulhei uma mão em sua nuca, inclinei-me e sussurrei, a centímetros de sua boca:

— Não foi uma pergunta, Maria Luísa.

Ela se contorceu em um arrepio. Resisti ao impulso de beijá-la, agarrei sua mão e comecei a nos guiar para longe dali.

69. Não há regra sem exceção

PIOLHO

Os braços de Maria Luísa circundavam meu torso, e eu acelerava minha *Monster* pelas ruas da cidade.

O tempo tinha virado. A noite agradavelmente fria tinha ficado gelada. E, a julgar pelo céu acinzentado e sem estrelas, as rajadas prenunciavam uma tempestade.

Enquanto o vento dilacerava meu peito, Maria Luísa mantinha minhas costas aquecidas com o corpo pressionado ao meu. Eu podia sentir a maciez de seus peitos contra o tecido da minha camiseta, assim como o calor de suas mãos, que, espalmadas em meu tórax, subiam e desciam constantemente, acariciando minha pele.

Aquilo *tava* acabando com a sanidade da minha anaconda, meu. Quente e dura, friccionada contra o tanque de gasolina, ela ia acabar provocando um incêndio, mano.

Eu já tinha ligado o foda-se há algumas horas. Não estava pensando nas razões pelas quais eu não devia estar carregando uma aluna na garupa da minha moto. Ou nas consequências que se manifestariam no dia seguinte, depois de tudo o que eu faria com ela. Eu não queria saber de nada disso, mano. Nem estava pensando nessas paradas enquanto meus dedos aceleravam rumo ao apartamento de Drica.

Só conseguia pensar em foder Maria Luísa e em como eu tinha sido estúpido em lutar por tanto tempo contra algo que, desde que eu coloquei os olhos nela, sabia que era inelutável. Não havia saída, mano. E eu, enfim, estava aceitando a irresistibilidade do fato. O jeito era me entregar àquilo e esperar pela tragédia, que eu sabia que viria.

Quando desliguei o motor na minha vaga do estacionamento do prédio, Maria Luísa se apoiou em meus ombros para descer.

Pouco depois, entramos no elevador privativo. Ajudei-a a se livrar da minha jaqueta, deslizando-a por seus ombros e deixando que caísse no chão. Em seguida, colei nossos corpos, agarrando-a pela cintura. Levei a mão à sua nuca, capturando mechas de seu cabelo e erguendo-as ao grudar os lábios nos dela.

Suas mãos enfiaram-se debaixo da minha camisa, subindo-a. Seus dedos arrastaram-se pela minha pele.

Interrompi o beijo para puxar a peça pela gola. Joguei-a no chão e voltei a conectar nossos lábios, sentindo suas mãos percorrerem meus músculos enquanto eu levantava suas coxas, içando seu corpo sem parar de beijá-la.

As pernas de Maria Luísa envolveram minha cintura, e seus dedos emaranharam-se em meu cabelo. Nossas bocas moviam-se com desespero, nossas línguas enredavam-se com urgência.

Quando o elevador se abriu, saí de lá com ela no colo; um braço sustentando sua bunda e o outro em suas costas nuas. Tateei até encontrar e apertar o interruptor do *hall*, alcancei a sala e caminhei praticamente às cegas em direção ao meu quarto.

Joguei-a sobre a cama desfeita, reclinei-me sobre seu corpo e comecei a beijar seu pescoço enquanto rastejava os dedos por suas coxas, subindo seu vestido.

Ergui a cabeça, afastei os fios grudados em seu rosto e, vendo seus lábios entreabertos, puxei o inferior com suavidade, recomeçando a beijá-la, mas de modo gentil daquela vez.

Um raio iluminou os vidros da porta da sacada e, pouco depois, um trovão estrondeou no céu, competindo com o som das minhas pulsações.

Beijá-la sempre me deixava estupidamente afetado. Mas beijá-la devagar, ali, no meu quarto, na minha cama, como se tivéssemos todo o tempo do mundo, estava acabando comigo.

Eu precisava vê-la. Queria a imagem que havia idealizado por tanto tempo gravada em minha mente.

Então me levantei e, de pé ao lado da cama, observei seu corpo curvilíneo sobre o colchão; o vestido preto contrastando com a alvura dos lençóis, as mechas negras formando desenhos indistintos sobre os fios loiros esparramados nos travesseiros.

— Que foi? — ela perguntou, desconcertada.

— Estou te olhando — respondi, observando o contorno de sua boca avermelhada, o formato dos peitos sob o vestido, a curva da cintura, as coxas expostas, as pernas torneadas, os saltos em seus pés...

Voltei a fitar seu rosto e a flagrei mordendo levemente o lábio enquanto seus olhos azulados deslizavam do meu peitoral para o volume em minha calça.

Eu *tava* tão duro que *tava* com medo de minha anaconda explodir dentro da cueca, mano. Então, comecei a abrir a calça.

— Eu faço isso — ela disse, levantando-se e engatinhando no colchão até a beirada da cama.

Aquilo só acentuou a pressão que meu cacete fazia contra o zíper. Eu achei que não era possível ficar mais duro do que já estava, mas a bunda arrebitada de Maria Luísa e a visão perfeita da junção daqueles peitos, visível dentro do decote

do vestido graças ao novo ângulo, me provaram que eu não conhecia minha própria anaconda, mano.

Quando se aproximou o suficiente, ela ergueu o corpo e, de joelhos no colchão, beijou meu peito e foi deslizando a língua e arrastando os lábios pelo meu abdome enquanto desabotoava minha calça.

Maria Luísa se afastou para descer o zíper e empurrar o jeans, escorregando-o por minhas coxas enquanto umedecia os lábios ao fitar a anaconda avolumada sob o tecido da cueca.

Puxei os pés para me livrar da peça e, assim que terminei, levei um puta susto, mano.

— Que *carai* é esse, Lucas? — ela bradou, me fazendo arregalar os olhos.

Por um momento, eu me perguntei se tinha vestido minha cueca do *Batman* por engano.

Antes que *cê* pense que eu comprei esse *carai*, me deixa esclarecer a parada, *véi*. Foi Putão quem me deu, em um dos amigos secretos da vida, mano. Devolvi a zoeira no ano seguinte, comprando uma do Robin praquela puta (a vendedora, *mó* gostosa, ficou achando que eu era gay, meu. Eu nem tive a sensatez de comprar pela Internet, como Putão deve ter feito, saca?).

Pensa num cara puto, mano... Foi a quenga quando abriu o embrulho.

— Que desgraça, Piolho! O *Batman* é foda, caralho. Eu merecia uma de um super-herói tão foda quanto, tipo o *Superman*, porra! Enfia no cu essa boceta! — Ele jogou a cueca na minha cara, mano.

Eu tive uma crise de riso, tá ligado? Em seguida, desci as calças, revelando minha cueca do *Batman*. Foi a vez da quenga de cair na risada. Então, ele decidiu colocar a do Robin (não na nossa frente, né, mano?), e ficamos tiritando no frio, fazendo os putos rirem com nossas imitações zoadas e afeminadas.

Sempre que vejo a cueca do *Batman* no fundo da gaveta, eu me lembro daquele dia, anos e anos atrás, em um dos muitos Natais que passamos todos juntos na *Sonnenblumen*. Devíamos ter uns dezessete anos, mano.

Eu tinha tentado me livrar da cueca algumas vezes, mas nunca conseguia, porque sempre começava a rir do “santa piroca, *Batman!*” de Putão.

Então eu deixava o *carai* da cueca lá, em nome da nostalgia daqueles velhos tempos.

Mas eu não podia acreditar, mano, que, por causa daquela quenga, eu ia ser humilhado na frente da mina que eu queria comer.

Desesperado, olhei para baixo e conferi.

Boxer preta normal. Sem morcego amarelo estampando a região do cacete.

Respirei aliviado.

— Que foi, meu? — perguntei, sem entender qual era, então, o motivo do

alarde.

Ela apontou o dedo, indicando a parede atrás de mim.

Putá merda, mano, só faltava ter um *voyeur* nos observando com um binóculo, no melhor estilo “Janela Indiscreta”, do outro lado.

Girei o corpo, fui até a janela, cuja vidraça se estendia do chão ao teto, e estreitei os olhos.

— Tô falando daquilo! — ela gritou, e eu acompanhei seu dedo, deparando-me com minha musa pendurada na parede.

Mano, ela *tava* gata pra *carai* na foto, saca? Eu assistia a todos os filmes dela, meu. Ia assistir até a parada da Bela e a Fera que ia estreiar. Já tinha até falado com Plinão que ia levar Sofia comigo. O puto nem sabia dos nossos esquemas, mano.

Sempre que a gente saía juntos, ela fingia ser minha filha, e eu deixava ela trançar meu cabelo todo depois. E colocar lacinhas nas pontas.

Teve uma vez que ela esqueceu o “papai” e me chamou de “Piolho” na frente de uma mina, mano. Em seguida, percebendo o lapso, começou a coçar a cabeça enquanto dizia: “piolho, papai”. Eu tive uma crise de riso do *carai*, meu. A gostosa da vez não entendeu meu “senso de humor”, e eu fiquei de pai safado que não passa *escabin* na filha e ainda ri da desgraça dela, saca?

Mas, tirando essa vez, o esquema sempre foi infalível. Nem meu *shape* por si só deixava as minas tão piradas quanto a combinação de *shape* do Piolhão e Piolhão paizão solteiro de uma mina fofa e faladeira.

E, antes que *cê* ache que eu ficava de agarramento na frente de Sofia, eu já digo que não sou tão irresponsável, mano. Eu só pegava o telefone das minas mais gostosas, saca? Pra comer depois. Tudo enquanto Sofia se distraía com paradas como ursinhos de pelúcia e *milkshake*.

— Quase *cê* me mata, *véi*! O que que tem minha musa? — perguntei a Maria Luísa.

— Sua musa? — ela engasgou ao perguntar com indignação. — Emma Watson é sua musa?

— É, mano. — Dei de ombros.

Ela piscou, me olhando com descrença.

— Que bom. Assim você vai entender quando vir meu pôster do Daniel Craig na parede do meu quarto.

Dei uma risada.

— *Cê* já disse que eu sou melhor que esse cara, mano.

— Eu disse? — Ela gargalhou. — Não me lembro. Provavelmente, estava só tentando massagear o seu ego. É um velho truque, Lucas. Toda mulher sabe que os homens adoram ter seus egos massageados. Então nós os massageamos,

porque isso faz com que o desempenho de vocês melhore na cama. — Finalizou com desdém.

— E como é que uma virgem sabe disso? *Cê* não entende *carai* nenhum de desempenho masculino na cama, Maria Luísa — falei, sério.

— Posso não entender, mas, como toda mulher, virgem ou não, eu conheço o truque — ela disse, cruzando os braços, toda irritada. — Até sua “musa” — ela fez aspas no ar — conhece.

— Foda-se essa parada aí do ego, mano. Eu não me importaria de ter o meu massageado pela minha musa — falei com sinceridade.

Ela soltou um grunhido raivoso.

— Eu não acredito que você vai me fazer odiar a Hermione, Lucas! Não acredito, não acredito, não acredito! — bradou.

— Mano, Hermione é uma coisa. Emma Watson é outra, tá ligado? Eu só bato punheta pra Emma Watson, meu. Pode continuar de boa com a Hermione, saca?

— Você o quê? — Ela estatelou os olhos, chocada. — Meu Deus, que coisa ridícula! Quantos anos você acha que tem?

Tá vendo, mano? E depois *muié* fala que gosta de caras sinceros, *véi*. Um *carai* que gosta, tá ligado? A gente nem pode confessar que bate umas, meu!

Todo cara bate punheta, mano. Tipo, pra *carai*. Pode perguntar por aí, tá ligado?

É uma necessidade masculina, meu. A gente pode estar pegando uma gostosona, saca? Vai ter punheta. Um cara pode ter uma vida sexual acima da média, até. Ele bate punheta. A bunda da mulher dele pode ser a bunda mais gostosa do planeta, mano. Ele vai bater punheta. Pensando na bundona dela ou em qualquer outra que ele tenha visto na rua. Porque, sendo boa, qualquer bunda é bunda, saca?

Se o seu marido for um sujeito sensato, ele vai dizer, na cara-de-pau, que não bate punheta, caso você pergunte. Ou vai dizer que bate, mas não vai revelar a quantidade semanal real de porra que o ralo do banheiro é obrigado a engolir. Porque as mulheres não entendem a parada, mano. Pra elas, o fato de o cara bater punheta significa que ele tá pensando em outra ou que tá cansado de comer a mesma boceta. Na moral? Pode ser que esteja, tá ligado? Mas a punheta dele é sagrada. Vai rolar de qualquer jeito, saca? Confia no Piolhão e deixa o cara bater as bronhas dele em paz, mano.

Sem esperar qualquer resposta, Maria Luísa se sentou na cama, tirou um dos saltos do pé e atirou o sapato na parede, provavelmente mirando o sorriso de Emma Watson, mas errando, e feio, a pontaria. A parada nem atingiu o pôster, mano.

Comecei a rir, mas, ao fitar sua expressão furiosa, engoli o riso.

— Que ódio! — ela gritou, tirando o outro sapato do pé e acertando, dessa vez em cheio, o rosto da minha musa.

— Cê machucou ela, mano! — reclamei.

Ela me fuzilou, e eu dei uma risada.

— Tô brincando, *carai*... Vem cá — falei, aproximando-me.

— Não toca em mim... — ela disse, quando agarrei sua cintura e afundei o rosto em seu pescoço. — Sua musa vai ficar com ciúme. — Finalizou, contorcendo-se toda para se afastar. — Quem você escolheria, se pudesse transar com uma só? Emma Watson ou eu? — perguntou, cruzando os braços e batendo o pé.

Mano, a gente *tava* mesmo tendo uma discussão tipo as que Putão e a mina dele tinham, *véi*? Como é que a gente *tava* brigando por ciúme sem nunca nem ter transado, meu? Por que as mulheres tinham que complicar tudo, mano?

— Essa pergunta não faz sentido, tá ligado?

— Acho que você vai encerrar a noite com uma punheta pra sua musa, Lucas — ela disse, caminhando resoluta até os sapatos e abaixando-se para pegá-los.

Eu jamais conseguiria descrever o que foi a visão daquela bunda virada em minha direção. Aquelas coxas e o pedaço carnudo da calcinha preta me deixaram tonto de tesão.

— Mano de Deus... — murmurei.

Ela ergueu o corpo e se virou, enfiando os saltos nos pés.

— Gostou do que viu? — perguntou, ajeitando o vestido nas coxas ao caminhar até mim.

— Cê tá doido... — falei, sentindo o pau latejar.

Maria Luísa pousou as duas mãos em meus ombros e falou em meu ouvido:

— É uma pena que a sua anaconda — ela desceu os dedos e apertou meu cacete, me fazendo puxar o ar — não vai chegar nem perto. Fica aí, com a sua musa. Eu tô indo embora.

— Para de brincadeira, mano — falei, puxando-a de volta quando ela se afastou e fazendo nossos corpos se chocarem. — Eu quero você, Maria Luísa. — Tomei seu rosto com as duas mãos e fitei o azul-esverdeado em seus olhos. — Por você, eu rasgo meu pôster da Emma Watson, mano.

Que humilhação, *véi*. O que um cara não faz por uma boceta, meu? É capaz de rasgar a musa e de vender até a mãe, tá ligado?

— Rasga? — Ela estreitou os olhos, erguendo uma sobrancelha desconfiada.

— Rasgo. Na moral — respondi, caminhando até lá para provar meu ponto.

Depois era só comprar outro, mano.

— Não precisa rasgar essa merda. Eu não sou idiota, Lucas. Amanhã você compraria outro — ela disse, lendo meus pensamentos.

Dei uma risada.

— Mano, a gente tá sintonizado, saca? Acabei de pensar isso, meu!

— Que lindos que nós somos, né? — Ela usou um tom irônico.

— *Cê* tá sendo irônica, mano? — perguntei, só pra pirraçar.

— Claro que não, Lucas — ela respondeu, os lábios avermelhados transbordando sarcasmo.

Prendi os meus para não rir.

— Além disso — ela continuou —, eu quero que a sua “musa” — Maria Luísa desenhou novamente os sinais de aspas no ar — esteja nos olhando quando você me fizer gozar.

Carai, mano. Isso fez minha anaconda dar uma latejada violenta dentro da cueca.

— Mano de Deus... — falei, reaproximando-me. — Que tesão, meu. Como *cê* é gostosa... Gostosa pra *carai*. — Acomodei a mão em sua nuca e inclinei-me para beijá-la.

Outro raio riscou o céu, e um clarão atravessou os vidros quando encostei meus lábios nos dela. O trovão, mais alto que o primeiro, ressoou no momento em que o gosto de frutas vermelhas de sua língua misturou-se ao toque cítrico da minha.

Apalpei sua bunda com uma mão, subindo o vestido para ter acesso à pele firme e macia debaixo do tecido.

Eu precisava livrá-la daquilo.

— Fica de costas — pedi em sua boca, mordiscando seu lábio.

Ela se virou, e, devagar, eu afastei os fios compridos que se estendiam por suas costas como uma cortina sedosa. O decote do vestido se revelou, ousado e absolutamente tentador.

Após a cintura fina, os quadris abriam-se em um desenho perfeito. A bunda deliciosamente redonda e as coxas grossas haviam sido planejadas para me deixar louco.

Depositei seu cabelo sobre o ombro direito enquanto beijava a região abaixo da orelha esquerda.

— Você é tão gostosa... — sussurrei em seu ouvido, massageando seus ombros e escorregando as mãos por suas costas.

Desloquei os lábios, umedecendo seu pescoço e ouvindo os gemidos baixos que escapavam de sua garganta enquanto eu descia o zíper do vestido.

Quando terminei, fui subindo as mãos por sua cintura até meus dedos alcançarem e puxarem as alças para baixo.

O vestido desfalecia, e eu beijava os ombros de Maria Luísa, descendo o tecido lentamente para prolongar o momento perfeito.

O céu desabou de uma vez no instante em que a peça tocou o chão, numa coreografia meticulosamente ensaiada com a Mãe Natureza.

O barulho da chuva torrencial golpeava meus ouvidos enquanto meus olhos se esbaldavam nas planícies, depressões e cordilheiras do corpo de Maria Luísa.

De finos laços laterais, a calcinha preta pequena era a única coisa que ela estava usando, à exceção dos saltos.

Ela se virou, erguendo os olhos para me fitar. Então, mordendo o canto do lábio, puxou um laço, depois o outro, e a calcinha encontrou o abandonado tecido negro aos seus pés.

Engoli em seco, impressionado com o quanto minha memória não havia feito jus às curvas de Maria Luísa. O que eu tinha em mente era um mero esboço diante da nitidez dos arcos e linhas abauladas que compunham sua estrutura.

Ela nem parecia ter só dezoito anos, mano. E era inacreditável que Maria Luísa fosse virgem sendo tão ridiculamente gostosa. Não que idade, virgindade e beleza tivessem qualquer correlação obrigatória. Eu só estava expondo as coisas de acordo com a minha experiência, mano. Eu conhecia poucas mulheres tão jovens com curvas tão enlouquecedoras. E praticamente nenhuma mina virgem que fosse tão linda e tão gostosa.

Na verdade, eu não conhecia nenhuma mina, virgem ou não, tão linda e tão gostosa quanto Maria Luísa.

Ela era perfeita. Maria Luísa é que era minha musa.

Aproximei-me, louco para apalpá-la inteira, mas ela segurou minhas mãos e, sem dizer nada, as uniu em suas costas. Então, riscando meu peito com os mamilos eriçados, conectou nossos lábios.

Subi uma mão e desci a outra para a bunda, apertando sua pele e pressionando seu corpo contra o meu.

Nossos beijos ávidos tornavam-se ainda mais esfomeados a cada segundo. Meus dedos afundavam-se cada vez mais em sua carne, e nossos gemidos competiam com o som da água ferindo o asfalto lá embaixo.

As mãos de Maria Luísa estacionaram no elástico da minha cueca. Com as pontas dos dedos enfiadas lá dentro, ela alcançou a base do meu pau, me fazendo sofrer por antecipação.

Subitamente, ela interrompeu o beijo e, abaixando-se com impressionante agilidade, puxou minha cueca, arrastando-a pelas minhas coxas, liberando minha anaconda e soltando um gemido com os olhos fixos no balanço do réptil recém-libertado.

— É tão grande... — disse, mordendo o lábio, descendo o tecido pelas minhas panturrilhas. — E tão grosso... — Ela se ergueu, e eu empurrei a cueca com o pé.

— Eu sei, mano. Mas a gente vai devagar, tá ligado?

Ela assentiu, rindo.

Então, circundou meu pau com a mão, movendo-o para cima e para baixo, arrancando da minha garganta um gemido rouco.

— Vem. — Puxando-me pelo cacete, ela nos guiou até a cama.

Maria Luísa se sentou de pernas abertas, de modo que eu ficasse de pé entre elas. Segurou meu pau e fez menção de levá-lo à boca.

— Ah, mano, não... Não me sacaneia, tá ligado?

Ela sabia fazer um puta boquete, meu. Eu já disse que nunca na vida uma mina me chupou tão gostoso. Mas eu já *tava* com um medo do *carai* de gozar nas primeiras metidas. Primeiro, porque uma boceta apertada é tipo o Olimpo dos cacetes, mano. Segundo, porque eu não transava há dias. Terceiro, e mais importante, porque era Maria Luísa. Eu sentia aquelas paradas por ela e, além disso, ela fazia com que eu me sentisse um adolescente, mano. Pra dar uma de moleque e gozar logo não custava nada, saca? Se ela me chupasse, então...

— Só um pouco — ela disse, erguendo os olhos e deslizando a língua na cabeça.

— Puta merda... Vai, *carai*, engole — falei, esquecendo-me de todos os argumentos anteriores.

Ela engoliu vários centímetros de uma vez, e a maciez morna e úmida de sua boca me fez gemer alto.

— Mano de Deus... *Cê* vai me matar, *vêi*...

Ela abriu um sorriso com a boca cheia de rola e chupou quase tudo em seguida, acariciando meu saco.

Eu queria começar a estocar, mano. Queria foder aquela boca deliciosa até minha anaconda cuspir gostoso pra todo lado.

Mas não podia. Naquela noite, eu teria que controlar as investidas da anaconda.

Maria Luísa continuou me torturando, escorregando a língua, alternando entre chupadas sutis e determinadas, engolindo centímetros e centímetros de pica.

Mano, eu ia gozar. Aquilo *tava* tão gostoso que fui curtindo a parada, incapaz de pedir que ela parasse. Eu *tava* quase entrando naquele caminho sem volta, saca?

Todo orgasmo tem esse caminho, mano. O momento em que, não importa o que aconteça, você vai gozar. *Cê* pode estar trepando com sua vizinha gostosa. E casada. O corno chegou mais cedo de viagem e está subindo as escadas. Se *cê* começou a jornada que antecipa o orgasmo, o marido da safada vai te pegar gozando no rabo dela.

Se *cê* cruza, conscientemente ou não, a “linha do gozo”, é melhor continuar o que está fazendo. Continua metendo, mano. Ou batendo a punheta, mesmo que

você não queira gozar naquele instante ou ache que está prestes a ser flagrado. Porque você vai gozar de qualquer jeito, saca? E, se parar de repente, a gozada vai “mascar”.

A minha sorte, *véi*, é que existe um momento anterior, localizado à beira da “linha do gozo”. É outra linha, bastante tênue, entre interromper o fluxo natural das coisas e ligar o foda-se e gozar.

Quando você está preso nessa linha, é possível reverter o processo, desde que você fique quieto, desde que o seu pau não se mova nem um milímetro até que a sensação de perda de controle passe.

— Para — rosnei. — Não. Mexe. Mano — ordenei, mais imóvel que uma das estátuas de Medusa. — Puta merda — falei, tirando o pau da boca de Maria Luísa quando já era seguro fazê-lo. — *Carai*, meu... Eu falei que não era uma boa ideia. *Cê* chupa esse *carai* como se fosse um bastão de chocolate, mano!

— Eu queria leite condensado — ela disse, lambendo os lábios.

Tive que rir, *véi*.

Ela se levantou e correu os dedos pelos músculos do meu peito. Agarrei sua nuca e invadi sua boca, beijando-a com voracidade.

Em seguida, peguei-a no colo e pousei seu corpo no meio da cama.

— Minha vez — falei, retirando seus sapatos e colocando-os no chão.

Comecei massageando seus pés, tão macios e tão pequenos. Ela liberava sons inebriantes no ar, e sua expressão era uma mistura de prazer e relaxamento perpétuos.

Fui subindo as mãos, apertando suas panturrilhas desenhadas e as coxas torneadas até me estender sobre ela.

Alcansei seu pescoço e fui depositando beijos em sua pele, estendendo a trilha úmida até sua clavícula enquanto me apoderava de seus peitos, sentindo a maciez preencher minhas mãos.

Resvalei a boca para o vão entre eles. Meus lábios perpassaram toda a região antes de se fixarem em um dos mamilos.

Eu me sentia extasiado voltando a provar a textura de sua pele sensível depois de tanto tempo.

Ali, fartando-me das delícias que eram aqueles peitos, eu sentia minhas células eletrizadas e vibrações em meu coração.

Deslizei a língua para o outro mamilo, sugando, mordiscando e lambendo a deliciosa protuberância enquanto uma das minhas mãos cuidava do outro.

Gemendo e contorcendo-se, Maria Luísa mergulhava as pontas dos dedos em minha cabeça, massageando meu couro cabeludo com uma impaciência desesperada que fazia meu pau pulsar.

Apoiando os braços no colchão, tracei um caminho lento e tortuoso de beijos

por sua barriga, demorando-me mais em seu umbigo, onde uma pedra prateada reluzia.

A cada centímetro vencido, meu coração perdia um novo compasso.

Quando minha boca estacionou no triângulo mais perfeito de toda a geometria, as batidas em meu peito pareciam mais audíveis que o barulho ensurdecedor dos trovões que ecoavam pela cidade.

Abri suas pernas com o máximo de delicadeza e beijei toda a área externa, transferindo os lábios para a parte interna de suas coxas.

Não havia nada no mundo mais prazeroso que beijá-la e analisar, vez ou outra, a expressão atormentada em seu rosto.

— Você é linda. Perfeita — falei, mirando seus olhos cheios de tesão.

Então, fiz o caminho inverso e fui beijando sua pele até pressionar os lábios no centro, onde seu olhar implorava que eu a beijasse.

Maria Luísa liberou um gemido prolongado e soltou uma sucessão deles quando minha língua pousou e girou em seu clitóris intumescido, cuja textura rija e simultaneamente macia era celestial.

Intercalei os movimentos, ora lambendo suavemente, ora pressionando sua pele, ora sugando tudo, chupando forte e diminuindo a pressão, tornando o beijo brando em alguns momentos.

Eu *tava* no Éden, mano. Beijar a boceta de Maria Luísa era me transportar para o paraíso. Eu poderia morrer fazendo aquilo; provando seu gosto delicioso, ouvindo seus arquejos e gemidos, sentindo suas mãos em minha nuca e imprensando os lábios contra seu clitóris inchado, que latejava em minha língua.

Tirei a boca no momento em que senti que ela estava prestes a atravessar a “linha do gozo”.

— Não... — ela choramingou. — Por favor, Lucas... Por favor...

Ela apertou os lençóis com força e começou a contorcer as coxas.

Segurei seus joelhos, afastando-os. Inclinei-me e fiz menção de continuar. Então, deposei um beijo em cada lábio e outro no meio, sem usar a língua.

— Eu te odeio — ela disse, chorosa, quando voltei a erguer a cabeça.

Não contive um sorriso maligno.

— O que tem pra hoje é pau, Maria Luísa — anunciei, com uma seriedade premeditada.

Ela sorriu de um jeito que revirou meu coração.

Era ridículo o que ela era capaz de fazer comigo. Um sorriso, e lá estava o meu peito, completamente imerso naquela deliciosa sensação de dor e deleite.

Estiquei-me para alcançar a gaveta do móvel ao lado da cama. Pesquei uma camisinha e retornei à posição.

— Eu uso anticoncepcional — ela disse, e seu olhar sugeriu que podíamos

dispensar a melhor invenção da humanidade.

— Eu não transo sem camisinha, mano — falei, abrindo a embalagem.

— Isso é ótimo. Significa que a gente pode fazer sem. — Ela mordeu o lábio e me encarou, toda manhosa.

— É. Mas não vamos — declarei, posicionando o preservativo, segurando a ponta e começando a desenrolar.

Eu já tinha transado algumas vezes sem camisinha quando era moleque. Havia uma grande diferença entre fazer sem e fazer com. Transar sem nada era muito mais gostoso, mas o risco do ato não valia a pena. E eu descobri isso quando a menstruação de uma ex-namorada atrasou, e eu cortei o maior prego da minha vida, tá ligado? Quem nunca viveu uma treta dessas não sabe o que é passar uma temporada no segundo círculo do Inferno, mano.

O foda foi que o velho acabou sacando a parada e veio com toda aquela merda dele pra cima de mim, sobre “namoradas pobretonas” e “golpe do baú”. Eu ouvia o mesmo discurso antes mesmo de descobrir para que verdadeiramente servia o meu pinto, mano.

Enfim, depois que a menstruação da mina desceu, eu nunca mais fiz merda. Nem com ela nem com nenhuma outra. E o que tinha acontecido com Putão era suficiente pra me fazer broxar, até, só de pensar em comer uma mina sem camisinha.

Finalizei a tarefa enquanto Maria Luísa observava meus dedos alcançarem a base.

Curvei-me sobre ela e, afastando os fios de cabelo de seu rosto, contemplei seus olhos. Inesperadamente, o azul-esverdeado de suas íris não refletia medo ou preocupação. Em vez disso, suas pupilas dilatadas transbordavam ansiedade e desejo.

Acaricieei seus lábios com os meus e usei a língua para entreabri-los e iniciar um beijo tão vagaroso e sutil quanto os movimentos de uma dança lenta.

As mãos de Maria Luísa começaram a passear pelas minhas costas, seus dedos dando passos suaves em minha pele, que formigava com a delicadeza de seu toque.

Ergui-me levemente, sem parar de beijá-la, e deixei a mão viajar até o meio de suas pernas. Brinquei com seu clitóris enquanto minha língua brincava de esconde-esconde em sua boca. Ela arquejava e gemia, apertando meus bíceps.

Desci os dedos e fiquei impressionado com o quanto ela estava molhada. Fiquei tentado a simplesmente começar a entrar, sem interromper o beijo. Talvez ela se sentisse menos nervosa se eu apenas iniciasse, sem um aviso prévio seguido de uma série de etapas dispensáveis.

Mas me posicionei, levei a extremidade do pau à entrada e, então, levantando

a cabeça, pedi confirmação com um olhar.

Maria Luísa respondeu com uma mordida no lábio, deslizando as mãos em minhas costas até espalmá-las em minha bunda.

Comecei a entrar, forçando meu cérebro a não se esquecer de que eu precisava ir devagar, já que a cabeça de baixo estava se fodendo para o fato de que eu estava prestes a descabaçar uma mina.

O foda de comer uma mina virgem é isto, *véi*: a boceta é tão apertada que te deixa louco de vontade de estocar, mas *cê* não pode, tá ligado? *Cê* tem que ser um cara gentil, quando tudo o que *cê* quer é bombar gostoso dentro dela, feito o *carai* de um homem das cavernas.

Com a anaconda no lugar, pressionei-me um pouco mais, sentindo a ponta deslizar para dentro.

Mano, eu *tava* comendo Maria Luísa, *véi*. Eu *tava*, pela primeira vez na vida, quebrando minha regra.

Sabe quando *cê* tá fazendo uma parada errada pra *carai*, um negócio que *cê* sabe que não deveria estar fazendo, e sente toda a adrenalina do ato pulsando em suas veias?

Então, eu não *tava* sentindo isso, meu.

Simplesmente porque aquela era a parada mais certa da minha vida. Bastaram alguns centímetros para eu confirmar o que já sabia: minha vida estava sendo dividida. Aquele momento marcaria não apenas Maria Luísa, mas me transformaria de modos que eu não seria capaz de controlar.

Meu coração batia apressado contra as minhas costelas; meu corpo não sabia administrar as doses cavалares de tesão e paixão que pareciam dilacerar minhas artérias.

Em minha cabeça, letras indistintas desembaralhavam-se devagar, uma parada semelhante ao que Tom Riddle fez ao embaralhar as letras do próprio nome para formar “*Lord Voldemort*”, em “*Harry Potter e a Câmara Secreta*”.

Mas, em minha mente flutuavam apenas dez letras, as quais se posicionavam para formar uma palavra tão medonha quanto o nome de Você-sabe-quem: apaixonado.

Eu estava apaixonado por Maria Luísa.

Não que eu não soubesse disso, mano. Só que, ali, eu finalmente entendi que nada que eu fizesse seria capaz de mudar o fato de que eu estava apaixonado por ela.

Eu não sabia dizer se era amor, do tipo indelével e sempiterno de que falavam os romances. Poderia ser algo tão forte quanto a paixão de Romeu e Julieta e, ainda assim, não ser amor. Mas, fosse qual fosse a natureza real daquilo, era algo paradoxalmente terrível e extraordinário.

No auge da minha epifania, eu me afundei e me afundei dentro dela, vezes seguidas, até estar escorregando, entrando e saindo, gemendo e me perdendo sem perceber.

Quando me dei conta do que estava fazendo, congelei.

Putá merda. Eu tinha machucado a mina, mano!

Tirei o pau e conferi o estrago.

— Por que parou? O que *cê* tá fazendo?

— Desculpa, mano! — falei, abrindo as pernas dela. — Tá doendo muito?

Carai, meu... Por que pau não tinha ombro, mano? Ou cérebro?

— Doendo? Lucas, vem logo, pelo amor de Deus... — Ela se levantou o suficiente para alcançar minha boca e me puxou.

Nossos corpos tombaram no colchão, e eu não fazia ideia do que tinha acabado de acontecer, mano. Eu não podia acreditar que tinha ficado tão fora de mim que não me preocupei em ir devagar para não machucá-la.

Eu tinha treinado meu cérebro para mandar os comandos certos pra minha anaconda. Mas eu devia saber que, no fim, a cuspideira dominaria tudo.

Ela era tipo uma entidade, saca? Eu ficava possuído quando ela assumia o controle.

— Mano — murmurei nos lábios de Maria Luísa —, foi sem querer, meu.

Ergui a cabeça e estudei sua expressão. Não encontrei dor ou incômodo.

— Vai, por favor, continua... — implorou.

— Não tá doendo nem um pouco? — investiguei.

Ela meneou a cabeça afirmativamente.

— Mas é uma dor gostosa — completou.

— Não te machuquei? — continuei investigando.

— Não, Lucas! Vai, continua!

Eu tinha ficado tão anestesiado com a sensação surreal de penetrá-la que nem me lembrava de como as coisas tinham acontecido. Era para ter sido algo gradual, sutil e delicado. Eu entraria um pouco e perguntaria se estava tudo bem. Ela apertaria os olhos, incomodada com a dor, mas me diria para continuar, porque o prazer superava o incômodo. Então, eu enfiaria mais um pouco, sempre conferindo se estava tudo certo. Ela apertaria meu pau, contraindo-se involuntariamente. Eu a tranquilizaria, dizendo-lhe para relaxar. Ela relaxaria; devagar, no mesmo ritmo com que eu continuaria a entrar. Quando já estivesse dentro dela por inteiro, eu sairia lentamente e entraria de novo com cuidado, até que ela se acostumassem o suficiente com a sensação para que eu pudesse aumentar a velocidade.

Mas não tinha acontecido nada disso, e eu estava desapontado comigo mesmo por ter falhado com Maria Luísa, apesar de, aparentemente, não ter sido o caso,

porque ela não parava de suplicar para que eu continuasse.

Foi o que eu fiz. Voltei a entrar, sentindo cada partícula do meu corpo se desintegrar quando suas paredes internas, tão úmidas e apertadas, envolveram meu pau.

— Tão encharcada... — falei, saindo enquanto mordia seu lábio inferior.

Ela fincou as unhas em minha nuca e, antes de meus dentes abandonarem sua boca, começou a me beijar, cruzando as pernas em minha cintura.

Mano, eu não ia durar nem um minuto. Minha anaconda e aquele corpo haviam sido criados para funcionarem juntos. Como uma chave e uma fechadura específicas.

Nada era melhor que aquilo, meu. Meus sonhos eróticos com Maria Luísa, comparados à realidade, eram tão ingênuos quanto a ideia que uma pessoa virgem tem do sexo. Por melhor que você pense que seja, você não faz ideia do quanto é bom até comprovar por si mesmo.

Pela forma como eu me sentia quando a beijava, eu imaginava que transar com Maria Luísa seria algo surreal, mas, até estar de fato dentro dela, eu não fazia ideia de que existia algo ainda melhor do que o que eu entendia como “surreal”.

Era explosivo. Eu me sentia em combustão, e a ciência de que eu ficaria viciado nela não me deixou tão assustado, porque era apenas a confirmação de algo que eu havia sido esperto o bastante para prever.

Quando aprofundei o beijo, suas mãos começaram a caminhar, afoitas, pelas minhas costas até estacionarem na minha bunda.

Gemíamos ruidosamente, e eu mal conseguia respirar, completamente imerso naquele mar confuso de tesão e metidas inesperadamente longas e deslizantes.

Apoiei-me nos braços para observar seu rosto enquanto me afundava cada vez mais dentro dela.

— Isso é tão gostoso... Você é tão gostoso — ela murmurou, enredando os dedos em meu cabelo, olhando em meus olhos.

— Você é que é uma gostosa — falei, inclinando-me para abocanhar um de seus mamilos, sem parar de meter.

Ela gemeu alto quando minha língua acompanhou o movimento do meu pau. Fiz o mesmo no outro mamilo e voltei a observá-la.

Os olhos estavam semicerrados; o cenho, adoravelmente franzido; e o lábio, mordido. Os peitos balançavam-se, redondos e pesados, com as minhas investidas.

A visão me deixava à beira do abismo, perto demais de gozar. Minha anaconda estava se fodendo, mano. A desgraçada só queria saber de mergulhar e mergulhar até se afogar nos litros que ela provavelmente cuspiria, porque eu não

gozava há eras, meu.

Nem punheta eu tinha batido nos últimos dias, mano. Porque pensar em Maria Luísa me deixava com tanto tesão que eu tinha medo de começar e não conseguir parar. E morrer de tanto gozar.

Então, considerando-se o fato de que eu estava saindo da seca transando com uma mina que elevava meu tesão à mais alta potência e deixava meu coração naquele estado ridículo de taquicardia, eu *tava* me saindo bem pra *carai*, tá ligado?

Continuei metendo, controlando-me para não dar mais passos rumo ao precipício a cada nova arremetida.

— Isso... — ela gemeu, unhando minhas costas. — Ai, meu Deus, que gostoso... — choramingou. — Não para nunca... — Apertou ainda mais as pernas em torno da minha cintura. — Eu te mato se... — Sua voz tremia, e eu sentia minha pele arder devido à pressão de suas unhas compridas.

Mas era a melhor coisa do mundo, meu.

Comecei a relaxar, e levou um segundo para que eu começasse a sentir todas as sensações pré-goço potencializadas.

Mano, eu ia morrer depois de gozar.

Grudei nossos lábios, transformando nossas bocas em uma espécie provisória de *Askaban* para nossas respirações pesadas e descontroladas pela proximidade da gozada.

Mais rápido do que supus, Maria Luísa explodiu minha boca, como se estivesse lançando um *bombarda maxima* contra meus lábios:

— *Lucaaaaaaas!*

Meu nome saindo de sua garganta enquanto ela gozava era meu novo som favorito.

Eu ainda podia ouvir o eco em minha mente quando parei de vez de controlar o gozo e me entreguei ao melhor orgasmo da minha vida.

70. A vingança é um prato que se come frio

MAX

Subi agilmente a barra de seu vestido, pressionando-a contra uma das pilhas de feno do celeiro.

— Ela vai nos matar quando descobrir! — ela disse, enfiando as mãos por baixo do tecido para tocar meu abdome.

Afastei-me o suficiente para levar uma mão à nuca e puxar minha camisa, atirando-a sobre a pilha ao lado.

— E como, exatamente, ela vai descobrir? — perguntei, conectando nossos corpos. — Você pretende contar? — Fitei seus olhos enquanto deslizava a mão entre suas coxas até tocar sua... — Tá sem calcinha, porra? — Molhei os dedos em sua boceta e comecei a massageá-la gentilmente.

Soltando um delicioso gemido prolongado, ela mordeu o lábio e abriu um sorriso safado.

— Alguém precisava facilitar as coisas.

— Caralho... Como eu te amo... — Imobilizei sua nuca, uni nossos lábios e emaranhei nossas línguas.

Suas mãos deslocaram-se imediatamente para o botão da minha calça. Em seguida, os dedos encontraram e desceram o zíper.

— Porra, Max... — Senti seu sorriso em minha boca quando ela se deu conta de que eu estava sem cueca.

— Alguém precisava facilitar as coisas — falei, mordendo seu lábio.

— Deus... — ela murmurou, agarrando e puxando meu pau de dentro da calça.

— Oi, linda — respondi, rindo.

Olívia riu, meneando a cabeça com pretensa desaprovação.

— Palhaço...

Então, começou a manejá-lo, me fazendo gemer.

— Agora, sim, você está falando com ele, porra. — Segurei o cacete, puxei sua coxa, e entrei devagar, sentindo a umidade quente abraçar cada centímetro.

— Como eu senti falta disso... — Ela levou as mãos ao meu pescoço, e eu ergui sua outra perna, aprofundando a metida.

— Não mais que eu. — Sentei-a sobre a pilha de feno ao lado, onde minha camisa repousava, e unifiquei nossos lábios, enquanto dava a primeira estocada.

Nossas gargantas estremeceram com os gemidos primitivos que o beijo

sufocou. Suas unhas afundaram-se em meus braços, e suas pernas circundaram minha cintura, empurrando-me mais fundo.

Comecei a me enterrar e a me perder dentro dela, um pouco mais a cada nova investida brusca.

— Isso... Ai, meu Deus, Max...

Senti suas mãos deslizarem para as minhas costas, os dedos dissecando minha pele.

— Toma, gostosa. — Saí e entrei novamente, apertando suas coxas abertas. — Mexe esse rabo, safada. Engole essa pica. Vai. — Fiquei quieto, massageando seu clitóris e observando-a se mexer em círculos, contraindo-se em meu pau e encharcando-o no processo.

— Gostoso. — Ela ergueu o corpo e deslizou as mãos pelo meu tórax, buscando minha boca.

Chupeí seus lábios, voltando a meter, escorregando-me lenta e incessantemente em sua boceta molhada.

— Delícia de boceta — sussurrei em seus lábios, migrando a boca para a bochecha e, em seguida, para o pescoço.

Comecei a sugar sua pele, mantendo o ritmo torturantemente lento das metidas.

— Que gostoso, cretino — ela gemeu em meu ouvido, enfiando os dedos em meu cabelo. — Tô tão perto, Max... Ai, meu Deus, que delícia...

— Já, porra? — Meti mais fundo e saí.

Em seguida, meti múltiplas vezes, enquanto suas unhas passeavam pelas minhas costas.

— HUUUUUumm... — ela murmurou, apertando as coxas na minha cintura, comprimindo as pernas cruzadas em minhas costas.

— Goza bem gostoso, senhorita Olívia — falei em seus lábios, com os olhos fixos nos dela.

Ela puxou meu cabelo, grudou a boca na minha e, com uma sucessão de gemidos, explodiu em um orgasmo intenso, que provocou uma cadeia de espasmos em meu cacete.

— Isso, safada. — Continuei metendo, com força, segurando suas pernas abertas.

Olívia se apoiou no monte de feno enquanto gemia alto com as minhas estocadas impiedosas.

Meus dedos penetravam a pele de suas coxas com o mesmo vigor com que meu pau surrava sua boceta gozada, tão escorregadia e contraída.

Soltei suas pernas e, com as duas mãos, puxei a frente de seu vestido. Os botões de pérola saltaram, e o tecido cor-de-rosa se partiu, revelando a união

daqueles peitos gostosos.

Puta que pariu, eu ainda me surpreendia com o quanto ela era gostosa.

Rasguei ainda mais, e os dois pularam para fora, pesados, redondos e livres.

Olívia voltou a contornar meu corpo com as pernas, e eu me reclinei, apoiando-me em seus peitos para meter mais fundo e mais gostoso.

Nossas respirações pesadas e entrecortadas confundiam-se com nossos gemidos ininterruptos.

— Gostosa pra caralho. — Eu apertava sua pele, entrando e saindo de dentro dela com deliciosa facilidade.

— Desgraçado... — Ela fez menção de me beijar, e eu encurtei a distância, alcançando sua boca.

Com os dedos perfurando minha nuca e os dentes massacrando meu lábio inferior, ela gozou de novo, gemendo e tremendo compulsivamente contra meu corpo.

Abandonei sua boca e, metendo outras duas vezes, comecei a gozar dentro dela, mas eu queria ver aqueles peitos gostosos cobertos de porra.

Então, afastando-me, tirei o pau e, manuseando-o, esporrei como um cavalo, sentindo as pernas falharem enquanto minha pica explodia em jatos consecutivos, que iam golpeando aquelas delícias de peitos.

Olívia abriu um sorriso sacana, deslizando os dedos pela lambança que eu estava fazendo.

Eu ainda estava me recuperando das sensações pós-gozo, manipulando o pau e observando as alterações que ela fazia em minha obra de arte, quando senti a coluna gelar.

— Tio Max! — A voz de Sofia, do lado de fora do celeiro, a alguns metros de distância, atravessou as paredes de madeira.

— Puta que pariu! — exclamei, encontrando o olhar estupefato de Olívia.

— Caralho! E agora? — ela perguntou, olhando para os peitos esporrados. — Como é que a gente vai limpar isso, cretino? Você rasgou meu vestido e gozou nos meus peitos, Max! — cochichou.

— Na hora não tinha ninguém reclamando! — devolvi, num sussurro rosnado.

— Tio Max! Tia Liv! Eu tô chegando! — A voz dela estava cada vez mais próxima.

— Ai, meu Deus! Sua sobrinha tá do outro lado, e você aí segurando o pau, Vetter! — Olívia começou a rir.

— Para de rir porra! — Larguei o cacete, abotoei a calça e subi o zíper em tempo recorde.

Ela teve uma crise de riso.

— Mamãe tá muito nervosa, viu, tio Max? — Sofia gritou, aproximando-se

um pouco mais.

— Puta merda! Fodeu! — Olívia parou de rir na hora e começou a se levantar.

— Não, fica aí... Continua rindo, caralho! — ironizei, ajudando-a a descer.

— Suze enviou a empata-foda mirim! Que cretina! — De pé, ela subiu a barra do vestido e começou a se limpar desesperadamente.

— Puta que pariu... — Mordi o lábio enquanto aproveitava a visão daquelas coxas perfeitas e do triângulo carnudo entre elas.

— Max, para de gracinha e me ajuda, porra! — ela reclamou. — Ou você quer que eu saia assim? — Soltando as mãos nas laterais do corpo, ela me brindou com outra visão espetacular.

Os peitos melados despontavam, deliciosamente redondos e volumosos e empinados e...

— Max! Anda logo, caralho! — Olívia tentava juntar as partes rasgadas do vestido, mas era peito demais pra cobrir, e os movimentos que ela fazia em suas fracassadas tentativas de ocultá-los estavam me deixando louco.

— Tio Max? Tia Liv? Cheguei! Tô aqui fora!

— Merda... — praguejei entredentes.

— Fodeu muito! — Olívia exclamou.

Visualizei minha camisa em cima da pilha de feno, peguei e ajudei-a a se vestir.

— Pronto, porra! Eu sou um gênio!

— Vocês estão aí? — Sofia deu uma batida sutil na porta do celeiro.

Segurando a mão de Olívia, eu nos guiei até a saída e puxei o trinco.

— Oi, meu anjo! — Usei minha melhor voz de tio amoroso.

— Como você é falso, Vetter — Olívia murmurou, de modo quase inaudível, me dando um cutucão enquanto prendíamos o riso.

Sofia, que estava segurando um punhado de caules despetalados, olhou para mim, depois para a gostosa ao meu lado. De novo para mim e, outra vez, para ela. Então, coçou uma das maria-chiquinhas e perguntou:

— Por que você tá usando a camiseta do tio Max, tia Liv?

— Eu... Estava com frio, Souf. Ele foi um cavalheiro — ela prendeu o riso — e me emprestou.

— Eu sempre ajo de modo demasiado cavalheiresco, senhorita Olívia. — Fiz minha defesa.

— Ah, ninguém duvida disso, meu senhor — ironizou, me fazendo rir.

— Tio Max é um príncipe. — Sofia também riu, do jeito infantil de se sentir parte da piada.

— E você é minha princesinha. — Peguei-a no colo e, sem encostá-la em meu tórax suado, beijei suas bochechas rosadas enquanto ela ria.

— Você não tá com frio, tio Max? — perguntou, e, quando a coloquei no chão, ela puxou as abas do próprio minicasaco vermelho.

— Não, Souf.

Tinha chovido na noite anterior, e ventava na fazenda. Mas o céu estava limpidamente azul, e o sol, mesmo fraco, estendia seus raios mornos sobre as nossas cabeças, tornando os fios de Olívia mais brilhantes, e os de Sofia ainda mais dourados.

O tempo estava agradável e, como a recepção do casamento ocorreria debaixo de uma estrutura especialmente montada para a festa, a previsão do tempo não era uma preocupação.

— Por que tem essas coisas no seu cabelo de princesa, tia Liv? — Foi só quando Sofia perguntou isso que eu reparei nos fiapos de feno espalhados pelo comprimento azulado do cabelo de Olívia.

— Foi o vento, Souf — minha noiva respondeu.

— Aí dentro? — minha sobrinha perguntou, impressionada.

— Passou pelas frestas da madeira, meu anjo — expliquei.

— Ah... E o que é isso molhado no seu vestido, tia Liv? — Ela apontou a barra suja de porra.

— Água — Olívia disse, ao mesmo tempo em que eu falei “leite”.

Então, nós nos entreolhamos e começamos a rir descontroladamente.

Quando conseguimos controlar as risadas, puxei-a para perto e beijei seu cabelo.

— Te amo — falei, abraçando seu corpo.

— Te amo, lindo — ela falou de volta, apertando meu tórax.

— Um príncipe, uma princesa e minhas priminhas princesinhas! — Sofia deu risadinhas e bateu palmas.

Pouco depois, quando começamos a subir a campina rumo à sede, ela começou a tagarelar:

— Mamãe disse que era *pra mim* procurar gritando lá na porta do celeiro, que ela tinha certeza que vocês *tavam* lá, porque é a sua cara, tio Max, correr para fazer certas coisas no celeiro. Eu perguntei que coisas vocês *tavam* fazendo, e papai falou que você *tava* capinando a horta da tia Liv. Eu não entendi, porque não tem horta no celeiro, tem? A hortinha é bem lá do outro lado, eu já fui ver, e é grandona. E não tem só coisa verde ruim. Tem um pedaço cheio de moranguinhos, sabia? Eu comi um tantão. E o chatão do Matheus também. Ele falou que ia *vim* comigo brincar de procurar, mas papai falou que ele ia era ficar quieto onde *tava*. Ele teve que *vim* pra cá também, o chatão, que é porque ele ainda tá pisando no meu pé, tio Max. E a gente vai ensaiar mais. E a Duda vem amanhã, e eu quero que ela chegue logo, porque é muito ruim ter só o chatão do

Matheus pra brincar. Eu não quero brincar com ele.

Ela fez uma pausa curta para respirar e continuou, retomando o assunto inicial:

— Mamãe disse que, se eu achasse vocês lá no celeiro, eu não podia entrar, só gritar e falar que eu *tava* lá fora esperando. E ela falou que você tá encrencado, tio Max. E você também, tia Liv. Porque prometeram pra ela ontem que iam se comportar direitinho aqui na fazenda. E ela disse que só foi ela precisar ir *no banheiro* vomitar que vocês saíram de fininho. Ela falou que agora vocês vão sofrer muito na mão dela, porque ela não vai mais fazer papel de trouxa. Mamãe sabe ser muito má, viu, gente? E papai falou que espera que você tenha conseguido terminar de capinar, tio Max, porque agora você só vai poder usar sua picareta amanhã *de noitão*. — Sofia finalizou, adorando o malfeito, mesmo sem entender porra nenhuma.

Mais de 24 horas sem sexo, para alguém acostumado a transar diariamente, significava uma puta crise de abstinência. Eu tinha quase enlouquecido no dia anterior, com a vigilância constante. E ia ficar louco de vez, se Deus e Susanne não se compadecessem da minha higidez mental. Em que mundo eu conseguiria ficar no mesmo lugar que Olívia sem transar com ela?

Ainda era sexta de manhã, caralho. E estávamos em uma fazenda. Não havia a menor possibilidade de eu resistir até a madrugada de sábado em respeito àquela besteira de abstinência pré-casamento inventada por Suze.

Qual era o sentido daquela porra? Nenhum, a não ser me fazer passar a cerimônia inteira com dor nas bolas. Ou seja, eu ia me sentir incomodado no que deveria ser o dia mais feliz da minha vida.

Nem por um senhor caralho. Fora de cogitação.

Ficar dois dias vendo aquele rabo gostoso, aqueles peitos, aquelas coxas, Olívia inteira me atizando o tempo todo, sem poder transar com ela, me causaria ereções infinitas e uma dor desgraçada nos ovos.

Susanne não tinha um pau. Não sabia o que era precisar suportar um saco inchado e dolorido por tesão extremo seguido de impossibilidade de gozar. Era por isso que ela queria me fazer sofrer mais que Judas em Sábado de Aleluia no dia do meu próprio casamento!

— Sabe quem chegou, tio Max? — Sofia falou de repente. — Piolho!

— Ele veio sozinho, Souf? — Olívia perguntou, desesperada.

— Não. Ele *tava* comigo, mas, aí, ele apontou onde era o celeiro e, aí, eu fui andando onde ele mostrou, espalhando minhas *petalinhas*. E, aí, ele correu.

— Filho da puta... — rosnei, tão baixo que Sofia não escutou.

— Mas, assim, ele veio pra fazenda sem ninguém? — Olívia repetiu a pergunta.

— Ah, não! Ele veio com Maria Luísa. Ela é legal e disse que chama “Malu”, igual eu chamo “Souf”, e ela veio com ele na motona, igual tio Tito trouxe Lari.

— Ai, meu Deus! Rolou! O plano deu certo! — Olívia vibrou.

Ela, Suze e a própria Maria Luísa tinham tido a ideia de simular nossa ida ao *Evil's* para que os dois ficassem sozinhos. Tudo porque aquela quenga é mais devagar que um bando de mulheres de salto descendo uma escadaria. Se, depois de eu ter dado o toque nos caras da *Fire Rolls* para tocarem alguma porra lenta, ele não tivesse comido, podia largar pra lá.

Maria Luísa tinha ido para casa e feito a mala para os dias que passaria na fazenda, bagagem que Olívia e eu tínhamos trazido junto com as nossas, já que a esperança era que eles dormissem juntos e viessem direto para a fazenda no dia seguinte.

Eu estava me lembrando disso e me perguntando como as mulheres conseguem pensar em tudo quando, de repente, Olívia produziu um ruído do tipo que a comunidade feminina (e alguns caras gays, como Ícaro) costuma fazer quando vê algo surpreendente.

— Olha ali, cretino — ela sussurrou, me cutucando e apontando em direção às entradas das plantações de parreiras, que mais pareciam um labirinto.

— Puta merda! A gente flagra, filma e ameaça colocar no *YouTube*! — falei, pegando o celular no bolso enquanto gargalhava.

— Shhhhhh... Para de rir, Max! — ela disse, começando a gargalhar mais alto que eu. — Ai, meu Deus! Pega logo, porra! A gente vai perder os dois de vista! Vamos, eles estão correndo!

— Vamos pra onde? — Sofia perguntou, animada.

Posicionei-me de frente para ela e falei:

— Souf, o que você acha de a gente brincar com uns pôneis, meu anjo?

Os olhos dela se iluminaram.

— Tem poneizinhos aqui, tio Max?

— Tem! Corre lá na sede! Vai colocar uma roupa bem bonita que o tio te leva pra cavalgar! Você sabe o caminho de volta?

— Eu sei! Marquei com *petalinhas* de flor! — Ela indicou o “buquê” em sua mão. — Vou colocar minhas botinhas da Barbie que eu trouxe! — exclamou e saiu correndo rumo ao casarão.

— Tem poneizinhos fofos aqui? — Olívia se virou, toda entusiasmada, com os olhos tão brilhantes quanto os de Sofia.

— Sei lá, porra! — falei, caindo na risada.

— Não se engana uma garotinha prometendo pôneis, cretino! Eles são tipo unicórnios sem chifres! — Ela fez uma pausa. — Eu queria um pônei, porra... — choramingou.

— Pra que você quer um pônei se já tem um jegue, minha linda? — Gargalhei.

— Você vai pro inferno, Vetter! Vai queimar no colo do diabo, cretino! — Rindo, mas puta, ela deu um soco no meu braço.

— Eu sei que vou, porra! Por prometer pôneis inexistentes a duas garotinhas ingênuas — dei uma risada —, por te foder tanto e tão gostoso e por fazer o que estou prestes a fazer. Vem, caralho! — Puxei sua mão e comecei a nos guiar em direção ao vinhedo.

Estava na hora da minha vingança. A hora e a vez de Max Vetter tinha, finalmente, chegado.

71. No aperto e no perigo se conhece o amigo

MAX

Olívia e eu começamos a percorrer os espaços entre as videiras, à procura de Piolho e Maria Luísa, que haviam se embrenhado pelas vinhas correndo de mãos dadas, como um casal apaixonado daqueles filmes tediosos pra caralho, produzidos para arrancar suspiros e lágrimas das mulheres.

Eu ia, enfim, saborear meu prato de vingança. Aquela quenga safada ia receber de volta toda a zoação que tinha me feito.

— Ali — Olívia sussurrou, apertando minha mão.

Olhei e os vi no final do corredor, a alguns metros de distância, beijando-se e agarrando-se com desespero.

— Vai, porra, filma! Ai, meu Deus! — Ela tapou a boca na tentativa de reprimir as risadas, mas deixou algumas escaparem.

— Para de rir, caralho — sussurrei, incapaz de controlar o riso, enquanto posicionava o celular e apertava o botão central na tela.

Meus ombros tremiam, e a filmagem estava saindo uma bosta por causa da crise de riso de Olívia, que acabou desencadeando a minha.

— Filma direito, porra! Isso vai pro *YouTube*! — ela reclamou.

— Então para de me fazer rir, caralho! — falei, o mais baixo que consegui.

— Tá, parei.

Respirei fundo.

— Eu também.

Então caímos na risada de novo.

— A gente é muito infantil, Max — ela murmurou, rindo.

— Você que é.

— Você que é.

— Você, Olívia.

— Você é o mais infantil de todos e... Uh, olha, tá ficando quente... — ela cochichou, quando Piolho puxou a camisa.

— Que porra é essa, Olívia? — rosnei. — Fecha os olhos, caralho!

Ela começou a rir, mas foi Piolho começar a subir o vestido de Maria Luísa, arrastando as mãos pelas coxas dela, para as risadas de Olívia morrerem em sua garganta.

— Agora é que vai esquentar... — pirraçei, fingindo curiosidade.

— Que porra é essa, Max? Fecha o olho agora! — gritou, pulando para tapar meus olhos.

— Como é que eu vou filmar sem enxergar, linda? — provoqueei, gargalhando.

— Quem filma é a câmera! Não seus olhos, cretino! — Ela me deu um soco no bíceps.

— Que *carai* é esse, mano? — Piolho se virou de repente, nos flagrando.

— Aí, linda! Estragou o plano, porra! — reclamei, rindo.

— Vai empatar a foda da avó, meu! — ele berrou, pegou a mão de Maria Luísa e começou a caminhar em nossa direção.

— Fica aí, desgraça! — rugi. — Espera um tempo aí, porra! — Lancei um olhar ao filho da puta que dizia “tá achando que vai se aproximar da minha mulher de pau duro, caralho?”.

Ele devolveu com um olhar que revelava um “ih, mano, foi mal, tá ligado? Nem me toquei que a anaconda *tava* acordada, saca?”.

— *Cês tavam* filmando, *véi*? — perguntou, quando me viu guardando o celular.

— A gente ia colocar no *YouTube*, mas Max filmou igual à bunda dele... Não, aí a filmagem teria saído perf... Enfim, péssima analogia. Igual ao nariz dele. Porra! Péssima analogia de novo! — Ela fez uma pausa, pensativa. — Ah, vocês entenderam!

Dei uma risada e beijei o topo de sua cabeça.

— Que *carai*, hein, meu... Puta sacanagem empatar a foda dos outros, mano! Vai ter troco, Putão!

— Vá se foder, Piolho! Primeiro, eu ajudo Plínio a comer minha própria irmã. Depois, eu te ajudo com Maria Luísa! E o que eu recebo em troca? Gratidão? Um boquete? Porra nenhuma! Eu só me fodo nesse caralho! Tá achando que eu não sei que você guiou Sofia até o celeiro, filho da mãe?

— E *cê* tá achando que eu não sei que a parada deu errado, porque *cê* tá de bom humor, sua puta desgraçada?

Dei uma gargalhada.

— Tá putinho, meu gostoso? A propósito, como você está se sentindo dentro da camisola nova, quenga? Tá confortável? — zoei.

— Que mané camisola o quê, mano... *Véi*, *cê* não me zoa, meu, que sua vida tá na minha mão, tá ligado? Vem, Maria Luísa, vou dar uns sopapos nessa quenga.

Segurando a mão dela, ele se abaixou, pegou a camisa no chão e começou a se dirigir até nós.

— *Cê* vai ficar se exibindo pra minha mina, *véi*? Cadê sua camisa, meu?

— Tá ocupada, né, linda? — Puxei Olívia para perto, abraçando-a.

Notando o que ela estava usando por cima do vestido, ele perguntou quando nos alcançou:

— Cê pode tirar essa parada aí, mano?

Arregalei os olhos, sentindo um chute no estômago só de imaginar Piolho vendo o que estava por baixo da minha camiseta.

— Nem fodendo! — vociferei, sem conseguir me conter. — Não dá, porra. Vai tomar no cu, Piolho!

— Ah... — Ele sorriu maliciosamente. — Saquei a parada, putona... Bichão selvagem... — Ele passou a mão no meu peito. — Então vai ter que botar a minha, tá ligado? — Dizendo isso, ele tirou a camisa do ombro e a jogou em mim. — Veste esse *carai*, mano.

— Tá, eu coloco a sua, enquanto você — ressalttei — fica se exibindo para a *minha* — voltei a frisar — mulher?

Finalizei atirando a camisa de volta, a qual ele aparou.

— Ai, meu Deus... — Olívia revirou os olhos. — Deixem de tolice! Nem eu estou reparando em Piolho nem Maria Luísa está reparando em você, Max. Né, Malu? — O “né, Malu?” saiu tão ameaçador que até Maria Luísa riu.

— É. Cada uma tem o seu — ela respondeu, abraçando “o dela”.

Piolho e eu ficamos nos encarando com os olhos estreitados até que Olívia quebrou o silêncio com uma risada.

— E olha que são amigos de infância! Imagina se não fossem... Vem, Malu, a gente precisa conversar! — Então puxou a mão dela, e as duas começaram a se distanciar.

— Não, mano... — Piolho agarrou a outra mão de Maria Luísa, impedindo-a de dar outro passo.

— Espera um pouco, Liv. — Ela se soltou da mão de Olívia, ficou nas pontas dos pés e, beijando o rosto dele, despediu-se: — Vamos ver se dá tempo de você sentir saudade de mim.

Em seguida, afastou-se, chamando minha noiva.

Ficamos lá, no meio do vinhedo, feito dois idiotas, observando as duas partirem.

— Linda, cuidado! — recomendei. — Fica perto dos putos. E... Eu acho melhor a gente ir atrás, Piolho.

— Eu também, quenga.

— Max, eu vou tomar cuidado! — Minha linda se virou. — Não vai acontecer nada, porra. Estamos indo para a sede. Caminhar ao ar livre vai fazer bem pras meninas. — Ela pousou a mão na barriga. — Vão dar uma volta. Aproveitem que já estão seminus e transem! Mas usem camisinha! — Gargalhou.

— Ativo! Falei primeiro, quenga! — bradei.

— Seu cu, puta!

— O seu, rapariga!

Rindo, elas se viraram e recomeçaram a andar, com assuntos sussurrados.

Quando ficamos sozinhos, eu perguntei:

— *Cê* tem camisinha aí? Porque eu não preciso mais carregar essa porra.

— Não precisa, mas teve que pagar um preço, né, mano? Alto pra *carai*. Dobrado! — ele zoou.

— Paguei porra nenhuma. Ganhei, caralho. Uma família linda. Espera só até ver minhas filhas, quenga... — Soltei um suspiro involuntário.

“Filhas”.

Ainda era meio estranho usar a palavra “filhas”. E um pouco assustador, por causa do plural. Mas, todos os dias, quando conversava com elas, eu ficava tentando imaginar o rosto que as duas teriam. Só que, como nunca fui muito criativo, basicamente, eu fechava os olhos e pensava nas feições de Olívia transformadas em traços de bebê.

Puta merda, elas seriam lindas, o que era péssimo.

Pra caralho.

Mas elas seriam míni Olívias, o que era perfeito.

Pra caralho.

Piolho ficou em silêncio, me encarando, até finalmente dizer:

— Mano, quando *cê* faz essa cara que *cê* tá fazendo agora, eu sempre penso que *cê* foi abduzido em algum momento, tá ligado? E sofreu aquelas paradas que os alienígenas fazem com os humanos, saca? Tipo uma lobotomias, *vêi*.

Dei uma risada.

— Vou te dizer a mesma coisa quando você for pai, quenga.

— *Cê* sabe que não vai rolar, mano. Eu era moleque quando te falei isso. E *cê* também me disse a mesma coisa. Lá na casa da árvore, lembra?

— Quer ir até lá? — sugeri.

— Ainda existe? — perguntou, surpreso.

— Deve existir. Seu pai não iria... — Calei a porra da boca quando me dei conta de que estava entrando em terreno perigoso. — A gente era moleques, Piolho — retomei o assunto, começando a andar.

Ele me acompanhou, voltando a pendurar a camisa no ombro.

— Aquela casa já ouviu a gente falar muita merda — continuei. — Já falei uma porrada de vezes que nunca iria me casar. E veja onde estamos. Aqui, para o meu casamento. *Cê* sabe que eu nunca me imaginei casado. E muito menos pai, porra. Mas agora sou duplamente pai. E hoje eu não seria nada sem minhas três meninas. Nunca estive tão feliz na vida, puta. Meu estômago fica mais gelado a cada hora, por causa do casamento. É ridículo pra caralho, porque, na prática,

Olívia e eu já estamos casados. Mas estou me sentindo infinitamente mais nervoso que fiquei quando fiz minha primeira audiência. — Só de tocar no assunto, eu sentia as paredes do meu estômago enregelando-se, transformando-o em na porra de um *iceberg*.

— Mano, eu me lembro dessa parada, *vêi*. *Cê* ficou uma semana no vaso. — Ele riu. — Hoje chega na sala do juiz e bota a piroca na mesa, meu. “Quem manda nessa porra aqui sou eu, tá ligado, velhote? Chupa meu cacetão, juizão!” — Ele segurou a calça e balançou.

Dei uma risada.

— Você também passou o maior cagaço quando foi dar a primeira aula, quenga. Hoje tá aí, comendo aluna e tudo.

Ele ficou sério, visivelmente tenso.

— E aí, como foi? — perguntei, um pouco depois.

— E eu vou te contar, mano? *Assifudê*, meu!

— Não quero saber da fodelância, desgraça. Só se você já sacou que...

— Que eu tô na merda? — ele completou. — Tô ligado, mano.

Tive uma crise de riso.

— Não ri, não, *carai*. *Cê* não faz ideia do tamanho da merda que eu tô atolado, mano. Fiz uma parada aí, saca?

— Caralho, Piolho, já pediu a menina em casamento, porra? — zoei.

— Tomar no cu, mano. *Cê* é louco, meu? Eu tenho mais criatividade que isso, tá ligado? Vê lá se eu vou te imitar, *carai*! Mas é uma parada aí que te envolve, saca?

Percebi que ele estava fazendo a mesma cara que costumava fazer quando me fodia na escola, copiando o caralho da minha redação e lendo-a antes de mim na aula, o que me obrigava a, na minha vez, fingir que lia algo já escrito enquanto recitava um texto de improviso. Acho que foi nessa época que eu realmente decidi que seguiria a profissão do meu pai.

— Fala o que você aprontou, porra — rosnei.

— Ih, mano, relaxa. É só... — Ele fez uma pausa. — Eu fiz uma promessa, *vêi* — despejou.

— Promessa, Piolho? E você acha que Deus vai responder uma quenga comedora de alunas virgens? — Caí na risada.

— “Aluna”, mano. Singular, saca? E não é dessas promessas religiosas, tá ligado? Deixa eu explicar, *carai*.

— Explica, caralho.

— Então, mano... Eu prometi cortar meu cabelão, saca?

Arregalei os olhos.

— Em troca do quê? Da cura do câncer? Acertar a Mega da Virada? Poder ter

orgasmos múltiplos? Manter o *shape* sem precisar malhar? Dois centímetros a mais de pica?

— Mano, eu venderia até a alma por dois centímetros a mais de pica, tá ligado? Só pra inteirar trinta e cinco, *véi*. Mole. — Ele riu.

— Com dois a mais, você não chegaria a sete, filho da puta. Duro.

Nós dois gargalhamos.

— Não, mano, sério agora... A parada é a seguinte: eu não queria transar com Maria Luísa, *véi*, porque sabia que ia dar merda, tá ligado? Então, eu fiz essa promessa aí, meu... Tipo uma parada pra me impedir de transar com ela, saca?

— Espera... — falei, associando as coisas. — Você tá me dizendo o que eu acho que você tá dizendo, quenga? — Comecei a rir.

— É, mano... Se eu transasse com ela, teria que cortar meu cabelão no dia seguinte. Ou seja, hoje.

Explodi numa gargalhada convulsiva.

— Puta que pariu — falei, sentindo a barriga doer. — Caralho, porra! Como você é burro, Piolho... — Voltei a rir até morrer.

— Para de rir, *carai*, a treta é séria, mano!

Eu olhava pra cara dele e o imaginava sem o cabelo. Então ria até perder a noção de quem eu era.

— Eu não vou cortar, mano! E quem vai se foder é você, sua puta!

— De que porra *cê* tá falando? — perguntei, tentando controlar o riso desenfreado.

— Mano, eu sabia que era só eu não cortar, caso eu transasse com ela, saca? *Tava* fácil demais. Pra dar certo, eu precisava me assegurar de que teria que cumprir a promessa, *carai*. Então, boleí uma consequência pra me impedir de burlar o prometido, que foi a seguinte: se eu não cortar meu cabelão, *cê* morre.

Eu estava rindo quando quase engasguei ao ouvir essa merda.

— Que porra é essa, Piolho?

— Mano de Deus, eu sei, *véi*... É foda, mas *cê* vai ter que morrer, tá ligado?

— Você vai cortar esse cabelo, desgraça! — Dei um tapa na cabeça dele.

— Ai, *carai*! — Ele bateu na minha.

— Essas porras acontecem se a gente promete e não cumpre, Piolho. O capeta escuta, caralho!

— Eu sei, mano... Mas é que hoje cedo, quando eu acordei, Maria Luísa falou que ama meu cabelão, meu. Não vai dar pra cortar, saca? Já tô te avisando, que aí *cê* espera a Morte avisado, quenga.

— É isso mesmo, porra? Você vai trocar uma amizade de quinze anos por uma mulher que conhece há meses, quenga? — Fingi absoluta exasperação.

— Tá, mano. Estamos Liv e eu deitados amarrados numa linha férrea, saca? O trem tá vindo, mas *cê* só pode salvar um de nós, tá ligado? Só um, mano. O outro vai morrer esmagado nos trilhos. Quem *cê* salvaria?

Fiz uma expressão pensativa.

Eu poderia zoar, dando de ombros e respondendo um “*boceta é boceta, porra*”, mas decidi responder de outro jeito:

— Você, quenga.

— Deixa de ser mentiroso, *véi*! — Ele mostrou os dedos médios.

— Eu só posso salvar um dos dois, certo? — perguntei, e ele assentiu. — Então eu te salvo. E confio em você para salvar minha família.

Seus lábios curvaram-se para baixo enquanto ele meneava a cabeça, impressionado com a resposta.

— *Carai*, puta... Não, mano, depois dessa, *cê* merecia um boquete, meu!

Fingi desespero ao simular que ia abrir a calça.

— Pena que Ícaro não tá aqui pra fazer, né, *véi*? — ele completou, e nós dois rimos. — Sobre a parada da promessa, *cê* é advogado, Putão! Tô te contando pra ver se *cê* dá um jeito, *véi*. A gente podia te substituir, saca? Isso seria uma brecha, meu.

— A brecha vai ser meu braço rasgando seu cu se você não cortar essa desgraça, porra.

— Mano, minha identidade tá no meu cabelão, saca? Não posso cortar, meu.

— Pode e vai, caralho. Mas fica tranquilo, quenga. É impossível você ficar mais feio do que já é. — Dei uma risada.

— Seu cu, mano. Eu sou galã, meu! E Maria Luísa pira no meu cabelão, tá ligado? Eu não quero ficar sem meu cabelão, *véi*...

— E eu não quero morrer, filho da puta! Foda-se. Você prometeu, e agora vai ter que cortar esse caralho.

— Ô promessa desgraçada! Ô promessa sem jeito! — Ele começou a imitar o Chicó, de O Auto da Compadecida.

Eu estava rindo quando, de repente, me toquei.

— Espera... O que, exatamente, você prometeu, Piolho? Quais foram as palavras exatas?

— “Se eu transar com Maria Luísa, vou ter que cortar meu cabelão. E, se eu não cortar, Max morre”.

— Porra! Você não prometeu cortar curto, caralho! Só disse “cortar”.

— Mas eu quis dizer cortar tudo, mano! Pra ficar tipo o seu, saca?

— Que desgraça, Piolho! Quis dizer, mas não disse, porra! Em Hermenêutica Jurídica, quanto à extensão, existem três tipos de interpretação: declarativa, restritiva e extensiva. — Comecei a explicar. — No primeiro caso, o legislador

utiliza todas as palavras corretamente; há exata correspondência entre a intenção e o que de fato está expresso na lei. No segundo, há uma superabundância normativa. Isto é, as palavras contidas no texto legal extrapolam a vontade do legislador. Então, o jurista deve interpretar a lei restritivamente. E, no último, a lei diz menos do que deveria dizer, devendo o intérprete extrair o real significado na norma, ampliando a interpretação com o fito de atender à verdadeira finalidade do texto.

— Entendi *carai* nenhum disso aí, meu! Já falei pra parar de atolar essas merdas no meu rabo, mano! Tudo informação inútil, tá ligado?

— Essa “informação inútil” vai salvar seu rabo, quenga. Presta atenção, porra. Você é o legislador, porque criou a promessa: “se eu transar com Maria Luísa, vou ter que cortar meu cabelão. E, se eu não cortar, Max morre” — citei. — Se isso fosse um dispositivo legal, você teria dito menos do que gostaria de dizer. Porque a intenção real era ter dito: se eu transar com Maria Luísa, vou ter que cortar *todo* — frisei — o meu cabelão. E, se eu não cortar *tudo* — ressaltai —, Max morre. No entanto, não caberia ao intérprete fazer uma interpretação extensiva, porque, no caso, não há palavras legais carecendo de ampliação interpretativa. O que há é ausência de certas palavras decisivas.

— “Todo” e “tudo”. Advérbios que, se estivessem expressos, mudariam todo o sentido do texto — ele acrescentou em “modo Lucas”.

— Exato. Palavras que você não incluiu na promessa. E, assim como o texto legal não pode ser alterado a bel-prazer do intérprete para beneficiar ou prejudicar o destinatário da norma, também o texto da promessa não pode ser modificado. Ele existe da forma que está expresso. Então, foda-se o que você queria dizer, Piolho. O que importa é o que foi autenticamente dito. Você disse que cortaria o cabelo. Não definiu o *quantum*. Ou seja, cortando até um pedaço ridículo de uma mecha qualquer você estará cumprindo a promessa, cacete!

— Mano do céu... Que orgulho, quenga! *Cê* é um gênio, *carai*! Puta que pariu, *véi*! Me beija, putona! — Ele puxou minha cabeça e, quando estava prestes a beijar minha bochecha, eu consegui me afastar.

— Sai pra lá, caralho!

— Mano de Deus... Tô salvo! — ele bradou, levando as mãos à cabeça. — A hora é agora, *véi*. A oportunidade que *cê* tem de comer meu cu é essa, meu. Só hoje, tá ligado? Aqui e agora. — Ele riu.

— Agradeço, mas dispen... Aliás... Vou dar meu vale-cu pra Ícaro! Ou pra Plínio! — Nós dois gargalhamos.

Então continuamos a caminhada, comigo jogando na cara da quenga que, em vez de salvá-lo, eu poderia ter sido sacana o bastante para deixá-lo ficar careca. E na véspera do meu casamento.

Em troca do meu acesso de generosidade, exigi ser eu a pessoa que ia cortar a mecha de cabelo. Ele estava rasgando o cu com a unha, com medo de eu sacanear, coisa que, é claro, eu ia fazer. Afinal, que porra de vingança ridícula era aquela?

Eu devia tê-lo deixado cortar o cabelo todo. Seria uma vingança do caralho. A sorte de Piolho era que, talvez pela proximidade do casamento ou pela minha ansiedade em relação ao nascimento das minhas filhas, eu estava com o coração mole.

Já tínhamos caminhado um bocado quando visualizamos o campo de girassóis se estendendo, amarelo-ouro, em volta da árvore solitária.

O nome alemão da fazenda, *Sonnenblumen*, havia sido escolhido pelo meu avô, em homenagem ao tapete de flores amarelas plantadas ao redor do tronco que sustentava nossa velha casa da árvore, a qual ainda exibia o tom rústico das tábuas que testemunharam nossa passagem da adolescência para a juventude.

Era uma bela construção. Pequena, mas não muito. Tinha uma porta, duas janelas e uma varanda. Havia uma escada em espiral, e o balanço de Suze ainda estava lá, pendurado em um dos robustos galhos da árvore.

Ali, fitando o topo do telhado pintado de verde, senti um aperto no peito e um nó na garganta. Talvez Piolho estivesse sentindo o mesmo, porque caminhamos em silêncio até alcançarmos a entrada do campo de girassóis.

Seguimos pelo corredor gramado e estacamos diante da escada fragilizada pelo tempo.

— A gente vai subir, mano?

— Do chão a gente não passa, porra — falei, começando a galgar os degraus.

— Vou deixar minha anaconda aqui embaixo, *véi*. Ela vai pesar muito lá em cima, tá ligado?

Dei uma risada.

— Tá, caralho. Mas o cérebro você pode trazer, Piolho, porque essa porra não pesa mais que uma pétala de girassol.

— Mano, seu rabo tá virado pra mim, meu... Pra eu enfiar a cuspideira nele não custa nada, *véi*.

— Eu tranco o cu e decepto a cabeça dessa minhoca que você acha que é anaconda, porra — ameacei.

— Pode decepar, mano. Ela regenera ainda maior, tá ligado?

Subi o resto dos degraus com o corpo tremendo de rir.

Para ficar de pé dentro da casa, precisávamos nos curvar. Então, assim que abrimos as janelas, decidimos nos sentar.

— Mano, a gente ocupa a casa, inteira, meu! Olha isso, *carai*! Eu não lembrava que era tão pequena!

— Você devia estar acostumado à sensação, quenga. Todo dia quando acorda e vê a bengala na hora de mijar, você olha e pensa: “*caraí*, mano, eu não lembrava que era tão pequena!”.

Nós dois gargalhamos.

— *Véi*, a gente tá parecendo adolescente, meu.

— A gente nunca cresceu, Piolho — falei, desviando os olhos para observar ao redor.

A casa parecia diferente sem nossos pôsteres nas paredes e revistinhas espalhadas, mas, se eu fechasse os olhos, seria capaz de nos visualizar lá dentro, aos treze anos, usando nossas camisetas do AC/DC, lendo nossos quadrinhos, estudando partituras, praticando dedilhado e falando um punhado de merda.

Desde que o conheci, Piolho sempre estava lá, em todos os momentos, em todos os lugares, falando bosta e me fazendo rir.

Eu amava aquela quenga, porra.

— Tá chorando, minha puta? — Ele me deu uma chave de braço repentina.

— Seu cu — respondi, deixando a ardência nos olhos sob controle.

Que desgraça era aquela?

O casamento, porra. A iminência da cerimônia estava me deixando ridículo pra caralho.

— Eu também te amo, Putão — ele disse, me soltando e socando meu braço.

— Vai caçar rola na puta que te pariu, Piolho! — revidei, socando-o de volta.

Então, começamos a brincar de lutinha, como dois moleques, e só paramos quando estávamos arfantes demais para continuar.

72. Quem conta um conto aumenta um ponto

MAX

Eu ia enlouquecer.

Porra! Ia ficar louco antes de me casar.

Olívia tinha acabado de se trocar para o passeio que faríamos nos estábulos, e a combinação de calça de montaria e botas de cano longo estava acabando com a minha sanidade.

— Que foi? — ela perguntou quando viu minha expressão de pura demência, digna de um interno da Casa Verde de Simão Bacamarte.

Meus olhos se fixaram no triângulo perfeitamente moldado sob o tecido agarrado à pele dela, e, involuntariamente, mordi o lábio.

Ela entendeu o motivo da minha loucura e abriu um sorriso cheio de malícia.

— Meu Deus, Max... — Passando a língua no lábio inferior e puxando-o com força para dentro com os dentes, ela fitou o volume que, descontroladamente, tinha preenchido minha calça.

Então, levantou os olhos felinos e me encarou, deixando um leve sorriso perpassar os lábios carnudos e avermelhados.

— Vira — ordenei.

Ela deu uma volta propositadamente lenta, que causou um efeito contrário em meu coração.

Enquanto observava todos os recheios voluptuosos, eu podia sentir as ruidosas vibrações no peito e as incansáveis pulsações no cacete.

Putaquepariu.

Aquela bunda, dentro daquela calça deliciosamente justa, ia me matar.

— Gostou? — ela perguntou, tornando o sorriso ainda mais malicioso ao entortar, sedutoramente, as comissuras dos lábios.

Levei, sem perceber, a mão ao peito, que doía como se, a qualquer momento, eu fosse ter uma parada cardíaca.

Aos vinte e oito anos, porra.

— Eu gostei! — Uma voz infantil respondeu antes que meus neurônios estivessem suficientemente organizados para formar qualquer resposta coerente.

Olhei para a poltrona onde o moleque — o empata-foda da vez — estava sentado, vidrado nas curvas de Olívia.

Nas últimas horas, eu já tinha pensado em mil maneiras de cometer fratricídio

sem deixar rastros. As vítimas, no caso, seriam Susanne e Plínio — o filho da puta que se dizia meu irmão mais velho e que, como tal, estava fodendo a minha vida.

Ali, naquele momento, fitando o rosto infantil voltado para Olívia, eu já tinha adicionado o homicídio de uma criança à minha lista de crimes fictícios. Ou, sendo um pouco mais mórbido, à minha pilha imaginária de corpos.

— Que fofo! Obrigada, Matheus! — Ela passou a mão no cabelo do desgraçado, alisando os fios lisos e muito pretos que cobriam a cabeça pequena que eu ia arrancar do pescoço fino com um movimento único.

— Que porra é essa? — vociferei em direção aos dois, controlando a vontade de realmente dar um pescotapa no moleque.

— “Porra” é palavrão, tio — o gênio constatou, horrorizado.

— E “tio” é meu pau de óculos — devolvi.

— Max... — Olívia advertiu, tentando disfarçar o riso.

— “Pau” também é palavrão! Meu pai que disse. — Ele arregalou os olhos claros e ligeiramente puxados.

— “Pau” é o que você não tem, porque é o caralho de um moleque — debochei, não conseguindo evitar um sorriso zombador.

— O que é “caralho”? — ele perguntou, com aquela vozinha fina de criança, genuinamente confuso.

— “Caralho” é... — comecei.

— Max! — Olívia me repreendeu.

— Foi ele quem começou, porra! — Fiz minha defesa, apontando a criatura esparramada na poltrona.

— Meu Deus... — Ela meneou a cabeça, rindo. — Você parece ter menos idade que ele, sabia?

Dei de ombros em resposta e, em seguida, cruzei os braços.

— Eu vou fazer sete! — o moleque exclamou, orgulhoso, como se alguém o tivesse perguntado.

— Eu vou fazer sete — imitei, puto.

— Você tem cinco, Max. Vai fazer seis. Dia de São Nunca à tarde. — Olívia riu.

— E você, senhorita Olívia, tem quantos anos? — perguntei, com premeditada altivez.

— Que questionamento pouco criterioso, senhor Vetter! — Ela levou uma mão escandalizada ao peito, em um gesto adoravelmente teatral. — Presumi que o senhor fosse um tantinho menos descortês, dada a sua esmerada educação de cavalheiro. Mas, com inenarrável pesar, vejo que me enganei a respeito de sua compostura. Não se pergunta a idade de uma dama, meu senhor!

Não contive uma risada.

Aproximei-me e tomei sua mão.

— Perdoe-me o nefasto desalinho, *milady* — falei, fitando o tom esverdeado de suas íris. — Faltei-lhe com o devido decoro, e temo dizer que tal flagrante transgressão é inescusável. Mas tenho pela senhorita singular estima. Considero-a, e como! — Beijei os delicados nós de seus dedos, observando seu sorriso se transformar em uma risada tão linda que fez meu coração doer e se agigantar em meu peito.

Eu poderia viver mil vidas, e, em todas elas, o som de sua risada seria capaz de embevecer minha alma e enlevar meu espírito.

— Você é tão cretino... — Ela deu dois tapas suaves em meu rosto, balançando a cabeça em falsa reprovação. — Se tivéssemos nascido no século XIX, você seria o libertino mais devasso de toda a alta sociedade londrina, Max! — disse, os olhos esfuziantes. — Frequentador assíduo de clubes e casas de jogos, sempre cercado de mulheres de reputação duvidosa e completamente avesso a mães casamenteiras e moças respeitáveis! — Gesticulou com as palmas esticadas, como se estivesse lendo o texto em uma faixa exposta no ar.

— Do tipo irresistível, então. — Abri um sorriso especialmente arrogante. — Nobre, bonito e devasso. Você adoraria, não, senhorita Olívia?

— Nobre e bonito são excelentes pontos favoráveis, é claro. Mas devasso? — Ela fez uma careta linda.

— Eu me sentiria particularmente ofendido, se não soubesse que as mulheres adoram um devasso.

— Não sei quem te disse isso, Vetter, mas... — ela começou, com um fingido tom professoral.

— Você — interrompi. — Seus olhos, sua boca, seu corpo inteiro. Você diz, mesmo quando não está dizendo. O tempo todo. Disse hoje, no celeiro. — Ela fitou meu sorriso convencido. — E está dizendo agora, enquanto faz essa expressão furiosa, como se quisesse me matar, quando, na verdade, senhorita Olívia, o que você quer é... — Fiz uma pausa estudada. — Bem, o que, infelizmente, eu não posso te dar no momento.

Ela estreitou os olhos, deliciosamente puta.

— Agora, imagine as nossas versões antigas em um baile — propus, decidido a provocá-la ainda mais. — Você me veria, usando um belo e bem cortado traje de noite, e seu coração pararia no segundo em que nossos olhos se encontrassem no meio do salão. — Ela mordeu levemente o lábio, de modo quase imperceptível, e eu tive certeza de que estava me imaginando no tal traje. — Teríamos nos encontrado mais cedo, claro, e você, acidentalmente, teria notado a pasmosa protuberância em minha calça, tendo subido os olhos imediatamente

enquanto ruborizava até o último fio de cabelo. — Dei uma risada, observando sua expressão se transformar.

— Ah, meu querido — ela começou, zombeteira —, o *seu* — ressaltou — coração é que pararia quando os seus olhos caíssem no belo decote do meu vestido de noite verde-esmeralda, que certamente teria uma tira de franja debruada.

Eu não fazia ideia do que seria um vestido com uma “tira de franja debruada”, mas foda-se, porque meu cérebro parou no “belo decote”. Qualquer coisa ficaria escandalosa naqueles peitos.

— Então, hipnotizado — ela prosseguiu —, você tomaria a última vaga em meu cartão de baile e me convidaria para dançar. E eu, polidamente, declinaria o convite, inventando uma desculpa qualquer, por não querer macular minha reputação e tampouco perder a oportunidade de dançar com algum valioso e adequado pretendente, ao contrário do senhor. — Finalizou com um sorriso desdenhoso.

— Dama alguma seria suficientemente corajosa para declinar o convite de um jovem e abastado duque, senhorita Olívia — objetei.

— Duque? — Ela deu uma risada sonora. — Você seria no máximo um barão, cretino! E teria herdado o baronato por um lamentável acaso. Seria um primo muito distante do antigo barão, que teria morrido sem deixar filhos e muito desgostoso em saber que o título recairia sobre um infeliz qualquer. Isso, ou um bastardo encubado, fruto de uma relação iníqua entre a pouco recatada baronesa e um lacaio de compleição robusta. — Gargalhou.

— Meu ovo! Eu seria nobre de berço, porra! Sangue azul correria pelas minhas veias. Meu pai teria morrido antes de herdar o título. E, com o falecimento do meu avô, eu teria herdado meu ducado, da forma mais legítima possível. — Cruzei os braços e ergui uma sobrancelha imperiosa.

Ela teve uma crise de riso, o que me fez lembrar, pela milésima vez no dia, que eu a amava por inteiro, e amava ver aquela expressão divertida em seu rosto, mais até que a expressão de puro deleite que ela fazia quando estava gozando.

Mais que fazê-la gozar, eu amava fazê-la rir.

— E você se apaixonaria perdidamente por mim — completei, mantendo a postura orgulhosa —, o libertino mais devasso de Londres. À primeira vista. — Voltei a sorrir presunçosamente.

— Eu seria mais inteligente que isso, Vetter. — Ela riu com sarcasmo.

— Vou lhe contar como seria a nossa história se estivéssemos no século XIX, senhorita Olívia — falei, notando que Matheus estava atento à conversa, com os cotovelos apoiados no braço da poltrona e os olhos brilhando de expectativa. — Tome assento, por favor. — Indiquei a outra poltrona e caminhei até a cama,

sentando-me na beirada, de frente para os dois.

— Vai contar a sua versão — ela corrigiu, acomodando-se. — Que terá aditivos de minha parte — destacou, cruzando as pernas.

— Que seja. — Curvei os lábios em um meio-sorriso. — Vocês estão prontas, crianças?

— Estamos, capitão! — Matheus gritou, animado.

Olívia riu.

— Eu não ouvi direito! — cantarolei, recriminando-a com os olhos por não ter respondido.

Ela caiu na risada enquanto acompanhava o menino:

— Estamos, capitão!

Limpei a garganta e comecei:

— Nossa história acontece na primeira metade do século XIX. Mais precisamente, em suas primeiras décadas. — Impostei uma voz de dublador. — A senhorita Olivia Dutray, filha de...

— “Olivia Dutray”? — ela me interrompeu, rindo ao pronunciar o nome em inglês.

— “Olivia Dutray” e “Max Vetter” — confirmei, e ela riu ainda mais do “Vetta” britânico. — Permite-me continuar, senhorita Dutray? — indaguei, em um tom pretensamente sério.

— Oh, perdoe-me a interrupção, Sua Graça. Por favor, prossiga. — Ela abafou uma risada, e eu fingi que não estava com uma puta vontade de rir.

— Então... A senhorita Olivia Dutray, nossa heroína, e filha do falecido conde de Dutray, está em sua primeira temporada.

— Espera — ela me interrompeu novamente. — Como você sabe o que são “temporadas”, cretino? — Arregalou os olhos.

Eu sabia perfeitamente bem que as famosas temporadas eram as épocas do ano em que as moças solteiras da alta sociedade debutavam. Ou seja, apresentavam-se em bailes e outros eventos sociais com o intuito de encontrarem um marido. Quando não o conseguiam na primeira, passavam à segunda, no próximo ano, e assim sucessivamente, até serem cortejadas e pedidas em casamento por um pretendente considerado adequado.

E aprendi isso e uma porrada de outras coisas do gênero com a maior conhecedora de costumes europeus no século XIX.

— Vó Ercília — respondi. — Enquanto me ensinava a cuidar das rosas, ela costumava contar coisas sobre o livro que estava lendo no momento. Era sempre alguma porra de época. E ela era bastante detalhista em suas narrativas.

Senti o coração ficar apertado ao me lembrar do quanto eu desgostava das histórias que ela contava, e do quanto aquilo a divertia.

— A cada palavrão que eu soltava para expressar todo o meu tédio, ela dava uma risada. E, como eu gostava de ouvi-la rir, às vezes exagerava de propósito ao “blasfemar”, como ela costumava de dizer — contei, sentindo os olhos pinicarem ao reviver, em poucos segundos, uma daquelas tardes na estufa.

— Que fofo, cretino... — Olívia se levantou e se sentou ao meu lado.

Entrelaçando a mão na minha, beijou minha bochecha e pousou a lateral do rosto em meu ombro. Ficamos em silêncio por alguns segundos, até que ela perguntou:

— Posso continuar a história? Acabo de ter umas ideias.

— Continua, linda — falei, afagando seu cabelo.

Ela ergueu a cabeça e prosseguiu, entusiasmada:

— A senhorita Dutray acaba de chegar a Londres para morar na casa ao lado da suntuosa casa Vetter. Trata-se, em verdade, de uma propriedade pertencente à família Vetter, onde costumavam residir o antigo duque de Vetter e sua segunda esposa, ambos recém-falecidos. Pouco depois de enviudar, a duquesa de Vetter fez chegar uma carta à senhorita Dutray, sua sobrinha-neta e única parente de sangue viva, convidando a órfã a fazer-lhe companhia em seus últimos anos de vida. Infelizmente, a duquesa resistiu a tristeza da viuvez apenas uns poucos dias e, antes que a senhorita Dutray embarcasse no navio com destino à Grã-Bretanha, chegou a nota de falecimento enviada pelo novo duque, ratificando o desejo de sua estimada avó de que a moça ocupasse a propriedade conhecida pela alta sociedade londrina como Casa Rosa.

— Porra... Genial, linda! — Parabenizei, impressionado com a criatividade.

— Agora é a sua vez de falar do jovem duque de Vetter! — ela exclamou.

— Eu não sou criativo, linda — expliquei. — Continua você.

— O quê? Você está sendo modesto? — Ela arregalou os olhos. — Quem é você, e o que você fez com o meu noivo? — Levei um soco no peito.

— Tô falando sério, caralho. Eu não sou — afirmei.

— Meu cu que não é — ela contestou.

— É, sim. — Abri um sorriso malicioso. — Muito criativo. — Dei uma risada.

— Palhaço! — Ela me socou novamente. — Continua a história, Vetter. Anda logo, cretino! — acrescentou, quando permaneci em silêncio.

— Te amo. — Puxei-a para perto e beijei sua têmpora. — Cada célula minha é ridiculamente apaixonada por você, Olívia Dutra — falei, erguendo seu queixo para fitar seus olhos.

— E depois diz que não é criativo... Minhas células também são todas ridiculamente apaixonadas por você, Max Vetter. — Ela sorriu, passou a mão em meu cabelo, roçou os lábios nos meus e, quando minha língua estava prestes a

pedir passagem, ela se afastou, rápido demais.

Olhei-a sem entender, e ela inclinou a cabeça em direção ao moleque na poltrona, que nos observava atentamente.

— Que porra... — resmunguei entredentes.

Ela riu.

— Vai, continua a história, lindo.

Soltei um suspiro frustrado, inspirei e expirei novamente e, em seguida, retomei, caprichando no tom de narrador:

— O novo duque de Vetter é, reconhecidamente, o maior libertino que a alta sociedade já viu. Diabolicamente belo e igualmente devasso, o jovem nobre causa rubores, formigamentos e comichões nas moçoilas com um simples olhar e um mero curvar de lábios. São famigerados os seus olhares vilipendiosos, sorrisos presunçosos e esgares. As moças casadouras desmaiam em sua áurea presença quando, de suas carruagens, têm a sorte de vê-lo caminhar elegantemente pelas ruas da cidade, exibindo sua majestosa beleza aos mortais.

— Ridículo. — Olívia revirou os olhos. — Eu devia ter continuado essa porra. Soltei uma gargalhada.

— Você pediu, senhorita Olívia. E estou só me aquecendo.

— Que Deus tenha piedade de nós, Matheus — ela disse, e o menino riu.

Mas eu tinha certeza de que aquele puto não estava entendendo porra nenhuma.

— A deveras maculada reputação do duque — continuei — não é capaz de livrá-lo das insistentes tentativas das mães casamenteiras de tornar duquesas suas pudicas filhas. Mas, para o infortúnio das esperançosas senhoras, ele tem a cortesia de declinar todos os convites das mais prestigiadas famílias londrinas para a infinidade de bailes, saraus e o diabo a quatro, já que não possui interesse algum de, aos vinte e oito anos, contrair matrimônio.

— No entanto — Olívia me interrompeu, com nítido prazer —, desde que pousou os olhos na belíssima senhorita Dutray, o gélido coração do duque de Vetter começou a se derreter. Mas, geniosa e decidida, Olivia não se deixará seduzir pela assombrosa beleza do duque, e tampouco por sua prodigiosa eloquência.

Caí na risada.

— A história precisa ser verossímil, linda — adverti. — Já que é uma versão da nossa história real, o que teria acontecido na noite do nosso primeiro baile seria o seguinte: inevitavelmente fascinada pelo porte alto e pela constituição atlética do elegante duque, a senhorita Dutray mergulha em suas angelicais feições e aceita o gentil convite do cavalheiro, que, tomando-a pela mão enluvada, a conduz até o salão.

— Com benevolência, ela aceita o comovente convite do deslumbrado duque, mas apenas por temer ferir seu orgulho masculino com a recusa — acrescentou. — Naquela época, as mulheres, por mais que o desejassem do fundo de seus corações irritados, não podiam gritar um “a resposta é não, porra! Vá se foder, babaca!”. Tudo em respeito ao decoro e em nome de suas ilibadas reputações... — Ela voltou a revirar os olhos. — Devia ser difícil pra caralho ser mulher no século XIX — emendou.

— Eu ia adorar te ver no século XIX, linda. Como você viveria, sendo uma moça respeitável que não pode “praguejar” e “blasfemar” à vontade? — Dei uma risada.

— Simples. Eu não seria uma mocinha convencional — declarou, orgulhosa.

— Tenho certeza que não. — Entortei o sorriso.

— Mas, é claro, eu seria uma moça intocada. Isso significa que o duque de Vetter seria o primeiro.

— E único — completei, desejando, com todas as forças, que pudesse mesmo ser o felizardo duque de Vetter.

— E único — ela repetiu, e meu coração se aqueceu.

Então, desfrutando da agradável sensação, prossegui:

— Após a valsa, o formoso duque convida a bela senhorita Dutray para um passeio nos airosos jardins da casa Theloni, onde a festa está sendo celebrada, por ocasião do aniversário de sua irmã mais velha, a condessa de Theloni.

Olívia sorriu.

— Que lindo! Suze é uma condessa!

— E eu? Eu sou o quê, tio? — Matheus perguntou de repente, agitado.

Eu sabia, exatamente, o que ia responder.

— Um lacaios! — Gargalhei.

— Max! — Olívia riu.

— O que é um lacaios? — a criança perguntou, confusa.

— É uma coisa importante — menti, e ele pareceu satisfeito.

— E Sofia, é o quê? — Quis saber.

Estreitei os olhos.

— A senhorita Sofia é filha de um conde, o conde de Theloni — respondi com empáfia.

Ele fez uma expressão pensativa, franzindo os finos lábios cor-de-rosa.

— Um lacaios pode casar com a filha de um conde? — perguntou, um pouco depois.

Olívia teve uma crise de riso, enquanto eu fulminava o moleque.

Se tivesse a visão de calor do *Superman*, teria incinerado o filho da puta sem pensar duas vezes.

— Não — falei com rispidez.

Ele voltou a franzir os lábios.

— Será que eu não podia ser outra coisa, tio?

— Ai, que fofo! — Olívia exclamou. — Você pode ser um marquês, Matheus!

— Marquês de cu é rola! — bradei.

— Foi com você que Sofia aprendeu, né, tio? Eu *chamei ela* de “chatona”, e ela me disse que “chatona de cu é rola”.

— Foi — confessei, sentindo a consciência pesar —, mas criança não pode falar palavrão, porra. Deixo você ser o filho de um visconde, se você prometer que não vai falar nada disso enquanto não tiver cabelo no saco.

Ele riu e assentiu.

— Mas o filho de um visconde pode...

— Pode — interrompi, quase adicionando um “caralho” como vocativo. — “Mas você não vai se casar com ela, filho da puta”, acrescentei mentalmente, enquanto ele abria um sorriso.

— Então eu sou o filho de um visconde! — esgoelou com alegria.

O desgraçado do moleque gostava mesmo de Sofia!

Ela tinha seis anos, caralho!

Seis, porra!

— Vou continuar a história, lindo.

Pelo tom pacificador de Olívia, eu devia estar fazendo uma expressão compatível com a intensidade da fúria que estava sentindo.

— A senhorita Dutray sabia que não devia se afastar do salão naquele avançado das horas apenas em companhia de um jovem cavalheiro — começou. — Muito menos em se tratando do duque em questão, cuja fama de libertino incorrigível ecoava por todas as ruas de Londres. Ela estava ciente de que bastaria um pequeno bochicho para que um escândalo se assentasse em seu colo e arruinasse toda a sua reputação.

— Ainda assim — dei continuidade —, a senhorita Dutray não conseguiu evitar sucumbir às técnicas de sedução do libertino mais devasso da cidade e melhor partido da temporada. Incapaz de resistir aos merecidos galanteios do duque, deixou-se guiar até a área externa da casa Theloni, convencendo-se de que ali estaria apenas para inspirar ar puro e para usufruir do frescor das flores e sebes orvalhadas.

— Não senhor! — ela bradou, me fazendo rir pra caralho. — Isso não pode ter acontecido na primeira noite! Na quinta ou sexta, talvez. Na primeira? Nem pensar, Vetter! A senhorita Dutray era inteligente demais para cair nos ardis do libidinoso duque!

— Todas as damas inteligentes dos romances de época tendem a ficar menos

perspicazes nos braços varonis dos heróis das histórias, senhorita Olívia — retruquei. — E as desta época também. — Ergui uma sobrancelha insolente.

Ela encrespou os lábios avermelhados, o que fez com que eu umedecesse os meus, louco de vontade de beijá-la.

E o caralho da criança me encarando, porra.

— E todos os cavalheiros obtusos dos romances de época tendem a ficar menos boçais quando domados pelas heroínas das histórias, senhor Vetter — ela revidou. — E os desta época também. — Então erguei uma sobrancelha atrevida, o que fez um desejo primitivo de agarrá-la eletrificar meus poros.

— Tem toda razão, minha linda — respondi, tentando manter o tesão sob controle. — E ousou acrescentar que os idiotas levam vários capítulos para perceber o que, desde o primeiro encontro do casal, está cristalino para o leitor: o herói se apaixonou pela heroína no momento em que a viu, tenha sido em um salão de baile, pela janela de uma carruagem ou pelas grades de um portão.

Um largo sorriso foi esticando os lábios de Olívia, até seus dentes iluminarem seu rosto inteiro.

Senti meu coração se retorcer, como sempre acontecia quando ela sorria. Era uma sensação dolorida e paradoxalmente macia, branda. O tipo de sentimento que me deixava certo de que homem nenhum era ou já tinha sido mais feliz que eu. Nem mesmo o afortunado duque de Vetter.

— Mas o leitor se diverte bastante com a falta de compreensão do herói a respeito do que sente pela heroína — ela comentou. — E toda a espera vale a pena, porque nada é tão prazeroso de acompanhar quanto a trajetória de redenção de um devasso.

Foi a minha vez de sorrir largamente.

Eu só queria abraçá-la. Tê-la em meus braços e, delicadamente, fazer amor com ela. Uma vez. Como se eu fosse o duque de Vetter em sua noite de núpcias com a senhorita Dutray. Depois, poderíamos ser nós mesmos, Olívia Dutra e Max Vetter, duas pessoas igualmente viciadas em trepadas intensas e suadas, regadas a tapas, puxões e palavrões.

— Matheus, o que você acha de sair para brincar com Sofia? — sugeri.

— O pai dela não deixa — ele resmungou, cruzando os braços magros, que mais pareciam gravetos. — Mas ele disse que vai deixar, se eu não te deixar nem um pouquinho sozinho com ela. — Apontou o indicador diminuto para Olívia.

— Ele não vai te deixar brincar com Sofia. — Levantei-me e, indo até ele, abaixei-me diante da poltrona, ficando agachado no tapete do quarto, na tentativa de igualar nossas alturas. — O tio Plínio é muito mau.

— Ele é mesmo — o moleque concordou, amedrontado.

— Eu sei. Ele também tá me foden... Fazendo maldades comigo — corrigi. —

E eu sou muito bonzinho.

Olívia deixou um ruído sarcástico escapar ao engolir o riso.

— Um anjo — ironizou.

— Viu? Ela também acha que eu sou bonzinho — continuei, tentando convencê-lo.

— Mas não é, não. — Ele balançou a cabeça enfaticamente.

Quem aquele empastador de foda e riscador de fuça de bêbado achava que era, porra?

— Eu não pareço um anjo? — perguntei, fazendo minha melhor expressão de querubim.

Ele apertou os olhos para analisar melhor as minhas feições. Então, depois de estudá-las por um tempo, revelou, com tranquila convicção:

— Não. Nem um pouco.

Olívia teve uma crise de riso.

Completamente puto, levantei-me e lancei a ela um olhar que dizia: “me ajuda a despachar esse moleque, caralho!”.

— Olhe e aprenda, Vetter — declarou, cheia de si, levantando-se e postando-se detrás da poltrona.

Ela pousou os cotovelos no espaldar, flexionando o corpo em um ângulo divinamente calculado. A posição, que só eu via, era perfeita para que eu chegasse por trás e começasse a enrabá-la com movimentos profundos e precisos.

Ciente disso, ela me lançou um olhar pecaminoso e arrebitou a bunda, alternando a posição das coxas e, com isso, alterando o volume na região frontal da minha calça.

— E Sofia, Matheus? — começou, açucarando a voz ao alisar o cabelo do moleque. — Parece um anjo?

Jogando o pescoço para trás, ele moveu a cabeça, de modo a conseguir fitá-la. Os dedos dela puxaram a franja lisa do garoto para cima, e ele abriu um sorriso cheio de minúsculos dentes de leite.

— Parece muito — respondeu.

Por que eu não tinha nascido em *Krypton*, caralho? Eu só queria a porra da visão de calor.

E, é claro, a de raio-x.

— Ai, você é tão lindinho! — Olívia apertou as bochechas dele.

— “Lindinho”? Que porra é essa, Olívia? — trovejei.

Ela me olhou como se dissesse “fica quieto, Vetter! Estou tentando nos livrar do menino!”.

Fechei a cara e, estreitando os olhos, cruzei os braços.

Ela mordeu levemente o lábio, e eu arqueei uma sobrancelha, fingindo indiferença, o que fez uma risada gostosa escapar de sua garganta.

Então, assumindo uma postura séria, ela circulou a poltrona e, ficando de frente para o moleque, anunciou, impiedosa:

— Então, Matheus... É o seguinte: vou contar para Sofia que você disse que ela se parece muito com um anjo.

O menino ficou lívido.

— Não! Por favor, não conta! Por favor, por favor... — choramingou, balançando as pernas curtas e posicionando as pequenas mãos em sinal de súplica.

— Tá bom... Já que você, diferentemente de certas pessoas — Olívia me lançou uma olhadela —, é um menino bonzinho, eu não conto — ela cedeu, e o rosto dele se iluminou.

— Jura? — perguntou, esperançoso.

— Juro. Mas só se você for brincar um pouquinho lá embaixo — ela disse, fazendo uma voz manhosa. — Você faria esse favorzinho pra tia?

— Eu faço! — Ele se levantou num salto e saiu correndo.

No segundo seguinte, meus braços estavam agarrando a cintura dela.

— Você é um gênio, porra! Que mente maquiavélica, senhorita Olívia... — sussurrei em seus lábios.

— Eu sei — ela sussurrou de volta, ficando nas pontas dos pés para entrelaçar as mãos em meu pescoço.

Comecei a beijá-la, direcionando nossos corpos para a porta aberta. Sem interromper o beijo, fechei-a e girei a chave.

Em seguida, puxei a barra do suéter que Olívia estava usando, passando-o por sua cabeça e descartando a peça no assoalho de madeira.

— Eles vão aparecer assim que virem Matheus lá fora! — ela constatou, meio desesperada.

— Então precisamos nos apressar, senhorita Olívia... — Comprimi nossos lábios e nossos corpos, e, com uma mão em suas costas e outra em sua nuca, abri o fecho do sutiã.

Dadas as circunstâncias, minha atuação como duque de Vetter teria que esperar.

Pressionando-a contra a porta, puxei as duas alças, liberando seus peitos, os quais eu comecei a apalpar assim que promovi o encontro do sutiã com o suéter no chão.

Peguei-a no colo e, vencendo alguns passos, sentei-a na poltrona. Então, me coloquei a livrá-la das botas pretas de couro.

Remexendo-se no assento, ela começou a apertar os próprios peitos,

provocando um incêndio dentro da minha calça.

— Que puta... — murmurei, quando, gemendo deliciosamente, ela acariciou os mamilos, usando os polegares e os indicadores para puxá-los com suavidade.

Apressei minha tarefa e, assim que terminei, ergui seu corpo da poltrona e a levei para a enorme cama de dossel no meio do quarto.

Puxei minha camisa e tirei a calça enquanto ela me observava, aprisionando o lábio inferior entre os dentes e contorcendo-se toda, me deixando impossivelmente duro.

Subi no colchão e, pousando os joelhos entre seu corpo, inclinei-me e iniciei um beijo esfomeado, cuja intensidade me levou a descer os lábios para lamber, sugar e morder sua pele enquanto seus dedos percorriam meu cabelo.

Eu estava saboreando um mamilo quando ouvi um gemido estranho.

Ergui os olhos e estudei o rosto de Olívia. O cenho estava levemente franzido, os lábios estavam mordidos, e os olhos, fechados.

Ignorei a estranheza e continuei. Ela voltou a gemer do jeito prolongado que eu conhecia tão bem, do jeito que me deixava louco de vontade de me enterrar dentro dela, só para ouvi-la gemer mais alto.

Mas, de repente, ouvi outro gemido anormal.

— Linda? — chamei, erguendo a cabeça.

— HUUUUUUMMMM... — ela gemeu, as pontas dos dedos massageando meu couro cabeludo. — Continua, cretino... — A voz, tomada pelo tesão, fez com que eu comesse a trilhar sua pele com a boca, dirigindo-me aos lábios macios que me receberam com deliciosa solicitude.

Enquanto nos beijávamos, um *nhec-nhec* frenético começou a ecoar em nossos ouvidos, seguido de uma sucessão de gemidos que, como confirmei, não eram de Olívia.

O som era inconfundível. Uma cabeceira, provavelmente de ferro, estava ferindo a parede em movimentos ininterruptos.

Filhos da puta estavam trepando na porra do quarto ao lado.

— Tá ouvindo esse caralho? — perguntei, com os lábios pausados sobre os dela, abrindo os olhos.

— Ícaro e Artur? — Ela deu uma risada, entrelaçando as mãos em minha nuca, voltando a me beijar.

— Caralho, Olívia... — falei em sua boca, reprimindo a imagem que quase pipocou em meu cérebro.

— Plínio e Suze? — Ela começou a beijar meu pescoço.

— Puta merda! Eu espero que não, porra! A última coisa que eu quero é estar de pau duro enquanto minha irmã leva rola no quarto ao lado!

Putá que pariu, só de imaginar aquilo, eu...

— Abre agora, Max! — Subitamente, a voz de Susanne relampejou em meus ouvidos, e os lábios de Olívia congelaram em minha pele.

— Graças a Deus — falei, aliviado, quando a porta começou a ser esmurrada. — Não era ela — acrescentei sem necessidade.

— *Maaaaaaaaaaaaaaaaax!* — Susanne liberou um novo e estridente grito.

— Que *carai* é esse, mano? — Ouvi o rugido de Piolho.

Vindo de onde? Da porra do quarto ao lado!

Filho da puta. Só podia ser o desgraçado.

Mas, pelo visto, a gozada tinha mascado, porque, a julgar pelo tom, ele estava puto pra caralho.

— Eu não posso passar raiva! Ai, meu Deus, eu não estou passando bem... — Suze falou, alto o suficiente para que fosse ouvida no Japão ou nos rincões gelados da Antártida.

Eu sabia que era mentira, mas me obriguei a me levantar, porque, de todo jeito, os filhos da puta já tinham estragado a minha foda.

— Já vou, porra! — esbravejei. — Desculpa, linda. — Beije a testa de Olívia antes de me erguer.

— É foda, viu... Eu vou matar sua irmã! — ela reclamou, levantando-se em seguida.

— Ficarei honrado em atuar como coautor. — Puxei-a e pressionei os lábios nos dela.

— Ai, meu Deus! Acho que minha bolsa estourou! — Susanne gritou, tentando não rir.

— Três meses, mano? É um cachorro que *cê* tá esperando, *vêi*? — Piolho berrou do outro lado.

Olívia e eu explodimos em uma risada estrondosa.

— É um gato, seu idiota! — Suze devolveu. — Meu filho vai ser o bebê mais lindo do planeta!

Nós dois gargalhamos ainda mais, acrescentando uma montanha de escárnio às nossas risadas.

— Coitada! Nossas filhas é que serão os bebês mais lindos do planeta! — Olívia anunciou, caminhando até o sutiã e recolocando-o.

— Do universo, linda! — emendei, resgatando minha calça.

— O cu seus, mano! Meu filho é que... — Piolho fez uma pausa, limpando a garganta. — Quero dizer, se eu fosse ter um filho, o moleque é que seria o mais bonito de todos, saca? Na *vibe* do pai, meu! E ele ia ter um cabelão, tá ligado? E *shape*, mano. O garoto já ia nascer com o abdome trincado, *vêi*!

Olívia teve uma crise de riso enquanto vestia o suéter.

— Quem te viu, quem te vê, Piolhão! Já tá encomendando o moleque? —

zoei, subindo o zíper.

— Cê é louco, meu? Isso foi só um exemplo, mano! Minha anaconda só atua encapada, tá ligado?

— Sei — ironizei, vestindo a camiseta.

— Andem logo! Abram as portas! — Suze insistiu.

Frustrados, Olívia e eu abrimos, e não demorou muito para Piolho e Maria Luísa aparecerem, emburrados.

— Vocês são o quê? Coelhos? — ela despejou, assim que nos viu. — Estamos em uma fazenda, pelo amor de Deus! É uma excelente oportunidade para passear, respirar ar puro, esticar o corpo... Não é possível que vocês vão passar esses dois dias trancados nos quartos!

— A gente já passeou no celeiro, né, linda? — falei, passando o braço pelos ombros de Olívia.

— Foi um passeio excepcional! Esticamos nossos corpos e respiramos bastante! — ela ressaltou.

— E a gente tentou passear no vinhedo, né, mano? — Piolho se dirigiu a Maria Luísa. — Mas esses filhos da puta foderam nosso passeio, véi. — Ele nos fuzilou, enquanto ríamos.

— Teria sido um passeio excepcional, saca? — Malu completou, abraçando-o. Suze revirou os olhos.

— Vou dar cinco minutos para vocês se prontarem pro passeio que a gente combinou nos estábulos, só para colocarem botas, essas coisas... — Ela gesticulou com impaciência.

— Dá pra gente foder quantas vezes nesse tempo, linda? Umas três? — perguntei, pirraçando Susanne.

— Cinco minutos, Max! — Ela quase estourou meus tímpanos. — E eu vou esperar aqui fora!

Então, começou a empurrar Piolho e Maria Luísa para dentro do quarto que eles estavam ocupando e, em seguida, Olívia e eu tivemos um destino semelhante.

Mas, assim que ficamos sozinhos de porta fechada, voltamos a nos agarrar.

— *I'm gonna swing from the chandelier!* — Suze começou a berrar do outro lado.

Berrar, porra. Alto pra caralho, com aquela voz horrorosa dela.

— Puta que pariu, Susanne! — bradei, enquanto Olívia caía na risada.

— *From the chandelier!* — Suze cantou ainda mais alto.

— Queta, mano! — Ouvi Piolho gritar. — Para de encher o saco, meu!

— *I'm gonna live like tomorrow doesn't exist! Like it doesn't exist!* — Ela continuou, entre berros e risadas.

— Se não pode vencê-la, junte-se a ela. — Olívia deu de ombros e, enquanto caminhava até as botas, começou a cantar junto com minha irmã, neutralizando a dor aguda em meus ouvidos e me brindando com sua voz doce e melodiosa.

73. Foi buscar lã e saiu tosquiado

PIOLHO

Eu estava me sentindo estranho pra *carai* na fazenda.

O lugar inteiro estava praticamente intocado, como se estivesse protegido há anos por uma redoma.

Andar pela propriedade era como retornar à adolescência. Adentrar os cômodos do casarão era praticamente o mesmo que me refugiar em uma máquina do tempo.

Era difícil acreditar que a *Sonnenblumen* não pertencia mais à família Vetter quando tudo ali remetia aos bons tempos em que Hans, Franz e Ercília estavam vivos.

Mais difícil ainda era acreditar que agora a fazenda pertencia ao meu pai, que a adquirira por mero capricho, apenas porque estava à venda e ele podia comprá-la.

Não fossem as molduras no aparador da sala principal com diversas fotografias da minha família, eu teria me esquecido do fato de que a fazenda podia até estar quase igual, mas não era — e jamais voltaria a ser — a *Sonnenblumen* dos meus tempos de moleque. E esse era o motivo pelo qual, apesar de me sentir em casa ali, eu estava me sentindo paradoxalmente deslocado e ligeiramente sufocado, como se o lugar nunca tivesse feito parte da minha vida.

Não era a minha família que costumava estampar aqueles porta-retratos, saca? Eu me sentia um intruso em um ambiente no qual, por várias razões, eu deveria me sentir acolhido.

Mas acabei desenvolvendo uma técnica para sobreviver ao fim de semana, a qual consistia em fingir que nada havia mudado. Eu decidira, assim que avistei as fotografias de longe, que aquela era a *Sonnenblumen* da minha adolescência, e não uma das fazendas do meu pai.

Mais tarde naquela sexta-feira, nos estábulos, fiquei surpreso quando um dos empregados nos apresentou os cavalos.

Entre os novos, ainda havia alguns dos antigos, que Putão e eu tínhamos ajudado a batizar, anos atrás: Tony, Bruce, Clark, Steve, Thor, Loki, Peter, Diana — uma égua Mangalarga preta —, Mary Jane — uma Appaloosa floco de neve — e Ororo — uma Andaluz branco porcelana.

Mas aquilo não devia ter me surpreendido. Por que motivo meu pai teria vendido os cavalos e éguas da fazenda? É claro que ainda estariam lá. E, vergonhosamente, confesso que rever Thor depois de tanto tempo me deixou quase tão feliz quanto avistar a velha casa da árvore em meio ao campo de girassóis.

Quando éramos moleques, Putão e eu tínhamos nossos cavalos favoritos: Thor e Loki. É claro que Thor nunca foi, de fato, meu. Mas, sempre que os putos e eu andávamos a cavalo na *Sonnenblumen*, era o Quarto de Milha baio amarelo que eu montava, assim como a quenga sempre escolhia o Puro-sangue Inglês preto azeviche.

Estávamos todos no estábulo, à exceção das crianças, que tinham ficado na sede sob os cuidados de Dona Lili e Seu Francismar.

Cê acha que velho não fode, né, mano? Mas, pela cara desgostosa de Seu Francis quando sacou que ia sobrar pros dois, ele tinha outros planos praquela tarde, tá ligado? Planos bem distintos de “vigiar Matheus — um moleque de seis anos — para que ele jamais, em hipótese alguma, se aproximasse de Sofia — outra criança de seis anos — com intenções escusas”.

Vê se tem lógica isso aí, mano. Putão e Plínio têm sérios distúrbios mentais, saca? Eles achavam o quê? Que o *boyzim* ia ficar de *pingolim* duro brincando de pega-pega, meu?

Na moral, o ciúme deles é doentio, mano. Plinião não deixa o moleque nem triscar na mina, sendo que os dois são da mesma sala, e até eu, que sou tolo, já saquei que aquilo ali vai dar merda no futuro, tá ligado?

Mano, cê precisa ver o *boy* olhando pra Sofia. É hilário, saca? Tipo, pensa na cara que Putão faz olhando pra Olívia. É a mesma expressão ridícula, meu. Só que numa cara infantil e menos feia que a da quenga.

Na verdade, o tal do Matheus tem uns traços meio doidos, véi. Uma parada meio exótica, tá ligado? Dá pra ver que, se adquirir um *shape* no futuro e deixar o cabelão crescer, o moleque vai ser galã.

Ele tem uns olhos meio puxados, uma parada meio nissei ou sansei, saca? Mas as íris são claras, de um tom semelhante à cor dos olhos de Maria Luísa.

Não são iguais, né, mano? Ninguém tem os olhos da tonalidade exata dos de Maria Luísa. Ela tem as bordas mais escuras que o restante das íris azuladas, e um círculo castanho se ramifica ao redor de suas pupilas. E, quando estão dilatadas, elas ficam grandes pra *carai*. Tão grandes e tão escuras que...

Mano do céu... Por que eu tô falando dos olhos de Maria Luísa? Nada a ver essa parada. Para de me distrair, meu! Eu *tava* falando do moleque lá. *Bora* voltar ao assunto, tá ligado?

Enfim, quando Sofia olha pra ele, ele muda a cara na hora, saca? Os olhos de

filhote de cachorro apaixonado se transformam em uma parada meio “não te suporto, chatona”. É impressionante, meu. Eu nem sabia que criança tinha dessas coisas de gente grande, *vêi*.

Quando eu era pequeno, eu não era esperto assim, não, tá ligado? Eu gostava das minas e agia que nem um tolão, meu. Não tinha essas paradas de “orgulho infantil”, saca?

Tipo, um dia, no último dia de aula do pré-escolar, eu escrevi uma parada pra uma mina aí, *vêi*.

Tá chocado, mano? Calma, que *cê* vai ficar em choque de verdade agora, tá ligado?

Olha só a carta do cara que se transformaria em um renomado professor de Português no futuro:

**OI, SECILHA
VOSE E LINDA
TIAMO
BEIJOS
ACINADO LUCAS**

Vê se pode esse *carai*, meu!

Eu era feio e burro, *vêi*.

Mas olha o Piolhão agora, mano... Olha o *shape* do cara. Olha esse cérebro pica debaixo desse cabelão foda... Olha a anaconda pressionada contra o zíper da minha calça...

Milagres acontecem, tá ligado?

“Secilha” era uma mina de pouca fé, *vêi*.

Eu me lembro do *carai* da carta porque ela me devolveu. *Cê* acredita nisso, mano? Olha pra minha cara e me diz se *cê* acredita nisso, meu. E meio que ela *tava* rindo, saca? Deve ter sido porque nem o nome dela eu sabia escrever.

Tá repreendida essa burrice, tá ligado?

Mas eu fiquei *mó* triste, *vêi*. Enfiei o papel na mochila, e minha mãe — só Deus sabe como — achou aquele *carai* esquecido lá dentro.

Aí, *cê* já sabe, né, mano? Ela me perguntou que parada era aquela. E eu contei do toco que eu tinha levado no centro do rabo.

Não com essas palavras, né, meu? Provavelmente, fiz uma cara pateticamente chorosa e contei que “Secilha” não me amava.

Dona Ada deve ter querido rir pra *carai* disso, mas, na hora, só fez uma “cara de mãe” e me disse que, um dia, quando eu crescesse, a mina ia se arrepender de

ter me devolvido a “cartinha”.

Depois, afagou meu cabelo, guardou o papel, e até hoje eu sou zoadado pela minha própria família por causa dessa Cecília filha da puta do *carai*.

Porque é claro que minha mãe contou isso pra cada galho da árvore genealógica dos Larozzi-Guerratto, mano.

Todo mundo sabe que o Piolhão da Surubada escrevia cartas de amor pra filhas da puta na infância, meu...

E o tal do Matheus lá, nas altas técnicas do “não te suporto, chatona”. Um gênio, mano.

Acho que eu fui uma criança muito retardada, *véi*. Mas isso não vem ao caso. *Bora* voltar aos fatos.

Imagina todo mundo de novo no estábulo, tá ligado?

Os putos e eu estávamos vestidos a caráter: calça jeans, camisa de flanela, botas, cinto e chapéu.

Primeiro, porque uma coisa é estar na cidade. Outra, é estar no campo, meu. Se é pra aproveitar a experiência, que seja integralmente, com direito a camisa xadrez, botas texanas, fivelas gigantescas e chapéu de vaqueiro.

Segundo, porque a vestimenta típica fazia parte da tradição, assim como as músicas *country* que Putão e eu costumávamos cantar nos finais de tarde em nossas estadias na fazenda.

Era foda, mano. Tão foda que, quando decidimos criar a *MPire*, a gente até cogitou sermos uma banda *country*, tá ligado? Uma parada com uma pegada *rock n' roll*, saca? Estilo *Florida Georgia Line*.

Isso nos leva ao terceiro, último e mais importante motivo: as minas, tanto as da região quanto as do mundo todo, piram num caubói.

E nossas minas *tavam* loucas, meu. Isso significava que o passeio a cavalo que faríamos era só uma desculpa pra gente fugir pra trepar no mato, saca?

Ia ser um “salve-se quem puder” para achar lugares totalmente privados, *véi*. Mas eu conhecia aquelas terras como a palma da minha mão, e já tinha uma ideia de para onde levar Maria Luísa.

Na verdade, eu tinha certeza de que Putão também teria a ideia de levar a mina dele pra lá, mas eu ia chegar primeiro e foda-se. Quero dizer, eu ia chegar primeiro e foder, tá ligado? Foder muito, mano.

Eu ia montar e sair conduzindo Thor a pleno galope pelo descampado, meu. Só pra chegar primeiro.

Loki era ligeiramente mais rápido, mas a quenga estaria em desvantagem por um motivo simples: a mina dele estava grávida.

Putão não teria coragem nem de cavalgar a trote com Olívia escanchada no cavalo. Imagina galopar, mano.

Mas é claro que, quando viu os bichos, ela achou que ia montar.

— Como se eu fosse permitir! — Putão deu uma risada, observando-a alisar o lustroso pelo do Puro-sangue.

Ela se virou e o fuzilou com um gélido olhar esverdeado.

— Como se eu precisasse da sua autorização para fazer alguma coisa, Vetter!

Eu ri pra *carai*, mano.

— É nisso que dá ser camisolão, *véi*! Mulher a gente leva na rédea curta, meu! Tem que botar o cabresto desde cedo, tá ligado? — zoei, rindo ainda mais alto.

Mas minhas risadas morreram em minha garganta quando meus olhos encontraram o olhar raivoso de Maria Luísa, fitando a gola da minha camisa.

Senti uma ligeira e imaginária sensação de desconforto em meu pescoço e engoli em seco.

Mano de Deus, parecia que ela ia me enforcar, tá ligado?

— Como é que é, Lucas? — Maria Luísa encrespou.

— Tomou no cu, *Lucas*! — Foi a vez de Putão gargalhar, frisando o “Lucas”.

— Explica essa, *Lucas*! — Plínio imitou a entonação, alisando o pelo de Steve a algumas baías de distância.

— Eu *tava* só zoando a quenga, meu! — justifiquei, fitando o olhar fulminante de Maria Luísa.

Ela estreitou os olhos, cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha irritada.

Observei suas pupilas contraídas, como pontos minúsculos em duas piscinas verde-azuladas; os pelos claros de sua sobrancelha arqueada; e a pele macia de seus delicados braços flexionados, que evidenciavam o contorno dos peitos.

E todo esse conjunto de detalhes celestiais deu um safanão na minha anaconda, meu.

— Mano, essa é a sua expressão brava? — Sem conseguir me conter, levei uma mão para acariciá-la no rosto.

— Repete o que você disse — ela pediu, segurando meu braço no meio do caminho e abaixando-o.

— Vixe, agora fodeu, Piolhão! — Tito exclamou, gargalhando.

— Isso aí, Malu! — Lari bateu palmas. — Homem a gente tem que botar no lugar desde o começo! Tem que ensinar logo os limites da casinha!

Titona deu uma risada alta pra *carai*.

Eu nunca ia entender por que eles achavam tanta graça da própria *camisolice*, mano. Era bizarro, tá ligado?

— Lacrou, Lari! É domar e botar logo a camisola cor-de-rosa! Aprenda com as mestras, Maluzinha! — Ícaro riu, indicando as minas dos putos.

— Pois é. Estou esperando, Lucas — ela afirmou, ainda me encarando com aquela expressão que me dava vontade de desfazer com um beijo rude e

inesperado, coisa que eu teria feito, se pudesse fazer ali e, em seguida, atolar a anaconda nela, tá ligado?

— Ah, mano, eu não *tava* falando sério, *véi*! — contestei, já que não podia fazer o que de fato queria.

Tinha sido só pela zoeira, meu. Zoeira de putos, saca? E agora eu ia me foder. Tudo culpa de Putão.

Maria Luísa continuava me fitando com um olhar glacial.

— Mano, pra início de conversa, eu sou pró-feminista, tá ligado? — esclareci. Olívia deu uma risada sarcástica.

— E eu sou a Mulher Maravilha! — disse, passando a alisar a fronte de Diana, na baia ao lado da de Loki.

Mano, por que ela tinha que ser uma versão feminina de Putão, *véi*? Isso era sacanagem, tá ligado? Eu sempre era zoadado duplamente, meu. Não era justo aquele *carai*, saca?

— Mas você é, linda. A Mulher Maravilha da minha vida. — A quenga colocou uma mecha solta de cabelo detrás da orelha da mina.

— Que fofo, cretino! Te amo. — Ela se aproximou e o beijou na bochecha.

— Ai, que maravilhosos! Musa e *deuso*! Meu OTP! — Ícaro fez um coração escroto pra *carai* com os dedos, juntando os polegares e os indicadores. — Olha aí, Piolho! É assim que se trata uma mulher!

— É, Piolhão... Aprende aí, porque tá foda — Titona cutucou.

— Mal começou e já vai regredir, Piolho? Ainda bem que tem sofá no seu quarto, porque, pela cara de Maria Luísa, hoje não tem! — Plínio sacaneou.

— *Cê* sabe bem como é isso, né, mano? Deve dormir no sofá direto! *Cê* e essa pica broxa sua! — devolvi.

— Mais respeito com o meu marido! — Suze defendeu o camisolão dela. — Ele nunca dormiu no sofá!

— Chupa essa, Piolhão! — Ele se vangloriou, estendendo os dois dedos médios, o tipo de coisa que só fazia se Sofia estivesse a quilômetros de distância.

— Só se *cê* chupar meu pau, Plinião! — Balancei a jeba pro filho da mãe.

Maria Luísa permaneceu como estava. Ou seja, puta.

O que eu podia fazer, mano? Naquele momento, nada. Porque nem a pau eu ia tentar adúlá-la na frente dos putos, tá ligado? Nem de jeito nenhum, meu.

A treta ia ser resolvida com sexo selvagem. Aquelas paradas românticas tipo as de Putão não iam sair da minha boca, mano. Eu *tava* apaixonado por ela, mas não era nesse nível ridículo, saca?

As zoeiras continuaram por algum tempo, até os cavalos começarem a ser escolhidos.

— Vou querer este pretão aqui! Ele é tão lindo! — Olívia disse, afagando o

pescoço robusto de Loki.

Olha só a ideia da mina, mano. Mexer com Loki, que era um bicho extremamente veloz e provavelmente o Puro-sangue Inglês de temperamento mais indócil que eu já tinha visto. O oposto de Thor, um cavalo rápido, mas dócil pra *carai*.

— Você não vai montar, Olívia. Esquece — Putão afirmou, resoluto.

— É, mano, pode tirar o cavalo da chuva, tá ligado? — falei, e os putos riram.

— Mas eu queria tanto... — ela choramingou, e a quenga fez uma expressão condoída, que só durou alguns segundos, porque logo ele ficou visivelmente puto.

— Em que Terra eu vou deixar você cavalgar estando grávida, Olívia? — explodiu.

— Ah, mas em você eu posso, né, garanhão? — ela acusou, e a mistura de malícia e irritação provocou várias risadas.

— Eu sou um cavalo treinado, senhorita Olívia — ele pirraçou.

E, então, puxou a mina e sussurrou alguma sacanagem no ouvido dela.

O que quer que tenha sido, foi o suficiente para fazê-la abrir um sorriso malicioso e se contorcer daquele jeito que as minas fazem quando estão doidas pra levar umas pirocadas, saca?

De minha localização, eu não podia dizer com certeza, mas conhecia Putão bem o bastante para saber que ele *tava* apertando a bunda dela, meu.

Devia estar falando algo do tipo: “especialmente treinado para lidar com esse seu rabo gostoso, porra”.

Eu apostaria minha anaconda nisso, mano.

Aproveitando o tema “rabo”, preciso dizer que a mina dele tem uma puta bunda, saca?

“Ai, Piolho, e Maria Luísa? Que desrespeito, meu!”.

Cê tá achando o quê, mano? Que eu sou cego?

Não, *véi*. Eu enxergo. E muito bem, tá ligado? Já até quis dar uns tapas ali, meu.

Mas isso foi antes, mano.

Desde que a parada entre os dois ficou séria, aquela bundona é tipo bunda de macho pra mim, saca?

Sério mesmo, *véi*. É tipo a bunda de Titona.

Tô zoando, meu! Até parece que uma bunda boa daquelas poderia, ainda que hipoteticamente, ser comparada a uma bunda de macho, *carai*! Não dá, *véi*. Nem sendo muito imaginativo, tá ligado?

Então, não sejamos tão radicais na comparação, mano. Pra mim, é como se fosse a bunda de Larissa, saca? Ou seja, uma bunda neutra. Tipo, tá lá, mas eu

não tô interessado.

Agora tô falando sério, mano. Na moral.

Pode parar de achar que eu sou escroto, *vêi*. Tô sendo sincero, tá ligado? *Cê* devia apreciar minha franqueza, meu.

Quero aplausos, *carai*.

Mano, na boa... Tô pensando aqui, e eu não sei por que eu fico fazendo essas digressões, meu.

Já chega, tá ligado?

Enfim... Logo os putos se dispersaram para preparar os cavalos escolhidos.

Plinião decidiu matar a saudade de Steve, o Mangalarga Machador de pelo alazão dourado que ele costumava montar.

Titona começou a selar Tony, seu antigo Campolina tordilho negro (Tito e Tony — a gente sempre fez piada com isso, *vêi*).

Ícaro optou por Mary Jane, e Artur ficou com Peter, um Appaloosa geada, para combinar com a égua floco de neve.

Maria Luísa escolheu Ororo, e Lari, Diana.

É claro que Suze nem tinha pensado em montar, porque, diferentemente de Olívia, era uma grávida ajuizada.

Eu fiquei, obviamente, com Thor.

À exceção de Putão, que estava razoavelmente próximo, preparando Loki para a cavalgada, os putos estavam mais distantes, já com mantas, selas, embocaduras e cabeçadas a postos.

Tito estava ensinando Lari a selar. Artur estava aprendendo a arrear com Plínio, e Ícaro parecia muito satisfeito com o auxílio de um dos peões da fazenda.

Suze prestava atenção às lições do marido, embora as soubesse de cor, porque eram as mesmas que ela tinha aprendido com ele ainda na adolescência. E Olívia observava o desempenho de Putão na preparação de Loki, a uma distância segura do cavalo.

A todo tempo, a quenga conferia se ela estava suficientemente distante e, assim, protegida de eventuais coices ou pinotes do Puro-sangue.

Eu estava passando a rasqueadeira no pelo dourado do meu cavalo quando Maria Luísa conduziu e amarrou a égua a alguns metros e começou a limpar os cascos do animal com surpreendente habilidade.

Devo ter ficado tempo demais rasqueando o pelo de Thor, completamente distraído ao contemplá-la lidando com Ororo, porque, de repente, ela não estava mais com um ferro de ranilha na mão, e sim com uma escova.

Enquanto ela escovava delicadamente o lombo da Andaluz, a pelagem da égua reluzia; os reflexos azulados moviam-se no pelo branco porcelana a cada

escovada suave.

Maria Luísa conversava baixinho com o animal — coisas que, infelizmente, eu não conseguia escutar —, e as duas pareciam estar se entendendo perfeitamente bem.

Mais cedo, eu havia me oferecido para preparar e selar a égua, mas ela recusara com uma resposta ácida:

— Muito obrigada pela enorme demonstração de gentileza, mas, felizmente, eu sei lidar muito bem com rédeas e cabrestos, Lucas.

É, mano, ela ainda *tava* putinha, saca? Mas nada que a cuspideira não pudesse resolver em breve.

Muito em breve, eu esperava. Porque Maria Luísa *tava* gostosa pra *carai* naquela roupa, meu.

Eu *tava* doido pra tirar aquela calça justa cor de bala de caramelo e a camiseta branca cheia de franjas na barra e as botas marrons de cano longo. De preferência, antes de enlouquecer, tá ligado?

Eu estava trocando a rasqueadeira por uma escova grossa quando Maria Luísa se inclinou ligeiramente para escovar o flanco de Ororo.

Seu cabelo longo caiu em cascata, e eu não contive um profundo suspiro de devoção.

Ela era absolutamente linda, e eu já tinha desistido de conter minhas reações naturais à sua beleza. Os suspiros ridículos eram tão involuntários quanto as potentes ereções que me atormentavam o tempo inteiro, se eu estivesse pensando nela ou se ela estivesse por perto, me torturando até com um leve balançar de seus fios compridos.

Eu *tava* louco pra puxar aquele cabelão, mano. Tipo, puxar mesmo, tá ligado?

Mas, desde aquela primeira vez, que não saiu exatamente como eu havia planejado, eu estava tentando ser cuidadoso, esperando o momento certo para começar a fodê-la de verdade, no melhor estilo Piolhão, saca?

Tínhamos transado quatro vezes desde então, e eu sempre iniciava com a intenção de ser sutil o tempo todo, mas a coisa acabava saindo do controle, e eu começava a estocar, e ela *tava* sempre escorregadia pra *carai* e, sei lá, mano... Não era pra ela estar meio assada ou dolorida? Afinal, estamos falando da minha anaconda e de uma boceta recém-descabaçada, meu.

Mas ela não *tava*, tá ligado? Nenhuma das duas coisas. Eu tive a decência de perguntar se *tava* tudo certo. E ela respondeu me beijando. Não era, exatamente, a resposta que eu esperava, mas era válida e muito melhor.

Sem conseguir desviar os olhos da bunda de Maria Luísa, deliciosamente exposta em meu campo de visão, passei a escova na barriga de Thor, e o cavalo reclamou com um ruidoso movimento brusco.

— Foi mal, mano! — Fiz contato visual enquanto me aproximava para acariciá-lo com a mão espalmada.

Ele me olhou como se dissesse: “depois de todo esse tempo sem me visitar *cê* chega e passa esse *carai* na minha barriga, meu? *Cê* sabe que essa parada não é apropriada pra passar no meu *shape*, *véi*! Sacanagem isso aí que *cê* tá fazendo, tá ligado?”.

— Desculpa, mano! *Cê* tem razão, eu machuquei seu *shape*, *véi*. Mas quebra essa aí, meu. Eu vou tomar cuidado de agora em diante, tá ligado? — insisti, afagando-o no pescoço.

Putão deu uma gargalhada.

— Fica ativo, quenga! Escova o bicho direito, porra! Assim, caralho — sacaneou, demonstrando ao passar a escova no dorso de Loki com enervante lentidão.

— *Assifudê*, mano! — devolvi, trocando a escova grossa por uma de cerdas macias.

Estávamos separados por alguns metros, mas ele estava perto o bastante para que pudéssemos nos comunicar sem a necessidade de levantarmos a voz.

— Cuidado pra ele não se vingar atolando o *mjölnir* no seu rabo, quenga. — Ele riu.

— Vai cagar, Putão! — bradei, recomeçando a escovar o pelo de Thor.

Maria Luísa deu uma risada, e eu a fitei.

Ela engoliu o riso e me olhou com um desprezo estudado, dispensando a escova para pegar um pente.

Eu queria soltar alguma parada do tipo: “quero ver *cê* fazer essa cara com minha anaconda toda atolada nessa sua bocetinha apertada, tá ligado?”, mas não dava pra falar esse tipo de coisa perto de Putão, mano.

Ele ia imaginar minha mina pelada, saca? E ia saber que a boceta dela é apertada. E ia imaginar a sensação de...

Mano de Deus...

Cê é louco, meu?

Só de pensar naquilo me dava um troço violento no coração, *véi*.

Por isso, me limitei a sorrir maliciosamente para Maria Luísa, esperando que ela lesse meus pensamentos.

Deve ter funcionado, tá ligado? Porque ela meneou a cabeça, meio rindo, meio puta.

Então, com destreza, começou a desembaraçar a enorme cauda de Ororo.

Terminei a escovação de Thor, limpei seu rosto e, em seguida, me dediquei à farta crina esbranquiçada que pendia pelas laterais de seu pescoço.

Pouco depois, Maria Luísa penteou a longa crina da égua e se afastou,

provavelmente para pegar uma manta.

Eu estava finalizando a cauda do palomino quando escutei Olívia dizer a Putão que tinha tido uma ideia “maravilhosa”.

É claro que eu já sabia que de “maravilhosa” o *carai* da ideia não tinha nada antes mesmo de ela sugerir que os dois andassem a cavalo como as damas e cavalheiros costumavam andar no século XIX.

Ou seja, ela queria ficar na frente, sentada de lado, enquanto Putão se posicionava logo atrás, guiando o animal.

— Péssima ideia — ele declarou sem pestanejar.

— Por que, porra? — ela questionou, decepcionada.

— Porque, ainda assim, é perigoso, Olívia. Seria arriscado até com um cavalo dócil. Imagina com Loki, que é genioso pra caralho...

— A gente muda de cavalo! Podemos ir devagarzinho, lindo. Não tem como dar errado — insistiu.

— Tem, sim, porra. Cavalos se assustam à toa, Olívia. E acabam empinando ou corcoveando ao menor sinal de ameaça ou desconforto. Sei domá-los desde que era moleque. Aprendi a selar e montar quando era criança, mas a experiência do cavaleiro não muda o fato de que são animais assustadiços e imprevisíveis. Consigo lidar tranquilamente com Loki ou com qualquer outro cavalo arredio, mas, justamente por saber que seria arriscado cavalgar com você até se fôssemos a passo calmo no lombo de um animal manso, a resposta é não.

Ela fez menção de abrir a boca, e Putão acrescentou, em um tom severo:

— E é definitiva, porra.

Então, ela inclinou a cabeça para um lado, depois para o outro, e repetiu a operação, até que seu rosto se iluminou. Aproximando-se, ela ficou nas pontas dos pés e sussurrou alguma parada no ouvido dele, passando a alisar o peito da quenga na metade do “segredo”.

Pouco depois, se afastou, ergueu os olhos e o fitou, mordendo o lábio inferior.

Putão fez a típica cara de um sujeito que, em segundos, perdeu todo o sangue da cabeça de cima para a cabeça de baixo.

— E agora, o que você acha, lindo? — ela perguntou, aproximando a boca da dele ao enganchar os polegares nas reatas que prendiam o cinto.

Putão *tava* sendo ardilosamente enfeitado, mano. Um cara governado pelo pau não sabe o que tá fazendo, tá ligado? Vira fantoche, saca?

Sem uma intervenção apropriada, aquela seria uma batalha perdida pra quenga, meu. Eu precisava fazer alguma coisa, mano, porque ia dar merda. Eu *tava* sentindo a tragédia pairando ao nosso redor.

Ele ia topar a parada, e se, por algum motivo, a mina caísse do cavalo e perdesse os bebês, Putão ficaria destruído. Tipo, pra sempre, tá ligado?

Tipo, eu não conseguia nem imaginar, mano.

— Quenga de Deus, raciocina, *véi*! — Caminhei decidido até lá. — Não vai rolar *carai* de cavalo, mano! — falei, dirigindo-me a Olívia. — Para com essas feitiçarias pra cima da quenga, tá ligado? Acorda, Putão! — Mexi na cara dele.

— Que porra é essa, Piolho? — ele rosnou, tirando meu braço.

— Imagina Ícaro dando praquele cara! — Apontei adiante, tentando livrá-lo da magia negra de Olívia.

O peão estava mostrando como fazer a calha, mas a atenção do pseudonamorado do meu primo estava completamente voltada para os bíceps em movimento do sujeito, cujas mãos puxavam a manta sob a sela para cima.

— E a rola dele balançando enquanto ele cavalga no peão, saca? Tipo um *pintocóptero*, mano! — acrescentei, e não consegui evitar uma risada ao admirar a expressão que Putão fez.

— Puta que pariu, Piolho! Que porra é essa que *cê* tá fazendo, caralho?

— Tô te salvando, *carai*. Já tá pau molão? — perguntei, sem baixar os olhos.

Ele franziu o cenho, e Olívia caiu na risada.

— *Cê* não pode deixar que ela monte. Os bebês, *véi*. *Cê* é louco, meu? Eu *tava* manjando *cês* dois, mano. Saquei a parada, e tô tentando te deixar pau molão pra ver se *cê* volta ao normal, tá ligado? — expliquei.

Foi a vez dele de gargalhar.

— Ai, que fofo, Piolho... Olha, cretino, você tem um amiguinho muito especial... — ela zoou.

— *Assifudê*, mano! — exclamei, ao mesmo tempo em que Putão bradava “amiguinho de cu é rola!”.

Ela riu mais ainda.

— É claro que eu não vou deixá-la montar, porra! — Putão declarou.

— Mano, *cê* já *tava* cedendo, *véi*! — acusei. — Bastou a mina cochichar uma parada sacana qualq...

— Shhhhhhhhh! Cala a boca, caralho! — Olívia sussurrou, pressionando os próprios lábios com um indicador. — Você vai estragar nosso plano, porra!

Foi a minha vez de não entender *carai* nenhum.

Então, eles explicaram o tal do plano, que consistia, basicamente, no seguinte, mano: pouco antes de os putos saírem para cavalgar, Olívia fingiria uma das fortes crises de enjoo que ela costumava ter, e Putão, é claro, se ofereceria para levá-la de volta à sede. Esperançosamente, Suze estaria suficientemente distraída observando o “maridão” vestido de caubói para não suspeitar do plano, cujo objetivo principal *cê* já sabe, mano: *fodelância* clandestina, saca?

Ia dar certo, meu. Enquanto eu ouvia a ideia de Olívia, observei a cara de Suzinha fitando Plinão durante o arreamento de Steve. Ela *tava* doida pra

dar, *véi*.

Sendo o grande sacana que eu sou, eu poderia sabotar o plano de Liv e Putão, mas, mais que sacana, eu sou esperto, meu. O sucesso do plano deles era vital para o meu sucesso em relação ao lugar para onde eu planejava levar Maria Luísa.

Putão estaria fora da jogada.

Pela cara safada de Suze, eu já podia desconsiderar Plínio, porque os dois acabariam transando ali mesmo, no estábulo.

Tito e Lari não representavam ameaça, porque dificilmente Titona se lembraria do local.

E eu não precisava me preocupar com Ícaro e Artur porque tinha certeza de que os dois acabariam brigando por causa do peão. Ícaro *tava* dando moral demais pro cara, meu. E Artur já *tava* ficando notoriamente puto, saca?

Meu primo é *mó* tranquilo com essas paradas de ciúme, *véi*. Mas Ícaro abusa, mano. Tipo, tudo bem que o relacionamento deles é uma parada meio aberta, mas é foda ficar vendo a pessoa se atirar em outra na sua cara, né, *véi*?

Enfim, essa treta não é da minha conta, tá ligado?

Depois de ouvir o plano, voltei satisfeito para começar a, de fato, selar Thor.

Maria Luísa já tinha iniciado o arreamento de Ororo. Enquanto eu posicionava a sela, ela posicionava a barrigueira da frente. Quando lidei com a primeira barrigueira e passei o peitoral, ela já tinha afivelado a barrigueira de trás e estava conferindo o conector.

Depois de firmar a embocadura, passar a coroa pelas orelhas do animal e afivelar o cabresto, ela ajeitou o topete de Ororo, soltou a égua e passou por mim enquanto eu terminava de encilhar.

— Tá com pressa pra cavalgar, mano? — perguntei, sem conseguir conter um meio-sorriso.

— Muita — ela respondeu, sem interromper a caminhada.

Parei o que estava fazendo e a observei dirigir-se à arena, firmar o pé no estribo e montar, passando a perna direita sobre a égua tão rápido quanto meu pau ficou duro.

Eu nunca pensei que minha anaconda pudesse se agigantar tão depressa, mano. Foi a cena mais *sexy* que eu já tinha visto no *carai* da vida inteira, tá ligado?

Foi tipo um filme, saca? Sabe aquelas propagandas em que um sujeito idiota tá parado vendo uma gostosona se mover em câmera lenta? Foi tipo isso, meu.

Enquanto a bunda dela se ajustava à sela e as mãos pequenas ajeitavam as rédeas, o vento soprava seu cabelo, que açoitava o ar em compridas ondas serenas.

Tá imaginando uma parada cinematográfica? Então *cê* tá imaginando certo, meu.

Mano de Deus... Ela parecia a deusa suprema das amazonas, tá ligado?

Putá merda, mano. A anaconda ia explodir, *vêi*.

Eu *tava* completamente duro e totalmente hipnotizado quando ela sorriu levemente em minha direção, deu o comando e, do passo passou para o trote para, em seguida, sair a meio-galope arena adentro.

— Vai ficar aí babando ou vai correr atrás, Piolhão? — A risada de Olívia me despertou do transe.

— Vou correr muito, mano — falei, ainda retardado, começando a encabrestar o cavalo enquanto ela e Putão me zoavam pra *carai*.

Eu *tava* me fodendo, tá ligado? Eu precisava mesmo ir atrás dela, meu. Foda-se que era patético, saca?

Quando terminei, soltei o nó que prendia o animal ao palanque e, pouco depois, Thor e eu alcançávamos Maria Luísa e Ororo, que abandonavam a arena, galopando rumo ao descampado.

74. A pressa é inimiga da perfeição

MARIA LUÍSA

A primeira coisa que vi quando virei o pescoço ao escutar os cascos do cavalo esborcinando o solo foi o peito largo em movimento.

O tecido xadrez da camisa estava distendido e contornava perfeitamente os músculos de seu peitoral e dos braços, até a altura dos cotovelos.

Os quadrados pretos e vermelhos da padronagem *buffalo check* contrastavam com o restante da paisagem paradisíaca, que, de súbito, me pareceu descolorida.

O baio amarelo galopava lindamente. E o cavaleiro que tinha as rédeas nas mãos inclinava levemente o corpo, fazendo o cavalo galopar cada vez mais rápido.

O sol estava sumindo, mas seu cabelo agitado pelo vento brilhava como se raios solares brincassem entre seus fios castanho-claros, tornando-os magicamente dourados.

O chapéu não estava mais em sua cabeça, e eu suspeitava de que, na velocidade em que ele estava cavalgando, o acessório tinha ficado para trás em algum momento.

Voltei a atenção para frente, sentindo meu coração bater apressado. Pedi a Ororo, com um rápido aperto das panturrilhas e um leve dobrar de corpo, que trocasse o cânter pelo galope pleno.

A égua obedeceu de imediato, e a distância entre Lucas e eu começou a aumentar.

Olhei para trás e encontrei sua impagável expressão indignada. Era possível ler em seus olhos claros estreitados e em suas sobrancelhas franzidas um nítido: “que *carai*, mano!”.

Eu estava sorrindo quando senti o riso se expandindo em meu interior. Voltei a olhar adiante, sentindo o corpo balançar com as risadas desenfreadas que não consegui conter.

O problema em relação a Lucas era esse. Eu não conseguia me conter, e não por falta de tentativa. Simplesmente, era impossível não sentir aquela sensação deliciosa que me deixava entorpecida sempre que estávamos juntos.

Ele não era só absolutamente lindo e impossivelmente gostoso. Também era excepcionalmente inteligente, adoravelmente engraçado e sem noção, além de surpreendentemente fofo, por mais que lhe custasse admitir.

Era o pacote completo, e em dobro. Porque era Lucas e Piolho em um só.

Eu teria que ser um E.T. para não ter me apaixonado perdidamente por ele. Aliás, mesmo se fosse um, seria uma alienígena pateticamente apaixonada por um terráqueo.

Senti que estava perdida quando nossos olhos se encontraram em meu primeiro dia no colégio Atena. E quando houve o primeiro encontro entre nossos lábios, eu tive a plena certeza de que estava completamente estragada para qualquer outro homem.

Foi intenso e maravilhoso a esse ponto. A ponto de eu saber, naquele mágico instante, que estava loucamente apaixonada pelo meu professor de Língua Portuguesa, o qual era um perito no quesito língua.

Só percebi que tinha parado de pedir à égua para acelerar quando o cavalo emparelhou e a voz pesada disse ao meu lado:

— Nesse ritmo que *cê* tá cavalgando, logo *cê* goza, mano.

Prendi os lábios para não dar a ele o gosto de me ver rindo de algo tão ridículo.

Enquanto engolia o riso, troquei de passo suavemente. Lucas fez o mesmo, e logo estávamos apenas montados, passeando tranquilamente pela campina.

O vale se estendia como um carpete espantosamente verde.

O azul pleno e deslumbrante do céu cederá lugar a um manto acinzentado, repleto de nuvens escurecidas abandonadas pelo sol.

Entre nós fluía um pacífico silêncio, perturbado apenas pelo sutil ruído dos cascos dos animais, pelo gorjeio de aves distantes, pelo bafejar do vento e, claro, pelo som intermitente em meu coração, de cujas batidas descompassadas eu esperava ser a única ouvinte.

— Quero te mostrar uma coisa — ele disse de repente, limpando a garganta.

Olhei-o por cima do ombro, admirando o desenho perfeito de sua silhueta.

— Que coisa? — perguntei, abafando um suspiro.

— Um lugar — ele respondeu, virando-se para me fitar.

Seu olhar, cálido e azulado, pousou no meu.

Camadas de gelo revestiram meu estômago, e labaredas lambeiram meu coração por vários segundos sucessivos.

Doía fitá-lo. De maneiras incríveis e indizíveis.

Seu olhar ardia; congelava e incendiava. Sob seu escrutínio, eu me sentia enregelada e paradoxalmente aquecida. Eram sensações opostas, mas maravilhosas e complementares; como tomar um delicioso banho de chuva e, em seguida, refugiar-se dentro de um cobertor.

Estar ali, fitando-o, sentindo todas aquelas dores, era tão assustador quanto glorioso.

— Precisamos apear — ele disse subitamente.

Um segundo depois, colocou-se de pé, ato que me custaria imitar naquele instante, com as pernas tão amolecidas.

Por que ele parecia um deus descendo de um cavalo, caramba?

Por que ele tinha que ser tão incrivelmente gostoso, droga?

E por que eu tinha que ser tão ridícula, merda?

Era ridículo. Absolutamente. Mas ele tinha a capacidade de derreter meus ossos com um leve puxar de rédeas, uma passada de pernas e uma aterrissagem perfeita no solo, com toda aquela altura e músculos espetaculares.

Ele era tão perfeito... Tão ridiculamente perfeito...

Meu Deus, eu tinha me transformado em uma pessoa perfeitamente ridícula!

Estava me sentindo completamente desestruturada, como uma boneca desmontada.

— Por quê? — Puxei as rédeas, meio apatetada, disfarçando minha inabilidade de descer naquele exato momento.

— Porque deixaremos os cavalos no caramanchão, bem ali. — Ele apontou a construção coberta a alguns metros de distância. — E seguiremos por ali. — Segui seu braço e vislumbrei o ponto onde as árvores começavam a se aglomerar, altas, paisagísticas e excepcionalmente verdes.

Então se aproximou e me estendeu uma mão.

— Consigo descer sozinha — afirmei, ignorando o remelexo no peito e a antecipada sensação de formigamento em minha palma.

— Sei disso — ele respondeu, abrindo um sorriso enviesado.

Merda. Nova onda de ataque às minhas estruturas.

— Mas não me custa ajudá-la, e não te custa aceitá-lo, Maria Luísa — completou.

Fitei sua expressão divertida por alguns segundos. Ele moveu as sobrancelhas como se dissesse: “e então?”.

Talvez, se ele não ficasse tão lindo fazendo aquilo, eu tivesse recusado orgulhosamente a mão estendida. Mas, diante daquela expressão, que me transformava em uma poça gelatinosa, não consegui me impedir de aceitar a ajuda oferecida, apesar de não precisar dela.

Enquanto descia, tentei não me fixar no calor e na textura de sua palma ligeiramente áspera, mas as lembranças daquelas mãos passeando pelo meu corpo inteiro foram mais intensas que a minha vergonhosa tentativa de ignorá-las.

— Sabe, eu prefiro o “modo Piolho” — declarei, fingindo arrumar as franjas da minha camiseta quando pousei no chão. A ideia era disfarçar o quanto a proximidade de seu corpo me deixava extremamente vulnerável.

Na verdade, eu amava o “modo Lucas”, tão sexy, tão arrebatador.

Era absolutamente excitante ouvi-lo lecionando análise sintática ou discorrendo sobre a importância do “domínio da norma padrão da Língua Portuguesa” nas redações dos vestibulares Brasil afora.

Mas, quando ele falava *piolhês*, meu coração batia mais depressa, porque, nesses momentos, quando estávamos sozinhos, ele não era meu professor. Era alguém diferente de Lucas Larozzi. Era apenas Lucas, meu Lucas.

— Isso é realmente lastimável, Maria Luísa. Porque estou predisposto a usar o “modo Lucas” esta tarde. — Foi a resposta que ele deu quanto à minha preferência.

Então, fez uma pausa na fala e, em seguida, sorrindo, acrescentou:

— Saca?

Dei uma risada e respondi com malícia:

— Saco.

O sentido dubio fez com que seu sorriso se transformasse em uma maliciosa linha torta.

— Calma, mano... Isso eu vou te mostrar daqui a pouco, tá ligado?

Gargalhei, enquanto pensava no fato de que havia tantos homens por aí sem um modo digno sequer. E ele tinha dois. Ambos igualmente irresistíveis.

Depois de deixarmos os animais devidamente amarrados nas pilastras do caramanchão, começamos a seguir rumo às árvores que se adensavam a poucos metros de distância.

Logo alcançamos a trilha de pedras brancas, ladeada por coloridas florações silvestres e muitas plantas verdes. Era uma paisagem magnífica, e nem estávamos na área nobre da fazenda, que esbanjava ciprestes, arbustos floridos, sebes, cercas-vivas e variados tipos de exóticas flores tropicais cuidadosamente cultivadas.

Logo no início do caminho, senti sua mão se aproximar e segurar a minha.

Seu toque quente e firme fez meu coração saltar, e provavelmente arquejei de modo ridículo com a surpresa, porque ele estacou e me fitou.

— Assustei você?

Só o que pude fazer enquanto mirava suas azuladas íris deliquescentes foi assentir negativamente.

Ele se aproximou um pouco mais e tracejou minha bochecha com o polegar, estacionando o dedo em meu lábio inferior.

Senti a pele arder e o coração ribombar mais rápido a cada centímetro vencido, porque ele não parava de roubar todo o meu ar ao encurtar mais e mais a distância entre nós.

Finalmente, me vi rendida e encurralada quando minhas costas firmaram-se

no tronco da árvore mais próxima.

Seu corpo rijo emanava um calor incandescente, que se transferia para o meu, tornando minha respiração ruidosa e entrecortada.

Seus lábios pousaram de leve em minha bochecha e arrastaram-se pela minha pele, descendo em direção à linha da mandíbula.

Seu tórax me pressionou contra a árvore, e uma cadeia de arrepios eletrizou meu corpo inteiro quando sua boca encontrou meu pescoço.

— Lucas... — murmurei, porque o sentimento de rendição era tão forte que seu nome brotou de meus lábios como uma prece.

— Shhhhh... — ele balbuciou, levantando a cabeça e mirando meus olhos embriagados enquanto afundava uma mão em minha nuca.

Transferindo o olhar para a boca desenhada tão perto da minha, subi os dedos e toquei a maciez de seus lábios.

Ele os segurou e beijou a todos, um por um. Então pousou minha mão em seu ombro e puxou minha cintura enquanto baixava o rosto em direção ao meu.

Sua boca roçou a minha, e ele beijou meus lábios fechados para, em seguida, entreabri-los.

Quente, macio e torturantemente vagaroso, o beijo engolfou meu peito, e um furor se espalhou pela minha pele, concentrando-se deliciosamente entre as minhas pernas.

Eu podia sentir sua ereção me pressionando, rija e volumosa, enquanto nossas línguas enrodilhavam-se em inebriantes voltas lentas.

Suas mãos começaram a percorrer meu corpo por baixo da minha camiseta, deixando rastros de fogo em minhas costas, minha cintura, minha barriga.

Meus dedos oprimiam sua nuca, e os dele subiam, cada vez mais ávidos, até se unirem para apertar meu peito.

Soltei um gemido prolongado quando ele puxou a renda do sutiã para baixo e apalpou minha pele, me fazendo morder seu lábio.

Usando a outra mão, abriu o fecho e, em seguida, apalpou os dois ao mesmo tempo.

Então, afoito, tirou minha blusa e o sutiã, largando-os no chão.

— *Cê é tão linda, mano...* — falou, acariciando meus mamilos. — Perfeita, saca?

— Sêrio? — Abri um sorriso, quase sem acreditar que ele estava dizendo aquilo em “modo Piolho”.

— *Cê duvida disso?* — Lucas arregalou os olhos. — Olha aqui o tanto que *cê é linda, meu.* — Ele puxou minha mão e a colocou sobre o volume apetitoso em sua calça jeans.

Alisei a extensão, apertando no final enquanto fitava seu lábio mordido. Ele

era tão delicioso... Tão grande e tão grosso e tão delicioso...

Eu já falei “delicioso”?

Meu Deus, ele era deliciosamente delicioso.

A anaconda, como ele gostava, propiciamente, de chamar, era um pau de encher os olhos, as mãos e a boca. E quando me preenchia completamente me transportava para o Éden, onde só o que importava era a serpente e suas terríveis intenções.

— É que você nunca tinha dito isso em “modo Piolho” — comentei, firmando as palmas em seu peitoral, sentindo a musculatura sob o tecido de sua camisa.

Eu precisava tocá-lo. Precisava sentir a firmeza de seus músculos nas pontas dos dedos. Então, comecei a tirar os botões das casas.

— Não? — ele perguntou, estreitando os olhos.

— Você sempre diz: “você é linda, Maria Luísa”. — Fiz uma pequena pausa para ficar nas pontas dos pés e roçar os lábios nos dele. — Ou “você é tão gostosa, Maria Luísa” — continuei, terminando de desabotoar o último botão. — É só uma observação — acrescentei, afastando as laterais de sua camisa.

Um suspiro perpassou minha garganta e cortou o ar quando espalmei as mãos em sua pele, sentindo a quentura de seu peitoral definido.

— Você é tão gostoso... — Voltei a ficar nas pontas dos pés para plantar novamente a boca na dele.

Lucas apertou minha cintura com um braço firme, grudando nossos corpos enquanto pedia passagem entre meus lábios com a língua.

Com os mamilos colados em seu peito e as mãos entrelaçadas em seu pescoço, eu gemia ruidosamente em sua boca, sentindo as pernas fraquejarem e o clitóris latejar.

Minhas células vibraram de tesão quando ele ergueu uma coxa, depois a outra, e içou meu corpo, me fazendo escalar o dele.

Contornei sua cintura com os membros inferiores e emaranhei os dedos em seu cabelo, deliciando-me com o beijo cada vez mais urgente.

Estávamos completamente ofegantes quando ele afastou a cabeça e, com as mãos espalmadas em minha bunda, me fitou.

Simplesmente me fitou, enquanto sua respiração falhava.

— Que foi? — perguntei, arfante, quando ele permaneceu em silêncio.

— Nada — ele disse segundos depois, ainda com os olhos mergulhados nos meus.

— Me fala? — pedi, segurando seu rosto e dando um beijo na ponta de seu nariz. — Por favor? — Fiz minha melhor expressão de gato de botas do Shrek.

Ele sorriu.

— Te falo quando chegarmos.

— Promete? — insisti.

— Prometo — ele falou e começou a andar.

— Espera! Minhas roupas! — lembrei, mirando a camiseta e o sutiã abandonados nas pedras brancas.

— Não vamos precisar delas. — Ele abriu uma expressão maliciosa, dando passadas cada vez mais rápidas.

Pousei a cabeça em seu ombro largo como se fosse uma criança sendo carregada para a cama. Apertei seus braços e inspirei o perfume de seu pescoço. Ele tinha um aroma quente e amadeirado que me fazia pensar em cedros, couro, chuva, cravo, canela e lareiras.

— Você é tão cheiroso — falei, a voz abafada pelas mechas sedosas que caíam sobre seus ombros. — E seu cabelo é tão, tão macio...

Por que ele tinha um cabelo melhor que o meu? Onde estava a justiça do mundo?

As máscaras e hidratações profissionais regulares eram o que permitiam meu cabelo cruzar a linha do “minimamente apresentável”.

Portanto, ele devia passar horas e horas diárias hidratando aquele cabelo. Só isso justificaria a maciez escandalosa e o brilho descomunal daqueles fios.

— Você hidrata o cabelo? — disparei sem sentir.

Ele ficou alguns segundos em silêncio antes de responder:

— Como assim, mano?

— Tipo, passar umas paradas pra ficar bem maneiro, saca? — Levantei a cabeça quando comecei a imitá-lo. — Uns cremes e pá, mano. Aí, *cê* bota uma touca por cima, tá ligado? E deixa agir por uns trinta minutos, meu. Depois enxágua tudo *et voilà!* O cabelo fica assim. — Peguei uma mecha e soltei, observando os fios caírem em câmera lenta. — Bem brilhoso e macio, *vêi*.

Lucas deu uma gargalhada que fez tremer seu corpo inteiro. Senti seu peito vibrar e me chacoalhar. Observei sua expressão, absolutamente linda.

Pousei as mãos em suas têmporas e beijei sua testa. Ele parou de andar. Escorreguei os dedos, mergulhando-os em sua nuca, e mirei seus olhos.

Um leve sorriso curvava seus lábios quando ele começou a dizer:

— “Bem maneiro”, mano? Eu teria dito “foda pra *carai*”, saca? “Bem maneiro”... — Ele riu, meneando a cabeça. — Eu nunca falaria essa parada, tá ligado? E muito menos “*et voilà!*”, meu! *Cê* tá precisando de umas aulas de *piolhês*, *vêi*!

— Quer me ensinar? — sugeri, aprisionando o lábio inferior entre os dentes. — Você é um excelente professor...

Seu sorriso se encheu de malícia.

— Vou te comer em *piolhês* e, depois da foda, *cê* vai tá fluente, mano.

— Não sei se consigo aprender assim tão rápido, com uma aulinha só... — falei, acariciando sua barba.

— *Cê* é uma ótima aluna, *vêi*... Vai aprender de primeira, tá ligado? — Ele usou um tom sacana enquanto me descia devagar.

— Mas hoje eu tô tão distraída... — De pé, ergui o corpo para entrecruzar os braços em seu pescoço. — E é muito complexo. Acho que vou precisar de umas cinco aulas seguidas para começar a entender.

— Para começar a entender... — Ele repetiu, apertando minha bunda para unir nossos corpos.

— Anrã — balbuciei, roçando nossas bocas.

O vento frio e cortante eriçava e enregelava a pele das minhas costas, mas meus peitos, pressionados contra o tórax de Lucas, eram duas bolas de fogo.

Enquanto nossas línguas atrelavam-se, eu podia escutar o barulho de água corrente.

— Já chegamos, a propósito. — Ele interrompeu o beijo para dizer.

Virei o corpo, e lá estava.

Suspenso, o bangalô saudava o rio, cujas águas esverdeadas corriam serenas, produzindo um ruído musicalmente suave.

Eu estava divisando o cume do telhado, encimado pelo manto prateado que era o céu naquela tarde, quando Lucas segurou minha mão.

Juntos, caminhamos até a ponte, que se iniciava no gramado estupidamente verde e terminava na sacada do bangalô.

Quando chegamos à porta, ele subiu o braço e retirou a chave, que ficava no alto, ocultada entre duas vigas.

Assim que entramos, vislumbrei o interior limpo, aconchegante e bem decorado do lugar.

O ar estava impregnado de um agradável cheiro de ervas recém-cortadas, folhas amassadas e terra molhada. Inspirei o revigorante aroma herbal e senti o frescor se espalhando em meus pulmões.

Nada na *Sonnenblumen* estava ali ao acaso. A fazenda havia sido planejada por alguém que se importava, e muito, com áreas confortáveis e formidavelmente aprazíveis aos olhos.

O lugar mais parecia um reino encantado, onde a natureza, no auge de seu esplendor, havia ganhado belos toques, todos de muito bom gosto e com o fito de propiciar experiências completas e realmente estupendas.

O bangalô era um exemplo claro.

— Vem ver isso, mano — ele disse, puxando minha mão.

Pousando os joelhos no sofá caramelo, Lucas abriu uma das janelas laterais.

Subi em seguida e, posicionando-me ao lado dele, preparei-me para a vista.

Ao longe, cristalina e abundante, a cachoeira despencava, caindo sobre pedras imensas e aglomerando-se logo abaixo, desfazendo-se em espumas esbranquiçadas que se aleitavam no curso do rio.

Uma vegetação exuberante circundava o local, competindo com a rica tonalidade verde-esmeralda das águas límpidas.

— É tão lindo... — Soltei um suspiro. — A gente podia ir pra lá! Seria tão bom tomar banho de cachoeira juntos...

— Nesse frio, mano? — Ele fez uma careta fofa. — A anaconda não ia curtir, tá ligado?

Dei uma risada, e ele me puxou, afundando o rosto em meu pescoço.

— Além disso, está na hora da aula, Maria Luísa.

Estremeci com o contato de seu hálito em minha pele e não contive uma série de arrepios quando ele começou a beijar meu ombro, acariciando minhas costas com as pontas dos dedos.

— Vem cá — chamou, levantando-se e me levando consigo.

Então, me colocou de pé e, sugando meu pescoço, sussurrou:

— Quero que *cê* fique sentada ali, saca?

Respondi com um gemido, apoiando-me em seus braços e inclinando um pouco mais a cabeça para dar mais acesso à sua boca.

— Não ouvi, mano... — Ele apalpou um peito, beijando minha pele desesperadamente.

— Lucas... — pronunciei, gemendo e baixando os dedos para desabotoar sua calça.

— Eu amo — ele lambeu meu maxilar — quando *cê* diz — beijou minha bochecha — meu nome — ele puxou meu lábio inferior — assim, meu.

Desci o zíper e enfiei a mão, sentindo a enrijecida maciez avantajada sob o tecido da cueca.

Ele gemeu em minha boca, pressionando meu peito com firmeza.

— *Carai*, mano... Senta.

Mal me jogou no sofá e começou a tirar as botas. Fiz menção de tirar as minhas, mas fui duramente interrompida por sua voz autoritária:

— Não.

Mordi o lábio e fiquei observando-o se livrar das dele, jogá-las longe e, em seguida, deslizar grosseiramente a camisa desabotoada pelos braços, sem tirar os olhos dos meus peitos.

Seus músculos trabalhados formavam um conjunto perfeito com os jeans claros e desbotados.

Mas ele logo tirou a calça, e o abdome definido passou a formar um combo ainda melhor com a boxer preta e as coxas musculosas.

Puxando o elástico para baixo sem cerimônias e atirando a cueca sobre a calça, ele revelou minha combinação predileta: gomos bronzeados, anaconda repleta de veias e coxas incrivelmente torneadas.

Ele era tão gostoso que às vezes eu suspeitava de que não estava em meu juízo perfeito, porque toda aquela opulência masculina era divina demais para ser algo além de quimera.

Inclinei-me no sofá para alcançá-lo, louca para abocanhá-lo, mas ele afastou um passo.

— Lucas... — reclamei. — Eu quero te chupar... — falei, lambendo os lábios e contorcendo as coxas ao fitar o topo da cabeça volumosa.

Ele abriu um sorriso sacana.

— Fica de pé, mano.

— Não. — Cruzei os braços, abrindo meu próprio sorriso safado.

— Mano, quando eu mando, *cê* obedece, meu... — Puxando levemente o ar, ele segurou e manuseou o pau, com os olhos em meu corpo desleixadamente jogado no sofá.

Então, em duas passadas, chegou até o sofá, postou os joelhos entre as minhas coxas e enfiou o cacete na minha boca.

— Toma. Chupa esse *carai*.

Maravilhada com a surpresa, gemi manhosamente ao abocanhá-lo inteiro.

Engolindo o máximo que conseguia, agarrei a base com uma mão e usei a outra para acariciar sua coxa.

Ergui o olhar e mirei seu rosto. Era extasiante estudar sua expressão; os olhos semicerrados, o cenho franzido, o lábio mordido.

E era tão gostoso chupá-lo, sentir a carne rígida monopolizando minha boca; a extensão dominando tudo, a cabeça cutucando minha garganta; meus lábios arrastando-se por sua pele quente e pulsante; seus gemidos e arquejos penetrando meus ouvidos...

Tirei o pau da boca e deixei a língua deslizar pela superfície macia enquanto acariciava as bolas grandes e pesadas.

— *Cê* vai me matar, mano... — ele disse, enfiando os dedos na raiz do meu cabelo, nas proximidades da minha orelha, e puxando levemente os fios.

Voltei a chupá-lo, mas a alegria durou pouco, porque ele logo afastou minha cabeça.

— Já chega, *carai* — falou, colocando-se de pé e ajoelhando-se no felpudo tapete creme em seguida.

Com os olhos mergulhados em minhas feições, Lucas tirou minhas botas lentamente, demorando uma vida para descer completamente os zíperes e removê-las dos meus pés.

Ao finalizar a tarefa, pousou-as com cuidado na lateral do sofá.

— Você é que vai acabar me matando... — comentei, surpresa com o fato de que ele não estava fazendo as coisas com afobação, como sempre fazia.

Eu gostava do Lucas apressado, que metia tudo de uma vez e me comia vigorosamente, como se eu fosse uma das mulheres que ele costumava comer. Gostava do jeito rude que ele estocava, completamente inebriado e esquecido de tudo.

Mas o Lucas deliberadamente lento, que me olhava como se eu fosse única, uma preciosidade a ser desfrutada em parcelas diminutas? Ah, eu amava esse Lucas.

— Cê ainda não viu nada, mano... — Ele afastou minhas pernas e se colocou entre elas.

Então, dobrando ligeiramente o corpo, começou a beijar a fenda entre os meus peitos, com as mãos firmemente pousadas em minhas coxas.

Levei os dedos até seu cabelo e fiquei acariciando seu couro cabeludo enquanto sentia seus infinitos beijos mornos e úmidos espalharem-se por toda a região, arrancando curtos gemidos da minha garganta.

— Isso é tão... — comecei.

Ele subiu a cabeça e me calou com um beijo deliciosamente lento para, em seguida, descer pelo meu pescoço e recomençar a torturar minha pele.

Entrelacei as pernas em suas costas, remexendo-me inteira no sofá. Suas mãos subiram para a minha cintura, e senti o corpo inteiro inflamar-se com o toque preciso e possessivo daquelas mãos ardentes.

O único lugar que seus lábios não tocaram foram as duas áreas protuberantes que clamavam, intumescidas, por toda aquela dedicação.

— Lucas... — Fitei-o com um olhar suplicante.

Com os olhos nos meus, ele soprou um mamilo, sensibilizando-o com seu hálito dolorosamente abrasante.

Tive vontade de socar seu sorriso maquiavélico, mas isso não me tiraria do sofrimento. Então, fiz o que qualquer mulher naquelas circunstâncias faria: implorei em alto e bom som.

— Pelo amor de Deus!

Com um sorriso diabólico, o filho da mãe fez a mesma coisa no outro, me fazendo ofegar.

Já que estava com a faca e o queijo na mão, fiz a única coisa que podia fazer para me vingar: puxei seu cabelo.

— Ai, mano! Isso doeu, tá ligado? — ele reclamou, rindo.

— É mesmo? Estou pouco me lixando! — respondi, dando de ombros.

Ele soltou um suspiro e, sorrindo, lindo feito um deus, aproximou-se e disse

em meus lábios:

— Mano, eu te...

Então congelou.

E meu coração parou por condenados segundos.

— Eu... — Ele se afastou, mortificado, e eu notei seu pomo-de-adão subindo e descendo.

O momento estava perdido, e eu sabia. Podia ver o desespero em seu rosto, e era perceptível que seu cérebro estava à procura de algo adequado para dizer em substituição ao que quase escapou.

Eu o amava, e estava certa de que o sentimento era recíproco. Não era preciso ser um grande gênio para saber.

Lucas era absolutamente transparente. Eu via em seus olhos, sentia em seu beijo, ouvia em sua voz. Mas sabia que ele não confessaria assim, tão fácil. Sabia que custaria para que admitisse a si mesmo. Estava ciente de que, apesar de o sentimento estar expresso em seu rosto, ele era o único que não o via com absoluta clareza.

E eu o amava ainda mais por ser tão idiota.

Ali, testemunhando seu embate mental, fiz, novamente, a única coisa que podia fazer, além de esperar que, um dia — de preferência logo —, ele caísse em si: puxei seu rosto e o beijei, salvando, heroicamente, a Pátria.

Enquanto sua língua enovelava a minha, imaginei a cara que ele faria se eu finalizasse o beijo com um: “oh, Lucas, eu te amo! Estou irrevogavelmente apaixonada! Como vão se chamar os nossos filhos? Que tal ‘Luís’ para o primeiro de dez?”.

Tive que me controlar para não rir, porque, certamente, ele me fitaria como se estivesse olhando uma aberração e, em seguida, fugiria a nado, pegando um atalho nas águas do rio; pelado e magnificamente duro.

Eu estava me deliciando com a belíssima visão subaquática quando seus dedos ágeis desabotoaram minha calça e desceram meu zíper.

Sua boca migrou para o meu pescoço, e seus lábios trilharam minha clavícula enquanto ele puxava a peça.

Levantei a bunda para auxiliá-lo, e ele se afastou para terminar de puxar.

— Mano de Deus... — balbuciou, mirando minha calcinha branca de renda.
— Que delícia, meu...

Dei uma risada, fitando seus olhos vidrados, que não acompanhavam os movimentos automáticos das mãos que, rapidamente, me livraram por completo da calça.

— Tá rindo do quê, *carai*? — ele perguntou, ficando de pé e puxando minha mão, unindo-me a ele.

— Da sua cara de garotinho bocó que ainda nem terminou de ver o presente e já está abismado. — Dei um giro, ficando de costas por alguns segundos antes de retornar à posição inicial.

Ele estava petrificado; os olhos arregalados, os lábios entreabertos.

— Mano — levou uma mão ao peito —, *cê tá tentando me assassinar, véi?*

Então, me puxou pela bunda, espalmando uma mão em cada banda.

Como era gostoso sentir a firmeza e a aspereza de suas mãos, o calor se espalhando pela minha pele, me deixando doida...

— Meu Deus, Maria Luísa... Tá me dando uma puta de vontade de... — Ele se calou de repente, enfiando um indicador por baixo da tira do meu fio-dental.

— De fazer o quê? — perguntei, agarrando e manejando a anaconda.

Lucas levou uma mão à minha nuca e, segurando-a com força, me deu um beijo esfomeado, que foi interrompido brutalmente para que eu fosse colocada no sofá, com os peitos pressionados contra o encosto.

Ele ficou de pé, apertando minha bunda e esparramando beijos sôfregos em meus ombros ao afastar meu cabelo com dedos determinados.

O tapa foi inesperado, e me fez soltar um gemido gritado. A próxima coisa que senti foi sua mão agarrando e puxando meu cabelo.

Seu pau cutucou minhas costas, e seu hálito massacrou minha orelha quando ele rosnou em meu ouvido:

— Vai ser gostosa assim na puta que pariu, *carai*.

Esfreguei a bunda contra seu corpo denso enquanto sentia seus lábios, língua e dentes em meu pescoço.

— Eu quero tanto que você me coma... — choraminguei.

Ele soltou meu cabelo para apalpar meus peitos com as duas mãos. Seus dedos pinçavam meus mamilos, me fazendo rebolar involuntariamente.

— E eu quero que *cê* rebole gostoso assim quando a anaconda estiver toda enterrada aqui, mano. — Ele desceu uma mão, fechando-a sobre a renda umedecida.

Soltei um gemido lento e doloroso ao sentir seus dedos pousando delicadamente onde eu precisava, urgentemente, que eles se movessem.

— Huuummm... Lucas... Por favor...

— Assim? — ele perguntou, movendo-os com leveza e lentidão premeditadas.

— Mais... Por favor... — supliquei, com a cabeça largada em seu peito.

— Assim? — ele pressionou os dedos em círculo, inclinando-se para depositar um beijo abaixo da minha orelha.

— Huumm... — gemi, começando a rebolar em sua mão.

— Isso... Geme bem gostoso, mano... — pediu, enfiando a mão dentro da minha calcinha.

Senti meu corpo se liquefazer quando ele massageou meu clitóris, sem deixar de apalpar um dos meus peitos.

Pouco depois, ele puxou a mão lentamente, subindo-a pela minha barriga e descendo a outra até as duas agarrarem minha cintura.

— Gostosa... — sussurrou em meu ouvido, mordendo o lóbulo da minha orelha.

E, então, me posicionou no sofá, arrebitou minha bunda e apertou minha pele enquanto eu o observava sobre o ombro.

Vi quando ele se abaixou até a calça e tirou uma embalagem do bolso.

Foi quando eu soube que a aula ia, finalmente, começar.

PIOLHO

Maria Luísa *tava* tão escorregadia, mano... Tão molhada, tão gostosa, que a ideia de simplesmente meter, sem pensar em nada, pipocou em minha mente várias vezes, e continuava me atormentando enquanto eu deslizava a camisinha no cacete, amaldiçoando o descobridor do látex.

Mano, ela despertava em mim os piores instintos primitivos, saca? E toda aquela ideia de cozinhá-la em fogo brando tinha se revelado na ideia mais de merda que eu já tinha tido na vida, meu. O tiro tinha saído pela culatra, *véi!*

Meu pau *tava* em vias de combustão antes mesmo de entrar, e eu só conseguia pensar no *carai* da sensação de gozar gostoso dentro dela, sentindo a anaconda jorrar, livre e desimpedida.

E nem os pensamentos ruins relacionados às possíveis consequências daquilo *tavam* servindo para me desestimular, saca?

Tipo, onde eu *tava* com a cabeça, meu?

Esforçando-me para manter os neurônios em ordem, terminei de desenrolar o preservativo e me posicionei atrás dela.

Afastei seu cabelo e beijei seu ombro, deslizando as mãos por suas costas até estacioná-las em sua bunda.

Ela soltou um gemido arrastado quando eu desloquei a calcinha para o lado, roçando as pontas dos dedos em sua entrada.

Desci os lábios por sua espinha, perfazendo um caminho de beijos, provando o gosto de sua pele macia e cheirosa.

Quando alcancei a base de sua coluna, afastei as duas bandas de sua bunda para apreciá-la.

Sentindo o pau pulsar, inclinei-me e saboreei sua umidade, dando um beijo tão intenso que pude sentir todos os lábios preenchendo minha boca.

Ela era tão macia, tão lisa, tão gostosa...

Aquela boceta tinha o poder de me fazer perder todas as noções de perigo e juízo.

Deixei a língua envolver seu clitóris deliciosamente inchado enquanto apertava suas coxas.

Ela gemia alto, e aqueles gemidos prolongados, quando cortavam o ar, roubavam a minha sanidade.

Antes que enlouquecesse de vez, endireitei o corpo e, com uma mão, guiei o cacete rumo ao paraíso.

Com a ponta posicionada, abri suas dobras e comecei a entrar devagar, sentindo o mundo ao meu redor desmoronar.

Suas paredes molhadas abrigavam minha anaconda lentamente, e eu me sentia como se aquela fosse a primeira vez.

A sensação inebriante que se espalhava pelo meu corpo era exatamente a mesma da noite anterior. Era o mesmo sentimento de deleitosa perdição, de estar me desfazendo e me refazendo mil vezes; desintegrando-me ao entrar e incorporando-me outra vez ao sair, para me despedaçar novamente em seguida.

Eu estava mortalmente desgraçado, mano. Todas as vezes, desde a primeira, tinham comprovado o que, no fundo, eu sabia.

Era assustador, mas eu sabia que amava Maria Luísa.

Tinha, patética e rapidamente, me apaixonado por uma aluna. Do tipo de paixão que não desapareceria com o findar do ano letivo.

Eu sabia disso com uma certeza assombrosa.

Como eu podia saber disso, mano? Como eu podia ter certeza de algo tão miseravelmente sério? Como eu podia amá-la sabendo tão pouco sobre ela?

Não fazia sentido algum, mas, se aquilo, que me causava todas aquelas sensações terríveis e incoerentemente deliciosas, não era amor, eu jamais seria capaz de lidar com o suposto sentimento verdadeiro.

Porque o muito que eu sentia por Maria Luísa estava acabando comigo, arruinando meus dogmas, transformando minhas convicções em cinzas, fodendo o *carai* da minha vida, mano.

Além de não pensar em nada além dela, havia aquela necessidade inumana de protegê-la e de estar com ela; e minha mania de sentir seu cheiro o tempo todo e de sentir sua falta o tempo inteiro.

Eu a amava. Precisava dela, queria Maria Luísa mais que todas as coisas do mundo.

Só que saber disso e aceitar o fato eram coisas completamente distintas.

Eu sabia. Mas não queria saber, *carai!*

Amá-la implicava uma porção de coisas, mano. Como o fato de que eu não poderia, a partir dali, viver sem ela.

Tá vendo como essa parada é mais sinistra do que parece?

Como eu podia aceitar o fato de que não podia viver sem uma mina, meu?

Uma mina, mano. Eu, Piolhão da Surubada, apaixonado por uma mina a esse ponto? A ponto de sentir uma vontade monstruosa de desaparecer da Terra se Maria Luísa não estivesse nela?

Eu não estava pronto sequer para compreender isso, mano. Imagina para aceitar, tá ligado?

Mas ali, enquanto me enfiava lentamente dentro dela, eu sabia que estava condenado.

Sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria que pagar o *carai* da língua por toda a zoeira que eu tinha feito aos putos. Porque eu entendia. Agora entendia aquela parada que costumava achar tão engraçada, mas que, na verdade, não tinha graça nenhuma.

Como se explicava o fato de que sexo não era mais sexo?

Como é que eu poderia explicar que o que antes eu pensava ser algo elementar era muito mais que isso?

Nada nunca havia se igualado àquilo. Todas aquelas sensações vulcânicas eram absolutamente insólitas.

Aquilo não era uma transa, e tampouco representava a satisfação de uma necessidade básica.

Enquanto eu me afundava cada vez mais, sentia uma espécie de ímã me puxando em direção a falésias desconhecidas. Aquilo alimentava minha fome física, saturava aquela ânsia selvagem que governava meus impulsos. Mas, mais que isso, estar dentro dela provocava em mim um turbilhão de emoções explosivas que saciavam espaços que eu sequer sabia que precisavam ser preenchidos. Eu me sentia completo, mano.

Era como se, a vida inteira, eu estivesse inacabado, saca? Esperando para ser concluído.

Maria Luísa era a minha completude. Ela me finalizava, me fazia pleno, me tornava um homem inteiro.

Com a anaconda totalmente enterrada, soltei um longo suspiro de satisfação.

Ela se acomodou, e eu comecei a me mexer, com as mãos firmadas em sua cintura.

Entrei e saí algumas vezes, apertando sua bunda, observando o ponto exato em que meu pau sumia e reaparecia.

Ela apertava e encharcava meu cacete, e a pressão molhada era tão gostosa

que me fazia pensar em como seria senti-la de verdade, pele com pele.

Eu *tava* louco, mano.

A culpa era daquela delícia de boceta, que *tava* me levando à loucura.

Hipnotizado, aumentei o ritmo, ficando a um triz das estocadas.

Ela gemia e rebolava feito uma puta, *carai*.

Não tinha lógica, meu. O que ela fazia com a anaconda não tinha nenhuma explicação racionalmente terrena. Era de outro mundo saca? Tão de outro mundo que eu já queria gozar. Queria cuspir tudo de leite que eu tinha, tá ligado?

— Mano, *cê* rebola tão gostoso, meu... — Curvei o corpo e falei em seu pescoço, diminuindo o ritmo das metidas.

Ela gemeu em resposta, colando a bunda em minha pélvis.

Parei de sair e só me mexi em círculos dentro dela, desenraizando pequenos arquejos de sua garganta.

Lambi seu pescoço e apalpei seus peitos, voltando a meter lentamente.

— Tão gostoso... — ela balbuciou.

— Eu amo te comer, mano. Poderia fazer isso pelo resto da vida, saca? — falei, mordendo seu ombro. — Amo tanto isso... — Ergui o corpo e aumentei brutalmente a intensidade das metidas.

Eu *tava* falando merda, mas não conseguia evitar. Dentro dela, eu perdia todo o discernimento.

Maria Luísa soltou um gemido ruidoso quando eu puxei seu cabelo e comecei a estocar.

— Geme, gostosa... Rebola nessa pica e geme, *carai*. — Enrolei seu cabelo no pulso, agarrando seus fios compridos em voltas providenciais.

Mano, eu *tava* comendo Maria Luísa do jeito que eu quis desde que bati os olhos nela, meu.

O barulho das nossas coxas se chocando misturava-se aos sons das nossas respirações alteradas; e meus gemidos guturais mesclavam-se com os ruídos deliciosos que ela deixava escapar a cada nova arremetida.

Mano, aquilo era a perfeição. Era o que eu queria pra sempre, meu.

Apertei sua bunda com a outra mão até sua carne macia ficar avermelhada, sem parar de meter. Puxei ainda mais seu cabelo, metendo com tanta força que meu saco golpeava sua pele.

— Mano, *cê* tá tão molhada...

Ela me olhou sobre o ombro e rebolou mais ainda, me fitando com o lábio mordido e gemendo tão gostoso que precisei me inclinar para aprisionar todos aqueles gemidos.

Beijei sua boca com uma avidez descomunal.

Eu precisava sentir seu corpo junto ao meu, precisava ver sua expressão

quando estivesse gozando. Queria ver aqueles peitos balançando-se, queria que ela montasse em mim.

Então, interrompi o beijo e tirei o pau.

— Não... — ela choramingou. — Não, Lucas... Não...

— Eu preciso... — Fiz uma pausa para conseguir inflar os pulmões. — Preciso te ver, saca? — falei, agarrando sua cintura e tirando-a de cima do sofá.

Acomodei-me no assento e nem precisei chamá-la ou insinuar o que eu queria, porque ela logo se posicionou, agarrando meu pau e direcionando-o em sua entrada.

— Senta bem devagar, tá ligado? — pedi, mirando seus olhos.

Ela mordeu o lábio, assentiu e começou a se sentar, tão lentamente que cada célula do meu corpo começou a implorar que ela se sentasse de uma vez.

— *Carai*, mano, vai logo, meu...

Maria Luísa deu uma risada.

— Eu fico te enchendo o raio do saco quando você tá no controle? — perguntou, puxando meu lábio.

Foi a minha vez de rir.

Por que ela sempre me fazia rir nos momentos menos propícios, mano? E por que, sempre que acontecia, eu sentia aquelas palavras aglutinando-se em minha garganta?

Eu nunca tinha dito as palavras malditas a uma namorada. Às vezes, escrevia em mensagens de texto ou e-mails, mas nunca tinha realmente dito, saca? Nem a Analu, minha primeira namorada.

Aqueles impulsos sinistros de dizer “eu te amo” eram inéditos, e por isso me assustavam tanto.

Eu sempre tinha que refrear as palavras com Maria Luísa, mano. Mas ficava cada vez mais difícil me conter, e eu tinha um medo do *carai* de simplesmente dizê-las, saca?

Porque seria ridículo, *véi*. Não tinha nada mais ridículo no mundo do que dizer “eu te amo” a uma mina, e eu não ia dizer essa parada, meu!

E se por acaso escapasse, eu ia desejar ser tragado por um buraco negro, tá ligado?

Na verdade, eu preferia ter o meu buraco negro arrombado a passar por isso, mano. Na moral.

— Me deixa montar em paz... — ela disse, soltando meu lábio inferior.

— Tá, *carai* — falei, ainda rindo.

Então, comecei a apalpar seus peitos, sentindo a maciez e a fartura nas mãos.

Mechas de seu cabelo liso estavam caídas sobre seus ombros, e ela ia engolindo com a boceta cada centímetro da anaconda, com os olhos cravados

nos meus.

Ela era tão perfeita, mano... Meu coração doía só de olhar pra ela.

Lá estava. De novo, a vontade de dizer as palavras.

Aquilo ia me enlouquecer, tá ligado?

Tomei um de seus mamilos na boca para me impedir de falar merda. Acabei matando dois coelhos, porque, tão logo suguei sua pele sensível, ela perdeu todo o controle e se sentou de uma vez, soltando um gemido alto e me fazendo gemer em seu peito.

— Lucas... — falou, acomodando-se devagar. — Você tá cutucando até o meu cérebro...

A intenção era dar uma risada, mas ela começou a se mexer, e acabei gemendo no processo.

Troquei de mamilo, passando a apalpar o anterior enquanto lambia e sugava o novo.

Maria Luísa logo começou a subir e descer rapidamente, e chupá-la e respirar ao mesmo tempo se tornou missão impossível.

Com as mãos firmadas em sua cintura, mirei sua expressão perdida e extasiada. Desci os olhos e encontrei seus peitos, lindos, redondos e aveludados, coreografando divinamente. Balançavam-se com perfeita simetria, cumprindo a função precípua de me hipnotizar.

Suas mãos apoiavam-se em meu peito, e seu cabelo subia e descia junto com ela.

Mergulhei uma mão em sua nuca e transferi a da cintura para a bunda, puxando-a para a minha boca.

Gemíamos loucamente, deglutindo nossos gemidos insanos durante a cavalgada.

— Ai, meu Deus... — ela murmurou de repente, afastando-se e liberando no ar terroso todas as manifestações sonoras pré-orgásticas.

Não pude dizer nada. Só contemplei suas feições, descendo as mãos para apertar sua bunda.

Ela cavalgava tão rápido que os peitos pulavam, alvoroçados, abandonando o balé sincronizado.

E, miraculosamente, aquela era uma dança ainda mais perfeita.

Podia sentir meu orgasmo avultando-se com violência, ameaçando dizimar minha racionalidade.

Eu ia morrer com aquela gozada. Mas ia morrer como o homem mais afortunado do mundo.

— Lucas... Eu vou morrer... — ela constatou, como se tivesse lido meus pensamentos.

Carai, mano... Eu a amava. Com todas as forças.

Puxei sua nuca e uni nossos lábios quando senti as primeiras ondas do gozo me engolfando.

E, então, morremos juntos. Foi uma morte bastante ruidosa, saca?

Pouco depois de eu descartar o preservativo, a cabeça de Maria Luísa repousava languidamente em meu ombro. Eu estava deitado no sofá, e ela estava praticamente deitada em cima de mim.

Meu peito ainda subia e descia em intervalos curtos. Sua respiração ainda descompassada acasalava-se com a minha, e eu estava sentindo aquilo.

Aquela parada, mano. A necessidade de dizer a ela, de confessar, mesmo sem saber se ela também me amava. Porque, honestamente, o afã era tão incontrolável que nublava até o receio de rejeição.

Isso era patético, meu. Mas eu não conseguia evitar.

Ali, enquanto sentia meu coração no lugar, quando tudo parecia certo e perfeito, eu não conseguia conter as palavras. Eu nem queria mais contê-las.

Queria que ela soubesse. Queria que, da próxima vez, eu pudesse dizer o tempo inteiro o quanto a amava, o quanto precisava dela.

Maria Luísa brincava com uma mecha do meu cabelo, enrolando-a no dedo enquanto soltava suspiros de satisfação. Sua outra mão estava espalmada em meu peito ligeiramente suado.

Minha garganta doía, então tentei expulsar o nódulo engolindo-o com força.

— Maria Luísa... — chamei, ao mesmo tempo em que, inacreditavelmente, ela disse “Lucas...”.

Mano, será que ela também ia falar? *Véi* do céu... Meu coração *tava* batendo, tá ligado? Tipo, batendo muito, mano.

— Você primeiro — apressei-me em dizer, e é claro que foi exatamente o que ela disse, junto comigo.

— As damas primeiro — insisti logo em seguida, ansioso.

Mano, ela ia falar, meu!

— Já que você insiste... — ela disse. — O que eu ia dizer é que... Você não respondeu minha pergunta.

— Que pergunta? — indaguei, já desanimado.

Carai... Alarme falso, mano. Recuar, tá ligado?

— Se você hidrata o cabelo.

— Ah, se eu passo aquelas paradas de *muié* na cabeça? Claro que não, né, *véi*!

— Sério? Não tem nem um pouquinho de bepantol nesse cabelo? — ela perguntou, indignada, erguendo uma mecha.

— Eu só passo xampu, tá ligado?

— Meu Deus, preciso do nome desse xampu pra ontem!

— Qualquer um que tiver, mano — falei, meio mal-humorado.

— Então você vai ser um pai muito adorado, porque seus futuros filhos vão amar essa genética! — ela disse, e eu me senti imediatamente enregelado, da cabeça aos pés.

— *Cê* é louca, mano? Não vai ter *carai* de genética sendo repassada, meu! Mano de Deus, não fala merda, *véi*. — Pousei os dedos em sua boca.

— Você não quer ser pai? — ela perguntou, retirando-os sem cerimônia. — Tipo, um dia? — acrescentou.

— Sai, meu! Nem fodendo, tá ligado?

— Acho, realmente acho, que seu cabelo, seu *shape* e sua anaconda precisam ser repassados.

— *Queta*, mano. Shhhhhhhh. — Voltei a pousar os dedos em sua boca.

Dessa vez, ela ficou em silêncio.

— O que você acha de “Luís”? — perguntou de repente e, em seguida, teve uma crise de riso.

Fiquei observando seus ombros tremerem enquanto ela afundava a cabeça em meu pescoço, rindo sem parar.

— Que *carai* é esse, Maria Luísa? — questionei, sem entender.

Ela ergueu a cabeça, ainda rindo. Suas bochechas estavam vermelhas, e eu me surpreendi, como sempre acontecia, com o quanto ela ficava linda rindo daquele jeito.

— Luís Forcatto Larozzi — ela disse e recomeçou a rir pra *carai*.

— Mano... — falei, compreendendo aquela merda. — *Cê* tá querendo acabar com toda a minha vontade de te comer? É isso, *carai*?

Ela riu ainda mais.

— Ai, Lucas... Eu não opero milagres — brincou, enxugando as lágrimas dos olhos. — O que você ia dizer aquela hora?

— Nada.

— É a segunda vez que você diz isso hoje.

Era pelo mesmo motivo: estar prestes a dizer o indizível, o que devia ficar aprisionado em minha garganta.

Felizmente, eu sempre me arrependia a tempo.

— Vai, me conta... — Ela subiu a cabeça e beijou minha bochecha.

— Não vou falar, mano. Não adianta insistir, tá ligado?

— O que eu posso te dar em troca?

— Nada — declarei, resoluto. — Não quero nada, *carai*.

— Eu estava brincando, Lucas! É claro que ele não se chamaria “Luís”! Nós seríamos mais criativos que isso. — Ela prendeu os lábios para não rir, mas a gargalhada explodiu mesmo assim. — Ai, meu Pai! Socorro! Você devia ver a

sua cara! Quer que eu chame o SAMU? *Cê tá branco, mano!*

— Para de gracinha, *carai!*

Comecei a lhe fazer cócegas, as quais ela revidou. Logo estávamos ambos ofegantes, com a barriga doendo de tanto rir.

— Vou morrer — ela disse, jogada sobre mim.

— Mano, imagina eu, que tô aqui embaixo, tá ligado? — falei, lutando contra os fios de cabelo em minha boca, os quais eu não sabia se eram meus ou dela. — Só tem cabelo nesse *carai*, mano! — Cuspi os fios, e ela recomeçou a rir.

— Espero que esses fios cuspidos sejam seus, Lucas!

— Ih, mano... — Estiquei um braço, puxei e me deparei com uma mecha metade loira, metade preta. — São seus, tá ligado?

Ela se virou abruptamente.

— *Cê vai acertar meu cacete, carai!* — bradei, mexendo as pernas para me proteger.

Rindo, ela se posicionou delicadamente sobre o meu tórax.

— Desculpa! Misericórdia! Já pensou se eu estrago o instrumento que vai colocar nosso Luís no mundo?

— *Cê é louca, mano* — afirmei, sem esconder o riso. — *Cê tem problema, tá ligado?* Tipo, uns problemas mentais graves, meu.

— Falou a pessoa mais certa que eu conheço — ironizou.

Ah, *carai*, por que ela tinha que ser tão linda?

— Eu gosto de “Luís” — despejei.

Maria Luísa arregalou os olhos.

— Se eu tivesse um filho um dia — prossegui —, coisa que eu não vou ter — frisei —, ele poderia se chamar Luís, porque seria tão lindo quanto a mãe.

Fitei seus olhos estatelados e seu cabelo absurdamente bagunçado, e meu coração se agigantou dentro do peito.

Eu sempre ia achá-la a mina mais linda do mundo. Ela era tão linda que dava de mil na Emma Watson, meu.

Ou seja, Maria Luísa era uma deusa. Minha deusa, tá ligado?

— *Cê é linda, mano* — falei, soltando um suspiro. — Incrivelmente linda. E eu...

Onde *tava* o *carai* do impulso quando eu finalmente ia dizer aquela merda, *véi?*

O covarde tinha picado a mula e me deixado sozinho, meu!

— E eu preciso te dizer uma parada — completei.

Seus olhos brilharam de um jeito diferente. As íris pareciam safiras translúcidas.

— Que “parada”?

— Uma parada sinistra, mano.
— Eu vou gostar?
— Pode ser que sim, pode ser que não.
— Tá mais pra sim ou mais pra não?
— Não sei, mano.
— Tá.

Então ficamos em silêncio, nos encarando.

— Você pretende me dizer ainda neste milênio? — ela perguntou, vários segundos depois.

Dei uma risada, fazendo seu corpo, sobre o meu, tremer. Ela começou a rir junto comigo e, então, contemplando o som de sua risada e a beleza de suas feições risonhas, sem que eu tivesse consciência do que estava dizendo, eu disse:

— Eu te amo, mano.

— O quê? — Ela esbugalhou os olhos e mirou meu rosto com os lábios entreabertos.

Engoli em seco, respirei fundo e repeti:

— Eu te amo, Maria Luísa. Eu...

Sem esperar por uma continuação, serenamente, e sem dizer nada, ela se levantou e, de pé, ergueu os braços.

— Aleluia! Ai, meu Pai! Glórias!

Sentei-me em seguida e, estupefato, observei seus pulos eufóricos.

Então, repentinamente, ela se jogou no meu colo, pouco se fodendo se acertaria ou não as minhas bolas no processo — felizmente, o acaso teve piedade —, e tomou meu rosto com as duas mãos, beijando-o sem parar.

— Você disse, *carai!* Ai, meu Deus, eu tô chocada! Eu também te amo! Eu te amo, Lucas! Te amo, te amo, te amo!

Mano, pensa num cara feliz. Pensa num cara ridícula e impossivelmente feliz. Pouco depois de a chuva começar a cair, esse cara estava dentro dela, movendo-se lentamente e sussurrando consecutivos “eu te amo” em seu ouvido, como um perfeito camisolão.

E foi a melhor foda da minha vida, tá ligado?

75. Casado, mas não castrado

MAX

A tarde cinzenta e nebulosa havia trazido consigo uma tempestade repleta de raios, que descreviam riscos luminosos no céu; e trovões, que estremeciam, impiedosamente, os vidros das janelas.

A chuva começara de modo repentino, e, por um bom tempo, os ruídos do temporal haviam silenciado a tranquilidade pacífica dos suaves sons do campo.

Olívia e eu estávamos em nosso quarto na fazenda, imersos em lençóis e cercados pelas cortinas da antiga cama de dossel.

Antes de o pé-d'água começar, havíamos transado na biblioteca, usando a ampla mesa de carvalho como apoio na primeira trepada; e o confortável sofá ladeado pela luz de leitura na segunda foda.

Estávamos deitados no sofá, arfantes e suados, nos recuperando das sensações pós-orgasmo quando o primeiro trovão ressoou.

Ela fincou as unhas em meu peito e apertou meu tórax com força. Então, sugeri que fôssemos para o quarto, onde ela poderia se deitar confortavelmente, e eu poderia protegê-la contra os estrondos da tempestade.

E ali estávamos desde então.

Além do cheiro terroso de chuva impregnado no ar, eu podia sentir o aroma de flores e morangos de seu cabelo, espalhado pelo meu peito.

Ainda não tinha parado de chover, mas os raios já haviam amainado, e os trovões já tinham desaparecido quando ela, finalmente, pegou no sono.

Meus dedos acariciavam seu couro cabeludo com leveza, e minha pele absorvia sua respiração morna e adormecida enquanto eu via, pelos vidros molhados da janela, a tarde cedendo espaço ao início da noite.

Àquela hora, no dia seguinte, eu já seria um homem casado.

Inevitavelmente, eu me lembrei de meu pai, de quem eu havia adquirido todos os valores e tudo o que entendia sobre ser um homem.

Fechei os olhos e permiti que as lembranças da minha infância e da adolescência flutuassem em minha mente. Vi meu pai pintando de verde o teto da casa da árvore, meu avô construindo o balanço de Susanne e, anos depois, vó Ercília passeando sorridente entre os girassóis.

E, então, senti, quente e inesperada, uma lágrima percorrendo minha bochecha. E outra em seguida.

Por que as pessoas tinham que morrer, caralho?

Por que nenhum deles estaria no meu casamento?

— Max? — Olívia chamou, meio sonolenta.

Eu tinha fungado, porra.

Levei, rapidamente, a mão esquerda aos olhos, mas ela ergueu a cabeça e me encarou antes que eu tivesse tempo de me recompor completamente.

— Que foi, cretino? — perguntou, preocupada.

— Nada, linda — respondi, beijando sua têmpora.

— Tá arrependido de ter me pedido em casamento? É isso? Ainda dá tempo de desistir, sabia? — ela brincou, sentando-se e passando a deslizar os dedos em meu cabelo.

Meu peito se contorceu agradavelmente com sua condescendência.

— Estava me lembrando do meu pai, do meu avô e de vó Ercília — confessei, sentando-me também.

— Queria que ela estivesse aqui amanhã — ela disse com tristeza. — E seu avô, seu pai, sua mãe, meus pais... — completou, baixando o rosto.

— Eu também — falei, afastando uma mecha caída de seu cabelo para enxergá-la melhor.

Sua expressão tinha se tornado tremendamente triste. O olhar esverdeado tinha ficado sombrio, os lábios tinham se retraído em uma linha consternada, e duas lágrimas grossas cortaram as maçãs de seu rosto.

— Temos um ao outro, linda — consolei, limpando-as e me odiando por fazê-la se lembrar da morte dos pais. — E logo teremos nossas filhas. E depois teremos outros filhos. E construiremos uma família linda e numerosa. E seremos ridiculamente felizes, todos nós. — Envolvi seu corpo, abraçando-a.

Ela ergueu a cabeça, curvando os lábios em um meio-sorriso ao me fitar. Quando falou, sua voz pesarosa saiu levemente descontraída:

— Você vai parir todas essas crianças, Max? Porque eu não sou um coelho, cretino.

— Posso parir umas seis, se você se comprometer a parir sete — brinquei.

Ela deu uma risada, e eu precisei dizer, enquanto aflagava seu cabelo:

— Eu te amo, Olívia.

— Também te amo, Max. De todo o meu coração — ela disse e subiu o rosto para beijar minha bochecha.

Comecei a pensar no que eu faria se algum dia a perdesse. E no quanto eu não queria viver sem ela. Senti uma dor enorme se alojar em meu peito e um carço imenso sufocar minha garganta.

— Promete que vai me deixar morrer primeiro? — indaguei, engolindo o nó asfixiante com força.

— Que porra é essa, Max? — Ela se afastou bruscamente e me fuzilou. — Retira — ordenou, erguendo uma sobrancelha.

— Só promete, porra — insisti.

— Não vou prometer caralho nenhum, porque é óbvio que eu vou morrer primeiro. E, se você se casar de novo, eu volto pra cortar suas bolas. Na lua de mel! Vou decepar seu pau e enfiá-lo junto com seus ovos sangrentos na boca da vagabunda, empurrando tudo goela abaixo, até ela morrer sufocada! — Ela deu uma risada maquiavélica.

— Retira. Agora, Olívia — rosnei.

— Ah, você está preocupado com o bem-estar da piranha da sua segunda esposa? É isso mesmo que eu ouvi, porra? — Ela cruzou os braços, e eu não consegui conter uma risada. — Para de rir e me responda, Vetter! — bradou, socando meu peito.

— Estou preocupado é com as minhas bolas, caralho! — respondi, rindo.

— Elas vão continuar intactas, se você adotar o celibato como estilo de vida após a minha morte.

— Quanto egoísmo da sua parte, senhorita Olívia... — pirracei. — Eu sou um devasso, porra. Onde já se viu um devasso celibatário, caralho?

— Você tem duas mãos por um bom motivo, Vetter. Use-as bem quando eu partir.

— Na verdade, eu tenho duas mãos por dois bons motivos, linda: apalpar os peitos e estapear as bundas das gostosas. Pode deixar, vou usá-las muito bem — falei, prendendo o riso.

— A sua sorte, cretino, é que eu sei que você está só me pirraçando.

— Claro que tô, linda... — Dei uma piscada e abri um sorriso sacana.

— Eu te odeio, Max! — ela explodiu e se deitou no colchão, bem longe de mim.

— Achei que você me amasse de todo o seu coração, minha linda... — Aproximei-me dela, abracei seu corpo e afundei a cabeça na curva de seu pescoço.

— Você acreditou? — Ela deu uma risada pretensamente cruel. — Eu estava mentindo, Vetter. Sou uma ótima atriz.

— De fato. Acreditei piamente na sua atuação e, veja só, acabei com uma estaca cravada no peito. — Soltei um falso suspiro doloroso ao depositar um beijo em seu ombro.

— Ah, que porra, né, cretino?... Pobrezinho... Como estou condoída! — ela ironizou, virando-se e afagando meu cabelo.

— Eu não sobreviveria um só dia sem esse sarcasmo tipicamente *oliviano*. — Sorrindo, tomei sua mão e beijei o dorso enquanto fitava sua expressão divertida.

— Desde que você começou a existir na minha vida, Olívia, minha vida não existe sem você. Sem Olívia Dutra não existe um Max Vetter.

— Que porra, Max... Você está desperdiçando toda a sua fofura devassa na véspera do nosso casamento! Desse jeito, não vai sobrar nada para a cerimônia nem para a lua de mel...

— Eu nunca vou esgotar meu repertório, linda. Porque é tão grande e largo quanto a minha rola! Ou seja, infinito, caralho!

O corpo dela tremeu com as risadas que escaparam.

— Como você consegue ser tão fofo e tão convencido ao mesmo tempo, porra?

— Sendo Max Vetter, o deus-diabo personificado? — sugeri, abrindo um sorriso enviesado.

— Eu amo essa sua aura angelicalmente diabólica, cretino. — Ela alcançou meu pescoço e me puxou em direção a seus lábios.

— Eu sei — sussurrei em sua boca, começando a beijá-la.

A chuva ainda caía lá fora, e o perene barulho da água golpeando superfícies sólidas era uma trilha sonora perfeita.

Desci uma das mãos e comecei a apalpá-la, comprazendo-me da maciez de sua pele. Pousei a mão em sua barriga e, acariciando-a durante o beijo, eu subitamente me lembrei e, imediatamente, me afastei.

— Você precisa comer, porra! Tem tempo que você não come!

Olívia se limitou a rir.

— Você, por outro lado, estava prestes a comer de novo, né, cretino?

Dei uma risada.

— Fica quietinha aí! Vou buscar alguma coi... — Comecei a me levantar, mas ela segurou meu braço assim que me sentei na cama.

— Não... Depois, Max... Eu nem tô com fome...

— Você já deve estar há mais de três horas sem comer, Olívia! — argumentei.

— Você me come primeiro, e depois eu como... — ela insistiu, mordendo o lábio inferior.

Observei seus dentes liberando-o devagar, até soltarem-no totalmente, deixando a lateral mordida e carnuda deliciosamente avermelhada.

Senti o pau latejar, mas mantive a cabeça de cima no comando.

— Aí, precisaremos descansar logo em seguida, e, então, você vai ficar mais tempo sem comer, e as meninas vão ficar famintas e, por causa disso, vão começar a roer o cordão umbilical, porra.

Ela revirou os olhos, rindo.

— Primeiro, elas não são contorcionistas, Max. Segundo, elas nem têm dentes ainda! Terceiro, vai ser uma rapidinha. Eu vou me sentar no seu pau e vou gozar

em menos de um minuto. Elas aguentam esperar um minutinho, porque amam a mamãe e querem ver a mamãe satisfeita. — Olívia ficou de joelhos na cama e, com uma passada de pernas, aprisionou as minhas entre as dela. — Vem satisfazer a mamãe, papai... — disse em minha boca.

Aceitando alegremente a derrota, agarrei sua nuca e, ao nos arrastar, puxando-a comigo para colar minhas costas nos travesseiros, comecei a devorar seus lábios sem delicadeza.

Nossas línguas mal começaram a se deliciar com movimentos urgentes e famintos e Olívia guiou meu pau, sentando-se de uma vez, preenchendo minha boca com um sonoro gemido inicial enquanto eu a preenchia completamente, até a base.

Mordi seu lábio quando ela começou a cavalgar rápido pra caralho, me fazendo afundar os dedos em sua bunda e migrar os lábios para seu pescoço.

— Seu pau é tão gostoso, cretino... Olha isso, porra... — Ela subiu até a ponta e escorregou até o final, fincando as unhas em meus ombros.

Ergui a cabeça para fitá-la.

— Gostosa é essa bunda, caralho. — Apertei sua pele com força, e ela gemeu, subindo e descendo ainda mais rápido. — Quero te ouvir gritando feito uma puta quando estiver gozando. — Subi seu cabelo na altura da nuca e chupei seu pescoço.

Ela respondeu com uma rebolada lenta, com o cacete todo enterrado.

Afastei-me para apalpar seus peitos e observei-a recomeçar a cavalgar, misturando sentadas e reboladas.

— Puta que pariu... — Capturei sua boca e encarcerei nossos gemidos.

Deslizei a mão da nuca por suas costas e apoderei-me de sua bunda inteira enquanto sentia o gozo se avizinando.

— Goza comigo, cretino. — Ela tomou meu rosto com as duas mãos e começou a beijá-lo com a mesma intensidade feroz das cavalgadas. — Eu vou gozar gostoso, porra — avisou, erguendo a cabeça para me fitar.

— Caralho, Olívia... — Envolvi sua cintura com os braços, abraçando-a e acoplando nossos corpos.

— Ai, que delícia, Max...

Senti suas mãos abandonando meu rosto e escorregando pelo meu peito à medida que o gozo ameaçava dominar seus sentidos, mas sua bunda não parava de golpear minhas coxas no mesmo ritmo alucinado.

— Olha que safada... — Puxei sua nuca, grudei nossas bocas e roubei seus gemidos finais, sorvendo-os com um beijo desesperado.

E, então, eu me uni a ela, gemendo em seus lábios enquanto sentia o corpo se esvair e sucumbir às inclementes vibrações do orgasmo.

Cerca de meia hora depois, Olívia e eu estávamos de banho tomado, nos dirigindo à cozinha do casarão.

A tarde havia sido perfeita, sem interrupções de qualquer gênero. Eu não sabia onde estava todo mundo, mas estava certo de que logo todos retornariam ensopados, porque, certamente, estavam espalhados pela fazenda, esperando, em vão, que a chuva desse trégua.

A trovoadra tinha cessado, mas o aguaceiro não parecia propenso a se despedir daquela sexta-feira, que já cumprimentava as primeiras horas da noite.

A meu pedido, Lutero havia dispensado todos os empregados diretamente relacionados à sede, os quais estariam na fazenda apenas na manhã do casamento.

Então, Olívia e eu estávamos praticamente sozinhos, exceto pelo fato de que Lili, seu Francis e as crianças deviam estar em algum lugar do andar de baixo.

Eu estava pensando nisso quando, passando por um dos corredores, ouvi as vozes distantes de Sofia e Matheus.

Segurando a mão de Olívia, caminhei até encontrá-los.

Os dois estavam sozinhos, sentados no meio do tapete redondo de uma das salas, de costas para a porta e discutindo, para variar:

— Não é assim que brinca, Matheus! Eu também preciso trabalhar, igual a minha mamãe!

— Eu acho que você tinha que ficar em casa, Sofia! Quem vai cuidar da boneca?

— Ela não é uma boneca! É nossa filha. E ela tem babá, igual eu tenho.

Olívia tapou a boca para não rir quando fitou minha expressão enfurecida.

Fiz menção de adentrar o cômodo, mas ela puxou meu braço e, usando um indicador, me pediu para ficar quieto.

— Minha irmã não tem babá, minha mãe que cuida dela, porque ela não trabalha em outro lugar que nem o meu pai. Ela trabalha na minha casa.

— Mas a minha mamãe trabalha não é na minha casa, Matheus! A gente tá brincando da minha família, não da sua. Por isso você cuida de criancinhas sem cabelo, igual o meu papai.

— Mas eu não quero cuidar de criancinhas sem cabelo! — Ele soltou um suspiro frustrado, levando a mão à cabeça e coçando o couro cabeludo. — Eu quero ter uma empresa grandona que constrói prédios e casonas grandes — ele esticou os braços —, igual o meu pai.

— Minha mamãe também faz casonas grandes. Ela é arquiteta. Seu pai

também?

— Meu pai é engenheiro. Igual eu vou ser quando crescer.

— Eu vou ser bailarina. E eu vou dançar que nem a Barbie com o Ken. O Ken vai ser meu namorado, sabia? — Sofia disse, cheia de si.

— Você não vai ser bailarina, porque dança que nem uma pata, Sofia.

— Olha que moleque filho da puta, porra! — sussurrei para Olívia, cujos ombros tremiam em risadas silenciosas.

— O tio Max falou que eu danço balé que nem a melhor bailarina de todas. E o tio Max não é um mentiroso que nem você. O tio Max é o melhor tio do mundo. E eu sou a melhor bailarina do mundo, chatão.

— Agora você se acha, né, Tio do Ano? — Olívia me cutucou.

— E, em breve, Pai do Ano, linda — devolvi, e ela sorriu.

— E você não vai ser engenheiro, Matheus — Sofia continuou —, porque não sabe construir nem uma casinha de massinha! — Ela deu uma risada.

— Toma, distraído! — Olívia vibrou.

— Eu sei construir prédios de lego, sua chatona! — o moleque gritou, gesticulando expansivamente.

— Ele ficou putinho... — Olívia abafou uma risada.

— Eu já te disse que chatona de...

— Sofia! — A advertência saiu sem que eu percebesse.

— Ai, que susto, tio Max! — Ela fez uma expressão chorosa ao virar o rosto e me ver de pé.

— Desculpa, meu anjo — falei, entrando e me ajoelhando perto dela. — Mas o tio já disse que você não pode falar o que ia falar, Souf.

— Mas eu só falo pro chatão do Matheus, tio Max, eu juro — ela justificou.

— Você não pode falar de jeito nenhum, porque é uma princesa boazinha, e p...

— Princesas boazinhas não falam essas coisas — ela completou.

— Isso.

— Tá bom, tio Max. Mas é que o chatão fica me chamando de “chatona”...

— Você me chamou de “chatão” primeiro! — o moleque retrucou.

— Porque você é! — Ela mostrou a língua.

— Você também é! — ele acusou, cruzando os braços-gravetos.

— Já chega! — bradei. — Sofia, cadê Lili e seu Francis? — questioneei, colocando-me de pé.

Ajeitando a saia da boneca em seu colo, ela respondeu distraidamente:

— Vô Francis chamou vó Lili pra molhar o biscoito lá na despensa.

— Puta que pariu... — falei, chocado, enquanto Olívia explodia em uma gargalhada.

— E a gente prometeu que ia ficar quietinhos aqui até eles voltarem com os biscoitos, né, Matheus? — Sofia continuou.

O moleque assentiu enfaticamente, e Souf acrescentou, com uma risadinha:

— Eu gosto de biscoito molhado no leite.

— Eu também — Matheus voltou a assentir.

Olívia teve uma crise de riso e, puta merda, eu também, porra!

Estávamos rindo pra caralho quando seu Francismar apareceu, todo garboso:

— Qual é o motivo da graça, jovens?

— Porra, seu Francis! Eu falei pra não deixar Sofia com o moleque, caralho! — reclamei, subitamente recuperado da crise de riso.

— Essas crianças brigam pra diacho, sô! — Ele deu uma risada.

— *Guentei* foi muita prosa, mas chegou uma hora que eu dei uma arretada. Deixei os dois aí proseando e fui dar um chegos em Lilizoca.

— E eu achando que o senhor já estava velho demais pra molhar o biscoito, cabra! — zoei, batendo nas costas dele.

— Oxe... Me respeite, rapaz — ele disse, puxando o cós da calça e erguendo o cinto para cima —, que eu molho, e molho é muito bem molhado!

— Meu vô é velho também, e ele molha o biscoito todo dia no café — Matheus disse, e Olívia, que não conseguia parar de rir, se apoiou em mim e abafou as risadas em meu ombro.

— Cadê os biscoitos, vô? — Sofia perguntou, confusa.

— É mesmo, cadê? — Matheus engrossou o coro.

— Lá na cozinha! Vim chamar vocês. Lili tá fazendo chocolate quente também!

— Eba! — Sofia se levantou e já saiu correndo.

Então, de repente, estacou e se virou.

— Vem, Matheus... — disse, revirando os olhos.

— Eu vou se eu quiser — ele devolveu, cruzando os braços.

— Deixa de ser, chatão. — Ela fez uma careta.

— Deixa de ser, chatona. — Ele retribuiu.

— Eu tô indo, e vou comer tudo sozinha! — ela falou e correu.

— Eu tô indo, mas é porque eu quero! — Ele se levantou e a seguiu.

— Esses dois vão dar um trabalho dos diabos pro cabra do Plínio! — Seu Francis deu uma risada.

— Deixa ele sonhar que o senhor deixou os dois sozinhos! — Olívia disse, rindo.

— Espero que não haja nenhum fuxiquento entre nós... — Ele estreitou os olhos em minha direção.

— O senhor tá fodido, seu Francis, porque Max é a maior putinha fofqueira

que o mundo já viu!

— “Putinha fofqueira” é meu pau no seu cu, senhorita Olívia.

Ela levou uma mão indignada ao peito.

— Olha só como o meu futuro marido me trata, seu Francis... — falou, fingindo uma voz chorosa.

— Com pau no cu? Tá tratando é bem demais da conta, sô!

— O cabra é dos meus, porra! — exclamei, enquanto Olívia ria.

Pouco depois, seguimos para a cozinha, que já estava impregnada do aroma de baunilha dos biscoitos de Lili.

Mais tarde, enquanto as crianças comiam sentadas à mesa, nós comíamos sentados à bancada, rindo dos causos que seu Francis começou a contar.

O que eu não sabia era que, enquanto eu ria e relembrava a infância comendo biscoitos de baunilha e tomando o famoso chocolate quente de Lili, meu melhor amigo estava sendo sequestrado, às vésperas do meu casamento, debaixo do meu nariz.

76. Quem está na chuva é para se molhar

PIOLHO

Maria Luísa e eu estávamos ensopados da cabeça aos pés.

Então, antes de entrarmos, tiramos o excesso de água dos cabelos, torcemos o máximo possível de nossas roupas e removemos as botas, deixando-as na varanda.

Em seguida, adentramos o casarão e cruzamos o *hall* rumo às escadas.

Ela estava usando a minha camisa, e tiritava de frio. Mas, apesar disso, não parava de me fitar e de sorrir, e eu esperava não estar fazendo uma daquelas caras ridículas que os camisolões — meus amigos-quengas — faziam quando olhavam pras minas deles.

No fundo, eu sabia que estava, porque me sentia idiotamente feliz.

Mano, nunca na vida eu tinha experimentado aquela parada. Era uma sensação forte pra *carai*, que deixava meu peito apertado, saca?

Mas tudo ficaria bem, desde que eu conseguisse controlar a expressão na frente dos putos.

Não avistamos nenhum deles durante o trajeto até o quarto, embora, assim que entramos na casa, eu tivesse ouvido as risadas de Putão e Olívia — vindas de algum lugar da área sul, provavelmente da cozinha.

— Mano, *cê tá tremendo...* — falei, dentro do banheiro, terminando de desabotoar minha camisa molhada, que cobria boa parte do corpo de Maria Luísa.

Ela ficou nas pontas dos pés e roçou os lábios nos meus.

Estavam frios quando os beijei, escorregando a camisa aberta por seus ombros. Mas, quando minha língua penetrou o interior de sua boca, o gosto quente e doce do beijo aqueceu meu corpo inteiro.

Minhas mãos tomaram seu rosto, e meus dedos aninharam-se em sua nuca.

Ela deslizou as mãos pelo meu peito, e seus dedos desabotoaram minha calça e desceram o zíper.

Em menos de um minuto, eu já tinha colocado a camisinha e estávamos completamente pelados, debaixo de um fluxo incessante de água quente.

Uma mão de Maria Luísa se apoiava no registro do chuveiro, e a outra estava espalmada no vidro embaçado do box, que, providencialmente pequeno em contraste com o restante do banheiro, estava imerso em uma nuvem deleitante de

vapor.

Minhas mãos percorriam suas coxas mornas, e minha língua percorria cada canto de sua boceta.

Puxei uma de suas pernas, colocando-a sobre meu ombro, e escorreguei dois dedos em seu interior naturalmente molhado, enquanto beijava seu clitóris e, com a mão livre, apertava a carne deliciosa da parte interna de sua coxa.

Seus gemidos se tornavam mais altos a cada enfiada de dedos combinada com os movimentos da minha língua.

Fitando sua expressão, subi a boca e comecei a beijar sua barriga.

Então pousei sua perna nos azulejos e me levantei, apalpando seus peitos, colando nossos lábios e começando a beijá-la sofregamente.

Ergui sua coxa durante o beijo, e Maria Luísa fixou o pé na parede oposta, apoiando-se em meus ombros. Guiei a anaconda e a empurrei, sentindo o interior escorregadio me envolver.

Quando comecei a estocar, espalmei uma das mãos em sua bunda, deslizando-a por sua coxa levantada. Ela firmou uma mão em minha nuca e fincou os dedos da outra em meu bíceps, enquanto meus lábios devoravam sua boca.

Gemíamos juntos, cercados pelos nossos próprios sons, pelo barulho da água quente e pelo ruído da chuva lá fora.

Puxei seu corpo mais para perto, transferindo a mão para a base de sua coluna e os lábios para seu pescoço.

Livres no ar espesso, seus gemidos se tornaram mais altos e mais excitantes.

Estacionei a boca em seu ombro e, movendo-me com vigor dentro dela, deixei meus próprios gemidos açoitarem sua pele por vários segundos.

Então, baixei a cabeça e mirei o encontro perfeito entre nossos corpos. Subi o rosto e, segurando sua nuca, fitei seus olhos.

— Te amo... — Beije o canto de sua boca. — Isso é tão... — Dei uma estocada, e ela gemeu em meus lábios.

— Gostoso... — completou, apertando meu braço.

— *Cê é uma delícia, carai...* — falei e voltei a beijá-la, apoderando-me de sua língua.

Deixei a mão deslizar de sua nuca para o pescoço, e do pescoço para o peito. Apalpei sua pele com força e escorreguei os dedos pela lateral de seu corpo, até alcançarem a bunda.

Movíamos juntos; suas costas subiam e desciam pelos azulejos à medida que eu entrava e saía.

Meti gostoso e sem parar, enchendo-a de gemidos e me enchendo dos dela até que ela parou de me beijar, me apertou contra seu corpo e, gemendo descontroladamente, começou a gozar.

— *Lucaaaaaaas...* — ela entooou em meu ombro, enquanto sua boceta massageava meu pau.

Continuei metendo até sentir minhas células se desintegrando com a intensidade do orgasmo.

Suguei e mordi seu pescoço, gemendo e me entregando por completo à plenitude de me perder em Maria Luísa.

— Te amo, Lucas — ela disse, pouco depois, beijando minha pele.

Levantei a cabeça e mirei seus olhos.

Ainda dentro dela, segurei seu rosto e, sorrindo, falei:

— Te amo, Malu.

Seu olhar se iluminou quando ela abriu um sorriso enorme.

— Fala de novo — pediu.

— Mano, eu não sou gravador, tá ligado?

Ela revirou os olhos, rindo.

— Só você pra estragar um clima romântico sem conseguir estragar tudo, Lucas.

— Te. — Beijeí sua testa. — Amo. — Beijeí a ponta de seu nariz. — Malu. — Beijeí seus lábios.

— Ai... — Ela suspirou. — Você fica tão lindo falando “Malu”!

Beijeí sua bochecha e me afastei, retirando-me de dentro dela. Então, pirracei, fazendo minha melhor cara de 007:

— Mano, e de que jeito eu não fico lindo, *véi*?

— Ai, Lucas... — Ela deu uma risada. — Eu te amo tanto! — disse, me abraçando.

— Eu que te amo, mano. E agora só vou falar “Maria Luísa” quando estiver puto, saca? — avisei, abraçando-a apertado.

— Ah... — Ela soltou um suspiro desapontado. — Então o “que *carai* é esse, Maria Luísa?” não vai mudar para “que *carai* é esse, Malu?”? — perguntou, a expressão transitando entre divertida e pretensamente triste.

— Que *carai* de pergunta é essa, Maria Luísa? Maria Luísa, você está dizendo que vai me dar motivos para perguntar “que *carai* é esse, Maria Luísa?”?

Ela deixou uma risada escapar, mas prendeu o riso no último momento.

— Você está puto agora, né?

— O que você acha, Maria Luísa? — Usei minha voz mais séria.

— Acho que, se eu deixar você me ensaboar, você volta ao normal. — Ela usou um tom deliciosamente manhoso.

— Acho que você pode ter razão, Maria Luísa — concordei, tentando não rir.

Ela deu uma gargalhada e pegou o frasco de sabonete líquido na prateleira ao lado.

Depois do banho, que foi mais uma sessão de beijos e carícias que um banho propriamente dito, Maria Luísa secou o cabelo recém-lavado por mim e, assim que terminou, pediu para secar o meu.

— Mano, essa parada é coisa de *muié*, tá ligado?

— Nada a ver, Lucas! — Ela deu uma risada. — Você dorme de cabelo molhado?

— Eu não lavo o cabelo à noite por um bom motivo, saca? E meu cabelo seca rápido, meu. Daqui a pouco tá seco.

— Tá frio e tá chovendo. Deixa de ser besta e me deixa secar logo — ela disse, ligando o bicho na tomada.

— Mano, essa parada é sinistra. Parece um robô, *véi*.

Maria Luísa gargalhou.

— Vem, senta aqui na banqueta, de frente para a penteadeira.

— Mano de Deus, se os putos me pegam sentado nessa parada rosa, eu tô na merda, tá ligado?

— Deixa de besteira, Lucas... A porta tá fechada — ela disse, rindo.

Observei-a do topo da cabeça, onde seu cabelo estava enrolado em um coque frouxo entremeado de mechas pretas, até os pés pequenos e descalços afundados no tapete.

Ela *tava* linda, mano; usando uma calça colada preta e uma blusa de frio cinza, folgada e comprida, com um gato estampado no centro.

Levantei-me, como que hipnotizado por sua beleza, e caminhei até ela.

— *Cê* gosta de gato, mano? — questionei, envolvendo sua cintura com um braço enquanto afundava o nariz em seu pescoço cheiroso.

— Claro... Por que você acha que eu te amo, Lucas? — ela perguntou, rindo.

Dei uma risada em sua pele e ergui a cabeça para fitá-la.

— Mano, isso não foi nem um pouco criativo, tá ligado? — falei, sem conseguir parar de rir.

— Foi engraçado, pelo menos — ela contra-argumentou. — Agora, senta aí.

— Ela espalmou as mãos em meu peito, me empurrando. — Só vou perdoar essa sua ingratidão se eu puder secar seu cabelo!

— Tá, *carai*. Mas, *véi* de Deus, se *cê* contar pros putos que eu deixei *cê* secar meu cabelo... — comecei, me sentando.

— Eu não vou contar — ela disse, revirando os olhos.

— E *cê* prometeu que não vai espalhar pra eles a parada que eu falei que te amo, mano. Lembra que a gente combinou que vai esperar Putão partir pra Marte em lua de mel com a mina dele? *Cê* tá lembrada desse *carai*?

— Tô, Lucas — ela disse, rindo e pegando um frasco em cima da penteadeira.

Depois de virar o conteúdo espesso e transparente na palma da mão, ela fez

menção de passar aquilo no meu cabelão, *vêi*.

— Que *carai* é esse, Maria Luísa? — perguntei, afastando o pescoço.

Ela explodiu em uma gargalhada estrondosa.

— Ai, meu Deus, Lucas... É protetor térmico!

— Mano, a parada é a seguinte: eu não uso essas frescuras de *muié*, tá ligado? *Cê* tá achando que eu sou o quê, meu?

— Isso serve para proteger o cabelo — ela explicou, ainda rindo. — É pro calor do secador não estragar os fios.

— Pode ligar esse *carai* e secar tudo sem passar essa parada mesmo, tá ligado?

Ela teve uma crise de riso.

— Já coloquei na mão. Não posso desperdiçar.

— É só voltar pro vidro, *vêi*. — Dei de ombros.

— Vai alterar o PH do produto e intensificar o processo enzimático das partículas *betanoides* dos átomos *selicoides*, modificando, assim, toda a estrutura da fórmula *paleodificada* do protetor. Ou seja, não posso.

— *Cê* tá inventando essa parada, Maria Luísa — falei, estreitando os olhos.

— Juro que não tô. — Ela prendeu os lábios para não rir.

Estreitei ainda mais os olhos, e ela desviou os dela para o teto, fazendo uma expressão pretensa e adoravelmente inocente.

Eu sabia que ela *tava* inventando, mas ela era tão linda que eu não tinha como dizer não.

— Passa essa merda, então, *carai* — falei, tentando disfarçar o riso.

Satisfeita, ela espalhou o produto nas pontas do meu cabelo. E, em seguida, ligou o secador.

Minutos depois, Maria Luísa *tava* me fazendo de boneca, *carai*, penteando meu cabelo já seco com uma escovona macia cor-de-rosa!

Cor-de-rosa, mano!

Meu cabelão, que tinha sido penteado com os meus próprios dedos a vida toda, *tava* experimentando a maciez de uma escova feminina.

— Ai, tô amando brincar de cabeleireiro! — ela disse, entusiasmada.

— Aproveita, porque, depois dessa, a gente só vai brincar de médico, saca? — falei, piscando para ela do espelho. — E anda logo com esse *carai*, mano, porque eu tô amarrado no pau de tanta fome, tá ligado?

— Tô quase terminando de pentear! Depois, só vou passar um sérum nas pontas! — ela disse, rindo.

Dei uma gargalhada.

— Seja lá o que for esse *carai*, não vai rolar, mano. Já terminou. Já chega, tá ligado? — Passei a mão no cabelo, jogando os fios para trás ao me levantar.

De pé, encarei Maria Luísa me fitando com o lábio mordido.

— Você fazendo isso assim, só de calça jeans, é uma perdição.

— Você é uma perdição o tempo inteiro, usando qualquer coisa, fazendo qualquer coisa — falei, puxando-a em direção à minha boca.

Senti seu cabelo se soltar do coque e cair sobre meus antebraços quando minhas mãos mergulharam em sua nuca. Beije-a gentilmente, alisando seu rosto com os polegares e, então, me afastei.

— *Véi*, meu estômago tá roncando, tá ligado? — comentei, pousando a testa na dela.

— Foi o seu? — Maria Luísa deu uma risada. — Achei que esse barulho tivesse sido o meu! Tô varada de fome.

Foi a minha vez de rir.

— Varada você vai estar quando a gente voltar da cozinha — avisei, afastando-me para alcançar a mala no canto do quarto.

Ela gargalhou enquanto eu vestia a primeira camiseta que encontrei.

Pouco depois, descíamos as escadas de mãos dadas.

Sentindo a leveza da mão dela na minha e um cheiro perturbador de baunilha no ar, eu não fazia ideia de que, em poucos minutos, seria cruelmente arrancado daquela bolha surreal de contentamento para ser encarcerado no inferno.

77. Nunca diga: “desta água não beberei” — o retorno

MAX

Quando éramos moleques, eu vivia zoando Piolho, dizendo que, por ser filho de um bilionário, ele poderia ser sequestrado a qualquer momento, e que os sequestradores cortariam as bolas dele e enviariam ao poderoso Lutero Guerratto dentro de uma caixa.

Mas acabei tomando no cu, porque, pouco depois de começar a zoá-lo, comecei a ter um pesadelo recorrente, que costumava se repetir de tempos em tempos.

Acontecia sempre a mesma coisa: por algum motivo bizarro, eu ligava a televisão em uma segunda-feira de manhã, antes de ir para o colégio, e me deparava com uma notícia que me fazia — ridícula e cinematograficamente — deixar cair minha xícara de café em câmera lenta.

O vidro se espatifava com estardalhaço no chão da sala enquanto os jornalistas anunciavam diante de um atônito Max que Lucas Larozzi Guerratto, o filho adolescente do mais bem-sucedido empresário brasileiro, estava desaparecido.

No pesadelo, os dias se passavam como se fossem segundos, e os telejornais do país inteiro passavam a anunciar que o sumiço de Piolho era, na verdade, um sequestro.

Os sequestradores tinham entrado em contato e requerido uma quantia astronômica, mas nem o dinheiro nem os esforços da polícia e tampouco o apoio midiático foram suficientes para resgatá-lo com vida durante a operação.

Depois disso, anos se passavam, e a morte do meu melhor amigo caía no esquecimento. Menos para mim.

Quando o pesadelo vinha, eu sempre acordava no meio da noite com a terrível sensação de que Piolho estava morto. Então precisava, em plena madrugada, telefonar para conferir se a quenga estava viva.

Em uma dessas ligações, ele berrou quando atendeu:

— Mano, é sério que cê tá me ligando de novo antes de o galo cantar, véi? Me deixa comer as minas em paz, meu!

O Max de treze anos respirou aliviado, mas disfarçou zoando o filho da puta:

— Não sei que minas, porra! Você é um virjão que paga de comedor, mas não fode ninguém, Piolho! Larga de ser cabaço, quenga!

— *Cê* que é virjão, mano! Só o que *cê* faz é bater punheta o dia todo, até esfolar o pinto, tá ligado?

— Virjão é a puta que te pariu, seu donzelão!

— *Cê* tá por fora, mano. Eu tô pegando umas minas aí, *vêi*. Tô cheio dos esquemas, meu.

— Meu pau de óculos que tá!

— É sério, mano! Tá chovendo minas na minha horta, tá ligado?

— Sei... A loirinha do Conservatório tá incluída nesse seu harém?

— Analu?

— Minha avó, Piolho — ironizei. — Já que você não tem colhões pra chegar junto, quer que eu jogue a real nela?

— Na sua avó? Não, mano, valeu. — Ele riu, e eu não consegui evitar uma onda de risadas.

Nossas conversas costumavam durar a madrugada inteira, porque as zoeiras nunca tinham fim. No dia seguinte, estávamos feito dois zumbis na escola.

As ligações esporádicas continuaram até o final da nossa adolescência, sem que ele soubesse o real motivo delas.

Eu estava pensando em tudo isso, em todos os meus pesadelos sobre o possível sequestro de Piolho, quando descobri que, de fato, ele havia sido sequestrado.

Os pesadelos tinham, enfim, virado realidade. E, ironicamente, às vésperas do meu casamento.

Eu tinha visto a quenga no começo da tarde, no estábulo, e aquela tinha sido a última vez que eu o vi em perfeitas condições, porque Piolho não tinha sido sequestrado por humanos.

Aliens, porra.

Estou falando do quarto grau, caralho!

Ele tinha sido abduzido, e os alienígenas, logo que perceberam que pegaram um espécime retardado da raça humana, trataram de devolvê-lo à Terra.

Só que, antes, tinham feito alguma coisa com a quenga, porque, apesar de ter a voz tipicamente esfomeada de Piolho, o sujeito que estava na minha frente não era, nem de longe, o Piolho que eu conhecia desde os treze anos.

Assim que ele disse: "o que tem pra comer aí, mano? Pelo amor de Deus, *vêi*, me dá um pedaço dessa parada", atacando o biscoito da mão de Olívia e entregando-o a Maria Luísa com um "toma, mano", eu percebi que algo — muito errado — estava acontecendo.

Piolho sempre teve uma voz típica, mais retardada que o normal, que sempre aparece quando ele está com fome. A quenga com fome é uma criatura que precisa ser estudada.

Ele vira um humanoide e só volta à forma humana depois de devidamente alimentado.

Piolho não pensa em ninguém quando está com fome. Piolho não divide comida, porra.

Ele seria capaz de, literalmente, me comer estando com fome.

— Você roubou o biscoito da mão de Olívia, desgraçado! — rugi, observando a cara dele.

Ele tinha entregado o biscoito a Maria Luísa, e os dois tinham ocupado os bancos do lado oposto. Desde então, Piolho estava observando-a comer, fazendo uma expressão absolutamente ridícula.

Sequer me olhou quando disse:

— O seu é que eu não ia roubar, né, mano? Eu tô ligado onde *cê* enfia essa mão-de-coçar-saco sua.

Olívia deu uma risada, esticando o braço para alcançar e puxar uma das bandejas de biscoitos.

Lili tinha subido com as crianças para dar banho nelas. Separadamente, é claro. Seu Francis tinha subido com ela, para fazer companhia a Matheus enquanto Sofia tomava banho.

Inacreditavelmente, Plínio, Suze, Tito, Larissa, Ícaro e Artur tinham se encontrado em algum ponto lá fora e entrado pela porta dos fundos, passando pela cozinha minutos antes. E eu não resisti à zoeira:

— Piolho vai ficar puto pra caralho com essa sacanagem aí. *Cês* deixaram o cara de fora da surubada, porra?

— Ele tá lá fora ainda, se recuperando das estocadas que eu dei no cu dele. — Plínio gargalhou.

Em seguida, subiram para os quartos, a fim de se livrarem das roupas molhadas.

Como os putos sabiam da fornada de biscoitos e estavam perfeitamente cientes do cheiro de baunilha que serpenteava pela casa toda, logo estariam de volta.

Intrigado, continuei encarando a expressão de Piolho, que ainda observava Maria Luísa comer feito um idiota, em vez de atacar a bandeja que Olívia tinha puxado.

Putá merda, ele ficava bizarro fazendo aquela cara.

Tá, caralho, eu sabia que ele estava de quatro por Maria Luísa, mas que porra era aquela? Não tinha lógica um homem se resumir àquele nível de *camisolice*.

— Que cara ridícula é essa, Piolho? — perguntei, enfim.

— Que cara, mano? — Ele se virou para me olhar, mudando de expressão.

Olívia deu uma gargalhada.

— Olhem-se no espelho. Todo camisolão faz a mesma cara quando está contemplando a amada — ela disse, abafando o riso ao bebericar seu chocolate quente.

Dei uma risada incrédula.

— Eu não faço essa cara ridícula, porra!

— E eu não sou camisolão, mano! *Cê* é louca, meu?

Ela e Maria Luísa reviraram os olhos e se entreolharam como se dissessem: "homens...".

— Piolho, só tem camisolão nesta casa, de Matheus a seu Francismar. Você está entre colegas de time, caralho. Assuma logo essa porra e seja feliz. Max, por exemplo, é assumido. Né, lindo?

— Opa! Eu ouvi "assumido"? — Ícaro apareceu de repente, na porta da cozinha, já seco. — *Adooooooooooooo* essa palavra! — Ele revirou os olhos enfaticamente. — Estamos falando de quem? — perguntou, pescando um biscoito.

— De mim e do meu amor assumido por Olívia — falei, abraçando-a e beijando-a na lateral do rosto.

— Ah... — Ele soltou um suspiro frustrado, mordendo um pedaço. — Isso não é novidade, gato. O mundo inteiro já sabe.

— Cadê Artur, mano? — Piolho perguntou, levando a mão à bandeja e mudando, astutamente, de assunto.

— Tá enrolando lá em cima — Ícaro respondeu. — *Gentchy*, o bofe tá putinho comigo por causa do *boy* magia do estábulo, *cês* acreditam?

— Sério, *vêi*? O peão pra quem *cê* *tava* quase dando o rabo, mano? — Piolho farpeou.

Ícaro revirou os olhos outra vez.

— Pro seu governo, o *boy* é hétero, Piolhão! E é um amor de pessoa. *Tava* só me ajudando a fazer ciúme em Artur.

— Tô ligado... — Piolho ironizou.

— É sério! Fiz isso pra ver se Artur cria vergonha na cara e me pede em namoro, porque eu já pedi um bilhão de vezes, mas ele insiste nessa de relacionamento aberto. E eu tô cansado de ver todo mundo com um bofe oficial! Preciso de um pra chamar de meu.

Maria Luísa e Olívia riram.

— Ele é hétero mesmo. Flagrei o cara dando umas boas secadas em você, Malu — minha linda comentou.

Piolho engasgou com um pedaço de biscoito, e eu gargalhei até ficar à beira da morte.

— Mano — ele disse, levantando-se bruscamente depois de se recuperar —,

eu vou quebrar esse cara, *vêi*!

— Lucas, deixa de tolice! — Maria Luísa o segurou no antebraço. — Liv estava brincando. Né, Liv? — Ela trocou um olhar com Olívia.

— Claro! Ai, meu Deus, Piolho, eu *tava* zoando, porra! Para de rir, Max! — Ela me cutucou.

— Quenga, *cê* tá ridículo, caralho! — falei, voltando a gargalhar.

— *Assifudê*, Putão!

— Não, porra. Sério. Isso de bater em caras é ridículo pra caralho.

— Falou o bofe que esses dias mesmo acertou meu rostinho na gratuidade! E, dias depois, quis matar uns *gogoboy*s — Ícaro acusou.

— Foram erros dos quais tirei a seguinte lição: não posso espancar todos os caras do planeta, porque, que cara em sã consciência não vai manjar a bunda de Olívia?

— Até eu piro nessa bunda! — Ícaro exclamou. — Imagina se o peão não ia me perguntar quem era a morena rabuda! — Ele deu uma risada.

— Que porra é essa, Ícaro? — rosnei, me levantando.

Todo mundo gargalhou, enquanto Piolho emendava:

— Hipocrisia, a gente vê por aqui, tá ligado?

— Vem, Piolho — chamei. — A gente vai arrebentar esse filho da puta.

— Isso aí, mano! *Bora* dar uns sopapos naquele cara, tá ligado? — Ele socou a própria mão.

Olívia e Maria Luísa menearam as cabeças, rindo.

— Max, sossega o facho. — Minha noiva segurou meu braço.

— Você também, Lucas — Maria Luísa disse, puxando-o pela camisa.

— Tá bom, linda — falei, voltando a me sentar e lançando um olhar que dizia a Piolho para seguir a minha deixa.

Ele estreitou os olhos, fazendo uma expressão indagativa, mas se sentou.

— Meu Jesus coroadado! Como vocês fizeram pra laçar e domar esses bofes? Quero o segredo a-go-ra! — Ícaro exigiu.

Minutos depois, enquanto os três conversavam sobre assuntos tão complexos que mais pareciam codificados, sugeri, como se não quisesse nada:

— Vamos buscar os violões, quenga? A gente podia tocar umas m...

— Podem tocar uma pra mim à vontade! — Ícaro me interrompeu com uma gargalhada, fazendo as meninas rirem.

— Boa tentativa, lindo. Mas eu não nasci ontem, Max Vetter. E você vai me prometer, neste exato instante, que vai ficar longe de brigas. Este rostinho lindo — ela deu dois tapas suaves em meu maxilar — vai me esperar no altar amanhã completamente intacto.

— Que porra, Olívia! Eu consigo acamar um cara sem levar um golpe sequer,

caralho!

— Não vamos dar sopa ao azar, Vetter. Fim de papo.

— Fim de papo — imitei, e ela me fuzilou.

Cruzei os braços e ergui uma sobrancelha altiva.

Ela imitou meu gesto, e ficamos nos encarando, desafiando um ao outro a desistir primeiro.

— Ai, meu Deus, alguém me ajuda! Tô afogando em infantilidade! — Ícaro berrou.

Maria Luísa deu uma risada, e Olívia e eu a fitamos.

— Eles não são a coisa mais fofa do mundo, Lu? — disse, enfiando o braço no de Piolho, e se aconchegando nele.

— Fofo de cu é rola, Maria Luísa — falei com desdém.

— Mano, para de falar palavrão pra minha mina, tá ligado? — Ele enlaçou um braço e a puxou pelo ombro, levando-a mais para perto.

— Só se ele ficar mudo! — Ícaro gargalhou.

Observei Piolho se inclinar e beijar o cabelo de Maria Luísa. Ele estava ainda mais ridículo que o normal. Alguma coisa tinha acontecido. E eu ia investigar aquela porra.

— Pra onde vocês foram hoje à tarde?

— Adivinha, quenga — ele disse, com uma expressão sacana.

— Pro bangalô... — Pensei em voz alta. — Filho da puta...

— O mundo é dos espertos, tá ligado?

— Espera... — falei, observando o cabelo de Piolho. — Vocês vieram pra cá antes da chuva?

— Claro que não né, mano — ele respondeu, dando um tiro no próprio pé.

— Então por que o seu cabelo está seco, Piolho? — perguntei, ressabiado.

Maria Luísa riu, e ele ficou visivelmente alarmado.

— Mano, por que *cê* tá interessado no meu cabelão, *vêi*? Sai pra lá, tá ligado? Por que o povo tá demorando tanto pra descer, meu? — Ele emendou as sentenças, como costumava fazer quando estava com o cu na mão por algum motivo embaraçoso.

— Seu cabelo já secou? — insisti, ainda mais desconfiado. — Impossível, porra. O meu ainda tá molhado do banho! — falei, passando a mão no cabelo.

Maria Luísa começou a rir descontroladamente.

— Mano do céu, fica quieta, meu! — ele disse, cutucando-a.

— Ai, caralho, já entendi a porra toda! — Olívia bradou.

— Ele secou com secador! — Ela e Ícaro exclamaram juntos.

Tive o caralho de uma crise de riso.

— Aí, Maria Luísa! Olha o que *cê* fez, mano!

Ela ria tanto quanto Ícaro, Olívia e eu.

— Qual é o motivo da graça? — Plínio perguntou, adentrando a cozinha acompanhado dos demais.

— A gente acabou de descobrir o segredo do cabelão do Piolhão! — Olívia explicou. — Ele faz escova!

Plínio e Tito se entreolharam sem entender.

— Seca o cabelo com secador, gente! — Suze esclareceu, e os dois caíram na risada.

— E eu achando que toda essa exuberância capilar leonina era natural! Que babado! Deve ter até progressiva nessas madeixas! — Ícaro subiu algumas mechas do cabelo dele.

— Maria Luísa, explica esse *carai*, mano. — Piolho cruzou os braços, fulminando-a.

— Pera. — Ela levantou uma mão, enquanto tentava controlar o riso.

— A explicação é que você é um metrossexual, Piolho — Ícaro esclareceu. — E não tem que se envergonhar disso. Jesus! É a coisa mais normal do mundo. Gente, hoje em dia, a maioria dos homens é metrossexual. Vocês se importam com a higiene e com o visual? Gostam de andar elegantes, perfumados e bem-vestidos? Vocês todos são metrossexuais. Deixem de ser ridículos!

O sermão de Ícaro instaurou um silêncio sepulcral na cozinha, que foi quebrado pelos aplausos das meninas.

— Todos eles se importam pra caralho com a aparência, especialmente certas pessoas. — Olívia me indicou com a cabeça.

Dei uma risada sarcástica.

— Eu já nasci bonito, porra. Qualquer coisa em mim fica bem pra caralho. Não preciso me preocupar com porra nenhuma. Eu sou lindo de qualquer jeito.

— Tipo eu, mano — Piolho disse, e todo mundo voltou a gargalhar.

— Você só não fica lindo de cabelo molhado, né, Piolhão? — Tito zoou, nos fazendo rir mais alto.

— Parem de zoá-lo! — Maria Luísa gritou, e nos fez engolir as risadas. — Primeiro, ele fica lindo de todo jeito. Lucas é maravilhoso! E eu implorei pra secar o cabelo dele, porque queria brincar de cabeleireiro. E ele deixou, depois de muita insistência, só para me deixar feliz. — Ela sorriu, puxando-o para beijá-lo no rosto.

— Mano, *cê* não tá me ajudando, *vêi* — Piolho disse, usando uma voz ridiculamente carinhosa.

— Desculpa... — ela pediu, acariciando-o na barba.

— Vou te desculpar só porque *cê* é muito linda, tá ligado? — ele falou, aparentemente esquecendo-se da nossa presença silenciosa. — Só porque eu te

a... — Ele se interrompeu, repentinamente ciente de que estávamos ali.

Putá merda! Ele ia dizer, caralho. Ia dizer, bem ali, que amava Maria Luísa, porra!

— Você o quê, quenga? — perguntei, desesperado, ávido pela zoeira.

— Nada! — Maria Luísa bradou. — Ele ia dizer "só porque eu te acho linda", né, Lucas? — ela disse, acariciando-o no braço.

Ele a fitou e, então...

Deu um suspiro, seguido de um sorriso.

Do tipo que Plínio dava quando olhava para Susanne. Do tipo que — puta que pariu — eu mesmo devia dar quando olhava para Olívia.

Ele amava Maria Luísa, caralho. Do tipo de amor que ainda me faria padrinho de crianças cabeludas, porra.

— Não, mano. Foda-se a zoeira das quengas, tá ligado? — Ele mergulhou o rosto dela nas mãos. — Eu ia dizer que eu te amo. Porque eu te amo, Malu. E, já que é pra entrar oficialmente pro time dessas putas, *bora* oficializar a parada toda, tá ligado? Do jeito que *cê* merece, mano.

As meninas começaram a emitir grunhidos tipicamente femininos quando ele se levantou e se ajoelhou.

Em nome do grande momento, os putos e eu nos entreolhamos e permanecemos em silêncio, guardando as zoeiras entaladas para depois.

— Mano... — Ele começou a falar, aprisionando a mão dela nas dele. — *Cê* quer ser minha namorada, meu?

Ela deu um grito de felicidade.

— Eu te amo, Lucas! Claro que eu quero! Pra *carai*, tá ligado? — Ela deu um pulo do banco e se atirou em cima dele.

Então, eles se beijaram em meio aos nossos aplausos, gritos e assovios.

Tudo bem, porra, eu estava orgulhoso da quenga. E feliz pra caralho em saber que, enfim, ele entenderia como eu me sentia, e poderia ser tão feliz quanto eu. Feliz de verdade.

Já podia visualizar nosso futuro como pais anfitriões de festas infantis; nossas idas às reuniões escolares, às festas de dias dos pais... Seria uma boa vida.

Mas... Enquanto a paternidade não vinha, trazendo toda a maturidade prometida, o jeito era aproveitar e zoar como se fôssemos as crianças que ainda não tinham nascido.

— Meus caros colegas de camisola — anunciei, elevando a voz —, finalmente, é chegada a hora. Nesta noite chuvosa, nosso time recebe, oficialmente, um inestimável integrante.

Os putos aplaudiram, gargalhando do meu discurso. E Piolho e Maria Luísa pararam de se beijar para rir.

— Um que, por tanto tempo, recusou vestir nosso honrado uniforme, quando, na verdade, o nobre tecido sedoso já estava impregnado em sua pele. — Continuei imitando um líder político, enfatizando o final das sentenças. — Essa camisola longa, que tão orgulhosamente ostentamos em nosso círculo social, não está em nosso corpo, senhores. Não é visível como vestimenta, mas se revela em nossas atitudes, em nossa voz, no olhar que dirigimos às nossas lindas mulheres. Fica aqui — levei uma mão ao peito — a fonte da nossa *camisolice*.

— *Carai*, mano... — Piolho gargalhou.

— Porra, puto! — Plínio aplaudiu.

— Ó... — Tito passou o indicador no braço, fingindo que estava arrepiado.

— Que lindo, cretino... — Olívia envolveu minha cintura com um braço.

— É com inexprimível satisfação que eu, Max Vetter — prossegui —, o atual capitão do Camisolões Futebol Clube, passo a braçadeira para a minha quenga favorita. — Bati a mão no braço, fingindo retirá-la.

Aproximei-me de Piolho e dei um tapa no braço dele, recolocando a braçadeira imaginada.

— Seja bem-vinda, minha puta — falei, abraçando-o teatralmente.

Em seguida, parafraseei o juramento feito pelos acadêmicos do curso de Direito na ocasião da colação de grau, o qual ele repetiu entre risadas:

— Juro, como capitão do Camisolões Futebol Clube, no exercício das minhas funções e do meu ofício, respeitar os dizeres da minha mina, sobre os quais se assentam a razão da minha vida; guiar-me à luz de Maria Luísa, sempre em busca da alegria e dos sorrisos dela, valendo-me da *camisolice* como instrumento máximo para assegurar aos homens os seus direitos fundamentais e intocáveis de ceder aos caprichos de suas mulheres, sem distinção de qualquer natureza. E, acima de tudo, defender o meu amor por Maria Luísa, pois sem ela não há Piolho que sobreviva nem felicidade que se concretize.

Depois disso, contei pros putos toda a história de Piolho e a promessa. E, então, enfim, eu pude me vingar.

Naquele momento, nós dois estávamos sozinhos na sala de jantar, e ele estava de frente ao espelho do *buffet*, analisando o "estrago" que eu tinha feito em seu cabelo.

— Mano, *cê* cagou meu cabelão, *véi*. E agora, meu? Como é que eu vou entrar no casório assim, *carai*?

— Do jeito que já ia entrar, Piolho. De quatro. — Dei uma gargalhada.

— Putão, tá me dando uma puta vontade quebrar essa cara sua, meu. *Óia* meu cabelão, mano! — Ele voltou a analisar a mecha cortada.

— Olha o metrossexualismo... — alertei, rindo.

— Eu tô careca, *carai*! — Ele levou as duas mãos à cabeça.

— Piolho, eu não tirei nem dois dedos dessa porra! E de uma mecha da sua nuca, caralho!

— Me dá minha mecha, mano! — ele pediu, tentando puxar o plástico onde os fios curtos estavam.

— Vai tentar colar de volta? — zoei.

— Era isso mesmo que eu ia fazer, tá ligado? — ele disse, rindo.

— Vou guardar essa porra. Pra te mostrar quando você estiver velho, calvo e broxa. — Gargalhei.

— Velho eu vou ser, mano. Mas calvo? Nem fodendo, tá ligado? E o único broxa que eu conheço é você, sua puta loira! — Ele me deu um soco no braço.

— Broxa é a puta que te pariu — revidei, socando-o também.

Então, começamos a nos socar até ficarmos cansados e cairmos nas cadeiras confortáveis da mesa de jantar.

— Lindo! — Olívia apareceu de repente. — Que porra é essa? Por que vocês dois estão ofegantes? Quem foi o passivo da vez? — Ela deu uma risada.

— Piolho — respondi, ao mesmo tempo em que ele respondeu "Putão".

— Foi um troca-troca? — Ela riu.

— Mano, se *cês* dois fossem irmãos, *cês* não seriam tão identicamente sacanas, *vêi*.

— Nós somos almas-gêmeas — ela disse, entrelaçando os dedos em meu pescoço ao se sentar no meu colo. — O pessoal está se organizando lá na cozinha para preparar o jantar. Como eu sou um fiasco fazendo comida, vim ver se vocês querem tocar um pouco enquanto eles cozinham. Tito disse que vocês sempre tocam música *country* aqui na fazenda!

— Não vai dar, mano. Vou pro quarto com a minha namorada, tá ligado?

Olívia e eu tivemos uma crise de riso.

— Puta que pariu, Piolho! — bradei. — Saiu do armário mesmo, hein, porra!

— Saí, mano. E foi de camisola, tá ligado?

— Cor-de-rosa? — Olívia perguntou, rindo.

— Não apela, né, meu!

— Pro seu governo, Piolho, Malu amou a ideia. Disse que tá louca pra te ouvir cantando *country*.

— Então eu tô louco pra cantar *country*, saca? *Bora* pegar os violões, mano! — Ele se levantou rapidamente.

Mais tarde, enquanto tocávamos e cantávamos *Honey Bee*, de Blake Shelton, Piolho fitava Maria Luísa, lambuzando-a de mel com uma porrada de olhares melosos.

Eu disse, porra. *Aliens*. Extraterrestres tinham fodido a quenga.

Depois que contei minha teoria, todo mundo passou a acreditar em abdução e

o caralho.

Naquela noite, eu fui dormir com um medo da porra de ver uma coruja branca no quarto.

78. À noite, todos os gatos são pardos

OLÍVIA

A chuva caía, espessa e ruidosa, lá fora. Mas, felizmente, nada de relâmpagos.

O amplo corredor do casarão parecia o cenário de um filme de terror. Fileiras de obras de arte decoravam as paredes e me observavam andar às escuras. Eu sabia que os quadros estavam lá. Só não podia vê-los.

Abraçada pelo breu da madrugada, fui me guiando, pé ante pé, sentindo a maciez do enorme tapete nas solas dos pés descalços e passando as pontas dos dedos na parede para contar as portas dos quartos.

Como não conseguia ver porra nenhuma, minha mão direita seguia erguida, tateando a escuridão.

Eu precisava chegar ao oitavo quarto depois do meu, do lado esquerdo.

Tinha acabado de passar pelo terceiro quando, estranha e abruptamente, parei de tocar o nada para tocar algo concreto.

Parecia uma parede, o que não fazia sentido algum, porque eu estava contando as portas com atenção, e ainda estávamos muito longe do final do corredor.

Desci os dedos e... Uau...

Era uma parede muito sólida, com umas reentrâncias suspeitas. E era quente. E macia.

Ai, caralho! Como o peito de um homem!

Assustada, e presumindo que fosse um bandido estranhamente sarado, um integrante da minha "lista de medos" (estou falando do bandido, não de homens sarados, claro), puxei a mão de uma vez, e estava prestes a soltar um berro quando a parede sólida, quente e macia se revelou em uma parede falante:

— Mas que porr...

Ah, não era um bandido (bem que eu vi! Bandidos sarados só existem em Hollywood!).

Era meu noivo!

— Max!

— Olív... Shhhhhhh. — Ele colocou o indicador na minha boca.

Quero dizer, tentou, porque acabou cutucando minha narina.

— Meu nariz, porra — reclamei em um cochicho rosnado.

Ele começou a rir, mas logo se conteve.

— Vem comigo — ciciou, e começou a tatear à procura da minha mão, que,

pelo visto, ficava nos meus peitos. — Espera... Estou apenas confirmando que é você mesmo... — sussurrou, me apalpando.

Pude detectar seu sorrisinho malicioso pela entonação de sua voz.

— E então? — perguntei, sem conseguir conter um gemido.

— Positivo para senhorita Olívia — ele respondeu, ainda acariciando meus peitos.

— Agora é a minha vez de checar se é você mesmo — falei, me aproximando.

Espalmei as mãos em seu tórax e, ficando nas pontas dos pés, inspirei o cheiro de seu pescoço.

Então, desci os dedos até alcançar o cós de seu short. Desci um pouco mais e alisei a extensão livre sob o tecido leve. Beijeí seu pescoço e subi os lábios para o maxilar.

Ele deslizou as mãos pela minha cintura, estacionando-as na minha bunda.

Senti o calor de seus dedos nas popas que a camisola não cobria.

— Sem calcinha — disse ao subir o cetim.

A inflexão de sua voz não denotava surpresa; era apenas uma constatação, expressa em um tom transbordante de luxúria.

Soltando um gemido quando ele apertou minha pele, puxei seu pau para fora, sentindo a abundância rígida e paradoxalmente macia preencher e incendiar minha palma.

Max subiu as mãos para a minha nuca e, com um movimento, pressionou meu corpo contra a parede.

Baixando a cabeça, ele descansou a testa na minha e sussurrou em minha boca:

— Tem certeza de que sou eu?

— Positivo para Max Vetter — respondi, manejando seu cacete.

Ele gemeu e beijou meus lábios. Uma de suas mãos abandonou minha nuca e desceu pelo meu pescoço, ganhou a clavícula e deslizou uma alça da camisola pelo ombro. Em seguida, fez o mesmo com a outra.

O cetim varreu meu corpo e desmaiou aos meus pés.

Max libertou minha nuca de vez e usou as duas mãos para apalpar meus peitos descobertos enquanto beijava meu queixo e descia para o pescoço.

— Vão nos flagrar, cretino... — avisei, com a voz alterada, afagando seu cabelo.

— Só se você gemer muito alto, senhorita Olívia — ele respondeu, levando a cabeça para baixo a fim de abocanhar um mamilo.

Gemi quando sua língua deslizou, quente e úmida, pela protuberância, provocando ondas eletrificadas que se espalharam pelos meus membros.

Contorci as coxas quando seus lábios sugaram, macios e determinados, minha

pele sensibilizada, provocando um tsunami de impulsos elétricos em meu corpo inteiro.

Seus dedos apalpavam o outro peito, contribuindo para aquela combinação perfeita de êxtase e receio.

Quando sua boca passou para o outro mamilo, sua mão desceu e começou a torturar meu clitóris. E quando eu estava quase gozando, ele ergueu a cabeça, tirou os dedos e sussurrou em meu ouvido:

— Você tá gemendo alto, caralho.

Puxei seu rosto e alcancei sua boca. Então, o beijei impulsiva e sofregamente.

Enquanto nossas línguas emaranhavam-se, eu sentia suas mãos percorrendo meu corpo todo, me apertando com força, me fazendo pulsar de vontade de levar estocadas rudes e profundas.

De repente, ele se afastou, me deixando sem ar e sem costas para fincar as unhas.

— O que cê tá fazendo, porra? — cochichei, mal reconhecendo minha própria voz.

— Ficando pelado — ele respondeu, aproximando-se.

— Vamos ser tão pegos, Max... — falei, percorrendo os recortes dos músculos de seu peitoral até alcançar a base de seu cacete.

— Muito pegos — ele respondeu em minha boca, a voz rouca de tesão.

Estávamos nos beijando ardorosamente quando ele interrompeu o beijo e me virou de costas, arrebitando minha bunda.

Curvando-se sobre o meu corpo e puxando meu cabelo na altura da nuca, ele sussurrou em meu ouvido:

— Tenta não gemer, caralho.

Só isso já me fez soltar um gemido prolongado.

— Olívia, você precisa se esforçar, minha linda. — Ele sorriu em minha bochecha enquanto abria minhas pernas e se guiava, posicionando-se em minha entrada e me preenchendo devagar.

— Max — murmurei, quando ele gemeu alto junto comigo —, você precisa se esforçar, meu lindo.

— Cala a boca, porra. — Ele apertou meus lábios com uma mão e, massacrando uma banda da minha bunda com a outra, saiu e entrou com força.

O próximo movimento foi uma estocada intensa, seguida por outra. E outra. Meus gemidos contidos por sua mão decidida e enérgica estavam me deixando vertiginosamente molhada.

Seus dedos afundavam-se em minha bunda enquanto seu pau afundava-se em minha boceta, em um deslizar vigoroso.

Sua mão subiu para a minha cintura quando ele se reclinou e colou o rosto no

meu.

Senti seus lábios roçando a região abaixo da minha orelha; sua respiração alterada provocando arrepios em minha pele.

— Você é tão gostosa... Tão safada, porra.

Sorri maliciosamente em sua mão.

— Te amo, Olívia — ele disse num sussurro, subindo a mão da cintura para apalpar meu peito. — Te amo pra caralho e amo te foder e amo o fato de que amanhã, a essa hora, vou estar fodendo minha esposa.

A frase saiu deliciosamente entrecortada e cheia de pausas, porque ele gemia a cada metida e não conseguia falar e estocar ao mesmo tempo.

Tentei abrir a boca, mas Max intensificou o aperto dos dedos em minha bochecha, me fazendo jorrar de tesão ao colar o saco na minha pele.

E, então, ele voltou a apertar minha bunda, não resistindo à vontade de me dar um tapa, atingindo minha carne com firmeza suficiente para me fazer morder sua mão e com uma intensidade precisa, de modo que o barulho pudesse ser abafado pelo som da chuva.

Apertando a área ardida, ele iniciou uma sequência ininterrupta de estocadas violentas, que rapidamente me puseram na linha do gozo.

Comecei a ofegar e a gemer descontroladamente em sua mão.

— Já, linda? — perguntou, libertando meus lábios.

Gemendo e sentindo o primeiro impulso do orgasmo ameaçar roubar minha sanidade, respondi languidamente:

— Não para, porra...

— Vou parar só por um segundo — ameaçou, divertindo-se com o meu desespero.

— Max... — falei, mais alto do que devia.

— Shhhhhhhh.

Ele voltou a tapar minha boca, entrando mais fundo ao se inclinar, e saindo e entrando de novo e...

— Isso, safada... — Ele aprisionou ainda mais os meus gemidos quando comecei a gozar, embebendo-me daquela narcótica sensação de pré-morte.

Eu ainda estava gozando quando senti seu corpo pendendo sobre o meu, sua mão deslizando da minha boca, seus sons roucos no pé do meu ouvido e o jato de porra me preenchendo.

E, então, ali no corredor, nossos gemidos finais acasalaram-se no escuro.

Pouco depois, eu já tinha me limpado, e estávamos deitados no quarto que Max passou a ocupar, a oito quartos de distância do que estávamos ocupando anteriormente.

A ideia dos quartos separados tinha sido, é claro, de Susanne. Mas aquilo era

apenas uma forma de dificultar as coisas. Suze não era tão ingênua a ponto de pensar que, de fato, dormiríamos separados na véspera do nosso casamento. No fundo, ela sabia que escaparíamos no meio da madrugada.

E, meu Deus, como o perigo e a proibição tornavam tudo ainda mais excitante.

Tínhamos ficado tocando músicas *country* até tarde. Fora uma noite maravilhosa. Jantamos todos juntos e, mais tarde, ligamos a lareira elétrica da sala principal e recomeçamos a tocar em turnos, para que também pudéssemos aproveitar o delicioso *fondue* de chocolate que Lili havia preparado, com frutas colhidas na fazenda.

Fôramos nos deitar por volta das 3h30, por mais que Suze tivesse insistido no fato de que todos deveríamos dormir cedo, principalmente eu.

Mas estávamos alegres demais para, simplesmente, encerrar uma noite tão agradável, regada a barulho de chuva, música *country*, morangos, uvas e chocolate.

Quando os adultos finalmente decidiram acompanhar as crianças, que já dormiam há décadas, esperei cerca de uma hora para ter certeza de que todo mundo já tinha dado umazinha e ido dormir, para, enfim, me levantar da cama e rumar em direção ao quarto de Max. E, embora não tivéssemos combinado nada, tivéramos a mesma ideia.

E ali estávamos, juntos e abraçados. E eu estava exausta, mas nem um pouco propensa a pegar no sono.

— Tô tão cansada... — comentei, alisando seu peito.

— Tá sentindo alguma coisa? — ele perguntou, levantando o rosto para me observar.

Fitei sua expressão preocupada, observei suas feições iluminadas pela fraca luz do abajur, examinei o cenho franzido, o falso tom escuro do cabelo e de suas íris, a linha reta de seu nariz, o contorno de seus lábios e os ângulos perfeitos do maxilar.

— Linda? — ele chamou. — Tá sentindo alguma coisa? — repetiu, ainda mais preocupado.

— Você é lindo, porra.

Isso não foi suficiente para dissipar a preocupação de seu rosto.

— Olívia... — ele pronunciou em tom de súplica, como se dissesse: "responda à pergunta, pelo amor de Deus!".

— Estou perfeitamente bem, Max, só estou cansada — falei, acariciando seu rosto.

— Desculpa, linda... — Ele baixou a cabeça para beijar minha testa. — Quantas vezes a gente transou hoje?

— Não faço a mínima ideia.

— A gente precisa parar, Olívia — ele disse, usando o mesmo tom que eu uso comigo mesma quando estou com um pote de sorvete no colo, em plena TPM: "Já chega de sorvete por hoje. Você precisa parar, Olívia".

Dei uma risada incrédula.

— É sério, porra — ele insistiu, dizendo o mesmo que eu digo com a boca cheia de sorvete, apreciando outra colherada caprichada.

— Tá bom lindo — falei, alisando sua barba.

— Depois da lua de mel — ele completou, e eu caí na risada.

O tom que ele usou foi o mesmo que eu uso quando, com o rabo entupido de sorvete, anuncio: "agora é sério mesmo. Depois da próxima colherada".

— Para de rir, caralho. — Ele voltou a se deitar, me puxando para perto. — Tô falando sério.

— Tá bom — ironizei.

— Você vai ver — ele garantiu.

— Você vai ficar quase seis meses sem transar, Max? — perguntei com descrença.

— Olívia, por incrível que pareça, eu sou um homem, não um coelho.

— Alguém precisa comunicar ao seu digníssimo pau esse alarmante fato. Imagino o baque que ele vai sofrer quando descobrir que está preso a um corpo humano e não a um corpinho fofo, felpudo, branquinho e fodedor. Porque eu garanto que é o que ele pensa.

Max deu uma risada.

— Então passaremos os nossos primeiros meses de casados em completa abstinência... — falei, testando-o.

— É o jeito, porque, se você se cansar demais e acontecer alguma coisa com as meninas, eu...

— Max, não vai acontecer nada — interrompi.

— Exato, porque você vai ficar quietinha pelos próximos meses. Exatamente como você devia ter ficado lá no quarto. Não precisava ter se levantado, Olívia. É óbvio que eu ia pra lá, porra!

— Olha bem pra minha cara, Max Vetter — falei, apoiando-me no cotovelo para conseguir fitá-lo. — Veja se eu sou mulher de ficar esperando pacientemente por macho!

— Você poderia ter tropeçado no escuro, porra. E caído. E... — Ele se calou, soltando um suspiro extenuado.

— Não tropecei. Não caí. Nós transamos, foi maravilhoso, e eu estou bem — falei, abraçando-o mais apertado. — Lindo... Para de pensar que as coisas vão dar errado. Vai dar tudo certo, Max. Já percorremos um terço do caminho.

Quando é que você vai deixar toda essa neura de lado?

Ele ficou um tempo em silêncio, e eu pude ouvir o barulho de sua garganta engolindo com força.

— Quando eu estiver segurando as duas — respondeu. — Quando eu estiver segurando as duas, lindas e chorosas, nos meus braços, Olívia.

A resposta foi como um tapa na minha cara. Fiquei sem reação, sentindo vontade de chorar.

Então, o apertei e falei:

— Você vai ser o melhor pai do mundo. Elas vão gostar mais de você. Isso é um fato.

— Não fica triste com o segundo lugar, minha linda. É difícil pra caralho competir comigo em qualquer coisa. — Ele riu, afagando meu cabelo.

— Quero só ver na adolescência, se elas vão continuar preferindo o papai careta e pau-no-cu ou se vão preferir a mamãe boazinha e descolada que vai acobertá-las — cutuquei.

— Para de gracinha, Olívia — ele falou, sério.

Abafei uma risada.

— Tá na hora de você dormir, porra. — Ele continuou usando um tom severo.

— Não tô com sono — aleguei.

— Você precisa dormir, linda. — Ele abrandou o tom, virando-se para me fitar. — Amanhã será um dia cheio. Você vai estar exausta no final da festa, e ainda precisaremos pegar a estrada.

Assenti e, depois de me dar um beijo de boa-noite, ele desligou o abajur.

Então, tomamos nossas posições. Max se deitou de bruços, como sempre. E eu me deitei, obviamente, de barriga para cima, fitando o teto.

Cerca de meia hora depois, eu ainda estava acordada, encarando o total e absoluto nada, porque não conseguia, nem por um senhor caralho, pegar no sono.

Sabe quando você está morta de cansada, mas ansiosa demais para pregar o olho? Sabe aquela dor de ansiedade que consome suas juntas, seus nervos, seus ossos, todas as suas células? Sabe aquela onda gelada que perpassa seu estômago e transforma sua barriga em um pedaço particular do polo norte?

Eu estava sentindo tudo isso naquele momento. Estivera tentando controlar a ansiedade nos últimos dias e, naquela sexta-feira, estava ignorando o fato de que eu ia me casar no dia seguinte, mas podia sentir todo o nervosismo arranhando a superfície, prestes a explodir ferozmente, como um gêiser.

O dia estava quase amanhecendo, porra! Eu ia me casar!

Casar!

Meu Deus, eu ia me casar de verdade.

Eu sei, eu sei. Já moro com Max e já estou grávida, mas eu nunca me casei, caralho! Nunca me enfiei em um vestido e nunca andei, na frente de várias pessoas, em direção a um noivo no altar!

E se eu caísse? E se eu ficasse enjoada e vomitasse na frente de todo mundo? E se eu vomitasse no meu vestido? E se o vestido rasgasse durante a entrada?

Ai, meu Deus! E se a porra do vestido não couber em mim?

Merda. Por que fui comer tantos biscoitos de baunilha naquela tarde (uns quinze! Estou comendo por três pessoas! Três! Vá julgar a puta que te pariu!)? E o chocolate quente (só duas xícaras, eu juro. Uma pra cada gêmea. Fiquei sem, inclusive!)? E aquela porrada de morangos e uvas lambuzadas de chocolate (perdi as contas de quantos comi)?

Acho que minha barriga está muito maior. Meu Deus do céu! O que estou esperando? Uma manada de minielefantes? O que tem aqui dentro, porra?

Isso, chocolate pra caralho! Minielefantes de chocolate!

Eu não ia caber no vestido!

Por que eu tinha comido feito uma porca naquela tarde?

O que eu ia fazer se eu não entrasse no vestido? Se eu tivesse que usar outro (a quem estou enganando? Que outro vestido, porra?), teria que mudar a maquiagem toda, e a prova de maquiagem que eu fiz não valeria de nada!

Provavelmente, também teria que mudar o penteado que eu já tinha testado! E todos os acessórios!

Ai, meu Pai do céu, o que eu ia fazer da minha vida?

Não surtar. Sem surtos, Olívia. Pense nas suas filhas.

Inspira.

Expira.

Respira.

Respirei fundo, contei até dez e, enfim, recobrei a razão. É claro que o vestido ia caber! Por favor! Não seria um quilo extra e um dia a mais de gestação que me impossibilitariam de entrar no vestido dos sonhos (tão maravilhosamente *boho chic*!).

Eu tinha acabado de ter um surto ridículo pra caralho. Não sou esse tipo de pessoa dramática que surta com tolices. Sou uma pessoa madura, pé no chão, totalmente equilibrada. Futura mãe, futura esposa, futura profissional de sucesso (em alguma coisa que ainda não sei o que é, mas tive uma ideia recentemente que quero colocar em prática logo nos meus primeiros dias como uma mulher casada).

Enfim, aquele não era o momento para surtar. Surtos só me deixariam estressada, o que faria mal para as gêmeas. Eu precisava ficar zen.

“A-uuuuuuuum...”, comecei a mentalizar.

Que injustiça da porra! Eu, grávida, transtornada por hormônios, sem conseguir dormir, enquanto o cretino do Max dormia feito um anjo!

Por que a vida era tão mais fácil para os homens?

Ele estava dormindo tranquilamente há cerca de dez minutos; eu podia ouvir o som suave e ritmado de sua respiração compassada.

Max não tinha nada com o que se preocupar. Acordaria no dia seguinte, e seria uma manhã como todas as outras. Viveria um dia normal e, no final da tarde, tomaria banho, pentearia o cabelo em menos de um minuto, faria a barba (isso seria o máximo de trabalho que ele teria), se enfiaria dentro do traje do casamento e, pouco depois: "sim, eu aceito!". Pronto. Casado.

Eu, por outro lado, tinha que me preocupar com a porra toda do "dia da noiva". Tinha que pensar em cada minidetalhe do casamento com possibilidade de se transformar em tragédia grega, como praticamente tudo relacionado ao meu vestido (principalmente ao fato de ele ser pequeno demais para o tamanho da minha gula), meu cabelo, minha maquiagem e até minha manicure. Sem contar os assuntos relacionados à decoração e à festa em si.

Sério. Eu precisava parar de pensar em milhares de possíveis desastres épicos. Profissionais de altíssimo nível estavam cuidando de tudo. Minhas inexistentes habilidades de planejamento não tinham chegado nem perto dos planos do casamento. Marta e o cerimonial eram extremamente competentes e, além disso, havia Suze, que planejava milimetricamente cada detalhe, tudo de acordo com os meus gostos e com as preferências do irmão. O casamento seria a nossa cara. Nada daria errado. Seria um dia perfeito.

Fechei os olhos e comecei a pensar em coisas boas para conseguir dormir. Nada relacionado ao casamento. Só coisas aleatórias, como romances de época, unicórnios, sereias, sorvete, brigadeiro, bem-casados... Ai, os bem-casados da festa... Com delicadas embalagens cortadas a laser. Tão lindas... Minigaiolinhas provençais de renda...

Porra.

Por mais que eu tentasse pensar em outros assuntos, tudo sempre acabava relacionado ao casamento. Eu só conseguia pensar em coisas do tipo:

1) como eu ficaria vestida de noiva (se o vestido entrasse, mas cheguei à conclusão, pelo bem da minha sanidade, de que ia entrar, sim);

2) que expressão Max faria quando me visse entrando (com um vestido horroroso, uma maquiagem *over* e um cabelo nada a ver, caso o vestido de noiva não coubesse e, assim, fodesse com toda a minha sonhada aparência de noiva minimalista-mas-glamorosa);

3) se eu conseguiria conter as lágrimas na hora dos votos (eu não precisaria me preocupar com a maquiagem à prova d'água, só com o fato de que não fico

exatamente linda chorando, o que poderia foder com o nosso simples-mas-encantador álbum de casamento);

4) se Matheus e Sofia entrariam direitinho (isso era realmente um mistério, porque os ensaios, até então, tinham sido desastrosos! Um *brigaceiro* sem fim, mas eles tinham prometido que entrariam caladinhos e sem alvoroço no dia);

5) se eu saberia lidar com a presença de convidadas vagabundas lamentando a retirada DO MEU MARIDO do mercado e cumprimentando-o descaradamente na hora dos cumprimentos aos convidados (sinceramente? Pra que coisa mais desnecessária que cumprimentos? Que noivos querem abraçar todos os convidados depois da cerimônia? Ô coisa chata da porra! Que noiva quer passar a noite de núpcias com um noivo cheirando a perfume de puta? Com um noivo que foi apalpado por um cardume de piranhas loucas para dar — até o cu — pra ele? Fala sério, essa porra não faz sentindo nenhum! Tentei insinuar que eu não queria ser cumprimentada — que Max fosse cumprimentado, na verdade —, mas não deu muito certo. Vai ter essa porra, e só Deus sabe como eu vou reagir. Oremos para não haver escândalos, não é mesmo? Risos diabólicos).

Enfim... Não vi quando peguei no sono.

Só sei que, horas depois, acordei com a incômoda sensação de que estava acordando de um cochilo de menos de cinco minutos.

E esse foi apenas o início da manhã do grande dia, que, lamentavelmente, começou mal. Muito mal.

Mal pra caralho.

79. Quando o gato sai, os ratos fazem a festa

OLÍVIA

Abri os olhos devagar, sentindo as órbitas oculares arderem como se estivessem pegando fogo.

Quantas horas eu tinha dormido?

Eu não fazia a mínima ideia.

Olhei para o lado, enquanto me espreguiçava debaixo do edredom, e vi a enorme cortina escura descida, mergulhando o quarto em uma agradável atmosfera fria e escura.

Virei o pescoço e encontrei a cama vazia.

Quero dizer, Max não estava nela, mas havia um bilhete sobre os lençóis, o qual eu peguei e li:

É hoje, porra!

Nosso grande dia, finalmente, chegou, minha linda!

Acordei nervoso pra caralho! Pra você ter ideia, se fosse medido, meu nervosismo superaria meu cacete em extensão!

[ilustração de um pênis gigante]

(imagem meramente ilustrativa, já que eu teria que comprar uma fábrica de papel, se quisesse desenhar em tamanho real!).

Você estava dormindo tão linda, que eu não quis te acordar!

Fui pegar nosso café da manhã! Espera quietinha aí com as nossas meninas!

Com amor,

Seu noivo pauzudo (e futuro marido também pauzudo).

P.S.: peguei sua mala no outro quarto! Está ao lado da minha!

Enquanto lia, senti o corpo inteiro enregelar-se. Mal consegui rir do desenho e das palhaçadas dele ou suspirar com toda aquela fofura exclamativa.

Tomada pelo desespero, sentei-me abruptamente na cama. Em seguida, como se uma dose cavalgar de adrenalina tivesse sido injetada em mim, levantei-me de supetão.

Avistei minha camisola jogada no tapete e me vesti. Então, fui até a cortina. Puxei o tecido espesso e constatei que não estava chovendo. O céu estava

nublado, e o sol brilhava muito timidamente. Abri a porta de vidro e saí para espiar pela sacada.

Várias pessoas estranhas e uniformizadas transitavam pelas imediações da casa, passando para lá e para cá; e muitas outras percorriam o gramado úmido à distância, (provavelmente indo em direção ao lago, em cujas proximidades seria montada a estrutura coberta onde seria realizada a festa).

Estava acontecendo. Pessoas estavam cuidando do meu casamento enquanto eu dormia! O quão foda e simultaneamente assustador era isso?

Um misto de euforia e nervosismo começou a circular pelas minhas veias.

Saí da sacada e iniciei uma trajetória sem rumo pelo quarto, enquanto torcia as mãos em vários nós consecutivos.

— Ai, meu Deus, é hoje... — comecei a repetir, como se estivesse pronunciando um mantra.

Minha barriga estava doendo, e eu sentia os membros moles, as extremidades dos dedos geladas e a cabeça rodopiando em mil pensamentos.

Mas não fazia sentido ficar tão nervosa por algo tão tranquilo quanto uma cerimônia de casamento, certo?

Pouquíssimos convidados meus estariam presentes. Quem eu tinha convidado? Umas secretárias do prédio onde funcionava o escritório, as quais acabaram se tornando minhas conhecidas porque, às vezes, tomávamos café juntas, em um Café muito fofo que ficava no final da avenida (de todo jeito, o prédio inteiro tinha sido convidado, porque Max conhecia todo mundo mesmo). E Fabi, minha ex-vizinha gente boa. Só.

Eu sei, deprimente. Mas o que eu posso fazer se sou uma pessoa praticamente sozinha no mundo?

Além da família, o resto das pessoas convidadas eram os amigos de Max (eu conhecia pouquíssimos! Descobri esse fato alarmante — porque eu já achava que ele tinha amigos demais! — quando vi a lista imensa de convidados dele!); os vizinhos de Max, que também eram meus vizinhos; os colegas de trabalho de Max (eu conhecia todos, pelo menos); o pessoal da academia, do *paintball*, do clube de lutas marciais que ele costumava frequentar, ex-colegas de escola e faculdade e pessoas aleatórias que Max conheceu ao longo da vida (várias incluídas).

Estariam presentes muitos juízes, promotores, advogados, procuradores, defensores... Max conhecia toda a comunidade jurídica da região. E ainda tinham sido convidados vários médicos do São Cipriano e vários arquitetos e engenheiros do escritório de Suze. Porque Max conhecia o mundo inteiro.

E eu estava me borrando de medo de passar algum vexame na frente de toda essa gente, o que, eu sei, não tem nada a ver com a minha personalidade, porra!

Olívia Dutra com medo de passar vergonha? Acho que os hormônios da gravidez estavam me afetando pra caralho.

Foda-se esse povo todo.

Lá, lá, lá, lá, lá...

Okay, é só um casamento, Olívia! Você já combinou com a sua mente que vai dar tudo certo! Você não vai tropeçar no caralho do vestido, que, com certeza, vai caber!

Já chega.

Chega!

Chega de surto.

Vá tomar banho. E escovar os dentes.

Isso. Tomar banho e escovar os dentes.

Fui até a mala, peguei minha escova, creme dental, alguns cosméticos, calcinha, sutiã, um vestido florido e um cardigã rosa-claro. Caminhei até o banheiro da suíte e deixei tudo em cima da pia.

Mirei meu reflexo no espelho e, ah, que beleza!

— Olá, panda possuído! — cumprimentei minha própria cara assombrosa. — Ai, meu Deus, onde eu vou achar pepinos aqui? E se não tiver? Eu vou me casar travestida de panda endemoniado!

Fiquei tonta mirando meu reflexo horroroso no espelho. Círculos escuros ao redor dos olhos, olhar cansado...

— Cara de morta-viva... Cabelo amassado... — falei em voz alta, tirando alguns fios colados na testa. — E... — Soltei um berro.

Putaquepariu!

Um terceiro olho tinha brotado em forma de espinha na minha testa!

Eu seria a noiva mais bizarra do planeta. Um cruzamento de porca glutona com um panda ciclope!

— Há quantos milênios eu não tenho uma espinha? Por que hoje??? Por quê??? Por que as coisas dão tão errado pra mim, porra? Que merda... — Comecei a chorar e fui me deixando cair até me sentar no chão do banheiro.

Chorei de soluçar, até ficar fungando, com o nariz entupido. E, então, no meio do choro convulsivo, meu estômago se revolveu, uma ânsia aviltante de vômito me dominou, e a bile subiu pela minha garganta.

Mal alcancei o vaso sanitário e comecei a vomitar descontroladamente.

Quando, enfim, consegui parar, levantei-me debilmente e dei descarga.

Ainda tonta, e sentindo a cabeça latejar, lavei os rosto e escovei os dentes, choramingando em frente ao espelho.

Em seguida, tomei um banho rápido, sem lavar o cabelo, já que alguém faria isso por mim mais tarde. E foi esse o pensamento que me tirou do poço de

desespero.

Claro, porra!

Eu não precisaria de pepinos para amenizar as olheiras horrendas! Não precisaria me preocupar com porra nenhuma! A melhor equipe de maquiadores da cidade iria cuidar da minha *make* e da maquiagem das madrinhas! Usariam só produtos aclamados por blogueiras famosas nas nossas caras.

Ou seja: *hello, Studio Fix* da Mac (isso vai cobrir meu olho de ciclope)! *Hello, Pro Longwear Concealer* (isso é o que vai me salvar das olheiras)! *Hello, Orgasm* da NARS (isso é o que vai dar um jeito na minha cara de figurante de *The Walking Dead*. É um *blush* rosinha muito fofo, com uma luminescência dourada incrível)!

Com tudo isso em mente, saí do banheiro bem mais tranquila e menos enjoada, mas ainda estava sentindo uma leve ânsia.

Max estava parado na porta, com as mãos para trás, todo alegrinho. E lindo.

Pelo visto, tinha tomado banho antes de mim, porque seu cabelo estava úmido.

— Bom dia, linda! Flores para a noiva mais gostosa e mamãe mais boca-suja do mundo! — Ele abriu um sorriso enorme e estendeu um buquê todo colorido.

As flores do campo, frescas e salpicadas de gotinhas de chuva, estavam amarradas por um laço de sisal.

Fala sério, por que aquele cretino era tão fofo quando queria ser fofo?

Pelo amor da misericórdia divina, eu estava chorando! De novo. Mas era pura alegria dessa vez.

— Ai, que lindo, cretino... — falei, limpando uma lágrima idiota. — Você vai me fazer chorar logo cedo, porra? — Aproximei-me e, pegando o buquê, deposei um beijo em seus lábios. — Acho melhor a gente esquecer essa coisa de votos de improviso, Max. Vou chorar pra caralho.

— Achei que você não fosse chorona — ele disse, me olhando com afabilidade enquanto passava o polegar debaixo do meu olho (ou seja, nas minhas olheiras).

— Eu não sou. É a gravidez — justifiquei.

— Sei... — ele ironizou, me abraçando apertado e beijando meu rosto com euforia. — Dormiu bem, linda? — perguntou, deslizando a boca para meu pescoço.

— Olha a minha cara de panda possuído, Max! É claro que eu não dormi bem, porra. Tô horrorosa.

Rindo, ele se afastou e segurou meu rosto com as duas mãos, me fitando com um olhar caloroso e cheio de amor.

— Você é linda. Não ficaria horrorosa nem se tentasse com bastante afinco —

disse, presenteando meus lábios com um beijo morno e macio.

— Deixa de ser falso, cretino... — pirracei, estreitando os olhos. — Eu já te dou o cu de vez em quando, Max. Pode cortar o teatro.

Ele deu uma risada.

— Estou sendo gentil só para conseguir uma frequência maior, senhorita Olívia. Sete dias por semana. É o meu grande sonho e maior objetivo — ele disse, me fazendo rir.

Aquilo era impressionante. Uns minutinhos com ele, e eu já me sentia eu mesma de novo, e não a louca perturbada que achava que tudo daria errado.

Max aquecia meu coração. Sua voz, seu senso de humor e sua presença cálida eram tudo o que eu precisava e queria para o resto da vida.

Tomamos café juntos na cama, conversando sobre as nossas expectativas para a cerimônia e sobre o nosso nervosismo.

A conversa foi tão permeada de risadas que meu enjoo passou completamente, assim como o princípio de dor de barriga. Mesmo assim, enquanto tomava o café da manhã, maneei nas quantidades de quitutes.

Quero dizer, a ideia era essa, porra! Mas o puto do Max subiu com uma bandeja digna de hotel cinco estrelas. Então, talvez, eu tenha exagerado um pouco ao comer meio mamão, uma fatia de bolo de cenoura, meia fatia de bolo de fubá, um *croissant*, um pão de queijo, duas torradas com patê de peito de peru, uma xícara de cappuccino e um copo de suco de maracujá (segundo Max, Lili fez especialmente para acalmar meus nervos).

Gente, não é fácil isso de comer por três pessoas, sério. Aposto que as gêmeas ficaram brigando pelo *croissant* delicioso, mas eu não podia comer dois por motivos de:

- 1) Precisava caber no vestido;
- 2) Precisava tomar cuidado para não me transformar de verdade em uma porca gluttona;
- 3) Precisava pensar nos abusos que já iria cometer na lua de mel e no trabalho que teria para eliminar as calorias extras quando voltasse à vida normal.

Eu já tinha decidido que só comeria salada no almoço. As gêmeas teriam que se contentar com umas folhas de alface e alguns tomates-cerejas.

Depois do café da manhã, Max e eu fomos cruelmente separados. Susanne logo apareceu, toda animada, anunciando que o pacote de dia da noiva contratado já ia começar, porque a equipe do SPA tinha acabado de chegar.

Era algo absurdamente extenso, o pacote. E caro pra caralho, inclusive. Eu tinha sido bastante resistente em relação a isso, mas Suze garantiu que o pacote completo de dia da noiva era mais importante que o próprio vestido! (porque me deixaria relaxada e me distrairia do típico nervosismo no dia do casamento.

Lembro de ter achado graça e dito que eu nem ficaria nervosa. Ela se limitou a rir da minha cara e dizer à moça: “vamos fechar!”).

Além disso, Max deixara claro que eu poderia gastar o quanto quisesse com os preparativos do casamento, e, com uma risada, acrescentou que Piolho cobriria tudo, caso eu nos falisse.

Graças a Deus, já tínhamos uma casa (de novela!) e todos os móveis e eletrodomésticos e tudo o mais (ele insistira para que eu contratasse um decorador para redecorar a casa toda de acordo com as minhas preferências, mas, pelo amor de Deus, é claro que eu o dissuadi dessa ideia absurda. A casa era simplesmente maravilhosa, em cada mínimo detalhe! E, mesmo se não fosse, seria um gasto absolutamente desnecessário).

O pacote começaria com uma sessão de massagem relaxante em uma das salas da fazenda, que fora desocupada e preparada para esse fim.

Tão logo me separei de Max, que ia passar o dia no puro ócio, totalmente despreocupado e tranquilo, comecei a me sentir nervosa de novo.

— Você não dormiu nada, né, Liv? — Suze comentou, assim que ele se afastou em direção ao lago, onde, aparentemente, os meninos estavam reunidos, brincando de supervisionar os preparativos.

— Tá dando pra ver na minha cara, né? — falei, desanimada.

Ela assentiu com um sorriso apiedado, que logo foi substituído por uma expressão severa.

— Nem vou ficar tão condoída assim, dona Olívia. Deu pra ouvir bastante do que você e meu irmão andaram aprontando esta madrugada, bem na porta do nosso quarto, caramba!

— Sério? — Dei uma gargalhada.

— Meu Deus, até nisso você é igual ao descarado do Max! Nunca vi tanta cara-de-pau junta!

Gargalhei ainda mais alto.

— Eu amo tanto o seu irmão, Suze... — suspirei, já sentindo o coração doído de saudade dele.

— Eu sei, Liv. — Ela sorriu. — Ele está todo eufórico, e é assim que ele reage, desde criança, quando está nervoso.

— Eu sei. — Dei uma risada. — Ele me deixou um bilhete cheio de exclamações hoje de manhã, e tá efusivo pra caralho — falei, me lembrando de todas aquelas frases exclamativas e do entusiasmo dele ao me beijar e dos olhos, tão vivos e tão claros, e do sorriso radiante, tão largo e tão lindo...

Ai, ai...

Susanne riu.

— Acho tão bonitinha essa carinha que você faz...

— Que carinha, porra? — perguntei, saindo do transe.

— De camisolona! — Ela gargalhou, e eu também.

Então, ouvindo "camisolona", eu me lembrei do vestido!

Acabei explicando a Suze o meu medo de não caber dentro dele e, apesar de ter rido da minha loucura, ela concordou em me ajudar a experimentá-lo.

Felizmente, ainda me servia feito luva, e cada microajuste feito na quinta-feira ainda realçava minhas curvas, sem esconder minha barriga, que eu fazia questão de ostentar no dia mais feliz (e, aparentemente, mais desesperador) da minha vida.

Pouco depois, chegamos à sala principal, onde Malu, Lari, Lili e Sofia estavam nos aguardando.

Todas elas, à exceção de Sofia, estavam com olheiras quase tão graves quanto as minhas. Assim que me viram, levantaram-se correndo e vieram me abraçar em conjunto. E seus sorrisos, abraços e cumprimentos foram tão entusiasmados que ficamos um tempão abraçadas.

— Estou tão, tão feliz que esse dia finalmente chegou, minha filha! Ai, minha Santa Rita, meu menino vai se casar! — Lili exclamou, assim que nos separamos.

Eu já estava chorando de novo, então só assenti, limpando as lágrimas.

Sério, alguém devia ter me avisado do perigo de me casar grávida! Gente do céu, não tinha como suportar as emoções de um casamento com aquela enxurrada de hormônios ensandecidos fodendo os meus dutos lacrimais, porra!

— Tia Liv! Hoje a gente é noivinhas! — Sofia veio rapidinho me abraçar de novo. — Só que eu vou casar só de mentirinha com o chatão e você vai casar de verdade com o tio Max!

— Fala isso pro seu pai, Souf. Fala assim: "papai, eu vou me casar com o chatão!" — incentivei, enquanto as meninas riam.

— Liv, você quer me deixar viúva? — Susanne perguntou com pretensa indignação, e nós caímos na risada.

Instantes depois, enquanto caminhávamos em direção à sala que serviria como sala de massagem, Lari perguntou, toda animada:

— Como você está se sentindo, Liv?

— Muito nervosa? — Malu acrescentou, sacudindo as mãos e cerrando os dentes.

— Na escala do nervosismo, em que zero é "foda-se a porra toda" e dez é "surtada pra caralho", eu tô no onze já: "fodidamente histérica" — respondi, e elas riram.

— Isso é o que você pensa! — Suze gargalhou. — Você está em 5, Liv: pré-surto. Nas próximas horas, atingirá um seis: surto leve. Uma hora antes do

casamento, chegará a sete: surto mediano. Meia hora antes de subir ao altar, oito: surto preocupante. Quinze minutos antes, nove: surto acentuado. Faltando cinco minutos para a entrada triunfal, dez: surto pleno. E, por fim, quando ouvir os primeiros sons da marcha nupcial, você atingirá o onze: histeria total e completa. Mas, aí, quando você estiver posicionada, e seu olhar cruzar com o de Max te esperando no altar, o surto e a histeria vão sumir como em um passe de mágica. Vai por mim. Você vai caminhar até ele sentindo-se leve como uma pluma. — Ela gesticulou graciosamente no ar.

E foi suspirando, prendendo-me a essa ideia, imaginando o esperado momento em que eu o veria de pé, todo lindo, que eu comecei meu dia da noiva.

Não demorou muito para que todas nós (inclusive Sofia, que, aliás, era uma mininoiva) estivéssemos respirando um delicioso aroma floral, deitadas de bruços em nossas macas confortáveis (Suze e eu estávamos em macas especiais para gestantes).

Enquanto ouvíamos músicas calminhas, mãos treinadas pressionavam nossos meridianos com movimentos precisos e suaves.

Poderiam ser os famigerados massagistas gostosos, mas eram terapeutas corporais orientais femininas, de braços e mãos delicadas.

A propósito, aquela sessão de *shiatsu* não fazia sentido algum, já que podíamos perfeitamente ser massageadas gratuitamente pelas mãos dos nossos respectivos parceiros (menos Matheus massageando Sofia, por motivos óbvios).

Mas, ai, meu Deus, como aquela massagem profissional valeu cada centavo...

Saí da sala de massagem completamente leve e relaxada, decidida a seguir o conselho de Suze no futuro: fazer shiatsuterapia.

O dia passou rápido, e todos os passos (exceto as partes em que ficamos seminuas, obviamente) foram gravados pela equipe de filmagem. Tudo seria editado e transformado em vídeo depois, um que certamente me faria chorar sempre que eu visse.

Fizemos tudo a que tínhamos direito na parte da manhã: limpeza profunda de pele, hidratação facial, depilação e esfoliação corporal.

Depois de almoçarmos juntas, um almoço incluído no pacote e servido pela equipe do SPA, foi a vez dos nossos pés e mãos, que foram massageados e hidratados. Em seguida, fizemos as unhas, e eu escolhi um esmalte nude da Dior para passar.

"*Baaaaaafô, superamei*, foge da tradicional e óbvia francesinha, e é a cara da riqueza. *Loosho!*". Foi o que Ícaro disse, assim que viu minha manicure.

A hora mais divertida foi o momento de cuidarmos dos cabelos, logo depois do banho com óleos essenciais e sais aromáticos (foi simplesmente perfeito. Passamos um bom tempo batendo papo e tomando *smoothies* de morango dentro

de maravilhosos ofurôs portáteis, com muitos jatos de massagem e água quentinha e perfumada).

Malu decidiu mudar o visual; ficou toda loira, descolorindo as mechas que ela tinha tingido de preto.

Suze retocou as luzes antigas e puxou algumas novas, e Lari renovou o corte e tonalizou seu *pixie cut*.

Lili cobriu os fios grisalhos com uma tintura preto natural e desfiou as pontas.

Sofia fez uma franjinha que ficou um amor; e Duda, que tinha chegado mais cedo para participar do ensaio geral das crianças no templo, teve seus cachinhos cortados em camadas e secos com difusor, para acentuar o volume natural dos fios. Ficou uma graça, e eu já podia imaginar os cachos adornados pelo adereço escolhido.

Meu cabelo é a única coisa virgem que eu tenho. Não pinte, mas dei uma aparada nas pontinhas. E todas nós fizemos hidratações maravilhosas, que deixaram nossos fios macios e superbrilhantes.

No meio da tarde, Ícaro tinha abandonado os meninos para ficar com a gente. Tudo para dar pitacos nas nossas escolhas e no trabalho dos profissionais (nada grosseiro, claro. Inclusive, as cabeleireiras e Di Carlo, um colorista talentosíssimo e muito gente fina, estavam rindo mais que a gente das palhaçadas dele).

Eu estava me divertindo, completamente distraída pelo *glamour* daquele dia de beleza com as amigas e meu amigo gay (que também fez hidratação capilar e renovou o corte), quando a hora crucial chegou: a hora do penteado e da maquiagem. Ou seja, faltava pouco para cerimônia.

A cada fio que a designer de sobrancelhas arrancava, meu coração ficava mais descompassado. A cada mecha cuidadosamente cacheada com *babyliss*, meu estômago ficava mais frio.

Mas tudo era absolutamente excitante. Toda aquela sensação de pura ansiedade me deixava à beira de um acesso de loucura. Porém, era uma ansiedade boa; do tipo inexplicável de ansiedade positiva.

Como uma pessoa sobrevivia àquele turbilhão de emoções? Era ansiedade para me ver pronta, para contemplar Max no altar, para ver os padrinhos vestidos, os convidados, a decoração do santuário e do salão de festa; para o momento da celebração, da assinatura, dos votos, da troca de alianças, do primeiro beijo de casados, das fotos, da primeira dança, da noite de núpcias...

Meu Deus do céu... Eu não fazia ideia de como tanta ansiedade e dois bebês estavam cabendo dentro de mim!

Em certo momento, as meninas, que já estavam maquiadas e penteadas, tinham se retirado para se vestir, com o auxílio de profissionais da Casa Nobre.

Eu ainda estava no quarto, enfiada no meu felpudo roupão personalizado e com pantufas nos pés, sendo maquiada e filmada.

— Liv, tá ficando um arraso! Cada passo em direção àquele deus que é o seu bofe vai ser um tiro nas inimigas! — Ícaro bradou, observando o trabalho do maquiador. — Gente do céu, *cê* lacra na *make*, hein, mona? — ele elogiou o trabalho de Tom, meu maquiador gay ultraestiloso e muito conversador.

— O mérito não é meu, meu bem! É fácil demais lacrar na *make* quando a gente tem um rostinho assim, com traços ma-ra-vi-lho-sos pra trabalhar! Olha a pele dessa criatura! Olha a cor desses olhos, o formato dessa boca, o desenho dessas maçãs... E esses cílios, que dispensam postiços? — Indignado, ele pôs uma mão na cintura.

Dei uma gargalhada.

— Vai ter postiços, sim, porra! Só não precisa colocar no meu terceiro olho.

Como eu já tinha alardeado o apelido da minha espinha e perguntado a Tom se ele poderia dar um jeito nela e nas minhas olheiras, ele entendeu de primeira e caiu na risada.

A prosa continuou, mas não demorou muito e eu estava pronta.

Mirei meu reflexo no espelho e contemplei meu cabelo finalizado, cheio de ondas largas e volumosas, produzidas à la Gisele Bündchen.

Porra, eu tinha um cabelo maravilhoso de diva. Só faltava o ventilador na cara, o carão e o *click*.

Como tinham conseguido deixar meu cabelo sem *frizz* e tão magicamente brilhoso era um mistério. Provavelmente, tinha a ver com a infinidade de *sprays* e pomadas utilizadas no processo.

Outro mistério era como as ondas continuavam incrivelmente maleáveis depois de tanto produto.

A maquiagem estava impecável. Não se via o menor sinal de cansaço na minha cara. A pele iluminada tinha um aspecto natural, mas estava bem coberta, com um lindo acabamento *matte*. E o contorno sutil tinha deixado meu rosto perfeito.

O lápis bege abaixo do arco da sobrancelha e na linha d'água e a cintilância no lacrimal formavam um conjunto que abria meu olhar e fazia meus olhos parecerem maiores.

O levíssimo esfumado no côncavo e na raiz dos cílios inferiores e os brilhinhos graciosos da sombra solta e perolada aplicada no centro da pálpebra tornavam a maquiagem extremamente delicada, contraposta pelo delineado dramático e pela aplicação dos cílios postiços, que davam um toque de sofisticação ao visual.

Para arrematar, um batom em uma tonalidade nude muito discreta e rosada

coloria meus lábios.

Depois de tirar uma *selfie* comigo, Ícaro foi se aprontar, e eu fui, finalmente, colocar o vestido, com o auxílio de Cibele e Janaína, duas moças muito simpáticas do Ateliê Casa Nobre.

Os últimos detalhes, como o fechamento dos botões, o momento em que calcei os sapatos, a colocação da joia na cabeça, dos brincos e do meu anel de noivado, foram filmados.

Modéstia à parte, eu tinha ficado linda. Meu vestido feito sob medida parecia o vestido de uma ninfa. Era confeccionado em *musseline* de seda *off white*, com entremeios de renda *chantilly* da mesma cor na saia de modelagem fluida, que tinha uma cauda modesta.

O corpete era todo de renda, mas faixas de *musseline* drapeada passavam pelo busto, deixando à mostra a sutileza rendada do decote frontal em forma de "vê".

As costas ficavam nuas, e no final do decote havia uma fileira de pequenos botões forrados.

Os ombros eram cobertos por uma fina camada de delicadas flores talhadas no tule imperceptível.

Um cinto com aplicações de pequenas pérolas envolvia a cintura, e eu entraria no templo segurando um buquê assimétrico de suculentas verde-menta, peônias e ranúnculos brancos.

No alto do meu cabelo solto e ondulado eu estava usando uma joia maravilhosa em formato de *headband*, feita de pérolas e cristais.

Pouco depois de me aprontar, eu me encontrei com as meninas. Estavam todas lindas e harmoniosas com seus vestidos longos, esvoaçantes e idênticos, de um pálido tom de *mint green*. O busto era levemente drapeado, e a saia tinha um caimento evasê perfeito. Nas mãos, elas seguravam minibuquês de ranúnculos brancos e gipsofilas.

Os fios curtos e ruivos de Lari estavam repartidos lateralmente, destacando a franjinha charmosa. Suze e Malu tinham as madeixas compridas e onduladas dispostas em um simples, mas elegante, penteado lateral.

A ossatura clássica de Lili ostentava um vestido de mesma fluidez e da mesma nuance verde-azulada clarinha dos trajes das madrinhas, mas o modelo era diferente; de um ombro só e com um discreto plissado na saia. O cabelo estava penteado em um belo coque lateral despojado.

Sofia estava lindíssima, usando um vestido *off white* superlindo e delicado, com camadas de tule suíço na saia, aplicações de minipérolas na cintura e de renda francesa nas manguinhas. As ondas douradas de seu cabelo cobriam seus ombros, e uma coroa de gipsofilas estava presa por um laçarote à cabeça.

Duda exibia cachos definidos e volumosos, enfeitados por uma coroa de

minirrosas brancas. Na cintura do vestido *off white* sem mangas e de saia godê havia uma faixa cor-de-areia, que formava um gracioso laço nas costas.

Assim que as vi, senti o ímpeto de chorar.

Depois de nos abraçarmos cuidadosamente e de todo o momento "ai, meu Deus, como vocês estão lindas!/Liv, você está maravilhosa!", regado a lágrimas não contidas, Tom retocou minha maquiagem, e Marta e o pessoal do cerimonial repassaram algumas coisas antes de nos liberar para os fotógrafos, que já tinham feito fotos dos meninos no andar de baixo e logo fariam algumas nossas.

Tudo passou como um borrão; as últimas recomendações de Marta, os votos de felicidades da equipe do SPA, do salão e do Ateliê, as fotos que tiramos e a despedida das meninas, que tentaram ao máximo me tranquilizar antes de deixarem o casarão rumo o templo.

Eu me sentia completamente entorpecida, como se não estivesse dentro do meu próprio corpo; meu enregelado e muito gelatinoso corpo.

Não demorou muito para que eu me visse de pé, diante das portas fechadas do santuário, debaixo do pergolado, cujo topo de vidro recebia um chuvisco tão leve que mais parecia pó de fada.

Enquanto meu coração martelava no peito, pessoas ajeitavam a pequena cauda do meu vestido (poderiam ser duendes, e eu não faria ideia, de tanto nervosismo). E enquanto meu sangue ficava gelado, eu ouvia um turbilhão de coisas ao mesmo tempo:

— Não pisa no meu pé quando for a nossa vez, chatão! — Sofia estava bradando.

— Você que pisa no meu, sua chatona! — Matheus estava retrucando.

— Parem de brigar, chatões! — Duda pacificava.

Quero dizer, nem tanto.

— Respira fundo, Liv. Daqui a pouco, o nervosismo vai passar. — Seu Francismar estava dizendo, todo simpático, à minha direita.

Assenti e fiquei inspirando e expirando, tentando fazer o desespero se esvair.

— É agora! — Marta anunciou pouco depois, e eu senti golpes tão profundos no peito que, por alguns segundos, perdi a capacidade de respirar.

— Vai com tudo, Liv! — Ela deu uma última ajeitada nas mechas de cabelo em meus ombros e se afastou.

A marcha nupcial começou a invadir meus ouvidos, e uma onda de vertigem me fez ter plena certeza de que eu ia desmaiar.

E, então, as portas se abriram, e eu não vi mais nada.

80. Casarás e amansarás

SUSANNE

Um céu azul-acinzentado, com pinceladas em suaves tons de pêssego e lilás, pairava sobre a superfície límpida e cristalina da lagoa, margeada pelo gramado extenso.

A cerimônia seria celebrada no templo ecumênico da fazenda, cuja parede do fundo, feita em espelho d'água, era transparente, e presenteava os convidados com a vista pacífica do lago, do céu crepuscular e do infinito tapete de grama.

As formas puras da edificação, basicamente constituída de pedra, concreto e madeira, enalteciam a grandiosidade e a beleza do cenário espetacular que se expunha detrás do santuário.

Era uma construção de tirar o fôlego. O visual era excepcionalmente simples, mas de uma elegância despudorada.

Consistia em duas paredes paralelas revestidas de pedras brancas e encimadas por um teto rebaixado de concreto com rasgos laterais envidraçados para propiciar o aproveitamento da luz natural. O reverendo presidiria a cerimônia em cima do altar, que contava com cinco degraus, e se postaria detrás de um singelo púlpito, feito com madeira de demolição, assim como os rústicos bancos do templo.

Um majestoso tapete *off white* estaria disposto no cento da nave e seria ladeado por sebes muito verdes, coroadas por fileiras brancas de ranúnculos, peônias e gipsofilas.

Um comprido pergolado com teto de vidro se iniciava logo após as portas do templo, e, debaixo dele, havia uma extensa passarela flanqueada por luzes de led e revestida de parelepípedos de pedra.

Delicados e elaborados minibuquês brancos estavam pendurados nas vigas brancas da pérgola, de cabeça para baixo, por renques de cristais. E *fairy lights* decoravam as pilastras e as laterais do pergolado.

Os refletores acoplados ao solo, rentes à orla da lagoa, ainda estavam apagados, mas, com a chegada da noite, emitiriam luzes verde-azuladas na imensa tenda translúcida de cristal, localizada do lado oposto, para onde os convidados se dirigiriam após deixarem o santuário.

Estávamos todos a alguns metros de distância do templo, posando para algumas fotos à beira da lagoa.

Plínio era o mais lindo dos padrinhos. Os trajes eram idênticos, mas ele estava tão lindo que eu tinha certeza de que venceria o concurso de Padrinho Mais Lindo Do Mundo.

O cabelo estava úmido, repartido lateralmente e cuidadosamente penteado.

Dava uma vontade louca de bagunçar, apesar de ele ficar absolutamente *sexy* com aquele cabelo de galã da década de 1960.

Todos estavam usando calça de linho areia com suspensórios, camisa *off white* e gravata borboleta na mesma tonalidade claríssima dos nossos vestidos *mint green*, com minúsculos poás. A lapela era um conjunto de flores creme com minifolhas verde-menta. E toda essa combinação era demais para suportar.

Obviamente, os meninos estavam todos ridiculamente lindos em seus trajes bem-cortados, exibindo seus corpos atléticos e tudo o mais.

Mas Plínio... Ai, meu Deus, ele ia me matar.

— Pronto, pessoal. Por ora, já deu. Depois da cerimônia a gente tira mais, com a noiva — um dos fotógrafos disse, e logo Marta apareceu, anunciando que era hora.

— Ainda dá tempo de desistir, Putão — Piolho falou, fazendo uma expressão séria e pousando a mão no ombro de Max enquanto seguíamos em direção ao templo. — Estamos aí pra isso, mano. Pra te apoiar em qualquer decisão, tá ligado? Aqui é parceria, meu. A gente pega uns cavalos ali e foge, *véi*.

Meu irmão se limitou a rir da palhaçada.

— É sério, mano. Foi o que eu falei pra Plinião na vez dele, mas ele não me ouviu, e agora tá aí, tendo que aturar encheção de saco Suzinha todo santo dia, o tempo todo.

— Ouve a quenga, puto... Até hoje eu pago o preço por não ter ouvido. — Plínio soltou um falso suspiro extenuado.

— Vão cagar, vocês dois — resmunguei.

Piolho caiu na risada, mas Plínio me puxou pela cintura e beijou meu pescoço.

— Te amo, amor.

Meu Deus, melhor que o seu marido gostoso de gravata borboleta e suspensórios é o seu marido gostoso de gravata borboleta e suspensórios beijando o seu pescoço, apertando sua bunda sorrateiramente e se afastando com uma carinha inocente.

Um pena que não pude fazer nada a respeito, porque Marta nos apressou e, quando me dei conta, estávamos devidamente posicionados, a instantes de entrar.

Max e Lili encabeçavam a fila; Plínio e eu estávamos atrás deles; Tito e Lari vinham depois; em seguida, Piolho e Malu; e, por último, Ícaro e Artur.

— Pessoal, vamos começar — Marta declarou de repente.

Max inspirou e expirou, liberando o ar com evidente nervosismo, o que eu achei a coisa mais fofa do mundo, mas, ao mesmo tempo, fiquei com uma dorzinha no coração, me apiedando do estado em que ele se encontrava.

Quando estava ligeiramente nervoso, ele costumava ficar eufórico. E esse era o único nível de nervosismo que eu conhecia, em se tratando de meu irmão. Antes daquele momento, eu nunca o tinha visto tão nervoso. Ali, no final daquela tarde, eu descobri que, se estivesse se casando, ele podia se transformar em um mortal em termos de ansiedade. No ápice do nervosismo, toda a autoconfiança desaparecia, e Max era como todo mundo: mal conseguia ficar de pé, se não estivesse trocando a posição das pernas o tempo inteiro; ou respirar, se não estivesse mexendo na gravata sem parar, como se fosse um menino de cinco anos altamente incomodado, e não um homem habituado a gravatas por força da profissão.

A propósito, ele estava simplesmente maravilhoso e deliciosamente perfumado. De cabelo penteado com zelo e barba feita, ele parecia um príncipe naquelas tonalidades claras; o costume areia de lã fria contava com um colete de tecido nobre bem ajustado ao tórax. A gravata borboleta e a camisa de algodão egípcio eram ambas *off white*, e ele estava usando um lenço do mesmo tom e tecido da gravata no bolso superior do paletó fechado. O *boutonnière* era um discreto ranúnculo branco adornado por ramos e folhas.

— Você tá tão lindo, Max... — comentei.

Ele só assentiu em agradecimento, em vez de soltar um esperado "e quando é que eu não estou lindo, Susanne?", o que só comprovava a minha tese de que ele estava impossivelmente nervoso.

— Tá nervoso? — perguntei, meio rindo, só pra dar uma sacaneada, porque, afinal, é o papel dos irmãos.

— *Pracaralhoporraputaquepariu...* — ele disse, emendando as palavras, e eu tive uma crise de riso.

— Óia a quenga nervosa, mano! — Piolho gargalhou, e os meninos também.

— Relaxa, puto — Plínio disse, tentando não rir. — Daqui a pouco, o martírio termina. Quando você ouvir o início da marcha nupcial, as portas vão se abrir e, aí... Pronto. Você vai vê-la vestida de noiva, tudo isso vai sumir, e você vai se sentir o homem mais feliz da Terra. Vai por mim.

Não é por nada, não, mas, ai, como eu tenho um marido lindo!

Enfiei o braço no dele e beijei seu maxilar recém-barbeado.

Uma moça do cerimonial se aproximou e, toda sorridente, ajeitou a gravata e o paletó de Max, demorando-se um bocado ao alisar o tecido na região das omoplatas, tirando uma casquinha bastante generosa. Imaginei a voadora que Liv daria na coitada, se visse aquilo.

— Vamos lá, queridos? — Marta disse, assim que o quarteto de cordas começou a tocar.

Com o coração apertado, saí rapidinho do lado de Plínio e abracei meu irmão.

— Ai, Max... Tô tão orgulhosa... — falei, chorando.

— Obrigado, Suze. Por tudo — ele disse, segurando meu rosto e beijando minha testa. — Agora me deixa casar, caralho.

Ele abriu um sorriso radiante e, rindo, eu beijei sua bochecha e me afastei.

— Boa sorte! — desejei.

Então, ele e Lili, que já estava toda chorosa, começaram a caminhar.

— Arrasa, puta! — Piolho zoou, fazendo todo mundo rir, menos eu, que estava com a mão na boca para conter o choro.

— Ai, meu Deus, Plínio... Ele vai se casar... — falei, retomando a posição.

— Já estava na hora, né, amor? Os caras deviam tocar *Hallelujah* na entrada dele, em vez do Minueto de Bach. — Ele riu, me fazendo sorrir.

Logo foi a nossa vez de entrar, ao som dos violinos e do violoncelo.

O templo estava lotado, e eu mal conseguia distinguir os convidados, porque só tinha olhos para Max, tão lindo, de pé do lado direito do altar.

Ai, meu Deus! Meu irmão ia se casar, e tudo estava perfeito, do jeitinho que havia sido planejado. Eu estava tão feliz quanto no dia do meu próprio casamento! Só que, graças a Deus, não tão nervosa.

Liv, por outro lado, devia estar à beira de um colapso naquele momento, tadinha...

Quando chegamos à frente do altar, Plínio beijou minha mão e cada um de nós tomou sua posição nos degraus. Ele tomou a lateral direita, ficando de pé próximo a Max; e eu fui para o lado esquerdo, onde Olívia logo estaria.

Os demais padrinhos fizeram a mesma coisa e, ao final do Minueto de Boccherini, estávamos dispostos em duas filas, uma de meninas e uma de meninos, cada casal ocupando um degrau do altar em forma de meia-lua.

Quando a entrada de Duda foi anunciada, o quarteto começou a tocar a Ode à Alegria.

Ela entrou, toda contente, espalhando pétalas de peônias pelo tapete branco.

Enquanto ela entrava, as portas eram fechadas. E era para elas que Max olhava, movendo os dedos em aflição.

Era lindo vê-lo tão ansioso. Mas também era divertidíssimo vê-lo tão agoniado. E, graças a Deus, aquilo estava sendo gravado, porque era um momento tão sublime e tão épico que merecia ser visto e revisto.

Quando o reverendo finalmente anunciou a entrada da noiva, e a marcha nupcial resvalou das cordas dos instrumentos para encher o templo, meu irmão engoliu em seco, ajeitou os ombros, inflou e desinflou os pulmões e, liberando o

ar, fincou os olhos nas portas fechadas.
E, então, elas se abriram.

81. Deus escreve certo por linhas tortas

OLÍVIA

E, então, as portas se abriram, e eu não vi mais nada.

Porque só o que eu podia ver era o homem mais lindo do mundo, esperando por mim no altar, absolutamente impecável de terno clarinho, colete, gravata borboleta e flor na lapela.

Meu Deus, como ele ficava lindo naquele traje quase da mesma cor do cabelo. E os olhos, tão claros... E o sorriso, tão branco...

Max era uma paleta divina.

Eu havia ensaiado de frente ao espelho vários sorrisos discretos à la duquesa de Cambridge para fazer aos convidados durante a entrada, mas, enquanto flutuava em direção ao meu noivo, eu só conseguia olhar para ele.

E fitar seu sorriso enorme, e sorrir de volta. E mirar as lágrimas em seus olhos enquanto as minhas escorriam sem controle algum.

MAX

Eu não sabia, mas tinha vivido vinte e oito anos para vivenciar aquele momento.

Para entender que o casamento não era mera convenção social, mas uma maneira de mostrar, em um único ato, às pessoas importantes da sua vida quem era a mais importante de todas.

Eu estava sorrindo e chorando diante de todas as pessoas que conhecia porque a mulher da minha vida caminhava, absolutamente linda, em minha direção.

Olívia parecia etérea. Tão linda que parecia intangível, celestial; tão linda que não parecia pertencer a este mundo. Mas ela não só pertencia como era o meu mundo.

Não tentei conter as lágrimas. Sequer pensei nelas. Elas simplesmente caíram, acompanhando meu sorriso.

OLÍVIA

Eu jamais conseguiria transpor em palavras exatamente o que estava sentindo.

Ainda era uma mistura de ansiedade, nervosismo e desespero, mas de um jeito diferente: ansiedade para chegar ao altar; nervosismo por seu Francis manter o passo calmo e sereno, de acordo com o que tínhamos ensaiado, em vez de dar uma apressada naquela porra; e desespero para chegar logo.

A vontade que eu tinha era de largar o braço dele, levantar a saia do vestido e correr. E só parar nos braços de Max.

MAX

Tudo o que eu queria era que ela chegasse logo. O dia longe de Olívia tinha sido um verdadeiro martírio.

Eu estava com tanta saudade que parecia que não nos víamos há uma eternidade. Exatamente o tempo que estava demorando para que ela chegasse até mim no altar.

Tempo demais para suportar ali, parado, vendo seu Francismar conduzi-la a passos de tartaruga.

Ignorando as regras de etiqueta, que certamente existiam, mas para as quais eu estava me fodendo, abandonei meu posto e caminhei até ela, seguindo a passos largos pelo tapete branco e alcançando-a na metade do trajeto.

— Eu já vi muita noiva com pressa pra casar, mas noivo apressado é a primeira vez! — o celebrante exclamou, e os convidados riram enquanto eu cumprimentava seu Francis rapidamente para, em seguida, segurar o rosto de Olívia e beijá-la na testa.

OLÍVIA

Eu não podia acreditar no que ele tinha feito!

As pessoas suspiraram ao nosso redor quando, no meio do corredor margeado

por flores, Max depositou um beijo em minha testa, segurou minhas mãos, beijou-as e, ajoelhando-se na minha frente, deu dois beijos na minha barriga.

Quando comecei a soluçar, ele se levantou, secou minhas lágrimas delicadamente com os polegares e, em seguida, flexionou o braço esquerdo para que eu pousasse a mão em seu cotovelo.

Os violinistas interromperam a marcha nupcial e começaram a tocar *Love Of My Life*, de *Queen*.

E, então, juntos, chorosos e transbordantes de felicidade, nós caminhamos rumo ao altar.

MAX

Apenas felicidade, em seu mais alto grau, preenchia meu interior enquanto eu ouvia, ao lado de Olívia, o discurso inicial do ministro:

— Estamos aqui reunidos, na presença do Altíssimo, para testemunharmos o matrimônio de Max e Olívia. O casamento é instituído para que homem e mulher se regozijem e se ajudem mutuamente, vivendo fielmente unidos, com amor e ternura, conhecendo-se um ao outro, unindo seus corações e atando suas vidas...

Todo o nervosismo tinha desaparecido, e eu me sentia tão leve e tão feliz que não conseguia parar de sorrir.

Mas a ansiedade ainda estava me corroendo. Tudo o que eu queria era que chegasse logo a hora do "pode beijar a noiva".

Eu queria, o mais rápido possível, estar casado. E a ironia disso era algo tão absurdamente hilário que eu quase não podia conter a vontade de gargalhar.

Esse era o meu nível de felicidade. Eu era um noivo à beira de um ataque ridículo de riso em plena cerimônia de casamento.

Sempre achei que as pessoas exageravam pra caralho quando diziam que o dia de seus casamentos havia sido o mais feliz de suas vidas. Na minha cabeça, não passava de uma frase ridiculamente hiperbólica e manjada.

Mas ali estava eu, sendo hiperbolicamente clichê.

Justo eu, que costumava considerar o casamento uma puta palhaçada, e não apenas em razão da monogamia. Além desse motivo óbvio, sempre pensei o seguinte: qual é o sentido de entrar em uma igreja e esperar que alguém diga "e eu vos declaro casados" para se sentir marido ou esposa da pessoa que você, supostamente, ama?

Tampouco fazia sentido assinar um papel e pronto, se tornar cônjuge de alguém.

De fato, eu não precisava de uma declaração ou de uma assinatura para evidenciar meu amor por Olívia. Mas o que eu sentia por ela era tão forte que eu queria expressar o sentimento de todas as formas que eu pudesse. Queria ser dela em todas as acepções humanamente conhecidas e socialmente aceitas. Queria me casar e me tornar seu marido diante de Deus e dos homens. Queria uma aliança, uma certidão de casamento e a porra toda.

Eu queria, caralho. Queria aquilo tudo. E logo.

OLÍVIA

Todas aquelas coisas sobre a beleza do amor e a consagração do matrimônio, emitidas pela voz de locutor do celebrante — um simpático senhorzinho de cabelo de algodão-doce —, eram muito lindas e tudo o mais, mas eu só queria ver logo a aliança no caralho do dedo, porque isso significaria que o "pode beijar a noiva" viria em seguida.

Meu Deus do céu, o reverendo não sabia que eu estava há horas e horas sem beijar meu futuro marido?

Aliás, ele não sabia que eu estava louca para tirar o "futuro" do marido?

— E, agora, contemplaremos a entrada das alianças — ele disse de repente, e eu soltei um enorme suspiro de alívio.

— Até que enfim! — Max falou, alto o suficiente para ser ouvido no átrio.

— Max... — Rindo, dei um cutucão nele, enquanto os convidados riam.

O celebrante tinha arregalado os olhos, mas estava risonho quando comentou:

— Estamos quase lá, filho.

— Sinto muito pela afobação, reverendo. É indesculpável a minha postura afoita, mas, em minha defesa, a impaciência decorre da imensidão da minha vontade de me tornar marido da mulher da minha vida.

— Vamos apressar essas alianças, porque o homem já tá é falando os votos!

— Ele sinalizou para o quarteto de cordas enquanto todo mundo ria.

— Te amo, cretino — sussurrei quando *Beauty And The Beast* começou a ecoar pelo templo.

— Te amo, linda — ele disse, beijando minha mão.

E, então, Sofia e Matheus surgiram na porta.

Como eles seriam os noivinhos e também os porta-alianças, fugimos um

pouco da normalidade das regras e decidimos que eles entrariam uma vez só, vestidos de noivinhos mesmo, ainda que fossem entrar depois de nós.

Sofia estava linda em seu vestido de saia de tule, segurando um minibuquê de gipsofilas, combinando com a coroa da cabeça.

Matheus estava a coisa mais fofa do mundo dentro do miniterno idêntico ao de Max, feito sob medida. Tinha até um ranúnculo na lapela! E o cabelinho todo penteado, partido de lado, estava arrancando suspiros de encantamento de todas as convidadas.

Os dois estavam de braços entrelaçados, e o noivinho trazia na mão livre uma caixinha de veludo, onde descansavam as alianças.

Inesperadamente, eles alcançaram o altar sem nenhum acidente de percurso. Nada de pisões e "ai, meu pé, chatão/você pisou no meu primeiro, sua chatona!". Entraram sorridentes, bem bonitinhos e sem brigas.

O reverendo pegou os anéis e teceu algumas palavras sobre sua simbologia, ressaltando a importância da aliança que faríamos diante de Deus, para todo o sempre, a partir de então.

Em seguida, fez uma oração para abençoá-las:

— Deus Todo Poderoso, que criaste e consagraste o mais sublime dos sentimentos, o qual tudo sofre, tudo crê, tudo espera e tudo suporta, torna estas alianças símbolos do amor destes Teus filhos e santifica no Teu amor a sua união.

Anunciando o momento dos votos, ele orou:

— Ó Deus, assim como circundaste Max e Olívia de amor e fé, permite também que, pelo poder do Teu Santo Espírito, eles possam respeitar os votos que farão em Tua presença. Amém. — Encerrou, fazendo um breve assentimento para que Max começasse.

Ele mal começou a falar, e minhas lágrimas recomeçaram a cair.

MAX

— Não é irônico perder a sua avó e, por causa de sua morte, conhecer o amor da sua vida? — perguntei, me dirigindo aos convidados. — Muitos considerariam o fato uma piada de mau gosto do destino. Eu considero uma bênção. — Fiz uma breve pausa. — Quando eu era adolescente — prossegui —, meu avô me deu a melhor avó que um neto poderia ter. Anos depois, vó Ercília me deu o melhor presente que eu poderia ganhar.

Peguei a mão de Olívia e, olhando em seus olhos deslucidos, continuei:

— Linda, eu sei o quanto ela teria te amado, se tivesse te conhecido. Porque, como te conhecer e não te amar, Olívia? Eu poderia ter te conhecido em mil ocasiões distintas. Inevitavelmente, te amaria em todas elas.

Engoli com força, para afugentar o nóculo que tinha se formado em minha garganta, e retomei:

— Eu me perguntei, muitas vezes, quando comecei a te amar. Elaborei algumas teorias, até. Mas, sempre que pensava em um momento específico, eu me dava conta de que já te amava antes dele. E, depois de tanto rebobinar os fatos, eu entendi que só o que eu precisava ter feito era ter pausado a fita no segundo inicial. Porque eu te amei quando te vi. As pessoas dizem que amor é uma coisa e atração é outra, mas você, minha linda, foi a mulher que me ensinou que as pessoas nem sempre estão certas. — Aproximei-me um pouco mais e passei o polegar abaixo de seu olho. — Não é irônico considerar o amor a maior tolice de todos os tempos e se apaixonar à primeira vista?

Levei sua mão aos lábios e depus um beijo casto no dorso.

— Linda, você, mais que todas as pessoas, sabe que eu sempre pensei que viveria a vida inteira sozinho. Vivi quase três décadas balizando minhas ações em um axioma que eu supunha inabalável até te conhecer. Naquela manhã, cerca de quatro meses atrás, quando eu te vi pela primeira vez, bastou um segundo, um único instante, para que os meus dogmas e aforismos sofressem uma ruptura irreversível. Uma que revogaria a única regra que governava a minha vida. Você entrou na minha vida, Olívia, e desconfigurou o meu sistema quando começou a colar suas figurinhas, todas premiadas, no meu álbum. Não é irônico alardear aos quatro ventos que você não repete figurinha e acabar desejando uma figurinha só pelo resto da vida?

Fiz um pequeno intervalo para me recompor, a fim de que minha voz não saísse tão embargada.

— Você entrou na minha vida e me apresentou a felicidade de um jeito que eu não conhecia; pura, genuína, perfeita — emendei. — Trouxe tudo o que eu não queria, e hoje é tudo o que eu quero. Trouxe o que nunca achei que precisaria, mas que hoje preciso tanto para viver. Você chegou de repente e me desmembrou sem tirar peça por peça. Você me desmontou de uma vez e me transformou na minha melhor versão. Uma que eu nem sabia que podia incorporar. Uma que em breve me tornará o melhor marido e o melhor pai que eu puder ser. Não é irônico declarar convictamente que você nunca vai se casar e passar o dia do seu casamento se afogando em nervosismo? Não é irônico achar que você nunca vai ser pai e se descobrir o homem mais sortudo do mundo porque vai ser pai de gêmeas?

Tive que parar por alguns segundos para não chorar como se tivesse cinco anos de idade. Quando voltei a sentir a voz firme, prossegui:

— Muita gente diria que estou pagando a língua. E talvez eu esteja. Mas, se estiver, nunca um homem pagou algo com tanto gosto. Nunca uma dívida foi considerada uma dádiva. Quando eu te pedi em casamento, achei que tivesse alcançado o ápice da felicidade. Então, descobrimos que seríamos pais, e minhas noções de felicidade foram atualizadas. Você as atualiza todos os dias, minha linda. É ao seu lado que eu me sinto feliz e completo. Você já foi a minha prima postiça maluca que derrubou sorvete de propósito na minha calça. A que saiu comigo em busca de um palhaço descabelado. A que viveu comigo a melhor e, literalmente, mais produtiva noite de tempestade. — Os padrinhos deram risadas. — Você já foi, por pouco tempo, minha namorada e minha noiva. E eu mal posso esperar para tê-la ao meu lado, para o resto da vida, como minha esposa.

OLÍVIA

— Te amo, linda. — Ele finalizou, segurando minha nuca e pincelando os lábios em minha testa.

— Te amo, Max — sussurrei, apoiando a mão em seu braço.

Precisei de alguns segundos fungando e me recuperando para conseguir começar meus votos:

— Lindo, lembra a carta que tia Ercília me escreveu e que você me entregou no dia em que nos conhecemos? Ela me encarregou de dizer algumas coisas no dia do seu casamento. — Fiz uma pequena pausa antes de prosseguir: — Disse que eu precisaria estar presente, e o que eu pensei enquanto lia foi: "mas, e se ele não me convidar?". — Ele sorriu, e os convidados riram. — Ela gostaria que você soubesse o quão feliz estaria se estivesse aqui. E queria que eu dissesse algumas coisas à sua noiva. Sobre isso, o que eu pensei foi: "não vou falar coisa nenhuma pra *essazinha*". Mas, olha só... *Essazinha* sou eu! — Mais risadas. — Bem, Olívia, tia Ercília disse que te ama por amar esse cretino. E que você é a mulher mais sortuda do mundo, porque ele é um homem extraordinário — falei a mim mesma. — De fato, eu sou a mulher mais sortuda do mundo, Max — ergui os olhos para fitá-lo —, porque você é o homem mais extraordinário que a Terra já viu. Mas ela estava errada quando disse que amolecer seu coração completamente rígido para o amor seria uma tarefa hercúlea. Foi mamão com

açúcar. Hércules teria feito com os pés nas costas.

Ele riu de um jeito sarcástico, enquanto os convidados gargalhavam, e eu pude ler um "sai pra lá, porra!" em sua expressão.

Tinha certeza de que também estava sendo difícil pra caralho para ele controlar os palavrões durante a celebração.

— Talvez pareça assustador à maioria das pessoas — continuei, depois das minhas próprias risadas — o fato de que, do dia em que nos conhecemos até o dia de hoje, se passaram apenas quatro meses. Quem não faz ideia da intensidade de cada um desses aproximados 120 dias que vivemos pensará que este casamento é um ato impensado e uma grande burrada. Mas eu poderia listar muito mais de 120 razões pelas quais, de todas as decisões que já tomei em quase duas décadas e meia de existência, me casar com o devasso que morava ao lado é a mais acertada da minha vida. São todos óbvios, mas eu gostaria de listar alguns dos motivos pelos quais eu quero e vou me casar com um homem que conheço há 120 dias.

Mirei seus olhos e comecei a falar:

— Porque sequer precisei de sete para começar a amar você, e porque vou amá-lo além da vida. — Tive que fazer uma nova pausa para não cair em um choro convulsivo. — Porque você é ainda mais lindo por dentro que por fora, por mais inacreditável que isso possa parecer. Porque você foi um filho extraordinário e um neto amoroso; é um irmão incrível, um amigo maravilhoso, um tio excepcional, e vai ser o melhor pai do mundo — continuei, me esforçando para não desabar.

Ele limpou os olhos, e o gesto aqueceu meu coração.

— Porque seus vocativos são palavrões e seus palavrões são verbos, advérbios, substantivos, interjeições e adjetivos — acrescentei. — Porque só você consegue me proteger do som ensurdecador das trovoadas. Porque a sua voz trovejando "que porcaria é essa, Olívia?" — nós dois e o pessoal da família rimos do "porcaria" — é o único trovão que, ironicamente, não me assusta. Porque você falando alemão é a coisa mais assustadoramente linda do mundo. Porque você é um tremendo *backpfeifengesicht*, e eu treinei a pronúncia usando o Google Tradutor, então provavelmente estou pronunciando igual ao meu nariz.

Ele riu, e eu tive certeza de que estava mesmo falando errado, mas foda-se, o que valia era a intenção!

— Porque você diz "beijinhos no nariz" para Sofia, e isso é a coisa mais fofa do mundo. Porque você é fofo, mesmo quando está dizendo que não é.

Em uma versão sem cortes, eu teria dito: "mesmo quando está dizendo que 'fofo de cu é rola'".

— Porque você sabe montar uma cabaninha de lençol com luzinhas e contar

historinhas da Disney, e eu mal posso esperar para ouvi-lo narrando Aladdin para as nossas filhas. Porque você me dá abraços quentinhos, apesar de odiar *Frozen* com todas as forças. Porque você sabe cantar *Let it go* em várias línguas. Porque você cantando *Revelry* coloca Caleb Followill no bolso. Porque *Sweet Child O'Mine* na sua voz faz com eu me lembre de que você é minha doce criança. Porque tem vinte e oito anos, mas age como se tivesse seis. Porque só você consegue ser tão infantil, dramático e ciumento quanto eu.

Ele sorriu, e eu emendei:

— Porque eu amo o seu sorriso, e odeio amar seu sorrisinho convencido.

E é claro que ele abriu o diabólico sorriso enviesado.

— Porque você tem um distúrbio chamado autoconfiança hiperbólica mesclada a um narcisismo megalomaniaco patológico. Porque eu sou patologicamente apaixonada pela sua aura devassa. Porque você é o devasso que me salvou com um telefonema. Porque tudo o que eu vivi até hoje só começou a fazer sentido quando eu disse "alô" e você respondeu "quem está falando?". Porque aquele telefonema mudou a minha vida. Porque eu não preciso estar em uma cobertura triplex na zona sul, bebendo champanhe à beira da piscina, com direito a massagistas gostosos, seguranças bombados e fãs histéricos na porta do prédio implorando por um aceno e um sorrisinho falso da sacada. Eu só preciso estar com você, na nossa casa. Você me faz sentir protegida e segura. Se eu tiver você, eu tenho tudo de que preciso. Eu te amo, cretino. — Finalizei pegando suas mãos e as beijando.

MAX

Eu queria puxá-la e beijá-la até perder o caralho do fôlego. Mas tomei suas mãos e as beijei em seguida, a fim de conter meus lábios impulsivos. Porque, apesar de já ter fodido algumas regras, eu ia respeitar a regra do beijo só após o "pode beijar a noiva".

Felizmente, o momento estava cada vez mais próximo, porque já estávamos fazendo os juramentos.

— Vocês aqui vieram para se unir em matrimônio. É de livre e espontânea vontade que o fazem? — o reverendo perguntou, estendendo o microfone.

— Sim — respondi.

— Sim — Olívia disse.

— É de todo o coração que prometem viver juntos, segundo os mandamentos

do Santíssimo, com a bênção do Pai para todo o sempre?

— Sim — falei.

— Sim — Olívia respondeu.

— Visto que vocês têm o propósito de contrair matrimônio, deem agora o seu consentimento na presença de Deus.

Ele posicionou o microfone e, então, eu repeti as falas:

— Eu, Max, te recebo, Olívia, diante de Deus, como minha esposa, e te prometo ser fiel, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-te e respeitando-te por toda a minha vida. E, agora, por nossa vida. Amém.

OLÍVIA

— Eu, Olívia, te recebo, Max, diante de Deus, por meu esposo, e te prometo ser fiel, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-te e respeitando-te por toda a minha vida. E, agora, por nossa vida. Amém.

E então, finalmente, foi o momento de colocar as alianças:

— Olívia, recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo — ele disse, todo sorridente, deslizando a aliança em meu anelar esquerdo.

— Max, recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. — Emocionada, coloquei a aliança mais larga que eu já tinha visto na vida, tanto quanto a minha, no dedo do cretino.

Foi tão lindo que eu queria balançar as mãos de emoção!

Em seguida, foi o momento da bênção. Max e eu nos ajoelhamos no altar, e o reverendo proferiu as palavras:

— Que Deus vos abençoe e vos guarde; que o Senhor Misericordioso vos dê as riquezas de Sua Graça, para que façais a Sua vontade, vivendo juntos na fé e no amor. Amém.

MAX

Ajudei Olívia a se levantar e, quando já estávamos de pé, o celebrante finalmente pronunciou as palavras que eu tanto queria ouvir:

— Eu vos declaro casados, esposo e esposa. Vocês agora já não são dois, mas *uma só carne*. E, portanto, o que Deus uniu, o homem não separe.

Foi foda pra caralho, porra! Mas não tão foda quanto o momento final.

Fiquei tão extasiado que não consegui esperar.

Tínhamos chegado até ali por causa de uma regra quebrada. Era justo arrematar as coisas quebrando um último protocolo.

Então, eu a puxei, e já estava inclinando-a e beijando-a, com uma mão em sua nuca e a outra espalmada na base de sua espinha quando ouvi o reverendo dizer, rindo:

— Pode beijar a noiva.

Os convidados riam e aplaudiam, e eu poderia morrer bem ali, e a vida teria valido a pena.

OLÍVIA

Era, certamente, o dia mais feliz da minha vida.

— Santo Deus, confirmai este compromisso de amor entre vossos filhos Max e Olívia. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém — o reverendo disse, e, em seguida, anunciou o momento das assinaturas.

Então, nós dois, os padrinhos e o celebrante assinamos a Ata e o Termo de Casamento Religioso com Efeito Civil, ouvindo a melodia de *All Of My Love*, de Led Zeppelin, sendo extraída dos violinos.

Assim que terminamos, o reverendo fez a oração final e concedeu a bênção apostólica.

E, assim, Max e eu estávamos casados.

MAX

Casados, porra! Casados! Olívia era, finalmente, minha esposa. E eu era seu marido.

— Parabéns, cabra! — Seu Francismar deu um tapa nas minhas costas, me abraçando na hora dos cumprimentos.

— Obrigado, seu Francis!

— Bem-vindo ao clube, puto! Parabéns, meu irmão! — Plínio me abraçou com força.

— Valeu, puto! — respondi, abraçando-o de volta, enquanto Susanne abraçava Olívia efusivamente do outro lado.

— Parabéns, meu puto! Agora é pai de família oficial! — Tito zoou em seguida.

— Pai de família é meu pau no seu cu, filho da puta! — Dei uma risada enquanto o abraçava.

— Sai, Titona! Deixa eu dar um beijo na minha puta casada! — Piolho bradou, me abraçando com euforia e beijando minha bochecha na zoeira. — Parabéns, minha quenga! Agora eu não vou mais comer seu rabo, *vêi* — ele sussurrou, como se fosse um segredo. — É adultério, tá ligado? E eu não quero ir pro inferno, mano!

— Vá se foder, Piolho! — devolvi, me afastando, e ele riu.

— Agora é sério, *vêi*. — Ele bateu no meu ombro. — Parabéns, Putão! *Cê* virou Grau 33 na *camisolice*, tá ligado?

— Logo você me alcança, quenga. — Dei uma risada.

— Fato. — Artur riu. — Felicidades, Max! Foi um puta casamento. Ainda tô emocionado com as coisas que você disse.

— Porra, obrigado, cara — Agradei, abraçando-o.

— Parabéns, tio! — Matheus puxou minha calça.

Olhei para baixo e avistei minha miniatura. E, pela primeira vez, não senti o ímpeto de chamá-lo de "moleque".

Abaixei-me e o abracei.

— Valeu, carinha. Obrigado por trazer isso aqui. É a coisa material mais preciosa que o tio tem — falei, mostrando minha aliança.

Ele sorriu, todo orgulhoso de si.

Passei a mão no cabelo dele e me levantei.

— Ah, é, mano! Parabéns aí pelo casório de Sofia com o *boyzim*, Plinião! Paizão da noiva! — Piolho deu uma gargalhada, e Plínio o fitou como se pudesse incinerá-lo com o olhar.

Eu estava rindo, porque estava feliz demais para ficar puto com a zoeira da quenga, quando bati os olhos em Olívia e me dei conta de que precisaria, nos primeiros minutos de casado, dar uma trovejada.

OLÍVIA

Max estava sendo cumprimentado pelos meninos enquanto as meninas me cumprimentavam:

— Ai, minha filha! Parabéns! — Lili foi a primeira a me abraçar. — Que São Sebastião e Santa Rita de Cássia protejam a união de vocês!

— Amém. Muito obrigada, Lili!

— Ai, meu *Deeeeeeeeeeeeeeeeeus*! Minha *cunhadaaaaaaaaaa*! — Suze me abraçou apertado em seguida. — Foi perfeito, Liv! Parabéns! Parabéns! Parabéns, Olívia Damasceno Dutra Vetter!

— Ai, que emoção! — exclamei, toda chorosa. — Obrigada, cunhada!

— Parabéns, tia Liv! — Sofia e Duda me alcançaram, abraçando minhas pernas.

— Ai, que fofas! Obrigada, Souf! Obrigada, Dudinha! — Inclinei-me para beijar as bochechas das duas. — Obrigada pelo meu caminho de flores, Duda! — Agradei, pegando um de seus cachinhos. Ela me mostrou os dentinhos de leite. — E você, Souf, fez tudo certinho, que nem uma princesa!

— Eu falei pro chatão que era pra gente entrar por favorzinho direitos no casamento do meu tio Max e da minha tia Liv. E perguntei se ele podia fingir só hoje que era um príncipe. Aí, ele falou que tá bom, e a gente entrou — ela respondeu com um sorriso.

— Ai, meu Deus... — Suspirei, e Suze também.

— Ai, que lindos, Sofia! — Lari elogiou, passando a mão no cabelo dela. — Você tá linda, linda! E você, Liv... Ai... Tão perfeita... O casamento foi tão maravilhoso! Nem vou desejar toda a felicidade do mundo, porque está claro que isso você já tem. Parabéns! — Ela me abraçou.

— Muito obrigada, Lari! Tô tão feliz!

— Com razão! — Malu exclamou, se aproximando para me abraçar. — Foi o casamento mais lindo que eu já vi, Liv! O amor de vocês é lindo demais. Max é um príncipe!

— Tira o olho do meu marido, perua! — falei, e nós duas caímos na risada. — Ai, eu *tava* doida pra usar a palavra "marido"! Ai, gente... Max é meu marido... — Comecei a chorar.

— *Nananinanão*! — Ícaro berrou, rodando o indicador no ar. — Foca nas inimigas pra não estragar essa *make* mara! Lá na festa a gente vai sambar de salto quinze, *maquiadérrimas*, na cara das biscates, com espumante na mão e ó — ele jogou a cabeça pra lá e pra cá — batendo o cabelão.

Tive uma crise de riso.

— Ai, meu Deus, Ícaro! Você é o melhor! — falei, abraçando-o com força.

— Que porra é essa, Olívia? — Max se materializou atrás de mim, e eu me virei imediatamente.

— Awn! Primeiro "que porra é essa, Olívia?" de casados, cretino!

Ele estava lindo, estreitando os olhos, com uma sobrancelha arqueada.

— Ai, maridinho, eu te amo! — falei, jogando os braços em seus ombros e colando nossos lábios.

Ele ficou todo derretido e começou a beijar meu pescoço, até que Suze deu uma tossida.

— Gostaria de lembrá-los de que isto é um santuário. E ainda não estamos nem na etapa da festa. Quiçá na noite de núpcias.

— Uma vez empata, sempre empata — falei, fingindo recriminá-la, ao me afastar.

Depois das risadas, Max e eu invertemos a ordem dos cumprimentos.

E, quando já tínhamos sido cumprimentados por todos os padrinhos, os fotógrafos e cinegrafistas, que já estavam fotografando e gravando os cumprimentos, se posicionaram para tirar algumas fotos conjuntas antes de sairmos da igreja.

Posamos com os padrinhos, com Lili, seu Francis e as crianças, e em seguida, iniciou-se o cortejo de saída, com o acompanhamento do quarteto de cordas, tocando *Here, There And Everywhere*, dos Beatles.

Quando Matheus e Sofia, os últimos a saírem, começaram percorrer o tapete, Max me ofereceu o braço e nós seguimos, sorrindo para as câmeras.

Lá fora, fomos recebidos pela nossa família com muitas risadas e bolhas de sabão. Parecia que estávamos em um reino encantado, e eu me senti tão amada, feliz e aquecida que as lágrimas desceram, quentes de felicidade.

E, enquanto todo mundo ria e sorria e soprava, eu fazia um agradecimento silencioso à pessoa que havia iniciado tudo aquilo:

"Obrigada, tia Ercília".

Ainda que não estivesse ali, desfrutando comigo, ela tinha me proporcionado o melhor dia da minha vida, que estava só começando.

82. A boda e a batizado, não vás sem ser convidado

OLÍVIA

Eu merecia um Oscar por conseguir interpretar tão bem o papel de noiva amável, educada, sorridente e autoconfiante quando, por dentro, eu era uma mistura corrosiva de ódio, fúria e possessão maligna.

Nem a minha horrorosa versão "panda possuído" era tão possuída quanto a minha versão "noiva possessa".

Tudo o que eu queria naquele momento era fincar as unhas nos olhos de todas aquelas vadias e, só para ficar completamente *zen*, arrancar as cabeças de Max.

As duas, porra.

Era fácil detectar quais daquelas piranhas ele já havia comido. E eu não precisava ficar atenta ao nível de intimidade do abraço ou à quantidade e apalpadelas e fungadas (algumas despistadas, outras completamente descaradas) dadas no pescoço dele durante processo. Tampouco havia necessidade de reparar nos sorrisinhos e olhares maliciosos que as putas direcionavam ao meu marido na hora dos cumprimentos.

Só o que eu precisava era receber o cumprimento em seguida, que vinha sempre acompanhado de um rápido abraço frouxo (nada parecido com o prolongado e apertado que elas davam nele), um sorriso amarelo (as mais recalcadas e menos educadas sequer sorriam) e um "parabéns" chocho, quase cuspidado, que elas podiam enfiar nos cus largos delas.

E Max, todo polido e sorridente com aquelas vagabundas, estava me dando nos nervos. A minha vontade era de enforcá-lo com o próprio pau, que, obviamente, eu arrancaria para esse fim.

O problema era que, à exceção das senhoras e crianças, todas as mulheres bonitas tinham me cumprimentado exatamente do mesmo jeito. Eu estava me sentindo uma idiota no meu próprio casamento.

E aquele discurso do "todas elas ficaram no passado, foi você que ele escolheu para viver ao lado pelo resto da vida, boba!" não servia para porra nenhuma, porque eu sabia disso, mas esse caralho não neutralizava meu ódio.

Sim, eu estava ciente de que tinha me casado com um devasso. Sim, é claro que eu sabia que as vagabundas estariam no nosso casamento, porque o filho da puta tinha comido todas as gostosas que conhecia. E, sim, eu tinha plena ciência de que precisaria lidar com o assédio desmesurado que ele recebia o tempo

inteiro pelo resto da vida, e me acostumar com isso, pelo bem do nosso casamento.

Mas o casamento mal havia começado e eu queria matar Max Vetter.

Estava considerando a possibilidade de assassiná-lo em plena noite de núpcias (depois da consumação, claro) quando uma ruiva peituda se aproximou.

Eu conhecia aquele cabelo de puta desclassificada. E o silicone saltando do decote escandaloso do vestido dourado também já tinha sangrado meus olhos uma vez.

Ele tinha convidado a...

Senti as pernas ficando moles e os ossos ficando gelados quando me dei conta de que, logo atrás dela, estavam duas loiras oxigenadas, e tão peitudas quanto.

Eu não podia acreditar que Max tinha convidado o trio da piscina para o casamento!

— Ainda bem que garantimos nossa vezinha, né, meninas? Porque, ao que parece, quem não sentou naquela maravilha, não senta mais! — Com uma gargalhada, a ruiva completou: — Parabéns pelo casório, meu lindo! — E o abraçou.

Meu lindo?

MEU LINDO?

MEU LINDO???

— Obrigado, Paty, mas apenas minha esposa tem o condão de me chamar de "meu lindo" — ele disse, tirando-a do abraço, quando eu estava prestes a fazer um escândalo.

Paty?

PATY?

PATY???

— Ah... — Ela abriu um sorrisinho sem graça. — Quem te viu quem te vê, Max... E não é que você se casou com a moça da sacada? Acabei fazendo parte da história de vocês! — Ela deu uma risada, passando a me abraçar. — Me sinto honrada! Parabéns, querida!

— Obrigada, querida! — exclamei, no mesmo tom falso que ela usou, dando um puxão no cabelo tingido de cor-de-puta.

— Ai! — ela gritou, levando a mão à cabeça e se afastando bruscamente.

— Ah, sinto muito... — falei, levando uma mão ao peito com pretensa ingenuidade. — Acho que meu anel de noivado enganchou no seu aplique. Ou teria sido a minha aliança?

Ela baixou os olhos para a minha mão, fitou o diamante junto da grossa argola dourada e, fazendo uma careta, se afastou.

As loiras foram mais discretas, cumprimentaram sem comentários ridículos e

saíram clicando os saltos pela passarela, atrás da cabelo-de-fogo.

Eu podia sentir a ansiedade de Max para me dizer alguma coisa, mas a fila de cumprimentos não nos dava a oportunidade de trocar sequer um olhar, quiçá palavras.

O babaca do Laerte foi o próximo. E precisei prender o riso quando notei as manchas azuladas ao redor dos olhos dele.

Em seguida, tive uma folga das putas, porque vários caras em sequência, que eu não conhecia, nos cumprimentaram.

Mas alegria de pobre dura pouco. De repente, ouvi um:

— Delícia!

Fulminei Drica, e ela se corrigiu:

— Quero dizer, Max! Parabéns por estragar sua vida se casando com *essazinha*! — exclamou, jogando os braços nos ombros dele e, pasme, beijando-o na bochecha, bem perto da boca!

Senti a raiva me inundar, mas não pude sucumbir ao impulso de voar no pescoço *daquelazinha*, porque ainda estava abraçando um convidado.

— Temos definições diferentes para o verbo "estragar", Adriana. No meu dicionário, isso eu fiz aos treze anos, em um episódio lamentável e não repetível da minha vida — ele respondeu, seco.

Eu deveria ter ficado satisfeita e contente com a resposta que ele deu, mas instintos de viúva negra ainda sondavam minha aura raivosa. Então, ignorei, preferindo alimentar minha raiva em vez de permitir que ela fosse amainada.

— Eu fui a primeira, Max, e esse posto nem você nem ninguém pode tirar de mim. Vou sempre ser a primeira do seu marido, fofa. — A cobra sibilou, dirigindo-se a mim quando o convidado que me abraçava passou a cumprimentar Susanne, que estava ao meu lado. — Já você, queridinha, acha mesmo que vai ser a última? — emendou, abrindo vaga para a próxima da fila cumprimentar Max.

Era muito bonita. Alta, magra, bronzeada, de olhos azuis e *long bob* castanho-claro, estava usando um belo e acinturado vestido rosa-chá e acessórios azul-cobalto.

— Obrigada por restaurar a minha fé nos homens, Max! — ela estava dizendo, mas não pude escutar o restante, porque a voz de Drica abafou a voz da desconhecida.

— Aproveita enquanto pode, queridinha, porque aposto que você vai ser desbancada do seu frágil posto logo, logo. Ele não vai conseguir ser fiel. Ficarei surpresa se esse casamento durar mais de seis meses — ela completou.

Eu tinha mudado de ideia sobre não convidar Drica. Achei que uma vadia a mais não faria diferença em uma festa repleta delas, e, para o bem ou para o mal,

aquela vadia em particular era irmã de Piolho, e a família dele inteira havia sido convidada. Seria deselegante deixar a ovelha negra de fora. Foi o que pensei, no ápice da minha polidez barra benevolência. Mas ali, no ápice do enfado barra repugnância, eu só conseguia agradecer aos Céus por arrependimento não ser mortal.

"Enfia o recalque no cu e vá destilar seu veneno na puta que te pariu!".

Era o que eu gostaria de ter respondido. Mas, em vez disso, mantive a classe e minha postura de noiva centrada e falei, esbanjando elegância e falsidade:

— Surpreendê-la é o meu forte, amada. Muito obrigada pelas felicitações!

Ela deu uma risada debochada e se afastou para cumprimentar Susanne.

A próxima mulher, a de vestido rosa-chá, se aproximou com um sorriso simpático.

— Oi, Olívia! Muito prazer. Andressa Larozzi.

Que maravilha. *A outrazinha.*

— Sinto muito pelos modos indelicados de minha irmã. Drica sabe ser bastante desagradável em certas ocasiões. Não liga, é só dor-de-cotovelo — ela emendou logo, toda sem graça.

Como eu não disse nada nem fui capaz de disfarçar minha cara de cu, ela prosseguiu, preenchendo o silêncio:

— Parabéns pelo casamento, foi maravilhoso! Chorei horrores com todas as coisas lindas que vocês disseram um ao outro. Acabei de me divorciar, sabe? Ainda estou me recuperando do golpe que sofri. Não é fácil ser trocada por uma garota de dezesseis anos. — Ela deu uma risada amarga, e eu admirei sua coragem em admitir, tão abertamente, um fato que a maioria das mulheres ia preferir manter em segredo de Estado. — Estava totalmente desiludida, mas ter conhecido um pouco da incrível história de vocês me fez acreditar de novo no amor. Quem sabe ainda há salvação para mim, não é? Muito obrigada!

Porra, a vaquinha já tinha transado com o meu marido (se eu não soubesse disso, e se ela não fosse absolutamente linda, eu nem teria suspeitado, devido a tanta amabilidade). E, ainda por cima, ela tinha dado o cu para Plínio! E era irmã de Drica. E filha de um bilionário (as pedras do colar deviam ser safiras!). Eu não podia, por mais aparentemente amável e "sofrida" que ela fosse, ser gentil com ela.

— Uma coisa que aprendi é que o amor pode estar, literalmente, ao nosso lado. Às vezes, só precisamos dar uma olhada ao redor. Lembre-se disso da próxima vez — aconselhei, quando ela me abraçou.

A intenção não era ser gentil, porra! Mas acabei dando o melhor conselho do mundo, coroado por um sorriso amabilíssimo.

Qual era o caralho do meu problema?

Hormônios. A gravidez gemelar tinha deixado meu coração duplamente amolecido.

— Vou me lembrar. Obrigada! — Ela abriu um sorriso radiante, branquíssimo, que eu quis socar quando pensei naquela boca em...

Fechei a expressão, imaginando um jato de ácido sulfúrico sendo esguichado na cara dela. Provavelmente, ela pensou que eu fosse bipolar, mas foda-se.

— Oi, Susanne. Parabéns pelo casamento do seu irmão. A decoração está maravilhosa! Tenho certeza de que você... — Ela estava dizendo a Suze, mas eu já não podia ouvir, porque o próximo convidado já estava me felicitando.

Sobre o infeliz encontro das duas, eu estava certa de que Suze jamais faria um escândalo, principalmente porque os cumprimentos estavam sendo filmados (para serem editados e incorporados ao vídeo do casamento. A propósito, eu escolheria retirar todas aquelas vagabundas da filmagem).

Pouco depois, fui cumprimentada pela mãe de Matheus, que eu já conhecia, por causa dos ensaios das crianças. Milena era uma mulher bonita, mas extremamente comum. Era magra e bem baixinha, muito *mignon*. Tinha cabelos lisos e castanhos na altura dos ombros e olhos cor-de-mel. Era um amor de pessoa; comigo, com Suze e com todo mundo. Estava usando um vestido pêssego e delicados acessórios dourados.

Enquanto ela me abraçava, um homem alto, levemente familiar, cumprimentava Max como se fossem velhos conhecidos.

A única coisa que consegui pescar foi que ele não fazia ideia de que Max era o noivo, só descobriu quando o viu entrar, e eu não entendi porra nenhuma, porque, já que ele não sabia disso e não era meu convidado, por que estava no casamento?

— E este é meu marido — Milena completou, logo depois de me felicitar, quando o pseudopenetra terminou de cumprimentar Max.

Caralho, era o pai de Matheus!

Por isso parecia que eu o conhecia!

Puta que pariu... Matheus era o pai dele em versão miniatura!

Era o mesmo cabelo liso e superpreto, embora, obviamente, o pai não usasse o corte infantil mais usado pelos garotinhos de cabelo liso que o filho exibia.

Matheus tinha herdado do genitor todos os belos traços exóticos, coisa da qual eu já suspeitava, já que Milena não tinha características asiáticas. Os olhos de seu marido eram levemente puxados e atipicamente verde-azulados, tais quais os olhos de seu filho. As sobrancelhas eram muito pretas e espessas. A boca tinha o mesmo desenho quase feminino, típico dos lábios cheios dos orientais mais bonitos.

Antes de conhecer os pais de Matheus, eu pensava que a criança fosse nissei

ou sansei. Mas, claramente, havia uma mistura muito bem-sucedida de nacionalidades em sua árvore genealógica.

— Eduardo Miyake — ele disse, estendendo a mão para mim.

Onde eu já tinha ouvido aquele nome?

— Muito prazer — acrescentou, com os olhos em Suze, que, palidamente, abraçava Milena enquanto o fitava.

A troca de olhares dos dois fez a minha ficha cair.

Putá merda!

Que merda!

Não podia ser, porra!

Ela sabia? Ela sabia que o pai de Matheus era o tal Eduardo que Plínio queria ver amarrado nos trilhos, à espera do trem, ou debaixo de uma roda de caminhão?

Não, ela não sabia. Teria me dito, com toda certeza!

— O prazer é meu — respondi, enquanto ouvia, simultaneamente, os parabéns dele e a conversa entre as duas mulheres.

— Edu me disse que foi seu colega! Que coincidência! — Milena estava sorrindo, o tipo genuíno de sorriso que só a ignorância a respeito do passado do marido com Suze seria capaz de sustentar.

Eu estava puta, porque não podia prestar atenção às expressões de Suze e Plínio enquanto respondia aos cumprimentos do tal Edu, mas, graças a Deus, aquilo estava sendo gravado.

Tínhamos conversado um pouco com Milena durante os ensaios, porém, geralmente, falávamos de trivialidades e vida doméstica, coisas como decoração, organização, maternidade e o fato de que Matheus gostava de Sofia. Milena estava perfeitamente ciente do fato, a propósito, e achava uma graça.

Tínhamos até tomado café juntas uma vez, com Nanda, mãe de Duda, depois de um dos ensaios, e conversado um bocado sobre crianças, o que achei ótimo, porque aprendi uma porção de coisas úteis sobre bebês.

Enfim... Sempre que citava o marido, Milena dizia coisas como "meu marido trabalha demais". Nunca havia mencionado sequer o primeiro nome, e nem Susanne nem eu questionamos. Nem para incluí-lo na lista de convidados, porque, quando fomos nos preocupar com isso, Marta nos alertou de que já tinha perguntado e adicionado o nome "do cônjuge da mãe do noivinho" à lista.

Marta e sua proficiência nos tinham deixado às cegas a respeito da presença do ex-pequeto de Suze no casamento.

E agora ele estava ali, abraçando-a sob o olhar irado de Plínio (tive que dar uma pescoçada — não aguentei — e, em seguida, precisei fingir distração ao próximo convidado, que já me esperava para fazer seus cumprimentos).

— Oi, Suze. Há quanto tempo... — Eduardo estava dizendo.

Abracei o convidado rapidamente, para não perder o cumprimento dos rivais, mas foi em vão, porque a convidada seguinte era Fabi, minha ex-vizinha. A da xícara de açúcar, para quem doeí meu edredom.

Fabíola era expansiva pra caralho e meio doida, mas muito simpática e gente fina. Era professora de educação física recém-formada e, embora tivesse um estilo de vida simples, era vaidosa, cuidava do corpo e sabia se arrumar com o que tinha. Estava usando um vestido preto básico e sandálias nude.

Pouco antes de deixar a cidade, eu tinha ensinado a ela o truque do coque após usar o secador para ondular o cabelo e, aparentemente, ela tinha aprendido direitinho. Seus fios castanho-escuros desciam até o meio das costas, soltos, ondulados e adornados por uma presilha lateral. Ela nunca usava os óculos em eventos sociais, apesar de precisar deles por ter vários graus de astigmatismo. Então, suas íris castanhas estavam livres das lentes grossas.

— Olívia! Menina de Deus, tô chocada com esse casamento de rica! Coisa de novela! Luxo total, minha filha! Que evolução, hein! Parabéns! Você está maravilhosa! E o casamento foi perfeito! Lindo e grã-fino demais! Imagino a festa! — despejou, enquanto me abraçava.

— Obrigada, Fabi! Que bom que você conseguiu vir! Fiquei muito feliz, viu?

— Tá louca? Eu não perderia por nada! Pulei de alegria quando recebi aquele convite finíssimo e com direito a convidado, ainda por cima! E, desculpa, mas preciso te dizer... — Ela começou a cochichar no meu ouvido. — Que noivo divino, viu... Senhor Jesus Amado... Eu nunca tinha chegado perto de um homem tão gostoso. Imagina abraçar... Tô com as pernas moles, *fia*... Ele é tão alto, tão forte e *tããããã* cheiroso, né? Nossa Senhora, que homem, sua sortuda!

Nem consegui ficar puta pelo descaramento. Ela só estava constatando fatos, coitada. Eu estava puta era por ela ter fodido meu momento de vislumbrar uma pequena treta.

Estava furiosa com Max, e queria ver a cara de Plínio porque tinha certeza de que Suze tinha ficado possessa com a presença de Andressa e, já que Max não teria como ficar puto com a presença de um ex-peguete meu, queria ver Plínio irado com um ex de Suze. Precisava de pelo menos um homem daquela família provando o mesmo gosto amargo de precisar tolerar ex-peguetes.

— Nossa, e os padrinhos? Tudo delícia! Tem algum solteiro? — Fabíola continuou cochichando.

Dei uma risada.

— Todos comprometidos, Fabi.

— Aff... — Ela fez uma careta. — Pelo amor de Deus, me apresenta algum ricaço gostosão solteiro! É só o que eu te peço! Preciso sair daqui encaminhada

na vida, porque nunca mais vou ser convidada *prum* evento desse nível. Só tem cara gato e rico aqui! Cada bunda... Cada *relojão*...

— Tá empacando a fila, Fabíola. — Ouvi uma voz masculina e mal-humorada dizer e, quando ela se afastou, a contragosto, eu o vi.

E não podia acreditar que ele estava ali, exibindo ruguinhas ao redor dos olhos castanhos ao sorrir para mim.

— E aí, princesa?

83. Roupa suja (não) se lava em casa

MAX

— E aí, princesa? — disse o cara alto, na casa dos quarenta anos, que tinha acabado de me cumprimentar, apresentando-se como Fábio, irmão de Fabíola, ex-vizinha de Olívia.

Indignado e furioso, virei o pescoço imediatamente, mas fui abordado por Nunes, juiz alocado na 4ª Vara Cível da Comarca, que começou a me cumprimentar contando uma piada que, aparentemente, envolvia sentenças definitivas e casamentos.

Eu jamais poderia saber, porque, enquanto fingia escutar, estava atento a cada movimento do sujeito ao lado.

— Fabinho... — Ouvi Olívia dizer, em um tom sorridente, e senti uma punhalada.

Fabinho?

FABINHO??

FABINHO???

Engoli o "que porra é essa Olívia?" e comecei a trincar os dentes.

Eu não podia perder o controle ali, durante os cumprimentos do meu casamento, diante de todas as pessoas que me conheciam pessoal e profissionalmente.

— Como é que você conseguiu ficar ainda mais gata desde a última vez que a gente se viu? — o filho da puta perguntou, abraçando-a.

Eu estava enxergando tudo vermelho e embaçado. O mundo ao meu redor tinha perdido contornos e nitidez.

— Mas, falando sério agora, Max — Nunes continuou, apertando meu braço, e, apesar de ele ter idade suficiente para ser meu pai, eu quis socá-lo por estar ali, me impedindo de explodir. — Parabéns pelo casório!

— Bondade sua, Fabinho! — Olívia estava respondendo, abraçando-o de volta.

Levei a mão à gravata, afrouxando-a para controlar o impulso de puxar o desgraçado e esmurrá-lo até matar.

— Fui visitar Fabi essa semana e passei a viagem inteira achando que a gente ia se ver e tal, como nos velhos tempos, mas chego e descubro que você não só tinha ido embora como ia se casar!

Eu estava tão puto que mal conseguia respirar. Minhas têmporas latejavam, e "velhos tempos" se repetia em minha cabeça enquanto Nunes movia os lábios.

— Max?

Pisquei, focalizando o rosto do juiz.

— Tá sentindo alguma coisa? — ele perguntou, e eu me forcei a sorrir, enquanto ajustava a gravata.

— Pois é... Aconteceu tudo tão rápido! — Ela estava dizendo ao meu lado.

— Só calor — respondi.

— Já é o sufocamento do casamento, filho. — Nunes bateu no meu ombro, dando uma risada e se afastando para cumprimentar Olívia.

— Você está empacando a fila, Fabinho — a tal da Fabíola alertou.

— Tô indo... A gente conversa lá na festa, princesa.

Ao ouvir isso, mandei o autocontrole à puta que pariu.

Estava virando o corpo, disposto a fazê-lo engolir aquele "princesa" com um murro quando fui subitamente abraçado.

— Doutor Vetter! — Era Samantha, estagiária do escritório, jogando os braços nos meus ombros. — Não acredito que perdi o melhor partido da cidade!

— Claro! Sento lá na mesa de vocês! — Olívia exclamou.

— O que me consola é que, pelo menos, tive a chance de conhecer o que você possui que é ainda maior que o seu conhecimento jurídico! — Samantha completou, afastando-se para gesticular com as duas mãos.

— Pra gente relembrar as nossas noitadas! — Olívia emendou, enquanto ele se afastava, e uma entidade maligna se apossou de mim.

Noitadas?

NOITADAS??

NOITADAS???

Com aquele cara? Ela tinha transado com aquele sujeito?

Com um cara que tinha idade pra ser pai dela e que, ainda por cima, a chamava de "princesa"?

— Você sabe massagear o ego de um homem, Samantha — comentei, só para pirraçar minha esposa, que já estava sendo cumprimentada por Nunes.

— Como se você precisasse disso, Max... Mas sei, sim. E não só o ego — a estagiária devolveu, mordendo o lábio.

"Sei disso", pensei em responder, abrindo um sorriso malicioso.

Eu estava puto, e poderia levar aquilo a outros níveis, só para provocar Olívia, mas decidi que aquele tipo provocação surtiria o efeito esperado nela, mas só me criaria problemas posteriores com Samantha no escritório.

Então, cortei a conversa fiada:

— Obrigado pelas felicitações.

— Mas eu não te felicitei... — ela disse, usando um tom manhoso e levando a mão ao decote do vestido para atrair meu olhar.

Era um decote bastante generoso.

Subi os olhos e respondi:

— Se não pretende fazê-lo, poupe-nos do dispêndio de tempo. — Gesticulei para que ela seguisse o caminho.

— Ai, ai... Quando você fala assim... — Samantha suspirou. — Parabéns, Max... — Então me abraçou de novo e, quando agradei, abriu espaço para o próximo convidado, que era Lutero.

— Max! Felicidades, meu filho! — Ele me abraçou apertado.

— Obrigado, Guerrattão! — Eu o abracei de volta, e acabei perdendo o que Samantha disse a Olívia.

— Seu pai teria orgulho do homem que você se tornou — ele disse, me segurando no ombro, pousando os olhos verde-azulados nos meus. — Ele não está aqui para te dizer isso, mas eu estou. Tenho orgulho de você, Max. Vi você crescer e se tornar um grande homem. E agora estou prestes a vê-lo se tornar um grande pai. Parabéns!

— Obrigado, Lutero — falei, enquanto ele batia no meu braço.

— Agora me deixa cumprimentar essa beldade que é a sua esposa! — Risonho, ele se afastou para cumprimentar Olívia.

— Que lindo que você está, Max! — Ada me cumprimentou em seguida. — Toda vez que te vejo você está mais lindo, menino!

— E a senhora, cada dia mais gostosa — brinquei, só para vê-la corar, como sempre.

— Minha autoestima sentiu sua falta. Preciso vir mais vezes ao Brasil. — Ela riu, me abraçando. — Fiquei muitíssimo feliz em constatar o quanto você ama sua esposa, e o quanto é reciprocamente amado. Isso é tão maravilhoso! Parabéns pelo casamento, querido. Foi o mais lindo que já vi. Chorei a cerimônia inteira. — Ela soltou um suspiro.

— Muito obrigado, Ada. — Agradei com um sorriso.

Minutos depois, a fila tinha acabado e estávamos, enfim, livres dos cumprimentos.

Assim que todos os convidados já tinham se dirigido para a festa, fomos comunicados de que faríamos uma rápida sessão de fotos antes da entrada no salão.

O clima estava pesado pra caralho. Só Tito e Larissa e Ícaro e Artur pareciam bem. Suze e Plínio estavam com péssimas caras, assim como Piolho, Maria Luísa, Olívia e eu.

— Precisamos de um tempo a sós. — Interrompi o que Marta estava dizendo.

Ela argumentou que o tempo era curto e, no estado de raiva em que eu me encontrava, não sei como consegui sorrir e dizer:

— Dez minutos.

Ela sorriu de volta e assentiu, dizendo que nos esperaria do outro lado do lago.

Quando ela e toda a equipe do cerimonial e do estúdio se afastaram, puxei a mão de Olívia e comecei a guiá-la para longe do templo.

Plínio e Piolho fizeram o mesmo com Suze e Maria Luísa, enquanto Ícaro gritava:

— Eu não acredito que vocês estão indo dar umazinha antes da festa!

— Dessa vez não, Ícaro. — Ouvi Tito dizer, sério. — Deu merda.

PLÍNIO

— Você sabia disso, Susanne? Sabia que aquele filho da puta era pai do moleque? Eu não acredito, realmente, não acredito que você... — Com as mãos na cintura soltei o ar, tentando controlar minha ira.

Estávamos em um ponto afastado nos jardins da fazenda, mas eu podia ouvir vozes alteradas vindo de algum lugar não muito distante.

— É claro que não, Plínio! Como eu poderia saber?

— Não sei... — ironizei. — Participando de reuniões escolares? Ouvindo o sobrenome do moleque nessas porras de escola? Organizando a merda do casamento, talvez?

— Eu não sabia! Nunca ouvi o sobrenome na escola! E quem cuidou do convite deles foi Marta! E eu não sei por que você está tão puto! Quem está puta sou eu!

— Você? O cara pra quem você deu é pai do moleque que é doido pra comer minha filha! E é você que está puta?

— Você enlouqueceu, Plínio? Eles têm seis anos! Seis!

— Tudo bem, você quer que eu romantize a coisa? Eu romantizo essa porra! O cara que sempre foi apaixonado por você é pai do moleque que é apaixonado pela minha filha! Está satisfeita? Esses Miyake de merda estão achando que vão roubar minha família! — Dei uma risada sarcástica.

— Matheus é uma criança, e Edu é casado, Plínio! Desconfia! Ele é casado, assim como nós! Tem esposa e dois filhos! Pelo amor Deus, tudo o que aconteceu ficou no passado!

— Você acha que eu sou cego? Acha que eu sou idiota, Susanne? Ele ainda te olha daquele jeito apatetado de sempre. Do mesmo jeito que sempre olhou! O infeliz ainda é apaixonado por você!

— E você acha que eu não vi o jeito que você abraçou aquela vagabunda? Que foi? Sentiu saudade da bunda em que você enfiou esse seu pau sujo? Você acha que eu sou tola, Plínio? Acha que eu não te peguei manjando a bunda daquela vaca quando ela se afastou?

— Eu? Você tá louca! Para de tentar virar a mesa, Susanne!

— Virar a mesa? — ela disse com indignação. — Você come o cu daquela ordinária e a cumprimenta como se nada tivesse acontecido! E ainda tem a cara de pau de sorrir pra ela! Por que você a cumprimentou sorrindo, filho da mãe?

MAX

— Eu estava sendo educado, Olívia! — justifiquei. — Você queria que eu fizesse o quê? Que cuspsse na cara delas, porra?

— No mínimo! — ela gritou. — Você estava dando corda pra elas, Max! Era todo sorrisos e abraços!

— É assim que se cumprimenta as pessoas! — retruquei.

— Eu nunca me senti tão humilhada em toda a minha vida! Você convidou as vagabundas da piscina para o nosso casamento! Eu vi você com elas, Max! Com as três! E você as convida para o dia mais importante da nossa vida? Em que porra de mundo você achou que eu não ficaria puta com isso?

— Eu não as convidei nominalmente, caralho! Elas são filhas solteiras de amigos meus. Os convites eram extensivos às famílias! O que você queria que eu fizesse? Que abrisse exceções? "Ao Doutor Montalvão e Família, excetuando-se sua filha Patrícia Montalvão?".

— Patrícia meu ovo! Você chamou a piranha de "Paty"! "PATY"! — Ela deu um soco no meu peito.

— E o que você me diz do seu "Fabinho"? De cu é rola! E te chamando de "princesa"! Você não faz ideia do quanto eu precisei me controlar para não matar aquele filho da puta!

— E o que você me diz dessa "Paty" te chamando de "meu lindo"? "Meu lindo", Max!

— Eu a corriji, caralho! Você, por outro lado, estava adorando o tratamento

real daquele velho! Um sujeito com mais de quarenta anos!

— Ele tem trinta e sete! — ela retificou, e eu senti meu peito dilacerar.

Não consegui dizer nada por vários segundos. Só fitei-a, sentindo o coração sangrar e a garganta doer.

— Você já transou com ele? — perguntei, quando consegui falar, mesmo sabendo a resposta.

Ela ficou em silêncio.

— Um sujeito com idade pra ser seu pai, Olívia... — falei, com o mais profundo desprezo. — E você passando noitadas com ele...

— Deixa de exagero! E eu falei isso das noitadas pra te pirraçar! "Você sabe como massagear o ego de um homem, Samantha". — Ela me imitou, fazendo uma voz grossa. — Você acha que eu não vi você com a cara nos peitos dela, cretino?

— Cara nos peitos dela? Você enlouqueceu, Olívia? Para de inverter a ordem das coisas, porra! Eu disse isso do ego pra te pirraçar pelas noitadas!

— E eu falei das noitadas pra te pirraçar pelo que aquela vadia disse sobre o seu pau ser maior que o seu conhecimento jurídico!

— Ela estava só constatando fatos. E eu pago o pato?

PIOLHO

— Exatamente! — Maria Luísa respondeu.

— Mas foi ela que falou a parada da saudade da anaconda, mano! *Cê tá sendo injusta comigo, tá ligado?* E foi Putão quem convidou a mina, *véi!*

— De onde você conhece aquelas mulheres, Lucas?

— Da vida, ué!

— Da vida? Elas são prostitutas? — ela gritou.

— Não, né, mano! Pra que eu vou pagar se posso conseguir de graça... — Calei a boca quando ela me fuzilou. — Fica calma, mano... — falei, estendendo as mãos.

— Calma? — ela berrou. — De onde. Você. As conhece. Lucas? — repetiu.

— Eu acho que foi... — Fiz uma pausa para me lembrar.

Tinha sido numa festa do escritório de Putão, há uns quatro meses. Ele me chamou, e tinha saído de lá com três gatas; uma ruiva e duas loiraças. Depois que saí da festa, participei de uma suruba com umas minas, inclusive com uma

sósia da Katy Perry pra lá de arrumada (que também estava no casamento). Como eu tinha trocado telefones com várias minas antes de deixar o local, a ruiva tinha me ligado no dia seguinte, marcando um esquema com outras minas gostosas.

O que eu podia fazer? Dizer não?

Nem se eu fosse doido, mano!

— Foi numa festa aí, do escritório de Putão, saca? Ele pegou as minas, e depois eu...

— O quê? — Ela arregalou os olhos. — Vocês dois...

— A gente nunca foi egoísta, mano. — Dei de ombros, interrompendo-a.

Ela ficou me fitando como se eu fosse muito sem noção, *véi*.

Decidi que era hora de virar o jogo e confrontá-la com a minha recente e inacreditável descoberta.

— Nem vem fazer essa cara, tá ligado? — censurei. — Por que *cê* nunca me disse que é rica, Maria Luísa?

— Ah, nem vem tentar mudar de assunto, Lucas! — ela gritou. — "Paty"! Você chamou aquela criatura odiosa de "Paty"!

— *Cê* que tá mudando de assunto, mano!

— Quanto tempo você demorou para me chamar de "Malu"? — ela acusou.

Soltei um suspiro frustrado.

— Mano, para de se comparar a essas minas que eu já comi, tá ligado? Você é diferente de todas elas. E eu só chamei a mina de "Paty" porque eu não sei o nome dela, *véi*! Os caras da suruba *tavam* tudo chamando de "Paty", e eu entrei na onda, saca?

— Meu Deus! Como você é sem-vergonha! Nem tenta dissimular!

— *Cê* queria que eu dissimulasse? Queria que eu simplesmente inventasse uma parada pra te tapear? Queria um namorado que mentisse pra você?

Ela ficou em silêncio. Cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha petulante enquanto me fitava com desdém.

— Porque eu tenho uma namorada que mente pra mim, e posso te dizer que a sensação não é das melhores — alfinetei.

— O que você queria, Lucas? Que eu chegasse e me apresentasse: "oi, professor. Bom dia. Eu sou novata. Meu nome é Maria Luísa, e eu sou rica". Eu estudo no colégio Atenas! Você, mais que ninguém, devia saber que eu não passo fome!

— Ah, mano, para de botar panos quentes, *véi*! Você não é rica como os outros alunos. É milionária!

— E você é bilionário, Lucas Larozzi *Guerratto*! — Ela frisou o sobrenome.

— Foi por isso que você se interessou por mim? Lamento dizer, mas o

bilionário é meu pai. E eu não quero um centavo do dinheiro dele. Se está à procura de um bom partido, garanto que estará melhor com um daqueles *playboyzinhos* de merda da escola que com o seu professor de Português.

Ela arregalou os olhos e levou uma mão ao peito enquanto me fitava, boquiaberta.

— Pode fazer a cara que quiser, tá ligado? Meu pai te conhece, mano! Até minha mãe te conhece! Você sempre soube quem era minha família e nunca me disse nada, Maria Luísa!

— Isso não é verdade! Quando te vi pela primeira vez, tive a impressão de que te conhecia de algum lugar. Mas logo descartei a hipótese, porque nunca na vida teria te visto e me esquecido de você, Lucas. Só fui entender as coisas quando te fuzei no Facebook e vi as fotos das suas irmãs. Conhecia seus pais e Andressa de alguns jantares beneficentes e outros eventos do meio empresarial. Foi quando entendi o porquê da sensação de familiaridade do seu rosto. Você se parece muito com seu pai.

— *Cê* viu a cara que ele fez quando perguntou se a gente *tava* namorando?

— Ele ficou tão feliz... Como se tivesse descoberto a fórmula para ganhar do mercado! E você teve a coragem de dizer que não, Lucas! Você disse: "não viaja, velho. Tô só pegando, tá ligado?" — ela respondeu, magoada.

E com razão, claro. Mas eu não podia ter respondido de outro modo, mano. Na moral.

— *Cê* queria que eu dissesse o quê? O maior sonho do meu pai é ter um herdeiro à altura do império Guerratto. Um herdeiro que o filho dele nunca quis ser. O velho é louco para que eu me case com uma mina rica, Maria Luísa, e tenha um filho "sangue puro" pra me substituir. E tudo o que eu faço, desde a adolescência, é contrariá-lo. Meu cabelo contraria meu pai. Minha profissão, meu estilo de vida, a maioria das minhas amizades, todas as namoradas que eu já tive, meu linguajar, minha vida sexual desregrada, tudo. Tudo sempre o contrariou.

— Qual é o seu problema com o seu pai, Lucas? — ela perguntou sem rodeios.

— Tudo o que ele é. Classista, homofóbico, machista, preconceituoso e hipócrita. Ele participa de eventos de caridade, tira fotos com criancinhas na África, visita comunidades carentes, apoia ONGs, faz doações e esse *carai* todo. Mas é tudo pelo enfoque positivo da mídia. Na vida real, nada que saia dos padrões dele e dos valores que ele considera dogmáticos é aceitável. Pra você ter uma ideia, na cabeça retrógrada do velho, se minhas irmãs tiverem filhos, eles não servem para presidir o Grupo, por mais qualificados que, porventura,

possam se tornar. Eu sou a única esperança do soberano absolutista. — Dei uma risada debochada. — Sempre fui completamente diferente dele. Nunca condicionei minhas amizades e relacionamentos a classes sociais, credo ou à cor de pele das pessoas. Quando eu era adolescente, vivia me perguntando se era mesmo filho dele, apesar de todas as gritantes semelhanças físicas. E o fato de ele ser filho único foi a única coisa que me impediu de pensar que eu pudesse ser filho de algum tio. Qualquer hipótese absurda de filiação me parecia mais provável que a verdade estampada na minha cara. Felizmente, nem tudo é genética e nem tudo é criação. Algumas pessoas conseguem abrir suas mentes independentemente do medievalismo circundante.

— Seu pai pertence a outra geração, Lucas. É injusto desejar que o pensamento dele, pautado nos valores que ele absorveu na infância, há tantos anos, se adeque ao nosso, como se, de uma hora para outra, ele pudesse se reconstruir. É comum que pessoas mais velhas sejam retrógradadas em relação a assuntos que a nossa geração está começando a flexibilizar.

— Isso não é desculpa, Maria Luísa. Não há justificativas que posam balizar a recusa de um ser humano de se tornar uma pessoa melhor em relação aos outros.

— Não é tão simples, a recusa. Você faz parecer uma escolha, quando não é.

— É claro que é uma escolha! — objetei.

— Ninguém escolhe ser o que é, Lucas. O que podemos escolher é se vamos ou não assumir quem verdadeiramente somos.

— Podemos não escolher quem somos, mas somos livres para mudar e nos reinventar, se quisermos. Ninguém é imutável, Maria Luísa.

— Você nasceu assim e sua personalidade contraria seu pai ou você criou uma personalidade só para contrariá-lo?

— Não nasci Lucas e me reinventei como Piolho, se é o que está perguntando. Confesso que faço coisas para deixá-lo ainda mais insatisfeito, mas nasci como sou, e isso sempre o incomodou. Já tivemos discussões terríveis. Não falamos o mesmo idioma e, graças a Deus, não precisamos mais dividir o mesmo teto ou qualquer coisa. Ele depende de mim para ter o que mais quer na vida, e que, ironicamente, o dinheiro não pode comprar. E é exatamente o que eu faço questão de dizer, toda vez que o vejo, que ele nunca vai ter.

— Uma nora rica e um neto — ela completou com tristeza, e eu não consegui dizer nada.

Eu tinha sido estragado por Maria Luísa, e, quando aceitei o fato, descobri que ela estava estragada para mim.

Por que ela tinha que ser tão rica, mano? Por quê? Isso fodia tudo.

— Você vai terminar comigo só para não assinar um acordo de paz com o seu pai? — Ela quis saber. — O que você pretende fazer, Lucas, agora que

descobriu que não sirvo para ser sua namorada?

Fixei os olhos nos dela e engoli em seco.

Que *carai*, mano... Por que eu não tinha me dado ao trabalho de pesquisar o sobrenome de Maria Luísa antes de permitir que as coisas chegassem àquele ponto?

Por que eu estava tão desligado na adolescência para prestar mais atenção às conversas de meu pai sobre a fortuna dos Forcatto?

Por que eu não tinha me dado conta da armadilha que o destino estava preparando para mim?

PLÍNIO

— Porque eu sou burro! Por isso não percebi antes! — esbravejei.

— Plínio, pelo amor de...

— Nunca me senti tão burro em toda a minha vida! — interrompi. — Eu o vi. Uma vez, num dia dos pais da escola. Eu o vi, Susanne. Na escola de Sofia. Reconheci o filho da puta e, mesmo assim, sequer pensei que ele poderia ser pai de algum colega dela. Como fui estúpido! — Bati a mão na testa. — Como eu nunca reparei que o moleque é a cara daquele desgraçado? Estava na minha cara o tempo todo, porra! Aposto que você notou! Aposto que, assim que bateu o olho no moleque, você se lembrou do seu coleguinha.

Ela prendeu os lábios para não rir, e isso me deixou infinitamente puto.

— Posso saber do que você está rindo?

— De você, agindo como se ainda fôssemos adolescentes. Esse seu ciúme de Edu é absolutamente infantil...

— Ah, então vamos falar do seu ciúme em relação a Dessa, que é supermaduro.

— "Dessa"? — ela questionou, indignada. — "Dessa", Plínio?

— Você chama aquele filho da puta de "Edu", Susanne! Vou chamar Andressa do que eu quiser!

Ela me fulminou com um olhar, e eu me senti parcialmente vingado.

— Edu sempre foi meu colega! Virou hábito! — justificou.

— Claro que virou... Assim como trepar com ele enquanto eu estava fora! E, enquanto você dava pra esse filho da puta, o que eu estava fazendo, Susanne? — Fiz uma pausa proposital. — Ah, é... Estudando! Estudando para poder me casar

com você!

— Estudando? — Ela deu uma gargalhada. — Faça-me o favor, Plínio Theloni! Estudando o quê? Anatomia feminina? — ironizou.

— Uma disciplina importantíssima na grade curricular do curso de Medicina — pirraça.

— Como você é ridículo, Plínio... Não sei por que me casei com um filho da puta que se dizia apaixonado por mim, mas que não conseguia manter o pau dentro das calças quando estávamos longe um do outro.

Foi a minha vez de gargalhar.

— Claro... Como se você tivesse mantido as pernas fechadas!

Ela arregalou os olhos.

Eu estava tão puto que tinha perdido o controle do que estava dizendo.

— Nós fizemos um acordo, Susanne — abrandei. — Não éramos namorados, não éramos nada um do outro. Eu nunca te traí. Você nunca me traiu.

— Então por que estamos tendo essa conversa, Plínio? Por que você se incomoda tanto com o fato de que eu transei com Edu antes de começarmos a namorar?

Trinquei os dentes, sentindo uma onda de fúria me engolfar. Então, me obriguei a soltar o ar para tentar me acalmar.

— Primeiro — falei, encarando-a —, porque você nunca me contou. Precisei descobrir ao acaso, Susanne, uma coisa que você devia ter me contado!

— Ah, que lindo! — Ela bateu palmas. — Como se você tivesse me apresentado uma lista das vadias que comeu na época da faculdade!

— O cara sempre foi apaixonado por você, Susanne! Eu nunca fui com a cara daquele sujeito! E nunca te escondi isso. Você tinha que ter me contado!

— Andressa vivia dando em cima de você, Plínio! Eu nunca fui com a cara daquela vaca! E nunca te escondi isso. Você tinha que ter me contado! — ela me imitou.

— Então fizemos o que fizemos para atingir um ao outro? Foi isso? — indaguei.

— Provavelmente. — Ela deu de ombros.

— Então fizemos nossas merdas e agora estamos quites? — investiguei.

— Você comeu o cu dela e nunca me contou. Eu transei com Edu e nunca te contei. Estaríamos quites se eu tivesse dado o cu para Eduardo, não?

— Ah, Susanne! — reclamei, tentando administrar as doses de raiva e dor ao pensar na mera hipótese de...

— Mas não foi o que eu fiz, Plínio. Porque eu jamais teria feito com outro homem o que eu nunca tinha feito com você. Por outro lado, você não pensou duas vezes em enfiar o pau no cu daquela vagabunda.

— É diferente, Suze... — falei, engolindo em seco.

— Porque a sociedade te ensinou assim, não significa que seja, Plínio.

Ela estava certa. Mas, se eu admitisse isso, ela ficaria chateada pelo resto da noite, e eu precisava dar um jeito de consertar aquilo. Sabia que ela queria ouvir um "eu sinto muito", mas como é que um cara sente muito por ter comido um cu?

Eu não mentia para Susanne. Não podia dizer que sentia muito sem, de fato, sentir. Não estava, exatamente, arrependido, porque, nas mesmas circunstâncias, teria feito de novo.

Mas sentia muito por tê-la magoado. Sentia muito por ser mais fácil comer um cu que dar o cu (embora, felizmente, eu não fizesse ideia do nível de dificuldade de dar). Sentia muito pela minha incapacidade, à época, de, sem nenhum motivo palpável, negar o pedido de uma mulher ansiosa para dar o cu.

Então, porque sentia muito por isso tudo, eu disse:

— Sinto muito, Suze.

Ela me olhou como se dissesse: "eu não sou idiota, Plínio".

Bem, eu tinha feito a minha parte, certo?

— Estou disposta a deixar isso pra lá, para sempre, se você esquecer de vez essa cisma ridícula em relação a Edu — ela propôs.

Fiquei em silêncio por alguns instantes, pensando. Seria a melhor oferta de todos os tempos, se eu conseguisse superar o fato de que aquele cara ainda era apaixonado pela minha esposa. Se eu conseguisse superar o fato de que, naquela noite, ele transaria com a mulher dele pensando na minha. Se eu conseguisse superar o fato de que o filho daquele desgraçado estava de olho na minha filha.

Mas eu não conseguia superar nenhum desses fatos.

— Não consigo — declarei. — Não consigo, Susanne. Eu devia ter quebrado a cara daquele desgraçado na fila dos cumprimentos! Não o fiz em respeito a Max e Olívia. E espero que você saiba que Sofia vai mudar de escola, e eu nunca falei algo com tanta seriedade em toda a vida. Esta noite é a última vez que ela vê aquele moleque.

— Isso é tão imaturo da sua parte, Plínio... — ela reclinou, meneando a cabeça em reprovação.

— Sabe o que eu acho? Que você se arrependeu de ter se casado comigo. Há quantos anos você não via aquele cara? O que achou? Ele ficou bonitão? — perguntei com desdém.

Ela deu uma risada.

— Se olha no espelho, Plínio. — Aproximou-se e apoiou as mãos nos meus ombros. — Você devia se olhar no espelho. Principalmente vestido assim... Tão gostoso... — disse, deslizando os dedos pelo meu peito e puxando os

suspensórios.

Senti seus lábios no meu pescoço e puxei-a pela cintura, unindo nossos corpos. Ela deslizou o lábio inferior pelo meu maxilar e, segurando sua nuca, eu proporcionei o encontro de nossas bocas.

Estávamos nos beijando, arfantes, rodeados por sebes altas e flores e iluminados pelos refletores do jardim, quando ouvimos uma tossida.

Suze e eu interrompemos o beijo para ver Tito, de pé, a alguns metros de distância.

— Ora, vejam só... O Casal 20 já fez as pazes. Que surpreendente... — meu irmão ironizou.

— Ainda não terminamos de fazer as pazes. Vaza — rosnei.

Ele riu.

— Temos uma festa de casamento para comparecer, meus caros. Marta tá pirada. Vocês querem que a mulher termine de arrancar os cabelos?

MAX

— Estou pouco me fodendo! — Olívia gritou. — Você não me conhece, Max Vetter... Eu sou capaz de deixá-la careca!

— Olívia... Não inventa — alertei.

— Ah, tá com medo do escândalo? Então não devia ter se casado com uma mulher que não tem medo de arrancar uns cabelos de puta!

Eu não devia ter rido, mas não consegui evitar. A entonação que ela usou e a expressão que ela fez foram engraçadas pra caralho e, quando vi, eu estava gargalhando.

— Qual é a graça, cretino?

— Acabei de me dar conta de uma coisa... Eu me casei com uma barraqueira!

— Falou o contido! — ela zombou. — O supercontrolado que nunca protagonizou um barraco!

— Não esta noite. — Fiz minha defesa. — Mereço um troféu pelo autocontrole desta noite, você há de concordar comigo.

— E eu? E quantas piranhas eu tive que engolir calada? Quem merece a porra de um troféu sou eu!

— O primeiro lugar é meu. Você pode ficar com o segundo — falei, cruzando os braços.

Ela deu uma gargalhada.

— Seu cu! Faça as contas, Vetter. Um milhão de vadias contra um único cara.

— Você puxou o cabelo de uma delas, Olívia! Eu não fiz nada, quando devia ter matado aquele bosta.

— Puxei porra nenhuma! Foi um acidente — ela disse, com a cara mais lavada do mundo.

— Acidente meu ovo! — retruquei.

— O primeiro lugar é meu, Max! Mereço todos os troféus do mundo! Inclusive por te suportar, porque, convenhamos, você é absolutamente insuportável! — Ela revirou os olhos.

— Falou a pessoa mais tolerável da Terra! — repliquei.

— Tem quem queira! — ela treplicou, e isso foi o bastante para fazer tudo desandar outra vez.

Fiquei calado, porque, inacreditavelmente, não consegui dizer nada.

Olívia era perfeita, e eu era um sortudo por tê-la ao meu lado quando qualquer cara mataria para estar no meu lugar. A começar por aquele tal de "Fabinho", cuja fuça ainda conheceria a potência do meu soco.

Nossos olhares se sustentavam na nuvem de silêncio que nos rodeava quando, enfim, perguntei o que estava me incomodando:

— Por que você não me disse que tinha convidado aquele cara, Olívia?

— Eu não o convidei. Convidei Fabíola, e ela usou o *plus one* para trazê-lo. E eu não vou me sentir mal por isso em um lugar infestado de mulheres que você comeu, Max. Perdi as contas de quantas eu tive que abraçar, enquanto você só teve o desprazer de abraçar um cara com quem eu dormi.

"Um cara com quem eu dormi".

Ela tinha dormido com o cara, e a ciência daquilo e pensar naquilo e ouvir aquilo saindo de sua boca me feriam mortalmente.

É incrível como momentos realmente felizes podem, subitamente, se transformar em tristeza pura. Uma noite positivamente memorável pode, em um instante, se metamorfosear em um baú de memórias tristes.

De homem mais feliz do mundo, eu tinha me transformado num espectro desolado. Tudo estava perdido. A noite, a festa, tudo. Eu só queria poder me desligar, não sentir porra nenhuma.

Caminhei alguns passos e me sentei em um banco do jardim. Apoiei a cabeça no encosto e fiquei lá, mirando o céu.

— Você não tem o direito de ficar assim, Max — ela disse, sentando-se ao meu lado.

— Tenho o direito de ficar da porra do jeito que eu quiser — respondi, magoado.

— Você está sendo machista. A sua condição de homem não te faz superior a mim em relação a...

— Eu sei, porra — interrompi com tristeza.

E eu sabia. Sabia que, de fato, o lugar estava cheio de mulheres que eu já havia comido. Sabia que Olívia havia tido uma vida sexual ativa antes de mim, coisa plenamente normal, um fato que eu devia encarar com a maior naturalidade.

Mas, puta que pariu, não dava, caralho. Não se esses filhos da puta continuassem cruzando meu caminho.

Eu me sentia ridiculamente infantil e inseguro. Era só um cara, porra. Um dos muitos. Por que eu não conseguia lidar com isso? Por que o ciúme me deixava tão furioso e simultaneamente devastado?

Era ridículo, porque nós nos amávamos, e aquele era o dia do nosso casamento, e estávamos discutindo sobre coisas anteriores à nossa existência como um casal, coisas sem importância alguma.

Nenhuma daquelas mulheres tinha a menor importância para mim. Nada relativo ao meu passado devasso tinha.

Tudo o que importava era o amor que eu sentia por Olívia, a família que havíamos construído, a vida que viveríamos a partir de então.

O passado era o passado. Tinha passado.

Estávamos sendo ridículos, agindo como crianças possessivas.

— Lembra quando, na casa de praia, eu disse que você tinha um distúrbio grave chamado "ciúme obsessivamente patológico mesclado a uma possessividade exacerbada, acentuada por altas doses de monomania e paranoia compulsivas"? — questionei.

— Ah, o mesmo distúrbio que você tem? — ela acusou com rispidez.

Assenti, concordando.

— Mas não precisamos disso, Olívia. Você não precisa se preocupar com nenhuma daquelas mulheres. Com nenhuma mulher que eu conheci antes de te conhecer. Você é o amor da minha vida.

Ela se aproximou de mim e acariciou meu maxilar.

— E você vai sempre ser o meu, cretino. Você é, de longe, o melhor homem que eu já conheci, Max. Em todos os sentidos. Você é insuperável.

— Achei que eu fosse insuportável — farpeei.

— Só às vezes — ela disse, rindo.

Dei uma risada.

— Eu sei. Mas você não é intolerável, minha linda. Nunca.

— Eu sei — ela respondeu, divertida.

— Só, talvez, agora... — falei, mergulhando uma mão em sua nuca.

— Você beijaria uma mulher intolerável? — ela perguntou, umedecendo os lábios.

— Só se ela fosse minha esposa. — Roci os lábios nos dela.

— Então que bom que eu sou — ela disse, e começou a me beijar.

Olívia estava no meu colo e minha mão tinha subido seu vestido e se refugiado em sua coxa quando ouvi um berro que me fez levar um susto da porra:

— *Aaaaaaaaaaaai*, que calor!

Ícaro estava de pé, próximo ao banco.

— Filho da puta! — Olívia e eu rugimos ao mesmo tempo.

Ele deu uma gargalhada.

— *Gentchy*, bora fazer um *ménage*?

— *Ménage* de cu é rola, Ícaro! — rosnei, tirando Olívia do colo e nos colocando de pé, posicionando-a estrategicamente para esconder o volume enquanto aquela desgraça não baixava de vez.

— Só que vai ter que ser meteu-gozou, porque Martinha tá mais apressada que mona fazendo chuca com *pet* só pra não perder a chance de brincar de pula-pula no pau de um magia! Deu a louca na mulher!

Olívia caiu na risada, enquanto eu me perguntava mentalmente: que diabos é "chuca com *pet*"?

PIOLHO

— Não faço ideia — respondi.

Ela mirou meus olhos, e eu pude ver, claramente, um misto de tristeza e decepção em seu olhar.

Eu não sabia o que fazer. Não podia namorar Maria Luísa, mas não queria terminar tudo. Estar com ela agradaria meu pai, mas eu precisava desagradá-lo. Eu precisava dela, mas precisava manter minha palavra. Precisava manter minha palavra, mas precisava dela.

— Tudo bem — ela disse, limpando uma lágrima que escorreu.

Senti o coração doer e, impulsivamente, me aproximei para abraçá-la.

— Não. — Ela se afastou, e meu peito se rasgou de vez.

— Malu, eu...

Eu nem sabia o que ia dizer, mas sequer precisei pensar nas melhores palavras

para conseguir me explicar, porque fui interrompido:

— Você disse que nunca condicionou suas amizades e relacionamentos a classes sociais. Mas não é exatamente o que você está fazendo, Lucas? Não posso ser sua namorada porque sou rica. Você disse que seu pai é um hipócrita. Mas o hipócrita é você.

Ela estava certa, e isso só acentuava o sentimento sulfúrico que estava me corroendo por dentro.

— Eu não mereço a sua dúvida — continuou. — Não mereço um cara que prefere manter uma birra ridícula com o pai em vez de assumir a mulher que, supostamente, ama.

— Mano, não é assim tão fácil, Maria Luísa... — argumentei, embora soubesse que, para ela, não era um argumento válido.

— Não deveria ser tão difícil me escolher, Lucas — ela disse com tristeza.

Dei um passo e enxuguei suas lágrimas com os polegares.

— Eu te amo — falei, olhando em seus olhos úmidos, sentindo os meus arderem.

— Mas não ama o suficiente — ela completou.

— É claro que amo, mano! Nós podemos ficar juntos, Malu. Nós podemos — falei, desesperado, segurando seu rosto com as duas mãos, embora soubesse que estava me enganando.

— Mas você nunca vai se casar comigo, não é? — ela perguntou, e eu não consegui responder. Só engoli, tentando minimizar a dor na garganta. — Nunca viveremos o que Liv e Max viveram hoje. Nunca vou ouvir você misturando os modos Lucas e Piolho na hora dos votos e nunca vou colocar uma aliança no seu dedo, Lucas.

— Eu te pedi em namoro ontem, mano! Literalmente. Por que estamos falando de casamento? Shhhhhh. — Coloquei o indicador em seus lábios. — A gente não precisa falar disso agora, tá ligado? *Bora* voltar, ir pra festa e tal... — Segurei sua mão e comecei a puxá-la.

Ela ficou onde estava, sem se mover.

— Vem, mano... — Virei o pescoço e chamei.

— Acabou, Lucas — ela declarou, e sua voz chorosa me atingiu como uma lâmina afiada.

— Como assim, mano? Não faz isso, meu... Eu te amo, Malu. — Voltei a segurar seu rosto.

— Só não mais que irritar seu pai. — Um sorriso triste perpassou seus lábios. — Quando fazemos uma escolha — disse, olhando em meus olhos —, precisamos encarar a consequência. Você fez a sua, e quer seguir a vida ignorando o que já decidiu, empurrando a consequência para depois. Não vou ser

sua namorada iludida. Não vou me convencer de que está tudo bem quando, claramente, não temos um futuro juntos. É a minha vez de escolher. E eu escolho sofrer tudo agora, de uma vez. Não posso suportar doses homeopáticas de sofrimento, Lucas. Não posso estar com você sabendo que você não está comigo de verdade, entende?

Ela estava chorando, e eu estava me controlando para não desabar enquanto fitava suas lágrimas escorrendo.

Sem aviso, Maria Luísa tirou minhas mãos de seu rosto e começou a andar pelo gramado, me deixando imóvel, sem chão.

— Não faz isso comigo, Malu... — implorei, permitindo que uma lágrima, enfim, caísse.

Ela parou e se virou.

— Você está fazendo isso consigo mesmo, Lucas.

E, então, recomeçou a andar, afastando-se de mim.

Fiquei parado, incapaz de impedir que o mundo desabasse ao meu redor.

Segundos depois, quando ela já tinha virado em uma sebe e desaparecido do meu campo de visão, ouvi duas vozes atrás de mim:

— Não acredito que você não vai atrás dela.

— Tô passado com a sua estupidez, cara.

Eu não precisaria me virar para saber que a feminina era de Larissa, e a masculina, de Artur. Mas me virei, porque tudo aquilo podia ser culpa deles.

— *Cês* sabiam que ela é rica? *Cês* sabiam dessa merda, mano? — questioneei com indignação, limpando a bochecha.

Meus primos se entreolharam e assentiram.

— Por que ninguém me disse, *carai*? *Cês* são loucos, meu?

— Talvez porque a gente sabia que você reagiria exatamente assim — Artur respondeu.

— Feito um idiota! — Lari acrescentou, furiosa, me dando um soco no peito.

— Eu não acredito que *cês* me deixaram pedir a mina em namoro, mano, sabendo que ela não podia ser minha namorada! Que espécie de primos *cês* são?

— E eu não acredito no que estou ouvindo! — Larissa berrou.

— Eu não posso ficar com ela, Larissa! Não posso, *carai*... Por que eu sou tão fodido na vida, *véi*? — Soltei o ar com força, tentando não sucumbir ao carço na garganta.

— Cara, *cê* tá sendo tão babaca... — Artur me recriminou. — Não pode ficar com ela por quê? Por causa da sua rixa imbecil com tio Lutero? Porque seu pai não é perfeito? Porque, se andasse a pé, ele atravessaria a rua caso uma pessoa mal vestida o encarasse? Porque ele não é fã do sistema de cotas? Porque ele acha que a sua mãe não precisa trabalhar? Porque ele acha que eu não deveria

dar o cu? Você faz tio Lutero parecer um monstro. Eu sou gay e não sou rico, e sempre recebi o melhor dos tratamentos na sua casa. Tio Lutero nasceu filho único em um berço de ouro. Muito do pensamento dele é influência de sua criação aristocrática. Não justifica, mas ajuda a compreender. Ele é um homem tradicional e cheio de convicções que, particularmente, eu também não aprovo, mas isso não faz dele uma pessoa excepcionalmente ruim, como você faz parecer. Quem não conhece tio Lutero, acha que ele é uma espécie de demônio, quando te ouve falar dele.

— A gente sabe que a sua infância foi difícil, Lu — Lari emendou —, porque você sempre foi assim, todo extrovertido e espontâneo e cheio de ideias e filosofias próprias. Você tem esse espírito livre e aventureiro, e seu pai sempre quis que você fosse como ele, um homem sisudo, de negócios. Ele queria que você se tornasse um investidor, quando você só queria investir na própria vida. Você precisou fazer várias coisas por obrigação na infância e na adolescência. Preciso frequentar as escolas que ele queria que você frequentasse, fazer os cursos que ele queria que você fizesse, suportar os filhos chatos e mimados dos amigos dele, visitar os mais variados setores das mais diversas empresas incorporadas pelo Grupo... Tudo isso. Não é difícil entender as motivações do seu pai. Ele fez o que qualquer pai, nas mesmas circunstâncias, faria. Tentou te preparar para gerir o império da família. E você fez o que qualquer filho desinteressado em finanças e gestão faria: guardou mágoa de todas as coisas desagradáveis que precisou aprender e vivenciar. Por dentro, você ainda é a criança que transformou o pai num monstro, e os defeitos dele, em questões absolutamente imperdoáveis, porque assim seria mais fácil odiá-lo. Mas essas questões que você maximizou não podem destruir sua vida, Lu.

— Você não precisa concordar em tudo com seu pai para ter uma boa relação com ele, Lucas — Artur ponderou. — Não precisa abrir mão da mulher que ama só porque não pode voltar atrás na sua palavra. Porque você pode. É da sua vida e da sua felicidade que estamos falando. Quando isso está em jogo, você pode desdizer o que quiser. Você ama aquela menina, cara. Vira homem e vá atrás dela.

Não tem coisa mais chata no mundo que ouvir sermão de primo, mano. E é ainda pior quando *cê* sabe que eles estão certos, mas queria que não estivessem.

De muitas maneiras, eu ainda me sentia um moleque quando o assunto era os meus problemas com o meu pai. Tinha passado boa parte da vida precisando fazer coisas de que não gostava. Na minha cabeça infantil, meu pai era o homem rígido e exigente que me obrigava a fazer coisas chatas. Cresci amplificando cada aspecto negativo de sua personalidade, e nunca tinha me dado conta, até então, do quanto aquilo era ridículo. Minha relação com ele tinha sido fundada

nos alicerces que construí durante a infância, os quais eu via como indestrutíveis, mas que eram tão frágeis que me faziam sentir vergonha de mim mesmo.

Artur e Larissa estavam certos. Eu nunca tinha deixado aquela criança sair de dentro de mim. Toda a guerra que eu tinha travado era sem sentido. E todas as batalhas, que eu fazia questão de ganhar a cada discussão com meu pai, haviam sido lutadas com espadas de brinquedo.

Eu era um idiota, mano. Como eu não tinha percebido isso antes?

— Cês são os melhores primos que eu tenho, tá ligado? — falei, abraçando os dois. — *Brigado* por dizerem na minha cara que eu sou um imbecil, mano. Cês são pica, meu!

— Awn, Lu, que fofo... — Larissa suspirou.

— Mano, aqui é parceria, tá ligado? — Artur riu.

— *Véi*, não me imita, meu! — falei, dando um soco no braço dele.

— Tá, *carai*. Parei, mano. *Tava* zoando, saca? — Ele gargalhou, e Lari e eu rimos também. — Falando sério agora — disse, parando de rir —, é melhor a gente voltar. Marta tá meio surtada. E você precisa conversar com Malu.

Eu estava tão satisfeito por meus primos terem me ajudado a enxergar os fatos com clareza, a vislumbrar minha vida sob ângulos que não tinha me permitido considerar, que precisava fazer algo por eles. Lari estava mais que bem com Tito, e adorando a faculdade de Medicina. Mas talvez Artur estivesse tão perdido quanto eu estava, só que de outro modo.

— Mano, como é que estão as coisas com Ícaro? — sondei, enquanto caminhávamos em direção à lagoa.

— De boa — ele respondeu, meio sem jeito.

— *Cê* tá ligado que ele gosta mesmo de você, né, Artur?

— Sei não... Ícaro é muito de lua, cara. Uma hora a gente tá bem, outra hora ele tá cheio de onda com outros caras. Gosto disso, não. Já falei pra ele que não rola. Tipo, dar em cima de Max? Beleza, de boa. De você? De Tito, Plínio? Tranquilo. Eu acho é graça desse jeito descarado dele, todo sem noção. Mas ele faz isso até com gente estranha. Tipo, eu sei que a gente tá só de rolo, mas é paia. Depois ele vem com aqueles papos de que quer que a gente namore. Namorar como? Como é que eu vou namorar um cara que dá moral pra tudo que é macho? Ontem mesmo, dando mole pro peão...

— Ele queria dar dura. — Não resisti à piada. — Tô zoando, mano! Não precisa fazer essa cara, tá ligado? Ele falou que *tava* só te fazendo ciúme, meu. O safado do peão é hétero. Deixa só eu bater o olho nesse cara, *véi*... O desgraçado *tava* de olho na minha mina.

— Sério? — Ele estreitou os olhos.

— Eu já te falei, Artur... — Lari começou a dizer. — Se Ícaro não estivesse na

sua, não insistiria tanto pra vocês namorarem. Ele é o maior criança. Fica dando em cima dos caras pra ver se você toma uma atitude. Acho que ele vai ficar supermeloso e romantiquinho quando vocês começarem a namorar. Vai ser lindo! Ele ainda vai ser o mesmo Ícaro pra frente e sem noção de sempre, mas vai parar com essa palhaçada de ficar tentando te fazer ciúme o tempo todo.

— Sei não... Talvez ele só esteja empolgado com o fato de que todo mundo do grupo namora ou é casado, e não queira ficar pra trás — refletiu. — Esses dias, ele *tava* falando de adoção! Tipo, a gente nem namora, e ele falando de filhos...

— *Cê* gosta dele, mano? — interferi. — Tipo, *cê* sente umas paradas no peito quando tá com ele?

— O pior é que eu sinto. Ícaro é muito idiota. Mas é um idiota que me deixa retardado. — Ele soltou um suspiro.

— Ai, que lindo isso que *cê* disse, Tu! — Lari suspirou em seguida.

Dei uma risada.

— Uns tempos atrás, eu teria achado isso mó *ridiculão*, mano. Mas eu entendo, tá ligado? *Cê* devia dar uma chance pra ele, *véi*.

— Eu assino embaixo! — Lari concordou. — Ele ia ficar nas nuvens se você pedisse ele em namoro, Artur. Dá até pra imaginar a cara dele. — Ela riu.

— Sei, não... E se ele, tipo, só quiser um cara pra chamar de "namorado"?

— Não viaja, mano. Ele quer um namorado, mas qualquer um *vê* que ele te ama.

— Ele nunca disse isso.

— Sério? — perguntei, surpreso. — *Cê* já falou?

— Não.

— Por que não, *véi*? Mas *cê* ama, não ama?

Ele assentiu.

— Mano, fala logo esse *carai*. Tipo, depois que *cê* fala, tudo muda, *véi*. *Cê* sente aquela coisa boa, saca? E *cê* só quer falar, o tempo todo, o quanto *cê* ama a pessoa. Porque nunca parece ser suficiente.

— Ai, que lindo, Lu! — Larissa apertou minhas bochechas. — Tá tão lindo todo mundo se amando... O pessoal já deve ter se acertado, inclusive, porque eu nunca vi tanto amor quanto no nosso grupinho familiar!

— E tanto ciúme, né? — Artur deu uma risada.

— É porque nós somos lindos demais, mano. É muito assédio, tá ligado?

Nós três estávamos gargalhando quando ouvimos um berro:

— Graças a Deus! Faltavam só vocês! — Era Marta.

Sem que eu percebesse, tínhamos chegado ao outro lado da lagoa, nas imediações de onde seria a festa.

— Eu não acredito no que você fez, Piolho, sua anta! — Olívia deu um soco no meu peito assim que nos aproximamos.

— Liv, não. Deixa pra lá... — Maria Luísa disse, puxando-a pelo braço.

Ela estava com a expressão mais triste que eu já tinha visto em seu rosto, e eu me senti subitamente envolto por um manto de tristeza profunda.

— A sua sorte, Piolho, é que não posso te bater, porque estou grávida. Do contrário, eu ia arrancar seus cabelos de puto por ser tão babaca! — ela berrou.

Todo mundo caiu na risada, inclusive Putão.

— Por que nós, homens, somos tão babacas às vezes, né? — Ícaro disse, meneando a cabeça.

— Às vezes? — Suze disse, revoltada. — Tente...

— O tempo todo — Lari completou.

— Até eu, Lari? — Tito reclamou, com pretensa indignação.

— Você? Claro que não, Titinho lindo do meu coração! — ela ironizou, e ele fingiu estar plenamente satisfeito com a resposta, puxando-a e beijando-a no topo da cabeça.

— Eu nunca sou babaca, né, linda? — Putão riu.

— Você, lindo? Imagina! Jamais!

— Mesma coisa comigo, né, amor? — Plínio falou, rindo.

— Anrã. Mesmíssima, amor.

— Pelo menos a gente é babaca juntos, né, Ícaro? — Artur disse, sorrindo para o pseudo/futuro namorado.

— Isso mesmo, bofinho! Meu babaca favorito! — Ele se aproximou e beijou meu primo na bochecha.

E durante todo esse tempo, Maria Luísa evitava me olhar; era como se eu nem estivesse ali.

— Bem, detesto ser a pessoa que vai acabar com a festa aqui fora — Marta falou —, mas já atrasamos demais, e está na hora de colocar vocês na festa lá dentro! Vamos lá?

— Só um minuto, mano! — pedi. — Eu preciso falar uma coisa.

A organizadora do casamento olhou para os noivos, e Putão assentiu.

E, então, ele me encarou como se dissesse: "vê se não faz mais merda, quenga. Faça a coisa certa dessa vez, porra".

— Desculpa, Malu — comecei.

Ela finalmente fixou os olhos nos meus. Mas não havia satisfação neles. E a tristeza parecia ter desaparecido. Em seu lugar, mágoa transbordava de suas íris verde-azuladas.

E quem podia culpá-la? Eu tinha dito pros meus pais que "só *tava* pegando" a mina que eu amava, a mina que era minha namorada. E, em seguida, tinha

acabado com nosso namoro por pura estupidez.

— Eu *tava* errado, mano — continuei, sem desviar os olhos dos dela.

Eu *tava* fazendo um esforço do *carai* pra assumir meu erro na frente dos putos, *vêi*. Mas preferia fazer aquilo ali, porque tinha pisado feio na bola, e todo mundo já sabia do vacilo. Maria Luísa merecia que eu me redimisse em público, mesmo que isso me deixasse ridiculamente desconfortável.

— E eu sei que agi como um idiota, mas eu te amo, tá ligado? Mais que irritar meu pai, mais que qualquer coisa.

Ela me olhou com desdém, e eu li em sua expressão que ela não estava acreditando em uma palavra que eu estava dizendo.

— Não quero ficar sem você, Malu — falei, tentando manter a voz firme para não soar tão desesperado. — *Cê* aceita ser minha namorada de novo?

Silêncio.

A única coisa que se podia ouvir era a música que se derramava no salão, a alguns metros de distância. E, talvez, as palpitações insistentes em meu coração.

Mas nem a música nem as batidas em meu peito foram capazes de abafar o som que veio em seguida:

— Não.

84. Boda molhada, boda abençoada

OLÍVIA

Max e eu tínhamos feito nossa entrada triunfal no salão de festas há aproximadamente meia hora.

Tinha sido perfeita. Aliás, tudo lá dentro estava perfeito.

A decoração em tons de branco, verde-menta e dourado havia saído, literalmente, melhor que a encomenda.

A área destinada para o jantar era composta de mesas retangulares e cadeiras brancas e rústicas, de estilo provençal.

Lindos castiçais e arranjos de flores enfeitavam as mesas cobertas por toalhas de linho *off white*.

Belas taças, talheres e pratos decorados estavam dispostos juntos do *menu* e dos guardanapos de tecido, que ostentavam nossas iniciais bordadas em fio dourado.

A mesa do bolo, todo rendado, com topo de passarinhos de porcelana, era um espetáculo à parte. Um belo móvel clássico sustentava os cinco andares de massa branca com recheio de mascarpone e os doces delicados e deliciosos que havíamos escolhido (tínhamos experimentado e enfrentado dúvidas cruéis para escolher cada um).

Guirlandas florais, candelabros dourados, arranjos diversos, renques de pérolas e cristais, lamparinas vintage e *fairy lights* enfeitavam a mesa e as imediações.

Luzes pendentes e luminárias japonesas pairavam sobre as nossas cabeças, formando um harmônico mar de minilâmpadas enfileiradas e bolas brancas iluminadas.

A festa estava linda, muito mais do que eu havia pensado que ficaria. A esplêndida vista da lagoa e dos jardins da fazenda, ressaltados pela iluminação verde-azulada dos refletores, deixava tudo ainda mais incrível.

Já tínhamos feito o discurso de agradecimento pela presença dos convidados, o brinde (tinha água com gás na minha taça, porque, na cabeça de Max, um golezinho de champanhe já seria capaz de prejudicar irreversivelmente a saúde das gêmeas), e também as fotos do corte simbólico do bolo, mais algumas com os padrinhos e outras com alguns convidados.

Foi tudo maravilhoso, e eu me sentia vivendo um sonho. O tempo todo, eu me

perguntava se acordaria desiludida no dia seguinte, às vésperas do meu casamento, achando que já estava casada e que a cerimônia e a recepção tinham sido inesquecíveis.

Com sorte, eu acordaria com a aliança no dedo, ao lado do marido mais lindo do mundo.

Naquele momento, estávamos flutuando, abrindo a pista de dança, dançando juntos bem no centro, sozinhos, iluminados por um facho de luz.

What a night for a dance, you know I'm a dancing machine
(Que noite boa para uma dança, você sabe o quanto eu gosto de dançar)
With the fire in my bones and the sweet taste of kerosene
(Com o fogo em meus ossos e o gosto doce de querosene)

Eu podia sentir a mão de Max em minha cintura, quente e firme; o calor de seu peito colado ao meu; o cheiro delicioso de seu pescoço; e seu hálito morno em meu ouvido, enquanto ele sussurrava a letra da música, me fazendo arrepiar.

I get lost in the night, so high, I don't wanna come down
(Eu fico perdido na noite, tão "alto" que eu não quero descer)
To face the loss of the good thing that I have found
(Para encarar a perda da coisa boa que eu encontrei)
Woo-hoo-hoooo... Woo-hoo-hoooo...

Eu estava sendo transportada para a primeira noite em que dormimos juntos. E ali, ainda que estivéssemos cercados pelos convidados, Max e eu estávamos sozinhos no meu antigo quarto. E eu o estava vendo, de costas, tocando e cantando *Revelry*. E me dando conta do quanto ele era lindo e perfeito.

Dançávamos perfazendo passos vagarosos, bem juntinhos, como se fôssemos um só. Mas, nas notas mais altas do refrão, Max começou a me girar, e nossos passos começaram a acompanhar o ritmo mais exigente da música.

Ele finalizou de um jeito todo cinematográfico, me inclinando e me beijando enquanto ouvíamos o último verso, acompanhado dos aplausos dos convidados.

Ali, com os lábios nos dele e as mãos entrelaçadas em seu pescoço, sendo sustentada por seus braços, eu estava no melhor lugar do mundo.

Em seguida, ele dançou com Lili, e eu dancei com seu Francismar, ao som de *She's Like The Wind*.

Escolhemos a música pensando em Lili, porque ela é superfã de *Dirty Dancing* e Patrick Swayze. E ela amou poder dançá-la com seu Francis quando trocamos os pares. Foi emocionante.

Embalados por *Thank You For Loving Me*, de Bon Jovi, dançamos com os padrinhos.

E foi tão lindo e romântico que eu chorei do início ao fim. Tínhamos ensaiado os momentos dos giros para harmonizar a dança, e eu estava me sentindo em uma cena de filme.

Bon Jovi cantava, Max me fazia rodopiar, e, quando nossos corpos se encontravam novamente, eu estava em casa.

Quando a música acabou, a pista estava oficialmente aberta para os convidados. Foi a vez de a *MPire* assumir. Pecê e Marcelão começaram o *intro* enquanto Piolho seguia em direção ao palco.

Ele estava visivelmente arrasado quando pegou a guitarra e se posicionou diante do microfone. Ao que parecia, nem uma das músicas mais românticas de todos os tempos tinha conseguido amolecer o coração de Maria Luísa.

Ele tinha ficado atordoado com a recusa dela. Na hora, a expressão que ele fez foi impagável. Uma mistura de surpresa absoluta e mais um pouco de surpresa absoluta. Particularmente, achei foi pouco, porque não tem nada mais divertido que ver um homem se achando a última Coca-cola do deserto quebrando a cara! Piolho merecia uma boa abaixada de bola, coisa que Maria Luísa fez brilhantemente.

— Lamento, Lucas, mas eu não sou seu brinquedinho de corda — ela disse, logo após o "não". — Faça o favor de não me confundir com essas mulheres disponíveis com as quais você está acostumado. Eu me coloquei à sua disposição desde o início deste relacionamento, porque fui idiota o bastante para me apaixonar por um babaca. E você acabou com tudo como se o que tivéssemos fosse nada. Agora, lide com a sua decisão.

— Mano, *cê* vai pro inferno por causa de toda essa maldade que *cê* tem no coração, tá ligado? — ele devolveu, e nós caímos na risada.

Maria Luísa se manteve séria, mas um leve curvar no canto dos lábios denunciou sua vontade de rir.

— Acabou. É a minha última palavra. — Ela cruzou os braços, mantendo a pose.

— Tá bom. — Sorrindo, ele deu de ombros, ciente de que a faria mudar de ideia, e eu vi o quanto isso a enfureceu ainda mais.

E agora ele estava lá, no palco, começando a cantar *Fly Away From Here*, de *Aerosmith*, enquanto Maria Luísa estava na pista, sem par.

Quando vi o babaca do Laerte se aproximando para convidá-la para dançar, precisei tomar uma providência; fiz uma coisa que certamente garantiria meu lugar no céu.

— Max... Você vai ter que dançar com Maria Luísa! — falei, indicando-a com

a cabeça.

Ele olhou na direção apontada, viu Laerte cercando-a como um abutre, voltou a fixar os olhos nos meus e disse, sem parar de dançar:

— Nem fodendo. Não vou desgrudar de você nem por um senhor caralho.

— E Piolho? Que espécie de amigo é você, Max Vetter? — censurei.

— E eu? Que espécie de esposa é você, Olívia Dutra? — ele devolveu, indignado.

— Olívia Vetter — corrigi, e ele abriu um sorriso enorme.

Então, me puxou mais para perto e atou nossos lábios em um beijo lento e doce.

Meus braços estavam entrelaçados em seu pescoço, e os dele enlaçavam minha cintura. Deslocávamos nossos corpos devagar, movendo nossos lábios e línguas no mesmo ritmo arrastado.

Eu podia sentir a maciez de sua nuca enquanto afagava seu cabelo e o calor de seus dedos acariciando a base da minha coluna.

Here Without You, de *3 Doors Down*, começou a invadir nossos ouvidos, e tudo o que eu queria era ficar ali para sempre, beijando meu marido no meio da pista, cercada por casais mergulhados naquela atmosfera perfeita de luzes e sons.

Quando começamos a escutar *Far Away*, de *Nickelback*, pousei a cabeça no ombro de Max e inspirei seu cheiro e senti a cálida rigidez de seu corpo e o conforto de seus braços até o final da música.

Quando abri os olhos por um momento, vi que Maria Luísa estava dançando com Artur, que provavelmente tinha salvado a Pátria a tempo.

Respirei aliviada e voltei a fechar os olhos, entregando-me completamente à melodia e à letra de *You And Me*, de *Lifehouse*.

Em seguida, a *MPire* tocou *Open Your Eyes*, de *Snow Patrol*.

Gotas de chuva começaram a cair quando a pista começou a se embriagar com as primeiras notas de *Don't Stop Dancing*, de *Creed*.

Depois disso, *It's Time*, de *Imagine Dragons*, abriu a seleção de músicas mais animadas, que começariam a pulsar pelo salão dali em diante.

Os mais jovens continuaram dançando, curtindo o som, as bebidas e os aperitivos servidos em bandejas pelos garçons habilidosos que transitavam entre os convidados. Os mais velhos recolheram-se às mesas, a fim de aproveitar a festa mais sossegados.

Max e eu estávamos nos divertindo pra caralho junto com Plínio, Suze, Tito, Lari, Ícaro, Artur e Maria Luísa. Girávamos, pulávamos e trocávamos os pares enquanto cantávamos *Best Day Of My Life*, de *American Authors*, rindo das nossas coreografias ridículas.

As partes mais divertidas eram os "wo-o-o-o-oah" que fazíamos, porque

Piolho parava de cantar para que todo mundo repetisse junto.

Eu estava tão eufórica que também queria cantar lá na frente! Puxei a mão de Max e saí nos guiando até o palco.

Piolho se afastou do microfone e continuou tocando enquanto Max e eu assumíamos o vocal.

Best Day Of My Life terminou e, enquanto os convidados aplaudiam e assoviavam, Max me perguntou baixinho se eu gostaria de ficar para cantarmos juntos.

Aceitei na hora!

— Vai lá, quenga. Tenta consertar a merda — ele disse a Piolho, que, mais que depressa, passou a guitarra e voou para a pista.

Então, enquanto ele anunciava que cantaríamos juntos, para o delírio dos convidados (principalmente das putas, que queriam vê-lo tocando, mas foda-se), Pecê ajustava um segundo microfone, regulando a altura do pedestal para mim.

Começamos com *Radioactive*, de *Imagine Dragons*. E foi tão foda que emendamos com *Safe And Sound*, de *Capital Cities*, e arrematamos com *Pompeii*, de *Bastille*.

Como ele ficava lindo tocando, cantando e sorrindo sem parar de me olhar; era o sorrisinho convencido e assombrosamente sedutor de sempre, mas seus lábios só se curvavam com tanto carinho e seus olhos só sorriam junto quando ele sorria para mim.

Eu amava a maneira como ele movia os ombros ao tocar; o jeito como ele pronunciava as palavras em inglês, abrindo, fechando e curvando os lábios; a forma como seu pomo-de-adão subia e descia enquanto ele cantava. Eu amava o movimento de seus dedos nas cordas, que me pareciam únicos, como se só ele, no mundo inteiro, dominasse dós e fás.

E eu amava sua voz, e era um pecado estragá-la com a minha. Mas cantar junto com Max fazia meu coração imergir em um profundo mar de puro deleite. Meu corpo entrava em sintonia com as melhores sensações do mundo, e eu estava tão enlevada que me sentia à beira das lágrimas.

Quando finalizamos *Pompeii*, ele me beijou e, depois dos aplausos, a *Mpire* voltou a tocar.

Algumas músicas depois, o jantar foi anunciado. Os convidados comeram e beberam embalados pelo ruído da chuva fina que caía sobre a tenda de cristal e pelo som das músicas suaves, tocadas pelo quarteto de cordas.

Conversas e risadas esparramavam-se pelo ambiente festivo, as quais os padrinhos interrompiam de vez em quando para propor brindes e fazer breves discursos.

Após o jantar, a diversão ficou por conta do DJ contratado. A pista ficou mais

escura, iluminada apenas por globos de luz. Os convidados renderam-se às músicas eletrônicas remixadas e aos drinques multicoloridos servidos no bar.

Nunca dancei tanto em toda a vida, e nunca tinha sido tão deliciosamente bolinada enquanto dançava. Mas, em nossa defesa, a esfregação rolava solta para todo lado.

Meu coração pulsava no ritmo frenético das batidas; euforia e excitação corriam em minhas veias. Max me beijava e me apalpava enquanto nos movíamos, roçando nossos corpos. Fazia tanto calor... Arfávamos e mordíamos nossos lábios e bagunçávamos nossos cabelos.

Eu tinha certeza de que ele tinha deixado vários chupões em meu pescoço e marcas de dedos em minha bunda.

Estava escuro, mas, enquanto dançava, tive a impressão de ver alguns casais improváveis se atracando, como Andressa e Fabinho; e outros não tão improváveis assim, como Drica e Laerte.

Eu não sabia se os dois estavam ficando por mera coincidência ou se aquilo era só Drica tentando deixar Piolho puto. De todo modo, ela parecia indiferente aos hematomas ao redor dos olhos dele. Acho que, no escuro, isso não devia importar tanto, porque os dois estavam quase se comendo no meio da pista.

Pecê e Marcelão estavam sendo os depravados de sempre, se esfregando em várias mulheres ao mesmo tempo.

Tito e Larissa e Suze e Plínio eram pura obscenidade e indecência em seus movimentos libidinosos.

Onde estaria Sofia? Eu não fazia ideia, mas supunha que estava com Duda e a mãe, cujo marido estava viajando a trabalho e não pudera comparecer ao casamento.

Lili e seu Francis eram um dos raros casais de pessoas mais velhas na pista. Eu não podia ver, mas tinha certeza de que Lili estava com as bochechas coradas. Seu Franscimar era divertidamente jovial e, embora preferisse uns bons boleros ingleses, não estava fazendo feio ao se mover como os jovens do século XXI. Mas não deixava de ser engraçado ver os dois de saliência no escurinho.

Maria Luísa estava dançando com Ícaro e Artur; os três estavam fazendo coreografias hilárias, e, vez ou outra, brincavam de fazer sanduíche. Isso provavelmente indicava que ela ainda não tinha desculpado Piolho, já que ele não estava em meu campo de visão, e nem no de Malu, que, de vez em quando, dava uma rápida e disfarçada olhada ao redor, nitidamente à procura dele.

Eu só esperava que ele não estivesse fazendo (mais) merda. Porque seria o fim se ele ficasse com alguém só para alimentar o ego e poder dizer: "tem quem queira, Maria Luísa", como se ela não soubesse disso.

Eu me recusava a acreditar que ele seria capaz de tamanha idiotice (se bem

que os homens, no geral, adoram fazer esse tipo específico e estúpido de merda). Não seria justo, porque Malu estava sendo madura, divertindo-se com Ícaro e Artur, quando podia ser infantil o bastante para irritar o (ex) namorado de propósito, dançando e se esfregando em um gostoso qualquer.

Em certo momento, Max e eu nos unimos ao trio. Em seguida, Tito, Plínio e suas respectivas se aproximaram, e começamos a dançar todos juntos.

Foi divertido pra caralho, e acabei com o cabelo ainda mais bagunçado.

Dançamos até o instante mais aguardado pelas mulheres solteiras em uma festa de casamento.

Eu estava feliz demais para ter minha noite estragada por uma vadia colocando as garras no meu digníssimo buquê.

A propósito, felizmente, nenhuma delas se aproximou de Max durante a festa. Graças a Deus, só fui me importar com a existência das putas na hora de jogar o buquê.

Antes de me virar, dei uma boa olhada no salão, coisa que, eu tenho certeza, toda noiva faz. Porque ninguém quer que aquela prima chata ou a vizinha safada pegue o buquê (ou, no meu caso, uma vadia qualquer).

Estou cem por cento certa de que todas as noivas dão aquela olhada marota, focalizam a amiga solteira mais querida (ou a mais precisada mesmo) *et voilà*, jogam o buquê na mão da felizarda escolhida e torcem para que ela seja ágil o bastante para pegá-lo antes que uma mais esperta o pegue.

Eu estava fazendo meu exame prévio das posições quando vi uma emburrada Maria Luísa sendo arrastada por Ícaro, que a segurava pelo braço enquanto abria caminho para conseguir um espaço privilegiado na frente do palco, onde Lari estava a postos, fazendo sinais para que eu jogasse o buquê em sua direção.

— Liv! Aqui! Eu tô aqui! — Ela gritava.

Lili, ao lado dela, também fazia gestos, um pouco mais discretos, e completamente diferentes dos de Fabíola, minha amiga, cujos berros e expansivos braços erguidos estavam me dando crise de riso.

— Pelo amor de Deus, Olívia! Misericórdia! Eu preciso me casar com aquele gato! — Ela gesticulava na direção dos caras, que, de pé ao redor da pista, se divertiam com a ânsia da maioria das mulheres para pegar o famigerado buquê.

Eu não fazia ideia de qual gato ela estava falando, mas, fosse quem fosse, eu esperava que ele não estivesse atento ao desespero de Fabíola para levá-lo ao altar.

— *Olíviaaaaaa*! Eu preciso desse buquê da sorte! Piedade! — Ela continuava berrando, pouco se fodendo para o escândalo.

Algumas vadias tinham o desplante de gritar também, pedindo que eu jogasse na mão delas. Inclusive, veja você, a ridícula da Drica, que incentivava:

— Aqui, anã! Joga aqui! Eu quero a magia negra desse buquê!

Só que nunca, queridinha.

As meninas e eu tínhamos combinado, na noite anterior, que elas ficariam todas juntinhas, e que eu jogaria o buquê na direção delas. Quem pegasse, pegou.

Foi o que fiz, quando Ícaro alcançou Lari e Lili, cumprindo o papel de levar Maria Luísa até elas.

Coitada. Eu entendia perfeitamente por que ela, que estava tão animada para pegar o buquê uma noite antes, já não o desejava mais.

Eu queria ter três buquês, um para cada uma. Mas, como só tinha um, fiz minha escolha.

Então, me virei de costas e, enquanto as mulheres, ensandecidas, gritavam pelas flores, comecei a fazer todo aquele suspense barra drama antes de, de fato, jogar meu lindo buquê de peônias e suculentas.

Quando, finalmente, o joguei, me senti o próprio Sílvio Santos jogando um aviãozinho de cem pilas para a plateia desesperada.

Porque desespero foi exatamente o que eu vi ao me virar.

O buquê, que joguei mirando Maria Luísa, foi tocado pelas pontas afoitas dos dedos de várias mulheres antes de estacionarem definitivamente nas mãos de...

Ícaro!

— Aaaaaaaaai, meu Deus! Eu pegueeeeeeeeeei! Eu peguei o buquê! — Ele pulava animado, fazendo todo mundo rir. — Chorem, inimigas! Eu sou o próximo, *bitches*! — Gargalhou e começou a sambar na pista, erguendo o buquê como se fosse um troféu.

— Parabéns, divo lacrador! — gritei, morrendo de rir, e ele me mandou um beijo no ar.

— O buquê era meu, viado! — Drica tentou alcançar a mão dele. — Tem que jogar de novo! Não valeu! Ele é homem! — exclamou, indignada.

— Com muito orgulho, mas com uma alma mais feminina que a sua, baranga! Xô, recalque! — Ícaro gesticulou, expulsando-a com as mãos. — Rala, mandada! Beijinho no ombro pra você, fofa! — Beijou os ombros e saiu desfilando pista afora, segurando orgulhosamente o buquê.

Naquele momento, eu não sabia que, quando voltasse da minha lua de mel, ouviria, em detalhes, tudo sobre o pedido de namoro de Artur, que não foi feito naquela noite, mas uma semana depois.

Ícaro ficou completamente desolado por, após o episódio do buquê, não ter sido imediatamente pedido em casamento. Casamento!

E ele fez questão de ressaltar o fato de que estava na fossa enquanto eu me embolava em lençóis de seda com Max.

Mas, segundo ele, a decepção e a espera valeram a pena, porque "foi o pedido de namoro mais bafônico da história!".

Artur o convidou para jantar em um requintado restaurante francês, e, depois de lamentar por uma semana, Ícaro achou que encontraria uma aliança dentro do bolinho do *petit gâteau*. Mas ela não estava lá, e ele comeu a sobremesa com o maior cuidado do mundo para ter certeza disso. E tampouco estava dentro da taça de champanhe que Artur colocou em sua mão quando os dois estavam na suíte do hotel no qual se hospedaram naquela noite.

Ele contou que tinha certeza de que Artur faria o pedido nas próximas horas, então decidiu esperar pacientemente. E esperou. E esperou. E nada.

Os dois fizeram *check-out* no dia seguinte, e Ícaro saiu de lá, nas palavras dele, "mais desapontado que mona descobrindo que o magia cobiçado não curte dar ré no quibe".

Enfim, ele estava arrasado quando Artur o deixou na porta da casa rosa.

Contou que estava tão triste que não conseguiu confrontá-lo. Queria chorar de tristeza. Mas desceu do carro em cima do salto, e só desabou quando entrou em casa e fechou o portão.

Minutos depois, ele estava deitado na cama, soluçando, quando ouviu uma batida à porta do quarto.

Levantou-se abruptamente, limpando os olhos, porque só podia ser Artur, que tinha uma cópia da chave da casa.

Avistou um quadrado de papel no chão, passado pela fresta da porta.

Levantou-se e o pegou. Havia uma única linha escrita:

"Esqueci de te perguntar uma coisa muito importante."

Outro pedaço de papel deslizou pelo assoalho, e Ícaro leu, com o coração aos pulos, a próxima linha:

"A gente vai à academia hoje?"

Furioso por fazer papel de trouxa, ele escancarou a porta, disposto a "rodar a baiana", mas a cena que encontrou — Artur ajoelhado, com a caixinha de veludo aberta na mão —, o fez estacar.

— Quer ser meu namorado, Ícaro? — ele perguntou, rindo.

O resto você já pode imaginar. O grito histérico que ele deu provavelmente foi ouvido nos rincões da Europa. E não estou falando do continente, mas de uma das luas de Júpiter.

Eu poderia contar cada detalhe (inclusive os sórdidos), mas levaria o mesmo

tempo que Ícaro levou me contando: séculos.

Imagino o quanto vai durar a narração do futuro pedido de casamento.

Enfim, depois que joguei o buquê, a festa continuou, mas Max e eu começamos a nos despedir das pessoas mais próximas.

Então, fomos para a sede, onde eu, rapidamente, fiz uma chuca (tinha pegado altas dicas com Ícaro e já estava craque) e coloquei minha *lingerie* para a noite de núpcias (convenhamos, não dava para ficar a cerimônia e a festa inteiras com um fio atolado no rabo).

Enquanto isso, Max ajeitava nossas malas no carro e tudo o mais.

Pouco depois, os pneus giravam na estrada molhada, nos levando ao hotel onde passaríamos a nossa primeira noite de casados.

Eu mal podia esperar.

85. É dando que se recebe

OLÍVIA

Max e eu estávamos na suíte presidencial real do *L'Étang*, localizada no último andar do hotel, cujo assoalho marmorizado tinha sido o mais luxuoso que meus pezinhos de pobre já tinham pisado em seus vinte e quatro anos de revestimentos humildes.

Ainda estava absolutamente boquiaberta com a intrincada fechadura dourada das portas de madeira maciça da suíte quando o mordomo as abriu.

Um mordomo, porra! Uniformizado e tudo, estilo mordomo de novela!

Eu não fazia ideia de que hotéis de luxo ofereciam aos hóspedes a possibilidade de desfrutar dos serviços de um mordomo exclusivo!

O homem alto de meia-idade, postura pétrea e modos cavalheirescos se chamava Dario, mas, na minha cabeça, era Alfred. Ou James. Eu ainda estava em dúvida sobre como chamá-lo mentalmente.

Alfred (ou James) foi bastante solícito ao nos apresentar os cômodos e amenidades da suíte; e muito cortês ao nos desejar uma boa estadia, colocando-se à nossa disposição para quaisquer requisições.

O ambiente esbanjava requinte e sofisticação em tons perolados e marrons. As paredes eram revestidas por um majestoso padrão rendado, cuja superfície oscilava em nuances claras devido à iluminação dos lustres.

A magnificência em detalhes que os móveis e objetos decorativos do quarto exibiam era admirável.

A cama, muito alta, tinha uma cabeceira com um estofado de camurça marfim margeado por uma elegante moldura dourada.

Lençóis brancos se estendiam sobre o colchão macio da *king size*, e fronhas com o monograma do hotel lavrado em fio dourado cobriam os incontáveis travesseiros de pluma de ganso.

Um *recamier* clássico, com estofado idêntico ao da cabeceira e esmerados detalhes cor de ouro, estava posicionado aos pés da cama.

Detrás dela, havia um painel espelhado, ladeado por cortinados suntuosos; e à frente, um painel de madeira, emoldurado por arabescos dourados, exibia uma enorme televisão de LED acoplada no centro (como se fôssemos precisar dela).

Refletindo seus cristais na parede de espelhos, dois lustres exuberantes pendiam acima dos móveis marchetados que faziam as vezes de criados-mudos.

Um porta-champanhe repleto de gelo, contendo uma garrafa de espumante, estava sobre uma bandeja dourada, pousada em cima de um deles. Ao lado, um líquido rosado preenchia o interior de uma taça decorada (provavelmente, meu coquetel sem álcool).

Um dos cômodos laterais era uma sala banhada por luzes apensadas às paredes e provenientes da sanca invertida.

Havia um sofá marfim coberto por um pelego marrom e duas banquetas baixas, cujos assentos eram feitos do mesmo tecido felpudo do pelego.

Sobre uma escrivaninha de acabamento rebuscado, acompanhada de uma bela cadeira, repousavam dois castiçais de anjos em ouro envelhecido.

Um par de espelhos ovais, de molduras renascentistas, estava pendurado sobre o perolado papel de parede.

Acima do sofá, pairava um enorme lustre; e duas mesinhas redondas de madeira dourada descansavam de cada lado, ostentando pequenos e delicados abajures.

Do outro lado, ficava o *living*, onde havia outra televisão de LED, um Mac mini, um *dock station* e outro sofá.

O amplo banheiro de mármore italiano branco contava com duas duchas, banheira, secador de cabelos (graças a Deus, porque eu tinha esquecido o meu), muitos rolinhos de toalhas macias, roupões e um kit de amenidades, como sais, espuma e gel de banho, xampu, condicionador, loção pós-barba, leite corporal e óleo de massagem, tudo da *L'Occitane*.

Mas a coisa mais impressionante da suíte era a área privativa de lazer, dotada de uma piscina térmica com hidromassagem e cascata, além de uma sauna a vapor.

As três janelas, dispostas lado a lado na parede lateral azulejada, permitiam uma vista espetacular dos pontos iluminados da cidade.

Sobre a borda de mármore, toalhas e roupões estavam cuidadosamente ordenados, bem como potinhos com sais diversos.

— Estou me sentindo uma madame ricaça, porra! — exclamei, assim que Alfred (ou James) fechou as portas, nos deixando a sós na espaçosa sala de estar.

Max deu uma risada e me puxou pela cintura, colidindo nossos corpos com um ágil movimento súbito.

Enquanto sua mão aquecia minha pele sob a *musseline* de seda do vestido, seus lábios entreabriam os meus.

Sons de pura satisfação escapavam de nossas bocas durante o beijo, que começou doce e cuidadoso, mas logo se transformou em rude e desesperado.

Deslizei as abas do paletó, passando-as por seus ombros. Max terminou de tirá-lo enquanto eu me ocupava do colete.

Quando a peça caiu sobre o piso acarpetado, ele me pegou no colo e começou a nos guiar a passos largos em direção ao quarto.

— Esta é a cena romântica em que o noivo ansioso carrega a noiva casta até o leito nupcial para a aguardada consumação do matrimônio? — perguntei, tentando não rir.

Ele não se preocupou em conter a gargalhada, que escapou de sua garganta e recurvou seus lábios de um jeito que me fez umedecer os meus.

— Esta é a cena nada romântica em que o noivo desesperado para trepar carrega a noiva doida para dar até a cama mais próxima, para fodê-la a madrugada inteira — ele corrigiu, me jogando sobre o colchão.

Depois de tirar rapidamente os sapatos, Max tirou os meus. Então, puxou a gravata borboleta, sorrindo maliciosamente durante o processo (daquele jeito enviesado que acabava com a minha saúde mental).

Atirando a gravata no chão, ele subiu na cama, curvando-se sobre mim.

Recebi seu corpo entrelaçando as pernas em sua cintura e escorregando os dedos em seu cabelo enquanto nossas bocas precipitavam-se em beijos ávidos.

Seus lábios envolviam os meus, resvalavam para o meu queixo e estalavam em meu pescoço, produzindo suaves ruídos que rivalizavam com meus sons luxuriosos.

Impulsionei o corpo, ele entendeu o recado, e se deixou cair de costas sobre o colchão, me deixando ficar por cima.

Com os lábios colados aos dele, comecei a desabotoar sua camisa, sentindo nas pontas dos dedos a maciez do algodão egípcio.

Ao mesmo tempo em que eu me empenhava na dupla tarefa de beijá-lo e desabotoá-lo, suas mãos percorriam minhas pernas sob o náilon das meias da minha cinta-liga branca.

— Eu preciso ver isso, porra — ele gemeu em minha boca, tentando se levantar.

— Fica quieto, Vetter — ordenei, erguendo o corpo e espalmando as mãos em seu peitoral.

Afastei as duas faixas de tecido branco, revelando seus músculos trabalhados e bronzeados.

— Eu realmente preci... — ele começou, subindo as mãos pelas minhas coxas por baixo do vestido.

— Shhhhh... — Inclinei-me e sussurrei em seus lábios, puxando o inferior e iniciando um beijo vagaroso.

Suas mãos galgaram minha pele e estacionaram em minha bunda.

— Puta... Merda... — ele ofegou, enquanto seus dedos perfuravam minha carne.

Mais que depressa, levou as mãos às minhas costas para abrir os botões forrados do meu vestido.

— Caralho! — xingou, quando percebeu que não conseguiria tirar os minúsculos e infinitos botões dos passadores sem vê-los.

Dei uma risada.

— Como sou muito boazinha, vou te dar uma mão, cretino — falei, beijando seu maxilar barbeado.

Saí de cima dele e fiquei de pé em cima da cama. Contemplei seu corpo displicentemente deitado; a camisa desabotoada, o cabelo ligeiramente bagunçado, o sorriso estampado no rosto.

Estendi a mão e, rindo, ele a aceitou, ficando de pé junto comigo.

Max segurou minha nuca e me deu um beijo prolongado.

Quando estávamos sem ar, ele me virou, e eu fiquei de frente para o painel de madeira.

Então, afastou meu cabelo, depositando-o sobre meu ombro direito, e começou a beijar meu pescoço enquanto abria os botões devagar, provocando uma cadeia de arrepios em minha espinha com o roçar dos dedos e dos lábios em minha pele.

— Você é tão linda... — Sua voz rouca acariciou meus ouvidos. — E é minha. — Seu hálito morno afagou minha orelha. — Minha esposa. — Suas mãos deslizaram pelos meus ombros, e o vestido escorregou pelas minhas curvas, quedando aos meus pés.

Senti seu corpo se afastando para me observar. Ele não disse nada, então eu me virei.

Max me fitava, boquiaberto, como se estivesse me vendo pela primeira vez.

Com o cenho franzido, ele mordeu o lábio e, passando os dedos pelo cabelo, entrelaçou as mãos na nuca enquanto seus olhos exploravam meu corpo.

Eu estava sem sutiã, usando uma calcinha mínima de renda branca, que acompanhava a faixa rendada, as meias sete oitavos esbranquiçadas e as tiras elásticas.

— Quer me matar, porra? — Com uma voz sofrida, ele encurtou a distância entre nós, preparado para me agarrar.

Pulei rapidamente da cama para provocá-lo, e comecei a andar de marcha ré em direção à sala.

— Olívia... — ele pronunciou em tom de aviso, descendo e me seguindo enquanto tirava o cinto.

Fiz uma cara de espanto e perguntei, impostando uma voz inocente:

— Vai me bater, papai?

Ele sorriu.

— Não preciso disto — jogou o cinto no carpete — para te ensinar uma lição, senhorita Olívia.

— Acho que não sou mais uma senhorita — observei, acariciando meus peitos ao atravessar a porta que separava o quarto da sala.

— Você sempre vai ser minha "senhorita Olívia", embora seja a senhora absoluta da minha vida — ele disse, desabotoando a calça com impaciência, enquanto seus olhos acompanhavam os movimentos das minhas mãos.

— Que lindo, cretino... — Soltei um suspiro.

— Lindo vai ser meu pau deslizando na sua boceta — ele puxou uma das pernas da calça — em três... — Puxou a outra, jogando-a no chão. — Dois... — Tirou a cueca em um piscar de olhos, roubando-me o direito de mirar, por tempo indeterminado, o volume delicioso na *boxer* branca. Mas me presenteando com a visão suculenta daquele pau divino.

No instante seguinte, ele me empurrou no sofá, deitando-se sobre mim.

Afastando a lateral da minha calcinha, entrou de uma vez, despejando em minha boca:

— Um.

Soltamos um gemido conjunto, e ele começou a se mover, arfando e puxando o ar e enfiando até o final e saindo depressa e atolando de novo.

Seus braços estavam flexionados, e ele conservava o corpo suspenso sobre o meu. Nossos olhos mantinham-se conectados, e minhas íris memorizavam suas feições devotadas, que se alteravam a cada nova metida.

As estocadas, nossa respiração descompassada, os gemidos tresloucados, o suor, minhas unhas cravadas em sua pele e nossos olhares cruzados deixavam claro que aquilo era uma foda, na acepção mais carnal do termo.

Mas a forma como Max me olhava, tão intensa, tornava o ato sublime, ainda que, em termos práticos, ele estivesse me comendo sem piedade.

Segurando minha coxa com firmeza, ele se inclinou para alcançar minha boca. O cacete entrou mais fundo e mais gostoso.

Enredei nossas línguas e emaranhei as pernas em sua cintura enquanto os movimentos bruscos arrancavam gemidos descontrolados da minha garganta.

Eu estava inebriada pela sensação de pré-goza quando Max ergueu a cabeça.

— Eu vou gozar, porra... — alardeou, um tanto desesperado.

Minha resposta foi um jogar de cabeça para trás, um fincar de unhas em suas costas, um gemido prolongado e uma sucessão de tremores involuntários.

Ele deixou o corpo cair sobre o meu enquanto urrava em meu cabelo. Senti as últimas vibrações do orgasmo deleitando-me com seus sons enrouquecidos no pé do ouvido.

— Não acredito que te comi — ele disse, com a voz abafada, assim que

conseguiu normalizar minimamente a respiração.

— Hã? — perguntei, acariciando seus fios, grogue demais para formular algo mais elaborado que um monossílabo.

Ele levantou levemente a cabeça.

— A nossa primeira vez de casados, Olívia — falou, lutando contra a respiração pesada —, foi num sofá, e durou o quê? Um minuto?

Dei uma risada.

— Foi perfeito. — Puxei sua cabeça e pincelei seus lábios com um beijo. — Exatamente como a nossa primeiríssima vez.

Ele sorriu e beijou minha bochecha.

— Vou te amar até o meu último segundo na Terra — disse, olhando em meus olhos.

— E depois você vai para Marte, pegar umas marcianas, né, safado? — brinquei, e ele riu.

— Já tenho uma mulher de outro mundo. Fodam-se as marcianas. — Ele abriu um sorriso lindo, que me deixou derretida.

— Hum... E as jupiterianas? — perguntei, manhosa, bagunçando o cabelo dele. — E o que você me diz sobre as venusianas?

— Fodam-se as marcianas — ele beijou um lado do meu pescoço —, as jupiterianas — beijou o outro —, as venusianas — depositou um beijo em meu queixo —, as terráqueas — sua boca tocou a ponta do meu nariz — e todas as mulheres de todos os planetas, deste universo e todos os universos paralelos que porventura existirem. — Finalizou, tangenciando meus lábios.

Tentei reprimir o sorriso, mas não consegui, e ele o engoliu com um beijo preguiçoso, que produzia deliciosos estalinhos a cada pausa.

— Vem — ele disse de repente. — A gente vai fazer uma coisa.

— Que coisa? — perguntei, curiosa, observando-o ficar de pé enquanto eu me sentava.

— Um bebê — ele respondeu, rindo.

— Cachorro... — Dei uma risada.

— Não, não um cachorro, porra. Um bebê humano — zoou.

— Palhaço... — Revirei os olhos, e ele gargalhou.

— Tô zoando, linda... Como a gente já fez, não só um, mas dois bebês — ele se sentou ao meu lado e acariciou minha barriga —, vamos fazer outra coisa agora.

— Que seria... — instiguei, apoiando-me em seu pescoço e me sentando em seu colo.

— Amorzinho gostoso — ele disse, rindo em meus lábios.

— Huuuummmm... Então eu quero ir no colinho — falei, caprichando no

dengo.

— Vestida assim e falando desse jeito, você só pode estar pedindo pra ser fodida como uma puta de novo, porra — ele disse, todo bravo, apalpando meus peitos. — Isso é uma noite de núpcias, Olívia. Precisamos transar devagar, trocando carícias e juras de amor, nos beijando ardentemente e a porra toda... Eu apreciaria muito se você facilitasse o meu trabalho de marido romântico.

— Me pega? — pedi, ignorando-o de propósito, fazendo uma expressão ingênua e dando vários beijinhos em seus lábios.

— Pego. — Max sorriu maliciosamente em minha boca, enlaçando minha língua.

Ainda me beijando, ele nos ergueu do sofá.

Instantes depois, estávamos molhados e cobertos de espuma, desfrutando da calidez da água morna da piscina.

MAX

Meus dedos puxavam, lentamente, as meias molhadas de suas pernas.

Olívia estava sentada à beira da piscina, e seu olhar ébrio esquadrihava meus movimentos propositadamente lentos.

Ela começou a mexer nos mamilos e, involuntariamente, apressei a retirada das meias, relegando-as a um canto da borda quando terminei de tirá-las.

Coloquei-me entre suas coxas, alcançando sua boca.

Minhas mãos acariciavam seus peitos, e meus ombros eram acariciados pelas mãos dela, que espalhavam espuma em minha pele enquanto nos beijávamos.

Desci a boca por seu pescoço úmido e lambi e suguei sua pele até meus lábios alcançarem o paraíso que eram aqueles peitos; tão redondos e pesados e macios.

Beijei seus mamilos e toda a deliciosa abundância carnuda ao redor sentindo as pontas de seus dedos deslizando em minha nuca e entre os fios do meu cabelo.

Puxei-a para dentro da água e, colando o tórax às suas costas, comecei a beijá-la, apalpando-a e enchendo-a de espuma.

Ficamos assim até que ela se virou e me abraçou, intensificando o ritmo dos beijos.

Coloquei-a de volta sobre a borda e, sem interromper as manobras de nossas línguas, tirei o restante das peças.

Quando ela estava deliciosamente pelada, abri suas pernas.

Apoiando-se com uma mão, ela levou a outra à minha cabeça, que se meteu entre suas coxas.

Comecei circundando seu clitóris rudemente; beijando, sugando e lambendo sua pele sensível sem muita delicadeza.

Seus pés deslizavam por minhas costas escorregadias, e ela gemia alto, apertando os peitos, torturando os mamilos.

— Tão gostoso... — gemeu, massageando meu cabelo.

Enfiei dois dedos em sua entrada, pareando o ritmo das investidas com os movimentos da minha língua, e ela emancipou uma sequência de gemidos e palavras indistintas.

Subi a cabeça para beijá-la e fui tirando os dedos devagar.

Entrando novamente na água, ela ordenou:

— De pé, cretino.

Levantei-me, fitando sua expressão safada.

Olívia agarrou meu pau e o mergulhou inteiro na boca, engolindo-o do jeito que aprendeu na escola de magia negra indiana, que, com certeza, ela frequentou. E nunca cabulou uma aula.

O cacete sumia completamente e reaparecia em segundos.

Ela estava chupando minhas bolas e, num passe de mágica, sua língua habilidosa brotava na cabeça da minha rola.

Aquela chupação insana era gostosa pra caralho. Ela não fazia um boquete, deglutia meu pau.

Olívia era a mulher da minha vida porque só ela sabia me chupar de verdade ou só ela sabia me chupar de verdade porque era a mulher da minha vida?

Eu não sabia, porra.

Com um sorriso obsceno, ela deslizou meu cacete nos peitos molhados, rodeando os mamilos com a ponta.

— Isso, safada — incentivei, e ela mordeu o lábio.

— Assim? — perguntou com pretensa ingenuidade, enquanto o estacionava no apertado vão entre seus peitos.

— Porra, Olívia... — murmurei, quando ela juntou os dois.

Comecei a me mover, fodendo aquelas delícias de tetas.

— HUUUumm... — gemeu. — Isso, cretino, fode gostoso. — Ela abocanhou meu pau, e eu o firmei novamente, voltando a meter.

Os peitos de Olívia redefiniam o significado e o sentido de "espanhola". E o que ela fazia com as mãos, balançando-os sobre a minha pica, também fazia parte do combo de bruxaria no qual ela era *expert*.

Eu ia acabar esporrando naqueles peitos, caralho.

Tirei o pau, segurei as bolas e coloquei em sua boca. Ela as chupou, me

lançando um olhar pecaminoso.

Então, lambeu da base ao topo e engoliu meu cacete inteiro, indo e voltando, deixando a garganta livre pra que eu estocasse.

Apoiei as mãos em sua cabeça, agarrando seu cabelo, e, gemendo pra caralho, fodi sua boca até que ela levou os lábios até o fim e os tirou para me engolir de novo.

Puxei seu rosto e me curvei para beijá-la. Ela ficou de pé, acariciando minha pica enquanto nossas línguas perfaziam movimentos relapsos.

Interrompi o beijo para colocá-la de costas.

— Gostosa... — Dei um tapa em sua bunda, apertando sua pele.

Soltando um gemido, ela se apoiou na borda da piscina, empinando-se e me olhando sobre o ombro.

Levantei sua perna, e, contemplando sua entrada, enfiei-me dentro dela. Gememos juntos, e eu comecei devagar, enfiando só um pouco, e saindo e enfiando de novo.

— Que delícia, Max...

Entrei um pouco mais, aumentando gradativamente o ritmo.

— Isso... Ai, que gostoso...

Abri sua bunda e meti mais fundo. Saí e entrei devagar, preenchendo-a centímetro a centímetro.

— Mais... Mais, cretino... — ela choramingava.

— Que gulosa... — falei, inclinando-me para apertar um peito.

— Mete tudo, porra... Atola, Max... Vai... — ela implorou.

— Mas e o amorzinho gostoso? — provoqueei, dando uma estocada brusca.

Ela gemeu alto, e eu dei três estocadas seguidas, apertando sua bunda.

— Ai, meu Deus... Isso... — Ela deu uma rebolada.

— Tão vagabunda... — falei, metendo sem parar.

Comecei a comê-la vigorosamente, apoiando-me em sua cintura, afundando-me cada vez mais e mais rápido.

— Eu te amo... Por... Me foder... Assim... — ela disse, com a voz entrecortada.

— Assim como, safada? — perguntei, apalpando seus peitos, sem interromper as metidas.

— Tão gost... Huummm... Tô quase goz...

— Isso, linda, geme...

Continuei metendo enquanto ela gozava, ouvindo seus gemidos altos.

— Quero gozar no seu cu — falei, tirando o pau quando ela terminou.

— Não, senhor. — Olívia se levantou e uniu nossos corpos, deslizando os peitos em meu tórax ao entrelaçar os braços em meu pescoço.

— Linda... Deixa... — pedi, beijando seu rosto e fazendo movimentos circulares com o dedo médio no lugar onde eu estava louco para enfiar o pau.

— Você não está merecendo, Vetter — ela disse, sugando meu maxilar.

— Eu sou seu marido, sabia? Tenho meus direitos. — Tentei não rir, mas não consegui conter uma risada.

— Você não teria esses tais direitos nem se estivéssemos no século XIX, cretino. — Ela riu.

— Olívia... Deixa... — insisti.

— Você está implorando? — Ela se afastou um pouco para me fitar, fazendo uma adorável expressão satisfeita.

— Por enquanto, só pedindo — provoquei.

— Então continua pedindo, Vetter. Quem sabe um dia... — Ela se afastou de vez e começou a caminhar em direção à cascata da piscina.

— É assim que você quer que eu me lembre da nossa noite de núpcias? — dramatizei.

— Assim como, lindo? — perguntou, debaixo do fluxo d'água.

— Vou dizer aos nossos netos: "tudo o que eu queria era um pouco de cu no caralho da minha noite de núpcias, e a sua avó teve a coragem de negar". — Fiz minha melhor cara de vítima.

— A Globo está te perdendo, Max Vetter. — Rindo, ela terminou de se livrar da espuma.

Aproximei-me para ajudá-la sair da piscina.

— E as atrizes da Globo também, né, linda? — pirraça, dando uma piscada e oferecendo uma mão.

— Enfia no cu essa mão, Vetter, e masturba o próprio rabo.

Tive o caralho de uma crise de riso.

— Seu ridículo! — Ela enfiou a mão na água e jogou na minha cara. Engoli espuma.

Comecei a tossir enquanto ria.

Ela içou o corpo, sentando-se na borda e tirando os pés da água. Alcançou uma toalha e começou a se secar, ignorando minha crise de tosse e de riso.

Enfiei-me debaixo da corrente de água, sacudi a cabeça e subi para me sentar ao lado dela.

— Eu amo essa carinha nervosa — falei, beijando-a na bochecha.

— Eu amo essa carinha nervosa — ela me imitou, enxugando os braços com força.

— Por que você é tão perfeita, porra? — Abracei-a apertado. — Eu te amo, linda.

— E eu te odeio — ela desdenhou.

— Não tem problema. Eu te amo por nós dois. — Beijeí sua têmpora.

Ela deu de ombros e impulsionou o corpo para fora, descendo da borda.

Então, pegou um roupão e começou a vesti-lo. Fiz o mesmo, observando em silêncio as falsas e hilárias expressões de desdém que ela estava fazendo.

— Eu sou completamente louco por você, sabia?

— Foda-se — ela respondeu, enfiando os pés nas pantufas.

Dei uma risada.

— O que você pretende fazer agora? — sondei.

— Vou secar o cabelo com o secador e, depois, vou dormir — ela respondeu, começando a se dirigir para o banheiro.

Fui atrás, gargalhando.

— Não sei do que você está rindo, cretino.

— Dessa piada que você acabou de contar, linda — esclareci.

— Estou falando sério, Max.

— Tá. Então você seca o cabelo e depois a gente vai dormir. — Decidi entrar no jogo.

Quando chegamos ao banheiro, tirei o roupão.

— Por que você está ficando pelado? — ela perguntou, com os olhos no meu pau duro.

— Estamos em um banheiro — respondi, encurralando-a contra a pia. — É um lugar onde as pessoas costumam ficar peladas. E eu não te dou trinta segundos de resistência. Você tem um fraco por trepadas no banheiro, minha linda — sussurrei, beijando seu pescoço.

— Max... — Ela tentou me afastar.

— Calma, linda... A gente não vai transar. Vou tomar uma ducha. Estou só pegando o xampu — falei, esticando um braço para alcançar o vidro na bancada. — Será que é esse? — examinei o frasco, pressionando o corpo contra o dela. — Porra. Condicionador. — Inclinei-me um pouco mais, devolvendo o vidro, e ela roçou a mão no meu pau. — O que foi isso? — perguntei, fazendo uma expressão maliciosa.

— Ah, desculpa. Foi sem querer — ela dissimulou, toda descarada. — Max, sai daí... — começou, mas se calou quando eu a ergui e a sentei sobre a pia.

— Me põe no chão, cretino... — pediu, sem convicção alguma, quando afastei seus joelhos e enfiei a mão debaixo do tecido felpudo, circundando seu clitóris.

Mergulhei a mão livre em sua nuca e beijeí seus lábios fechados. Ela gemeu em minha boca, puxando meu corpo com as pernas. Deslizei o roupão por seus ombros, sorvendo seu lábio inferior. Usei a língua, começando a beijá-la, quando me enfiei dentro dela.

Olívia apoiou as palmas no mármore, e eu fiz seus peitos apetitosos de apoio

enquanto entrava e saía, inclinando-me para lambe seu pescoço, morder sua pele, beijar sua boca.

Ela tirou as pernas da minha cintura e firmou as solas dos pés na bancada, ficando deliciosamente aberta.

— Puta que pariu... — Comecei a massagear seu clitóris enquanto estocava.

— Ai, que delícia, cretino...

Segurei suas coxas, aumentando o ritmo.

— Gostosa do caralho... — Curvei o corpo e devorei sua boca, mordendo seu lábio com força.

Ela gemeu, apertou minha nuca e começou a se mexer junto comigo, fodendo meu pau.

— Gostoso... Que gostoso... — Senti suas unhas em minha pele e entrei mais fundo, mais rápido... — Ai, meu Deus, eu vou gozar...

Ela se apoiou completamente em meu corpo, me beijando com voracidade. Seu beijo era quente, macio e possessivo.

Eu podia sentir um leve gosto de sangue, e isso só me fazia querer beijá-la de volta, mais e mais.

E, então, ela explodiu em minha boca, me abraçando apertado e gemendo deliciosamente alto em meu pescoço enquanto eu beijava o dela.

Quando as sensações começaram a amainar, senti seus lábios em minha pele, alcançando os meus. Começamos a nos beijar devagar; um beijo que, ao mesmo tempo em que acelerava, acalmava meu coração.

Minhas mãos percorriam, lentamente, suas curvas. As dela alisavam meu peito.

— Te amo, Olívia. Te amo, linda. Te amo — falei, finalizando o beijo.

— Te amo, Max. Te amo, cretino. Te amo — ela disse, rindo em minha boca.

Então me afastou, desceu da pia e, enquanto eu tentava entender o motivo da descida brusca, ela se apoiou na bancada e empinou a bunda.

— Vou deixar só porque eu tô doida pra rebolar nesse pau. Não tem nada a ver com o fato de que você pretende fazer minha caveira pros nossos netos — ressaltou, tentando não rir.

Dei uma risada, mas o riso morreu quando ela moveu sedutoramente as pernas.

Observei o movimento enlouquecedor e, hipnotizado, abri as duas bandas e beijei o espaço entre elas.

Os gemidos de Olívia foram ficando mais intensos à medida que eu aumentava a pressão da língua.

Ergui o corpo e guiei o pau, enfiando a cabeça devagar. Ela começou a gemer do jeito que me deixava louco, emitindo uma mistura de sons de prazer e dor; os

prazerosos sobrepujando os dolorosos a cada centímetro enfiado.

Quando tinha colocado a metade, comecei a entrar e sair com força, atolando um pouco mais a cada metida.

Ela gemia pra caralho, rebolando insanamente na minha pica. Era impossível comer aquele cu, olhando aquela bunda e ouvindo aqueles gemidos, por muito tempo. Eu tinha uma resistência baixíssima a *arschficken*. Era meu calcanhar de Aquiles.

— Vai, gostoso... — Ela me olhou por cima do ombro. — Atola tudo.

Dizendo isso, deu uma rebolada lenta, colando a bunda na minha pélvis.

— Eu vou encher esse rabo gostoso de porra, sua safada. — Puxei seu cabelo molhado com uma mão e apertei a bunda com a outra, saindo e enterrando de novo, gemendo feito um filho da puta.

— HUUUUUMMMM... Enche... Goza nesse rabo todo, meu lindo... — Ela rebolou mais forte, e eu senti o gozo chegar.

Olívia rebolou de novo, a sensação me atingiu em cheio, e um urro escapou da minha garganta.

Tudo ficou escuro enquanto eu experimentava o orgasmo mais intenso da minha vida.

Meu coração batia tão rápido que, por um instante, achei que aquele seria o fim.

Tirei o pau e continuei gozando em sua bunda, vendo a porra escorrer e lambuzá-la.

Ela se mexeu, esfregando-se em minhas bolas, fazendo o cacete subir e me sujar também. Então se virou, aproximando-se.

— Gostoso... — Colou a boca na minha, afundando os dedos em meu cabelo.

Eu estava absolutamente arfante, meus ombros subiam e desciam sem controle durante o beijo.

Ela deslizou as mãos pelo meu abdome úmido e se afastou, mirando meus olhos, enquanto eu respirava com dificuldade.

— Te amo, lindo.

— Te amo, linda. E amo seu cu — falei, meio embriagado, e ela riu.

Depois disso, tomamos uma ducha e voltamos para o quarto, onde eu fiz amor com minha esposa na cama, como mandava o figurino, antes de adormecermos junto com o nascer do sol.

86. O tempo cura tudo

PIOLHO

Mano, a parada é a seguinte: eu tô na merda, tá ligado?

Não transo há uma semana! Uma semana, meu. Maria Luísa tá matando todas as aulas.

Ontem teve prova de Português. *Tava* difícil pra *carai*. Se ela acha que eu vou repor, tá muito enganada. Eu tô com a faca e o queijo na mão, *véi*. Ela vai ficar de recuperação, pra aprender a não me deixar na bosta.

Tô zoando, mano. Vou aplicar a prova pra ela. Só nós dois na sala, tá ligado?

Zoeira! Ainda tô zoando, *véi*. Nem sou eu quem aplica as provas. Eu só elaboro as paradas. Tudo prova *difiçona*, pra foder geral. Nego que não estuda tem que levar chumbo grosso no rabo, tá ligado?

Os alunos do terceiro ano fazem os simulados juntos, em salas diversas, todo mundo misturado. E o sistema é o mesmo para os que precisam fazer a segunda chamada.

Felizmente, né, *véi*. Porque, se ela fosse fazer a prova sozinha na sala comigo, ia dar uma merda federal, saca?

Mano, para de acreditar em tudo que eu falo! *Cê* acha mesmo que eu seria capaz de trepar com ela na sala, no meio da prova?

Mais respeito, tá ligado? Eu sou profissional, meu. Tenho uma carreira a zelar (eu ia trepar, sim, *carai*. Seria a realização de um sonho, saca?).

Tá feia a coisa, mano. A anaconda tá sem se alimentar há sete dias, *véi*. É o meu recorde, desde que eu virei o Piolhão da Surubada.

Alguém sabe quantos dias uma cobra pode ficar sem comida?

Pera. Vou dar uma pesquisada.

Mano, dei um Google aqui, tá ligado? E acabei de descobrir que, em períodos de escassez, elas conseguem ficar mais de seis meses sem se alimentar! E que algumas espécies conseguem sobreviver dois *fucking* anos sem comida, *carai*!

Mano de Deus, *cê* é louco, meu! Minha cuspideira é da espécie que morre depois de sete dias sem comer.

Ela tá no limite já, *véi*. Sete dias é o máximo, saca? É uma cobra-Samara (pra que eu fui me lembrar dessa mina agora, mano?).

Prefiro que a Samara apareça pra mim e me puxe pra dentro do poço a precisar ficar sem sexo por mais um dia, *véi*. Pra você ter noção do meu

desespero.

Na moral. Vou morrer se não transar ainda hoje (com Maria Luísa).

Está anoitecendo, Maria Luísa não apareceu, e eu não transei. Samara também não deu as caras (pelo menos isso).

Não morri. As aparências indicam que estou vivo. Mas me sinto morto.

Acabei de chegar da mansão dos Forcatto.

Agora estou deitado, fitando o teto, sentindo as lágrimas silenciosas ferirem minha pele.

Não sei se odeio mais Maria Luísa, minha vida ou o fato de estar chorando porque minha vida era Maria Luísa, e ela se foi.

Mano do céu. A anaconda não come há trinta e oito dias.

Hoje é dia das bruxas. Tem festa de *Halloween* na escola, e é claro que Maria Luísa não está aqui.

Estou fantasiado de zumbi. Achei que seria uma boa fantasia, porque não precisaria fazer nada para me parecer com um, além de rasgar minhas roupas, bagunçar o cabelo e sujar a cara. De resto, só precisaria ser eu mesmo, sem me preocupar em agir como se estivesse morto.

Já estou morto por dentro.

Não tô dormindo nem comendo nem vivendo direito há mais de um mês.

Sério, *véi*, sem zoeira.

Mas relaxa, mano, que o *shape* do Piolhão continua intacto. Eu não tô deixando de ir à academia, e dobrei a quantidade de exercícios e séries por motivos de:

1) Malu ainda vai voltar, e eu preciso estar com um *shape* da hora quando isso acontecer;

2) Mano, eu não tô trepando. Se eu parar de malhar, vou viver como? Meu corpo precisa de endorfinas e o *carai* todo pra não parar de funcionar, saca?

3) Minha mão já tá caindo de tanto sacudir a anaconda (só pra ela ficar esperta e não hibernar), mas as cuspidas diárias não liberam a quantidade de endorfina de que preciso.

4) As minas não me deixam em paz, meu. Haja musculação pra desviar o foco de outras bocetas.

5) Então, *véi*. Acho que *cê* já entendeu.

Quero ir embora desta festa.
Putão tá me ligando, mas não vou atender.
Ele me liga sessenta vezes a cada minuto do *carai* do dia, pra ter certeza de que eu não me matei.
Mano, isso que eu acabei de falar foi mórbido.
Ignora, foi só o zumbi falando.
Quero voltar pra casa, pro meu apartamento novo, e deitar na minha cama, o lugar mais triste do mundo, porque nunca conheceu Malu.

Não vejo Maria Luísa há quarenta dias.
É feriado, dia de finados. Um dia temático.
Não estou de bom humor. Não espere piadinhas. Estou mórbido de novo, para combinar com a minha vida, que ficou mórbida desde que perdi Malu.
Espero que ela vá me visitar no cemitério. As flores ela pode enfiar no cu dela.
Não tenho ânimo para falar *piolhês*.
Putão está enchendo o caralho do meu saco, tentando me tirar de dentro do apartamento.
Eu já o mandei ir se foder umas quinhentas vezes, mas ele não vai. Prefere me foder.
Não posso beber meu uísque em paz, na porra da minha casa, só porque ainda não deu nem meio-dia.
Foda-se o sol.
Ele está abrindo as cortinas.
Putão, não o sol.
Agora está tentando pegar meu amigo uísque. Meu único amigo que eu amo.
Não vou deixar.
— *Porco Dio! Non mi rompere le palle, figlio di troia! Vaffanculo, succhiacazzi! Vattene!* —
Chuto a perna dele.
Eu falo em italiano quando estou bêbado. Desculpa.
— *Zitto, ubriacone! Vai a farti fottere, brutto figlio di puttana! Ma vattela a pia n'derculo, cazzo di merda!* — Ele me xinga e sequestra meu amigo uísque.
Alguém, por favor, pede pra ele ir embora? Que cara chato.
Não deixem ele comer meu cu (ainda bem que Plínio não veio junto).
Sei lá, ele podia ir comer o cu da esposa dele, viver a vida perfeita de homem recém-casado dele, com a mulher da vida dele, e me deixar aqui, na merda.

Hoje é dia de finados, e eu só quero que Maria Luísa morra.

Eu não quero que Maria Luísa morra. Quero que ela volte agora.

Eu queria tanto que ela voltasse agora...

Cinquenta e três dias, caso alguém esteja interessado em saber.

É feriado de novo. Dia da Proclamação da República.

Quem quer proclamar a República, mano?

Me solta, Putão, eu quero proclamar, em alto e bom som, que odeio Maria Luísa Forcatto.

"EU ODEIO MARIA LUÍSA FORCATTO, TÁ LIGADO?"

Como ele me achou aqui? Eu tô num bar, mano. E o cara me segue.

Alguém tirou o copo de vodca da minha mão.

Tô rindo, porque não posso beber nem vodca, véi.

Tão sequestrando minha amiga vodca.

Todos os meus amigos são sequestrados.

Todos eles me abandonam, que nem Maria Luísa.

"Meu Erro", de "Os Paralamas do Sucesso", tá tocando no som do carro.

Tô na estrada, dirigindo. Vou atrás de Maria Luísa.

Ela tá no inferno, por isso eu tô bêbado. Pra chegar até ela mais rápido.

Eu amo uísque. Meu parça tá de volta.

A gente vai ficar junto. Tô falando de Maria Luísa e eu. E de Uísque, nosso bebê.

Putão acha que só ele tem uma família. Eu também tenho. A gente se ama.

Tô indo, Malu. Espera, mano, tô chegando com a nossa garrafa.

Aquilo ali é uma carreta?

Por que ela tá na contramão?

E agora, véi?

Ah, eu que tô na contramão, tá ligado? Que *doidera*, meu...

Tô vendo uma luz.

Dor.

Escuro.

Fim.

Tô zoando, mano!

Mals aê. Tava só tentando zoar alguém, porque tô cansado de ser o único

zoadado pela vida.

Tô sóbrio hoje. Na moral. Tô no meu quarto, tá ligado? "Meu Erro" tá saindo das cordas do meu violão, não do som do carro. Tô tocando.

Não morri. Eu juro.

É sábado à noite.

Putão acabou de me ligar. Atendi depois da septuagésima nona chamada. Ele tá vindo pra cá com os putos.

O que eu quero com macho, véi?

Preciso de mulher, tá ligado?

Acho que vou sair, pegar umas minas e pá.

Não preciso de Maria Luísa pra nada.

Eu não mencionei? Ela me deixou há setenta e sete dias.

Ontem eu vi Analu, minha primeira namorada, no supermercado. Fui comprar uísque. Ela *tava* comprando vodca.

Voltou pra cidade. Foi ela que Drica encontrou numa festa um dia aí.

Tá gata pra *carai*, e pirou no meu *shape*. Falou que meu "cabelo perfeito" não teve nada a ver com nosso término. Ela foi embora porque algum capanga do meu pai "sugeriu" ao pai dela que a vida seria mais fácil em outra cidade.

O velho fodeu meu primeiro relacionamento, mano, só porque a mina era pobre.

Eu devia ter ficado puto, mas tô nem aí.

Analú também virou professora de Português. Olha a coincidência, mano. A gente foi feito um pro outro, como uísque e vodca.

Minha garrafa está vazia. Ainda bem que comprei cinco.

Analú me chamou pra festa de *revéillon* que ela está organizando com umas amigas dela.

Cê acha que eu devo ir, véi?

Talvez eu vá, tá ligado?

Analú é loira. E gostosa. "Analú" lembra "Malu".

É vinte e dois de dezembro, e eu vou beber até o Natal.

É véspera de Natal, meu aniversário, e tem uma mulher na minha cama.

Não sei quem é, mas ela tá afagando meu cabelo, me chamando de "meu amor".

Ela tem um cheiro bom. Bom pra *carai*. Eu amo o cheiro que ela tem.
A mão dela é leve. E a voz é doce.
Eu gosto dela.
Ela podia ficar aqui pra sempre, fazendo carinho na minha cabeça.
"Ninguém me ama", eu estou dizendo.
"Mamãe te ama, meu filho".
Eu acho que a mulher está chorando.
E eu também.

É Natal, e eu estou sóbrio, sentado à mesa com a minha família, desfrutando de um banquete que poderia alimentar toda a África subsaariana.
Meu pai está puto, porque Dessa está namorando outro "pobretão" que não sabe diferenciar um garfo de peixe de um garfo de salada.
Meu pai também está puto porque Drica está namorando um cara bem de vida, mas que não é milionário.
E eu estou puto porque esse cara é Laerte.
Meu pai está feliz porque este é o primeiro Natal que passo junto com eles desde que saí de casa.
Putão está puto porque não estou passando o Natal com os putos. Mas tá feliz porque fiz as pazes com o velho.
Eu estou puto porque isso não trouxe Maria Luísa de volta.
Mas tô feliz por estar em casa.

Estou sem Maria Luísa há exatos cem dias.
Cem dias sem transar, e ainda não estou louco.
Não sei por que eu não acabo logo com isso. Não tenho uma namorada. Sou, para todos os efeitos, um homem livre. Posso trepar com quem eu quiser.
Mas não quero transar com ninguém.
É, talvez eu já esteja louco, afinal.
Os loucos nunca sabem que estão loucos.
Fui para a casa de praia com os putos, como todos os anos, em vez de aceitar o convite de Analu, que me ligou e insistiu para que eu fosse à festa.
Não fui porque sou um idiota. Só um idiota recusaria um convite para virar o ano em companhia de uma mulher como Analu.
Passei o *revéillon* à beira-mar, fazendo uma promessa difícil de cumprir para o

ano vindouro. Mas só queria ter passado com Maria Luísa, prometendo amá-la ainda mais no próximo ano.

Não sei mais quem sou eu. Não me reconheço, e tenho raiva do cara no qual me transformei.

Tô louco de vontade de trepar, mas só serve se for com Malu.

Malu.

Malu.

Malu.

Preciso dela. Por que ela não volta pra mim?

Nunca pensei que eu pudesse ficar assim, mano, tão de quatro, por uma mina.

Tá ridículo isso, véi. Não posso ficar assim pra sempre.

Hoje é o primeiro dia do ano, e ontem eu prometi que vou esquecer Maria Luísa.

Acho que tá na hora de contar o que aconteceu.

Quando recebi o "não", pouco antes do início da festa, fiquei estupefato.

Mesmo surpreso com a recusa, achei, de verdade, que tudo ficaria bem, que a noite terminaria em sexo. Resolveríamos tudo com uma boa trepada e voltaríamos às boas no dia seguinte.

Mas me enganei. Nunca me enganei tanto na vida.

Maria Luísa permaneceu irredutível.

Apesar de ter ficado visivelmente excitada quando dançamos junto com os demais padrinhos, ela continuou fingindo uma frieza muito incompatível com a verdade.

Depois disso, fiquei de olho nela enquanto cantava em cima do palco. Vi o filho da puta do Laerte cercando, e vi quando ela o dispensou sem titubear. Respirei aliviado.

Então, Artur se aproximou e a convidou para dançar.

Eu já disse que amo Artur, mano?

Malu e eu dançamos juntos depois, enquanto Putão e Olívia cantavam, e chegamos a nos beijar, mas ela me afastou quando comecei a apalpá-la. Falou um monte sobre eu não ser irresistível e não ser "essa bolacha toda" e blá-blá-blá.

Mas, cá pra nós, mano, eu sou, né, véi?

Na hora da *vibe* eletrônica, pensei: "é agora. Se bobear, a gente trepa na pista mesmo".

Cheguei junto, mas ela me perguntou o que eu acharia se a visse se esfregando

em um ex-namorado. Não respondi. Então, ela completou, dizendo que "ex-namorados não se esfregam, Lucas". E começou a dançar perto de Ícaro e Artur.

Saí sem falar nada. Pelo tom de voz irado que ela usou, não ia adiantar insistir. Fiquei tranquilo, porque logo a raiva passaria. Ela não tinha como me rechaçar para sempre. Dormiríamos no mesmo quarto. De um jeito ou de outro, a gente faria as pazes transando.

A ideia era ficar de boa até que ela ficasse menos puta. Por isso, saí da pista e fiquei à distância, em um ponto relativamente afastado, mas ainda nas imediações, observando-a dançar.

E, mano de Deus, fiquei de baudução em dez segundos. Ela dançava pra *carai*, perfazendo movimentos deliciosamente excitantes. Dançou muito. Fiquei *mó* tempão de pau duro. Se a noite não terminasse em sexo, eu ficaria com as bolas doendo a madrugada inteira.

Mas é claro que tinha que acontecer mais uma merda, né, *véi*? Porque uma desgraça nunca vem só. E, como toda merda épica, aconteceu em um piscar de olhos.

Num segundo, eu estava vendo Maria Luísa dançar. No outro, minha visão estava sendo encoberta por um corpo feminino.

— Que pecado um deus tão maravilhoso ficar aqui sozinho... Paty chegou pra colocar esse *shape* todo na pista. Vem, meu gostoso...

Mano, não vou nem contar o resto. Merda, quanto mais mexe, mais fede, *véi*. *Cê* já sabe o que aconteceu, porque isso é a coisa mais clichê do universo.

Mano, na moral... Quem escreve o *script* da minha vida, *carai*? Quero demitir esse filho da puta sem criatividade, tá ligado?

Basta dizer que eu *tava* tirando as mãos da mina do meu peito quando Maria Luísa, materializada das profundezas do inferno, apareceu ao meu lado.

E o que ficou parecendo?

Isso, mano! Que eu *tava* chamando a mina pra dançar!

E, quando viu a anaconda acordada, Maria Luísa simplesmente me olhou, meneou a cabeça em sinal de dor e decepção e saiu andando para fora da tenda.

Fui atrás, é óbvio. Tentei explicar tudo. Expliquei tudo. Implorei para que ela acreditasse em mim. Falei, falei, falei e falei enquanto andávamos. E ela em silêncio, só ouvindo.

— Fala alguma coisa, mano! — implorei.

— Por que você está perdendo o seu tempo explicando algo a uma mulher que não é nada sua, Lucas? — ela indagou, carregando na indiferença.

— Mano, para de besteira, Maria Luísa! Eu te amo! — Tentei pegar sua mão, mas ela afastou o braço.

— Você estava de pau duro! Você acha que eu sou idiota? Eu não sou cega, Lucas! — gritou.

— Mano, até uma mina cega saberia que a anaconda *tava* acordada, né, *véi*! Olha o tamanho do bicho, meu! Sai cutucando tudo! — falei, orgulhoso, pegando no pau.

— Você é inacreditável... — ela disse e começou a andar apressadamente.

Carai, mano! Ela tinha entendido errado! Eu só *tava* falando do tamanho da anaconda!

— Mano do céu, eu não *tava* duro por causa dela! *Tava* te vendo dançar, *carai*! *Cê* já viu como *cê* dança?

Em resumo, tentei convencê-la de todo jeito, mas a merda estava feita. Só o que eu podia fazer era esperar que ela ficasse calma. Ou que sentisse saudade de mim. O que viesse primeiro.

Mas, como *cê* já sabe, nenhuma das duas coisas veio.

Não vejo Maria Luísa desde o casamento de Putão.

Ela dormiu com Sofia naquela noite, e é claro que não quis voltar para casa de moto comigo. Pegou carona com Plínio e Suze.

Eu não conseguia acreditar que tínhamos passado uma tarde perfeita no bangalô, e bastaram algumas horas para que tudo desmoronasse. Se fechasse os olhos, podia reviver a sensação de deslizar dentro dela, sussurrando em seu ouvido o quanto a amava, enquanto a chuva caía sem reservas do lado de fora.

Quando pensava naquela foda, a primeira em que me senti completamente livre para amá-la por inteiro, com cada centímetro do meu corpo, era difícil acreditar que estávamos brigados.

Mas, até aí, tudo bem. A briga seria algo passageiro, um pequeno incidente em nosso incipiente namoro. Achei que estava sendo esperto ao não insistir, porque sei que mulher quando tá muito puta tem que ser deixada em paz para esfriar a cabeça. Ficar cercado só piora tudo. Principalmente no meu caso, porque eu vivo falando merda sem querer (*cê* já reparou, mano? Não sei por que faço isso. Juro que não é de propósito, *carai*. Quando eu vejo, já saiu, tá ligado?).

Então, fiquei na minha, pensando que, até segunda-feira, quando nos víssemos no colégio, ela já estaria de boa. Esperei.

E esse foi o meu primeiro erro.

Ela não foi à escola. E matou minha primeira aula da semana.

Liguei, mandei várias mensagens no celular e tentei falar com ela pelo *Facebook*, mas nada de resposta.

Ela ainda estava puta. Eu precisava esperar mais um pouco. Esperei.

E esse foi o meu segundo erro.

Na quinta, procurei por ela no colégio, e não a encontrei. Comecei a ficar

realmente preocupado. Estava demorando demais para a raiva passar, mas, com certeza, ela não faltaria na sexta. Era dia de simulado, e ela não poderia me evitar para sempre. Esperei.

E esse foi o meu terceiro erro.

Maria Luísa não foi fazer a prova. Entrei em desespero.

Saí do colégio direto para a casa da amiga dela, onde eu costumava deixá-la.

Uma senhora idosa abriu a porta. Perguntei por sua neta, e ela disse que não tinha nenhuma. Morava só.

Quis saber se eu era solteiro, e eu respondi que não. "Ah, que moça de sorte", disse a vovó, e eu nem consegui dizer o quanto o comentário era irônico.

Maria Luísa tinha mentido pra mim, mano. Provavelmente, dizia que tinha uma amiga morando na casinha humilde para eu não levá-la para casa e descobrir o quanto ela era rica.

Fiquei puto. Mas já tinha cometido erros demais. Precisava de um acerto.

— E aí, velho? — falei, quando meu pai atendeu o celular.

— Lucas? — ele respondeu, surpreso.

— Preciso de um favor — despejei de uma vez.

— Um favor? — Ele usou um tom mais surpreso ainda. — Qualquer um. O que você pedir eu faço, meu filho.

Mano, deu vontade de pedir pra ele decepar o próprio pau. Só pra ver o que ele falaria. Mas a parada era séria, então decidi não zoar.

Foi assim que consegui o endereço de Maria Luísa. Imagina o quanto eu fiquei puto quando descobri que Larissa já tinha ido lá, e que eu não precisava ter me humilhado perguntando pro meu pai se ele sabia onde ficava a residência oficial dos Forcatto.

— Você gosta de verdade daquela moça, não gosta? — ele perguntou no final da ligação.

— Eu vou me casar com ela — respondi e desliguei.

Então, voei para a casa de Maria Luísa. Os pais dela não estavam, e, é claro, os seguranças não me deixaram entrar.

Eu tinha me esquecido completamente de toda a burocracia que existia para conseguir entrar em uma casa de rico, se você não estivesse acompanhado de um morador, não tivesse um convite ou não tivesse um horário marcado. É claro que não iam abrir o portão para um desconhecido. Muito menos para um do meu porte físico, desesperado para falar com uma mina de dezoito anos, herdeira de uma fortuna.

"Filhos da puta. Quero ver daqui um tempo, se vocês não vão abrir o *carai* do portão pro marido da mina que mora aí! Seus merdas!".

Eu não disse isso, né, mano? Só pensei, tá ligado?

Fiz a única coisa que podia fazer naquelas circunstâncias: escalei o muro e entrei pela janela do quarto dela.

Tô zoando, *véi!* *Cê* é louco, meu? Tá achando que eu sou Romeu? Fora do teatro isso dá cadeia, mano. E não posso ser preso, porque os caras tudo do presídio vão fazer fila pra eu comer os rabos deles. Sai pra lá, tá ligado?

Fiquei por ali, esperando enquanto ligava para Maria Luísa, torcendo para que ela atendesse e saísse de casa. Felizmente, era sexta, meu dia de folga no vespertino.

Mas ela não atendia. Caía direto na caixa postal.

Algun tempo depois, vi um carrão preto de vidros escuros adentrando a mansão, e senti uma vontade suprema de cagar, mano.

Na moral, *véi*.

Tipo, só podia ser o sogrão, tá ligado?

Eu ainda estava pensando no que fazer, trancando o cu pra não deixar nada escapar, quando meu celular tocou.

Enfiei a mão no bolso, desesperado, achando que era Malu retornando minhas ligações, mas era meu pai.

Em resumo, ele tinha ligado pro pai de Maria Luísa, *véi!* O pai dela nem *tava* na cidade! Tinha cancelado uma reunião, entrado em um dos jatinhos particulares e voado (literalmente) para me receber, só porque meu pai pediu. E agora o pai dela *tava* ali, me esperando.

Eu *tava* me sentindo um adolescente precisando do papai pra resolver as próprias paradas.

Tudo bem que o velho tinha me feito outro favor. Tudo bem que ele tinha pensado no fato de que eu ficaria do lado de fora. Mas que espécie de pai joga um sogro desconhecido no colo do filho, meu? Agora eu tinha que conversar com o sogrão me borrando nas calças, tá ligado? E explicar pra ele o que eu tinha feito pra filha dele decidir matar uma semana de aula.

Eu *tava* fodido, mano.

— Senhor Guerratto — um dos seguranças me chamou —, o Senhor Forcatto irá recebê-lo agora.

Mano, esse cara tinha assistido Cinquenta Tons?

Não que eu tenha assistido ao filme, *véi*. Só vi o trailer, tá ligado? Só porque as minas da escola não paravam de falar desse *carai* (se *cê* contar essa parada pra Putão, *cê* morre, mano).

Pouco depois, fui conduzido até o escritório do pai de Maria Luísa.

"Modo Lucas", ativar.

Claramente, o pai de Maria Luísa é descendente de italianos, assim como o meu. Chama-se Luigi di Facchin Forcatto.

Mano, *cê* não tá entendendo a parada...

Chuta quantos anos o pai dela tem!

Vamos às opções. Escolhe antes de ver a resposta, tá ligado?

a) 27 (*cê* só vai escolher essa se for burro e não souber fazer conta, tipo eu. Como é que o pai dela teria a minha idade, mano? Raciocina, né, *vêi*);

b) 34 (*cê* só vai escolher essa se achar que um *playboy* de dezesseis anos engravidou uma mina na adolescência e deixou o pai dela put);

c) 52 (*cê* só vai escolher essa se tiver bom-senso);

d) 85 (*cê* só vai escolher essa se acreditar no poder do Viagra);

e) 93 (*cê* só vai escolher essa se acreditar que a pipa do vovô subiu aos 75 — eu sei fazer conta, sim, *carai*. Mentira, usei uma calculadora).

Mano, se *cê* respondeu a letra "c", parabéns, você errou!

A parada do bom-senso foi uma pegadinha, tá ligado? Se *cê* acreditou, mano, *cê* fez papel de trouxa.

O pai da mina tem trinta e quatro anos!

TRINTA E QUATRO ANOS, *CARAI*. A idade da minha irmã!

Mano, o pai dela é só sete anos mais velho que eu! Presta atenção, *vêi*! O cara é só um ano mais velho que Plínio!

Como é que Maria Luísa não me conta que o pai dela é *brother*?

Eu *tava* esperando um sujeito grisalhão, mano, tipo meu pai, saca?

Então, o que *cê* acha que eu falei pro cara quando ele disse o nome dele?

— Ah, mano, eu não sabia que Maria Luísa tinha um irmão, tá ligado?

Olha o mico, *carai*. Na hora, deixei o "modo Lucas" pra lá, achando que *tava* falando com um parça.

Eu ia matar Maria Luísa, *vêi*!

— Ela não tem. Sou o pai dela — ele respondeu, sério.

— Mano, para de zoeira, meu. Vai chamar seu pai, tá ligado? — Dei uma risada.

Em minha defesa, o cara aparentava ter a minha idade, mano!

Ele inspirou e expirou profundamente, me encarando.

— Malu nasceu quando eu tinha dezesseis anos. Com essa idade, um homem é perfeitamente capaz de gerar filhos. Maria Luísa, aos dezoito anos, não me deixa mentir. Se você souber fazer contas, somará dezesseis e dezoito e chegará à brilhante conclusão de que tenho trinta e quatro anos.

Vêi, uma coisa é eu zoar e falar que sou burro em Matemática, sem ser. Outra coisa é esse *playboy* de merda insinuar que eu não sou capaz de efetuar uma

operação básica, meu. *Assifudê!*

Mano, deu uma puta vontade de dar um soco no pai dela. Imagina aí o sujeito: boa pinta, terno de grife, cabelo de *playboy*, ar esnobe, um filho da puta.

Meu sangue não bateu com o dele, tá ligado?

Finalmente saquei qual era o motivo da rebeldia de Maria Luísa, mano. Devia ser difícil pra *carai* ter um pai tão chato.

— Precoce, hein, *véi*? Aposto que, depois dessa, aprendeu a encapar o moleque.

Falei mesmo, tá ligado?

Eu sei, mano, eu deveria ter me desculpado pelo engano e tal. Mas quem mandou o desgraçado pisar no meu calo?

Ele me olhou, chocado.

— Você é bastante audaz, não?

"Audaz"... Quem é que fala "audaz", *véi*? Nem eu, que sou professor de Português!

Óia só ele me atiçando com um eufemismo... Não tenho sangue de barata, meu. *Assifudê* no inferno!

— Sua filha curte, tá ligado? Ela pira no tamanho da minha audácia, mano. — Joguei na cara do sujeito, fazendo uma expressão maliciosa.

Foda-se.

Liguei mesmo o foda-se.

Odiei esse cara, mano.

Ele também me odiou, porque me fitou como se pudesse me fulminar com o olhar.

— Se eu não tivesse por seu pai altíssima estima, você teria sido convidado a se retirar da minha casa depois dessa falta de respeito. — Olha que resposta filha da puta, *véi*!

— Lamento pelo meu comportamento inurbano, Senhor Forcatto. Inclassificável foi a impolidez de meu comentário. Rogo, avultadamente, que perdoe a enormidade da minha insolência — ironizei.

Ele me olhou com mais raiva ainda.

— Eu gostaria de falar com Maria Luísa. É muito urgente — declarei.

— Não será possível. É o seguinte — ele fixou os olhos no meu cabelão —, Lucas, eu não me sinto confortável com o fato de a minha filha, que acabou de completar dezoito anos, estar envolvida com um sujeito nove anos mais velho que ela.

— Dez. Farei vinte e oito este ano — falei, só para deixá-lo puto.

Ele curvou os lábios no típico sorriso que uma pessoa abre quando gostaria de assassinar o interlocutor.

— Você há de convir comigo que isso é, no mínimo, indesejável. Principalmente se levarmos em conta a nossa diferença de idade. Acabei de fazer trinta e quatro. Não posso ter um genro seis anos mais novo que eu.

— Com dezesseis anos, você seria socialmente inadequado ao papel de pai. Mas foi pai mesmo assim. Com vinte e sete anos, quase vinte e oito, posso ser, aos seus olhos, inadequado ao papel de genro, mas vou ser seu genro mesmo assim. Amo Maria Luísa. E vou me casar com ela. Pouco importa a nossa diferença de idade ou o fato de ela ser minha aluna.

— Ela não estuda mais no Atenas — ele informou, com evidente satisfação.

— Mas o Colégio Atenas é uma das melhores escolas de ensino médio do país! Ela não pode...

— Você disse muito bem — ele me interrompeu. — Do país — frisou.

E foi assim que eu descobri que Maria Luísa não estava mais ao meu alcance. Estava terminando o ensino médio no exterior.

Não confiei no pai dela. Ele disse que a ideia foi de Maria Luísa, que ela quis ir.

Não sei se ela contou a história toda, sobre ter se apaixonado pelo professor de Português, ou se, depois da ligação do meu pai, ele fez o dever de casa, pesquisando sobre mim.

Só sei que eu não queria acreditar que ela tivesse saído do Brasil por livre e espontânea vontade, só porque eu fiz uma merda.

Uma única merda, que corrigi no mesmo dia, mano!

Eu estava errado? Estava. Tinha sido ridiculamente estúpido? Tinha. Ela estava no direito de ficar magoada? Certamente.

Tudo bem, eu havia começado a merda. Mas não estava cem por cento errado. Ela estava errada quando não acreditou em mim, e sem mais nem menos, foi para outro país.

Minha garganta doía. Eu não podia acreditar que ela tinha ido embora.

Nem que eu estava chorando no sinal vermelho.

Em casa, deitado e fitando o teto, eu me sentia tão solitário e tão infeliz, que fiz algo que jamais pensei que faria depois de adulto: liguei para minha mãe e perguntei se ela podia me dar um abraço.

Patético? Patético. Eu devia ter procurado um puteiro. Ou um bar.

Mas precisava do conforto de alguém que me amasse de verdade, alguém que nunca me abandonaria. E isso nem uma puta nem uma dose de uísque podiam fazer por mim.

A culpa era de Putão, que estava em lua de mel e não podia me dar um soco no peito e me dizer que eu ia ficar bem.

Voltei a pisar na casa em que cresci depois de anos sem passar na porta. Os empregados mais antigos só me reconheceram porque, tirando o cabelão e o *shape*, eu sou meu pai.

"Patrãozinho?", disse Adelaide, uma das cozinheiras. "Ai, minha Santíssima! Como você cresceu, menino! Tá a cara de Seu Lutero!".

Era estranho estar ali, cercado por todo aquele luxo que já não fazia parte da minha vida. Mas, ao mesmo tempo, era bom estar em casa.

Quando cheguei, minha mãe me recebeu de braços literalmente abertos. E talvez eu tenha chorado como um garotinho. E talvez ela tenha chorado comigo sem nem saber por que estávamos chorando.

Aquele foi o dia da minha redenção. Pedi desculpas ao meu pai. Por toda a minha imbecilidade e por não ter sido o filho que ele sempre quis ter.

Ele pediu desculpas por não ter sido um bom pai e por possuir tantos defeitos.

Eu disse que eu também tinha muitos defeitos, como a minha infantilidade e a minha burrice, que tinham me afastado dele e de Maria Luísa.

Ele se desculpou por não ter sido capaz de entender, quando eu era criança, que as escolhas que ele estava fazendo para mim nos afastariam no futuro.

Eu disse que estava tudo bem, porque ele só queria o melhor para o próprio filho.

Ele falou que o melhor para mim era o que me fazia feliz. E que ele estava feliz por eu ter encontrado a minha felicidade.

E foi aí que eu chorei feito um bebê, mano.

Não tenta imaginar a cena, pelo amor de Deus.

Eu chorei, ele chorou, a gente se abraçou, foi ridículo pra *carai*.

Mas entendi que eu sentia falta do meu pai.

Chorei muito mesmo, mano. Porque tinha encontrado a felicidade e perdido.

Agora que você já sabe o que aconteceu, vamos voltar ao presente.

É o primeiro dia do ano, e eu ainda não esqueci Maria Luísa.

E já sei que não vou cumprir a promessa que fiz ontem.

Agora já são cento e vinte e dois dias sem Malu.
Analu me achou no *Facebook* e me convidou para sair hoje à noite.
Alguém fala pra ela que eu não quero saber de nenhuma Ana. Só quero minha Maria.

Hoje, dia trinta de janeiro, Lili e seu Francismar se casaram. E, talvez, durante o jantar de celebração, eu tenha mandado uma nova mensagem a Maria Luísa.

No trigésimo dia do primeiro mês do ano é celebrado o dia da saudade.
Felizes são as pessoas que a celebram uma vez em trezentos e sessenta e cinco dias. Celebrei todos os dias deste ano. E é o que estou celebrando agora. São cento e vinte nove dias de saudade.
Estou com saudade, Maria Luísa.
I miss you. Te extraño. Tu me manques. Mi manchi.
[trecho de uma mensagem enviada via *Facebook*, às 23h12, em 30 de janeiro, de Lucas Larozi para Maria Luísa Forcatto]

Juro solenemente que, se Maria Luísa voltar ainda em janeiro, eu corto meu cabelão todo. Vou ficar careca, mano. Eu juro.

Cento e trinta dias de solidão.
É trinta e um de janeiro, falta apenas um minuto para meia-noite e Maria Luísa ainda não voltou.
A vida é bela.

É primeiro de fevereiro, meia-noite em ponto, e Maria Luísa ainda não voltou.
Que *carai* de vida.

Ainda é primeiro de fevereiro, e eu tô no hospital.

Tem muita gente aqui comigo. Os putos todos. E as minas deles. Só minha mina não tá aqui.

Agora eu tô na casa de Putão. E Olívia está me dizendo umas coisas que estão me fazendo ver que, apesar de estar tentando fazer a coisa certa, estou fazendo tudo errado. Pra variar.

Eu só queria que os homens tivessem a habilidade feminina para ver detalhes que ignoramos com tanta facilidade.

Ontem eu fui a uma joalheria com minha mãe. E é só isso que eu tenho a dizer.

Hoje é domingo. Cento e trinta e cinco dias, caso você esteja contando.

Estou na casa dos meus pais.

Esta é a primeira vez, desde que consigo me lembrar, que eles ficam por tanto tempo no Brasil. Meu pai continua viajando o mundo todo, mas não costuma ficar fora por mais de dois dias.

Fui jogar futebol de manhã e saí do campo direto para a casa deles. Agora almoço com meus pais todos os domingos; conto como foi minha semana (de merda), ouço meu pai falar de finanças (agora gosto de ouvir, porque, finalmente, consigo ver o quanto a minha audiência o satisfaz) e deixo minha mãe pentear meu cabelo.

Não ri, mano. Ela gosta, e eu permito porque ela fica toda alegre.

Minha mãe tá me penteando agora, e meu pai tá tirando uma porrada de fotos no celular. Tá me ameaçando, falando que vai deixar vazar na imprensa.

"Filho marmanjo de empresário brasileiro ainda deixa a mamãe pentear seu cabelinho", ele está formulando a manchete, e estamos todos rindo feito idiotas.

Hoje está sendo um dia feliz.

À noite, depois de sair da casa dos meus pais, voltei à casa de Maria Luísa. Quem me recebeu foi a mãe dela, Leda.

Eu diria que dona Leda é *mó* gostosa, se não fosse minha sogra. Então, só vou dizer que agora entendo por que Malu é tão linda.

O pai dela apareceu em seguida, bem diferente sem o terno. Formavam um casal visualmente bonito, mas eu me lembrei de que, segundo Maria Luísa, os dois viviam brigando.

Era de se esperar. Eles eram jovens, tinham se casado na adolescência e precisado amadurecer à força. E ainda tinha a profissão do pai dela, que vivia viajando.

Um cara de trinta e quatro anos havia herdado toda a fortuna dos Forcatto. O avô de Malu tinha morrido há pouco tempo. Eu tinha dado uma boa pesquisada na Internet, em uma das minhas noites insones esperando que ela me respondesse, coisa que nunca acontecia.

Havia várias fotos dela com o avô recém-falecido em muitos eventos de gente rica. Os dois pareciam muito próximos. Talvez ela o tivesse mais como figura paterna que o próprio pai. Sondei umas coisas com meu velho e confirmei a parada. "Maluzinha" não saía da boca do Forcatto.

O avô dela era muito amigo do meu pai, e eu nem fazia ideia.

Suspeitava de que a morte recente do avô fosse a causa para o tabagismo de Maria Luísa.

Era uma maneira estúpida de se rebelar, mas talvez fosse algo passageiro, para irritar o pai. Provavelmente.

Lembrei-me de que, quando toquei no assunto dos cigarros, ela tinha dito exatamente isso, que era recente e que ela não queria falar a respeito.

Tentei me lembrar se a tinha visto fumando alguma vez na fazenda. Nenhuma.

O fato é que, depois de horas dizendo aos pais de Maria Luísa o quanto eu a amo e tentando explicar as razões pelas quais eu não posso viver sem ela, eu finalmente consegui o que queria.

Você provavelmente está se perguntando por que eu não fui atrás dela assim que descobri que ela tinha deixado o país.

No início, porque eu estava chateado e desolado demais com o abandono.

Depois, quando cogitei a hipótese, porque ela me disse para não fazê-lo.

Foi a única mensagem que Maria Luísa respondeu, pelo *Facebook*. Eu escrevi um "textão" e, no final, fiz a merda de dizer que ia atrás dela.

Meu pai tinha dito que me colocaria em um *Gulfstream* capaz de voar sem escalas e sem necessidade de abastecer durante o trajeto. O jato me deixaria lá em tempo recorde, por ter um alcance de quase sete mil milhas náuticas com uma velocidade de *Mach* 0.80 e um regime de cruzeiro de alta velocidade de *Mach* 0.87.

Às vezes, acho que meu pai pensa que eu manjo desses *paranauês*, porque ele fala na maior naturalidade, como se eu estivesse entendendo a parada toda. Tudo grego pra mim esse papo de aviação executiva, mano. Mas entendi a potência da aeronave quando ele disse que costumava voar de boa de Washington a Dubai dentro da coisa.

Obviamente, eu me sentiria desconfortável com o dispêndio de tempo e dinheiro do velho, apesar de saber que ele faria com prazer e que isso não representaria absolutamente nada em termos financeiros para ele. Mas estava disposto a dar uma de marajá para ir atrás de Maria Luísa.

Eu conversava (monologava) quase todos os dias com ela. Tinha contado tudo sobre a minha reconciliação com meu pai e como aquilo estava fazendo bem a mim e a ele e a todo mundo. E que eu devia isso a ela, Lari e Artur.

Contei que conheci os pais dela, e que ela era uma filha da puta por não ter me contado que eles eram tão jovens. Fiz um tanto de piadas ridículas, só para imaginá-la rindo enquanto lia.

Só não contava as paradas das minas, como Analu. Nem sobre meus choros patéticos nem o quanto eu estava sofrendo nem que eu não estava trepando.

Eu não podia dizer isso, mano. Saca só que parada lamentável (leia imaginando minha voz chorosa): "Maria Luísa, eu choro direto, *vêi*. *Cê* terminou tudo comigo e me abandonou aqui no Brasil. Tá cheio de minas gostosas piradas no meu *shape* me cercando, mas eu não quero foder nenhuma delas, porque nenhuma delas é você. E eu tô há quase cinco meses sem transar porque tô te esperando feito um idiota".

Cê é louco, meu? Só de pensar nessa merda saindo da minha boca (sendo digitada pelos meus dedos) me dá vontade de morrer. Não, *vêi*. Nem fodendo eu diria isso a ela.

Primeiro, porque, se eu dissesse, pareceria um fraco. Deixa eu te contar uma parada séria: cara nenhum gosta de parecer fraco, tá ligado?

Segundo, porque, de todo jeito, é claro que ela sabia que eu *tava* na seca, já que eu sempre mandava mensagens dizendo o quanto sentia falta de transar com ela, e até narrava os sonhos eróticos mais exóticos que eu tinha, tipo a vez que eu sonhei que a gente *tava* transando numa ilha privada, cheia de praias desertas.

Acho que fiquei influenciado porque meu pai tinha dito naquele dia que tinha acabado de comprar uma ilha, mano. Uma ilha, *vêi*.

Enfim, pra que eu ia me humilhar contando um fato que ela já sabia?

Terceiro, e não menos importante, eu não queria pensar em Maria Luísa transando com ninguém. Se eu contasse, ela poderia se ver na obrigação de me contar, e eu não queria saber o que ela estava fazendo lá, embora pensasse nisso com mais frequência do que gostaria de admitir.

Malu estava estudando em outro país, cercada de gringos da idade dela. Cê acha que eu tinha só sonhos eróticos? Vai nessa, mano... Eu tinha vários pesadelos, saca? Mais que sonhos.

Uma vez, sonhei que ela voltava grávida de um *boyzim* qualquer da sala dela (culpa de Liv e Suze, que ficavam com aquelas barrigas enormes perto de mim). Pensa no quanto eu acordei desesperado. Quase fiz a burrada de mandar uma mensagem perguntando se ela *tava* ficando com alguém. Seria o cúmulo do desespero, da insegurança e do ridículo. Felizmente, consegui me controlar. Mas foi um dos dias mais amargos dos dias amargos que vivi.

Quantas vezes eu tinha transado com ela? Doze. Conteí uma por uma. Eu queria que ela voltasse tendo transado só doze vezes na vida, pra gente inteirar vinte só na primeira hora de reencontro. Porém, eu sabia, por mais que doesse, que ela podia ter transado com outro cara.

Eu dizia muitas coisas a Maria Luísa nas mensagens que enviava. Mas fica tranquilo, mano, que eu não fiz papelão. Nunca mandei nada do tipo:

"Pelo amor de Deus, Maria Luísa, volta pra mim. Minha vida não tem sentido sem você, mano. Eu tô na merda. Preciso de você, Malu. Te amo. Te amo. Te amo. Te amo. Te amo."

Mentira. Mandei isso, sim.

Mas nunca mandei isto:

"Mano, se cê não voltar amanhã, eu vou me matar, tá ligado?".

Sério. Eu apaguei essa antes de mandar. Na moral.

Ah, eu contei pra ela da promessa que eu fiz, sobre cortar meu cabelão todo, se ela voltasse até o fim do mês. Acho que foi por isso que ela não voltou em janeiro.

Maria Luísa visualizava todas as minhas mensagens no *Facebook*. Mas nunca respondia nenhuma.

Só respondeu quando eu disse que meu pai tinha descoberto onde, exatamente, ela estava estudando. E que eu ia atrás dela.

Vou transcrever exatamente o que ela disse, palavra por palavra.

Pera, mano. Tô abrindo o Face aqui. Cê acha que eu li tantas vezes que decorei? Claro que não, né, véi. Só se eu fosse muito apaixonado por ela. Coisa que, como você percebeu lendo os meus relatos, eu obviamente não sou.

Lê aí:

"Lucas, não estou mais chateada com você. Em vez de mágoa, sinto só saudade. Uma saudade que já se alastrou e me dominou inteira, mas que insiste em aumentar a cada segundo. Não caibo mais em mim, de tanta saudade.

É irônico estar cercada de pessoas que se comunicam em um idioma em cujo rol de vocábulos não haja um substantivo abstrato correspondente ao que compõe todos os minutos dos meus dias.

A decisão de vir foi minha. Cometi o erro mais estúpido da minha vida.

Meu pai sempre encheu o saco para que eu estudasse no exterior e, depois que te vi com aquela cabelo cor-de-puta (os créditos do apelido são de Liv, que detesta aquela mulherzinha tanto quanto eu), decidi que não queria mais te ver.

Não vou tentar justificar meu ato impensado, porque me sentiria ainda mais estúpida justificando minhas razões para ter feito o que fiz. O fato é que eu já sentia a sua falta e já estava arrependida antes mesmo de pisar em solo internacional. Mas já estava feito. Engoli o arrependimento, vesti meu manto de orgulho e amor-próprio e, enfim, respirei ares estrangeiros.

Meu coração ficou aí, e tudo o que eu queria era poder voltar agora mesmo.

Mas não posso retornar ainda. Eu realmente preciso terminar os estudos.

Por favor, pare de me mandar mensagens. Não torne tudo mais difícil me dizendo coisas que me fazem chorar a noite inteira (acho que as pessoas pensam que eu uso drogas, porque estou sempre com os olhos vermelhos).

E não precisa vir para cá. Por favor, por favor. Eu IMPLORO. Se você me ama, NÃO VENHA. Vou voltar assim que possível.

Ah, sobre a casa de dona Serafina, eu não menti! Minha amiga é ela. Você devia ter perguntado diretamente por mim, e não pela neta, que, supostamente, seria minha amiga.

Eu conheci Fininha uns meses atrás, quando resolvi pegar um ônibus para ver como era. Ela foi muito simpática. Sentou-se ao meu lado e falou um bocado. Como estava cheia de compras, desci no ponto dela e a ajudei a carregar as frutas. Aí, ela me chamou para tomar chá. Aceitei. Ficamos conversando, e não vi a hora passar. Ela é muito solitária. Viu um livro entre as minhas coisas e comentou que gostava de histórias, mas que já não enxergava bem o bastante para ler. Então, eu comecei a ler para ela. Ela é bem saidinha, adora os mocinhos dos livros. Aposto que deu em cima de você, porque você seria um mocinho perfeito.

Sinto sua falta.

Te amo (com pronome oblíquo inicial, porque sim).

Malu.

P.S.: Tenho uma novidade que vai te deixar feliz. Conto quando regressar ao Brasil.

P.P.S.: Bem, como não somos mais namorados, espero que esteja vivendo a sua vida normalmente. Afinal, você é livre para isso".

Qual foi a primeira coisa que eu fiz depois de ler a mensagem pela primeira vez?

“CÊ RESPONDEU, VÉI! EU TE AMO, MANO!”

Foi isso. Enviei a mensagem imediatamente. Ela viu, mas não respondeu de novo.

“QUE NOVIDADE É ESSA, CARAI? CONTA AGORA, TÁ LIGADO?”

Depois, mandei várias dessa, mas ela nem visualizou.

Fiquei louco dentro de casa, tentando imaginar o que seria. O que me deixaria feliz? Só o retorno de Maria Luísa, mano. Era só o que eu queria. Mas não era isso, já que ela só ia me contar quando voltasse.

Cê pegou a parada? Ela ia voltar! Ela não tinha me abandonado pra sempre!

Fiquei feliz pra *carai*, mas só até me dar conta do que ela havia escrito por último. A coisa de eu ser livre, já que não éramos namorados. Isso significava que ela também era livre, né, mano... E, portanto, significava que ela *tava* saindo com os caras de lá? Era o jeito dela de me contar que *tava* transando com eles?

Eu queria perguntar. Mas teria que me matar logo depois de enviar a mensagem, porque não queria ler a resposta. E, como não queria morrer, não perguntei.

Tentei não pensar nisso. Só me apeguei ao fato de que ela voltaria. Eu queria que fosse logo, mas Maria Luísa estava mais que certa. Ela realmente precisava terminar os estudos. Sair de lá e voltar para o Brasil a deixaria atrasada em relação aos outros alunos.

Mas, saber disso, que ela estava lá para o próprio bem, não diminuiu a dor da saudade.

Eu queria ir atrás dela. Queria vê-la, beijá-la, fazer amor com ela.

Mas ela tinha dito pra eu não ir, mano. O que *cê* queria que eu fizesse? Ela tinha até implorado pra eu não ir. Tinha dito que, se eu a amasse, não deveria ir.

Eu a amava, logo eu não iria. Fim da história.

Certo?

Errado.

Segundo Liv, eu sou um idiota por não ter ido.

No dia primeiro de fevereiro, saímos do hospital e, depois de saber que Suze e o bebê ficariam bem, fomos para a casa de Putão.

Foi quando Olívia me disse que as mulheres às vezes dizem aos homens para fazerem o oposto do que elas realmente gostariam que eles fizessem.

Eu buguei, mano.

— Como assim, *véi*? Por que *cês* fazem isso, *carai*? — perguntei.

— Sei lá, porra — ela respondeu.

Putão caiu na risada.

— Porque são umas filhas da puta — ele disse.

— E vocês são uns idiotas que não entendem porra nenhuma! — ela retrucou.

— A gente entende português, *véi* — falei. — Se *cês* falam pra gente uma parada, a gente vai entender a parada do jeito que *cês* falaram, tá ligado? Se *cês* dizem pra gente fazer uma parada, a gente vai fazer exatamente a parada que *cês* disseram, *carai*! Não faz sentido, mano. Se ela implorou pra eu não ir, eu não posso ir!

— Piolho, é claro que ela diria pra você não ir, porra! Tipo: "ó querido, não venha me ver! — Ela levou o dorso da mão à testa, teatralizando. — Por favor, não entre em um jato só para vir em meu resgate! Não tenha uma atitude tão romântica, eu imploro! Não faça tamanho esforço em nome do nosso amor, por favor! Se você me ama, não venha!". Na verdade, o que ela quis dizer foi: "se você não vier, seu filho da puta, é porque você não me ama!".

— Ah, mano, *cê* tá me zoando, *véi*! — Dei uma risada.

— Vai por mim. Eu tô certa. Tô te fal... — Ela se interrompeu, levando uma mão ao peito e respirando fundo. — Merda, tô enjoada. Preciso tomar meu remédio.

— Eu pego, linda! — Putão se levantou depressa.

— Não, Max. Não precisa. Posso ir buscar sozinha — ela argumentou.

— Fica sentadinha aí. Vou buscar. — Ele a beijou na testa e começou a andar.

Assim que ele saiu, Olívia abriu um sorriso triunfante.

— Viu, Piolho? Eu disse que não precisava, mas ele foi mesmo assim.

— Mano de Deus, *cê* manipulou a quenga, *véi*?

— Manipulei meu ovo. Só fingi o enjoo para te provar meu ponto. Às vezes, nós dizemos a vocês que não queremos ou não precisamos de certas coisas. E, na maioria das vezes, é verdade. Não queremos e não precisamos mesmo. Mas, se vocês fizessem mesmo assim, seria legal. Por exemplo, eu poderia,

perfeitamente, ir buscar meu remédio, mesmo grávida, mesmo com esta barriga enorme, em vias de parir. Fato incontestado. Mas é mais fácil pro cretino ir buscar. Então, fiz um charminho: "não precisa, blá-blá-blá". Se ele não tivesse se oferecido para ir, eu ficaria pensando: "porra, que filho da puta". Como ele foi, fico pensando: "ai, que marido lindo, fofo e atencioso que eu tenho", mesmo sendo o mínimo que ele poderia fazer, dadas as circunstâncias, claro. O seu caso é basicamente a mesma coisa. Você não precisa ir. Lógico que não! Malu viajou porque quis. E você não é obrigado a reparar um erro que ela cometeu. Ela está sendo totalmente sincera ao dizer que você não precisa ir. Provavelmente, se sente culpada pela cagada. Mas, o fato de você não precisar ir não significa que você precisa ficar esperando até ela voltar, entende? Porque você tem todas as condições de ir, Piolho. Seu pai é dono de praticamente o mundo inteiro, porra. É período de férias escolares aqui no Brasil, você tá só chorando pitangas e coçando o saco. Mais nada. Logo, pode ir até agora, se quiser. Vocês se reencontrariam, e seria lindo e mágico. Neste momento, Malu deve estar triste, pensando: "nossa, mais um dia se passou, e ele não veio me ver...". Sendo que, se você fosse, ela pensaria: "ai, que lindo, fofo e romântico que ele é! Não precisava, mas ele veio!".

Só sei que achei essa parada muito complicada, mano. Mas, quando conversei com minha mãe a respeito, ela confirmou, e acrescentou que "mulheres apreciam pequenos gestos, Lucas. São nos detalhes que os homens ganham o nosso coração. Apreciamos as pequenas gentilezas e a maioria de nós aprecia simples atitudes românticas. Mas quem não reverencia as enormes gentilezas e as notáveis atitudes românticas? Você é um homem privilegiado por poder realizar gestos grandiosos. Faça algo grandioso, meu filho".

Mano, só uma pergunta: por que minha mãe é um gênio e eu sou tão burro, *véi*?

No domingo à noite, quando saí da casa dos pais de Maria Luísa, me tranquei no meu apartamento, porque precisava aprender a tocar uma parada escrota pra *carai*.

O que a gente não faz em nome do amor, mano?

É o centésimo trigésimo sétimo dia sem Maria Luísa. Terça-feira.
Estou cercado por aproximadamente cinquenta milhões de dólares.

"Piolho, *cê* ganhou na Mega Sena, mano?"

Não, *véi*. Dólares. Tô dentro do *Gulfstream* G550 do meu pai.

Estou acompanhado de alguns seguranças, porque no meu bolso tem uma parada rara e cara pra *carai*.

Um dos motoristas particulares do velho também está aqui. E um fotógrafo e um cinegrafista, porque minha mãe quer que tudo seja registrado (é ridículo, mas o que eu não faço por minha mãe, *véi*?).

O restante das poltronas luxuosas está desocupado.

Estou bebendo uma dose de *limoncello amalfitano*, sentindo o sabor intenso do licor italiano, enquanto um mar de nuvens flutua do lado de fora das janelas arredondadas da aeronave executiva.

Mano, eu tinha me esquecido de como às vezes é bom ter um pai rico.

É final de tarde. O céu é um manto acinzentado, e está nevando.

Se o velho não tivesse me dado o toque, eu nem teria me lembrado de que é inverno na parte de cima do globo.

Tô tremendo de frio, apesar do casaco, da touca e do cachecol. Acho que me desacostumei ao frio do hemisfério norte, *véi*. Ou, talvez, eu esteja tremendo porque tô nervoso pra *carai*.

Mano, eu não vou conseguir, tá ligado? Vai sair tudo cagado, meu.

Maria Luísa deve estar em algum lugar a alguns metros de distância, saindo do colégio, e meu coração tá batendo, mano. Tipo, pra *carai*, saca?

Vou enfartar, *véi*. Na moral. É o fim.

Não acredito que vou morrer em outro país, e que vou ser classificado como indigente.

Talvez peguem meu *shape* pra estudarem em uma faculdade de Medicina. Os acadêmicos vão ficar abismados com a anaconda, meu. Espero que não fatiem a cuspideira.

Meu pai não vai deixar, né, mano? Tipo, ele vem resgatar meu corpo, né, *véi*?

Putá merda, tô muito nervoso.

Vou cagar na calça.

Nunca mais faço isso na vida, mano.

Meus dedos gelados estão se mexendo sozinhos, e eu não sei como não parei de tocar e cantar quando consegui ver Maria Luísa no meio da multidão.

Estou de pé, no centro do coreto que fica no meio da praça em frente ao colégio dela.

Há muita gente em meu entorno; pessoas que estavam transitando pela praça, jovens com mochilas nas costas e meros curiosos que passavam pelas adjacências. Mas só estou vendo um rosto; lindo e rosado de frio.

Não acredito que tô vendo Maria Luísa, mano!

Ela está chocada. Só que sua expressão não está dizendo: "filho da puta, olha o mico que você está me fazendo pagar na frente dos meus colegas!". Suas feições surpresas dizem: "não acredito que você está aqui, cantando *Kiss Me* na frente de toda essa gente!".

Ela está pedindo passagem entre as pessoas, sem tirar os olhos dos meus enquanto eu canto:

Settle down with me
(Sossegue comigo)
And I'll be your safety
(E eu serei sua segurança)
You'll be my lady
(Você será minha garota)
I was made to keep your body warm
(Eu fui feito para manter seu corpo aquecido)
But I'm cold as the wind blows, so hold me in your arms
(Mas estou com frio enquanto o vento sopra, então me abraça)

Maria Luísa está se aproximando cada vez mais rápido. As pessoas, a essa altura, já entenderam que ela é a garota para quem estou cantando, e estão abrindo passagem.

Agora ela está subindo a escada do coreto, e meu coração está retumbando mais forte a cada degrau vencido.

Estou cantando enquanto desço os degraus para me encontrar mais depressa com ela:

Kiss me like you wanna be loved
(Beije-me como você quer ser amada)
You wanna be loved
(Você quer ser amada)

E agora estamos nos beijando, no meio da escadaria, enquanto as pessoas aplaudem e flocos de neve rodopiam ao nosso redor.

Estou tão anestesiado que não consigo acreditar que ela está em meus braços. É como se eu estivesse sonhando, e eu já vou logo avisando, mano, que, se eu acordar agora, vou ficar puto pra *carai*, porque este é o dia mais feliz da minha vida.

Não consigo soltá-la. Estou beijando seu rosto inteiro enquanto digo que a amo, que quase morri sem ela e que nunca mais vou permitir que ela fique longe de mim.

Ela está me abraçando com força, dizendo que não acredita que estou aqui e que o que eu fiz foi a coisa mais linda do mundo.

Suas mãos percorrem meus braços e se embolam no meu cabelo.

Sinto as lágrimas geladas em minha pele, mas não sei se são minhas ou dela. Só o que eu sei é que é a hora do grande momento.

Pego a mão de Maria Luísa e termino de descer as escadas.

Estou olhando nos olhos dela. As íris azuladas de que senti tanta falta encaram as minhas.

Cristais de gelo beijam seu cabelo loiro e comprido.

Estamos cercados por uma bela paisagem branca e acinzentada. Nuvens de vapor escapam de seus lábios cor-de-rosa quando ela solta o ar.

Estou olhando para ela, e não consigo acreditar que sobrevivi quase cinco meses longe da mulher da minha vida.

Quando faço menção de me ajoelhar, Malu me abraça e diz que não é preciso, que é claro que ela aceita ser minha namorada de novo, pelo amor de Deus!

— Não quero ser seu namorado, mano — eu digo, e ela se afasta, atordoada.

Então, eu me ajoelho de vez, tirando a caixinha do bolso.

— Quero ser seu marido, tá ligado?

Ela estatela os olhos, e me olha sem acreditar no que está ouvindo.

As moças ao redor não falam português e não entendem o que eu digo, mas o gesto é universal. Por isso, estão suspirando e emitindo os ruídos típicos que as mulheres costumam emitir diante de uma proposta de casamento.

Abro a caixinha e faço a pergunta:

— *Cê* aceita se casar comigo, Malu?

Ela leva as mãos enluvadas à boca e fixa os olhos arregalados na pedra verde-azulada, lapidada em formato oval e ladeada por dois diamantes incolores.

Quando ela diz um convicto e choroso "sim!", eu abro um sorriso, tiro suas luvas brancas de lã com cuidado e coloco o anel em seu dedo.

O aro de platina, cravejado de diamantes, desliza e se encaixa perfeitamente, porque, apesar de a joia estar dentre os anéis de noivado dos Guerratto há gerações, fui à joalheria com minha mãe para remodelá-lo e adequá-lo ao dedo de Maria Luísa de acordo com um anel emprestado pela mãe dela.

Agora Malu e eu estamos nos beijando, ouvindo os *flashes* da câmera do fotógrafo e dos celulares alheios.

Consigo ver o futuro. Meus filhos vendo o momento mais feliz da minha vida eternizado em uma fotografia.

Obrigado, mãe.

Estamos no banco de trás da *limousine*, indo para o hotel.

Não consigo tirar o casaco de inverno que Maria Luísa está usando.

Mano, nunca vi um casaco tão volumoso e difícil de tirar. Que bosta, *véi*.

— Não. Deixa pra lá — Malu está dizendo em minha boca, mordendo meu lábio.

Ela conseguiu se livrar das calças enquanto eu tentava, sem sucesso, tirar seu casaco. E agora está subindo em cima de mim e puxando meu pau para fora.

Não tenho tempo de fazer nada. Maria Luísa já está escorregando na anaconda, engolindo meu gemido alto com um beijo.

Ela tá tão molhada, e eu tô tão duro, mano...

Malu está se movendo violentamente, gemendo e massacrando meus lábios com beijos esfomeados.

Não consigo acreditar que minhas mãos estão em sua bunda, acompanhando o ritmo alucinado das cavalgadas.

Não consigo acreditar que nossas línguas estão enredadas, assim como nossas respirações e arquejos.

Não consigo acreditar que eu tô, finalmente, transando com ela, depois de tantas fodas imaginárias.

— Que saudade que eu *tava* disso, mano... — eu digo, com a voz entrecortada, beijando seu pescoço.

— Como eu senti sua falta, Lucas... — ela fala, sem parar de sentar na anaconda.

Seus dedos se perdem em meu cabelo, eu subo os lábios para os dela. Nossos corpos se chocam, nossas bocas se consomem, e eu não sei quanto tempo mais consigo aguentar. Já estou à beira do abismo, pronto para pular.

Quando ela começa a gemer mais alto, alcançando a linha do gozo, liberto sua boca para observá-la gozando, enquanto me libero dentro dela.

Só depois de gozar e de enchê-la de porra eu fui me lembrar da camisinha.

— Não tem problema! — ela disse rapidamente, terminando de colocar a calça e se sentando ao meu lado.

Respirei aliviado, porque me lembrei de que ela usava anticoncepcional.

— Ai, meu Deus! — ela deu um berro repentino.

— Que foi, mano? — perguntei, assustado.

— Você usou camisinha com todas as mulheres com as quais transou durante esse tempo? — ela perguntou, e eu não acreditei na pergunta, *vêi*.

— Essa pergunta é ofensiva, tá ligado? *Cê* é louca, meu?

— Sim ou não, Lucas? — ela insistiu, impaciente.

Pisquei, incrédulo.

— Responde, merda! É importante!

— Você realmente acha que eu transei com alguém depois de você, Maria Luísa? — perguntei, indignado.

Sua expressão se alterou; passou de preocupada a embasbacada.

— Essa foi a primeira vez que eu transei desde a nossa última vez na fazenda.

— Sério? — Abriu um sorriso, mordendo o centro do lábio inferior.

— Eu te amo, *carai*! Desde que beijei sua boca, Malu, eu nunca mais quis beijar ninguém. Quero te beijar pra sempre, tá ligado?

Seu sorriso se alargou quando ela pulou no meu colo, beijando minha bochecha.

— Ai, Lucas... Como você é lindo! Eu te amo!

Abracei-a apertado, inspirando o cheiro delicioso de seu pescoço.

— Não acredito que *cê* tá aqui, mano — falei, segurando seu rosto, examinando cada traço perfeito.

— Quem está aqui é você, Lucas. — Ela riu.

Seu cabelo todo loiro, que eu tivera a oportunidade de ver apenas em uma ocasião, emoldurava suas feições lindas e delicadas.

— Mano, eu quase morri, tá ligado? Se *cê* me deixar de novo, eu vou morrer. Sério, *vêi*.

— Nunca mais. — Ela se inclinou, e seus lábios roçaram os meus. — Eu juro.

— *Cê* deixou a anaconda sem comida, Maria Luísa. *Cê* sabe quanto tempo uma cobra pode ficar sem comer?

— Não faço ideia — ela disse, rindo.

— Uma semana. Só isso — menti.

Ela estreitou os olhos, desconfiada.

— Na moral, mano — ratifiquei.

— Acho que vou precisar conferir isso. — Ela tirou o celular do bolso.

— Tá, *carai*, eu menti. Seis meses! — confessei. — Tá vendo? *Cê* quase matou meu pau! Se eu não venho buscar comida na minha caverna favorita eu tô na bosta, mano.

Ela gargalhou.

— Fui muito idiota, Lucas — disse, ficando séria de repente. — Eu estava com a razão quando terminei nosso namoro. E estava com a razão quando fiquei puta ao te ver com aquela criatura.

— Eu não *tava* com ela, mano! Já falei que... — comecei.

— Eu sei. — Ela colocou o indicador em meus lábios. — Comecei a perder a razão quando duvidei de você. E perdi totalmente a razão quando decidi sair do Brasil. Só o que eu fiz foi causar sofrimento. Fiz você sofrer e sofri também. E troquei quase cinco meses de felicidade pelo mesmo período no inferno. Foi a pior merda que eu já fiz. E... Eu sei que não mereço suas desculpas... Mas eu... Eu preciso delas. Então... Você me desculpa? — Sua expressão de choro partiu meu coração.

Enxuguei suas lágrimas com os polegares e, então, abri um sorriso malicioso.

— *Cê* não tem que pedir pra mim, mano. *Cê* tem que pedir pra anaconda, tá ligado?

E *cê* sabe como é que a gente pede desculpa, né, *vêi*? Com a boca.

Rindo, ela se ajoelhou e começou a abrir minha calça.

— Capricha nesse pedido, hein, mano, porque ela tá chateada pra *carai* com seu abandono, *vêi*.

— E quando é que eu não capricho? — Ela umedeceu os lábios e, segurando a cuspideira, engoliu lentamente, até o final.

E foi vendo estrelas que eu cheguei até o hotel.

Uma das lareiras da suíte já está acesa, aquecendo o ambiente.

Temos uma reserva em um restaurante em duas horas e, enquanto tiro as botas e o casaco, estou calculando mentalmente quantas vezes conseguiremos transar antes de precisarmos sair do quarto.

Uma vez neste sofá, de quatro; outra naquele outro, de lado; um clássico papai-e-mamãe na cama, debaixo dos cobertores; uma foda dentro da banheira aquecida, outra na...

Maria Luísa está de pé, me observando de um jeito estranho.

— Que foi, mano? — pergunto, aproximando-me dela. — Ah! *Cê* disse que tinha uma novidade pra me contar, *vêi*! — exclamo, lembrando-me da mensagem.

— Ah, é... — ela fala. — Parei de fumar. Já estava parando antes de sair do Brasil, e parei de vez depois que vim pra cá.

— Mano, graças a Deus, tá ligado? Tô orgulhoso, *carai*! — Dou um abraço nela. — *Cê* podia tirar essa parada, *vêi*. Esse casaco não tá muito grande pra você? — pergunto, examinando todo aquele volume esquisito ao redor dela.

Tava estranho aquele casaco, mano. Tipo, ela continuava pequena, mas...

— Não é, exatamente, o casaco que está grande, Lucas — ela diz, ficando visivelmente pálida enquanto seus dedos percorrem os botões.

Estou diante do meu pesadelo.

Isso não pode estar acontecendo, mano.

Levo as mãos à cabeça enquanto observo Maria Luísa sem o casaco azul-claro, usando apenas uma blusa branca e justa de frio.

Estou tendo sérias dificuldades para respirar. Sinto os órgãos todos falhando, um a um.

O silêncio pesa como um manto de chumbo enquanto nos fitamos. Ela tem uma expressão desolada estampada no rosto. A minha é de puro terror e decepção.

Só agora eu me lembro de que, quando estávamos no carro, eu não perguntei a Maria Luísa se ela transou com alguém enquanto estávamos separados.

A resposta, protuberante e inegável, está diante dos meus olhos.

Deixo o corpo cair no sofá, porque não tenho forças para ficar de pé.

— Foi por isso que eu não voltei. — Ela está alisando a barriga pequena, mas perfeitamente visível, com carinho. E isso me mata.

Não consigo engolir o caroço que está engastado na minha garganta. Sinto que vou morrer sufocado.

— Foi por isso que não respondi suas mensagens.

Estou meneando a cabeça, porque agora entendo tudo. Ela não queria me dizer que estava grávida de outro cara.

— Foi por isso que eu implorei que você não viesse.

Como eu fui estúpido, mano. Eu vim. Vim atrás dela quando, claramente, devia ter ficado onde estava.

Minhas lágrimas caem sem controle, e eu, que achei que sabia o que era viver

no inferno, descubro que acabei de conhecer meu novo lar.

— Você não vai dizer nada? — ela pergunta.

O que ela quer que eu diga, mano? Que eu a parabeneze?

— Por que você não me contou isso antes? — questiono, e me surpreendo com o tom da minha voz. É calmo e profundamente triste.

— Eu quis te contar no minuto em que descobri, Lucas. Quis voltar para casa imediatamente. Cheguei a ajeitar as coisas, mas pensei melhor. Eu precisava aproveitar os meses iniciais para terminar o colégio. Se voltasse para o Brasil, só complicaria tudo. Acabaria me atrasando e terminando o ensino médio às vésperas do parto. Eu queria estar livre logo da escola para poder estar com você. Morri de vontade de te contar todas as vezes que li suas mensagens. Tinha medo de respondê-las e acabar contando e clicando em “enviar” antes de conseguir me conter. Queria conversar com você só quando finalmente pudesse contar tudo, porque não conseguiria... Não conseguiria não te dizer se mantivéssemos contato. Então não respondi, mas li e chorei e sofri com você, Lucas. Queria contar pessoalmente. Se eu tivesse te contado via Internet, você viria imediatamente para cá, coisa que só serviria para te prejudicar no trabalho, porque o bebê está quietinho aqui dentro, não vai a lugar algum por enquanto. — Ela abre um sorriso enorme enquanto alisa a barriga.

Maria Luísa só podia sofrer de algum distúrbio, mano. Era muito sadismo da parte dela ficar feliz por uma criança que não era minha bem na minha frente.

— Sabe o que é engraçado? — indago, limpando as lágrimas e me levantando do sofá. — Eu sonhei com isso há algumas semanas. Isso é o meu pesadelo se tornando real, Maria Luísa. Não acredito que *cê* tá mesmo grávida. Não acredito que *cê* fez isso comigo, mano. — Minha voz transborda todo o sentimento de traição que está me corroendo por dentro.

Ela levanta os olhos e me olha, alarmada. Duas lágrimas grossas passeiam por suas bochechas.

— *Cê* me disse que usava anticoncepcional, mano! Por que *cê* parou de usar?

— Estou chorando de novo, sem me importar com o fato de que ela está me vendo assim, tão exposto, tão arrasado.

Estou assustado, porque, enquanto sinto tudo desmoronar ao meu redor, sei que isso não muda nada. No fundo, eu sei que, se ela ainda quiser se casar comigo, vou me casar com ela. E a certeza disso me deixa petrificado, porque, definitivamente, não sou o tipo de cara que faria algo assim.

Não quero fazer algo assim. Quero acordar deste pesadelo. Quero estar no Brasil. Quero estar em casa, na minha cama, prestes a acordar para ver o sol rachando lá fora.

— Eu estava usando normalmente. Costumava tomar à noite, sempre antes de

me deitar. Só que, no dia da brincadeira do Eu Nunca, como fiquei bêbada e dormi fora de casa, deixei de tomar um comprimido, e não associei as coisas quando a gente transou sem camisinha no bangalô. Você não disse nada, nós voltamos a usar depois disso, e eu só fui me tocar de que algo estava errado quando a minha menstruação atrasou.

Eu tinha ficado louco com o episódio do bangalô, mano. Já te contei a parada da mina que eu “quase engravidei” uma vez, né, véi?

Então, assim que me dei conta de que, depois de dizer a Maria Luísa que a amava, eu tinha transado com ela sem camisinha, nem toquei no assunto. Pensei: “ela usa anticoncepcional, mano. Tá de boa. Agora é só não dar sopa pro azar, e voltar a encapar a anaconda”.

Foi difícil pra *carai* resistir à tentação de ligar o “foda-se” e parar de usar camisinha com ela. Mas só quem já cagou de medo de precisar encarar o segundo domingo de agosto sabe que é só se lembrar da treita pra agradecer a existência dos seringueiros.

Ainda estou absorvendo o que Maria Luísa acabou de dizer quando ela emenda, com a voz extremamente triste:

— Você não precisa criá-lo, Lucas. Eu sei que você nunca quis ter filhos. Você sempre deixou isso claro. E esse foi outro motivo pelo qual eu não te contei antes que, apesar de não o querer, você vai ter um filho.

Fito seus olhos chorosos e, inacreditavelmente, tenho uma crise de riso.

— Do que você está rindo? — ela pergunta, chocada.

Vou até ela e a ergo do chão. Começo a rodopiá-la, enquanto rio de alívio e felicidade.

— Não acredito que você pensou que eu... — Maria Luísa está furiosa. — A vontade que eu tenho, Lucas, é de te dar uns bons tapas na cara! — Ela me dá um soco no peito quando termino de contar o pesadelo que eu tive e de explicar o motivo real da minha reação decepcionada à notícia.

— Você também pensou que eu tinha transado com outras pessoas, mano! — Faço minha defesa.

— Você é um surubeiro assumido, seu idiota! Eu sou uma adolescente virgem! — ela replica.

— Mano, eu era. Não sou mais, tá ligado? E você... Adolescente virgem, Malu? — Dou uma risada. — Nem uma coisa nem outra, meu.

— Você entendeu o que eu quis dizer! — ela berra. — É claro que eu não transei com ninguém além de você, Lucas! Isso deveria estar subentendido! Mas,

já que não está, a gente pode fazer um teste de paternidade. Pode, não. A gente vai fazer! A gente pode ir agora a um laboratório! — Ela pega o casaco no chão e começa a se vestir. — Tem como fazer agora, não tem?

— Não fala merda, mano — vocifero, aproximando-me e tomando seu rosto com as duas mãos. — Desculpa. Eu sou um idiota, Malu — falo, mirando seus olhos. — Eu sei que *cê tava* esperando por mim, assim como eu *tava* esperando por você. Desculpa ter cogitado que não, *vêi*. Mas é que *cê* é linda, meu. E eu pensei que... Os gringos e tal, mano. — Libero seu rosto e cruzo os braços, puto.

— Lucas, eu te amo! Como é que eu... — Ela solta um suspiro e tenta se acalmar.

— Foi o *carai* do pesadelo que me influenciou, mano. Já reparou que eu vivo fazendo, pensando, falando ou sonhando merda? Eu sou assim, meio tapado, tá ligado? Espero que o bebê não puxe a minha burrice, *vêi*.

Malu prende os lábios para não rir.

— Eu te amo tanto, Lucas... — Ela se aproxima e me abraça. — Espero que ele seja igualzinho a você, que é a pessoa mais divertida, inteligente e doce que eu conheço. Você é o homem da minha vida. Foi o primeiro e vai ser o único, enquanto eu viver. Não existo mais sem você. Eu mal estava comendo ou dormindo, de tanta tristeza.

— *Cê* tem que comer e dormir direito, *carai*! Maria Luísa, *cê* tá indo ao médico, né, mano? — pergunto, preocupado.

— Claro, né, Lucas! — Ela revira os olhos.

— Mano do céu, a gente tem que fazer aquelas paradas do raio-x do bebê, tá ligado? Pra saber o sexo logo, *vêi*!

Ela cai na risada.

— Ai, meu Deus... Ultrassom?

— Isso aí mesmo, mano, a parada que Putão fez nas minas dele!

Ela ri mais um pouco.

— *Vêi*! Tem que ser um moleque, *carai*! Ele tem que ser o comedor das gêmeas, mano! Tem como a gente ir agora fazer essa parada?

— Eu já fiz vários — ela fala. — Fiz o último ontem. Quer ver?

Arregalo os olhos.

— *Cê* é louca, mano? Cadê? — Levo as mãos à cabeça, ansioso.

Ela vai até a mochila que deixou no chão quando entrou e se ajoelha.

Vou atrás e me sento no carpete.

Maria Luísa tira um caderno pequeno, de capa preta e cantos arredondados de dentro da bolsa.

— Fiz isso pra você. São as nossas conversas. Comecei escrevendo uma resposta para a primeira mensagem que você me enviou. Lia as mensagens no

Facebook, transcrevia e respondia todas no papel. Mas tem mais que isso. Acabou virando uma espécie de diário. Escrevi todos os dias. É, também, um conjunto de relatos do que vivi aqui.

— Tem o dia em que *cê* descobriu sobre o bebê aí? — pergunto.

Ela meneia a cabeça, abre o caderno e começa a ler.

As emoções de Maria Luísa, habilmente transcritas, fazem com que eu me sinta vivendo cada linha narrada.

Quando ela termina, estou chorando. Ela me abraça, e ficamos assim, sentados no chão, abraçados de frente à lareira da sala.

— Eu queria ter estado com você, mano. Queria que a gente tivesse descoberto juntos. Queria ter ido a todas as consultas com você.

— Eu sei.

— Desculpa por não ter estado. Desculpa por ter demorado tanto.

— Você está aqui agora, Lucas.

— Nós três estamos.

Ela se afasta e me mostra um sorriso.

Então, abre o caderno e me mostra o primeiro ultrassom. E o segundo. E o terceiro. E o quarto. São cópias coladas nas folhas amareladas; os originais estão no apartamento onde ela mora com uma colega.

Estou vendo o bebê nitidamente formado no último, e mais lágrimas caem.

Tá ridículo isso, mano, mas não consigo me conter.

Eu tenho um filho, e ele tá na minha mão agora.

Viro o corpo, ficando de frente para Maria Luísa. Com um olhar, pergunto se posso subir sua blusa.

Ela puxa o tecido, e eu pouso a mão na barriga exposta.

— Quer saber o sexo? — ela pergunta, e eu estabelo os olhos.

— *Cê* já sabe?

— Claro, Lucas! Estou na 17^o semana de gestação!

— Mano, eu não entendo nada dessas paradas, *vêi*. Vou ter que fazer um curso com a quenga, tá ligado? Espera, deixa eu me preparar pra saber o sexo. — Fecho os olhos e respiro fundo.

Maria Luísa ri.

— Para de rir, *carai*, tô vivendo o momento mais importante da minha vida, mano. Tipo, se for menina, eu vou ser o motivo da maior zoeira de Putão, pro resto da vida. Se for menino, vou ser a causa do maior pesadelo da quenga, até o fim dos tempos.

— Coitado... Prevejo um futuro sombrio para Max... — Ela dá uma risada.

— É um moleque, *carai*? — Dou um grito.

Ela assente.

— *Caraaaaaaaaaaaaaai*, mano! É *gooooooooooooooooool*! Do Piolhão, tá ligado?

Maria Luísa está gargalhando.

Dou um abraço apertado nela, enquanto beijo sua cabeça sem parar.

— Mano, eu não acredito que eu vou ser pai! Tipo, *cê* sabe que eu vou ser um pai zoadado, né, *vêi*?

— Tô ligada. — Ela ri.

Afasto-me e volto a pousar a mão em sua barriga.

— E aí, filhão? Tá preparado pra participar de um *ménage* com gêmeas no futuro? *Cê* é um moleque de sorte, *carai*.

— Ele não vai ser esse tipo de homem. Vai ser certinho — Malu argumenta.

— Mano, ele não é filho de Titona, tá ligado? Fala pra ela, Luís. Fala pra sua mãe de quem *cê* é filho, *carai*. Conta pra mamãe seu apelido, filho. Luisão da Surubada! — Faço uma voz mais grossa, e Malu tem uma crise de riso.

— Ele não vai se chamar Luís! Eu estava brincando aquele dia, Lucas!

— Vai, sim, mano. Já tá escolhido. *Bora* mandar bordar nas fraldas do moleque: Luís Forcatto Guerratto. *Óia* que parada foda, *vêi*. Nome de rico, tá ligado? Onde que ele vai enfiar tanto dinheiro, mano? Ele tem que ser humildão e vida louca, saca? Não posso ter um filho mauricinho tipo seu pai, tá ligado?

— Você achou meu pai “mauricinho”? — Ela solta uma gargalhada.

— Ele é *mó* *playboy*, *vêi*, e não foi com a minha cara. Falando nisso, *cê* tá ligada que ele vai mandar me matar, né, mano? Como não apareceu nenhum capanga ainda, presumo que ele não saiba sobre Luisão.

— Não. — Ela ri. — Não fui pra casa no Natal.

Finjo um suspiro aliviado.

— Que bom que ainda tenho mais uns dias de vida, *vêi*.

— Ele vai ficar chocado, mas não vai ficar inconsolável, nem furioso nem nada do tipo. Minha mãe já sabe, eu contei.

— E aí? O que ela falou?

— Mamãe engravidou quando tinha quinze anos, Lucas. Acho que ela não podia falar muita coisa. Não posso dizer que ela tenha soltado foguetes, mas ficou feliz. Está achando incrível ser avó aos trinta e três anos. Tem me apoiado e me instruído. Ela vem sempre para as minhas consultas, e já comprou roupinhas e coisas suficientes para um exército de bebês.

Pelo menos, ela não tinha enfrentado aquilo completamente sozinha, mano.

— De agora em diante, *cê* não faz mais nada sem mim, tá ligado? Não vou

desgrudar de vocês, *vêi*.

— Ainda preciso ficar por mais um tempo. E você precisa voltar, Lucas.

Dou uma gargalhada.

— Mano, eu já perdi quase a metade da gestação do meu filho. Não vou perder nem mais um dia.

— Eu gostaria de lembrá-lo de que você é professor. E de que as aulas vão voltar em breve no Brasil.

— Os planos agora são outros, Malu. Vou desistir da minha carreira de professor.

— O quê?

— Eu tenho um filho, Maria Luísa. Ele vai ser herdeiro de uma fortuna. Meu pai não é imortal. Não posso mais fingir que não sou rico, porque agora não sou o único afetado pela minha decisão de ser professor.

— Você está me dizendo que vai... — Ela me olha, incrédula.

— Vou. Letras não é a minha única formação, você sabe. Vou ficar por aqui até você terminar o colégio. Vou estudar, vou me atualizar, vou aprender tudo o que precisar aprender. Tenho certeza de que meu pai, quando souber, montará uma equipe com as pessoas mais qualificadas do Grupo, sendo ele a principal delas, para me direcionar.

— Lucas... — Ela me olha nos olhos. — Você não precisa fazer isso. Você é o melhor professor do mundo!

— Mano, eu posso ser o melhor empresário do mundo, tá ligado?

— Um empresário que fala *piolhês*? — Ela dá uma risada.

— Maria Luísa, você acha que eu não consigo me comunicar formalmente? Estou me comunicando formalmente agora. Eu domino o português tanto quanto o *piolhês*. Ou o inglês. Ou o italiano. Ou o espanhol. Ou o francês. Meu digníssimo pai me fez o grandessíssimo favor de me fazer bater o recorde de cursos de idiomas na infância. Por que você acha que eu me tornei professor de Língua Portuguesa? Quando o assunto é língua, posso dizer que tenho um dom.

— Eu sei. — Ela morde o lábio e leva uma mão ao meu peito.

— Tá com saudade da minha língua? — pergunto, segurando seu rosto com uma mão.

Ela assente devagar, com os olhos em minha boca.

Inclino-me e roço seus lábios com os meus. Puxo o inferior, e ela geme baixinho.

Capturo sua língua com a minha e confisco sua boca inteira.

Quero fazer amor com ela. Quero beijar sua pele toda e preenchê-la lentamente.

Contemplo seu corpo desnudo sobre a cama, onde acabei de colocá-la, enquanto me curvo sobre suas curvas.

— Cê é tão linda... — Beijo seu rosto, descendo para o pescoço.

Ela me recebe enfiando os dedos em meu cabelo e gemendo em meu ouvido.

Deslizo os lábios por sua clavícula, e minhas mãos percorrem suas coxas.

Beijo seus peitos e me apodero de um mamilo. Ela se move no colchão, soltando um gemido prolongado.

Deixo a língua passear pela protuberância antes de sugá-la delicadamente.

Sinto as pontas de seus dedos pressionarem meu couro cabeludo.

Chupo mais um pouco, e suas pernas enlaçam minha cintura.

Subo os lábios, e ela me beija com vontade, emaranhando meu cabelo.

Interrompo o beijo para cuidar do outro mamilo, dedilhando o que já recebeu minha atenção.

Apalpo seu peito inteiro quando aumento a pressão da chupada, e ela geme alto.

Desço a boca, beijando sua barriga até começar a transferir os beijos para a parte interna de uma de suas coxas.

Ela solta pequenos gemidos antecipatórios quando começo a beijar a parte externa de sua boceta. Posso ver o quanto ela está molhada antes mesmo de abri-la, e isso faz meu pau pulsar energicamente.

— Que saudade dessa delícia... — falo, abrindo-a com os dedos.

Ela geme demoradamente enquanto eles escorregam em suas dobras.

Desloco-os para alcançar a umidade entre suas pernas.

— Cê tá tão molhada, mano... — Com os dedos úmidos, afasto suas coxas ainda mais e sugo o líquido morno, subindo a língua para beijar seu clitóris.

Suas pernas tremem em minhas mãos quando circundo a região devagar.

— Huuummm... Lucas... — ela geme, e eu chupo sua pele sensível.

Um gemido intenso ressoa pelo quarto.

Deixo a língua trabalhar enquanto ergo os olhos para fitar sua expressão extasiada. Chupo outra vez, delicadamente. E de novo, com mais pressão.

Ela leva as mãos aos peitos, gemendo sem parar, quando aumento a intensidade das lambidas.

Diminuo o ritmo quando ela está quase gozando, porque ainda não estou preparado para me despedir de seu rosto embriagado.

Mas é inevitável. Caio em minha própria armadilha. Hipnotizado por sua expressão ébria, recomeço a beijar sua carne macia, intercalando chupadas e lambidas incessantes.

Começo a dizer adeus às suas feições embevecidas quando ela goza vigorosamente em minha boca.

Subo o corpo, e ela puxa minha cabeça. E me beija e devora minha língua.

Entro dentro dela durante o beijo, despejando em seus lábios um gemido irrefreado.

Quero senti-la assim, sem nada, para sempre. A sensação me engolfa. Sinto-me narcotizado, imerso em ondas e ondas de puro êxtase.

Estou me movendo devagar, com o corpo pairando sobre o dela, enquanto nossos arquejos se emparelham no interior de nossas bocas.

Quando o espaço se torna comprimido demais pelos nossos sons, ergo a cabeça e começamos a libertá-los no ar frio que nos cerca.

Miro seus olhos azuis, sua boca entreaberta, seu cabelo loiro esparramado no travesseiro.

Como posso estar a milhas de distância de onde vivo e me sentir em casa?

— Te amo, Malu — eu digo, e ela me puxa e me beija lentamente, abraçando meu corpo com as pernas.

Aumento o ritmo, escorregando os lábios para seu pescoço quando o beijo não comporta mais a dimensão de nossos gemidos.

Começo a estocar, gemendo em sua pele.

Suas mãos são peregrinas em minhas costas. Suas unhas, ora deslizam na camada de suor, ora naufragam em minha carne.

— Como *cê* pode ser tão gostosa, mano? — Estou perguntando em sua boca, pontuando cada palavra com uma metida profunda.

Ela está puxando meu lábio, iniciando um novo beijo sedento.

— Eu te amo. — Ergo a cabeça para dizer quando sinto que ela está prestes a gozar.

Seus olhos estão fechados, o cenho franzido prenunciando a chegada do orgasmo.

— Olha pra mim — peço, à beira do gozo. — Abra os olhos, Malu.

Ela os abre e os mantém fixos nos meus até seu corpo ser assaltado pela primeira onda de deleite.

Sinto suas paredes internas me comprimirem e o mundo desabando ao meu redor.

Estou gemendo, pulsando e me derramando dentro dela quando sinto sua mão em minha nuca e seu hálito em meu ouvido:

— Eu te amo, Lucas.

Estamos deitados, abraçados e ainda arfantes. Malu está apoiada em meu peito, que sobe e desce em intervalos curtos.

Beijo o topo de sua cabeça enquanto ela desliza os dedos pelas ondulações do meu abdome.

— Você é tão gostoso...

— *Cê* que é uma gostosa, mano... — falo, apertando sua bunda.

Ela solta um gemido manhoso e sobe a cabeça para beijar minha bochecha.

Levo uma mão ao rosto dela e direciono sua boca para a minha.

Beijo-a delicadamente, ouvindo os ruídos que nossos lábios produzem a cada pausa.

Quando Maria Luísa finaliza o beijo, seu rosto paira sobre o meu, ela sorri e diz:

— Te amo.

Sorrio também, colocando uma mecha solta de seu cabelo atrás da orelha.

— Te amo. Você é tão linda, Malu...

— Você que é — ela fala, acariciando minha barba. — Espero que tenha passado essa genética maravilhosa ao nosso bebê.

— Uma coisa eu posso garantir: passei a anaconda pra ele, *vêi*.

Ela dá uma risada, e eu decido zoar:

— *Cê* tá ligada que a gente acabou de fazer um *ménage*, né, mano? Você, Luisão e eu.

— Credo, Rafinha Bastos! — Rindo, ela me dá um soco no peito, e eu dou uma gargalhada.

— Tô zoando, *carai*! Ele *tava* dormindo, não *tava*, filho? — Converso com sua barriga. — Mano, ele tá ligado que precisa fechar os olhinhos toda vez que o papai estiver brincando com a mamãe.

— Eu te proíbo de dizer uma coisa fofa depois de dizer uma coisa ridícula, Lucas. — Ela pincela meus lábios com um beijo.

— Tá, vou dizer outra coisa ridícula pra dar uma neutralizada, tá ligado? Pensa só, *vêi*... Com uns dois anos, ele já vai ter um *shape* foda, porque a gente vai matricular Luisão na academia assim que ele aprender a andar. O cabelão nem vai ver tesoura, saca? Ele já vai crescer cabeludo, mano. Sério, *vêi*, não sei como ele vai dar conta de comer tanta mina.

— Meu Deus, ainda bem que ele vai ter uma mãe certa da cabeça, porque o pai é doido de pedra — ela diz, rindo.

— Mano, eu só aceito comparação com pedra se *cê* estiver falando da minha anaconda dura, tá ligado?

Ela gargalha.

Ficamos quietos por um tempo, descansando em silêncio.

Estou mirando a janela, observando a neve se acumular no parapeito enquanto penso em como será a nossa vida daqui para frente.

— Malu... — chamo.

— Hum... — Ela alisa meu tórax.

— Quais são os seus planos de agora em diante? Você quer fazer faculdade?

— Quero. Vou terminar o ensino médio. Então, vou ter o bebê. Aí, quando ele estiver grandinho, vou começar a faculdade.

— *Cê* não tá se esquecendo de nada, Maria Luísa? — pergunto, sério.

Ela faz uma expressão pensativa.

— Não... Tô?

— Mano, quando é que *cê* vai se casar comigo, *véi*? — questiono, indignado.

— Ah! — Ela ri.

Então, estica a mão para admirar o anel.

— É a pedra mais linda que eu já na vida! É de verdade?

— É claro que é de verdade, mano! Eu ia te dar bijuteria, *carai*? É uma joia de família. Essa parada custa uns milhões, *véi*. Mas fica de boa, que tem uma réplica. *Cê* não pode sair por aí com isso no dedo pra cima e pra baixo, mano. É perigoso, tá ligado? A pedra central é uma grandidierite. Escolhi porque ela é assim, verde-azulada e rara, como o tom das suas íris.

Ela abre um sorriso e deposita um beijo em meus lábios.

— E então, quando a gente vai se casar, mano? O bebê vai nascer em... — Calculo mentalmente. — Maio?

Ela assente.

— Então a gente pode se casar...

— A gente pode se casar depois que ele nascer, Lucas. Sem pressa — ela me interrompe.

— Mano... E se a gente se casasse hoje, *véi*? — Sento-me na cama, já começando a arranjar as coisas na cabeça.

— O quê?

— Mano de Deus... A gente vai se casar agora, meu!

— Lucas, você enlouqueceu?

— Mano, *cê* tá ligada que é só a gente entrar no jato e pousar em Vegas, né, *véi*? Tipo, ia ser foda pra *carai*, mano! A gente podia se casar na capela do Elvis!

Ela está rindo, mas eu estou me levantando da cama e me ajoelhando aos seus pés.

Seguro sua mão e começo a cantar *It's Now Or Never*, de Elvis Presley:

It's now or never,
(É agora ou nunca)
come hold me tight
(venha me abraçar apertado)
Kiss me, my darling,
(Beije-me, minha querida)
be mine tonight
(seja minha esta noite)
Tomorrow will be too late,
(Amanhã será tarde)
it's now or never
(É agora ou nunca)
My love won't wait
(Meu amor não vai esperar)
When I first saw you
(Quando eu te vi pela primeira vez)
with your smile so tender
(com seu sorriso tão terno)
my heart was captured,
(meu coração foi capturado)
my soul surrendered
(minha alma se rendeu)
I'd spend a lifetime
(Eu passaria a vida inteira)
waiting for the right time
(esperando pelo momento certo)
Now that your near
(Agora que você está perto)
the time is here at last
(a hora finalmente chegou)

— E aí, mano? Cê quer se casar comigo hoje?

— Ai, meu Deus! Você não existe, Lucas! É claro que eu quero! — ela responde, rindo.

Subo na cama e começo a beijá-la até perder o fôlego.

— Meu pai vai me matar! — Maria Luísa diz enquanto encho suas bochechas de beijos.

— Bom que eu não morro sozinho, quando ele descobrir que Luisão tá a

caminho, né, mano?

— Eu te amo! — Ela dá uma risada e me beija na boca.

— Meu — interrompo o beijo pouco depois —, *cê* tem certeza? *Cê* sabe que, se *cê* quiser, a gente pode deixar isso pra lá e se casar no Brasil e tal, né, *vêi*?

— E perder a chance de me casar diante de Elvis Presley? *Cê* é louco, meu?

— É por isso que eu te amo, *carai*! *Cê* é louca, mano! — Salpico seu rosto de beijos.

— Mano, eu tenho uma parada pra te contar, *vêi* — falei, quando Putão atendeu.

— Que desgraça, Piolho! Vi o número internacional e atendi achando que era alguém avisando que o jato tinha caído, caralho!

— Fica *frau*, quenga, que eu tô mais que vivo, tá ligado?

— Lamentavelmente.

— Eu sei que *cê* me ama, *carai*.

— Sabe que horas são, *bocetudo*?

— Ih, mano, esqueci a parada do fuso, *vêi*! — Dei uma risada.

— Conta logo essa desgraça, porque eu quero dormir, porra.

— *Cê* vai ficar chocado, mano!

— Nada que venha de você me choca, Piolho. — Ele gargalhou.

— Isso, ri bastante enquanto *cê* pode, Putão, porque essa parada que eu vou contar vai te atormentar pelo resto da vida, mano!

— Tá falando do que, porra?

— Eu vou ser pai, *carai*!

— Quê? Para de zoeira, Piolho!

— Na moral, meu! Luisão tá vindo aí pra foder as gêmeas, tá ligado? Ao mesmo tempo, saca? — É a minha vez de gargalhar, enquanto o telefone fica mudo. — *Cê* tá aí, mano?

— Vai zoar a puta que te pariu, Piolho!

— É sério, *vêi*! Fala pra ele, Malu! — Coloquei o telefone no ouvido dela.

— Oi, Max! É verdade! Sério! Certeza! É um menino mesmo! Absoluta! Juro que não! — Ela deu uma risada. — Mas ele vai ser bonzinho...

— Vai o *carai*! — falei pra Putão, pegando o telefone de Maria Luísa. — *Cê* comeu minhas duas irmãs, quenga! Luisão vai me vingar comendo suas duas filhas, tá ligado? E fala pra Plinião que pode ser que Sofia comece a curtir uns novinhos daqui uns anos. E diz mais, tá ligado? Fala que Matheus pode até ser o primeiro dela no futuro, mas o que o puto fez com Andressa, Luisão vai

fazer com a filha dele! — Gargalhei.

— Seu filho de uma puta! Se esse moleque chegar perto das minhas filhas ou de Sofia, eu corto o pinto dele e enfio no seu cu, Piolho! — ele berrou. — Mas parabéns, quenga! Tô feliz pra caralho, porra! A gente vai poder comemorar o próximo dia dos pais juntos, minha puta!

— Mano, vai ser da hora, saca? Eu com meu moleque galã no colo e *cê* com suas minas gatas... Aí, a gente bota os três no chão e observa Luisão fazer as gêmeas Vetter pirarem, tá ligado?

— Já falei pra tirar o olho das minhas filhas, caralho!

Dei uma gargalhada.

— Mano, relaxa aí, que eu ainda tenho outra parada pra te contar, *véi*. Adivinha pra onde eu tô indo, quenga!

— Pra puta que te pariu? — ele falou, rindo.

— Deixa de ser cuzão, tá ligado? Tô indo pra Vegas, meu!

— Pra fazer o que eu tô pensando? — perguntou, chocado.

— *Issaê*, mano! Eu vou...

— Jogar pôquer? — ele completou, e eu caí na risada.

— Que mané pôquer, *véi*! Eu vou me casar, *carai*!

Putão gargalhou.

— Tá me zoando, porra?

— Na moral! *Cê* é o primeiro a saber, tá ligado?

— Caralho, quenga...

— Não chora, *véi*! Segura a emoção, mano! — zoei, e ele riu.

— Parabéns, puta! Nem acredito que agora você vai virar pai de família, porra!

— Só macho faz isso, mano, engravida a mina e depois casa.

Nós dois gargalhamos.

— Mas você sabe que, antes de se casar, precisa pensar nas questões patrimoniais do casamento, né, quenga? — ele disse, quando paramos de rir. — Toda sociedade conjugal pressupõe repercussões de âmbito econômico, de modo que uma regulamentação de cunho patrimonial se faz estritamente necessária. A maioria dos casais, no afã de convolarem núpcias, se esquece da parte puramente jurídica da coisa. Pouca gente se preocupa com os regimes de bens, porque ninguém gosta de pensar em “divórcio” quando está se casando. Mas as pessoas se esquecem de que essa não é a única forma existente de dissolução de matrimônio. Todo vínculo matrimonial será, eventualmente, dissolvido. Alguns findam com o início da incompatibilidade de gênios entre o casal. Outros, com o falecimento de um dos cônjuges. De um jeito ou de outro, todos os casamentos caminham, irrevogavelmente, para o fim.

— Mano, que parada mórbida, tá ligado? Nem parece que *cê* se casou há menos de cinco meses, *carai!*

— Foi mal, puta. Estou no “modo advogado”. A tendência é recair em praticidade e relegar o romantismo. E eu não estaria tocando no assunto se: a) não me sentisse, por força da profissão e da nossa amizade, obrigado a fazê-lo; e b) se você e Maria Luísa não fossem herdeiros de grandes fortunas.

— Ih, mano, nem *tava* ligado nessa parada. E agora, *véi?*

E, então, eu coloquei no viva-voz, e Putão nos explicou como funcionavam as paradas dos regimes de bens nos Estados Unidos e no Brasil, e os trâmites necessários caso a caso.

Por exemplo, se desejássemos fazer um pacto antenupcial, precisaríamos de um advogado e de um notário norte-americano, além de seguir alguns procedimentos para torná-lo válido no Brasil.

Segundo Putão, a parada era simples, dava para resolver tranquilamente, de boa.

Depois, era só optar pelo regime no ato do registro, já que o sistema americano diferia do brasileiro.

Foi o que fizemos. A quenga se levantou de madrugada e redigiu a parada em inglês. Enviou no meu e-mail, e eu encaminhei uma cópia para o meu pai e outra ao pai de Maria Luísa, depois que ligamos para as nossas famílias e comunicamos nosso intento.

Não me senti confortável em fazer aquilo sem que o pai dela soubesse. Sei lá, mano, eu não queria que parecesse que eu estava, de algum modo, tentando fazer algo escuso, aproveitando-me do desconhecimento legal de Maria Luísa.

Eu sabia como funcionavam as coisas. O advogado do pai dela teria que analisar o acordo e ratificá-lo. Só assim eu poderia seguir com aquilo com a consciência limpa. Tínhamos feito tudo juntos, com o auxílio de Putão, que era meu melhor amigo. Mas era direito dela conversar com o pai para propor e alterar cláusulas que o advogado dele julgasse necessárias.

No domingo, quando fui à casa dos Forcatto, pedi a mão de Malu em casamento. Não que uma eventual recusa do pai dela fosse me impedir de fazer o pedido, mas era uma etapa que eu julgava importante (mano, eu sou zoadado, mas não tanto, tá ligado?).

Quando conversou com ele ao telefone, Maria Luísa descobriu que a mãe já tinha contado sobre a gravidez. No domingo, assim que saí de lá.

Fiquei meio puto, porque ela podia ter contado enquanto eu *tava* lá, né, *véi?* Teria evitado meu show de burrice em solo internacional.

Enfim, o pai dela já sabia, e, após dois dias digerindo o fato de que seria avô aos trinta e quatro anos, já estava razoavelmente conformado. Mesmo assim,

tentou nos dissuadir do casamento em Vegas por aproximadamente uma hora seguida.

Segundo ele, Maria Luísa merecia um casamento de princesa, com uma cerimônia grandiosa e uma festa luxuosa; não um casamento apressado, só porque estava grávida. Meu pai disse exatamente a mesma coisa (o casamento, o bebê e o meu futuro ingresso no mundo dos negócios, tudo de uma vez só, quase mataram o velho. Não preciso nem dizer o quanto ele ficou feliz com as notícias, né, mano? Deve estar comendo minha mãe agora).

Malu merecia o melhor casamento do mundo, eu não discordava. Mas uma cerimônia tradicional não era muito a cara dela. Nem a minha. E ela estava tão empolgada com o Cadillac rosa e com a diversão de se casar como em um filme de mulherzinha, que nada nem ninguém conseguia tirar dos olhos dela a animação evidente.

Ela já tinha até escolhido a capela, que reservávamos on-line. Marcaríamos para o final do dia seguinte, porque, infelizmente, dadas as burocracias, não seria possível nos casarmos naquela noite.

Enfim, o importante era que, em poucas horas, a gente ia se casar em Las Vegas.

Depois que estava tudo certo, imprimir o documento redigido por Putão e, seguindo a recomendação da quenga, entrei em um site onde encontrei uma lista de notários disponíveis, por meio do qual era possível contratar um deles. A comodidade da coisa era impressionante, mano: o cara iria até o hotel onde nos hospedaríamos em Vegas para formalizar o pacto.

Com as coisas devidamente arranjadas, partimos para Nevada, rumo à Cidade do Pecado.

Não posso falar agora, porque tô ofegante, véi. Acabei de ter a melhor experiência da minha vida, mano: entrei para o *Mile High Club*.

Assim que chegamos a Las Vegas, fizemos o *check-in* no hotel. O notário já estava à nossa espera.

Depois de tudo acertado, Malu e eu tomamos banho juntos e transamos na banheira da suíte. Em seguida, trepei com ela na cama e a fodi de quatro no sofá. Precisamos de outro banho. Então, eu a comi debaixo do chuveiro.

Quase perdemos o horário. Saímos atrasados rumo ao *Clark County Marriage License Bureau*, mas deu tempo de providenciarmos nossa licença de casamento.

Mano, durou uns quinze minutos, *véi*. Ainda bem que já tínhamos imprimido e preenchido o formulário.

Após a cerimônia, a gente precisa cuidar de uns procedimentos legais. Tudo de boa, tá ligado? Só precisamos fazer o registro no Consulado Brasileiro em Los Angeles e, depois, traduzir a papelada, por meio de um tradutor juramentado, e registrar em Cartório no Brasil.

Já escolhemos o pacote da cerimônia, nossos trajes e as alianças. Vai ter foto, filmagem e transmissão via Internet, saca? Tipo, depois do casório, vai ser disponibilizado um *link* onde os putos vão poder ver como foi, mano! Massa pra *carai*.

Agora estamos terminando de nos arrumar. Em breve, Elvis vem nos buscar aqui no hotel, para nos levar à capela.

Não é foda a parada ser toda zoada e ainda ser válida?

Mano, na moral... Eu quero morar em Vegas, *carai*!

O céu em Las Vegas é uma mistura inacreditável de alaranjado, rosa, roxo e azul.

Aqui estamos, ao entardecer, dentro do carro, percorrendo as ruas da cidade, indo em direção à capela.

Eu tô me sentindo o James Bond dentro desse *smoking*, mano. Não tô em Montenegro e não tô tomando um *Vesper Martini*, mas é como se eu estivesse protagonizando *Cassino Royale*, *véi*.

Galã de *smoking*? O próprio.

Mulher gostosa? Do meu lado.

Dinheiro? No bolso (mano, o velho me deu um *black card*. Agora eu sou patrão, tá ligado?).

O que fode é o Cadillac rosa, *véi*. Se eu estivesse num carrão de macho, eu poderia dizer: “*Bond. My name is James Bond*”, saca?

Aqui, o noivo vê a noiva antes do casório mesmo, mano.

O cabelo loiro de Maria Luísa ondula, atizado pelo vento. Ela está usando um vestido cor-de-rosa com uma saia rodada, curta e volumosa. Não me canso de dizer que ela é a noiva mais linda que eu já vi.

— Não é, filho? — Pouso a mão em sua barriga e pergunto ao nosso bebê. — Ele disse que a mamãe é a mulher mais linda do mundo, mano.

Ela sorri e presenteia meus lábios com um beijo suave.

Este seria o momento em que eu a puxaria mais para perto e começaria a beijá-la ardorosamente. Minha mão subiria seu vestido, alojando-se em sua coxa

macia, e ela apalparia meu peito e gemeria em minha boca. Montaria em mim, sentando-se no meu pau. Gozariamos segundos antes de chegarmos à capela. Ela desceria o vestido depressa e ajeitaria o cabelo. Eu subiria o zíper e a beijaria uma última vez antes de me tornar seu marido.

Mas estamos dentro do *carai* de um conversível cor-de-rosa, e Elvis está dirigindo, cantarolando *What a Wonderful Life*.

— Elvis! — Dou um berro. — *Step on the gas!*

Malu ri quando eu peço para acelerar, e começa a cantarolar junto com o rei do rock postiço. Dou de ombros e me junto a ela, enquanto os letreiros vão ficando para trás.

It's a wonderful life
(É uma vida maravilhosa)

Life's good to me
(A vida é boa para mim)

It's a wonderful road
(É uma estrada maravilhosa)

This road I'm travelin'
(Esta estrada que estou atravessando)

It's a wonderful road headin' beyond the hills, oh-ho-oh
(É uma estrada maravilhosa, que me leva para além das colinas, *oh-ho-oh*)

Já tô casado, mano!

Foi a coisa mais rápida do mundo, *véi*.

As portas se abriram, e o Cadillac adentrou o cenário da capela, cujo espaço assemelhava-se a uma garagem ampla.

O ministro vestido de Elvis estava ao volante, acenando e buzinando, e o som das buzinas misturava-se à música alta que vinha lá de dentro.

Os fotógrafos e cinegrafistas já estavam a postos, registrando tudo. Malu e eu acenávamos e ríamos para os nossos familiares, que nos esperavam lá dentro.

Infelizmente, os putos não estavam lá. Plinão estava com Suze no hospital, onde Tito estava ocupado com a residência; e Olívia podia dar à luz as gêmeas a qualquer momento, então é claro que Putão não podia sair do Brasil. Mas estava tudo certo, porque eles veriam o casório on-line depois.

Artur, Lari e Ícaro estavam lá, dançando e acenando de volta.

Elvis abriu a porta do carro, e Malu e eu pisamos na nuvem de fumaça que pairava no chão. O ambiente escuro e enevoadado era fatiado a todo momento por

luzes coloridas piscantes, e havia um palco ornamentado adiante, para onde Elvis correu, agarrando o microfone a tempo de iniciar *That's All Right*.

Malu e eu nos dirigimos ao palco dançando animados enquanto o homem de topete, usando o clássico traje branco, cantava.

Ela estava linda, sorrindo e girando comigo; as camadas da saia do vestido rodopiando com os giros.

Quando a música acabou, Elvis falou brevemente sobre “love” e “commitment” e nos perguntou se prometeríamos nos amar e honrar um ao outro, e nós dissemos “*I do*”. Em seguida, pediu para que déssemos as mãos e repetíssemos as paradas que ele estava dizendo (aquela coisa tradicional da saúde e da doença, mano).

Depois, ele cantou *Can't Help Falling In Love*, e nós dançamos agarrados, banhados por uma luz azulada.

E, então, veio o momento das alianças:

— *With this ring, I vow to cherish our love, which will grow stronger through the passing years* — eu repeti, deslizando o anel pelo delgado dedo de Maria Luísa.

— *I give you this ring as a token and a pledge of our vows to each other, praying that our love shall never fade* — ela disse e colocou a aliança em mim.

E, enfim, quando Elvis declarou: “*I now pronounce you husband and wife. Sir, you may kiss your lovely Bride*”, eu beijei minha esposa.

Por fim, abraçamos nossos pais enquanto Elvis cantava *Viva Las Vegas*. E dançamos todos juntos até a música acabar.

Foi assim que eu me casei, mano.

Namorei por um dia, fui noivo por algumas horas e me tornei marido em alguns minutos.

E é o que eu vou ser até o meu último segundo de vida.

87. A língua é o açoite do corpo

Cerca de oito meses atrás

Poucas horas antes de Olívia Dutra chegar à Rua das Cerejeiras, saltar do táxi, espiar pelas grades do número 69, avistar o deus dourado e, instantes depois, manjar o “pacotão gostoso” pela primeiríssima vez!

MAX

Um som intermitente começou a golpear meus ouvidos em intervalos curtos. Ignorei os primeiros toques, abafando o ruído com um travesseiro. Talvez, só talvez, aquela porra parasse de fazer meus ouvidos sangrarem. Mas não parou. É claro que não. O filho da puta não me deixaria em paz, a menos que eu atendesse o caralho do celular.

Eu seria capaz de reconhecer aquele som de chamada até se estivesse em um estádio de futebol, em meio a vozerios exaltados e palavrões gritados, assistindo à final de um campeonato, disputada por times rivais. Poderia estar assistindo a um *Der Klassiker* em plena *Champions League*, e, ainda assim, o reconheceria. Imagina no meu quarto, às...

— Cinco e sete da manhã, porra? — Alcancei o aparelho em cima do criado-mudo e chequei o visor.

Quando o seu melhor amigo te liga antes de o sol nascer, você suspeita de que alguma merda grave aconteceu, certo?

Não se o seu melhor amigo atende pela alcunha de “Piolho”. Nesse caso, ele pode estar fodendo o seu sono porque precisa da sua ajuda por alguns motivos ridiculamente banais.

Por exemplo, por estar com o cu entupido de pinga e, por isso, ter ficado entalado no vaso sanitário (essa merda — literalmente — já aconteceu) ou por estar com o rabo cheio de cachaça e ter acordado ao lado de um cara (estou certo de que, em algum momento, isso também já aconteceu).

Poderia ser, também, por estar à beira da morte devido à sova que levou dos membros da gangue do namorado de alguma “mina” que ele comeu (espero que a surra tenha sido de piroca). Ou por estar na cadeia por algum motivo esdrúxulo

e, assim, precisando de um advogado (foda-se).

Sabendo disso, eu deveria simplesmente ter desligado o caralho do celular, certo?

É o que eu tento fazer toda vez que o pau-no-cu me liga em horários em que a mãe dele está indo ou chegando da zona, mas sempre atendo, porque ele já me disse que, caso eu não atenda e ele esteja morrendo e, de fato, morra, vai voltar para comer meu cu enquanto eu estiver dormindo.

E, bem, eu durmo de bruços, porra!

— *Was möchten Sie tun, Schwanzlutscher?* — Atendi.

— Tira esse pau da boca pra falar comigo, *carai!* — ele respondeu, a voz rançosa de sono.

— Que ironia, Piolho... “*Schwanzlutscher*” significa “chupa-pau”.

— Tatua essa parada na testa, mano!

— Tatua essa porra no rabo!

— Tatua no pinto, *carai!*

— Eu te diria pra tatuar no seu, mas não caberia nem o “*Schwanz*” em fonte 8!
— Dei uma risada. Saiu rouca pra caralho.

— Dá pra tatuar a maior palavra alemã dezenas de vezes, e ainda sobraria metros de anaconda veiúda e sem tinta, tá ligado?

— *Donaudampfschiffahrtselektrizitätenhauptbetriebswerkbauunterbeamtengefalei.*

— Putão, *cê* tem que parar de escovar os dentes com pica, meu. Porra não é pasta de dente, tá ligado? É Betona que *cê* tá chupando aí?

— Marcelão — respondi. — Relaxa, cara, daqui a pouco eu continuo a mamada. Tô falando com a quenga agora. Tira o punho do cu e vai batendo aí, caralho!

Piolho riu da atuação.

— *Donaudampfschiffahrtselektrizitätenhauptbetriebswerkbauunterbeamtengerepeti* — é a maior palavra alemã, composta por... — Fiz uma pausa para fazer as contas mentalmente. — Oito substantivos. Não cabe nem “*Donau*” no seu pinto, Piolho.

— Mano, a maior palavra não técnica da língua portuguesa é “anticonstitucionalíssimamente”. Não cabe nem o prefixo no seu, tá ligado? No meu, contudo, o sufixo adverbial se repete múltiplas vezes, saca?

— No meu cabem centenas da maior palavra alemã emendadas, formando uma espiral de palavras unidas, que dão voltas *ad infinitum* no meu cacete, caralho!

— No meu... — Ele se interrompeu de repente. — *Assifudê*, *Pecê!* — explodiu. — Tô no telefone, mano! Putão, *véi. Peraí, carai*, é importante, saca?

— Dormiu com Pecê, quenga? — Dei uma risada.

— Não fica com ciúme, minha puta gostosa! Hoje eu posso dormir na sua cama, tá ligado?

— Meu quarto é um santuário exclusivo. Você tá careca de saber que eu não durmo com mulher, porra! Vou dormir com macho, caralho?

— Mano de Deus! Careca, meu? Para de rogar praga no meu cabelão, *carai*! *Cê* sabe que eu não corto meu cabelão por nada no mundo, meu!

— Você não cortaria nem pela oportunidade de transar com a Emma Watson? Nem se pudesse comer o cu dela? Ou gozar nela toda?

— Que *carai*, Putão... Para de fazer pergunta difícil, *véi*! — Ele fez uma pausa antes de continuar. — Não, nem por ela, mano! Eu jamais cortaria meu cabelão, saca? Por mulher nenhuma, meu. Nem pela Emma Watson, tá ligado?

Eu já sabia disso. A ordem de prioridades de Piolho era exatamente esta: anaconda, cabelão, Emma Watson, minas.

— Sua vez, quenga — ele continuou. — *Cê* não deixaria nem a Megan Fox dormir aí na sua cama? Mano, uma noite com a Megan Fox, meu! *Cê* não viraria a noite com ela? Tipo, *cê* daria só umazinha e boas? Uma gozada e “tchau, Megan”? E se fosse uma foda massa pra *carai*, *véi*? Sério que *cê* não daria outra? — Ele usou uma entonação indignada.

Não precisei pensar antes de responder:

— Regras são regras, caralho.

— Isso aí, mano! *Cê* vai ser essa putona de aço pra sempre, *véi*. *Cê* é meu orgulho, quenga! Eu te amo, tá ligado?

— Chupa meu pirulitão de aço, Piolho.

— Pecê tá na frente aqui na fila, meu! *Pera*, *véi*! Eu sei que a casa é sua, *carai*, mas eu preciso contar uma parada pra quenga, tá ligado? É, mano, às cinco da manhã, meu! É urgente, saca? — falou, dirigindo-se ao puto do Paulo César. — Quenga, Pecê tá zoando aqui, mano. Falou que eu sou sem noção pra *carai*. Absurdo isso, meu! E tá me mandando lambe seus ovos.

— Ai, que delícia, cara! — zoei.

— Só macho faz isso, lambe ovo e leva rola! — Ele deu uma gargalhada, me fazendo rir também.

— Tá fazendo o que aí no *loft*, porra? — perguntei em seguida.

— Teve surubada ontem, tá ligado? Marcelão também tá aqui escornado na sala, *véi*.

— Puta merda... Se Marcelão Come-cu participou, seu rabo deve tá fodido pra caralho, hein, quenga?

— Ele só come o cu de Pecê, mano. Os dois *tão* ali, um com o rabo arregaçado e o outro com a pica toda esfolada, saca?

Tive o caralho de uma crise de riso.

— Vai tomar no cu, Piolho! Desliga essa merda, porra! — Escutei o berro de Pecê ao fundo.

— Putão, por mais que eu queira zoar esses filhos da puta, vou me trancar ali no banheiro, *véi*. Preciso te contar uma parada séria, mano.

— Eu já sei que você dá o cu, Piolho. Tá tudo certo, quenga. Eu sempre soube — zoei.

— Achei que *cê* nem *tava* ligado, mano! — Ele deu uma risada. — Mas sem zoeira agora, Putão... O que eu tenho pra te contar envolve só pau e boceta, mano.

— Já falei que não participo de suruba, porra — cortei.

— E eu já sei que *cê* é cuzão, mano. Não é isso, tá ligado?

— Caga logo ou sai da porra da moita, caralho!

— *Carai*, meu! Eu acabei de sentar no vaso! — Ele gargalhou. — Vim pro banheiro, mano. Mas tô sentado na tampa, tá ligado? Não tô cagando, *véi*.

— Cagando ou não, fala logo, desgraça. Pedi à sobrinha-neta da minha avó pra me ligar quando chegasse à cidade. Pretendo buscá-la daqui a pouco na rodoviária. De preferência, sem fazer uma aparição à la *The Walking Dead*. Preciso dormir, porra.

— Será que ela é gostosa, mano?

— Tanto faz, Piolho.

— Pra você, né, meu? Que só come uma vez mesmo e boas. Pra mim, pode ser uma gata em cujo rabo minha anaconda vai cuspir várias vezes, tá ligado? Mano, se ela for gostosa, a gente pode acabar se casando, meu! Eu posso acabar virando seu parente, saca?

— Espero que ela seja mais inteligente que isso, Piolho — provoquei.

— E eu só espero que ela seja gostosa, mano. Só isso. Eu queria pegar Suzinha pra entrar pra família Vetter, mas não rolou, porque Plinião nem me deu tempo de foder. O puto me fodeu logo. Mas quem sabe agora eu não consiga entrar verdadeiramente pro clã, né, *véi*?

— Quem sabe — respondi, com a mente longe.

Pouco me importava se a parenta de vó Ercília era gostosa ou não.

O investigador particular perguntara dias atrás se eu precisaria de fotos recentes da moça, mas eu o assegurei de que não era o caso. Só o que eu precisava era a certeza de que ela era a pessoa certa: Olívia Damasceno Dutra — filha de Teodoro Campos Dutra e Anelisa Vasconcelos Damasceno Dutra; neta de Elisa Casagrande Vasconcelos Damasceno; e sobrinha-neta de Ercília Casagrande Vasconcelos Vetter.

Na verdade, eu estava torcendo para que ela não fosse fisicamente atraente,

porque Olívia Dutra não fazia o meu tipo mesmo antes de eu conhecê-la.

Ainda que fosse gostosa pra caralho, eu não ia comê-la por dois motivos básicos.

Primeiro, porque ela faria parte da minha família. Era esse o desejo de vó Ercília, e não poderia ser diferente. Isto é, eu teria que aturá-la para sempre, mesmo que transasse com ela uma única vez. E uma segunda Drica no meu pé era tudo o que eu menos precisava na vida.

Segundo, moraríamos lado a lado. Ou seja, eu queria tudo, menos uma vizinha pegajosa.

Assim, eu já estava mentalmente treinado para manter o pau longe dela, fosse gostosa ou não.

— Hein, mano! — Piolho chamou de repente.

— Fala, porra.

— Próximo sábado no *Evil's*, véi. A gente vai ter que quebrar um galho pra galera do *Fire Rolls*, tá ligado? Eles iam tocar lá, mas o vocalista tá todo fodido no hospital, meu. Sofreu um acidente ontem e vai ficar *mó* tempão internado. Aí, o batera entrou em contato ontem, pedindo pra *MPire* substituir, porque eles precisam de um tempo pra acharem um vocalista substituto pra banda, meu. Já fechei com os caras, a gente vai tocar no sábado, saca?

— Que porra, Piolho! Você arranjou essa merda sem me consultar, caralho?

— Qual é, mano? *Cê* tá achando que manda nesse *carai*, meu?

— A porra da banda se chama *MPire*. Tiramos o “E” da palavra inglesa para fazer alusão ao “Império M”. Ou seja, ao “Império de Max” — lembrei. — Meu império, *bocetudo*. Logo, quem manda nessa porra sou eu.

— Mano, aquele “M” lá é de “mina”, tá ligado? O nome da banda significa “mina, pire”. Ou seja, “as minas piram no *shape* do Piolhão”, saca? — Ele gargalhou.

— Filho da puta! — bradei, rindo. — Não acredito que você me acordou às cinco da manhã só pra atolar esse pepino no meu rabo, Piolho!

— Claro que não, né, véi! Só aproveitei pra te falar do esquema, meu. Mas te liguei pra contar uma parada sinistra, tá ligado? Um sonho que eu tive quase agora, mano. *Cê* não vai...

— Tomar no cu, Piolho! — interrompi. — Sonho de cu é rola, porra!

— Mano, foi um pesadelo pior que eu perdendo meu cabelão, véi!

— Foda-se.

— *Cê tava* no sonho, meu!

— Foda-se! Vou desligar, caralho. Vá se foder!

— Mano de Deus, deixa de ser *escrotão*, véi! Amigos são pra todas as horas, tá ligado?

Eu estava prestes a soltar outro “foda-se”, mas mudei de tática no último segundo:

— Piolho, me explica de novo por que nós somos amigos. Até hoje eu tento entender essa porra.

— Porque a gente se ama, quenga. — Ele riu.

— Caralho, puta... Assim eu choro, porra! — zoei.

— Engole o choro, mano! Finge que é leite da cuspideira, tá ligado?

Dei uma risada.

— Agora conta logo a desgraça do sonho, Piolho.

— Sabia que *cê* queria ouvir, mano! A parada do sonho foi a seguinte: eu *tava* dormindo, tá ligado?

— Achei que tinha sonhado acordado — ironizei.

— Só sonho acordado com boceta, meu. E *cê* é chato pra *carai*, mano.

— Chato é meu pau no seu cu. Anda logo, Piolho! Eu quero dormir, caralho! Preciso ir pro escritório mais cedo hoje, assim que buscar a tal da Olívia, porra. Sintetiza essa merda.

— Tá, mano! Não precisa ficar putinha, tá ligado? No sonho, a gente *tava* numa praça, meu. Nós dois, sentados num banco, saca? E tinha um parque infantil bem em frente, *vêi*. E tinha aquelas paradas lá. Escorregador, gangorra...

— Você estava lendo o *Kama Sutra* antes de dormir, quenga?

Ele deu uma risada.

— *Tava* era praticando o *Kama Sutra*, meu.

Foi a minha vez de rir.

— Enfim, mano... Umas crianças *tavam* brincando nesses brinquedos, saca? E a gente *tava* lá sentado, só observando, com uns sorrisinhos escrotos na cara, tá ligado? *Cê* não sabe da treta, *vêi*! Eu sonhei que a gente era...

Putá que pariu! Eu não podia acreditar que a quenga tinha sonhando que a gente era...

— Pais, mano! — ele deu um berro. — Eu sonhei essa parada, tá ligado? Tinha uns moleques cabeludaços no meio, saca? E uma porrada de crianças loiras pra *carai*, meu! Tudo sua cara, Putão!

Minha primeira reação foi de alívio. Graças a Deus, Piolho não tinha sonhado que éramos pedófilos.

Então, eu ainda estava me livrando da sensação ruim enquanto ele continuava falando:

— Acordei quando um carro de sorvete passou na rua, e as crianças vieram todas correndo, gritando “papai, papai! Sorvete!”. Mano, foi o pior pesadelo que eu tive na vida, *vêi*!

Minha segunda reação foi a maior crise de riso da minha existência.

— Que porra, Piolho! — exclamei um tempo depois, ainda tentando controlar as risadas.

— Mano, e se foi uma parada premonitória, *véi*? Tô cagando de medo desse *carai*, meu.

— Que premonitório o quê, caralho! — Gargalhei. — Piolho, eu só conheço um cara mais obcecado por camisinhas que eu. Você, porra.

— Mano, essas paradas falham, tá ligado?

— Muito raramente. Além disso, a maioria das mulheres usa algum outro método contraceptivo. O interesse da não concepção não é só masculino. Pra dar merda, você teria que ser muito azarado, cacete.

— Mas eu sou, mano! Tô com medo de ter engravidado as minas tudo ontem, meu! Na moral, Putão, tô cagando, *véi*.

— Ainda bem que você já tá sentado no vaso! — Dei uma risada.

— Mano, *cê* tá rindo porque não foi você que teve o pesadelo, tá ligado? Por isso que *cê* não tá rasgando o cu com a unha, *véi*. *Cê* tá lembrado daquela parada que eu passei, né, meu? *Cê* não sabe o que é rezar pra tudo que é santo pra uma mina sangrar, mano.

— Tenho uma sugestão, Piolho. — Fiz uma pausa para dar ênfase. — Para de transar.

— *Cê* é louco, meu? — Ele riu.

— Então para de falar merda, porra. Vai atrair desgraça longe de mim, boceta, na puta que te pariu!

— O que *cê* faria se engravidasse uma mina, quenga? — perguntou, atipicamente sério.

— Isso nunca aconteceria, porra. Eu não transo sem camisinha nem por um senhor caralho — respondi com convicção.

— Hipoteticamente, mano — ele insistiu. — Você se casaria com a mina?

— Nem fodendo, porra. E você, casaria?

— Nem fodendo, *carai* — ele respondeu. — Mano, a gente devia ser irmãos, *véi*! Gêmeos, tá ligado?

— Nós somos, quenga.

— *Carai*, puta... Assim eu choro, meu! — Ele me imitou. — Agora que já contei o sonho, *cê* pode ir dormir, Putão. Eu só queria desabafar, mano. Essa parada *tava* me deixando doido, *véi*. Liga depois pra me avisar se a mina é gostosa, tá ligado? Quem sabe eu não bote uns moleques cabeludos na barriga dela e torne o sonho real?

— Esquece essa porra de sonho, Piolho.

— Tá, mano. Já esqueci. Mas me liga, *carai*.

— Tá, porra.

— Dorme bem, puta.

— Tchau, Piolho — falei e desliguei.

Em seguida, abandonei o celular nos lençóis e voltei a me deitar de bruços.

Enfiei um braço debaixo do travesseiro e inspirei e expirei profundamente enquanto subia uma perna, à procura da posição ideal para voltar a dormir.

Pouco depois, caí tranquilamente no sono e dormi duas horas inteiras.

Dormi meu ovo! É claro que eu não consegui dormir, porra! O desgraçado do Piolho fodeu meu sono.

Eu não conseguia parar de imaginar o caralho do sonho, em vívidos e assustadores detalhes. Tampouco conseguia parar de pensar no que eu faria se engravidasse alguém.

É claro que a hipótese era bastante remota. Mas suficientemente factível para sugar toda a minha disposição para dormir.

Minhas tentativas em encontrar a posição perfeita, a que faria Hipnos me visitar novamente, se mostraram vãs.

Não fiquei de todo emputecido, porque, se Hipnos não vinha, tampouco viria Morfeu e, assim, eu não teria nenhum sonho bizarro.

Derrotado, levantei-me e forcei-me a iniciar o dia antecipadamente.

Após escovar os dentes, desci e preparei meu café da manhã. Depois de comer, dei algumas voltas na piscina, porque, como diz Piolho, “um *shape* não se constrói com a bunda atolada no sofá, um saco de torresmo no colo e maratonas televisionadas de *Seinfeld*, mano!”.

Depois disso, tomei banho e coloquei apenas uma bermuda, já que ainda estava cedo para vestir o terno.

O sol já tinha despontado no céu quando peguei o notebook e caminhei até um dos guarda-sóis, onde me sentei e aproveitei o tempo ameno para, ao ar livre, continuar redigindo uma petição inicial de divórcio litigioso importantíssima para o escritório.

Estava digitando: “(...) determinar a citação da requerida no endereço constante no preâmbulo para, querendo, contestar a presente ação no prazo legal (...)” quando ouvi um barulho de motor.

Espiei pelas grades do portão, mas não consegui ver nada. Pouco depois, ouvi o som de uma porta batendo, e não demorou muito para que eu testemunhasse a passagem de um táxi, que seguiu seu caminho após deixar um passageiro em alguma casa da rua.

Eu já tinha me concentrado novamente nos pedidos e requerimentos finais da inicial quando, de repente, o celular começou a tocar no bolso da minha bermuda.

Peguei o aparelho e mirei o visor: “Senhorita Olívia”.

O chamamento formal — assim como a minha postura estritamente profissional quando falava com ela ao telefone — era a maneira que eu havia encontrado para iniciar a porra toda do jeito certo, sem margem para sacanagem, para o caso de ela ser gostosa.

Assim, nós seríamos apenas a herdeira e o advogado que trataria de tudo relacionado à herança. Com o tempo, nos consideraríamos da mesma família. Logo, ela se tornaria amiga íntima de Susanne. Uma das poucas que eu não comeria.

E, quem sabe, Olívia Dutra e eu também não acabaríamos amigos? Era perfeitamente possível, e eu me esforçaria para isso, porque era o que vó Ercília gostaria que fôssemos.

Seria excepcionalmente mais fácil se ela não fosse uma beldade, é claro. Mas, como eu não sabia se ela havia herdado a beleza de vó Ercília, era extremamente importante começarmos nosso relacionamento com uma necessária barreira inicial, a qual me daria tempo para me recompor e me controlar, caso ela fosse gostosa.

— Max Vetter — atendi, usando minha entonação de advogado.

— Oi, bom dia! Aqui é a Olívia! — ela respondeu, usando um tom de animadora de festa infantil.

— Bom dia, senhorita Olívia. Já está na cidade? — perguntei, decidido a manter a inflexão formal.

— Ah, estou na porta da casa! — ela exclamou, muito entusiasmada.

“Como assim, porra?”, eu quis perguntar.

Tinha pedido a ela que ligasse logo que chegasse, mas à rodoviária, caralho! Agora eu ficaria de parente mal-educado.

Ah, foda-se.

Liguei os pontos e me toquei de que quem havia descido do táxi era ela. Eu tinha dado o meu endereço, para o caso de acontecer algum imprevisto. Isso significava que ela estava...

— Ah, sim — falei, surpreso, virando o rosto para olhar em direção ao portão.

Engoli em seco quando vi, pelas grades, uma figura que nem minha mente fértil no quesito “curvas femininas” teria sido capaz de imaginar.

Ela estava pulando, porra.

Dando pulos animados na calçada.

Eu não fazia ideia de como era seu rosto, porque meus olhos estavam perfidamente colados naqueles peitos balançantes.

Puta que pariu.

Mas isso durou apenas alguns segundos, porque, quando ousei fitá-la, nossos

olhos se encontraram e, no instante seguinte, desviei o olhar, absolutamente chocado.

Putá merda.

Eu não podia acreditar no tamanho da tragédia, porra!

E muito menos na ereção monstruosa que estava cutucando o caralho da minha bermuda.

Que porra.

Que desgraça!

Eu nem tinha me aproximado dela! Mal vira os peitos balançando e... Putá merda, que peitos!

Boceta.

Ela era linda, caralho.

Calma, Max. Você viu de longe, porra. Pode ser que de perto...

Isso. Ela não vai ser isso tudo de perto.

Porra! Para de pensar numa bunda que você ainda nem viu, caralho! Com sorte, vai ser só uma bunda normal.

— Só preciso de alguns minutos, senhorita Olívia. Já chego aí — falei e desliguei.

Eu ia precisar do caralho de uma ducha fria.

Fechei a tampa do notebook e levantei-me rapidamente, agradecendo aos céus por ela ter vindo direto para cá. Assim, eu teria aquele tempo para colocar a cabeça no lugar (sem colocar a de baixo efetivamente no lugar).

Do contrário, eu teria sido perfeitamente capaz de comê-la no estacionamento da rodoviária, no banco de trás do carro, em plena luz do dia.

Meu Deus, onde estava a porra do meu controle?

Aparentemente, tinha ido dar uma volta na puta que pariu, porque, enquanto subia as escadas, eu só pensava em qual seria a sensação de apertar aqueles peitos.

— Max, são só peitos, caralho — falei em voz alta, alcançando a porta do quarto.

Tirei a bermuda e fitei meu pau, completamente duro. Apertei o filho da puta e dei uma manuseada que me fez gemer alto pra caralho.

Porra.

O que seria mais eficaz? Uma ducha ou uma bronha?

A segunda opção venceu por cinco contra um.

Corri para o banheiro, liguei o chuveiro e bati a melhor punheta da minha vida, unindo o útil ao agradável. Eu nunca tinha gozado tão rápido batendo uma.

Respirei satisfeito e aliviado durante todo o processo de me secar e me vestir, que durou inacreditáveis quatro minutos.

Decidi colocar logo um terno, por dois motivos. O primeiro é óbvio: eu logo sairia mesmo para o escritório. O segundo, não tão óbvio, mas mais importante: era mais difícil tirar um terno que uma bermuda e uma camiseta.

Se eu me descontrolasse, teria mais tempo para recobrar a razão e me impedir de finalizar a merda.

Pouco depois, passei pela porta da frente, caminhando em sua direção.

Lá estava ela. De pé, ao lado de uma mala e com o que parecia ser um estojo de violão nas costas.

Olívia Dutra me observava atentamente enquanto eu fazia uma varredura minuciosa em seu corpo.

Fiquei comendo-a com olhos, incapaz de acreditar na perfeição daquelas curvas, imaginando-a completamente pelada.

Putaquepariu... Ela devia ser uma delícia.

Aquela boca carnuda...

Putamerda, aquela boca no meu pau, porra...

Aqueles olhos me fitando enquanto ela engole minha pica inteira...

E aqueles peitos balançando enquanto ela cavalga gostoso na minha rola...

Meu cérebro estava pronto para categorizá-la como “gostosa pra caralho” quando eu o lembrei de que ainda não tínhamos visto a bunda.

Nada feito, porra.

Afastei os pensamentos sórdidos quando me aproximei o bastante para cumprimentá-la:

— Bom dia, senhorita Olívia.

Seus belos olhos castanho-esverdeados arregalaram-se.

Eu podia ver, nitidamente, o quanto ela estava surpresa com a minha aparência.

Estendi a mão e tentei, com todas as forças, manter o formalismo, mas não consegui.

Meu “modo advogado” estava irremediavelmente desligado quando abri um inevitável sorriso ao dizer:

— Max Vetter. Muito prazer.

Porra.

Acabei usando um dos meus sorrisos sedutores em vez de um mero sorriso cortês.

Onde estava o caralho da barreira inicialmente necessária?

Atolada no meu rabo, pelo visto.

Estendi a mão para dar um ar mais formal à apresentação, e ela a preencheu com sua mão macia e incrivelmente pequena.

Aqueles dedos envolvendo meu cacete... Acariciando meu saco... Percorrendo

minhas costas...

— O prazer é *todo* meu, *com certeza* — ela disse, frisando o “todo” e o “com certeza”.

Não, porra. Ela não podia ser gostosa e atirada. Isso dificultaria, e muito, o caralho da minha vida.

“Por favor, me diga que ela não é deliciosamente sacana. Não permita que ela seja uma devassa. É só o que eu peço!”, implorei mentalmente ao universo.

A resposta veio logo.

Fitei seu rosto e notei que ela estava me encarando com evidente e indisfarçável interesse, e não evitei um sorriso malicioso quando nossos olhos se encontraram.

Eu estava perfeitamente acostumado àquele tipo de olhar. Mas, na maioria das vezes, o meu interesse era, quando muito, mediano.

O que eu estava sentindo era uma vontade incontrollável de comê-la, como uma necessidade absolutamente inadiável, o que era ridiculamente absurdo, porra!

Eu nem tinha visto a bunda ainda!

Max Vetter tinha critérios. Bastante precisos, na verdade.

— Então, senhorita Olívia, gostaria de entrar? — convidei, disposto a checar e acabar de vez com o martírio.

Ela teria uma bunda decepcionante, eu tinha certeza disso.

Não era possível a uma mulher ter peitos tão visivelmente apetitosos e, ainda por cima, uma puta bunda.

Seria, no máximo, razoável. E, com sorte, suficientemente medíocre para me desestimular.

— Você é alemão? — ela perguntou de repente.

Não pude refrear o sorriso divertido que assomou rapidamente em meus lábios.

— Você é indiana? — retribuí, aproveitando a oportunidade para, descaradamente, medi-la de alto a baixo.

Não era alta. Olívia Dutra tinha uma estatura mediana, mas todas as curvas no lugar. Todos os atributos em meu campo de visão mereciam palmas.

Minhas palmas passeando por seu corpo inteiro, caralho.

Minha pergunta, referente à Índia, era pura provocação. Ela não tinha traços indianos, exatamente. Mas seu cabelo era tão espesso e escuro quanto o cabelo de uma indiana. E também tinham as sobrancelhas cheias, a pele oliva, os lábios deliciosamente volumosos e as íris daquele tom que misturava parcelas ideais de castanho e verde.

Eu estava fitando seus olhos quando abri um sorriso enviesado, o qual ela

correspondeu com um curvar pecaminoso de lábios, comprovando minha suspeita de que era, sim, infelizmente, uma devassa.

— Brasileiríssima — respondeu.

— Nota-se — falei, incapaz de controlar meus olhos, que continuaram perscrutando as sinuosidades de seu corpo.

Que porra! Eu estava flertando, descaradamente, com Olívia Dutra.

Algo precisava ser feito.

— Não sou alemão, mas meu avô era. — Fui subindo os olhos para encará-la, disposto a mantê-los no alto.

Caralho... Os peitos.

Puta merda. Eu precisava pegar naqueles peitos antes de morrer.

Você tem a vida inteira para fazer isso, Max. Não vai ser hoje. E muito menos agora, porra.

Recupere o controle. Volte a ser Max Vetter, um homem experiente de vinte e sete anos. E não Max Vetter, um moleque afobado de treze anos, caralho!

— Bem, senhorita Olívia, seremos vizinhos. — A ideia era abrir um sorriso meramente polido, sem malícia. Mas meus lábios se curvaram em um sorriso ligeiramente obsceno. — Aquela é a sua nova casa. — Apontei para a antiga residência de minha avó.

Ela fez uma expressão desapontada e soltou um decepcionado:

— Ah.

Não levei muitos segundos para compreender que, provavelmente, ela havia pensado que a casa herdada era a minha.

Eu deveria ter rido pra caralho do lapso. Mas, em vez disso, me senti culpado, porque, de fato, havia lhe dado meu endereço. Então, o erro tinha sido meu.

Apesar disso, não deixei de admirar seu rosto desanimado. Ela parecia ter tomado um banho de água fria, o que, novamente, deveria ter me provocado risadas. Mas, em vez disso, fiquei imaginando-a levando, literalmente, um balde de água fria.

Isso me fez pensar em mamilos intumescidos e no quanto eu queria puxar aquela regata branca, que estaria deliciosamente molhada, e devorar aqueles peitos, que estariam deliciosamente escorregadios.

Quando comecei a imaginá-la em meu banheiro, dentro da banheira de hidromassagem comigo, me dei conta de que tinha saído, de novo, dos trilhos.

O caralho da banheira ficava no meu quarto, porra! Em que eu estava pensando?

Puta merda.

Recompus-me e, enquanto Olívia tratava de disfarçar seu desapontamento, convidei-a novamente para entrar, repetindo silenciosamente um mantra:

“Nada de banheiro. Nada de banheira. Nada de Olívia Dutra. Nem fodendo, Max. Literalmente, nem fodendo, porra”.

— Posso ajudá-la? — perguntei, antecipando-me para pegar a mala.

— Ah, não precisa — ela disse, segurando a alça antes de mim.

— Faço questão — rebati.

— É muita gentileza sua, mas estou bem, obrigada. É de rodinhas. — Como que para provar o argumento, ela levantou aquela porra e se preparou para puxá-la.

Caralho! Olívia não sabia que seria ótimo ter algo para segurar quando tudo o que eu queria era escorregar as mãos por seu corpo?

Desisti, para não soar ridiculamente cavalheiro. Então, fiz um gesto para que ela entrasse, preparando-me para fazer a tão aguardada análise de sua bunda.

Ela passou, e eu fitei, puto, o violão em suas costas.

— Posso te ajudar com o violão? — ofereci.

— Ah, não tem necessidade, já que vou tirá-lo assim que entrarmos.

Porra! Ela não sabia que aquela merda estava tapando tudo o que eu precisava, desesperadamente, ver?

Desiludido, encaminhei-a até a primeira sala, onde ela retirou o estojo das costas de modo que eu continuasse às cegas no quesito “rabo de Olívia”.

— Eu também toco — comentei, indicando o sofá.

Ela se sentou, e eu me acomodei em uma das poltronas, invejando o assento, que tinha visto a bunda antes de mim.

— Sério? Legal — disse, visivelmente desconfortável.

Então, me coloquei a tratar de questões práticas, checando seus documentos, explicando alguns detalhes do testamento, inclusive o montante deixado por vó Ercília, e, por fim, entregando-lhe as chaves da casa, que eu tinha colocado no bolso do paletó junto com o envelope cor-de-rosa pouco antes de descer.

Expliquei tudo o mais rápido possível, porque estava ansioso para vê-la de pé novamente.

Quando a conversa técnica finalmente chegou ao fim, eu me levantei e peguei o violão, com a desculpa de ajudá-la a colocar o estojo nas costas.

Quando Olívia se virou, fiquei petrificado. Literalmente petrificado.

Meu pau virou pedra em segundos, porra.

A única coisa que eu consegui dizer depois de recuperar a fala, ainda atordado, foi:

— Posso acompanhá-la até a sua nova casa, senhorita Olívia?

Naquele momento, ali, no meio da minha sala, tudo se resumia a um par de peitos gostosos e à melhor bunda que eu já tinha visto na vida.

O Max Vetter exclusivamente focado em comer a prima postiça gostosa não

fazia ideia de que seu mundo já estava sendo ferozmente chacoalhado.

Tampouco estava ciente de que a felicidade plena tinha acabado de atravessar as grades de seu portão e entrado pela porta da frente.

Ele não sabia que ela vinha para ficar.

88. Um homem prevenido vale por dois

OLÍVIA

Eu estava confortavelmente sentada na cadeira do escritório de casa, tentando, em vão, superar um bloqueio criativo.

Tinha começado a escrever um romance de época logo depois de voltar da lua de mel, e já tinha escrito quase quinhentas páginas da tórrida história de amor entre um duque devasso e sua prima postiça (mas, por motivos óbvios, tive que mudar os nomes dos personagens; os protagonistas passaram a ser Lady Gutray e duque de Fetcher).

Soltando um suspiro frustrado, observei o tracinho vertical piscando no monitor do iMac, zombando da minha falta de criatividade.

O problema era que eu estava quase no final da história, mas não sabia como finalizá-la de um jeito foda e, portanto, não clichê.

Nada que eu escrevia parecia bom o bastante. E o fato de eu estar tendo um dia de cão não facilitava as coisas.

Cansada de tentar tirar leite de pedra, salvei o que já tinha escrito no computador, na nuvem, no *pendrive* e no HD externo.

Aproveitei que o HD estava plugado e resolvi matar o tempo revendo as fotos da lua mel, coisa que eu costumava fazer sempre que sentia saudade daqueles dias perfeitos.

Tínhamos passado duas semanas na Serra Gaúcha, e aqueles tinham sido os melhores quinze dias da minha vida.

Abri a pasta intitulada “Gramado” e cliquei na primeira fotografia: Max e eu de pé, no pórtico via Taquara. Uma foto muito “somos turistas”, mas só quem já visitou o lugar sabe o quanto é lindo e irresistível. Parece um castelo! Seria um pecado não parar para uma foto em um cenário tão florido e com carinha de medieval.

Também posamos diante do pórtico via Nova Petrópolis, um dos cartões postais da cidade, que nos rendeu uma das fotos mais lindas da viagem.

A próxima nós tínhamos tirado logo após a nossa primeira foda em terras gaúchas. Estávamos sorridentes e grudadinhos, em uma das sacadas da suíte, emoldurados pela esplêndida vista dos jardins e do lago do hotel.

Lembrei-me da *bay-window* que proporcionava uma visão espetacular do Vale do Quilombo; dos tons de preto e cinza do quarto; das colunas de ferro da cama,

adornadas por faixas de um tecido semelhante à organza; dos lençóis macios, da banheira relaxante...

Passei algumas fotos, lembrando os melhores momentos da viagem, até chegar a uma de que eu gostava muito: Max e eu de frente ao Lago Negro, rodeados por deslumbrantes azaleias cor-de-rosa.

Fechei os olhos e revivi os instantes anteriores ao clique; nós dois percorrendo o caminho de saibro de mãos dadas enquanto ele me contava que o nome do lago se devia às árvores plantadas ao redor, que haviam sido importadas da Floresta Negra da Alemanha.

De olhos fechados, eu podia ouvir sua voz entusiasmada, sentir o perfume adocicado das flores, a brisa no rosto, a emoção de caminhar pelas trilhas...

A fotografia seguinte era uma das minhas favoritas. Estávamos nos beijando no pedalinho em formato de cisne, circundados por tranquilas águas verde-escuras.

Passei para a foto da caravela, que também estava entre as minhas prediletas. Como eu preferia o cisne e Max, a caravela, passeamos nos dois.

Cliquei na setinha, e o rosto dele encheu a tela. Estava lindo de chapéu de pirata. Naquela noite, comemos pizza em um restaurante náutico.

Comecei a rir sozinha, vendo o nariz dele, que estava sujo de molho de tomate na foto. Demorei um tempão contemplando seu sorriso enorme e infantil. Como ele conseguia ser tão lindo?

Na imagem seguinte, estávamos abraçados, de casaco e cachecol, de frente à Maria Fumaça. Tínhamos passado o dia inteiro passeando de locomotiva, de Bento Gonçalves a Carlos Barbosa. Em Garibaldi, visitamos vinícolas e degustamos suco de uva (eu) e vinho (Max). Foi um dia cansativo, mas inesquecível.

Cliquei na próxima fotografia e me vi, minúscula, ao lado de um tiranossauro rex. Tinha sido um passeio hilário. Max e eu tiramos várias fotos no parque temático, que ficava na estrada entre Gramado e Canela.

As fotos seguintes me fizeram suspirar. Estávamos fantasiados de Lady Dutray e duque de Vetter! Imagina a minha alegria ao descobrir que havia vários lugares em Gramado em que se podia tirar fotografias à moda antiga!

Na minha favorita, eu estava usando um vestido rosado (mas não dava para saber, porque a foto era sépia), luvas compridas e um chapéu lindo, todo rendado, com flores e fitas na aba e um laçarote preso ao queixo! Para arrematar, eu segurava uma sombrinha. Uma sombrinha, porra! daquelas lindas e delicadas, de damas da alta sociedade londrina.

Sério, eu surtei no lugar.

Max estava usando calça, camisa, colete, gravata, relógio de bolso e uma

boina! Ele não queria colocá-la nem fodendo, mas pedi com jeitinho (prometi cu duas noites seguidas), e ele cedeu. E ficou, obviamente, lindo pra caralho.

Havia uma cópia da foto emoldurada em cima do meu criado-mudo, a propósito.

Max abria um sorriso ridiculamente sedutor, escanchado em uma *Harley-Davidson*, no *Hollywood Dream Cars*, na fotografia seguinte. O filho da puta tinha ido de camiseta branca e jaqueta preta, e parecia uma reencarnação do James Dean.

Durante o passeio entre os carros e motocicletas antigos, ele parecia um garotinho em um parque de diversões: “olha esse, porra!”; “caralho, olha aquele azul!” (tá, um garotinho da boca suja).

Nas fotos subsequentes, estávamos no Mini Mundo (fiquei impressionada com os detalhes das miniaturas) e no Gramado Zoo (surtei com os pinguins!).

Demorei um século revendo as fotos tiradas no *Le Jardin*, um lugar que dispensa comentários. Sério. Eu me senti na Europa, cercada de flores multicoloridas e campos de lavanda. Nem preciso dizer que estuprei o obturador da máquina fotográfica, né?

Max se sentiu em casa dentro das estufas, e eu me senti no paraíso comendo uma coisa chamada *Apfelstrudel* no café de lá.

Ele já tinha comido a sobremesa na Alemanha, onde a chamam apenas de *strudel*. Só sei que me empanturrei de massa folhada com recheio de maçã, acompanhada de bolas de sorvete de creme (tudo pela felicidade das gêmeas, claro).

Também vi nossas fotos na fábrica de chocolates. Eu me senti na fantástica fábrica de chocolates *Wonka*! Meu Deus, quanta coisa gostosa e colorida! (não entrarei em detalhes sobre a quantidade de chocolate que ingeri nesse lugar — só porque as gêmeas amam chocolate, eu gostaria de frisar. O que uma mãe não faz pelas filhas?).

Relembrei nosso final de tarde na praça Major Nicoletti ao ver nossas fotografias de frente à Matriz de São Pedro e em alguns pontos da Rua Coberta (aproveitamos a música ao vivo noturna e jantamos em um restaurante lindo, mas supercaro).

Em seguida, vi nossa foto na Fonte do Amor Eterno. Estávamos abraçados bem pertinho do nosso cadeado, que penduramos com nosso *ship* gravado: “OLIMAX”.

A nostalgia me fez desistir de ver as fotos das outras pastas: “Canela”, “Bento Gonçalves”, “Carlos Barbosa”, “Garibaldi” e “Nova Petrópolis”.

Desliguei o computador e fui para o quarto que estávamos ocupando no andar de baixo, já que eu não conseguia mais subir as escadas (na verdade, conseguia.

Mas era preciso um esforço do caralho para vencer os degraus).

Deitei-me na cama, peguei o travesseiro ao lado, coloquei sobre a cara e fiquei lá, inspirando o cheiro de Max enquanto ouvia o barulho do chuveiro ligado.

— Dona Olívia? — Escutei uma batida à porta instantes depois.

— Hum... — falei, e só quando minha voz saiu abafada eu percebi que o travesseiro ainda estava cobrindo meu rosto. — Tô indo! — avisei, tirando-o da cara.

Levantei-me, com muita dificuldade, e abri a porta.

— Oi, Sil.

— Telefone pra senhora — ela disse, me entregando o aparelho. — É dona Suze.

— Tá bom. Obrigada! — agradei.

Silvana era a moça que tinha começado a trabalhar na casa, porque, segundo Max, eu não podia mover uma palha fazendo atividades domésticas, o que era um absurdo, claro, porque eu não estava trabalhando fora. Adivinha por quê? Porque, segundo meu digníssimo marido, o estresse do escritório faria mal aos bebês.

Eu não era uma mulher independente (ainda, porque, com a graça divina, eu conseguiria publicar meu livro antes de precisar procurar um emprego). Nem uma dona de casa eu era. Max tinha me transformado em uma dondoca, e isso me deixava puta, principalmente porque eu só podia sair acompanhada, para o caso de passar mal na rua.

Ou seja, eu estava vivendo colada em Suze, Larissa e Ícaro. E, às vezes, em Fabíola, que, depois de conhecer Beto na festa do meu casamento, tinha largado tudo para morar na cidade. Ela já estava até trabalhando na academia dele, fazendo jus ao diploma em Educação Física.

O gato em questão, o que ela apontou no momento em que eu ia jogar o buquê, era ele. Tinha sido engraçado, o começo da história dos dois.

A louca da Fabíola, sem os óculos de grau, e praticamente cegueta, tinha esbarrado em Beto e sujado a camisa impecavelmente branca dele de vinho tinto. Foi o início desastroso de uma nada desastrosa história de amor.

Quero dizer, até aquele momento, nada de desastres.

Basicamente, meu contato se limitava a Suze, Lari, Ícaro, Fabi, minha obstetra e demais funcionários do hospital, pessoas aleatórias na rua, as meninas da yoga, da hidroginástica, do curso para gestantes e Sil.

Silvana se recusava a me chamar de “Olívia” ou de “Liv”, e eu já tinha desistido de tentar convencê-la a exterminar o “dona”.

Tinha trinta e poucos anos e, obviamente, não era uma beldade. Eu a tinha escolhido, dentre uma porção de interessadas (indicadas por conhecidas de

Suze), porque ela era, digamos, uma pessoa legal (se eu fosse um ser humano ruim, coisa que eu não sou, poderia defini-la fisicamente do seguinte modo: uma tábua de passar roupa com carinha de cruz-credo).

Nossa, Olívia, que maldade!

Contrate você uma gostosa para trabalhar na porra da sua casa! Na minha trabalham apenas moças que de grande só têm o coração. E, caso você não tenha entendido, estou altamente estressada, então acho bom não mexer comigo agora.

Estou imensa! Pareço a Dona Redonda em vias de explodir. Estou no ápice do desconforto físico, do mal-estar e da sonolência. Estou sempre cansada e não transo desde o ano passado. Literalmente! A última vez foi em outubro, exatamente um mês depois do casamento, e estamos em fevereiro!

FEVEREIRO!

Ah, você não acredita? Bem-vinda ao meu mundo, colega.

— Oi, Susanne. — Atendi de má vontade.

— Nossa, que mau humor! Por que nem você nem Max atendem o celular?

— O meu deve ter ficado no escritório, e Max está no banho.

— Tenho uma ótima notícia! — ela alardeou. — Lipe recebeu alta! A gente foi buscá-lo agorinha. Já estamos em casa!

— Sério? Ai, meu Deus, que maravilha! — exclamei, genuinamente feliz.

Felipe Vetter Theloni tinha nascido prematuramente, no dia primeiro de fevereiro, com cerca de quarenta centímetros e menos de dois quilos. Muito pequenininho. Felizmente, nasceu saudável e sem necessidade de adaptação respiratória, mas precisou ficar alguns dias na UTI neonatal para ganhar peso.

Tinha sido um período bastante difícil para Suze, Plínio e Souf, que estava louca para ver o irmãozinho.

Minha gestação múltipla tinha grandes chances de não chegar à trigésima sétima semana, mas ali estávamos, firmes e fortes, na quinzena final. Estava tudo certo, nada de anemia, diabetes gestacional ou pré-eclâmpsia. E eu nem estava em observação hospitalar ou repouso domiciliar, o que podia ser considerado uma bênção. Estava apenas esperando pelo grande dia, vivendo normalmente, exceto pelas dores nas costas, pelo mal-estar típico do final da gestação, pela dificuldade natural de me locomover com agilidade e pela total ausência de sexo.

Ao que tudo indicava, eu não morreria tragicamente durante o parto. Acho que seria mais fácil morrer de abstinência sexual.

É engraçado como as coisas mudam de perspectiva. Um dos meus maiores medos da vida (e isso deveria estar incluso na minha lista de medos) era morrer no parto. Mas a maternidade tinha me ensinado que isso era o que menos importava. Eu só queria que desse tudo certo com as gêmeas, que elas nascessem saudáveis e sem complicações. Estava muito apreensiva em relação ao bem-estar

delas, e muito pouco preocupada com as dores que sentiria ou com o que poderia acontecer comigo. Morrer ou não morrer no parto era irrelevante, desde que elas nascessem bem (mas é claro que, podendo escolher, eu preferia continuar viva, por favor).

Fiquei boa parte da gravidez com o cu na mão, morta de medo de minhas filhas nascerem muito prematuras e precisarem de cuidados intensivos por um período prolongado (mas Max conseguiu a proeza de me superar no cagaço).

Imaginei a desolação de receber alta sem elas, de precisar deixá-las no hospital, sozinhas, por dias. Pensei na terrível sensação de vazio pós-parto. E, inacreditavelmente, quem precisou passar por isso foi Suze, que estava tranquila, achando que Lipe nasceria no final das quarenta semanas, como Sofia.

— Quem é, linda? — Max perguntou, saindo do banheiro com uma toalha na cintura.

Esqueci de mencionar que meu marido está trabalhando em casa há algum tempo?

Pois é, ele tem medo de que eu acabe parindo sozinha, no tapete do quarto, porque, na cabeça dele, vou desmaiar de dor ou algo assim e vou acordar com a xana arreganhada e dois bebês azuis, enrolados em quilômetros de cordão umbilical.

Max está tão surtado que, se eu demonstro um ligeiro desconforto, ele agarra a bolsa que preparamos para levar para a maternidade e, cuspiendo uma chuva de palavrões (*putaquepariuéagoraporra! Caralhoputamerdaelasvão nascer!*), começa a me guiar rumo à garagem.

Sem contar que ele sonha praticamente todas as noites que estou em trabalho de parto, e acorda desesperado no meio da madrugada, agarrando a tal da bolsa e a chave do carro.

Depois do primeiro de uma sucessão de pesadelos semelhantes, ele decidiu que não ia desgrudar de mim. Acontecia, basicamente, o seguinte: Max estava trabalhando, eu entrava em trabalho de parto em casa, ia para o hospital, e, por algum motivo esdrúxulo, como uma invasão alienígena na porta do escritório, ele não podia sair e perdia o nascimento das gêmeas.

Mesmo em casa, vinte e quatro horas ao meu lado, ele ainda sonha que vai perder o parto. Às vezes, acordo enquanto ele está sonhando, porque ele conversa dormindo. Diz coisas como: “minhas filhas estão nascendo, E.T. filho da puta! Me deixa sair, desgraçado! Pá, pá, pá, pá!”.

Não sei o que é esse “pá, pá, pá, pá!”, mas presumo que ele tenha surrupiado uma arma extraterrestre e fulminado o *alien*. Ou dado uns tapas na cara dele.

Seria hilário e comovente, se ele não fosse um torturador impiedoso que desfila de toalha na cintura, exibindo esses músculos todos a uma mulher na

seca...

Infelizmente, meu apetite sexual não diminuiu um milímetro durante a gestação. Nem agora, no final, como acontece com a maioria das grávidas. Mas do que adianta isso se o cretino não trisca o dedo em mim?

Ai, veja só, ele tirou a toalha...

— Linda? Quem é? — repetiu, jogando-a em cima da cama.

— É... — Engoli em seco, sem conseguir desviar os olhos.

— Liv? — Suze chamou do outro lado da linha, me tirando do transe.

— Desculpa, Suze. Max apareceu aqui, e... Eu me distraí — falei, e ele abriu um sorriso malicioso. — Lipe recebeu alta, já está em casa. — Isso eu disse ao meu marido pirocudo.

— Caralho! — ele exclamou. — Vou só me vestir, e a gente vai! — Correu feito um garotinho em direção ao *closet* (um garotinho com partes imensas balançantes, só se for).

— Estamos indo *praí*, Suze! — avisei, me despedi e desliguei o telefone.

Entrei no *closet* quando Max já estava de cueca (*cinza-olha-meu-volume-imenso* era a cor), vestindo uma calça jeans.

Fui até as minhas araras e pesquei um vestido rosa (*extra-enorme-free-Willy* era o tamanho).

Vi pelo canto do olho que ele estava passando uma camiseta azul-acinzentada pela cabeça.

O filho da puta só podia estar brincando comigo. Sério, Max devia fazer de propósito, não tinha outra explicação.

Só isto justificaria o fato de ele escolher uma camiseta do tom exato dos olhos dele: o desejo insano de me deixar louca.

— Por que você escolheu essa camisa? — perguntei, puta.

— Porque está limpa? — ele respondeu, em tom de pergunta, alisando-a no corpo. — Por quê?

— Nada — falei, mal-humorada, desejando assassiná-lo por pressionar o tecido daquele jeito, destacando o peitoral.

Max fazia de caso pensado, não tinha outra razão para ele fazer aquele tipo escandalosamente *sexy* de coisa.

O objetivo? Um pouco pior que me deixar louca: me matar. De tédio e de ódio. Era esse o novo *hobby* dele.

Eu tinha certeza de que ele tinha parado de se barbear diariamente para ver se eu enlouquecia e morria mais depressa.

Você acha que a barba loira crescida tinha a ver com o fato de ele não estar saindo de casa? Você acha que era só “preguicinha”? Vai nessa. Era tudo parte de um plano maligno, que ele arquitetou em parceria com o pai dele, o Sete-Peles.

De repente, o cretino se aproximou e me abraçou por trás, beijando minha bochecha.

Viu? Por que outro motivo ele roçaria essa barba mortífera mim? Ele quer me matar.

Alguém, por favor, chama a polícia pra esse homem!

Não. Os bombeiros!

Chamem os bombeiros pra mim!

Senti um arrepio prolongado na espinha e a conhecida e deliciosa pressão entre as pernas.

Ele apalpou meus peitos, deslizando os lábios em meu pescoço.

Ai, meu *Deeeeeeeus*... Como era bom...

Eu estava me virando para beijá-lo quando, subitamente, ele se afastou, como se tivesse percebido que tenho lepra.

Eu não deveria ter ficado surpresa. O filho da puta sempre fazia isso.

— Eu preciso me trocar, Max — comuniquei.

— Tá — ele disse, e se deitou no divã do *closet*.

Outra coisa que ele faz para me pirraçar: fazer questão de me ver trocando de roupa, exibindo minha barriga enorme e minhas *lingeries* de grávida (todas lindas e rendadas, apesar de tão confortáveis quanto calcinhas de vó).

Tirei o vestido floridinho de ficar em casa enquanto ele me observava como se estivesse vendo um *striptease* em uma casa noturna.

Tudo atuação, a propósito. Fazia parte de outro plano ardiloso do Devasso com patrocínio do Tinhoso: fingir que a minha barriga gigantesca de grávida é a coisa mais sexy do mundo, para que eu não fique neurótica, achando que ele está dando mole para mulheres não grávidas quando saímos juntos.

Eu tinha acabado de me vestir quando Max se levantou, colocou o tórax nas minhas costas e me abraçou.

— Te amo tanto, minha linda... Bem que você podia apressar o nascimento das meninas — disse, acariciando minha barriga. — Tô louco pra abraçar as três.

— Eu não sou Deus, Max — falei, com todo o mau humor de uma mulher na minha condição.

— É minha deusa. — Ele moveu o corpo e depositou um beijo em meus lábios.

Teatro. Teatro. Tudo teatro!

Pouco depois, estávamos na garagem. Dei um suspiro quando vi meu carrinho fofo, estiloso e vermelho (novo em folha e com teto solar!), no qual eu tinha dado apenas algumas voltas.

Tinha sido uma surpresa e tanto encontrá-lo ali quando voltamos da lua de mel. O cretino tinha comprado o carro que eu mais queria na vida, que tínhamos

visto na concessionária (Suze tinha feito a gentileza de buscá-lo enquanto estávamos viajando).

E eu tentei ficar puta com o presente de casamento, mas os bancos de couro me hipnotizaram demais. Mal larguei as malas no chão e, depois de beijar e abraçar Max descontroladamente, já saí motorizada, gritando feito louca, informando os transeuntes e condutores que eu tinha problemas mentais.

Mentalmente, agradei tia Ercília enquanto dava a primeira volta, toda feliz, pela vizinhança. Porque, graças à herança, a adição daquele gasto (somado aos gastos do casamento e aos gastos que teríamos com as gêmeas) não nos deixaria falidos. Quando expressei isso a Max, ele disse que poderia comprar uns cinco daquele de uma vez, e ainda conseguiria nos sustentar confortavelmente.

Fala sério. Ele só podia estar dando o cu naquele escritório. Ou fabricando metanfetamina escondido, igualzinho a Walter White.

O fato é que, depois de um tempo de gestação, não pude mais dirigir, e nem preciso dizer o motivo, preciso? (mas vou dizer mesmo assim: “e se você passar mal dirigindo, Olívia? Você pode sentir contrações repentinas e perder o controle da direção!”). Isso resume a porra toda).

Enfim, fomos para a casa de Plínio e Suze no carro de Max, com Max dirigindo, é claro (ele já tinha até acoplado um par de bebês-conforto nos bancos de trás dos dois veículos!).

Quando chegamos, fomos direto para o segundo quarto de bebê mais lindo do mundo, ricamente decorado em tons clarinhos de azul, caramelo e creme, com várias girafinhas e leõzinhos de pelúcia. Só perdia para o das gêmeas, cuja decoração (feita pelo escritório de Suze, assim como o projeto), era elegante e *clean*, em tonalidades pálidas de rosa e cinza.

Quando entrava lá, eu não queria mais sair. Poderia passar um dia inteiro admirando os bercinhos, a cama, o lustre, as poltronas, os elefantinhos e ursinhos de pelúcia, os cortinados, as três letrinhas de cada nome na parede, o espelho oval decorativo, os trocadores, a cômoda provençal cheia de coisinhas úteis de higiene — como algodão, lenços umedecidos e fraldas —, o guarda-roupinha abarrotado de vestidinhos, conjuntinhos, tiaras e sapatinhos fofíssimos, tudo replicado (porque, sim, vou ser dessas mães clichês de gêmeos que vestem as duas crianças iguaizinhas!).

Enquanto minhas bebezinhas não chegavam, eu me juntava a todo mundo, admirando Lipe como se ele fosse um anjo enviado à Terra. E era.

Sério, era o bebê mais lindo que eu já tinha visto na vida (mas eu tinha certeza de que ele seria desbancado do posto assim que eu visse minhas filhas)! Parecia um nenenzinho de comercial de TV.

Era tão pequenininho e fofo, e estava usando uma graça de roupinha azul-

clara.

Max estava quase tão babão quanto Plínio, e vê-lo segurando a mãozinha do bebê e conversando com ele e se apresentando como o tio Max quase me matou do coração.

— Oi, tio Max, eu sou um miniputo! — ele disse, fazendo cócegas no neném, que não parava de rir.

Olhando-o daquele jeito, tão meigo e paternal, ninguém diria que ele participa de reuniões semanais com o Sinteco Gelado, não é?

Souf estava em êxtase; não parava de observar o bebezinho e de chamá-lo de “príncipe Felipe”. Ao que parecia, Max tinha perdido o posto de príncipe da princesa Aurora.

Era quarta-feira, e Sofia não tinha ido para a escola porque, obviamente, queria receber o irmãozinho em casa.

Suze tinha conseguido, milagrosamente, convencer Plínio a não mudá-la de escola no final do ano letivo. Mas, com o início do novo ano, ele cumpriu a palavra. Sofia estava na primeira série, estudando em uma escola diferente da de Matheus, o que partia meu coração, porque, muito provavelmente, os dois nunca mais se veriam.

Estávamos todos abobados, babando em Lipe, quando Tito chegou, sem Larissa, porque ela estava na faculdade.

Piolho e Malu não compareceriam porque ainda estavam no exterior. Tinham se casado recentemente, e a cerimônia tinha sido superdivertida. Eu me senti assistindo a uma comédia romântica enquanto via o vídeo do casório. Foi lindo, descontraído e incrível. Malu estava perfeita, usando um vestido maravilhoso, rosa-choque e com saia de tule. Parecia uma Barbie.

Nunca pensei que fosse conhecer alguém que se casaria em Las Vegas na vida real!

Eu achava que Max e eu tínhamos feito tudo rápido demais. Mas Piolho e Malu tinham protagonizado o namoro e o noivado mais rápidos da história! O casamento em Las Vegas, que durou menos de dez minutos, coroou o que eu sabia que seria uma união para a vida toda. Só quem viu de perto o sofrimento de Piolho sabe o quanto ele ama Maria Luísa.

E o bebê? Fiquei tão feliz quando descobri! O cretino do Max saiu do quarto para falar ao telefone, e eu só fui saber sobre a gravidez no dia seguinte. Mas fiquei feliz pra caralho. A família estava crescendo. Teríamos quatro bebês de uma só vez, e eu já estava louca para vê-los grandinhos, brincando e correndo para todo lado!

Lili e seu Francis não compareceriam naquele dia porque estavam em lua de mel. Tinham se casado no Cartório dois dias antes de Suze entrar em trabalho de

parto e, desde então, estavam viajando. Suze tinha insistido para que os dois não voltassem antes do tempo, mas eu tinha certeza de que, assim que soubessem que Lipe já estava em casa, encurtariam a viagem.

Ícaro e Artur provavelmente chegariam mais tarde, porque, pelo horário, ainda estavam em seus respectivos trabalhos.

— Olha aí, seus putos, o pauzão do meu filho! Puxou o pai! — Plínio se gabou, na hora do primeiro banho de Lipe em casa.

— Quem é o pai dele, Susanne? — Max pirraçou, e todo mundo riu. — Isso aí não é nada, puto. Meu filho vai ter um pau maior que o próprio cordão umbilical!

— Até onde eu sei, você vai ser duplamente fornecedor, puto. — Tito zoou.

— Mas a gente vai fazer um moleque assim que as gêmeas nascerem, né, linda? — ele brincou, me abraçando.

— É... No resguardo — ironizei.

— Eu não ficaria surpresa — Suze disse, colocando o bebê na água.

Fiquei prestando atenção em como ela fazia, apesar de já ter feito várias aulas no curso para gestantes.

— Que aguinha gostosa, mamãe... — Ela fez uma vozinha, acariciando o corpinho dele, e Lipe riu. — Tá todo mundo me vendo pelequinho, mamãe! — Ele deu mais uma risadinha.

— Quem é o garotão pirocudo do papai? — Plínio jogou um pouquinho de água nas costinhas dele.

— O que é “pirocudo”, papai? — Sofia questionou, alisando o bracinho do bebê com o indicador, e nós caímos na risada, enquanto Plínio ficava lívido.

— Quer escolher a roupinha que seu irmãozinho vai vestir, filha? — Suze perguntou, no intuito de distraí-la.

— Quero! — ela exclamou, com os olhinhos brilhando. Então correu, abriu o guarda-roupinha e começou a passar os minicabides.

— Obrigado, amor. — Plínio agradeceu, soltando um suspiro aliviado.

— Depois fala que eu vou ensinar palavrões às minhas filhas... — Max cutucou.

— Foi um lapso, movido pela emoção de dar banho no meu filho, né, filhão? E esse saco roxo? — Plínio se defendeu, brincando com o bebê, enquanto a gente ria.

Depois do banho de Lipe, os meninos desceram, Souf foi fazer o dever de casa do dia anterior, e Suze e eu ficamos sozinhas com o bebê.

Ela estava amamentando, e eu estava observando com certa inveja, porque não via a hora de chegar a minha vez.

— Ele é tão lindo, Suze... — falei, com os olhos fixos na mãozinha fechada

sobre o seio dela.

— É, não é? — ela disse, orgulhosa, alisando, com cuidado, a cabecinha dele.
— Será que o cabelinho vai escurecer?

— O de Sofia continuou superloiro, não se preocupa. Ele vai continuar loirinho!

Ela deu uma risada.

— Eu quero que escureça! Quero que ele seja igualzinho a Plínio.

Foi a minha vez de rir, até que, de repente, comecei a sentir dor de barriga. Despistei e falei que ia fazer xixi.

Ela terminou de amamentar Lipe e disse que me esperaria lá embaixo. Foi melhor assim, porque, pela dor, eu ia fazer um barulho da porra no banheiro, que não ficava tão longe do quarto do bebê.

Putá que pariu, eu não podia acreditar que estava me dando caganeira de novo. E, dessa vez, na casa dos outros. Que merda.

Subi o vestido, desci a calcinha e me sentei no vaso. Era daquelas dores surreais, daquelas que, se estivesse na rua, eu seria capaz de tocar o interfone de uma casa qualquer e implorar para usar o banheiro: “pelo amor de Deus, dona, me deixa cagar na sua casa, senão eu vou morrer suja de bosta”.

Eu tinha tido diarreia no dia anterior, e foi só sentar no vaso para liberar o *Kraken*. Dessa vez, eu estava lá, quase morrendo no sanitário, mas não saía nada. Já estava entrando em desespero quando, misteriosamente, a dor passou.

MAX

— Três meses, vinte e três dias, dezessete horas — dei uma olhada no relógio —, trinta e dois minutos e vinte e sete segundos.

— Conta outra, Max! — Plínio riu.

— É sério, caralho! Acha que eu ia zoar com uma coisa dessas, porra?

— Mas por quê? Suze e eu transamos normalmente a gestação inteira.

— Acho que eu não quero saber porra nenhuma da vida sexual da minha irmã, Plínio — falei, mal-humorado, e ele gargalhou.

— Puto, toda essa abstinência é besteira — Tito falou. — É até aconselhável que gestantes mantenham relações sexuais. Não machuca o bebê, ele fica bem protegido. Além disso, a prática sexual melhora a autoestima da mulher, que, nessa fase, pode ficar baixa. Não há problema algum em praticar sexo com penetração, desde que ela não apresente sangramentos, descolamento da placenta

ou tenha sofrido abortos espontâneos anteriormente, por exemplo.

— Você faz uma cara hilária quando está no “modo médico”, porra. “Prática sexual”, “sexo com penetração”... — Gargalhei.

— Vá se foder — ele devolveu, chutando minha perna.

— Eu sei disso tudo, caralho... Mas nada me tira da cabeça que vai dar merda. Não adianta. Eu tenho um medo da porra de acontecer alguma coisa com as gêmeas.

— Vai dar tudo certo, Max. — Ouvi a voz de Suze, e me virei.

Ela estava com meu sobrinho no colo, mas Olívia não estava ao lado dela.

— Cadê Olívia? — perguntei, assustado. — Chegou a hora? — Levantei-me imediatamente.

— Não! — Ela deu uma risada.

— Você a deixou sozinha, porra?

— Ela tá no banheiro, idiota. Max, ela está fazendo xixi! Volta aqui! Deixa de ser neurótico! Vamos precisar sedá-lo no dia do parto! — Ouvi Suze dizer a Plínio e Tito enquanto eu ignorava o que ela estava dizendo e subia as escadas apressadamente.

— Primeiro vocês vão ter que me pegar, Susanne! — gritei, e ela caiu na risada.

Alcansei o último degrau e percorri o corredor a passos largos.

— Linda? — chamei, quando alcancei a porta do banheiro. — Olívia! — gritei, desesperado, quando não obtive resposta.

Ela abriu a porta de repente, morrendo de rir.

— Desculpa... Só quis te dar um sustinho.

— Filha da puta! Vai assustar a puta que te pariu!

Ela gargalhou.

— Max, eu já disse para não se preocupar. Vai dar tudo certo, lindo. — Ela se aproximou e alisou meu peito.

— Eu sei que vai, porra. Mas tô ansioso pra caralho. Sei que estou sendo irracional... Mas eu te amo, Olívia. Você e as meninas são a minha vida. Não consigo ser racional quando o que está em jogo é o bem-estar das minhas lindas.

Eu tinha ciência da minha irracionalidade. No final da gestação, a ausência de sexo tinha justificativas plausíveis, mas eu tinha sido irracional a maior parte do tempo. O problema era que a minha falta de lógica era, para mim, a coisa mais racional do mundo.

— Ai, meu Deus, cretino... Deixa de ser lindo, porra... — Ela tentou me abraçar, mas a barriga não deixou, então nós dois rimos.

— Tô morto de saudade de te abraçar apertado... — falei, mergulhando a mão em seu rosto.

— Abraço de cu é rola! Tô morta de saudade do seu pau, Max... — ela choramingou.

— Nem tudo é sexo, Olívia. Nós nos amamos. Podemos, perfeitamente, viver de amor. — Fiz uma falsa expressão séria, e ela caiu na risada.

— Quem é você, e o que fez com o meu marido? Saia desse corpo, que ele não te pertence!

Ela tentou alcançar minha cabeça, e eu gargalhei, segurando sua mão.

— Eu gosto é de rola! ROLA! Preciso do seu pau, cretino... — Olívia fez uma expressão sofrida.

— Mas você chupou meu pau hoje de manhã, linda — provoquei.

— Estou com saudade do seu pau na minha boceta, caralho!

Puxei o ar entre os dentes.

— Olívia, a gente combinou que não ia falar de sexo... — falei, sentindo o cacete latejar.

— Eu queria tanto só uma metidinha... — Ela mordeu o lábio e pressionou meu volume.

— Olívia... — eu disse, em tom de aviso.

— Eu te odeio por ser um marido ridiculamente neurótico e por estar me matando de tesão há mais de três meses — ela disse, subindo a mão e enfiando-a debaixo da minha camiseta.

— Eu me odeio por ser um marido ridiculamente neurótico e por estar nos matando de tesão há quase quatro meses — falei, sentindo o toque suave de seus dedos em minha pele.

— Mas te amo por ser um pai lindamente preocupado, que já coloca as próprias necessidades em segundo plano em prol das filhas — ela completou com um sorriso.

Inclinei-me e uni nossos lábios. Começamos a nos beijar lentamente, mas não demorou para que o beijo adquirisse proporções incendiárias.

Então, nos afastamos e ficamos nos encarando com os lábios mordidos e as respirações alteradas.

— Caralho — rosnei.

Apesar de estar tentando ser um bom pai desde o início, eu era um homem altamente viciado naquela mulher específica. E me controlar para não transar com Olívia estava sendo, de longe, a coisa mais difícil que eu já tinha feito na vida.

O que me dava forças para suportar a abstinência dia a dia era o progresso das gêmeas. Ver a barriga crescendo, sentir as duas se mexendo lá dentro e esperar, ansiosamente, pelo nascimento das minhas filhas eram o que fazia todo o sacrifício valer a pena.

Eu sabia que, em tese, elas ficariam bem mesmo se Olívia e eu continuássemos transando. Mas não precisávamos correr riscos desnecessários. Pouco importava a opinião médica, que podia falhar. Sem sexo, sem riscos. Sem riscos, sem tragédias.

O que eram alguns meses sem transar em comparação à certeza de que eu não faria mal às minhas filhas?

Não era o fim do mundo. Mas eu estaria mentindo se dissesse que não estava contando os dias para o martírio acabar. Não via a hora de poder trepar de novo, e de poder comer Olívia em qualquer posição, de qualquer jeito e em qualquer lugar, sem me importar com porra nenhuma.

Puta que pariu, pensar nisso me deixava louco. E ridiculamente duro. Eu ia trepar até morrer.

Mais tarde, quando estávamos indo embora da casa de Plínio e Suze, Olívia e eu subimos de novo para nos despedirmos de Lipe, que estava dormindo.

Ela ficava linda conversando com o bebê. Seu cabelo caía como duas cascatas de impossíveis águas escuras ao redor do rosto abaixado, enquanto ela sussurrava, apoiada no berço:

— Ele parece bonzinho, né? Mas não se engane, Lipe. Seu tio é um homem muito, muito mau. Ele é terrível.

— Espero que esteja falando de Tito — eu disse, rindo.

— Tito é um amor de pessoa. É claro que estou falando de você, cretino.

— Você não tem vergonha de mentir para um bebê, senhorita Olívia? — perguntei, fingindo indignação. — Espero que não pretenda fazer o mesmo com as gêmeas, porque seria alienação parental.

Ela deu uma risada.

— Contar às filhas a verdade sobre o pai delas não é alienação parental, Vetter. E eu estou apenas alertando esta criaturinha linda, ingênua e indefesa de que seu tio não vale um centavo, o que é um fato comprovado.

— Não acredita nessa bruxa indiana, Lipe. Eu sou um anjo — sussurrei de volta.

— Bruxa indiana é meu pau no seu cu, cretino — ela devolveu.

— Você não tem um pau, linda — observei.

— Foda-se. O fato é que você é um devasso compactuado com o diabo, Vetter.

— Sou seu devasso exclusivo, minha linda. — Abri um sorriso safado.

— Fico impressionada com o tamanho da sua cara de pau, sabia?

— Você ama a minha cara e o tamanho do meu pau, sabia?

Ela prendeu os lábios para não rir e fez uma falsa expressão desdenhosa.

— O que eu amo é a sua boca fechada, Vetter. Cala a boquinha, cala.

Dei uma gargalhada.

— Vem fazer — falei, e, afundando a mão em sua nuca, curvei-me para beijá-la.

Estávamos nos beijando quando começamos a ouvir o choro.

— Você está traumatizando o bebê, cretino! — ela exclamou, afastando-se.

Peguei meu sobrinho no berço com cuidado e comecei a niná-lo.

— Esta foi a primeira lição do tio Max, Lipe: como beijar uma garota.

— Pode ser que ele goste de garotos — Olívia observou.

— Nesse caso, a primeira lição foi da tia Liv — corriji, e ela sorriu.

— Eu te odeio sendo insuportável. E te odeio ainda mais sendo fofo.

— Você me ama, senhorita Olívia. Só não mais que eu te amo.

— Eu te odeio. Mas você fica tão lindo com um bebê no colo... — Ela suspirou.

— Imagina com dois, porra... — falei, e ela riu. — E com três? Quer morar com o tio Max, Lipe? — sussurrei, enquanto ele pegava no sono de novo. — O que você acha de a gente raptá-lo, linda?

Olívia riu.

— Um é pouco, dois é bom, três é demais, Vetter.

— Vou dizer isso ao nosso terceiro filho. Vou dizer que você disse que três era demais. E que você não o queria.

— Você não vai dizer nada, sua putinha fofoqueira, porque não teremos um terceiro filho.

Fiz uma cara indignada.

— Teo vai ficar desolado em saber que foi rechaçado pela própria mãe. Eu vou contar, senhorita Olívia — ameacei.

— Teo? — Ela riu.

— Por causa do nome do seu pai, já que os nomes das gêmeas foram inspirados no da sua mãe — expliquei, e ela arregalou os olhos.

— Você é um gênio, cretino! Todos com três letras, igualzinho a “Max”!

— E “Liv” — completei, e ela sorriu.

— Tá, porra... Eu menti. Eu te amo sendo fofo.

— Eu sei. E também quando sou insuportável — acrescentei.

— E também quando você é insuportável. Tipo agora. — Ela revirou os olhos e fez uma careta.

Dei uma risada e beijei seus lábios.

OLÍVIA

Max e eu já estávamos em casa quando eu me dei conta de que o que eu estava sentindo não era dor de barriga.

Parecia pra caralho, mas não era. Eram as minhas primeiras contrações. A dor vinha e ia embora em intervalos irregulares, durava poucos segundos e era bastante suportável. Não dava vontade de berrar nem nada, mas ia ficando um pouquinho mais intensa a cada vez.

Apesar de estar ligeiramente assustada e ansiosa e nervosa, fiquei quieta. Se eu contasse a Max que, muito provavelmente, eu estava entrando em trabalho de parto, ele entraria em pânico.

Precisava encontrar um jeito de avisá-lo sem alarmá-lo. E, de preferência, quando as contrações estivessem mais frequentes, porque a chance de haver alguma dilatação seria maior, e, então, eu poderia ir para o hospital. Não adiantaria nada ir para a maternidade antes disso. Por que sofrer lá o que eu poderia sofrer em casa?

Se eu avisasse de imediato, Max me levaria correndo, mesmo estando perfeitamente inteirado de que o trabalho de parto poderia levar horas. Entre as primeiras e tranquilas contrações e o grande momento havia um caminho a ser percorrido, como tinha nos explicado a obstetra.

Muitas vezes, não acontecia exatamente como nas novelas, em que, de repente, a bolsa se rompe, a mulher é levada às pressas ao hospital e, minutos depois, a criança nasce. Esse tipo de coisa só acontece com as muito sortudas. Claramente, não é o que vai acontecer comigo. Com as mais azaradas (olá, mundo), as coisas podem acontecer de modo lento e bastante doloroso.

Enquanto algumas grávidas podem nem se dar conta das primeiras contrações antes de a bolsa repentinamente estourar, outras começam a perder líquido aos poucos, de modo indolor; e ainda há as que sofrem por horas e horas antes de estarem suficientemente dilatadas para o *showtime*.

Durante esses meses, aprendi que cada parto é único. Cada nascimento é singular. Uma gestação nunca é igual a outra, há uma infinidade de variáveis que tornam cada experiência incomparável.

Não tínhamos uma cirurgia marcada, já que, sendo possível, eu preferia o parto normal à cesárea.

Eu sei, eu sei. Olívia, a grande cagona, sofrendo as dores do parto? Inimaginável, eu concordo. Você se lembra do meu sofrimento para dar o cu? Pois é. Imagina o escândalo que eu vou fazer na hora de arreganhar a xana para dois bebês passarem. Vai ser um filme de terror (tirem as crianças da sala).

O fato é que fui amadurecendo a ideia à medida que a gestação ia se desenrolando de forma tranquila.

A maioria das mães de múltiplos prefere agendar uma cesariana, por ser menos arriscado. Então você pode imaginar qual é a opinião de Max sobre a minha opção pelo parto normal. Não preciso nem dizer o quanto já discutimos a esse respeito, preciso? E é dispensável dizer que, no fim, eu venci, certo?

É claro que ele preferia a cesárea, mas não seria o filho da puta quem passaria por um pós-operatório mais complicado, seria? Não, não seria. Além disso, haveria uma cicatriz. Eu sei que seria uma coisinha de nada, mas, podendo, quem não quer evitar uma cicatriz?

Acho mais fácil imaginar minha boceta ridiculamente aberta a imaginar minha barriga sendo lambrecada de iodo e dilacerada por um bisturi. E aquele tanto de sangue... E alguém enfiando as mãos dentro das minhas banhas... Eu já vi no *YouTube*, é um horror.

Minha xana, pelo menos, foi criada para ser capaz de comportar cabeças humanas (e penianas). Como é uma coisa feita pra isso (além de programada pra levar pirocada), sei que não vai dar merda. Todo mundo consegue, por que eu não vou conseguir? Só porque minha boceta não é larga como a de muita puta? Vai dar certo, ela só vai precisar se alargar um pouco mais.

Mas que é difícil imaginar um bebê saindo da minha xana, é. Dois, então... Já tenho dificuldade em aguentar o pau de Max, gente. Oremos.

Pelo menos, ninguém vai esquecer um pacote de gaze ou uma tesoura dentro de mim. Meu corpo vai fazer o trabalho naturalmente, na paz de Deus, e, depois disso, tudo vai voltar ao normal. Não vai ter corte nem pontos. A menos que eu precise de uma episiotomia, que é aquele corte que fazem para aumentar o buraco já gigantesco. Vamos torcer para eu não precisar disso (por favor, Deus). Faço exercícios diariamente para fortalecer a região pélvica e estou fazendo massagem perineal com um aparelho aí, indicado pela minha obstetra, porque cago de medo desse corte perto do meu cu (estou fazendo a minha parte, Senhor. Manda a ajuda).

Enfim, se as gêmeas estiverem em posição favorável para o parto normal, vai ser uma bênção. Prefiro sofrer tudo de uma vez, para poder curtir minhas filhas em paz quando o sofrimento finalmente acabar (vou cantar “Livre Estou” depois do parto, me aguardem).

Eu estava sentindo uma dorzinha, só. A cada meia hora, mais ou menos. A intensidade estava aumentando, mas eu tinha acabado de conferir no banheiro, e nada de líquido ou sangramento. Ainda não havia motivo concreto para alarde.

Max e eu estávamos no escritório. Ele estava ocupando uma mesa, cercado de livros e pilhas de processos, e eu estava na outra, revisando o que já tinha escrito, porque, além da dificuldade imposta pelo bloqueio de escrita, eu tinha sérias dificuldades para me concentrar quando sentia uma contração. Logo, não

dava para continuar a história.

O cretino, por outro lado, era pura concentração. E ele ficava gostoso pra caralho concentrado, puta que pariu... Talvez fosse por causa da luz do monitor do notebook, que destacava os tons de azul dos olhos dele. Ou os cílios loiros ao redor. Ou as inspirações e expirações que ele dava de vez em quando, enquanto digitava. Ou o jeito como seus dedos se moviam agilmente sobre o teclado. Ou o modo como ele coçava a barba distraidamente com a mão esquerda enquanto lia alguma coisa na tela, com a mão direita no mouse. Ou o cenho franzido. Ou talvez o motivo de tanta gostosura em forma de concentração fosse a falta de camisa.

É, muito provavelmente.

Meu Deus do céu... Eu ia me acabar naquele homem quando, finalmente, pudesse cavalgá-lo.

Comecei a me imaginar afastando a mesa e subindo no colo dele, puxando o vestido para cima. Ele me receberia com um sorrisinho safado, soltando um “estou trabalhando, senhorita Olívia” com a voz já rouca de tesão. E, então...

— Ai, caralho... — Gemi quando uma onda de dor atingiu meu baixo ventre.

— Linda? — Max se levantou imediatamente.

— Tô bem. — Fiz um esforço descomunal para conseguir falar.

— Puta que pariu, é agora, porra! — Ele levou as mãos à cabeça, fazendo uma expressão tão desesperada que eu teria rido, se estivesse em condições. — Vem, eu te pego no colo. Porra. Porra. Preciso colocar uma camisa! Espera! Caralho. Vou buscar a bolsa!

Ele não parava de ir e voltar, sem saber o que fazia primeiro.

— Max, não é agora! — falei, quando a dor passou. — Foi só uma contração de treinamento. — Tentei enganá-lo. — Olha, estou boazinha. — Fiquei de pé.

— Você está quase na trigésima nona semana, Olívia! Não é uma contração de *Braxton Hicks*, é uma contração verdadeira!

Dei uma risada. Como ele sabia o que era uma contração de *Braxton Hicks*?

— Tá, mas deixa de desespero. Foi só uma contração. Estão vindo em intervalos longos, e nem duram muito. Ainda falt...

— Você já estava sentindo dor? — Ele arregalou os olhos. — Por que você não me disse, porra?

— Porque eu sabia que você ficaria assim — falei, aproximando-me. — Fica calminho — pedi, alisando seu peito. — Max, seu coração tá acelerado!

— É claro, caralho! Minhas filhas vão nascer! Vou avisar a médica! E, depois, vou ligar pros putos! — Ele enfiou a mão no bolso da bermuda.

— Agora, não — falei, segurando seu braço. — A gente sabe que só vai precisar se preocupar quando as contrações aumentarem.

— E se sua bolsa tiver rompido?

Gargalhei.

— Acho que eu saberia disso, Vetter.

— E se você estiver sangrando?

— Não estou.

— E se você já estiver com vários centímetros de dilatação?

— Não estou.

— Você não sabe, porra! A gente vai pra maternidade, Olívia!

Revirei os olhos.

— Tá. Vou tomar banho — avisei.

— Não dá tempo, caralho! A gente tem que ir agora! Você precisa ser examinada o quanto antes!

Dei outra gargalhada.

— Ainda bem que você nunca vai parir, Max. Você enlouqueceria, meu lindo. Não posso ir pro hospital sem tomar banho! Vou ficar um tempão lá — argumentei.

— Tá. Vou com você, então. A gente toma juntos.

— Tá bom, mas quero que você me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa, linda. Menos ficar em casa. Fala logo, que a gente tá atrasado!

— Max, não temos hora marcada — provoquei. — Não estamos indo ao cinema.

— Fala logo, caralho, pelo amor de Deus, porra! — ele implorou, e eu caí na risada. — Olívia, para de rir, filha da puta!

— Quem vai sofrer o pão que o seu pai amassou com o rabo sou eu cretino! Para com esse chique!

— Chilique de cu é rola! Chilique... Homem não dá chilique, porra.

— Você dá, Vetter. — Comecei a andar, e ele se aproximou para me pegar no colo.

Deixei, apesar de não precisar, porque não ia adiantar dizer que não era preciso.

— Sobre a promessa — falei, enquanto ele nos guiava até o quarto —, é o seguinte: preciso que você prometa que não vai fazer drama quando eu estiver sentindo dor.

— Homem não faz drama. — Foi a resposta dele.

— Anrã... E eu não gosto de rola. E nem me casei com uma putinha dramática e roluda — ironizei, e ele riu.

— Linda, é você quem tem que prometer que não vai fazer drama quando estiver sentindo dor.

— Eu? Drama? Jamais.

Max se limitou a dar uma risada debochada.

Pouco depois, Deus, a Santa Sé, o Vaticano e o mundo todo já sabiam que eu estava entrando em trabalho de parto, porque Max se encarregou de ligar até para o braço direito do Papa enquanto eu me maquiava (tudo bem que eu estava saindo para dar uma sofrida básica, mas não ia sofrer de cara lavada nem fodendo).

Eu mesma liguei para a obstetra, porque precisava descrever minhas contrações, e ela disse o que eu já sabia, que, muito provavelmente, estava chegando a hora, mas que isso não significava que as meninas nasceriam ainda naquela noite.

Obviamente, ela queria me examinar. Disse que estaria no hospital em, no máximo, vinte minutos.

Enquanto eu terminava minha *make* “mamãe *glamourosa*”, Max finalizava a ligação para Lupo, um dos cães da Família Real britânica, e ligava para avisar Willow, um dos Corgis da Rainha Elizabeth II, já que já tinha ligado para todos os seres humanos da face da Terra, inclusive para a camareira da duquesa da Cornuália.

Mentira. Ele estava falando com Piolho no viva-voz enquanto berrava a todo momento: “Olívia, termina logo essa porra!”.

— Sei que você não vai poder vir, quenga. — Ele estava dizendo.

Draminha. Na verdade, ele queria que Piolho viesse. Mas não ia assumir isso nem por um senhor caralho.

— Pois é, mano, eu não posso deixar minha mina e Luisão aqui, tá ligado?

Mentiroso. Malu me mandou mensagem ontem pedindo dicas para combater os enjoos, e comentou que, obviamente, Piolho viria para o nascimento das gêmeas.

— É mentira dele, Max! — gritei. — Para de enganar meu marido, Piolho!

— Mano, *cê* tem certeza de que essa mina escandalosa tá parindo, *vêi*?

— Vá se foder, Piolho! — berrei.

— Olívia, termina logo esse caralho! — Max me repreendeu, e eu mostrei o dedo do meio.

— Tô quase terminando, cretino! Falta só o rímel e um pouco de iluminador! Preciso ficar bonita nas fotos!

— Você já é linda, porra. É a mulher mais linda do mundo. — Meu maridinho se aproximou e beijou minha bochecha.

— É o *carai*. Malu que é, mano.

— Alguém aqui pediu a sua opinião, Piolho? — perguntei.

Max gargalhou, e eu acabei gargalhando também. E, então, ficamos

gargalhando juntos.

— Cês são bizzarros pra *carai*, *véi*.

— Quenga, vou desligar. Ainda preciso ligar pra Plínio. Se ele sonhar que te liguei primeiro, vai comer meu cu.

Nós três caímos na risada.

— *Cê* achou mesmo que eu ia perder o nascimento das minhas afillhadas, *véi*? É claro que eu tô indo *praí*, mano! *Cê* é louco, meu? Que espécie de sogrão *cê* acha que eu sou, *carai*?

— Sogrão é meu pau no seu cu, Piolho! E você não vai mais ser o padrinho delas, filho da puta!

— Mano, a gente é compadre, *véi*. E eu só quero presente caro pra Luisão, tá ligado? Lembra que agora eu sou patrão, meu. *Cê* vai dispensar meus presentes de rico, mano? Tô chegando daqui a pouco com minhas *presentaiadas*. Tudo parada gringa, tá ligado? Deixa de ser ingrata, puta! Eu *tava* parecendo um sacoleiro no shopping com Malu, *véi*! Fiquei horas rodando naquele *carai* só porque te amo, minha quenga.

— Foda-se. Enfia tudo no cu, Piolho — Max disse, rindo.

— Não, Senhor! — exclamei. — Piolhinho lindo do meu coração, você ainda é o padrinho querido das gêmeas! Ai, porra... — Fui acometida por outra contração.

— Quenga, preciso desligar.

— Vai lá, minha puta! Boa sorte, *véi*! Faz uns *snaps* do parto, tá ligado? E vê se não desmaia na hora, mano, senão *cê* deixa o iPhone cair. Aí já era, *véi*. Já pensou que bosta, meu?

— Vá se foder, Piolho! — Max desligou e foi em meu socorro.

Precisei me sentar até a dor passar.

Enquanto eu me recuperava, ele pegava a bolsa, a carteira e a chave do carro.

Caminhando comigo até a garagem, ligou para Plínio e Suze, que avisariam aos demais.

Pouco depois, estávamos dentro do carro, rumo à maternidade do São Cipriano, onde uma equipe médica, especialmente escolhida para proceder ao parto das gêmeas, já estava à espera. Tudo na gratuidade, um oferecimento dos Theloni.

Até então, eu estava tranquila, tentando tranquilizar Max, que ficava mais nervoso a cada semáforo. Mas, quando pisei no hospital, finalmente, a minha ficha caiu.

Puta que pariu, eu ia parir!

89. Não há parto sem dor

OLÍVIA

Eu tenho um recado para todas as mulheres do mundo: nunca, em hipótese alguma, deixem um devasso atolar um pau desencapado nas suas bocetas debaixo de chuva, por maior e mais grosso que seja o pau suculento em questão; por mais lindo e gostoso que seja o tal devasso.

Não façam isso com as suas vidas. Usem sempre camisinha! Não engravidem! Ou melhor, não transem! Parem já com isso!

Se você é virgem, não dê. Nunca (ou dê só o cu). É o melhor a se fazer. Sexo é uma coisa superestimada, eu juro. Não vale a pena. Sério.

Séééééério.

Eva, sua desgraçada! Eu te odeio!

Maçãs. Eu odeio maçãs. E cobras. E jardins.

E eu odeio o cretino do Max. A culpa é toda dele. E de Eva. E da maçã. E do pai de Max, a cobra-diabo.

Espera! A culpa não é de Eva. É do asno do Adão, o marido tolo que comeu a porra da maçã! Quem mandou aquela anta comer? Agora as cobras precisam se arrastar, e as mulheres precisam morrer para ter filhos. Tudo culpa de um homem! E qual foi o castigo desse jumento? O que os homens tiveram que fazer após a expulsão do casal retardado do Éden? Trabalhar para ter o próprio sustento! Grandes *merdaaaaaaaaaaas*! Todo mundo tem que trabalhar hoje em dia! E daí que foi Eva quem comeu a maçã primeiro? O idiota do Adão comeu em seguida. A culpa é toda dele! Quem mandou aceitar? Pau-mandado do caralho! Camisolão da porra!

— Eu te odeio. Você e Adão são dois inúteis... — falei, com a voz fraca, porque o menor esforço podia terminar de me matar. — Estou morrendo, e a culpa é sua, Max. E de Adão, que foi burro e comeu a maçã. Você também teria comido a maçã. Todos os homens são burros...

Ele fez menção de rir.

— Não ria. Estou morrendo. E vou me vingar. Vou te matar assim que parir, a propósito. Vou te matar dormindo, Vetter — ameacei. — É o que Eva deveria ter feito a Adão, logo depois de parir Abel.

— Nossas filhas vão ver essas ameaças e todo esse drama no futuro — ele disse, enquanto me filmava em cima da bola.

Eu estava fazendo exercícios para amenizar as dores e para ficar mais relaxada, de modo a incentivar a dilatação.

— Drama? Você não faz ideia do que estou passando a cada dez minutos, cretino. Nem vocês, meninas — falei, pousando as mãos na barriga. — Não engravidem nunca. Não deixem nenhum filho da puta fazer isso com vocês.

Max virou a câmera para o próprio rosto e disse:

— Ouçam a mamãe. Vejam o quanto uma garotinha pode sofrer quando deixa um garotinho chegar perto dela.

Eu teria rido, se não tivesse sido engolfada por uma nova contração.

A enfermeira que estava me auxiliando nos exercícios riu. Eu quis dar um chute na cara dela, porque, nitidamente, ela estava dando em cima do meu marido!

Mas como eu chutava a queixada de uma puta e suportava as dores do trabalho de parto ao mesmo tempo? Não dava, porra.

Continuei sofrendo. A bola não adiantava caralho nenhum. Eu continuava morrendo a cada contração e voltando à vida no final. Estava pior que a Sara Lance, de *Arrow* (isso é um *spoiler*? Foda-se. Estou parindo, não posso me preocupar com você e seus episódios atrasados neste momento).

O exame de toque tinha atestado recentemente que eu estava com apenas três centímetros de dilatação, e eu sabia que dali até a dilatação completa poderia haver um intervalo de horas.

Dilatação. Eu odeio essa palavra. Estava demorando uma vida para que eu ficasse suficientemente dilatada para começar a expulsão.

Expulsão. Minha nova palavra favorita. Eu não via a hora de começar a fazer força para que os bebês saíssem, porque isso significaria que eu veria minhas filhas em breve e que o sofrimento, embora mais intenso, estava mais perto do fim.

Um tempo depois, desisti da bola e fui para a maca, onde eu podia mudar de posição mais confortavelmente para tentar aliviar a dor quando ela vinha.

Max estava de pé ao meu lado, massageando meus ombros.

— Eu te amo, minha linda. — Ele se inclinou e beijou minha bochecha. — Quando tudo tiver terminado, vamos ser uma família maior e mais feliz.

— Não vai terminar nunca, creti... — Soltei um grunhido de dor quando a próxima contração veio, quase acabando com a minha sanidade.

A boa notícia era que eu tinha alguns minutos de paz até que a próxima viesse. A má notícia era que, depois de outro exame, descobri que eu estava com apenas quatro centímetros de dilatação.

Horas tinham passado, e apenas um centímetrozinho tinha aumentado. Eu ainda nem estava a meio caminho de distância do grande momento.

Mas já tinha sido examinada e, felizmente, as duas estavam em posição favorável para o parto normal. Apesar das dores que eu sentiria, eu estava feliz por poder colocar minhas filhas no mundo naturalmente.

Até então, tudo estava lindo e colorido, e eu nem sabia disso. Já achava que estava sofrendo demais. Mas minha bolsa ainda não tinha estourado, e, quando estourou, instalou os nove círculos do inferno em meu útero.

As contrações, que começaram espaçadas e passageiras, foram ficando mais regulares, prolongadas e excruciantes, até se transformarem no pior tipo de dor que um ser humano podia sentir.

Eu estava reclamando de barriga (literalmente) cheia. Não fazia ideia de que as contrações que eu julgava terríveis eram quase indolores se comparadas às monstruosamente dolorosas contrações que vieram em seguida.

— Não vou sobreviver... — choraminguei, apertando a mão de Max quando uma nova onda de dor ameaçou tirar minha vida.

Trinquei os dentes e soltei um grunhido assustador, que provavelmente ecoou na lua.

— Linda... — Ele fez uma carinha sofrida enquanto alisava meu cabelo. — Vai passar logo...

Max estava quase chorando, condoído com o meu sofrimento, e ver a agonia dele me deixou com o coração na mão.

Um absurdo, porque o cretino não estava morrendo de dor. Eu estava!

— Respira comigo, do jeito que a gente treinou — ele pediu, e inspirou pelo nariz.

Inspirei também, e contei mentalmente: “um, dois, três”. E expirei pela boca, contando um, dois, três, quatro.

Isso aumentaria a quantidade de oxigênio para mim e para os bebês, segundo tínhamos aprendido no curso para gestantes.

Repetíamos o processo durante os curtos intervalos entre uma contração e outra. E, às vezes, ele me dava água no canudinho e afastava o cabelo do meu rosto suado. E, a todo tempo, apertava minha mão. E beijava meu rosto na hora das contrações, que logo começaram a vir de dois em dois minutos, mais ou menos, com duração superior a um minuto, com certeza.

Era impossível falar durante uma delas. Lágrimas escorriam desenfreadamente pelas minhas bochechas, e eu tentava me manter focada em inspirar e expirar de modo correto, para não deixar a respiração ficar superficial demais.

Nunca mais na minha vida eu pensaria que minhas cólicas menstruais são “amostras grátis” de um parto. Se você diz isso, colega, pare. Apenas pare. Primeiro, porque “amostra grátis” é um puta pleonismo vicioso do caralho (não

assassine a Língua Portuguesa. Não mate Piolho de ódio). Segundo, porque você não faz ideia do tamanho da heresia que sai da sua boca todo mês. Pode achar que vai morrer a cada descida do “Chico”, mas eu posso garantir que, por mais que você sofra, você nunca vai ter sofrido de verdade até estar sentindo o que eu senti.

Doía tanto que às vezes parecia inacreditável o fato de eu não estar morta. Eu teria achado que tinha morrido de dor sem saber, não fossem os ruídos da minha respiração e os sons animais que saíam da minha garganta.

Nessas horas, você não tem vergonha de manifestar seu sofrimento, porque você só consegue pensar em quando aquilo vai acabar.

Uma equipe, própria da maternidade do São Cipriano, estava responsável por filmar e fotografar o parto, e nem a ciência de que aquilo seria assistido depois era capaz de refrear meus grunhidos. Doía pra caralho, e eu estava me fodendo para as câmeras.

Já estava me despedindo de Max para ir de vez para o além quando a obstetra conferiu a dilatação pela milésima vez e anunciou que era hora. Eu já estava com dez centímetros e, finalmente, podia começar a fazer força.

— Não vou conseguir, cretino... — falei, chorando.

A médica e as enfermeiras diziam coisas, mas eu só ouvia a voz chorosa de Max, me dizendo que faltava muito pouco, que ia dar tudo certo, que logo elas estariam no meu colo.

Então, eu tentava pensar no rostinho das minhas filhas e no quanto aquilo também devia ser difícil para elas, que estavam lá, quietinhas, sem perturbação alguma, e agora estavam sendo “expulsas de casa”. Talvez fosse assustador. Talvez, elas estivessem pensando: “que porra é essa que tá acontecendo?” ou “para de empurrar a gente, caralho!” ou “vá empurrar a puta que te pariu, sua vaca!” (mentira. Elas não chamariam a própria mãe de “vaca”).

Eu deveria seguir meus instintos. Forçar de acordo com a minha vontade.

Felizmente, a vontade incontrolável de fazer força logo veio. Então comecei a impulsionar, durante uma contração horivelmente dolorosa. E a intensidade e a frequência das dores e da força que eu fazia foram aumentando a cada tentativa.

A obstetra e as enfermeiras iam me incentivando e me informando sobre os avanços. Achei que levaria minutos para a tortura acabar, mas aquilo estava demorando uma eternidade.

Eu não fazia ideia de há quanto tempo estava imersa naquele mar tenebroso de sofrimento descabido quando senti uma pressão entre as pernas.

Continuei fazendo força a cada pico de dor, mas sentia o bebê recuando quando a contração acabava. Entrei em desespero.

— Ai, meu Deus, ela tá voltando pra dentro! — choraminguei.

— Está tudo certo, Olívia. — A médica tranquilizou. — Você sente um ligeiro recuo quando as contrações terminam, mas o bebê continua descendo a cada nova contração. Daqui a pouco está coroando.

Os próximos minutos foram uma sequência de contrações, mais força, mais incentivos, mais dores.

Eu estava física e mentalmente exausta.

— Max — chamei, quando consegui falar. — Quem vai ser a primeira mesmo?

— A gente combinou que seria Ana, linda — ele disse, acariciando minha testa suada. — Mas pode ser Isa.

— Ana — falei.

Fiz força mais uma vez quando o martírio recomeçou. Por um momento, achei que fosse mesmo morrer. Senti uma queimadura, uma espécie de ardência estranha, entre as pernas. Então, a médica anunciou:

— Já está coroando! Estamos vendo a cabecinha de Ana!

— Caralho! — O putinho do Max largou minha mão para ir ver. Tive vontade de dar na cara dele. — Tô vendo, linda! Ela é cabeludinha!

Lágrimas escorriam dos olhos dele, e o sorriso era o mais lindo que eu já tinha visto em seus lábios. Mais lindo que quando descobrimos sobre a gravidez e mais lindo que os sorrisos dele no dia do nosso casamento. Era um sorriso único, e o mais lindo de todos.

Mas ele era um filho da puta! Porque eu estava sofrendo, e ele era o primeiro a ver! Não era justo!

— Volta aqui, cretino... — Outra contração veio com força total, e eu comecei a gritar de dor.

Ele voltou correndo e segurou minha mão.

— Ela tá nascendo, linda... — disse, chorando.

Então, a obstetra pediu para que eu não fizesse tanta força, porque o bebê precisava nascer devagar, e aquela era a hora crucial, que diria se eu precisaria ou não de uma episiotomia (não precisei, graças a Deus).

Quando achei que fosse morrer de dor, Ana finalmente nasceu, e eu renasci.

Estava ouvindo o chorinho dela enquanto minhas lágrimas embaçavam minha visão e me deixavam cega aos procedimentos médicos.

Mas eu sabia que estavam cortando o cordão umbilical e que logo fariam o teste que determinaria se ela precisaria ou não de assistência médica imediata. Sabia que precisavam avaliar coisas como a frequência cardíaca, a respiração e os reflexos dela.

Para uma mãe de gêmeos, o parto não acabava ali. As contrações cessaram, e foi preciso esperar um tempinho para que voltassem. Enquanto isso, Max

observava a avaliação de Ana, desesperado para saber se estava tudo certo. Ela recebeu nota oito no primeiro teste, mas só fui saber disso depois, porque estava fazendo força de novo, aproveitando a próxima contração para que Isa pudesse nascer.

Felizmente, foram necessárias apenas duas tentativas. Ouvi o segundo chorinho depois de seis minutos do primeiro, e Isa logo começou a ser examinada.

Quando Ana foi trazida até mim, toda embrulhadinha e já com a pulseirinha no braço, eu estava ansiosa à espera.

Caí num choro convulsivo quando Max a colocou em meus braços.

— Olha como ela é perfeita, minha linda... — Ele também chorava muito, e me beijava enquanto acariciava o bracinho dela.

Não demorou muito, e trouxeram Isa, dizendo que estava tudo bem com as duas. Então, eu me vi com dois bebês fofinhos e idênticos no colo e um marido lindo e abobalhado ao redor.

— Elas são a coisa mais linda do mundo, Max... — falei, chorosa.

— É claro! Elas são míni Olívias! — ele disse, alisando o cabelinho escuro de Isa com o indicador. — Tão lindas quanto a mãe mais linda de todas! — Ele pousou os lábios nos meus. — Eu sabia que você ia conseguir! Parabéns, minha linda! Tô feliz pra caralho, porra!

Abri um sorriso.

Ele estava eufórico, e não parava de observar as gêmeas atenciosamente, olhando de uma para a outra enquanto alisava os corpinhos delas.

O pessoal filmava e tirava fotos. E, enquanto sorriamos para as câmeras, eu podia sentir alguém me apalpando, provavelmente conferindo se estava tudo certo com a expulsão da placenta.

Antes de serem levadas, Max posou com as duas no colo, sorrindo feito um garotinho. Ele sorria de um jeito puro, esbanjando felicidade. Seus cílios úmidos emolduravam os olhos brilhantes, e os braços as seguravam orgulhosamente.

Eu tinha idealizado aquele momento um bilhão de vezes, mas nunca tinha imaginado algo tão lindo quanto aquela cena.

Senti um imenso orgulho prévio do pai que ele seria. Minhas filhas tinham muita sorte.

Graças a Deus, as duas nasceram perfeitamente saudáveis. Ana ficou com 9 no segundo teste, e Isa ficou com 10, o que significava que o estado de saúde das duas estava excelente e, portanto, que elas não precisariam de cuidados extras.

O peso e o tamanho delas também estava ótimo, o que era um grande alívio.

Eu já estava em outro quarto, pronta para amamentá-las, quando elas chegaram, limpinhas e enroladas em duas mantas cor-de-rosa iguais.

Queria amamentar as duas ao mesmo tempo, para não preterir nenhuma. Então, as enfermeiras me ajudaram a posicioná-las. Foi difícil pra caralho, mas deu certo.

Antes de ficar grávida, eu pensava que a amamentação devia ser uma coisa muito ruim, por ser desconfortável e esquisito. Ter um bebê chupando meu peito parecia algo inimaginável.

Durante a gestação, comecei a esperar ansiosamente por aquele momento. E ficava imaginando como seria e como eu me sentiria.

Tinha conversado com outras grávidas no curso para gestantes, e até com Suze, e ouvido relatos a respeito. Mas nada teria dado conta de me preparar para aquilo. Foi a experiência mais sublime da minha vida.

Não consegui conter as lágrimas ao vê-las ali, juntinhas de mim, sugando e fazendo barulhinhos fofos, com as mãozinhas pousadas em minha pele.

Era algo transformador, ser mãe. Enquanto estavam na minha barriga eu já me sentia diferente. Mas a presença física das minhas filhas tinha coroadado a minha metamorfose. Eu me sentia outra pessoa. Tinha entrado uma na maternidade, e sairia outra.

Max nos observava de perto, todo emocionado.

— Esta é a cena mais linda que eu já vi — ele disse, com os olhos lacrimejantes. — Não consigo acreditar que elas estão aqui...

— Eu te disse que daria tudo certo, cretino...

— Eu te amo, linda. — Ele acariciou meu rosto. — Achei que já te amasse além da conta, mas meu amor ficou impossivelmente maior nas últimas horas. Eu te amo ainda mais agora. Obrigado por ser minha esposa e por me dar uma família. — Max se inclinou e plantou um beijo suave em minha testa.

Então, beijou a mãozinha de Ana e, depois, a de Isa. Levantou a cabeça e me fitou, com os olhos molhados e um sorriso enorme no rosto.

Enquanto eu sorria de volta, derramando lágrimas de felicidade, eu me lembrava de tudo o que tinha vivido para chegar até ali.

Tinha perdido tudo. Fiquei quatro anos perdida, sozinha. Agora, estava cercada pelo amor das três pessoas que eu mais amava no mundo. Minha própria família.

Sabe quando a sua vida é uma merda e você se pergunta em que momento a porra do destino vai, finalmente, fazer algo a respeito?

Então... Minha vida era uma merda, e eu me perguntava em que momento a porra do destino ia, finalmente, fazer algo a respeito.

Achei que ele já tivesse feito tudo o que tinha para fazer quando conheci Max. Mas ali, fitando seu sorriso perfeito, eu me dei conta de que o destino estava só começando.

90. Cara de uma, focinho da outra

MAX

Estou há trinta dias completamente encantado. Essa é uma palavra pouco máscula que define à perfeição o meu novo e perpétuo estado de espírito.

Estou encantado, vivendo dentro dessa bolha fantástica e formidável que é a paternidade.

Eu poderia mencionar todas as múltiplas coisas que Ana e Isa me ensinaram em um mês. Poderia, por exemplo, falar da aptidão que adquiri para trocar fraldas ou da minha habilidade sensorial para detectar e enquadrar os choros e as expressões de cada uma, de acordo com necessidades específicas.

Mas nada disso é exclusivo. Qualquer pai aprende a trocar fraldas, e muitos, eventualmente, são capazes de identificar, pelo choro, do que o filho precisa.

O que elas têm me ensinado vai além de qualquer aprendizado em massa. O que Ana e Isa me ensinam a cada dia só eu posso aprender. Os ensinamentos das duas ultrapassam a simplicidade de algo como checar a temperatura da água antes do banho ou tomar muito cuidado com as cabecinhas. Elas me ensinam a ser o melhor pai que eu posso ser; um de quem elas possam sentir orgulho no futuro.

Ana e Isa me ensinaram a sorrir de um jeito novo. E me ensinaram que nada no mundo é maior que o meu amor por elas.

É uma espécie absurda de amor. Algo que pulula em cada célula do meu corpo. Estou pensando nelas antes de dormir, e são elas o meu primeiro pensamento ao acordar.

Fui me transformando em outro homem desde que conheci Olívia. Cada novo passo que demos juntos foi um degrau que subi na minha escala evolutiva particular.

Quando descobri que seria pai, me vi no topo. Mas, à medida que as gêmeas se desenvolviam no espaço uterino, eu ia me transformando aqui fora. E, então, elas nasceram, e eu galguei um degrau que não fazia ideia de que estava lá. Mas estava, e é onde estou agora.

Vivi vinte e oito anos para ser o pai de Isa. E de Ana.

Elas são lindas. E absolutamente idênticas.

Olívia e eu brincamos de misturá-las o tempo todo, só para ver se acertamos quem é quem. Eu sempre acerto, e, toda vez que ela erra, fica puta comigo.

“Você está roubando, cretino!”.

“Não é possível, porra! É pura sorte!”.

“Max, deixa de ser filho da puta, você não pode acertar sempre! Isso faz de mim uma péssima mãe!”.

“Você olhou os bracinhos delas antes, Vetter! Assim, até eu!”.

Nunca preciso conferir os nomes gravados nas pulseirinhas de ouro. Basta olhar os olhos redondos e curiosos delas, cujas íris têm o mesmo tom cinzento das minhas.

Ana sempre me olha de um jeito divertido, como se estivesse me chamando para brincar. E os olhos de Isa me pedem colo toda vez.

Isa e Ana têm roubado meu sono, toda a atenção de Olívia, todo o meu tempo, todos os meus amigos e meus familiares. Elas chegaram e roubaram tudo de mim. E, mesmo assim, quando volto do trabalho e as vejo, tão lindas, eu só queria ter mais alguma coisa para oferecer.

Minha hora favorita do dia é justamente quando chego do escritório, porque é quando eu posso dar banho em uma delas. Olívia e eu desenvolvemos o seguinte sistema: enquanto ela prepara as coisas do banho, eu brinco com as duas. Ela escolhe uma das meninas para dar banho primeiro, e eu fico brincando com a outra. Quando termina, ela amamenta a que já tomou banho e, enquanto isso, eu dou banho na outra, que é amamentada enquanto eu cuido da que já se alimentou.

Parece complicado pra caralho, mas é esse momento que eu espero ansiosamente o dia inteiro, enquanto leio processos, consulto andamentos e faço audiências.

Antes do horário de elas dormirem, gosto de ficar deitado com elas. Gosto de me deitar e colocá-las de bruços em meu peito para sentir os coraçõezinhos batendo junto com o meu. Quando elas dormem, fico admirando as feições duplicadas, completamente embevecido pela perfeição dos traços das minhas míni Olívias. Fico perdido no tempo, vendo o mundo funcionar no ritmo das respirações adormecidas.

Minha vida se resume à cadência daquelas inspirações suaves. Tudo se resume a Ana, Isa e Olívia. Vivo por elas, faço tudo por elas.

Minhas filhas têm a melhor mãe do mundo. Olívia é incansável. Mesmo com sono e mesmo precisando me suportar com sono e cansado, o sorriso nunca morre em seus lábios. Ela está maravilhada com nossas “bonequinhas”, como gosta de dizer.

Estamos sempre preocupados demais que algo aconteça com elas, então costumamos dormir juntos no quarto das gêmeas, que fica ao lado do nosso.

Isso nos deixa mais tranquilos, mas mais exaustos, porque, geralmente,

quando uma delas acorda, a outra também, e nós dois acordamos e precisamos niná-las ao mesmo tempo.

Estamos dormindo menos de três horas diárias e, toda vez que tentamos transar (foda-se o resguardo), somos brutalmente interrompidos por um choro seguido de outro.

Agora somos um casal que, além de dormir mal, não fode. Mas somos um casal feliz, então está tudo bem.

Tudo bem o caralho! Eu preciso trepar, porra. Como é que eu vou sobreviver sem foder?

Isa e Ana têm uma espécie de sensor. Se começo a beijar Olívia, mesmo em outro cômodo, elas começam a chorar como se estivessem morrendo. Mas é só eu me aproximar do berço que elas sorriem, mexendo os bracinhos. Volto a beijar Olívia, e as gêmeas recomeçam a chorar desesperadamente.

Minha linda acha que nossas filhas fazem de propósito, porque são ciumentas pra caralho, e pensam que eu sou só delas.

Segundo Olívia, a culpa é minha, porque agora eu só quero saber de Isa e Ana e estou me fodendo pra ela. Ou seja, quem é a ciumenta da história?

Ela age como se só eu estivesse ocupado e deslumbrado demais com nossas filhas sacanas.

“Linda, vem deitar”, eu chamo, porque quero que o universo me deixe transar, e ela responde de volta: “vou contar só mais essa historinha pra elas, lindo. Elas estão amando, né, bonequinhas *lindoquinhas* da mamãe?”. E conta mais uma. E duas. E três. E, quando volta, o sono e o cansaço já me venceram.

Estou me sentindo como um velho de cem anos que não sabe o que é uma boceta há tempo demais para se lembrar do gosto, da textura e do cheiro. Acho que meu pau vai cair pela falta de uso. Nem punheta eu consigo bater. Sinto que vou acordar em um belo dia ensolarado com a cueca abarrotada de cinzas.

É o que vai acontecer, porra (imagina a quantidade de pó. Onde eu vou descartar tudo isso, caralho?).

É foda ser um sujeito recém-casado que não consegue trepar com a esposa gostosa? É foda. É foda não foder? É foda. Mas nem toda essa frustração sexual ou o cansaço desumano são capazes de ofuscar a beleza dessa nova fase das nossas vidas.

Olívia e eu estamos sobrevivendo de efêmeras carícias, mas eu nunca tive tanta certeza de que o meu amor por ela é eterno.

À noite, enquanto ouço sua respiração compassada, sei que seus sentidos estão aguçados e que ela está pronta para acordar ao menor ruído. Adormeço ao seu lado sentindo o cheiro adocicado e floral de seu pescoço, o contato aveludado da pele e meu amor e minha admiração por ela esparramando-se pelos nossos

lençóis.

Ela é a mulher da minha vida, a mãe das minhas filhas, minha linda, meu amor maior.

Junto com ela, tenho colecionado dias incríveis, os mais transcendentais da minha coleção de mais de dez mil dias vividos.

É verdade que têm sido dias exaustivos, mas, também, dias de pequenas descobertas e grandes momentos.

Em trinta dias, descobri que Ana sorri mais que Isa. Mas, quando Isa sorri, é um sorriso tão lindo que precisa ser registrado.

Ana chora pouco. As crises de choro das madrugadas são todas protagonizadas pela irmã.

Isa dorme mais rápido.

Ana fica um bom tempo observando as estrelas do móvel do berço, tão brilhantes quanto seus olhos cor de prata, antes de pegar no sono. Ela adora aquelas estrelas, e sempre sorri quando eu as balanço.

Isa não gosta muito de dormir sozinha; prefere dormir com o bracinho envolvendo o corpo da irmã.

Ana fecha os olhos mais depressa e ignora as estrelas quando a respiração de Isa toca o rostinho dela.

Em trinta dias, vivenciei grandes momentos. Estava lá quando Ana segurou a mãozinha da irmã pela primeira vez, gargalhando como nunca antes.

Testemunhei a primeira risada espontânea de Isa, dada quando os olhares das duas se cruzaram naquele segundo surreal.

Assisti à primeira vez que Ana levou conscientemente a mãozinha pequena aos olhos para afugentar o sono.

E Isa estava em meu colo quando adormeceu pela primeira vez embalada pelo som da minha voz.

Nos últimos trinta dias, todas as vezes que contemplei aqueles dois rostinhos idênticos, eu me perguntei: como foi que consegui viver tanto tempo sem elas?

OLÍVIA

Estou há cento e oitenta dias cercada por um oceano de amor dobrado, um sentimento tão excelso e infinito que transborda.

Dois adoráveis e diminutos sereizinhos apoderaram-se de minha essência e

avassalaram meu coração.

Isa e Ana não dominaram pedaço a pedaço, conquistaram tudo, e de uma só vez. Subjugaram-me com seus grandes olhos prateados e tornaram-me cativa de seus sorrisinhos fofos e dedinhos delicados e pezinhos miúdos.

Elas são o que há de mais lindo no mundo. Não vejo o tempo passar quando estou contemplando os cabelos de céu noturno e os cintilantes olhos estrelados que reconhecem os meus e inundam meu peito de uma espécie pasmosa e singular de amor.

Sinto um orgulho imenso de Max e de mim mesma, porque elas são nossas e são saudáveis e perfeitas.

Ana e Isa atualizaram minha noção de felicidade plena. Levianamente, achei que não existia grau maior de ventura que encontrar, dentre bilhões de pessoas, o homem da minha vida e me casar com ele. Ledo engano.

Essa foi apenas a primeira parte, o impulso que me fez alcançar um patamar ainda mais elevado de júbilo. Agora, somos Max, nossas filhas e eu. Somos uma imensidão de amor em forma de família.

O tipo de felicidade que estou experimentando nesta nova e magnífica fase da vida é inigualável, inexprimível e soberano.

O deslumbre da maternidade foi o combustível que me alimentou nos primeiros e mais estafantes meses.

O fascínio pela novidade nos acompanhou e nos deu forças para suportar as muitas noites insones e para enfrentar pequenas crises de pânico e a costumeira insipiência dos pais de primeira viagem.

Felizmente, nesses momentos, pudemos contar com as dicas e conselhos de Suze e Plínio, que, não sem rir pra caralho do nosso desespero, estiveram sempre dispostos a nos auxiliar.

No início, o cansaço e as noites em claro foram inevitáveis.

Depois de me deitar, eu costumava dormir muito pouco antes de precisar me levantar para amamentá-las. E passava um bom tempo acordada antes de poder dormir de novo, para acordar outra vez dali a alguns instantes.

Max fazia questão de acordar junto comigo, porque, segundo ele, não era justo que apenas eu precisasse sacrificar preciosas horas de sono. A princípio, tentei dissuadi-lo, porque ele precisava acordar cedo para trabalhar, mas não sou uma pessoa especialmente argumentativa em plena madrugada. E era fofo vê-lo nos observando com um olho aberto e outro fechado, pescando o tempo inteiro, mas se esforçando para ficar atento. Ele sempre dormia entre uma mamada e outra, e sempre acordava puto por ter sucumbido à exaustão.

Foram meses árduos, de pura doação. Mas, a cada dia, novos aprendizados e conquistas foram tornando as tarefas menos extenuantes. Fomos adquirindo mais

experiência com fraldas e banhos, reformulamos nossas tabelas com os horários de mamadas e remédios de cada uma, aprimoramos nosso sistema de banhos de sol e passeios pela área externa da casa, e nossa rotina foi fluindo. Com o tempo, tudo foi ficando mais prático e fácil. E as noites maldormidas foram sendo gradativamente substituídas por boas noites de sono.

E, com a relativa tranquilidade recém-adquirida nos cuidados com as gêmeas, nossa vida sexual voltou aos trilhos, e Max e eu abandonamos nosso deprimente *cosplay* de casal malcomido e voltamos a ser o par de coelhos devassos que sempre fomos.

Quando as gêmeas estavam prestes a iniciar o quarto mês de vida, começamos a fazer passeios mais prolongados com elas, e, recentemente, quando Luís atingiu essa idade, começaram os passeios conjuntos.

Agora, todas as manhãs antes de ir trabalhar, Max passeia com as meninas, para que eu tenha um tempinho para mim.

A paternidade tem sido uma experiência ainda mais extraordinária para ele, já que está sendo compartilhada com duas das pessoas que ele mais ama no mundo.

Imagine quatro bebezinhos fofos confortavelmente acomodados em carrinhos de bebê. Agora, imagine três pais demasiadamente babões. Mais especificamente, imagine Plínio, Piolho e meu lindíssimo marido guiando esses carrinhos por lugares tranquilos e sombreados, cercados pelas cores e cheiros da aurora.

É o que eles fazem todas as manhãs, bem cedo, com Ana, Isa, Lipe e Luís, enquanto Suze, Malu e eu dormimos nosso merecido sono de beleza.

Trouxa é quem acredita nessa porra de “sono de beleza”! Ninguém fica bonita dormindo, colega! *No pain, no gain!* O jeito é madrugar para nos embelezarmos, porque é o único horário que temos completamente livre para nós mesmas. Suze, Malu e eu vamos juntinhas e lindas para a academia, todos os dias, bem cedinho, enquanto nossos maridos passeiam com as crianças.

Eles malham no final do dia. Max sai do escritório direto pra lá, e eu estou, muito aos poucos, deixando de ser neurótica e absurdamente possessiva. Só porque, infelizmente, não podemos malhar juntos (quem vai ficar com as meninas?). Então, por volta das seis e meia, tento não imaginar vadias cercando meu marido, embora saiba que é exatamente o que elas estão fazendo. Mas foda-se, ele é só meu.

Durante o dia, tenho me organizado para conseguir fazer algo produtivo entre as mamadas, banhos, trocas de fraldas e sonecas das gêmeas.

Aproveito cada folguinha para me dedicar ao meu segundo romance de época. Já finalizei o primeiro, revisei, registrei e enviei o original para a minha editora favorita.

Enfim, estou aguardando, bastante ansiosa, o retorno do departamento editorial. Enquanto isso não acontece, vou ocupando as brechinhas de tempo escrevendo, já que ainda é relativamente cedo para recomeçar a trabalhar fora.

Todo mundo da família já leu e releu minha primeira história. Estão todos lá. Inclusive o “chatão” do Matheus, que é filho de um visconde, não de um lacaio, embora Max tenha insistido nesse papo de colocar o menino para ser pobre em vez de nobre, sob o pretexto de que “vó Ercília amava essas histórias de amor impossível, vai vender que nem água, linda!”. Mas não sucumbi. Tenho planos de desenvolver a história dos dois assim que terminar a segunda, que estou escrevendo no momento.

No primeiro livro, as crianças foram cruelmente separadas pelo destino. Mas o terceiro começará com um lindo e inesperado reencontro entre o novo visconde, que terá se tornado um atraente rapaz de beleza exótica, e a bela filha do conde de Theloni. Sério, já tenho a porra toda em mente. Max e Plínio vão querer me matar (principalmente quando lerem os trechos eróticos! Risos eternos!).

O cretino me ajudou pra caralho a desenvolver minha primeiríssima história. O que seriam das cenas de sexo explosivas entre o duque de Fetcher e Lady Gutray sem a contribuição do meu gentil marido, que se ofereceu, espontaneamente, para testar comigo todas aquelas posições em lugares mirabolantes?

Sério, a confiabilidade é importantíssima para todo escritor! Os leitores precisam saber que têm em mãos algo confiável, crível, verossímil. As cenas de sexo precisam ser testadas, todas elas!

Como é que eu vou descrever algo que nunca fiz? Por isto o que eu escrevo parece tão real: é real, porra!

Só o que posso dizer é que as cenas picantes entre os protagonistas da minha história têm o “selo Olimax” de qualidade. Tudo testado e aprovadíssimo!

Vou dar um *minispoiler*, só pra você ficar com vontade de comprar, quando o livro for lançado: tem uma cena superpicante, que é a minha favorita.

É o seguinte: completamente dominados pelo tesão e pouco propensos a considerarem as consequências de tão lasciva conduta perante a alta sociedade, Lady Gutray e o duque de Fetcher transam em uma carruagem, estacionada em uma viela londrina, debaixo de chuva!

Ai, como Lady Gutray e o duque são devassos...

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Juro.

Max e eu alugamos uma carruagem para fazer o teste. Procuramos na Internet, e achamos um cara daqui que tinha uma relíquia dessas, comprada no Mercado Livre. Sério. Não estou brincando. Obviamente, não revelamos para que fins a queríamos. Dissemos que a usaríamos como objeto decorativo em um ensaio

fotográfico, só que acabamos protagonizando um filme pornô dentro dela (aluguem uma carruagem para transar, é só o que eu tenho a dizer sobre o feito).

Por favor, não contem aos meus leitores que o Devasso do livro é meu marido. Quero que eles pensem que imaginei tudinho, e não que eu sou uma filha da puta sortuda pra caralho que acorda todos os dias ao lado de um deus-diabo que ama transar em carruagens.

Não façam propaganda do meu homem! Para todos os efeitos, nunca tive um vizinho devasso, entenderam?

Estou no sexto capítulo da nova história, e já tenho os próximos programados em sinopses. Decidi fazer tudo organizadamente, e fui ordenando os acontecimentos e fazendo breves anotações sobre cada capítulo em fichas digitais. Tenho o livro todo estruturado para ir trabalhando aos poucos e com menos chances de empacar em algum ponto do enredo.

É um *spin-off* do meu primeiro livro, contando a história do melhor amigo do duque de Fetcher, o peculiar marquês de Lirazzi, que acaba, por uma razão bastante curiosa (não vou dar mais *spoilers*, não insista!), se tornando professor de italiano da jovem e lindíssima Lady Ferratto (também fiquem calados sobre eu conhecer o professor cabeludo e gostosão da minha segunda história, por favor!).

Vou ficar *ricaaaaaaaaaaaaa*! Prevejo rios de dinheiro quando eu ficar famosa! Alô, J.K. Rowling, estou chegando, colega!

Piolho e Maria Luísa amaram a sinopse do livro. Estão empolgadíssimos com a história e muito dispostos a financiar todos os custos da publicação do primeiro e desse segundo livro, caso eu não consiga uma editora que publique e distribua as obras sem custos.

Max mandou os dois irem se foder, porque, segundo ele, sou talentosa pra caralho, e é óbvio que, assim que as editoras me descobrirem, vão brigar no tapa para me publicarem.

O cretino é o meu maior incentivador e passou a ler romances de época e a se interessar pelo assunto só para se tornar meu *beta reader* (a propósito, ele acha Lady Gutray a melhor e mais irresistível heroína já criada, um comentário nada parcial, claro).

Fala sério, eu mereço um marido tão lindo?

Sim, porra, eu mereço, sim, lógico.

Enfim, obviamente, seria maravilhoso ter o apoio financeiro de Piolho e tal, mas vou tentar conseguir por meus próprios méritos. É tudo ou nada.

Se, depois de eu esgotar as possibilidades tradicionais, der tudo errado e ninguém quiser me publicar, vou chorar pra caralho enquanto me afogo em um balde inumanamente gigantesco de sorvete e panelas e panelas de brigadeiro.

Depois de limpar a cara e fungar meus catarros, vou me reerguer e decidir o que fazer da minha vida.

Se ou quando esse momento chegar, eu penso melhor a respeito.

Por ora, tudo está funcionando perfeitamente bem. A vida de casada, bonificada com a chegada das gêmeas, está perfeita, exceto pelas crises de ciúme que Max e eu temos às vezes, ou pelas manias ridículas e totalmente clichês que ele tem de jogar a porra da toalha molhada na cama e nunca abaixar o caralho do assento do vaso.

Sobre o último hábito, a justificativa dele é a seguinte: “por minha causa, você sempre precisa abaixar o assento, certo? E isso te incomoda, não é? Porque, naturalmente, você quer encontrar o vaso prontinho para fazer seu xixi em paz, correto? Senhorita Olívia, você sabia que eu acho uma merda ter que levantar o assento toda vez que eu quero mijar? Quando quiser que eu o deixe abaixado para você, deixe-o levantado para mim, minha linda”.

Sério, nunca se case com um advogado. É uma bosta.

Outra mania, ainda pior, que o ordinário tem é a de me irritar nos piores momentos, como quando eu quero quebrar aquela cara convencida e pretensamente inocente que ele faz ao me pirraçar por ter sido ridiculamente assediado por alguma piranha nas minhas fuças.

A pirraça geralmente começa no caminho para casa, e, enquanto eu fico puta, ele diz coisas como: “o que eu posso fazer, minha linda? Eu sou lindo, não tenho como mudar o fato”.

Tenho a ligeira impressão de que Max só faz isso porque sempre que fico furiosa e discutimos, nós transamos loucamente. Mais loucamente que o normal.

Ele é livre para sair sozinho ou com os amigos dele, claro. Mas, se estou junto, não deixo o filho da puta ficar zanzando sem minha escolta, muito menos quando ele está empurrando o carrinho das gêmeas.

Sério, consigo entender por que chovem vacas ao redor dele quando ele está travestido de paizão. Meu Deus do céu, o cretino consegue ficar ainda mais *tesudo*. Sério, acontece alguma porra demoníaca, porque ele fica impossivelmente gostoso. Uma coisa insana, sem brincadeira. A versão “pai” de Max consegue ganhar da supostamente invencível versão “não pai”. E o pior é que ele é pai de gêmeas, o que só deixa o visual ainda mais avassalador, o que é um absurdo, porra, porque minhas filhas não são acessórios!

Mas parece que são, já que as putas sempre ficam mais alvoroçadas, principalmente se as meninas estiverem no colo dele.

Vou contar da vez na fila do supermercado, que aconteceu esses dias (por que eu me casei com um homem projetado pelo Cão? É o que eu me pergunto diariamente).

Demos uma passada rápida, só para comprarmos algumas garrafas de vinho, porque estávamos indo jantar na casa de Plínio e Suze, juntamente com a família e agregados.

Já estávamos na fila quando eu me lembrei de que precisava comprar um pacote novo de lenços umedecidos. Deixei Max lá com as meninas e fui buscar.

Não demorei nem um minuto, juro! Mas, quando eu volto, o que eu encontro? Uma puta batendo altos papos com o meu marido!

E era bonita, porra! Alta, corpão e cabelão, bem no estilo do filho da mãe!

Virei um demônio! Subi nas tamancas e comecei a voar, tresloucada, até lá, feito uma arara doida. Mas eu ia pousar fina e elegante, fincando minhas garras nos olhos daquela galinha, porque detesto barraco. Juro.

— São tão lindas quanto o pai... — Ouvi, a alguns passos de distância, a vadia dizer (na verdade, foi praticamente uma leitura labial, mas pode confiar, foi o que ela disse).

Sério, eu ia desfigurar a cara daquela rapariga!

E o pior é que ela fingia observar minhas filhas no carrinho, mas estava era manjando o pau de Max! Eu vi, ela não tirava os olhos do meu pacotão gostoso!

— Deve ser difícil ser pai solteiro... — comentou, enrolando uma mecha do cabelo platinado no dedo.

“Pai solteiro” é meu pau no seu cu, sua vagabunda!

Por que elas sempre acham que ele é pai solteiro, caralho? Pelo amor de Deus, pais solteiros são comuns, mas nem tanto, porra!

Faz parte de um fetiche, só pode: um gostosão lindo, bem-sucedido e pai de duas garotinhas fofas foi cruelmente abandonado pela esposa insensível que fugiu com o amante vida louca. Tem também a versão do pai gatão que perdeu a esposa tragicamente em um acidente de carro.

Sério. Essas putas acham que a vida real é a porra de um livro, só isso justifica a ilusão delas de acreditarem que um homem como Max, carregando um par de bebês, é solteiro.

Acordem, piranhas, todo homem gostoso tem dona!

No caso, o meu estava de costas, e eu parei na metade do caminho, para ver o que o cretino ia responder à puta. Seria a prova de fogo.

Se Max flertasse com ela, eu pediria o divórcio ali mesmo. Sério. Venderia a casa rosa e iria morar do outro lado do mundo com as minhas filhas.

Só tolero o cretino por causa do tamanho do pau dele. Não se iluda com aquele rostinho esculpido, e não se deixe levar pela proeminência dos músculos ou pelo recheio da cueca dele. Max é insuportável, e eu mereço um prêmio por aturá-lo diariamente. Sério.

Eu nem o amo. Sério. Nem ia sofrer com a separação. Muito sério.

Já estava com vontade de chorar, imaginando o fim precoce do meu casamento, quando o vi levantar a mão esquerda, mostrar a aliança e dizer:

— Sou casado. E muito bem casado.

Fiquei completamente derretida, e precisei controlar a vontade de pular nele e beijá-lo todo.

Mas me recompus rapidinho e, fingindo não ter sacado nada, recomecei a me aproximar.

— Prontinho, lindo! — exclamei, colocando o pacote de lenços sobre a esteira.

Ele me puxou e plantou um selinho em meus lábios, e eu quis gritar “*turn down for what*” pra puta, mas fiquei na minha, porque sou uma mãe agora, preciso, mais que nunca, manter a compostura, afinal, estou amamentando, não posso ser presa.

Max não comentou nada sobre o assédio durante o trajeto até o condomínio de Plínio e Suze (ele só me pirraça quando me vê fulminando as quengas dando em cima dele).

E, obviamente, também não mencionei nada, por motivos de: ele não precisa saber que eu o testemunhei se comportando direitinho.

Nunca cometa o erro de parabenizar ou elogiar seu marido por ter se comportado como um homem casado, ou ele vai achar que fez algo especial, quando, na verdade, não fez mais que a porra da obrigação dele. Seria o fim do mundo se mulheres comessem a agradecer os homens pela fidelidade que eles prometeram no altar. Quem agradeceria o próprio marido por não flertar descaradamente por aí? Faça-me o favor!

Sério, se a coisa dos romances de época não deslanchar, vou fazer carreira escrevendo livros de autoajuda para mulheres recém-casadas. E o primeiro será: “Domesticando seu Devasso: aprenda a colocá-lo na linha”. Vai ser um sucesso.

Olívia Dutra Vetter nasceu pra brilhar, porra. De um jeito ou de outro.

Enfim, apesar de Max ter feito apenas o que devia, agindo de acordo com os votos que fez no dia do nosso casamento, senti vontade de mimá-lo um pouquinho, e decidi que não faria mal recompensá-lo.

“Olívia, você está caindo em contradição, sua louca!”.

Querida, vou escrever um *best-seller*, confie em mim. Você pode premiar seu marido sem que ele saiba por que está sendo premiado.

Por exemplo, mais tarde naquela noite, quando eu sugeri que ele comesse meu cu, coisa que ele adora, por razões que a Ciência jamais será capaz de explicar, Max Vetter não sabia o motivo da minha atípica cessão voluntária de orifício anal (libere, mas não dê demais o rabo, ou ele vai achar que é dono do seu cu). Mas isso fez com ele fosse trabalhar mais bem disposto no dia seguinte (ele

sempre fica mais bem-humorado quando come meu cu, é impressionante).

Ainda falando sobre crises de ciúme, as minhas são brandas se comparadas às de Max.

Voltei para a academia assim que pude reiniciar os exercícios e, no primeiro dia, antes de eu sair, ele manifestou sua contrariedade à permanência de Beto como meu personal. Queria porque queria que eu trocasse.

Aí vão alguns conselhos: não acostume mal o seu parceiro. Não ceda sempre aos caprichos dele. E, quando decidir ceder, *já* o faça de imediato.

Não tinha nada a ver! Os dois eram amigos. Max e eu éramos casados, Beto e Fabi eram namorados, e já estavam morando juntos, até. Pelo amor de Deus, não havia nenhum interesse escuso envolvido, de nenhuma das partes! Seria algo estritamente profissional.

— Por que não posso continuar com Beto, cretino? — indaguei.

— Você já quis sair com ele, Olívia! — Max justificou.

— Só pra te pirraçar, porra! — retruquei.

— Foda-se. Não. E ponto final.

Dei uma gargalhada.

— Max, querido, você não me dá ordens!

Ele expirou pesadamente, passando a mão no cabelo.

E, só porque ele ficava lindo fazendo aquela expressão frustrada, decidi dar a ele uma colher de chá.

— Tudo bem, vou trocar para... Paulo.

— Outro homem, porra? — ele perguntou, indignado.

— Arrá! Então o problema não é Beto! — observei.

— Não quero porra de macho nenhum passando a mão em você, caralho. — Ele fez uma pausa, mudou a expressão e abrandou o tom para pronunciar as palavras seguintes.

Quando eu digo que Max Vetter é uma criatura diabólica é porque é. Ele já sacou que, geralmente, quando faz uma carinha fofa e usa um tom de voz suave e carinhoso, consegue me dobrar.

— Linda, por favor... — pediu, afundando o rosto em meu pescoço.

— Nem adianta, Max... — avisei, me esforçando para não gemer.

— Eu imploro... — ele sussurrou em meu ouvido, subindo meu top e começando a acariciar meus peitos enquanto migrava a boca para a minha.

Filho da puta.

Resumo da história: por motivos de força maior (ai, que força bruta...), cheguei atrasada à academia, e Fabíola, minha nova *personal trainer*, quase comeu meu cu.

Mas juro que não deixo o cretino me ludibriar toda vez que ele quer alguma

coisa. E, além disso, sempre consigo o que quero quando coloco a boca naquele pau delicioso.

Minha boceta e o pau dele governam nossas ações, e não há nada que possamos fazer a respeito. Sério.

Lutar contra isso seria o mesmo que tentar tolher nossas altas doses de drama e infantilidade. Jamais daria certo.

Max e eu nos amamos tanto que sabemos que nossas crises de ciúme não têm sentido. Só gostamos de encenar o fim do mundo de vez em quando, porque somos dramáticos, possessivos e imaturos, e sei que é exatamente o que ainda seremos no fim da vida. Teremos ciúme de velhinhos e velhinhas tão caquéticos quanto nós dois, mas ele ainda será o cretino que me chama de “senhorita Olívia”, e estaremos confortavelmente aquecidos pelo amor lindo e puro que cultivamos em nossa juventude.

91. Filho de peixe, peixinho é

OLÍVIA

Acordo com a textura macia dos meus lábios preferidos percorrendo minha pele.

Ouço um estalinho no ombro, seguido por outro, e novos ruídos prazerosos aglomeram-se em minhas costas.

Remexo-me sobre os lençóis, deixando um suspiro deleitante cortar o ar.

— Bom dia, linda. — Ouço sua voz profunda e imponente no pé do ouvido enquanto suas mãos perpassam meu corpo e estacionam em minha bunda.

— Bom dia, cretino... — murmuro, sentindo sua ereção quente e pesada descansando sobre a minha pele.

Não consigo vê-lo, porque estou de bruços, e sonolenta demais para me virar, mas noto quando ele muda de posição, pousando os joelhos nas laterais do meu corpo e massageando minha bunda.

— Hummmm... — balbucio, despertada pelo tesão.

— A gente já devia estar de pé, preparando o café das crianças — ele diz, esparramando as pernas no colchão, subindo uma banda da minha bunda e cutucando minha entrada com o pau.

— Foda-se o café das crianças — respondo, movendo-me para fazê-lo entrar mais depressa.

Max desliza e me preenche de uma vez, por inteiro, espalmando as mãos em minha carne macia. Sinto a força de seus dedos contra a minha pele e a impetuosidade das arremetidas bruscas.

Ele está me comendo, e estamos gemendo, deliciosamente entregues à rapidinha matinal, quando ouvimos uma batida repentina à porta.

— Mamãe! Papai! Estamos atrasados! — É a voz de Ana.

— Porra — Max e eu rosnamos juntos.

— Ainda está cedo, Ana, vá dormir! — ele vocifera.

— Shhhh... Continua, cretino — imploro, e ele dá mais uma metida antes de sermos interrompidos novamente.

— Mas já são quase dez horas! — ela argumenta.

— Papai, Teo me mandou ir pra porra! — É a voz chorosa de Isa, sobrepondo a de Ana.

— Mandeí meu ovo! — Teo retruca.

— Caralho — Max e eu praguejamos em voz baixa.

— Vão se arrumar! Agora! — Eu dou um grito.

— A gente já tá pronto, tia! — Lipe exclama.

— Tem *mó* tempão, madrinha! — Luís completa.

— Desgraça — Max resmunga, saindo de dentro de mim.

Eu me viro, e, sentindo vontade de chorar de tristeza, miro o semblante irritado do meu marido.

— Eu tentei fazer com que eles ficassem no quarto, tio Max! — É a voz de Sofia.

— Tudo bem, a gente já vai sair, meu anjo — ele diz, tentando manter a voz natural.

E, então, inspirando e expirando profundamente, ele se levanta, sussurrando:

— Nas próximas férias, quem vai ficar com todos esses putos é a quenga maldita!

Caio na risada.

— Para de rir, porra.

Ele está realmente puto, então eu me levanto e o abraço para tentar acalmá-lo.

— É o último dia, lindo. As aulas voltam amanhã, e Piolho chega mais tarde. A gente deixa as crianças na casa dele pelo resto do ano letivo! — brinco.

— É exatamente o que vamos fazer — Max concorda, fingindo seriedade.

Um dia longe de Isa, Ana e Teo é capaz de enlouquecê-lo, mas, toda vez que um deles atrapalha uma foda nossa, o que, infelizmente, acontece com certa frequência, ele cogita enviá-los a um acampamento em Marte.

— Pode ir tomar banho, lindo. Vou preparar o café das crianças — falo, tentando me lembrar de onde a minha camisola foi parar na noite passada.

— Crianças? Minidemônios! Filhos do diabo! — ele reclama, caminhando até o short no meio do quarto.

— Bem, há três netos dele na casa — observo, e ele ri.

Depois de se vestir, Max se aproxima, beija minha testa e diz:

— Deixa que eu preparo o café, linda. Vai se arrumando.

Quando está com a mão na maçaneta, ele cochicha:

— Talvez eu coloque chumbinho nas panquecas.

Dou uma gargalhada.

— Você nem sabe fazer panquecas, Max Vetter!

Ele dá de ombros e, rindo, deixa o quarto.

Caminho até o banheiro e miro meu reflexo no enorme espelho acima da bancada de mármore.

Estou pateticamente velha e... Puta que pariu, isso é uma ruga, porra?

Inclino-me para ver melhor, e respiro aliviada quando vejo que é só uma

marca de lençol, e não uma ruga gigante fodendo meu rosto da idade de Cristo.

Max e eu estamos casados há oito anos, e eu ainda me impressiono com o quanto ele é lindo, e com o fato de que, aos trinta e seis, ele é ainda mais lindo que quando eu o conheci, aos vinte e sete. O filho da puta fica mais bonito a cada dia. Sério.

Tenho certeza de que o motivo é aquele que você já está imaginando: pacto. O que ele fez com o Cramunhão, meu sogro. Provavelmente, o mesmo pacto que Jennifer Aniston fez na época de *Friends*, para continuar sendo a Rachel para sempre.

Enquanto isso, pobres mortais como eu, sem ligações com o Mundo Inferior, só envelhecem e definham.

O que eu não daria para voltar à aparência dos vinte e quatro? Queria ter me imortalizado com aquela idade. Faltou o caralho de um vampiro na minha história.

Porra. Por que Max não é um chupador de pescoço? Ele teria me mordido, e eu teria vinte e quatro anos para sempre. E agora estaríamos felizes, belos, ricos e eternamente jovens.

Em vez disso, ele faz um pacto para ficar lindo, gostoso e ridiculamente irresistível para todo o sempre, e me deixa abandonada à crueldade dos janeiros.

Filho de uma puta arrombada.

Faço meu ritual matinal de cuidados com a pele, com produtos que custaram os olhos da minha cara, mas que, espero, equivalerão ao pacto demoníaco que Max fez.

Tomo banho, coloco um vestido cáqui e complemento com um blazer *off white*, porque o dia amanheceu meio frio.

Escolho um par de sandálias caramelo para combinar com a bolsa-carteira de *animal print* que comprei semana passada.

Faço uma maquiagem natural, que me deixa com cara de rica, e passo perfume, tomando cuidado para não exagerar.

Coloco alguns anéis, um brinco discreto e um maxicolar. Prendo o cabelo para valorizar os acessórios e miro meu reflexo no espelho de corpo inteiro do *closet*.

Ai, ai... Eu poderia ser uma blogueira de moda. Sério.

Então desço, linda, fina, *fashionista* e prontíssima para sair.

Estou ouvindo muitas risadas e gritos enquanto venço os degraus da escada, o que é um péssimo sinal.

Quando chego à cozinha, em vez de encontrar cinco crianças, uma adolescente e um adulto pacificamente sentados à mesa, comendo flocos de milho com leite e morangos, encontro uma manada alucinada, correndo e gritando para todo lado, e sou recebida com uma nuvem repentina de pó na

bochecha.

E, infelizmente, não estamos falando de pó translúcido nesse caso.

— Que. Porra. É. Essa. Max? — pergunto, passando a mão no rosto e encarando os dedos brancos.

O sorriso diabólico que anteriormente coroava sua expressão travessa desaparece, e ele congela, com um punhado de farinha na mão.

As crianças viram estátuas de sal, literalmente brancas. Os cabelos muito escuros de Isa e Ana estão grisalhos, assim como estão sujos os fios loiros de Teo, Luís, Sofia e Lipe.

Suze não teve sorte; o cabelo do caçula não escureceu. É tão loiro quanto o de Souf, que está cada dia mais linda e mais parecida com a mãe.

Sempre que Max e eu saímos com as gêmeas e os três meninos, as pessoas nos param para perguntar como conseguimos ter gêmeas e trigêmeos. A pergunta tem fundamento. Três garotinhos bonitos, mais ou menos da mesma altura e igualmente loiros são facilmente tidos como irmãos (honestamente, tenho medo do que esses meninos vão aprontar no futuro, porque, modéstia à parte, meu filho, meu sobrinho e meu afilhado são lindos!).

Pisco, observando o caos ao meu redor. Até a mesa, o chão e os armários estão enfarinhados.

— Linda — Max faz uma pausa, com uma mão erguida —, foi Teo quem começou! — Ele aponta para o garotinho muito loiro de sete anos, que, no caso, é nosso adorável filho encapetado.

Teo está com os olhos arregalados e a boquinha desenhada aberta, em choque. Expressão muito natural, claro, já que acabou de ser acusado pelo próprio pai sacana.

— Não fui eu, mãe! Eu juro! Foi... Ana! — Ele aponta propositadamente para Isa, fingindo confundir as irmãs.

Quando eu finalmente adquiri a habilidade de diferenciá-las levando em conta apenas a aparência física (dizem que toda mãe de gêmeos tem o dom de diferenciar os filhos de primeira, mas acho que isso é mito, porque não sou dessas), Ana já tinha idade e personalidade suficientes para se vestir e se portar de modo diametralmente oposto à irmã.

Hoje, qualquer pessoa que conheça as duas é capaz de diferenciá-las baseando-se na vestimenta. Mas, se estiverem usando roupas iguais, é impossível dizer quem é quem. Sério. Elas não têm nenhum sinal diferencial visível. Nenhuma pinta no rosto, nem manchinhas, cicatriz, nada.

Temos um jogo aqui em casa, que consiste em Ana e Isa ficarem trocando de roupa e posições para que Teo e eu façamos nossos típicos papéis de trouxas ao tentar distingui-las. Só o puto do Max acerta todas as vezes. Ele tem um segredo.

Mas o desgraçado nunca me conta. Já revirei minhas filhas ao avesso para descobrir o que ele vê que eu não vejo, mas não obtive êxito. Não sei como ele consegue. Só pode ter roubado o dom que era para ter sido meu!

Enfim, felizmente, Ana e Isa facilitam nossas vidas usando roupas bastante distintas. Então, quando Teo aponta de propósito para a irmã de vestido rosa, fingindo confundi-la com a irmã de short e camiseta, Isa se limita a revirar os olhos.

— Não fui eu, mamãe! Foi Lipe!

— Mentira! Foi a chata da Sofia! — Lipe se defende.

— Para de mentir, palhaço! — Souf dá um tapa na cabeça do irmão. — Foi Luisão, tia Liv!

— Não fui eu, madrinha! Foi... Ninguém. Ninguém mesmo. — Meu afilhado faz uma carinha que conheço bem.

Ele está, como sempre, protegendo Ana. E Max está, como sempre, estreitando os olhos.

— Fui eu, mamãe. — Como esperado, minha filha confessa. — Eu queria comer bolinho de caneca. Daí, eu dei a ideia a papai, e ele disse que não sabia fazer porra de bolinho de caneca. Aí, eu falei que a gente podia ver a receita na Internet. Aí, ele falou que ia dar tudo errado, igual da vez que a gente tentou fazer *brownie* de madrugada, escondidos da senhora. Aí, a gente pediu “por favor, papai!”, e ele disse que a gente ia acabar se fodendo, mas pegou a farinha. Aí, Luís foi e me disse uma coisa tosca, eu ri e peguei um pouco de farinha pra sujar o nariz dele, mas peguei muita, e, sem querer, fiz isso. — Ela indica o rosto branco de Luís. — Então, ele ficou nervosinho e tentou me sujar também. Mas eu abaixei, e ele sujou Teo. Aí, Teo pegou um punhadão e tentou sujar Luís, mas acabou sujando papai, que sujou Lipe, que sujou Isa, que sujou Luís de novo, que sujou Sofia... E, então, a gente começou a brincar de guerrinha. Foi isso.

Ela me olha com cautela, as mãozinhas para trás, o corpinho magro balançando-se com embaraço.

— Parabéns, minha linda! Explicou tudo direitinho. — Max a pega no colo. — Não se preocupa — isso ele sussurra no ouvido dela, de modo que eu também possa ouvir —, papai te protege da fúria da mamãe. — Então a abraça apertado, e ela começa a rir.

— E quem vai te proteger da minha fúria, Vetter? — pergunto, erguendo uma sobrancelha desafiadora.

Teo gargalha, aparentemente se esquecendo da janelinha frontal que ele insiste em esconder, para não ser zoad o tempo inteiro por Lipe ou Luís.

— Se fodeu, pai!

— Olha a boca, filho da puta! — Max recrimina, usando o clássico modo

Vetter de recriminação filial.

— Deixa que eu te protejo, meu lindo! — Ana enlaça o pescoço do pai e o beija na bochecha.

— Eu também te protejo, papai! — Isa corre e enlaça as pernas dele.

Max me lança um olhar triunfante, e um sorriso presunçoso entorta seus lábios.

Eu mereço esse marido cretino e essas filhas traíras? Cúmplices, é isso o que eles são. Estou só esperando a adolescência delas chegar para poder me vingar. Quando elas começarem a ter *crushes*, só vão querer saber de mim e das nossas confidências e segredinhos. Então eu, petulantemente, direi na fuça de Max: “parece que o jogo virou, não é mesmo?”.

— Eu te ajudo contra eles, mãe! — Teo, meu minicretino-herói, me abraça, e eu lanço um olhar vitorioso ao cretino-pai.

— São três contra dois, linda — ele observa, abrindo o típico sorrisinho convencido.

— Não se preocupa, mãe! Eu sou o Hulk! — Teo ergue os bracinhos, mostrando os muques imaginários.

— Ai, que lindo! Que corajoso e forte que é o meu bebê! — Puxo seu rostinho simétrico, inclino o corpo e beijo suas bochechas cobertas de farinha de trigo.

— Bebezão! — Lipe cai na risada.

— Quer chupeta, Teozona? — Luís zoa, e eu espero que ele não entenda, com tão pouca idade, o sentido mais obsceno da zoeira.

Mas, sendo filho de quem é, eu não ficaria de todo surpresa se ele soubesse.

— Chupa minha bengala! — Teo responde, e eu arregalo os olhos, chocada.

— Pega na minha e balance! — Luís revida.

Max dá uma gargalhada, e eu fico mais chocada ainda. Ele fita minha expressão alarmada e ri como se estivesse morrendo.

— Vão tomar banho! Agora! — ordeno.

— Mas a gente já tomou! É só limpar a cara, mãe! — Teo argumenta, passando as mãos no rosto.

— Agora, Teo Vetter. Toma banho direito, tira essa bermuda, coloca uma calça e uma blusa de frio.

— Mas, mãe, não tá fazendo fr... — ele tenta retrucar, mas uso meu olhar que não dá brecha para mais um pio, e ele se cala.

— Tá bom... — Começa a andar, e é seguido pelos demais.

Quando ouço os passos das crianças na escada, fito a cara deslavada e suja de farinha de Max.

— Max, ele tem sete anos, porra! Como é que você ensina esse tipo de coisa a um garoto de sete anos?

Ele dá uma risada e, enquanto alcança um pano de prato e o esfrega no rosto, diz:

— Moleques falam esse tipo de coisa, linda.

— Vão dizer na escola que ele não tem mãe, caralho! E que o pai só ensina merda! Então virão os assistentes sociais e o levarão!

Ele dá uma gargalhada.

— Te amo, linda — diz, rindo.

— Estou falando sério, porra!

— Em minha defesa, não fui eu quem ensinou.

— Meu pau que não foi, Vetter! E ele aprendeu com quem? Com o Papa?

— Longe disso. Piolho — ele responde, aproximando-se e tirando o excesso de farinha da minha bochecha.

Faço uma cara de quem não está caindo no papo.

— Foi com a quenga que ele aprendeu, porra. A gente tinha que ter escolhido outro padrinho pra Teo. Olha aí, agora o menino aprende esse tipo de coisa. — Ele faz uma expressão pretensamente séria, atirando o pano de prato na bancada.

— Ah, que lindo... — ironizo. — Falou o santo do pau oco!

— Pau oco de cu é rola! Dá uma conferida aqui, no meu pauzão recheado. — Max pressiona o corpo contra o meu.

— Sai, cretino... — Tento empurrá-lo, prendendo o riso.

Ele agarra minha cintura e me senta em cima da mesa, posicionando-se entre as minhas pernas.

— Max... — murmuro, já completamente excitada.

— Oi, senhorita Olívia? — responde, beijando meu pescoço enquanto sobe o vestido pelas minhas coxas.

— Você estragou minha maquiagem, filho da puta, não quero nada com você.

— Nada? — pergunta, com um falso tom magoado. — Mas eu queria tanto terminar o que começamos lá em cima... — Agora ele está fazendo uma carinha diabólica enquanto desce o elástico do short e puxa o pau para fora.

Mordo o lábio ao visualizar aquela monstruosidade ereta.

Ele se aproxima um pouco mais e puxa o decote do meu vestido, colocando meus peitos para fora.

Mergulho os dedos em sua nuca quando a língua quente e macia enrodilha meu mamilo, permitindo que meus sons ecoem pelas paredes da nossa cozinha.

Sua mão acaricia o outro mamilo intumescido, provocando correntes elétricas e subcutâneas que partem dos pontos que ele toca para se ramificarem pelo meu corpo.

Apalpando os dois, Max sobe a cabeça e confisca meus lábios, apoderando-se da minha língua enquanto afasta minha calcinha.

O contato de seus dedos incendeia minha pele e provoca um tsunami em sua mão.

— Gostosa... — ele sussurra em minha boca, puxando meu lábio ao espalhar a umidade pelo meu clitóris.

Gemo, abro mais as pernas, ansiando por ele, e Max se enfia lentamente, gemendo junto comigo.

Logo está estocando, puxando meu cabelo com uma mão enquanto nossas bocas colidem e minhas unhas agarram suas costas nuas.

Quando apoio as mãos na mesa ele segura minhas coxas e continua metendo, fissurado no balanço dos meus peitos, que dançam fora do vestido com as investidas impiedosas.

Enlaço sua cintura com as pernas, e ele passa a usar meus peitos como apoio.

O aperto de seus dedos, a visão de seu tórax dourado e musculoso e a intensidade das metidas funcionam como o combo perfeito para me fazer gozar insanamente rápido.

Minhas paredes internas ainda estão massageando seu pau quando ele começa a gemer alto junto comigo.

— Puta que pariu, porra, quase não aguento esperar, caralho — diz, arfante, com o corpo curvado sobre o meu.

Dou uma risada, deslizando os dedos na fina camada de suor em seu peitoral.

— Te amo, cretino — falo, mirando seus olhos.

Ele abre meu sorriso favorito, captura minha nuca e, unificando nossas cabeças, diz:

— Te amo, minha linda.

MAX

Estou no shopping com Teo, Ana, Lipe e Luís.

Após tomarmos um café da manhã tardio com todo mundo, nós nos dividimos para jogar fliperama enquanto Olívia, Isa e Sofia iam ao cinema.

Depois, andamos de *kart*, e agora estamos na loja de brinquedos onde, anos atrás, em um sábado ensolarado, Olívia e eu viemos comprar um palhaço para Sofia. Marcamos de nos encontrar aqui.

— Papai! Papai! *Papaaaaai!* Eu quero um desse! Por favor, por favor, por favor, meu lindo! — Ana está implorando, abraçando minha perna.

O vendedor acabou de descrever as mil e uma funções do controle remoto do

carrinho.

— Eu também! Eu também quero, pai! É foda pra caralho! — Teo engrossa o coro, atento à caixa do 4x4 de brinquedo.

— Olha como que é massa, tio! — Lipe vibra.

— É muito da hora, padrinho! — Luís exclama.

— Esse é o mais foda de todos, seus putos! — eu digo, animado, às crianças.

— Olha que irado, Ana! Olha essas rodinhas! — Luisão pressiona o dedo na área transparente da caixa.

Ana se aproxima para ver melhor, com os olhos brilhando de contentamento.

— A gente pode brincar de corridinha, Lu! Lá na fazenda! — Ela dá pulos de entusiasmo.

A franja espessa sobe e desce, acariciando sua testa. Os fios escuros de seu cabelo flutuam e pousam sobre as mangas da camiseta da Miss Marvel.

— Vai ser *mó* louco! Tipo Fórmula 1, maluco! — Luís brada.

— Cada um escolhe uma cor, pra gente saber quem é quem na hora da corrida! — Lipe sugere, e eles concordam enfaticamente com a cabeça.

— Vou ficar com o pretão! — Os quatro alardeiam ao mesmo tempo.

— Nem fodendo! O pretão é meu! — Ana bate o pé.

— Que mané seu! Eu que quero o pretão! — Luís reclama.

— Eu que quero! É o mais massa! — Lipe afirma.

— Vão se foder! O pretão é meu! — Teo insiste.

— Não viaja, Teozona! — Luís retruca.

— Pau no seu cu, Luisona! — Meu filho exclama.

— No seu, que é mais azul! — Meu afilhado devolve.

— No seu, que cabem dois metros de bambu! — Teo revida.

Olívia aparece de repente no corredor, ao lado de Isa e Sofia, e me lança um olhar recriminador.

— Teo — paro de rir e faço minha voz de pai severo —, olha o palavreado, porra!

Minha linda esposa me encara e meneia a cabeça em reprovação, mas percebo o esboço de riso em seus rosados lábios carnudos.

— Por que eles estão brigando, cretino? — indaga, aproximando-se.

— Todos querem o pretão, linda. — Indico o carrinho na prateleira.

— Eu que vou ficar com ele, né, pai? — Teo fixa os olhos esverdeados nos meus.

— Eu que vou, né, papai? — Ana suplica, com as íris brilhando feito mercúrio.

— Eu que vou, porque sou o sobrinho favorito do meu tio favorito! — Lipe brada.

— Seu sonho, Felipe. — Sofia interfere. — Eu que sou a sobrinha favorita, né, tio Max? — Ela me abraça.

— Claro, meu anjo. — Beijo sua cabeça, e ela mostra a língua ao irmão.

— Porra, tio Max! — Lipe reclama.

— Se fodeu, seu lambe-cu! — Teo dá uma risada.

— Vai, vacilão! — Luís dá um tapa na cabeça dele. — Eu que vou ficar com o pretão, porque sou afilhado do melhor padrinho do mundo!

— Só tem lambe-cu nessa família? — Teo pergunta retoricamente. — Já que é assim, eu que vou! Porque sou o filho preferido do meu pai, que é o pai mais pica do mundo!

Dou uma risada enquanto bagunço o cabelo dele.

Ana se manifesta com uma gargalhada.

— Coitado! A preferida sou eu, cretino!

— Deixem de ser iludidos! Papai gosta mais de mim! — Isa rebate.

— Resolve essa, papai! — Olívia ri.

— Me ajuda, porra — sussurro, e ela gargalha.

— Teo é o favorito de tia Liv, e Ana é a favorita de tio Max, todo mundo sabe. Morro de dó de você, Isa. — Lipe cai na risada.

— Ai, como você é engraçado, Felipe... — ela ironiza.

— E tapado — Ana completa. — Eu sou a favorita de papai, Isa é a de mamãe, e Teo foi achado no lixo.

Olívia e eu reprimimos a risada enquanto as crianças, exceto Teo, morrem de rir.

— Ana — Olívia diz, prendendo os lábios para não deixar o riso escapar —, peça desculpas ao seu irmão.

Minha filha mais velha solta um suspiro derrotado.

— Desculpa, cretino — pede, revirando os olhos.

Como sempre, fico impressionado com o quanto o gesto é igual ao de Olívia.

As duas são idênticas à mãe, assim como Teo é muito parecido comigo. Exceto pelo olhos. As gêmeas têm os meus olhos, mas ele herdou os de Olívia.

Quando o assunto vem à tona, Piolho costuma mencionar Harry Potter, que, segundo ele, é sempre descrito como muito parecido com o pai, à exceção dos olhos maternos.

Teo dá de ombros diante do pedido de desculpas da irmã e infla o peito para dizer:

— Ainda bem que eu não sou cópia de ninguém. Não tenho um clone. Sou único. E lindo.

Meu filho abre um sorriso enviesado, e é como se eu estivesse me vendo no espelho, aos sete anos.

Decido não desiludi-lo e lembrá-lo de que ele se parece tanto comigo que Lili o chama de “Leo” de vez em quando, referindo-se ao cara clonado de uma novela.

Outra hipótese aventada é que Teo sou eu, vindo direto do passado. Ela passou a acreditar em buracos de minhoca, universos paralelos e máquinas do tempo desde que ele nasceu, no dia do primeiro aniversário de Luís e pouco mais de um ano depois do nascimento das gêmeas.

Apesar do curto espaço de tempo entre as gestações, ele foi planejado. Tão logo Olívia assinou o primeiro contrato com uma editora grande, que demonstrou interesse de cara por outros livros da série, tivemos a primeira conversa sobre aproveitar o embalo e ter logo nosso terceiro e último filho.

Eu queria muito ter um menino, e queria que ele não fosse tão mais novo que Lipe e Luís, porque o ideal era que os três crescessem juntos.

Então, quando, finalmente, consegui convencer Olívia, nós providenciamos Teo, em uma noite chuvosa, enquanto as gêmeas dormiam tranquilamente no quarto ao lado.

Pesquisamos uma porrada de coisas que podiam interferir no sexo do bebê e, mito ou não, no dia do ultrassom decisivo, eu não confundi um braço com um pinto. Tinha mesmo um superpinto lá, porra!

Foi duro cuidar de três bebês ao mesmo tempo, mas optamos por passar por isso de uma vez só. Assim, nossos filhos cresceriam simultaneamente, e lidaríamos com as crianças enquanto tínhamos pique para isso.

Teo entrou na escola mais cedo, para acompanhar as irmãs, Lipe e Luís. É como se os quatro tivessem a mesma idade, e a diferença, já irrisória, será ainda mais imperceptível no futuro.

— *Cê é fei* que dói, Teozona. Só madrinha te acha bonito. — Luisão ri, caçoando do autoelogio de Teo.

Meu afilhado se parece tanto com Piolho quanto meu filho se parece comigo. A diferença é que Luisão, além de ser loiro como Malu, não tem um cabelão.

Isso deixa a quenga frustrada pra caralho, mas nada faz com que o filho dele queira deixar o cabelo crescer, o que, devido ao *bullying* que os meninos de cabelo comprido costumam sofrer na escola, é justificável.

A esperança de Piolho é que Luís mude de ideia futuramente. De preferência, assim que começar a fazer academia, para adquirir o “*shape* do Piolhão”.

— Ele é o bebezinho lindo e convencido da mamãe! Meu minicretino! — Olívia puxa nosso caçula e o abraça, beijando a bochecha dele. — Olha que deusinho grego, *modezo*!

— Ah, mãe... — Teo reclama, fingindo não gostar. Mas a verdade é que o puto adora os beijos e abraços dela.

E quem não gosta, porra?

E Olívia adora mimá-lo e tratá-lo como se ele fosse um rei, o que, confesso, às vezes me deixa meio enciumado.

Foda-se! Pelo menos eu tenho colhões para confessar que sinto ciúme do meu filho de sete anos!

Porra, como isso soa ridículo, caralho...

De todo jeito, não posso permitir que ela o mime demais. Então, sempre preciso podá-lo.

— Peça desculpas às suas irmãs, Teo — exijo.

— Por quê? — ele pergunta, indignado.

Limito-me a lançar um olhar que diz “você sabe muito bem por quê”.

— Tá bom... Desculpa, Ana. Desculpa, Isa. Vocês não são cópias. Nem clones. Mas só estou pedindo desculpas porque meu pai mandou, eu gostaria de esclarecer. — Isso ele sussurra.

E eu não consigo ficar puto, mesmo sabendo que deveria.

Ele é esperto pra caralho. Ninguém diz que tem só sete anos. O puto é um sacana, e eu nunca consigo ficar realmente irritado com Teo, porque ele sempre diz algo espirituoso que dissipa minha irritação.

Pouco depois, o vendedor me acompanha até o estacionamento, onde guardo as quatro caixas grandes contendo carrinhos pretos idênticos, porque ninguém quis abrir mão do mais foda, e eu tive a brilhante ideia de sugerir que eles usassem bandeiras coloridas para identificar os carrinhos na hora da corrida.

Quando volto, as crianças ainda estão animadas, escolhendo as cores das bandeiras e planejando a competição, os obstáculos e a porra toda enquanto Isa escolhe uma boneca.

Em termos de traquinagens, ela é nossa única filha tranquila. Nunca quebrou um braço, por exemplo. Ana e Teo, por outro lado, herdaram meu talento para aprontar. Disputam arduamente qual dos dois vai matar Olívia do coração primeiro.

Todas as vezes que passamos uns dias na fazenda, um deles volta com um membro fraturado, ou, quando temos sorte, com uma luxação ou hematoma gigante.

Os putos e eu decidimos, há alguns anos, morar no mesmo condomínio. Desde então, tem sido ainda mais complicado, porque Lipe e Luís não são, exatamente, dois anjos.

Olívia e eu alugamos a casa para Tito, onde ele mora com Larissa. Os dois optaram por não se casarem, o que faz com que algo pareça errado no mundo. Como eu posso ser um sujeito legalmente casado, pai de três filhos, enquanto Tito mora com a namorada há mais de seis anos e não planeja ter filhos?

O casal, quando não está trabalhando, está viajando. Toda a pequena fortuna que eles ganham mensalmente é investida em viagens internacionais. Eles têm o plano de conhecer o mundo inteiro e, neste momento, Tito e Lari estão na Irlanda, visitando Ícaro e Artur, que residem em Dublin há anos.

Quando Artur recebeu uma proposta de emprego irrecusável depois de uma empresa irlandesa se interessar por seu portfólio on-line, Ícaro decidiu se mudar com o namorado, e atualmente leciona balé na *Dublin Dance Centre & Gymnastics*.

— Mamãe, olha essa bonequinha que linda! É uma sereinha! — Isa está dizendo, mostrando uma boneca de cabelo lilás e cauda esverdeada na prateleira.

— Muito linda, filha. Mas olha essa! Tem asinhas furta-cor! — Olívia mostra a caixa ao lado da sereia.

— Essa é mais bonita, Isa! A fadinha de cabelinho rosa! — Souf opina.

Apesar de já ter parado de brincar de boneca há um bom tempo, ela ainda brinca com Isa, já que Ana prefere jogar vídeo game ou futebol com os meninos a montar casinhas e brincar de “hora do chá” com a irmã.

Sofia está quase completando quinze anos, e eu não preciso dizer que a festa está sendo planejada há séculos por Suze. Pensar no dia da porra do aniversário me deixa preocupado pra caralho, e eu nem preciso dizer o motivo.

Gosto de vê-la brincando de boneca com Isa, porque ainda a vejo como minha Souf, e, nesses momentos, posso fingir que ela nunca vai crescer.

— Qual você acha mais bonitinha, papai? — Isa me pergunta de repente, com uma sereia numa mão e o que deve ser uma fada na outra.

— Nenhuma, minha linda. Porque nenhuma tem o cabelo tão bonito quanto o mais brilhante de todos — falo, deslizando os dedos por seu cabelo liso e sedoso.

Um sorriso assoma em seus lábios desenhados.

— Mas eu queria ter um cabelinho assim, bem rosinha... — Ela alisa o cabelo da boneca. — Ou então dessa cor... — Olha para o cabelo da outra. — Eu queria *muitudo* as duas... — Retorce os lábios e olha de mim para Olívia, tentando nos hipnotizar com os enormes olhos acinzentados e esperançosos.

Miro sua expressão suplicante, emoldurada pela franja escura e pelos fios azulados que descem e roçam as mangas do vestido cor-de-rosa.

— Isa, seu aniversário já passou, sabia? — Olívia argumenta.

— Eu sei, mamãe. Mas é que elas são tão bonitinhas... Olha esses brilhinhos...

— Papai compra as duas, minha linda — falo, e ela solta um gritinho contente, me abraçando apertado.

Não encaro a expressão de Olívia, porque sei que ela está me fuzilando e sei que ela vai discursar eternamente quando estivermos a sós.

Já tivemos essa conversa várias vezes. Ela diz que precisamos ser pais

conscientes, e que devemos sempre forçar nossos filhos a escolherem entre uma coisa e outra toda vez que eles quiserem as duas, principalmente se não for Natal, dia das crianças ou o aniversário deles. Segundo ela, crianças precisam ter noção do valor das coisas para aprenderem a valorizá-las.

E eu concordo, mas é difícil pra caralho resistir às carinhas de pobres-coitados que eles fazem quando querem algo, porra. Os putos sabem atuar. E é o motivo pelo qual Olívia e eu estamos evitando frequentar lojas de brinquedos com eles em datas não comemorativas. Hoje foi uma exceção.

Depois de sairmos de lá, fomos para a praça de alimentação, onde nos encontraríamos com a quenga para almoçar.

OLÍVIA

Piolho e Malu tinham chegado da Grécia, depois de passarem algumas semanas de férias nas idílicas ilhas gregas.

As redes sociais dos dois estavam abarrotadas de fotos maravilhosas, onde se viam as praias de areia negra de Santorini, as águas cristalinas das praias de Mykonos e as montanhas impressionantes e o mar turquesa de Creta.

Luís ficou conosco, e a pequena Luma ficou na casa dos avós, aos cuidados de Leda e Luigi na primeira semana, e sendo paparicada por Lutero e Ada na segunda.

Quando avista os pais, Luís se levanta de imediato, largando as batatas fritas no prato para fazer o que qualquer criança faria naquelas circunstâncias.

— Mãããããããããããe! — Ele corre até eles e quase derruba Malu com o abraço.

— Ai, que saudade do meu filhote! — Ela o abraça apertado e salpica seu rosto de beijos.

— Olha que filhinho da mamãezinha, Lipe! — Teo cai na risada observando a cena, e o primo o acompanha.

— Olha que sacana, porra. — Max comenta ao meu lado, divertindo-se com o fato de que Teo nunca perde uma oportunidade de zoar.

Às vezes, quando fico cheia de chamego com meu caçulinha, chamando-o de coisas como “reizinho da minha vida”, Max fica meio enciumadinho, o que eu acho a coisa mais fofa e engraçada do mundo, mas ele morre de orgulho do nosso filho. Os dois são tão parecidos (e não apenas fisicamente) que, se Teo não tivesse nascido com os meus olhos, eu poderia pensar que não tive participação

alguma na concepção. Honestamente, se eu não o tivesse visto saindo da minha xana (sim, passei por todo aquele sofrimento de novo. Mas foi bem mais rápido da segunda vez, graças a Deus!), acharia que Max o gerou nas bolas.

— Ele teve a quem puxar, Vetter — cochicho, e ele ri.

— *Cê também tem um pai e uma irmã, Luisão!* — Piolho reclama, com Luma no colo.

Minha afilhada é muito fofa, e tenho orgulho em dizer que o nome dela foi genialmente escolhido por mim, que tive a brilhante ideia de inverter as sílabas do apelido de Maria Luísa.

— Pai! Foi mal! Eu te amo! — Luís se desvencilha da mãe e abraça o pai com força.

— Também te amo, filhão! — Piolho responde, abraçando o filho.

— Lu! Lu! Lu! — Luminha chama, erguendo os bracinhos para o irmão, que a pega no colo.

— *Cê tá mó pesada, Lulu!* — ele diz, abraçando-a contra o próprio corpinho magro e infantil. — *Tava com saudade do seu mano?* — pergunta, beijando-a na bochecha.

Com uma carinha sapeca, ela faz que não enfaticamente com a cabeça, e todo mundo ri.

Então, abre um sorrisinho e sussurra, enlaçando o pescoço dele:

— *Tavo.*

— Ai, que linda! — exclamo, alto demais.

— Liv! — Quando se dá conta da nossa presença, Malu caminha, saltitante, para me abraçar.

Ela está maravilhosamente bronzada, e o cabelo cheio de ondas cai sobre os ombros cobertos pelas mangas do vestido azul celeste.

— Você está linda, porra!

Estou abraçando-a e ouvindo Piolho berrar, para a praça de alimentação inteira ouvir:

— Minha quenga! Tô morto de saudade do seu cu, meu alemão gostoso!

— Fala, minha puta safada! Deu muito esse rabo pros gregos e troianos, sua arrombada?

Então os dois se abraçam, rindo e se socando.

Sério, Max e Piolho nos fazem pagar alguns micos, como agora, mas a amizade dos dois é a coisa mais linda que eu já vi. Espero muito que Teo e Luís sejam assim um dia.

Pouco depois, enquanto as crianças comem alegremente na mesa ao lado, nós quatro almoçamos juntos, conversando sobre a viagem.

Embora viagem com frequência — Piolho por causa da Guerratto, e Malu

porque está trabalhando com o pai na Forcatto —, os dois dificilmente conseguem viajar juntos e sozinhos, como dessa vez.

Todas as viagens a lazer que fazem envolvem as crianças e, na maioria das vezes, todos nós, porque, geralmente, passamos as férias juntos.

Tem sido uma bela vida. Estou realizada profissionalmente, tenho três filhos lindos, um marido maravilhoso, uma família unida e amigos para a vida toda.

Depois do almoço, tenho uma imagem mental perfeita das casas brancas de Santorini, dos pores-do-sol magníficos que Maria Luísa mencionou e de todos os aromas mediterrâneos que ela tentou descrever.

No caminho para o estacionamento, passamos diante de uma livraria, e Malu comenta que precisa comprar livros infantis novos para Luma, porque ela já está enjoada das historinhas de dormir.

Assim que entramos, avisto meu livro recém-lançado na prateleira de mais vendidos. Ao lado, repousa um exemplar da minha primeira história, que já foi traduzida para vários idiomas, inclusive alemão.

A primeira vez que pisei no país dos antepassados de Max foi para um evento literário, abarrotado de pessoas apaixonadas por Lady Gutray e pelo duque de Fetcher.

Como sempre acontece toda vez que entro em uma livraria, não consigo acreditar que as palavras que eu escrevi estão ali, protegidas pela capa bonita que me encara, grata pelo lugar de destaque.

Enquanto todos se dispersam pelos corredores espaçosos do lugar, caminho até o primeiro livro que escrevi, meu eterno preferido, e abro na página da dedicatória:

Para o meu cretino favorito.

Sinto os lábios de Max no alto da minha cabeça quando fecho o livro e acaricio as letras do título:

O DEVASSO MORA AO LADO

EPÍLOGO

Ele vinha em minha direção, passando pela porta da frente e tudo! Fiquei olhando, feito idiota, secando o gostosão na cara dura.

Mas, em minha defesa, aquele não era o Matheus Miyake que eu conhecia. Sério. Não tinha como aquele maxilar ser dele. Nem o nariz reto e perfeito ou os incríveis olhos verde-azulados e puxados. Muito menos aquela boca cheia e desenhada.

E o pescoço esculpido, rodeado pelo estetoscópio, que repousava perfeitamente sobre a proeminência daqueles ombros largos? Certeza de que nem o pescoço nem o estetoscópio nem os ombros eram reais. As feições espantosamente másculas e muito simétricas não podiam pertencer ao meu ex-colega insuportável. Eu estava sonhando!

Por favor, acorda, Sofia!

Juro que tentei resistir, mas não consegui. Baixei os olhos e manjei o pacote do chatão. Foi uma péssima ideia, porque, quando ele atravessou a porta e me cumprimentou, eu estava sem fala.

PLAYLIST DO LIVRO

- 1) *Fuck You* — Lily Allen
- 2) *Run The World (Girls)* — Beyoncé
- 3) *Back in Black* — AC/DC
- 4) *T.N.T.* — AC/DC
- 5) *Thunderstruck* — AC/DC
- 6) *Revelry* — Kings of Leon
- 7) *Sex On Fire* — Kings of Leon
- 8) *Sweet Child O' Mine* — Guns N' Roses
- 9) *Wonderwall* — Oasis
- 10) *Elastic Heart* — Sia
- 11) *The End* — Kings of Leon
- 12) *I'm Yours* — Jason Mraz
- 13) *Big Girls Cry* — Sia
- 14) *Alive* — Sia
- 15) *Fire Meet Gasoline* — Sia
- 16) *Say You Love Me* — Jessie Ware
- 17) *Volta Pra Mim* — Roupas Nova
- 18) *Me Namora* — Edu Ribeiro e Banda Cativeteiro
- 19) *Sad* — Maroon 5
- 20) *Tu Me Ama Porque Tu Me Mama* — Mc G7 e Mr. Catra
- 21) *Eu Esqueci Você* — Clarice Falcão
- 22) *Beauty And The Beast* — Céline Dion e Peabo Bryson
- 23) *Till I'm Old And Gray* — Tiago Iorc
- 24) *Coisa Linda* — Tiago Iorc
- 25) *Cataflor* — Tiago Iorc
- 26) *Fred Astaire* — Clarice Falcão
- 27) *What A Wonderful World* — Louis Armstrong
- 28) *Bohemian Rhapsody* — Queen
- 29) *Don't Stop Me Now* — Queen
- 30) *Another One Bites The Dust* — Queen
- 31) *A Kind Of Magic* — Queen
- 32) *Let's Spend The Night Together* — The Rolling Stones
- 33) *Banho de Piscina* — Clarice Falcão

- 34) Romance Ideal — Os Paralamas do Sucesso
- 35) Saber Amar — Os Paralamas do Sucesso
- 36) Eu Confesso — Os Paralamas do Sucesso
- 37) *Kiss Me* — Ed Sheeran
- 38) *Trying Not To Love You* — Nickelback
- 39) *Far Away* — Nickelback
- 40) *Never Gonna Be Alone* — Nickelback
- 41) *Here Without You* — 3 Doors Down
- 42) *With Arms Wide Open* — Creed
- 43) *My Sacrifice* — Creed
- 44) *One Last Breath* — Creed
- 45) *Do I Wanna Know?* — Arctic Monkeys
- 46) *Otherside* — Red Hot Chili Peppers
- 47) *Take Me Away* — Lifehouse
- 48) *Chandelier* — Sia
- 49) *Honey Bee* — Blake Shelton
- 50) Minueto de Bach
- 51) Minueto de Boccherini
- 52) Ode à Alegria
- 53) Marcha Nupcial
- 54) *Love Of My Life* — Queen
- 55) *All Of My Love* — Led Zeppelin
- 56) *Here, There And Everywhere* — Beatles
- 57) *She's Like The Wind* — Patrick Swayze
- 58) *Thank You For Loving Me* — Bon Jovi
- 59) *Fly Away From Here* — Aerosmith
- 60) *You And Me* — Lifehouse
- 61) *Open Your Eyes* — Snow Patrol
- 62) *Don't Stop Dancing* — Creed
- 63) *It's Time* — Imagine Dragons
- 64) *Best Day Of My Life* — American Authors
- 65) *Radioactive* — Imagine Dragons
- 66) *Safe And Sound* — Capital Cities
- 67) *Pompeii* — Bastille
- 68) *It's Now Or Never* — Elvis Presley
- 69) *What a Wonderful Life* — Elvis Presley
- 70) *That's All Right* — Elvis Presley
- 71) *Can't Help Falling In Love* — Elvis Presley
- 72) *Viva Las Vegas* — Elvis Presley

A *playlist* completa está te esperando no [Spotify](#)! Clique para começar a ouvir!

SOBRE A AUTORA

Kenya Garcez lê compulsivamente e escreve com paixão. Louca por romances românticos, constantemente se apaixona pelos heróis fictícios e se identifica com as mocinhas irreverentes e geniosas das histórias.

“O Devasso Mora Ao Lado” é seu romance de estreia. Inicialmente publicado na plataforma on-line *Wattpad*, o livro conquistou milhares de leitores e mais de cinco milhões de leituras.

CONTATO

Se você se divertiu e se emocionou com a história, por favor, classifique e avalie o livro deixando o seu comentário! Escrevi com inteira devoção. Seu *feedback* é importantíssimo para mim!

Sinta-se à vontade para enviar críticas, sugestões, apontamentos, opiniões e eventuais perguntas também no meu e-mail: autorakenyagarcez@gmail.com.

Para manter-se informado sobre todas as novidades relacionadas ao livro e a futuras obras, acompanhe-me nas redes sociais:

♥ Siga [@autorakenyagarcez](#) no *Instagram*! ♥

♥ Adicione-me no [Facebook](#)! ♥

♥ Curta a página [Romances de Kenya Garcez](#)! ♥

♥ E, para novas histórias, siga [@KenyaGarcez](#) no *Wattpad*! ♥

Beijos, e até loguinho! ♥

Table of Contents

- [1. A cavalo dado não se olham os dentes](#)
- [2. A grama do vizinho é sempre mais verde](#)
- [3. Burro preso também pasta](#)
- [4. A curiosidade matou o gato](#)
- [5. A fruta proibida é a mais apetecida](#)
- [6. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura](#)
- [7. Figurinha repetida não completa álbum \(ou completa?\)](#)
- [8. Em boca fechada não entra mosca](#)
- [9. Alegria de palhaço é ver o circo pegar fogo](#)
- [10. A palavra é de prata, o silêncio é de ouro](#)
- [11. Quem com ferro fere, com ferro será ferido](#)
- [12. Peixe morre pela boca](#)
- [13. Quando um não quer, dois não brigam](#)
- [14. Quem é vivo sempre aparece](#)
- [15. Errar é humano](#)
- [16. Amigos, amigos, mulheres à parte](#)
- [17. Tudo que é bom dura pouco](#)
- [18. Há males que vêm para o bem](#)
- [19. Depois da tempestade vem a bonança?](#)
- [20. O que os olhos não veem, o coração não sente](#)
- [21. Quem faz a fama deita na cama](#)
- [22. Guerra avisada não mata aleijado](#)
- [23. Águas passadas não movem moinho \(ou movem?\)](#)
- [24. Quem espera sempre alcança](#)
- [25. Cada coisa a seu tempo](#)
- [26. Muitos cozinheiros estragam a sopa](#)
- [27. Para quem sabe ler, pinga é letra](#)
- [28. Pimenta no olho dos outros é refresco](#)
- [29. O futuro a Deus pertence](#)
- [30. Lobo em pele de cordeiro](#)
- [31. Amor com amor se paga](#)
- [32. Não há rosas sem espinhos \(será que não?\)](#)
- [34. Não adianta chorar pelo leite derramado](#)
- [35. Palavra dada, vida empenhada](#)
- [36. Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher](#)

37. Mãos frias, coração quente
38. Mentira tem perna curta
39. Uma andorinha não faz verão
40. De boas intenções, o inferno está cheio
41. A beleza está nos olhos de quem vê
42. Ódio velho não cansa
43. Gosto não se discute
44. As aparências enganam
45. Cada qual com seu igual, cada qual no seu lugar
46. Quem sofre de véspera é peru de natal
47. De manhã é que se começa o dia
48. Recordar é viver
49. A morte não escolhe idades
50. Em time que está ganhando não se mexe
51. Onde há fumaça, há fogo
52. Se correr, o bicho pega, se ficar o bicho come?
53. A sorte de uns é o azar de outros
54. A dor ensina a gemer
55. Antes só que mal acompanhado
56. Em pouco muito se diz
57. Azar no jogo, sorte no amor
58. Deus dá nozes a quem não tem dentes
59. É hora de a onça beber água
60. Quem vai à guerra dá e leva (ou não)
61. Quem não deve não teme
62. Cão que ladra não morde
63. Não há nada como um dia após o outro
64. A verdade gera o ódio
65. Contra fatos não há argumentos
66. Antes tarde do que nunca
67. Quem brinca com fogo acaba se queimando
68. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades
69. Não há regra sem exceção
70. A vingança é um prato que se come frio
71. No aperto e no perigo se conhece o amigo
72. Quem conta um conto aumenta um ponto
73. Foi buscar lã e saiu tosquiado
74. A pressa é inimiga da perfeição
75. Casado, mas não castrado

- 76. Quem está na chuva é para se molhar
- 78. À noite, todos os gatos são pardos
- 79. Quando o gato sai, os ratos fazem a festa
- 80. Casarás e amansarás
- 81. Deus escreve certo por linhas tortas
- 82. A boda e a batizado, não vás sem ser convidado
- 83. Roupa suja (não) se lava em casa
- 84. Boda molhada, boda abençoada
- 85. É dando que se recebe
- 86. O tempo cura tudo
- 87. A língua é o açoitador do corpo
- 88. Um homem prevenido vale por dois
- 89. Não há parto sem dor
- 90. Cara de uma, focinho da outra
- 91. Filho de peixe, peixinho é